BRASILIA AETERNA

Série de monografias

editada por

LÉO JERÔNIMO SCHIDROWITZ

SEGUNDA PUBLICAÇÃO:

A obra documentária

RIO GRANDE DO SUL

IMAGEM DA TERRA GAÚCHA



O RIO GRANDE DO SUL NO BRASIL

Com seus 285.289 km² de superfície e seus 3.350.000 habitantes, o Estado Gaúcho cobre 3,33% da área toal do Brasil e encerra 8,06% da população total do País. Como fator econômico e financeiro, vem ocupando, entre as unidades brasileiras, sistemàticamente, o 3.º lugar, nos setores da produção industrial e agrícola, no comércio exterior e de cabotagem e na arrecadação da renda tributária.

RIO GRANDE DO SUL

IMAGEM DA TERRA GAÚCHA

A OBRA DOCUMENTÁRIA DO ESTADO SULINO, FRONTEIRA EXTREMA DO BRASIL

SUA HISTÓRIA E EVOLUÇÃO
SEU TRABALHO CRIADOR
SUA PAÏSAGEM E SEUS HOMENS

ORGANIZADA E PUBLICADA
PELO
MAJOR MORENCY DO COUTO E SILVA
DR. ARTHUR PORTO PIRES
E LÉO JERONIMO SCHIDROWITZ

COM A COLABORAÇÃO DE

DR. AFONSO SANMARTIN / DIRETOR DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO ✦ PROF. ÂNGELO GUIDO / DO INST. HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO R. G. S. E CATEDRÁTICO DO INST. DE BELAS ARTES ✦ CARLOS DE PAULA COUTO / DOS INST. HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO R. G. S. E DE MINAS GERAIS E MEMBRO DO NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY DE WASHINGTON ✦ DR. DANTE DE LAYTANO / DOS INST. HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO R. G. S., S. PAULO, MINAS GERAIS, S. CATARINA, AMAZONAS, ETC., E PROFESSOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS ✦ DR. ELPIDIO FERREIRA PAES / DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE PÔRTO ALEGRE E PROFESSOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS E DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS ✦ PROF. ENNIO FREITAS DE CASTRO / LENTE DO INSTITUTO DE BELAS ARTES E MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS ✦ CEL. F. DE PAULA CIDADE / DO INST. DE HISTÓRIA MILITAR E DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO ✦ PROF. FERNANDO CORONA / CATEDRÁTICO DO INSTITUTO DE BELAS ARTES ✦ GILBERTO FREYRE / SOCIÓLOGO, MEMBRO DOS INST. HISTÓRICOS BRASILEIRO E DE PERNAMBUCO ✦ PROF. JACI ANTONIO L. TUPY CALDAS / DO INST. HISTÓRICO DO R. G. S. ✦ MONS. DR. JOÃO MARIA BALEM / CURA DA CATEDRAL DE PÔRTO ALEGRE ✦ PROF. JORGE GODOFREDO FELIZARDO / DO INST. HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO R. G. S. E DO INST. HERÁLDICO-GENEALÓGICO BRASILEIRO, DO R. G. S. E S. PAULO, PROFESSOR DA ESCOLA DE AGRONOMIA DA UNIVERSIDADE DE PÔRTO ALEGRE ✦ DR. JOSÉ BAPTISTA PEREIRA / DIRETOR GERAL DO D. A. E. R. ✦ DR. J. P. COELHO DE SOUZA / SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, MEMBRO DO INST. HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO R. G. S. ✦ CEL. LUIZ CARLOS DE MORAIS / DO INST. HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO R. G. S. ✦ LUIZ DA CÂMARA CASCUDO / DOS INST. HISTÓRICOS BRASILEIRO, DO RIO GRANDE DO SUL, DO NORTE, E DIVERSOS OUTROS, NACIONAIS E ESTRANGEIROS ✦ PADRE LUIZ GONZAGA JAEGER, S. J. / LENTE DE HISTÓRIA DO BRASIL, DOS INST. HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO R. G. S. E S. CATARINA E DIRETOR GERAL DO ENSINO RELIGIOSO NOS ESTABELECIMENOS PÚBLICOS DO R. G. S. ✦ DR. MOYSÉS VELINHO / VICE-PRESIDENTE DO DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO R. G. S. ✦ MAJOR MORENCY DO COUTO E SILVA / PROFESSOR DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DE PÔRTO ALEGRE ✦ DR. NILO RUSCHEL / OFICIAL DE GABINETE DO PREFEITO DE PÔRTO ALEGRE ✦ PROF. OLGA ACAUAN GAYER / DIRETORA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DO R. G. S. ✦ DR. OLINTO SANMARTIN / DOS INST. HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO R. G. S. E GENEALÓGICO BRASILEIRO, E DA ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS ✦ DR. ÓSCAR MACHADO / REITOR DO INSTITUTO PÔRTO ALEGRE ✦ DR. OSVALDO ARANHA / MINISTRO DO EXTERIOR DO BRASIL ✦ DR. PERI DINIZ / SECRETÁRIO DA UNIVERSIDADE DE PÔRTO ALEGRE ✦ DR. RUBENS DE BARCELOS / ADVOGADO E SOCIÓLOGO ✦ SCYLLA SOARES DA S. E SOUZA / FUNCIONÁRIA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE PÔRTO ALEGRE ✦ GAL. SOUZA DOCCA / DOS INST. HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS BRASILEIRO, DO R. G. S., DE S. PAULO, ETC. ✦ PROF. WALTER SPALDING / DIRETOR DO ARQUIVO E BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PÔRTO ALEGRE, MEMBRO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, DA ACADEMIA DE HISTÓRIA DE CUBA, DA SOCIEDAD GEOGRÁFICA DE COLOMBIA, DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DEL URUGUAY

EDITORA COSMOS LIMITADA / PÔRTO ALEGRE

"RIO GRANDE DO SUL — IMAGEM DA TERRA GAUCHA" FOI PUBLICADO NO ANO DE 1942

Estante OR981.65 / R585
Obra 69107 C. Sociais
Registro 0101584
Reg Int. 48158

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

ESTA OBRA É PUBLICADA COM O APÔIO DO EXMO. SR. MINISTRO DO EXTERIOR, DR. OSVALDO ARANHA; DO EXMO. SR. MINISTRO DA GUERRA, GENERAL GASPAR DUTRA; DO EXMO. SR. MINISTRO DA EDUCAÇÃO, DR. GUSTAVO CAPANEMA; E DO EXMO. SR. INTERVENTOR FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, GENERAL OSVALDO CORDEIRO DE FARIAS; SOB O PATROCÍNIO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL; E COM A COLABORAÇÃO DAS SECRETARIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA, DA ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS E DAS FACULDADES DA UNIVERSIDADE DE PÔRTO ALEGRE

ÊSTE TRABALHO FOI RECOMENDADO
PELO DEPARTAMENTO DE IMPRENSA
E PROPAGANDA (DIP), BEM COMO PELA
ASSOC. BRASILEIRA DE IMPRENSA.

ÊSTE EXEMPLAR

DO LIVRO DOCUMENTÁRIO SÔBRE O

RIO GRANDE DO SUL

FOI CONFECCIONADO PARA

A FACULDADE

DE FARMÁCIA E ODONTOLOGIA DE PELOTAS

E TRAZ O NÚMERO

440

À GUISA DE PREFÁCIO

Surge hoje o segundo volume da série "Brasilia Aeterna", trabalho intitulado "Rio Grande do Sul — Imagem da Terra Gaúcha", no mesmo formato e extensão do primeiro, "Pôrto Alegre — Biografia duma Cidade". Enquanto êste, oficializado pela Prefeitura de Pôrto Alegre, foi editado em comemoração ao bicentenário da metrópole gaúcha, a atual obra abrange, em grandes proporções, todo o Estado do Rio Grande do Sul, refletindo suas condições de vida e progresso.

Aos poucos, seguir-se-ão outros vinte volumes, cada qual tendo por objeto cada uma das vinte unidades brasileiras, para, ao término da série, apresentar, em gravura e por escrito, um monumento verdadeiramente condigno das belezas, do espírito, da riqueza e das possibilidades quasi infinitas de todo o Brasil.

Em duas palavras descreve-se a idéia diretriz desta série monumental: Preliminarmente, visa cada volume ser o livro-pátrio por excelência dos Estados respectivos, aos quais seu conteúdo for dedicado. Na apresentação científica, da qual participam os melhores autores de cada Estado, um documentário precioso para a caraterização das peculiaridades do desenvolvimento de cada unidade federada; na parte ilustrativa, documento perene das múltiplas belezas e das mil feições multicôres próprias a cada Estado, características multiformes de que cada brasileiro tanto se ufana.

Há, porém, ainda outra intenção que determina a publicação da série "Brasilia Aeterna". E' a de aprofundar, em cada brasileiro, o conhecimento das particularidades específicas da païsagem, da capacidade intelectual e espiritual e da estrutura econômica de cada unidade federada — desiderata que, em face da riqueza e extensão incomensurável do país e em consideração do enorme e rápido desenvolvimento experimentado pelos Estados brasileiros, especialmente neste último decênio, sempre é um novo motivo de sedução, um renovado motivo de atração.

Finalmente, mas não por último, visa a série "Brasilia Aeterna" proporcionar a tôdas as nações amigas do globo, especialmente às co-irmãs da América Latina e à grande nação amiga da América do Norte, uma imagem fiel e completa da essência, da capacidade, das tendências, bem como da beleza, da riqueza e das peculiaridades específicas de cada um dos Estados brasileiros. Tenciona, outrossim, atingir o alto objetivo de propaganda de nossa terra, opondo barreiras ao mau conceito emitido por outros povos contra nossa pátria, desfazendo, assim, as mentiras e as idéias pejorativas emitidas, maldosamente, sôbre os Estados Unidos do Brasil.

O lançamento do volume "Rio Grande do Sul", parcela da série "Brasilia Aeterna", iniciada e realizada por Léo Jerônimo Schidrowitz, esteve a cargo da novel e futurosa editora riograndense, a "Editora Cosmos Ltda", que conseguiu levá-lo a bom têrmo, não obstante inúmeros precalços e imprevistos.

A enchente catastrofal de maio de 1941, a mais funesta das inundações que atingiram a terra gaúcha, já entravara a obra em sua face inicial. Agravados os obstáculos pela dificuldade de transporte e a situação anormal dos mercados universais, surgidos em virtude da guerra, tornou-se, por fim, impossível a aquisição de determinadas tintas especiais, indispensáveis para uma publicação luxuosa dêsse gênero, bem como de outros materiais, de modo particular a encomenda de novas partidas de papel.

Não lamentamos tal fato. Pelo contrário, regozijamo-nos. Diante dos ardentes anseios universais pela mais rápida vitória contra a barbárie e a tirania, é de importância muito maior que as matérias primas se destinem a fins bélicos do que aproveitá-los na melhoria de meros detalhes bibliográficos.

Durante a fase de confecção desta obra, quando a maioria das páginas já estava impressa e todos os clichês feitos, verificaram-se aqueles acontecimentos emocionantes e inesquecíveis, de importância histórica, que culminaram com a entrada do Brasil no conflito mundial.

Os vagalhões irreprimíveis da mais justa revolta de todos os brasileiros pelo torpedeamento de cinco navios brasileiros, em águas nossas, varreram com diversas emprêsas simpáticas ao "Eixo". E essas ondas de indignação e ira popular atingiram, em Pôrto Alegre, a tipografia que, em virtude de suas instalações adequadas, fôra escolhida para imprimir esta obra. Nessa ocasião sofreram as páginas já impressas, saindo, outrossim, bastante prejudicados numerosos clichês ainda não aproveitados. Assim, embora, duma parte, hajam ficado cicatrizes e rugas em algumas páginas e fôrmas, minorando o efeito gráfico pretendido pelo livro, organizado com tanto esmêro e carinho, de outra parte, temo-los em conta de recordação permanente, relembrando a cada passo o ardente gesto de revolta da alma brasileira.

Assim sendo, nem sequer tentámos sanar as falhas ocorridas por êsse motivo. Para tal não sòmente teria sido necessário recorrer a meios que encareceriam consideràvelmente o custo da obra; teria sido preciso outro ano de trabalhos ingentes para refazer um livro dêsse vulto. E até lá, o elemento essencial da obra — o papel gessado — não mais teria sido possível adquirir, em virtude da proïbição atual de produzí-lo. Porisso, mesmo com todos aqueles senões, verificáveis nas páginas e nas fôrmas, apresentamos tranqüilamente a obra ao distinto público, certos de que, assim, com aqueles sinais recordativos, será duplamente valiosa e interessante; pois, veio a tornar-se não só o monumento bibliográfico do Rio Grande do Sul, que tencionara ser, mas ainda um marco comemorativo dos grandes e decisivos dias que estamos vivendo.

De resto, acreditamos que, do ponto de vista técnico, são dispensáveis maiores ressalvas. Pelo contrário. Abstraindo de alguns defeitos, que trazem a marca inequívoca de "acidente" cremos haver, com esta produção bibliográfica, comprovado o alto nível de desenvolvimento da indústria brasileira e o alto grau de perfeição do trabalho pátrio. Vale o mesmo quanto ao papel, à capa, bem como aos serviços de impressão e encadernação.

Se estas últimas palavras externam a nossa gratidão a todos os nossos colaboradores técnicos, que não pouparam esforços para levar de vencida tôdas as dificuldades, particularmente, a Fábrica de Papel Klabin Irmãos e as secções de impressão e encadernação da Livraria do Globo, — torna-se duplamente imperioso e constitue o mais grato dever dos organizadores desta obra agradecer, acima de tudo, aos patrocinadores ideiais e colaboradores intelectuais, cujo apôio moral e ativa participação nos trabalhos tornaram possível, em última análise, o alto resultado cultural condensado neste livro.

No mesmo sentido quiséramos agradecer, de público, a todos os autores e colaboradores da obra "Rio Grande do Sul — Imagem da Terra Gaúcha", não deixando, porém, de fazê-lo, de modo mui particular, aos colaboradores que, de maneira decisiva, prestaram o seu apôio nos trabalhos de redação, especialmente o Dr. J. P. Coelho de Souza, Secretário da Educação e Cultura, figura inconfundível de intelectual, de homem público, de historiador e pedagogo; o dr. Ataliba F. Paz, Secretário de Agricultura, Indústria e Comércio, espírito invejável de empreendedor e organizador; todos os Departamentos subordinados às Secretarias dirigidas pelos referidos titulares, especialmente D.ª Olga Acauan Gayer, Diretora da Instrução Pública; Reinaldo Moura, Diretor da Biblioteca Pública; Dr. Emílio Kemp, Diretor do Museu "Júlio de Castilhos"; bem como o Dr. Prates Piccoli, Oficial de Gabinete da Secretaria de Agricultura; Dr. Baptista Pereira, Diretor do Serviço Geográfico da mesma Secretaria; assim como mui particularmente o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; o Dr. Mem de Sá, na qualidade de Diretor do Departamento Estadual de Estatística; o Dr. Dante de Laytano, Diretor da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; o Professor Walter Spalding, Diretor do Arquivo Municipal de Pôrto Alegre; o Dr. Eugênio Brito, Diretor do Observatório "Coussirat Araújo"; e finalmente, os srs. Prefeitos Municipais e os numerosos fotógrafos amadores das mais diversas regiões do Estado, que apoiaram a nossa iniciativa em todos os sentidos

Quanto à obra pròpriamente dita, sua organização, disposição e execução, pouco temos a dizer. Já tivemos ensejo de nos referir às lacunas ocorridas em virtude da imperiosa e irremovível necessidade de ter que prescindir de diversos trabalhos, pelos motivos já citados. Em outros casos, foram trasladados para a presente obra estudos já publicados nos Anais do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Trata-se, incontestàvelmente, de trabalhos clássicos sôbre o Rio Grande do Sul, os quais, agora publicados na obra máxima sôbre o Estado gaúcho, vieram a receber o logar de honra que lhes compete. E, se a conferência do chanceler Osvaldo Aranha sôbre o legendário Garibaldi e a Epopéia Farroupilha figura como colaboração única do capítulo "Patriotismo", fizemo-lo guiados pela idéia de que a revivificação do enraigado amor à liberdade e à pátria do gaúcho, através da palavra eloqüente de um dos maiores filhos destas plagas, apresenta, de maneira incomparàvelmente melhor, o exemplo e demonstração das virtudes cívicas dos sulinos, do que qualquer outra manifestação patriótica.

Os dados sôbre os municípios e tôdas as informações estatísticas foram reünidos com o apôio valioso do Departamento Estadual de Estatística, baseados sôbre as extensas publicações dêsse Departamento, relativas ao ano de 1940. Na questão ortográfica, orientamo-nos, segundo recomendação do Sr. Ministro da Educação, dr. Gustavo Capanema, pelas diretrizes do acôrdo celebrado entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, acôrdo consubstanciado no "Vocabulário Ortográfico e Ortoépico" da nossa Academia e publicado por Laudelino Freire.

Façam estas meras constatações objetivas e necessárias as vezes do Prefácio da nossa obra "Rio Grande do Sul", concluindo-as com esta confissão, isenta de quaisquer laivos de presunção vã: Nunca teria sido possível realizar esta obra, sem um grande amor à causa que animou todos os colaboradores e sem a conciência de que, realizando-a com o patrocínio e apôio das instâncias máximas do País e do Estado, estávamos realizando uma obra patriótica, erguendo um monumento de entusiasmo e de gratidão à terra brasileira.

Aos eminentes patrocinadores do nosso trabalho, cuja benevolência e apôio nos deram a coragem e a fôrça para concretizar uma iniciativa de envergadura da obra que ora lançamos, ao eminente Chefe da Nação, Dr. Getúlio Vargas, que expressou a aprovação do Govêrno Federal dando à nossa iniciativa bibliográfica seu inteiro apôio; ao Sr. Ministro do Exterior, Dr. Osvaldo Aranha, que distinguiu o livro com sua brilhante colaboração pessoal; aos ilustres Ministros da Guerra e da Educação, General Eurico Gaspar Dutra e Dr. Gustavo Capanema, que apoiaram nossa iniciativa por sua recomendação oficial; ao benemérito Govêrno Riograndense; ao D. I. P. e à Associação Brasileira de Imprensa externamos nossa gratidão — não por palavras, mas pela presente obra, que mui respeitosamente lhes apresentamos e oferecemos.

Inobstante sua extensão e grande formato, longe está esta obra de ser completa, de vez que jamais um livro conseguirá fixar inteiramente as incontáveis belezas duma terra, tôdas as inumeráveis feições vívidas dum povo. Sôbre o Rio Grande do Sul — e sôbre qualquer outro Estado Brasileiro — poder-se-ia escrever cem livros da mesma extensão, e ainda assim não estaria esgotada a beleza, a riqueza e a variedade desta terra. Contudo, longe de oferecer algo de completo, acreditamos haver conseguido atingir a meta que nos propuséramos na escolha do título para a presente obra: Uma Imagem da Terra Gaúcha, leve revérbero duma das partes mais formosas dêste formoso e imenso Brasil.

MAJOR MORENCY DO COUTO E SILVA
DR. ARTHUR PORTO PIRES
LÉO JERÔNIMO SCHIDROWITZ

Pôrto Alegre, novembro de 1942.

I PARTE

FISIONOMIA DA TERRA

O PANORAMA

O Rio Grande através da Fotografia

NOSSA TERRA

Esbôço geográfico do Rio Grande do Sul — Jací Antônio L. Tupy Caldas

Formações paleontológicas do Rio Grande do Sul — Carlos de Paula Couto

Geografia econômica — Morency do Couto e Silva e Luiz Palhares de Mello

Turismo para o Rio Grande — Nilo Ruschel

FORMAS DA VIDA

As raízes da população sul-riograndense — Luiz Carlos de Morais

AS ARTES PLÁSTICAS

As atividades artísticas no Rio Grande do Sul — Ângelo Guido

A ARQUITETURA

A gênese da casa residencial no Rio Grande do Sul — F. de Paula Cidade

O sobrado no Rio Grande do Sul — Gilberto Freyre

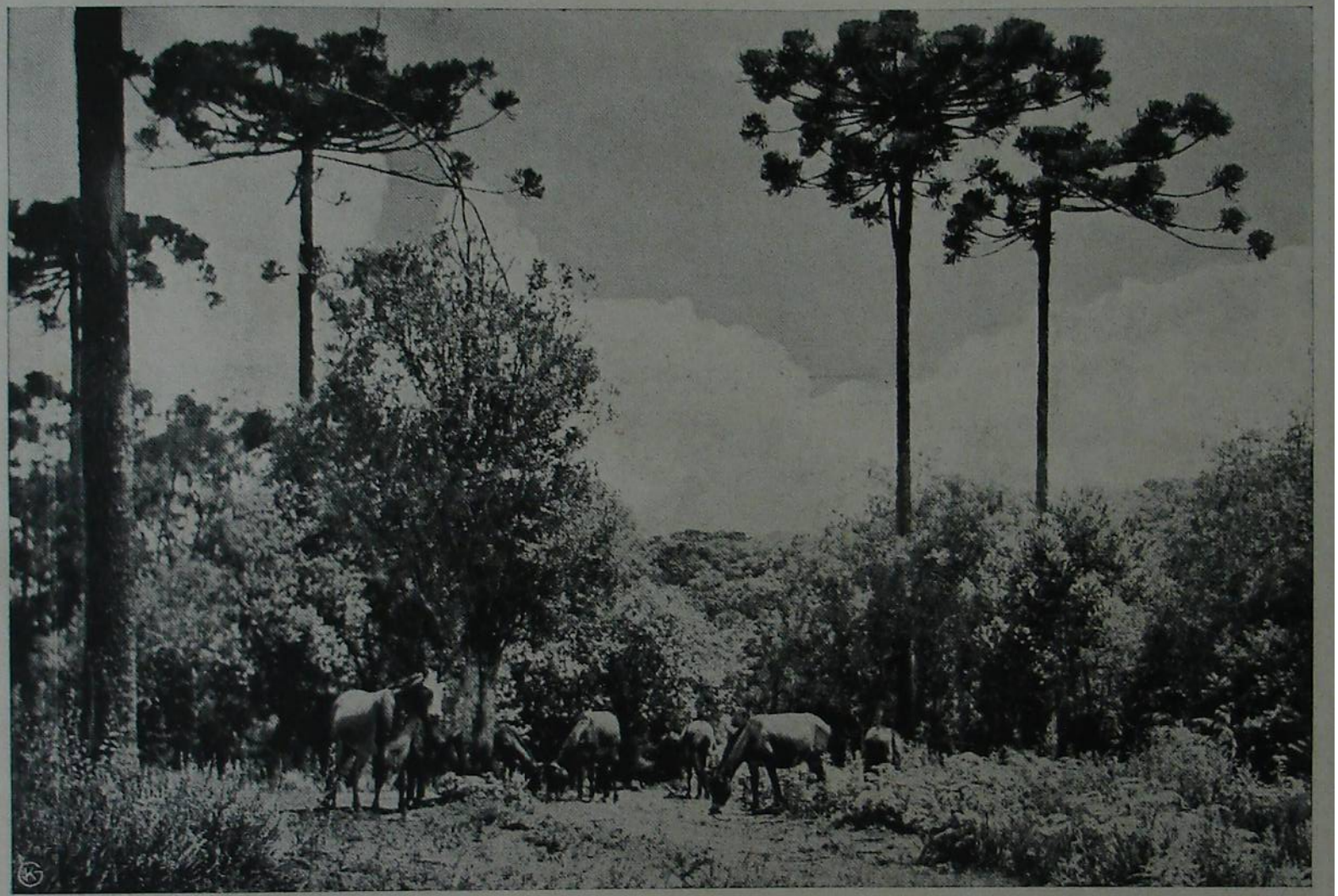
Formas arquitetônicas no Rio Grande do Sul — Fernando Corona



RIO GRANDE DO SUL

Como se afigura da perspectiva a vôo de pássaro

O PANORAMA





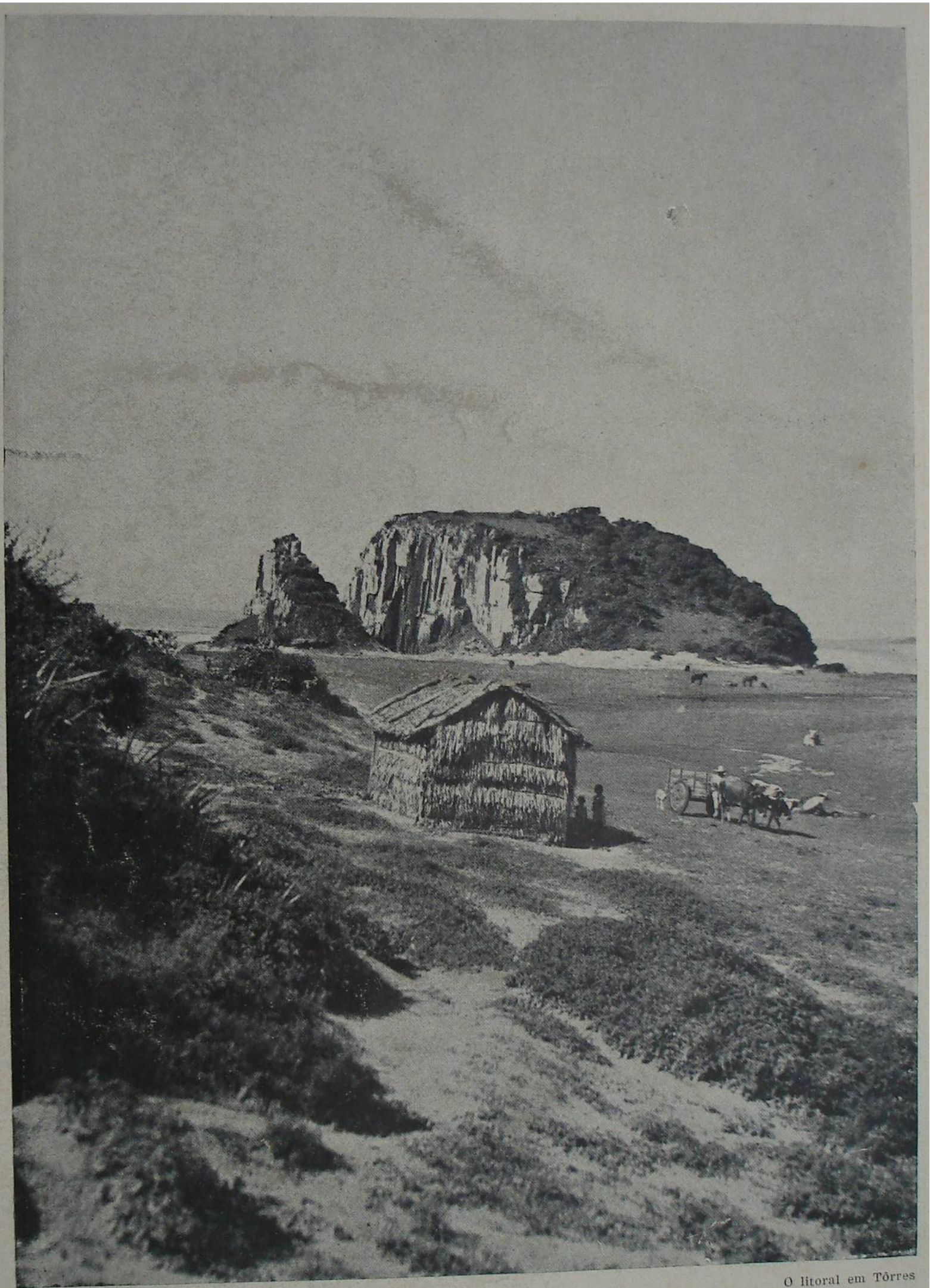
A BELEZA DA PAÍSAGEM: O MAR

A costa rasa

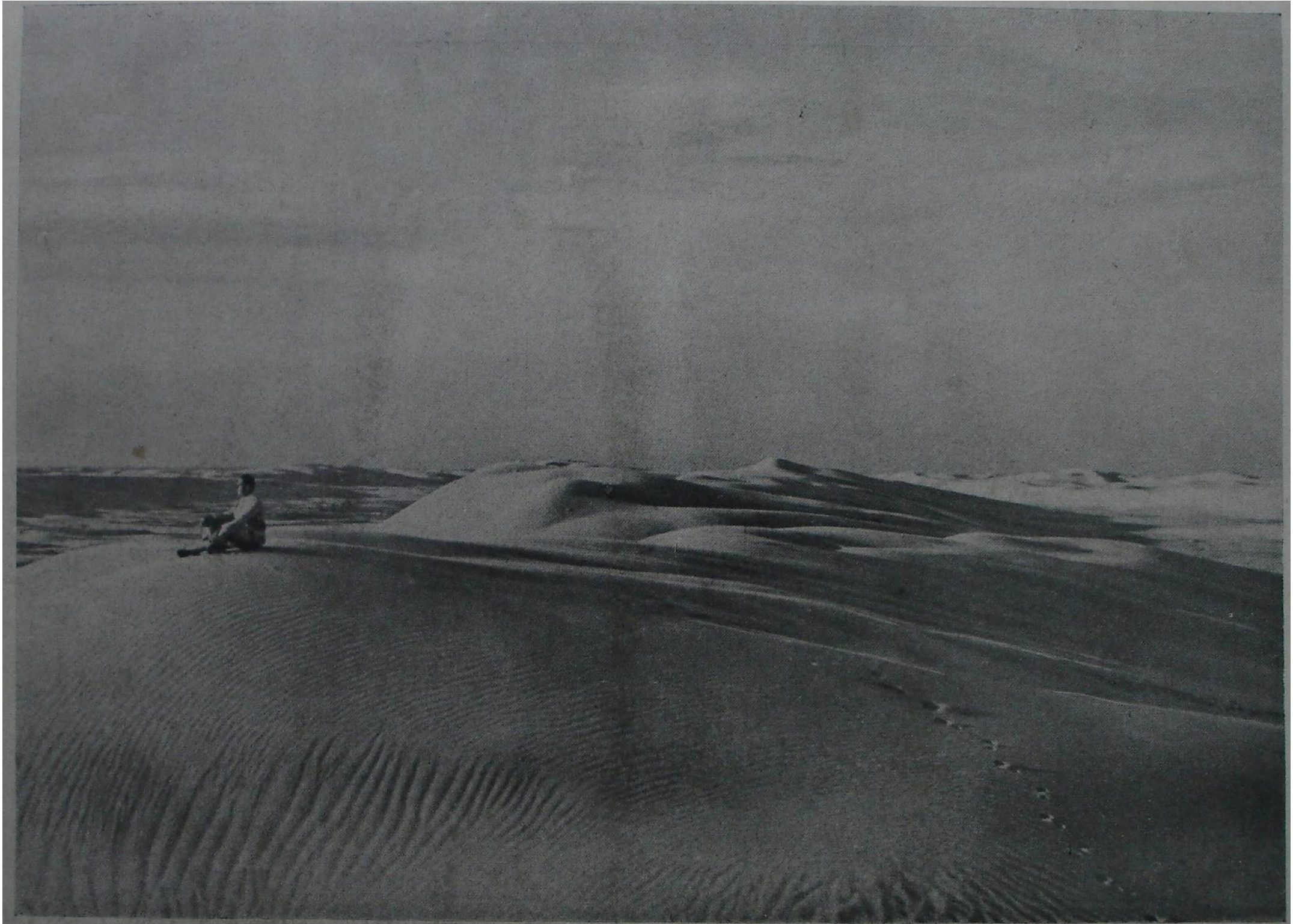


A BELEZA DA PAÏSAGEM: O MAR

Costa alcantilada



O litoral em Tôrres



A BELEZA DA PAISAGEM: O MAR

Dunas



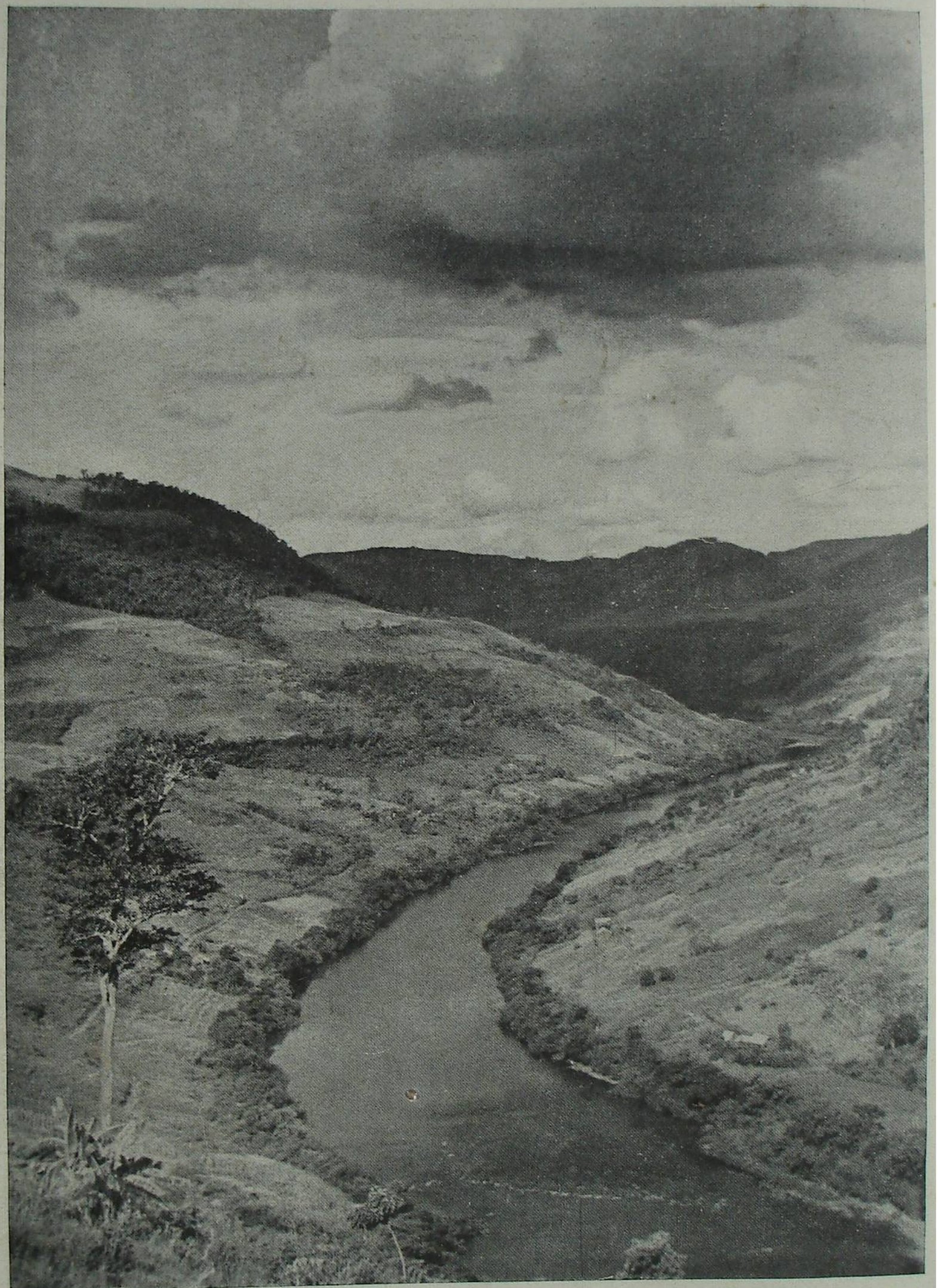
A BELEZA DA PAÏSAGEM: LAGOAS

Vista a vôo de pássaro de duas lagoas do litoral riograndense



A BELEZA DA PAISAGEM: LAGOAS

Detalhe na Lagoa dos Quadros; no fundo, a Serra do Mar



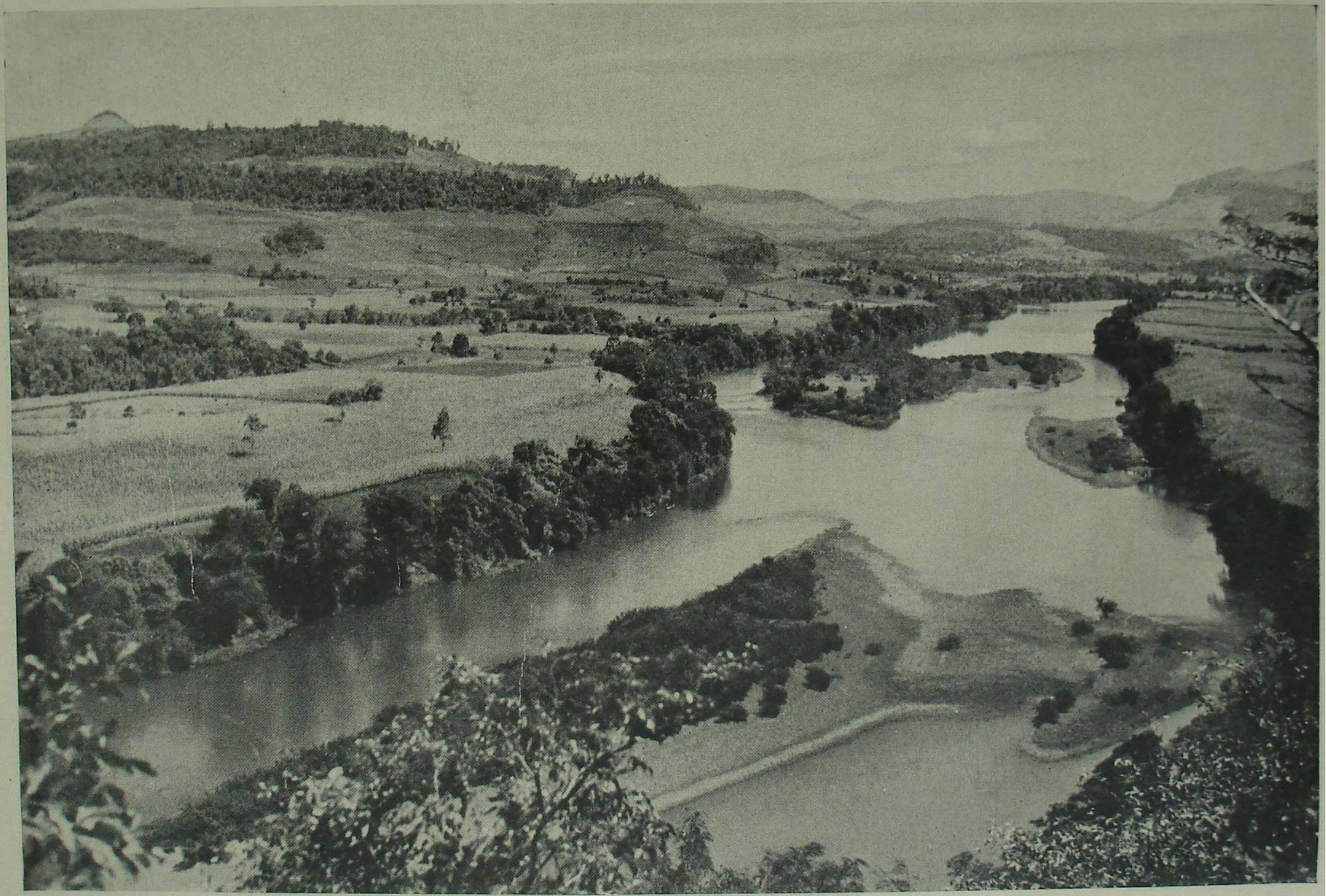
A BELEZA DA PAISAGEM: OS RIOS

Encantos de natureza à margem do Rio das Antas, em Alfredo Chaves.



A BELEZA DA PAISAGEM: OS RIOS

Idílio pitoresco: aspecto do arroio Estrêla.



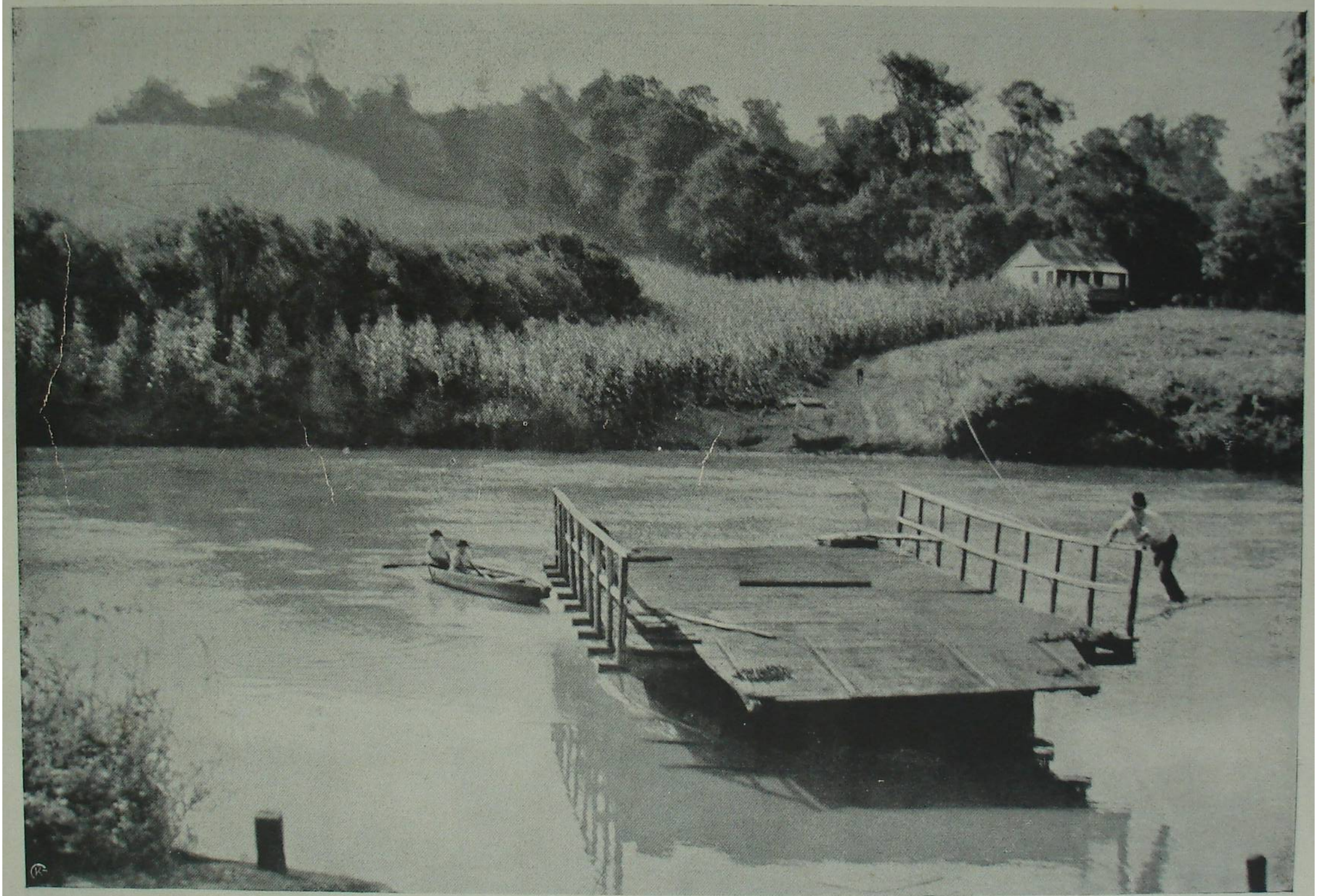
A BELEZA DA PAISAGEM: OS RIOS

Trecho do Rio Taquarí, em Estrêla.



A BELEZA DA PAISAGEM: OS RIOS

Rio Caí nas proximidades da cidade que tem seu nome.



A BELEZA DA PAISAGEM: OS RIOS

Rio Ijuí; trecho que se transpõe para chegar às termas de Itaí.



A BELEZA DA PAISAGEM: OS RIOS

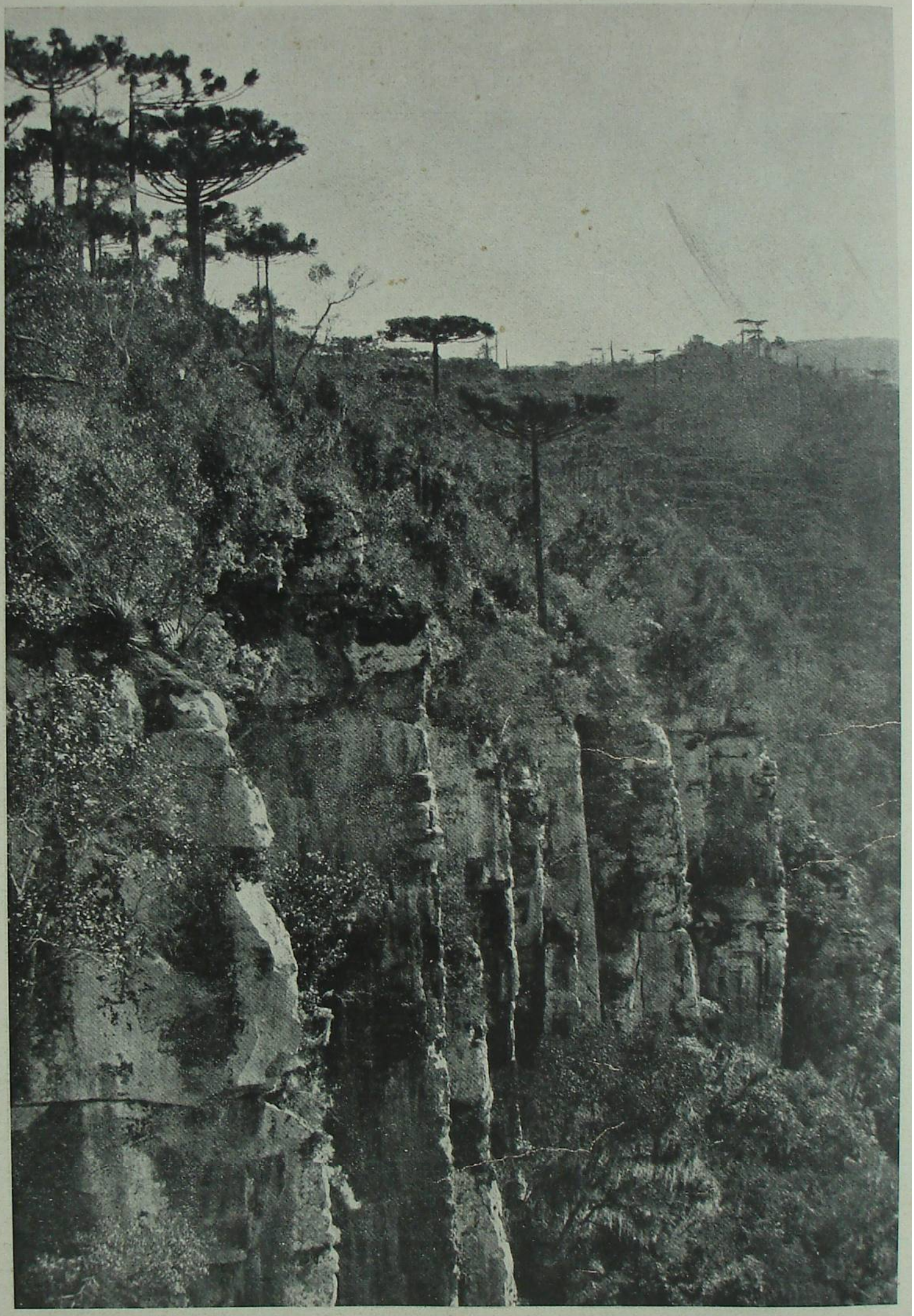
O amplo e lindo Guaíba que banha Pôrto Alegre.



A BELEZA DA PAISAGEM: A SERRA



A "Ferradura", na proximidade de Caracol, no município de Taquara.



A BELEZA DA PAISAGEM: A SERRA

Vale do Rio Santa Cruz, com escarpas de 300 metros, perto de Caracol.



A BELEZA DA PAISAGEM: A SERRA

Últimas ramificações da Serra do Mar, junto à Vila de Pôrto Cachoeira, no município de Osório.



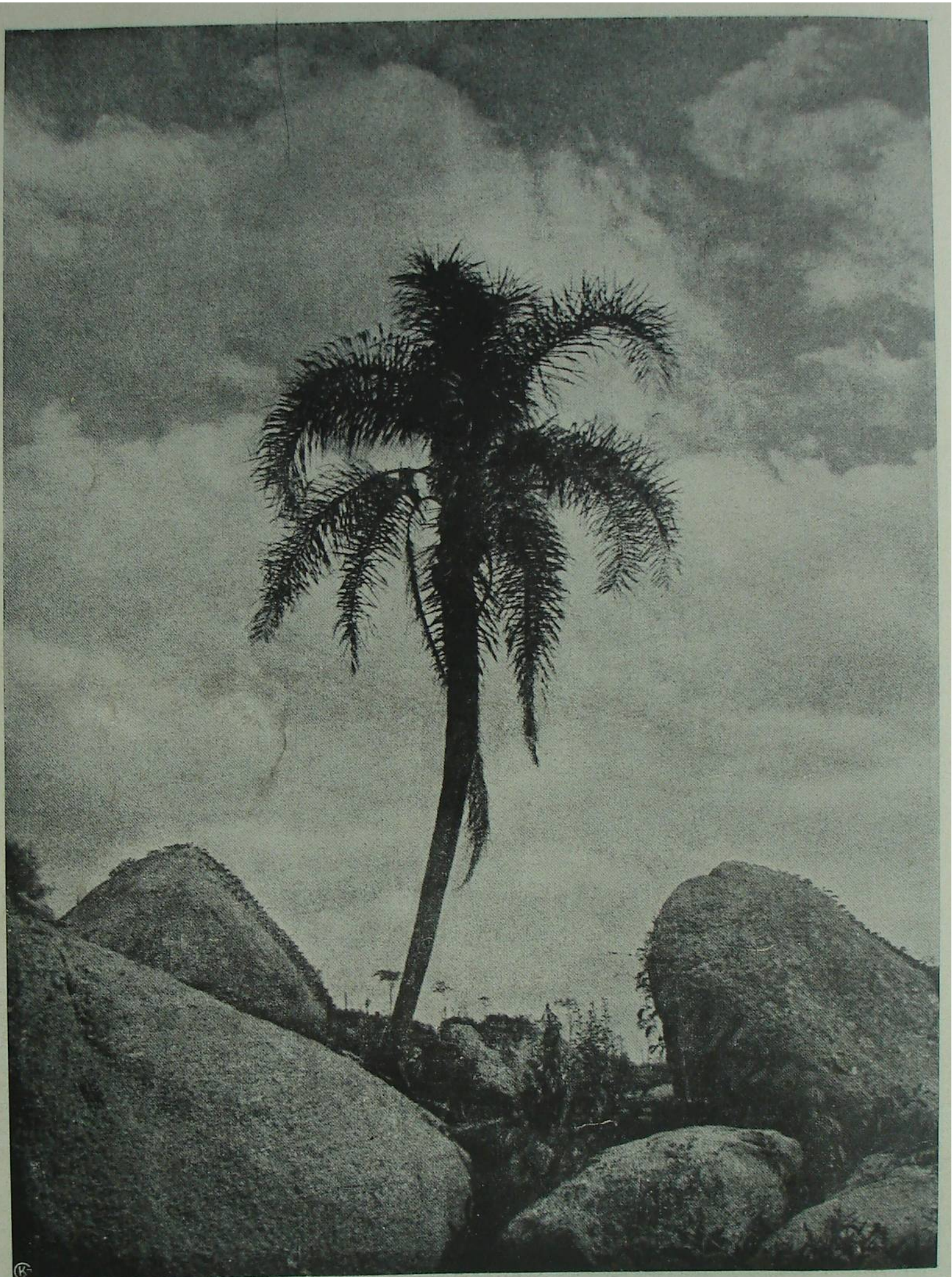
A BELEZA DA PAISAGEM: MATA

Bucólica vereda.



A BELEZA DA PAISAGEM: RECANTOS DA TERRA

Pinheiros.



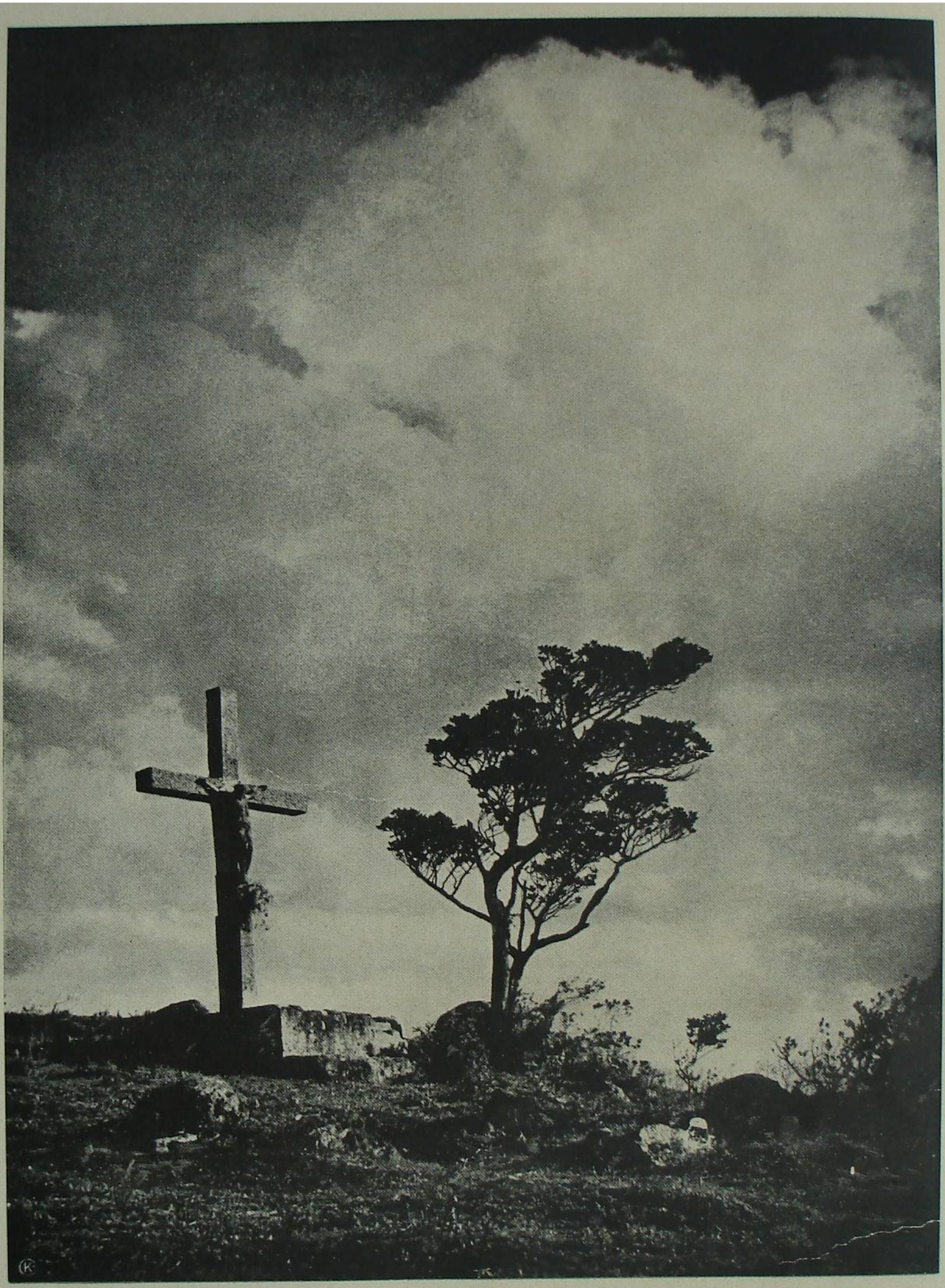
A BELEZA DA PAISAGEM: RECANTOS DA TERRA

Palmeira solitária.



A BELEZA DA PAISAGEM: RECANTOS DA TERRA

Barba-de-pau



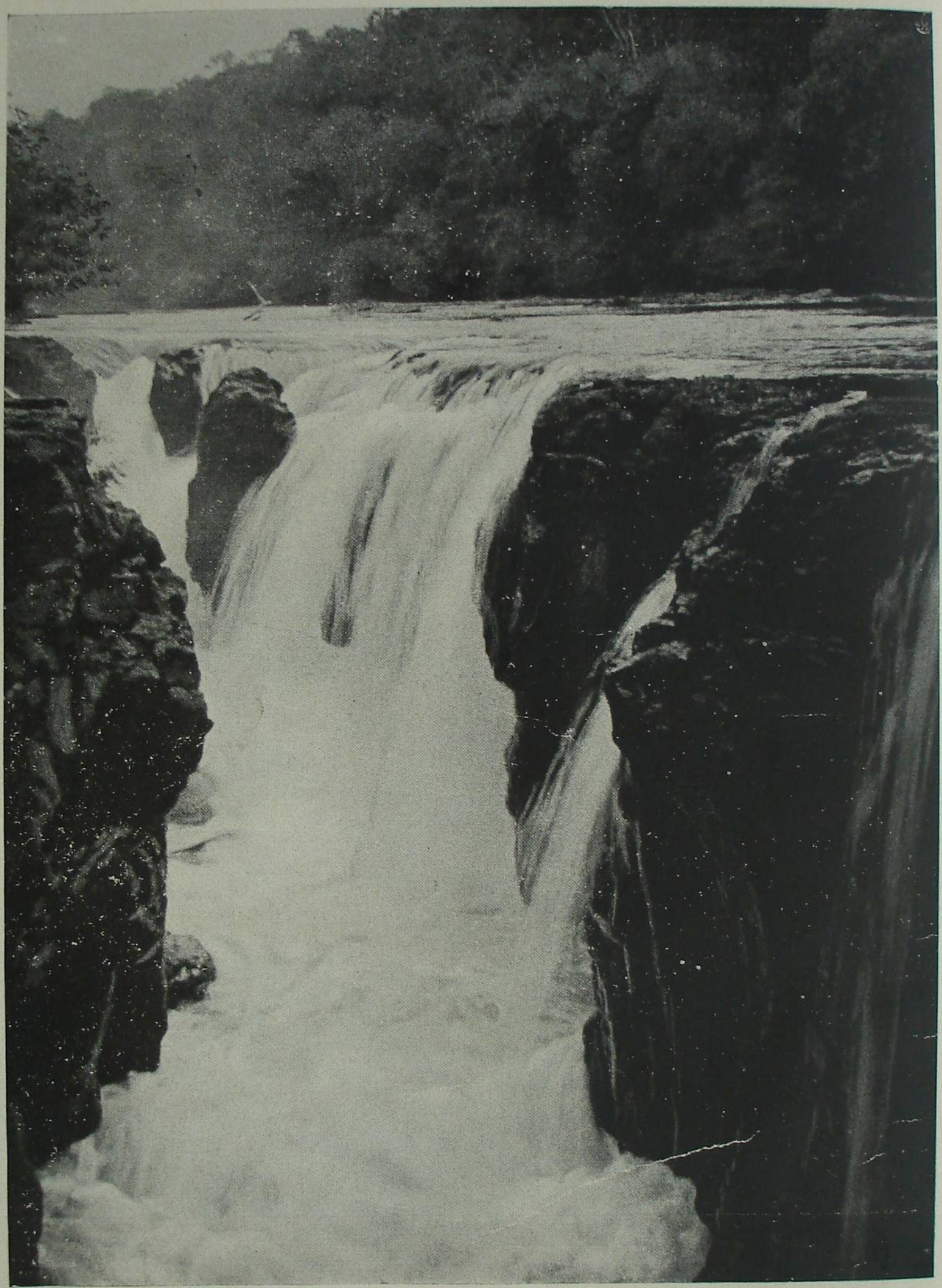
A BELEZA DA PAISAGEM: RECANTOS DA TERRA

A cena eterna na simplicidade da natureza morta (Morro de Teresópolis — Pôrto Alegre).



A BELEZA DA PAISAGEM: RECANTOS DA TERRA

Cena campesina.



A BELEZA DA PAISAGEM: CASCATAS

Salto, num estreito do Buricá, no município de Santa Rosa.



A BELEZA DA PAISAGEM: CASCATAS

Cachoeira Dois Irmãos, em São Leopoldo.



A BELEZA DA PAISAGEM: ÁGUAS RIMBOMBANTES

Cascata Santa Catarina, em Caxias.



A BELEZA DA PAISAGEM: ÁGUAS MORTAS

Sítio recôndito.



VASTIDÃO DA PAISAGEM: O CAMPO

Detalhe na região campeira: Avestruzes numa fazenda.



VASTIDÃO DA PAISAGEM: O CAMPO

Predestinado para a vida do campo, o gaúcho vê na pecuária sua principal atividade: volta do rodeio.



VASTIDÃO DA PAISAGEM: O CAMPO

Campos riograndenses (Óleo de Francisco Pelichek).



A RIQUEZA DA TERRA: PECUÁRIA

Três campeões da raça Hereford (na 24.ª exposição agro-pecuária de Bagé, outubro de 1937).



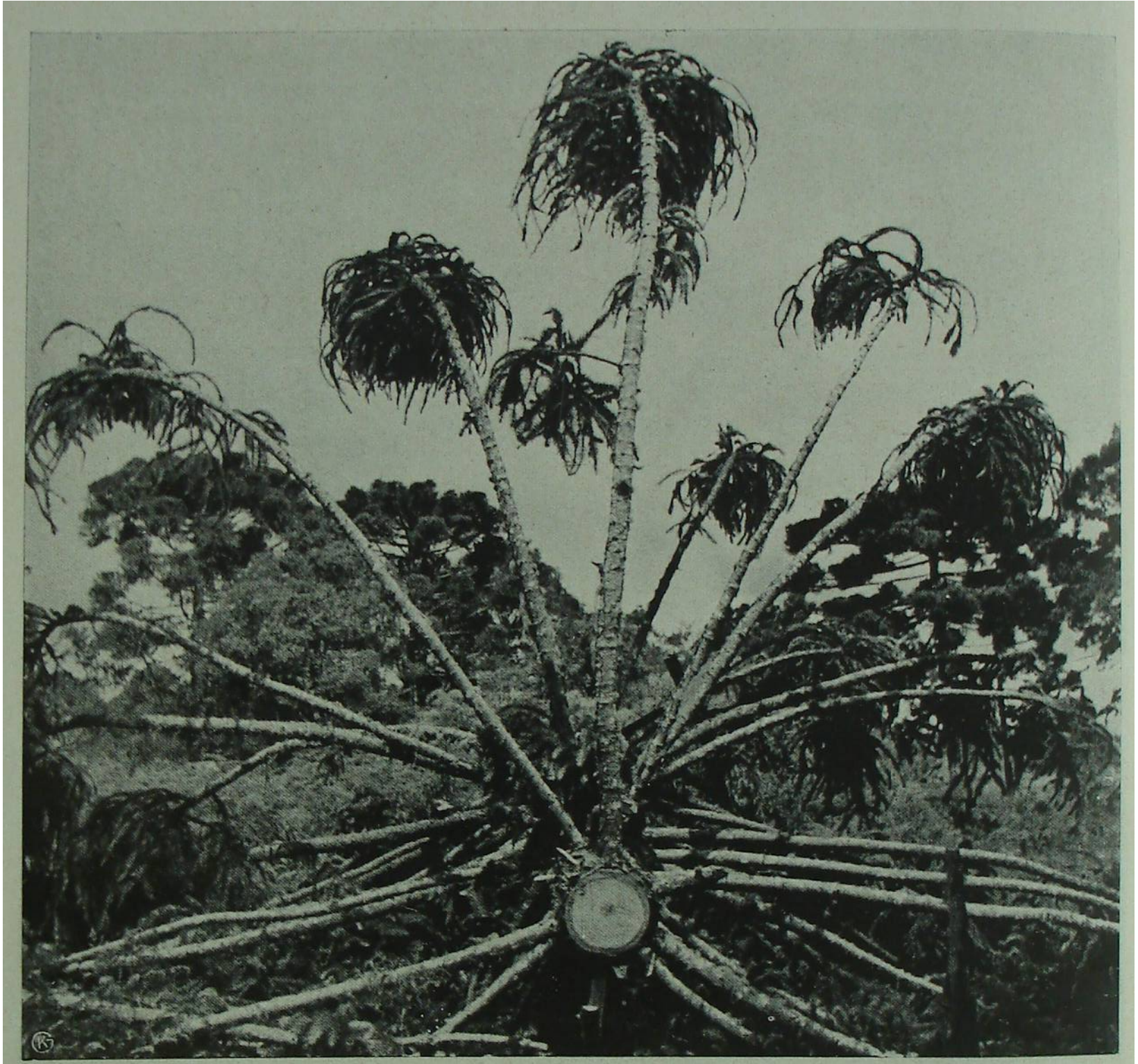
A RIQUEZA DA TERRA: ERVA-MATE

O "ilex paraguayensis" de Saint Hilaire, cuja "erva" forncce o clássico chimarrão riograndense.



A RIQUEZA DA TERRA: MILHO

Cultivado em larga escala, sua produção está intimamente relacionada com a suinocultura.



A RIQUEZA DA TERRA: MADEIRA

Pinheiro tombado.



A RIQUEZA DA TERRA: VINHO

Uvas de Caxias.



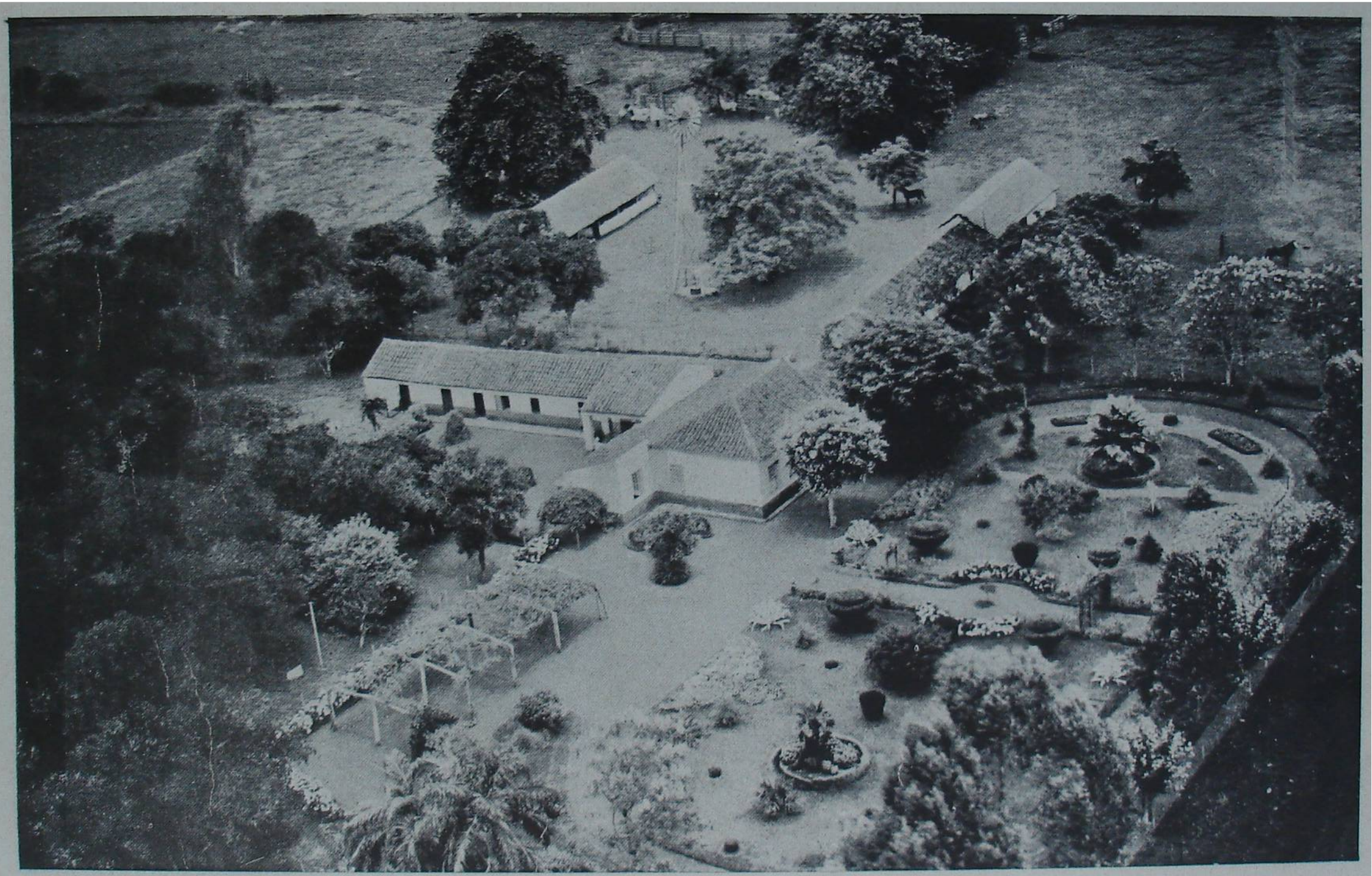
A RIQUEZA DA TERRA: TRITICULTURA

Segando trigo nas lavouras de Bagé, Colônia Rio Negro (Foto da Secretaria da Agricultura).



A RIQUEZA DA TERRA: INDÚSTRIA

Fábrica téxtil de Chaves & Almeida, em Galópolis (município de Caxias).



O "HABITAT": FAZENDA

Foto aéreo da Fazenda "Santos Reis", do General Manoel de Nascimento Vargas.



O "HABITAT": COLÔNIA

Colônia típica, com sua casa de moradia, galpão, estrebarias, potreiro, capão e roças (município de Santa Rosa).



O "HABITAT": PEQUENA E SIMPÁTICA CIDADE

Alfredo Chaves.



O "HABITAT": PRAÇA DUMA CIDADE DO INTERIOR

Uruguaiana.



O "HABITAT": A CIDADE MEDIANA

Dom Pedrito (Foto aéreo do 3.º Regimento de Aviação).



O "HABITAT": A GRANDE CIDADE

Pelotas (Foto aéreo do 3.º Regimento de Aviação).



O "HABITAT": A METRÓPOLE

A Avenida Borges de Medeiros, artéria principal de Pôrto Alegre.



O "HABITAT": A METRÓPOLE

A Avenida Borges de Medeiros, em Pôrto Alegre



O "HABITAT": A METROPOLE

Vida noturna na "Cinelândia" de Pôrto Alegre.

G E O G R A F I A





RIO GRANDE DO SUL

Carta geral, com a divisão dos 88 municípios que constituem o Estado.

ESBÔÇO GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Por JACÍ ANTÔNIO L. TUPÍ CALDAS

I PARTE

CONSIDERAÇÕES GERAIS

1. Posição geográfica
2. Limites
3. Superfície
4. Fronteiras atuais

Trabalho destinado a propagar e a favorecer o conhecimento da Terra Continentina, a presente monografia obedecerá à harmonia imposta pelo progresso da ciência, a-par da crítica dos fatos geográficos, tornando-a digna da época que atravessamos.

Sentimos a necessidade de dar a conhecer as idéias gerais, que dominam o conjunto dos diversos capítulos da nossa monografia.

A geografia, sendo uma ciência positiva, os fatos que ela deve classificar não podem ser descritos pintorescamente, com uma linguagem rica de imaginação, mas de maneira lógica, capaz de satisfazer a inteligência, auxiliando a formação da cultura.

O processo pintoresco, utilizado algumas vezes por ilustrados autores, não é tolerado em trabalho de síntese geográfica, no qual a ordem dos fatos se apresenta ao observador na realidade de uma classificação.

Procuramos com a presente monografia dar uma descrição em largos capítulos, em obediência às divisões clássicas da geografia física; em cada capítulo são reünidos os fatos análogos, e ainda segundo uma certa lei, para passar de um grupo a outro. Com método lógico procuramos não multiplicar os títulos e as indicações; desta simetria resultará a clareza; desta uniformidade de descrição nascerão aproximações úteis; a exposição da fisiografia do Estado do Rio Grande do Sul tornar-se-á mais sucinta, mais clara, sem perder de substancial.

1 — POSIÇÃO GEOGRÁFICA — Foi a partir de mil quinhentos e dez que se desenvolveram as determinações das LONGITUDES; outrossim, sòmente na "Geografia de Ptolomeu", em 1462, é que se encontra referido, pela primeira vez, o têrmo LATITUDE. As coordenadas de latitudes e longitudes do território do Estado do Rio Grande do Sul começaram a ser conhecidas com a Expedição de Martim Afonso de Souza, no ano de 1531, para o Pôrto de São Pedro (atual cidade do Rio Grande), em nove do mês de outubro; progrediram com os trabalhos da Companhia de Jesús, durante a ação civilizadora dos ameríndios nas Reduções do século XVII, bem como com os trabalhos das "Comissões de Limites" para execução dos tratados diplomáticos de 1750 e de 1777, entre Portugal e Espanha.

Constituem trabalhos de mais valiosa contribuïção científica as tarefas executadas pelo Almirante Amedée Mouchez, em 1861, e, posteriormente, a "Carta Geral da República", repartição dependente do Ministério da Guerra; serviços relevantes têm sido prestados pelos engenheiros das nossas Estradas de Ferro e das Repartições de Obras Públicas.

A caraterização do nosso território é dada pela posição dos pontos extremos, segundo o quadro abaixo:

LADOS	PONTOS EXTREMOS	Latitude	Longitude W. Gr.
Norte	Rio Uruguai à jusante da confluência com o Rio Chapecó	27°05'22"	53°03'24"
Sul	Foz do Arroio Chuí	33°46'06"	53°25'21"
Leste	Foz do Rio Mampituba	29°19'22"	49°42'41"
Oeste	Rio Uruguai ao Oeste da Ilha Brasileira	30°11'03"	57°39'07"

A distância entre os pontos extremos do Norte e do Sul mede setecentos e quarenta quilômetros (740 km); a extensão do ponto extremo de Leste ao do Oeste tem setecentos e sessenta e oito quilômetros (768 km).

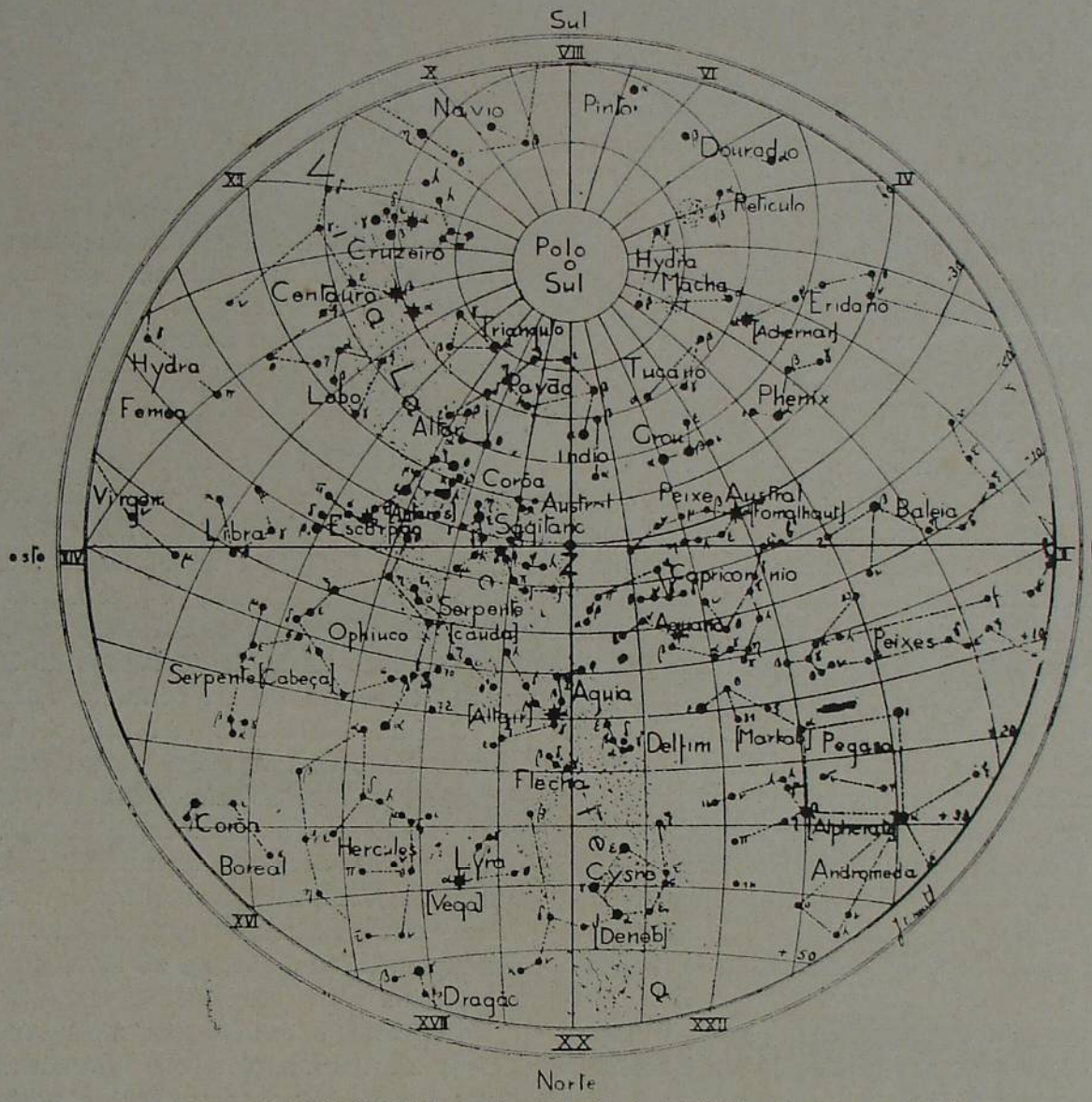
2 — LIMITES — Em obediência ao artigo 184 da Constituïção da República, decretada em 10 de novembro de 1937, o Estado do Rio Grande do Sul continuará na posse do território em que, naquela data, exercia jurisdição, vedada quaisquer reivindicações com a unidade política vizinha, o Estado de Santa Catarina.

Diligências de reconhecimento e descrição dos limites serão procedidas pelo Serviço Geográfico do Exército, completando as necessárias demarcações.

O Estado do Rio Grande do Sul confina: ao Norte, com o Estado de Santa Catarina; a Leste, com o Oceano Atlântico; ao Sul, com a República do Uruguai, e a Oeste, com as Repúblicas do Uruguai e Argentina.

A linha divisória de maior extensão é a do Norte, prolongando-se por novecentos e cincoenta e oito quilômetros (958 km); a linha divisória com a República do Uruguai tem a extensão de oitocentos e cincoenta e seis quilômetros (856 km); com a República Argentina alcança a linha divisória o comprimento de seiscentos e setenta e quatro quilômetros (674 km). A extensão da costa atlântica é de seiscentos e vinte e dois quilômetros (622 km).

O perímetro do Estado do Rio Grande do Sul tem a dimensão de três mil cento e dez quilômetros (3 110 km).

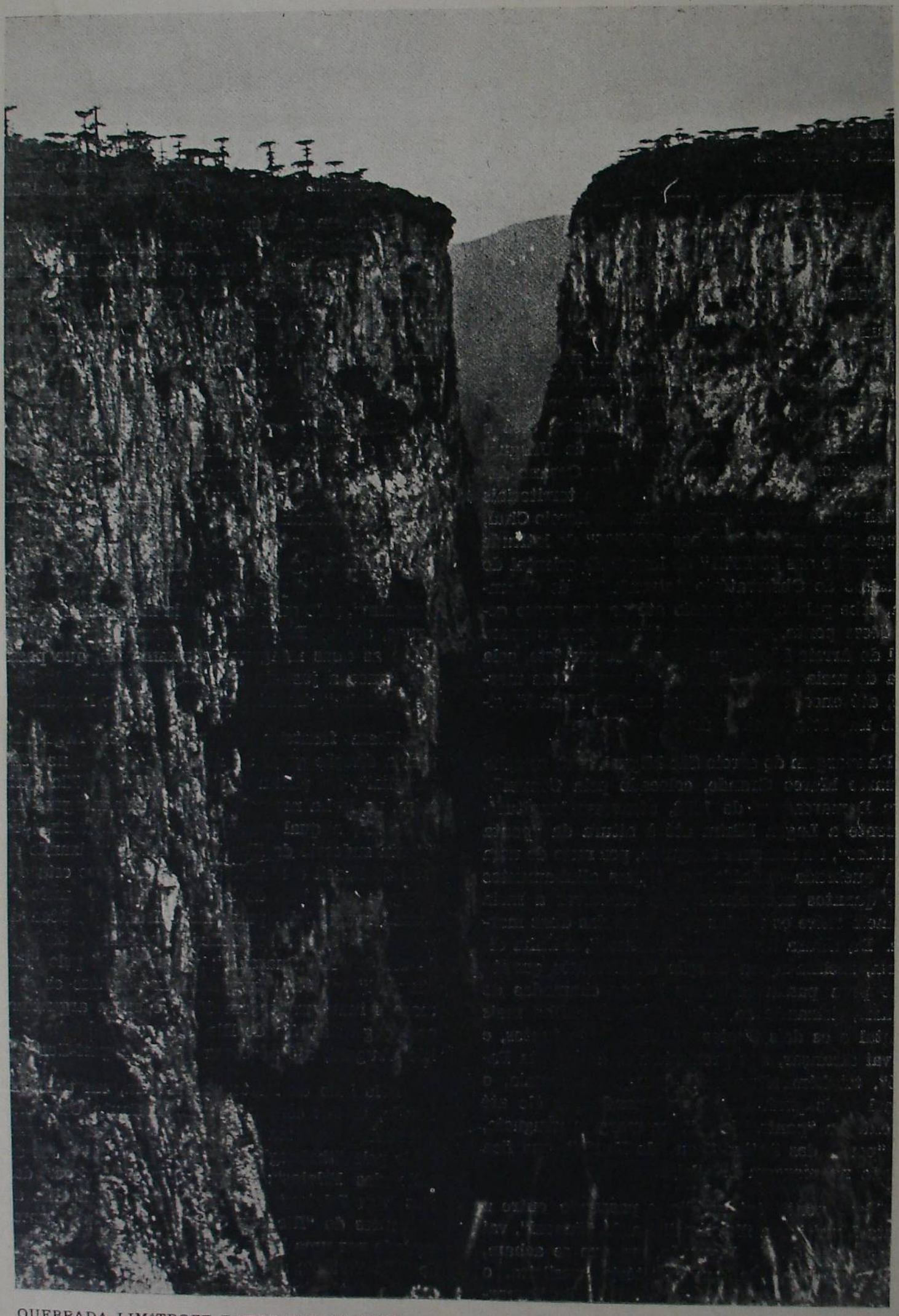


O CÉU RIOGRANDENSE — Constelação da abôbada celeste em setembro.

3 — SUPERFÍCIE — A área do Estado do Rio Grande do Sul, fixada pelo Barão Homem de Melo, é igual a duzentos e oitenta e cinco mil e quinhentos quilômetros quadrados (285 500 km²).

O Instituto Nacional de Estatistica costuma informar ser a área do nosso Estado igual a duzentos e oitenta e cinco mil e duzentos e oitenta e nove quilômetros quadrados (285 289 km²); fica registrada uma diferença para menos de duzentos e onze quilômetros quadrados.

Do valor numérico atribuído à área do Estado podemos subtrair a "área lacustre", com quatorze



QUEBRADA LIMÍTROFE ENTRE RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA

Região do planalto. Itaimbés ou penhascos, no município de Bom Jesús.

mil quinhentos e oitenta e quatro quilômetros quadrados (14 584 km²); a "área terrestre" seria aproximadamente de duzentos e setenta mil setecentos e cinco quilômetros quadrados (270 705 km²); na realidade, a "área terrestre" é menor, posto que nos 270 705 km² está computada a superfície de águas fluviais e banhados.

4 — FRONTEIRAS ATUAIS — Conforme a representação do contôrno do Estado do Rio Grande do Sul, a configuração do território continentino aproxima-se à de um losango, isto é, pode ser comparada a de um romboide.

Suas fronteiras encontram-se bem definidas por acidentes naturais; assim, a Leste, nossa costa de seiscentos e vinte e dois quilômetros, da foz do Rio Mampituba à do Arroio Chuí, é banhada pelo Oceano Atlântico; ao Sul e ao Sudoeste, está o nosso Estado separado da República do Uruguai por uma fronteira que, começando no Oceano Atlântico, na linha que limita as águas territoriais brasileiras, em frente à embocadura do Arroio Chuí, alcança essa embocadura aos 33°46'06" de latitude meridional e aos 53°25'21" de longitude oriental do meridiano do Observatório Astronômico de Greenwich, sobe pelo citado arroio até ao seu passo geral; dêsse ponto, corre rumo direito para o passo geral do Arroio São Miguel, descendo por êste, pela linha de meia distância entre as respectivas margens, até encontrar o "pontal de São Miguel", situado na costa austral da Lagoa Mirim.

Da margem do arroio São Miguel, onde se acha o Quarto Marco Grande, colocado pela Comissão Mista Demarcadora de 1853, atravessa longitudinalmente a Lagoa Mirim até à altura da "ponta Rabotieso", na margem uruguaia, por meio de uma linha quebrada definida por tantos alinhamentos retos quantos necessários para conservar a meia distância entre os pontos principais das duas margens. Da altura do "ponta Rabotieso", a linha divisória, inclina-se na direção de Noroeste quanto baste para passar entre as linhas chamadas do Taquarí, deixando ao lado do Brasil a ilha mais oriental e os dois ilhotes que lhe ficam juntos, e daí vai alcançar, nas proximidades da "ponta Parobé", também situada na margem uruguaia, o "canal mais profundo", continuando por êle até defrontar a "ponta Muniz", na margem uruguaia, e a "ponta dos Latinos" ou "do Fanfa", que fica situada na margem brasileira.

Dêsse ponto intermédio, e passando entre a "ponta Muniz" e a ilha brasileira de "Juncal", vai buscar a foz do rio Jaguarão, em que se acham, à margem esquerda, em território brasileiro, o Quinto Marco Grande, da Comissão Mista Demarcadora de 1853, e, à margem direita, no território uruguaio, o Sexto Marco Intermédio; daí sobe pelo "thalweg" do "Rio Jaguarão" até à altura da confluência do "Arroio Lagoões", na margem esquerda, prosseguindo a meia distância das margens do citado rio e depois a meia distância das águas do "Arroio Jaguarão-Chico", conhecido ainda sob nome de Guabijú, afluente à margem esquerda do rio Jaguarão, em cuja confluência está o Sexto Marco Grande da Comissão Demarcadora de 1853.

Sobe, em seguida, pelo álveo do "Arroio da Mina", assinalado pelos marcos intermédios sob números Sétimo e Oitavo, até às suas mais altas vertentes; daí, por uma reta que passa pela "Serra do Aceguá", em direção à barra do "Arroio São Luiz", afluente do "Rio Negro"; seguindo por êste arroio até próximo à "Cochilha de Santana", toma a direção rectilínea entre os dois galhos principais, e vai à mesma cochilha pelo monte chamado do "Cemitério"; continua pela linha de mais altos cumes da "Cochilha de Santana", passando junto à Cidade de Livramento; a fronteira alcança a "Cochilha do Haedo" por uma linha de altos cumes até encontrar a "Cochilha de Belém", no ponto em que se acham as vertentes do "Arroio dos Marrecos", galho do "Arroio Invernada"; desce por aquele, e depois por êste, indo sair no "Rio Quaraim", pelo qual desce, pela meia distância das águas, até ao Rio Uruguai, alcançando a normal entre as duas margens do mesmo rio, que passa um pouco a jusante da "ponta sudoeste da Ilha do Quaraim", também chamada "Ilha Brasileira".

Nossa fronteira com a República Argentina tem a direção geral do Noroeste; começa no "Rio Uruguai", na altura da confluência do Rio Quaraim, na linha normal entre as duas margens daquele rio, a qual passa um pouco a jusante da "ponta sudoeste da Ilha Brasileira" e, deixando do lado do Brasil a mesma ilha, corre entre esta e a margem argentina do Rio Uruguai, pelo meio do "canal navegável", passando defronte da bôca do "Rio Miriñai", na República Argentina, e da bôca do citado "Rio Quaraim"; prosseguindo pelo "Rio Uruguai" vai encontrar a linha que une os dois marcos inaugurados em 1901, e outro argentino, na margem direita do Rio Uruguai; daí sobe pelo Rio Uruguai, até a "barra do Rio Peperí-Guaçú".

Pelo lado do Norte, a fronteira, em tôda extensão, se faz com o Estado de Santa Catarina, iniciando-se na foz do "Rio Peperí-Guaçú" para subir pelo "thalweg" do Rio Uruguai até a foz do "Rio das Pelotas"; segue pelos "thalwegs" dos rios "das Pelotas" e "das Contas"; alcançadas as nascentes do "Rio das Contas" a divisa é representada por uma linha recta, que vai às cabeceiras do "Rio Sertão"; desce pelo Rio Sertão, guardando a meia distância das suas águas, até encontrar o "Rio Mampituba"; desce pelo "Rio Mampituba", até sua foz, guardando a meia distância das águas.



TÔRRES

Com suas formações geológicas interessantes fornece simultâneamente um outro aspecto da zona limítrofe entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

II PARTE

ANALISE GEOGRAFICA

FISIOGRAFIA

De acôrdo com as linhas dominantes do território sul-riograndense, dentro da zona temperada austral, em combinação com a variabilidade do clima, principalmente os acidentes do relêvo e a precipitação pluvial, a païsagem continentina apresenta aspectos sumamente diferentes, que podem oscilar entre a floresta tropical e a caponga; entre a beleza de uma área campestre, que se abrange em grande horizonte, e uma mata bordando as margens dos rios, em caprichosos revestimentos eternamente verdes.

Solo umedecido pelas contínuas chuvas ao Nordeste, a-par de nevadas na região do planalto asseguram uma variedade de païsagem, em contraste com o território de Sudoeste, cujo patrimônio florístico está representado pelos campos e pelos prados.

Igualmente variado é o modo como o homem se fixou dentro desta natureza agradável, para, explorando seus recursos, organizar o trabalho, realizando a transformação das matérias primas, encaminhando à solução de problemas, cujo conhecimento e estudo são altamente interessantes, quer do ponto de vista da fisiografia, quer do da antropogeografia.



BUTIAZEIRO



PINHEIRO

1 — ESTRUTURA GEOLÓGICA — A topografia da terra sul-riograndense não tem sido sempre tal qual a conhecemos hoje. Desde a época em que a primitiva crosta se formou, em que as primeiras águas se condensaram na sua superfície, a repartição e disposição das massas sólidas emergidas têm variado.

Pertence à estratigrafia o estudo da ordem de superposição dos sedimentos, a sua constituïção e seus fácies, para melhor reconhecimento testemunhal do passado; êste estudo é auxiliado pela paleontologia, pesquisando fósseis, restos de vegetais e animais, os quais, descritos e classificados, dão preciosas indicações sôbre a flora e a fauna primitivas, bem como sôbre o clima das épocas anteriores.

Outrossim, não devem ser esquecidos os princípios de orognosia, ciência que estuda a origem e a formação das montanhas, conforme foi sistematizada por Mallet, Macpherson, Suess, Neumayer e Caldéron.

O relêvo da área do nosso Estado não resultou de um levantamento vulcânico, mas de dobramento imenso e fratura colossal da crosta primitiva, onde a elasticidade dos materiais que constituem os nossos terrenos arqueolíticos oferecem grande resistência.

O território do Estado do Rio Grande do Sul está situado numa zona rígida do globo terrestre, na qual a contração das massas mais flexíveis de-



FORMAÇÕES GEOLÓGICAS: A famosa Guarita de Tôrres, marco caraterístico no litoral riograndense.



FORMAÇÕES GEOLÓGICAS: Pedra Redonda. Formações típicas no estuário do Guaíba.

terminou as dobras e a resistência dos materiais mais rígidos às fraturas; as dobras têm disposição unilateral, formando colossal sinclinal para o ocidente americano, na qual se encontram os depósitos sedimentários das épocas primárias e secundárias.

Têm-se distinguido, na descrição dos tempos geológicos, seis eras, compreendendo diversos períodos ou sistemas, que no Estado do Rio Grande do Sul estão representados no seguinte quadro:

ERAS	SISTEMA OU PERÍODO	ROCHAS
Psicozóica	Recente Pleistoceno	Dunas Areias da costa atlântica
Cenozóica	Plioceno Mioceno Oligoceno Eoceno	Não são bem conhecidas rochas representativas dêste sistema no Estado
Mesozóica	Cretáceo Jurássico Triássico	Não está representado Não está representado Bem representado pelas rochas eruptivas do planalto — Trapps. Arenitos dos tipos de Botucatú, Rio do Rastro e Terezina. São conhecidos fósseis
Paleozóica	Permiano Carbonífero Devoniano Siluriano Cambriano	Folhelos — Calcáreos — Carvão — Conglomerados — Tilitos — Arenitos. São conhecidos fósseis. Não está representado. Não está representado. Não está representado. Não está representado.
Proterozóica	Algonquiano	Quarzitos Mármores
Arqueozóica	Arqueano	Gneisse — Micaxistos — Granitos — Calcáreos dolomíticos

A parte do território sul-riograndense situada ao Sudoeste e Sudeste, abrangendo terrenos dos municípios de Pôrto Alegre, Viamão, Gravataí, Guaíba, São João do Camaquã, Encruzilhada, Pelotas, Canguçú, Piratiní, São Sepé, Lavras, Dom Pedrito, São Gabriel, Erval e Jaguarão, apresenta no subsolo as rochas mais antigas, que se conhecem, como o granito, o sienito, o gneisse, o micaxisto, bem como calcáreos dolomíticos, tôdas classificadas como caraterísticas do sistema arqueano, segundo ensinamentos de geólogos eminentes.

Êste sistema está perfeitamente delimitado, achando-se separado dos sistemas permiano e triássico, que se apresentam em situação nos bordos do primeiro, na área ocupada pelos territórios de Gravataí, Canoas, Guaíba, São Jerônimo, Santo Amaro, Triunfo, São Leopoldo, Montenegro, Venâncio Aires, Santa Cruz, Rio Pardo, Cachoeira, Santa Maria da Bôca do Monte, São Pedro, Rosário, Santana do Livramento, São Gabriel, Dom Pedrito e Bagé.

A região em que observamos as rochas cristalinas da crosta primitiva, as quais se apresentam mesmo à superfície do solo, como em Pedras Altas ou nos arredores de Pôrto Alegre, foi perfeitamente estudada pelo geólogo brasileiro dr. Paulino Franco de Carvalho, que a denominou "escudo rio-grandense". Atualmente, os trabalhos de pesquisas científicas, realizados pelo Serviço Geográfico da República, permitem dar a conhecer a importância econômica da região, onde se encontram as riquezas minerais do nosso Estado.

É nesta região que vamos encontrar as jazidas de VOLFRAMITA (tungstato de ferro e manganês), de CASSITERITA (bi-óxido de estanho), de MISPÍQUEL (sulfeto de ferro e arsênio), de CALCOPIRITA (sulfeto de cobre e ferro), de TURMALINA (silicato de alumínio e bório, contendo ainda sódio, potássio, cálcio, ferro e manganês como impurezas), de OLIGISTO (sesqui-óxido de ferro), bem como de OURO e PRATA.

Sôbre as rochas do sistema arqueano estão depositados terrenos mais novos, como os caraterizados na Estação Ibaré, nas cabeceiras do Rio Va-



ENCOSTA DO PLANALTO

Morro Reuter, em Dois Irmãos (município de São Leopoldo).

cacaí e na Serra dos Porongos, onde foram reconhecidas, respectivamente, as existências de FILITOS, QUARZITOS, XISTOS e CALCÁREOS, representando o sistema algonquiano.

Na parte limitada pelo Camaquã do Hilário e o Camaquã Grande foram estudadas diversas rochas sedimentárias, como o ARENITO, contendo MICA; o FOLHELO ARGILOSO, diversamente colorido e de utilidade cerâmica; o ARENITO FERRUGINOSO; o CONGLOMERADO, contendo SEIXOS de tamanhos diversos.

Do estudo das relações estratigráficas concluiram os geólogos pela existência de uma "série discordante", que foi denominada "Série Camaquã", com origem anterior ao permiano.

Há existência de FOLHELOS ARGILOSOS e ARENITOS BRANCOS, nas proximidades de Santa Tecla, próximo a Bagé, como se pode observar ao Norte e a Leste da cidade, bem como estas rochas são encontradas nas Cochilhas de Ôlho d'Água, da Bolena e do Baú.

Estas rochas cobrem os terrenos entre Bagé e Lavras, talvez numa espessura de sessenta metros, constituindo a "Série de Santa Tecla", considerada, pelo geólogo Karl Walther, como de idade cretácea; devemos informar que a afirmativa do dr. Karl Walther não é aceita por outros geólogos, que, ao contrário, admitem que o FOLHELO ARGILOSO e o ARENITO BRANCO, concorrendo para a formação dos "taboleiros" do nordeste da cidade de Bagé, são do sistema triássico superior, podendo perfeitamente corresponder ao grupo do Rio do Rastro.

Os sistemas permiano e triássico estão perfeitamente representados no Estado do Rio Grande do Sul. As rochas do sistema permiano são FOLHELOS e ARENITOS MOLES, em regra sobrepostos ao calcáreo silicioso; apresentam delgadas camadas de CARVÃO, que dão lugar à exploração industrial, principalmente no município de São Jerônimo. As camadas triássicas ocupam grande extensão no nosso Estado, estendendo-se pela parte do território ao Norte do paralelo austral de 30°.

As rochas do sistema triássico são ARENITOS MOLES AVERMELHADOS (GRÉS), quasi sempre associados às rochas eruptivas do tipo de DIABÁSIO, que se apresentam em diques ou lençóis (trapp).

As rochas eruptivas dêste sistema apresentam uma estrutura amigdalóide, dando origem às diversas formas de geodes de CALCEDÔNIA, de ÁGATA e de QUARZO; é esta a formação característica das bacias dos rios Uruguai e Jacuí, onde o solo está atualmente coberto de "terra-roxa", resultante da decomposição de rochas eruptivas básicas, do tipo de DIABÁSIO e DIORITO; também são encontradas rochas vizinhas dos TRAQUITOS e dos BASALTOS, que demonstram ter existido alguns vulcões.

A flora e a fauna fósseis conhecidas levam aos geólogos à afirmação de que o território do Estado do Rio Grande do Sul pertenceu ao "Continente Austral ou Terra Gondwana", no período permiano, na era primária e, posteriormente, ao "continente africano-brasileiro", na era secundária, o qual teve como limite geográfico a geo-sinclinal dos Andes, a Oeste, e, a Leste, a geo-sinclinal de Moçambique.

O continente africano-brasileiro era formado pelo Brasil e pela África, menos a região montanhosa do Atlas, alcançando a Arábia.

O sistema pleistoceno está representado a Leste, ao longo da costa atlântica, onde podemos observar rochas sedimentárias, com espessura de mais de cem metros; as AREIAS da praia atlântica sofrem dissecamento rápido, quando ficam descobertas em maré baixa; sendo atiradas pelas rajadas para o interior dão origem às DUNAS.

Sem dúvida, pela mobilidade determinada pela ação eólica, as DUNAS podem invadir as lagoas e lagos costeiros, bem como os rios e riachos, podendo mesmo aterrá-los.

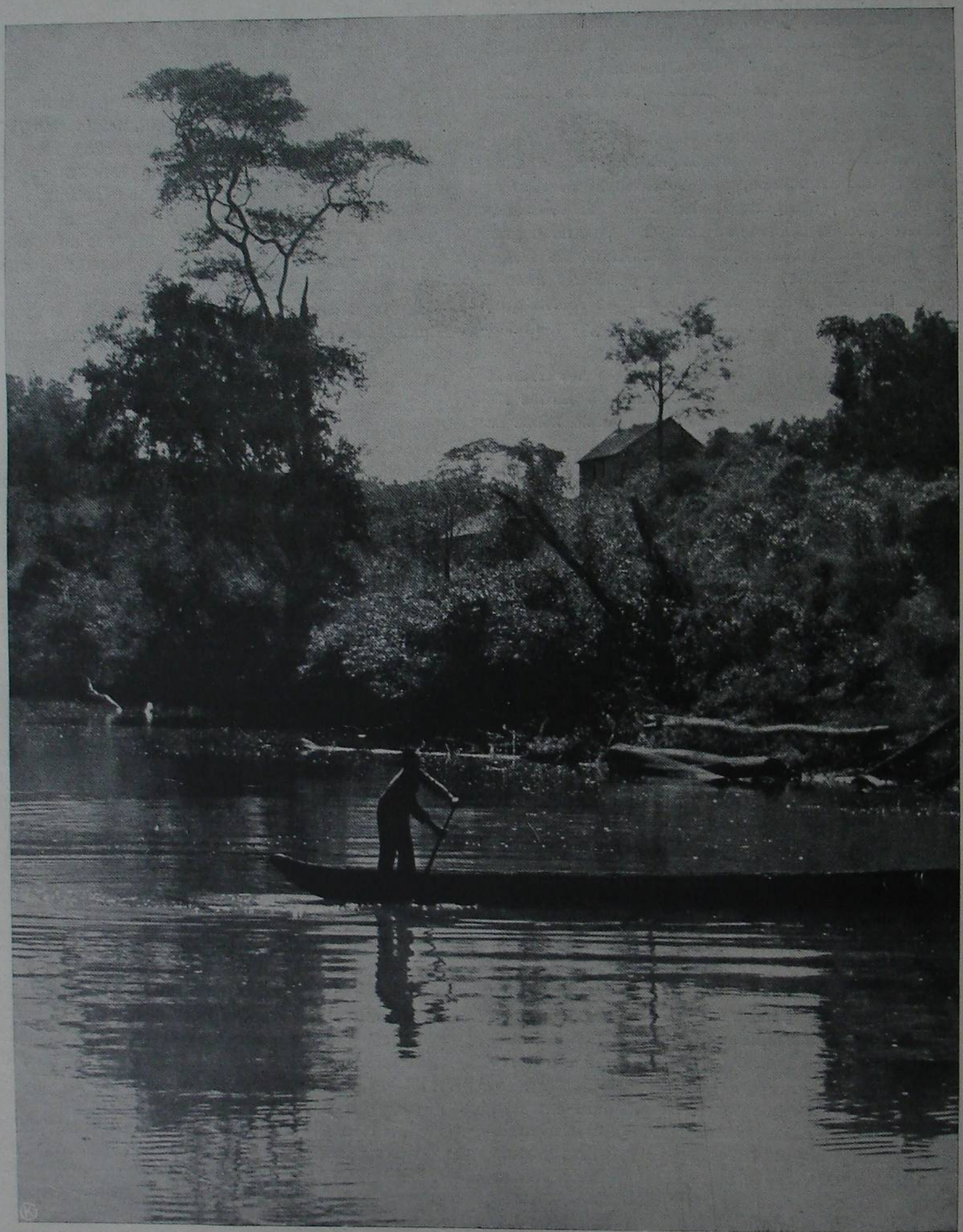
OROGRAFIA

A rápida exposição sôbre a estrutura geológica que linhas atrás foram lidas, devem fundamentar a apreciação do estudo da orografia sul-riograndense. Nossos acidentes do relêvo subordinam-se a dois sistemas geológicos, que se diferenciam cronològicamente na estrutura da crosta terrestre, cuja área nos coube na partilha política da América.

Assás conhecida é a gênese do relêvo sul-americano, sustentada pelo professor Lapparent, — in Leçons de Geographie physique —, quando afirma: "A América do Sul é essencialmente constituída por um maciço estável, há muito tempo formado, contra o qual veio aplicar-se do Oeste e do Norte, como um enorme rolete, a cadeia dos Andes. . ."; outrossim, está muito divulgada a conclusão do professor J. C. Branner, — in Geologia elementar —, quando diz: "Na América do Sul as rochas arqueanas encontram-se ao longo de uma cinta mais ou menos quebrada na costa ocidental desde a Terra do Fogo até ao Istmo do Panamá", bem como, parece provável SEREM ARQUEANOS OS GNEISSES GRANITÓIDES DA SERRA DO MAR. . ., como também algumas das rochas que os acompanham".

Tudo confirma que a Natureza construiu formidável muralha granítica de origem arqueana, quer ao ocidente, quer ao oriente da América Meridional.

A muralha de Leste apresenta-se sob denominação de Cadeia Oriental, a partir do Departamento de Rochas, em território da República do Uruguai, para penetrar pela nossa fronteira de Sudoeste, nos municípios de Erval e Jaguarão, percorrendo os municípios de Arroio Grande, Pelotas, São Lourenço, Camaquã, Guaíba, Pôrto Alegre e



HIDROGRAFIA

Rio do Mel, antes de desaguar no Uruguai, perto de Iraí.

Viamão, com ramificações para o Oeste, ao Sul do paralelo de 30°, atingindo os municípios de Encruzilhada, Caçapava, Lavras e Dom Pedrito; apar da nomenclatura regional devemos informar, que a cadeia Oriental é a verdadeira SERRA DO MAR, toda de rochas granito-gnéssicas e xistos cristalinos.

Fôrças e movimentos tectônicos foram naturalmente bastante poderosos para fenda e rachar os terrenos arqueanos, que se estendem de Viamão a Caçapava, atingindo Erval e Jaguarão, trabalhando rochas cristalinas resistentes, como o granito e gneisse; basta que um dos lados da fenda abata, ou desabe, afundando-se perdendo altura, para que surja uma desigualdade de relêvo que, atingindo dezenas de metros, dá lugar à aresta montanhosa.

A SERRA DO MAR, no Estado do Rio Grande do Sul, teve sua origem de fendas ou falhas na crosta rochosa cristalina, com incidência sôbre os terrenos sedimentarios, dando lugar a um relêvo em degraus; esta serra atravessa o quadrante de Sudeste na direção geral Nor-nordeste-Sul-sudoeste; acompanha a direção geral da costa, desde o paralelo de 30°, austral, dando o relêvo dos municípios citados com alturas que excedem de trezentos metros.

Deixando o município de Pôrto Alegre, vai continuar no município de Guaíba; naquele tem o nome de Serra de Santana, cujos cumes recebem os nomes particulares de MORROS de Santana, da Companhia, Pelado, Belém, Agudo, Tapera, Abertas, Ponta Grossa, São José, Polícia, Glória, Cascata, Teresópolis, Cristal, Osso e Itapuã; no município vizinho de Guaíba é denominada Serra dos Tapes, esgalhando-se em muitos contrafortes.

Em seu prolongamento, no quadrante de Sudeste, a Serra dos Tapes toma diferentes denominações locais de: Serra de Canguçú; Serra da Boa-Vista, onde a 13 km ao Norte da cidade de Pelotas deixa observar a formação gnéssica idêntica à do maciço brasileiro; Serra das Asperezas, à margem direita do Rio Piratiní; Serra de Pedras Altas; Serra do Erval; Serra Partida e Serra do Veleda.

A Oeste da Serra do Veleda destaca-se, nas pontas do Rio Ibirapuitã, a Serra do Caverá, com a qual forma sistema o Cêrro do Caverá e o Cêrro da Cruz.

Tôda a área que fica compreendida entre os rios Uruguai, Ibicuí, Jacuí e Gravataí tem uma estrutura geológica triássica; nesta vasta formação mesozóica estão bem representadas as rochas eruptivas dos tipos diabásios e dioritos, bem como as rochas sedimentárias dos tipos arenitos de Botucatú, Rio do Rastro e Terezina.

A unidade da formação geológica, em aprêço, excluiu sua identidade com a Serra do Mar; a formação triássica, situada ao norte do paralelo meridional de 30°, tem um aspecto de PLANALTO, com pontos mais elevados ao Nordeste, inclinando-se suavemente para Oeste e Noroeste; não obstante esta verdade fisiográfica, os nossos geógrafos continuam a denominar serras às secções da encosta ou talude do planalto.

As SERRAS de São Bento, nos limites do município de Bom Jesús com o Estado de Santa Catarina, do Fachinal, no mesmo município, das Três Forquilhas, no município de Torres, são partes integrantes da escarpa oriental do planalto; as serras de São Pedro, Botucaraí, São Martinho, São Xavier e Iguariaçú (Santiago) representam a encosta meridional do planalto triássico; outrossim, os CÊRROS isolados, designados pelos nomes: Agudo, Cruzinha, Ferrabraz, Santa Cruz, Escadinha, Sapucaia, Dois Irmãos, Itacolomí e Morretes ligam-se à formação mesozóica, como testemunhas de erosão.

HIDROGRAFIA

O estudo da estrutura geológica do território sul-riograndense permite conhecer a ossamenta da nossa terra; é ela a determinante da direção dos rios, que, deslisando à sua superfície como artérias do Planalto Brasileiro e da Serra do Mar, executam trabalho de escultura por erosão.

Quando por uma poligonal se une as nascentes do Rio Uruguai e as de todos seus afluentes à margem esquerda, até a do Rio Quaraim, obtem-se, após a operação gráfica, o limite de uma superfície, cujas águas se escoam para o interior do Continente americano, alcançando posteriormente o vale do Rio da Prata, para desaguar no Oceano Atlântico.

Tal área do nosso Estado, por onde correm as águas do Rio Uruguai e, bem assim as de todos os seus contribuintes da margem esquerda, constitue o que se chama a bacia oriental.

O majestoso RIO URUGUAI tem suas nascentes na região sul-oriental do planalto brasileiro, nas terras dos municípios limítrofes do Estado de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. É constituído pela confluência íntima de dois rios, o das Canoas e o das Pelotas.

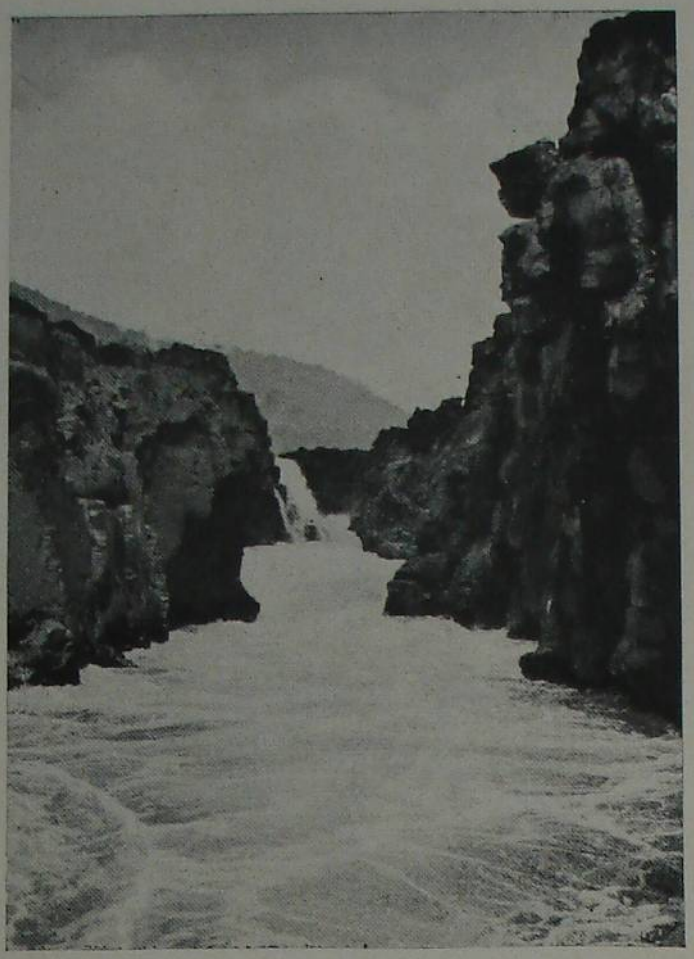
Constitue uma linha aquosa de fronteiras naturais, entre dois estados da Federação Brasileira, até receber pela margem direita o Peperí-Guaçú; no trecho compreendido entre o Peperí-Guaçú e o rio Quaraim traça, sôbre o terreno americano, a linha de limites com o Brasil e a Argentina.

Mede o Rio Uruguai mil e quinhentos quilômetros de percurso e atravessa uma área de terrenos geològicamente classificados como sendo "arqueano", na parte do curso superior, na dependência das rochas cristalofílicas das suas nascentes, em pequena extensão na região dos "itambés"; nas secções do curso médio o terreno é geològicamente da era secundária, de formação triássica, profundamente trabalhados pelos agentes superficiais do geodinamismo, apresentando muitas corredeiras e pequenas cachoeiras; no curso inferior,



HIDROGRAFIA

Rio Caí.



ESTREITO DO RIO URUGUAI,
perto de Marcelino Ramos.

ao percorrer o território da República do Uruguai, os estudos modernos mandam reconhecer que os terrenos são precretáceos.

Vazando a grandiosa contribuïção hídrica no Rio da Prata, o Rio Uruguai é francamente navegável até a cidade brasileira de Itaquí, e daí para diante, de modo precário, até a confluência do Rio Chapecó.

O Rio Uruguai tem como afluentes principais da margem direita, em território do Estado vizinho, os citados rio Chapecó e Peperí-Guaçú, o primeiro com 211 metros de largura da barra e o segundo com 110 mettros de largura da barra e uma profundidade de 6,60 metros; — os seus afluentes principais da margem esquerda, todos em terras sul-riograndenses, são: Rio do Passo, com 50 km de curso; Rio do Tigre, com 40 km de curso; Rio da Forquilha, com 70 km de curso; Rio Dourado, com 60 km de curso; o Rio do Passo Fundo, com percurso de 220 km; o Rio Erechim, com 100 km de curso; Rio Uruguai-Puitã, com 230 km de extensão; Rio Guarita; Rio Fortaleza; Rio Cebolatí, com 130 km; Rio Santo Cristo; Rio Comandaí; Rio Ijuí-Guaçú, com 300 km de curso; Rio Piratiní, com 180 km de curso; Rio Camaquã, com 150 km de curso; Rio Ibicuí-Guaçú, formado pelos rios Ibicuí da Armada e Santa Maria, que tem de curso 450 km; Rio Quaraim, que nasce na encosta ocidental da cochilha de Haedo, tendo a extensão de 300 km, servindo de linha natural de fronteira entre o Brasil e a República do Uruguai.

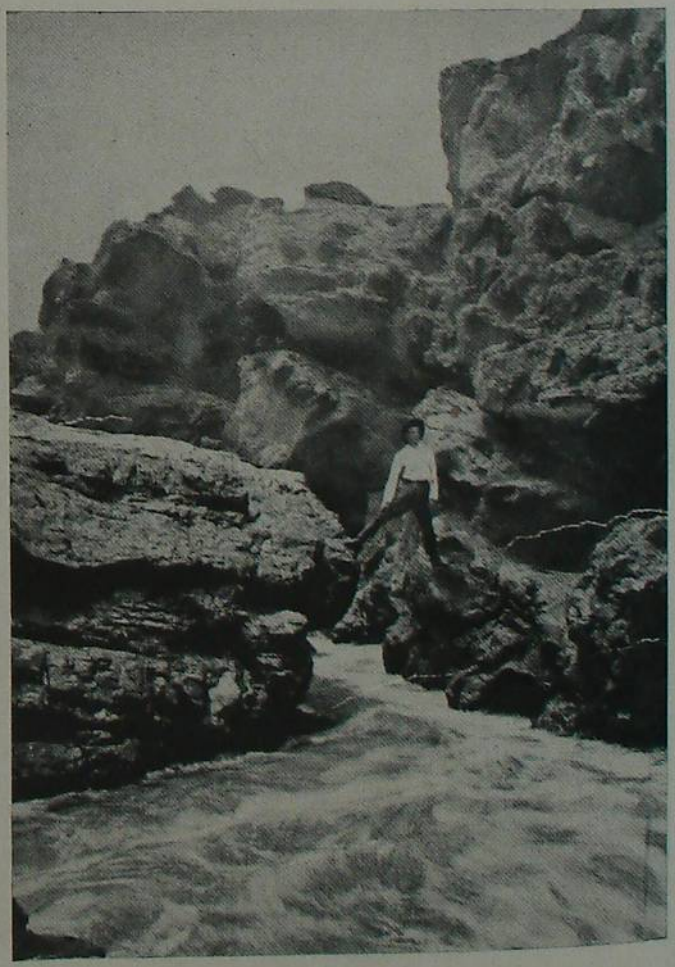
O Rio Uruguai desagúa no Rio Paraná em frente à ilha de Martim Garcia, formando com êle, a partir da sua foz, o "Rio da Prata".

A principal bacia hidrográfica do Estado é a do Rio Jacuí, outrora denominado "Rio Grande de São Pedro" ou "Rio Iguaçú de São Pedro", que recebe numerosos afluentes, do qual o Rio Taquarí é o principal; seu percurso é de mais de 1000 quilômetros, dos quais 616 quilômetros da confluência do Rio Vacacaí até a foz.

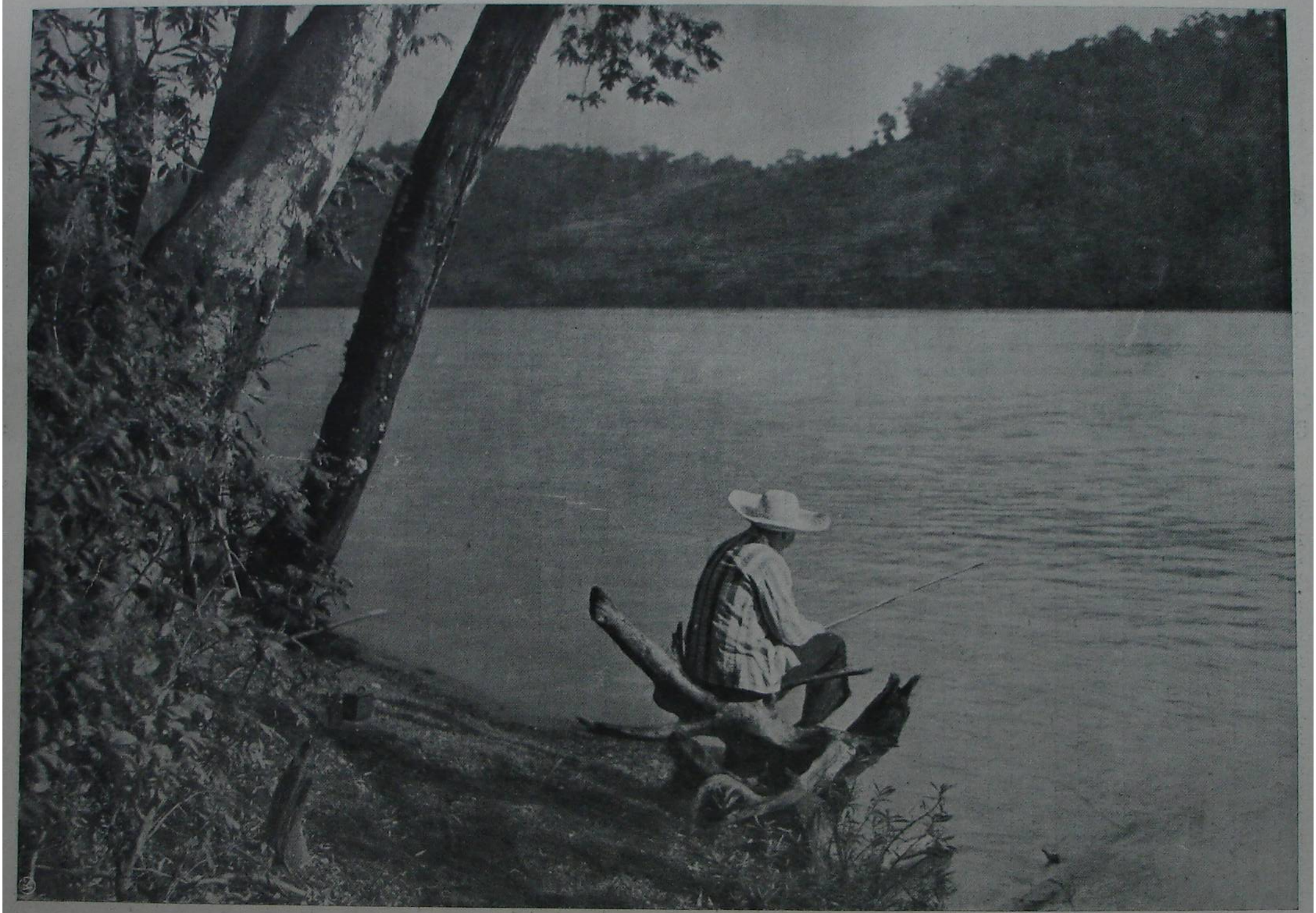
Nasce o Rio Jacuí no planalto, no município de Cruz Alta; corre primeiramente de Norte para o Sul, e, depois, desde o ponto em que se lhes reúne o rio Capané, com rumo do Leste, até despejar, com o nome de Guaíba, na Lagoa dos Patos, entre a ponta Itapuã e o morro da Formiga, havendo percorrido uma extensão considerável do nosso território, sendo de duzentos e vinte metros a sua maior largura. Banha as cidades de Cachoeira, Rio Pardo, Triunfo, São Jerônimo e Santo Amaro.

O Rio Jacuí tem numerosos afluentes, a saber: à margem esquerda — Botucaraí, Sereno, Pardo, Pardinho, Taquarí, Caí, Sinos, Gravataí; e à margem direita — Ingaí, Vacacaí, Vacacaí-mirim, Irapuá, Capivarí, Capané, Pequerí e Ratos.

Entre todos êstes tributários sobressaem, pela importância que têm adquirido as terras banha-



ESTREITO DO RIO URUGUAI,
perto de Marcelino Ramos.



HIDROGRAFIA

Um aspecto do Alto Uruguai, perto de Iraí.

das por êles, os da margem esquerda, e sobretudo os rios Taquarí, Caí e Sinos.

O Rio Taquarí nasce na serra dos Ausentes com o nome de Camisa, com que corre até reünir-se ao das Antas, até ao passo de Santa Bárbara, em que toma o nome de Taquarí. Atravessa uma região florestal, em cujo seio se acham prósperas povoações.

O Rio Caí toma sua origem ainda no planalto e tem no comêço o nome de Lageado de Santa Cruz; é importante via fluvial, engrossada por numerosos arroios, dos quais notaremos à margem direita o Maratá e à margem esquerda o Cadeia.

O Rio dos Sinos nasce em território do município de Conceição do Arroio.

Na costa atlântica, despejando águas diretamente no mar, devemos indicar os seguintes rios: — Mampituba, que nasce na Serra do Mar, no limite com o Estado de Santa Catarina, com o nome de Rio Verde, o qual conserva ate receber o principal afluente, o Rio Sertão; Três Forquilhas; Tramandaí e Chuí, êste na extremidade meridional, como limite natural com a República do Uruguai.

Devemos notar a grande riqueza de LAGOAS que existem no nosso Estado ao longo da costa, desde o limite com Santa Catarina até ao extremo austral. As mais extensas destas lagoas são a dos Patos, a Mirim e a Mangueira ou do Albardão. Para o Norte da Mangueira estendem-se as lagoas de Flores e Caiuvá; do lado Norte da barra do Rio Grande as lagoas do Junco, Bujurú, Sumidouro e outras mais. Entre as barras do Mampituba e do Tramandaí existe uma série de lagoas, que se comunicam tôdas entre si, como a dos Barros, Tapera, Porteira, Cidreira e Tramandaí, cujas águas vão ter ao Oceano Atlântico por meio do Rio Tramandaí.

Além do Rio Jacuí, despejam na Lagoa dos Patos os rios Camaquã e Canguçú; nasce o Camaquã na serra de Santa Tecla; corre de Oeste para Leste e chega à sua foz depois de um percurso de mais de trezentos quilômetros, lançando-se por três bôcas à barra funda, grande e falsa.

A Lagoa dos Patos comunica-se com a Lagoa Mirim por um canal ou sangradouro que, com o nome de São Gonçalo, é impròpriamente qualificado rio.

A êste canal dirigem-se vários rios e arroios, sendo o principal o Piratinim.

A Lagoa Mirim tem por principal tributário o Rio Jaguarão; nasce êste rio na serra do Aceguá e recebe pela margem direita o Jaguarão-Chico, e pela esquerda o Candiota e o Butiá.

CLIMA

As latitudes de todos os pontos do território riograndense estão situados dentro da zona tropical, entre os paralelos austrais de 27º05' e 33º46'; assim, podemos dizer que a nossa área está localizada ao Norte da zona de latitudes temperadas ou da zona dos ventos de Oeste e, por conseguinte, no limite Sul da cinta de altas pressões, causadoras dos ventos de Leste. Em regra, o tempo é, aquí, controlado pelo regime das latitudes médias, dependendo do desenvolvimento, da velocidade de propagação e da trajetória que apresentam as baixas e altas das pressões; a distribuïção da temperatura, da nebulosidade, da umidade, bem como os demais fenômenos meteorológicos encontram suas origens na sucessão das depressões e dos anticiclones.

A influência de zonas de diferente circulação atmosférica torna as variações dos tipos de tempo muito irregulares, dentro de uma mesma estação do ano, pela convergência de anomalias oriundas da circulação geral; a cinta de altas pressões está bem desenvolvida para o Sul e Oeste, cobrindo parte do Estado no verão e na primavera, quando a modalidade do tempo é a de anticiclone, isto é, carateriza-se pela ausência de nebulosidade e chuvas, com grandes amplitudes diárias de temperatura; outrossim, havendo permanência nesta posição da influência do centro de altas pressões do Atlântico, no decorrer do inverno, quando as trajetórias das depressões das latitudes médias são lançadas para o Sul, observam-se pequenas variações de temperatura e chuvas abundantes, em extensa parte do nosso território.

Quando a cinta de altas pressões do Atlântico sofre retraïmento para o Norte e para Leste, o tempo, no nosso Estado, carateriza-se com variações bruscas e freqüentes, durante o inverno; — regista-se um regime de trovoadas e chuvas locais, com oscilações mínimas de temperatura, no verão. Entretanto, o tempo no Estado do Rio Grande do Sul sofre maior influência dos agentes da circulação secundária do ar, constituídos pela sucessão de baixas e altas pressões com seus ventos isobáricos; as altas pressões do centro de ação do Atlântico são a causa determinante dos ventos do quadrante de Leste, os quais são predominantes durante a maior parte do ano; no inverno, processando um regime de altas pressões continentais, sopram ventos do quadrante de Oeste, com maior freqüência.

Os ventos de Leste, carregando, em meses quentes, a ação termo-reguladora do Oceano Atlântico, tornam o clima do nosso Estado menos continental; no inverno, os ventos de Oeste, soprando do interior do Continente Americano, ocasionam invernos rigorosos; a passagem de um para outro regime de ventos faz-se gradativamente, sob preponderância da circulação secundária.

Sabemos que os movimentos da terra, durante o dia e a noite e durante o curso do ano, modificam a incidência dos raios solares, o que faz variar o aquecimento do ar, donde diferenças de temperatura; conforme se produzem as diferenças no decurso das 24 horas, ou no do ano, são chamadas variações diurna e variação anual.

As variações bruscas e irregulares que se ob-



ÁGUAS DEVASTADORAS

O Rio Guaíba, comumente tão calmo, pode causar danos catastróficos a Pôrto Alegre, como o fazem às populações ribeirinhas os seus dois principais tributários Jacuí e Taquarí. Foto dos dias trágicos da grande enchente de maio de 1941. Êste trecho da rua dista duas quadras do rio.

servam, dentro de um período de 24 horas, podem atingir um valor de 21° C., como foi registado na Capital do Estado, segundo o quadro abaixo:

Ano	Mês	Máxima	Mínima	Amplitude
1910	Outubro	35°	14°	21°
1911	Abril	31°	9°,5	21°,5
1912	Julho	27°,6	5°,6	22°
1913	Agosto	21°,5	1°,4	20°,1
1914	Maio	24°,7	4°,7	20°
1915	Outubro	26°,3	6°,4	19°,9
1916	Março	28°,7	9°	19°,7
1917	Junho	25°,6	5°,4	20°,2
1918	Julho	29°,7	8°,4	21°,3
1919	Janeiro	37°,7	18°,5	19°,2
1920	Setembro	28°,3	8°,5	19°,8
1921	Junho	25°,8	5°,9	19°,9
1922	Setembro	28°,6	9°,6	19°
1923	Janeiro	33°,6	13°,8	19°,8
1924	Novembro	37°,5	16°,1	21°,4
1925	Agosto	31°,8	12°,1	19°,7
1926	Março	35°,8	15°,6	20°,2
1927	Dezembro	34°,3	15°	19°,3

As oscilações anuais das médias mensais de temperaturas registadas, no Estado do Rio Grande do Sul, variam entre 9°,5 C. e 12°,3 C.; o maior valor foi registado para a área limitada pelos vértices — Quaraim, São Gabriel e Erval; o valor mínimo das amplitudes das médias mensais foi observado no planalto, ao nordeste do Estado, devido à altitude e à posição dessa região.

Os dias de mais alta temperatura do ano ocorrem entre 15 de dezembro e 31 de janeiro; raramente se tem registado temperaturas máximas absolutas em outros períodos.

Os valores mínimos absolutos ocorrem nos meses de junho e julho; algumas vezes são registados em maio, raramente em agosto ou outubro.



GRÁFICO
das precipitações pluviais de 1940 (Mapa do D.E.E.).

Em rigor, não se pode estabelecer, para o tempo do Estado do Rio Grande do Sul, uma divisão em estação sêca e estação de chuvas; tôdas as informações registadas permitem sòmente afirmar que, no período de março a setembro, compreendendo todo o outono, inverno e princípios da primavera, as quantidades de chuvas são maiores do que nos outros meses do ano.

Em geral podemos afirmar que o clima sul-riograndense participa das caraterísticas dos tipos super-úmido do litoral e semi-úmido continental, como modalidades regionais segundo a altitude, a latitude, a longitude, os ventos, a umidade, as chuvas e as estações.

ESQUEMA METEOROLÓGICO — RIO GRANDE DO SUL

	INFORMAÇÕES FORNECIDAS PELAS ESTAÇÕES				
	Caxias	Uruguaiana	S. Maria	P. Alegre	S. Vitória
Latitude austral	29°10'	29°45'	29°45'	30°01'	33°31'
Longitude W. Gr.	51°12'	57°01'	53°48'	51°10'	53°21'
Altitude s/n/mar — metros —	760	76	139	15	7
Temperatura sensível (centígrado)	14°	16°,8	16°,9	16°,7	14°,7
Temperatura média (centígrado)	15°,9	19°,9	19°,5	19°,1	16°,4
Temperatura média das máximas (C°)	22°,8	25°,8	26°,1	24°,5	21°,6
Temperatura média das mínimas (C°)	11°,5	14°,3	13°,4	14°,2	12°
Temperatura máxima absoluta (C°)	34°	42°	41°,2	39°,6	28°,3
Temperatura mínima absoluta (C°)	— 6°,8	0°	— 2°,4	— 1°,5	— 5°,2
Umidade relativa %	82,4	73,9	77,9	74,9	83,1
Chuvas (quantidade de) — mm	1983	1351	1807	1299	1266
Dias de chuvas — n.°	137	90	113	110	95
Dias claros — n.°	96	131	97	84	106
Dias encobertos — n.°	124	94	92	105	121
Ventos dominantes	N.W.-S.E.	S.-E.-E.	S.-E.	S.-E.	N.-E.-S.-W. S.-W.
Pressão barométrica — mm	697	755,8	749,8	760,8	760,8



CLIMA: NEVE — FENÔMENO SINGULAR DA PAISAGEM RIOGRANDENSE

Caxias, situada a 760 m de altitude, por vezes trava conhecimento com a neve, nos meses frios de julho e agôsto.



CLIMA: NEVE

Vista pitoresca da paisagem riograndense, por certo desconhecida da maioria dos brasileiros.

III PARTE

SÍNTESE GEOGRÁFICA REGIÕES NATURAIS

1 — Planalto
2 — Maciço
3 — Cochilhas
4 — Depressão transversal
5 — Litoral

O território do Estado do Rio Grande do Sul está rodeado de linhas limítrofes determinadas quase em tôda a sua extensão pela Natureza, donde possibilidade de, combinando os fatos geográficos, caraterizar com facilidade as suas "regiões naturais".

Chamamos "REGIÃO NATURAL" A UM TERRITÓRIO CARATERIZADO POR FATOS GEOGRÁFICOS ESSENCIAIS E PRÓPRIOS.

Como "fatos geográficos essenciais" consideramos os seguintes:

1.º — Estrutura geológica.
2.º — Relêvo do solo.
3.º — Clima.
4.º — Vegetação (Formação vegetal).
5.º — Modalidade da vida humana.

Sem o conhecimento da estrutura geológica não é possível realizar a explicação da origem do relêvo duma certa região; as ações das fôrças endógenas, orogênicas e vulcânicas criaram o relêvo do nosso território, onde se observam um planalto com quatro planuras, bem como vales e encostas abruptas, modalidades de formas topográficas que se destacam fàcilmente na superfície do nosso Estado, embora modificadas na sucessão das seqüências pelos efeitos das fôrças naturais exógenas, principalmente as influências das águas correntes e meteóricas, a-par das ações climáticas.

Combinando-se os "fatos geográficos" e atendendo às caraterísticas predominantes das "formações superficiais" o território sul-riograndense pode ser dividido em "regiões naturais", o que tem grande interêsse para o estudo moderno da geografia física e econômica.

As "formações superficiais" são divididas em dois grupos: o primeiro grupo, mais importante, compreende aquelas formações que resultam da decomposição no mesmo local das rochas subjacentes; — o segundo grupo resulta de fenômenos de transporte, devidos à ação das águas correntes.

O conhecimento das "formações superficiais", a-par da sua extensão, em grande área ou superfície, imprime à PAÏSAGEM duma REGIÃO NATURAL um aspecto particular, que se reflete no conjunto.

Assim, orientado no estudo da geografia pelo moderno conceito e método das escolas francesa e americana, coordenando abundantes informações geológicas, geográficas e estatísticas, foi possível ao autor apresentar à Junta Executiva Regional do Rio Grande do Sul, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Govêrno Federal, um esbôço morfográfico do nosso Estado.

Escrevemos as presentes linhas com o objetivo de justificar a divisão do Estado do Rio Grande do Sul, em "regiões naturais", conforme o nosso critério, apoiado na verdade científica, pois o estudo da geografia não pode ficar limitado à simples enumeração dos acidentes; nosso modesto trabalho, pequeno esbôço morfográfico, procura ser útil à coletividade, obedecendo ao sentido interpretativo da ciência de Humboldt e de Ratzel, de Homem de Melo e Delgado de Carvalho. Reconhecemos a importância do estudo das formas topográficas, segundo o seu caráter externo de altitude, a-par da estrutura geológica, do tipo de vegetação, da noção de clima e da modalidade de vida nos fundamentos da nossa divisão do Rio Grande do Sul, em "regiões naturais".

Fizemos algumas observações, realizamos comparações, para chegar a indução e dedução.

Estendendo-se o território do Estado do Rio Grande do Sul na zona térmica temperada austral, levando-se em consideração a variabilidade dos acidentes em relêvo e a païsagem com aspectos diferentes, podemos dividí-lo em cinco "REGIÕES NATURAIS", que denominamos:

1.ª — Região do planalto
2.ª — Região do maciço
3.ª — Região das cochilhas
4.ª — Região da depressão transversal
5.ª — Região litórea.

A região do planalto fica situada ao norte do "paralelo aquático", formado pelos rios Ibicuí e Jacuí, que correm aproximadamente a 30º de latitude sul; as três restantes "regiões naturais" ficam situadas na parte sul do mesmo paralelo; a região litórea, com inflexão nordeste-sudoeste, fugindo do meridiano de 49º42'41" W. Gr. para o meridiano de 53º25'21", ainda ao W. Gr., é banhada pelo Oceano Atlântico, deixando observar uma só barra praticável à navegação, a barra do Rio Grande de São Pedro.

1.ª — REGIÃO DO PLANALTO

Nos terrenos que formam o PLANALTO sul-riograndense, que é parte integrante do PLANALTO MERIDIONAL BRASILEIRO, encontramos rochas caraterísticas da série mesozóica e do período triássico (era secundária), cobrindo as rochas do arqueolítico, em grande espessura.

As rochas do sistema triássico são representadas no planalto pelos arenitos moles avermelhados, do tipo do GRÉS, quasi sempre associadas às ro-



CLIMA

Palmeiras sob a cerração.

chas eruptivas do tipo do DIABASIO e DIORITO, que se apresentam em diques ou lençóis (TRAPPA). Também são encontradas rochas vizinhas dos TRAQUITOS e dos BASALTOS, isto é, rochas microlíticas, que demonstram ter existido alguns vulcões (era terciária).

As rochas eruptivas desta região apresentam uma estrutura amigdalóide, dando origem às diversas formas de geodes de calcedônia, de ágata e de quarzo; é esta a formação caraterística da "bacia do Uruguai", onde o solo é atualmente coberto de "TERRA ROXA", resultante da decomposição de rochas eruptivas básicas, do tipo do DIABÁSIO.

Não devemos esquecer que a decomposição superficial dos TRAQUITOS e dos BASALTOS dão nascimento às ARGILAS CINZENTAS e NEGRAS, bem como o GRÉS SILICOSO (arenito silicoso), de grão extremamente fino, não são atacados quìmicamente pela água da chuva; o GRÉS SILICOSO sofre ação mecânica da água corrente, dando nascimento a uma camada de AREIA.

As ARGILAS desta região podem, ainda, ter origem na alteração de XISTOS ARGILOSOS, mesmo os mais duros.

A "TERRA ROXA" que constitue a formação superficial do planalto, caraterizada pela sua côr roxa, mais ou menos avermelhada, recebeu na Argentina o nome de LATERITA (de later gr. = tijolo). A "TERRA ROXA" resulta no nosso Estado da decomposição do DIABÁSIO, verdadeiras lavas vulcânicas, que se resfriaram na superfície da terra ou próximo a ela.

O ilustrado professor John C. Branner, presidente e lente de geologia na Universidade de Stanford, na Califórnia, E.U.A.N., que viveu longos anos de pesquisas em nosso país, escreveu o seguinte, à página n.º 144, de sua "Geologia elementar": ..."a nordeste de Pôrto Alegre até a fronteira argentina são (os terrenos) cobertos com a mesma rocha trapiana que é encontrada em São Paulo, Paraná e Santa Catarina".

"Certos fatos, porém, parecem provar que o lençol de lava consta de muitos derramamentos que são aproximadamente da mesma idade geológica (Era terciária: período mioceno e plioceno)."

O PLANALTO SUL-RIOGRANDENSE, outrora denominado "zona de Cima da Serra do Rio Grande de São Pedro", como se lê em documentos dos séculos XVII e XVIII, oferece na sua fisionomia geográfica QUATRO PLANURAS, cobertas por uma — FLORESTA —, isto é, seu território tem uma formação vegetal onde crescem matas grandes e densas, — exploradas pelo homem desde o início da colonização espanhola e portuguesa da América.

No planalto, nos locais de disjunção da floresta, existem CAMPOS próprios para a criação de gados, pois são revestidos de tapetes vegetativos forrageiros, oferecendo ainda abrigo e aguada nos CAPÕES DE MATO, êstes situados nas pequenas depressões.

Estas planuras são designadas pelos nomes seguintes:

1.ª — Planura de São Francisco de Paula
2.ª — Planura da Vacaria
3.ª — Planura de Cruz Alta
4.ª — Planura das Missões.

A PLANURA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA, em situação mais oriental, tem a altitude média de 900 metros; é, em rigor, limitada pela isotérmica média ânua de 15° C. Compreende os territórios dos municípios de Bom Jesús, São Francisco de Paula e a parte norte e elevada do município de Santo Antônio. A isotérmica caraterística passa na altitude média de oitocentros metros.

A PLANURA DA VACARIA, formada pelos territórios municipais da Vacaria, Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Soledade, Júlio de Castilhos, Guaporé, Prata, Alfredo Chaves, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Caxias, Farroupilha e Garibaldi, tem altitude média de 600 metros; está limitada ao ocidente pela linha isotérmica média ânua de 17° C.

Constitue como que o segundo degrau ocidental do planalto, deixando observar uma inclinação suave para sudoeste.

A isotérmica média passa na altitude média de seiscentos metros.

A PLANURA DE CRUZ ALTA compreende os territórios municipais, que têm como sede Erechim, Getúlio Vargas, Palmeira, Carasinho, Ijuí, Cruz Alta, Tupãciretã, Santiago do Boqueirão, Jacuí, Candelária, Santa Cruz, Venâncio Aires, Lageado, Arroio do Meio, Encantado e Estrêla. É limitada ao ocidente pela isotérmica média ânua de 19° C., a qual passa na altitude média de quatrocentos metros.

A PLANURA DAS MISSÕES tem altitude média de 300 metros, sendo percorrida, em parte, ao ocidente, pela linha isotérmica média ânua de 20° C., que corta o rio Uruguai, com concavidade voltada para o interior da América do Sul. Compreende os territórios municipais de Iraí, Santa Rosa, Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga, São Borja, Itaquí, São Francisco de Assis e Jaguarí.

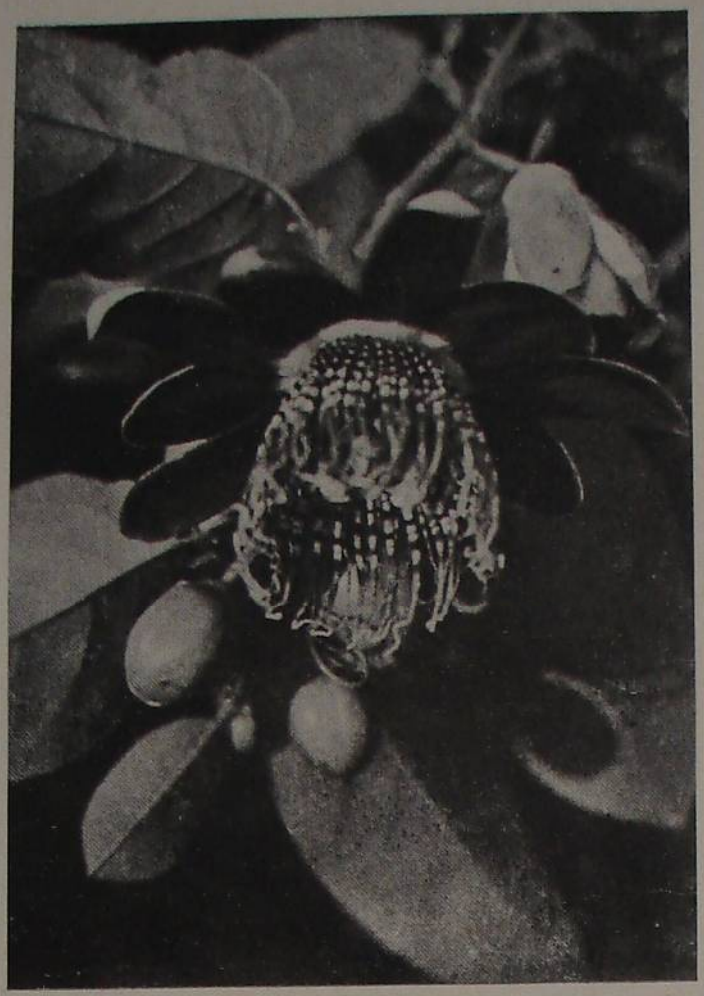
Em rápida síntese geográfica-botânica e conforme exige o estudo das condições edáfitas, somos obrigados a reconhecer que o planalto oferece um tipo de vegetação tendo a mesma fisionomia (formação vegetal) — A FLORESTA —, onde a forma vegetal dominante é o pinheiro brasileiro (Araucaria brasiliana, de Lamb.); seguem-lhe o gerivá (Cocos Romanzoffiana, de Cham); o angico (Acacia Angico, de Mart.); erva-mate (Ilex paraguayensis, de St. Hil.).

Dada a unidade da natureza físico-química do solo, em tôda a extensão do planalto, a condição edáfita que condiciona a adaptação comum



PAISAGEM TÍPICA

Estrada entre campinas e roçados, na zona agrícola.



FLOR DE MARACUJÁ

das plantas dum grupo ao meio é a de ALTITUDE, a-par dos elementos constitutivos do clima — como temperatura, estado higrométrico, nebulosidade, ventos, evaporação e chuvas.

A sede municipal de maior altitude, no planalto, é Bom Jesús, com 1000 metros, onde a temperatura média ânua é a mais baixa, registada no nosso Estado (15° C.).

2.ª — REGIÃO DO MACIÇO

A REGIÃO DO MACIÇO é caraterizada pela natureza da estrutura geológica, que em pequena profundidade deixa observar as rochas cristalinas da crosta primitiva da Terra, as quais algumas vezes se apresentam mesmo à superfície do solo, como se observa em Pedras Altas ou nos arredores de Pôrto Alegre e Viamão.

A "formação superficial" da região do maciço resulta da ação química da água meteórica (água das chuvas).

As águas meteóricas contêm oxigênio e ácido carbônico, produzindo fenômenos de CORROSÃO e de DISSOLUÇÃO, quando agindo ao contato das rochas cristalinas do tipo do GRANITO e do GNEISSE.

Os três minerais predominantes nas rochas do nosso maciço são o QUARZO, um FELDSPATO e a MICA; o quarzo e a mica não são atacados quìmicamente pela água meteórica; porém, os feldspatos, que são silicatos alcalino-terrosos, se decompõem fàcilmente.

A alteração e decomposição dos feldspatos (quer do gênero feldspatidas: ortoclasita, microclino, albita, anortita, labradorita, oliglocasita; quer do gênero feldspatóides: leucita, nefelita, hauita, lazulita) retira ao granito sua coesão; no correr dos tempos, o GRANITO está transformado em AREIA GRANÍTICA, dando pela transformação química dos feldspatos CAOLIM e ARGILAS comuns.

No seio das areias graníticas subsistem algumas vezes fragmentos arredondados de granito, como se observa em determinados pontos desta região. O GNEISSE também pode dar origem à AREIA GNÉISSICA, contendo fragmentos de quarzo e minerais acessórios, que constituiam parte integrante da rocha cristalina antes da desagregação.

A região do maciço continua ao nordeste com o planalto, comunicando-se pelos territórios dos municípios de Pôrto Alegre, Viamão, Santo Antônio e São Francisco de Paula, percorridos pela antiga "estrada da Serra" (Roteiro de 1745).

A região do maciço compreende os territórios dos municípios de Arroio Grande, Caçapava, Canguçú, Encruzilhada, Guaíba, Erval, Jaguarão, Lavras, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Pôrto Alegre, São Gabriel, São João de Camaquã, São Lourenço, Tapes e Viamão.



LÍRIO DO BREJO



FLORA

Figueira enroscada numa palmeira

A região do maciço tem uma altura de 425 metros, em Caçapava (sede do município); em Pôrto Alegre, no morro de Santana, tem a altura de 314 metros.

Sob o ponto de vista do elemento essencial do clima, a TEMPERATURA, podemos afirmar que a região do maciço é circunscrita pela isotérmica média ânua de 17° C., como se verifica dos dados colhidos durante mais de vinte anos, pelo Serviço Meteorológico do Rio Grande do Sul (Instituto Coussirat de Araújo — Escola de Engenharia).

O estudo do agrupamento natural das plantas da região do maciço, que lhe imprime uma fisionomia caraterística, leva ao observador a afirmar da existência duma "formação vegetal" própria, que denominamos PARQUE, isto é, terrenos onde crescem "árvores de madeiras" sôbre gramados verdes; o "tipo de vegetação" é representado pelos dicotiledôneos, sendo forma vegetal caraterística o louro (Cordia hypoteuca de D. C.) e o cedro (Cedrela fissilis de Vel.); no estrato superficial encontramos Amarantáceas, Verbenáceas, Labiadas e Compostas.

A modalidade de vida desta região obedece à estrutura geológica; onde se apresentam as rochas cristalinas e foram localizadas jazidas de minerais importantes, o homem realiza trabalhos de exploração de minas; sôbre os tapetes verdes há criação de gado bovino, ovino e cavalar; nos rebordos do maciço e no seu sopé, existindo PLANÍCIE ALUVIAL, o homem dedica-se à cultura de cereais, principalmente do arroz.

3.ª — REGIÃO DAS COCHILHAS

Chamamos "região das cochilhas" ao território constituído pelos municípios de Quaraí, Rosário, Livramento, Dom Pedrito e Bagé, tomando como caraterística predominante a estrutura geológica e o acidente de relêvo baixo do solo.

A região é caraterizada por uma "formação superficial" igual à do planalto, (1) na parte de oeste, em dois têrços da área do município de Quaraí e em um têrço do município de Rosário; para o restante da superfície desta região a "formação superficial" deixa observar ARENITOS (2) das séries de Santa Maria, Iratí e Tubarão; êstes arenitos são sedimentos permotriássicos, que se misturaram ao oriente com material aluvial proveniente da região do maciço.

A "REGIÃO DAS COCHILHAS" apresenta uma série de colinas ou pequenas montanhas, com altitude raramente superior a 200 metros; nas depressões locais existem depósitos aluviais, contendo areia, argila e fragmentos de sílex, com certa quantidade de calcáreo; verifica-se que esta região participa das estruturas geológicas do planalto e do maciço.

Não tem uma isotérmica caraterística; é limitada pela linha isotérmica de 19° C. ao oeste e pela isotérmica de 17° C. a leste; a primeira vem do planalto, percorre tôda a região da depressão transversal, para atingir finalmente a parte setentrional e ocidental da "região da cochilha"; a segunda linha isotérmica é a que circunscreve o maciço.

A formação vegetal própria desta "região natural" é o CAMPO, isto é, terreno onde crescem plantas rasteiras e alguns vegetais de pequeno tamanho. A forma vegetal predominante é o capim flecha (Flechilha = Stipa Neesiana, de Ness.); encontra-se ainda a palha de Santa-Fé (Teto de Rancho = Panicum Prionites, de Ness.), bem como palha de penacho (Gynerim argenteum, de Ness.).

A modalidade de vida da "região das cochilhas" é a criação de gado de corte, de cavalos e de ovelhas.

Como verdadeira "área de contato" de duas regiões naturais, — o planalto e o maciço, — o triângulo territorial sul-riograndense que tem como vértice as cidades de Rosário, Quaraí e Bagé, forma o teatro das epopéias farroupilhas; as ossadas dos cidadãos brasileiros mortos em campanhas gloriosas, confundidas nas poeiras das estradas, nutrem belos trigais e tenras gramíneas, assegurando a vitória da raça nascida da energia paulistana e fé inquebrantável do açoriano.

4.ª — REGIÃO DE DEPRESSÃO TRANSVERSAL

Chamamos "região transversal" à parte do território sul-riograndense banhada pelas águas do "paralelo aquático", isto é, pelos rios Jacuí-Vacacaí e rios afluentes da margem esquerda do Ibicuí.

Caraterística importante desta região é o fato mesmo, de ser percorrida em tôda sua extensão, a partir do centro do Estado em direções opostas, pelos rios Jacuí-Vacacaí, pertencentes à bacia oriental, que corresponde às grandes lagoas, e, pelos rios Ibicuí-Cacequí-Santa Maria, que pertencem à bacia ocidental, também chamada do rio Uruguai.

A "região da depressão transversal" é perfeitamente reconhecida, estudando o perfil da linha tronco da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, no ramal principal de Pôrto Alegre-Santa Maria-Uruguaiana.

A nomenclatura desta região está no fato de ter-se originado numa colossal sinclinal, outrora entulhada pelos sedimentos triássicos e, hoje, após ações continuadas das águas correntes e meteóricas, apresenta um abaixamento de nivel tal, que è dominado pelos territórios vizinhos.

Incluimos na "região da depressão transversal" os municípios de Alegrete, Cachoeira, Gravataí, Montenegro, Novo Hamburgo, Rio Pardo, Santa

(1) Diabásio alterado = Terras roxas ou laterita
(2) Grés.



FLORA

Figueira estrangulando uma palmeira (Chácara Três Figueiras).

Maria, Santo Amaro, São Jerônimo, São Leopoldo, São Pedro, São Sebastião do Caí, São Sepé, São Vicente, Taquara, Taquarí, Triunfo e Uruguaiana.

A média de altitude das sedes municipais desta região é de 68 metros.

A fisionomia geográfica desta região deixa observar, em superfície notável, grande quantidade de materiais que foram transportados pelos rios; — nas margens e nas planícies circunvizinhas os cursos fluviais depositaram aluviões e limo fértil.

A isotérmica média ânua é de 19° C.

Como expressão de adaptação comum das plantas às condições do meio, reconhecemos que a "formação vegetal" caraterística é a MATA CILIAR, isto é: terreno onde crescem árvores silvestres.

Como formas dominantes na vegetação regional podemos citar: a figueira do mato (Ficus subtriplinervia, de Mart.); a guajuvira (Patagonula Americana, de L.); ingá verde (Ingá virencens, de Benth).

Para a boa compreensão da "face" do território sul-riograndense devemos recordar ao leitor que, durante a era primária, no período devoniano, a América do Sul, a África, o Indostão e a Austrália constituiam o "CONTINENTE EQUATORIAL" (vide Geo. Min. Tupi Caldas, pág. 272, fig. 148, mapa). Posteriormente, no período permiano, desenvolveu-se, no hemisfério austral, a TERRA GONDWANA.

Na era secundária, no período jurássico, o território sul-riograndense pertenceu ao "CONTINENTE AFRICANO-BRASILEIRO", formado pelo Brasil e pela África, menos a região da Montanha do Atlas, alcançando a Arábia. O limite geográfico dêste continente era a Oeste a geosinclinal dos Andes e a Leste a geosinclinal de Moçambique. Foi na era terciária que se processou a formação do Oceano Atlântico, pela fragmentação dos continentes Norte-Atlântico e Africano-Brasileiro.

A configuração geográfica atual deve datar da era quaternária, período pleistoceno, conforme ensinam os melhores mestres, entre êles o professor Schimper.

Assim, o escarpado planalto sul-riograndense, que limita ao norte a "depressão transversal", originou-se da ruptura do Continente Africano-Brasileiro, sofrendo, posteriormente, a ação dos movimentos tectônicos, que determinaram o levantamento dos Andes, cordilheira situada ao ocidente americano.

Os efeitos tectônicos da poderosa elevação da cadeia andina agiram de tal modo ao oriente, que levaram a crosta primitiva sul-riograndense a levantar-se, envergando o bordo oriental, a ponto de fendê-lo superficialmente, como se verifica pelo desnivel das rochas cristalinas, que afloram em Pôrto Alegre e Bom Jesús, com a diferença de mil (1000) metros, em altitude. Outrossim, deve-se notar que o relêvo dos municípios da "região do maciço" está levantado sôbre um sistema de enrugamento isoclinal, pois são partes integrantes da verdadeira Serra do Mar, que, aparecendo ao norte da cidade de Pôrto Alegre, continua para o interior do Estado, com a nomenclatura de Serra dos Tapes e Serra do Erval, ao sul do paralelo de 30°.

O relêvo predominante do solo sul-riograndense — o PLANALTO — deixa, sòmente, observar parte da escarpa oriental e tôda a escarpa austral do "grande planalto meridional do Brasil"; não é uma serra, pròpriamente dita. No entanto, é a esta escarpa que os nossos colegas continuam a dar o nome de "Serra Geral" (1) e, cometendo maior êrro, chegam a confundir com a "Serra do Mar".

A encosta, escarpa ou talude do planalto sul-riograndense, impròpriamente denominada Serra Geral, é uma TESTEMUNHA DO DESABAMENTO DO CONTINENTE AFRICANO-BRASILEIRO, na era terciária; suas rochas são sedimentárias (Arenitos), depositadas durante o fim da era primária e tôda a duração dos tempos secundários, apresentando ainda camadas de diabásio, em formidável derramamento de lava terciária, como se observa ao longo de sua escarpa e no afloramento das Tôrres, na vertente nordeste, que cai para o Oceano Atlântico.

Outrossim, rochas do tipo BASALTITO, rochas terciárias, são encontradas na parte central e ocidental do planalto.

O relêvo da "região do maciço" representa geològicamente o "maciço arqueano brasileiro", que forma a verdadeira Serra do Mar, a qual nasce ao norte da cidade de Campos, no Estado do Rio de Janeiro, com altitude de 1.150 metros, na Pedra Lisa, percorre o litoral austral, com muitas "FALHAS", prolongando-se pelo Estado do Rio Grande do Sul, onde se apresenta ao norte da cidade de Pôrto Alegre, tendo na estrutura geológica — gneisse, granito e micaxistos.

É a "falha geológica" situada ao norte dos municípios de Pôrto Alegre e Viamão, que faz surgir a encosta abrupta do planalto, belíssima muralha de arenito e diabásio, que se apresenta nas Tôrres, como ponto avançado e oriental da nossa terra.

No rebordo da Serra do Mar, voltado para o norte, se apresenta nos municípios de Gravataí e Osório, a formação permo-triássica que percorre a "região da depressão transversal", em grande extensão, pois continua para oeste, ao longo do "paralelo aquático" nos terrenos austrais.

É no seio desta formação da era primária que se encontram as jazidas de carvão, exploradas principalmente no município de São Jerônimo.

A "região da depressão transversal" oferece as maiores comodidades e vantagens ao homem civilizador.

---

(1) Que continua na direção Leste-Oeste, com os nomes locais de São Pedro, Botucaraí, São Martinho, São Xavier e Igoraiaçá.



FLORA

Cactus.

As populações colonizadoras, quer da corrente luso-brasileira de São Vicente e Laguna, no século XVII, quer as correntes imigratórias de alemães e italianos, no século XIX, procuraram edificar os seus primeiros estabelecimentos, futuras vilas e cidades, nos territórios desta região; posteriormente, atingiram as ricas planuras, despojados os índios da propriedade natural, em conformidade com a lei geográfica e histórica "de que os fortes tomam dos fracos os melhores bocados de território".

Foi a vida e organização social modelada nas altas trincheiras do planalto meridional brasileiro, que determinou o desenvolvimento nas populações paulistanas de um forte sentimento de independência, de conquista e de amor pelos vales do Uruguai, Ibicuí, Jacuí e Camaquã.

O elemento colonizador luso-brasileiro, fixado no vale do Jacuí, com acantonamento em Rio Pardo, bate-se durante mais de um século, com heroísmo e determinação cívica, contra quem vinha desalojá-lo.

5.ª — REGIÃO LITÓREA

Chamamos "REGIÃO LITÓREA" do Estado do Rio Grande do Sul a parte do território que compreende os municípios de Tôrres, Osório, São José do Norte, Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, todos banhados ao oriente pelo Oceano Atlântico.

Esta "região" foi edificada, geològicamente, pelo mar — Oceano Atlântico —, sôbre um molhe de seixos e de areia, com material arrancado da Serra do Mar e depositado na "dobra tombada" do enrugamento, que mergulha para leste.

A costa sul-riograndense começou a se formar, em tempos muito remotos; quando fixados os limites do maciço brasileiro, apareceram os primeiros BAIXIOS, que, recebendo as acumulações de sedimentos, constituiram "bancos de areia", depois "ilhas", e finalmente as suas longas "penínsulas", que separaram as águas doces das águas salgadas.

Um corte transversal do "CORDÃO LITÓREO" deixa observar sôbre a face voltada para o mar dois "TERRAÇOS", indicando os diferentes niveis de altas "MARÉS" e das "TEMPESTADES"; a face voltada para o ocidente se abaixa lentamente para as margens das "LAGOAS".

Êstes "cordões litóreos", geralmente desenhando fraca curvatura, substituiram o traçado mais ou menos retalhado das "PRAIAS PRIMITIVAS"; êles participaram, assim, da regularização da costa; as "praias primitivas" acabaram entulhadas pelo mar e pelas dunas, pois, fechadas as chanfraduras das antigas praias, se transformaram em "LAGOAS", raramente conservando uma comunicação com o mar.

Porém, não devemos esquecer que os materiais arrastados pelas "águas fluviais" contribuiram em grande parte na formação dos "cordões litóreos", concorrendo para um melhor acabamento das "lagoas".

Deparam-se-nos na "região litórea" numerosas "lagoas"; assim, no município de Tôrres existem as seguintes: Paula, Forno, Jacaré e Itapeva; no município de Osório, a já citada Itapeva e mais as lagoas Marcelino, a Peixoto, a Pinguela, a Barros, Cidreira, Fortaleza, Negra, que sao as principais; no mesmo município de Osório existem ainda mais vinte e seis lagoas; as lagoas Marcelino, Peixoto e Pinguela estao ligadas por um sistema de canais, construido pelo Govêrno do Estado, facilitando as comunicações na região.

No município de São José do Norte encontram-se a lagoa Barros, que se prolonga para o município de Osório, com quarenta quilometros, bem como a Bujurú, a do Rincão do Veado e a da Charqueda e mais seis menores.

Nos municípios do Rio Grande existem as lagoas Caiuva, Flores e Jacaré; no de Santa Vitória estão situadas as lagoas Embira, Formosa e Pacheco, enquanto a lagoa Mangueira fica encravada nos territórios municipais de Rio Grande e Santo Vitória.

As águas orientais da lagoa Mirim banham terras dos municípios do Rio Grande e Santa Vitória, enquanto as águas orientais da lagoa dos Patos banham terras de Conceição do Arroio, São José do Norte e Rio Grande.

Assim, podemos afirmar que, no atual momento, a "região litórea" tem a formação de uma "costa aluvial" ao ocidente e de uma "costa marítima" ao oriente, à que se segue a "PLATAFORMA CONTINENTAL", isto é, a faixa marinha que acompanha as terras com profundidade até duzentos metros.

A costa sul-riograndense é baixa, arenosa e semeada de lagoas; o acesso ao interior do Estado é dado pela barra do Rio Grande, onde o homem realizou trabalho de defesa contra o mar, executando as obras do pôrto respectivo.

O aspecto exterior da nossa costa atlântica permite classificá-la, sob o ponto de vista social e econômico, como COSTA DE DISPERSÃO; isto é, privada de articulações litóreas, com um único pôrto praticável, na extensão de 622 QUILÔMETROS, condicionou a formação de agrupamentos humanos, não ao longo do seu território, mas nos estuários dos rios interiores.

FORMAÇÕES PALEONTOLÓGICAS NO RIO GRANDE DO SUL

Por CARLOS DE PAULA COUTO

Sob o ponto de vista paleontológico, o Rio Grande do Sul é um dos Estados do Brasil que mais têm contribuido para o progresso científico nacional.

Até pouco tempo, pouco se conhecia da Paleontologia gaúcha, mas, ùltimamente, as descobertas de fósseis que têm sido feitas no Estado, por expedições científicas nacionais e principalmente estrangeiras, atingem um número já tão elevado que lhe valeram o cognome de "celeiro paleontológico".

Entre as expedições estrangeiras que têm explorado o Estado, em busca de fósseis, citamos — como as mais importantes — a que a Universidade de Tübingen nos enviou, em 1928, sob a chefia do célebre paleontologista barão Friedrich Freiherr von Huene, especialista em répteis permo-triássicos (Alemanha) e a expedição que a Universidade de Harvard (Massachusetts, Estados Unidos) nos enviou, em 1936, sob a chefia do não menos ilustre paleontologista Llewellyn Ivor Price. Huene já nos deu, em síntese, o resultado de seus estudos, sôbre o material que daquí levou. A Universidade de Havard prometeu-nos fazer o mesmo, mas devemos esperar ainda algum tempo, antes que tenhamos ciência do resultado dos trabalhos que os seus técnicos vêm realizando sôbre a importante coleção de fósseis que, aquí, coletou Price, em 1936, pois êsses trabalhos são mui minuciosos e, portanto, mui demorados.

Na explanação que faremos, a seguir, de nossas formas fósseis, adotaremos o método sistemático, isto é, citaremos cada uma dentro da ordem, sub-ordem, família, etc., a que pertence.

I PARTE

PALEOZOOLOGIA

RAMO DOS INVERTEBRADOS

O número de invertebrados fósseis, até agora descobertos no Estado, é insignificante. Restos de conchas de lamelibrânquios (OSTRÉA VIRGINIA, O. PULCHENER e O. BRASILIENSIS) e gasterópodos, descobertos na região litorânea, de formação recente (Pleistoceno), são os únicos representantes indubitáveis dos invertebrados fósseis que conhecemos, até hoje, no Estado.

RAMO DOS VERTEBRADOS

Entre os vertebrados, as classes dos répteis e mamíferos são as únicas que até agora se citam, como representadas por espécimes fósseis, no Rio Grande do Sul. Entre os répteis, predominam no Estado os da idade triássica; entre os mamíferos, são comuns muitos dos gêneros caraterísticos do Pampeano da Argentina e Uruguai.

Classe reptilia

Os répteis fósseis do Rio Grande do Sul distribuem-se pelas cinco ordens seguintes: Theromorpha, Mesosauria, Rhynchocephalia, Thecodontia e Dinosauria.

I — ORDEM THEROMORPHA

Esta ordem encerra répteis terrestres primitivos, cujo esqueleto apresenta muitas afinidades com o dos mamíferos. São répteis mui antigos.

A — Sub-ordem Dicynodontia

Répteis de talhe mui variável, oscilando entre o de um rato e o de um tapir ou mesmo de um rinoceronte.

Permiano médio e superior e Triássico do sul da África, sul do Brasil, Índia, norte da Rússia, Escócia.

a) Família Dicynodontidae

Dentes reduzidos a um simples par de presas, no maxilar superior, ou completamente ausentes.

DICYNODON Owen. No Rio Grande do Sul, restos de animais dêste gênero foram encontrados em terrenos triássicos (camadas do Rio do Rasto). O prof. Tupí Caldas, estudando um crânio, coletado em São Pedro, por Vicentino Prestes de Al-

meida e pertencente ao Museu do Estado, comparou-o ao DICYNODON SOLLASSI Huene, do sul da África, propondo para o mesmo a denominação genérica de DIODONTOSAURUS e a específica de D. PEDROANUM. Cremos que se trate do D. TURPIOR, de Huene, fundado sôbre restos, coletados em nosso Estado por aquele especialista. O D. TENER, também de Huene, espécie um tanto pequena, de menor talhe e menos freqüente que o D. TURPIOR, é também do Trias sul-riograndense.

STAHLECKERIA Huene. Êste gênero, que é vizinho do KANNEMEYERIA sul-africano, foi estabelecido para designar grandes dicinodontidos do Trias do Rio Grande do Sul. O STAHLECKERIA POTENS Huene é das camadas do Rio do Rasto, de Santa Maria, e o STAHLECKERIA LENZII Price, o maior dicinodontido até hoje descoberto, é da mesma formação geológica, mas provém de Candelária.

B — Sub-ordem Theriodontia

Entre os teromorfos, os teriodontes são os que apresentam tendência mais nítida para a classe dos mamíferos. Talhe variável entre o de uma lontra e o de um leão.

Permiano e Triássico. O CYNOGNATHUS, gênero tipo, é do Trias sul-africano.

TRIBU CYNODONTIA

De todos os répteis conhecidos, os teromorfos desta tribu são os que mais se aproximam dos mamíferos.

a) Família Chiniquodontidae

Esta família e a seguinte (Traversodontidae) foram fundadas por Huene, para cinodontes próprios do Rio Grande do Sul.

CHINIQUODON Huene. Fundado sôbre um pequeno crânio e outras peças. Trias de Chiniquá, município de São Pedro (CHINIQUODON THEOTONICUS Huene).

BELESODON Huene. Fundado sôbre um crânio completo e partes essenciais do esqueleto. B. MAGNIFICUS Huene, de talhe médio. Trias de São Pedro. Segundo Price, a missão enviada, em 1936, pela Universidade de Harvard, ao Rio Grande do Sul, coletou, no município de Candelária, um crânio que parece pertencer a um BELESODON.

b) Família Traversodontidae, Huene

Mais ou menos semelhantes aos chiniquodontídeos.

GOMPHODONTOSUCHUS Huene. Um resto de crânio, encontrado, em 1927, pelo Dr. Guilherme Ráu, na formação triássica do Rio do Rasto e nas proximidades de Santa Maria, foi reconstituído e descrito por Huene como G. BRASILIENSIS que se aproxima, segundo o autor, sob certos pontos de vista, da tribu BAURIAMORPHA, sul-africana, e, por outros, dos DIADEMODONTIDOS, também da África meridional.

TRAVERSODON Huene. Gênero tipo, fundado sôbre um crânio incompleto e partes do esqueleto. Trias do Rio Grande do Sul. TRAVERSODON STAHLECKERI e TRAVERSODON (?) MAJOR, de Huene.

II — ORDEM MESOSAURIA

Pequenos répteis aquáticos ou anfíbios, primitivos, de corpo alongado.

MESOSAURUS Gervais. Os primeiros restos de animais dêste gênero foram descobertos no sul da África (formação Karroo inferior), donde provêm três espécies. O M. BRASILIENSIS McGregor, de um metro de comprimento, aproximadamente, é do Permiano do Brasil meridional (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), tendo sido também encontrado nas repúblicas vizinhas, do Paraguai e Uruguai. No Rio Grande do Sul, os restos de M. BRASILIENSIS ocorrem em lentes de calcáreo que se encontram de permeio com o folhelho preto, betuminoso, do grupo Iratí, no passo de São Borja, município de São Gabriel. A matriz em que estão encerrados é um LIMESTONE impuro, o que indica ser de formação costeira, de pouca profundidade. Os MESOSAURUS teriam sido, pois, répteis marinhos e costeiros.

III — ORDEM RHYNCHOCEPHALIA

Os primeiros representantes desta ordem são conhecidos já desde o período Triássico. Embora seja esta ordem tão antiga, tem ainda um representante vivo, na fauna da Nova Zelândia e ilhas adjacentes: o SPHENODON (HATTERIA) PUNCTATA. Por seus carateres pouco especializados e mui primitivos, podem ser os rincocéfalos considerados como o tronco comum de todos os répteis, segundo Remy Périer.

a) Família Rhynchosauridae

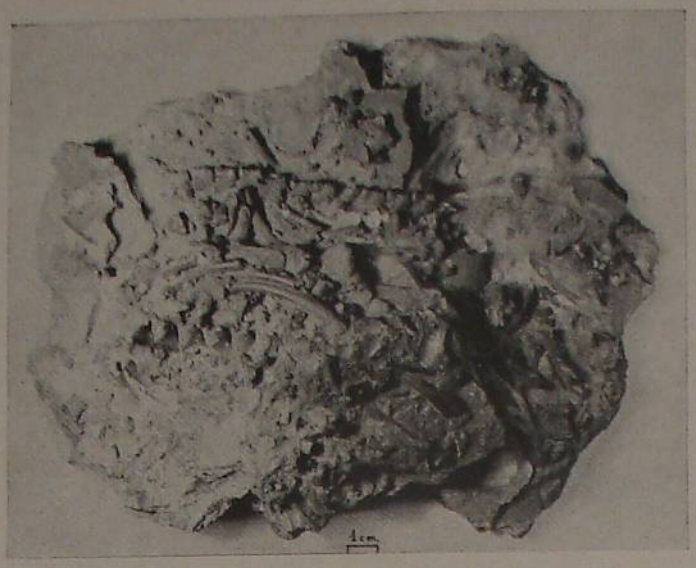
Os gêneros mais caraterísticos desta família são os RHYNCHOSAURUS, do Trias da Inglaterra, e o HYPERODAPEDON, do Trias da Inglaterra e Índia.

SCAPHONYX A. S. Woodward. Este gênero foi fundado, em 1903, por Woodward, para designar certos restos fósseis, procedentes da jazida triássica da Alemôa, próxima de Santa Maria da Bôca do Monte, neste Estado, restos êsses que atribuíu antes a um dinossáurio mas que, posteriormente, foram relacionados, com certeza, aos rincossaurídos. Foi o primeiro réptil fóssil terrestre descoberto na América do Sul e é, até agora, com o gênero CEPHALONIA, caraterístico ùnicamente do Rio Grande do Sul. O SCAPHONYX FISCHERI Wood-



VARIEDADES DO SOLO RIOGRANDENSE

Rocha de Basaltite em Tôrres. Descida para as furnas.



Restos de um reptil messosauriano, provàvelmente Mesosaurus brasiliensis, descobertos no passo de São Borja. (Serviço Geológico e Mineralógico Federal).

ward é de conformação grosseira e geralmente semelhante ao gênero CEPHALONIA, sendo os seus ossos, porém, mais fortes e mais curtos que os dêste.

Em 1932, foi descoberto, na Alemôa, um esqueleto completo, dum indivíduo jovem, de SC. FISCHERI. Êste esqueleto está exposto no Museu Estadual, de Pôrto Alegre. Outro esqueleto, da mesma procedência, é visto no museu do Serviço Geológico e Mineralógico Federal, no Rio de Janeiro.

CEPHALONIA Huene. Semelhante ao anterior, mas de conformação menos pesada e ossos mais longos e mais delgados, principalmente os dos membros que são mais ou menos elevados. CEPHALONIA LOTZIANA Huene. Trias de São José, próximo de Santa Maria.

IV — ORDEM THECODONTIA

A esta ordem pertencem répteis dos quais derivaram, possìvelmente, tanto os CROCODILIA, como os DINOSAURIA. Assemelham-se também, por certos carateres, aos RHYNCHOCEPHALIA.

A — Sub-ordem Pseudosuchia

Répteis de focinho curto, terrestres, em forma de lagarto, atingindo raramente um metro ou mais, de comprimento.

A esta ordem relacionam-se os novos gêneros PRESTOSUCHUS (P. CHINIQUENSIS e P. LORICATUS), RHADINOSUCHUS (R. GRACILIS), HOPLITOSUCHUS (H. RAUI), RAUISUCHUS (R. TIRADENTIS) e PROCEROSUCHUS (P. CELER), de F. von Huene, todos do Trias sul-riograndense.

B — Sub-ordem Parasuchia

Répteis de focinho longo, como os gavials. Próprios do Trias.

Restos duma mandíbula, encontrados no município de São Pedro, Rio Grande do Sul, em camadas provàvelmente triássicas, foram atribuídos por Huene, com reservas, a um PARASUCHIA, de gênero indeterminado.

V — ORDEM DINOSAURIA

Répteis terrestres ou anfíbios, geralmente de talhe gigantesco, cauda longa e freqüentemente longo pescoço.

Trias ao Cretáceo.

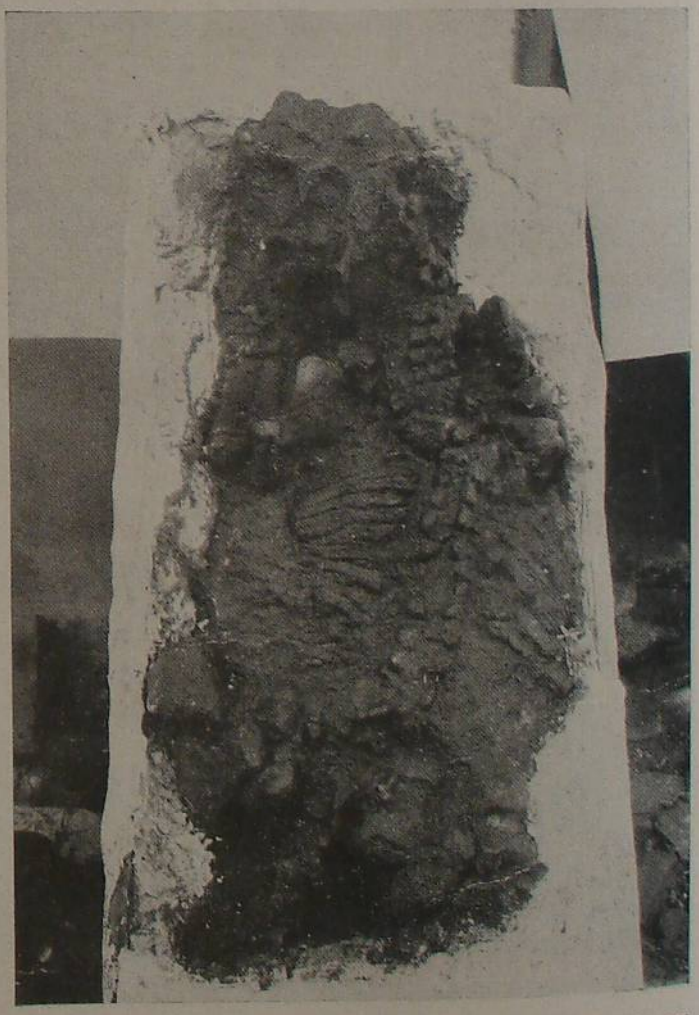
GRUPO SAURISCHIA

Huene atribuíu a um dinossáurio dêste grupo alguns restos fósseis, descobertos em terrenos triássicos do Rio Grande do Sul, sôbre os quais fundou o seu SPONDYLOSOMA ABSCONDIDUM.

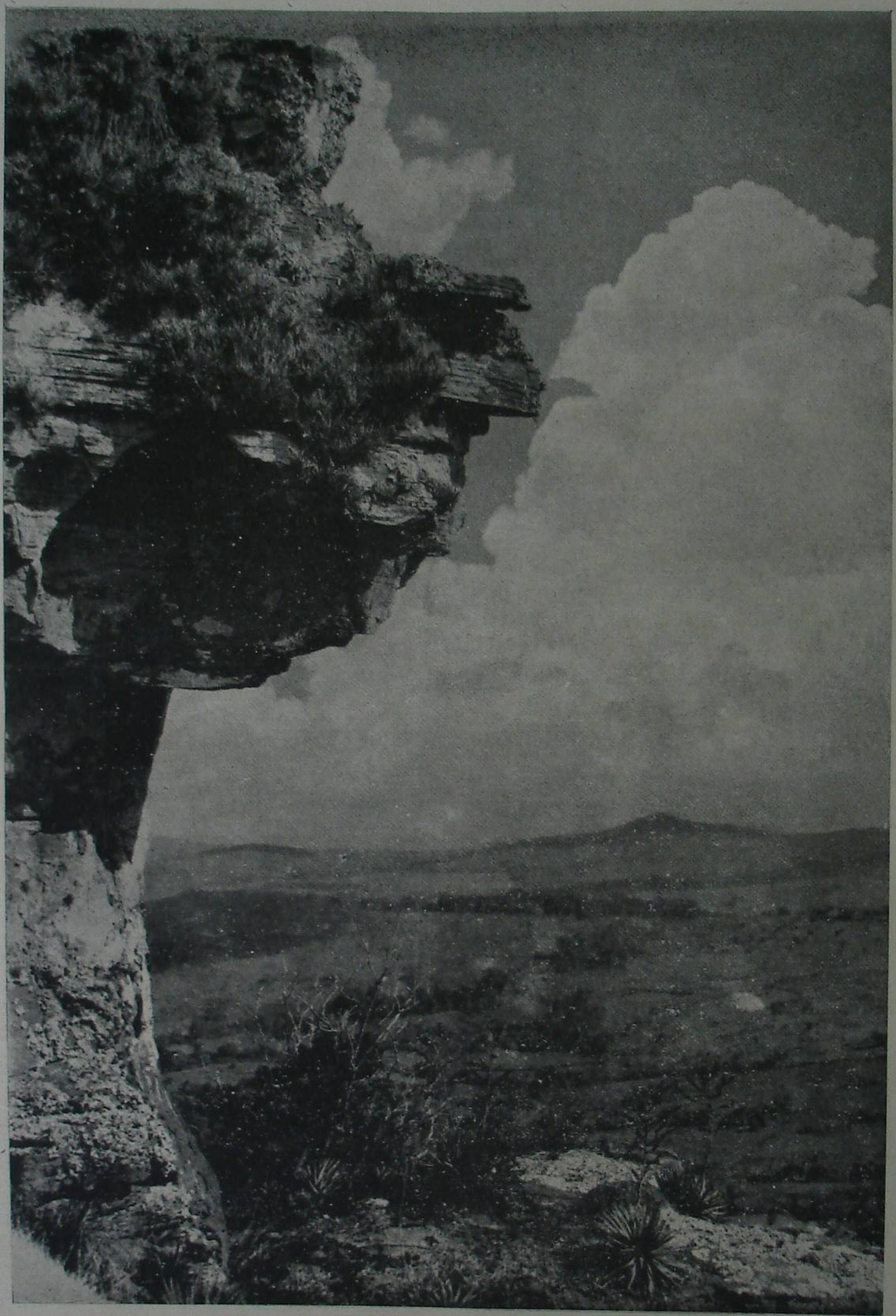
◆

Classe mammalia

Os mamíferos fósseis do Rio Grande do Sul, até agora conhecidos, pertencem às ordens EDENTATA, UNGULATA, NOTOUNGULATA e PROBOSCIDEA.



Esqueleto de Scaphonyx Fischeri Woodward, encontrado em Santa Maria (Museu do Estado).



VARIEDADES DO SOLO RIOGRANDENSE

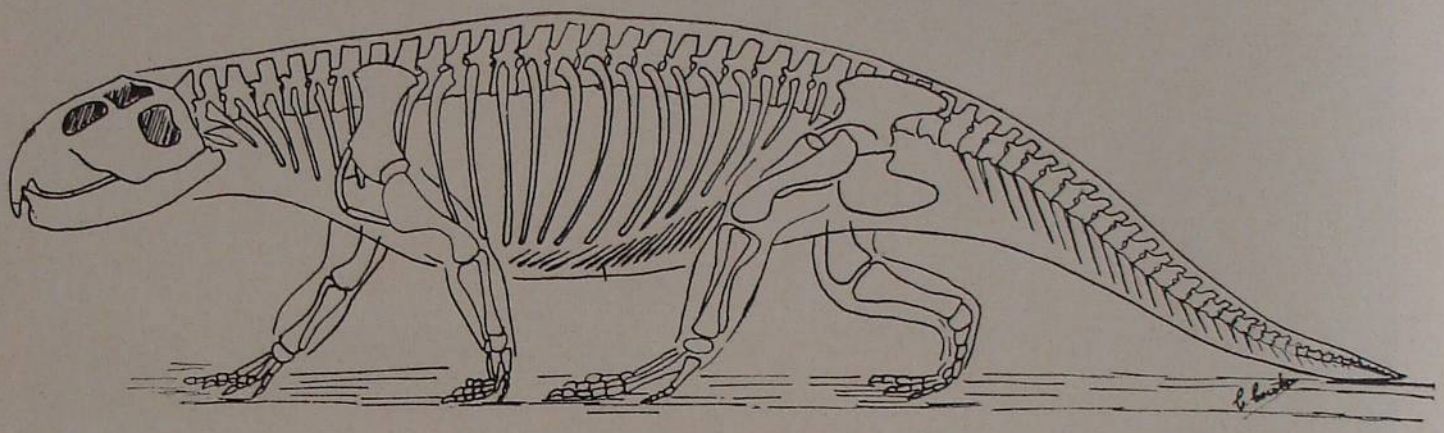
Vista do Morro das Cabras (município de São Leopoldo).

I — ORDEM EDENTATA

A esta ordem, à qual pertencem as preguiças, tamanduás e tatús atuais, do Brasil, relacionam-se muitos gêneros e espécies fósseis, espalhados por tôda a América do Sul, pela América Central e parte da América do Norte. Os gêneros mais antigos são do Eoceno da Patagônia. No Plioceno superior e Pleistoceno, formas gigantes viveram na América, desde a Patagônia até o sul dos Estados Unidos.

Sub-ordem Xenarthra

Os xenartras apresentam zigapófises articulares acessórias nas últimas vértebras toráxicas e nas vértebras lombares. Distribuem-se por duas tribus: ANICANODONTA, desprovidos de carapaça ou apenas com vestígios da mesma, e HICANODONTA, providos de carapaças.



Esqueleto completo de Cephalonia lotziana Huene, das camadas superiores do Rio de Rasto, em São José (próximo de Santa Maria).

Tribu Anicanodonta

Das quatro famílias que compõem esta tribu, apenas a dos GRAVIGRADA tem representantes fósseis, bem caraterizados, no Rio Grande do Sul.

a) Família Gravigrada (Preguiças gigantes)

Grandes e pesados herbívoros extintos, conhecidos desde o Oligoceno da América do Sul.

1 — Sub-família Megatheriinae

Compreende os maiores animais da ordem, entre os quais avulta o MEGATHERIUM.

MEGATHERIUM Cuvier. Compreende êste gênero uma série de espécies, a maioria das quais ainda mal definida e descoberta nos limos pampeanos da Argentina, no Brasil, Chile, Equador, Bolívia e, duvidosamente, no sul dos Estados Unidos. A espécie mais comum e melhor definida é o MEGATHERIUM AMERICANUM Blumenbach, cujo talhe quasi igualava o dum elefante. Em diversos municípios do Rio Grande do Sul têm sido descobertos restos de MEGATHERIUM. Algumas dessas peças vieram ter ao Museu do Estado (uma tíbia, do município de Pinheiro Machado; um molar, do município de São Gabriel).

2 — Sub-família Mylodontinae

A esta sub-família pertencem também animais de grande talhe, mas menos pesados e menores que os megaterinos.

LESTODON Gervais. Acham-se recolhidas ao Museu do Estado, procedentes de Águas Claras, município de São Gabriel, diversas peças fósseis que ainda estamos preparando e restaurando, para estudo, mas que já identificamos como de LESTODON. Destacamos, entre elas, a parte posterior dum crânio, parte dum maxilar superior direito, com quatro alvéolos bem distintos e parte do quinto alvéolo, dois ramos direitos de mandíbulas, um dos quais de tamanho duplo do outro, ambos com quatro alvéolos e cada um com um dente no lugar, sendo que no ramo mandibular menor existe apenas o 1.º molar e, no maior, apenas o 2.º, dois atlas, uma omoplata, um úmero, dois femures, duas tíbias e dois perôneos, três astragalos, restos de dois calcâneos, dois sacruns e algumas outras peças menos caraterísticas, mas tôdas muitíssimo interessantes, principalmente se tivermos em conta ser esta a primeira descoberta, conhecida, de restos de LESTODON, no Brasil. Numa inspeção que fizemos, num jazigo pleistocênico do município de Rio Pardo, descobrimos tambem restos de LESTODON.

Tribu Hicanodonta

Reúne esta tribu os desdentados providos de couraça ou carapaça, isto é, os gliptodontídeos, em geral, e os tatús, representados já no Eoceno inferior da América do Sul.



VARIEDADES DO SOLO RIOGRANDENSE

Depressão: Vale do Rio Gravataí.

a) Família Glyptodontidae
(Tatús gigantes)

GLYPTODON Owen. Numerosas espécies dêste gênero deixaram seus restos no Plioceno e no Pleistoceno dos Pampas da Argentina, do Uruguai, nos terrenos pleistocenos do Brasil, da Bolívia, etc., e mesmo no Pleistoceno do México e sul dos Estados Unidos.

Ao Museu do Estado acham-se recolhidas diversas placas de carapaça de GLYPTODON, procedentes de São Gabriel (Águas Claras), atribuídas por nós à espécie GLYPTODON CLAVIPES Owen. Em Rio Pardo descobrimos também placas de couraça de G. CLAVIPES e de um gênero afim, provàvelmente PANOCHTHUS.

II — ORDEM UNGULATA

Os ongulados formam uma ordem ou um grupo superior de mamíferos, adaptados à marcha. As formas fósseis até agora conhecidas no Rio Grande do Sul relacionam-se apenas à

Sub-ordem Perissodactyla

Ongulados de dedos ímpares ou pares, passando o eixo do membro sempre pelo terceiro dedo que é o predominante e que às vezes é o único.

a) Família Equidae

Entre os eqüídeos, apenas os eqüinos têm representantes fósseis na América do Sul.

Sub-família Equinae

Os eqüinos são representados por diversos tipos fósseis, no Mioceno médio e superior, no Plioceno e Pleistoceno da América do Norte. No continente euro-asiático e África setentrional, ocorrem êles nos depósitos pliocênicos e pleistocênicos. Na América do Sul, os tipos fósseis parecem datar do Pleistoceno ou, talvez, do Plioceno superior.

EQUUS Linneu. Restos de cavalos fósseis (20 dentes e 4 fragmentos de ossos longos) foram encontrados no município de Farroupilha e estudados pelo professor Tupí Caldas, a quem foram doados por seu descobridor.

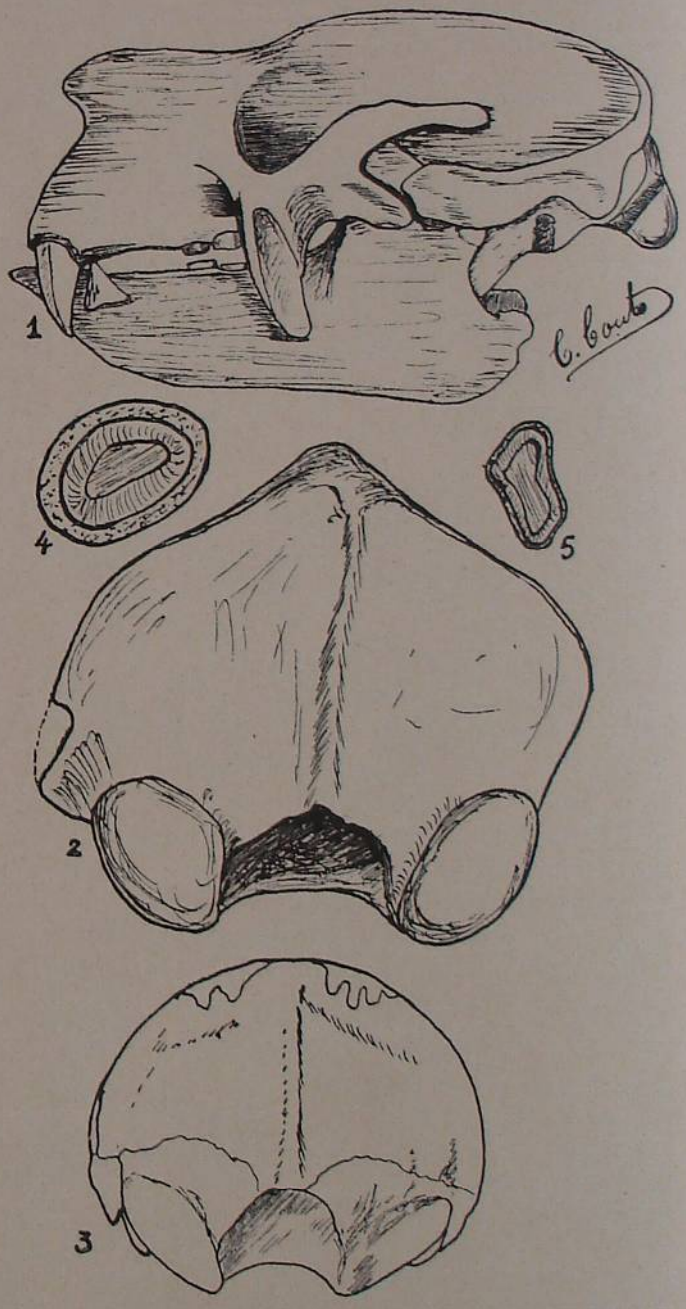
b) Família Tapiridae

Os tipos mais antigos desta família datam do Eoceno da Europa e da América do Norte.

Sub-família Tapirinae

O gênero tipo desta sub-família é o TAPIRUS (tapir, anta), que se mostra pela primeira vez no Mioceno do continente euro-asiático, onde é fóssil também no Plioceno. Na América do Norte e do Sul, as ossadas fósseis dêste gênero, até agora conhecidas, são do Pleistoceno.

TAPIRUS Linneu. O Tapir, ainda atual, na fndia e América do Sul, é representado por restos fósseis em quasi todos os países sul-americanos. No Brasil, foi êle citado por Lund, como fóssil nas cavernas de ossadas pleistocênicas de Minas Gerais. Um dente fóssil (3.º molar inferior esquerdo), descoberto em Iraí, Rio Grande do Sul, juntamente com restos de mastodontes, foi por nós estudado e atribuído, com certeza, a êste gênero e, com probabilidade, à espécie que Lund convencionou chamar de T. aff. AMERICANUS, em virtude de sua grande afinidade com a mais comum das espécies sul-americanas atuais, o TAPIRUS AMERICANUS.



1º) Crânio e maxilar inferior de Lestodon trigonidens (Ameghino).
2º) Vista ocipital do crânio do Lestodon, de São Gabriel.
3º) Idem, do Mylodon harlani, para comparação.
4º) Um molar superior do Lestodon, de São Gabriel.
5º) Um molar superior do Mylodon harlani.



VARIEDADES DO SOLO RIOGRANDENSE

Mineração do ouro em Lavras: Excavações.



Restauração do Toxodon burmeisteri, de pampeano argentino (de Scott).

III — ORDEM NOTOUNGULATA

A esta ordem pertencem grandes herbívoros extintos, arcáicos, restritos à América do Sul. Os tipos mais antigos parecem datar do Eoceno e Oligoceno da Patagônia.

Sub-ordem Toxodontia

Os Toxodontia, citados, com dúvida, no Oligoceno da Patagônia, foram abundantes no Pleistoceno sul-americano, principalmente na Argentina e Brasil.

Família Toxodontidae

Os notoungulados até hoje descobertos no Brasil pertencem todos a esta família que encerra os gêneros mais recentes.

XOTODON Ameghino. Plioceno e Pleistoceno da Argentina. Dois dentes incisivos, descobertos em Águas Claras, município de São Gabriel, e recolhidos ao museu do Serviço Geológico e Mineralógico Federal, Rio de Janeiro, foram atribuídos pelo Dr. Axel Loefgren a êste gênero e à espécie X. FORICURVATUS Ameghino.

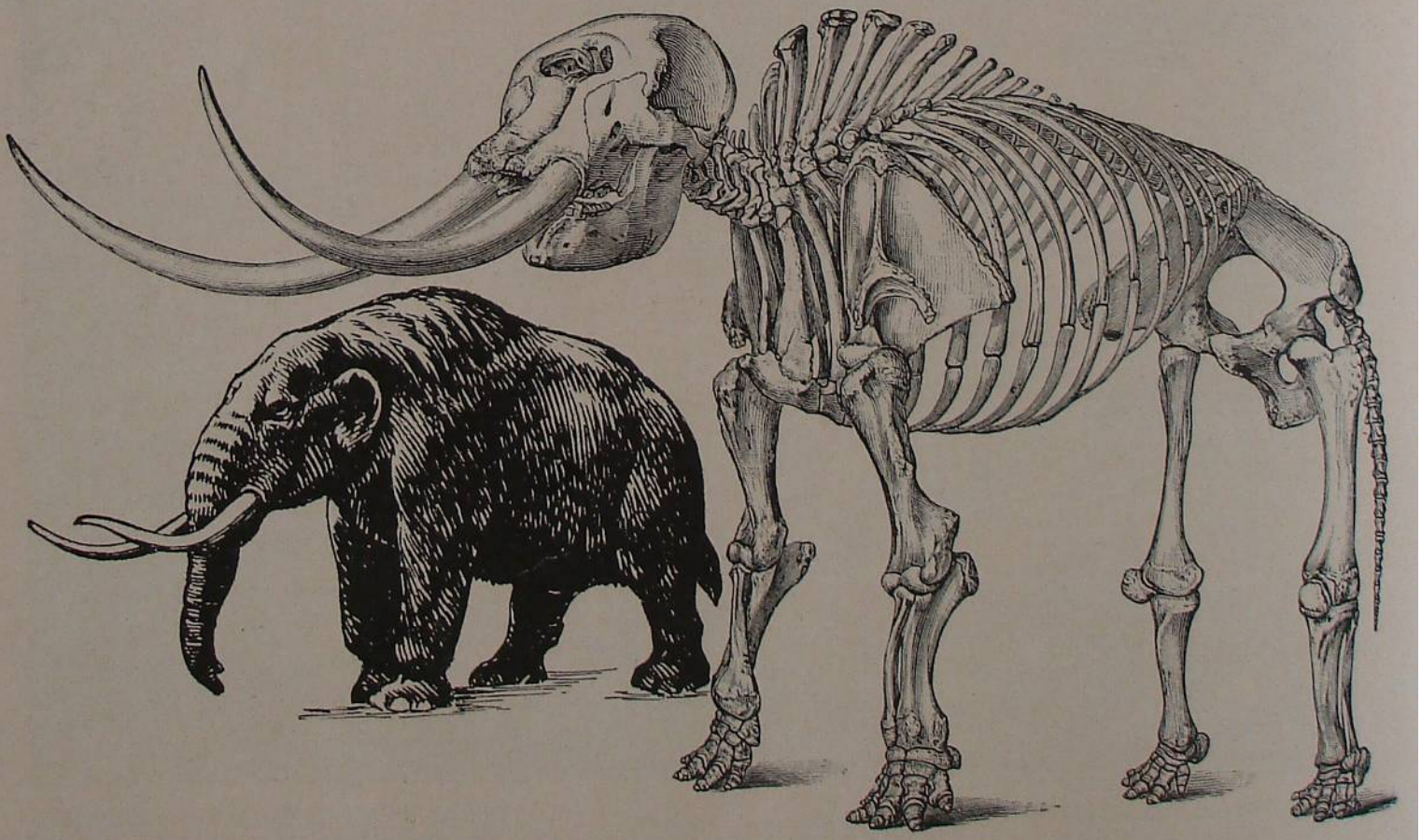
TOXODON Owen. O maior membro da sub-ordem. Excedia, em tamanho, o rinoceronte. Plioceno e Pleistoceno da Argentina e do Brasil, onde deixou restos até no Território do Acre (T. LOPESI M. G. Roxo). Um ramo mandibular direito, mui fragmentado, ossos da bacia, a parte distal dum femur e fragmentos de omoplatas, procedentes de Águas Claras, município de São Gabriel, e recolhidos ao Museu Estadual, foram por nós preparados e incluídos nêste gênero.

IV — ORDEM PROBOSCIDEA (1)

Esta ordem, representada hoje pelos elefantes, foi muito mais rica em formas, no Pleistoceno e Terciário (mastodontes, mamutes e outros elefantes).

As formas troncos parecem datar do Eoceno e Oligoceno do Egito (MOERITHERIUM, PALAEOMASTODON e PHIOMIA).

(1) Modificamos aquí, um pouco, de acôrdo com classificações mais recentes, a sistemática adotada em nosso livro "Paleontologia do Rio Grande do Sul", publicado em 1940.



Mastodon americanus, esqueleto (segundo Marsh) e restauração.



VARIEDADES DO SOLO RIOGRANDENSE

Mineração do ouro em Lavras: Cata.

Família Mastodontidae (1)

No Continente Americano, esta mui distinta família de proboscidianos era já representada no Mioceno médio da América do Norte, tendo atingido o Pleistoceno e, segundo Scott, mesmo os albores do período geológico atual. Na América do Sul, onde seus restos são encontrados, abundantemente, em tôdas ou quasi tôdas as regiões, os mastodontes extinguiram-se, segundo tôdas as aparências, no fim do Pleistoceno.

MASTODON Cuvier. No Brasil, a espécie mais comum dêste gênero é o M. HUMBOLDTI Cuvier ou M. (CUVIERONIUS) BRASILIENSIS Lund, do qual já foram encontrados restos nos Estados do Nordeste, em Minas Gerais e em outros Estados. No Estado do Rio Grande do Sul, uma comissão de engenheiros das Obras Públicas, sob a chefia do Dr. João Protásio Pereira da Costa, descobriu, acidentalmente, em Iraí, quando alí fazia excavações, destinadas às obras de adatação do balneário de águas termais da estação, diversas ossadas fósseis, entre as quais parte dum dente molar, pequena parte dum ramo mandibular direito, uma rótula e outras peças, ora recolhidas ao Museu Estadual, peças essas que classificamos como de MASTODON, possìvelmente M. BRASILIENSIS.

(1) Modificamos aquí, um pouco, de acôrdo com as classificações mais recentes, a sistemática adotada em nosso livro "Paleontologia do Rio Grande do Sul", publicado em 1940.

II PARTE

PALEOBOTÂNICA

A flora fóssil do Brasil é ainda pouco conhecida. No Sul do país, distingue-se primeiro a flora dos GLOSSOPTERIS, característica do Permiano da denominada "Terra da Gondwana". Depois, notam-se os GANGAMOPTERIS, fetos aborescentes, como os Glossopteris.

A formação hulhífera do Rio Grande do Sul, de idade permiana, tem fornecido restos perfeitamente identificáveis de plantas que, naquele período geológico, viveram em nosso território. Entre essas plantas fósseis, identificaram-se diversos FETOS (GLOSSOPTERIS, SPHENOPTERIS, ODONTOPTERIS PLANTIANA), LICOPODIACEAS (FLEMINGITES PEDROANUS), PALMEIRAS (NOEGGERATHIA OBVATA) e EQUISETINEAS (CALAMITAS). No Triássico de Santa Maria, foram descobertos restos de madeiras fósseis, silicificados, que foram referidos por White ao gênero DADOXYLON Endlicher, pertencente ao grupo das coníferas.

Muitas outras descobertas de madeiras fósseis petrificadas têm sido feitas no Rio Grande do Sul, mas ignoramos se têm sido tais fósseis estudados.

O Museu Estadual "Júlio de Castilhos" possue, aliás, muitos fragmentos de troncos fósseis, petrificados, ainda para classificar.



G E O G R A F I A E C O N Ô M I C A

Por MORENCY DO COUTO E SILVA e LUIZ PALHARES DE MELLO

O progresso que o Rio Grande atingiu nestes últimos tempos é simplesmente assombroso em todos os setores da vida humana.

Quem fizer um ligeiro estudo sôbre as últimas estatísticas de sua produção geral, verificará que, real e mui justamente, o Rio Grande do Sul ocupa, hoje, no concêrto dos demais Estados da União, o lugar que lhe compete, constituindo um dos baluartes da invejável situação que desfruta, por sua vez, o Brasil entre as demais nações do continente americano.

SOLO — O solo riograndense pertence a diversos tipos, em virtude das diferentes variedades de rochas primitivas que se encontram no litoral e as de rochas eruptivas do planalto por suas decomposições. No entretanto, apesar dessa variedade de tipos, o solo do Rio Grande é em sua quasi totalidade de uma fertilidade exuberante, não havendo mesmo porção alguma que se possa considerar como estéril.

ÁGUAS E POTENCIAL HIDRÁULICO — As águas, tanto da superfície como do sub-solo, são abundantes e geralmente potáveis, tendo mesmo o território gaúcho um bem distribuído sistema hidrográfico que conta com vários rios caudelosos e com quedas de valiosos potenciais hidráulicos.

Dêstes destacam-se vários com mais de 100 HP, havendo ainda uma infinidade de quedas com potencial inferior a 100 cavalos de fôrça.

Para melhor corroborar o acima dito, fixamos na página seguinte o demonstrativo das quedas dágua do Estado de potencial superior a 100 HP.

Não só êsses recursos em potencial elétrico da zona Norte do Estado, mas, também, os situados em outros pontos do seu território estão sendo objeto de estudo por parte dos poderes competentes.

PASTAGENS — Há no solo do Rio Grande do Sul, em conseqüência da sua diversidade de tipos, das diferenciações meteorológicas, das altitudes variáveis, desde zero a mil metros, e dos demais acidentes topográficos, muitas variedades de pastagens nativas, disseminadas por diversos pontos do território, e que oferecem condições favoráveis ao cultivo de um grande número de forragens indígenas e estrangeiras.

PECUÁRIA — A pecuária marcha impulsionada por um notável progresso, desenvolvendo-se, como indicam os modernos métodos de criação, importando raças selecionadas para a reprodução e para a cruza com as raças crioulas.

O principal fator da riqueza pública do Estado e os dados oficiais estimaram, em 1919, a sua população em 20.717.600, no valor de 1.300.445 contos de réis e, em 1940, em 19.617.900, no valor de 2.258.011:670$000, verificando-se, nesse período de 21 anos, um acréscimo de quasi 100% no seu valor e um decréscimo na população em virtude do aprimoramento de nossos rebanhos.

A população pecuária do Rio Grande do Sul, segundo os dados estatísticos fornecidos pelo Departamento Estadual de Estatística, em 1940, esteve assim distribuída, segundo a espécie, número de cabeças e valor:

ESPÉCIE	CABEÇAS	VALOR
Bovinos	8.354.250	1.622.314:000$000
Eqüinos	1.032.180	206.436:000$000
Asininos e Muares.	148.090	29.618:000$000
Ovinos	6.135.560	164.119:270$000
Suínos	3.914.200	234.852:000$000
Caprinos	33.620	672:400$000

PRODUTOS PECUÁRIOS — Numerosos são os estabelecimentos industriários que se dedicam exclusivamente ao fabrico de produtos pecuários, empregando mais de 2.500 operários em seus misteres. Dentre os principais destacam-se os frigoríficos Swift do Brasil S. A., em Rio Grande e Rosário; o Armour, em Santana do Livramento, os Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros, em Gravataí, bem como inúmeras charqueadas, disseminadas em vários municípios do Estado, contando muito delas com um capital superior a mil contos de réis e tendo anexo à indústria do charque a de carnes em conservas.

Para o aproveitamento dos produtos e subprodutos do porco existem grande número de estabelecimentos de conservas que fabricam excelentes presuntos que muito se exportam não só para os outros Estados da União como para o ex-

QUADRO DAS QUEDAS DAGUA DO ESTADO, DE POTENCIAL SUPERIOR A 100 H. P.

MUNICIPIOS	CURSOS DÁGUA	NOME DA QUEDA	Potencial em cav. vap. do tombo	
			Calculado	Estimado
Alfredo Chaves	Rio da Prata	Cascata Grande	—	640
Alfredo Chaves	Rio Carreiro	Carreiro	—	500
Antônio Prado	Arroio Quaresma	Quaresma	560	—
Antônio Prado	Arroio Inferno	Inferno	660	—
Antônio Prado	Leão	Leão	—	360
Bento Gonçalves	Arroio Burití	Burití	—	200
Bento Gonçalves	Arroio Burití	Burití	—	300
Bento Gonçalves	Arroio Barracão	Barracão	—	150
Cruz Alta	Lagoa Inglês	Inglês	120	—
Caçapava	Arroio do Salso	Cachoeirinha	—	120
Erechim	Rio Uruguai	Estreito	—	50.000
Guaporé	Rio Guaporé	Pulador	300	—
Guaporé	Rio Guaporé	Colombo — 1.ª queda	1.852	—
Guaporé	Rio Guaporé	Colombo — 2.ª queda	800	—
Ijuí	Rio da Ponte	Três quedas próximas	—	3.000
Lagoa Vermelha	Forquilha	1.ª queda	1.738	—
Lagoa Vermelha	Forquilha	2.ª queda	1.960	—
Lagoa Vermelha	Forquilha	3.ª queda	—	—
Passo Fundo	Rio Passo Fundo	Passo Fundo	1.750	—
Passo Fundo	Rio Taquarí	1.ª queda	400	—
Passo Fundo	Rio Taquarí	2.ª queda	600	—
Passo Fundo	Rio da Várzea	Várzea	—	400
Passo Fundo	Arroio Tombador	Tombador	200	—
Palmeira	Rio Turvo	P. da Cachoeira	217	—
Palmeira	Rio Turvo	Cachoeira da Serra	412	—
Palmeira	Rio Turvo	Guilherme Matias	1.447	—
Palmeira	Rio Guarita	Cachoeira do Loló	423	—
Palmeira	Rio Guarita	Maneco Gomes	728	—
Palmeira	Rio Guarita	Salvador	—	1.200
Palmeira	Rio Fortaleza	Mário Melo	—	200
Palmeira	Rio Fortaleza	Dos Pôncios	—	300
Palmeira	Rio Fortaleza	Do Júlio	—	400
Livramento	Rio Ibirapuitã	São Diogo	2.000	—
Soledade	Rio Jacuí	Salto do Jacuí (*)		
Soledade	Arroio Despraiado	Do Salto	148	—
Soledade	Arroio Forqueta	Cruz de Pedra	145	—
São Luiz	Rio Ijuí Grande	Quedas do Pirapó	11.247	—
Santo Ângelo	Rio Santa Rosa	Santa Rosa	2.450	—
Santo Ângelo	Rio Santo Cristo	Santo Cristo	174	—
Santo Ângelo	Rio Inhacorá	Inhacorá	—	500
Santo Ângelo	Rio Buricá	Buricá	480	—
São Leopoldo	Arroio Cadeia	Herval	100	—
São Leopoldo	Arroio Feitoria	Feitoria	200	—
São Borja	Rio Camaquã	São Gabriel	2.000	—

(*) Desnível aproveitável — 40.000 cavalos.

terior. Outros estabelecimentos industriais encontram-se espalhados pelo território riograndense, como de laticínios, produzindo excelentes tipos de queijo, de manteiga, de beneficiamento de couros, etc., etc.

Segundo os dados oficiais fornecidos pelo Departamento Estadual de Estatística, no período de 1939, foram abatidos, no Estado, 1.381.258 bovinos, 1.256.120 suínos e 584.232 ovinos.

A produção de couros nesse mesmo período foi — salgados: 27.780.050 quilos; secos — 2.452.890 quilos; em pelegos, foi de — 903.060 quilos; em lãs, em 1940, 10.749.000 quilos no valor de 81.278:010$000; graxa, em 1939, 22.725.640 quilos; banha, em 1939, 43.414.520 quilos; toucinho, no mesmo período, 5.112.360 quilos.

AVICULTURA — É notável em todo o Rio Grande do Sul, o desenvolvimento da avicultura, sendo inúmeros os aviários existentes, instalados com todos os requisitos. A população avícola é estimada em 18.000.000 cabeças de aves diversas, na qual predomina a galinha, num valor aproximado de 90.000:000$000.

APICULTURA — Muito tem progredido a apicultura nas zonas coloniais e o seu valor já representa um fator econômico na vida do Estado.

O mel, a cêra e os produtos derivados já conquistaram os mercados não só nacionais como o estrangeiro.



FÔRÇAS VIVAS DA ECONOMIA

Queda dágua, de 110 m de altura, perto de Caracol (município de Taquara).

AGRICULTURA — No Rio Grande do Sul, a agricultura é um dos fatores principais da balança econômica, mòrmente por ser praticada em todo o seu território a policultura que, graças ao seu excelente e variadissimo clima e à fertilidade de seu ubérrimo solo, é favorável ao crescimento de quasi tôdas as espécies de plantas originárias e exóticas.

É a agricultura, após a pecuária, o maior elemento de produção. E, para melhor elucidarmos a nossa assertiva, transcrevemos, a seguir, a produção das principais culturas do Estado, por ordem alfabética, com a especificação das áreas cultivadas, volumes e valor, durante o período de 1939:

Produtos	Área cultivada (em ha)	Produção (em tons)	Valor
Alfafa	20.425	115.165	26.127:140$000
Alho	603	1.900	1.305:100$000
Alpiste	14.622	9.126	9.044:100$000
Amendoim ...	4.519	5.737	2.498:230$000
Arroz	146.080	356.779	135.629.390$000
Aveia	7.814	6.674	2.516:840$000
Batata doce ..	13.361	103.903	12.205:350$000
Batata inglesa	28.504	183.941	43.315:750$000
Cana	24.001	304.508	27.013:120$000
Cebola	5.000	35.275	19.317:120$000
Centeio	898	998	435:780$000
Cevada	7.420	9.763	3.617:220$000
Ervilhas	2.221	1.683	1.407:200$000
Favas	718	688	227:700$000
Feijão	131.168	123.320	46.856:070$000
Fumo	28.319	33.155	58.854:000$000
Lentilhas	2.451	1.922	772:200$000
Linho	29.583	15.331	11.381:100$000
Mamona	493	985	591:000$000
Mandioca	86.136	557.464	49.212:420$000
Milho	649.748	937.995	182.253:820$000
Trigo	173.815	77.188	45.356:250$000
Uvas	15.959	157.906	32.928:150$000
TOTAL:	1.394.041	3.041.406	712.875:050$000

Êsse demonstrativo nos revela que a produção agrícola do Rio Grande do Sul encontra-se numa invejável posição.

FRUTICULTURA — Se há alguma região privilegiada, no país, para a fruticultura, é, sem dúvida, o Estado do Rio Grande do Sul. O seu clima temperado e a uberdade de suas terras são os fatores primordiais para que se desenvolvam, no seu solo, tôdas as espécies de árvores frutíferas originárias de todos os continentes, sem maiores cuidados.

Dado o carinho com que os nossos fruticultores se veem dedicando a essa nova fonte de riqueza pública, a fruticultura goza, hoje, de um lugar de destaque na nossa fôrça econômica.

HORTICULTURA — Êsse setor da nossa economia também alcançou um grande desenvolvimento, sendo considerável o número de hortas existentes por todos os recantos do Rio Grande, principalmente junto às grandes cidades.

PRODUTOS AGRÍCOLAS — Grande é o número de estabelecimentos para o beneficiamento de produtos agrícolas e de indústria de vegetais e seus derivados.

Entre êsses estabelecimentos há engenhos para o beneficiamento do milho, do trigo, do arroz, de erva-mate, etc.; cantinas para o fabrico do vinho, do álcool, etc.; moinhos para a produção de farinhas; fábricas de conservas, etc.

Dos produtos agrícolas transformados destacam-se: o vinho, cuja produção atingiu, em 1939, a 75.100.000 litros num valor de 24.653:759$000. Em 1940, a produção de vinho comerciável e mosto atingiu a 55.103.787 litros. A erva-mate que, em 1939, deu uma produção de 20.585.400 quilos num valor de 10.039.040$000. A aguardente que, no mesmo ano, alcançou a 11.807.790 litros num valor de 5.216:579$000. Nesses dados se acha incluída a produção de aguardente de uva (graspa).

COMÉRCIO — O crescimento do comércio do Rio Grande do Sul tem sido continuo, demonstrando que é o produto do desdobramento de forças permanentes e não por fenomenos passageiros.

O quadro demonstrativo na página 106 nos revela, com fidelidade, as oscilações da balança do nosso comércio exportador no período de 1936/40.

Interessante seria comparar os algarismos de exportação com os da importação geral. Isso, porem, não é possível, infelizmente, pois as estatisticas sobre as mercadorias importadas sao insuficientes e dizem respeito, ùnicamente, às de procedência estrangeira.

INDÚSTRIA — "Pari passu" com o progressivo movimento comercial que acabamos de explanar, os dados estatísticos também nos mostram com eloqüência a marcha ascendente das industrias sul-riograndenses.

O Estado possue 249 usinas informantes com 346 motores, com um potencial de 70.702,5 HP e 48.779,70 K.W.H. Dessas usinas, 193 são particulares e 56 municipais, empregando, para seus serviços, um total de 1.817 operários.

O número de fábricas informantes em todo o Estado é de 8.713 com o capital de 833.382:237$000, empregando 65.397 operários, utilizando fôrça motriz de 84.409,48 HP, e produzindo 1.539.615:660$600, segundo os dados estatísticos oficiais de 1939.

As oficinas de confecções, reparações e conservação, no ano de 1939, atingiam a 4.876 com o capital de 53.068:415$000, empregando 10.210 operários, utilizando 4.763,91 HP e produzindo no valor de 123.061:017$000, dados êsses obtidos por um levantamento realizado pelo Departamento Estadual de Estatística, em 1940.

Uma das indústrias mais prósperas em tôdas as suas modalidades entre nós é, sem dúvida, a de tecidos, representada por um grande número de fábricas, das quais as principais se acham situa-



AGRICULTURA

Na fazenda.

das: 11 em Pôrto Alegre, 6 em Caxias, 3 em Rio Grande, 2 em Novo Hamburgo, encontrando-se ainda outras em Pelotas, Cruz Alta, Passo Fundo e São Leopoldo, e cuja produção rivaliza com as melhores de procedência estrangeira, encontrando largo consumo não só no Estado, como no resto do país e nas Repúblicas sul-americanas.

Outra indústria que se encontra em franco progresso, com largos horizontes e magníficas perspectivas, é a carbonífera.

São ótimos os resultados obtidos com a exploração das jazidas riograndenses que vêm alcançando, de ano para ano, maior aceitação nos mercados consumidores, pois a hulha gaúcha, devidamente beneficiada e empregada, segundo as manifestações de peritos, é, em nosso país, das que mais se recomendam não só para as fornalhas fixas, como para as locomotivas e navios.

Além disso, a crise mundial de combustível, que se registra no atual momento, por si só bastaria para valorizar o ouro negro riograndense e garantir o seu consumo em grande escala, dando às nossas emprêsas carboníferas a segurança de um largo e promissor futuro.

TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES — Em nosso Estado os transportes e comunicações têm merecido dos poderes competentes os mais desvelados esforços para que correspondam ao surto de progresso sempre crescente, que se verifica em todos os setores de nossa vida econômica e financeira.

A extensão da rede ferroviária em nosso Estado, em tráfego, em 1940, era de 3.481,775 km, com 270 locomotivas, 3.367 vagões e 291 carros. Nesse período, foram transportados 2.457.050 passageiros, com uma receita de 20.419:291$000.

O Estado possue nos municípios de Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande, para os serviços de transportes coletivos, uma excelente rede de bondes elétricos, explorados pelas Companhias Carris Pôrto Alegrense, The Riograndense Light and Power Limited e pela Prefeitura Municipal, respectivamente.

O sistema rodoviário do Estado também, por sua vez, tem merecido um cuidado especial por parte dos poderes públicos. No ano de 1939, a extensão das estradas de rodagem, em quilômetros, tanto as macadamizadas (hidráulica e asfaltada), como as de concreto, de pedra britada e de terras melhorada e não melhorada, era de: federais 576, estaduais 9.845, municipais 26.384, representando um total de 36.795.

O movimento marítimo registrado pelas entradas e saídas de navios pela barra do Rio Grande, durante o ano de 1940, foi de: 842 navios com 1.529.260 toneladas líquidas de registro; e 839 navios com 1.528.754 toneladas líquidas de registro, respectivamente.

Por sua vez, a navegação marítima e fluvial, no mesmo período, no pôrto da capital, foi de: entradas e saídas — 667 embarcações marítimas e 22.121 fluviais.

O movimento aeronáutico civil, no ano de 1939, foi de 3.460 aeronaves que transitaram pelos 13 aeroportos do Estado.

O Estado é servido por uma vasta rede telegráfica e telefônica. Esta última, com um excelente serviço de telefone, liga a quasi totalida-

EXPORTAÇÃO GERAL DO ESTADO

Discriminação por classes e sub-classes de produtos — em quantidade (kg) e valor oficial

PRODUTOS	1938		1939		1940	
	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor
CLASSE I — Animais vivos	2.526.268	2.222:657$000	3.343.844	3.153:703$000	1.024.130	1.037:624$000
CLASSE II — Matérias-primas	275.758.891	234.761:626$000	303.928.466	241.286:147$000	341.254.129	282.553:155$000
De origem animal	45.294.940	111.303:177$000	52.942.542	110.538:282$000	45.848.822	111.705:518$000
De origem vegetal	91.603.770	51.950:136$000	117.888.731	74.533:112$000	107.219.209	86.871:528$000
De origem mineral	128.753.721	7.810:330$000	125.710.103	8.574:354$000	180.036.548	13.709:067$000
De origem téxtil e sintética	10.106.460	63.697:983$000	7.387.091	47.640:399$000	8.149.550	70.267:042$000
CLASSE III — Gêneros alimentícios.	458.369.677	484.123:687$000	563.643.505	569.475:712$000	518.548.987	621.988:591$000
De origem animal	321.431.616	225.305:315$000	412.100.406	250.240:883$000	360.236.704	227.580:284$000
De origem vegetal	119.257.503	249.415:066$000	129.567.391	305.804:067$000	145.647.617	386.755:123$000
De origem não classificada	17.680.558	9.403:306$000	21.975.708	13.430:762$000	12.664.666	7.654:148$000
CLASSE IV — Manufaturas	15.997.032	109.052:578$000	14.313.687	120.222:636$000	13.908.043	124.247:779$000
De origem animal	1.393.993	23.882:996$000	1.656.261	27.215:757$000	1.336.076	24.527:242$000
De origem vegetal	4.838.728	11.574:445$000	2.789.566	11.897:721$000	2.967.985	12.225:279$000
De origem mineral	3.901.054	21.999:633$000	2.991.502	22.338:137$000	3.313.574	26.752:741$000
De origem téxtil e matérias-primas ..	1.029.787	7.901:480$000	1.445.793	24.082:655$000	1.241.123	25.311:915$000
De origem não classificada	4.833.470	43.694:024$000	5.430.565	34.688:366$000	5.049.285	35.430:602$000
TOTAIS GERAIS	752.651.808	830.160:548$000	5.430.565	934.138:198$000	874.735.289	1.029.828:149$000



PECUÁRIA

Na pastagem.

de das cidades do interior a Pôrto Alegre, serviço que está a cargo da Companhia Telefônica Rio Grandense, existindo, ainda, várias outras emprêsas de propriedade dos municípios e de particulares, porém, com um reduzido número de aparelhos.

A extensão das linhas telefônicas em todo o Estado, em quilômetros, atingia, em 1940, a 83.557 km, com 22.982 aparelhos.

A extensão das linhas telegráficas em desenvolvimento, em 1940, em metros, era de 16.593.849 metros.

A rede postal em nosso Estado, naquele período, abrangia um total de 179 linhas.

◆

MOVIMENTO BANCÁRIO — Pelo que acima ficou exposto, conclue-se lògicamente que, a par do grande desenvolvimento comercial e industrial do Estado, é preciso uma atividade bancária correspondente e capaz de produzir, com a necessária presteza, o auxílio financeiro do organismo econômico do Estado.

O fundo de reserva dos nossos estabelecimentos bancários que, em 1918, era de 22.292:935$000, passou, em 1940, a 86.716:254$000.

O ativo dos estabelecimentos de crédito nacionais e estrangeiros que, em 1918, chegava a 1.008.567:703$000, passou, em igual período, a 4.178.755:881$000. O dinheiro de que dispunham em caixa somava, em 1918, a 72.925:755$000, sendo que, em 1940, se elevava a 207.884:520$000, assim distribuídos: bancos nacionais 189.764:191$000, e bancos estrangeiros 18.120:329$000.

◆

A resenha esboçada nesse ligeiro apanhado sôbre a Geografia Econômica do nosso Estado revela, de maneira insofismável, a atividade riograndense tanto no comércio como na indústria, na pecuária como na agricultura, sendo suficiente para nos dar uma visão clara da crescente vitalidade do Rio Grande do Sul.

Tão expressivos e eloqüentes são os algarismos oficiais fornecidos pelo Departamento Estadual de Estatística que dispensam, em verdade, qualquer comentário, o qual não seria tão elucidativo quanto o que êsses dados falam.



TURISMO PARA O RIO GRANDE

Por NILO RUSCHEL

O que o turismo representa para o Rio Grande, como fator econômico, só pode ser sugerido se o definirmos como a quarta riqueza do Estado, compreendendo-se na ordem da classificação, a pecuária, a agricultura e a indústria nos três primeiros postos. É, todavia, uma riqueza latente, já que nos falta o aparelhamento geral de que ela necessita, como tôda a indústria, para o mais amplo desenvolvimento.

O turismo é um dos produtos mais caraterísticos do século XX. A rapidez, o confôrto moderno, a simplificação dos métodos, a redução das distâncias a meras tabelas de agências de viagens. entrelaçaram os caminhos do mundo numa tão íntima rede turística, que disso resultou uma indústria de grande vulto para os países que se organizaram frente à nova oportunidade econômica Na Europa de há poucos anos, quantidade de países tiveram no turismo um elemento preponderante na balança econômica. Citamos, de passagem, os maiores: Suiça, Itália, França, Espanha, Alemanha e Áustria. As organizações turísticas dêsses Estados atingiram à perfeição, ante o volume cada vez maior de visitantes, vindos de tôda parte. Norte América contribuíu com o maior contingente dêsses turistas, sequiosos das païsagens antigas e lendárias do velho mundo, ao mesmo tempo que estimulados pela grande prosperidade de após guerra, época que foi encontrar empobrecidos os países europeus, criando para os americanos a grande facilidade do dinheiro melhor. Contudo, o povo americano, se bem que grande freqüentador dos roteiros do mundo, sabe descobrir e amparar o turismo interno, o qual, como tôdas as iniciativas do grande país do Norte, assume avultadas proporções. Há caravanas permanentes que demandam, no inverno, o famoso pouso nupcial do Niágara ou os hotéis rústicos do Mount Rainier; no verão, a Flórida e a Califórnia disputam as preferências, nos dois lados do continente. Linhas de navegação estendem ligações para as Antilhas ou para as ilhas hawaïanas; e poderosas emprêsas turísticas, mundialmente conhecidas, atestam do grau de prosperidade dessa indústria amena.

No nosso continente, o Uruguai tomou a dianteira, estabelecendo um organismo de alta eficiência, e conseguindo transformar o turismo na segunda indústria do país, só superada pela pecuária. Muito se teria a dizer sôbre o aparelhamento que êsse país conseguiu formar, mas isso escapa ao âmbito destas considerações.

Se há um ponto de contato entre o que se passa nesses países e o que se pode passar entre nós: é o fato de que a nova conflagração, levantando barreiras intransponíveis para os lados de ultramar, veio trazer-nos uma oportunidade única na nossa história. Parece que êsse é o momento decisivo para um surto de iniciativas. O Brasil torna-se o centro de gravitação das atenções do hemisfério. Há enormes possibilidades à nossa espera. E nenhum país pode disputar com o Brasil a primazia em sensações de beleza aos olhos que buscam o desconhecido.

E, particularizando mais o assunto, temos a destacar a grande parcela de importância que o turismo pode representar para o nosso Estado, importância tôda especial quando se trata de um território dotado de tamanha quantidade de atrativos, tão vário e belo em sua natureza.

UMA NATUREZA À ESPERA DE DESCOBRIDORES

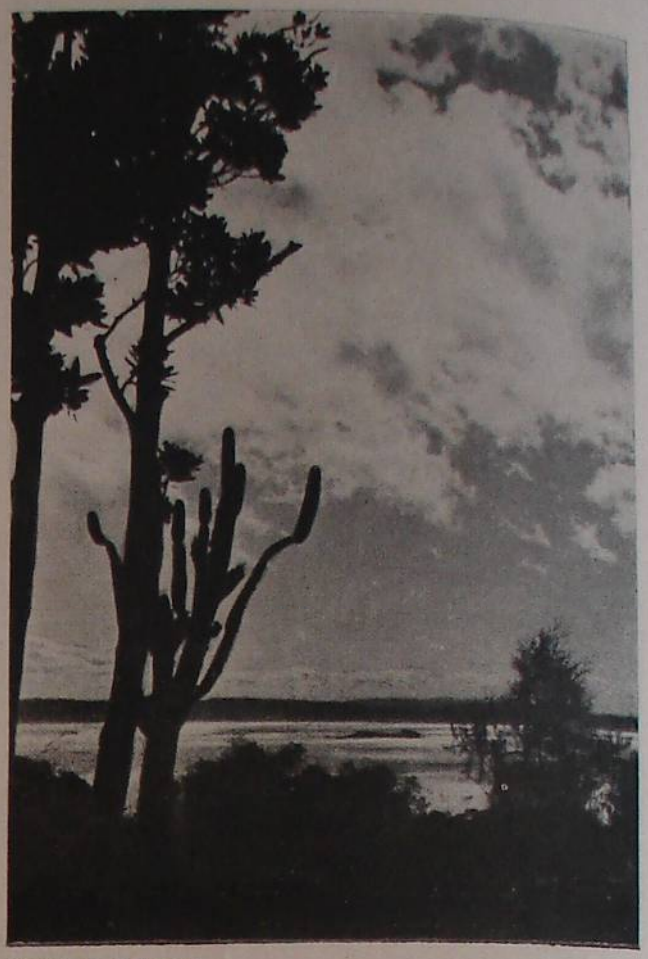
O Rio Grande do Sul é como que um resumo de tudo o que o Brasil tem, como que reünindo, numa síntese, a recapitulação das païsagens desdobradas aos olhos do viajante que tenha corrido o país de ponta a ponta.

Todavia, esbatida pela distância, a païsagem se suaviza, para se vir quebrar, amena e harmoniosa, no painel vivo do Rio Grande. A natureza deixa para trás aquele andar atrevido e selvagem com que se habituou a pisar as terras do Novo Mundo, despindo as roupagens agressivas dos alcantilados, para se vir derrubar mansamente, em revelações novas, num aconchêgo de melhores emoções.

Daí essa subdivisão de aspectos que se oferecem ao observador: a CAMPANHA, com sua on-



MOTIVO RIOGRANDENSE



NOSSA TERRA

dulação comprida e os hábitos pitorescos de sua gente; MISSÕES, na meia-serra, com as ruínas dos templos jesuíticos, envelhecendo a païsagem; o LITORAL, bordando, numa longa cinta de areais, o lado dêsse coração verde que encosta no mar; o PLANALTO, dos campos de cima-da-serra, semeados de capões, terminando nos alcantís da Serra do Mar; a SERRA, encrespada de montanhas e vales, de pinheiros e cachoeiras, alta, irreal, distante; a COLÔNIA, de costumes próprios, acolhedora e cantadeira, sorrindo pelo seu colorido e pelo seu sabor. Panoramas de pampa, panoramas de serra, panoramas de rio, panoramas de mar! Tudo isto é o Rio Grande aberto e franco, o Rio Grande de todos os climas, de tôdas as païsagens, de todos os sentimentos. Uma terra diferente e amiga, à espera dos amáveis descobridores que o turismo traz.

Há surpresas constantes, à espreita do passante, em cada quebrada do caminho.

E as estradas que conduzem a todos êsses recantos, estendidas em leque desde a formosa capital, são tôdas elas amplas e lisas faixas convidativas, cortando alturas e planícies, e acenando com o mais irresistível convite à contemplação das païsagens surpreendentes que o Rio Grande tem. Aí está o turismo em franco desenvolvimento, enchendo de automóveis domingueiros tôdas as estradas que levam à serra e levam ao mar. Os hotéis são modestos, mas confortáveis, oferecendo ao visitante o sabor apetitoso dos pratos de cada região. E os vinhos escorrem abundantes e generosos das cantinas que há na região colonial.

Alinhando as facilidades de locomoção e hospedagem, com a situação favorável que a cotação da nossa moeda oferece ao estrangeiro, estamos por dizer que não há turismo nem mais belo, nem mais acessível às populações curiosas do Rio da Prata, que êsse oferecido pelo Rio Grande.

AS CIDADES

Um punhado de cidades bonitas enfeitam a païsagem gaúcha, cada qual definindo, nos seus traços arquitetônicos e nos costumes da sua gente, as origens que embalaram a nossa recente formação racial, no conglomerado das primeiras hordas povoadoras.

Aninhadas à beira de rios, ou nos mais férteis vergéis, primeiro herdades ou fazendas, depois vilarejos, elas tiveram êsse nascimento rápido que carateriza a evolução das cidades americanas. Nelas não se encontra quasi um passado, ou o que possa caraterizá-lo em traços de antiga tradição. Apenas as que assinalaram a chegada dos primeiros povoadores, nas margens dos rios, guardam, como pequenos remansos de saüdade, êsse estilo colonial.

Sobretudo, avulta na dianteira dessas cidades novas, em seu crescimento esplêndido, Pôrto Alegre, cidade de suaves encantos, contornada pelo vasto estuário do Guaíba. O largo rio, alimenta-



NO GUAíBA

O eldorado dos esportes aquáticos.



VISTA DE METRÓPOLE

Parte do centro da cidade de Pôrto Alegre, com o Mercado Público no primeiro plano.

do por cinco tributários, carregado de ilhas, desenha curvas harmoniosas nas margens junto à "cidade sorriso", fundindo, num só encanto, o pitoresco das praias balneárias e as florescentes agrupações modernas que vão surgindo. Ao fundo, uma cadeia de morros encerra a paisagem, como que fechando a cidade num abraço.

Pôrto Alegre é uma capital tìpicamente americana. De expansão vertiginosa, vem adquirindo uma animação acentuada, ao passo que cresce em superfície e população. Sua importância econômica é expressada pela situação que conquistou, de terceiro parque industrial do país, o que vale quasi dizer, do continente sul-americano. A cidade é tôda uma surpresa para o visitante, já que, recém poucos anos a esta parte, vem sendo conhecida e mencionada. No geral, os itinerantes revelam, com entusiasmo, êsse caráter de absoluta novidade que Pôrto Alegre oferece aos seus olhos descobridores.

Como cidade, Pôrto Alegre já apresenta uma atração turística. Seus parques e jardins, suas longas e amplas avenidas, sua fisionomia arquitetônica, definindo-se pelo traço moderno e audaz dos arranha-céus, suas obras de arte, públicas e interiores, suas indústrias e seus centros de cultura, o serviço correto de seus estabelecimentos hoteleiros, e, sobretudo, o temperamento acolhedor de sua gente, somam êsse índice expressivo, que vem sendo manifestado por uma procura crescente de iniciativas, partida, especialmente, da cidade de Montevidéu, de onde já nos vieram freqüentes caravanas de excursionistas.

De igual maneira situa-se entre as primeiras cidades do país no índice cultural, em que lhe formam lastro uma universidade e um instituto superior de Belas Artes. A bagagem intelectual que Pôrto Alegre ostenta é dessas que falam numa linguagem convincente, rotulada pelos nomes mais expressivos do panorama literário brasileiro.

Como ponto de partida para o extraordinário roteiro turístico do Rio Grande, a capital distribue suas magníficas vias de comunicação para tôdas as direções do Estado. As boas rodovias abreviam o acesso às regiões de serra e mar, onde a natureza é mais caprichosa e pródiga. Com pouco mais de duas horas de passeio, o viajante alcança as paragens encantadoras de Caxias, Canela ou Tôrres, triângulo que encerra a topografia mais esplêndida do Estado, repartida entre colônia, serra e mar.

Caxias é uma cidade bem nova, tendo apôio econômico na industrialização do vinho, pois as suas terras são dadivosas e apropriadas. Ao redor, por vales e montanhas, estendem-se os vinhedos sem fim; e na cidade, coroando o esfôrço do plantador, estão as grandes cantinas, das maiores



BELEZAS NATURAIS DO RIO GRANDE

Uma das muitas quedas dágua do Estado (Salto do Rio Potiribú, no município de Ijuí).

da América do Sul. Cidade de clima saüdável, Caxias proporciona temporadas inesquecíveis para veraneios. Bem ao alcance está o rio das Antas, selvagem e impressionante nos panoramas que oferece: e estão outras tantas cidades pitorescas, como Bento Gonçalves, Garibaldi e Farroupilha, tôdas elas risonhas e acolhedoras.

Subindo para Canela, o visitante atravessa uma verdadeira miniatura da Suiça, na païsagem montanhosa que os caminhos cortam. O acesso é fácil e confortável. Cidadezinha de serra, nascida entre os pinheirais, Canela é uma grande promessa para o futuro, e a excelência do seu clima é a razão principal do crescimento que apresenta. É um recanto criado pelo turismo. Bem perto, e cada qual com vistas mais surpreendentes, estão Gramado, Caracol e Salto. Numa altitude de quasi mil metros, a região tôda tem o caraterístico de se impor à alma humana, que é o segrêdo de tôdas as grandes estações de vilegiatura. Uma selva quasi densa, acordada pelo rumor constante das cascatas.

Buscando o Atlântico, Tôrres é o ponto terminal da direção Norte, alcançada pela imensa faixa litorânea, antecedida por magnífica estrada de rodagem, na partida de Pôrto Alegre. Essa rodovia, por si só, constitue um programa de atrativos, especialmente onde cruza o termo da Serra do Mar, ao pé da Lagoa dos Barros. Tôrres, no dizer dos visitantes mais autorizados, é dos recantos mais belos que a civilização conhece, marcando um traço vigoroso no sereno encanto do litoral, com seus penhascos abruptos levantando-se diante do mar. Ao fundo, esbatida em bruma, passa a Serra do Mar, qual uma barreira gigantesca. É lá que ficam os famosos "Aparados", só acessíveis pelas bandas de Canela e São Francisco, e que constituem os acidentes mais impressionantes da orografia gaúcha. É a rocha talhada à pique, em profundos peraus de quatrocentos metros, fendendo as férteis pastagens do planalto, e tendo à descoberto um horizonte que só termina na curva distante do mar.

Para atingir Tôrres, passam-se vários balneários pitorescos, pois que a praia está pontilhada deles. Tramandaí, Imbé, Capão da Canoa. Mais para o sul está Cidreira, de simplicidade rústica e familiar. Para encerrar a enumeração dos principais balneários do litoral, apresenta-se a praia do Casino, animada e aristocrática, ponto de convergência das populações da parte sul e fronteira, por estar situada junto à cidade de Rio Grande.

De um modo geral, êsses balneários todos ressentem-se, ainda, do alto grau de confôrto a que o turista se foi habituando nos tempos modernos. São guardadores da tradição de simplicidade do gaúcho, e parece que houve intenção de acentuá-la nos seus moldes domésticos, impondo-se desde os primeiros veranistas que chegaram à beira do mar. São balneários do pijama, do tamanco e do chapéu de palha. Não têm nada dêsse requinte de elegância que originou o alto padrão de vida dos famosos parques balneários do mundo. Contudo, essa simplicidade de escassas exigências originou a falta de confôrto dos primitivos hotéis. Hoje há a tendência para uma acentuada melhoria, com a iniciativa do Govêrno do Estado, ao criar um Departamento especializado, de dotar de novos estabelecimentos hoteleiros essas praias tôdas. E os existentes tiveram de conformar-se com as rigorosas imposições do Departamento Estadual de Saúde. Êsse impulso dado pelo interêsse oficial, transformará radicalmente, em muito pouco tempo, a fisionomia rústica dos nossos balneários, revestindo-a com o toque marcante do moderno urbanismo.

Apresentando no litoral uma identidade absoluta, em sua conformação física, com o litoral que circunda a vizinha república do Uruguai, famosa por suas maravilhosas praias, tudo indica que aquí se empregarão os mesmos processos preliminares que lá foram adotados; especialmente na luta contra um perigo que é idêntico, qual seja o da invasão das areias. O Uruguai resolveu êsse problema com muita simplicidade: a arborização. Na guarda avançada plantaram o "transparente", arbusto de escassas exigências para vingar. Por detrás dele, surgiram bosques de "pinheiros marítimos" ou de "eucaliptus", formando extensa zona verde que protege e embeleza a faixa litorânea daquele país. Aquí se tratará de fazer o mesmo, ao encarar de frente a necessidade de promover o progresso definitivo da zona marítima.

Há um outro rumo que vem canalizando, últimamente, grandes levas de viajantes. É o das nossas estações termais. Com efeito, dispondo de três estâncias de esplêndidas águas sulfurosas e alcalinas, o Rio Grande começa a chamar a atenção do estrangeiro, que já acorre em grandes caravanas, na busca ansiosa da saúde. Essas estações estão magnìficamente aparelhadas em serviço hoteleiro e estabelecimentos balneares, proporcionando o máximo de confôrto, como também curas surpreendentes, aos que os buscam. Iraí, na divisa do Estado de Santa Catarina, e Itaí e Ijuí, junto à cidade de Ijuí, são êsses três pontos indicados e de tão constante solicitação.

FACILIDADES E ATRATIVOS

Muito se tem de fazer ainda, em matéria de facilidades, para a fixação de uma indústria turística no Rio Grande. Em primeiro lugar, impõe-se a coordenação dêsses afluxos esporádicos existentes, com a criação de um organismo competente, que promova uma publicidade à altura e os meios e iniciativas que se fazem sentir. Seguem-se as facilidades de fronteira, tão necessárias ao incremento dessa vasta possibilidade latente de que dispomos, com as populações do Rio da Prata. Alguns aparelhamentos de ordem técnica, co-



TURISMO

Um dos grandes navios de passageiros, atracado no cais de Pôrto Alegre.

mo bons hotéis nas cidades e estalagens confortáveis nos pontos estratégicos, completariam a solução imediata do nosso problema, abrindo campo a um enorme proveito de ordem econômica. Já nos estamos aparelhando de magníficas estradas de rodagem. O serviço ferroviário do Estado não apresenta lacunas. De antemão sabemos que as exigências do turista se resumem a pouca coisa: estradas, comida e panoramas. As primeiras e os últimos não nos faltam. Resta-nos incentivar um bom serviço hoteleiro, para caírmos nas graças do turista internacional.

Há a considerar também, como ponto de extrema importância, a ligação rodoviária com o Uruguai. As autoridades daquele país já dirigem sua atenção para êste aspecto, pois estão concluindo uma importante rodovia que ligará Montevidéu à barra do Chuí, tornando fácil o acesso automobilístico, por aquele lado, nas estações próprias, à nossa faixa litorânea, que por si só é um invejável caminho. Outra linha de comunicação está sendo dirigida a Aceguá, e uma terceira a Santana do Livramento. Se formos ao encontro dessa iniciativa, nestes próximos anos, não ficará longe o dia de vermos o nosso Estado se beneficiar, fartamente, do grande proveito de ordem econômica e espiritual, que resulta, sem dúvida, de um intercâmbio de turismo com os nossos irmãos do Prata. Somos um Estado prodigalizado pela Natureza, no que ela tem de melhor. Mostrêmo-nos inteligentes, promovendo a exploração dêsse vasto manancial que ela oferece.



VIDA BALNEAR

Na praia de Tôrres.

FORMAS DA VIDA



AS RAíZES DA POPULAÇÃO SUL-RIOGRANDENSE

Por LUIZ CARLOS DE MORAES

A expedição descobridora de Pedro Álvares Cabral, ao embicar nas terras do nosso litoral, em 1500, foi acolhida com mansidão e amizade por um povo de tez acobreada, de usos e costumes primitivos, demonstrando uma ingenuïdade verdadeiramente paradisíaca, o que muito impressionou à sensibilidade forte do português abstêmio, mercê da longa travessia oceânica. O minucioso cronista da armada cabralina, Pero Vaz de Caminha, em carta a S. Majestade, El-Rei D. Manuel, assim se expressa: "A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos; andam nús, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estão à cêrca disso com tanta inocência como tem em mostrar o rosto". Referindo-se às mulheres, continua: "Alí andavam entre êles três ou quatro moças, bem moças e bem gentís, com cabelos mui pretos, cumpridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas e tão saradinhas, e tão limpas de cabeleiras, que de as nós muito bem olharmos não tinham nenhuma vergonha".

Isso de beleza e graça vai por conta do cronista, porque, eu de mim, julgo que tais atributos faltavam ao aborígene, ao menos no conceito atual dêsses dons, embora José de Alencar nos tenha dado uma Iracema gracil, quasi uma GRANFINA dos nossos dias.

Do Amazonas, descendo pelo extenso litoral brasileiro, até o Paraguai, era, com a diferença mínima, resultante das condições locais, o mesmo índio descrito por Pero Vaz de Caminha, o senhor das diversas paragens. Falavam uma língua primitivamente monossilábica, talvez, e mais tarde evoluída, que se diferenciou no tempo e no espaço, formando o NHENGATÚ, a língua boa no conceito dos Tupís, falada no norte; e o ABANHENGA, a língua do homem ou do índio, conforme diziam os Guaranís, versada ao sul até o Paraguai. Tanto valera dizer — Tupís e Guaranís — ramos de um tronco comum, com a diferença que podemos comparar com a que existe entre o português e o espanhol.

As famílias totêmicas formavam tribus que viviam isoladas e rivais, guerreando-se mùtuamente, ou mantendo relações de amizade entre si, tomando parte em folguedos ou aliando-se para combater o inimigo comum.

No consenso geral dos historiadores, a grande família Tupí-Guaraní teve como centro de irradiação para todo o continente, a região oriental do rio Paraná, em Guaíra, conforme refere o ilustre e notável argentino Antônio Serrano, na sua ETNOGRAFIA DE LA ANTIGUA PROVINCIA DEL URUGUAI.

As migrações teriam se realizado no tempo e no espaço, por etapas, tangidos os povos por motivos econômicos, procurando o litoral onde a vida lhes seria mais suave; ou ainda, tocados pelos inimigos adventícios, deixaram o HABITAT primitivo, fugindo ao cativeiro ou ao extermínio. Não deixarei sem referência, ainda, a causa lendária que deu lugar ao êxodo daquele povo: a procura da TERRA SEM MAL, espécie de paraíso terrestre o IVY MARÃY dos Apapocuvas, onde morava ÑANDAY, a mulher do criador do mundo, conforme Antônio Serrano. Essa Terra da Promissão estava no litoral longínquo, cuja revelação chegava aos ouvidos daquelas gentes, através dos contos avoengos, relatados ao calor das lareiras aquecedouras ou à sombra fresca das árvores nas estações estivais. De geração a geração, a lenda transmitida oralmente foi-se avolumando e aparecendo como uma verdade indiscutível, até que um dia, que se prolongou por centúrias, fez abalar aquele povo em procura da felicidade, do bem-estar. Decepcionado pela miragem falaz que o atraía ao litoral, aí, parte se fixou, e outra parte ganhou o interior do continente em procura do que não encontrara, ou, ainda, tangida por inimigos que surgiram. Nas migrações e deslocamentos iam as levas migratórias afastando do eixo de marcha os Tapuias, talvez os primitivos habitantes de tôda a costa brasileira, que, acossados, procuraram o recesso das matas ou as regiões mais afastadas, onde difícilmente seriam encomodados por recém-chegados.

Da corrente migratória, constituindo tribus, os Tapes, Carijós, Caaguás, Arachanes e outras, ao passo que da raça corrida do seu antigo HABI-



MORADA INDÍGENA PRIMITIVA

Choça típica dos índios "Coroados", no sertão de Nonoái (município de Palmeira).



Grupo de indígenas Caingangs, estudados pelo engenheiro Mabilde, em meados do século passado, na zona de Santa Cruz.

TAT, os Tapuias, figuram Járos, Chanás, Guenoas, Caingangs, Charruas e Minuanos, aparentados, portanto, entre si. Assim, pois, Tupís-Guaranís e Tapuias foram as raças encontradas no Rio Grande por ocasião da sua ocupação pelos conquistadores europeus. O estudo que me proponho fazer seria falho, se não deixasse consignada esta síntese da história dos primitivos ocupantes do nosso Estado, onde, através de luta, pilhagem e trocas mercantís, começou o caldeamento étnico que devia se prolongar no espaço e no tempo e, mais tarde, agravado ainda por novas correntes vindas de fora, europeus e africanos.

Não estudarei cada elemento separadamente, mas a essência da vida do índio em geral, sem prejuízo, é certo, de um estudo mais demorado em certos pontos relativos a essa ou aquela parcialidade. Assim, demorando-me no que concerne ao Charrua, terei incluído nessa parte, os Minuanos e outros afins. Bem assim, ao tratar dos Guaranís, sintetizarei todos os ramos dêsse povo, Tapes, etc. Quanto, porém, aos Caingangs, procurarei fazer um estudo mais apurado, por se tratar de uma família ainda existente no Estado, cujos costumes, embora muitíssimo modificados, dão uma idéia do que foram êsses índios há séculos passados.

Das demais, hoje nada mais se encontra que denuncie a sua existência formando grupamento étnico, tendo-se fundido na massa geral dos habitantes do Estado.

Assim, se não se encontram Charruas, Minuanos, Tapes ou Carijós, como clans, resistindo à fôrça assimiladora da civilização, deparamos, entretanto, no quadro geral da população de algumas regiões do Estado, com o estigma marcante da sua dosagem no caldeamento étnico da nossa gente.

No decurso do século 19, outros elementos, além do português e do aborígene, vieram complicar mais a mescla que se vinha processando, assim compreendido o concurso alemão e italiano, para só falar nos mais importantes do ponto de vista da quantidade.

Povo na infância da história, que vascilava ainda nos limites históricos das pedras lascada e polida, desconhecendo em absoluto o uso dos metais, encontrava a base da sua alimentação na caça e na pesca, no mel e nos frutos silvestres, a-par do produto escasso de uma rudimental lavoura. Conhecedor do fogo, que acendia pelo atrito de dois pedaços de madeira, o aborígene preparava no MOQUÉM a caça e o peixe, se não eram destinados ao consumo imediato. Constava o MOQUÉM de uma espécie de GIRAU feito de varas, cuja altura media, mais ou menos, um metro, e sôbre o quai colocava a peça a ser cozida. Sob tal armação era feito o fogo que, lentamente, durante horas e horas, ia, paulatinamente, assando as vitualhas, geralmente sob as vistas das mulheres, encarregadas dêsse mistér. A carne, uma vez MOQUEADA, ficava apta a ser guardada por alguns dias, sem sofrer deterioração. O mesmo se dava quanto ao pescado, que, reduzido, depois de assado, a uma farinha que se denominava PIRACUÍ, era também assim conservada. Com êsses alimentos, o índio empreendia as suas viagens e guerras, tendo garantido, por algum tempo, o abastecimento da maloca. As mulheres se encarregavam do transporte dessas vitualhas, em qualquer circunstância, pois aos homens competia exclusivamente combater e procurar a caça.

Da sua lavoura colhia o milho e a mandioca, que, com algumas raízes silvestres e o palmito, extraído do gerivá (coco Romanzoffiana. Cham.), constituiam a parte vegetal da sua alimentação. Nem todos os índios, porém, cultivavam a terra, e, os que o faziam, usavam o fogo para a devastação das matas para as sementeiras, sem outros cuidados, além da abertura das covas por meio de uma espécie de cavadeira que denominavam SARACUÁ. Só os que levavam vida mais ou menos sedentária praticavam a rudimental e precária lavoura, vivendo os demais uma existência errante e vagabunda, tais como Charruas e Minuanos, mòrmente depois do advento do cavalo, veículo propício às suas aventuras de roubos e pilhagens.

CAÇA E PESCA

As mesmas armas usadas na guerra serviam também para a caça, a não ser em casos especiais, tal como na caça de pequenos pássaros, em que se utilizavam de uma flecha de ponta ogival que não dilacerava as carnes das vítimas. Assim, ao descrevermos êsses utensílios, fá-lo-emos em sentido geral, abrangendo umas e outras. Mesmo as BOLAS, mais pròpriamente, as BOLEADEIRAS, que muitos julgavam só se destinarem à prêsa do potro bravio ou a do vacum alçado, e consideradas erradamente como aparecidas depois do advento do cavalo na América, era uma arma terrível nas mãos do índio destro no seu manejo e emprêgo. Êsse instrumento passou aos adventícios



HABILIDADE ARTÍSTICA DO INDÍGENA

Espaldar de cadeira, esculpido por indígenas, no início do século XVIII, nas reduções jesuíticas.



UTENSÍLIOS INDÍGENAS: Arco, flecha, cesto e enfeites.

europeus que derivaram para os campos, tornando-se dignos discípulos de tais mestres, nas lutas e nas cavalgadas desenfreadas pelas campinas do nosso Estado. Hoje, porém, o seu uso, se não abolido, está pelo menos muitíssimo limitado nas lides dos campos, pelos danos que causam aos animais.

O índio, a despeito da sua natural imprevidência, não era, porém, totalmente despido de um certo princípio de economia doméstica. Certas entidades lendárias protegiam as peças de caça que não deviam ser abatidas. O ANHANGÁ, na figura de um veado branco, com olhos de fogo, que aparecia ao caçador perseguindo a fêmea prenhe ou a que estivesse amamentando, produzia febre e às vezes a loucura. Essa era a entidade que presidia a caça do campo, enquanto o CAAPORA cuidava a do mato. Era êsse representado por um homem muito grande, coberto de pêlos negros por todo o corpo, montado em um porco. Quem tivesse a desventura de deparar com tal entidade, podia contar que seria infeliz por tôda a vida. De CAAPORA, passou para o nosso léxico o CAIPORA, que bem sabemos o que significa. Podemos, desde então, avaliar o efeito que produziam tais crenças ou superstições no espírito infantil dos nossos indígenas, que assim poupavam do extermínio a fauna, de que se alimentavam.

Um dos seus métodos de caça era o seguinte: reünidos os caçadores, conforme registra Antônio Serrano, distribuiam-se no terreno, formando um grande círculo que se ia cerrando cada vez mais e apertando os animais em zona mais restrita, onde, então, a flechadas e por outros meios, abatiam os que queriam, deixando que fugissem do cêrca as fêmeas prenhes e os animais jovens. Afonso Mabilde, que nos meados do século passado viveu algum tempo entre os Caingangs, com os quais combateu em luta cruenta, conta que cada família tinha, demarcada pelo cacique principal, uma determinada área de mato onde praticavam não só a caça como também a colheita do pinhão e outros produtos naturais. A violação de tais limites era motivo de guerra encarniçada entre as famílias interessadas, que se aproveitavam do ensejo para vinganças e atos de barbarismos. O mesmo instinto de economia se notava quanto ao excesso de colheita de pinhões, que conservavam para o consumo nas épocas em que não havia dêsses frutos.

Não só de armas usavam os índios para conseguir a caça, mas também de engenhos e armadilhas que engendravam com os recursos que tinham à mão. Assim, o MUNDÉU consistia em um tronco de certo pêso, colocado entre estacas e suspenso por uma das extremidades a uma armação, que, tocada pelo animal, cedia, caindo-lhe encima, esmagando-o. Êsse engenho era preparado na senda ou trilho dos animais menores, como a paca, a cutia e outros pequenos quadrúpedes. Também empregavam o LAÇO, consistindo em uma corda atada a uma haste fortemente fixada ao solo, que, vergada, permitia armar, sôbre o chão, uma laçada com a corda nela presa, disposta encima de uma vareta que cedia fàcilmente, quando tocada, permitindo o enlaçamento da presa pelo pescoço ou por um dos membros.

Para apanharem o tatú, usavam construir uma estacada na entrada da toca, tendo antes o cuidado de encher o buraco com terra bem socada. A estacada afetava a forma de um cone assento sôbre o solo, ligeiramente inclinado, cujo vértice era formado pelas outras extremidades bem atadas das varas. Quando o animal, procurando sair, cavava a terra, ia deixando-a para trás, e, chegado ao vértice, não podendo dar volta, era pegado pelo caçador. A URUPUCA era uma espécie de gaiola, feita de varas entrelaçadas, fixas por meio de corda formando como que um tronco de pirâmide; armada, obedecia ao mesmo princípio usado no LAÇO e no MUNDÉU, e destinava-se ao MACUCO, ao INHAMBÚ, às RÔLAS, que a ela vinham ter, engodados por milho, frutas, etc., adrede espalhados sôbre o solo.

Para animais grandes, como capivara, anta, tigre, etc., construiam o fojo, em cujo fundo cra-



ARMAS INDÍGENAS — Boleadeira.



TIPO DE FAZENDEIRO GAÚCHO

O fazendeiro de tempos idos, em sua apresentação domingueira: Pala, bombachas, esporas, relho, faca e arreios de prata (Fotografia do começo dêste século).



UTENSÍLIOS INDÍGENAS

vavam uma estaca em forma de ponta de lança, onde o animal, ao cair, vinha espetar-se.

Na pesca, utilizavam-se do PARÍ, do côvo, da flecha e do varapau ou lança de madeira ponteaguda, além de outros meios de fortuna. O PARÍ consistia em um cercado, feito de pedras soltas às margens do rio, com uma abertura que permitia a entrada fácil do peixe, por ocasião das cheias, sendo, entretanto, de difícil saída. Uma vez encerrado o cardume, eram apanhados com facilidade os peixes que desejavam. Êsses meios de pesca não deixavam, porém, de dar um certo trabalho ao índio, pouco avêsso ao esfôrço; e, por isso, os anzóis trazidos pelos europeus vieram revolucionar o sistema até então por êles praticado, tornando-se um objeto muito estimado, trocando-os por frutos, artefatos e outras coisas da terra. Mabilde afirma que os índios Caingangs usavam o TINGUÍ, um entorpecente vegetal que lançavam ao rio produzindo uma como embriaguez do peixe, facilitando a coleta. Diz ainda o distinto autor que não era deles desconhecida uma espécie de tarrafa que teciam com a fibra de urtiga, e com o qual exploravam a pesca nos nossos rios e lagoas, ricos das variedades pescadas por aquele meio.

COSTUMES E CERIMÔNIAS

O estado de guerra entre algumas tribus ou famílias era muito comum; em outras, porém, reinava o espírito de harmonia e concórdia, vivendo entre si como verdadeiros aliados, na mais doce paz e sossêgo. Os motivos que as levavam às guerras eram, as mais das vezes, fúteis e insignificantes, não devendo ser esquecido o eterno CHERCHEZ LA FEMME, quando procuravam, MANU MILITARI, nas tribus inimigas, a fêmea de que necessitavam.

Vivendo em paz, ou nas guerras que empreendiam, onde os processos eram os mais bárbaros e atrozes, nasceria daí, necessàriamente, o entrelaçamento consanguíneo e, com êle, o de costumes, de línguas, de lendas e superstições, como ocorreu entre o ramo Tapuio e o Guaraní, a ponto da língua dêste ter suplantado por completo a daquele. Não se encontram, atualmente, na nossa toponomia, nomes outros de origens das línguas nativas que não sejam originárias do Guaraní e, em reduzidíssimo número, os procedentes dos Caingangs, como GOIO-EN, ERÊ-BANG, e poucos mais, mau grado a opinião do ilustre historiador Aurélio Porto, que atribue origem minuana para o nome de cêrro de Baú. Explica êle que Baú vem de BAUMA, dizendo que, tanto no minuano, como entre os Caingangs, significa cêrro.

Graças a estudos feitos no Uruguai, pelo ilustre Professor S. Perea y Alonso, inserto no BOLETIN DE FILOLOGIA, tomo 2°, números 6-7, de março e junho de 1938, que apresenta uma lista regular de termos ou palavras charruas, vemos que só uma palavra daquela origem, encorporada ao nosso léxico, nos faz lembrar o idioma daqueles índios entre nós, tal a voz CARACÚ que, entre êles, significava perna, tendo passado para o nosso vocabulário com o significado de osso de canela do vacum ou ainda o tutano dela extraído. Essa ausência de nomes de origem tapuia, charrua e afins explica-se pelo fato de todos êles falarem o idioma guaraní, conforme afirma Azara, por ser essa língua mais acessível aos traficantes, com os quais negociavam aquelas tribus.

O nosso indígena, rigorosamente falando, não tinha idéia religiosa. Não adoravam os Guaranís, como errôneamente se conta na nossa literatura, um deus a quem davam o nome Tupã. Os padres jesuítas valeram-se, entretanto, do temor que os selvagens tinham do trovão e do relâmpago, que pensavam ser criado por Tupã, para neles despertar a idéia do Deus verdadeiro, em cujo amor esperavam reduzir aquelas almas mergulhadas nas trevas da ignorância das coisas divinas. Além dessa entidade, à qual nenhum culto rendiam, mas que só temiam, nada mais se encontra entre êles que nos autoriza a crer haver existido uma crença entre êsses selvagens, se assim não considerarmos o culto a "certas pedras naturais, culto que recorda



ACHADOS INDÍGENAS



VELHO GAÚCHO

Fotografia do começo dêste século (Museu Júlio de Castilhos, em Pôrto Alegre).



ADORNO INDÍGENA: TOUCADO

em muito ao dos Apachetas ou Mochadeiras do Perú e noroeste argentino", como informa Antônio Serrano no seu já mencionado trabalho. A tais amuletos chamavam os Guaranís de ANHÃ-CIBÁ, isto é, a figura do diabo, no vernáculo. Parece que criam ser a morte transitória, pois, ao enterrarem os seus mortos em grandes potes de barro, colocavam, junto ao cadáver, as suas armas e objetos de uso pessoal, para, quando se desse a ressurreição, alí tudo encontrassem para a nova vida. Eram êsses índios dados à antropofagia, mas não pelo simples prazer de comer a carne humana, mas, sim, em obediência a um inveterado rito guerreiro; tanto assim que todos os da comunidade teriam de, pelo menos, provar nem que fosse um caldo feito com uma migalha da carne do inimigo. Até às crianças de peito tocava um pouco dêste caldo e as mães davam-lhes de beber pequenos goles, podendo, depois da ingestão, mudar-lhes o nome, para um que merecesse sua melhor simpatia. A cerimônia do sacrifício da vítima revestia-se de um longo e minucioso ritual, com o comparecimento de tôda a tribu, que assistia, com dansas e salamaleques, à morte do inimigo, que era executado a pauladas, competindo às mulheres velhas a tarefa inglória do desquartejamento e a cozedura dos bocados dos infelizes cativos.

O Guaraní era polígamo, podendo ter tantas mulheres quantas quisesse, mas segundo Serrano, em algumas tribus só se buscava nova companheira, quando a que devia ser substituída se tornava velha, ou então quando ocorria a morte de uma delas. O adultério era crime castigado com a morte, algumas vezes, e outras, com penas bárbaras. Entretanto, os caciques, como sinal de hospitalidade para com forasteiros notáveis, ofereciam a êles as suas mulheres, com muita solicitude e satisfação.

Como sinal de pesar, as mulheres guaranís davam grandes e horríveis gritos de lamentos, arrancavam os cabelos, feriam-se no rosto e terminavam atirando-se de grandes alturas. Entre os Charruas, costumavam as mulheres amputar um dedo da mão, como prova de sentimento por cada ente querido que desaparecia.

Tanto entre os Guaranís como entre os do ramo tapuia, era costume submeter a jovem, ao entrar na puberdade, a certas práticas preparatórias para os misteres de mãe ou de espôsa. Entre os primeiros, por exemplo, a contar do dia do aparecimento da menstruação, a moça era cosida em uma rede, só conservando livre a cabeça, afim de poder ser alimentada. Passados três dias, daí retirada, ficava entregue aos cuidados duma índia idosa que lhe ministrava os deveres domésticos. Cortava-lhe os cabelos, e ficava proïbida de comer carne até que êles crescessem novamente. Era também o início da garridice, como que se preparando para o namôro, pois só então se enfeitava com os adornos de que dispunha, assim chamando a atenção dos homens para o casamento, para o qual, então, estava apta. Entre os Charruas e afins, essa época fisiológica da mulher motivava festas e folguedos, consistindo em baile e comezainas, não faltando as bebidas com que se embrorrachavam. Nas dansas, quando alguma china ou um índio executava mal o compasso, levava pelas pernas um golpe de látego ou um bolaço desfechado por um MESTRE DE CERIMÔNIAS, postado ali para êsse fim.

Não obstante alguns historiadores se referirem a essas FESTAS, dizem também que o Charrua era um índio taciturno e que desconhecia a música, o que não se dava com os Guaranís que usavam a flauta de taquara e uma espécie de chocalho.

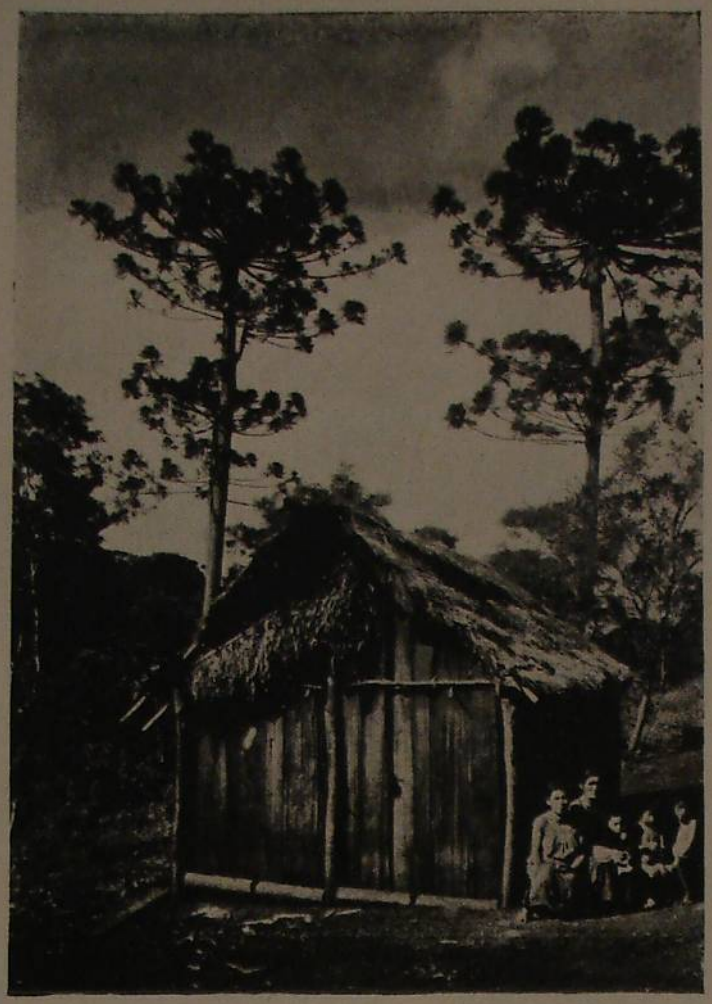
Sôbre as mulheres recaiam todos os serviços que não fossem a caça e a guerra. Eram elas os verdadeiros BURROS DE CARGA, que plantavam os arremedos de roça, que procuravam a lenha, que carneavam e preparavam as comidas; e, enfim, que transportavam nas mudanças os pesados fardos das bugigangas domésticas, e ainda os filhos que não andavam com os próprios pés. Entre os Caingangs ainda hoje vemos a mesma maneira de acomodar os filhos, como ilustra a fotografia na página 119.

Como os Guaranís e afins, parece também que os Charruas acreditavam na imortalidade da alma, tanto assim que, nas suas peregrinações constantes, costumavam levar consigo os ossos dos seus antepassados, ou seja por que criam na ressurreição ou ainda por que constituia isso um simples culto



INDUMENTÁRIA GAÚCHA

Detalhes caraterísticos da indumentária gaúcha, em seu apresto domingueiro (Fotografia do comêço dêste século).



MORADA INDÍGENA ATUAL: RANCHO

aos mortos. Às velhas competia o espostejamento e desossamento dos cadáveres, preparando-os para as marchas macabras nas guerras e nas rapinas, através dos campos sem fim por onde vagabundeavam êsses índios revéis e indomáveis. Os Minuanos, porém, enterravam os seus mortos em lugar elevado.

Nas suas borracheiras e bacanais, viam, também, excitados pelo alcool, visões e duendes, o que parece corroborar a crença de que consideravam transitório o passamento dos seus parciais. Nenhuma lenda, ao menos, foi conservada dêsses selvagens, por onde melhor se pudesse ajuïzar do seu sentimento religioso. Nesse peregrinar macabro, levando os restos dos antepassados, por onde quer que seguisse a turba errante e vagabunda, algo talvez houvesse na sua psique. Sentimento afetivo ou crença na imortalidade?

Quanto aos Caingangs, porém, colheu-se a lenda da Saracura, que faz pensar no dilúvio bíblico. Contavam êles que, antigamente, houve uma grande enchente que inundou tôda a terra, exceto a SERRA GERAL ou CRINDJIMBÉ, onde os Caingangs vieram dar a muito custo, nadando, e levando na bôca tições acesos. Aí conservaram-se por muitos dias, curtindo os maiores tormentos da fome, até que ouviram, quando já esperavam a morte, o canto das Saracuras, que traziam terra em um cesto que iam lançando às águas, a partir do ocidente. Os índios, aflitos, pediram, então, a essas aves que apressassem o seu trabalho, o que elas fizeram, convidando os patos para o gigantesco empreendimento. Em pouco tempo estava assim formado um planalto na SERRA GERAL, onde então puderam viver melhor.

Esta lenda interessante pode ser lida, com mais desenvolvimento, na AVIFAUNA E FLORA, do eminente historiador C. TESCHAUER, S. J.

Êsses índios, segundo REINALDO HENSEL, em trabalho publicado na REVISTA DO MUSEU E ARQUIVO PÚBLICO, adoravam a uma estrêla a que chamavam Tupá, o que, no entanto, não achei confirmado em nenhum autor mais.

Tupá, sendo palavra guaraní, vê-se logo que tal crença, se realmente existia, foi obra de enxêrto, porquanto os Caingangs, tendo língua própria, teriam dado o nome da sua crença original no idioma que versavam.

Conforme conta Mabilde, por ocasião da morte de um cacique Caingangs, faziam-se grandes cerimônias, dansando-se, comendo-se e bebendo-se em roda do cadáver, o que era continuado após o enterramento, ficando o sepulcro pisoteado por aqueles sapateados. As dansas, feitas ao som da música e cantorias, eram, de vez em quando, revezadas por grandes lamentações e chôros, onde não se viam, porém, as lágrimas, chorando êles em sêco, como se exprime o autor. Refere ainda Mabilde que os cadáveres eram depositados no sepulcro, com a fronte tornada para Oeste. A ser exata tal observação, terá tal prática alguma relação com o culto ao sol dos Incas do Perú?

Não sei, se, primitivamente, os índios Caingangs conheciam a música. A despeito, porém, do que informa o citado autor, contemporâneamente, sei serem êles não só apreciadores dessa arte, como também entusiastas devotos de Terpsícore. pois, quando em uma comissão no Alto Uruguai, nos anos de 1904 a 1908, tive muitas vezes ocasião de assistir a bailes, onde os soldados, que comigo serviam, dansavam com as bugres, ao som de gaita. Tive também conhecimento naquela ocasião, da facilidade com que elas se entregavam aos soldados, recebendo, em retribuïção, alguns minguados níqueis.

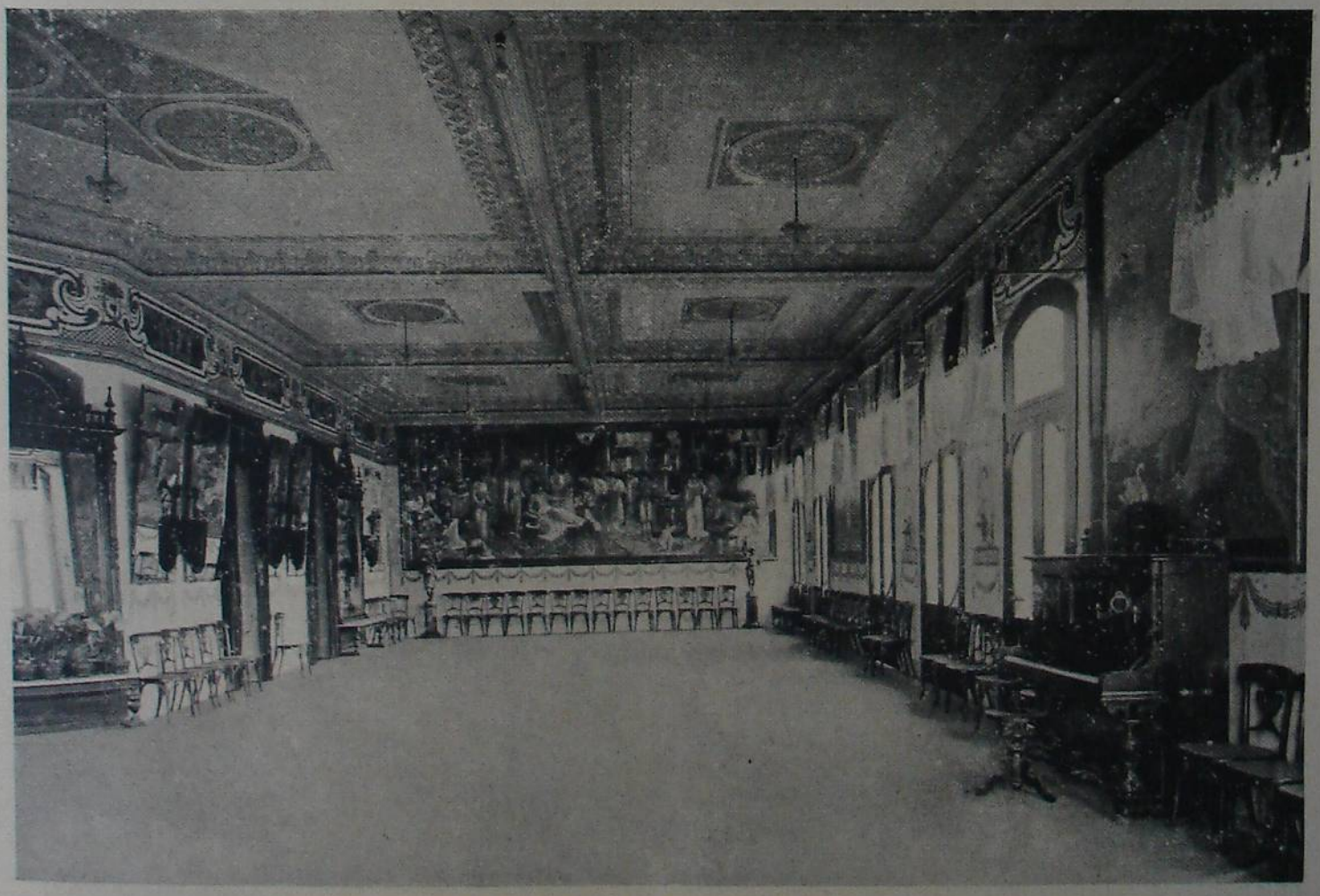
A morada dos Caingangs consiste em choupanas de pau-a-pique e cobertas de folha de gerivá. Vi, contràriamente ao que diz Hensel, que estas choupanas são verdadeiramente miseráveis, a ponto de que, em um pequeno quarto, pernoitarem inúmeras pessoas, em verdadeira promiscuidade.

Quanto aos Charruas e Minuanos, as suas casas eram ainda mais rudimentares, constituindo simples tendas, cobertas de capim santa-fé ou outro qualquer, e mais tarde, com o aparecimento do cavalo e vacum, essa cobertura é substituída pelo couro, de mais fácil aquisição e transporte. O couro representou mesmo um papel importante na evolução da vida daqueles povos. Com êle fabricavam



VIDA CITADINA, PELA VOLTA DÊSTE SÉCULO

Salão denotando distinção burguesa.



VIDA CITADINA, PELA VOLTA DÊSTE SÉCULO

O fausto de um salão de baile.



Índios civilizados "Coroados" da zona missioneira

todos os utensílios de corda, porta dos ranchos, camas e roupas, com que se abrigavam do frio. Para conseguirem a flexibilidade necessária para o fabrico dessa roupa, curtiam o couro com cinza e graxa. No inverno, traziam tal vestimenta com o pêlo junto ao corpo e no verão faziam o inverso.

Os índios no geral andavam nús, e usavam pintar e tatuar o corpo, quer por garridice, quer por se julgarem assim temidos dos outros. Quando, porém, dispunham de alguma vestimenta, usavam-na de qualquer maneira. Muitos autores dizem do uso do tecido de algodão e de outras fibras na confecção de tangas, etc.; mas julgo que isso foi obra da evolução posterior à chegada dos europeus na América. O testemunho de Pero Vaz de Caminha é bem eloqüente para ser tomado como expressão da realidade. Os cabelos sempre crescidos, caídos pelo ombro, desgrenhados, mais pareciam demónios do que gente. Nessa cabeleira, assim inculta, medravam os piolhos, que a índia, ao catar, comia como vingança, diziam, pelo mal que lhe faziam os repugnantes insetos.

As mulheres engalanavam-se com adornos auriculares e colares, ao passo que aos homens eram reservados o TEMBETÁ e o adôrno nasal.

ARTEFATOS

A nossa arqueologia é rica de artefatos indígenas, quer quanto à cerâmica, quer quanto à arte lítica. O nosso Museu Júlio de Castilhos é rico dêsses objetos, onde o estudioso tem vasto campo para os seus estudos. Abundam alí as panelas e outros vasos de barro, alguns lisos e outros trazendo impressões digitais ou produzidas por outros instrumentos; cachimbos e espécies de amuletos em forma humana e de animais; machados de diversas espécies, destacando-se o raro espécime circular, o ITAISSÁ ou rompe-cabeça, usado pelos guerreiros descendentes tapuias. São pedras de acabamento tão perfeito que desorientam os estudiosos. Pelo orifício central, introduzia-se o cabo, pelo qual era essa arma manejada. Como obra de pedra encontram-se ainda as boleadeiras de diversas formas, conhecidas no Estado como "bola dos Charruas". Tive ocasião de encontrar nos areais de S. Simão, nas costas do Santa Maria, algumas variedades delas, uma sem o sulco central e outras com êsses sulcos bem visíveis. Quanto aos machados, predominavam os polidos, sendo raros os de pedra lascada.

Enfim uma grande variedade de líticos nos oferece o Museu Júlio de Castilhos: tembetás, pilões, quebradores de caroços, etc., etc.

Ainda como obra de arte, vemos alí as armas, cocares, braceletes, colares, etc.

ARMAS

Disse, páginas atrás, que as armas de caça eram, com pouca diferença, as mesmas usadas na guerra. Com efeito, o arco, a flecha, o machado, o bodoque, a lança e o tacape, tanto serviam para uma, como para outra dessas atividades, segundo relatam os contemporâneos dêsses selvagens e, posteriormente, os historiadores que deles se ocuparam. Mabilde, que viveu e combateu com os bugres, ou seja com os Caingangs, informa que o alcance das flechas atingia, em altura, mais ou menos, 60 metros, e 100 metros horizontalmente.

As bolas ou boleadeiras foram encontradas também entre êsses índios moradores no interior das matas, o que leva à convicção de que não eram elas privativas dos índios campeiros, como Charruas, Minuanos, Tapes, etc. Os Caingangs não utilizaram o cavalo, e por isso somos levados a crer que possuiam as boleadeiras tanto como arma de guerra, como para a caça.

Na mão de Charruas, Minuanos e Tapes, as boleadeiras foram armas terríveis nos entreveros



Índios civilizados "Coroados" da zona de Nonoái



A emancipada



Criança



Cavalheiros



Noivos

com portugueses e espanhóis, como diz o General João de Deus Martins: "Com as bolas e um simulacro de lança, com que CUTUCAVAM o animal bravio, derivando-o do rebanho a encontro da montada e a lançada, a espanhóis e portugueses deram a fazer". Depois que êsses índios conheceram o cavalo, essas armas foram as únicas usadas pelo combatente montado, sendo o arco e a flecha reservados para os que se batiam a pé. O advento do cavalo veio a calhar para os errantes filhos das campinas, que, no seu dorso, cortavam aos quatro ventos, pilhando, matando e assaltando os viajantes que se aventuravam pelas nossas campanhas e as do Uruguai. Cavaleiros incomparáveis, vivendo, conforme a expressão gaúcha, no lombo do cavalo, anoiteciam aquí para amanhã surgirem muito além em busca do inimigo a surpreender e pilhar.

No fabrico do arco utilizavam-se das madeiras mais resistentes e ao mesmo tempo flexionáveis, tais como o ipé, a guajuvira e outras. As flechas eram de taquara, levando uma ponta dura, de osso de animal ou mesmo de madeira endurecida; e, logo que conheceram os metais trazidos pelos europeus, deram preferência a êsse material. As cordas para a confecção das armas era extraída do guaimbé, da imbira ou da urtiga.

A HERANÇA DOS ÍNDIOS

Só em certas regiões do Estado percebe-se a influência étnica na população rio-grandense, notadamente em Missões, onde os jesuítas conseguiram aldear cerca de quarenta mil almas, índios Tapes, Guaranís e Charruas, submetendo-os a um regime especial de govêrno, compatível com o estado social do selvagem. Era o que permitiam as circunstâncias; e, se melhores resultados não proporcionou tal regime, culpa, por certo, não cabe ao inaciano, mas, sim, a razões de outra ordem. Não há dados positivos ou mesmo aproximados, que nos permitam avaliar a percentagem do sangue índio entre nós. Pode-se fazer conjeturas e cálculos a respeito, mas tudo isso não passará de fantasia perigosa e trabalho sem valor. Se a herança étnica foi pequena, como tudo parece indicar, herdamos, por outro lado, o pendor para as lidas do campo, onde, nos rodeios e arreadas, eram inexcedíveis na habilidade com que subjugavam o cavalo selvagem e o vacum alçado. Hoje, nas estâncias, ainda podemos apanhar, em flagrante, a destreza e segurança do nosso campeiro, herdeiros legítimos daqueles índios que tanto ajudaram a fundar os primeiros estabelecimentos pastorís, pedra matriz do nosso edifício econômico, quer como peões, quer ainda como pequenos criadores. Sem o seu auxílio, impossível seria aos jesuítas a fundação das estâncias e vacarias no território rio-grandense, onde numerosos armentos pastavam e se reproduziam, elaborando a grandeza futura da nossa economia. Campeiros destemidos, certeiros no tiro de laço e destros no manêjo das traiçoeiras bolas, o índio foi para o missionário, indiscutìvelmente, o pioneiro na fundação das estâncias, elemento de grande valia.

Dos seus trabalhos, líticos e cerâmicos, nada herdamos como espírito artístico, pois, a despeito de um relativo adiantamento nesse assunto por parte dos povos guaranís, só obras grosseiras e sem inspiração nos apresenta a arqueologia aborígene.

Quanto aos trabalhos com material téxtil, encontramos entre os índios que ainda restam aldeados entre nós, uma rudimentar indústria de chapéus, peneiras, cestos e cousas semelhantes, que os Caingangs soem manipular com a fibra de taquara, da crissiuma e do cipó guaimbé, com o qual preparam também cordas de muita resistência para diversos misteres. Como adornos dos trabalhos mais delicados, utilizam-se êles de corantes extraídos de certas plantas que abundam nas matas onde vivem, para os seus desenhos ingênuos ou banais.

Em Tôrres e Costa da Serra de Taquarí, encontra-se também a mesma indústria de cestos e chapéus em mãos da população branca, porém, ao que se atribue, não à influência indígena, mas à herança dos açoristas.

Da sua ARQUITETURA, se quisermos nos honrar com uma herança, devemos nos contentar com a fisionomia dos ranchos que a cada passo vemos plantados no nosso interior mais atrazado. Mesmo que assim fosse, teremos de convir que tais palhoças evoluiram com as paredes de sopapo e a feitura com leivas e tijolos crus, como se depara na Campanha.

PRIMEIROS POVOADORES

O território que hoje constitue o Rio Grande do Sul foi, até o começo do século 18, como que a terra de ninguém, por cuja costa passavam de esguelha os portugueses, em demanda da Colônia de Sacramento, por êles fundada, nos fins do século anterior, à margem esquerda do Prata. Só essa, então, e Montevidéu, interessavam de perto à Coroa portuguesa, por considerar o território rio-grandense como parte compreendida nos limites assinalados pelo grande rio, que julgavam seu, por primazia de descobrimento. Assim, pois, o Rio Grande jazia abandonado, esperando a consolidação dos limites alí plantados pela ousadia e audácia da gente lusa.

Não se inclue nessa assertiva a Região Missioneira, onde a Companhia de Jesús havia já estabelecido os fundamentos do seu Império Loiolano, no alvorecer do século 17, quando o primeiro mártir da cruzada de Cristo, funda, em 3 de maio de 1626, o POVO de São Nicolau, à margem esquerda do Uruguai, não demorando também que outros fossem sendo criados, e de onde sorrateiramente estendiam seus tentáculos pela vastidão despreza-



VIDA COLONIAL DE ANTANHO

Horas de lazer na colônia alemã, regadas a "chopp".



VIDA COLONIAL DE ANTANHO

Festa íntima, numa família alemã, vendo-se o tradicional "chopp".

da, erigindo outros núcleos e estâncias no vale do Jacuí e alhures. Sem tardança, porém, apareceram, de inopino, as Bandeiras paulistanas, movidas pela febre de prear catecúmenos para vendê-los como escravos. Pilhando e devastando tudo que encontravam pela frente, varrem os intrusos, fazendo-os retornar ao ponto de onde se abalaram para a conquistas das terras dos Tapes.

No mais, era o Rio Grande do Sul o ermo desértico, onde só o índio bravio dominava, vivendo da sua fauna rica e numerosa, e do gado que já havia então se esparramado, vindo de São Vicente com escala pelo Paraguai, e de onde o Jesuíta, precavido e cauteloso, se encarregaria da sua disseminação pelos campos platinos e rio-grandenses. As coisas estavam neste pé, quando, no primeiro quartel do século 18, João de Magalhães, com seus intrépidos companheiros, funda as primeiras célululas do povoamento do território deserto, com base de ocupação em Viamão, indo erigir o último elemento povoador à margem esquerda do Rio Grande de São Pedro, como então era denominado o canal que despeja as águas da Lagoa dos Patos no Oceano Atlântico. Cristóvão Pereira de Abreu, por sua vez, firma-se na margem oposta dêsse canal, preparando o terreno para a posse definitiva do território em que hoje está a cidade de Rio Grande, e que, na época, seria a sentinela alerta, vigiando a direção por onde o castelhano audacioso e valente poderia investir, como aconteceu, para talar as terras portuguesas que recém se organizavam com elementos que iam aos poucos sendo importados. Aos rincões recém-ocupados vão se achegando novos contingentes, portugueses e lagunistas, que fundam estâncias e ensaiam os primeiros rudimentos da lavoura que, aos poucos, se desenvolve e se torna, dentro em breve, mercê do seu clima ameno e saüdável, fator econômico considerável, a-pesar-das vicissitudes inerentes aos povos fronteiriços, sempre obrigados ao "QUEM VEM LÁ?", consoante o brado audaz da sentinela perdida na rede dos postos avançados dos bivaques ou dos acampamentos.

Só os fortes e audazes sentem a necessidade de imigrar, tal o caso dos precursores da formação riograndense, em que os portugueses e lagunistas se aferram como abnegados na cimentação dos núcleos que acabam de criar na terra, onde vieram formar novos lares. Imaginam-se hercúleos e afanosos os primeiros contatos com a terra bravia e segregada do resto dos centros já formados no litoral do Brasil. A única entrada marítima, precária e perigosa, obriga os novos povoadores ao trajeto terrestre, que se estende por léguas e léguas, desde o ponto de partida dessas estradas. Os Peixotos da Laguna; João de Magalhães e seus intrépidos companheiros; Cristóvão Pereira; Ornelas de Vasconcelos e Menezes e tantos outros, sintetizam, eloqüentemente, a têmpera acerada de que eram dotados os primeiros povoadores alienígenas.

Portadores de costumes e hábitos próprios, tiveram, porém, de sofrer a influência do novo meio, onde se operou, através do tempo, no drama heróico da adaptação, uma civilização especificamente regional, mercê à segregação imposta pelas condições geográficas da nova terra.

Não tardou que, nas pègadas dos desbravadores, outras correntes imigratórias aportassem ao Rio Grande, preponderando as oriundas do arquipélago açoriano, gente sadia e laboriosa, bem como os remanescentes das tropas e habitantes da Colônia que passou ao domínio espanhol, depois de uma luta secular entre as duas coroas ibéricas que lhe disputam a soberania.

As atividades dos primitivos povoadores dirigiram-se, como era natural, para o pastoreio, sem prejuizo, é claro, de uma rudimentar lavoura para a manutenção dos clans, os pequenos feudos que se formaram, ante os quais muito dèbilmente chegava a ação da autoridade pública, dado o isolamento relativo em que êles viviam. Isso facilitava sobremaneira a tendência para o desenvolvimento de um feudalismo rural, sem o caráter, entretanto, do que foi criado nos engenhos de açúcar do Norte, onde o senhor da gleba era quasi absoluto e inviolável. Explica-se o fato, já pela origem modesta dos povoadores, já, principalmente, por que o território rio-grandense jamais esteve sob o regime das capitanias doadas, o que facilitava o arbítrio e a vontade discricionária dos seus donatários. Pobres e sóbrios, os nossos antepassados só se impunham uns sôbre os demais pelos dons da inteligência ou pelo caráter. Nenhum titular, nenhum nobre veio povoar as novas terras, onde, nos eitos e rodeios, trabalhavam, ombro a ombro, homens de mesma origem, aspirando o mesmo ideal de felicidade na terra que acabavam de adotar. A tradição não nos revela as Casas Grandes, nas quais o senhor e as "iáiás" representaram um papel de relêvo na vida dos seus vassalos. As moradas pobres, ranchos ou simples casas de taipas de então, atestam a nossa assertiva. Mesmo agora, quando a riqueza e a fartura imperam no nosso interior, graças ao desenvolvimento econômico do Rio Grande, deparamos com a simplicidade dos homens ricos do campo, com as suas moradas modestas, embora amplas e algumas com certo confôrto indispensável, sendo raríssima a ostentação do luxo supérfluo.

A população já radicada ao solo, desde Viamão às margens do rio de São Pedro, criou alma nova, quando, em 19 de fevereiro de 1737, êsse benemérito soldado lusitano, José da Silva Paes, desembarcando na margem direita do canal, consolida a posse já realizada por Cristóvão Pereira, e funda o presídio militar que viria desempenhar assinalados serviços e figurar com brilho e fulgor nos fastos da história riograndense.

Com o notável acontecimento, intensificou-se a corrente imigratória que o govêrno da metrópole, livre das preocupações de Sacramento, cuida e am-



TIPO COMUM DO INTERIOR

Os velhos transportadores, em sua faina habitual.

para, visando obstar a posse do território por parte do castelhano ambicioso do domínio da terra rica e dadivosa. José da Silva Paes, o esclarecido soldado, a quem o nosso Estado ainda muito deve em homenagem, é a alma viva da nova política. Não dorme, multiplica-se em providências, indo mesmo além do que era prescrito pelas ordens da metrópole.

Eram, como já se disse antes, os nossos antepassados gente pobre e modesta, cujo padrão de vida nem ao menos pode sofrer paralelo com o dos atuais colonos e homens do campo. A sua indumentária guardou, nos primeiros tempos, os moldes trazidos de além-mar, consistindo em gibão e calções até os joelhos para os homens, e saia rodada e corpete, para as mulheres, tudo de tecido grosseiro, como o usava a gente de campo do continente e ilhas de Portugal. É tradição de família que Manuel Alves Guimarães, genro de Ornelas de Menezes, mereceu o apelido de CEROULAS, por teimar em usar calças compridas, quando os seus contemporâneos usavam os preditos calções. Ainda hoje, a Ponta do Ceroulas, situada na antiga estância que lhe pertenceu, na Barra do Ribeiro, propriedade atual de descendentes seus, lembra-lhe o nome de uma maneira imorredoura.

A dificuldade de importação dos tecidos de além-mar, e mesmo como medida econômica, os recém-chegados são obrigados a se bastarem a si mesmo, desenvolvendo-se, assim, um artesanato privado, engendrando teares, roca e fuso, nos quais tratam o fio de onde sairia o tecido para as suas roupas e agasalhos. O algodão, como planta ruderal, seguia o homem na sua penetração do território, proporcionando-lhe a fibra inestimável, que as mulheres, com perícia e arte notável, souberam trabalhar, legando, às gerações depois-vindas, aquela indústria doméstica, que, ainda no fim do século passado, era encontrada nas fazendas e nos lares da campanha e do interior.

Importada a ovelha, a lã tornar-se-ia matéria muito procurada, com a qual eram confeccionados os grosseiros ponchos BICHARÁS, pesados e feios, embora portadores de desenhos em côres tiradas de certas raízes e ervas da flora riograndense, talvez ensinamentos dos aborígenes, mestres na extração das anilinas dos vegetais, com as quais pintavam o corpo e decoravam suas armas e utensílios.

Ainda hoje, quando, no rigor do inverno, se está no leito sob um cobertor de Mostarda, sentindo-lhe a carícia macia e morna, nos lembramos com gratidão do atelier açoriano para aqui importado, no qual moças e velhas fiavam, com mãos destras, os artefatos para o uso próprio e dos seus, como ainda para artigo de comércio.

Como ficou dito, o riograndense primitivo era um tipo de vida simples e hábitos modestos, mas numa coisa êle primava por realçar seu garbo e louçania: era na indumentária campeira que substituiu a trazida de além-mar. Caldre e Fião, homem de letras, escrevendo o seu romance "O Corsário", por volta do ano de 1851, assim pinta quatro gaúchos de antanho: "Eram quatro moços vestidos à GAÚCHA: êles traziam chapéus arredondados de abas largas, traziam CHIRIPÁS com franjas; coletes vermelhos, com botões amarelos, chales de cachemira velhos, amarrados à cintura, exceto um deles que cingia uma linda e bordada GUAIACA; e traziam grandes e pesadas chilenas". Nas Memórias de Garibaldi, encontra-se referência ao CHIRIPÁ como usual entre os riograndenses no período da Grande Revolução Farroupilha. O ajaezamento do seu PINGO acompanhava também a garridice do dono: lombilho, carona, badana, rabicho, estribos, rédeas, buçaletes, cabeçada e chicote, tudo de fina prataria com lavores em florões delicados. Dir-se-ia ser o gaúcho, quando montado, um monarca assentado no seu trono de quatro patas.

Nas CARREIRAS em cancha reta, diversão predileta do riograndense do passado, era onde êle se exibia com todo o brilho e ufania. Entre ditos no seu linguajar peculiar, loqüaz e vivo, concitava à aposta nesse ou naquele PINGO, mediante essas ou aquelas condições. Para isso, muitas vezes estendia sôbre a relva, o seu PALA de côres bizarras, onde, em onças de ouro, eram colocadas as apostas. Era essa a moeda nobre para tais atos. Contos de réis, dezenas de contos de réis eram alí jogados, sem outra garantia para os jogadores, além da confiança depositada no dono do PALA. É coisa interessante, depositada a aposta, retirava-se o apostador, sem qualquer documento do seu depósito, para só voltar, terminada a CARREIRA, se fosse ganhador, para, então, receber o que lhe tocava no jôgo.

O homem das CARREIRAS de cavalos não era mais o laborioso e pacato açoriano, adstrito a usos e costumes trazidos de além-mar, mas o filho do meio riograndense com uma psique tôda sua, fanfarrão e altaneiro, amando desordenadamente a liberdade e a vida ao ar livre, como lhe propiciava a vastidão sem lindes da terra nativa, em que pastam os rebanhos e as manadas, sem as peias dos valados e dos tapumes. Vê ante si um intérmino horizonte, onde o pensamento erra aos quatroventos, sem liames embaraçadores das suas aventuras.

Êsse é o ramo que derivou para o pastoreio, em cujo trato se tornaria destro GINETE e consagrado manejador do laço e das bolas traiçoeiras, a contrastar com outro ramo que se enveredou para as searas e lavouras, trabalhando os vales férteis dos rios dadivosos e as encostas das serras ubérrimas e verdejantes.

Ambos, porém, apegaram-se à terra nativa, que amam com superlativo sentimento, e, por isso, muitas vezes, com injustiça, é taxado de estreito bairrismo. Apesar das inúmeras provas de um ci-



TIPOS POPULARES DE ANTANHO

O aguadeiro: figura de suma importância na capital, ao tempo em que ainda não havia canalização de água.



TIPOS POPULARES DE HOJE

O bilheteiro no interior (Foto tirado nos arredores de Canela).



A lendária "Feitoria Velha", em São Leopoldo, onde foram alojados os primeiros imigrantes para daí serem encaminhados aos lotes determinados.

vismo claramente manifestado nos transes por que tem passado a grande Pátria, o riograndense sofreu a negra pecha de secionista, não bastando as demonstrações em contrário com a sua atitude na proclamação da nossa independência do reino de Portugal, quando se manifestou ufano da grande pátria que foi criada, bem como na própria Revolução Farroupilha, tecla mal batida, em que vesgos fazedores de história, sem uma visão clara dos acontecimentos políticos-sociais, enxergavam pelo prisma deformante das suas paixões, negando brasilidade ao assinalado acontecimento.

Hoje, felizmente, está feita a correção do êrro histórico, graças a esforços de historiadores esclarecidos e bem intencionados.

A almo riograndense, fundida ao calor das controvérsias cruentas e nas lides pacíficas, mas afanosas, dos RODEIOS e das searas, revestiu-se de uma característica acentuada, atraindo outros sangues alienígenas para formar um só bloco coeso e homogêneo que vibra unissonamente no amor e no querer do torrão natalício.

Embora moderada a dosagem do africano na etnia sul-riograndense, contribuiu o negro com a doçura de seu caráter afetivo, impregnando as parcialidades por êle atingidas de terna alegria de viver, de estuante humor e invejável disposição de espírito. Foi injusto o poeta, quando alinhou o negro no número das TRÊS RAÇAS TRISTES formadoras da alma brasileira. Nenhuma mais alegre; mesmo no cativeiro, nos trabalhos árduos, sob a ameaça do açoite do senhor, cantava e dansava, quando os vagares lho permitiam.

As superstições grosseiras, porventura importadas com o escravo, de pronto diluiram-se, só restando algumas mescladas com outras de procedência portuguesa. Talvez, mesmo, demonstrem elas superioridade de sentir sôbre as trazidas pelos brancos que se julgam superiores aos mulatos e mestiços desta banda do Atlântico.

Entre as lendas hauridas dos escravos, a do NEGRINHO DO PASTOREIO, onde a maldade de um senhor desalmado martiriza uma pobre e imbele criança negra, comove a quantos a ouvem. As demais lendas do nosso folclore, como a Salamandra do Jarau, a do Lobishomem e outras mais, nos vieram de além-mar, trazidas pelos portugueses.

Quanto à música popular, nenhuma lembrança temos da influência africana, a não ser a cantada nas CONGADAS e CANDOMBLÊS, hoje, por assim dizer, completamente esquecida da geração atual. Se, a cada passo, ouvimos entre nós as músicas alegres e saltitantes dos SAMBAS e dos CHÔROS, que tanto agradam aos ouvidos da população, devemos isso à importação dos outros Estados,



TIPOS PROFISSIONAIS DA METRÓPOLE

Vendedores de galinhas, às portas da capital. A entrada para o perímetro urbano já de há muito lhes foi vedada.



VIDA PROFISSIONAL NO INTERIOR

Malacate no município de Pindorama.

de onde nos vêm através do rádio e dos discos sonoros.

Em relação às dansas populares, que aliás não mais existem entre nós, também não se fez sentir a influência negra. As que outrora eram dansadas pelo povo, o CARANGUEJO, a CHIMARRITA, o FANDANGO, o BEIJA-FLOR, etc., procediam, indiscutìvelmente, de além-mar, tendo aquí tomado feições peculiares. Nas zonas da fronteira platina, esporàdicamente bailou-se outrora o PERICON, a MILONGA, etc., de origem daqueles povos. A VALSA, a POLCA, a MAZURCA, o CHOTS, e as CONTRA-DANSAS, tôdas vindas da Europa, tornaram-se, desde o século passado, a dansa do povo, de sua passagem.

As tìpicamente africanas desapareceram com as senzalas e os quilombos, sem deixar vestígios de sua païsagem.

Nula também foi a influência negra nas nossas artes manuais, a não se contar como tal o fabrico de esteiras de TÁBUA, que os escravos preparavam para as suas camas e mesmo para uso dos senhores.

Idêntico fato pode observar-se quanto à arte culinária, não havendo vestígios das mãos africanas nos nossos pratos e iguarias, contràriamente ao que aconteceu na Baía e outros Estados, que se ufanam, com razão, dos bons temperos e quitutes que fazem a delícia dos gulosos de tôda parte. Explica-se o fato pela abundância e o pouco preço da carne entre nós, não sendo necessária a procura de sucedâneos de tão útil alimento. Os cativos recebiam, para o seu sustento nas fazendas, costelas dessecadas e salgadas como CHARQUE, que comiam com ANGÚ de farinha de milho e feijão preto. Quantas vezes, fugindo da mesa farta de meus pais, corri à senzala a compartilhar, com os bons escravos, de uma gorda e suculenta costela assada, acompanhada de um naco do perfumado ANGÚ, preparado sòmente com água e sal! Ainda hoje, na minha velhice, recordo-me com saüdades dêsses fatos e dos meus companheiros de folguedos, negrinhos retintos e risonhos, que usavam, mesmo até aos 9 ou 10 anos de idade, uma longa camisa de zuarte azul que lhes dava pelos joelhos, e sem outra roupa por baixo, a não ser no inverno, quando, então, era utilizada a baeta como abrigo.

Se alemães e italianos trouxeram, com seu labor inteligente, um surto notável para o progresso material do Rio Grande, incrementando a nossa lavoura e desenvolvendo a indústria entre nós, poucos costumes, entretanto, disseminaram entre a população. Os porventura trazidos acabaram por ser absorvidos no processo vital da nossa formação, anteriormente iniciada com os primeiros habitantes de origem portuguesa. É verdade que as moradas dos alemães apresentam uma característica peculiar, com as suas vastas acomodações e arranjos internos, na sua quasi totalidade construídas de sólido material de alvenaria, embora edificadas nas regiões rurais ou núcleos coloniais. É êsse o estilo que se disseminou nessas regiões de descendência germânica.

De origem alemã, também, são os KERBS, bailes populares alegres e movimentados, com duração de dias, nos quais transuda o bom humor da raça, estimulado pela cerveja e pelo CHOPP, bebidas introduzidas entre nós por êles e que grandes apreciadores encontraram na população de outras origens.

A sua música popular não logrou expandir-se, ficando limitada às colônias, e acabou por desaparecer, graças ao intercâmbio com os outros brasileiros de diferentes origens.

O uso do mate amargo, tomado na CÚIA com a respectiva bomba, encontrou apreciadores entre êsses imigrantes e a sua descendência que não tardaram em adotá-lo como os demais riograndenses. Os trajes gaúchos, bombachas, ponchos e largos sombreiros, também passaram a ser usados com ufania por êles, quando nas suas montadas bem ajaezadas com o arreiamento campeiro, onde nada deixava a desejar quanto à bizarria dos seus enfeites.

Assim, no grande cadinho do Rio Grande, vão se fundindo raças de várias origens, que perdem características próprias trazidas da pátria de onde procedem, para assimilar hábitos e costumes nossos, legando-nos outros voluntàriamente aceitos, num constante processo, tendente à unificação da raça em formação, no sentido nìtidamente brasileiro.

◆

Para finalizar, pinto aquí um retrato do gaúcho hodierno, não do citadino que já trocou as BOMBACHAS pelas calças talhadas à moda de Paris, ou, ao menos, pelo culote incômodo e inestético, mas daquele que vive no campo, lidando nos rodeios e nas tropeadas distantes; do gaúcho peão que guarda, talvez sem o saber, as tradições dos nossos antepassados, na sua bizarra indumentária e nos costumes que já vão desaparecendo, levados no vórtice do progresso e da civilização: — PONCHO-PALA pendente ao ombro, ou enfiado ao pescoço, flutuando ao vento; lenço branco ou COLORADO a lhe cingir a gola; largo SOMBREIRO, ora derribado para trás, ora caído sôbre os olhos atentos e perscrutadores; amplas BOMBACHAS, cerradas nos tornozelos por meio de botões; como cinto, GUAIACA com enfeites e porta-revólver, fechando com fivela de metal; TIRADOR de couro curtido, trazido ao lado direito, caindo até abaixo do joelho, com cinto e porta-revólver; botas de cano largo ou simplesmente botas de garrão, que deixa de fora os dedos dos pés, atracadas com TENTOS de couro crú; grossas chilenas de ferro e a indefectível faca metida sob a guaiaca, sôbre os rins.

Seu cavalo não interessa menos: — Ensilhado



VIDA DE GAÚCHO: NO GALPÃO

Óleo de Francisco Pelichek.

com as GARRAS campeiras, cola atada LÁ ONDE A MARUCA PRENDE O GRAMPO, mala do poncho presa com tentos, no posterior do lombilho, laço enrodilhado ao LADO DE LAÇAR, seguro também com TENTO, descansando sôbre a garupa do MATUNGO, ou a BATE-COLA, isto é, passando as rodilhas por baixo da cola do animal; eis o bom companheiro do gaúcho para as longas troteadas ou para o movimentado trabalho dos rodeios, ou ainda para, nos domingos ou dias santos, levar seu dono para o namorisco com a filha do POSTEIRO ou outra CHINOCA dos arredores, quando não prefere caminhar léguas e léguas para assistir a um CARREIRAMENTO, onde vai arriscar alguns PATACÕES nos CASCOS do PARELHEIRO da sua predileção.

NOTAS APENSAS

Vocabulário para o entendimento dos termos regionais usuais no Rio Grande, e empregados no presente trabalho.

A BATE-COLA — Modo de colocar o laço enrodilhado por baixo da cola do animal.

BICHARÁ — Poncho grosseiro, tecido de lã.

BOLAS OU BOLEADEIRAS — Utensílio constituído de três esferas de ferro ou de pedra, ligadas por meio de cordas de couro, utilizado para subjugar o animal bravio, quando solto no campo.

BOTA DE GARRÃO — Botas feitas de couro crú, utilizando-se da parte do garrão da vaca ou do animal cavalar. Essas botas deixam de fora os dedos dos pés e são atracadas com tentos.

CARREIRAS OU CARREIRAMENTO — Reunião para corrida de cavalos em cancha reta.

CHINOCA — Moça morena ou descendente de índio.

CHIRIPÁ — Peça da vestimenta antiga do campeiro, que consistia em um pano, de mais ou menos 1,50 m, que, passando por entre-pernas, era atado à cintura por meio da guaiaca ou de um outro cinto. Havia os chiripás de luxo, com franjas e bordados.

GARRAS — Nome que o gaúcho dá, por gracêjo, ao seu arreiamento.

GINETE — Bom cavaleiro, o que se segura bem a cavalo.

GUAIACA — Cinto de couro curtido ou de pele de lontra, com dispositivo para guardar papéis e dinheiro, com porta-revólver, e atracado com fivelas de metal.

LÁ ONDE A MARUCA PRENDE O GRAMPO — Expressão de gracêjo, significando atar a cola do animal, por pacholice ou bizarria, bem em cima, junto à raiz da cauda.

LAÇO — Utensílio de couro trançado, destinado a enlaçar o animal.

LADO DE LAÇAR — Lado direito do cavaleiro, quando a cavalo.

MATUNGO — Cavalo ruim, mas hoje empregado de um modo geral, significando cavalo de montaria. Só se emprega no masculino.

ONÇA — Moeda antiga, de ouro, valendo 32$000.

PALA — Poncho leve.

PINGO — O cavalo bom, bonito.

PARELHEIRO — Cavalo de corrida.

PATACÃO — Moeda antiga, valendo 2$000, em prata. Depois passou a significar a moeda correspondente em papel.

POSTEIRO — Morador em dependência de uma estância, com obrigação de zelar pelos gados e benfeitorias do estabelecimento, na zona em que reside.

RODEIO — Reünião do gado em pleno campo, em determinado local, a que se acostuma com facilidade.

TAPUME — Cercado para conter o gado ou impedir que penetre em certos lugares.

TENTO — Tira fina de couro com que se amarra o laço na garupa, e também para outros misteres.

TIRADOR — Peça de couro curtido ou bem macio, de forma retangular, com a qual o campeiro protege o seu flanco esquerdo quando trabalha de laço. É usado também por garridice mesmo fora do trabalho. O tirador é preso à cintura por meio do cinto ou guaiaca.



AS ARTES PLÁSTICAS



AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS NO RIO GRANDE DO SUL

Por ANGELO GUIDO

As condições e elementos que concorreram para a formação econômica, política e social do Rio Grande do Sul durante os séculos XVIII e XIX não foram favoráveis ao desenvolvimento das atividades artísticas.

Como nos outros Estados, a arte no Rio Grande do Sul começou nas igrejas. São as igrejas os nossos mais antigos monumentos artísticos. Mas os templos que aquí se construíram, excetuados os das Missões, no período colonial e durante o império, não oferecem, como obras de arte arquitetônica e em suas decorações internas, nenhum interêsse particular. São edificações simples, semelhantes a um grande número de igrejas esparsas por diversos pontos do país, de tipo muito conhecido, austero e pesado, em que raramente interveio a imaginação e o gôsto pessoal de um arquiteto. Nossa arte eclesiástica de primitiva singeleza foi realizada por mestres de obra, que para aquí transplantaram formas barrocas já largamente esparsas no país e trazidas de Portugal. A própria igreja de Viamão, com suas robustas tôrres maciças, é uma construção que interessa mais como curiosidade arqueológica e histórica do que pròpriamente pela sua expressão artística.

Quer sua ampla e pesada estrutura arquitetônica, como a decoração de seus altares, sob uma única nave despida de enfeites, foram executadas por artistas empíricos. O projeto foi traçado por um militar, o Cel. José Custódio de Sá e Faria, então governador da Capitania, e a construção bem como os altares e móveis foram executados pelo mestre carpinteiro Francisco da Costa Sena, o qual demonstrou, que, sem ser um Aleijadinho ou um Mestre Valentim, não era, entretanto, falho de qualidades técnicas e de um acentuado bom gôsto.

Mencionei o velho templo de Viamão, como uma das obras que, à semelhança da igreja de São Pedro no Rio Grande e a antiga matriz de Pôrto Alegre, nos podem dar uma idéia do que foi a arte religiosa do século XVIII, tão distante, na sua austera singeleza, da suntuosa arte barroca e néo-clássica de outras capitais do país. É, entretanto, nas igrejas, simples, interiormente pobres e despidas de ornamentações, como as de estilo franciscano primitivo erguidas no Brasil no século XVI, que se encontra o patrimônio artístico do Estado, acumulado nos dois ciclos da Colônia e do Império. Ainda assim a parte mais expressiva cabe à arquitetura, pois que é rara e tosca a escultura ornamental, quasi ausente a pintura decorativa e figurativa. Quanto às imagens, exceção feita de alguns belos exemplares provenientes das Missões, são, na sua quasi totalidade, obras importadas de Portugal, da Espanha, Itália, Alemanha e outros países. Parece, entretanto, que alguns imagineiros da Baía e do Rio trabalharam para os altares de nossas igrejas. É relativamente pequeno o número de belas esculturas que dos majestosos templos missioneiros passaram para os altares de outras igrejas, como as de Bagé, São Borja, Alegrete e São Gabriel.

ARTE MISSIONEIRA

Várias dessas obras de escultura foram produzidas pelos artistas que, como os padres Sepp e Brasanelli, executaram e dirigiram os trabalhos artísticos das reduções jesuíticas. Outras, de caráter mais rude, com um curioso traço de primitivismo, são de autoria dos índios instruídos nas oficinas das Missões, os quais, embora sem espírito criador, atingiam às vezes a grande capacidade de copistas.

O que, portanto, possue o Rio Grande do Sul de mais interessante em matéria de iconografia cristã procede do ciclo missioneiro, o qual, aliás, nenhuma influência exerceu sôbre o desenvolvimento artístico das outras regiões do Estado, visto terem constituído os Sete Povos uma organização teocrática fechada, cuja cultura não transpôs o recinto das Reduções, nascendo com elas e com elas desaparecendo do solo riograndense.

Considero, por isso, a arte jesuítica-guaraní do território missioneiro como alguma coisa à parte na evolução artística do Rio Grande do Sul. Aquele fulgurante período de criação artística ficou sem ligação com os estágios ulteriores de nosso desen-



A VELHA ESTATUÁRIA DA REGIÃO MISSIONEIRA, UMA RELÍQUIA DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NACIONAL

Estátua de Cristo, trabalho indígena primitivo da época missioneira. Outrora nas reduções jesuíticas, agora na capela São Nicolau, perto de Rio Pardo.

volvimento cultural. Os mestres que ensinaram aos nossos índios a trabalhar a pedra, a madeira, o ouro, a prata, o bronze e o ferro, tornando-os pintores, escultores, toreutas, gravadores, foram-se ao desmantelar-se sua organização teocrática. Quanto a seus discípulos indígenas, foram dispersando-se e perdendo a técnica que haviam aprendido. Um ou outro índio ficou, após o desmoronamento dos Sete Povos, levando em território missioneiro vida obscura, como aquele que Saint-Hilaire encontrou, já muito velho, construíndo e pintando pequenas igrejas de aldeia. Outro que em São João das Missões passara a exercer o ofício de sapateiro, esculpia nas horas vagas imagens com uma faca. Com êles, porém, sumiram, sem deixar influências, os últimos lampejos da cultura jesuítica-guaraní em terras do Rio Grande do Sul.

Ficaram das Missões tesouros de arte de alta expressão, que podem figurar entre os mais belos do patrimônio artístico do país relativo ao período colonial. Constituem um exemplo esplêndido as ruínas majestosas da igreja jesuítica de São Miguel, imponente monumento arquitetônico, de estilo néo-clássico, erigido no século XVIII, que nos fala eloqüentemente, na beleza austera das suas formas, do elevado grau de desenvolvimento que haviam alcançado nas Missões as atividades artísticas, sob a direção de arquitetos como Batista Prímoli e escultores como José Brasanelli.

As primeiras escolas de arte do Rio Grande do Sul foram as fundadas pelos sequazes de Inácio de Loiola na região missioneira. Alí, os padres jesuítas ensinavam aos índios todos os ofícios e artes.

Relativamente a pinturas poucas ficaram, pois desapareceram as decorações das igrejas de que nos falam alguns cronistas da Companhia de Jesús. Sabemos, entretanto, que havia padres pintores nas Reduções e que ensinavam pintura aos índios, os quais, porém, se limitavam a copiar, às vezes com admirável fidelidade, quadros sacros vindos da Europa. Alguns dêsses índios pintores, como o de nome Kabiú, do século XVII, assinavam seus trabalhos, às vezes, apenas com uma inicial. Desenvolvia-se de tal maneira nas Missões a arte da gravura que o gravador indígena chegava a imitar letras impressas com tanta perfeição de não se distinguir a cópia do original. Assim vários livros de orações ou doutrina traduzidos para o guaraní, eram escritos à mão e com tal cuidado que pareciam impressos.

As maiores preciosidades, entretanto, que ficaram da arte jesuítica-guaraní são as obras de escultura em pedra e madeira, as dêste último material em geral policromadas. As estátuas de pedra eram comumente esculpidas pelos jesuítas ou seus discípulos para ornamentar o frontispício dos templos, como, por exemplo, a estátua de São Miguel e as de seis apóstolos que existiam na fachada da igreja daquele santo. Nem tôdas as obras de escultura recolhidas nas Missões, que se encontram no Museu de São Miguel, Museu Júlio de Castilhos ou em altares de algumas de nossas igrejas, foram produzidas pelos jesuítas ou os neófitos indígenas. Várias vieram da Europa e serviram de modêlo para imagens esculpidas pelos índios.

Já tive ocasião de me referir em trabalho publicado em 1939, no "Diário de Notícias", à classificação feita a respeito das obras de escultura, em pedra e madeira, das Missões.

Segundo essa classificação da escultura jesuítica-guaraní, encontram-se em primeiro plano as obras de mestres da escultura, como as do padre Brasanelli.

Vêm a seguir as obras de neófitos peritos em imitar modêlos europeus ou em executar trabalhos sob a direção dos mestres. Há ainda outro grupo de esculturas de gôsto primitivo, técnica incipiente, de tosco modelado que é obra espontânea dos índios. Nesses trabalhos de expressão primitivista talvez estivesse em nascimento um estilo guaraní que não chegou a desenvolver-se.

Um outro grupo é constituído simplesmente de trabalhos importados.

◆

Fora dos domínios das Missões, como já fiz notar, a escultura figurativa e mesmo a ornamental nos oferece raros exemplares interessantes. Êstes mesmos não chegaram a altos níveis de expressão estética. A escultura no Rio Grande do Sul, aliás, embora os ornamentistas do período da Art-Noveau dos fins do século passado e início do presente e os belos trabalhos ornamentais da Igreja das Dores, só atingiu certo relêvo com a obra dos escultores contemporâneos Antônio Caringi e Fernando Corona, ambos artistas de talento e brilhante capacidade técnica.

O ambiente riograndense nos séculos XVIII e XIX

Se nossa arte religiosa fora das Missões é relativamente pobre, a arte civil encontrou no Estado, menos ainda do que a religiosa, ambiente propício a seu desenvolvimento.

As principais cidades do Rio Grande do Sul surgiram de acampamentos militares. A situação geográfica impôs a esta parte do território brasileiro um destino especial, peculiares condições de desenvolvimento histórico em que o militar e o homem do campo deviam ter predominância sôbre o espírito contemplativo, próprio dos artistas, sábios e escritores.

Os próprios estancieiros e seus agregados abandonavam não raro os pacíficos labores do pastoreio para se incorporarem aos exércitos defensores das fronteiras ou para acompanharem os caudilhos de nossos surtos revolucionários.

Desde a fundação da Colônia do Sacramento a história do Rio Grande do Sul foi o desdobrar-se



A VELHA ESTATUÁRIA DA REGIÃO MISSIONEIRA, UMA RELÍQUIA DO PATRIMÓNIO ARTÍSTICO NACIONAL

Santo Isidoro. Obra prima da época missioneira. Museu Federal de São Miguel

de vários capítulos de uma soberba epopéia guerreira, através da qual se formou a têmpera moral do gaúcho e se constituíram suas tradições de altivez e de heroísmo. Por isso tem sido o gaúcho, por uma fatalidade geográfica, especiais condições econômicas e imperativos de formação histórica, mais um guerrilheiro do que um poeta ou um artista.

A arte até certo ponto é um luxo e se desenvolve mais fàcilmente nos ambientes onde o luxo e a pompa são estimulados. Ora, a civilização riograndense nunca teve pendores suntuários. Conduziu-a, pelo contrário, o sentido da economia e da austeridade, trazido pelo colonizador açoriano e que a vida militar e os trabalhos campeiros bem como o espírito de poupança de comerciantes sem instrução concorreram para sua maior acentuação.

Não havia tempo, nas cidades-acampamentos, nem havia disposição ou recursos para se cultivar aquele gôsto pelo luxo e o refinamento social e intelectual que propiciam o desenvolvimento das atividades artísticas.

Os militares não podiam, por certo, cultivar o gôsto pelo confôrto e a beleza. Suas preocupações eram outras e, além disso, as obras de cultura e arte só nascem quando há uma camada social abastada com sentimento de estabilidade.

Quanto à população civil, sabemos que os casais açorianos que colonizaram o Rio Grande eram rudes e simples agricultores, de índole boa e austera, que vinham aventurar-se nestas terras incultas, trazendo apenas uma grande e tenaz disposição para o trabalho, mas nenhuma instrução, nenhum lastro cultural, nenhum gôsto, portanto, pelas coisas do espírito a não ser sua ingênua religiosidade.

Não só o povoamento do Rio Grande do Sul começou quando em outras partes do Brasil já havia cidades florescentes, com templos suntuosos, colégios e centros sociais e culturais, como não veio para cá, no início da colonização, o português instruído ou o fidalgo da metrópole, mas o ilhéo rude e o comerciante bronco, sem outras ambições que a de aumentar o domínio das terras ou o âmbito dos negócios. E vemos que, à medida que a sociedade riograndense se foi formando e os acampamentos militares convertendo-se em vilas e cidades, a pecuária foi sobrepujando a agricultura, até determinar o govêrno imperial a promover a vinda de imigrantes italianos e alemães para fundarem colônias agrícolas.

Seria baldado esfôrço procurar vestígios de arte em nossas estâncias, onde o homem dos pampas é avesso a qualquer luxo e onde a habitação é a mais simples possível. Foi no passado diferente da casa-grande do Nordeste, e ainda hoje difere, pela sua simplicidade, da residência de fazendeiros paulistas na verde extensão dos cafezais.

Nas cidades erigiram-se como construções características de uma burguesia abastada os casarões assobradados, de dois ou três andares. Mas mesmo nos sobrados, como os de Pôrto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo, o concurso do artista era bastante reduzido. Não maior foi em alguns dos nossos solares.

O morador do sobrado não se preocupava muito com questões de confôrto, de bom gôsto e até mesmo de higiene. Os velhos casarões que chamamos de coloniais, com suas fachadas revestidas de azulejos, as sacadas de ferro, janelas de guilhotina, pinhas, vasos e estatuetas de cerâmica na platibanda, vidraças rendilhadas e outros detalhes que acusam a adaptação ao nosso meio da casa burguesa açoriana, eram habitações construídas segundo modêlo importado e com espírito de economia, embora se tratasse de moradia de gente de posses. Por fora, o aspecto comum dos sobrados que se encontram em várias partes do Brasil. A moradia sôbre a casa de negócio, com suas altas portas em arco. O interior da moradia, com as peças articuladas com corredores escuros, muito deixava a desejar do ponto de vista estético e higiênico, sobretudo no que diz respeito às alcovas, verdadeiros cubículos sem ar e sem luz.

O luxo era raro e o bom gôsto mais raro ainda, o que levou um viajante do século passado a dizer o seguinte:

"Os habitantes desta capitania são ricos e não ambicionam senão aumentar a sua riqueza. Tal fortuna, entretanto, pouco contribue para o confôrto de suas existências."

Mesmo no Rio Pardo, centro que foi de consideráveis fortunas, os interiores estavam longe de serem requintados e revelarem a abastança de seus proprietários. Em todo o livro de Saint-Hilaire sôbre o Rio Grande do Sul não se encontra uma descrição de interior em que tenha sido notada alguma preocupação artística que chamasse a atenção do ilustre naturalista. Pelo contrário, notou Saint-Hilaire que, embora as casas fossem bem construídas revelando preocupação de segurança e estabilidade, as paredes eram simplesmente caiadas e sem decoração alguma. Não encontrou nas mesmas nem chaminés, nem tapeçarias. Nenhum quadro, peça de cerâmica, bronze ou mármore artístico lhe chamou a atenção. Sòmente numa ou noutra, como na residência de Mateus da Cunha Teles, na cidade de Rio Grande, notou alguns móveis de luxo. Êstes, aliás, não eram fabricados aquí; vinham, como as modas, as porcelanas e outros objetos de luxo, da Europa. Alguns móveis, entretanto, precediam das fábricas da Baía, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Uma ou outra residência, um ou outro solar revelava o formar-se de uma sociedade aristocrática, no gôsto e no espírito. Mas na maior parte dos velhos sobrados abrigava-se o comerciante sem cultura, que conservava rígida e rudemente o há-



A VELHA ESTATUARIA DA REGIÃO MISSIONEIRA, UMA RELÍQUIA DO PATRIMÓNIO ARTÍSTICO NACIONAL

São Gabriel. Outra obra prima missioneira. Outrora no interior da catedral de São Miguel, encontra-se hoje à entrada do Seminário Central de São Leopoldo.



São Francisco de Paula, o orago de Pelotas. Reproduzido com a auréola, cajado e peitilho de prata, acessórios de época posterior.



PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NO RIO GRANDE DO SUL

São Francisco de Paula, na catedral de Pelotas. A mesma estátua, sem os acessórios ornamentais. Uma das obras de arte mais expressivas no Rio Grande.



PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NO RIO GRANDE DO SUL

Cristo Flagelado. Igreja de São Francisco, em Rio Pardo.



PATRIMONIO ARTISTICO NO RIO GRANDE DO SUL

Detalhe da estátua do Cristo Flagelado, na igreja São Francisco, de Rio Pardo.



A VELHA ESTATUÁRIA DA REGIÃO MISSIONEIRA, UMA RELÍQUIA DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NACIONAL

Santa Teresa de Jesús, estátua de madeira da era jesuítica.



A VELHA ESTATUÁRIA DA REGIÃO MISSIONEIRA, UMA RELÍQUIA DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NACIONAL

Orando. Estátua de madeira do mesmo estilo.

bito da poupança e chegava a julgar supérfluas coisas imprescindíveis ao mais modesto confôrto.

◆

As circunstâncias dentro das quais se processou a evolução econômica, política e social do Rio Grande do Sul, foram, conforme acabamos de ver, bem diversas das que tiveram outros centros de colonização do país e formação da sociedade brasileira. Não havia ambiente, em Pôrto Alegre como em outras cidades riograndenses, para a formação de escolas de pintura e escultura, como foram, por exemplo, a baiana e fluminense, a mineira e a pernambucana. Nem havia estímulo para a organização de núcleos de artistas ou o florescimento de alguma forte vocação, como foi a de Araújo Pôrto Alegre.

Enquanto no século passado no Rio de Janeiro se dava incremento aos trabalhos da Academia Imperial de Belas Artes e se ampliava o ensino artístico que atraíam, para a côrte, jovens talentos de todo o país, enquanto se organizavam as exposições oficiais e vocações artísticas fortes encontravam o amparo do Imperador, obtendo prêmio de viagem à Europa, no Rio Grande do Sul irrompia um movimento revolucionário que durante dez anos devia difundir pelo Estado o fragor das lutas entre irmãos. E quando a revolução terminou, a instrução estava em maior negligência ainda do que aquela em que a encontrara Arsène Isabelle em 1834.

Um ou outro artista passara aquí pintando algum retrato ou executando raras decorações, como aquele francês residente no Rio Grande que levantou o arco do triunfo por ocasião da visita àquela cidade do Conde de Figueira. Aquí esteve um artista como Manoel José Gentil, discípulo do notável pintor da escola fluminense Manoel Dias de Oliveira, mas não sabemos de influência que tenha exercido no meio riograndense.

O próprio Manoel de Araújo Pôrto Alegre não encontrou em Rio Pardo e não encontraria também em Pôrto Alegre ambiente para desenvolvimento e estímulo de suas notáveis qualidades de artista. Talento de múltiplas expressões, cedo foi para a côrte à procura dos ensinamentos de Debret e nenhuma influência pôde exercer para o incremento das artes em sua terra natal.

PERÍODO INICIAL

Em meiados do século passado, por iniciativa do presidente Oliveira Belo, dilata-se o programa escolar e nele se inclue o ensino do desenho linear e da música. Posteriormente, em 1877, com a reforma da Escola Normal, além do desenho linear, passa-se a ensinar o desenho figurado, de paisagem, desenho topográfico e de arquitetura. A essas matérias se adicionam depois alguns elementos de perspectiva.

Já era alguma coisa que se realizava. O ensino do desenho e da pintura começava a desenvolver-se nos colégios e em alguns cursos particulares como os que vieram fundar Romualdo Prati, Bernardo Grasselli, Antônio Cândido Menezes e alguns outros. Pelo interior andaram alguns pintores de segunda ordem a executar retratos, como, por exemplo, o artista alemão Roberto Mende, que residiu alguns anos em Santa Maria, no fim do período imperial. Ao findar do século XIX, se não havia ainda o que se pode chamar um movimento artístico, havia, entretanto, ao par de considerável número de amadores, um núcleo de artistas entre os quais se contavam Pedro Weingärtner, Augusto Luiz de Freitas, Carlos Torelli e Libindo Ferraz. Tinham ido à Europa desenvolver sua capacidade pictórica e, ao regressarem, deviam com suas obras e seu ensino dar um considerável impulso à nossa vida artística.

Pelo exposto verifica-se que a primeira geração de pintores riograndenses aparece nos fins do século passado e início do presente. Antes dessa geração só existiram atividades isoladas de um ou outro profissional, que aquí pintou retratos ou decorações e fundou cursos de pintura sem grande projeção.

Pode-se dizer que a arte no Rio Grande do Sul, até aparecer a figura brilhante de Pedro Weingärtner e se fundar, em 1910, o curso de pintura do Instituto de Belas Artes, não tinha conseguido transpor a fase do amadorismo.

A PRIMEIRA GERAÇÃO DE ARTISTAS

O Rio Grande do Sul teve no século passado duas figuras notáveis de artistas que alcançaram vasto renome como talentos representativos da sua época. Foram Araújo de Pôrto Alegre e Pedro Weingärtner. Mas, embora enaltecessem sua terra natal e de sua fama o Rio Grande se pudesse ufanar, pouco fizeram pelo desenvolvimento de nossa cultura artística. O primeiro deixou o Rio Grande do Sul muito jovem e passou a viver no Rio e no estrangeiro. Deve-lhe muito a arte brasileira, mas não particularmente o Rio Grande.

Weingärtner passou a melhor fase de sua produção artística na Europa, mas visitava de quando em quando Pôrto Alegre, onde expunha suas telas e suas águas-fortes e desenhos. Aquí, afinal, trabalhou e não poucos quadros pintou inspirados em motivos regionais, em cenas puramente gaúchescas ou dos núcleos de população alemã.

Não era Weingärtner temperamento dado a promover iniciativas para estímulo de movimento artístico. Vivia retraído, com suas telas e seus pincéis, diante da natureza ou no sossêgo do atelier. Não fazia parte de grupos. Era um beneditino pelo espírito da sua arte minuciosa e seu



A VELHA ESTATUÁRIA DA REGIÃO MISSIONEIRA, UMA RELÍQUIA DO PATRIMÓNIO ARTÍSTICO NACIONAL

Nossa Senhora da Conceição, uma das estátuas mais monumentais e valiosas da região missioneira. A obra plástica mede mais de 2 m de altura. Museu Federal de São Miguel

amor ao recolhimento. Modesto e simples, não pretendia orientar ninguém nem fazer discípulos. Entretanto, o velho mestre não deixou de exercer certa influência em nosso meio. Essa influência vinha diretamente de seus quadros que, de algum modo, concorriam para orientar o gôsto local.

Weingärtner foi o chefe incontestável da primeira geração de pintores do Rio Grande do Sul. A essa geração pertencem, embora mais moços, Libindo Ferraz e Augusto Luiz de Freitas. O primeiro, um paisagista minucioso de escola antiga; o segundo, de técnica mais audaciosa, dedicava-se de preferência à figura, que tratava com largueza e desenvoltura.

Expondo seus trabalhos e ensinando no Instituto de Belas Artes, prestaram ambos forte concurso ao estímulo da pintura em Pôrto Alegre, notadamente Libindo Ferraz, cuja influência se fez sentir até cêrca de 1925. No mesmo período que vai de 1910 a 1925 atuaram em nosso meio, através do Instituto ou de cursos particulares, Eugênio Latour, Romualdo Prati, Miro Gasparello, Vicente Gervasio e Carlos Torelli.

Quasi todos de orientação acadêmica, deixaram em nosso meio uma influência que só começou a modificar-se com o aparecimento de exposições de pintores do Rio e São Paulo e de algumas mostras de arte estrangeira. Uma pintura mais audaciosa, diferente no espírito. Na fatura, na côr, começou a ser conhecida e apreciada. Outros nomes foram tomando lugar na admiração e simpatia do público. Caminhava-se para uma nova fase da arte riograndense e a formação de um gôsto mais apurado.

A PARTIR DO "SALÃO DE OUTONO"

Quando aquí apareceu o pintor Francis Pelichek, vindo de Praga, e, em 1925, por iniciativa de Helios Seelinger e um grupo de artistas, intelectuais e colecionadores, se organizou o "Salão do Outono", o ambiente artístico de Pôrto Alegre estava numa fase de grande entusiasmo, agitação e renovação. Surgiam no cenário artístico local novos nomes e, com êles, novas tendências. O "Salão de Outono" era obra de entusiasmo que queria revelar as novas tendências. Marcava o início de um novo período para a arte riograndense. Aparecia uma geração que deixaria para o passado o academismo de Weingärtner e Libindo Ferraz. Além da vigorosa afirmação de Leopoldo Gotuzzo, apareciam Oscar Boeira, com sua pintura cheia de espiritualidade, Francis Pelichek, que aquí vinha fixar-se, um desenhista interessante como José Rasgado Filho, e João Fahrion. Na escultura brilhava o talento de Fernando Corona.

Foi nessa época, a do "Salão de Outono", que realizei em Pôrto Alegre minha primeira exposição de paisagens do Norte.

Quando voltei em 1928 para fixar-me definitivamente nesta capital, já encontrei o ambiente artístico mais desenvolvido. Outros nomes, como o de Sotero Cosme, juntaram-se à lista de pintores e desenhistas locais.

Aquí ainda se encontrava, já velho, admirado e querido por todos, o mestre Pedro Weingärtner. Libindo Ferraz e Francis Pelichek lecionavam no Instituto. Luiz Maristany de Trias fixava com sua fatura quasi divisionista aspectos da cidade que o prefeito Otávio Rocha procurava remodelar. Oscar Boeira vivia, como sempre, afastado no sossêgo do seu atelier, mas pintando figuras de uma deliciosa leveza e paisagens que pareciam de um país de poesia e sonho. Sotero Cosme revelava-se finíssimo desenhista, ilustrando poemas de Teodomiro Toste. José Rasgado desenhava num estilo muito diferente do de Sotero, com um traço todo pessoal e profunda penetração de sentido estético. Amélia Maristany pintava flores, mas não as mostrava a ninguém.

João Fahrion, depois de uma temporada de estudos na Europa, passara a lecionar no curso de pintura do Conservatório de Pelotas. Só mais tarde é que veio para Pôrto Alegre, revelando-se, além de um pintor de estilo muito pessoal, um ilustrador interessantíssimo.

Na mesma época em que Fahrion começou a fazer ilustrações para a Livraria do Globo, surgiu no meio artístico pôrto-alegrense o subtil talento de desenhista de Nelson Boeira Faedrich, formando assim com Sotero Cosme, Edgar Koetz, José Rasgado e alguns outros um grupo brilhante de artistas do desenho. Pena é que José Rasgado quasi não desenhe mais e que Sotero Cosme e Nelson Boeira se tenham afastado do Rio Grande do Sul.

ESTILOS E ESCOLAS

Não creio que a respeito das várias fases de desenvolvimento artístico do Rio Grande do Sul se possa falar de escolas ou correntes estéticas. Entre nós houve, mais que de escolas, influências pessoais de um ou outro artista. O número de nossos artistas tem sido sempre relativamente pequeno para que se pudessem formar, como no Rio e São Paulo ou como no Recife, grupos de tendências diversas. Nossa pintura sempre oscilou, quanto à orientação estética, entre o academismo rigorosamente verista e minucioso de Pedro Weingärtner e Libindo Ferraz e o impressionismo de alguns pintores que apareceram de uns quinze anos para cá, isto é, após o "Salão de Outono".

Mas tôda classificação é uma limitação, por isso é sempre perigoso colocar-se um rótulo sôbre a obra de um artista, para definir-lhe a maneira de sentir ou o estilo. Eu, por exemplo, me recuso a classificar a minha pintura simplesmente com o rótulo de impressionista. Entretanto está longe de caber nos moldes do academismo ou do clas-



A VELHA ESTATUÁRIA DA REGIÃO MISSIONEIRA, UMA RELÍQUIA DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NACIONAL

São Francisco de Borja, na matriz de São Borja. Uma das mais importantes obras de Giuseppe Brasanelli. Uma preciosidade na estatuária riograndense, hoje, infelizmente mutilada, por ter sido serrada na altura dos joelhos, afim de adaptá-la ao pequeno altar da capela.

sicismo, como de pertencer à orientação modernista.

Creio que também hão de dizer o mesmo de sua pintura Leopoldo Gotuzzo, João Fahrion e Luiz Maristany de Trias.

Há, portanto, personalidades ou estilos pessoais e não escolas que se possam rotular dentro da gaiola de qualquer "ismo" moderno ou passadista.

Embora não se tenham formado no Rio Grande do Sul correntes artísticas ou grupos divergentes em sua orientação estética, pode-se registrar, entretanto, uma evolução que, na pintura, parte de uma visão acadêmica para uma arte mais livre de regras e receitas, uma pintura de técnica mais desenvolta, de maiores ousadias, de colorido mais rico, uma pintura, enfim, cheia de audácias em que a sensibilidade substitue o rigorismo do preceito e em que se afirma com maior fôrça expressiva o estilo pessoal de cada artista.

Nota-se essa evolução no próprio ensino do Instituto de Belas Artes, que sempre teve uma grande influência sôbre a orientação artística do nosso meio.

Parece-me que sob o influxo do ensino do Instituto de Belas Artes até a reforma por que passou ao assumir a sua direção, em 1936, o dr. Tasso Corrêa, os alunos procuravam simplesmente imitar os professores, cuja orientação se acentuava por um caráter acadêmico. Salvo uma ou outra exceção, Libindo Ferraz e Francis Pelichek não conseguiram fazer de seus alunos senão imitadores da maneira, da técnica e do estilo de cada professor.

Como professor que sou da nova fase do Instituto de Belas Artes, o meu juízo sôbre o ensino atual do Instituto, nas cadeiras de desenho, pintura e escultura, talvez pareça suspeito. Não pretendo, entretanto, criticar professores que nos precederam, que ensinaram de acôrdo com os métodos de outros tempos e nos quais se formara sua personalidade artística e sua orientação pedagógica. Êles prestaram ao Instituto e à arte riograndense serviços inestimáveis, que os tornaram dignos da nossa admiração e do reconhecimento de quantos se interessam pela nossa evolução artística.

Métodos e idéias, entretanto, se diferenciam. E é preciso, para a compreensão do momento atual da arte riograndense, reconhecer que também nos domínios do ensino artístico evoluimos bastante.

Chamarei a atenção sôbre a diversidade de maneiras e de estilos que se tem notado nos trabalhos de pintura dos alunos do Instituto de Belas Artes expostos nos "Salões" de 1939 e 1940. Notar-se-á que há uma preocupação, por parte dos professores, em levar o aluno a ver por si mesmo e encontrar sua personalidade, sua expressão individual, sua maneira, sua técnica, evitando tanto quanto possível que imite seus orientadores. Trata-se, como se vê, de colocar em primeiro plano a personalidade do aluno. É uma orientação estética e pedagógica diferente, de acôrdo com outra época e outra concepção dos métodos e espírito do ensino.

A FASE ATUAL

Assim como a partir do "Salão de Outono", em 1925, se inicia para as artes plásticas no Rio Grande do Sul uma nova fase de desenvolvimento, a organização, em 1939, do "Salão" promovido pelo Instituto de Belas Artes, marca o início de um periodo novo na história artística do Estado. Estabelece-se com o "Salão" um movimento mais vivo e mais coordenado de atividades artísticas. De tal importância se tornou êsse movimento, que o estímulo provocado pelo "Salão" tornou o ambiente de Pôrto Alegre favorável a uma iniciativa da magnitude como é a construção do novo edifício do Instituto de Belas Artes. Sem dúvida a audácia e persistência do atual diretor do Instituto, dr. Tasso Corrêa, tornaram possível êsse grande empreendimento que será de importância excepcional para o futuro da arte no Rio Grande do Sul. Mas deve-se reconhecer que o meio se mostrou propicio para que o projeto da nova sede se tornasse majestosa realidade.

O "Salão" não só vem encorajando nossos artistas a produzir, oferecendo também oportunidade aos novos para aparecerem e conquistarem renome, como está promovendo um vasto intercâmbio artístico com outros centros de arte do país. Com êsse intercâmbio os nossos artistas jovens e o público em geral vão conhecendo o que se faz no Brasil nos domínios artísticos, assim como as tendências diversas da arte brasileira contemporânea.

Não há dúvida de que isto é de grande importância para o enriquecimento e renovação da nossa cultura artística.

GENTE NOVA

Coincidiu a organização do "Salão" do Instituto de Belas Artes com o desenvolvimento das atividades da Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa, fundada em 1938 por um grupo de artistas moços, à cuja frente se encontravam, no momento da fundação, João Faria Viana, Edgar Koetz, Guido Mondin Filho, Carlos Scliar e alguns outros. Carlos Scliar enveredou definitivamente para um modernismo revolucionário e exaltado e se separou do grupo dos que seguem uma orientação mais moderada e vão evoluindo rumo a uma arte sem estardalhaços, embora de constantes pesquisas técnicas.

A Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa é evidentemente um movimento da mocidade



A VELHA ESTATUÁRIA DA REGIÃO MISSIONEIRA, UMA RELÍQUIA DO PATRIMÓNIO ARTÍSTICO NACIONAL

São Miguel, na matriz de São Borja.

artística de Pôrto Alegre, porisso movimento simpático, liderado pelo pintor João Faria Viana, que é um grande animador da juventude. Vem surgindo estimulado por essa agremiação um grupo de artistas novos no qual há diversas revelações expressivas. João Faria Viana é um deles. Começou como desenhista e enveredou para a pintura onde vem afirmando numa evolução constante o brilho do seu talento.

Outros valores vão afirmando-se na nova geração, como Edgar Koetz, Adail Costa, Hilda Goltz, Guido Mondin Filho, Vera Wiltgen, Gastão Hofstetter e outros. Alguns dêsses jovens artistas saíram do curso de artes plásticas do Instituto de Belas Artes.

A caraterística mais interessante do grupo dos novos é a de procurar ser cada um inteiramente pessoal. Nenhum intenta imitar aos outros ou a qualquer mestre de nome feito. Constato êsse fato com grande satisfação, pois vejo no espírito jovem do Rio Grande do Sul capacidade para renovar a nossa arte e não parar alí, onde nós, artistas de uma geração anterior, conseguimos chegar.

Os nossos caminhos foram bons para nós, pois que neles encontramos a nossa visão de beleza. Mas a mocidade deve procurar suas próprias diretrizes.

Se eu tivesse vinte anos menos começaria tudo de novo. É o que a juventude de hoje deve fazer: ir adiante, procurar seu caminho, sua expressão, afim de poder trazer para o enriquecimento espiritual do mundo a graça, a fôrça, o alento de uma nova revelação de beleza.

Se uma coisa, nós de uma geração mais velha, temos o direito de pedir à mocidade, é que respeite e procure compreender nossa obra e nossa visão, como nós respeitamos a obra e a visão dos que nos precederam e temos o dever de tentar compreender o que os espíritos mais jovens querem criar. Os caminhos que vão para as excelsitudes da arte são infinitos. Seria loucura julgarmos que nós atingimos a plenitude intransponível, como é loucura dos moços julgarem que sua visão de beleza é a única legítima. Cada geração tem sua mensagem para a renovação da vida espiritual da humanidade; cada geração escreve um capítulo do eterno Evangelho da Beleza. A geração que nada souber acrescentar a êsse divino evangelho rolará no tempo como uma fôlha morta que se desprendeu da árvora da Vida. Desaparecerá como tudo que não cria para o espírito, a única fôrça eterna capaz de renovar o mundo.



ARTE NO RIO GRANDE

Um ângulo duma grande exposição artística, promovida regularmente pelo Instituto de Belas Artes (II Salão, de 1940).

A GÊNESE DA CASA RESIDENCIAL NO RIO GRANDE DO SUL

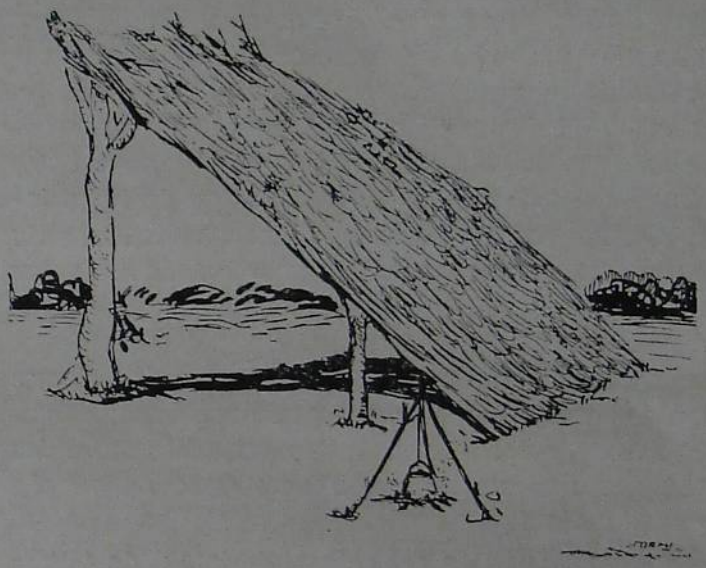
Por CEL. F. DE PAULA CIDADE

A primitiva residência humana foi a caverna, o que talvez contribua para explicar o tardio aparecimento do homem nas regiões desprovidas de tal recurso natural. A razão desta primitiva residência é tôda de ordem defensiva: abrigo contra intempéries, asilo seguro contra agressões. Mas, as cavernas são relativamente escassas e o homem primitivo ainda não dispõe de recursos industriais que lhe permitam abrir outras. Para sobreviver, recorre então a vários materiais, de que pode dispor. Reúne entre si as pedras que pode remover. As matas lhe fornecem outros elementos. A descoberta do processo de recozer o barro já deve ser um grande acontecimento científico-industrial.

A habitação do homem conserva em tôda parte a mesma traça dos primeiros tempos, relativa à segurança individual. A exceção dos nômades é apenas aparente, porque êsses povos, obrigados a adotar um meio de vida que exclue as garantias dadas pela casa, tornam-se guerreiros e buscam a sua segurança no aprestamento para o combate.

A casa dos elementos humanos que se fixam ao solo deve não só oferecer um resguardo contra as fôrças naturais, vento, chuva, frio, ou rigores do sol, como contra os prováveis inimigos dos moradores, homens e feras. O resguardo contra os elementos naturais é proporcionado pela cobertura da casa, combinada com alguns anteparos laterais, mas a defesa da vida e dos haveres acumulados necessita de outros cuidados, como a construção de giraus. No entanto, contra os mais perigosos inimigos êsses recursos hão de ser considerados insuficientes, notadamente durante o sono do morador. Surge assim a porta da choupana, ao tempo das cavernas substituida por uma pedra de maiores dimensões, cuja violação acarreta pelo menos um estado de alarma, para o seu dono.

A ramada deve ter sido o recurso espontâneo utilizado pelos que primeiro entraram no Rio Grande. Protege insuficientemente contra o sol e contra o vento e não defende o morador, durante o sono, contra possíveis inimigos, o que exige que os que a utilizam se revezem na vigilância dos seus arredores. Terá evoluido ràpidamente para o rancho de capim, de que representa quasi a metade: êste exige pouco mais do que aquela. A madeira para os esteios é encontrada nas matas que bordam os cursos dágua; a coberta é fornecida pelas gramíneas que abundam por tôda parte. Nos tipos mais primitivos, a coberta desce até próxima ao solo e isso dispensa as paredes externas. As



A ramada, forma primitiva de abrigo humano.

divisões internas, quando existem, são de varas. Desde, porém, que as paredes externas entram a ser feitas de tramas de madeira cobertas de barro, ou seja, de taipa de sebe ou pau-a-pique, as extremidades da coberta sobem e deixam pròpriamente de funcionar como proteção lateral.

A riqueza acumulada vai pouco a pouco permitir o aparecimento da casa de alvenaria, com a superstrutura de madeira e telhas de barro, em que se reflete, a-pesar-das adaptações locais, a casa européia da época.

Nos primeiros tempos, os ranchos e as casas não se alinham junto ao leito da estrada. Uma palissada os separa do arruamento do povoado. A transposição dêsse primeiro obstáculo por quem quer que seja é já um aviso para o morador. Transpô-lo sem permissão é sempre um ato suspeito ou indelicado. A cancela da frente funciona então como uma guarda avançada, que deixa à porta principal da morada o papel de linha principal de resistência. Essas funções hão de ser menos acentuadas à medida que a moradia se aperfeiçoar, mas

não poderão desaparecer de todo enquanto a segurança do morador não se achar garantida de modo permanente pelos poderes públicos. De resto, o cercado que envolve a casa presta-se à guarda dos animais domésticos.

A chamada casa de materiais já supõe um apreciável progresso industrial. Não é possível transportar de longe tudo que a sua construção exige. No Rio Grande, a casaria pròpriamente dita começa com paredes muito grossas, que em certas regiões aparecem recheadas de pedras irregulares, ou de tijolos cozidos ao sol. Êstes são a comêço de maiores dimensões, mas desde que se adota o processo de cozer adobe ao fogo, podem ser menores, sem prejuizo da resistência (1).

A velha casa solarenga, testemunha de uma grandeza às vezes passageira, apresenta uma vasta área coberta. A comêço é construída ao meio de um terreno e muitos de seus compartimentos têm acidentalmente luz direta. Com o andar dos tempos, outras casas vêm acostar-se a ela e tapam êsses vãos por onde entravam os raios do sol e atravessavam as correntes de ar puro. Construída ao comprido, às vezes dispõem de dois andares; quando êsse andar superior é menor do que a casa térrea, dão-lhe o nome de sótão. É tipo de importação e aparece em tôdas as cidades brasileiras da época. De qualquer modo, porém, predominam as casas térreas, de compartimentos espaçosos. A existência de um banheiro, por mais modesto que seja, é coisa muito rara. As pessoas das classes mais elevadas lavam-se em grandes bacias; as outras classes, nos dias mais quentes, utilizam-se dos tanques em que se lavam as roupas ou vão às praias mais próximas.

A cobertura da casa de materiais é de têlhas semi-cilíndricas, que coletam as águas pluviais e as derramam diretamente na rua, sem a interposição de calhas ou de outros coletores. As portas e janelas das mais antigas casas não têm vidraças, naturalmente porque os vidros não são fáceis de transportar. E porque os verões são quentes, os vidros são substituídos pelas rótulas, grades de madeira de malha estreita, através das quais o ar pode penetrar fàcilmente. Exemplos típicos de bons prédios foram as casas das velhas Úrsulas, que há pouco mais de quarenta anos ainda existiam em Pôrto Alegre, pelo menos uma delas.

Era esta uma moradia de largas dimensões, à rua Duque de Caxias, entre as ruas Bento Martins e Conde Pôrto Alegre, lado da numeração ímpar. Janelas baixas e largas, porta também baixa e de uma só fôlha. Tanto na porta, como nas janelas, as grades de madeira de malha miúda substituiam os vidros. Chão de terra socada. paredes grossas como de uma pequena fortaleza; quarto de dormir, a que se seguiam um ou mais quartos, ao fundo da sala, recebendo luz através de outros aposentos. Da mesma idade, ou pouco mais modernos, devem ser uns sobrados que ainda existem, à rua Bento Martins, logo abaixo da rua Duque de Caxias, entre esta e a rua Riachuelo. Já de um tipo diferente e representando um grande avanço sôbre as idéias que dominavam em Pôrto Alegre naqueles tempos, a casa solarenga do Visconde de São Leopoldo, que ainda hoje é uma das mais vistosas da rua Duque de Caxias, tem dois andares, mas o andar inferior é acanhado, verdadeiro porão de casa rica. As modernas exigências municipais roubaram a êsses prédios os telhados que gotejavam para as calçadas e isso veio alterar profundamente o aspecto colonial deles. Outro tipo de casa solarenga muito interessante era a casa dos antigos fronteiros de Rio Pardo, que por muito tempo serviu de hospital militar. Carateriza-se pela sua pouca altura, grande área coberta, uma porta central à frente, pelo menos outra ao fundo, janelas por todos os lados, sempre de pequena altura. O peitoril ficava a pouco mais de um metro do nivel da rua. Telhado monumental, de quatro águas, suspenso ao centro por enormes vigas de boa madeira.

Ainda, em Rio Pardo, a casa em que viveu Sebastião do Amaral Sarmento Menna deve ter sido uma das mais lindas vivendas do seu tempo: paredes grossas, porta de entrada a que se seguem alguns degraus de pequena escada; janelas de guilhotina, com vidros, são minúcias que indicam requintes desconhecidos nos primeiros tempos. Nessa casa notam-se diferenças entre as janelas que devem ser atribuídas a uma posterior adaptação: uma das janelas da frente e uma parte lateral não têm vidros e sim tampos do tipo primitivo. É êste um detalhe digno de nota no sobrado em que residiu a família do futuro almirante Alexandrino de Alencar. Nesse grande prédio vêem-se apenas duas janelas com vidraças, que devem ter sido apostas muito mais tarde, como um melhoramento introduzido por seus moradores dos últimos tempos. Certos materiais empregados nessas duas vivendas devem ter sido importados, bem como o estilo de construção. Terra de soldados, muitos dos seus moradores conheceriam residências usuais ao centro do país, que cedo teriam imitado. Casa de pobre, ou pelo menos de um modesto funcionário, é a que se vê ao lado do edifício modernizado em que funcionou a Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo. Também não possuía vidraça e correspondia ao tipo primitivo. É possível que tivesse sido a comêço um edifício de porta central, ladeada por dois pares de janelas; com os tempos, duas das janelas devem ter sido transformadas em portas. Edificação de um tipo dos mais antiquados, tinha janelas de tampos de madeira, provà-

(1) Pensa-se que até 1780 os tijolos e as têlhas de barro, exigidos pela casa do tipo europeu, tenham sido importados de Santa Catarina. Não se deve dar a isso um valor absoluto. Os tijolos cozidos ao sol, e mesmo queimados, poderiam ser fabricados em Pôrto Alegre e Rio Pardo muito antes disso, sem que fossem insubstituíveis. Vi demolir velhas casas cujas grossas paredes não encerravam tijolos, mas pedaços do conhecido granito de Pôrto Alegre e regiões circundantes.



EVOLUÇÃO DA CASA RESIDENCIAL

A morada primitiva, como os colonizadores de outrora a erigiam com os poucos recursos de que dispunham. O foto representa uma cabana de pescadores em Gravataí, um dos raros exemplares do gênero ainda existentes.



As primeiras casas com têlhas, em Pôrto Alegre.

velmente dobradas por uma rótula de malha estreita, paredes muito grossas, meia porta inteiriça de madeira, grande área coberta e pequeno pé direito, piso de terra socada (casa de chão), alcova ao fundo da sala de visitas.

De um tipo muito mais recente, é a casa solarenga do Barão do Triunfo, também em Rio Pardo. É um casarão do tipo primitivo em suas linhas gerais; grande área coberta, pequena altura, têlhas cilíndricas, telhados gotejantes para a rua, pequena parte assobradada (sótão). Nada tem que indique um surto de idéias locais. No entanto, ao ser construída, ocorreu com essa residência senhoril o mesmo que se deu com a casa do Visconde de São Leopoldo, em Pôrto Alegre: apresenta melhorias que implicam no emprêgo de materiais trazidos de longe, como vidros e grades de ferro, estas nas sacadas do sótão. Se tais melhoramentos não foram introduzidos mais tarde, êsse prédio não deve ser muito anterior à guerra do Paraguai.

É inegável, e convem insistir nisso, que os tipos de casas senhoris, acima enumerados, são todos de importação. À mesma época, ou talvez antes, construíram-se casas iguais noutros pontos do Brasil. Em São João Del Rei, por exemplo, pode ser vista, ainda hoje, uma velha casa muito parecida com a do comandante da fronteira de Rio Pardo. Debret e outros visitantes viram no Rio de Janeiro, e desenharam, casas a seu tempo já antigas, que fazem lembrar a das velhas Úrsulas.

A casa em que se pode verificar a influência geográfica não é a do rico, que tem recursos para importar materiais de construção e para contratar mestres de reputação bem firmada. É na habitação do pobre e mesmo do remediado que há de ressaltar a influência dos elementos materiais recolhidos na própria região e das idéias germinadas alí mesmo, no cérebro de homens que se acham sob o império das mesmas necessidades.

A residência da gente do povo, nas velhas vilas e cidades riograndenses, é traçada sempre visando o emprêgo, por parte dos moradores, dos animais de montaria ou de tração. Dois são os tipos fundamentais de habitação: casa de frente de rua e casa metida para dentro. Em qualquer delas, existe uma área apenas cercada em que se guardam os animais, de modo que êstes estejam sempre ao alcance da mão.

A casa de frente de rua acostava-se sempre a um lado do terreno, muito maior do que ela, ou era colocada mesmo ao centro dele. Uma cancela convenientemente disposta dava acesso ao terreno sem ser pelo interior da casa. Outras vezes, quando a casa ocupa tôda a frente do terreno em que foi construída, a cancela de entrada fica no terreno ao fundo do prédio e neste caso diz-se que a casa tem entrada pelos fundos, e não duas frentes. A casa metida para dentro fica retirada do alinhamento da rua e quasi ao fundo do terreno em que está construída. Uma cêrca, separando-a da via pública, mantem o alinhamento desta e retem os animais no ponto desejado. Uma cancela dá acesso tanto à casa como ao terreno que a precede.

Como no caso do primitivo rancho, a cancela não deixa de fazer parte do aparelhamento defensivo da habitação. Em qualquer dêstes casos, o visitante há de pedir licença ao morador para transpô-la.

Ó de casa!... foi uma frase que se tornou obrigatória, ao chegar-se à porteira da primitiva morada riograndense.



Amostra caraterística do velho estilo colonial.



EVOLUÇÃO DA CASA RESIDENCIAL

A moradia do colono. Casa residencial de material, com bemfeitorias agrupadas em tôrno da mesma, por motivo de ordem prática. Propriedade do colono Zimmermann, no Steinkopf, primeira colônia no município de São Leopoldo.

O SOBRADO NO RIO GRANDE DO SUL

SUBSIDIOS PARA O ESTUDO HISTÓRICO-SOCIAL

Por GILBERTO FREYRE

Os sobrados que tive ocasião de ver, no Rio Grande do Sul, nas cidades mais antigas e mais cheias de traços da colonização açoriana — Rio Pardo, Viamão, Pelotas, Rio Grande, Pôrto Alegre — estão entre aqueles elementos da paisagem cultural brasileira que pouco ou nada variam de Norte a Sul; e que constituem o unitarismo ou unanimismo da mesma paisagem. Unitarismo ou unanimismo que se impõe ao olhar do observador ao lado do pluralismo, êste em conseqüência já das formas diversas de vida e de cultura por que o elemento português adaptou-se às várias regiões da América por êle colonizadas, já das predominâncias, também diversas, de região para região, de outros elementos colonizadores (ou postos a serviço da colonização do Brasil) e das culturas encarnadas pela sua inércia ou pelo seu dinamismo social: o elemento indígena, o africano, o italiano, o alemão, o polonês, o japonês, para só falar nos de maior importância.

Estou certo de que um estudo mais demorado do assunto, acêrca do qual quasi me limito aqui a falar como puro impressionista, revelará, sob a aparência de unitarismo, absoluto, variação regional nos tipos de sobrados de origem portuguesa das várias regiões brasileiras. Revelará, na extremadura brasileira do Sul, predominância de traços de técnica e de sociologia de habitação nobre das cidades — o sobrado — peculiares a esta área ou região. Mas tanto a impressão que guardo dos muitos sobrados vistos no extremo meridional do Brasil, como o exame de fotografias que consegui reünir de casas de um ou dois andares, ou simplesmente assobradadas, de cidades e vilas do Rio Grande do Sul, indicam que tais peculiaridades são mínimas, sendo mais numerosas e evidentes as semelhanças dos sobrados do Sul com os sobrados do Norte e das demais regiões brasileiras em que êsse tipo de arquitetura floresceu com caraterísticos nìtidamente portugueses.

Não desprezemos, porém, tais peculiaridades. Elas se filiam: umas, a especializações de arquitetura lusitana de casas desenvolvidas na principal região de origem dos colonizadores portugueses do Rio Grande do Sul — os Açores e por êles, colonizadores, trazidos ao Brasil. Outras, a necessidade de adaptação daquele tipo de casa a um clima mais áspero, no inverno, do que os de outras regiões brasileiras e, talvez, — quanto aos ventos — do que o dos próprios Açores. Ainda outras, a possíveis influências — naturais nas extremaduras — da arquitetura e de arte decorativa de povos vizinhos.

Nota-se mais aquí do que nos sobrados mais antigos do Norte do Brasil, o uso da vidraça, da chamada guilhotina e creio que também da clarabóia. Uso também maior em São Paulo, no próprio Rio de Janeiro e em Minas Gerais do que no Norte colonial. Êste podendo, pelos seus recursos nos tempos áureos do açúcar, ter-se dado ao luxo dos vidros nos sobrados, parece ter encontrado nas condições regionais de clima, de fôrça de ventos e de luminosidade, condições favoráveis a um emprêgo maior e mais artístico dos abaleoados, da rótula, da porta e da janela de xadrez. Reminiscências mouriscas da arquitetura portuguesa que parecem ter tido no Norte sua expressão brasileira de qualidades artísticas mais acentuadas.

Por outro lado, no Sul — inclusive no Rio Grande do Sul — tudo nos leva a crer que a arte da vidraça em madeira ornamentada ou do caixilho teve a sua expressão artística mais rica, merecendo por si só um estudo paciente. Estudo que, acompanhado de minuciosa documentação fotográfica, colocaria sob os nossos olhos uma variedade de rendilhados de madeira utilizados como caixilhos de vidraças de janelas e de portas.

No caso do sobrado português parece ter sido geral, na transplantação dêsse tipo de casa nobre para o Rio Grande do Sul, o desaparecimento da chaminé grande. O que nem sempre terá correspondido às exigências da adaptação ao clima e de confôrto doméstico. Mas a verdade é que tal simplificação vinha já se processando nas ilhas e no próprio Portugal da Europa, onde a chaminé de origem francesa e de introdução relativamente recente na paisagem portuguesa — segundo Leite de Vasconcelos — nunca se integrara de todo na mesma paisagem, permanecendo uma espécie de intruso em país de alguns dias frios, é certo, mas poucos em relação aos de sol quasi africano e principalmente aos de temperatura doce. Aqui entra o elemento psicológico para nos sugerir que já está se fazendo sentir no próprio Portugal aquela tendência simplificadora da casa, no sentido da eliminação da chaminé, não era de esperar seu reaparecimento entre os casais de povoadores do Rio Grande do Sul, nem entre seus descendentes



EVOLUÇÃO DA CASA RESIDENCIAL

Mais um passo no desenvolvimento da habitação: o sobrado. — Moinho na Picada Café, São Leopoldo.

imediatos que primeiro puderam dar-se ao luxo de levantar casas assobradadas, como expressão de sedentariedade urbana, de proliferação patriarcal e de prosperidade. Pois as evidências parecem tôdas indicar que eram casais com hábitos de poupança e sobriedade — traços destacados por vários estudiosos da história social desta parte do Brasil. Também que eram pioneiros intrépidos, e um tanto desdenhosos do confôrto amolecedor. Gente a quem o frio do Rio Grande, impondo resguardos na habitação e no vestir, não parece, entretanto, ter imposto os cuidados extremos e dispendiosos que a construção de chaminés nos sobrados teria significado.

Pelas notas de viagem do etnógrafo Leite de Vasconcelos aos Açores — viagem rápida, mas na qual o experimentado pesquisador recolheu, em poucos dias, dados tão interessantes sôbre o arquipélago — pelos desenhos que acompanham seus trabalhos e os de Leite de Ataíde, sôbre a casa açoriana, verifica-se a predominância, nos ângulos de telhado, da chamada POMBINHA, encontrada também em certas áreas do Portugal europeu. Predominância que seria um dos caraterísticos principais do telhado de casa antiga, assobradada, ou não, do Rio Grande do Sul, isto é, das suas áreas da colonização açoriana. A propósito dêsse caraterístico de casa açoriana, generalizado, talvez, nas casas antigas desta parte do Brasil com o próprio nome de POMBINHA, Leite de Vasconcelos lembra, no seu MÊS DE SONHO, os ante-fixos dos romanos, "destinados na origem a afastar das casas a ação maléfica de seres sobrenaturais" e os monstros "postos em ângulos de casas, na índia e na China, para evitar fascinação".

Aquí tocamos no que se pode denominar a profilaxia da casa, não só contra inimigos considerados naturais, do homem e de sua sedentariedade doméstica, mas tidos por sobrenaturais. É um aspecto de considerável interêsse — e não de simples curiosidade artística ou de puro sabor pitoresco — para a história social do sobrado sul-riograndense, dentro do método por que já se tentou esboçar essa história com relação à casa-grande dos engenhos de açúcar e da chácara e do sobrado das cidades e sítios, caraterísticos das áreas mais sedentárias do Brasil nos dias de patriarcalismo escravocrata. Método empregado recentemente pelo sr. Miran de Barros Latif e pelo sr. Augusto de Lima Júnior nos interessantes estudos sôbre a casa colonial mineira.

Como noutras áreas brasileiras, na riograndense do sul, de colonização açoriana, deve-se ter conservado ou se desenvolvido, em volta da casa, em geral, e do sobrado, em particular, muita superstição portuguesa e até mourisca e oriental, de caráter profilático, no sentido do resguardo da casa e da felicidade doméstica representada pela casa. Não só a casa assobradada como a casa térrea. Será interessantíssimo anotar quanto existe a êsse respeito para confronto com o material açoriano e com o de outras áreas brasileiras e portuguesas. As sobrevivências e especializações profiláticas em tôrno da casa, e particularmente, do sobrado, e da vida estável da família, das suas relações com a água, os ventos, a vegetação, os animais peculiares à área riograndense do sul, as epidemias e doenças aquí predominantes no período colonial e nos tempos do Império, terão sua importância, e grande, para esclarecer pontos interessantes da história e da economia do patriarcalismo nesta parte do Brasil, de sua sociologia e da sua psicologia. Não é em vão que um vento forte destas paragens se chama irônicamente "carpinteiro"; um vento que enche as areias de vigas e tábuas arrancadas às casas.

A importância psicológica dos estudos brasileiros sôbre a casa-grande e o sobrado, que foram as duas grandes expressões arquitetônicas do patriarcalismo escravocrata no nosso país, como sugeri em trabalhos publicados em 1933 e 1936, foi posta em relêvo, em trabalho recente, por um especialista em questões de psicologia, interessado principalmente em salientar a influência daqueles tipos de casa sôbre a criança brasileira. Escreveu êsse ilustre especialista que nas habitações de tipo patriarcal no Brasil, as impressões da casa sôbre a criança devem ter se convertido em "fatores de extraordinária importância". O que já se tentara esboçar naqueles ensaios de sociologia genética. Que fale, porém, o especialista em assuntos de psicologia, cujas palavras autorizadas interessam a quem se proponha estudar com minúcia a história social do sobrado antigo no Rio Grande do Sul. Diz êle, referindo-se à criança: "Salas e quartos e corredores, a cozinha, a dispensa, o alpendre, a puxada, o sótão, a saleta, tudo, tudo ficará para sempre ligado à sua vida. O quarto escuro! O medo angustioso do quarto escuro, povoado de duendes e almas do outro mundo..." Povoado às vezes — acrescente-se — de móveis-fantasmas: de guarda-roupas, arcas, camas ou cômodas pretas e enormes: verdadeiras coisas de outro mundo para as crianças.

Pela leitura de anúncios nos jornais mais antigos do Rio Grande do Sul, já consegui verificar que os móveis dos sobradões daquí, nos meiados do século passado, se assemelhavam aos do Norte do país; e que à louça dos sobrados não faltavam, entre porcelanas finas e objetos de ouro e de prata, açucareiros e bules para chá. Traço, êste muito significativo, pois indica que também na área do mate, tomava-se com freqüência, nos sobrados, o outro chá: o da índia.

Ao historiador social da casa, que se dedicar ao estudo especializado do sobrado antigo do Rio Grande do Sul, interessará o traçado ou o plano — dêsse tipo de casa, não só do ponto de vista da adaptação da arquitetura doméstica mais nobre



DETALHES ARQUITETÔNICOS

Escada típica colonial. Pôrto Alegre, Praia de Belas.

das cidades de Portugal às condições brasileiras do meio físico — tantas delas temidas quasi tanto quanto os fantasmas ou confundidas com êles: vento, chuvas, sol, sereno, vegetações, fauna — como do ponto de vista de correspondência da mesma arquitetura ao ritmo, às dimensões econômicas e psicológicas, às necessidades dágua, de alimentação e de higiene doméstica da família patriarcal, aos TABÚS, às ostentações e aos pudores do patriarcalismo escravocrata nas cidades desta parte do Brasil. Do ponto de vista, também, de sua correspondência à situação da mulher, do menino, do parente pobre, do escravo, do cavalo, da vaca, do gato, de outros animais e de plantas, madeiras e metais da terra e valores e ornamentos exóticos na economia, na sociologia e até na mística do sistema patriarcal tal como êsse sistema se exprimiu no sobrado grande de habitação. E, ainda, do ponto de vista de sua correspondência com a casa vizinha, com a casa menor, com a igreja, com o padre, com a botica, com a rua, com o mercado, com a escola, com o espaço, extradoméstico, tanto considerado geomètricamente como psicológica, sociológica e econômicamente.

Porque o sobrado patriarcal marcou, no desenvolvimento da paisagem brasileira — da paisagem cultural em relação com a natural — o início do prestígio da rua, da cidade, do exterior. Sôbre a rua, primeiro pela rótula, depois pela varanda, o patriarcalismo principiou a olhar e até a debruçar-se, a comprar fruta, peixe, carne, doce, pano, remédio, renda, começando assim, entre nós, povo de formação intensamente patriarcalista, a tendência de socialização e de democratização ampla do sobrado: sua integração no sistema cívico. Tendência que um arquiteto moderno e arguto escritor, o sr. Flávio de Carvalho, já caracterizou como sendo no sentido de ser a cidade "tôda ela, a casa do homem". ("A máquina e a casa do homem no século XX", Tese para o V Congresso Panamericano de Arquitetos, reünido em Montevidéu, em Março de 1940, ms).

Até acentuar-se essa tendência — fenômeno no Brasil — o sobrado patriarcal teve, na nossa paisagem, alguma coisa de fortaleza sociológica e psicológica, que resguardasse uma raça e principalmente uma classe — a raça autêntica ou oficialmente branca e a gente proprietária quando não de terra, de escravos, de jóias e moedas e, em particular, a mulher e a criança aristocrática de contactos com o mundo exterior: não só com a gente da rua, de campo, e de outras casas, como com os elementos — o vento, o sol, as chuvas — com os animais — indistintamente chamados BICHOS — e também com as árvores e as plantas no seu estado bruto e indistintamente chamadas MATO. Essa função, o sobrado patriarcal desempenhou-a magnificamente nos seus dias de plena fôrça. Até que chegou o período de sua desintegração, quando de suas próprias varandas, homens criados nos seus quartos, nas suas salas, nos seus pátios, dentro de suas janelas ou de suas rótulas, entre suas mucamas, seus gatos, seus papagaios, seus passarinhos de gaiola e seus cachorros, principiaram a discursar ao povo das ruas dizendo-lhe que era preciso abolir a escravidão. A abolição da escravidão seria a morte do sobrado como fortaleza sociológica e psicológica na paisagem brasileira. Realizada, exigiria, como exigiu, uma readaptação completa do sobrado ao espaço social e geométrico e à paisagem, alterada no sentido de maior prestígio da cidade e da maior socialização e democratização da vida brasileira.

Essa readaptação é que, no Rio de Janeiro, no Norte e creio que também aquí, não se vem verificando com bons resultados higiênicos e estéticos; pois a um tipo de arquitetura que já se harmonizara, em mais de um traço sensacional, com a paisagem regional, vão substituindo tipos da arquitetura intrusa e cosmopolita. A grande obra da arquitetura brasileira de mil novecentos para cá deveria ter sido no sentido de uma readaptação, difícil mas possível, da arquitetura doméstica, oficial e de igreja às novas condições de espaço social e espaço geométrico. Readaptação dentro da qual o sobrado, em Pôrto Alegre como no Rio de Janeiro e no Recife, passasse do PRIVATISMO ao CIVISMO, conservando, quanto possível, seus valores já estabelecidos; e não desaparecendo sob estilos de confeitaria que invadiram desde então nossas cidades, hoje dominadas pelo arranha-céu de tipo norte-americano ou de feitio alemão.

Uma região ou área sem o seu tipo de casa tradicional, que se altere, é claro, segundo necessidades de espaço e de vida impostas por novas técnicas de produção e de transporte, e por aperfeiçoamento de higiene, mas nunca em oposição violenta à natureza regional e à acomodação já conseguida, com ela pela arquitetura experimentada pelo tempo; uma região ou área sem o seu — tipo bem estabelecido de casa tradicional, é um pedaço de terra sujeito a tôda espécie de aventuras arquitetônicas.

Foi entre populações animadas do sentimento de identificação com a casa regional que A. Meitzen, pioneiro do estudo moderno da casa em relação com a paisagem, pôde estabelecer seu critério de diferenciação de áreas de cultura européia, documentado abundantemente nas páginas dêsse luxo de cartografia que é SIEDLUNG UND AGRARWESEN (1895), seguido por um trabalho histórico e cultural: os dois volumes de LES MAISONS-TYPES (1894-1899), de Foville.

No Brasil, muito pouco se tem feito sob aquele critério que, no caso brasileiro, teria que atender a condições especialíssimas de contacto dos valores estéticos europeus com os indígenas e os africanos; e com a natureza americana quasi virgem das construções monumentais encontradas pelos descobridores noutras áreas do continente.



DETALHES ARQUITETÔNICOS

1.ª fila: Mirantes e clarabóia. 2.ª fila: Rótulos e janelas. 3.ª fila: Entradas e escadaria. 4.ª fila: Detalhes de serralheria. 5.ª fila: Portões. (Estas fotografias, interessante colaboração para o histórico da nossa evolução arquitetônica, foram colecionadas pelo sr. Deusino Varela e gentilmente cedidos pela Secretaria da Educação para ilustrar o presente trabalho.)

FORMAS ARQUITETÔNICAS NO RIO GRANDE DO SUL

INFLUÊNCIA DO ESPÍRITO DO COLONIZADOR NA PLANTA HORIZONTAL DA CASA DE MORADIA

Por FERNANDO CORONA

Casas açorianas; casas da fronteira, do planalto, da serra; casas dos colonos alemães; casas dos colonos italianos; casas do Rio Grande do Sul.

As "casas-de-morar" de cada uma das migrações que povoaram nosso Estado têm caraterísticas definidas. Não é ùnicamente nas fachadas, no aspecto externo das casas, que fica estigmatizada a origem do povoador. A distribuïção interna, ou em linguagem mais técnica, a planta horizontal é a que nos proporciona os detalhes mais íntimos a respeito da natural predisposição do indivíduo em família acariciando, cotidianamente, as coisas do lar, do prezado lar. Os colonizadores sentiam a lembrança da pátria de origem, e, ao construírem a moradia em sua nova pátria, não conheciam outra coisa que não fosse o mundo que tinham visto e vivido em suas respectivas terras. Ante a perspetiva do trabalho árduo a ser iniciado em território novo, a saüdade era-lhes refletida com nitidez na objetivação do mais íntimo labor, e a casa-de-morar era para êles, sem dúvida, a mais clara e nítida das saüdades. Nas horas de repouso, ao entardecer, depois do trabalho de sol a sol, com o pensamento fixo em Deus, a fé e a esperança num mundo melhor lhes mitigava o cansaço, e sentados à sombra de uma varanda, ou de uma árvore, o pensamento fixava-se ante a certeza de vencer na luta pela vida.

Um motivo decorativo nos azulejos e nas cerâmicas de Santo Antônio do Pôrto, uma ferragem tosca no portal, para os heróicos portugueses da península e para os ilhéus. Pátios internos ensombreados de árvores frondosas e poços com ferros retorcidos, fogo e chimarrão, para os povoadores da fronteira, baluartes positivos da economia nacional. Jardins floridos e cortinados nas janelas das casas, para os nórdicos da Europa, de origem germânica, onde indústria e lavoura haveriam de crescer para a grandeza da pátria. Fortes e amplos porões de pedra dura onde o mosto pisado fermenta em pipas de cedro, para as benéficas e prolíferas colonizações italianas.

O Estado é riquíssimo em matéria-prima para a arte de construir. No litoral, no planalto, na serra, na fronteira. Aos colonos não lhes foi difícil achar o material indispensável à construção de moradias. Pedra, argila, areia, calcáreo, madeiras de tôdas as espécies, encontram-se em tôda parte, e de primeira qualidade. A formação geológica do Estado é de alto quilate a êsse respeito. Poucos são os territórios que possuem a riqueza geológica do Estado do Rio Grande do Sul.

Assim, os povoados logo conquistavam categoria de vilas, e estas transformavam-se ràpidamente em cidades. As ruas surgiam, e, com elas, as casas-de-morar.

O arquiteto, projetista ou curioso mesmo, antes de ver a fachada da casa, desenha a planta horizontal. Esta é a lógica natural e racional na arte de construir. Fachada é conseqüência da planta. Assim naturalmente terão feito nossos primeiros colonizadores. As cidades do nosso litoral e de algumas cidades do interior foram criadas por homens de origem portuguesa, da península e das ilhas da Madeira e dos Açores.

Nossa intenção é fazer uma rápida análise na concepção das plantas horizontais de cada migração. Planta da casa popular, da casa comum, que chamaremos simplesmente "casa-de-morar".

Casas de tipo açoriano

Estas casas caraterizam-se pela simplicidade da planta. Não havia preocupação de confôrto. Lotes de terreno estreitos, muito estreitos, chegando mesmo a terem apenas 3,30 metros. O lote clássico, de tipo açoriano, é de 30 palmos, 6,60 metros. Vê-se, portanto, que muitos subdividiam isso pela metade. Como pode ser bem distribuída a planta interna, com lotes de terreno tão desfavoráveis ao bom conforto? (Fig. 1 e 2). O resultado é que as peças formam uma seqüência para os fundos do terreno e as casas às vezes chegam a ter 6,60 metros de frente por 15 ou 20 metros de fundo. Interior escuro, sem ventilação suficiente e insalubre. Êste género de casas era construído no alinhamento da rua, à beira da calçada, em regra geral, estreita, numa seqüência interminável de porta e janela. Tal qual as casas da ilha da Madeira. A casa popular era sempre de andar térreo. De um só pavimento. As fachadas destas casas — ainda existem muitas daquele tempo — foram projetadas pelo mesmo "corte". Dão a impressão de serem iguais, não fosse o diverso colorido, berrante quasi sempre, que as distingue. As casas de azulejo, com tôda certeza, eram projetadas em Portugal, e tal-



DETALHES ARQUITETÔNICOS

Pátio interno de um velho solar em Rio Grande, construído em 1823. Hoje Hotel Paris.

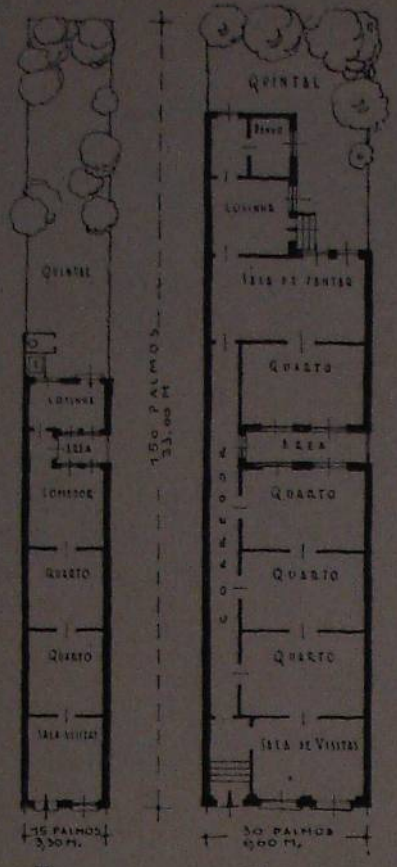


Fig. 1

Fig. 2

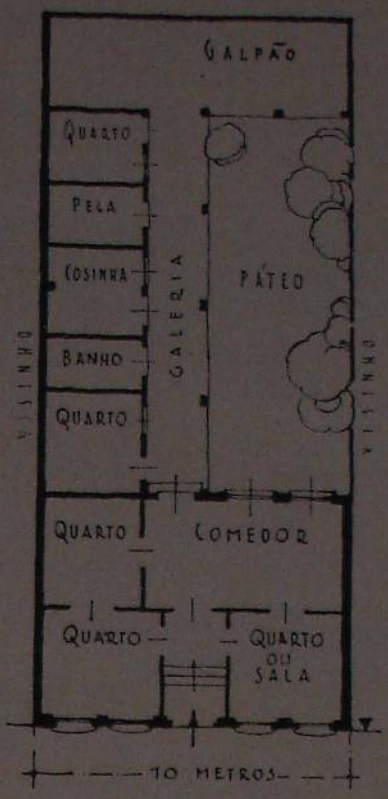


Fig. 3

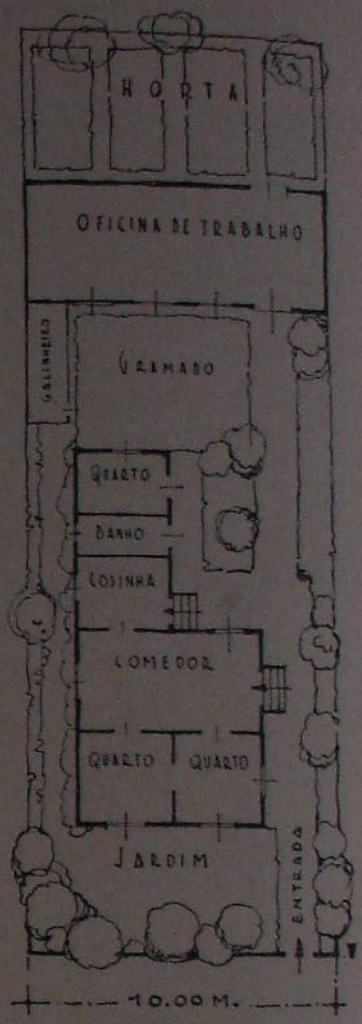


Fig. 4

Fig. 1 e 2. Casas de alinhamento de calçada de rua, muito comuns nas cidades de Pôrto Alegre, Pelotas, Rio Grande e outras, de origem açoriana. — Fig. 3. Casas de alinhamento de calçada de rua, muito comuns nas cidades da fronteira. — Fig. 4. Casas de madeira do colonizador alemão de Ijuí, Novo Hamburgo Santa Cruz, etc. O espírito feminino trabalha na distribuição interna da casa.

vez em Santo Antônio do Pôrto, de onde procedem essas pequenas plaquetes 13 × 13, tão cobiçadas hoje pelos amantes das chamadas "casas coloniais".

Os construtores daquela época não poupavam material. As casas eram construídas sòlidamente em caráter definitivo; quer dizer, a intenção era fazer casas para sempre; apegados à terra, os açorianos, namorados da nova pátria, construiam a casa-de-morar numa terra que, sendo império português, era patrimônio deles também.

Mais tarde surgiram as casas de sobrado e os palácios da nobreza. Entretanto, internamente havia a mesma concepção de planta; salas da frente com bastante importância. Salas de visita. Os quartos de dormir comumente eram escuros. Sem luz e sem ar. O valor das fachadas limita simplesmente a inspiração dos arquitetos da época; entretanto êles impregnaram certo sabor em motivos decorativos que, guardada a proporção entre as cidades do Norte do país, e as nossas, no Império colonial, ainda assim possuimos exemplares magníficos em sacadas, portões, azulejos, balaustradas e particularmente janelas e portas.

Casas do povo da fronteira

Influência castelhana da banda oriental. Influência missioneira das margens do rio Uruguai. Casas de pátio interno. Lotes de dez metros de frente, sôbre ruas largas. Pouca pedra. Muito tijolo e argamassa de saibro. Telhados de meia água com caïmento para o fundo. Têlhas de barro, de canal. Mais tarde, têlhas de zinco, onduladas. Plantas com entrada ao centro do lote do terreno, sala de visitas para um lado, dormitório para o outro, corredor ao centro, outros quartos a seguir, mais dependências, cozinha e banho em forma de L sôbre o corpo principal da casa. Pátio interno, arborizado. Fachada com sacadas sôbre os laterais da entrada (Fig. 3). Estas cidades da fronteira tinham mais facilidades de comunicações com Montevidéu e Buenos Aires, do que com a capital do Estado. Cidades mais novas, que as de origem açoriana do litoral, a concepção das casas-de-morar nas cidades da fronteira tem a influência da vizinhança, e são como que uma conseqüência, uma continuação das casas, hábitos e costumes do outro lado. A vizinhança influe imenso nas povoações, na imitação das coisas e em suas maneiras de viver, como se fossem da mesma raça; até o próprio linguajar se mistura e fala o mesmo episódio sentimental, histórico e comum. Êsse clima espiritual da terra em que se vive, da terra em que se canta, da terra em que se cria, fatalmente impregna no indivíduo o sabor dos hábitos e costumes, e sua alma, em suas manifestações exteriores, expressa, com vivo sentimento, a própria estimação.



DETALHES ARQUITETÔNICOS

Entrada principal da Igreja de São Pedro, em Rio Grande, a mais antiga igreja do Estado (1755). O texto da placa de mármore por cima da entrada diz: "Reinando El-Rei D. Jozé I. N. S. e sendo Gor. e Capm. Gen. das Caps. do Rº. de Janrº. e Minas Gers. o Ilmo. e Exmo. Gomes Freire de Andrade do seo Consº. Ml. de Campo General dos seus Exercitos Mandou fazer esta Igreja no tempo, o conferio, e executou desta parte como principal comissarº. do mesmo Rei e Senhor a Divisão das duas Monarchias. Rio Grande de S. Pedro XXV de Agosto anno de M.DCCLV".

Não há diferença entre uma casa-de-morar de Santana do Livramento e outra de Rivera, entre uma casa de Uruguaiana e outra de Libres. As fachadas variam no gôsto. As plantas horizontais são tôdas semelhantes. Esta influência chegou até Bagé e São Gabriel.

Casas da colonização alemã

As cidades do Estado, que possuem as casas mais típicas dessa honesta e laboriosa colonização, são Santa Cruz e Novo Hamburgo. — Em Ijuí, também em grande número, as casas-de-morar têm características semelhantes. Lotes de terreno, com largura de dez metros a mais. Corpo da casa ubicado em recuo sôbre o alinhamento da rua. Jardim na frente e nos lados. Casa também de um andar. Na distribuïção interna não existem, em regra geral, peças sem luz direta. Estas casas são de boa distribuïção interna (Fig. 4). Pode-se atribuir talvez a um conceito da vida própria do colono alemão. A mulher do colono pensa na casa, vive na casa e cuida da casa. A simples casa de madeira é confortável, porque é muito ventilada. O colono alemão, mais pobre, põe cortinas nas vidraças das janelas. Torna o ambiente agradável e sempre é a mulher que estimula o amor à vida do lar, com êstes pequenos detalhes de ornamentação. Vive entre flores.

Casas da colonização italiana

Fortes pilares de pedra basáltica formam os alicerces das casas-de-morar dos colonos italianos. Fecham êsses pilares grossas paredes da mesma

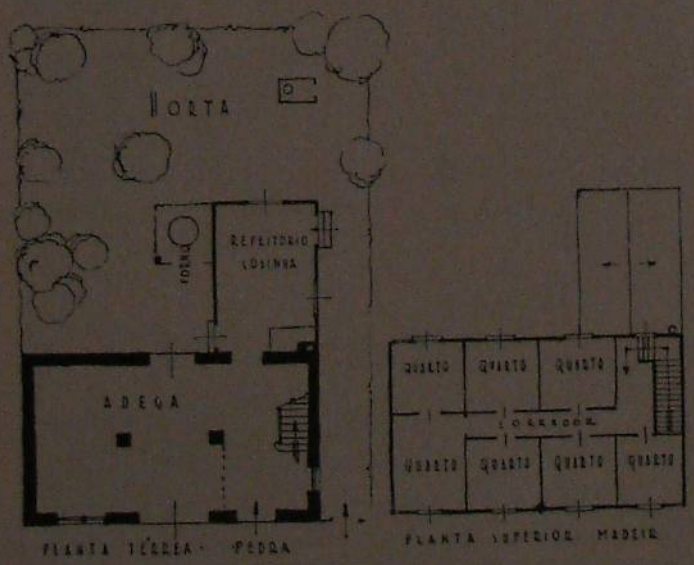


Fig. 5. Casa típica do colono italiano. Muitas vezes localizada à beira da estrada. Os vinhedos estão adjuntos.

pedra dura, em grande abundância na região. As casas, regularmente, são retangulares, com maior largura para a frente. Fortes barrotes de madeira de lei, apoiados sôbre estas paredes, suportam as tábuas do piso do andar superior, que é a parte de morar. A construção da parte superior é de madeira de pinho em tábuas justapostas em sentido vertical. Os telhados são de barro ou madeira, e nas casas mais modernas, de zinco ondulado.

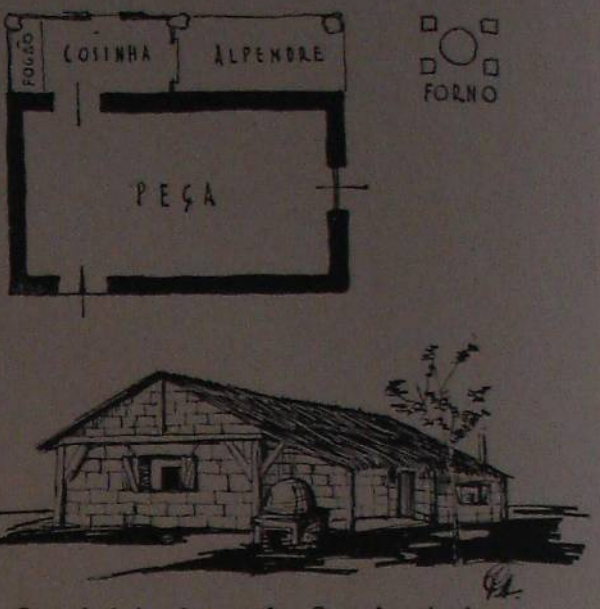


Fig. 6. Casa de beira de estrada. Casa de caboclo.

As famílias dos colonos italianos sempre são numerosas. A planta horizontal (Fig. 5) é dividida, de maneira a ter, regularmente, bastantes dormitórios. Algumas casas têm a cozinha no andar



Fig. 7. E assim, esta casa de sapé sugere, ao artista, a casa tradicional com o confôrto necessário para o heróico trabalhador cumum.

térreo, de pedra, que também serve de refeitório. A típica cozinha desta colonização trabalhadora, que tanto contribue para o engrandecimento do patrimônio estadual e portanto nacional, é, em regra geral, refeitório também. Explica-se: Homens e mulheres, pais e filhos, voltam do trabalho, e ante o clima frio das plantações o prazer é o de aquecimento em casa, nas poucas horas de descanso, antes da hora de repouso. Mesmo evita uma peça a mais fora do espírito económico dêste povo laborioso. Quarto de dormir para o casal, outros quartos onde em cada peça possam caber 2, 3 ou 4 camas para filhos e filhas.

Casas do trabalhador comum

As casas mais simples são as do caboclo, as do trabalhador da beira de estrada (Fig. 6). Em tôda a rede ferroviária do Rio Grande do Sul en-



UM MONUMENTO INTERESSANTE DA ARQUITETURA NO RIO GRANDE

Igreja de Tôrres, que apresenta detalhes estilísticos das casas profanas da era colonial.

contram-se estas casas típicas, construídas com o elemento mais comum. Terra, palha e troncos roliços, cortados nos ricos e abundantes matos.

É a casa de sapé. A planta é retangular, com a maior largura para a frente. Um alpendre sôbre o fundo completa a arquitetura simples desta gente simples. É a casa dos homens sem recursos, mas que tem direito a viver sob teto coberto. O chão é de terra socada. A planta é em comum. Quando muito, uma parede divide o todo. Quarto para dormir, e cozinha que é refeitório também. Às vezes, o todo é um quarto e o fogão de tijolo é construído no alpendre. Muito perto, um montículo de tijolos em abôbada serve de forno para fazer o pão. Esta casa é tìpicamente do caboclo e por ser a mais simples, construída por êle mesmo, é a que mais caraterísticos racionais tem pela ausência do supérfluo. A queda do telhado de sapé, sôbre o alpendre, dá-lhe uma proporção simpática e sugere ao artista uma casa de tijolo com fôros arquitetônicos, sem lhe aumentar elementos supérfluos (Fig. 7). E assim essa casa de sapé do homem simples adquire fisionomia e pruridos artísticos, compostos apenas com a intuitiva inteligência do honesto trabalhador da beira da estrada.

Casas de hoje

O ritmo econômico, social e financeiro do nosso continente evoluíu astronômicamente acelerado em relação ao europeu. Se bem que dele recebêramos tudo no sentido humano, a terra ubérrima foi boa para o colonizador, e tudo lhe deu em riqueza, paz e amor, como prêmio de compensação ao seu trabalho.

O Brasil, um dos paises mais ricos do mundo, porque tudo tem, oferece ao homem trabalhador o que êle precisar para seu confôrto e para sua felicidade. A evolução é gigantesca e as cidades crescem vertiginosamente.

Na arte de construir, o nosso país está equiparado aos mais adiantados países do mundo. A arte e a técnica uniram-se, e as edificações representam bem, muito bem, o alto grau de adiantamento de um povo em marcha ascensional.

O Rio Grande do Sul, como Estado da Federação, caminha firme na vanguarda da nacionalidade e constróe suas vivendas com o mesmo confôrto interno que as de qualquer outro lugar. Em matéria de higiene os nossos códigos são cada vez mais exigentes, e para construir uma casa confortável o parágrafo número um é o da ventilação. Não há mais peças insalubres em nossas "casas-de-morar". Os lotes de terreno não podem ter menos de dez metros de frente, e as casas, recuadas do alinhamento das ruas, são construídas entre os verdes dos gramados, das folhagens, das árvores e do multicolorido das flores.

Se bem que algumas cidades padeçam ainda de urbanismo arcaico, com ruas mal orientadas, estreitas e feias, os arquitetos modernos, ao fazerem os projetos, preocupam-se muito com a colocação racional da casa em função da orientação. Em nosso Estado, por exemplo, os dormitórios devem ser colocados com os vãos externos dirigidos para o Leste, Norte ou Nordeste.

Na distribuïção interna de uma casa moderna, junto aos dormitórios o "quarto de banho" tem importância capital. Esta justa concepção sobrava na Grécia antiga, no Egito e no povo arábico. A civilização européia tinha-o esquecido e durante a colonização da América, o banheiro era peça colocada fora da casa. Um dormitório, cuja ventilação seja de $\frac{1}{5}$ de sua área quadrada, e um completo serviço de higiene é a expressão mais comum da nossa moradia contemporânea. O Estado do Rio Grande do Sul tem, há muito tempo, em seus códigos de construções, essa obrigação, que é lei para todo mundo.

Os americanos do norte criaram a sala comum, que êles, e nós também, chamamos "living room" — Sala de estar —; espécie de sala de repouso, de descanso, onde se recebe, se fuma, se ouve música, se conversa, e que muita gente usa também como sala de refeições. Como é bom para os espíritos caseiros estar sentado, ao calor de uma lareira, no inverno, e no verão acariciado pela brisa noturna que entra pelas grandes janelas.

Entretanto!

Existe um contraste curioso em tudo isso. Ontem, quando as casas eram escuras, insalubres e tristes, janelas fechadas, ambientes atravancados com móveis, cortinados pesados, a vida familiar era no lar. Hoje, que as casas se fazem para viver, para estar, a vida familiar se faz quasi inteirinha na rua, nos clubes, nos cinemas, nas confeitarias, nos bares, nos cafés. A casa é só para dormir.

E em muitas casas a sala de visitas desapareceu, a sala de jantar desaparecerá. Bons dormitórios, sim, bom quarto de banho também. Um recanto para o fogão a gás e outro recanto com uma mesa para o café. Bom: isto é só nos "apertamentos" dos chamados "arranha-céus".

Mesmo assim tudo é melhor.

As casas açorianas desaparecem; as dos colonos alemães e italianos se confundem, as da fronteira, planalto e serra se transformam e as modernas "casas-de-morar" do Estado do Rio Grande do Sul são já casas construídas com todo confôrto, por uma raça pujante que vive à vanguarda da civilização.

II PARTE

O CORAÇÃO

O POVO

Gente sul-riograndense — Gal. Souza Docca

Esbôço da formação social do Rio Grande — Dr. Rubens de Barcellos

HISTÓRIA

Os dois Rios Grandes — Cel. F. de Paula Cidade

As antigas Missões jesuíticas — P. Luiz Gonzaga Jaeger S. J.

Alguns aspectos da história do negro no Rio Grande do Sul — Dr. Dante de Laytano

O Rio Grande do Sul da independência a nossos dias — Prof. Walter Spalding



CORAÇÃO E VIDA DA TERRA:
O HOMEM E A HISTÓRIA

Mapa do Paraguai, com adjacências, mostrando, também, o Rio Grande do Sul. Embora primitivo, já apresenta detalhes notàvelmente precisos. Gravado por Luiz Ernot, S. J., no ano de 1631 ou 1632.

O POVO RIOGRANDENSE



GENTE SUL-RIOGRANDENSE

Por SOUZA DOCCA

CAPÍTULO I

O HABITAT

O magnífico trato de terra, de 285.000 km², em forma de rombo que constitue o território do Rio Grande do Sul, divide-se em duas regiões principais: a litoriana e a do interior.

Os campos nativos ocupam o primeiro lugar, com 63% do território; em segundo, os matos em geral, com 21,40%; em terceiro, as terras de cultura, em sete grandes zonas, com 10%; em quarto, a superfície lacustre, com 5,60%.

A costa é retilínea, isto é, sem reentrâncias, apresentando apenas dois refúgios, afora o Pôrto do Rio Grande de São Pedro: a enseada de Tôrres e a barra do Tramandaí, de difícil acesso.

Até aí as rochas e parcéis impedem o desembarque que, para o sul, continua impossibilitado, pelos bancos de areia.

Êsse litoral baixo, desabrigado e arenoso, apresenta numerosas dunas, que os ventos agitam e removem.

Na época do povoamento tinha um único pôrto e êsse de acesso difícil, pela barra do Rio Grande de São Pedro, transformado hoje em magnífico Pôrto da Cidade de Rio Grande, com ancoradouro para transatlânticos e convenientemente aparelhado.

O litoral riograndense, que é de formação quaternária, estava, como ainda está, em período de elevação.

No zona litoriana, onde a vegetação é pobre, existe grande quantidade de lagunas, formando diversas secções, que estão a pedir a intervenção humana, para transformá-las em vias navegáveis, que serão de grande alcance econômico.

As lagoas e lagunas riograndenses se formaram como a de RODRIGO DE FREITAS, no Distrito Federal, as do litoral fluminense e outras do Brasil, entre elas a de ARACAJÚ e a de MOSSORÓ.

A primeira secção, que é a maior de tôdas, é constituída por 26 lagoas, a partir da ITAPEVA até à QUINTÃO.

Estão ligadas por vasos comunicantes ou canais e têm um único sangradouro — o rio Tramandaí, que coleta as águas de tôdas e as despeja no Oceano.

A segunda secção é constituída pelas de PONCHE VERDE e do RINCÃO DOS VEADOS.

A da RESERVA, isoladamente, forma a terceira secção.

Seguem-se, formando o quarto grupo, conjugadas, a de SÃO SIMÃO com a do PEIXE, na altura da ponta que recorda o nome de Cristóvão Pereira, o benemérito desbravador do Rio Grande e seu primeiro ocupante militar e que ainda não recebeu a devida homenagem da terra a que tantos serviços prestou.

A quinta secção é formada pelas de BOJURÚ, de LAVAR e do JUNCO; a sexta, pelas de CRIÚVA e do FLORES e, finalmente, a sétima, pela MANGUEIRA, isolada e que é a maior de tôdas as referidas, com 100 km de extensão por cêrca de 10 de largura

Fora do litoral, como mediterrâneos de água doce, estão as lagoas dos PATOS e MIRIM, esta com cêrca de 4.000 km² e aquela com 8.750 km².

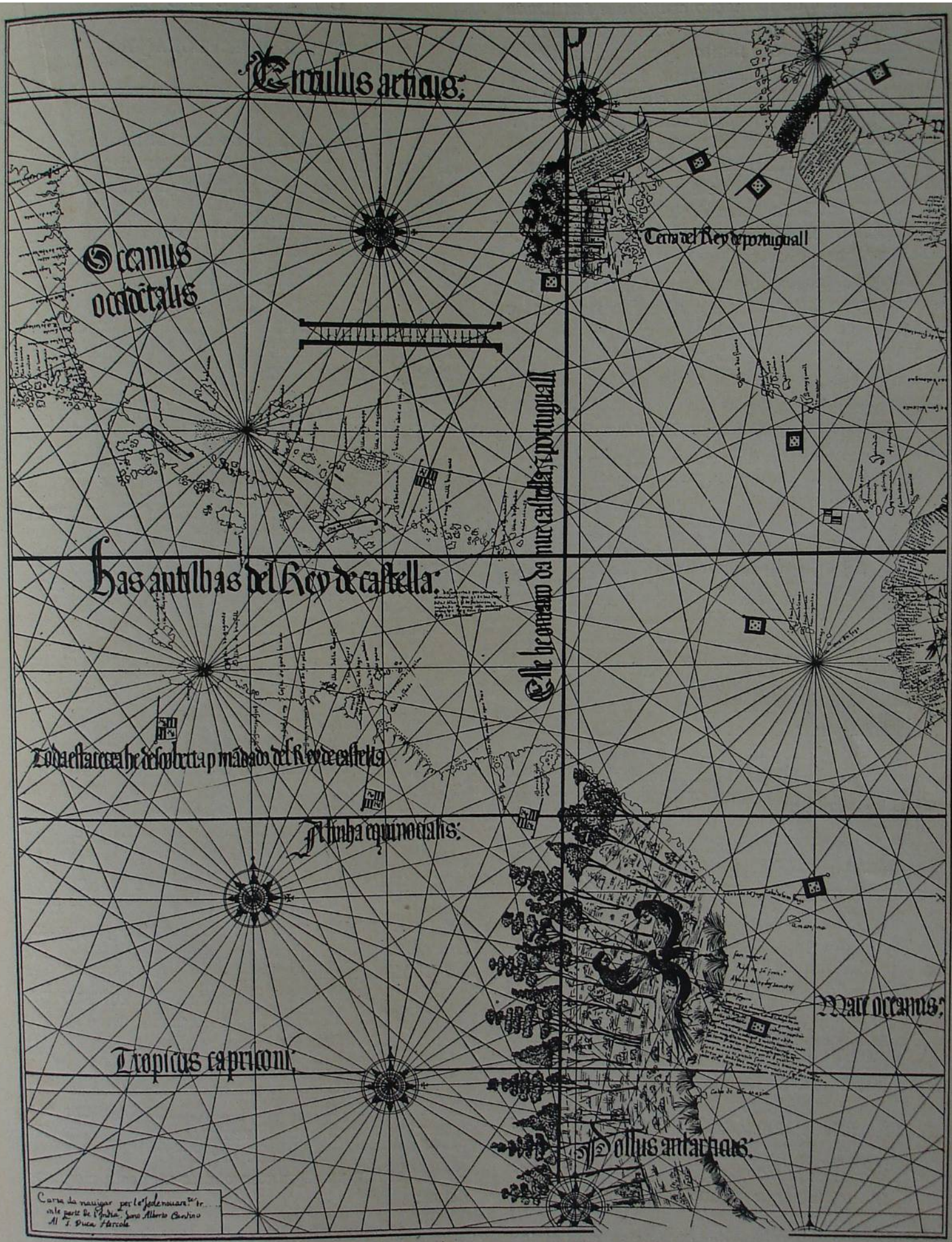
São as maiores lagoas do Brasil.

A parte do interior, que constitue as regiões campestre e florestal, é cortada pela cadeia ocidental do Brasil, na direção geral nor-nordeste, sul-sudoeste, dividindo assim o território riograndense em duas zonas: a do norte e a do sul.

Aquela, impròpriamente denominada Região Serrana, é constituída pelo Planalto Brasileiro que, depois de se estender pelos Estados de Goiaz, Minas Gerais e Mato Grosso, morre, abrutamente, junto à antiga taba IBITORÍ dos Tapes, depois, no período colonial, Capela do Acampamento de Santa Maria e hoje, finalmente, cidade de Santa Maria da Bôca do Monte, formando aí um paredão de cêrca de 500 metros de altura, que atravessa quasi todo o território riograndense, na direção leste-oeste, acompanhando aproximadamente o paralelo de 29°.

Nessa zona estão as maiores altitudes do Estado, que atingem a 1.018 metros, nas cabeceiras do arroio do Leão, no município de Vacaria.

É rica em florestas e madeiras de lei. Seus campos são constituídos por pastos finos, predominando a flechilha e são excelentes para a criação de ovinos.



PARTE AMERICANA DO MAPPA DE ALBERTO CANTINO ·1502·

MAPA DE ALBERTO CANTINO,
DO ANO DE 1502

Êste primeiro mapa representa o território sul-brasileiro em forma geográfica bastante vaga, não trazendo, tão pouco, denominações para o litoral do Rio Grande.

Essa zona é de formação eruptiva e fertilizada pelo caudaloso Uruguai e seus tributários da margem esquerda, que são muitos e volumosos e, coletados por aquele, se lançam no Rio da Prata e constituem a bacia hidrográfica ocidental do Estado.

A região do sul, denominada da Campanha, a que alguns, impròpriamente, chamam de Pampas — coisa que geogràficamente não existe no território riograndense — e que é percorrida por algumas ramificações da Serra do Mar, contém vastos e privilegiados campos para a criação de raças bovinas, cavalares e ovinas.

É regada pela opulenta bacia oriental do Estado, de que são principais coletores o rio Jacuí e as lagoas dos Patos e Mirim.

Entre essas duas regiões fica a Fossa Riograndense ou Depressão Central do Estado, regada pela grande bacia hidrográfica do baixo Jacuí.

A posição astronômica do Rio Grande do Sul é a seguinte, com referência ao meridiano do Rio de Janeiro: latitude sul — entre 29°17′, foz do Mampituba e 33°44′46″3, marco número 1 da cabeceira do Chuí; longitude ocidental — entre 6°50′29″, foz do Mampituba e 14°43′34″, barra do Quaraí.

Está, assim, geogràficamente situado na zona temperada e sob o Trópico de Capricórnio.

Limita-se ao norte e nordeste com o Estado de Santa Catarina, pelo Mampituba, da foz à nascente principal e a partir desta por uma reta às vertentes do Pelotas e pelo curso dêste e do Uruguai até à foz do Peperí-Guaçú.

A norte e noroeste com a República Argentina, pelo curso do Uruguai, desde a embocadura do Peperí-Guaçú até à confluência do Quaraí.

Ao sul e sudoeste com a República Oriental do Uruguai.

A leste com o Oceano Atlântico, em uma extensão de cêrca de 630 km desde a barra do Mampituba à do Chuí.

Dentro dêsse território iniciaram os nossos maiores a luta pela vida, desbravando-o e, dêsse modo, não foram os caranguejos de que nos fala frei Vicente do Salvador.

Desajudados dos favores com que um vasto litoral abordável propicia, como observa Laparent, o desenvolvimento de um país ou de uma região, porque nossa orla marítima é sáfara, desabrigada e sem portos, construímos, a despeito disso, uma sociedade culta e abastada, no interior, pela cultura espiritual e pelo trabalho pastoril e agrícola a princípio, coadjuvado, depois, pelo desenvolvimento industrial, que é um dos mais prósperos do país.

Vencendo o obstáculo das distâncias, com meios escassos de transportes e forçando a barra do Rio Grande, até há pouco quasi fechada, temos levado os nossos produtos ao Velho Mundo e os espalhado em tôdas as regiões do Brasil, desde os tempos coloniais.

CAPÍTULO II

PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

RELAÇÕES COM O GENTIO

No ano seguinte ao do descobrimento do Brasil, parte das águas do litoral riograndense foi sulcada pela expedição portuguesa ao mando de André Gonçalves.

Os únicos documentos escritos dessa expedição, até agora conhecidos, são duas cartas de Américo Vespucci, divulgadas em princípios de 1503 e fins de 1504.

O célebre florentino, que não teve nessa expedição o papel proeminente que se arroga, diz que a viagem, a partir do Cabo de Santo Agostinho para o sul, foi sempre pela costa, dando-se o afastamento desta a 32° e, portanto, na altura do pôrto do Rio Grande.

É crível, porém, que êsse afastamento fosse entre os 34° e 35°, isto é, da altura do cabo de Santa Maria, que está mencionado no planisfério que Cantino remeteu, de Lisboa, ao duque de Ferrara, aos 19 de novembro de 1502, ou sejam quatro meses depois do regresso da referida expedição.

Nesse planisfério nenhuma denominação é registada na costa riograndense.

Até 1506, o ponto mais austral registado na costa do Brasil era a ilha de Santo Amaro, aos 28°30′.

Em 1514, outra expedição portuguesa, de que era piloto João Lisboa, percorreu o litoral riograndense, indo até o cabo de Santa Maria, no Rio da Prata.

A seguir, Cristóvão Jaques navegou em águas riograndenses até o Prata, por duas vezes: em 1516 e 1526.

Martim Afonso de Souza, em sua expedição de 1531, navegou ao longo da costa riograndense também até ao Rio da Prata, onde naufragou, próximo ao rio dos Begoaes, atual Solis Grande e não no Chuí, como disse Varnhagem e tem sido repetido, em contrário do que consta do DIARIO DA NAVEGAÇÃO, de Pero Lopes de Souza, onde se precisa o local do naufrágio, com detalhes que facilitam sua identificação.

As primeiras denominações toponímicas riograndenses foram dadas por João Lisboa, um dos mais notáveis pilotos de seu tempo, no LIVRO DE MARINHARIA, publicado em 1514.

Aí se lêm os seguintes nomes na costa riograndense:

Angra do batel, aos 30°	de latitude sul
Rio dos negros, aos 31°	
Cabo da ponta, aos 32°	
Baya abercebida, aos 33°	

Dois anos depois aparecia o mapa dos Reinel, com duas dessas denominações: a segunda e



PRIMEIRA SEDE DO GOVÊRNO NO RIO GRANDE DO SUL

A mais primitiva "Capitania del Rei", em Viamão, conforme um óleo no Museu Júlio de Castilhos, em Pôrto Alegre.

a quarta, que são repetidas por Maiollo, em seu mapa de 1519, e no de 1527 menciona sòmente o Rio dos negros.

O mapa de Turim, de 1523, repete o primeiro de Maiollo.

Diogo Ribeiro, cartógrafo e piloto português, ao serviço de Espanha, em seu mapa de 1529, deu ao CABO DA PONTA o nome de JOÃO LISBOA, em homenagem ao seu ilustre colega e compatriota.

Nenhuma dessas denominações foi perpetuada — tôdas desapareceram anos depois.

O primeiro nome dado ao atual RIO GRANDE, cuja barra fica aos 32° de latitude sul, foi SAM P° (São Pedro) e o primeiro documento conhecido em que se lê êsse nome é o mapa de Gaspar Viegas, de 1534.

Qual a origem dessa denominação?

Das diversas hipóteses formuladas a respeito nos parece mais aceitável a seguinte que, em estudo conjunto com o ilustre e saüdoso amigo coronel Jônatas da Costa Rego Monteiro, formulamos: Aquele nome representa uma homenagem a Pero Lopes de Souza, prestada pelo comandante da caravela SANTA MARIA, destacada por Martim Afonso, a 3 de janeiro de 1532, entre a barra do Chuí, e o pôrto do Rio Grande, afim de procurar o bergantim que, em águas catarinenses, desgarrara da expedição, quando esta, no ano anterior, navegava para o sul.

A missão dada à caravela exigia que navegasse junto à costa e fosse penetrando nas enseadas e portos que encontrasse e, dêsse modo, penetrou na barra do Rio Grande, a que seu comandante, em homenagem ao imediato da grande expedição deu o nome de São Pedro, nome êsse que Gaspar Viegas perpetuou, registando-o em seu mapa de 1534, aos 32° de latitude sul, que é precisamente a posição astronômica da referida barra.

Continuando a caravela em sua rota entrou, a seguir, na embocadura do Tramandaí, que devia ser então mais ampla que hoje, daí, talvez, a primitiva denominação de ENSEADA DO BATEL. A êsse rio foi dado o nome de Martim Afonso, em homenagem ao chefe da expedição — o ilustre fundador de São Vicente.

Regressando Pero Lopes a Lisboa, onde aportou em princípios de 1533, forneceu, êle próprio ou alguém de sua frota, informações sôbre a viagem ao cartógrafo Gaspar Viegas que em seu mapa de 1534 consigna, em primeira mão, aquelas duas denominações.

O nome de SÃO PEDRO foi o único que ficou e se estendeu depois a todo o território.

Essa denominação não é, pois, de origem jesuítica, como pensava o eminente visconde de São Leopoldo e acreditam ainda alguns de nossos historiadores.

A Companhia de Jesús, constituída por um grupo de apóstolos, em 1534, sòmente três anos depois, tomou êsse nome.

A vinda dos primeiros jesuítas para a América foi em 1608 e só em 1626 penetraram no atual território do Rio Grande do Sul. O nome de São Pedro, como já ficou dito, existia há mais de noventa anos.

Houve, desde os últimos anos do século XVI e, portanto, antes dos jesuítas penetrarem no território riograndense, relações comerciais entre os paulistas de São Vicente e os indígenas localizados no litoral sulino, segundo nos informa o TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL, de Gabriel Soares de Souza, em 1587.

O padre Roque Gonzalez de Santa Cruz menciona a existência dessas relações em carta de 1627, dizendo que os portugueses subiam pelo Igay (Jacuí) "para comerciarem entre os Guaranis, em roupa e chapéus."

Outra referência que evidencia haverem os bandeirantes antes dos jesuítas penetrado no solo riograndense, têmo-la na carta de Felipe IV de Espanha ao vice-rei do Perú, de 16 de setembro de 1639, onde se lê que desde 1614 os paulistas haviam levado a efeito várias entradas pelo Brasil a dentro, "como por el puerto de Patos y rio grande".

Em registo da Câmara de São Paulo, de 12 de maio de 1635, consta que os indígenas riograndenses eram amigos dos paulistas há mais de cem anos.

CAPÍTULO III

INFORMAÇÕES SÔBRE A TERRA

POVOAMENTO SISTEMÁTICO

As primeiras entradas de portugueses e brasileiros no território riograndense ocorreram no último quartel do século XVII e foram chefiadas pelos paulistas Domingos Brito Peixoto, em 1684, e Francisco Dias Velho, em 1689.

Penetraram até as cercanias do cêrro de Butucaraí, em procura de minas de prata, de que tinham notícias por um indígena, que lhes serviu de guia.

Foram alí recebidos hostilmente pelos indígenas que, chefiados pelos jesuítas, os repeliram, fazendo-os retrocederem espavoridos.

Assim terminou aquele século, sem que portugueses ou brasileiros se fixassem no território riograndense.

As incursões dos bandeirantes de 1636 a 1639 não tinham como objetivo o povoamento.

É infundado, portanto, a afirmativa de Henrique Handelmann, em sua HISTÓRIA DO BRASIL, de que "já em 1680, colonos, na maioria paulistas, haviam fundado nas terras de São Pedro, algumas pequenas povoações, para onde as províncias vizinhas remetiam os criminosos condena-



TOUCADO INDÍGENA

Museu Júlio de Castilhos, Pôrto Alegre.



"INDUMENTO E DANSAS DOS BUGRES"

Gravação interessante do ponto de vista histórico e etnológico, feita nos princípios do século XVII e representando o desembarque de brancos no Rio da Prata.

dos à pena mínima de delitos graves e raparigas perdidas, como uma espécie de desterro."

É oportuna esta retificação, porque a obra do historiador alemão foi há pouco traduzida e publicada no Brasil, com corrigendas e anotações, e, sôbre o ponto em referência, nada se disse, a despeito de ser aquela afirmativa uma inverdade flagrante.

O Governador do Rio de Janeiro e Capitanias do Sul — Francisco Távora — incumbiu, em fins de 1711, ao ilustre sargento-mór paulista Manoel Gonçalves de Aguiar, de importante missão no sul do país.

Na parte relativa ao povoamento, recolheu o referido sargento-mór, do juiz e oficiais da Câmara da Laguna, estas interessantes informações sôbre o território riograndense: "No tocante ao Rio Grande, nos consta ser a melhor terra de tôda a América do Brasil para se povoar, e onde se pode acomodar todo o Brasil, sem que nele mostre os milhões de moradores que tiver em si."

"No tocante aos mantimentos", acrescentava a informação, "no tocante aos mantimentos do Brasil e da Europa, dizem que muito melhor se dão aí que em nenhuma parte. De madeiras e pescado de tôda classe, se poderiam carregar frotas."

A Câmara de São Francisco confirmou o que dissera a de Laguna, acrescentando: "O dito Rio Grande pode acomodar todo o Brasil em si, pelas campanhas que tem" e, visando a integração definitiva do cubiçado território, acrescentou: "O Rio Grande é que seria muito conveniente a Sua Majestade o se povoar, em razão dos castelhanos se não adeantem."

Francisco Távora, ao ter conhecimento dessas informações, que evidenciavam a urgência do povoamento, pelas vantagens de ordem econômica e política, mandou explorar a fundo o território.

Foi incumbido dessa missão o prestante capitão-mór da vila da Laguna — Francisco Brito Peixoto.

O objetivo principal era "examinar e abrir caminho para o Rio Grande de São Pedro e daí para as campanhas de Buenos Aires" e verificar o estado em que se achava a Colônia do Sacramento.

Os achaques de Brito Peixoto impediram-no de cumprir pessoalmente essa missão que foi, por-isso, desempenhada pelo seu genro João de Magalhães, português, nascido em Braga e que era então um dos vereadores da Câmara lagunense.

A expedição atravessou o território riograndense, foi à Colônia, esteve em Montevidéu e Maldonado e voltou ao ponto de partida, com precisas informações sôbre a região percorrida.

Os serviços prestados por João de Magalhães valeram ao seu sogro a patente de "Capitão-mór das terras da Laguna e o seu distrito com a ilha de Santa Catarina sua anexa e o Rio Grande de São Pedro, por tempo de três anos", a 1.º de fevereiro de 1721, "por ter feito com a sua indústria, facilitar os caminhos daqueles sertões para o Rio Grande de São Pedro, mandando à sua custa explorar a campanha dêste dito Rio Grande, Montevidéu e Maldonado, impedindo os estrangeiros o fazerem negócios pela costa."

Depois das informações de 1715, a colonização do território riograndense, ao contrário do que se tem dito, não foi descurada pelo govêrno português.

Em 1717, D. João V, a propósito de uma petição em que Sebastião da Veiga Cabral requeria a doação da ilha de Santa Catarina, mandou que o governador de Santos informasse sôbre os recursos e estado dessa ilha e das terras que se estendiam até o Tramandaí.

O governador de São Paulo — Rodrigo César de Menezes — depois de minuciosamente informado pelo sargento-mór Manoel Gonçalves de Aguiar sôbre as possibilidades do território riograndense, representou ao rei sôbre a "grande utilidade que havia em se mandar povoar o Rio Grande" e que se não devia dilatar a resolução nesse sentido, porque aquela fronteira pela sua "capacidade, pela sua abundância e fartura, se podia fazer uma das maiores povoações da América."

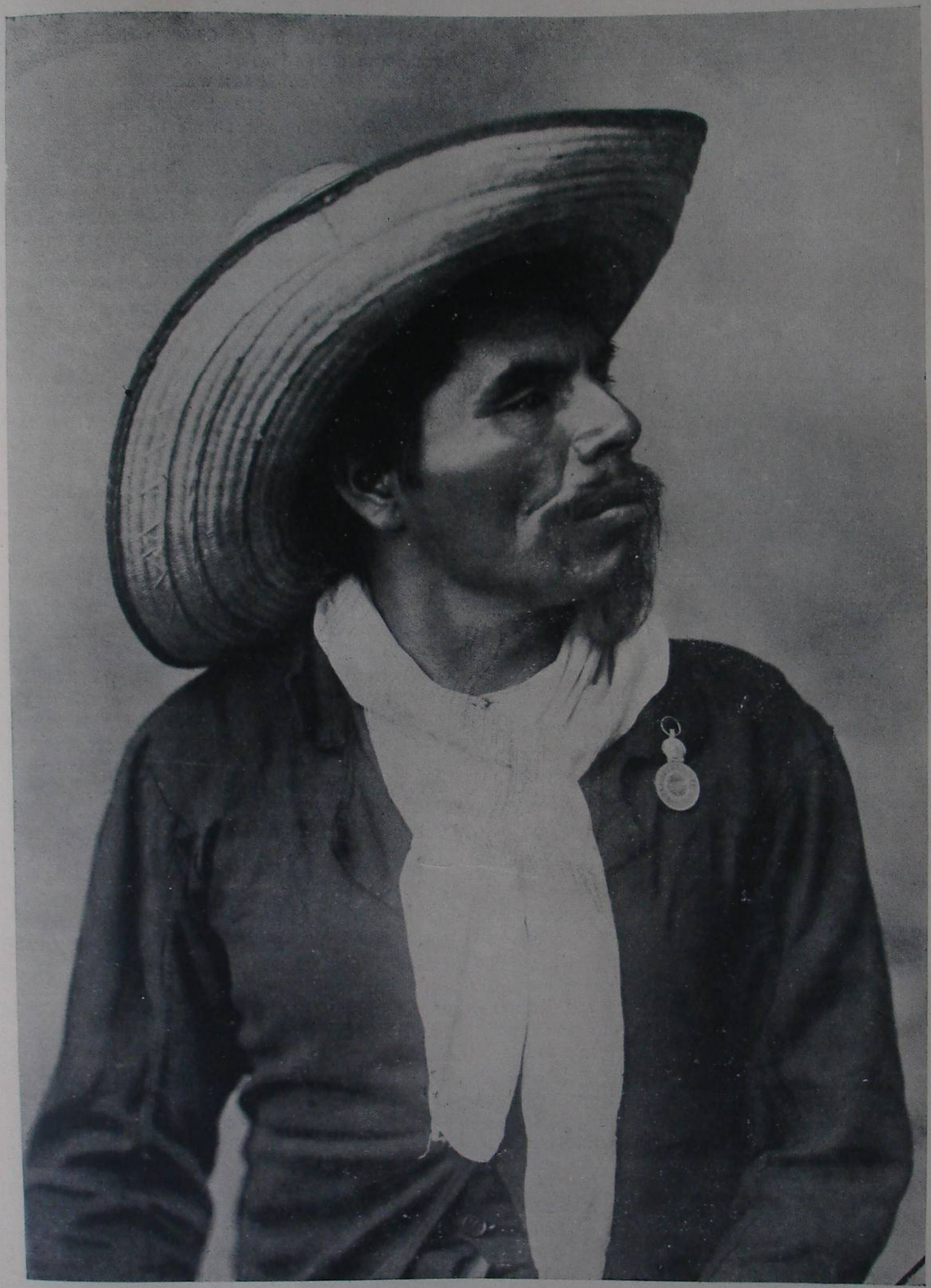
O Conselho Ultramarino, tomando conhecimento dessa representação, opinou, em seu parecer de 15 de junho de 1723, pela conveniência do povoamento do Rio Grande, "porque por êsse modo não só seguraremos melhor aquela costa e a Nova Colônia do Sacramento, mas se aumentará muito a fazenda real e os vassalos de Vossa Majestade lucrarão por êste meio os avultados interêsses."

O govêrno lusitano cogitou, pois, sempre, com critério e cautela, conforme sua norma clássica de conduta, de povoar o território riograndense, que havia de ser, e é, um dos mais importantes dos Estados brasileiros, graças às possibilidades tão argutamente vislumbradas pelos seus primeiros ex-exploradores e ânimo patriótico e desprendido de sua nobre gente.

Francisco Brito Peixoto, em fins de 1725, sem ordem expressa, deliberou, com apôio no Regimento do capitão-mór, iniciar pessoalmente o povoamento do território riograndense.

Quando se dispunha a partir para a emprêsa, foi nisso impedido pelo povo lagunense, que se levantou, protestando contra a saída do capitão-mór. Êste, segundo se lê no certificado dos Juízes Ordinário e de Órfãos e dos Vereadores, "com má vontade ficou, e logo despachou a frota", para aquele fim, "com todo o gasto de sua fazenda".

Mais uma vez escolheu para chefe da emprêsa seu genro João de Magalhães — o prestante português, a quem o Rio Grande tanto deve sua fundação oficial pelo muito que o desbravou antes dêsse ato e a quem o nosso Estado está devendo



Tipo de índio Guaraní do Rio Grande do Sul, ostentando a medalha de Cáseros.

uma homenagem, recomendando seu nobre e honrado nome à posteridade.

De tôdas as incursões feitas no território riograndense por portugueses e brasileiros, foi esta, de 1725, a única que teve o objetivo de povoá-lo e deu início, realmente, a êsse objetivo.

Trinta foram os companheiros de João Magalhães. Dêstes, alguns voltaram para Santa Catarina, outros se radicaram no território riograndense, entre êstes, o chefe da expedição, que, depois de fundar uma estância nos campos de Tramandaí, foi se fixar em Viamão.

Entre os primeiros povoadores do Rio Grande, a partir de 1725 e, portanto, 12 anos antes da posse oficial, figuram os seguintes:

Sebastião Francisco Chaves, que se localizou ao sul do arroio da Azenha, antigo Jacareí, em Pôrto Alegre, e que foi, a 12 de março de 1737, nomeado, por Silva Paes, tenente de ordenanças do Distrito de Viamão, por ser aí morador e "pessoa de conhecido préstimo e procedimento."

Dionísio Rodrigues Mendes, que se fixou ao sul de Pôrto Alegre, em Belém Velho, no local em que bissecular figueira assinala a entrada de sua estância, que se estendia até ao Guaíba, no local hoje conhecido por Ponta do Dionísio. Deixou descendência ilustre. Era português, casado com uma paulista de Guaratinguetá, Beatriz Barbosa Rangel.

Clemente Francisco Manoel — sua localização foi também ao sul de Pôrto Alegre, em frente à ilha que no Guaíba lhe perpetua o nome.

Sebastião Francisco Peixoto, Agostinho Guterres, Manoel Abreu dos Santos, que se fixaram nos campos de Viamão, tendo o último seu nome perpetuado na PONTA DO ABREU, na lagoa dos Patos.

Francisco Xavier de Azambuja, com descendência numerosa e ilustre. Localizou-se, a princípio, com estância, à margem esquerda do Gravataí e mais tarde, em 1754, obteve uma sesmaria entre o Taquarí e o Jacuí e aí se fixou definitivamente.

Inácio Francisco, que se fixou no morro de Sant'Ana ou seja na colina em que hoje assenta a cidade de Pôrto Alegre e abriu um pôrto no Guaíba, que denominou São Francisco, e foi depois chamado Pôrto dos Casais.

Cosme da Silveira, um dos fundadores de Viamão e que foi nomeado por Silva Paes, em 1737, maioral da Estância Real de Bojurú. Obteve, mais tarde, uma sesmaria nos campos de Rio Pardo e aí se fixou definitivamente.

Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcelos, português, de Madeira, casado com a paulista de Guaratinguetá, Lucrécia Leme Barbosa, e que é o maior dos patriarcas riograndenses, pela sua descendência numerosa, ilustre, nobre, valorosa e prestante.

Sebastião Pinto Bandeira, que tinha seu estabelecimento entre o Gravataí e o Itapuí, atual Rio dos Sinos, e que foi por Silva Paes, em 1737, nomeado alferes do Regimento de Dragões. É o pai do famoso general Rafael Pinto Bandeira, nascido em Rio Grande, e o primeiro brasileiro que foi elevado àquele alto posto no exército português.

Iniciado, assim, o povoamento do Rio Grande de São Pedro e estabelecidos, depois, diversos estancieiros em seu litoral, apareceu a necessidade de ligação e foi, então, pelo governador de São Paulo, mandado abrir, em setembro de 1727, portanto, dez anos antes da fundação oficial, a estrada ideada por Bartolomeu Paes de Abreu.

Foi encarregado dessa importante emprêsa Francisco de Souza Faria, a quem foi conferida a patente de "sargento-mór das vizinhanças do Rio Grande de São Pedro e seus sertões."

A 11 de fevereiro de 1728 foi iniciada a abertura do caminho, no sítio chamado dos Conventos, em território catarinense, "rompendo matos fechados".

Em março do ano seguinte foram atingidos os campos da Vacaria riograndense — daí foi continuada a abertura para os campos gerais de Curitiba, que foram atingidos em setembro, ainda de 1729.

Prestou, assim, Souza Faria notável serviço à capitania nascente, pondo seu noroeste em comunicação com Curitiba e São Paulo.

Por essa via transitou, em 1732, Cristóvão Pereira, melhorando-a, com os recursos obtidos do conde de Sarzedas, então à frente do govêrno paulista. Ao chegar, porém, ao Planalto, desviou-se para oeste, abrindo uma variante, em cujos trabalhos, executados a sua custa, se demorou treze meses — mas a estrada ficou, segundo seu dizer, "na última perfeição, com estivas, canoas em rios e mais de trezentas pontes".

Dêsse modo, informa o benemérito desbravador do território riograndense, aquele caminho, que era percorrido em mais de um ano, podia, agora, ser vencido "em menos de um mês, por gente escoteira".

A abertura do caminho desagradou os habitantes das vilas de Santos, Paranaguá, Curitiba, Laguna e Santa Catarina, por julgarem-no prejudicial aos seus interêsses particulares.

O eco dêsses desgostos chegou a Lisboa, e o rei indagou, em 1733, ao governador de São Paulo, se era conveniente conservar aquele caminho ou vedá-lo.

O conde de Sarzedas respondeu, a 7 de fevereiro de 1734, que havia grande conveniência em conservar tão útil caminho e que, reconhecendo êsse benefício ratificara, ampliando, as ordens que seu antecessor dera a Cristóvão Pereira, para penetrar na mencionada via de comunicação, sem obstáculo algum.

A consulta do Conselho Ultramarino de 19 de abril de 1730 é um dos mais interessantes dos do-



O POVO: ÍNDIO

Um descendente dos habitantes primitivos do Rio Grande: índio morador da vizinhança de Palmeira.

cumentos sôbre a fundação oficial e povoamento de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Estão alí resumidas as representações anteriores sôbre o assunto, acompanhadas de informações minuciosas, entre as quais se destacam a do governador do Rio de Janeiro, Vaía Monteiro, na parte referente ao interior até às reduções jesuíticas e a do tenente-mestre de campo Davi Marques Pereira, na parte relativa à construção da fortaleza no Pôrto de São Pedro, em sua parte sul, que deveria ser levado a efeito com a maior presteza.

O Conselho Ultramarino, fazendo suas as palavras dos que encareciam o povoamento do Rio Grande de São Pedro, com as medidas de defesa mencionadas por Davi Marques Pereira, indicou êste ao rei para a emprêsa, não só por que era "prático daquelas campanhas, mas também por ser de reconhecido valor e capacidade para a expedição".

O assunto foi novamente agitado em 1731, sem que se tomasse resolução definitiva, embora se reconhecesse a necessidade e grande conveniência da posse e povoamento oficial e sistemático do território sulino.

Em fins de 1735, o brigadeiro José da Silva Paes, então governador do Rio de Janeiro, apresentou um projeto sôbre o povoamento do Rio Grande de São Pedro e se ofereceu para as diligências que nesse particular fossem necessárias.

Indo os papéis ao Conselho Ultramarino, êste, depois de recordar seu parecer de 22 de janeiro de 1732, disse, em 2 de janeiro de 1736: "Quanto ao projeto que o mesmo governador remete para o estabelecimento de uma Colônia no Rio Grande de São Pedro do Sul, parece ao Conselho conveniente que Vossa Majestade se sirva mandar as ordens necessárias para que êste estabelecimento se faça, pois parece própria a êste fim a conjuntura presente, para que tenha efeito o que nesta matéria tem o Conselho representado a Vossa Majestade ou a despesa seja feita pela Fazenda Real, o que faria mais pronta execução dêste projeto, e, portanto, seria mais conveniente ou por uma companhia como se propõe no papel de que o dito brigadeiro remete a cópia."

Referiu, em seguida, a necessidade da construção dos meios de defesa e ao tratar do povoamento disse deveria ser feito por casais das ilhas.

Três meses depois, o govêrno português dava sôbre o assunto instruções precisas a Gomes Freire de Andrade e, daí, a posse oficial do território riograndense, a 19 de fevereiro de 1737.

Aquelas instruções se fundavam nas sugestões há muito levadas ao govêrno português.

A fortificação, segundo a idéia de Davi Marques Pereira, que supomos seja a primeira, devia ser construída na parte sul do pôrto, devendo estar em estado de defesa até o mês de setembro, "por ser o tempo em que se diz costumam secar os campos e sair a êles os índios Tapes, de quem se pode recear alguma invasão."

O povoamento devia ser feito com moradores do Rio de Janeiro, onde, segundo informações de Silva Paes, de 1725, havia muitos que desejavam ir para aquela região.

Êsse primeiro núcleo seria acrescido com casais das ilhas dos Açores.

Nas concessões de datas de terra deviam ser observadas as disposições do regime então em vigor, evitando-se, portanto, desigualdades e excessos e delas só deviam participar as "pessoas que verdadeiramente estivessem estabelecidas no país".

Os indígenas deviam ser tratados com benignidade, especialmente os Minuanos, "que sempre mostraram inclinação ao meu serviço e à Nação", diziam as instruções.

Do exposto se verifica que a origem da fundação e povoamento do Rio Grande de São Pedro é diferente da que em geral se menciona.

Não foi apenas um objetivo militar. Não foi iniciativa exclusiva de Gomes Freire, nem inspiração única de Silva Paes, visto ser assunto longamente debatido, sob os aspectos político, econômico e militar e que merecera sempre parecer favorável do Conselho Ultramarino, o qual, como é sabido, se destinava a tratar dos negócios referentes aos processos de ultramar.

É de justiça, porém, se consigne que Gomes Freire e Silva Paes foram elementos primaciais no ato da fundação oficial e povoamento do Rio Grande de São Pedro, garantindo, dêsse modo, definitivamente, sua posse ao govêrno português e sua integração no território brasiliense, de que passou a ser o baluarte indormecível e heróico, em seu extremo meridional.

CAPÍTULO IV

A GENTE RIOGRANDENSE

Três foram, como para o Brasil em geral, os elementos raciais formadores do povo sul-riograndense: o americano cruzado com o amarelo, o branco e o negro.

O indígena

Alistámo-nos entre os que defendem a teoria do autoctonismo.

As descobertas do sábio alemão dr. Peter Wilhelm Lund, nas cavernas de Minas Gerais, na Lagoa Santa, de ossos humanos em estado de petrificação, assim não encontrados em outra parte, e as condições necessárias à vida humana existentes no Planalto Central do Brasil em época em que "as mais partes do mundo estavam ainda submersas no seio do Oceano universal", se não são elementos que provem em absoluto o autoctonismo



O POVO: MULHER INDÍGENA COM FILHOS

A família do índio da página 193.

de nossos indígenas, são fatores reais, em contraposição às diversas hipóteses etnológicas sôbre a origem do homem americano — tais como a do asiatismo, a da migração milanésica, a bíblica, a mitológica, a dos hebreus e outras.

O HOMEM DOS SAMBAQUÍS, diferente do da Lagoa Santa e a existência de vocábulos do sânscrito e de outras línguas no vocabulário dos ameríncolas, não importa em negação do autoctonismo e, sim, em comprovar a cruza e relações de nossos aborígenes com outros povos, especialmente asiáticos, muitas centenas de anos antes do século XV.

A inexistência, na América, de minas de NEFRITES e JADEITE, vulgarmente chamadas pedras verdes, em que se apoiam os partidários do asiatismo, foi destruída pelo grande mineralogista A. B. Meyer, que demonstrou que minas dessas pedras existem ou existiram em todos os continentes, não obstante hoje só serem observadas na Ásia e na Oceania.

Foi Alcides d'Orbigny quem, estudando os aborígenes americanos, sob o ponto de vista etnográfico, os classificou em três grandes divisões:

a) — Ando-peruvianos.
b) — Pampeanos
c) — Brasíleo-guaranís.

Felipe von Martius, posteriormente, com fundamento na filologia americana, estabeleceu, para os referidos indígenas, os seguintes grupos étnicos:

a) — TUPÍS e GUARANÍS — os guerreiros.
b) — GÊS ou CRANS — as cabeças.
c) — CUERENS ou CRENS — os velhos.
d) — GUK ou CÔCOS — os tios.
e) — PARECÍS ou PORAGÍS — os de cima.
f) — GOITACAZ — os corredores da mata.
g) — ARUAK ou ARUAQUIZ — a gente da farinha.
h) — GUAICURÚS ou LENGOAS — os cavaleiros.
i) — INDÍGENAS EM TRANSIÇÃO, para a cultura e língua portuguesa.

Divulgada essa classificação, foi em seguida adotada pelos maiores indianólogos, até que von der Steinen demonstrou erros do grande sábio alemão e estabeleceu sua classificação, baseada também nos elementos lingüísticos:

a) — Tupís.
b) — Gês.
c) — Goitacaz.
d) — Caraibas.
e) — Nuaruak ou Maipure.
f) — Panos.
g) — Miranhas.
h) — Guaicurús.

Em nossos dias, Paul Ehrenreich, apoiado, como os dois acima citados, na lingüística, estabeleceu esta classificação para os indígenas sul-americanos, que foi retocada em alguns pontos por Capistrano de Abreu:

a) — Tupís-Guaranís.
b) — Nu-Aruacks ou Maipures.
c) — Caraibas.
d) — Gês.
e) — Cariris.
f) — Guaicurús.
g) — Panos.

A êsses sete grupos foi acrescentado mais um — o dos Betoias, estabelecidos por Brinton.

Os primitivos habitantes do Rio Grande do Sul pertenciam aos grupos Tupís-Guaranís, Gês e Guaicurús.

Tupís-Guaranís	Tapes.
	Carijós.
	Caáguas.
	Guaianás.
	Arachanes.

Tapes

Habitavam o território riograndense, compreendido entre os paralelos de 28° e 31° e os meridianos 8° e 10°.

Eram dotados de temperamento dócil e, por isso, se submeteram com facilidade à catequese dos jesuítas e foram, dos primitivos habitantes do Rio Grande, os primeiros que saíram do estado selvagem.

Revelaram apreciáveis qualidades militares, não só na defesa das reduções em que estavam aldeados, contra os ataques dos bandeirantes, como nas lutas pela posse da Colônia do Sacramento, onde foram sacrificados alguns milhares, arregimentados e instruídos pelos padres ao serviço de Espanha.

Eram de estatura alta. Enterravam os mortos com suas redes; flechas e outras armas.

Carijós

Habitavam o litoral. Eram de temperamento dócil e desconheciam a antropofagia. Não possuíam ardor belicoso. Tinham vida sedentária, morando em TABAS, que eram formadas por diversas OCAS, em tôrno de um reduto, que denominavam OCARA.

As tabas eram cercadas de uma CAIÇARA, com uma única entrada, para onde convergiam trilhos ou picadas, a que davam o nome de APÉ, quando estreitas, APEGUAÇÚ, quando largas, e APÉAÇABA, se terminava em um pôrto.

Dormiam sôbre esteiras, com penas ou fôlhas, tendo como coberturas peles de animais. Usavam INI — fogo — que conseguiam pela fricção de dois paus, um verde e mole e outro sêco e rijo.



O POVO: MESTIÇA

Menina de sangue índio e negro. Desenho de Martha de Wagner-Schidrowitz.

O meio físico em que viviam impunha-lhes intensa atividade marítima, fluvial ou lacustre. Eram pescadores, exímios nadadores e hábeis canoeiros. Usavam TEMBETÁ. Suas armas eram, além das comuns, arco e flecha, tacape e ITAJÍ. Por meio de setas inflamadas, ateavam fogo no reduto dos inimigos e lançavam nas chamas fôlhas de pimenteira ou qualquer outra de propriedades acres, que desprendessem fumaradas, para atacarem os olhos e os pulmões, produzindo efeito semelhante, guardadas as devidas proporções, aos modernos gases asfixiantes ou lacrimejantes.

Eram polígamos. À mulher competiam os trabalhos agrícolas e o fabrico dos objetos de uso doméstico. Os homens eram reservados para as árduas lutas guerreiras.

Inumavam seus mortos em IGAÇABA, com armas, rede e comidas. Tinham grande culto pelos seus antepassados.

Veneravam os PAGÉS. Submetiam-se ao govêrno de um MOROBICHABA, que tinha autoridade absoluta na guerra e era, na paz, tido e acatado como conselheiro. Falavam o ABANHEENGA, que os conquistadores denominaram língua geral.

Os sambaquís existentes na costa riograndense são monumentos arqueológicos deixados pelos Carijós.

A chamada tribu dos PATOS, que alguns dos nossos historiadores elevam à categoria de nação, era constituida por Carijós e, por isso, nos abstemos de fazer menção especial dessa suposta tribu.

Caáguas

Habitavam quasi tôda a região que constitue hoje o município de São Francisco de Paula de Cima da Serra.

Falavam, com pequenas alterações, a língua geral e tinham os hábitos e caraterísticos próprios dos Guaranís.

Guaianás

Habitavam a região da Vacaria; eram dóceis e sociáveis e, por isso, foram com facilidade aldeados e catequizados pelos jesuítas.

Viviam nos matos e se alimentavam com caça e mel de abelha.

Suas declarações de guerra eram feitas por meio de setas, que fincavam a meio caminho da taba que pretendiam atacar. Não atacavam de surpresa, nem deslealmente.

O convite para festas faziam-no colocando espigas de milho nos caminhos em círculo e também penduradas nas árvores.

Durante as festas os homens e as mulheres se embriagavam, menos os jovens de ambos os sexos, que escondiam as armas, para evitar tragédias, visto que, dominados pelo alcool, em balbúrdia infernal, se atracavam em luta corpo a corpo.

Veneravam os mortos, que eram sepultados em terra, em cemitérios bem cuidados. Sôbre as sepulturas levantavam uma pirâmide de terra.

Tinham em alta conta os feiticeiros.

Alguns autores os classificam no grupo dos GÊS, mas a índole boa de que eram dotados e a língua que falavam, mui semelhante à dos Guaranís, estão a indicar, claramente, sua descendência.

As denominações Guaicanã, Guananá, Guanáo, como designativas de tribus diversas, não passam de variantes ou alterações de Guaianás.

Arachanes

Habitavam a margem ocidental da lagoa dos Patos. Eram de bela estampa e viviam em lutas contínuas com os Charruas e Guaianás.

Falavam a língua geral e tinham os mesmos costumes dos Guaranís e, por isso, os incluímos neste grupo e não no dos Guaicurús, como fazem alguns autores, por julgarem-nos descendentes dos Chanás.

Os indígenas riograndenses do segundo grupo tinham os seguintes representantes:

Gês	Botucudos
	Bugres
	Caingangs
	Coroados.

As diversas denominações acima podem, sob o ponto de vista etnológico, ser reünidos em uma única — CAINGANGS — e, por isso, serão todos estudados sob esta denominação, embora sejam êsses indígenas no Rio Grande do Sul mais conhecidos por Coroados ou Bugres.

Os Caingangs não faziam parte dos habitantes primitivos do território riograndense, onde penetraram nos primeiros anos do século XVII, na época em que vicentistas e lagunenses faziam alí suas entradas.

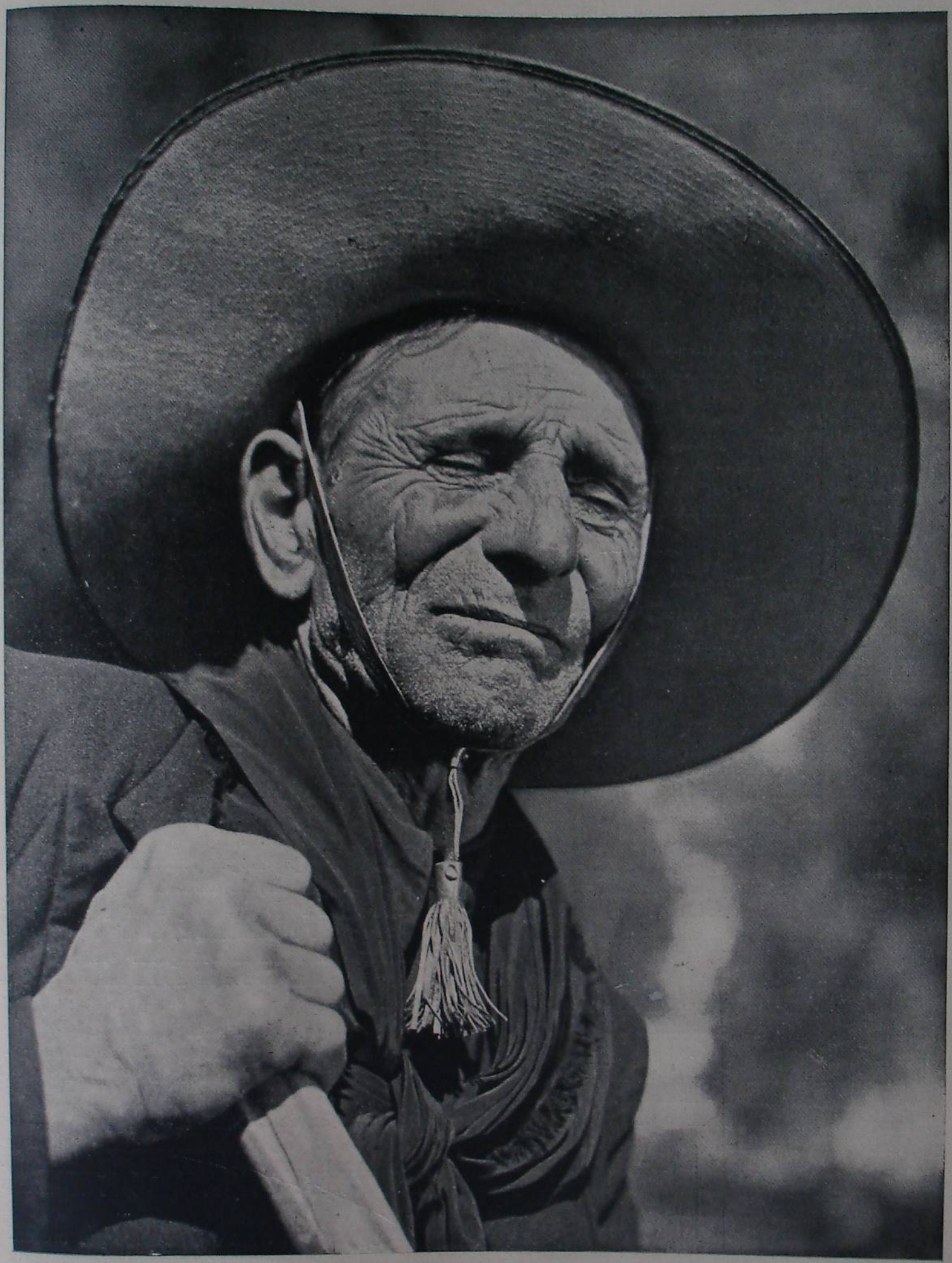
Localizaram-se os Caingangs na vasta região do Alto Uruguai, tendo como centro o povoado de Nonoai. Aí viveram arredios e agressivos, por mais de um século.

Usavam o cabelo à moda dos frades franciscanos e daí a denominação vulgar de Coroados.

Suas habitações eram construídas de preferência nas colinas, nas proximidades de um curso de água ou fonte. Sustentavam-se de mel, frutas, caça e produtos de sua agricultura, que consistia no plantio de feijão e milho.

Obedeciam a um chefe — PAI — em cada aldeia. Havia um cacique geral. Êsses chefes eram hereditários ou elegíveis.

Disse alguém que os Caingangs não tinham palavra que correspondesse à idéia de Deus. Em seu vocabulário, entretanto, existe a voz TOPÉN designativa de Deus e a locução TOPÉ JAN: Mãe de Deus.



O POVO: GAÚCHO

Velho gaúcho, de chapéu de aba larga com barbicacho, o lenço ao pescoço, típico nos heróis que lutaram na cruenta revolução de 1893.

Em suas lendas há uma sôbre o dilúvio, cobrindo tôda a planície, tendo se salvado o Caingang, subindo a uma árvore.

O Caingang não contribuiu para a formação do povo riograndense.

Era a seguinte a representação do terceiro grupo, pelos indígenas riograndenses:

Guaicurús { Minuanos. Charruas Guenoás Jaros

Jaros

Habitavam a margem oriental do Uruguai até ao norte de Quaraí. Eram bravios e inimigos dos Charruas, sendo por êstes exterminados.

Como a lembrar da existência dêsses indígenas, há no atual município de Quaraí, próxima às suas divisas com o de Uruguaiana, a denominação JARAU, para um cêrro que alí se alteia e domina a região e sôbre o qual existe uma lenda, belamente estilizada por Simões Lopes.

Guenoás

Habitavam a região compreendida entre as nascentes do Rio Negro e o Vacacaí, entre os meridianos de 12° e 10°. Não se fixavam no solo — eram constantes suas mudanças, conduzindo, como os Minuanos, suas habitações portáteis.

Submeteram-se fàcilmente à catequese jesuítica e se encorporaram mais tarde aos exércitos de Portugal e Espanha e, absorvidos pela cruza, desapareceram no século XVIII.

Viviam da pesca e da caça, especialmente desta e de frutos silvestres.

Eram guerreiros e inimigos dos Charruas, aos quais combateram aliados aos Guaranís. Suas armas principais eram boleadeiras, cujas pedras poliam com habilidade, e flechas com pontas de ferro, depois que conheceram êsse metal, fundido pelos jesuítas na redução de São Miguel.

Suas declarações de guerra eram feitas por meio de fumaça, que produziam com grandes fogueiras. O tamanho destas indicava as proporções da luta a ser travada. Serviam-se também da fumaça para convocar os habitantes da tribu em outras aldeias, para tomarem parte na luta.

Não tinham, como os indígenas em geral, veneração pelos feiticeiros — só recorriam a êstes como curandeiros.

Foram hábeis cavaleiros.

Charruas

Habitavam a região sul do território riograndense. Eram indomáveis, altivos e orgulhosos. Não se submeteram à catequese dos jesuítas e guerrearam sempre aos colonizadores, com pertinácia e bravura. Preferiam a morte à submissão.

Quando foram, entretanto, se generalizando as estâncias nas regiões em que êles habitavam, se agregaram espontâneamente, aos poucos, a êsses centros da atividade, atraídos, talvez, pelos Minuanos, que mantinham relações amigáveis com os colonizadores ou pelas lides campeiras, que os seduziam. Assim se integraram na vida civilizada e foram, pela cruza, perdendo seus caraterísticos puros, mas dos quais há ainda hoje traços na população rural, especialmente na zona fronteiriça.

Suas armas preferidas eram a flecha e a funda, que manejavam com destreza. Com a introdução do cavalo, se fizeram notáveis cavaleiros e temíveis lanceiros.

Eram ferozes quando combatiam: nunca o inimigo foi favorecido pela sua clemência.

Dificilmente eram surpreendidos. Observavam o inimigo por meio de bombeiros ou espias, que colocavam em pontos dominantes nas cochilhas onde, fazendo sistema com o cavalo, se colocavam no flanco esquerdo dêste, de modo que não eram percebidos de longe.

Audaciosa em suas estrepitosas investidas sôbre a massa inimiga, embora esta usasse armas de fogo.

Cavalgavam em pêlo e raramente usavam do freio para dirigir o cavalo.

Eram nômades, como os Minuanos e os Guenoás, isto é: não se fixavam por muito tempo — estavam sempre como que acampados e daí as contínuas mudanças, conduzindo suas habitações portáteis.

Eram campezinos e se alimentavam da caça. Com a introdução do gado vacum, passou a carne dêste a ser sua alimentação predileta e principal; tinham grande predileção pelo fumo e pelo alcool.

Eram vigorosos, de estatura regular e tronco forte; tinham a côr escura, quasi negra; olhos negros, pequenos e penetrantes; cabelo liso e lustroso, sendo o dos homens comprido e trançado, as mulheres traziam-no solto. Só na idade avançada encaneciam.

Tinham aspecto taciturno, falavam baixo; o riso era furtivo, apenas esboçado; não davam gargalhadas. Não eram muito dados a festas e pouco asseados.

Com a introdução do baralho, pelos civilizados, se fizeram jogadores contumazes e tão dominados foram por êsse vício que agrediam aos transeúntes com o objetivo único de tomar-lhes baralhos.

O govêrno da tribu era exercido por um conselho, composto de chefes de família. Sòmente durante a guerra elegiam o chefe supremo — o TUBICHÁ, cuja autoridade cessava, quando terminava a campanha.

A chamada para o serviço das armas era feita



O POVO: GAÚCHOS

Campeiros em visita a uma exposição agro-pastoril.

por meio de fogueiras, que faziam no alto dos cêrros ou das cochilhas.

Aos seus heróis denominavam TAITA.

Eram polígamos. Aos homens cabiam sòmente as obrigações de caçar e combater — tudo o mais cumpria às mulheres, inclusive armar e desarmar o TOLDO.

Tinham culto pelos mortos e, crendo na ressurreição, os enterravam com suas armas, abrindo as sepulturas de preferência nos cêrros, e as cobriam com grandes pedras. O sepultamento era feito pelas mulheres velhas da tribu.

Não tinham ídolos nem templos, nem ofereciam sacrifícios humanos. Não usavam adornos nasais e sòmente os homens se enfeitavam com TEMBETÁ. A tatuagem só era feita nas mulheres que, ao atingirem a idade núbil, eram marcadas com três raias azuis, partindo uma delas da testa em linha reta até à ponta do nariz e as outras duas cruzavam as maçãs do rosto.

Falavam a língua CHANÁ, gutural e nasal. Devido à predominância do ABANÊENGA nos aldeamentos e nas estâncias, aprenderam o guaraní e o empregavam com freqüência, porém estropiado — daí suporem alguns autores que falavam alguns dialetos desta língua.

Não há hoje, na região em que predominaram, para recordar-lhes a língua própria, mais que quatro ou cinco vocábulos designando localidades ou acidentes geográficos.

Os invasores brancos, aliados com os Guaranís, foram se apossando das terras e dando-lhes denominações na língua geral e daí o predomínio de vocábulos dessa língua na toponimia riograndense.

Minuanos

Habitavam a sudoeste do território riograndense, à margem oriental do Uruguai, entre os paralelos de 29º e 30º e os meridianos de 14º e 12º. Nessa região viviam em contínuas mudanças, carregando suas habitações portáteis.

Sendo, como os Charruas, uma tribu da nação CHANÁ, tinham os mesmos hábitos e carateres físicos daqueles, dos quais foram aliados constantes, especialmente nas lutas contra os outros indígenas.

Eram, entretanto, mais sociáveis e menos orgulhosos que seus parentes Charruas e não abusavam, como êstes, da poligamia.

Mostraram-se sempre amigos dos portugueses e êstes procuraram conservar e aumentar essa estima, conforme se vê da correspondência do século XVIII, do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro, e daí para Lisboa, e de diversas recomendações do Conselho Ultramarino.

Eram de ânimo resoluto, como os Charruas, sendo, entretanto, generosos.

Com sua língua primitiva aconteceu o que ficou relatado para os Charruas: era a CHANÁ que trocaram pela guaraní, depois da invasão civilizadora.

Os habitantes primitivos do Rio Grande do Sul, como o indígena americano em geral, se salientavam pela altivez e, daí, a dificuldade, a repugnância com que se integravam na civilização dos invasores, nos quais viam sempre intrusos.

Tinham os Charruas e Minuanos grande predileção pelas lides campeiras e verdadeiro culto pela vida livre. Decorre daí a facilidade com que se agregaram às estâncias — a princípio, arredios, taciturnos; depois, os seus filhos alí nascidos, já um tanto mais alegres e comunicativos com seus colegas de outras raças, mantendo-se, entretanto, desconfiados e sumamente reservados.

Sobrepujavam ao negro em qualidades morais. Não aceitavam o servilismo com resignação.

Como trabalhadores não eram, pelo menos no Rio Grande do Sul provaram não serem, inferiores ao negro, como acreditam alguns dos nossos sociólogos.

O esplendor das Missões Orientais prova, exuberantemente, a capacidade de seus habitantes primitivos para o trabalho em geral.

A vida intensa de nossas estâncias, em progresso crescente, onde os peões eram em quasi sua totalidade indígenas ou seus descendentes, cruzados, atestam o labor profícuo dêsses obreiros constantes e prestimosos do progresso riograndense.

O sangue indígena na formação do tipo sul-riograndense não atingiu ao coeficiente verificado nos Estados do norte do Brasil, mas foi alí superior ao do negro.

A prova disso têmo-lo no fato de na Capitania e na Província riograndense ser o número de caboclos mais elevado que o de mulatos.

É expressiva esta observação de Saint Hilaire, ao penetrar no território riograndense, em 1820: "Êste distrito pertence à freguesia da Serra. Vi nesta região alguns negros escravos, porém, nenhum mulato".

Em Pôrto Alegre notou o sábio naturalista e profundo observador de nossa gente: "Aquí veem-se pouquíssimos mulatos" e na vila de Rio Grande, cuja população calculou em 2.000 almas, notou "pequeno número de mulatos".

As ESTÂNCIAS no Rio Grande do Sul tiveram na fusão das raças que nelas trabalhavam a mesma função dos ENGENHOS do nordeste e do centro do Brasil, na cruza do branco com o preto que aí mourejava.

O elemento negro

Os negros introduzidos no Rio Grande do Sul faziam parte de diversas tribus africanas, avultando pelo número os das seguintes origens:



O POVO: GAÚCHADA

Os habitantes duma vila saem numa cavalgada para receber seu vigário.

Região	Tribu	Procedência
Guiné meridional	Agoins, vulgarmente - Minas	Costa do Ouro (Fantis)
		Costa dos Escravos (Pôpos)
Guiné setentrional	Bantú	Angola
	Bantú	Cassange e Congo.

Agoins (Minas)

Eram da Guiné setentrional, sendo na maioria Fantis, da Costa do Ouro. Apreciável foi também o número de Pôpos, da Costa dos Escravos.

Falavam o TSÍ e o GÁ, línguas da região de que eram originários. Eram fetichistas. Em geral bem proporcionados, de porte airoso, côr azeitonada, isto é, menos carregada que a dos negros puros. Eram esquivos aos trabalhos pesados. Tinham temperamento dócil; eram extremamente afetivos e leais — daí procede sua nobre e notável dedicação aos seus senhores e, particularmente, aos filhos dêstes. Eram amantes de festas, inclinados à embriaguez e de temperamento sensual. Tinham queda especial para a arte culinária e, por isso, preferidos para os trabalhos da cozinha.

Bantús (Angola, Cassange e Congo)

Procediam da Guiné meridional, das Províncias de Angola e do Congo. Falavam o BANTÚ e eram fetichistas e mui dados à feitiçaria.

Delgados e de alta estatura; grandes palradores; de espírito irascível; tinham imaginação e primavam pela astúcia; eram sumamente inconstantes e medrosos.

Só se mantinham no serviço por temor ao castigo.

Eram corruptos e sensuais. Não tinham qualidades para o serviço das estâncias, foram, por isso, utilizados nos labores domésticos.

Foi insignificante a contribuïção do sangue etiópico na formação do tipo sul-riograndense.

Os primeiros negros entrados no Rio Grande do Sul foram os que acompanharam, como escravos, os oficiais das fôrças de ocupação, em 1737. Eram poucos.

Na vila do Rio Grande, no decurso de 4 anos, segundo elementos divulgados por Aurélio Porto, foram batizados 24 filhos de escravos.

Em Viamão, em 12 anos, o número de nascimentos de pretos foi de 21 e outro tanto de indígenas, enquanto o de brancos foi de 308.

Isso corresponde em número índice, para mil, a 880 brancos, 60 pretos e 60 indígenas.

O negro ficou quasi à parte do elemento branco, quanto ao caldeamento, no Rio Grande do Sul e daí porque o coeficiente branco de sua população que era, em 1818, de 30,64%, baixou para 19,17% em 1862, desceu em 1890 para 8,68% e hoje é muito menor.

O elemento branco

O elemento branco que constituiu a base do tipo sul-riograndense foi o português, predominando o açoriano e o brasileiro, de São Paulo, de Santa Catarina, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e da Baía.

Além dos CASAIS DE NÚMERO, como eram denominados os que vieram das ilhas para o Brasil, em virtude de contrato, muitos outros casais portugueses se localizaram no território riograndense, espontâneamente.

Os casais de número só aportaram ao Rio Grande em 1752, já encontrando apreciável núcleo de povoadores.

As mulheres açorianas eram, em geral, belas, esbeltas, virtuosas, inteligentes; de olhos castanhos de extrema meiguice; muitas tinham a tez alvíssima e os olhos azúes, a denunciarem a descendência flamenga dos povoadores das ilhas de onde procediam.

Saint Hilaire, o mais profundo dos observadores estrangeiros que visitaram o Rio Grande do Sul, onde permaneceu por mais de um ano — de 1820 a 1821 — cruzando o território em diversas direções, fez lisongeiras referências à mulher riograndense.

Sôbre a mulher da classe pobre, disse, referindo-se a uma palhoça existente então em Itapeva: "A-pesar-da indigência apresentada por essa triste habitação, a dona da casa se apresenta muito melhor trajada que as campônias francesas".

Em sua travessia para o Chuí, impressionado com o aspecto dos ranchos que encontra, diz o referido sábio: "Causa espanto o contraste existente entre essas casas e o trajar das mulheres que as habitam. Vi à janela de uma dessas palhoças uma encantadora moça, cujos cabelos estavam penteados com gôsto, trazendo um belo vestido de chita e um fichú de seda".

Sôbre as damas da alta sociedade assim se externa o viajante ilustre, narrando uma festa que assistira em Pôrto Alegre: "Deparei então em um salão bem mobiliado e forrado de papel francês, uma reünião de 30 a 40 pessoas, homens e mulheres. As mulheres vestiam-se com simplicidade e a maior parte dos rapazes trajava fraque e calça de tecido branco.

"Algumas senhoras tocaram piano, outras cantaram com muita arte, acompanhadas ao bandolim.

"Encontrei modos distintos em tôdas as pessoas da sociedade. As mulheres falam desembaraçadamente com os homens e êstes cercam-nas de gentilezas.

"Ainda não tinha visto no Brasil uma reünião semelhante".



POVO MONTADO A CAVALO

Agricultores da vizinhança reúnem-se na sede do município para comemorar o Dia da Independência. Fotografia tirada em Ijuí.

Ainda sôbre a Eva riograndense disse Saint Hilaire: "As mulheres têm lindos olhos, são geralmente bonitas, mas de traços pouco delicados e pouco graciosas em suas maneiras, são, entretanto, conforme já tenho dito, infinitamente superiores às das Capitanias centrais".

E ao deixar o território riograndense, penetrando no uruguaio, assim se manifestou: "Tôdas as mulheres que tenho visto do Rio Grande a esta parte são bonitas. Têm olhos e cabelos negros, cútis branca e têm sôbre as francesas a vantagem de serem mais coradas".

Nessa travessia viu o insigne viajante, a quem o Rio Grande do Sul está devendo uma homenagem que em suas plagas lhe perpetue o nome ilustre, em uma estância, na região do Chuí, em seus lazeres domésticos, "mulheres cercadas das mais belas crianças do mundo".

Para John Luccock, negociante inglês que residiu na cidade de Rio Grande em 1809, as senhoras riograndenses eram "em geral mais bonitas, melhor conservadas, gozando de mais liberdade e tendo por isso mesmo mais desembaraço, mais sentimento de responsabilidade do que suas patrícias fluminenses. Irmãs e espôsas dedicadas, em suas casas há uma alegria doméstica e social, que eu ainda não vira no país".

O homem

Os colonizadores lusitanos eram de compleição robusta, morigerados, econômicos, com verdadeiro culto pela honra, não faltando, porisso, nunca à palavra empenhada; afeitos ao trabalho; sem grande predileção pelo serviço das armas, e que, entretanto, não impediu que fossem excelentes soldados, disciplinados e valentes, sendo os seus descendentes dos melhores do Brasil. Tinham culto pela liberdade, com acentuada tendência para os princípios liberais e dotados de sentimento de hospitalidade.

O vasto horizonte geográfico da terra riograndense ampliou-lhes todos os horizontes morais, desabrochando sentimentos e virtudes que o meio insular não permitira se desenvolvessem com tôda a exuberância que aqui se manifestaram.

O açoriano, agricultor por excelência em sua terra natal, no Rio Grande do Sul, adaptando-se ao meio cósmico e sob o imperativo dêste e da necessidade econômica, se fez pastor admirável e exemplar.

De sua cruza com o elemento brasílico que alí encontrou, nasceu o campeador sul-riograndense — inexcedível na bravura, no desprendimento, no idealismo e no amor da Pátria. Desempenado, franco, atraente, altivo, fanfarrão e amoroso; impulsivo às vezes, generoso sempre; destemido, inteligente, audaz e com grande apêgo ao torrão natal.

Saint Hilaire, sereno e profundo em seus conceitos, assim se refere ao homem que êle viu e com quem tratou na Capitania de São Pedro: "Chamou-me a atenção, desde minha entrada nesta Capitania, o ar de liberdade de todos que tenho encontrado e a destreza de seus gestos, livre da languidez que carateriza os habitantes do interior" e, para dar mais expressão ao seu juízo, acrescentou: "Seus movimentos têm mais vivacidade; têm menos denguices em suas maneiras — em uma palavra: são mais homens".

"As crianças", disse o sábio francês, que tanto nos observou, "surpreendem-me sempre por seu ar grave e pensativo — são homens pequenos".

Ainda sôbre o tipo sul-riograndense há mais êste juízo de Saint Hilaire: "Os homens são belos, robustos, tendo a maior parte o rosto corado e os cabelos castanhos."

É o mesmo tipo descrito por outro ilustre francês — Nicolau Dreys — quinze anos depois: "O homem do Rio Grande é geralmente alto, robusto, bem apessoado e suas feições viris nada perdem por serem quasi sempre acompanhadas de uma côr alva, que faz sobressair a preta capilária e o avermelhado das faces, assemelhando-se assim, à primeira vista, aos habitantes das regiões montuosas do centro da França".

Eis em traços gerais o homem riograndense, modificado hoje em suas maneiras e em sua vida exterior, mas apaixonado sempre pelos lances heróicos — herança de momento histórico que passou, deixando-o, porém, retemperado para em qualquer situação defender, com altivez, desprendimento e heroísmo e com amor ao perigo e à glória e, assim, com heroicidade no mais alto grau, a sua honra, os brios do Rio Grande, a dignidade do Brasil.

Não tem, entretanto, preocupação de lutas sangrentas e se consagra, com raro brilho e grande proveito, aos estudos culturais, enriquecendo as letras pátrias, em todos os ramos das ciências e da literatura. Opulenta as artes em geral, e, votado às indústrias, aos seus rebanhos, ao arroteamento da terra dadivosa e boa, levanta o maior padrão de suas glórias, porque assenta sôbre os alicerces dos mais nobres ideais humanos: a conquista do bem, pelo estudo e pelo trabalho, que elevam a civilização, aprimoram os sentimentos nobres, fazem o progresso material, propiciando bem-estar e confôrto e, dêsse modo, contribuem em alto grau para o engrandecimento e elevação moral do Brasil.

O maior contingente brasileiro na formação do tipo sul-riograndense foi o paulistano, cujas magníficas virtudes e apreciáveis qualidades foram, lá em nosso extremo meridional como o pêssego persa da estrofe de Camões: "Melhor tornado em terreno alheio".

Entre as fôrças que sob o comando de Silva Paes ocuparam oficialmente o Rio Grande, a 19 de fevereiro de 1737, figuravam 90 fluminenses e ca-



O POVO: A VOVÓ DA COLÔNIA

Faz quasi noventa anos que ela veio da Pomerânia para o Brasil. Progenitora de quatro gerações de colonos radicados no solo brasileiro, é testemunha do caldeamento das levas imigratórias em nossa terra.

riocas, 80 baïanos, 50 mineiros e, com Cristóvão Pereira, alí já estacionavam 160 paulistas.

Foram êsses os elementos formadores da massa popular riograndense, sendo a elite constituída pelos oficiais dessas tropas, pelos estancieiros lá domiciliados antes da ocupação.

Êsse núcleo foi aumentado pelo elemento português, que para lá afluíu espontâneamente e pelos casais de número.

Foi, pois, à sombra e sob a defesa daquele primeiro núcleo que se estabeleceram os nobres lusitanos e iniciaram o cultivo da terra virgem e ubertosa, que foi, ao mesmo tempo, o crisol imenso, onde se formou a alma sul-riograndense, pela fusão da alma brasileira, retemperada ao calor forte e sadio do espírito lusitano, sob os eflúvios do meio cósmico, condicionado para a existência de um grande povo.

O elemento germânico

Preciosa, sob o ponto de vista econômico, social e etnológico, foi a imigração alemã iniciada 87 anos depois da ocupação oficial do território sulino.

Já, nessa época, o tipo sul-riograndense possuia cunho acentuado e mentalidade própria. Estava em sua quarta geração.

Foi o elemento aí encontrado pela primeira leva de colonos, que fez a grande revolução farroupilha.

Era esta, na maioria, a procedência dos imigrantes germânicos:

Do norte	Oldemburgo
	Holstein
	Pomerânia
Do centro	Saxônia
	Silésia
Do sul	Baden
	Würtemberg
	Baviera

Os do norte pertenciam ao grande ramo germânico da raça Kinrica de Broca, que é o HOMO NÓRDICO de alguns autores.

O principal domínio dessa raça é no norte marítimo da Alemanha. Seus representantes são dolicocéfalos, de olhos azúes, de alta estatura — 1,72 m em média, cabelos louros, tez clara. Falam o baixo alemão.

Os do Centro pertenciam à subraça vistulense, que se estende da Polônia até ao centro da Saxônia. São de pequena estatura, louros, braquicéfalos, de olhos azúes.

Os do Sul, descendentes da raça cevênica ou ocidental, que é a céltica de Broca, eram de estatura média, entre 1,63 m a 1,64 m, braquicéfalos, morenos, tipo diferente do nórdico.

No decorrer dos primeiros anos se mantiveram êsses colonos esquivos à fusão com os habitantes da terra; o intercâmbio comercial, a existência de filhos nascidos no Brasil foi, porém, aos poucos, integrando-os na vida social riograndense e gerando convivência íntima e estima, que mais se estreitaram por ocasião da luta que fomos obrigados a sustentar contra o Paraguai, de 1865 a 1870.

Inúmeros foram os filhos de alemães nascidos no Brasil que tomaram parte nessa guerra e dela voltaram cobertos de glórias e a cingir-lhes os punhos os galões de oficial.

Datam dessa época, especialmente, o entrelaçamento de alemães com brasileiros pelos vínculos conjugais.

Para dar uma idéia de quanto é intensa a fusão em nossos dias, basta lembrar que em 1.295 casamentos realizados nos anos de 1921 a 1927, em que figuraram alemães natos, sòmente 368 eram homogêneos — de alemães com alemãs — os 297 restantes foram mixtos, isto é: de brasileiros com alemãs (178) e de alemãs com brasileiros (749), o que dá para os mixtos 71,59% e para os homogêneos 28,41%.

Os alemães natos existentes no Rio Grande do Sul presentemente atingem a cêrca de 18.000 e o número de brasileiros de origem germânica se eleva a mais de 400.000.

A descendência alemã no Rio Grande do Sul é representada por elementos eugênicos de primeira ordem: robustos e sadios e dotados de espírito de ordem, de disciplina e de alta capacidade de trabalho.

O coeficiente de mortalidade nos municípios em que predomina o elemento de origem germânica, variou em 1927 entre 11,30 a 5,20 por mil habitantes, sendo. assim, a média de 7,51. A do Estado foi de 9,94, que é ótima, sendo uma das menores do mundo.

Quanto à natalidade, nos referidos municípios, e no ano mencionado, variou de 32,58 a 17,13, por mil habitantes, sendo a média, portanto, de 25,6. A do Estado foi de 22,74.

A produção agrícola-industrial dá para o Estado em média para cada habitante 762.934. Nos municípios onde predomina o elemento de origem germânica essa média é de 852.823.

Foi com fundamento nessas bases que aí ficam ligeiramente referidas, que afirmamos ser preciosa a contribuïção do elemento germânico para a grandeza econômica, eugênica e social de nossa gente.

Elemento italiano

Cinqüenta anos depois de iniciada a colonização alemã no Rio Grande do Sul, aí aportavam as primeiras levas de imigrantes italianos, que foi preciosa contribuïção para nosso Estado sob vários aspectos.



VIDA COLONIAL

O jôgo da "Mora", praticado na região de colonização italiana.

A maioria dêsses imigrantes veio das regiões do norte da Itália. Pertenciam às raças CEVÊNICA, os que procediam de Cremona, Mântua e Milão, e à DINÁRICA ou ADRIÁTICA, os vindos do Tirol e da Lombárdia.

Os dináricos são braquicéfalos, morenos, de estatura de 1,64 m.

Os cevênicos ou ocidentais são também braquicéfalos, morenos, porém de estatura menor que os recém-citados.

A fusão entre italianos e brasileiros se fez mais ràpidamente que a dos germânicos, certamente em virtude da consangüinidade racial.

Nos 1.175 casamentos realizados no decurso de 7 anos — 1921 a 1927 — em que figuram italianos natos sòmente 232 foram homogêneos, sendo mixtos os 943 restantes, com a percentagem de 80 para êstes e 20 para aqueles.

O número de italianos natos no Rio Grande do Sul é presentemente de cêrca de 50.000, sendo de mais de 300.000 os brasileiros de origem italiana.

Os sul-riograndenses de origem italiana são, em regra, robustos, sadios, prolíferos, de bela aparência física, com grande capacidade de trabalho, inteligentes, com notável tendência para as belas artes em geral e figuram em destaque entre os nossos mais ilustres literatos. São extremamente radicados ao solo.

Nos municípios onde predomina o elemento de origem italiana o coeficiente de mortalidade variou, em 1927, entre 12,83 e 5,38, por mil habitantes, sendo a média, dêsse modo, de 7,33. A do Estado foi, como já vimos, de 9,94.

Quanto à natalidade, nos referidos municípios e no ano mencionado, variou de 39,70 a 29,5 por mil habitantes, o que dá a média de 34,80, maior que a da Itália, que é de 32,90.

É êsse elemento precioso que há mais de meio século vem contribuindo para o engrandecimento de nosso Estado e, por conseqüência, do Brasil, quer sob o aspecto econômico e social, quer sob o ponto de vista eugênico.

CAPÍTULO V

A SOCIEDADE SUL-RIOGRANDENSE

Diversos foram os elementos que contribuiram para a formação da sociedade sul-riograndense, tais como os costumes, os trabalhos, as festas religiosas e regionais, os centros populosos — vamos, entretanto, tratar, de modo geral, sòmente de dois elementos, que reputamos principais: a Estância e o Espírito Militar.

A Estância

Esta congrega, arregimenta, disciplina e solidariza os primeiros grupos humanos civilizados, que se localizaram no território e, assim, estabeleceu, alí, a estima, formou a família e constituíu a sociedade, que havia de ser o fundamento da gente riograndense, integrada no Brasil, pelos influxos da unidade psíquica, em comunhão de sentimentos, de ideais e de crenças, coexistindo tudo isso com os interêsses de ordem material, formando, dêsse modo, as bases mais sólidas da existência e da fixidez dos povos.

Sôbre êsses elementos, excepcionalmente unificadores, assenta com firmeza a unidade brasileira, que não é, porisso, nenhum milagre, como há quem pense.

Não há milagres na vida dos povos e, sim, fatores reais, positivos, que influem em sua evolução, que orientam a sua marcha e lhes ditam o destino.

Somos novos na América como povo, mas como nação somos, com o predomínio dos elementos estáticos do meio ambiente e das imposições nativistas e patrióticas, o desdobramento da nobre e forte nação lusitana, através de sua índole, de seus usos e costumes, de suas tradições, de seu culto, de seu sangue, de sua língua.

Êsses elementos profundamente unificadores e que são as bases sólidas das nacionalidades, encontraram no Brasil clima propício, favorecido peia unidade de território e pela comunhão dos interêsses humanos, sob o amparo das fôrças armadas, que sempre souberam honrar o nobre e bravo sabre português.

Foi com perfeito conhecimento e genial visão dêsse estado de coisas que os estadistas brasileiros, autores de nossa unidade política, conseguiram anular os efeitos desagregadores que poderiam resultar da extensão territorial, da fraca densidade de população e dos meios escassos e difíceis de comunicações.

O chamado milagre da unidade brasileira reside na existência precoce, mas vigorosa, da unidade portuguesa, esboçada nos primeiros anos do século XIV e que chegou ao apogeu no século seguinte.

Sob o patrocínio e o calor dessa unidade, foram, pela gente lusa, levadas a efeito as grandes navegações, as suas conquistas na África e a descoberta, a posse e o povoamento do Brasil.

Dez anos antes da ocupação oficial de São Pedro do Rio Grande do Sul foram em seu território fundadas as primeiras estâncias, ao longo do litoral e no interior.

Em 1797, sòmente no sul da Capitania, existiam 539 estancieiros localizados.

A civilização sul-riograndense foi eminentemente rural e ainda hoje predomina êsse caráter.

Não obstante o desenvolvimento do comércio e das indústrias, que muito tem contribuído para o aumento das populações urbanas, dois têrços dos atuais municípios sul-riograndenses têm sua maior população na zona rural.



VIDA COLONIAL

O jôgo de "boccias", o divertimento costumeiro da tardinha e dos domingos, na zona colonial "italiana". O popular jôgo de bolas já se espalhou amplamente em outras zonas do Estado.

A estância, ao mesmo tempo que criou a aristocracia do fazendeiro, fez nascer o sentimento democrático entre os peães, agregados e posteiros, sob a égide daquele que, pela natureza das lides campeiras, com os serviços se mesclava, sem aviltamentos, nem supremacias, além das que vinham do fulgor conquistado naquelas lides, onde todos partilhavam dos mesmos riscos, das mesmas alegrias e entusiasmos, disputando nos mesmos lances as mesmas presas.

O peão da estância sentia, assim, subir até ao patrão e compartilhar das alegrias e da fama dêste.

Efetivamente assim acontecia: o herói do dia, nas lides de marcação, de apartamento ou de rodeio, era o que melhor pealava de cucharra, a rês mais arisca e bravia ou o que a subjugava, em corrida desenfreada, num pealo de costilhar ou com ela se emparelhava, em desfilada estrepitosa, lançante abaixo ou cochilha acima.

A lide em comum evitou a separação, que incompatibiliza e faz nascer antagonismos entre aristocratas e plebeus, além disso, imprimiu no homem sul-riograndense a alegria de viver.

A estância riograndense se assemelhava, na aparência, a um pequeno feudo, mas não tinha, absolutamente, os caraterísticos essenciais dêste, como, por ausência de exame acurado ou êrro de observação, se tem dito.

O estancieirio riograndense se mesclava com os seus jurisdicionados no labor pastoril, dando, assim, a essa lide alto sentimento de dignidade — que não existia nas fainas agrícolas dos latifúndios cafeeiro e açucareiro, pois aí os senhores não se mesclavam com os trabalhadores servís.

Houve predomínio do estancieiro sôbre seus jurisdicionados — nasceu daí o individualismo do grande proprietário, mas, uma observação acurada, em exame atento e profundo de quem investiga para conhecer, dá a certeza de que êsse individualismo foi favorável à sociedade, porque não gerou o insulamento, não desenvolveu o espírito de clan fechado, nem permitiu o caudilhismo.

O espírito de clan nos engenhos de açúcar e nas fazendas de café foi bem acentuado e predominou por muito tempo.

Isso não ocorreu no Rio Grande do Sul, porque os seus homens, pela sua educação liberal e afeitos à defesa do território, em lutas contínuas, não viam no Senhor rural — o Senhor exclusivo da terra, o potentado único, à cuja sombra sòmente poderiam achar guarida ou que fosse a única fôrça que os pudesse proteger ou castigar.

O gaúcho riograndense sabia da existência de um governador na Capitania ou na Província, prestando obediência a um governador central e se sentia garantido sob a égide dessas duas autoridades.

Os estancieiros, desde os primeiros tempos, se congregaram contra os ataques do inimigo externo.

Essa atitude impediu que se isolassem e os levou a prestarem obediência e auxílio à autoridade provincial.

A existência do espírito provincial jamais prejudicou no Rio Grande do Sul o amor da Pátria.

Ofendidos os brios do Rio Grande, todos se uniam para defendê-lo.

Atacado o Brasil, por inimigos de qualquer ordem, esqueciam as rivalidades internas, punham de lado o espírito partidário e se lançavam na defesa da Pátria, com ardor, bravura e desprendimento.

A estância formou o patriciado sul-riograndense, a elite, a classe dos dirigentes. Êstes, sem a arrogância dos nobres, conviviam com os dirigidos, impondo-se pela ascendência moral — a maior e a mais sugestiva nobreza, porque não humilha e estabelece a admiração natural, conciente.

O espírito militar

Êste espírito foi outro fator notável de sociabilidade no Rio Grande do Sul e contribuíu poderosamente para a formação da mentalidade brasileira da gente sul-riograndense.

Os nossos vizinhos do Prata influíram em nossa formação social, não no sentido de cooperação, segundo há quem afirme, mas como um perigo, que era necessário combater e afastar.

Com êsse objetivo, os nossos maiores se congregaram e se fizeram soldados desde a primeira geração sob o comando dos estancieiros e não raro por êstes alimentados e armados, constituindo assim verdadeiras mesnadas de lanças fornidas, à semelhança dos contingentes dos barões feudais com a diferença que a contribuïção dêstes era obrigatória e a dos nossos espontânea e patriótica.

Dêsse modo, o fator político teve mais influência na formação social do povo riograndense, que o fator geográfico e muito contribuíu para dar-lhe um cunho forte e acentuado de brasilidade.

Da proximidade geográfica dos dois povos — o brasílico e o platino — no período da formação de ambos, nasceu uma linha forte de separação, que só o tempo abrandou e os novos ideais de paz e trabalho no Continente apagaram em favor de uma amizade recíproca.

Da vida em comum para a defesa contra o inimigo externo que, no conceito de Spencer, é dos maiores agentes da sociabilidade, nasceu o espírito militar dos sul-riograndenses, sem as caraterísticas do militarismo e com tôdas as virtudes associativas daquele espírito, que é gerador, em alto grau, da solidariedade social, da estima, da confiança e da admiração humanas.



VIDA DO GAÚCHO: ATIRANDO O LAÇO

Posições caraterísticas e espécies de arremêsso, quando o gaúcho atira o laço.

A defesa da terra mobilizou todos os homens, os submeteu à disciplina militar, fê-los cruzar o território em tôdas as direções e, assim, dilatou-lhes os horizontes, deu-lhes uma visão panorâmica da Capitania e da Província, incutiu-lhes noção clara dos interêsses comuns e dos benefícios da solidariedade, despertou-lhes, intenso, o amor da Pátria, demonstrou-lhes a vantagem do poder público, evitou o desenvolvimento do espírito de clan, criou a unidade de pensamento e formou a sociedade sul-riograndense, coesa e homogênea.

Influências exóticas

A homogeneidade referida anteriormente não existiria, se para a formação da sociedade sul-riograndense houvessem contribuído os elementos aldeados nas reduções jesuíticas e os castelhanos ou os descendentes dêstes na América, como afirmam alguns publicistas, impressionados, sem dúvida, mais pela atuação dos loiolanos na Região Missioneira e pela vizinhança geográfica dos outros, do que pela realidade.

O Rio Grande do Sul não nasceu castelhano e não teve, porisso, origem espanhola. Não impugnamos por depreciativa essa origem, por muitos apregoada, mas por inverídica.

O verdadeiro Rio Grande, isto é, o Rio Grande primitivo, o núcleo formador da Capitania, é o Rio Grande denominado São Pedro, em 1732, pelos portugueses, quasi um século antes da entrada dos jesuítas na Região Missioneira; é o Rio Grande denominado "Capitania de El Rey" desde 1620; é o Rio Grande explorado, visitado, estudado e povoado por lusitanos e brasileiros, que depois conquistaram o território missioneiro, de onde fôra expulso o jesuíta e predominava o espanhol.

Desde 1530 procurou o govêrno português fixar suas raias no extremo sul da América, pelo Rio da Prata. Foi êsse um dos principais objetivos da expedição de Martim Afonso de Souza, que levantou padrões lusitanos ao longo das margens do Prata e do Paraná.

Com a fundação da Colônia do Sacramento, a 20 de janeiro de 1680, o território que havia de constituir o Rio Grande do Sul ficou pertencendo ao domínio lusitano.

Êsse ato deslocou a questão sôbre a posse daquela zona, dos debates pacíficos e eruditos, para o campo da luta armada, longa, heróica e cruenta.

A guerra guaranítica do decênio de 1750 é outro elemento de relevância a ser considerado no estudo do ponto em aprêço, visto que essa luta representa o choque de idéias completamente opostas, pelo espírito, pela cultura e pelos interêsses.

Das Missões Orientais do Uruguai saíram, capitaneados pelos jesuítas, diversas vezes, grandes contingentes de indígenas para o serviço de Espanha, em suas investidas bélicas contra a Colônia do Sacramento.

A mentalidade dos aborígenes aldeados pelos missionários da Companhia de Jesús, lá nos Sete Povos das Missões, era profundamente jesuítica, isto é, adstrita aos interêsses da Ordem alí, e, entre os interêsses, estava a simpatia pela Espanha e ódio a Portugal.

Em tôrno de nossos primeiros estabelecimentos na terra riograndense, gravitou sempre o espírito português, o nacionalismo brasílico, na defesa heróica dos pagos, enquanto lá nas Missões Orientais predominava a mentalidade recém-mencionada.

Não concordamos com os que santificam ou exaltam o indígena Tiarajú, mais conhecido por Sepé, como herói riograndense, visto que êsse herói lendário nunca lutou pelo Rio Grande.

A civilização riograndense não procedeu do sul, com o híspano-americano, acompanhado de indígenas e, sim, do norte, com os povoadores e conquistadores luso-brasileiros.

A ação civilizadora dos jesuítas na Região Missioneira, o progresso que alí introduziram êsses abnegados sacerdotes, não figuraram entre os fatores da formação social sul-riograndense nem foram úteis ao desenvolvimento cultural e econômico de nossa gente.

O fogo destruíu as esplêndidas cidades alí fundadas, para evitar que fossem aproveitadas pelos conquistadores.

Com a conquista de 1801 foi incorporado à capitania riograndense um território quasi deserto. A sua população humana era apenas de 14.000 almas e a da Capitania era então de 60.000. Grande foi o número de indígenas compreendidos em aquele número que se embrenharam nos matos. Muitos retornaram mais tarde às estâncias e aos centros populosos, sendo todos êles completamente dominados pelos conquistadores.

A população que constituíu a base da sociedade sul-riograndense não teve origem nas Missões fundadas pelos jesuítas e sim nas estâncias estabelecidas ao longo do litoral, por lusitanos e brasileiros, que daí se estenderam para o centro do território pelos dois grandes caminhos de sua civilização — Lagoa dos Patos e o rio Jacuí, e nos acampamentos que deram origem a muitas de nossas cidades.

Quanto aos platinos, há efetivamente semelhança de costumes, mas isso não tem caráter geral — só se verifica nas regiões pastoris. Foi o trato do gado que estabeleceu essa semelhança. As influências foram recíprocas.

O que há de fundamental decorre das lides campeiras. O que não veio do índola, Charrua e Minuano, especialmente dêste, que habitava aquém e além do Prata, é o resultado do meio geográfico e das mesmas fainas aquí e lá, que haviam, forçosamente, de produzir, como produziram, os mes-



O POVO: MENINA GAÚCHA

Traje local.

mos fenômenos na vida prática, sem que, entretanto, irmanasse os riograndenses aos platinos na existência moral e influisse na respectiva etnia, visto que os fatores para isso tinham raízes mais fundas, mais íntimas: provinham da ancestralidade de cada um, que era diferente, e a ancestralidade, sabe-se, é o elemento mais estável da alma humana — é nela que assentam as bases das nacionalidades.

Até mesmo os interêsses comerciais, fator preponderante na aproximação dos homens e dos povos, vinculavam os filhos do Rio Grande do Sul mais ao Brasil do que ao Prata.

Grande parte do comércio da Capitania e da Província consistia na venda de animais vacuns, cavalares e asininos, e dêstes não careciam os países platinos. Daí o rumarem os nossos antepassados do Rio Grande para as famosas feiras de Sorocaba, em São Paulo, percorrendo os territórios de Santa Catarina e do atual Paraná, estacionando aquí e alí, em lenta travessia, conduzindo tropas, trocando idéias com os habitantes das regiões percorridas, cimentando os vínculos da Pátria Grande.

Lá, em Sorocaba, tudo isso aumentava de proporções, em contacto com os elementos humanos do nordeste e do centro brasileiros, que alí se aglomeravam para vender e comprar.

Não carecíamos então do trigo argentino — a nossa produção dêsse cereal bastava às necessidades da Capitania, sobrando ainda para exportar em tal quantidade que o Rio Grande foi denominado "celeiro do Brasil".

Vendíamos trigo para Montevidéu, mas em quantidade muitíssimo inferior às vendas realizadas nas Províncias brasileiras e no estrangeiro, especialmente nas praças de Nova York e Havana.

Não se limitava ao trigo o comércio de exportação do Rio Grande.

Em 1816 vendemos 707.116 arrobas de carne sêca para os seguintes portos: Rio de Janeiro, 169.879; Baía, 236.731; Pernambuco, 215.136; Santa Catarina, 950; Campos, 2.000; Havana, 74.230.

Com êsses mesmos destinos exportamos, em grande quantidade, no ano mencionado, sebo, graxa, crinas, couro de boi e de égua e mandamos trigo para Santa Catarina e Rio de Janeiro.

Na importação sul-riograndense de 1816, superior a mil contos de réis, não figuram produtos dos países platinos. Os maiores vendedores foram: Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e o Espírito Santo. A importação do exterior veio dos portos de Gibraltar, Filadélfia, Nova York.

Para evidenciar a erronia dos que supõem que o Rio Grande estava no passado, pelos interêsses materiais, mais vinculado ao Prata do que ao Brasil, cremos não serem necessárias provas mais convincentes que as mencionadas e, porisso, a elas nos limitamos, não obstante ser-nos fácil apresentar muitas outras.

Errou o mestre insigne que foi João Ribeiro, ao considerar o Rio Grande do Sul "demasiadamente platino", e erram os que, dividindo o Brasil em áreas etnográficas, incluem o Estado sulino na "área de civilização platina".

O Rio Grande do Sul é, para êsses sociólogos, o que era para os sociólogos, antes do magnífico estudo de Lindemann sôbre a vegetação riograndense: "um engeitado" ou simples "anexo aos Estados platinos".

Está convencionado isso entre os que ignoram a formação do Rio Grande e a alma de seu povo e, nessa ignorância, com aquela concordância se pagam.

Esquecem, dêsse modo, que sendo a sociologia, segundo o conceito de Ratzenhofer, "a ciência que deve classificar as relações humanas e descobrir os fatores da evolução social", exige, em conseqüência, no caso em aprêço, estudo que abranja o passado dos povos formadores da sociedade sul-riograndense, acompanhando, passo a passo, tôda sua evolução.

É no exame atento e profundo dêsse conjunto que deve assentar qualquer trabalho sôbre a referida sociedade e não em simples conjeturas.

ESBÔÇO DA FORMAÇÃO SOCIAL DO RIO GRANDE

Por RUBENS DE BARCELLOS

I

A finalidade da ocupação portuguesa do Rio Grande. As primeiras correntes de imigração. Os núcleos primitivos, seus carateres e desenvolvimento. A composição social nos povos ribeirinhos.

A colonização portuguesa do território do Rio Grande obedeceu, inicialmente, a uma finalidade política. Os dois povos peninsulares, Portugal e Espanha, êmulos na Europa, defrontavam-se, de novo, por um lance de fatalidade, no seio do continente americano na mesma situação de rivalidade. Depois de fechado o ciclo das descobertas marítimas em que competiram, lusitanos e castelhanos reencontram-se no recesso da terra bárbara como adversários. Os bandeirantes, irradiando de São Paulo, pelo sertão adentro, chocam-se, na sua expansão geográfica, com a dupla corrente espanhola de penetração do interior: a do norte, descendo da América Central pela costa do Pacífico e a outra, centrífuga, que, partindo de Buenos Aires, ascendeu pelas linhas do Paraná e Paraguai, ramificando-se pelo vale da bacia do Uruguai em várias derivações no rumo de leste.

Contra estas avançadas vão bater os mamelucos, no seu arremêsso para o Sul, entestando, sucessivamente, com as reduções jesuíticas do Guaíra e com os aldeamentos missioneiros do Uruguai. Tal fato leva a metrópole a compreender a conveniência, senão a necessidade, de contrapor à expansão adversa um limite favorável, que o tratado de Tordesilhas não resolvera. O estuário do Prata parecia-lhe a raia natural, e foi êste pensamento de dilatar a possessão até a margem setentrional do rio de Solis, que determinou a colonização do Rio Grande, já ocupado na região do Uruguai pelos missionários de Castela e em cujo território se erguiam os marcos da dominação espanhola. Com a intenção de sustentar a praça de Colônia, fundada em 1680, estabelece o brigadeiro Silva Paes o primeiro pôsto militar no continente de São Pedro (Rio Grande, 1787). Anteriormente, com o fito de abrir comunicações até aquele forte, já ordenara o govêrno as primeiras entradas regulares em nossos campos. Laguna, onde estacara a arremetida paulista, era o ponto mais extremo da América portuguesa: o pôrto terminal da costa brasileira. Tornou-se Laguna, destarte, a etapa forçada dos roteiros que de São Vicente demandavam o Prata e o núcleo de irradiação para o Continente. Dela nos veio a primeira leva humana, parcelada e fragmentária. Chefiada por um membro da poderosa dinastia caudilheira dos Brito-Peixoto, João de Magalhães, genro do capitão-mór de Laguna, dalí partiu a primeira expedição. Descendo pela orla marítima, ao flanco da serra geral, depois de reconhecer o caminho até o Prata, tornou ao ponto de partida, para em nova descida senhorear-se do território intermédio. Nesta segunda investida disseminou João de Magalhães aos seus companheiros de aventura pela faixa litoreana, espalhando os primeiros currais de criação à margem dos rios e lagoas da bacia oriental. Dionísio Rodrigues Mendes estabeleceu-se na atual região de Pôrto Alegre, que guarda a reminiscência do seu primitivo morador no lugar ainda hoje conhecido pela denominação de Ponta do Dionísio. Francisco da Cunha Carvalho estanceou nos campos de Viamão, onde mais tarde aparece em documento do fôro de Laguna, fazendo doação de terras e de tropas para custeio da ereção de uma capela, topônimo antigo daquela vila. João de Magalhães alfim, fixou-se na região em que está hoje São José do Norte. Pela mesma trilha de Laguna outros vicentistas vieram, perlongando sempre o espinhaço da cordilheira, afim de evitar o espanhol e o guaraní, posseiros da terra no oeste. Formou-se, assim, a corrente imigratória atraída pela riqueza dos numerosos rebanhos de gado, que cobriam as pastagens do Continente. Não é possível fazer-se o cálculo do coeficiente desta imigração lenta, em contínuo fluxo e refluxo. Foi, por certo, pouco numerosa. Todavia a ela devemos a exploração da terra e as primeiras fazendas de criação. A escassez de população, tanto de São Vicente como de Santa Catarina (Laguna), que se recusavam atender às solicitações da metrópole para o povoamento do Rio Grande, alegando a ca-

rência de moradores, levaram a Coroa a resolver a colonização com a gente dos Açores. Resolvida a transplantação das populações ilhoas, que pediam para passar à América, regulou D. João V o processo a ser observado pelas autoridades coloniais nesse mister. As terras seriam demarcadas, os títulos de concessão expedidos e registados, dando-se aos colonos a ferramenta necessária e a assistência requerida nos primeiros tempos. Teriam sustento por um ano, isenção de serviço militar, garantia de ofícios religiosos, gozando também dos fôros e franquias que lhes eram reconhecidos pelas leis do reino.

Na mesma provisão determinava-se a distribuïção por casais, em lotes de sessenta, e o traçado geral dos povoados com as dimensões da praça em quadrado e o alinhamento das ruas "atendendo-se ao cômodo presente como a poderem ampliar-se para o futuro" — como se lê nas mencionadas instruções. Já funcionava aquí o aparêlho governamental para dirigir e presidir a fixação dos novos moradores. Nasceram, assim, os quatro núcleos de povoação mais antigos do Estado: — Capela Grande do Viamão, Pôrto do Viamão (Pôrto Alegre), Rio Grande de São Pedro e Santo Antônio da Patrulha. Ao em vez do tumulto e do caos étnico das agregações humanas que se formavam ao acaso da existência abarbarada do ultramar, em que se misturavam degredados e fidalgos na mesma licença sem brida nem govêrno, surgiam, entre nós, corpos sociais homogêneos, organizados desde os seus primeiros fundamentos.

Com efeito, só a terra mudava para os açoritas. Em lugar das ilhas nativas, rodeadas pelo oceano, a païsagem nova do cenário americano. Lavradores, o seu trabalho consistiria em agricultar a terra, cultivando o trigo e a vinha, como na pátria de origem. Nem a alimentação diversificava daquela a que estavam afeitos. Continuavam no novo "habitat" o insulamento social em que tinham vivido, conservando os mesmos hábitos, os mesmos costumes, as mesmas crenças, sob condições climatéricas semelhantes às do arquipélago. Datam as fundações açorianas de 1740 a 1760. Durante êsse período de tempo calcula-se que mais de metade do número de casais cujo transporte fôra autorizado (4.000) se hajam fixado no continente. Em 1762, com a queda da Colônia do Sacramento, cresce a população engrossada com os ádvenas procedentes daquela praça. Começou, por conseguinte, o povoamento na zona leste, distribuindo-se em núcleos pelos vales dos rios da bacia do Guaíba. O sitsema potamográfico influe, sensìvelmente, na formação destas populações, tendo sido o Jacuí o caminho de penetração para o interior. Estes povos desenvolveram-se, normalmente, sob a direção dos governos militares, assim que ao abrir-se o século XIX já se apresenta esboçada a sociedade futura. Quando Paula Gama assume o govêrno, vinte e três anos depois da fundação da capital e sessenta da colonização, a sociedade já se mostra escalonada, hieràrquicamente, pelas três ordens da nação, clero, nobreza e povo. Por essa época montava a população da capital a 3.927 habitantes, contando todo o continente quatorze freguesias (1803). Qual a trama dessa sociedade, qual o seu regime econômico, qual a situação de suas classes?

Decorrera o tempo necessário para processar-se a elaboração social, facilitada pelo período de paz mediante entre a última invasão espanhola e a conquista das Missões. Os primeiros chefes de casal prosperando com o produto das colheitas de trigo adquiriram escravos, afim de incrementar as lavouras, requerendo maiores datas de terra logo que dispunham de cabedais bastantes para a sua demarcação e cultura. Certa suficiência econômica parece ter sido condição exigida pelos governadores para conceder as sesmarias. Ao lado, porém, dêstes lavradores, constituídos de açorianos e sua prole, robustecendo-se, lentamente, pelo trabalho da terra e pelo comércio, surgiam, paralelamente, outros domínios, concedidos a negociantes enricados no tráfico, e principalmente a gente de qualidade, que vinha a serviço das tropas reais.

Da pequena propriedade fundada inicialmente, pela ardileza e esfôrço dos lavradores, dum lado, e pela proteção aos privilegiados, doutro, em cinqüenta ou sessenta anos de vida esboçava-se na colônia o regime do grande domínio fazendeiro. É fato indiscutível. A pequena lavoura continuava a viver nos arredores dos burgos militares, mas as grandes fazendas de sesmaria já começavam de ser exploradas, apoiadas no braço escravo em tôda essa região de leste. Ao lado dêsses agricultores ribeirinhos aglomerados em povos viviam comerciantes e mesteirais, gente de pequenos ofícios, ferreiros, carpinteiros, calafates, etc., classe não mui numerosa, que a importação crescente do africano não deixou desenvolver-se. Ajunte-se os ministros da Igreja, e mais os ofícios da tropa, representando a nobreza, e teremos o esbôço da sociedade colonial. Emprestava, porém, o caráter a esta sociedade o tipo açoriano, que se impunha pelo número prevalente, e pela pureza do sangue, indene de mescla. Viviam portas a dentro dos povoados sem nada perder dos seus hábitos. Na ordem política disciplinados e obedientes, eram absolutamente conservadores no tocante aos costumes domésticos e práticas de sociabilidade. Fiéis e ordeiros, grupavam-se os moradores em tôrno dos representantes del-rei, verdadeiros chefes soberanos. Os governadores intervinham em quasi tôdas as manifestações da vida coletiva, até mesmo em casos de natureza particular. O CHAMADO À SALA, intimação para comparecer a palácio, estava suspenso, como uma ameaça, sôbre tôdas as cabeças. Mencionam também os cronistas a velha usança de descobrirem-se os colonos ao passarem defronte o palácio do govêrno. Ao poder dos governadores e capitães-gerais, contrapunha-se, por vezes, o Se-



VIDA DE GAÚCHO: CIGARRO DE PALHA

Conservador em sua vida, o gaúcho fuma seu tradicional cigarro de palha, feito no momento, que êle acende na braza do seu fogão.

nado da Câmara. Tais conflitos, freqüentes no tempo do govêrno do irrequieto e valoroso José Marcelino, eram mais querelas de jurisdição e competência administrativa do que lutas de caráter político. Não defendiam os funcionários da Câmara os interêsses do povo mas as atribuïções de seus cargos, ameaçados de absorpção pela vontade dos chefes militares. Degeneravam êstes choques em pirraças e quisílias pessoais, padecendo os moradores com as conseqüências desta emulação de mando. Eram ciosas de seu poder as autoridades municipais.

É bem conhecido o caso dum professor, que motivou ruïdoso conflito entre o representante da coroa e os magistrados do povo. Como não acordasse a Câmara em conceder casa e subsídio para o mestre-escola, conforme solicitara o governador, mandou êste prender os vereadores. Não muda o Senado de resolução; representa ao vice-rei contra o procedimento do governador, enquanto êste de sua parte acusa aquela corporação, em têrmos injuriosos, de lhe embaraçar o govêrno. É certo que os governadores, quasi todos fidalgos de raça, brilhantes figuras da monarquia lusitana, educados no absolutismo do tempo, desdenhavam dos representantes municipais e os compeliam à obediência, rindo a bom rir de seus protestos e capitulações. Isso não impedia, entretanto, que o Senado da Câmara fizesse sentir a sua autoridade sôbre o povo, punindo com severidade quem não cumprisse as suas determinações. Assim todo aquele que sem justo motivo não comparecesse a solenidades públicas, procissões e ofícios religiosos era preso de ordem daquela corporação. Tais fatos mostram a rigorosa disciplina em que viviam as populações ribeirinhas do Rio Grande e a fôrça do sentimento hierárquico nelas existente. As povoações eram fechadas (Pôrto Alegre, Rio Pardo, Rio Grande) por meio de valados, trincheiras e outras obras de fortificação, em cujas portas aquartelava a fôrça militar. A população civil, por sua vez, estava constituída em milícias de ordenanças, espécie de guarda territorial, sob o comando de capitães-móres, escolhidos no geral dentre o seio da população pelo Senado da Câmara. Esta hierarquia rigorosa, esta presença da ação disciplinadora da autoridade policiando a existência do povo em todos os seus passos, através de sucessivas gerações, havia, necessàriamente, de agir como fôrça de fixação do caráter ordeiro do insular. Pode-se afirmar sem receio de êrro que era grande a segurança individual nas comunidades dêsse tempo. Os vizinhos, encerrados nos seus povos, permaneciam a coberto de ataques e ofensas aos direitos da pessoa, que só podiam vir da parte dos representantes do poder. São traços êstes que explicam a mentalidade dessas laboriosas e morigeradas populações do leste.

As instituïções sociais do tempo, como as irmandades e confrarias religiosas, as festas tradicionais do Espírito Santo, a usança popular das cavalhadas, que ainda se não apagaram de todo, atestam sobejamente o espírito associativo e conservador da população colonizadora. Maus ou bons, perfeitos ou imperfeitos, havia ainda naqueles agregados humanos todos os elementos caracterizadores da cidade política. O comércio e a atividade profissional eram regulamentados, funcionando todos os serviços coletivos exigidos pelas necessidades da época. Havia justiça, correio e repartições fiscais. A permanência da tropa trazia para o seio do povo engenheiros e médicos — os matemáticos, os pilotos de sesmaria, os físicos-móres, os cirurgiões-móres — e, mais tarde, os desembargadores, incumbidos de funções judiciárias. Uns e outros prestavam seus serviços à população, que tinha, destarte, a assistência da civilização da metrópole acompanhando-lhe o crescimento. Nem o teatro, com as suas representações dramáticas, faltava às nascentes cidades para firmar a identidade do seu viver com o povo dalém-mar.

II

A penetração territorial. As arreadas. As sesmarias. A disseminação das fazendas e a sociedade pastora. Costumes e carateres da população campanhista. As milícias rurais. As comandâncias militares. O caudilhismo.

Ao lado da população agrícola, concentrada em núcleos relativamente densos, outra nascia e se formava, diversa pelos costumes, e, em parte, pela origem.

Enquanto os açorianos se agrupavam em comunidades, repartindo-se em povoados regulares, uniformes pelo traçado das ruelas e das praças, sob a invocação de seus velhos oragos, à orilha dos rios e das lagoas, a CAMPANHA era o teatro das correrias dos aventureiros paulistas e portugueses, entregues à caça dos numerosos rebanhos de gado bravio. Era de posse litigiosa tôda essa zona. Arrogavam-se direitos de domínio sôbre ela os espanhóis do Prata, flutuando constantemente a linha raiana mal determinada. Até a conquista de Missões (1801), não obstante o tratado de 1750, e o posterior de Santo Ildefonso (1777), os postos castelhanos e as suas partidas volantes impediam ou dificultavam qualquer tentativa de colonização regular nesse território. Formou-se, mercê das circunstâncias, uma classe numerosa de aventureiros que, abandonando a existência afanosa da labuta agrícola, se entregava ao nomadismo sedutor da prêa de gado nas linhas de fronteira. Desde 1780 havia charqueadas no continente. Para abastecer tais emprêsas, ou para o aproveitamento do couro das reses, grupos de colonos fugindo da vida policiada, erravam pelos campos sem pouso certo, enriquecendo-se com a rapinagem dos armentos. A essa indústria chamavam ARREADAS. Dela escreveu ao tempo Sebastião Francisco Bettamio:



VIDA DO GAÚCHO: CHURRASCO

Enfiada no espêto, é a carne assada lentamente sôbre o fogo aberto, recebendo uma salmoura reforçada, o que constitue, desde os tempos mais remotos até o presente, o banquete costumeiro em cidades e no campo (Fotografia tirada nos arredores de Bagé).

"Na povoação do Rio Pardo ou nas vizinhanças, é que por estudo vivem muitos homens separados da comunidade para estarem mais aptos a poderem sair ao campo fazer os roubos de gado (a que chamam arreadas), sendo êstes homens havidos por desembaraçados, e resolutos campistas, dignos de qualquer emprêsa; mas quanto a mim são uma peste que alí reside, e uns perturbadores da paz, e sossêgo público, que para se conservar parecia ser o melhor meio tirá-los todos das fronteiras, e dar-lhes suas moradas no interior do país, e até conceder-lhes terrenos eqüivalentes aos que já possuirem, não deixando estabelecidos em fronteiras homens que não sejam conhecidos por quietos, sossegados, e sem inclinação a se enriquecerem pelo meio das arreadas..." — Também refere o mesmo Bettamio a prática de tais aventureiros, apossando-se de uma, duas e mais fazendas com o fito de as venderem mais tarde, o que êle reputa prejudicialíssimo ao povoamento do continente. Até o comêço do século XIX, portanto, nada de estável existia nesse deserto, onde se defrontavam em contínuas escaramuças os grupos, meio-civís, meio-militares, dos dois povos lindeiros. Do nosso lado, em rázias respectivas sôbre as guardas adversas, partiam algaras de cavalerianos, instigados pelos comandos da fronteira, inquietando os castelhanos, que respondiam com represálias a tais ataques. Foi em meio dessa intranqüilidade, em plena luta de fato que se iniciou a distribuïção das terras. As extensas fazendas de sesmaria eram concedidas aos militares e soldados, que pediam baixa do serviço, ou alí permaneciam de armas na mão, prontos para novos alarmas e novas pugnas. Os próprios comandantes de fronteira encaminhavam as concessões, localizando-as, depois, com os práticos do terreno. Foram, assim, militares e aventureiros, que se fixaram nessa zona. Depois de cada campanha, Missões (1801), pacificadora (1811), aumentava o número de estâncias. Já fôra assim nas lutas de reconquista contra Zeballos que povoaram o sudeste. A preamar da guerra, arrastando o povo em armas, deixava no seu recuo, com os destroços, mais alguns pedaços de terreno integrados no território, novas sesmarias como recompensa de serviços. Por certo, nem tôdas as concessões tiveram esta origem.

Essa população era, porém, muito escassa. Pelo censo do chefe de esquadra Paulo Gama, feito em 1803, sôbre o assento das freguesias, regista-se para as quatorze freguesias de leste, 36.721 habitantes, enquanto a população errante dos campos e charqueadas, segundo os práticos da campanha, era calculada, apenas, em pouco mais de quatro mil homens. A tropa real não foi computada no mapa. Pela mesma data contavam-se tão sòmente quinhentos e tantos proprietários de estâncias no interior. Era o deserto. Só depois da incorporação da Banda Oriental e relativa seguridade conseqüente, desenvolveu-se esta população rural, entremeiada com os elementos castelhanos e em tudo idêntica a êles. Os hábitos e os costumes dêsses campeiros em nada se distinguem das usanças e práticas dos "gaúchos" orientais. Disseminados em pequenos grupos perdidos e insulados na planura, fora do alcance da lei e da autoridade, impõe-lhes o meio formas de vida especiais. A terra indivisa é retalhada em propriedades de léguas de extensão, cujos limites e confrontações se demarcam por acidentes naturais, arroios, córregos, bosques ou algum rancho solitário de "pôsto", assinalando o têrmo de um domínio. Assim, afastados pela distância, na solidão, vivem os fazendeiros. Casas rústicas servem-lhes de morada, tendo ao lado currais e galpões, onde, por vezes, se abrigam os agregados, os peões. Não raro erguem êstes auxiliares da fazenda, nalgum rincão das terras do senhor, cabanas tôscas de barro com tôldo de palha, onde se deixam viver, abarregados com as "chinas". A atividade de uns e outros, proprietários e gaúchos, é a mesma, como são idênticos os seus hábitos. Consiste, então, todo o trabalho em repontar o gado para os rodeios, afim de amansá-lo e dominá-lo. É aí que se contam as reses, fazem-se os apartes, organizam-se as tropas, e procede-se, em sendo época, à marcação. Já foi observado o caráter dessa atividade partoril, violenta e divertida, em que os instrumentos são o cavalo, o laço e as boleadeiras. Com efeito, tal gênero de atividade, requerendo fôrça física e habilidade excepcionais, empresta à faina pastoril do Rio Grande o sentido de um torneio. É uma diversão. A perícia no uso dos instrumentos campeiros, o laço e as bolas, foi, como ainda é, motivo de admiração geral, porfiando todos em distinguir-se no manêjo deles. E' também uma escola de energia, aguerrindo e enrijando o homem; êle tem que enfrentar os animais para vencê-los. Isto o habitua a desprezar o perigo, exercendo, habitualmente, as qualidades exigidas para a guerra e que são as mesmas de que se necessita para os trabalhos do campo: agilidade, destemor e resistência física. Montado no seu cavalo ágil, no redomão arisco, o gaúcho em pleno rodeio é como um cavaleriano em face do inimigo. Nas suas evoluções eqüestres para concentração da boiada, agindo em conjunto, sempre alerta para apertar o círculo da tropa ou abrir campo, quando ela estoira, aplica uma tática campeira, uma estratégia rudimentar, que não diferem muito dos processos usados nas guerrilhas do pampa. Esta faina pastoril com suas tarefas complementares, tais como a doma de potros, etc., desenvolve notáveis qualidades pelas quais se notabilizam os campeiros.

Certos tipos do pampa, existentes ainda hoje, devem aos costumes do meio bárbaro os seus admiráveis dotes de percepção e de destreza. O VAQUEANO e o DOMADOR, por exemplo, são o produto dessas condições de vida. Assinalando o fato de fazendeiros e peões fraternizaram na labuta dos



VIDA DO GAÚCHO: NO GALPÃO

É no galpão, em tôrno do familiar fogão gaúcho (dois toros a arder) que os peões da estância mantêm residência, é aí que se reúnem à noite, chimarreando, trovando e contando "causos" e neste mesmo lugar guardam os utensílios da lavoura e os arreios das montarias (Fotografia tirada na Estância da Árvore, de Santiago do Boqueirão).

campos, o sr. Oliveira Vianna — o eminente autor das "Populações meridionais do Brasil", sociólogo profundo e brilhante escritor — atribue esta democrática aproximação de classes à natureza fácil e agradável dos trabalhos rurais em nosso Estado. Entretanto, outras causas igualmente poderosas agiram para aquele efeito: a existência em comum nos acampamentos militares, e a quasi ausência da escravidão na vida pastoril. É certo, porém, que esta atividade não tem o caráter regular, obrigatório e necessário do trabalho da lavoura ou da fábrica.

Pode-se até dizer com Sarmiento que não há trabalho, apoiando-se a vida dos pastores na escravidão do gado, que desempenha junto dessas tribus campesinas a função do ilota das sociedades antigas. Ouçámo-lo: "El ciudadano libre de Esparta ó de Roma echaba sobre sus esclavos el peso de la vida material, el cuidado de prover a la subsistência, mientras que el vivia libre de cuidados en el foro, en la plaza publica, occupando-se exclusivamente de los intereses del Estado, de la paz, la guerra, las luchas de partido. EL PASTOREO PROPORCIONA LAS MISMAS VENTAJAS, Y LA FUNCION INHUMANA DEL ILOTA ANTIGUO LA DESEMPEÑA EL GANADO. La procreacion espontanea fórma y acresce indefinidamente la fortuna; la mano del hombre está por demás, su trabajo, su inteligencia, su tiempo no son necessarios para la conservacion y aumento de los medios de vivir. Pero, si nada de esto necesita para lo material de la vida, las fuerzas que economiza no puede emplearlas como el romano; faltale la ciudad, el municipio, la asociacion intima, y portanto, faltale la base de todo desarollo social; no estando reunidos los estancieiros, no tienen necesidades publicas que satisfacer: en una palabra no hay RES PUBLICA"

Fora dos momentos de atividade intensa do desporto guerreiro dos rodeios, o pastor riograndense é um ocioso. A sua existência transcorre, asiàticamente, entre a ociosidade e a violência. É como o árabe e o beduíno para quem a vida se sucede entre a correria das algaras e o repouso das cabanas. Para matar o tempo tem as suas distrações: a conversa ao pé do fogo, nos galpões, onde se fazem as reputações, discutindo-se os méritos campeiros e bélicos, o "bolicho", a venda, ponto de reünião da gaüchada de várias léguas em redor, lugar de jôgo e bebida em que se ajustam as "carreiras", firmam-se as apostas, surgem os conflitos e travam-se as brigas. É também aí, quasi sempre, que se realizam os bailes, os "fandangos", ao som da viola, com os célebres desafios. Essa sociabilidade rudimentar oferece um caráter precário, defrontando-se os conhecidos, cordialmente, como prováveis inimigos de amanhã. São homens sem lei que se divertem durante uma trégua tácita de breves horas. Essa gente, desde os fazendeiros, os proprietários da terra, frugais e rústicos, até a peonagem cabocla, alimenta-se exclusivamente de carne e de chimarrão. Nunca lhes faltava a carne fresca. A boiada estava sempre à mão, no campo, à espera do laço, e da carneagem para nutrir o viandante. Usavam trazer, depois da valorização do gado, mantas de carne de vento, colocadas no lombilho das montarias, sob os arreios. Saint Hilaire (1820) notou, viajando pelas nossas sávanas, a geral indiferença dos homens pelo sofrimento alheio, e, com arguta visão, atribuiu esta impassibilidade aos hábitos de carniceria. Nada mais exato e verdadeiro. Depois dos rodeios, encerrada a faina campestre, festiva, álacre, movimentada, sucede, fatalmente, a matança. Êste espetáculo cotidiano do sangue e da carne palpitante, esta contemplação diária da morte habitua o homem ao gemido das vítimas, endurecendo-lhe a sensibilidade. Depois, a solidão cheia de perigos familiariza-o com a idéia da morte, que o acompanha como a própria sombra. As charqueadas numerosas serviram de escola aos degoladores. Do complexo dêsses costumes pastoris resultam, nítidos, os carateres dêsse tipo social varonil, rude e forte, que não se teme do perigo, nem se arreceia da morte violenta, prezando acima de tudo a coragem, que "é o deus dos povos bárbaros". Essa mentalidade, esculpida pela guerra, e conservada na existência pastoril, explica com o meio físico de que nasce, a organização social da população gaúcha.

Instintivamente estabelecem-se, em meio da solidão povoada de perigos, laços de solidariedade e interdependência. Não serão muito fortes, nem estreitos tais vínculos. Forma-se, contudo, um esbôço de organização social, instável e movediça, sob a forma de "clans" patriarcais. A gaüchada reúne-se em tôrno das figuras de estancieiros que logram pelas suas qualidades de valor pessoal imporem-se-lhes como chefes. Não há nessa multidão dos campos superposição de castas em gradações populares. Sòmente duas classes se discriminam, vivendo em perfeita comunhão de sentimento: a dos fazendeiros, proprietários, na sua maioria militares, e a turba-multa caótica da peonada, composta de alguns índios, nacionais brancos e mestiços. Submetidos ao império das condições do meio, com o acicate espanhol à ilharga, irmana-os a todos a mesma vida aventurosa. Une-os, ainda, o regime das milícias rurais. A CAMPANHA divide-se em comandâncias militares de que fazem parte como milicianos todos os habitantes. Não têm êstes corpos organização disciplinar como os exércitos regulares. As milícias são tropas ocasionais, surgindo e dispersando-se com a mobilidade indispensável às guerras do pampa. O comandante é quasi sempre um estancieiro, pronto sempre para, ao primeiro sinal, formar o núcleo em tôrno do qual deve grupar a gaücharia da sua zona. Tais chefes, investidos de autoridade, tendo servido como oficiais regulares na tropa real, são hábeis militares. Nos levantes de armas, os postos

















Da esquerda para a direita. 1ª fila: — Joaquim José de Assunção, Barão de Jarau (fotografia de 1863), filho da Joaquim José de Assunção, natural de Portugal; — e sua mulher Cândida Clara Simões Lopes Assunção. Ao lado, — o mesmo Joaquim José, Barão de Jarau, e seu irmão Antônio Raimundo (fotografia de 1871), êste, pai do Dr. Antônio Augusto de Assunção. 2ª fila: — João Gomes de Melo e sua mulher — Cristina Soares Gomes, os sogros de Antônio Raimundo e avós maternos do Dr. Antônio Augusto de Assunção. Ao lado, — Amélia Gomes Tavares, Baronesa de Santa Tecla, mãe de dona Leocádia da Silva Tavares, espôsa do Dr. Antônio Augusto de Assunção. 3ª fila: — João da Silva Tavares e sua mulher — Umbelina Nunes, Viscondes de Cêrro Alegre, avós paternos de dona Leocádia da Silva Tavares.

Membros da família Assunção, constantes de um registo social genealógico.

de comando pertencem aos fazendeiros vizinhos, parentes e amigos, quasi todos com graduação militar, enquanto a peonada constitue o grosso da tropa. Cada guerreiro entra em forma levando, além de vários cavalos para a própria montaria, os peões de seu serviço.

Varella menciona uma lista de famílias aristocráticas e guerreiras principais do Rio Grande do Sul, apresentada por Tomaz Antônio ao príncipe, no primeiro quartel do século passado. Êste documento nomeia e numera algumas destas poderosas dinastias caudilheiras de militares. Eram proprietários, nativos da terra, com nomes laureados em mais de uma geração de batalhadores, que dispunham de largas relações de parentesco e influência tradicional na região campanhista. Os "Pinto Bandeira", os "Correia da Câmara", os "Carneiros", os "Barretos", para citar alguns, constituiam dinastias militares, chefiando "clans" numerosos. Cada fazendeiro era um chefete, enfeudado a seu turno a outras individualidades mais poderosas. Em meio deles os comandantes militares, com as guardas regulares, serviam de estandartes e fôrças de coesão. Assim distribue-se a população pastora numa ordem particular, com móveis e molas especiais, alheia à organização dos povos comunitários de leste, policiados e dirigidos pelas autoridades da Coroa. Até meiados do século XIX a justiça só era distribuída na capital e povoados circunvizinhos, permanecendo quasi tôda a região pastoril estranha à sua ação. Por outro lado, os agentes da autoridade, os militares, adotavam os mesmos hábitos, identificando-se com o viver ambiente. O Estado recorria aos chefes prestigiosos, entregando-lhes os comandados. O caudilhismo impunha-se à Coroa, que o reconhecia, aproveitando-o. Era essa, de resto, a única organização possível; ditavam-na as condições naturais do país.

III

O abandono da agricultura. Predomínio pastoril. Modificações: ações e reações; as guerras e a influência platina. A função histórica das duas populações.

As facilidades de vida proporcionadas pela criação, o rápido enriquecimento dos charqueadores, a sua existência livre nos campos arrastavam os filhos dos colonos para a "campanha". A lavoura decrescia, lentamente, e teria morrido, logo, à segunda ou terceira geração dos povoadores, se não fôra o diligente esfôrço dos governadores no sentido de sustentá-la.

Não obstante o empenho das autoridades, a riqueza pastoril avultava, mirrando sempre as culturas. Dentre as causas dêsse gradual abandono dos plantios que, às súbitas, toma o caráter de uma síncope, a doença da "ferrugem", que atacou o trigo, e a falta de pagamento das colheitas adquiridas pelo estado parecem ter sido as mais decisivas. O péssimo regime instituído pela metrópole, fixando os preços, e açambarcando a produção, desfechava no aniquilamento do labor agrícola tão bem iniciado. De sorte que se opera uma mudança completa no regime da vida coletiva: do mesmo passo que estacionavam ou regrediam os pequenos núcleos agrícolas, desenvolve-se a população pastora, penetrando cada vez mais pelo interior. Em pouco tempo ficavam, face a face, alguns burgos, transformados em entrepostos de comércio, e a massa rural dos criadores de gado. Êste predomínio pastoril não consegue alterar inteiramente o caráter das populações de leste; nos pequenos povoados elas permaneciam mais ou menos sedentárias, presas à terra pelas pequenas propriedades e nos centros urbanos são continuamente engrossadas pelo fluxo dos emigrantes lusos. Assim que ao romper o movimento da emancipação e, depois as explosões do liberalismo, revelam-se, diversamente, essas duas populações. A campanha, mais do que as cidades, recebe, pela influência do Prata, o espírito revolucionário da independência e o sentimento republicano. As guerras cisplatinas tinham posto os oficiais em contacto com os focos de insurgentes da Banda Oriental e de Buenos Aires, contaminando-os e aos soldados. Essas massas rurais, afastadas da disciplina, insuladas no seu meio bárbaro, encarnam o espírito territorial, o sentimento americano de oposição ao reinol. Surge o conflito entre o europeu e o filho da terra que é também um choque entre a campanha nativista e guerreira e o urbanismo de tradição metropolitana. Dá-se nesta fase o levante dos caudilhos riograndenses, que, seguindo o exemplo do Prata, impelidos pela emulação, insurgem-se contra as velhas instituïções. Êste fato, mais ainda do que um acontecimento político, é um fenômeno sociológico da América; a luta permanente entre a terra e o sentimento localistas, dum lado, e a civilização européia, doutro; 35 marca o surto das energias bárbaras do território, cobrando conciência da sua fôrça. Dissipada a ameaça castelhana, os chefes militares, polarizando as fôrças e as aspirações inconcientes da campanha, afirmam o sentimento emancipado da América, de armas na mão, e a gaüchada segue Bento Gonçalves, segue Netto, porque êles são as únicas energias do comando, que reconhecem e acatam, contemplando-se neles como em resumos. Não é mister discutir a finalidade política da revolução. Os fatos sociais que ela atesta são o predomínio da sociedade pastora e o poder dinâmico do caudilhismo. A contraprova têmo-la na repetição dos mesmos fatos reproduzidos, ao fim do século passado, com a revolta do 93, sob o regime republicano. Joca Tavares, também militar admirado, coberto de glórias tradicionais, insurge-se e os gaúchos seguem-no, porque êle é um chefe, é o caudilho.



SOCIEDADE

Respeitável matrona gaúcha: Dona Luiza de Freitas Vale Aranha, a mãe do chanceler Osvaldo Aranha, com um de seus 36 netos.

A tropa, a massa, que o acompanha, como tinha seguido os revolucionários de 35, nada entende de organizações políticas e distinções de regime jurídico. Confiam nos seus chefes, em cujos "clans" militam; seguem Joca e Gomercindo, porque são gente deles. Nesses dois movimentos, tanto em 35 como em 93, as populações de leste, mais sedentárias, mais industrialistas e traficantes, colocam-se em oposição às populações pastoras. Em 35, Pôrto Alegre faz jus ao título de "mui leal e valorosa cidade". Em 93, quasi tôda essa região permanece tranqüila, dentro da ordem legal. Êste núcleo de leste em tôda a nossa história tem a função de fôrças de coesão nacional; são a ponte que nos prende primeiro, à metrópole, e depois ao Império. Se a coroa desempenhou o papel superior de conservar a integridade nacional deve-o, entre nós, ao espírito ordeiro e tradicionalista dessas populações ribeirinhas, onde pôde encontrar ponto de apôio Enquanto a campanha, diferenciada, gravitava com o Prata, as cidades representaram o espírito de continuïdade histórica, o feitio português, e depois, o feitio brasileiro e nacional.

IV

Nova formação. A imigração do século XIX. Colonização agrícola. O pequeno lavrador. A transformação industrial moderna. Novos costumes. A riqueza e a tradição. O paralelograma das fôrças sociais.

Por volta de 1824, governando a província o desembargador Fernandes Pinheiro, chegam ao Rio Grande os primeiros colonos alemães, fixados no lugar da antiga Feitoria Velha do Linho Cânhamo.

Aí foram estabelecidos os imigrantes, demarcando-se-lhes lotes de terra de 100 braças de largura por 1.600 de comprimento. Revivia, assim, o labor agrícola abandonado. A agricultura de que haviam desertado os primitivos povoadores voltava a ser explorada, agora, pelos camponeses de outra raça. Os germanos louros, persistentes e laboriosos, fundavam uma nova fonte de riqueza e com êles despontava um novo regime econômico pelo amanho da gleba, repartida em pequenas propriedades. Decorridos dez anos da fundação de São Leopoldo, já numerava a colônia para mais de quatro mil moradores. Gente diversa pelo sangue e pela formação social, traziam-nos com os seus costumes nacionais a mentalidade européia, forjada na escola do trabalho. Era ainda uma vez a Europa repetindo-se no seio das populações tumultuárias da América. A convulsão de 35 perturba o desenvolvimento da colônia, arrastando os alemães para a luta armada dos dois partidos. Depois da pacificação, porém, reata-se a corrente imigratória, estendendo-se por todo o século e abrangendo povos de outra procedência. Em 74, começaram a vir italianos, e mais tarde apareceram polacos, suecos e espanhóis. Diante desta imigração, extravasando dos limites das pátrias européias superpovoadas, que as perspectivas da aquisição da propriedade atraía, o agreste cenário da mata virgem transmuda-se em breve na païsagem ridente de searas fartas e aldeias felizes. O cultivo do solo, compensador para o colono, estabelecia o equilíbrio inicial da economia do Rio Grande, ajuntando à produção pastoril os frutos da lavoura. Além dêsse resultado econômico, a colonização estrangeira trazia outra conseqüência: fazia surgir uma nova fôrça social, a classe do pequeno proprietário rural. Preso à terra pelo vínculo do domínio, o lavrador, sedentário, ordeiro e pacífico, tende a exercer uma ação conservadora na ordem social.

Essa massa vai se amalgamando, lentamente, de geração em geração, no nosso corpo social, difundindo nele o espírito europeu, e, portanto, a própria civilização ocidental. Pelos partidos políticos vinculam-se à vida coletiva e ingressam na comunhão riograndense, cujas tradições vão assimilando em progressão sempre crescente. Assim que, ao findar o século passado, temos a sociedade riograndense dividida em três grupos: 1º o grupo pastoril, que é o mais importante, constituído pelos grandes proprietários da terra, dirigindo a massa rural; 2º o grupo urbano, composto de comerciantes, industriais, funcionários, classes liberais, no qual se acentua o regime capitalista, e onde moureja uma grande multidão proletária; e 3º o grupo agrícola, formado pelos pequenos lavradores das colônias, espalhados, principalmente, pelos degraus e contrafortes da serra geral. Com o advento da República assistimos a transformações rápidas na existência dessas populações, forçadas a entrarem na torrente do industrialismo moderno. As vias férreas e os meios de comunicação, distendendo a rede dos transportes e facilitando os contactos, aproximam os campos das cidades, subordinando-os à sua ação centralizadora e diretiva; dilata-se a ordem civil, firmada pelo prestígio da autoridade política. As relações econômicas intensificadas pelo desdobramento do comércio estabelecem a interpenetração recíproca. A população pastora, baluarte do caudilhismo tradicional, abandona os seus processos rotineiros, premida pela alteração geral do ambiente. O seu predomínio ameaça desabar pela base, que sempre foi o latifúndio, posto em cêrco pelo pequeno domínio, avultando cada dia pelo crescimento da população agrícola. A distribuïção de novos lotes e o fracionamento da terra entre os herdeiros dos antigos senhores, operando uma modificação da riqueza, originam uma nova ordem social.

Os descendentes dos colonos prósperos vêm para as cidades, onde se entregam à atividade lucrativa do comércio e da indústria, em busca da independência econômica. Em pouco tempo se-



Venerando patriarca gaúcho de velha estirpe. O General Manuel de Nascimento Vargas, em sua fazenda dos "Santos Reis, em São Borja.

nhoreavam-se das posições de ganho. Pode-se dizer sem exagêro que quasi não existe um estabelecimento industrial onde não haja um descendente de alemão ou italiano, e é fácil verificar, percorrendo-se a lista das casas de comércio em grosso, importadores e exportadores, a superioridade numérica dos apelidos teutônicos nessas firmas. Êste mesmo espírito se manifesta também na população primitiva, forçada a entrar na corrente da luta econômica. Perduram ainda os velhos prejuízos das famílias caudilheiras e as tradições de cultura dos doutores citadinos, cujos rebentos adotam as profissões liberais e ingressam no exército, continuando a herança daquelas classes dirigentes. Mas o espírito novo também penetrou na vida pastoril. Chegou o momento em que ela se viu forçada a transformar-se para não morrer. Revelando admiráveis faculdades de adaptação, em dez ou quinze anos, a sociedade pastora renovou os seus processos incompatíveis com o progresso ambiente. O criador tratou de melhorar os rebanhos pelo cruzamento com as raças puras da Europa, invertendo vultosos cabedais na aquisição de reprodutores e na aparelhagem técnica das estâncias. De mero beneficiário dos frutos espontâneos do crescimento dos rebanhos passa a ser o agente da própria riqueza, jogando com o crédito, e assistindo à complexa direção de seus negócios de gado. Assim, o progresso material, com a sua entrosagem de interêsses, ligando econômicamente tôdas as classes, vai dando cabo do feudalismo campezino dos estancieiros, reduto da caudilhagem tradicional e guerreira. Lancemos um olhar mais atento para estas fôrças do Rio Grande. Em 1916, a população do Estado somava 1.840.000 habitantes, dos quais 40%, isto é, 733.000 almas pertenciam ao grupo colonial de estrangeiros e sua descendência. Para uma produção total de 541.156:900$000, contribuiam as colônias com 205.600:000$000, quasi a metade daquele valor. A estas cifras corresponde uma contribuïção de 280$500 por colono, quando em todo o Estado não ultrapassa o valor da produção "per capita", de 300$000. Ajunte-se a esta densa população (23,5 habitantes por km² em contraposição a 6,8 para todo o Estado) a mole humana dos três grandes centros urbanos de leste, Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande, e temos a campanha em cheque, perdido o seu antigo e glorioso primado econômico e político. Ainda é uma situação de equilíbrio, mas que tende a romper-se em favor da zona agrícola e dos centros urbanos, cuja população cresce muitíssimo mais do que nos municípios pastoris. Os mapas estatísticos do movimento demográfico assinalam uma esmagadora superioridade para o coeficiente de crescimento vegetativo e de natalidade na região agrícola. É o fato inevitável. No tocante à distribuição da riqueza e a constituïção das classes não são menos significativos os algarismos. O boletim de Estatística de 1908, referente à área rural dos municípios e número de propriedades, fixa em 8.974 o número de domínios territoriais de mais de 700.000 hectares de terra para um total de 139.283 propriedades. E pelo relatório do ano de 1922 ainda se evidencia mais esta transformação: o número de propriedades atinge 225.350, sendo que as de menos de 200.000 hectares montam à cifra de 86.524.

Chegamos, assim, a um estado social muito semelhante ao das sociedades do velho mundo: a terra quasi tôda (88%) em mão dos particulares, e com o acúmulo crescente da riqueza, surgindo uma indústria próspera. Nesta transformação de povo pastor para povo agrícola e industrial, o braço e a inteligência do colono têm sido a maior energia propulsora. A êle devemos também a suavização, em grande parte, dos nossos costumes. Êles vieram reforçar o elemento urbano na sua função histórica de europeïzação. Fica no coração riograndense a saüdade e o orgulho do passado heróico dos campanhistas neste sumir-se da tradição bélica e rebelde, afogada na onda crescente do industrialismo contemporâneo. As estâncias de ninhos de guerrilheiros, transformaram-se em estabelecimentos meramente industriais, onde se defrontam o patrão, — o fazendeiro, — e os operários, — os gaúchos. — As associações para defesa dos interêsses de classe, federações rurais, federações de comerciantes, e os sindicatos operários mostram o rumo que leva a sociedade riograndense.

A HISTÓRIA



OS DOIS RIOS GRANDES

Por CEL. F. DE PAULA CIDADE

O RIO GRANDE DO OESTE

Desde que o Rio Uruguai começa a tomar a direção geral norte-sul, vai descendo do planalto para a planície e aumentando a cada passo o seu volume, pelas contribuïções que lhe trazem inúmeros cursos dágua, pequenos e médios. Roída a crosta das terras, acomodam-se as águas pouco a pouco em leitos mais ou menos regulares, que se bordam lenta mas seguramente de intensa vegetação. Às rochas decompostas juntam-se elementos orgânicos de tôda espécie e uma profunda camada de humus se acumula no seio dos vales e nas encostas das serranias produzidas pela erosão.

A partir de quando se povoou a região constituída pelo médio Uruguai ainda é um mistério, que talvez nunca saia do domínio das hipóteses. De onde provém a raça aquí encontrada pelos europeus? Que caminhos fez e quantos séculos gastou na imensa jornada que a conduziu de seu ponto de origem a estas paragens? Parece que o rio Uruguai deve ter desempenhado um papel muito importante em tudo isso.

Os rios são as estradas por excelência das migrações, ao passo que as suas margens servem de berço às civilizações que surgem. Viriam do norte, do oeste, de leste, do sul, os povoadores indígenas? É possível que tivessem ganho a bacia do Uruguai descendo do planalto brasileiro, mas é possível também que houvessem subido o rio, vindos do sul, ou ainda, que passassem da bacia do Paraná, a que houvessem galgado numa descida pelo rio Paraguai. Ou então, como substratum de várias migrações perdidas nas origens dos tempos, talvez que essa região oriental do rio Uruguai, em que acaba o planalto brasileiro, tenha sido uma grande retorta em que se fundiram os elementos dispares, numa operação muitas vezes secular, vindos de pelo menos três dos quatro pontos cardiais. E por que não dos quatro pontos cardiais? Porque o lado atlântico era à chegada dos europeus o menos povoado, o que se explica ainda pela natureza de suas costas marítimas, impróprias à criação de núcleos de povos navegadores. E ainda hoje, a faixa costeira, longe das aberturas favoráveis, continua fracamente povoada, a-pesar-dos recursos muito maiores de que, em várias tentativas para povoá-las, dispúnhamos nós, europeus e seus descendentes.

Sôbre essa região lançaram as vistas os castelhanos de Assunção e de Buenos Aires, e em 1619 os missionários espanhóis punham o pé a leste do rio Uruguai. Contam êles que a região era grandemente povoada e dos seus dizeres se conclue que aí se preparava o surto, que ainda então se desenhava longínquo, de uma civilização original. Existia poligamia e, no dizer dos padres, o abuso das bebidas fermentadas.

A escravidão, ou pelo menos a servidão, também é referida. Preferiam deuses que não se achassem sempre com êles e em qualquer parte, a um Deus que estivesse sempre presente e que, por conseqüência, lhes fiscalizasse todos os atos da vida livre. Acreditavam nos seus feiticeiros e isso lhes bastava. Não possuiam uma língua única, o que levou o sínodo de 1603, de Assunção, a adotar o guaraní como a melhor. Isso talvez confirme a hipótese das migrações sucessivas, ou de diferentes origens. Enfim, acreditavam, com admirável argúcia, que os recém-chegados, a-par da doutrina que prègavam, iam tramando a submissão deles a um poder estranho, o govêrno espanhol.

À chegada dos europeus, os grupamentos humanos do vale do Uruguai já se iam espraiando. A superfície coberta por êles já não era tão insignificante como pode parecer. A extensão da catequese dá uma prova disso, sabido que os padres não traziam de muito longe ao selvícola para aldear. A multiplicação das reduções, que se observa a cada passo, indica que os padres é que se deslocavam de um ponto para outro. E como êles só se moviam quando havia almas que compensassem as penas da travessia, conclue-se que os núcleos populosos, autônomos, cobriam uma vasta superfície.

Mais tarde, hão de ser os padres que batizam as correntes migratórias, fazendo surgir nos vales dos rios secundários os seus estabelecimentos. E assim invadem os vales do Ibicuí e do Vacacaí, passando da bacia do Uruguai para a do Jacuí. O



UM DOS PRIMEIROS TRABALHOS GEOGRÁFICOS EM QUE FIGURA O BRASIL

"Orbis Typus Universalis Tabula". Mapa de Hyeronimus Marini, Veneza, 1512. Original em poder da biblioteca do Ministério do Exterior, Rio. Ao contrário do uso atualmente, o sul acha-se no cimo e o norte em baixo da carta.

domínio castelhano, que durante o primeiro século da conquista oscilara sôbre o eixo Buenos Aires-Assunção, estendeu-se com muita rapidez, penetrando francamente na direção de leste. Quasi chega ao Atlântico. O conjunto dêsse domínio político-religioso é a terra dos Tapes. É o Tape. Abrange as florestas que marginam os rios e as campinas dilatadas, pontilhadas de bosques ciliciares. As matas, sem a imponência amazônica, erguem-se alterosas. Em certos pontos, desenham-se em galeria. As clareiras quasi sempre são obra da mão do homem, pois o selvícola não passa aí tão impunemente, como poderia parecer, sôbre a face da terra. Apresenta-se como um intermediário entre o nômade e o agricultor. Derruba a árvore para servir-se da madeira e para abrir passagem, erguer a choça ou plantar alguma coisa.

É ao sul, muito mais ao sul, que os olhos dos padres hão de perder-se em campinas mais extensas e mais desimpedidas.

Depois do padre Roque González, em 1619, primeiro jesuíta a penetrar no território do atual Estado do Rio Grande do Sul, outros e outros andaram-lhe nas pègadas.

Procurando reünir o material humano alí encontrado, o próprio Roque González funda na bacia do Uruguai vários povoados. Nossa Senhora da Conceição, da Ibitacua, em 1619, data da primeira penetração; São Nicolau, sôbre o Piratiní, em 1626; São Francisco Xavier, ou Jaguarití, em 1626; Nossa Senhora da Candelária, sôbre o Ibicuí, em 1626; Nossa Senhora de Assunção, sôbre o Ijuí, em 1628, etc. As reduções, que já não eram poucas nas margens ocidentais do rio Uruguai, adensam-se e multiplicam-se na margem oposta, na banda oriental do rio, entre os afluentes Ijuí e Piratiní, e mesmo mais ao sul, procurando o Ibicuí. Depois, são antenas lançadas longe, capelas, estâncias e vacarias: Santa Tecla, junto à atual cidade de Bagé, sôbre as nascentes do rio Negro, onde se diz que existiu uma vacaria de 50.000 cabeças de gado vacum, São Vicente, junto ao rio Toropí, São Luiz, no Alegrete e perto de Ibirapuitã, Conceição de Tupanciretã, nas proximidades de Cruz Alta, Batoví, nas cabeceiras do Vacacaí, etc. Enfim, descida pelo Jacuí,

no rumo do estuário do rio Guaíba, e, por conseqüência, do Atlântico.

Foram sete os mais importantes centros populosos criados pelos jesuítas aquém do Uruguai, entre os 28°39'51" e 28°18'13" de latitude sul: São Francisco de Borja, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São Miguel, São João Batista e Santo Anjo. O primeiro povoado reünia índios charruas, os outros, tapes e guaranís.

Entre 1635 e 1685, êsses lugares são devastados pelas incursões bandeirantes, que arrasam tudo e arrebanham os índios, levados para o Brasil central como trabalhadores braçais. Contidas pela repulsa organizada, cessam as atividades bandeirantes e os padres voltam aos primitivos sítios. Em 1687, é reconstituído o povo de São Nicolau e logo depois, São Miguel, São Luiz Gonzaga, São Borja, São Lourenço, São João Batista e Santo Anjo, êste já em 1703.

De tudo isso, muita coisa havia de ser conhecida no Rio de Janeiro e em São Paulo. A própria investida bandeirante havia de ser guiada em parte pelo interêsse que supostas riquezas alí acumuladas despertavam. Muitas lendas haviam de correr de bôca em bôca e contribuir para estimular o espírito de aventura das massas. O desconhecimento da geografia contribuiria para manter os aspectos nebulosos dessas regiões.

O pouco que realmente se soubesse dêsse oeste riograndense havia de ser um segrêdo dos padres castelhanos.

O RIO GRANDE DE LESTE

Há muitos anos penetravam os portugueses no Rio Grande do Sul, cujas costas eram mais ou menos conhecidas dos navegantes de outras nações. Não se sabe até hoje quem deu o nome de São Pedro ao seu único pôrto de mar. Os quesitos (1) formulados no Rio de Janeiro e respondidos por um homem prático evidenciam o desconhecimento em que se vivia quanto à geografia sul-brasileira, muito depois de 1716. Há perguntas como estas: Se o pôrto e entrada do Rio Grande de São Pedro é fácil em todo o tempo e a tôda a embarcação, que altura tem o fundo e que distância de bôca? Depois da entrada da barra, que forma toma a terra? a que rumo corre e se aí entram muitos rios?

Gomes Freire de Andrade, em 1752, mandava explorar a região a oeste da atual capital gaúcha, para êle e sua gente pouco conhecida. O sítio onde hoje se ergue Pôrto Alegre já estava povoado, mas a subida do Jacuí continuava nos domínios da lenda.

"Mandei, escreve êle, fazer deligência por uma canoa armada e com bons exploradores, e indo com vagar e cautela no têrmo de cinco dias avistaram a dita povoação ou fazenda, de onde as Missões do Uruguai seis dias de marcha, etc."

Essa deligência foi determinada, porque, quando Gomes Freire chegou ao Rio Grande de São Pedro, alguém lhe disse que "os cinco braços que formam o Rio Grande (referência clara aos rios que se unem no Guaíba) têm o nascimento nas Missões ou perto delas". E mais, disseram-lhe "que o braço que corre ao N. E. vai a uma nova povoação, que já tem igreja e é pertencente à Aldeia de São Miguel" (2). Tôdas essas confusões que aí se leem demonstram a incerteza dos primeiros passos, fase lendária lusitana, da geografia do Brasil do Sul.

Pode parecer que em contraposição ao Rio Grande de oeste, que é o que corresponde à vertente ocidental, o de leste se achasse despovoado em começos do século XVIII. Puro engano. Os vales dos rios que se reúnem para formar o Guaíba eram habitados, bem como as encostas das serras, cobertas de matas. As praias bravias, os areais extensos, as campinas simplesmente relvosas é que não se prestavam à formação de núcleos populosos, porque não dispunham de recursos que permitissem ao homem manter suas energias vitais.

A verdade, porém, é que os núcleos populosos anteriores à entrada dos europeus no território a leste da Cochilha Grande mantinham-se esparsos, verdadeiramente sem significação política e nenhuma significação econômica. Êsses agrupamentos humanos haviam de persistir uns dois séculos, pois em 1825 ainda havia índios nas matas em tôrno de São Leopoldo e muito depois da guerra do Paraguai (1870) não era difícil encontrá-los nas encostas do planalto, nos sítios onde hoje se erguem as cidades do nordeste riograndense.

Para os viajantes de começos do século XVIII, que penetrassem no Rio Grande do Sul vindos do sudeste de Santa Catarina, os primeiros contactos com os selvícolas haviam de ser tomados logo que deixassem a orla marítima e infletissem para o oeste, rumo ao estuário do Guaíba.

PENETRAÇÃO E OCUPAÇÃO

A convenção de Tordesilhas havia deixado fora das raias portuguesas todo território do atual estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

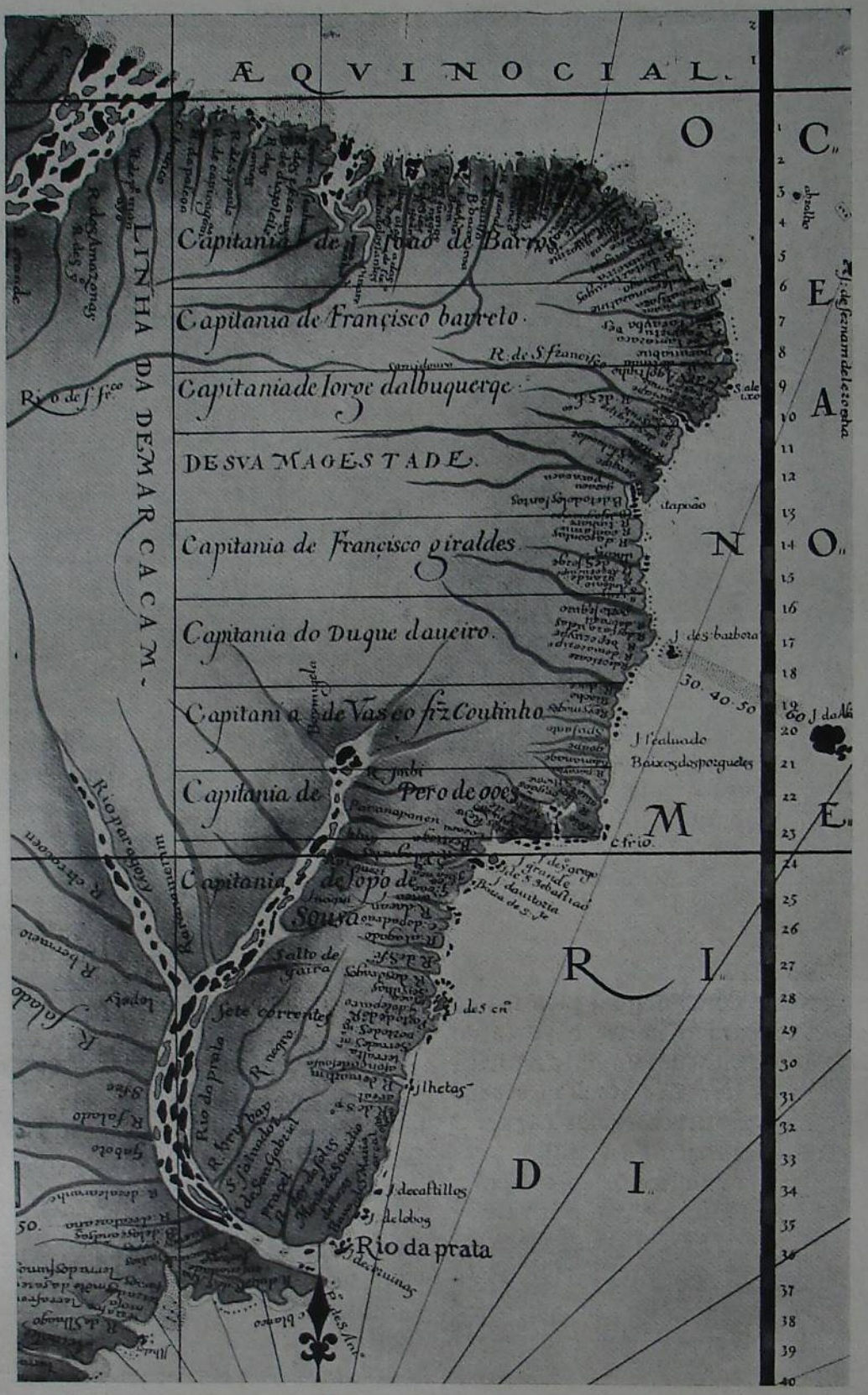
Destacamentos militares irregulares, certas vezes chamados "bandeiras", nome tomado às companhias de infantaria de época anterior, haviam jogado para O., no século XVII, a fronteira pactuada em 1494, mas o extremo-sul, tateado aquí e acolá, continuou, notadamente em sua parte L., terra de ninguém.

De Santa Catarina para o sul, não podia o govêrno espanhol alegar mais do que direitos teóricos e o govêrno português, nem êsses.

---

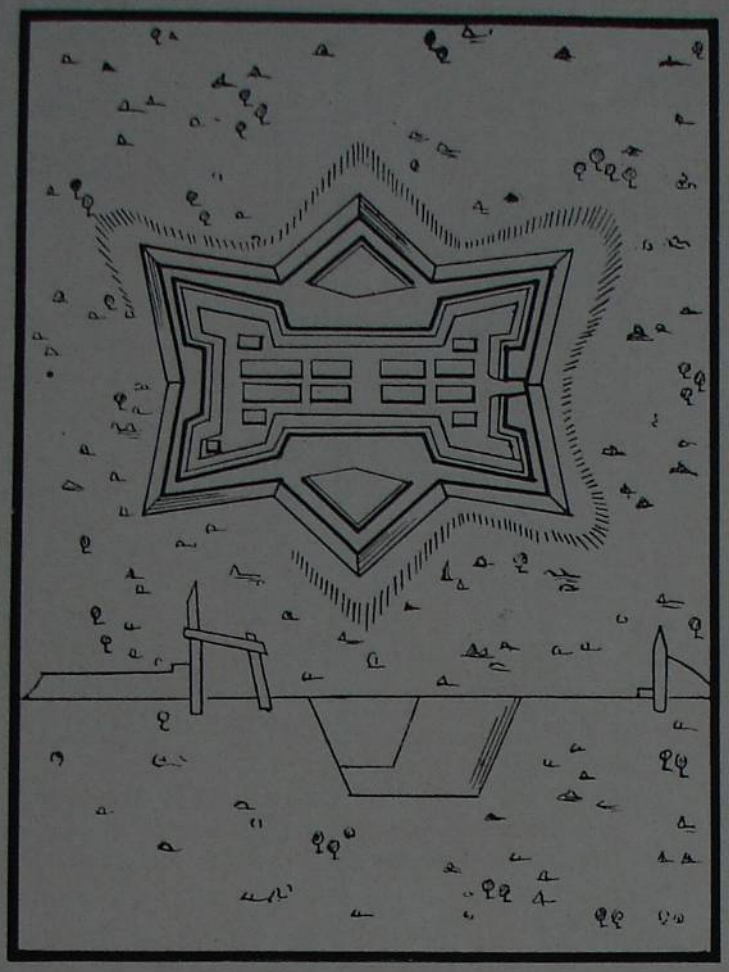
(1) Resposta que deu o sargento-mór da praça de Santos, Manoel Gonçalves Aguiar, às perguntas que lhe fez o governador e Capitão General da Cidade do Rio de Janeiro e Capitanias do Sul, Antônio Brito e Menezes, sôbre a costa e povoações do mesmo mar. (Rev. Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul, tomo III, 1929).

(2) Correspondência de Gomes Freire (Rev. do Arquivo Público Mineiro, 1927).



DIVISÃO DO BRASIL EM CAPITANIAS (SÉCULOS XVI E XVII) O atual território do Rio Grande do Sul acha-se incluído na capitania de Lopo de Souza.

O mar só contribue para formar núcleos populosos quando apresenta boas condições para o tráfego costeiro. Mas, a costa do Rio Grande é hostil e sem abrigos. O Atlântico, que alimentou a civilização brasileira, pouco realmente fez pelo Rio Grande do Sul, pelo menos de um modo direto. A exploração econômica do território foi começada por terra, dados os entraves à navegação marítima e dada a falta de recortes em sua extensa costa. As tentativas de aumentar o domínio humano ao extremo sul do país, pela localização de povoações junto à costa, têm fracassado, salvo junto à barra. Velhíssimas povoações nunca prosperaram, a-pesar-do auxílio que lhes deram por muitas vezes os poderes públicos. Ao norte do Brasil é a orla marítima que se desenvolve ràpidamente e esteriliza o interior; ao sul, é o interior que vivifica a costa por si estéril. Outro fato notável é que ao sul do Brasil a civilização sobe em regra da bôca para as cabeceiras dos rios. Ao atingir o nordeste do território riograndense, inflete logo depois para oeste e vai ter a Viamão, para alcançar a bôca do Jacuí,



Forte Jesús Maria José, na barra do Rio Grande. Planta da primeira fortificação erguida no Rio Grande do Sul — 1737.

pelo qual sobe até Rio Pardo; pela bôca do Vacacaí remonta igualmente êste curso dágua; pela foz do Jacuìzinho, expande-se para o norte; a parte do oeste do território apresenta a mesma singularidade: a corrente civilizadora dos jesuítas sobe o Ibicuí e Toropí e outros pequenos cursos dágua. E quando a sede da administração do território está no Rio Grande, ainda é remontando as correntes da Lagoa dos Patos e do Guaíba que a seiva civilizadora circula.

A conquista de 1801 não se contrapõe a esta regra, porque não passa de um lance único, na luta entre os dois ramos da civilização latina, que então se defrontavam.

Entre a longitudinal das lombadas da Cochilha e o Atlântico tivemos sempre duas portas para penetrar no território riograndense: a de nordeste, atravessando a região costeira, a comêço rumo ao sul, para infletir mais tarde para oeste e alcançar o estuário do Guaíba, a de sueste, franqueando a barra do Rio Grande, para subir pela Lagoa dos Patos e chegar ao mesmo ponto.

A primeira estrada era a dos areais, a dos desertos, a das travessias de rios sem obras darte; a segunda, a estrada líquida do mar, dos rios e lagoas do interior.

A primeira, no entanto, foi sempre a preferida: por que?

A barra do Rio Grande, a que chegavam bancos de areia movediça, não era um caminho seguro, pelas dificuldades da entrada e pelas proximidades das bases do adversário castelhano.

Para que êsse caminho pudesse tornar-se o preferido, era necessário vencer os homens e os elementos.

Assim, mesmo depois do brigadeiro José da Silva Paes haver coberto militarmente a barra com o destacamento que aí instalou em 1737, os elementos continuaram hostís, o que desviava a penetração portuguesa para a porta de nordeste, de penosa travessia.

Coube à engenharia moderna, perto de dois séculos mais tarde, demolir esse espantalho e tornar inútil a velha estrada de Santa Catarina para o Rio Grande.

A geografia física condenava a população do território riograndense a viver, pelo menos a comêço, a vida difícil de quem tem de atravessar sempre um pedaço de terras alheias para entrar em sua própria casa. A porta que melhor servia e que no nosso ponto de vista era a única, estava em Santa Catarina; a outra entrada era a da gente castelhana e começava verdadeiramente no Rio da Prata. A barra do Rio Grande só muito mais tarde pode ser levada em linha de conta. Devido a isso, o vasto território delimitado pela linha côncava do rio Uruguai chegou a ser, nos fins do século XVII e mesmo no século XVIII, terra de ninguém.

Fora dos pontos mais avançados da colonização castelhana, que vinha de oeste, e as terras ocupadas realmente pelo elemento português, que vinha do norte, passou a formar-se um recanto não policiado, valhacouto de gente má e que tinha em regra contas a ajustar com a justiça. Dos raros e ousados curiosos que por aí jornadearam em tempos mais recuados quasi nada se sabe; citam-se apenas algumas entradas marítimas, mal identificadas.

Descobertas pelas iniciativas particulares as linhas de menor resistência, segue-se então a interferência dos poderes públicos, de que a ação de Gomes Freire de Andrade é o mais belo exemplo. Afluem em massa aventureiros e gente de trabalho, santos e malvados. Dois são nesses começos os centros de atração: a região do Rio Grande, a de Pôrto Alegre atual. As terras repartem-se entre colonos e soldados, uns e outros pouco se diferenciando entre si. Todo colono vê-se obrigado a ser meio soldado, e todo soldado não deixa de ser um colono ou estancieiro. A necessidade obriga a aprender a arte de cavalgar. Formam-se assim os grandes cavaleiros que mais tarde hão de desempenhar um papel tão importante em nossas guerras. Banaliza-se a habilidade eqüestre e paralelamente abrem-se valiosos mercados para os animais de montaria.

O padrão de vida da massa do povo das colônias sul-americanas era necessàriamente muito baixo. Pobreza, falta de hábitos hoje considerados

indispensáveis, cuidados higiênicos, vida difícil e rude. A carne, o peixe, a mandioca devem ter sido a base da alimentação dos primeiros colonos.

Os vestuários europeus seriam caríssimos, e porisso a indústria doméstica passaria a representar um papel muito importante no aproveitamento das matérias primas de produção local.

Os que vivem a beira-mar alimentam-se com os produtos da pesca, o peixe fresco ou salgado, os que vivem para o interior com a carne, a mandioca e mais alguns raros produtos agrícolas.

Numa época em que ainda não se conhecem estradas, mas tortuosos caminhos, desprovidos das mais modestas obras darte, os animais de carga adquirem uma grande importância, como únicos meios regulares de transporte e porque os seus despojos são reclamados àvidamente pelas indústrias.

Assim, podem-se enumerar como as mais desejadas fontes de riqueza e bem-estar a posse de animais produtores de carne e de couros, de animais de trabalho e que igualmente fornecem despojos utilizáveis.

Tinham governantes e padres criado, em vários pontos do interior, partindo do Prata para o norte, numerosos rebanhos bravios, notadamente de vacuns.

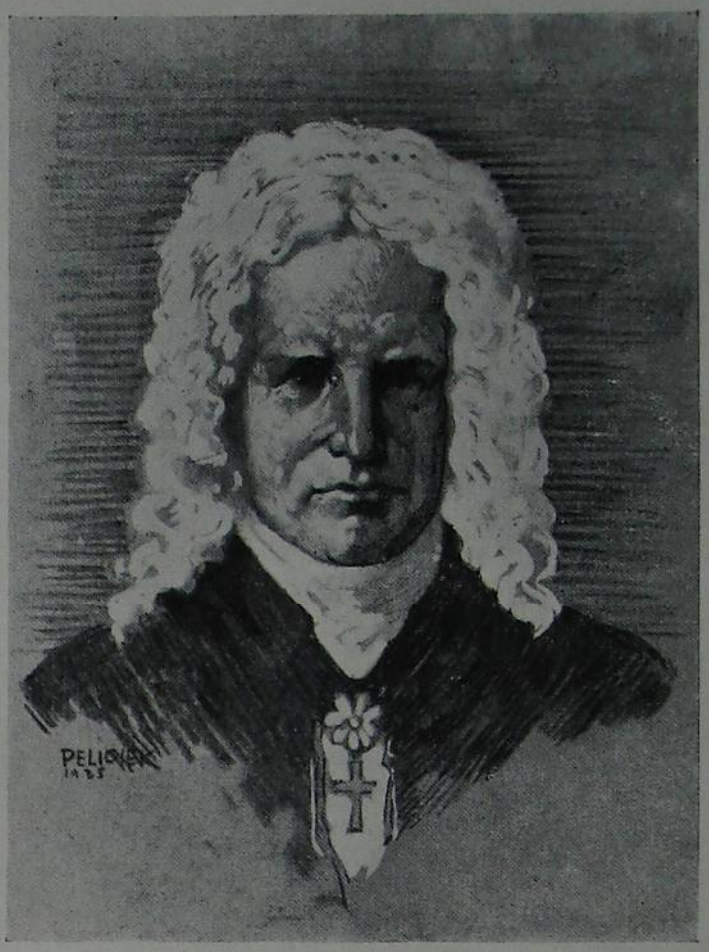
Alguns casais dessas espécies eram trazidos e deixados sem mais cuidados, nessas imensas pastagens rurais. Os sítios escolhidos para início da criação eram as confluências de rios, os chamados rincões. Alí os rebanhos ficavam, a comêço, mais ou menos detidos pelas linhas dágua e encontravam os mais tenros pastos.

Criaram-se assim as famosas VACARIAS e estâncias jesuíticas. A falta de consumidores locais havia de determinar, alguns decênios mais tarde, a desvalorização do produto principal: matava-se o gado para aproveitar apenas o couro, que se podia remeter para pontos longínquos.

A êsse tempo, o consumo sempre crescente de animais de carga, a-par das exigências elementares, fazia das regiões centrais do Brasil, onde febrilmente se lavravam as minas de ouro, bons mercados para os produtos de pecuária que espontâneamente se desenvolvia nas terras misteriosas do extremo-sul, ao norte das águas hostís do Rio da Prata.

À imperiosa necessidade de alimentar-se, de vestir-se, enfim, de viver, sentida impiedosamente pelo homem, deve a humanidade grandes cataclismas sociais e também o imenso progresso de que desfruta hoje o mundo moderno. (3)

Às mesmas causas deve o Brasil de nossos dias a aquisição dos imensos territórios que constituem



Silva Paes, o fundador do Rio Grande. Desenho de Francis Pelichek, segundo foto existente no Museu do Estado, e de uma tela que existia na Santa Casa, do Rio.

o seu interior e o seu extremo-sul. Gente enérgica, vinda de além-mar no firme propósito de vencer ou morrer, não podia resignar-se a viver miseràvelmente, tendo ao alcance da mão riquezas que haviam de pertencer a quem primeiro ousasse enfrentar os perigos incertos que os cercavam.

Instalados em Laguna, a que se chegava por mar e através de uma barra de difícil acesso, cercados de areais, os homens partidos das costas de São Paulo haviam de voltar dentro de pouco tempo as suas vistas para o sul.

Do observatório da Laguna, mais do que do centro da colônia, podia-se espreitar os rumos do sul. Porisso, não é de admirar que êsse ponto perdido entre os areais da costa inhóspita se tornasse o trampolim para o salto do Brasil ao Rio da Prata. A povoação em si não seria menos que um degrêdo. A população viveria da pesca, pois a sua alimentação havia de ter por base o peixe. Um século mais tarde, os viajantes saem dalí sem saüdade; é que sem poder tornar-se um verdadeiro entreposto comercial, por falta de uma entrada marítima sempre franca, em suas ruas estreitas amontoam-se couros crús, cujo cheiro desagradá-

(3) A falta de recursos para manter as energias vitais e a ambição de riquezas têm contribuído decisivamente para o progresso dos povos. A revolta íntima do indivíduo contra as cadeias que o prendem a um solo pobre, a uma sociedade miserável, dá-lhe coragem para arremeter contra os maiores perigos e energia para atirar-se aos mais rudes trabalhos. Surgem pouco a pouco idéias heróicas que enlaçam insensìvelmente os membros da mesma sociedade. Depois disso, os eleitos do mérito e da coragem desaparecem no seio das massas populares, que sobem de nível, e vêm confundir-se com êles. Assim se explica que certas fases da história, embora grandiosas, sejam paupérrimas de grandes homens, dando a impressão de que massas populares proscreveram-se os seus líderes.

vel vai juntar-se ao das gorduras dos pescados, provocando náuseas.

A primeira travessia que se faz pela orla oriental do território riograndense realiza-se, paradoxalmente, do sul para norte. No decorrer das aperturas da guerra, o govêrno do Rio de Janeiro esforça-se em abrir comunicações terrestres com a praça da Colônia do Sacramento; os de Colônia procuram igualmente ligar-se por terra ao centro do Brasil.

E são os primeiros a realizar — um tal intento, através da hoje campanha uruguaia e do Rio Grande do Sul.

Além dêsses elementos que voltavam suas vistas para o território sem dono ao sul das cabeceiras do rio Uruguai, atraídos pelas exigências econômicas ou impelidos pelas necessidades políticas, há outros que se esgueiram para alí sem deixar seus nomes registrados nas memórias dos arquivos: são os que têm contas a ajustar com a justiça do rei. Criminosos, mas destemidos, penetram resolutamente pelas terras bravias do extremo meridional do Brasil de hoje e dos países vizinhos e vão estabelecer-se bem longe dos soldados da lei. Cuidam, com alguns dedicados assequazes, da própria segurança. Obtêm a amizade e os serviços de certos grupos selvagens. Resolvem pela lei do mais forte as suas íntimas contendas, muitas vezes trabalham e se regeneram, morrem ou matam, em qualquer dêstes casos, sem remorsos. Dêsses não eram poucos os que, ao se verificarem as primeiras ENTRADAS ao sul do rio Uruguai, haviam fundado estâncias do tipo primitivo.

Os desertos, as feras, os homens de má vida, as possíveis investidas dos exércitos rivais, faziam do território que se estendia da cabeceira do rio Uruguai para o sul, a L. das cumeadas da Cochilha Grande, um teatro de aventuras. As amizades ou hostilidades dos selvícolas, as agressões ou a aliança dos MATADORES alí radicados, eram capítulos da vida real daquelas paragens.

Deviam estar as coisas nesse pé, quando o govêrno central resolve intervir ao sul das cabeceiras do rio Uruguai e conduzir numa direção dada os acontecimentos, que até êsse ponto se tinham conduzido por si mesmo.

Em 1715, o govêrno do Rio de Janeiro ordena ao capitão-mór da Vila da Laguna, Francisco de Brito Peixoto, que mande reconhecer o território ao sul, até Colônia do Sacramento. Parece que antes disso, o próprio fundador da Laguna, Domingos de Brito Peixoto, penetrara até a região de Botucaraí, isto é, além do Rio Pardo, o que devia ter sido feito cortando a extremidade meridional do planalto. Êsse primeiro reconhecimento levado a cabo por ordem superior, e dirigido pelo genro do velho Brito, chega até São Domingos de Soriano, na atual República Oriental do Uruguai. Até lá, tudo é terra sem dono. Um segundo golpe de sonda, melhor organizado, mais forte e ainda beirando o mar, vai até a reentrância costeira de Maldonado, ainda sem dono. Alí já se divisam rebanhos de bovinos, sôbre os quais o bando explorador faz mão baixa.

De posse dessas e de outras informações obtidas dos índios e dos próprios espanhóis que chegam a Laguna, o govêrno central da colônia exige mais: quer que o próprio capitão-mór desça e vá fundar uma povoação muito mais ao sul.

Há muitas coisas que não são escritas e que porisso não podem ser encontradas mais tarde pelos rebuscadores de arquivos. Essas lacunas são preenchidas pelo bom senso, quando o raciocínio conduz a determinada hipótese.

É assim que se pode admitir que as informações recebidas pelo govêrno central, e mesmo pelo de Lisboa, tenham levado à conclusão que seria oportuno tomar posse da orla marítima ao sul das cabeceiras do rio Uruguai, uma vez que o adversário secular, instalado a oeste e ao sul, se achava retardado.

Esta hipótese parece a mais natural e se subordina perfeitamente de uma parte aos fatos que podem ser considerados como ponto de partida da ação portuguesa entre Colônia e Laguna e de outra, às finalidades alcançadas.

Qual o meio mais eficaz para dominar o interior dessa extensa faixa costeira? Apoderar-se sucessivamente das aberturas marítimas: Rio Grande, Maldonado, Montevidéu. O resto é costa inhóspita, mar bravio, regiões que hão de cair em mãos dos que dominarem as reentrâncias que constituem os abrigos marítimos. Esta conclusão é justificada pela missão dada ao capitão-mór da Laguna, de apoderar-se do Rio Grande de São Pedro, isto é, da primeira entrada marítima que se apresenta ao sul de Santa Catarina.

O bando de lagunistas, mandado na espinhosa missão de povoar as imediações da barra do Rio Grande, passa à história com o nome de frota de João de Magalhães.

Sabe-se que o capitão-mór, velho e doente, fez-se substituir pelo seu genro, mas deixa de ter explicação lógica para o emprêgo do têrmo frota, que em todos os dicionários serve para designar conjunto de embarcações. É bem possível que ao contrário do que afirmam todos os historiadores, o bando de João de Magalhães tenha utilizado para o seu transporte os frágeis navios de pequeno porte, tão empregados à sua época, para o tráfico marítimo costeiro.

Onde conviria localizar a guarda do pôrto? A resposta só pode ser dada levando em conta os bens naturais que constituíram a fôrça propulsora da arremetida, imposta aos particulares de Laguna pelo govêrno central.

Do rio Camaquã para o sul, as famosas vacarias do mar, comportavam-se como um imenso imã. O gado abundava por aquelas campinas e era considerado sem dono. A marcha das tropas alí arrebanhadas para os mercados do centro do Brasil havia de fazer-se pelo primitivo caminho que mais



UM DOCUMENTO DA LUTA DE FRONTEIRAS

Mapa do acampamento de Gomes Freire, quando nas margens do Jacuí, em setembro de 1755, por ocasião da cheia então verificada, seguia para a missão da demarcação de fronteiras.

ou menos margeia a praia, talvez um tanto mais para o interior, para encontrar pastagens. E êsse caminho havia se tornado a estrada obrigatória dos tropeiros.

De qualquer modo, não era possível desviá-lo do canal do Rio Grande. Assim, ao valor político das reentrâncias como a do Rio Grande, é preciso acrescer a situação de passagem cômoda e única da margem sul para a margem norte do canal.

Aí devia ficar a guarda, fechadura indispensável para impedir que os escravos fugidos, desertores das tropas reais e descontentes, passassem para as terras da Espanha e que de lá nos viessem o contrabando das boiadas e os concorrentes alienígenas nos domínios econômicos.

A presença de uma pequena guarda no Rio Grande representa, ainda, a meia segurança que os portugueses passaram a gozar entre êsse ponto e a vila de Laguna.

Multiplicam-se a partir daí as entradas. Muitos trazem os seus haveres, notadamente escravos. Desce, a partir dessa época, uma onda de pretos e mulatos sôbre as campinas do sul. Em menos de um século já eqüivalem em número à metade dos habitantes brancos. Cruzam-se as três raças, e uma delas, a indígena, entra logo a ser absorvida, notadamente pela raça branca, o que se explica pela beleza das chinas, mulheres que nascem da união dos brancos com as índias. Na segunda, e principalmente na terceira geração, desde que não se verifiquem desvios no processo de cruza, o tipo ariano prevalece difinitivamente.

Ficam frente-à-frente, sem que se saiba até quando, brancos e pretos, entre os quais, como um hifen étnico, borbulham os mulatos, tipos de transição.

Como fossem raras alí as mulheres brancas, as uniões, quer ocasionais, quer permanentes, entre homens brancos e índias, deviam ter sido as mais comuns. Aliás, as pobres mulheres americanas deviam ter sido conduzidas à fôrça, se não por interêsse, a encher de uma larga descendência de mestiços os primitivos ranchos riograndenses.

Ao multiplicarem-se as estâncias, o concubinato deveria crescer sempre mais e mais. A mestiçagem melhoraria a aparência das mulheres e facilitaria a aproximação entre os idos de outras terras e as raparigas nascidas em território riograndense. Surgiriam assim dois tipos novos, embora originários de troncos irmãos: o caboclo e a china. Um é o herói, o façanhudo autor de mil proesas eqüestres e guerreiras, a outra, a amorosa e humilde servidora do seu homem, a inspiradora apagada e anônima de tantos atos que haveriam de levar, dos lares para a história, a fama sem par dos seus descendentes.

Em época recuada, o território do Rio Grande fôra sondado em vários sentidos, em busca do ouro. Êsse ouro, porém, não chegou a ferir com as suas agulhas a sola dos pés dos homens das "entradas", mas a campina sem fim abria os seus seios macios, que se oferecia à constância e à energia para criar um ouro rubro, de que a humanidade é tão ávida como do outro — os rebanhos, a carne.

Examinados os movimentos migratórios que deram lugar ao povoamento ariano do Rio Grande, podemos verificar a existência de quatro ondas de afluência: a das bandeiras paulistas, de difícil verificação, a dos elementos de origem americana, vinda efetivamente da parte central do território proveniente do centro do Brasil, a dos elementos de origem híspano-lusitana, proveniente da península Ibérica ou dos Açores; a moderna, começada nos primeiros anos do século passado e continuada até hoje, em que predominam numèricamente os elementos alemães e italianos. Dêsses arianos descemos todos, embora muitos dos nossos tenham dentro de suas veias sangue africano ou mesmo algumas gotas de sangue americano.

Ainda está por medir-se a contribuïção da raça negra e a da raça americana para a formação do tipo médio nacional; ainda por muitos anos continuará o caldeamento dentro de nossas fronteiras, antes de atingirmos a desejada uniformidade étnica. Até lá, havemos de ostentar vários tipos, com acentuada predominância do ibérico. Aliás, entre o português do continente e essas ilhas, portuguesas, que nos trouxeram tão apreciável contribuïção, não se nota a tão gabada uniformidade biotípica. Basta verificar que uns são altos e outros baixos, uns braquicéfalos e outros dolicocéfalos.

Tenho dúvidas sôbre a possibilidade futura de chegar ao tipo único entre nós, mesmo após demorado e intensivo cruzamento.

A preponderância do sangue lusitano na primeira formação do homem do Rio Grande pode ser verificada pelo espírito e pelos modos de viver da maioria da população. O fato dos elementos germânicos ou itálicos adotarem costumes que nos vêm da península ibérica, indica uma influência do maior número e de uma mais forte tradição histórica e racial. Assim, das correntes migratórias germânicas de 1824, de 1850 e mesmo um pouco mais recentes, nem mais se fala. Absorvidas, fundidas na massa de origem lusitana, são os seus elementos outras tantas famílias brasileiras. O mesmo há de ocorrer com as demais correntes imigratórias que continuam a chegar.

A-pesar-dessas primeiras entradas e das levas de soldados e de aventureiros que se radicam no território riograndense, continuava êle vazio. Já nos começos do século XIX é que se inicia o povoamento racional daquela região. Predominam os agricultores entre os recém-chegados, ao passo que os descendentes dos mais antigos povoadores continuam voltados para a pecuária. Dentro de pouco tempo, entrelaçam-se pelo sangue e pelos interêsses. São geralmente analfabetos e isso contribue grandemente para o enfraquecimento de velhos laços deixados longe daquí.



A LUTA PELA DEMARCAÇÃO DOS LIMITES HISPANO-LUSITANOS

Mapa da expedição de João José de Vertriz sôbre Rio Grande e Rio Pardo em 1773 (Arquivo Geral das Índias-Sevilha).

As guarnições militares passam a exercer marcada influência na criação e no desenvolvimento das povoações riograndenses. Quasi tôdas as velhas cidades e vilas desta parte do território brasileiro nasceram geralmente de um acampamento ou de um pôsto militar. Pôrto Alegre mesmo, onde havia pequeno povoado antes da chegada dos soldados, não foge à regra. Rio Pardo é exemplo típico. São Gabriel surge nas proximidades da Capela de Batoví, onde houve uma guarda; Pelotas, Jaguarão, Bagé, Santana, Alegrete, e tantas outras localidades importantes têm a mesma origem.

Para Rio Pardo, onde criam um pôsto fortificado, enviam os consolidadores da posse lusitana uma guarnição permanente, para guardar os confins incertos da fronteira pactuada em 1750. Mas, por que alí e não noutro ponto? Naturalmente, pelas imposições dos mais significativos acidentes geográficos da região. De uma parte, a confluência de dois rios, o Pardo com o Jacuí, oferece uma visível segurança contra as surpresas do adversário de então; de outra parte, a esteira líquida do conjunto Jacuí-Guaíba-Lagoa dos Patos proporciona uma linha de comunicações sempre franca e que pode ser considerada perpendicular ao centro da frente de operações, cuja base excepcional se achava no Rio Grande, junto à barra. A-pesar-do fracasso dessa primeira tentativa, Rio Pardo sobrevive, graças a sua situação geográfica. Cresce e se povoa, surgindo da terra como uma dádiva do Jacuí, de que o forte Jesús Maria José é o primeiro elemento. Celebrizam-se nomes e aumentam-se as riquezas, quando Pôrto Alegre assume definitivamente as funções de base de operações militares.

De Rio Pardo para cima, o Jacuí já não pode funcionar como linha de comunicações, pela insuficiência de suas águas. E daquí, até certo ponto paradoxalmente, vem o brilho que envolve uma fase de sua história: é alí que se condensam as energias que hão de se espraiar para o desejado oeste e para o noroeste. Partindo dalí, as guardas vão sendo cada vez levadas mais longe. Dominada a parte baixa do Jacuí, assegurada logo depois a posse da parte média do rio, a marcha para o oeste difícilmente poderia ser detida. Havia de seguir-se, por um movimento instintivo das massas, a dominação integral de tôda sua bacia hidrográfica. Assim a geografia antrópica explica em seus fundamentos a arremetida para o vale do Vacacaí.

Lá por 1797, um acampamento dá origem à cidade de Santa Maria, junto à linha dágua de um riacho. Os soldados casam-se e fixam-se alí. Atraem outras pessoas. Colocado êste feicho às portas do noroeste inamistoso e cortadas as relações normais entre a serra e a planície central do Rio Grande, o vale do Vacacaí ficava à mercê dos lidadores de Rio Pardo e estava por conseqüência com os seus dias contados. O adversário, impelido pelo instinto, tenta reagir, mas à míngua de elementos militares, responde com a criação do povoado de Batoví, porém, já muito tarde (1801). Abandonando o caminho que passava pela Bôca do Monte, isto é, por Santa Maria, pretendia mudar a sua linha de operações, criar uma base de partida, para tomar de revés a posição alcançada pelos rivais. Golpe mal metido, falha inteiramente. A cidade de São Gabriel, embora surgindo num sítio próximo e não precisamente alí, é o fruto das reações que tais acontecimentos provocam.

O movimento na direção geral de oeste pode ser ameaçado no momento pelos elementos adversos acumulados a noroeste e que têm o seu caminho mais expedido pela serra de São Martinho. Há por conseqüência necessidade de cobrir a arremetida para êsse lado, o que é levado a efeito pela ocupação da região de Santa Maria da Bôca do Monte, operação que importa em cortar as comunicações da região missioneira com o vale do Vacacaí. Seccionada essa artéria de um modo permanente, não só o vale do Vacacaí há de cair por si, ou com muito pouco trabalho para os nossos, como desaparecem tôdas as ameaças para a cabeceiras dos afluentes do Uruguai e fica assegurada uma base de partida na arremetida para a região missioneira, arena onde em definitivo haviam de encontrar-se dois ramos da mesma civilização.

Passando às leis geo-políticas que presidiram a essas ações, relativas ao domínio do sistema fluvial do Vacacaí e Jacuí, vamos ver que os de Castela chegaram a possuir as cabeceiras e que os lusos fizeram-se donos da embocadura dêsses cursos dágua. As vantagens no terreno tático pertenciam aos que vinham de oeste, os quais, partindo das nascentes dos rios, poderiam descer mais fàcilmente na sua direção de marcha e que, além disso, dispunham de maiores facilidades para manobrar nas duas margens do rio principal, sempre transponível com pouco custo nas altas regiões das suas cabeceiras; para os de Portugal pendiam os pratos da balança nos domínios estratégico-logísticos, uma vez que são as partes inferiores dos rios que se prestam à navegação e constituem o melhor resguardo para as bases de operações.

Em traços gerais, o problema que se deparava aos espanhóis não era dos mais simples e a sua complexidade decorria do afastamento dos centros em que se acumulavam os seus recursos; da parte dos lusos as facilidades eram muito maiores, graças às bases de operações que êles haviam criado no vale do Jacuí. Era um caso a apresentar-se dentro das mesmas linhas gerais do que se criou com a fundação da Colônia do Sacramento. Agora, porém, as bases castelhanas é que ficavam demasiadamente longe, deixando a vanguarda do Batoví sem apôio.

É bem verdade que a região missioneira constituia para o adversário dos lusos uma vasta cabeça de ponte, lançada instintivamente sôbre a margem esquerda do Uruguai; no entanto, como base de partida deixava de ser excelente, visto

achar-se situada muito ao norte, isto é, ser excêntrica.

O rio Uruguai, cortado a cada passo pelos ressaltos do derramamento trapeano que em fins da era paleozóica cobriu aquelas paragens, deixa de ser regularmente navegável de São Borja para cima e, se valioso como linha de barragem para um contendor colocado atrás dele, como linha de comunicações — e de mais a mais, lateral — pouco serve.

Chega assim o momento em que o problema que se propunha aos lusos era de ordem geográfica-militar e não política. Instalados sôbre os chapadões da Cochilha Grande, os guerrilheiros de Rio Pardo iam ficar em condições de tomar pelas cabeceiras todos os afluentes da margem esquerda do Uruguai.

O Vice-Reinado de Buenos Aires, criado em 1776, aproximava-se de seu fim. Vivera vida efêmera e, até certo ponto, gloriosa; no entanto, a fôrça tantas vezes ostentada provinha da hegemonia espanhola na península ibérica. Desde que as dificuldades internas da metrópole se fizeram sentir, a potência colonial platina entrou em decadência. Por outro lado, as populações missioneiras não se sentiam prêsas pelos laços de uma pátria comum ao domínio de Buenos Aires, nem anteviam impecilhos religiosos do lado de cá.

Assim, desapareciam os motivos sentimentais mais dolorosos de sufocar. O Vice-Reinado atravessava também uma quadra calamitosa para a sua economia e isso por certo repercutia desastradamente na região missioneira. Gente acostumada realmente a viver de quasi nada, ainda assim sonhava com tempos bem melhores, sempre prometidos pelas grandes transformações sociais. Nestas condições, quando a espada de Rio Pardo chegou às portas das chamadas Missões, só encontrou a fraca resistência de alguns chefes militares baldos de recursos e sem amparo decidido nas populações locais.

Nem por isso é pequena a glória dos milicianos e aventureiros, que galgaram de um salto as margens ambicionadas do Uruguai. Movidos antes por desígnios de ordem econômica do que por considerações de ordem moral, foram os executores duma sentença de Deus, proferida nos velhos pleitos de Portugal e Castela. Tinham preparado em meio século bem contado, firmando bem o pé a cada passo dado para oeste, êste êxito grandioso.

A êsse tempo, já tem começado o ataque dos aventureiros, por todos os lados, dos territórios que se estendem do Rio Grande do Sul até às margens do Prata, isto é, contra todo o território sul-riograndense e da atual República Oriental do Uruguai.

Bandos numerosos de arrebanhadores de gados alçados, de matadores de animais de que se aproveitam apenas certas partes consideradas mais fáceis de transportar, abordam essas terras, vindas dos quatro pontos cardiais.

Vieram os chamados FAENEROS, que provinham do território da atual Argentina, numa situação perfeitamente legal, vieram os CHANGADORES, espanhóis, indígenas ou mestiços, os arrojados descendentes dos lusitanos, e, enfim, os tropeiros indígenas mandados das dependências dos padres missionários e os tropeiros portugueses, vindos da região ao norte das cabeceiras do rio Uruguai.

A violência campeava nessa tênue sociedade, onde os homens eram relativamente poucos, mas os cães abundavam e se constituiam em bandos de verdadeiros salteadores. "O capitão de Luiz de Sosa Mascarenhas, alcaide de Santa Irmandade, representou em 1730 perante o Cabildo de Montevidéu sôbre a urgência que havia em que o auxiliassem com 30 homens armados para percorrer a campanha, o que não podia fazer só com os quatro indivíduos, como sucedia em tempos anteriores por motivo de se haverem reünido aos portugueses os changadores, cada um dos quais tinha delitos como Judas".

Para caçar o gado, o método empregado consistia em atropelar os animais até apertá-los de encontro a um rio ou arroio, onde cada animal era REGEITADO, isto é, tinha o tendão de um dos pés cortados por um golpe dado com uma espécie de lança, guarnecida em sua extremidade por uma meia lua de aço muito afiada. O bruto cai logo depois. Os perseguidores apeiam-se e o matam, mais ou menos indefeso. Tiram-lhe o couro, e às vezes, a língua e o sebo. O resto fica abandonado aos cãos bravios, que com o tempo vieram a causar grandes males às fazendas e aos viajantes, sendo preciso organizar verdadeiras expedições para exterminá-los.

A moda pegou de tal forma que os rebanhos formados noutros pontos, muito mais ao norte, foram devastados para o simples aproveitamento do couro, matéria-prima a que então se davam mil aplicações hoje abandonadas.

O próprio território riograndense, regularmente ocupado pelos nossos soldados, ficou desprovido de gados e foi necessário adotar medidas especiais para os matadores. A carne chegou a faltar para a alimentação dos habitantes da nova circunscrição política lusitana.

A indústria do charque só muito mais tarde havia de surgir sob moldes estáveis.

A partir daí tem-se a impressão que a fronteira acha estabilidade. Mas, só pouco a pouco vai se consolidando. Ao entrar na quietude dos tempos, asfixia lentamente o povoado que às margens do Jucuí levara até então vida heróica e gloriosa e trabalhosa.

Desempenhados os papéis de ordem militar que lhes couberam nesses quadros históricos, Rio Grande e Rio Pardo viram cair lentamente o pano sôbre os seus cenários, outrora atingidos.

AS ANTIGAS MISSÕES JESUÍTICAS

Pelo P. LUIZ GONZAGA JAEGER, S. J.

JUSTIFICATIVA

Acreditam, equìvocamente, alguns patrícios nossos que a história do Rio Grande do Sul começa apenas no século 18, com a penetração lusitana em nosso Estado. Levados uns pela ignorância, outros quiçá por certa prevenção, nenhuma referência fazem, ou quanto muito sumária, à riquíssima história dos nossos índios desde a época em que êsses silvícolas entraram em contacto com o homem civilizado nos primórdios da 17.ª centúria, alçando-se em brevissimo lapso de tempo a tal grau de civilização que a história imparcial considera a prosperidade atingida pelos Trinta Povos, — dos quais os Sete Povos da Banda Oriental do Uruguai pertenciam ao Rio Grande do Sul, — como um prodígio único de educação etnológica no Continente Americano.

Verdade é que naquele período êsses ameríndios prestavam tal qual vassalagem de submissão e de tributo à coroa da Espanha, como moradores de uma faixa de terra que, em virtude do tratado de Tordesilhas, de 7 de junho de 1494, caía indiscutìvelmente na partilha espanhola, sem falarmos do direito que a isso lhe assistia como primeira ocupante daquelas terras.

Só no alborecer de século 19 é que os nossos antepassados luso-brasileiros, levados por seu ideal expansionista, ocuparam o território das antigas Missões, incorporando-o na grande pátria brasileira em conseqüência de tratados ou dos direitos da conquista armada. Desta forma entramos na posse da herança dos guaranís e demais aborígenes gaúchos, ocupando-lhes as terras ou absorvendo-lhes o sangue mediante matrimônios, e ainda conservando-lhes carinhosamente os magníficos monumentos históricos, como mudas testemunhas de um passado que não volta mais.

Dedicando-lhes, pois, ao menos algumas singelas páginas na presente obra, não resgataremos apenas uma dívida que já é velha, como vulgarizaremos uma das fôlhas mais brilhantes do passado histórico do Rio Grande do Sul.

1. OS PRIMITIVOS HABITANTES DO RIO GRANDE DO SUL

No segundo quartel do século 17, quando os missionários da Companhia de Jesús se lançaram à ímproba tarefa de cristianizar os gentios que se dilatavam desde as margens do alto Uruguai até as praias atlânticas, toparam com diversas raças de bárbaros, sendo as principais os TAPES (= os do arraial, ou lugar onde esteve o povo), que alguns historiadores identificam com os GUARANÍS (= guerreiros), povos que ocupavam a região serrana desde Passo Fundo até a bacia do baixo Jacuí e as margens do Ibicuí, como ainda as férteis ribanceiras banhadas pelos rios Piratiní, Ijuí e Comandaí. A metade sul do Estado, entretanto, era habitada pelo importante grupo GUAICURÚ (= sapo), com os seus troncos mais destacados de GUENOAS, CHANÁS, IARÓS, BOANES, CHARRUAS e MINUANOS. Mais para o Nordeste encontramos ainda alguns núcleos menores de CAÁGUAS, CAAMOS e IBIANGUARAS. Todos êles formavam uma população que orçaria aproximadamente em 300.000 almas.

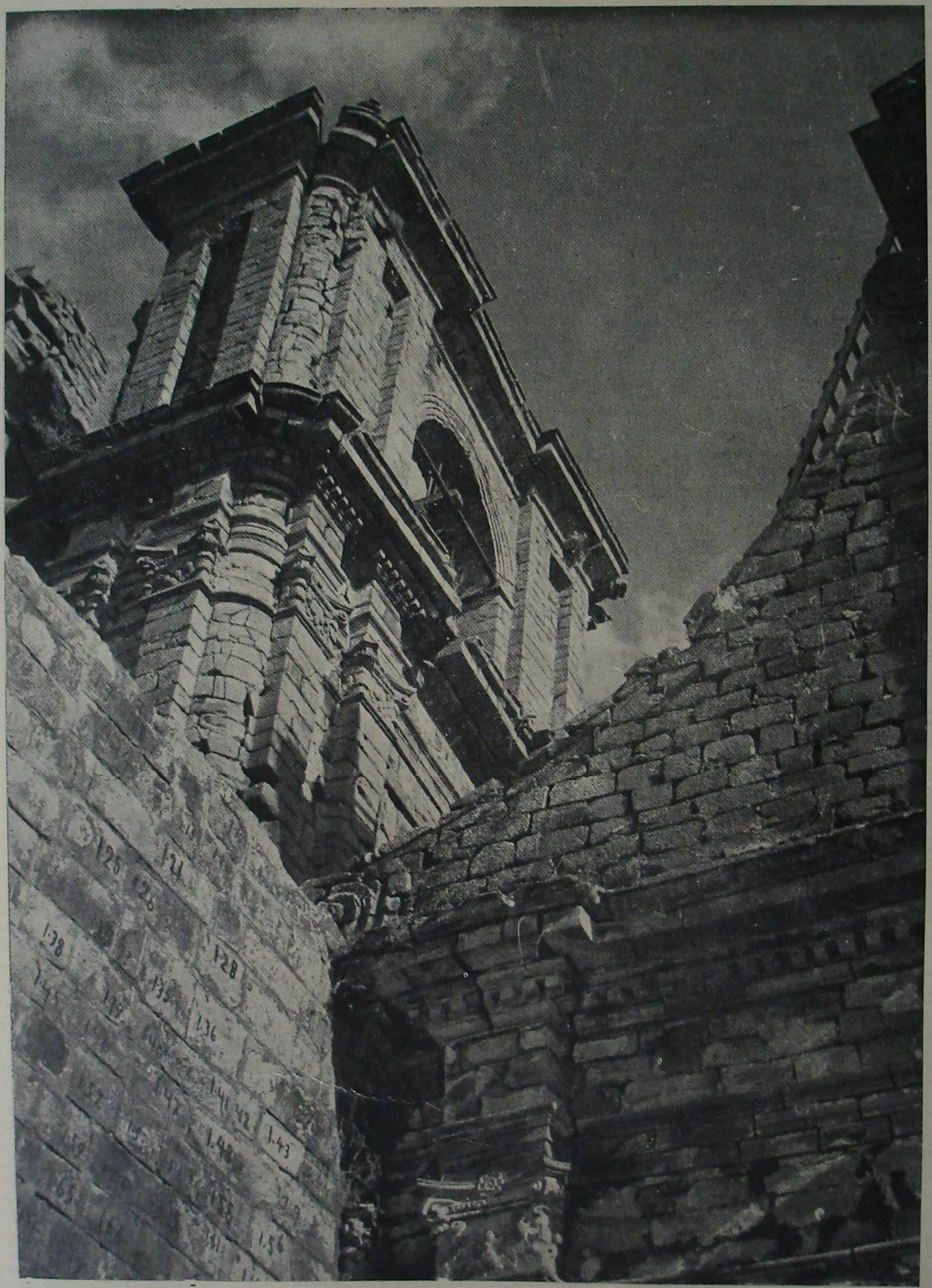
Eram todos atrasadíssimos, mesmo em confronto com os demais autóctones sul-americanos, submersos em degradantes vícios, entregues a uma indolência quasi absoluta. Afeiavam-lhes ainda a índole os defeitos da embriaguez, da vingança e uma tal qual antropofagia, posto que menos aguda do que em outros pontos do nosso Continente.

Obedeciam, ordinàriamente, a um murubixaba geral, a quem estavam subordinados diversos tuxavas, ou caciques menores, que moravam com a sua estirpe em grandes barracões, numa promiscuïdade anti-higiênica e anti-moral. Contudo, os verdadeiros dominadores da plebe eram os pagés, ou feitiçeiros, sujeitos perversos e egoístas, que, abusando das suas artes mágicas, apavoravam e exploravam a ingenuïdade das suas vítimas. Foram êles, sempre e em tôda a parte, o maior óbice à penetração do evangelho em terras americanas.

2. O PIONEIRO DA CIVILIZAÇÃO RIOGRANDENSE

O homem providencial, chamado para iniciar a cristianização do índio gaúcho, foi Roque González de Santa Cruz, S. J., genuíno sul-americano, nascido em Assunção do Paraguai no ano de 1576. Embora falasse correntemente a língua dos guaranís e viesse com intuitos de paz, houve de teimar mais de 6 anos até quebrar a resistência dos moradores da margem do alto Uruguai, conseguindo atravessar o grande rio, afim de lançar, em 3-V-1626, os fundamentos de São Nicolau, primeira REDUÇÃO (isto é povoado indígena cristianizado), a 39 km para o Ocidente de São Luiz Gonzaga.

Após isso, o P. Roque tentou penetrar pelo leito do rio Ibicuí acima, no intuito de atingir a



RUINAS DA REGIÃO MISSIONEIRA

Detalhe do templo de São Miguel, construído pelo arquiteto milanês Giovanni Primoli, de 1735 a 1744, com o auxílio da população indígena daquela redução. Por ocasião da recente restauração, os blocos de pedra foram numerados para facilitar sua colocação no mesmo lugar.

famosa tribu dos tapes, dos quais tanta fama corria pelo Rio da Prata. Malogrou-se a tentativa na parte de civilizar os tapes; mas o indefesso apóstolo colheu, entretanto, outro resultado, e bem valioso para os pósteros. Havendo conseguido arrancar dos seus contrários, mediante generosos prêmios e boas palavras, a permissão de examinar ao menos a terra que habitavam os tapes, tendo-a visto minuciosamente, deixou-nos dessa porção do Rio Grande do Sul a primeira descrição geográfica, orográfica, potamográfica e etnográfica, referente ao ano de 1627. Em nossa obra "Os Heróis do Caaró e Pirapó" (Pôrto Alegre, 1940, cap. 24, Livraria do Globo), reproduzimos na íntegra e comentamos êsse precioso documento.

Roque González que, além de verdadeiro santo, beatificado já pela Igreja, era ainda um eminente engenheiro e agricultor, fundou em 1627 e 1628 as reduções da Candelária, Assunção do Ijuí e Caaró nas margens do Piratiní e Ijuí, terminando gloriosamente a sua atividade civilizadora aos golpes de itaiçá (clava de pedra) de alguns feiticeiros em 15-XI-1628, ensopando com o seu generoso sangue o solo riograndense.

Embora não visse terminada a sua obra, qual era a conversão dos tapes e guaranis, que deveria ocupar um extenso cordão de reduções desde as margens do Uruguai até as praias do Atlântico, seus irmãos de hábito, os filhos de Santo Inácio, seguiram com indomável denôdo na trilha do grande mestre.

3. UM INÍCIO ALVIÇAREIRO

Em 1628 e 1629 chegou o primeiro refôrço de missionários, desalojados do "hinterland" paranaense, onde o terrível preador português Antônio Raposo Tavares arrasara pouco antes oito florescentes reduções já meio civilizadas, arrastando cêrca de sessenta mil índios cristãos aos mercados de escravos de São Paulo, Rio e Pernambuco. As três restantes reduções, dominadas pelo temor pânico, guiadas pelos intemeratos Padres Antônio Ruiz de Montoya, peruano, e Cristóvão de Mendoza, boliviano, em número de 12.000 almas, escaparam 1.500 km os rios Paranapanema e Paraná abaixo, perdendo nessa fuga verdadeiramente épica não só todos os seus haveres, como ainda oito mil pessoas, vítimas dos bandeirantes, das feras, das epidemias e da fome. Os restantes 4.000 guaïrenses acharam acolhida favorável perto de Posadas, ao Noroeste argentino.

Alguns dos Padres vindos de Guaíra, associados a vários outros europeus, penetraram com redobrado esfôrço na terra dos tapes, entre os graus 28 e 30 Latitude Sul. Desta maneira foram surgindo sucessivamente do sertão riograndense novos núcleos, como São Carlos (entre Cruz Alta e Carasinho), São Miguel (a primitiva), São Tomé, São José, Natividade e São Cosme e Damião, tôdas localizadas nos municípios que se estendem desde Alegrete até Santa Maria.

Após isso galgaram a Serra, onde criaram a povoação dos Apóstolos (perto da cidade de Ijuí), e Santa Teresa (nas imediações de Passo Fundo, mais tarde transferida para a divisa de Palmeira, Cruz Alta e Carasinho). Logo a seguir, achando-se bem dispostos os índios da banda esquerda do Jacuí, fizeram surgir Santana, Jesús-Maria, São Cristóvão, nos hodiernos municípios de Cachoeira, Rio Pardo e Santa Cruz.

Essa grandiosa obra foi realizada por um punhado de audazes e abnegados bandeirantes de Cristo no brevíssimo lapso de 1631 a 1634.

Como os tapes fossem dóceis e começassem a amar seus Padres e Mestres, e a sua terra fosse feraz, os missionários puderam ensinar-lhes a multiforme atividade agrícola, da qual surgiram em nosso Rio Grande as primeiras roças de milho, de mandioca selecionada, algum trigo e hortas com grande variedade de hortaliças, sobretudo na Serra. As casinhas higiênicas, embora pequenas segundo o gôsto dos índios, construídas em lugares saudáveis e férteis, regados de águas abundantes e matos suficientes, transformaram bons trechos do antigo Rio Grande em pequenos viveiros no meio do sertão.

Entretanto surgiu um sério problema, cuja solução imediata se impunha a todo transe. Em virtude de sêcas prolongadas ou de enxurradas impiedosas, bastante comuns ainda hoje nesta parte do Brasil, os Padres se convenceram de que a só agricultura não assegurava suficientemente a estabilidade das reduções. Se o índio estava com fome, fugia para a floresta ou os rios, esquecendo todos os demais deveres.

Tendo examinado cuidadosamente a condição dos campos gaúchos, com pastos abundantes durante todo o ano, capazes de alimentarem grandes manadas de gado, cuidaram os jesuítas que a solução do problema estava na introdução do gado vacum.

Em princípios de 1634 partiram pois os Padres Cristóvão de Mendoza e Pedro Romero a Corrientes, onde o opulento fazendeiro português Manuel Cabral de Alpoim lhes vendeu cêrca de mil vacas e alguns touros, tangidos com imenso trabalho ao Rio Grande do Sul pelos dois missionários jesuítas, feitos os primeiros tropeiros das nossas cochilhas. Foi uma idéia felicíssima que ia dar ao nosso índio uma alimentação boa, fácil e abundante, sem falarmos dos múltiplos derivados anexos. Essa data memorável para a história riograndense merece registo especial.

4. ANIQUILAMENTO BRUTAL DE 18 REDUÇÕES

Graças à solicitude dos Padres, os armentos iam-se multiplicando a olhos vistos e tudo prometia um futuro auspicioso para os nossos irmãos das selvas gaúchas, não fosse a cupidez e crueldade de um inimigo insaciável do guaraní, que varreu como vendaval a incipiente cultura riograndense.

Foram hordas aguerridas de tupís, capitaneadas por bandos de mamelucos de Piratininga, que, — acaudilhados em 1636 por Raposo Tavares, em 1637 por André Fernandes (ou Francisco Bueno), em 1637/38 por Fernão Dias Pais, em 1638 por Domingos Cordeiro, — com furor indomável agrediram as reduções da bacia do Jacuí e logo as da Serra, prendendo ou matando os infelizes índios, impotentes para enfrentar armas de fogo. Depois de incendiar desapiedadamente os povoados, voltaram os "heróis" carregados de despojos e escravos para São Paulo.

Apenas uns poucos povoados conseguiram escapar, salvando-se, em virtude da previdência e energia dos missionários, para a mesopotâmia parano-uruguaia.

Sòmente com ingentes esforços, após a introdução de armas de fogo, posto que em número



RUÍNAS DA REGIÃO MISSIONEIRA



Detalhes arquitetônicos do magnífico templo de São Miguel.

bastante limitado, foi que os guaranís, auxiliados por seus irmãos da banda direita do Uruguai, lograram deter a fúria paulistana na famosa batalha fluvial do Mbororé, em março de 1641, mais ou menos entre a foz do Comandaí e do Ijuí, onde aniquilaram a poderosa expedição de Jerônimo Pedroso de Barros e Manuel Pires.

É bem possível que nessas rázias o Rio Grande perdesse duzentos mil dos seus filhos indígenas, escravizados, tombados nas lutas pela liberdade ou emigrados da sua terra natal, conforme um estudo especial nosso (As Invasões Bandeirantes no Rio Grande do Sul, Ginásio Anchieta, 1940, Pôrto Alegre).

5. A FUNDAÇÃO DOS SETE POVOS

Ainda que nossos emigrados, num total aproximado de uns doze mil indivíduos, fossem tratados com caridade cristã pelos indígenas uruguaios e paranaenses, nunca puderam esquecer os seus pagos gaúchos, suspirando por tornarem à gleba natal. Mas êsse retôrno só lhes foi possível após de meio século de ansiosa espera, quando já era certo que não mais seriam molestados pelos bandeirantes, que já vinham dedicando-se a um mister bem mais humanitário, qual era o da exploração do nosso opulento minério do Brasil Central.

Os primeiros a empreenderem a volta foram os de SÃO BORJA, que, em 1682, se fixaram na banda esquerda do rio Uruguai. Seguiram, em 1687, os de SÃO NICOLAU, ocupando novamente o seu antigo povoado. Reconstruíram ràpidamente a sua redução e, com os magníficos cedros das margens do próximo Ijuí, ergueram formosa e ampla igreja. Ainda no mesmo ano de 1687 apareceram os miguelistas, que se estabeleceram no ponto em que hoje admiramos as ruínas do templo do mesmo nome de SÃO MIGUEL, tomando êles um surto inusitado.

A seguir, novo grupo veio fundar SÃO LUIZ GONZAGA, a mesma de hoje em dia. Em 1690 se apresentou nova porção de imigrantes, que escolheu um vistoso chapadão entre São Luiz e São Miguel, tomando por padroeiro ao glorioso diácono SÃO LOURENÇO.

Havendo crescido demasiadamente os habitantes de São Miguel, os superiores incumbiram ao famoso missionário tirolês Padre Antônio Sepp, da tarefa de desmembrar uma parte de São Miguel, estabelecendo-a em outro ponto. Desobrigou-se magistralmente do encargo o Padre Sepp, fundando em 1698 numa pinturesca lomba a redução de SÃO JOÃO BATISTA, que em breve se tornaria uma colmeia de variadas artes mecânicas, tudo sob a direção do habilidoso Sepp. O sétimo e último dos Sete Povos foi SANTO ÂNGELO, iniciado em 1707, no lugar onde assenta hoje a próspera cidade de nome idêntico.

Não se julgue, porém, que os jesuítas ocupassem aqueles pontos a esmo. Tendo em vista sempre o maior bem religioso, material e social dos seus pupilos, tomaram tôdas as providências afim de lhes assegurar um futuro tranqüilo e próspero. A superioridade intelectual dos Padres, sua longa experiência no convívio dos ameríndios, seu conhecimento das possibilidades produtivas da terra e sobretudo seu carinho para com os pobres índios, uns perpétuos "menores", lhes foi uma mestra segura e imparcial na delicada emprêsa de civilizar os nossos tapes e guaranís. Vejamo-lhes os passos, repletos de ricos ensinamentos.



Monumento ao beato Pe. Roque González, em São Miguel, agora removido.

Antes de tudo mais, escolhiam sempre uma extensa cochilha ou chapadão, donde se descortinasse amplo horizonte, para, em caso de alarma, se poder transmitir com rapidez o sinal de rebate à redução vizinha, sempre visível, ao menos desde o alto da tôrre da igreja. Estratègicamente falando, os lugares ocupados não podiam ser mais bem selecionados, vantagem à que acrescia a vizinhança dos índios cristãos e amigos da margem direita do Uruguai, todos sob a direção dos mesmos Padres da Companhia de Jesús.

A segunda exigência na fundação de reduções era a de que a terra adjacente fosse suficientemente fértil, capaz de alimentar uma população de cinco para oito mil almas, engastada em região saüdável e opulenta não apenas em boa água, como ainda em madeiras e pedreiras para as construções de moradias e templos. Também êste problema foi resolvido satisfatòriamente. Possuímos até um relatório completo de tudo quanto fez o Padre Sepp na fundação de São João Batista.

6. SISTEMA EDUCACIONAL NAS MISSÕES GUARANÍTICAS

Uma dificuldade, comum entre selvagens, era a incrível inércia do nosso bugre guaraní. Para êle o ideal consistia no encher o ventre de boa carne (casos houve em que dois índios comessem sòzinhos no prazo de duas horas a carne de uma rês inteira) e deitar-se a dormir, sem se preocupar com o dia de amanhã. A inata preguiça e a imprevidência foram sempre um dos maiores obstáculos à civilização do nosso silvícola.

No intuito de debelar pouco a pouco essa indolência hereditária e fazer produzir alguma coisa útil a seus neófitos, os Padres procederam com um tino pedagógico admirável: procuraram trabalhos por uma parte indispensáveis, mas que por outra agradassem de algum modo à índole do selvagem. Para a catequese religiosa o chamariz mais poderoso foi a música, que encantava ao índio, e para a questão da alimentação, foi a criação do gado vacum e cavalar e ainda a pesca pelos rios.

Com grata surpresa verificaram os Padres que para um legítimo tape ou guaraní nada mais agradável havia do que encarapitar-se no lombo de um fogoso ginete e disparar atrás do gado com laço ou boleadeiras. Afortunadamente, o gado alçado, que se difundira pelos campos e as cochilhas após as invasões bandeirantes, sucessor direto do que introduzira em 1634 o Padre Cristóvão de Mendoza, se multiplicara incrìvelmente formando uma reserva avaliada em cêrca de um milhão de cabeças, que pastava chucro desde as margens do Uruguai até a Lagoa dos Patos, de mistura com outra manada que viera das bandas de Montevidéu.

Como a caça ao gado chimarrão demandava excessivo dispêndio de tempo e afastava demasiado os tropeiros da vigilância do missionário, os Padres inventaram o sistema das estâncias com limites bem delineados, — imitado mais tarde pelo colonizador português, — onde houvesse boa seleção de animais e criação mais racional. Com êsse intento experimental conduziram pelos inícios do século 18 umas oitenta mil vacas para os campos de Cima da Serra, calculando que essa imensa tropa, entregue a si mesma, volvidos oito anos, tendo-se multiplicado até 400 ou 500 mil reses, seria suficiente para prover ao consumo ordinário dos 30 mil habitantes dos Sete Povos. Infelizmente, porém, antes de expirado êsse lapso de tempo, espias bandeirantes descobriram essa "mina", julgando-se no direito de roubar e destroçar todo o gado jesuítico que lhes caíu nas garras.

Mais uma vez decepcionados pelos perseguidores tradicionais dos índios, os missionários voltaram suas vistas para o Sul, para as terras que margeiam a banda direita do Jacuí até muito adentro do atual Estado Oriental do Uruguai, onde, naqueles esplêndidos campos, cada redução veio a ter a sua estância própria, — como se pode verificar pelos mapas da época, — vigiada por pastores e atendidas tôdas elas por um missionário ambulante. Nessas zonas, excelentes por seus pastos, às margens de abundantes cursos de água, fora do alcance dos mamelucos, criaram os jesuítas as verdadeiras estâncias latifundiárias riograndenses. Sôbre êsse interessante assunto publicamos em



Vista parcial do Colégio dos Jesuítas, em São Luiz Gonzaga, uma das edificações mais célebres da época missioneira, hoje, infelizmente, demolida.

1942, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, um extenso trabalho, do qual fizemos uma separata.

Ninguém ignora que desde tempos imemoriais a região missioneira é abundante em primorosa erva-mate. Ora, para um índio, a erva veio a ser tão indispensável como para nós o café. A melhor erva nativa colhia-se na zona do rio Inhacorá, no hodierno município de Santa Rosa, da qual extraíam a célebre "Caaminí" (Caa = fôlha, erva; miní ou mirí ou mi = miúdo; — isto é erva reduzida a pó). Para as selvas do Inhacorá iam pois anualmente os cristãos afim de colher a caaminí e transportá-la até Buenos Aires em grandes lanchas, trocando o seu produto por alfaias, roupas, remédios e algum mantimento, porque dinheiro em moeda não se conhecia nas reduções.

Como o trabalho prolongado em ervais tão afastados houvesse de ser forçosamente prejudicial ao guaraní, os Padres, após longas experiências com a delicada "ilex paraguariensis", conseguiram transplantar a preciosa planta, criando vastos hortos artificiais nas proximidades das reduções.

Para completar a questão da alimentação racional dos seus pupilos, os padres intensificaram a agricultura, sobretudo da mandioca, do milho, do trigo, da batata, da cana de açucar, da horticultura e pomicultura.

7. COLMEIAS MECÂNICAS

Uma das páginas mais gloriosas da história dos nossos Sete Povos é sem discussão o elevado grau de desenvolvimento a que chegou a arte mecânica, para o qual o tape-guaraní denunciou desde o início uma queda singular. Bastava-lhe ter visto e examinado uma só vez qualquer móvel, um vestuário, ou um calçado e receber o material correspondente e algum instrumento, para, em brevíssimo tempo, trazer outro tão perfeito que ninguém mais distinguia o original da cópia.

Havia nas reduções jesuíticas tôdas as artes mecânicas da época que fossem de alguma utilidade. Consta tudo isso das descrições pormenorizadas que nos deixaram os visitantes, os missionários e ainda os inventários levantados pelas autoridades luso-espanholas por ocasião da expulsão dos missionários, em 1768.

Encontramos mencionados alí pedreiros, carpinteiros, funileiros, ferreiros, alfaiates, tecelões de variados panos de lã e algodão, tipógrafos que cortavam as matrizes, fundiam tipos e imprimiam livros que ainda hoje existem, desenhistas e copiadores de livros, como missais, tão perfeitos que ninguém distingue do original a reprodução, fundidores de ferro e de outros metais que fabricavam tôda a sorte de artefactos, sobretudo sinos de igreja, escultores e estatuários, que nos deixaram multidão de estátuas, algumas verdadeiras peças de arte (em 1941, um viajante alemão ainde conseguiu descobrir e fotografar umas 200 no Rio Grande do Sul, a-pesar-da gigantesca roubalheira de alfaias missioneiras praticada em 1828 pelo caudilho uruguaio Frutuoso Rivera); joalheiros, que faziam cálices e outras jóias de ouro e prata capazes de medir-se com as mais finas baixelas da Europa; e por fim, fabricantes de órgãos e tôda espécie de instrumentos músicos.

Quanto à arte instrumental, nossos índios mostravam um talento insuperável. Não havia instrumento que em breve não dominassem. Sepp fala num rapaz de doze anos, como num prodígio no violino. Na maioria das reduções as orquestras religiosas se compunham de elevado número de figuras, chegando por vezes até 40. Embora as vozes dos guaranís fossem ásperas para o canto e os peitos fracos para os instrumentos de sôpro, com boa seleção e contínuos exercícios, registaram-se neste particular satisfatórios resultados. Tão bem ensaiadas estavam as missas que nos domingos, todo o povo, os homens e meninos dum lado e o sexo feminino do outro, cantavam em latim e de cor missas inteiras. Os visitantes das reduções declaravam não se encontrar na Europa música mais aperfeiçoada, motivo pelo qual os cantores e músicos guaraníticos recebiam freqüentes convites para abrilhantar festas e solenidades religiosas nas cidades do Rio da Prata.



Detalhe do templo de São Miguel.

Muito jeito e bom gôsto mostravam os meninos guaranís para as dansas religiosas, os quais, à moda espanhola, executavam bailados rítmicos ao som das harpas ou cítaras diante do Santíssimo Sacramento.

De dois progressos costuma orgulhar-se a nossa época: da medicina e da siderurgia. Pois saibam os leitores que já nos primeiros decênios do século 18, em pleno coração riograndense, havia hospitais próprios, bem instalados com todos os recursos da época. Neles eram atendidos por enfermeiros instruídos na sua arte pelo Padre Sigismundo Aperger e o Irmão leigo Pedro Montenegro, numa sala os homens e noutra as mulheres, estas com enfermeira feminina. Não nos consta que cidade da colônia luso-espanhola da época se gloriasse de semelhante progresso.

Relativamente à siderurgia, convem saber que aos missionários dos nossos Sete Povos cabe a primazia nesse progresso em todo o Brasil e provàvelmente em tôda a América. O primeiro que triturou a pedra que os índios denominavam "itacura" e os hodiernos "cupim", foi o Padre Antônio Sepp, que, por volta de 1700, sujeitando êsse produto a uma elevada temperatura, conseguiu não só extrair dela ferro, como ainda transformá-lo em primoroso aço. (Conforme o volume de SEPP, da Biblioteca Histórica Brasileira, Livraria Martins. 1942).

Antes de encerrarmos êste capítulo vamos dizer ainda como vestiam os guaranís e como moravam nas reduções. Andavam ordinàriamente descalços, porque o calçado lhes era molesto, até no maior rigor do inverno, e sapatos só usavam os ajudantes de missa e as dignidades do "Cabido" quando em função, e os oficiais nas paradas do patrono da redução; usavam calças até os joelhos ceroulas, camisa, jaqueta, e, por cima de tudo, em dias de frio ou de chuva, um poncho bem simples. Eram sensíveis ao frio, mas gostavam muito do sol, mesmo do canicular. As índias trajavam uma espécie de camisa comprida que chegava até os pés com mangas até os cotovelos, e por cima o TIPOY, uma espécie de roupão, tudo muito honesto.

Relativamente às plantas das reduções, idealizadas pelo Padre Roque González, eram tôdas do mesmo tipo. Tôdas as ruas eram direitas, como tiradas a cordel, e mediam de largura cêrca de 14 metros. As casas tinham pórticos de 2,5 m (3 varas castelhanas) de largura, ou às vezes ainda mais, de modo que em tempo de chuva se podia atravessar todo o povo sem se molhar, salvo no cruzamento das ruas. Tôdas as casas eram uniformes, sem haver uma mais alta, ou mais espaçosa que as outras. Cada moradia consistia num aposento único de uns 6 metros em quadrado, sem outra qualquer peça, cozinha ou retrete, inteiramente de acôrdo com o gôsto do guaraní, que preferia o pequeno e humilde. Não dormiam em cama, nem no chão, e sim em redes de fio de algodão, penduradas de estacas ou pilares, levantadas cêrca de meio metro do chão, servindo-lhes a rede ainda de cadeira. Contudo, mediante esteiras faziam divisões na casa, para dormir com decência, coisa que os Padres muito lhes inculcavam. Nunca passeavam dentro de casa, mas sempre estavam sentados na rede, ou numa cadeirinha de pau, ou no chão, que era o mais comum, ou de cócoras.

O edifício mais vistoso e amplo era naturalmente a casa de Deus. Nos Sete Povos havia templos gigantescos, obras de verdadeira arte. O magnífico templo de São Miguel, cujas ruínas o Govêrno Federal mandou conservar, foi construído pelo Irmão italiano, engenheiro João B. Prímoli, com pedra lavrada, trazida de uma pedreira distante 2 para 3 léguas, auxiliado por mil operários indígenas, no prazo relativamente curto de apenas dez anos. Ainda nos é um enigma como conseguiu êsse Irmão fazer trabalhar com ordem tanta multidão e com tamanha perfeição.

8. ISOLAMENTO INDISPENSÁVEL E COMUNISMO CRISTÃO

Uma providência tomada pelos jesuítas e executada com rigor, foi a de afastar cuidadosamente os índios reduzidos do contacto direto com os europeus, pelo motivo de êstes lhes darem em geral exemplo de maus cristãos, além de explorarem a ingenuïdade do ameríndio, logrando-o de tôdas as maneiras. Verdade é que essa medida acarretou para os Padres muitas suspeições e as mais graves maledicências. Nem porisso os missionários alteraram essa medida.

No intuito de assegurar melhor o bem-estar aos índios convertidos, os Padres introduziram uma espécie de comunismo moderado. Como já ficou dito, nosso bugre, dada a sua aversão ao trabalho e sua pueril imprevidência, jamais teria resolvido o problema de sua alimentação. Os mais aplicados, mesmo estimulados e recompensados pelos Padres, não trabalhavam nunca mais de 3 horas diárias: quer dizer tão pachorrentamente e com tantas pausas como um europeu em 3 horas consecutivas.

Foi por essa razão que os jesuítas adotaram nas reduções o ABAMBAÉ e o TUPÃMBAÉ. Pelo abambaé (abá = índio; mbaé = coisa pertencente, posse, propriedade, isto é, propriedade do índio) cada redução era dividida em cêrca de 20 cacicados, conforme o número de caciques, que, por sua vez, davam a cada família uma pequena chácara, que deviam cultivar. Homens de confiança, chamados alcaides, inspecionavam os trabalhos, cuidando que ninguém deixasse de cumprir a sua obrigação. Esperavam, assim, os missionários despertar pouco a pouco no índio o amor ao trabalho e à propriedade individual.

Como, porém, o que o índio do abambaé produzia, nunca chegava para alimentá-lo durante um ano, os previdentes Padres completavam essa deficiência mediante o tupãmbaé (tupã = Deus; mbaé = posse, propriedade, i. é. propriedade de Deus, fazenda dos pobres e necessitados). Eram terrenos maiores e escolhidos, onde deviam trabalhar só os mais aplicados, ou então todos, mas apenas 2 ou 3 dias semanais para, com o produto, sustentar os pobres ou doentes, auxiliar os que já tivessem gasto suas provisões, ou mesmo afim de socorrer alguma redução necessitada, e ainda para, com o seu produto, pagar tributo ao rei e prover ao culto religioso. As colheitas eram guardadas em grandes armazéns ao cuidado imediato do padre-cura. A criação de gado e a cultura de ervamate pertenciam quasi tôda ao tupãmbaé.

Diz Cardiel que o Padre era a alma de tudo, e fazia no povoado o que a alma no corpo. Se êle se descuidava um pouco, tudo ia de "capa caída". Mas que Deus Nosso Senhor, na sua providência, dera aos pobrezinhos dos índios um respeito e uma obediência muito especial para com os Padres; que de outra maneira teria sido impossível governá-los.

E continua Cardiel: "O cura é seu pai e mãe, juiz eclesiástico e tôdas as coisas. Caiu alguém num descuido ou delito; logo o trazem os alcaides perante o cura até junto da porta do seu aposento, mas não atado nem agarrado, por grande que seja o delito. Não fazem mais do que dizer-lhe: VAMOS AO PADRE. E sem mais insistência vem como uma ovelha. E ordinàriamente não o trazem diante de si, nem no meio, senão atrás, seguindo-os. Tão pouco foge. Chegam à presença do cura. — "Padre, — dizem os alcaides ou o aguazil, — êste não cuidou dos seus bois que levou para lavrar suas terras. Deixou-os sòzinhos junto ao milheiral dêste outro, indo-se a outra parte. Invadiram o milheiral causando um grande estrago." — Averigua o Padre a quantidade do estrago, a culpa que houve, ouvindo os descargos, etc. Põe diante dos olhos do delinqüente a sua ação, ponderando-a com uma repreensão paternal, e



RUÍNAS DA REGIÃO MISSIONEIRA

Vista geral da igreja de São Miguel, no seu estado atual.

conclue: "Agora vais dar tantos almudes de milho a êste teu próximo. E agora vai, filho, que te dêm tantos açoites", 25, por exemplo e encarrega o alcaide do cumprimento da paga. Sempre são tratados de filhos. O delinqüente vai-se com muita humildade para lhe darem os açoites, sem jamais mostrar resistência; e logo volta para beijar a mão do Padre, dizendo-lhe: AGUYEBETE, CHERUBA, CHEMBOARA CHERA HAGUERA REHE (Deus te pague, Pai, porque me deste entendimento). Nunca concebem o castigo como coisa nascida de cólera ou outra paixão, senão como medicina para seu bem... É tanta a humildade que mostram nesses casos, que às vezes nos fazem soltar lágrimas de confusão. E não é isso caso isolado; sempre sucede assim.

Trazem outro — continua Cardiel — dizendo: "Padre, êste matou um boi manso dos dois que lhe deram para a lavoura; e não tendo lenha, pegou do machado e cortou em pedaços o arado, ou o morteiro de pisar o milho, e com êles o assou e comeu." Tais delitos acontecem. Pondera-lhe o Padre a fealdade da ação: "Mas por que foste fazer uma bobagem como esta?" E ordinàriamente êle fica calado ou responde: "CHE TA LIRAMO, CHE TA LIRAMO" (porque eu sou um bobo). "Pois se tu matas um boi, e outro, mais outro e outro, em breve não teremos mais bois no povoado." E costuma replicar: "Se meu corpo o comeu, que meu corpo o pague." — "Então, vai-te embora, filho, que te apliquem 25." Vai com grande mansidão, recebe os açoites e vem beijar a mão dando graças por isso. São êsses os tribunais que alí se fazem, atendendo à capacidade da gente e ao amor de pais que se lhes consagra. (José de Cardiel, Relación verídica, p. 124 do Ms. da Biblioteca Nacional, Rio, Col. Ottoni I,5,1,52).

A penúria do espaço não nos consente alargarmo-nos mais neste assunto. Remetemos o curioso leitor à História do Rio Grande do Sul, vol. II do Padre Carlos Teschauer, S. J., que trata exaustivamente da matéria, como ainda à nupérrima obra "O ciclo da civilização jesuítica das Missões" de Aurélio Porto, ed. do Patrimônio Histórico, Rio, 1942.

Diga-se das "Missões guaraníticas" o que se quiser. Uma coisa, entretanto, é inconteste: que um punhado de missionários, ordinàriamente apenas dois para cada redução, homens inteligentes e abnegados, conseguiram criar no seio do Rio Grande do Sul um pequeno éden, onde mais de trinta mil ameríndios, havia pouco ainda bugres boçais e degenerados, viviam satisfeitos, prometendo para o porvir transformar-se no beijinho da civilização sul-americana.

E não fosse o ódio do marquês de Pombal e a cólera do rei espanhol Carlos III contra a Companhia de Jesús, que foi expulsa ignominiosamente do Continente luso-castelhano da América, o Rio Grande hoje, quiçá, nada estaria a dever em cultura aos países mais adiantados do mundo, como provàvelmente em muitos pontos até os ultrapassaria.

Mas justamente êsse vergel florido do nosso Continente foi que, em meiados do século 18, despertou a atenção da velha Europa, festejado por uns exageradamente, sendo por outros observado com inveja, inquietação e mesmo raiva, a ponto de desencadear um furioso vendaval, que varreu desapiedadamente da serra e campina gaúcha essa efêmera aparição, da qual apenas nos ficaram algumas ruínas.

ALGUNS ASPECTOS DA HISTÓRIA DO NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL

Por DANTE DE LAYTANO

Como encontrar as origens da entrada do negro no extremo sul do Brasil? E o negro nas "bandeiras"? Existiriam ou não negros nas bandeiras paulistas que penetraram no Rio Grande? As palavras — "negro" e "negra" significarão africano? o que nos garante? Qual a autoridade para isso nos asseverar? "A interpretação de que estas palavras significam amerindios está evidente", escreve Alfredo Elis Júnior, referindo-se ao estudo das palavras "negro" e "negra" nos documentos da época bandeirante, em seu "Resumo da História de São Paulo (Quinhentismo e Seiscentismo)".

Se há dúvida com a interpretação das palavras negro e negra, o que dizer do têrmo escravo? Escravo índio ou escravo africano? Quando nas peças, documentos, inventários e testamentos e atas encontramos apenas a palavra escravo? Taunay e Teschauer não fazem, como quasi todos os historiadores do assunto, referência à existência de africanos nas bandeiras. O pesquisador poderá sòmente usar documentos precisos, se está realmente interessado em não aumentar a confusão reinante.

Através de um têrmo de arrematação de contrato de escravos feito em 1740, três anos depois da colonização oficial dos portugueses no Rio Grande do Sul, lê-se que a certo José Ferreira da Veiga, então o arrematante, obrigava-se, por lei, a pagar direitos para todos os escravos "que forem para Rio Grande e Ilha de Santa Catarina (pelos quais antes se dava fiança)".

Êsse José Ferreira da Veiga desejava e obteve mesmo que a entrada de escravos para tôda e qualquer parte do Brasil não fosse mediante fiança, mas, sim, por pagamento de direitos. No despacho da ordem que se expediu a um Domingos Roiz Bandeira ficou figurando que seria feito o pagamento de direitos "não só dos escravos que fossem para Minas, mas também os que fossem para Paratí, Ilha Grande, Paranaguá, Santos, São Paulo".

O Govêrno despachou um contrato de venda de escravos obtido para o centro do país por êsse Roiz, tendo logo em vista a ordem conseguida por Ferreira da Veiga para o Rio Grande.

A fiança substituída pelo pagamento de direitos parece que marcou o início de entradas de negros numa escala muito maior no Rio Grande do Sul.

Esta ordem sôbre escravos obtida para o extremo sul do Brasil e depois estendida para o resto do território consta do "Index Alfabetico de Leys, alvarás, cartas Regias, Decretos, e mais ordens que há no arquivo da Provedoria da Fazenda Real", feito em 1785, por determinação do Conde de Rezende, que era Vice-Rei do Brasil (n. XXI — Pub. Arq. Nacional — 1923).

Na verdade, por alvará de 1751, colecionado no Index citado, estabelecia-se "que não possão passar negros dos Portos de Mar para terras que não sejão dos Dominios Portuguezes: que se não dê despachos a Escravos para a Colonia do Sacramento, ou outros lugares vezinhos á Raya Portugueza, sem q fiquem afiançados nas provedorias desta Cidade do Rio de Janeiro, e Bahia relaçõens dos Escravos, que naquelles lugares entrarão, com declaração dos q morrerão, ou faltarão p.ª cauza justa, ou por passarem por terras dos mesmos Dominios Portuguezes".

Com a colônia do Sacramento ao lado do Rio Grande, o problema de contrabando de escravos se ia agravando cada vez mais. As medidas de repressão procuram sanar o mal para os cofres da coroa, mas em verdade é um novo contingente humano de procedência africana que se tem de incluir entre a população meridional do Brasil, ou melhor, do Rio Grande do Sul, vindo por intermédio do Rio da Prata.

No "Index da Correspondência da Côrte de Portugal com os Vice-Reis do Brasil no Rio de Janeiro" (de 1763 a 1807), que aparece como matéria do vol. III das "Publicações do Arquivo Nacional", deparamos com duas medidas que as autoridades de Lisboa ordenaram aos representantes no Brasil e que interessam ao problema do homem negro: uma dessas ordens dizia respeito à proïbição da passagem de escravos para o domínio espanhol e mandando executar as disposições que vedam êste comércio, e outra ordem providenciava na diminuïção do consumo da cachaça nos portos do Brasil e ao mesmo tempo que cuidava do aumento da sua exportação para a África.

A proïbição da passagem de escravos para os domínios da Espanha, nas fronteiras do sul, estava sendo levada a sério pelo govêrno desde muito. (1) Naturalmente era isso não só para impedir os

(1) O governador Custódio de Sá Farias, numa carta, de 28 de maio de 1767, enviada ao Cel. José Marcelino de Figueiredo, sôbre o ataque do Rio Grande, queixava-se da falta de cumprimento dos tratados da fronteira por parte dos espanhóis e dizia: "Fazendo-nos nela (fronteira) as hostilidades que são notorias, não querendo restituir-nos o grande numero de pretos escravos que hão passado a sua parte, havendo-se reclamado repetidas vezes, e respondendo o dito Comandante D. José de Molina a serviço de Madriú ser ato muy proprio da Soberania dos Reys admitir os ditos Escravos, que fogem da Escravidão, como consta da Carta do dito de pr° de outubro de 1765. Sendo por todos os Direitos.

Hostelidade feita aos Vassalos del Rey N. Sr. que tem experimentado tão grave prejuizo na falta dos ditos escravos..."

prejuízos do erário português como para também proteger a agricultura no sul que fàcilmente era trocada, por menos trabalhosa e de maior lucro, pela criação de gado.

Então assim temos uma informação oficial sôbre a existência de negros no sul durante o século XVIII, e existência bem significativa para mover a Côrte portuguesa a uma providência enérgica que não poderia ser medida apenas burocrática de ministério, quando ainda deveria se ter em vista que o caso envolvia delicado assunto de fronteiras com os domínios de Espanha.

É do mesmo ano, 1798, essa pitoresca determinação das autoridades ultramarinas sôbre a cachaça nos portos do Brasil, cachaça que fazia não só o regalo dos pretos, como pretende a determinação lusitana, mas do índio, de muita gente branca e até aristocrática.

Mas o impedimento do consumo da cachaça era uma maneira para reprimir a vadiagem no Brasil setecentista. Pensava o govêrno, que ao lado de outras medidas para resolver o caso, lançava-se à proïbição do uso da cachaça nos portos; o interior estava fora dessa lei anti-alcoólica, interior do Brasil e a África; a África, sim, poderia usar e abusar da cachaça, a África portuguesa ficava apta a receber então melhor os mercadores de escravos.

No "índice da Correspondência dos Governadores do Rio de Janeiro com diversas autoridades" (1718-1763), in "Publicações do Arquivo Nacional", vol. VIII, notamos, na correspondência recebida pelo governador Gomes Freire de Andrade, uma carta enviada, em 12 de abril de 1737, pelo Brigadeiro José da Silva Paes, do Rio Grande, nesse mesmo ano que êle inaugurava os fundamentos de nova cidade, ponto de partida para o povoamento da futura capitania de São Pedro.

A carta de Silva Paes a Gomes Freire é fazendo sentir que existiam moradores desejosos de se estabelecerem no Rio Grande (onde apenas se cogitara de fortificações e um presídio militar) e que naturalmente a maioria dêsses moradores era composta de residentes portugueses na Colônia do Sacramento; sugeria o fundador do Rio Grande auxílio aos novos povoadores, principalmente na "ida dos escravos dos moradores para lá (Rio Grande) sem pagarem direitos".

Apenas no terceiro mês de posse sistemática e efetiva do Rio Grande do Sul, pelos portugueses, já temos informes da presença de escravos pretos nessas novas terras.

Ao terminar o ano de 1738, entre as cartas que o governador do Rio de Janeiro, de quem dependia a administração do sul do Brasil, endereçava ao mestre de campo André Ribeiro Coutinho, governador do Rio Grande e comandante das tropas do estabelecimento, consta uma sôbre "escravo fugido do capitão Fernando C. de Melo" e é bem cedo, para sòmente um ano de povoamento oficial, registrar-se um fato dessa natureza; a outra carta é remetendo "soldados, escravos e dinheiro".

Temos, assim, alguns esclarecimentos sôbre a vinda contínua do elemento negro, aliado indispensável do colonizador português.

Afinal com soldados, escravos e dinheiro poder-se-ia realizar alguma cousa estável e segura em matéria de povoamento.

No ano seguinte da fundação do presídio no Rio Grande, com que se marca o início da colonização lusitana dessa região do sul do Brasil, na correspondência entre Silva Paes e Gomes Freire (então governador do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo) que andava pelas Minas Gerais, sabe-se da "prisão de soldados por terem roubado de uma negra".

Não é a prisão de um soldado, mas de soldados; a súmula de correspondência não diz o que os soldados roubaram da negra, evidentemente porque o próprio original disso não trata, mas o fato que a pena imposta foi severa, respeitando-se ou mandando que se respeitasse mesmo as posses de uma negra, posses que deveriam ser ínfimas.

Nessa mesma carta, embora não seja assento referente a negros, encontramos ainda sôbre povoamento uma informação que revela as dificuldades materiais das autoridades como a "prisão e remessa para o Rio Grande de mulheres ordinárias" ou o "castigo do sargento Caetano Xavier por ter aceitado dinheiro de A. de Abreu, amante de Antônia de Jesús, afim de não prendê-la para ir para o Rio Grande".

Sòmente alguns anos depois, quasi quinze, que se efetuaria a entrada do português de Açores, os casais, repetindo-se as experiências realizadas com êxito na Colônia do Sacramento e em Santa Catarina, de onde muitos, por motivo das guerras luso-espanholas ou por interêsse econômico de maiores ganhos, já tinham se passado para o Rio Grande antes das correntes imigratórias dos outros açorianos.

Mas inicialmente o povoamento teve que ser feito com gente de má fama, mulheres faladas e elementos de tôda a ordem; ainda depois das levas açorianas, a seleção, segundo os documentos, não foi excessivamente aprimorada como se pretende.

Mas ainda não realizamos no terreno das pesquisas históricas um contacto direto com os Açores de hoje; homens e arquivos, casas e sociedade, tradições e cultura, para compararmos essas áreas de influência no sul do Brasil e no extremo do norte com as das próprias ilhas açorianas.

É uma falha que persiste não só no terreno da comparação das áreas de cultura dos açorianos como também na dos africanos.

Os governadores portugueses de Angola mantiveram um contacto muito assíduo, como se vê através de copiosa correspondência, com as autoridades lusitanas do Brasil.

Há muita referência sôbre remessa de degredados, soldados, desordeiros, viagens de embarcações negreiras e ordens sôbre arqueação de barcos para escravatura, transporte obrigatório de cavalos do Rio Grande para Angola, dois cavalos pelo menos em cada transporte que trouxesse negros para estas paragens do sul do Brasil.

Estamos no século XVIII, em plena época da conquista definitiva das terras da parte meridional dos domínios portugueses, e encontramos essas relações entre os agentes de Lisboa em Angola, Rio de Janeiro e Rio Grande.

É um material que merece ser estudado quanto antes para se aquilatar de uma maneira mais clara a verdadeira extensão da influência africana no sul do Brasil.

O estudo dessa influência torna-se difícil, exaustivo e quasi impossível ainda com o silêncio absoluto dos historiadores, de modo que não se pode contar com a bibliografia que ainda por cima é pequena e muito falha, com períodos históricos que não mereceram até agora um volume sequer.

Está visto que se encontram muitas exceções: autores de paciência beneditina, pesquisadores are-



Velho mercado de escravos em Pôrto Alegre, à Praia de Belas.

jados em arquivos do Rio de Janeiro e Lisboa, mas são exceções.

"Os africanos que batizaram filhos no Viamão (um dos primeiros núcleos de povoamento do Rio Grande do Sul) eram naturais de Costa da Mina, Cabo Verde, Angola, Guiné e Congo", segundo A. Porto no seu divulgado "Dicionário Enciclopédico do Rio Grande do Sul", obra que infelizmente ficou no terceiro fascículo.

Referiu-se êle aos africanos que batizaram filhos no Viamão, porque compulsou os livros de batismo de 1747 a 1758, verificando 350 batizados ao todo, discriminados assim: 308 brancos, 21 índios, 21 pretos. Mas os índios e os africanos teriam batizado sempre seus filhos? Ou a pequena clan se permitiria, o que é mais lógico, a uma vida sem os rigores da Igreja?

O mapa estatístico de 1780 do Tenente Córdova é o primeiro recenseamento que se conhece do Rio Grande do Sul.

Aurélio Porto, investigador realmente seguro, a quem se devem as pesquisas mais interessantes sôbre a parte meridional da América Portuguesa, diz que do mapa do Tenente Córdova se pode fazer a seguinte conclusão: em cada 1.000 habitantes: 526 brancos, 285 pretos, 189 índios.

No mapa não se avalia o número de indígenas e o comentador, tendo em vista dados geográficos e históricos, faz uma recomposição muito natural e razoàvelmente próxima da realidade.

Mas o que nos interessa é o homem africano e o apreciaremos através do mapa do Tenente Córdova, adaptado por Aurélio Porto. (2)

Por êsse quadro se podem ver localidades com a população preta imensamente maior do que a branca e outros centros, em que o número de pretos quasi alcança ao de brancos.

Tôda a população do Rio Grande do Sul se computava em 1754 por 5.642 indivíduos, e cinco anos depois em 17.923 habitantes, distribuídos da seguinte maneira: Madre de Deus, 1512; Estreito, 1254; Mostardas, 591; Viamão, 1891; Santo Antônio, 1189; Conceição do Arroio, 417; Aldeia dos Anjos, 2355; Vacaria, 571; Triunfo, 1277; Taquarí, 689; Santo Amaro, 720 e Cachoeira, 662.

Paulo da Silva Gama, chefe de esquadra, que governou o Rio Grande do Sul, remetia em 5 de dezembro de 1804 ao Visconde de Anadia um interessante quadro estatístico sôbre a capitania, onde se dizia "que não tinham entrado na apreciação o número de tropa de linha e os que não chegão a ano de idade; este mapa é tirado pelos assentos das freguezias, porem os melhores praticos desta campanha me assegurarão haver para cima de quatro mil homens que andão no campo pelas xarqueadas, sem domicilio certo, e que por este motivo não tem assento em freguezia alguma..."

Os centros de maior população, em 1804, eram no Rio Grande do Sul: São Pedro do Rio Grande com 8.390 habitantes, Pôrto Alegre com 3.927 e Rio Pardo com 3.739.

A população de tôda a capitania era então de 36.721 almas.

O Censo de 1814, que aparece no "Quadro Estatístico e Geográfico" de Eleutério Camargo, engenheiro da Província, e que foi organizado "em virtude de ordem do Exm.º Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello", presidente do Rio Grande do Sul, dava para Rio Pardo 10.445 habitantes, divididos em 5.931 brancos de ambos os sexos, 811 indígenas, 969 livres de tôdas as côres, 2.449 escravos de tôdas as côres, 289 recém-nascidos, também de tôdas as côres.

A população do Rio Pardo era a maior de todo o Rio Grande do Sul, seguindo-se-lhe Cachoeira

(2)

Freguesias	Brancos	Índios	Pretos	Total
Madre de Deus	871	96	545	1512
Rio Grande	1643	182	596	2421
Estreito	880	97	277	1254
Mostardas	360	40	191	591
Viamão	1028	114	749	1891
Santo Antônio	828	91	270	1189
Conceição do Arroio	234	25	158	417
Anjos da Aldeia ...	210	1890	255	2355
Vacaria	291	32	248	571
Triunfo	637	—	640	1277
Taquarí	580	—	109	689
Santo Amaro	512	—	208	720
Rio Pardo	1317	438	619	2374
Cachoeira	42	383	237	662
	9433	3388	5102	17923



"Monumento para perpetuar os sentimentos abolicionistas do Sr. Chico Carneiro". Um documento contemporâneo da luta abolicionista. No seu número de 31 de agôsto de 1884, o jornal humorístico porto-alegrense, "O Século", satiriza, com êste desenho, a atitude anti-abolicionista dum latifundário chamado Chico Carneiro.

com 8.225, Pôrto Alegre com 6.111 e a cidade do Rio Grande com 3.590 habitantes.

◆

Lendo os registros dos enterramentos no Cemitério do Rio Pardo em 1863, podemos verificar de que morria a população, em que idade, etc.

A população era sadia e no Rio Pardo não se poderia falar em clima perigoso para a saúde.

Também se morria de miséria, como se vê em três atestados de óbitos, e de velhice, segundo dez registros onde se viam respectivamente as idades de 86, 90, 91, 94, 95, 80, 81, 100 e 120 anos (3).

Comentando ligeiramente os dados da nota, defrontâmo-nos, antes de tudo, com algumas moléstias "esquisitas", redação precária dos atestados e a variedade de nomes para os mesmos casos.

Quanto à "raça", a estatística declarava 171 mortos de côr branca, 94 pretos, 61 pardos e 11 indiáticos, côr china, ou indianos, um total de 337 mortes para quatro anos ou sejam 84 por ano e 7 por mês.

Falecia muito branco estrangeiro da França, Portugal, etc., de tísica; a mortandade infantil era grande e a soldada se acabava com o mal da bexiga.

O tifo, gastro-enterite, tétano e a tuberculose estão representados com números grandes.

Os pretos morriam bastante de disenteria, doença originária da África, hidropisia, e dos dez casos de velhice registrados nesse período, oito eram de negros.

A bouba apenas aparece num caso, mas convem lembrar a lição de Otávio de Freitas que salienta a confusão e o êrro em que se cai para a autencidade dessa moléstia africana. Naturalmente a bouba existia em maiores proporções no Rio Pardo e não como constava das estatísticas formais.

Em alguns assentamentos lia-se: De 60 anos, natural da África, profissão nenhuma, causa da morte — queda dada em uma fonte quando com água e pancada que sofreu na região ocipital (morte repentina), ou "50 anos, cego, natural da costa da África, escravo. Causa da morte: miséria".

◆

O Recenseamento de 1814 assinala não só o número de brancos de ambos os sexos, como os indígenas, os livres de tôdas as côres, os escravos de ambos os sexos e os recém-nascidos e não é assim um simples quadro geral como o de 1803.

Já desdobramos, por localidade, os 20.611 escravos de ambos os sexos.

Pôrto Alegre, onde a população chegava a 2.746, a de escravos era de 2.312, escravos negros, pois estão excluídos os indígenas, que tiveram recenseamento à parte.

Em Pelotas, entretanto, onde a população branca era de 712 pessoas, num total de 2.419, os escravos atingiam a 1.226, ultrapassando aos brancos.

Noutras cidades, brancos e escravos negros quasi eram em mesmo número: Triunfo: 1.760 brancos e 1.208 escravos pretos; Santo Amaro: 953 brancos e 773 escravos pretos.

Mas não sòmente Pelotas tinha uma população negra que ultrapassava à branca: Piratiní, também, tinha 1.439 brancos e 1.535 escravos negros.

O censo de 1814 dava ao Rio Grande do Sul 32.300 brancos de ambos os sexos e 20.611 escravos de ambos os sexos, além de 8.655 indígenas de ambos os sexos, 5.399 livres de tôdas as côres, onde estão naturalmente incluídos pretos, tambem, e 3.691 recém-nascidos, num total 70.656 habitantes.

Num "Quadro da população de 1848 pelas listas eclesiásticas" do Rio Grande do Sul, pode-se ver bem o número de casamentos, batismos e óbitos, libertos e escravos, número mais elevado de óbitos, menor de batismos e ainda menor de casamentos, ou porque os casamentos de escravos não mereciam o registro eclesiástico (faziam-se atrás da igreja, como o povo diz quando quer se referir aos casamentos ilegais) ou os batismos de escravos não interessavam à sociedade da época. O fato é o mesmo quanto aos óbitos. A mortandade entre os pretos era surpreendente.

Foram preenchidas essas listas eclesiásticas de 1848 em cincoenta e nove paróquias ou das que estavam em seu lugar: curatos, capelas, etc.

Em Pôrto Alegre: Nossa Senhora da Madre de Deus registrava os óbitos de 176 escravos e de 202 livres e libertos, os batismos de 203 escravos e 280 livres e libertos, os casamentos de 59 livres e 2 escravos; Nossa Senhora do Rosário: 118 óbitos de escravos e 97 de livres e libertos, 234 batismos de escravos e 186 livres e libertos, 35 casamentos de livres, 2 de libertos e 2 de escravos.

São os dados da capital da província e evidentemente será fastidioso trazer aqui detalhes estatísticos que revelassem até o ambiente religioso do Rio Grande do Sul no ano de 1848, ambiente que se estende a outros aspectos.

Mas poderíamos dar os dados totais do Rio Grande do Sul, incluindo também a distribuïção por sexo.

A população era calculada em 187.082; os casamentos foram os seguintes: 1.217 de livres, 53 de libertos, 38 de escravos (1.328 casamentos); batismos, 3.197 masculinos de livres e libertos, 3.019 femininos de livres e libertos, 1.161 masculinos de

---

(3) Examinando os livros de assentamentos de cemitério público nos dois últimos meses de 1863 e nos anos de 1864-65-66 e 67 verificamos a existência das moléstias e o número de mortes que registramos a seguir:

Bexiga — 14, bexiga confluente — 1, blenorragia — 1, urinas frouxas — 1, concepção sifilítica congênita — 1, chagas venéreas — 1, gastro-enterite — 20, gastro-hepato-enterite — 1, gastro-colite — 1, colite — 1, colite — 2, tísica — 6, tísica pulmonar — 13, tísica laríngea — 2, tuberculação pulmonar — 5, tubérculo pulmonar — 9, bronco-pneumonia — 1, pleurisia — 3, catarro pulmonar — 2, catarro sufocante — 2, catarro pulmonar crônico — 1, congestão de peito — 1, hemoptise — 1, pneumonia — 4, congestão pulmonar — 2, peritonite — 1, apoplexia pulmonar — 2, tubérculos mesentéricos — 3, anemia — 1, tifo — 14, febre gástrica — 3, febre catarral — 1, disinteria — 8, coqueluche — 3, crup — 1, escrófulas — 1, sarampo — 3, varíola confluente — 2, varíola reclusa — 1, recém-nascido — 6, tétano espontâneo — 2, dentição — 7, dentição com verminose — 2, icterícia — 2, diarréia — 17, diarréia crônica — 2, ataque de verminose — 1, cancro na região mamária — 1, parto laborioso — 1, hemorragia uterina — 1, supressão de regra — 1, úlceras — 1, úlceras intestinais — 1, gangrena — 3, úlceras gangrenadas — 1, ataque epiléptico — 1, morféa — 1, anarzaca — 4, hemiplegia — 1, hipertrofia da perna — 1, paralisia — 10, hemorragia estomacal — 1, espasmo — 1, bouba — — 1, hidropisia — 14, aneurisma do coração — 1, hidroteresciste — 2, miles confluente — 1, repercussão de extrena — 1, artrite aguda — 1, aciste — 1, acidente — 1, ferimento a bala — 1, envenenado — 1, queimadura pelo fogo — 3, submersão — 1.



Residência típica do negro no Império.

escravos, 1.138 femininos de escravos, (8.513 batismos); óbitos: 834 livres e libertos masculinos, 662 livres e libertos femininos, 573 escravos e 424 escravas (2.493 óbitos).

A "população da província no fim do ano de 1858, segundo o mapa tirado pelas listas de família" dava no Rio Grande do Sul 71.911 escravos, 208.044 livres, 5.489 libertos, numa população geral de 285.444.

Se não encontramos localidades com a população negra escrava ultrapassando à população branca livre, excluindo-se os libertos, gente africana, temos diversos centros urbanos onde as duas populações pràticamente se igualam no número, embora em certos distritos de alguns municípios a população escrava africana é realmente maior do que a branca ou livre.

O quadro estatístico de 1858 foi levantado por distritos e em Pelotas, Rio Pardo e Arroio Grande, onde a população negra escrava é maior que a população de livres e libertos; em outros distritos as populações africanas e branca e livre quasi são do mesmo número, como em Encruzilhada, Caçapava, Pedras Brancas, Taim, Piratiní, Estreito, Charqueadas, Erval, etc.

Noutros distritos, negros escravos constituem mais ou menos cincoenta por cento da população, como em Pôrto Alegre, Viamão, Barra, Santo Amaro, Santana, Triunfo, Caí, São Jerônimo, Boqueirão, Cêrro do Roque, Dores de Camaquã, Palmares, Erval, São José do Patrocínio, Cachoeira, Irapuá, Formigueiro, Lavras, Bagé, Cangussú, Jaguarão, etc.

Outros distritos têm apreciável, embora pequeno número de escravos africanos: São Gabriel, Santo Antônio da Patrulha, Conceição do Arroio, São Francisco de Paula, Lagoa Vermelha, Vacaria, Alegrete, Jaguarão, etc.

Sòmente a primitiva região das missões dos índios conserva um ínfimo número de escravos, não acontecendo com as fronteiras, centro e litoral onde a indústria e a lavoura do luso-brasileiro estavam a exigir braços, que foram supridos pelos negros.

José dos Santos Pereira, "encarregado da statistica" do Rio Grande do Sul, organizou, dez anos depois (1858), um "mapa statistico da população da provincia classificada por idades, sexos, estados e condições com o resumo total de livres, libertos e escravos"; êsse mapa ficou pronto em 1.º de outubro de 1859.

As regiões, cujas estatísticas foram levantadas, ficaram agrupadas por comarcas.

A divisão judiciária compreendia dez comarcas ao todo no Rio Grande do Sul e cada comarca com diversos municípios e o número de africanos é o seguinte:

Na comarca de Pôrto Alegre: em Pôrto Alegre, pròpriamente: 4.556 escravos e 3.861 escravas (8.517 numa população de 29.725 habitantes, contando perto de 1.000 libertos); São Leopoldo: 1.097 escravos e 707 escravas (1.804 numa população de 18.690, incluindo-se 114 libertos); Taquarí: 1.533 escravos e 1.168 escravas (2.701 numa população de 9.932 habitantes com 236 libertos); Triunfo: 1.591 escravos e 1.243 escravas (2.834 numa população de 9.531 com 176 libertos).

Passamos aos outros municípios de diversas comarcas.

Santo Antônio: 2.999 escravos numa população de 14.930 habitantes; Conceição do Arroio: 2.055 escravos sôbre uma população de 8.636; Rio



O Livro de Ouro oferecido à Câmara Municipal de Pôrto Alegre pelo Centro Abolicionista. Nele figuram os nomes dos pioneiros do abolicionismo.

Pardo: numa população de 7.028 habitantes existiam 2.174 escravos; Encruzilhada: numa população de 6.180 existiam 2.238 escravos; Cachoeira: numa população de 5.169 existiam 1.628 escravos; acrescente-se que Rio Pardo, Encruzilhada e Cachoeira tinham 205, 60 e 85 libertos, respectivamente, para aumentarmos o número de gente africana no Rio Grande do Sul.

Em Caçapava: 3.000 escravos e 256 libertos numa população de 10.076 habitantes; em São Gabriel: 2.046 escravos e 324 libertos numa população de 7.979 habitantes; em Santa Maria: 966 escravos e 20 libertos numa população de 5.110 habitantes; em Bagé: 4.016 escravos e 344 libertos numa população de 12.312 habitantes.

Alegrete: com 10.999 habitantes. 2.525 são escravos e 209 libertos; Uruguaiana: com 8.645 habitantes. 1.873 são escravos e 179 libertos.

Piratiní tinha uma populacão de 8.684 habitantes com 3.154 escravos e 25 libertos; Cangussú: 7.429 com 2.453 escravos e 175 libertos; Jaguarão: 12.999 habitantes com 5.056 escravos e libertos.

Rio Grande, o município, com 4.369 escravos e 71 libertos numa população de 19.882; São José do Norte: 1.802 escravos e 166 libertos numa populacão de 5.369; Pelotas: com 4.788 escravos e 342 libertos numa população de 12.893 habitantes.

Cruz Alta, Passo Fundo, São Borja e Itaquí, que formam os municípios de duas comarcas distintas, também estão incluídos nesse mapa de José dos Santos Pereira, mas os índices colhidos são tão sem importância que nos dispensamos de trazê-los aquí.

São êsses municípios da citada região habitada pelos descendentes dos índios e mesmo de índios legítimos.

A população da província do Rio Grande do Sul em 1858 é de 282.547 habitantes, inclusive 70.880 escravos e 5.413 libertos.

Seria nos estender em demasia se comentássemos êsse quadro estatístico ou pelo menos fizéssemos referência ao sexo e às idades; mas de qualquer maneira não deve passar desapercebida a quantidade elevada de escravos existentes desde a idade de cinco anos, dez, quinze, vinte, vinte e cinco, trinta e trinta e cinco, quarenta; sòmente começam a declinar os números depois de quarenta e cinco anos, e até muita gente velha de oitenta a cento e tantos anos de idade.

Há ainda do citado ano, 1858, e do mesmo funcionário, outro quadro estatístico, agora sôbre casamentos, batismos e óbitos de livres e escravos no Rio Grande do Sul, sempre, entretanto, muita escassez de elementos no tocante aos casamentos de escravos, mas muito precisos nos números do obituário e batizados.

Quanto aos escravos: 94 casamentos, 3.684 batizados e 1.684 óbitos. Quanto aos livres, afim de compararem-se os dados: 2.602 casamentos, 13.600 batizados, 3.698 óbitos.

O quadro corresponde ao último semestre de 1858 e todo o ano de 1859.

No ano seguinte, 1860, a população do Rio Grande do Sul, segundo cálculos efetuados, aumentara de 13.381 pessoas, total no qual se incluia para mais de 3.000 escravos através das listas de batismos e uns poucos entrados pelo único pôrto marítimo.

Em 1861, a população do Rio Grande do Sul se compõe de 370.446 habitantes, dos quais 294.337 são livres e libertos e 76.109 são escravos. Em 1863 o número de escravos passa para 77.419 numa população de 392.725 almas.

Quando ao tempo da invasão espanhola, Sebastião Xavier Cabral da Câmara mandara fazer um mapa das freguesias e moradores de ambos os sexos, com declaração das diferentes condições e idades, em 7 de outubro de 1780; verificou-se existirem 3.210 escravos e 1.883 escravas em todo o Rio Grande do Sul.

A população da capitania era, por êsse mapa do século XIX, entre homens casados, homens velhos, homens solteiros, meninos "de confição", mulheres casadas, mulheres solteiras, mulheres velhas, meninas "de confição", escravos e escravas, de 17.923; dêstes, capazes de armas, 2.000 apenas.

O negro, em que época entrou no Rio Grande, quais os núcleos de população escrava mais importantes, o índice africano foi aquí insignificante como se tem dito, e o trabalhador negro na fazenda, na charqueada e como soldado?

Sugerem estudos. Sugerem, não; pedem todos êsses problemas uma interpretação para acabar com uma ridícula mística brancóide tão ao gôsto de alguns historiadores de geração positivista do Rio Grande do Sul.

O fato é que o negro entrou com os primeiros batalhões luso-brasileiros e híspano-rio-platenses, com as "bandeiras", com os povoadores do início do Rio Grande do Sul.

Há farta documentação. Através das peças da provedoria real, por exemplo, poderemos ler centenares e centenares de guias-licenças e vendas de escravos.

◆

Mas o testemunho do viajante estrangeiro constitue documentação das mais valiosas e incluimos aquí alguns curtos informes do menos conhecido dos autores de viagem. Menos conhecido e entretanto talvez o mais curioso e o mais citado.

Arsène Isabelle deixou suas impressões num livro intitulado "Viagem a Buenos Aires e Pôrto Alegre, pela Banda Oriental, Missões do Uruguai e a Província do Rio Grande do Sul, seguida de considerações sôbre o estado do comércio exterior francês, e principalmente para o Brasil e o Rio da Prata".

O vasto título da obra já nos dá a entender as intenções de seu autor, que se preocupou muito com a parte comercial, pois o livro é ainda dedicado ao comércio do Havre, cidade, aliás, onde o volume foi impresso em 1835.

A parte do Brasil meridional, Isabelle a destacara num capítulo especial, publicado no mesmo ano do aparecimento do livro na "Nouvelles Annales des Voyages", parte que tinha o seguinte nome: "Excursão pela província do Rio Grande do Sul", segundo o bibliógrafo Abeillard Barreto, em interessante monografia sôbre o assunto: "As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul".

O autor, a-pesar-de suas intenções práticas, não deixou de enveredar pelo campo das conclusões históricas e sociais, atacando os jesuítas, criticando os portugueses e luso-brasileiros e chegando mesmo a conclusões inverossímeis.

Isabelle não era escritor, mas o pretendia ser; não conhecia a história natural e tinha veleidades de completar a obra de Saint-Hilaire, falha na parte geológica e mineralógica, conforme dizia.

Não escreveu seu livro em forma de diário, mas ia dando as ocorrências dia a dia, no percurso da viagem, prevalecendo sempre a localização



IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, EM PÔRTO ALEGRE

Em breve será demolido êsse monumento de fé católica, verdadeira relíquia do passado e que recorda uma época. Foi construída pelos escravos com seu esfôrço e trabalho. Era da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, à qual só negros pertenciam. Em 1926 foi incorporada à Mitra.



Negras em Pôrto Alegre, a bordo duma lancha, na festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

de cidades e vilas, e cada uma das cidades e vilas, mais ou menos agrupadas, constituiam os capítulos das memórias.

O período da viagem é de 1830 a 1834, quatro anos portanto, e sua visita ao sul do Brasil começa nos fins de 1833 e decorre durante todo o ano seguinte.

Vamos deixar o estudo crítico da obra de Isabelle, seu amadorismo literário, defeitos e injustiças, para extrair de seu livro algumas notícias sôbre o negro no Rio Grande do Sul.

Não é muita coisa, mas sempre uma dúzia de observações se consegue.

Passando a fronteira argentino-brasileira, ao aproximar-se de Alegrete, no Rio Grande do Sul, já Isabelle ia em direção ao centro da província; fala de como estava organizada sua caravana: "a fora os dois companheiros e eu, dizia Isabelle, o pessoal se compunha do tropeiro, quatro arreadores, sendo dois negros e um índio; o capataz e um picador (ou arreador) eram brasileiros. Caminhávamos ora a cavalo, ora a pé ou de carreta".

Temos, aí, uma informação interessante: de quatro condutores de animais, os tais arreadores, dois eram negros, o que revela que mesmo nos serviços de transporte, nos serviços primitivos, não se dispensava o negro; pelo contrário, se o preferia até ao índio, muito elogiado como conhecedor de caminhos, da natureza, etc.; entretanto, se empregava dois negros e apenas um índio.

Não que fosse obra do acaso essa superioridade numérica ou preferência pelo negro; mas êle, pela sua resistência física, passou a ocupar o lugar do índio, que se negava a trabalhar.

O negócio de peles, está claro, que só poderia ser realizado pelos brancos; mas os pequenos negócios de pele, peles de animais comuns, essas, sim, poderiam ser vendidas pelos negros.

Isabelle ficou, também, muito admirado com a quantidade de macacos que encontrou nos arredores de Pôrto Alegre.

"Os negros de Pôrto Alegre vendem, por quasi nada, belas peles, assim como bugios".

Se os negros vendem por quasi nada é porque vendem por sua conta, senão, se fossem apenas encarregados pelos brancos, então os preços naturalmente seriam outros.

Os negros caçavam êsses pequenos macacos e depois vendiam-nos vivos, ou as peles, por ninharias; e talvez quanto lhes custassem essas caçadas? Fugas, castigos e prisões.

Êles mesmos vendiam naturalmente por quasi nada para que o negócio não despertasse a atenção dos senhores.

Se de fato havia abundância de macacos, os negros se aproveitavam para se embrenharem nos matos ou pelas margens dos rios e davam assim expansão aos seus instintos de homens de uma primitiva sociedade que vivia da caça e pesca.

Isabelle está se aproximando de Santa Maria, então já importante povoação do centro do Rio Grande do Sul, e espanta-se com o que os fazendeiros chamam de casa de hóspede, pela simplicidade, modéstia e pobreza, mas os próprios donos de grandes campos de criação de gado não viviam em casa melhor do que essas reservadas aos hóspedes; apenas a casa do fazendeiro era maior, mas no resto, o mesmo desconfôrto.

Chega Isabelle numa fazenda dessa região: "Fazem passar o viajante à casa dos hóspedes, diz êle, e lá é servido por um negro escravo ou índio, sem se comunicar mais com a família do fazendeiro ou estancieiro".

O negro está ao lado do índio, mas não deixa ainda de ser também o criado do fazendeiro; porém Isabelle não se preocupa mais, se é atendido ou não por negros escravos, mas pelo fato de ficar isolado da família do fazendeiro, coisa que êle não perdoa e tôdas as vezes que tem ocasião de se referir a êsses hábitos fechados da nossa gente do interior, desanca forte em seu livro.

Isabelle está em pleno campo, andando em sua carreta, sempre em direção a Pôrto Alegre, mas ainda muito longe, pois falta passar por uma série enorme de localidades para chegar à capital da província.

Acampam para as refeições e queixa-se da comida: "comíamos quasi sempre feijão preto cozido com pedaços de charque e salpicado na gamela com farinha"; comida de carreteiro, chamam a isso, nos dias de hoje, mas, naquele tempo, o comerciante francês julgava que era a comida comum dos brasileiros do sul.

"Todo mundo comia no mesmo prato", escreve desolado e acrescenta: "não bebíamos nunca comendo, mas depois da refeição um negro trazia um chifre cheio dágua na roda, e cada um bebia por sua vez."

Porque "aquele que se levantasse durante a refeição para ir beber, ficaria arriscado a escovar a barriga ao voltar" e queixa-se, numa linguagem violenta, do apetite de seus companheiros de viagem, apetite que êle estende, numa generalização lamentável, a tôda a população sulina dos campos de criação de gado.



Negras em Pôrto Alegre, no bar de seu salão de baile.



TRADIÇÕES DO ELEMENTO AFRO-BRASILEIRO

Batuque — dansa religiosa dos pretos do Congo e Angola, que se conservou até hoje entre os negros do Brasil (Fotografado em Pôrto Alegre).



Mulatinha acompanhando a procissão de Corpus Christi.

Mas o negro está aí representando outra vez um dos seus principais papéis: o de criado doméstico.

Papel desdobrado em tôda e qualquer atividade subalterna.

Referindo-se a Caçapava e São Sepé, localidades mais ou menos próximas de Santa Maria, Isabelle comenta: "Uma infinidade de riachos e terrenos são auríferos nesta província, mas os métodos de lavagem são muito maus e o pó que se obtem não dá grande resultado ao proprietário de negros empregados neste trabalho; perde-se também a maior parte do que é imperceptível".

Temos o homem negro explorado como achador de ouro, embora os veios e minas de ouro do sul sejam insignificantes e fossem logo abandonadas.

O negro que, no centro do Brasil, na grande região aurífera, foi transformado no mais miserável dos escravos, no extremo sul não sofreu muito com essa espécie de trabalho, porque o ouro era pouco, afinal, e não abundante, como queria Isabelle.

Mas mesmo com pouco ouro, foi chibateado para arrancar e achar ouro de qualquer jeito.

No passo, na passagem do rio Jacuí, antes de se chegar a Cachoeira, outro centrozinho que já estava em franco progresso, Isabelle se entusiasma com o contraste das "côres" das pessoas e das roupas e a primeira coisa que lhe ocorre e vê é o negro, o negro no meio daquela agitação, vozerio e movimento.

Sempre o negro, o negro em tôda a parte, até como pitoresco, tema ou literatura enchendo a paisagem de todo o Brasil império.

Agora Isabelle está no Rio Pardo, "cidade" importante, muito povoada, e observando as comunicações fluviais, o grande número de barcos, diz: "Partem e chegam constantemente (os barcos); tem-se a certeza de ser transportado com rapidez, porque quando o vento não é favorável quatro ou cinco negros nus remam sem parar dia e noite."

É uma regata violenta, mas os negros estão nus, maneira comum de andarem êles por essa época.

Como escravos êles tinham que fazer os trabalhos mais pesados ou tôda espécie de trabalho.

Ao chegar em Pôrto Alegre, vê Isabelle que "os fardos, qualquer pêso que tenham, são transportados pelos negros no pátio da alfândega para serem vistoriados; aí outros negros (porque a raça africana tem no Brasil a profissão de cavalos e mulas) os transportam para o seu respectivo destino".

O negro, carregador do cais e do trapiche, na rua e nas casas, servindo de guindaste e de carroça.

Isabelle desabafa e solta impropérios terríveis contra a exploração do negro não só contra os da terra, como contra os outros colonos europeus, na América, mas essa má literatura agora não nos interessa.

Mais adiante, ainda em Pôrto Alegre, Isabelle anota: "Aquí, como em tôdas as antigas possessões



Velhinha preta, a caminho da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes.



TRADIÇÕES DO ELEMENTO AFRO-BRASILEIRO

Batuque. Detalhe

espanholas e portuguesas, os negros e mulatos são operários, quer dizer, homens laboriosos, trabalhadores, aqueles que enfim têm necessidade de usar mais a sua inteligência, mas têm a desgraça de serem escravos e, sobretudo de serem negros".

Não escapou ao atilado viajante francês que aos escravos negros se tinham dado todos os ofícios e as pequenas atividades artísticas no Brasil e que Pôrto Alegre, como no Brasil e na América, o negro era operário e artífice, o único, o mais produtivo e o mais explorado.

Isabelle não se contém e aproveita para escrever uma catilinária em regra contra os senhores de escravos.

Descreve então os castigos de negros que presenciou em Pôrto Alegre, no ano da graça de 1834, com estas palavras: "Cada dia, das sete às oito horas da manhã, pode-se assistir em Pôrto Alegre, um drama sangrento. Ponto de reünião na praia, ao lado do Arsenal, defronte da igreja, diante do instrumento de suplício do divino legislador, vereis uma coluna erguida num maciço de alvenaria e ao pé... uma massa informe, alguma coisa certamente pertencente ao reino animal que não podeis classificar entre bimanos e bípedes... é um negro!..."

E adiante, menos patético, mas mais preciso: "Um negro condenado a duzentas, quinhentas, mil, seis mil fustigadas de relho".

O castigo das chibatadas era previsto em lei e administrado pela autoridade.

Isabelle se horroriza diante da mutilação do escravo e da sanguinoleira da cena. F'az frases sôbre a revolta de negros, os legisladores das colônias modernas e da aristocracia da pele, como êle diz.

Já verberara contra o sistema de homens brancos, vivendo do trabalho de homens negros.

Ao falar dos castigos de negros em Pôrto Alegre, êle não esquece, não, de fazer alguns comentários sôbre a maneira de como eram êles tratados nas famílias luso-brasileiras.

"Como tratamos nossos cães", esclarece sem subterfúgios Isabelle. "Começam mesmo por assobiar, e se êles (negros) não vêm imediatamente. recebem duas ou três bofetadas da mão delicada de sua encantadora senhora metamorfoseada em mulher-víbora".

A narrativa sôbre os castigos continua: se o negro não apanha da senhora, leva ponta-pés e socos do amo ou então é espancado pelos dois: o senhor e a senhora.

Mas se o infeliz resmunga, fala entre os dentes, é então atado, no primeiro poste, naturalmente há em tôda a parte vários postes com êsse fim, e o negro termina surrado até derramar sangue.

"O senhor e a senhora vêm, com grande alegria no coração", assistir o flagelo daqueles, diz Isabelle, "que apenas cometeram o êrro bem inocente de não ter sabido adivinhar os caprichos de seus senhores e patrões!"

Insiste nos detalhes dos castigos de negros: os senhores e senhoras de escravos armados de relho, pau, barra de ferro ou corda, surrando negro até levantar a carne então lavada em sangue, lugar onde depois mandavam botar sal com pimenta para curar as feridas, assim como se tratavam os vermes e bicheiras dos animais.

"Vi mais ainda, diz, há senhores assás bárbaros, principalmente no campo, para fazerem incisões nas faces, espáduas, nádegas, coxas de seus escravos, afim apenas de colocar pimenta."

Assegura que outros senhores de escravos levam seu furor frenético até o ponto de assassiná-los.

Disso não guardam o menor remorso, além de atirarem o negro numa cova como se fosse um cachorro; quando se perguntava por êsse escravo desaparecido, respondiam com a maior sem-cerimônia, naturalmente acompanhado de gestos e palavras pornográficos, que o negro morreu e estava, então, tudo acabado.

Isabelle, desolado com todos êsses vícios e crueldades de uma sociedade escravagista, reconhece que existia uma lei mandando punir senhor assassino de escravos, mas a lei não é para os fortes, conclue entristecido o viajante, que saíra do Havre para ver tôdas essas misérias da escravidão.

Termina Arsène Isabelle seu livro com mais uma referência sòmente, sendo que agora é para dizer que "Feitoria", lugar situado nos arredores de Pôrto Alegre, tinha êsse nome porque alí antigamente se vendiam escravos.

Em outra nota no fim do volume, Isabelle volta a falar que "os brasileiros, habitantes da campanha, não bebem quando comem. Depois da refeição, um dos convivas, à falta de escravos, vai tirar água num chifre, num barril ou numa fonte existente na proximidade do lugar onde acampam; êle bebe primeiro, depois enche o chifre e apresenta a outro conviva, que por sua vez o deve encher e passar a outro. Se há escravos ou criados, são êles que enchem o chifre no qual bebem também. Êste costume de beber sòmente depois de ter comido, é geral no meio das tribus indígenas de todo o Brasil, Paraguai e Buenos Aires".

Aí está o negro desempenhando, como escravo, a função de criado. Escravo, está evidente que é o negro, pois o índio teve uma referência à parte.

No papel de criado, sua posição é mais humanizada, uma vez que êle bebe no mesmo chifre que serviu de copo para o seu senhor, o que não é pouco, quando as concessões aos negros eram tão restritas.

Foram essas as únicas citações de negros escravos que Isabelle fez ao passar pelo sul do Brasil, citações interessantes para o estudo de alguns aspectos da história do negro no Rio Grande do Sul.

O RIO GRANDE DO SUL DA INDEPENDÊNCIA A NOSSOS DIAS

Por WALTER SPALDING

Foi a Capitania, depois Província e por fim Estado do Rio Grande do Sul dos mais desprezados e ignorados recantos do Brasil até o advento da 2.ª República.

Realmente, desde seu início, em 1737, nada se lhe dava e tudo se lhe pedia. Depósito, quartel permanente, campo de experimentação, o Rio Grande se fez por si e, do que é, nada deve a ninguém. O próprio fato de ser brasileiro e não espanhol, ou Estado independente, é obra exclusiva, pode dizer-se, em última análise, dos próprios filhos da gleba do minuano.

Sempre de armas às costas, o Riograndense só a depunha nos momentos, — breves momentos, — de paz para retomá-las logo após em defesa do solo e da pátria.

Habituado às lutas, sempre o primeiro a marchar e o último a voltar aos lares e à vida do campo, o riograndense, mais do que de si próprio, cuidava dos interêsses do Brasil, sem que, para isso, tivesse o menor estímulo.

Daí a intensa brasilidade dos filhos dos verdes pampas do Rio Grande.

Pronto sempre, para tudo que fosse grande e nobre, para e pela Pátria unida e forte, lutando embora contra ideologias políticas federais, nunca se deixou levar por separatismos tolos, antibrasílicos, ou por ideologias exóticas.

O pensamento do riograndense, em todos os tempos, foi o de brasilidade, brasilidade intensa, apregoada em todos os seus grandes movimentos, desde a colônia ao 10 de novembro de 1937.

E é isso, justamente, o que, em breves palavras, iremos demonstrar nas diversas etapas de sua história — da independência a nossos dias.

◆

O MOVIMENTO INDEPENDENCISTA E A INDEPENDÊNCIA

Já em 1817, conforme tivemos ocasião de verificar em correspondência do arquivo do Visconde de Piratiní (1), falava-se, no interior do Rio Grande do Sul, na independência do Brasil. Numa das cartas, um afilhado do Visconde, que se achava no Rio, perguntava o que havia de certo nesse sentido, pois era voz corrente que se tratava de libertar o Brasil do jugo português e grande era o número dos entusiasmados pela idéia em todo território gaúcho.

Boato simples, ou realidade, o fato é que a rebeldia contra o domínio português era geral no Rio Grande do Sul e o Decreto das Côrtes de Lisboa de 29 de setembro de 1821 exaltou de tal forma o ânimo que levou o povo a organizar um govêrno provisório, tal como o fizeram, mais ou menos na mesma época, em São Paulo.

Lourenço Júnior de Castro, homem de prol na política continental, em ofício dirigido ao Juiz de Fora, Presidente e mais membros da Câmara, protesta violentamente contra o referido decreto, apontando meios de se oporem às ordens de Lisboa (2).

O resultado dessa oposição foi a instalação da Junta Governativa eleita pelo povo e que ficou presidida pelo então chefe do govêrno, brigadeiro João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun.

Essa junta governativa, instalada a 22-2-1822, ficou assim constituída: Presidente, brigadeiro João Carlos Saldanha; vice-presidente, marechal de campo João de Deus Mena Barreto; secretário dos negócios políticos, Manuel Maria Ricaldes Marques; secretário dos negócios da guerra, brigadeiro José Inácio da Silva; membros da junta, brigadeiro Felix de Matos Pereira de Castro, Manuel Alves dos Reis Louzada, vigário Fernando José de Mascarenhas Castelo Branco, Francisco Xavier Ferreira e desembargador José Teixeira da Mata Bacelar.

Proclamada a independência a 7 de setembro de 1822, contra a medida se opôs o brigadeiro Saldanha que, por êsse fato, foi preso e remetido ao Rio de Janeiro, de onde o enviaram a Portugal.

Fato digno de nota e que bem revela o sentimento nacionalista do povo riograndense, foi o da prisão do desembargador Luiz Corrêa Teixeira de Bragança por se ter oposto à medida, no dia das eleições da Junta (21-22-2-1822). Teixeira de Bragança, segundo rezam documentos da época, arquivados na Diretoria do Arquivo e Biblioteca da Prefeitura Municipal, "teve de evacuar o Colégio Eleitoral atacado de vocífera apupada, e outros insultos de inflamação popular".

Depois da prisão e expulsão do brigadeiro Saldanha, ficou o govêrno assim constituído: Presidente, marechal de campo José Inácio da Silva, e, depois, o marechal de campo João de Deus Mena Barreto; secretário, José Joaquim Machado de Oliveira; membros, Francisco Xavier Ferreira (que foi também secretário), padre Fernando José de

(1) Infelizmente não sabemos o fim que levou êsse precioso arquivo.

(2) Razões de Lourenço Júnior de Castro, in Boletim Municipal nº 9 — setembro a dezembro de 1941.

Mascarenhas Castelo Branco, vigário do Rio Pardo, e cônego Tomé Luiz de Souza, vigário da matriz de Pôrto Alegre.

Foi êsse o govêrno, profundamente brasilista, que se manteve no poder até a decretação da Constituïção do Império em 1823.

O PRIMEIRO REINADO

O traço caraterístico do primeiro reinado, govêrno de D. Pedro I, foi o chamado "retrogadismo", isto é: o absolutismo auxiliando o regresso aos postos elevados de elementos lusos, em detrimento dos nacionais, o que ocasionou a queda do monarca.

O 7 de abril é a mais empolgante lição nativista do período inicial de nossa nacionalidade. Entretanto, foi logo esquecida, como veremos, pela Regência.

Além da "guerra da independência" brilhantemente vencida na Baía, teve o govêrno de D. Pedro I de enfrentar a revolução de 1824, a "Confederação do Ecuador", e sustentar árdua luta no Prata.

A Confederação do Ecuador, de caráter republicano-maçônico, influiu, amalgamado às idéias emancipacionistas e republicanas do Prata, na formação definitiva dos ideais políticos e sociais do sul-riograndense.

A guerra constante, pela conservação da Província Cisplatina, em luta acesa contra o Império, ávida buscando sua independência, deram ao riograndense, sempre na vanguarda, idéia diferente em matéria governamental, pois a propaganda revolucionária de Artigas, Lavalleja e Rivera apresentava o Brasil como um país imperialista, e seu govêrno, um govêrno orientado na senda da conquista e expansão territorial, bases, — como afirmavam, embora erradamente, em especial com relação ao Brasil, — de govêrnos de reis.

Ora, brasileiros de nascimento, brasilistas de coração, os sul-riograndenses, de poucas letras (nenhumas, pode-se até dizer...), liberais por índole e educação obtida nas lides campeiras e nas constantes guerras desde 1737, não ouviam em vão aquela propaganda constante através da imprensa e dos próprios prisioneiros.

Daí nascer-lhes, embora deturpado pela incultura, um sentimento diverso, anti-expansionista, e, de certo modo, anti-monárquico.

Êsse sentimento liberal, com fundo republicano, fez com que vários riograndenses se inscrevessem nas hostes independencistas da Cisplatina, salientando-se, entre êles, o famoso Pedro José Vieira, que os orientais apelidaram PERICO EL BAILARIN, autor do primeiro grito de liberdade do Estado Oriental — o denominado "GRITO DE ASCENCIO".

Pedro José Vieira, após a independência do Uruguai, em 1828, retornou ao Rio Grande do Sul, prestando relevantes serviços à sua Pátria — o Brasil.

O govêrno de D. Pedro I culminou com a declaração da independência do Uruguai, gesto louvado e exaltado por todos os riograndenses, fartos já de sustentarem uma guerra impopular, provocada em pleno regime colonial do Brasil-Reino, pela ambição de D.ª Carlota Joaquina.

Mas, a-pesar-disso, o absolutismo do imperador e a franca proteção dada ao elemento português que o povo cognominou "retrógrado", provocaram o movimento de que resultou a abdicação de D. Pedro a 7 de abril de 1831.

A notícia da abdicação foi recebida em todo o Rio Grande do Sul com as mais vivas demonstrações de alegria, tendo-se realizado, nas localidades maiores, festas públicas e luminárias por três dias.

A REGÊNCIA

Recebida em todo o país como a salvadora dos sentimentos nativistas, não tardou, contudo, a Regência a voltar aos velhos processos de D. Pedro I na proteção ao elemento luso, — denominado "retrógrado", e "restaurador".

A-pesar-de tudo isso, foi a Regência grandemente elogiada por ocasião da promulgação do ATO ADICIONAL à Constituïção de 1823, na qual viram, todos, a salvação do princípio da autoridade e autonomia das Províncias, criando nelas as Assembléias Provinciais.

Recebido o Ato Adicional com grandes festas no Rio Grande do Sul, pelo povo, o govêrno da Província, chefiado pelo dr. Fernandes Braga e, em especial pelo irmão, o dr. Pedro Chaves, transformou o regozijo popular em luta acesa, impedindo por todos os meios as manifestações públicas, porque, dizia, eram elas organizadas pelo elemento contrário ao govêrno — de sentimentos francamente liberais e, de certo modo, com tendências republicanas. A êsse partido denominaram DOS FARROUPILHAS — desde o ano em que, veementemente, se opuseram à instalação da Sociedade Militar, cujo fim era proteger o elemento lusitano e propagar a volta de D. Pedro I.

Depois do falecimento do primeiro imperador do Brasil, em Portugal, a Sociedade Militar não teve mais razão de ser. Entretanto os ódios continuaram e os riograndenses liberais viam em cada membro do partido oposto, tivesse ou não pertencido aos que pretendiam fundar em Pôrto Alegre e outros pontos da Província a Sociedade Militar, um inimigo do Rio Grande e do Brasil.

Porisso, e em conseqüencia das medidas drásticas tomadas pelo govêrno contra os chamados Farroupilhas, graves acontecimentos sobrevieram, constituindo verdadeiros quebra-cabeças aos homens da Regência, como a Revolução Farroupilha, no Rio Grande, a Sabinada, na Baía, a Cabanagem, no Pará. Era o incêndio que se ateava por todo o país, demonstrando o descontentamento do povo e a impopularidade do govêrno regencial.

E foi nesse ambiente que os MAIORISTAS, no Rio, tramaram a queda da Regência, elevando ao trono do Brasil o menino-imperador, D. Pedro II, alma e coração boníssimos que conseguiu com sábias medidas, sem perseguições, debelar, aos poucos, todos os movimentos, transformando-se em ídolo do povo, por alguns decênios.

O SENTIDO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

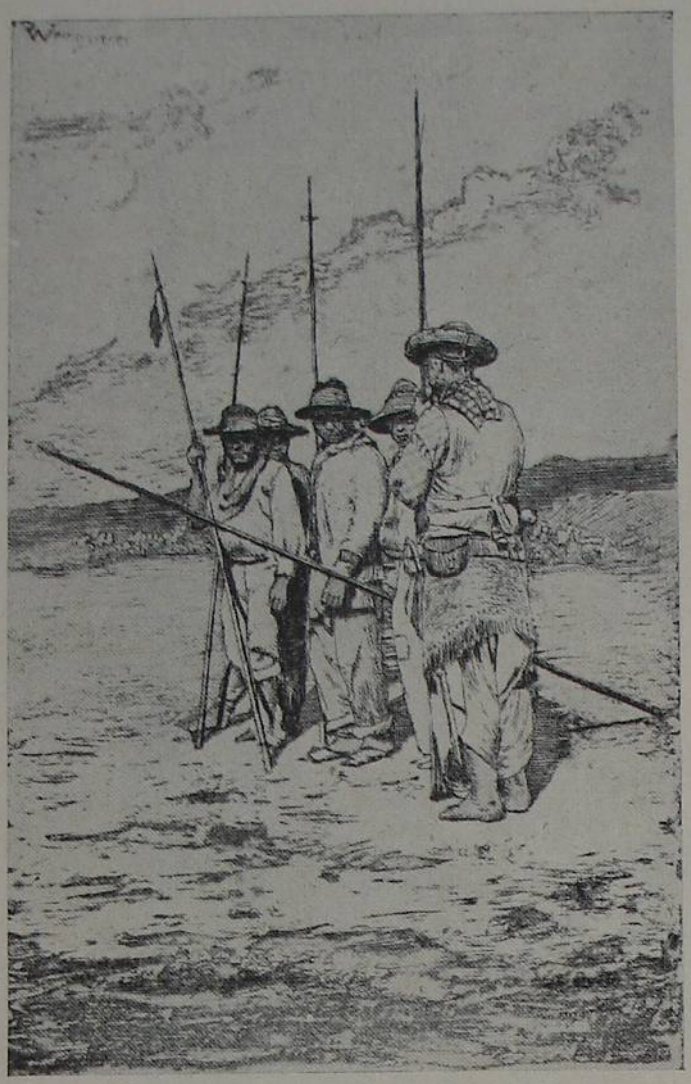
A revolução farroupilha (1835/1845) nasceu de um sem número de fatores, dentre os quais se salientaram, por apressarem o movimento, a opressão sob todos os aspectos, a infiltração antinacional e a perseguição aos militares liberais que não comungavam com as idéias "retrógradas" de conservadores e portugueses saüdosistas.

O fim da revolução farroupilha foi, — conforme já o afirmamos em A REVOLUÇÃO FAR-



DOM PEDRO I

Reprodução dum quadro da época conservado hoje no Museu Júlio de Castilhos.



Farrapos, de Pedro Weingaertner.

ROUPILHA (São Paulo, 1939) — ùnicamente desoprimir a província, afastando dela os elementos antinacionalistas. Dela e, aos poucos, de todo o Brasil.

Nacionalizar era a finalidade farroupilha.

Liberais na sua totalidade, republicanos muitos deles, a revolução que não teve caráter republicano e, menos ainda, emancipador, transformou-se por um ato impolítico da Regência em republicano-independente.

Êsse movimento, aceito por todos os farroupilhas, grandes e pequenos, tinha, porém, um fito elevadíssimo: não era regional. A proclamação do regime republicano e da independência do Rio Grande (1836) teve caráter nacional, pois queriam os revolucionários reünir sob sua bandeira — a republicana — todo o Brasil.

Suas proclamações eram dirigidas também, ou exclusivamente, aos "Compatriotas brasileiros". O manifesto dando notícias da proclamação da República e expondo os motivos dêsse ato, diz textualmente que "os riograndenses... proclamaram e juraram sua independência política, debaixo dos auspícios do sistema Republicano, DISPOSTOS TODAVIA, A FEDERAREM-SE, quando nisso se acorde, às PROVÍNCIAS IRMÃS QUE VENHAM A ADOTAR O MESMO SISTEMA" (29-8-1838).

Prova ainda, e das mais veementes, da brasilidade farroupilha, foi o gesto de Daví Canabarro em resposta ao convite de D. Juan Manuel de Rosas e ao oferecimento de soldados que lhe fazia, afirmando que, se os soldados de Rosas transpusessem as fronteiras do Rio Grande, veriam, ombro a ombro, os soldados republicanos e os do sr. D. Pedro II, unidos sob a mesma bandeira para combatê-los.

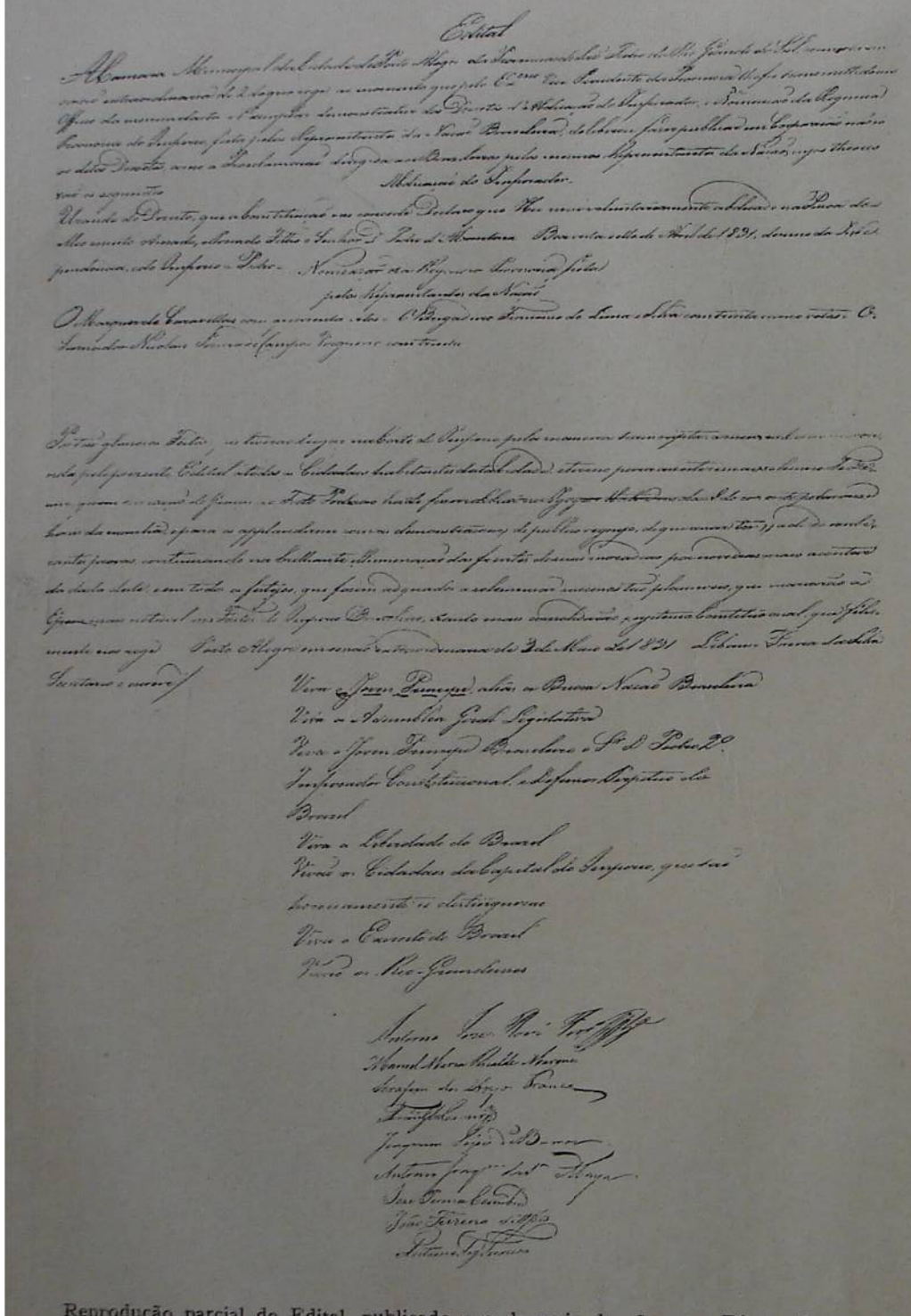
Essa, portanto, a finalidade da grande revolução farroupilha, feita porque o Rio Grande "foi sempre uma das capitanias mais tiranizadas por êsses déspotas lusitanos, de propósito mandados para oprimir a um povo digno de melhor sorte" (Doc. do Museu Júlio de Castilhos), e porque, reza o Manifesto de Bento Gonçalves e Domingos José de Almeida, de 28-8-1839, "o govêrno de S. M. o Imperador do Brasil tem consentido que se avilte o Pavilhão Brasileiro por uma covardia repreensível, pela má escolha de seus diplomatas e pela política falsária e indecorosa de que usa para com as nações estrangeiras", além de outras agravantes que o Rio Grande, sentinela avançada do extremo sul, jamais poderia permitir.

Por tudo isso dissemos e repetimos que a Revolução Farroupilha foi uma revolução reivindicadora, nitidamente brasilista, pois, em todos os momentos de sua breve e atribulada existência, a "República Riograndense" jamais esqueceu a grande pátria brasileira, procurando, em tudo e por tudo, a grandeza e felicidade do Brasil, sua unidade e liberdade integral.

Era, já então, a voz do Rio Grande republicano a voz da própria Pátria, clamando pela República, unindo indissolùvelmente tôdas as Províncias sob a bandeira sagrada do Brasil.



Monumento de Garibaldi e Anita, em Pôrto Alegre.



Reprodução parcial do Edital, publicado a 3 de maio de 1831, em Pôrto Alegre, notificando o povo da abdicação de D. Pedro I e da instalação da Regência.

PROJECTO DE CONSTITUIÇAÓ.

EM NOME DA SANTISSIMA TRINDADE.

Nós Representantes do Povo da Republica Rio-Grandense reunidos em Assembléa Geral,, devidamente autorisados por nossos constituintes para fixar as regras fundamentaes do Estado, e estatuir huma forma de governo adequada á seus costumes, situaçaó e circunstancias, que proteja com toda a efficacia a vida, a honra, a liberdade, a segurança individual, a propriedade, e a igualdade, bases essenciaes dos direitos do homem; desejando satisfazer a vontade de nossos concidadaós, firmar a justiga, promover a felicidade publica, e assegurar ó gozo de todos estes bens para nós, e nossa posteridade, estabellecemos, decretamos, e sancionamos a Constituigaó do theor seguinte.

T I T U L O 1º

Da Republica do Rio-Grande, seu Territorio, Governo, e Religiaó.

Artigo 1º A Republica do Rio-Grande hé a associaçaó politica de todos os cidadaós Rio-Grandenses. Elles formaó huma Naçaó livre, e independente, que naó admite com qualquer outra laço algum de uniaó, ou federaçaó, que se opponha á independencia de seu regimen interno.

Art. 2º Seu territorio compoem-se dè todo o paiz, que formava a antiga Provincia do Rio-Grande do Sal, na época, em que se proclamou a independencia. A parte delle, qüè ainda occupaó as Forças do Imperio do Brasil, logo que libertada seja de seu dominio, gozará dos mesmos direitos, e representaçaó, que tem o restante do paiz.

Art. 3º Far-se-há huma divisaó mais conveniente do territorio da Republica, bem como a demarcaçaó dos seus limites, logo, que as circunstancias o permittaó.

Art. 4º O seu Governo hé Republicano, Constitucional, e Representativo.

Art. 5º A Religiaó do Estado hé a Catholica, Apostolica Romana. Todas as outras Religioens saó permittidas com seu culto domestico, ou particular em cazas para isso destinadas sem forma alguma exterior de Templo.

Primeira página do Projeto de Constituição da "República Rio-Grandense", sancionada na Sala de Sessões em Alegrete, em 1843, e assinada "pelos Representantes do Povo Rio-Grandense reünidos em Assembléia Geral".



Generais da Guerra do Paraguai: Osório.

O SEGUNDO REINADO

O Reinado de D. Pedro II teve início envolto nas chamas da revolução farroupilha e nas das revoluções de Minas e São Paulo.

O Rio Grande, que ansiava, antes da revolução farroupilha, pelo advento de D. Pedro II — o rei menino — recebeu-o, no entanto, com sarcasmos cruéis. Eram os prelúdios do que, trinta anos mais tarde, se repetiria na propaganda republicana.

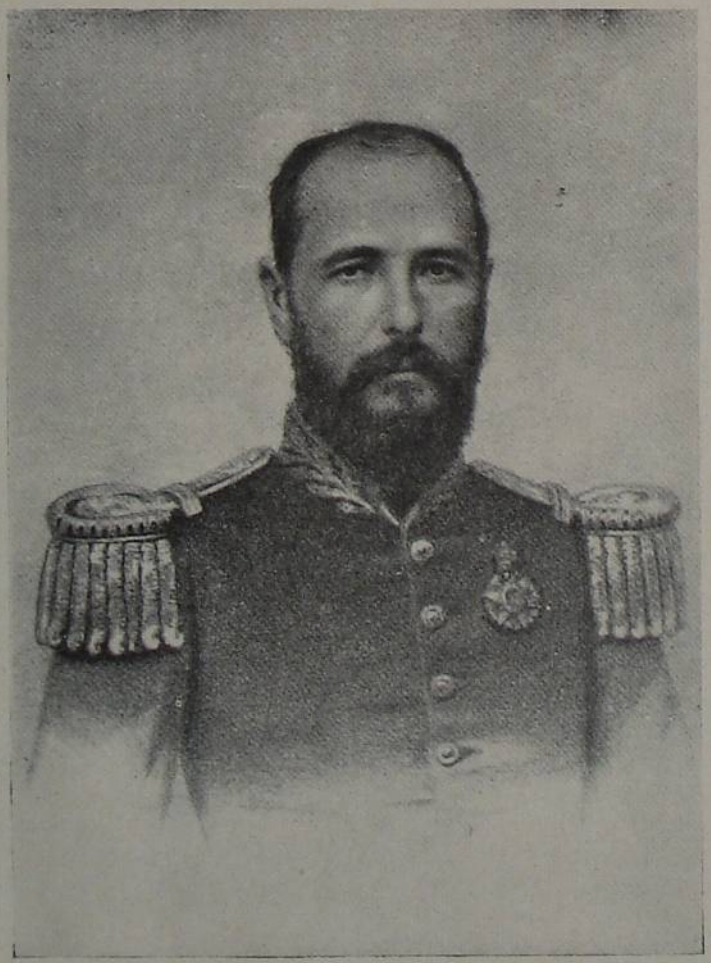
A maior vitória de D. Pedro II no Rio Grande do Sul foi a pacificação da província sem vencidos e sem vencedores.

Entretanto, acontecimentos graves, no Prata, não deram muito descanso aos cansados soldados gaúchos.

Guardadas as armas em 1845, já em 1849, desordens provocadas nas fronteiras por rebeldes uruguaios obrigaram os riograndenses a retomá-las em represália pelas correrias e danos que causavam aqueles rebeldes às propriedades e bens de riograndenses.

Mal serenados êsses distúrbios, surge novo espectro: a guerra contra o ditador argentino, D. Juan Manuel de Rosas (1851-1852).

Nessa, como nas lutas pela posse da Colônia do Sacramento, e na que culminou com a independência do Uruguai, apelidada pelo povo "Guerra do Vidéo" (1825-1828), — a "Guerra de Rosas" reüniu, novamente, todos os riograndenses, farroupilhas e caramurús de ontem, em defesa do Brasil e liberdade de alheias pátrias.



Generais da Guerra do Paraguai: Visconde de Pelotas.



Generais da Guerra do Paraguai: Conde de Pôrto Alegre.



DOM PEDRO II

Quadro que se achava no Palácio do Govêrno de Pôrto Alegre, atualmente no Museu Júlio de Castilhos.



Caricatura política do tempo da luta pró e contra a monarquia. "No Brasil e, sobretudo, no Rio Grande do Sul, a monarchia se tem enraisado por tal fórma que os demolidores nada conseguirão, por mais que se esbafórem. É tempo perdido, é malhar um ferro frio. Damo-lhes, portanto, um conselho de amigo: — outro officio!" (De "O Século", jornal satírico de Pôrto Alegre, edição de 14 de dezembro de 1884).

Terminada a luta com a expatriação do general Rosas, doze anos de sossêgo fruíu o esgotado povo gaúcho. Doze anos de paz e tranqüilidade, de trabalho fecundo nas cidades e nas verdes cochilhas do pago.

Mas novo espectro surge, repentinamente: desordens de tôda sorte, no Uruguai, exigiram a intervenção brasileira, solicitada, aliás, pelo general D. Venâncio Flores (1864).

Nova guerra, novas lutas, novos sacrifícios...

E lá estavam, outra vez na vanguarda, defendendo a pátria ultrajada e o govêrno do general Flores, os soldados do Rio Grande, os heróis de mil batalhas nunca premiados devidamente, mas, a-pesar-disso, sempre prontos ao primeiro grito de alarma.

Qual o lucro dessa nova guerra? A tranqüilidade nas fronteiras do Rio Grande e a amizade de uma nação que conseguiu libertar-se, com o auxílio brasileiro, das garras aduncas do ditatorialismo caudilhesco.

Ainda não livres da guerra no Uruguai, eis que, sanhudos e ferozes, os soldados fanatizados do ditador Francisco Solano Lopes põem-nos outra vez à prova, trazendo a guerra às cochilhas do pago.

E lá vão êles, os soldados dos pampas brasileiros, numa luta contínua, incessante, cruel, sem tréguas, durante mais 5 anos (1864-1870), defender a honra da pátria grande.

Sacrifícios... sacrifícios... sacrifícios.

A 1.º de maio de 1870, com a morte de Solano Lopez nas margens do Aquidabaniguí, cessam, finalmente, as guerras externas.

... E o céu azul do Rio Grande torna-se mais límpido, mais puro, e mais lindo brilha, nele, o Cruzeiro do Sul até a proclamação da República.

◆

As guerras e lutas pelo Prata e Paraguai, entretanto, fundos vincos cavaram no idealismo brasileiro que não mais podia conformar-se com o escravagismo e o monarquismo.

Travam-se, então, mas desta vez no reino das idéias, novas batalhas: a do abolicionismo e a da propaganda republicana.

Ainda no Brasil poucos falavam na libertação dos escravos, e já no Rio Grande tinha início a campanha anti-escravagista.

Foi em 1863.

Inácio de Vasconcelos Ferreira, moço idealista, jornalista e, mais tarde, secretário da Câmara e republicano, proclamava pelas colunas de seu semanário, — DIÓGENES — a necessidade da libertação dos escravos, campanha que, por motivos alheios, inclusive a venda de seu jornal a Luiz Cavalcanti, não levou avante, mas reencetou, pouco mais tarde, e viu vitoriosa, finalmente, na alvorada gloriosa de 7 de setembro de 1884, graças à cooperação de centenares de pessoas, do Centro Abolicionista, da imprensa e da cooperação da própria câmara.

Se bem liberal, essa campanha pela abolição da escravatura não reünia, como nas demais províncias brasileiras, tôda a grei republicana.

Essa se estava formando por velhos idealistas da campanha farroupilha, pela mocidade da Escola Militar e pelos estudantes gaúchos da Faculdade de Direito de São Paulo que incentivavam e propagavam, sem esmorecimentos, o ideal republicano que chegou ao auge, movimentando todo



"Até que afinal abriu-se o nosso parlamentozinho!". Caricatura política contra o parlamentarismo, que nas mãos de alguns grandes chefes de partido degenerára em teatro de fantoches. O titereiro da caricatura representa o dr. Gaspar Martins (De "O Século", jornal satírico de Pôrto Alegre, edição de 23 de março de 1884).



UM PALADINO DA LIBERDADE

Monumento ao General Bento Gonçalves da Silva. Sob êste monumento, erigido na Praça Marquês de Tamandaré, em Rio Grande, acham-se inumados os restos mortais daquele que foi o chefe do movimento libertador da Epopéia Farroupilha. Os dois leões representam a luta titânica entre duas idéias: República e Monarquia. Trabalho de Teixeira Lopes.



Pioneiros de idéias: Gaspar da Silveira Martins, o paladino do liberalismo radical, que foi chefe da revolução de 1893.

o Brasil, com a ousada "Moção Aparício Mariense", membro da Câmara Municipal de São Borja, contra o terceiro reinado.

Aplaudida e depreciada, teve essa Moção o apôio de todos os republicanos do Brasil e mereceu as honras de um discurso de Silva Jardim na cidade de Santos.

Recém surgira a alvorada do ano de 1888.

Êsse ano e o seguinte foram de verdadeira fúria republicana.

A "A Federação", fundada por Júlio de Castilhos, Venâncio Aires, Ramiro Barcelos e outros, em 1884, por iniciativa e como complemento indispensável dos ideais republicanos, proclamados nos congressos de 1883 e 1884, mais do que antes iniciou a campanha contra o império, explorando, inteligentemente, todos os incidentes, especialmente os da famosa "questão militar", causa essencial do 15 de novembro de 1889, pois foi essa questão que precipitou o gesto de Deodoro, e o do Marechal Visconde de Pelotas no Rio Grande do Sul, proclamando a adesão à República aclamada no Rio de Janeiro.

Em seguida, assumindo o velho Pelotas as rédeas do govêrno, tratou-se, desde logo, da mudança geral da engrenagem governamental, até que, em 1891, a 14 de julho, era promulgada a Carta Constitucional do Estado do Rio Grande do Sul, feita, quasi que exclusivamente, por Júlio de Castilhos.

Estava definitivamente vitoriosa a República, à qual o Rio Grande se incorporara cheio do mais intenso júbilo, sem uma só voz dissonante.

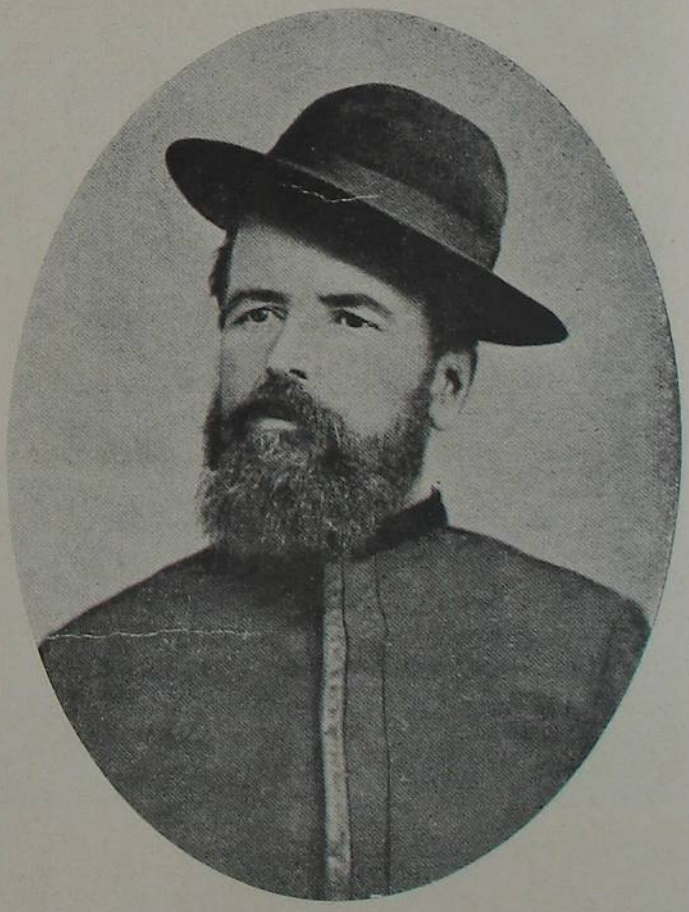
Vencera, afinal, o ideal dos gloriosos farroupilhas em sua segunda fase: a da República Federativa.

◆

Quando as campanhas abolicionista e republicana, iniciadas com vigor após a guerra do Paraguai (1870), estavam adquirindo grande fôrça, uma guerra nova teve que sustentar o Rio Grande do Sul, mas, desta vez, com desordeiros internos: os fanáticos do Ferrabrás (São Leopoldo), conhecidos na História por MUCKERS, que muito trabalho deram não só à polícia, como ao próprio exército (junho e agôsto de 1874).

Assim descreve João Maia, em sua HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL, essa campanha:

> "Um grupo de fanáticos, chefiados pelo colono alemão Jorge Maurer e da mesma nacionalidade dêste, erigira em objeto sagrado de seu culto a mulher de Jorge, Jacobina Maurer, uma histérica vulgar em quem, nos momentos de crise de sua enfermidade, a grosseira seita estrangeira (alemã) pretendia ver irrefutáveis manifestações de divindade.
>
> Muitos crimes monstruosos haviam já cometido os fanáticos, a ação policial tinha-se tornado impotente para reprimí-los, quando o govêrno deliberou atacá-los no seu próprio antro.
>
> Não foi tarefa muito fácil, essa.
>
> Os MUCKERS, favorecidos pela natureza do terreno, ofereceram uma resistência desesperada: até as mulheres atiravam, sendo os nossos soldados, que expunham o peito descoberto às balas, fuzilados por estas, que partiam de trás das árvores da mata do Ferrabrás.



Pioneiros de idéias: Gomercindo Saraiva, o general das tropas federalistas na revolução de 1893.



Dr. Júlio de Castilhos, Chefe republicano e Presidente do Estado, cognominado o "Patriarca do Rio Grande do Sul", e sua família.

O coronel Genuino Sampaio mandou bombardear a casa Maurer, principal reduto da seita e que ardeu em um grande incêndio.

Nesse dia, já fora da linha de fogo, morreu na sua barraca, ferido por traiçoeira bala, o bravo coronel.

Às 6 horas da manhã de 2 de agôsto (1874), o capitão de engenheiros Francisco Clementino de Santiago Dantas levou, com as fôrças de seu comando, definitivo ataque às trincheiras do inimigo, aniquilando-o absolutamente.

Não eram nossos patrícios, felizmente, os indivíduos que macularam um pedaço do formoso território riograndense, erigindo-o em baluarte de seu fanatismo estúpido e perverso.

Consigne-se isso, por nossa honra."

A REPÚBLICA E AS LUTAS POLÍTICAS (1889-1930)

Embora proclamada sem derramamento de sangue, a República trouxera, em seu seio, o gérmen da desordem.

Libertos, pela magnanimidade da constituïção, os sentimentos e as paixões dos homens manifestaram-se em público, hàbilmente explorados por ambiciosos e politiqueiros de tôda laia, — os aproveitadores de situações que, desenfreadamente, iriam arrastar o país a um verdadeiro caos, fomentando lutas, desordens, negociatas e cambalachos vergonhosos, desagregando o país em soezes rivalidades entre Estados irmãos. E as guerras políticas, as revoluções e o descrédito de nossa máquina governamental atingiram o auge quando, em 1929, a Aliança Liberal, amálgama de todos os descontentes formando ao lado de uma élite notável de descortino político e inteligência, num golpe verdadeiramente ousado, levantou o povo contra a politicagem do Centro implantando novo regime — o da Ordem, do Progresso, da Unidade Nacional, libertando a nação do cancro do partidarismo malsão e das quilométricas e inúteis arengas parlamentares.

◆

Soltos os instintos com a Constituïção da República, abertas as portas às paixões partidárias, começaram os cambalachos e as negociatas.

Deodoro, no govêrno, procurava reprimir abusos, mas seus auxiliares de govêrno, entre êles o barão de Lucena, passavam a mão por cima das mazelas que se estavam formando.

E a grita se fazia ouvir de norte a sul, pró e contra. Deodoro, num hábil golpe de Estado, dissolve a Câmara e o Senado, que o denunciavam, no que é apoiado pelo Govêrno do Rio Grande do Sul que estava nas mãos de Júlio de Castilhos. Contra êsse apôio a Deodoro revolta-se o povo dos pampas. Castilhos cai, lando lugar a um govêrno de oposição a Deodoro, govêrno (Junta Governativa) integrado por Assis Brasil, Barros Cassal, General Barreto Leite e outros (12-11-1891).

A 15 de novembro, respondendo a um convite de Deodoro para ser comemorado festivamente êsse dia, Assis Brasil, em nome da Junta, telegrafa ao Barão de Lucena, ministro de Deodoro:

"O Rio Grande chora, no grande dia, a desgraça da Pátria, sôbre a Constituïção rasgada.



Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, que durante 25 anos ocupou a presidência do Estado.

Não toma parte nos festejos e prepara-se para a defesa da liberdade".

Era a luta, a guerra partidária sem tréguas e sem quartel, que se ia iniciar.

◆

A República foi obra de um só partido — o povo, — dirigido pelo grupo da propaganda chefiado por meia dúzia de positivistas.

Mas, logo após a proclamação, essa élite, êsse grupo dirigente, grande demais para ser cada um de seus membros contemplado com cargo rendoso ou posto de destaque, — desuniu-se. Surgiram os partidos políticos, produtos de ambições pessoais, ou ressentimentos também pessoais.

Assim, no Rio Grande do Sul, o partido Republicano Histórico, composto de velhos propagandistas, adesistas de última hora, e aproveitadores espertos, era dirigido por uma plêiade brilhante de lutadores, entre os quais Júlio de Castilhos, Venâncio Aires, Ramiro Barcelos, Demétrio Ribeiro, Felicíssimo de Azevedo, Borges de Medeiros, Assis Brasil, Barros Cassal, e alguns outros.

Breve, porém, antes mesmo da atitude do marechal Deodoro da Fonseca, os que não conseguiram ou não puderam subir, gritaram, esbravejaram e, reünindo regular número de nomes de relêvo, fundaram, em 1890, sob a chefia do velho e heróico Visconde de Pelotas, a União Nacional. Era essa União amálgama de representantes de partidos monárquicos (liberais e conservadores) e dissidentes e descontentes da orientação castilhista. Formavam, nessa ala, — origem da revolução federalista, — Francisco da Silva Tavares, Joaquim Pedro Salgado, Apolinário Pôrto Alegre e Gaspar Martins, exilado então.

Dez meses mais tarde (abril de 1891), coligada a União a novo grupo de "históricos" dissidentes, chefiados por Demétrio Ribeiro, nascia o Partido Republicano Federal, chefiado por Demétrio Ribeiro.

Em 1892, a 31 de março, nova divisão foi feita, por iniciativa de Gaspar da Silveira Martins, em memorável congresso, reünido em Bagé. E nasce dêsse congresso o Partido Federalista, composto de republicanos de tôdas as côres, monarquistas e agnósticos até então. Foi aclamado chefe supremo o Conselheiro Gaspar da Silveira Martins e Presidente o general João Nunes da Silva Tavares.

Lavrava, já então, em todo o Estado, o máximo do descontentamento, embora grande maioria dos descontentes não soubessem por que estavam descontentes. Era a campanha dos partidos, a luta pelas posições, rotulada de "ideais políticos", ou "honra partidária".

Júlio de Castilhos, graças a manobras de Floriano Peixoto que depusera Deodoro, reassumira o govêrno do Rio Grande. As perseguições surgiam de todos os lados. Era o caos que se estava formando, hàbilmente explorado para eliminação do adversário.

Foi quando, incentivado pela revolta da armada, no Rio de Janeiro (1893), levanta-se em armas o Partido Federalista, tendo à testa Gaspar Martins, chefe civil, e João Nunes da Silva Tavares, chefe militar.

E até 1895, numa sucessão de crimes e guerrilhas, as verdes cochilhas do Rio Grande, taladas pelas patas dos cavalos, tingem-se de rubro com o sangue inglòriamente vertido por componentes de ambos os bandos, numa luta cruel e indigna, entre irmãos que escreveram, assim, a mais negra página da História gloriosa do Rio Grande do Sul.

◆

Serenada a luta, com a paz de Pelotas, continuaram a degladiar-se, mas pacìficamente, com espertezas eleitorais apenas, os partidos Republicano Histórico e Federalista, aquele ainda sob a chefia de Castilhos e êste já algo reformado, sob a do conselheiro Francisco Antunes Maciel, e mais um novo partido, composto de republicanos dissidentes, congregados no Clube Republicano Autonomista. Êsse novo partido, sob a chefia de Homero Batista, reüniu, com o nome de Partido Republicano Liberal, os do Clube Republicano Autonomista e os antigos dissidentes, membros na sua maioria do extinto Partido Republicano Federal. Curta, porém, foi a vida dêsse partido (1896 a 1906), a-pesar-do muito que prometia e dos nomes que o integravam, quasi todos, entre 1898 e 1906 reconquistados, com postos e cargos, pelo Partido Republicano Histórico.

Contudo, a organização de partidos políticos não cessou.

Em 1907 a sucessão presidencial do Estado provocou nova cisão no Partido Republicano, nascendo daí, sob a chefia do ilustre e benemérito médico dr. Fernando Abbott, o partido Republicano Democrático, com um programa magnífico, mas de vida efêmera. Vitoriosos os republicanos, dissolveu-se o Partido Democrático, continuando na arena apenas os Partidos Republicano e Federalista que só se dissolveu, pela dispersão de seus membros, após a revolução de 1923.

O regime das reeleições no Rio Grande do Sul



CONSTRUTORES

Dr. Osvaldo Aranha, quando Secretário do Interior e Presidente interino do Estado (1930).



DO ESTADO NOVO:

Dr. Getúlio Vargas, quando iniciava suas atividades políticas em Pôrto Alegre.

e a perpetuïdade do govêrno Borges de Medeiros provocou novas lutas, em 1922, fundando-se, então, sob a chefia de Assis Brasil, o Partido Libertador, que tinha, por finalidade, reformar a Constituïção do Estado, verdadeiro tabú do Partido Republicano.

A campanha das urnas, dando vitória aos "borgistas" (Republicanos), descontentou grandemente os "assisistas" (Libertadores), pois foram empregados todos os truques, inclusive subôrno, votos de defuntos e perseguição aos funcionários com as LISTAS NEGRAS dos que votaram contra o govêrno, pois o voto era a descoberto, o que também combatia o Partido Libertador.

Êsse desgôsto provocou violenta reação armada que, durante todo o ano de 1923, ensanguentou o solo riograndense, terminando com o tratado de Pedras Altas, pelo qual ficou reformada a Constituïção do Estado, quebrado, portanto, o tabú, na parte relativa às reeleições.

Em resultado disso foi eleito, em 1928, presidente do Estado o dr. Getúlio Dorneles Vargas.

Entretanto, o govêrno Borges de Medeiros deveria, ainda, sofrer rudes golpes revolucionários, como os de 1924 e 1926.

Com a ascensão ao poder, do dr. Getúlio Vargas, voltou a tranqüilidade ao solo do Rio Grande, e satisfeitos gregos e troianos.

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Na política federal, tal como acontecera nas questões partidárias no Estado, tudo ia de mal a pior. Os vícios eleitorais e o "compadrismo" campeavam livremente ao lado da intimidação e do subôrno.

Rios e rios de dinheiro eram gastos nessas campanhas, e além disso o achincalhamento do povo, tirando-lhe a conciência de seu valor, obrigando-o a pensar pelo cérebro dos chefes políticos, e mais, a proteção desbragada a tôda espécie de estrangeiros, lisonjeando-os de todos os modos, afim de captar-lhes a simpatia e os votos.

Chegou-se ao cúmulo, no Rio Grande, de publicar relatórios e leis municipais em alemão e de fazerem os propagandistas e "cabos eleitorais" discursos em alemão e italiano, incrementando, por êsse meio, os sentimentos anti-nacionais não só nos estrangeiros recém chegados, como nos netos, bisnetos e terceiros netos de colonos e ádvenas.

Tais fatos não só atentavam contra nossa nacionalidade, como faziam com que alemães e italianos se julgassem superiores e capazes de dar ordens e se apossarem do Brasil, especialmente do Rio Grande do Sul, que êles, ardentemente, — os alemães em particular, — queriam ver sob o regime de sua pátria de origem ou origem de seus pais ou avós.

Dentro dessa ordem de cousas agitou-se a campanha da sucessão presidencial da República: indicados pelo govêrno, o sr. dr. Júlio Prestes e pela coligação dos Estados de Minas, Paraíba e Rio Grande do Sul, o sr. dr. Getúlio Vargas.

Foi, assim, criada a "Aliança Liberal" que conseguiu o milagre, — salvo raras vozes discordantes, — de reünir sob sua bandeira os três partidos sulinos: o Republicano, o Federalista, já quasi extinto, e o Libertador.

Vitorioso, graças aos velhos processos políticos de que acima falamos, o candidato do sr. dr Washington Luiz, presidente da República, o Rio Grande do Sul, como um só homem, levantou-se, na memorável tarde de 3 de outubro de 1930, apoiado por Minas, Paraíba e grande parte do Nordeste brasileiro, com o fim de sanar a política brasileira, dar-lhe novos rumos, moralizando-a.



O Sr. Presidente da República, bronze de Luiz Sanguin, existente no salão nobre da Delegacia Regional do Trabalho em Pôrto Alegre.

Após 21 dias de lutas, é preso, no Rio de Janeiro, o dr. Washington Luiz e, vitoriosa a causa da Aliança Liberal, foi empossado no cargo de Chefe do Govêrno Provisório, elevado ao alto pôsto pelo povo, o chefe supremo da revolução — o sr. dr. Getúlio Dorneles Vargas (3-11-1930).

Árduo e melindroso foi o primeiro período — o provisório — do govêrno Getúlio Vargas, pois não só teve que lutar contra os descontentes, como também contra a chamada "revolução constitucionalista", de São Paulo, à qual se uniram os descontentes dos diversos partidos riograndenses, tendo à sua frente o ex-presidente do Estado, dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros.

Vencida a revolução, entregou-se o govêrno à obra de Constitucionalização do País, sendo a constituïção do Rio Grande do Sul, baseada na Federal, promulgada a 29 de junho de 1935, e eleito, logo após, presidente do Estado o próprio Interventor, dr. José Antônio Flores da Cunha.

Volta, com isso, a paz e o Rio Grande reinicia suas atividades pacíficas na indústria, no comércio, na agricultura, no campo.

Mas, como não podia deixar de ser, o govêrno Getúlio Vargas continuava, como no tempo do govêrno provisório (1930/1934), a ser um govêrno de experiências, de estudos, ao mesmo tempo que de observação no sentido de descobrir um meio de acabar, em definitivo, com as imoralidades eleitorais e as lutas partidárias.

A tentativa eleitoral que se iniciava para escolha de novo Presidente da República foi verdadeira advertência ao gênio magnífico do dr. Getúlio Vargas.

São Paulo e o Rio Grande do Sul apresentaram seu candidato que, desde logo, sofreu a oposição dos demais Estados que esperavam a palavra presidencial, como era praxe na velha república.

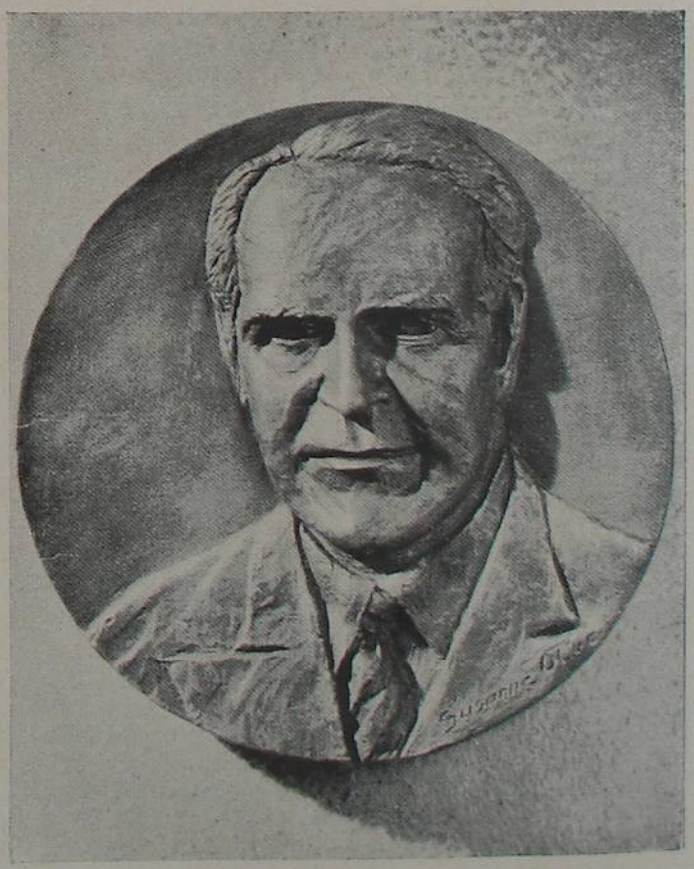
Essa, porém, não vinha e altos membros do govêrno, em memorável reünião, apresentaram novo candidato.

Era, naturalmente, a luta que se abria, luta partidária que prometia ser violenta, sangrenta mesmo, pois o Rio Grande, pelo seu governador, preparava-se não para uma luta serena nas urnas, mas para uma luta armada que seria cruenta e terrível.

Por ocasião da revolução paulista, ou constitucionalista, a união partidária dissolveu-se e os membros do Partido Republicano que discordaram da orientação revolucionária do dr. Borges de Medeiros e os do Partido Libertador, descontentes também com a união ao velho partido republicano, cujo chefe fôra desde sua fundação seu maior inimigo, reüniram-se sob a chefia de Flores da Cunha e fundaram o Partido Republicano Liberal, sob a orientação suprema do sr. dr. Getúlio Vargas.

Mas com a campanha eleitoral (1936-1937), com o silêncio do presidente Vargas, e a oposição sistemática movida pelos partidários do outro candidato, a política republicano-liberal assumiu verdadeira campanha contra o Presidente Getúlio Vargas.

Manobras de tôda sorte, perseguições e espionagens eram ordenadas pelo governador do Rio Grande, o que desgostou a élite de seus companheiros de organização do Partido Republicano



O ministro do Exterior, relêvo de Susi Oliven.



O orgulho do Rio Grande: S. Excia. o Dr. Getúlio Dorneles Vargas, Chefe do Govêrno Brasileiro, que vai realizando a tarefa ingente de conduzir a grande Pátria aos gloriosos destinos que a esperam.

Liberal — provocando dissidências em massa, na Assembléia, na Câmara e no Senado.

E os ânimos, mais e mais se exaltando, estavam prestes a estourar como máquina infernal. Aguardava-se, a cada momento, a voz de — fogo!

Graças a Deus, porém, a vigilância e o gênio do dr. Getúlio Vargas que nada perdia de vista, com a cooperação da parte sã do povo e das fôrças armadas, desmantelou integralmente a infernal máquina, dissolvendo Assembléias, Câmaras, Senado, partidos políticos, num golpe de Estado magistral e patriótico, continuando no poder para felicidade, honra e glória do Brasil.

O ESTADO NOVO

Deposto o governador, assumiu o govêrno, com o titulo de Interventor Federal, o saüdoso comandante da 3.ª Região Militar — General Daltro Filho.

Surgia o Estado Novo, o Estado Nacional.

A paz estava garantida e o Brasil, com nova constituïção, aclamada a 10 de novembro de 1937, não tinha mais fronteiras estaduais: um só hino e uma só bandeira; não tinha mais partidos a não ser o Partido do Brasil.

Acabavam-se as tramóias, os falatórios e intrigas de Assembléias, Câmara e Senado, os descontentamentos de partidos não contemplados, e iniciava-se uma nova época de igualdade e trabalho eficiente pela Pátria e para a Pátria.

"O movimento de 10 de novembro foi, — disse o Presidente Vargas em entrevista coletiva (1938) — um imperativo da vontade nacional. Tínhamos necessidade de ordem e segurança para trabalhar, e contra isso conspirava o estado crítico de decomposição política a que chegáramos. A nossa vida pública se transformara, aos poucos, numa arena de lutas estéreis, onde se vinham decidir os conflitos de corrilho, as preponderâncias oligárquicas, as competições personalistas e os choques de interêsse muitas vezes excusos. Os homens de caráter mas sem ambições de mando dela se afastavam enjoados, deixando o campo livre ao profissionalismo político e aos aventureiros demagógicos e audaciosos. Foi assim que o comunismo conseguiu infiltrar-se e chegou a ser, em dado momento, um perigo nacional. Abatido na tentativa violenta da ocupação do poder, continuou, entretanto, a sua obra de propagação dissolvente, utilizando como armas os outros males que faziam tão instável e caótica a situação do país: — a fraqueza dos quadros partidários, as preocupações regionalistas e os arremessos caudilhescos. Êsses três aspectos não passavam, afinal, de manifestações de uma única causa geral, bem caraterizada e reconhecida: — a esterilidade e esgotamento das fontes de onde deviam sair os agentes de estímulo e renovação da vida pública. Os partidos políticos haviam decaído da sua função social. Viviam à custa das explorações eleitorais e proliferavam com caráter predominantemente localista, apegados ao fetichismo de velhas fórmulas políticas, alheios às contingências da hora conturbada que atravessa o mundo e às próprias realidades nacionais. A previsão do perigo em que nos achávamos, e que era sentido por todos, levou-nos decisivamente à unificação política da Nação, que a isso eqüivale o regime de 10 de novembro. O Estado Novo corporifica, portanto, vontades e idéias que se impõem e se afirmam, dispostas a lutar, em qualquer terreno, contra todos os fatores de dissolução e enfraquecimento da Pátria — extremismos, comodismos e sabotagem. Êle mobilizará o que possuimos de mais são e melhor, para realizar o ideal da Nação forte, digna e feliz."

E, assim, o Rio Grande do Sul, graças à genial ação política e social de seu filho — dr. Getúlio Vargas — entregou-se inteiramente ao trabalho fecundo, com o pensamento voltado, tão sòmente, para o Brasil uno e forte.

◆

Em 1939 (janeiro), falecendo o general Daltro Filho, assume a interventoria, por nomeação do Govêrno Federal, o coronel (hoje general) Osvaldo Cordeiro de Farias, que, no govêrno, não poupou esforços para prosseguir, e o conseguiu brilhantemente, a boa e sã política de seu antecessor.

Iniciou-se intensa campanha nacionalizadora, acabando com as ideologias políticas e escolas estrangeiras.

No auge dessa campanha estava o govêrno, quando, na Europa, ribombam os canhões, participando ao mundo que nova guerra iria ensanguentá-lo.

Abrira-se a luta entre o totalitarismo e a democracia, entre a mentira e a verdade, entre o mal e o bem, entre a escravidão e a liberdade.

A guerra econômico-expansionista, estudada, meditada, provocada e levada a efeito pelas potências escravizadas à vontade de ditadores vorazes e inconcientes, alastrou-se ràpidamente e o serviço de espionagem e o quintacolunismo totalitário começou, ativamente, estimulado por um século de indiferença brasileira quanto à nacionalização, a agir. Mas o govêrno do Estado, que de acôrdo com as idéias da Constituïção de 10 de novembro, vinha desde muito, quer pela Secretaria de Educação, quer por meio da Polícia, trabalhando eficazmente na repressão ao estrangeirismo político e ideologias exóticas, fechando e nacionalizando escolas, apreendendo material de propaganda e prendendo indivíduos suspeitos de sabotagem, redobrou de esforços após a nefanda agressão nipônica aos Estados Unidos, em Pearl Harbor, e, especialmente, após a memorável Conferência dos Chanceleres Americanos, realizada no Rio de Janeiro (janeiro de 1942).

◆

Dentro dêsse ambiente, superiormente orientados por um govêrno de élite, alheios por completo às lutas partidárias que tanto prejudicavam o progresso do Estado tanto no Império como na velha República, trabalham os riograndenses, olhos fitos nas fronteiras imensas da Pátria.

Não mais o preocupam os estreitos regionalismos políticos e de partidos, mas sim, e ùnicamente, a grandeza, a glória, a unidade, a inteireza do Brasil, ideal supremo que, aliás, sempre foi estrêla e norte do povo gaúcho, mau grado pensamentos e orientação em contrário de politiqueiros e demagogos jamais levados a sério.

Porisso dissemos e repetimos que a História do Rio Grande do Sul é a mais bela página da História do Brasil, porque é a História da defesa das fronteiras, da unidade e da integridade da Pátria Brasileira.

III PARTE

O CÉREBRO

ENSINO

Palavras às novas gerações — Dr. J. P. Coelho de Souza, Secretário da Educação e Cultura

Um dos aspectos caraterísticos do atual plano educacional do Rio Grande do Sul — D.ª Olga Acauan Gayer, Diretora Geral da Instrução Pública

O ensino secundário no Rio Grande do Sul — Dr. Oscar Machado, Reitor do Instituto Pôrto Alegre

O ensino superior e universitário — Dr. Pery Diniz, Secretário da Universidade de Pôrto Alegre

LITERATURA E CIÊNCIAS

Alguns traços sôbre a evolução literária do Rio Grande do Sul — Dr. Moisés Velhinho

Os marcos iniciais da literatura riograndense — Dr. Olinto Sanmartin

A evolução da imprensa no Rio Grande do Sul — Scylla Soares da S. e Souza

Algumas instituições de caráter cultural do Rio Grande do Sul

ORDEM E PROGRESSO

O Govêrno

O Interventor e a Interventoria

As Secretarias do Estado

Secretaria do Interior
Secretaria da Educação e Cultura
Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio
Secretaria das Obras Públicas
Secretaria da Fazenda

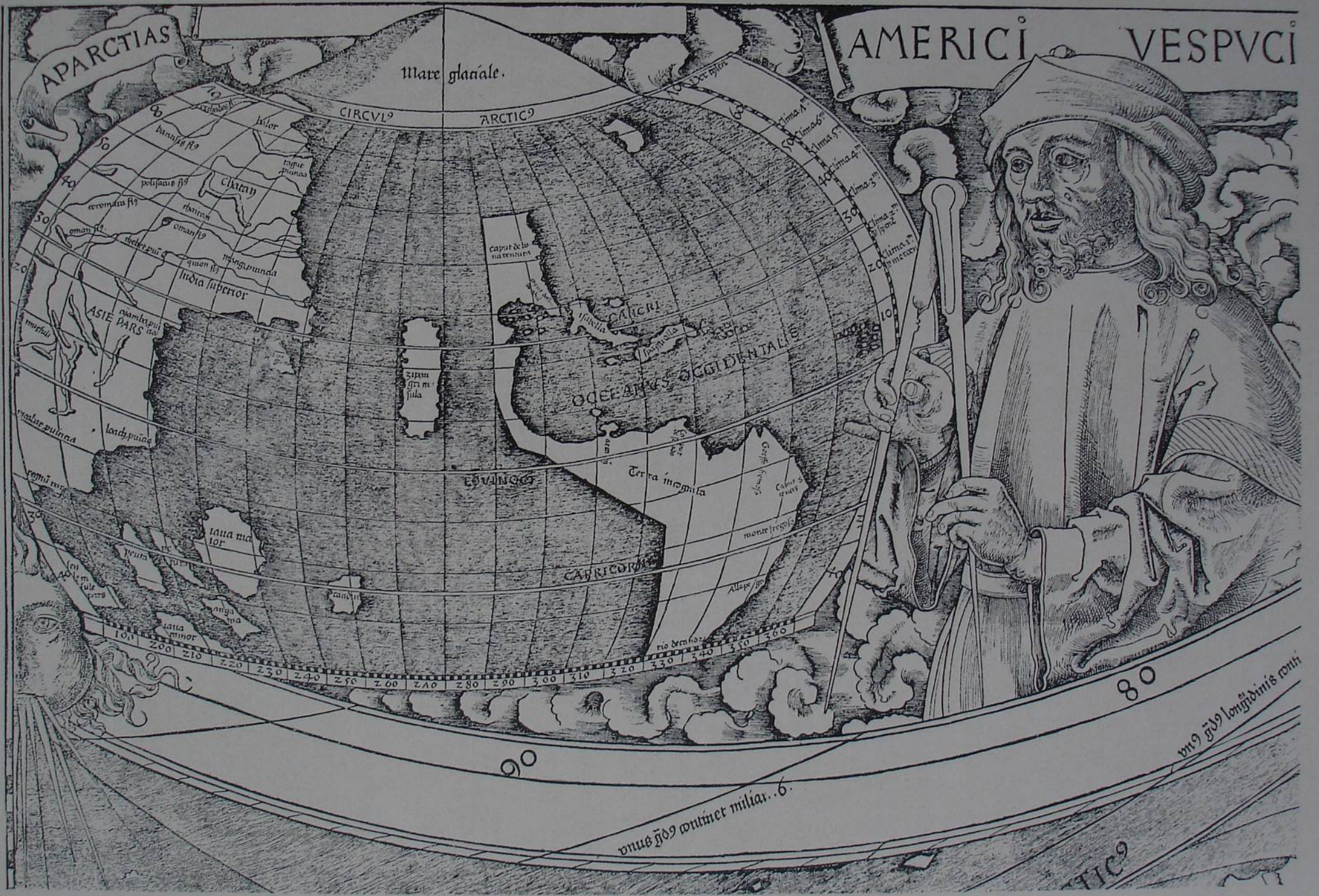
Departamentos

Departamento Estadual de Saúde
Departamento Estadual de Estatística

As Fôrças Militares

A 3ª Região Militar

A Brigada Militar do Estado



O MARCO INICIAL DAS INVESTIGAÇÕES CIENTÍFICAS NO CONTINENTE AMERICANO

Recorte do mais antigo mapa que regista o nome da América (M. Waldseemueller, 1507). Apresentando um perfil muito inexato da América do Norte, o da América do Sul corresponde aproximadamente às verdadeiras proporções, compreendendo, também, o território do Rio Grande do Sul (Album cartográfico na Biblioteca Pública, Pôrto Alegre).

E N S I N O



PALAVRAS ÀS NOVAS GERAÇÕES

NOTAS PARA UM ENSAIO

Por J. P. COELHO DE SOUZA

Não pertenço, ai de mim, à galeria dessas eminências morais e mentais, a quem assistem títulos para falar às gerações novas.

A fidelidade irredutível a uma concepção espiritual da vida encoraja-me, porém, a palestrar com os moços, em esfôrço de síntese e por alguns minutos — ao derredor de ideais e de objetivos comuns.

A história contemporânea chega ao têrmo e se inicia um era desconhecida, à qual será preciso dar nome.

Penetramos no reino do ignorado e do ainda não vivido, e nele entramos sem alegria nem radiosas esperanças.

O futuro é sombrio. Algo se abalou e se destruiu na alma do homem moderno, antes de se haverem abalado e destruído os seus valores históricos.

Assim clama, às portas de uma civilização em esbarrondamento, a voz profética de um Berdiaeff.

Na verdade, a geração atual, que sofre essa fase de transformação, é a mais desgraçada que os últimos séculos têm conhecido.

Atravessamos a crise mundial de tôdas as ideologias e de tôdas as fórmulas políticas e sociais.

Tudo parece esgotado na vida exterior; nada há mais que possa inspirar os povos civilizados.

Os antigos conceitos de Estado se diluem e as sociedades européias entram em uma época semelhante à Idade Média, EM SUA PRIMEIRA HORA.

Daí, os extremos, entre os quais oscila a nossa angustiada geração: a extrema esquerda, erguida sôbre a luta de classes; a extrema direita, erguida sôbre a luta de raças.

Sistemas que não vão além do aproveitamento ou da grandeza da hora que passa; sem qualquer finalidade além da temporal — espelham bem o mundo que contemplamos: sombrio, atormentado e sangrento.

Na vida econômica, no regime social — o capitalismo se dilue, corroído pelos venenos mortais que êle mesmo produziu.

Podemos repetir, em um sentido ainda mais profundo, as palavras de Karl Marx: "O criador dobra sob o pêso da própria criação. A burguesia é a coveira de si mesmo."

Não se pode pensar em voltar ao regime capitalista e industrial e em vigor antes da guerra atual, pois foi precisamente êle que gerou tôdas as desgraças da humanidade.

As guerras do nosso século foram o rebento da infinita concupiscência da vida, própria da civilização contemporânea.

Não surpreende, porém, os que estavam atentos aos movimentos do espírito a grande crise contemporânea.

O cristianismo dera ao mundo aquela unidade que o humanismo quebrou.

O humanismo encontra a sua fonte primeira no próprio cristianismo.

Quando os bárbaros se sucediam como vagalhões, reduzindo claras cidades de luxo e de repouso a montões de cinzas fumegantes, eram os monges que defendiam e guardavam nos seus mosteiros, erguidos sôbre os montes, os manuscritos que encerravam tôda a beleza clássica.

Os grandes Papas acolhiam os sábios e alimentavam a paixão das letras.

Os espíritos superficiais e os historiadores ligeiros consideram a Idade Média a longa noite de dez séculos, porque não tiveram a penetração bastante para alcançar que, então, há um magnífico germinar, que em muitas terras já é maravilhosa floração.

Na Itália, na França, na Inglaterra, na Alemanha, a filosofia, as ciências, as letras e as artes já nos assombram com seu magnífico desenvolvimento.

Elevam-se as catedrais góticas, disciplinam-se as línguas nacionais, compõem-se verdadeiras obras primas, epopéias brilhantes e originais, monumentos que vingaram resistir à ação do tempo e que ainda hoje se mostram cheios de frescura e de vigor.

Um escritor, sem dúvida insuspeito, Renan, confere aos séculos XII e XIII o título de "primeira Renascença".

Mas quando a migração dos sábios bizantinos dá ao humanismo tôda a sua extensão — a incoercível rebeldia do homem transforma-o em instrumento de agressão às instituïções que o ampararam e acalentaram nas suas primeiras horas.

Gera-se um espírito subtil, quasi atraente, de dúvida, de negação e de indiferença — que vai anestesiando as almas ardentes.

Jacques Maritain, de quem, como Tristão de Ataíde, me confesso o último dos discípulos, fixou as linhas de uma evolução da nossa civilização, de grande veracidade objetiva.

Como Comte e como Marx, três estados também êle reconhece nesses últimos séculos de nossa evolução social.

Ao primeiro chama de NATURALISMO CRISTÃO.

Foi naquele período dos séculos XVI e XVII, conseqüentes à ruptura da unidade medieval, gerada pelo humanismo exaltado e durante os quais se conservou, ainda, um resto de tradicionalismo cristão, como fermento de uma concepção já cla-

ramente naturalista da história e do destino do homem na terra.

A essa fase de desintegração da unidade cristã é que sucedeu a do DOMÍNIO DA BURGUESIA ou, como êle diz, do OTIMISMO BURGUÊS.

Foram os séculos XVIII e XIX, purante os quais se processou a conquista da sociedade ocidental e mesmo do domínio do mundo, civilizado ou não, pela burguesia.

E foram, então, eliminados da vida pública os últimos vestígios profundos do cristianismo e a classe burguesa elaborou para si tôda uma filosofia da existência, moldada sôbre a necessidade de justificar o seu predomínio social e técnico.

E, finalmente, conclue Maritain, assistimos hoje à decadência dessa fase de OTIMISMO BURGUÊS e vemos iniciar-se o ciclo de PESSIMISMO PROLETÁRIO, no qual são destruídos, indistintamente, por uma materialização fanática da existência, não só as ilusões burguesas, o que seria até um bem, mas ainda, e isso é que é extremamente grave, as verdades cristãs.

Estamos, portanto, em face de uma transição dramática da história.

A grande tragédia da crise contemporânea está em que, dentro da sua conciência, ninguém mais crê em nenhuma forma política, nem em nenhuma ideologia social.

Só os extremismos procuram ainda manter-se, à custa de uma tensão demoníaca da vontade e de um fanatismo sangrento.

Perecem, porém, sob os golpes mortais que vibram contra a sua própria idéia.

Vê-se claro, assim, que o problema contemporâneo deixou de ser um problema político e social, para converter-se em um problema espiritual e cultural.

Ao nosso atormentado mundo, que luta e verte sangue em todos os continentes, só se pode enviar uma mensagem: reconsideração do cristianismo, como o FATO supremo da história da humanidade e não mais como apêndice de ATITUDES INTELECTUAIS, como queria Comte; de CLASSES SOCIAIS, como queria Marx; de TESES DIALÉTICAS como queria Hegel; de ETAPAS DE EVOLUÇÃO, como queria Spencer; de CICLOS CULTURAIS, como hoje em dia quer Spengler, ou de ILUSÕES PSÍQUICAS, como quer Freud — no dizer vigoroso do Sr. Tristão de Ataíde.

Essa mensagem significa concepção definida e total da vida; fé nos próprios destinos; liberdade sem licença; disciplina conciente; tolerância respeitosa; respeito à pessoa integral; justiça social, com o cerceamento do feroz egoísmo burguês.

Enfim — restauração de uma ordem social cristã, pela regeneração espiritual da sociedade e pela reeducação das massas.

E como fundar um Estado cristão real, uma real sociedade cristã? — pergunta o já invocado Berdiaeff.

Para isso, são necessárias uma eliminação e uma transfiguração espirituais.

Talvez as catástrofes e as grandes desgraças nos conduzam para êsse lado.

O verdadeiro Estado cristão já não será um estado.

O que se faz mister, é não dispersar tudo no exterior; não apenas manifestar e significar uma vida interior — mas tudo imergir, verdadeiramente, na vida espiritual, voltar à pátria do espírito.

Eis aí uma revolução mais profunda do que tôdas quantas possam realizar os revolucionários exteriores.

"O verdadeiro Estado cristão já não será um estado — mas uma volta à pátria do espírito."

Vale dizer — não nos interessam as fórmulas políticas, mas o espírito que as regerá.

Aí reside tudo: a salvação está no espírito.

Tenhamos a coragem de afirmar: neste crepúsculo da história, nós pagamos os próprios erros, para não empregar têrmo mais áspero.

Desde muitos séculos, o cristianismo vive, apenas, nas fachadas e nos verbalismos.

A crueldade, o egoísmo e o prazer primaram sôbre o amor, a caridade e a renúncia da lei divina.

Vladimir Solovieff explicava a queda de Bizâncio pelo fato de não haver, sequer, tentado realizar o cristianismo na vida.

O mesmo se poderia dizer, com algumas variantes e atenuações, de muitos Estados teocráticos, que levavam no seio o germe da sua ruína.

Mais ainda: depois da grande crise humanística, quando o mundo começou, através do naturalismo, a obra da própria destruïção — mesmo aqueles que se diziam (e se dizem, afirmemos corajosamente) fiéis a Cristo, não souberam, ou não puderam, repelir o materialismo burguês, que Stendhal, seu máximo intérprete, classificou de EGOTISMO, para fugir, elegantemente, à aspereza do exato têrmo — egoísmo.

Não foi o cristianismo que deixou de triunfar (explica admiràvelmente o russo já citado), mas a obra de Constantino, o Grande — embora se tenha revestido de importância e significação providenciais.

O cristianismo volta, por assim dizer, ao estado social anterior a Constantino.

Há poucas probabilidades de que o novo império de César queira ser cristão.

Talvez esteja o cristianismo destinado a retroceder ainda mais, até às catacumbas, para, daí, conquistar o mundo novamente.

E quando a terra reconhecer, de novo, que "com êsse sinal vencerás", em sentido integral e sincero — então a paz descerá sôbre os homens de boa vontade.

Incumbe às novas gerações o papel de artífices apreciáveis nessa grande ressurreição.

A restauração da ordem social cristã, que já vimos, há de resultar da regeneração espiritual da sociedade e da reeducação das massas.

Deverão as mesmas trabalhar nessa reconstrução. Mas antes deverão APRENDER.

Aprender a coragem de afirmar, fugindo da covardia que se nega a si mesma, pelo respeito humano.

Aprender a repelir o egoísmo, servindo a um ideal de funda solidariedade humana.

Aprender a fraternidade, para que todos os homens se amem, sem distinção de raças e de classes sociais.

Aprender a tolerância política e religiosa, pois, se nos é dado eleger o nosso próprio destino, passageiro e eterno, escolhendo livremente entre o bem e o mal, não é lícito querer impor a outrem as nossas idéias.

Aprender que só podemos opor à palavra outra palavra mais convincente; ao gesto, outro gesto mais edificante; à ação, outra ação mais apreciável — e nunca a violência.

Aprender que o homem só vive pela chama do ideal e pelo espírito de sacrifício.

Aprender a amar o Brasil como o maior dos bens terrenos e o primeiro dos nossos deveres temporais.

Aprender, enfim, a viver uma vida consagrada à ação espiritual, iluminada pela esperança que refulge no conceito do pensador tomado, aqui, na nossa concepção vital:

> "Virá outra espécie melhor, não feita do mesmo barro, mas da mesma luz.
>
> Sim, tôda a plebe dos espíritos perecerá para sempre; a flor deles é que voltará à terra, para reger as cousas.
>
> Os tempos serão retificados; o mal acabará; os ventos não espalharão mais, nem os germes da morte, nem o clamor dos oprimidos, mas tão sòmente a cantiga do amor perene e a bênção da universal justiça."

UM DOS ASPECTOS CARATERÍSTICOS DO ATUAL PLANO EDUCACIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

Por OLGA ACAUAN GAYER

Dentro dos novos rumos que a atual política de educação lhe assinala, com segurança, vem ganhando significação e fôrça propulsora o movimento renovador do Rio Grande do Sul, nesta fase de sua evolução histórica. Em plano equilibrado e harmônico, acentua-se, dia a dia, o esfôrço para construção de um sistema de educação em atualidade com a cultura, as tradições e as tendências profundas de nosso povo.

Da obra realizada, ainda incompleta, por certo, procuraremos marcar um de seus aspectos mais sugestivos.

Acompanhando o sentido do progresso nos demais setores da atividade humana, firmou, como escôpo primordial, afastar da escola o empirismo e a rotina e fundamentar as técnicas educativas em princípios científicos capazes de lhes assegurar ação eficaz sôbre o educando, com possibilidades de aperfeiçoamento constante. Até então, se descurara de todo ou apenas se aflorara êsse aspecto de tão relevante importância e que constitue o ponto de partida de tôdas as modalidades dos atuais planos de ação.

Produziu-se no nosso sistema educacional um fenômeno interessante que cumpre pôr em relêvo — o da mudança de direção do movimento renovador. Desatendido pelos órgãos centrais da administração do ensino o aspecto técnico dos problemas escolares, todo o progresso que se registava nesse terreno provinha apenas de esforços individuais, de professores de elite, cujo nivel de cultura permitira refletir sôbre a realidade viva da educação e tomar conciência das leis do desenvolvimento espiritual, com maior ou menor repercussão no estreito âmbito em que se processavam, difundindo-se lentamente, com solução de continuïdade no tempo e no espaço, da periferia para o centro, às vezes, à revelia ou com vago reconhecimento dêste. Hoje, uma transposição se verifica: é a administração que se antecipa às iniciativas individuais, fixando um padrão para o magistério a que está presente uma apurada formação da sua personalidade humana e profissonal, nas linhas de cuja estrutura se amparam as novas qualidades da escola riograndense renovada.

A indicação de novas técnicas, mediante um trabalho sistemático de cursos, instruções, planos de atividades, orientação para estudo e auto-cultura, parte dos órgãos centrais do Departamento de Educação Primária e Normal, que, sem desprezar as iniciativas e contribuïções pessoais dos professores, as aproveita, estimula, orienta, oferecendo-lhes maiores recursos de fundamentos científicos, em que se deverá apoiar tôda a renovação escolar, e integrando-as na unidade orgânica da obra educacional em realização.

Reforma dêsse gênero, é óbvio, não se efetiva de golpe. Implicando, na formação geral, nítidas perspectivas e, na ordem profissional, seguro lastro de conhecimentos, requer sério trabalho de preparo e reajustamento do nosso professorado, para o que o tempo será fator de solidez e consolidação.

Gizado assim o plano de ação, em cujas linhas reformatrizes se afirma o sentido da atual política de educação, tributária de profunda filosofia da vida, iniciou-se lenta, mas segura a persistente obra de reconstrução que se traduz em aspectos multiformes, como os da complexa realidade sôbre a qual se exerce.

A praticabilidade do nosso programa de reforma de ensino primário pressupõe naqueles que o vão executar mentalidade preparada para recebê-lo e capacidade para dar-lhe expressão adequada. Nenhuma organização educativa logrará manter-se, em sua sistemática e em seu conteúdo ideológico, se a preparação do professor, chamado a executá-la, não fôr informada do mesmo espírito que a anima.

A formação do professor, responsável direto pela realidade efetiva do trabalho escolar; o aparelhamento material das escolas, necessário à eficiência da atuação educativa; o aparêlho técnico, agente de centralização, de coordenação e de orientação e estudo racional dos problemas educativos, constituíram os pontos visados, como estruturais, para estabelecer a atuação da escola em bases científicas, no plano atual de educação do Estado, que se propõe realizar, não obra de superfície, mas mudança fundamental e segura.

Singular atenção foi dispensada ao professor, no tocante à sua formação, como relativamente à valorização da sua capacidade técnica e estímulos e

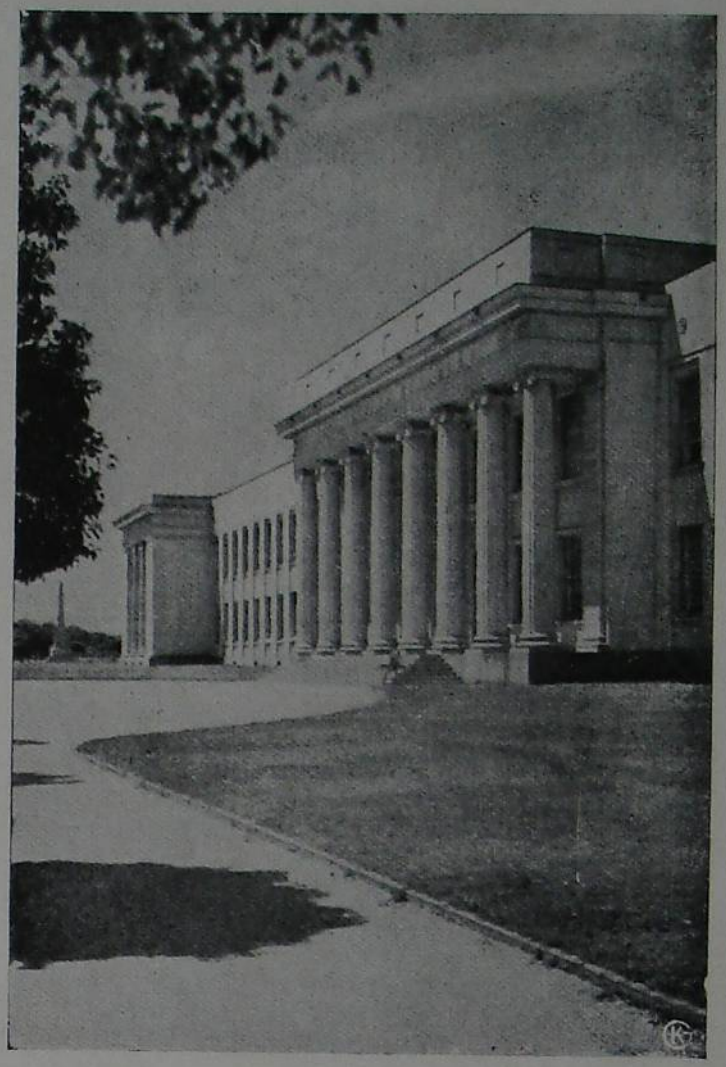
recursos para que se ponha em atualidade com o pensamento e as práticas educacionais do presente. Daí avultar no plano educacional a formação, a carreira, que seleciona e recompensa valores, e os incentivos de aperfeiçoamento.

As instituïções de ensino normal de nivel secundário, com três anos de estudos gerais simultâneos com os de caráter profissional que a atual adminstração encontrou em funcionamento, já não poderiam, por sua estruturação e conteúdo programático, oferecer adequado nivel de preparo geral e técnico, em face das atuais ambições da educação, e vêm sendo substituídas. A modificação já operada no regime das Escolas Normais de Alegrete e Santa Maria, a criação de Escolas Normais Rurais, e a transformação da antiga Escola Normal da capital em Instituto de Educação, com que se firma entre nós a formação do magistério em nivel superior, são iniciativas que emprestam grande alcance social e elevada significação cultural às nossas instituïções pedagógicas. Qualquer dos três citados tipos de escola se carateriza pela elevação do padrão de cultura geral e técnica do professor, atualização dos currículos e diferenciação dos cursos de cunho propedêutico e profissional. Os nossos planos de estudos normais corporificam iniludìvelmente novo espírito, que faz da tarefa de preparação do professor, não só o desenvolvimento de sólida capacidade técnica a serviço de uma firme conciência pedagógica, mas, sobretudo, obra de alevantada formação humana, capaz de fazer do professor elemento solidário com a cultura nacional, nas suas tradições e ideais, capaz de projetá-la no futuro, valorizada e enriquecida, através das gerações que vai educar.

Tôda nova organização do ensino normal se reveste dessa preocupação de erigir a formação profissional em super-estruturação da personalidade, no conceito de que a maior nitidez no sentido da vida e de seus valores é simultânea de maior eficiência técnica, de vez que esta tira sua fôrça de uma revisão e renovação permanentes que aquela ilumina. Daí a adopção de um curso inicial realizado em quatro ou cinco anos, conforme o tipo da escola, que se destina aos estudos gerais, formação humana e orientação educacional, em cujo currículo se acrescentam algumas matérias, além das disciplinas do plano de estudos ginasiais. Seguem-se-lhe os cursos profissionais, com a duração de dois anos destinados à formação de professores primários, para as zonas urbanas e rurais do Estado, com diferenciações impostas pela natureza de cada qual, mas com unidade de estrutura e orientação, como reclama a obra educativa e cultural que incumbe a todos os professores primários de qualquer região.

As escolas primárias anexas aos estabelecimentos de formação de professores destinam-se a oferecer-lhes, na experiência viva da realidade pedagógica, campo para observação e participação nas atividades educacionais e fonte de pesquisa, de reflexão e crítica.

Desta maneira, a formação técnica foi acentuada e valorizada — primeiro, porque assenta sôbre estudos gerais que preparam mais clara compreensão e análise dos problemas da educação e teorias pedagógicas, pelo enriquecimento de experiências e significações e pelo exercício crítico; depois, pela seriedade e extensão dos estudos que se propõem colocar o professor em atualidade com a presente riqueza das doutrinas pedagógicas e seus fundamentos científicos.



O Instituto de Educação em Pôrto Alegre.

Aguardar, porém, que as escolas formadoras de professores preparassem os elementos capazes de proceder, na prática, à reforma dos processos escolares, seria má política, pois eqüivaleria a adiar os benefícios de um ajustamento presente, desprezando a colaboração de alguns milhares de professores ora em exercício, cujo espírito flexível à renovação de cultura estava a pedir novas fontes onde haurisse a "substância de seu crescimento". A alta administração do ensino, por intermédio do Departamento de Educação Primário e Normal, voltou-se, ao depois, sem poupança de meios, para o magistério militante, alcançando-lhe todos os recursos que se fazem necessários à atualização do equipamento profissional. Cursos vários se vêm realizando nesse sentido, a partir de 1939:

1.º — De aperfeiçoamento pedagógico para o magistério em geral, a cargo dos professores Lourenço Filho e Everardo Backheuser.
2.º — De administração escolar, freqüentado por 35 diretores de Grupos Escolares da Capital, sob a responsabilidade da Secção Técnica do Departamento de Educação Primária e Normal.
3.º — De especialização em Música, Desenho e Artes Aplicadas.
4.º — De educação rural, para diretores de Grupos Escolares da 4.ª região, a cargo de vários professores especializados no assunto.
5.º — De preparação para professores de núcleos de silvícolas, sob a direção da Secção Técnica.



Grupo Escolar "Aparício Borges".



Grupo Escolar "Inácio Montanha".



Escola Experimental "13 de Maio".

EDIFÍCIOS ESCOLARES EM PÔRTO ALEGRE

6.º — De reajustamento pedagógico, para os professores do município de Caí, por vários professores do Estado.

7.º — De aperfeiçoamento pedagógico para professores de música, a cargo da professora Ceição de Barros Barreto, da Universidade do Distrito Federal.

8.º — De Higiene e Biologia Infantil, a cargo do Departamento Estadual de Saúde.

9.º — De aperfeiçoamento pedagógico para orientadores de Ensino Elementar e professores de Pedagogia das Escolas Complementares e Normais.

10.º — De especialização para professores de Jardim de Infância, dirigido pela professora Celina Nina, Técnica da Educação do Ministério da Educação.

11.º — De especialização para superintendentes de Clubes Agrícolas, sob a responsabilidade da Secção Técnica e Assistência da Secretaria da Educação e Cultura.

Grande número de professores têm auferido os benefícios culturais de viagens de estudos ao Distrito Federal, Minas e São Paulo e de estágios em suas instituïções de educação. Atualmente, o Estado de Minas Gerais proporciona a um grupo de professoras riograndenses curso regular na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte.

E êsse movimento promissor é expressivo índice da reconstrução iniciada.

De outra parte, os programas das escolas primárias oferecem novos estímulos de renovação escolar, mercê dos objetivos definidos, apontados com vistas à formação da personalidade e dos processos sugeridos para alcançá-los. As disciplinas de expressão intelectual e emotiva, antes descuradas e mal dirigidas, como o Desenho e a Música, têm neles a significação que lhes cabe no plano de educação integral.

Na certeza de que as instituïções escolares não poderão funcionar com inteira eficácia, dentro dos seus propósitos, não obstante a preparação do professor, sem prédio e instalações, também êste aspecto vem sendo largamente atendido pela Secretaria da Educação e Cultura, na construção de prédios, conforme aos requisitos higiênico-pedagógicos, em quasi tôdas as sedes de município, na adopção de padrões de mobiliário, que atendam àquelas qualidades. O edifício escolar não é só uma lição de higiene; deve dimanar do ambiente amplo, calmo, agradável, de bom gôsto, em que se desenvolve a atividade do aluno, colorido cívico e estético que envolva irresistìvelmente a vida da criança no amor às cousas da sua pátria e na emoção do belo. O movimento renovador não descurou, antes vem aproveitando, intensamente, a contribuïção do ambiente escolar na formação integral do aluno, e é tal a acolhida simpática do professorado às sugestões que neste sentido lhes vimos dirigindo, que nos mesmos prédios deficientes em instalações que ainda subsistem, as crianças já encontram, pela iniciativa inteligente da professora, calor de lar a que não falta certa nota de singela beleza.

Na execução do amplo plano de reformas, uma providência imediata se impunha. Cumpria, desde logo, dar ao Departamento de Educação Primária e Normal a organização técnica de que carecia, para assegurar à educação riograndense bases menos empíricas, vale dizer, unidade de orientação. A perfeita inteligência da significação social do processo educativo, fundamentado no conhecimento da criança e do meio, estava a exigir instituïções adequadas, órgãos especializados de conteúdo definido e atualizado, métodos coerentes com a clara visão finalística que os inspira e com a ciência pedagógica moderna. Reformas parciais de caráter inadiável vieram então a processar-se com vistas, por um lado, à discriminação e diferenciação dos serviços técnicos e melhor distribuïção dos administrativos, por outro, à descentralização dos serviços de orientação e contrôle, graças à reorganização da Secção Técnica, à criação de dez Delegacias Regionais de Ensino e dos cargos de orientadores de educação elementar e de auxiliares de delegacia.

A reorganização da Secção Técnica merece acentuar-se pela sua projeção no reajustamento de nosso aparêlho educacional, por isso que a realidade do ensino primário está condicionada, em grande parte, à eficiência dos serviços de ordem técnica que o assistem e orientam. Cabe a êsse órgão a responsabilidade de manter atualizado na cultura profissional e, conseqüentemente, nos seus processos didáticos, o elemento docente, ainda em muitos casos desapercebido de meios de ação eficazes.

Como a obra de renovação escolar, em extensão como em profundidade, exige a mobilização de todos os agentes diretos junto das crianças, fôrça é trazer aos cursos sistemáticos e de reajustamento todos os professores já em exercício e que não receberam em tempo devido o preparo indispensável à sua execução.

A melhoria da ação docente implica revisão e atualização constante de cultura geral e profissional. Importa, assim, manter vivo o espírito de progresso e aperfeiçoamento e, em dia, com as conquistas científicas no campo da educação, as práticas escolares.



Grupo Escolar "Cel. A. Emílio Massot".



Grupo Escolar "1.º de Maio".



Grupo Escolar "Rio Branco".

EDIFÍCIOS ESCOLARES EM PÔRTO ALEGRE

A renovação das técnicas em estreita relação com a adaptação justa e adequada às necessidades sociais e psíquicas das nossas crianças, desideratum que se procura alcançar, com base científica, mediante o contrôle dos novos métodos empregados, apreciação dos seus resultados através de experimentações, inquéritos, pesquisas de ordem psicológica e social.

Acrescidas e alargadas pelos imperativos dos próprios objetivos do movimento educacional as atribuïções do órgão-técnico do Departamento de Educação Primária e Normal, impunha-se a sua reorganização, com racional distribuïção dos serviços, melhores instalações e aparelhamento material, para o efetivo desempenho dos novos encargos. Nesse sentido, foram criados, paulatinamente: o cargo de Diretor da Secção Técnica e o quadro de funcionários técnicos da Secção, atualmente acrescido com professores adidos, que colaboram nos trabalhos de medidas. Veio, assim, a Secção Técnica a funcionar em prédio adequado, onde, entre os seus diferentes serviços, conta com uma biblioteca pedagógica, que lhe serve aos próprios trabalhos e às consultas do professorado, e um mostruário de livros didáticos e de literatura infantil, em grande parte já estudados e classificados, para orientar a escolha das obras que devem figurar nas bibliotecas escolares.

A orientação do trabalho escolar e o reajustamento pedagógico do magistério vem se procedendo intensamente através dos cursos já mencionados, de reüniões mensais do Círculo de Estudos dos diretores dos Grupos Escolares da Capital; reüniões mensais, para orientação do trabalho de classe de 1.º ano, com as professoras responsáveis; reüniões semanais, para explanação e debate de assuntos relativos à educação e suas técnicas, com as professoras das Escolas Experimentais; elaboração de planos de trabalho, circulares e comunicados, destinados, ora a acudir a deficiências pronunciadas das práticas docentes, ora a colocar a atividade escolar no rumo que leva à realização dos valores preconizados.

No intuito de apoiar nos resultados das aplicações objetivas, das experiências sob direção e contrôle, dos inquéritos e pesquisas realizados sôbre assuntos educacionais, a organização estática e dinâmica das escolas caraterística profunda das nossas diretrizes, iniciou-se a experimentação dos métodos atualizados nos Grupos Escolares "Fernando Gomes", "13 de Maio" e "1.º de Maio", hoje escolas experimentais, e escolhidos para êsse fim, em virtude de constituírem partes representativas da população escolar da capital.

O ato da Secretaria da Educação e Cultura, ao criar centros de ensaio e revisão dos métodos e processos de trabalho educativo, como campo de observação, experimentação, verificação e pesquisas, assinala-se de relevante significação no papel de conferir caráter racional às nossas práticas de educação.

Mediante a aplicação dos testes ABC, do professor Lourenço Filho, e de medidas objetivas de rendimento escolar, constituíram-se turmas seletivas nos grupos escolares da Capital.

No esfôrço para ir do ideal nìtidamente definido à sua realização extensa no meio social, procuramos guardar a liberdade de iniciativa condizente com uma organização em constante desenvolvimento e aperfeiçoamento. Estudar, experimentar, corrigir, consolidar, uma vez provada a validade da iniciativa, tal a marcha habitualmente seguida no tratamento dos problemas educacionais.

Dentro dessa atitude, vem se realizando um trabalho cujos frutos, mais ou menos pujantes, repontam aquí e alí, conforme permitem as condições do meio.

Chegou-se, assim, a reünir, sob orientação e contrôle, tôda a vasta rede de instituïções educacionais do Estado, outrora independentes, isoladas e, conseqüentemente, autônomas, estabelecendo nexos, pela comunicação de objetivos, normas, planos, sugestões, experiências, conhecimentos, resultados e problemas, numa crescente tomada de conciência de nossa realidade educacional e um necessário ajustar-se e progredir.

Sente-se o desbravamento de trilha ainda não percorrida, a que não faltam as dificuldades e obstáculos das primeiras investidas. Não lhe reduzem, porém, o impulso realizador, nem lhe descaminham as diretrizes.

Não se pretende executar obra completa e acabada, por isso que as construções da ciência não se estratificam; caraterizam-se pela continuïdade, revisão e ajustamento constantes, mercê da reciprocidade de influências das conquistas do espírito humano. Sôbre as bases do que se iniciou, virão, certamente, novos e sérios estudos dos problemas da escola, para firmar, entre nós, a conciência do papel que cabe à ciência no processo da educação.

No panorama atual da educação riograndense ressaltam, dêsse modo, os fundamentos científicos como linhas marcantes que, continuadas, permitirão, no futuro, valorizar na nossa criança tudo quanto traz em si em potencialidade humana e social.

O ENSINO SECUNDÁRIO NO RIO GRANDE DO SUL

Por OSCAR MACHADO

Muito mais do que preparar os adolecentes para o ingresso nas escolas superiores, como querem alguns, tem o ensino secundário o objetivo de formar o HOMEM em tôda a acepção da palavra, buscando o desenvolvimento harmônico e progressivo de tôdas as suas faculdades. Forma-se, assim, a ÉLITE do país, imprimindo-lhe cedo a cultura geral indispensável aos dirigentes dos vários ramos da atividade nacional.

No Rio Grande do Sul o desenvolvimento do ensino secundário assume caraterísticas especiais e, por isso mesmo, interessantes. Nesse domínio, o panorama que se desdobra do passado e refulge no presente, com tendências marcantes de prolongamento no futuro, é bem diverso do que se observa em outras unidades da República, particularmente do que se nota no Rio de Janeiro e em São Paulo.

É precisamente no Rio e São Paulo onde os estabelecimentos de ensino secundário se multiplicaram extraordinàriamente nos últimos quinze ou vinte anos.

Aquí no Sul achamo-nos modestamente situados na escala do desenvolvimento do ensino secundário. No cenário nacional, não somos dos peores, nem ocupamos posição de grande destaque.

O Rio Grande do Sul tem sido, entretanto, uma terra de condutores de homens e dirigentes do pensamento. Nas ciências, nas letras, nas artes, nas armas, na política, em tudo. Não há dúvida que essa capacidade de discernimento e de comando se fundamenta na formação humanista da geração que agora envelhece.

Pode-se dizer que, até 1930, o ensino secundário se desenvolveu, no Estado, com incrível lentidão. É verdade que, num e noutro lugar, surgiram escolas dêsse grau, mas as dificuldades impostas pela legislação em vigor conservaram muitas delas completamente alheias ao ensino oficial.

Como é natural, à nova política nacional de educação, inaugurada com a revolução de 30, e, mais tarde, definida nas cartas constitucionais de 16 de julho e 10 de novembro, seguiram-se importantes providências por parte de instituïções interessadas no desenvolvimento do ensino secundário no Estado.

E eis aquí um aspecto interessantíssimo do ensino secundário em nosso Estado: no Rio Grande do Sul pràticamente não existem estabelecimentos de ensino reconhecidos ou fiscalizados pelo govêrno federal pertencentes a particulares. Aquí, os ginásios são propriedade de instituïções, quasi tôdas elas de caráter religioso, ou das municipalidades. Ora, noutros Estados, é precisamente o



Instituto Pôrto Alegre.

oposto que se observa: um grande número de estabelecimentos de propriedade individual, sem garantia de projeção no tempo, sujeitos às contingências de uma emprêsa comercial e, o que é peor, sem o prestígio e a responsabilidade que lhes impõe a filiação a uma sociedade civil ou a uma congregação religiosa.

Por essa razão, a qualquer observador inteligente ressalta o fato que, em média, os estabelecimentos de ensino secundário dêste Estado se acham mais bem aparelhados do que os seus congêneres do Rio e São Paulo. Dizemos isso, é claro, ressalvadas as exceções.

Do que acima afirmamos conclue-se que, no Rio Grande do Sul, o ensino secundário está, na sua maior parte, entregue a organizações religiosas. São poucos os ginásios leigos no Estado, destacando-se entre êles, pela sua tradição, o "Ginásio Estadual Júlio de Castilhos", em Pôrto Alegre.

e o "Ginásio Pelotense", na cidade que lhe deu o nome.

Os estabelecimentos de ensino mantidos por organizações religiosas pertencem a duas categorias gerais — católicos e evangélicos.

Dos católicos destacam-se os ginásios mantidos pelos padres jesuítas — que foram os pioneiros da educação secundária no Brasil — e os mantidos pelos irmãos maristas, hoje espalhados por todo o Estado. O ginásio jesuíta de São Leopoldo e o marista de Santa Maria marcaram época, sendo que hoje o "Ginásio Anchieta" e o "Ginásio Nossa Senhora do Rosário", ambos da Capital, revivem a glória de suas respectivas organizações.

Dentre os estabelecimentos evangélicos de maior projeção no Estado figuram o "Colégio União", de Uruguaiana, o "Ginásio Cruzeiro do Sul" e o "Instituto Pôrto Alegre", da Capital, sendo êste o mais novo.

Tanto católicos como evangélicos mantêm, para o sexo feminino, estabelecimentos de ensino secundário localizados nas principais cidades do Estado.

O ENSINO SUPERIOR E UNIVERSITÁRIO

Por PERÍ DINIZ

O Estado do Rio Grande do Sul apresenta, do prisma da instrução superior e universitária, aspectos de franco desenvolvimento e feição peculiares.

Na capital do Estado, a Universidade de Pôrto Alegre, em funcionamento regular desde 1.º de abril de 1936, como instituïção equiparada e oficial, abrange os principais cursos em que está estruturada a instrução superior. Fazem parte do seu currículo os cursos de — direito, engenharia civil, engenharia mecânica e elétrica, química industrial, medicina, farmácia, odontologia, agronomia, veterinária, filosofia, ciências e letras e comércio.

Compreende, também, como instituïção complementar, o Colégio Universitário, que ministra o ensino do ciclo vocacional do curso secundário (pré-médico, pré-jurídico e pré-técnico).

Os citados cursos são ministrados nas tradicionais Faculdade de Direito, Escola de Engenharia, Faculdade de Medicina e Escola de Agronomia e Veterinária.

Todos êsses institutos, criados pela iniciativa particular, com auxílio dos poderes públicos, são padrões do esfôrço, da cultura e do espírito público do riograndense.

O sacrifício e o desprendimento de seus fundadores são exemplos dignificantes de fundo valor educativo.

As figuras de João Simplício, Manoel André da Rocha, Sarmento Leite e outros representam, admiràvelmente, o passado daquelas instituïções, que souberam animar e organizar.

O desenvolvimento dos cursos e as circunstâncias sociais e econômicas exigiram, em dado momento, que o Estado encampasse a iniciativa particular, para dar-lhe feições compatíveis com as novas necessidades.

E, por Decreto n.º 5.758, de 28-11-34, o Govêrno do Estado criou a Universidade de Pôrto Alegre, tornando oficiais do Estado os seus institutos integrantes, com dispositivos especiais quanto à Faculdade de Medicina, dada sua natureza de instituto federal.

Por Decreto federal n.º 679, de 10 de março de 1936, foi autorizada a incorporação dessa Faculdade à Universidade, para efeito de administração interna e cooperação cultural.

Posteriormente, lavrado o acôrdo entre a Universidade e o Estado, foi, pelo Decreto n.º 6.193, de 30-3-1936, instalada oficialmente a Universidade de Pôrto Alegre.

Seu primeiro Reitor foi o Professor Desembargador Manoel André da Rocha, da Faculdade de Direito, decano dos diretores de nossas escolas superiores, à época de sua nomeação (1934 a 1937).

Desempenharam, sucessivamente, a Reitoria: — o Professor Aurélio de Lima Py, catedrático da Faculdade de Medicina (1937 a 1939). Professor Ary de Abreu Lima, catedrático da Escola de Engenharia (1939 a 1941). Atualmente, exerce essas altas funções o Professor catedrático de Ciência das Finanças da Faculdade de Direito, Dr. Edgar Luiz Schneider, membro do Conselho Nacional de Educação.

Funciona, como órgão deliberativo e consultivo da Universidade, o Conselho Universitário, que é integrado: a) dos Diretores dos institutos — Professores Elpídio Ferreira Paes, da Faculdade de Direito; Raul Moreira da Silva, da Faculdade de Medicina; Irio do Prado Lisboa, da Escola de Engenharia; e Gaspar Dilermando Ochôa, da Escola de Agronomia e Veterinária; b) dos representantes das Congregações: Professores — Luiz Francisco Guerra Blessmann, João Bonumá, Egídio Hervé e Desidério Finamor; c) do representante dos docentes livres da Universidade — Dr. Luiz Sarmento Barata; d) do representante do corpo discente — acadêmico Cipriano Alvares Lacerda.

As finalidades da Universidade expressas em sua lei institucional resumem-se em: a) — manter o ensino superior dos institutos, que a compõem, e bem assim qualquer outra modalidade de ensino que se torne necessária à plena realização de seus objetivos; b) promover a realização da pesquisa científica nos diferentes setores culturais em que se desdobra o ensino que ministra; c) facilitar a educação física de seus alunos e aperfeiçoar-lhes a educação moral e cívica; d) promover a difusão das ciências e das letras, e ainda realizar quaisquer outras medidas que possam

concorrer para o aperfeiçoamento do ensino no país e o engrandecimento da cultura nacional.

Recentemente, sob a gestão do atual Reitor, foram instalados, com grande espectativa, os cursos da Faculdade de Filosofia.

Os objetivos dessa Faculdade cifram-se em:

a) preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica;

b) preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal;

c) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura.

Completada a estrutura da organização universitária local, verifica-se intensa atividade, na atualidade educacional do Estado, para imprimir rumos definitivos, com a criação, em moldes amplos e modernos, dos institutos científicos — química, física, ciências naturais, psicologia, museu social e outros.

ORGANIZAÇÃO DOS CURSOS:

a) — Curso de direito:
Duração: — 5 anos.
Título que confere — Bacharel em direito.

b) — Curso de Medicina:
Duração — 6 anos.
Título que confere — Médico.

c) — Curso de Engenharia Civil:
Duração: — 5 anos.
Título que confere — Engenheiro Civil.

d) — Curso de Engenheiro Mecânico e Eletricista:
Duração: — 5 anos.
Título que confere — Engenheiro Mecânico e Eletricista.

e) — Curso de Química Industrial:
Duração: — 4 anos.
Título que confere — Químico Industrial.

f) — Curso de Agronomia:
Duração: — 4 anos.
Título que confere — Agrônomo.

g) — Curso de Veterinária:
Duração: — 4 anos.
Título que confere — Veterinário.

h) — Curso de Farmácia:
Duração: — 3 anos.
Título que confere — Farmacêutico.

i) — Curso de Odontologia:
Duração: — 3 anos.
Título que confere — Cirurgião-Dentista.

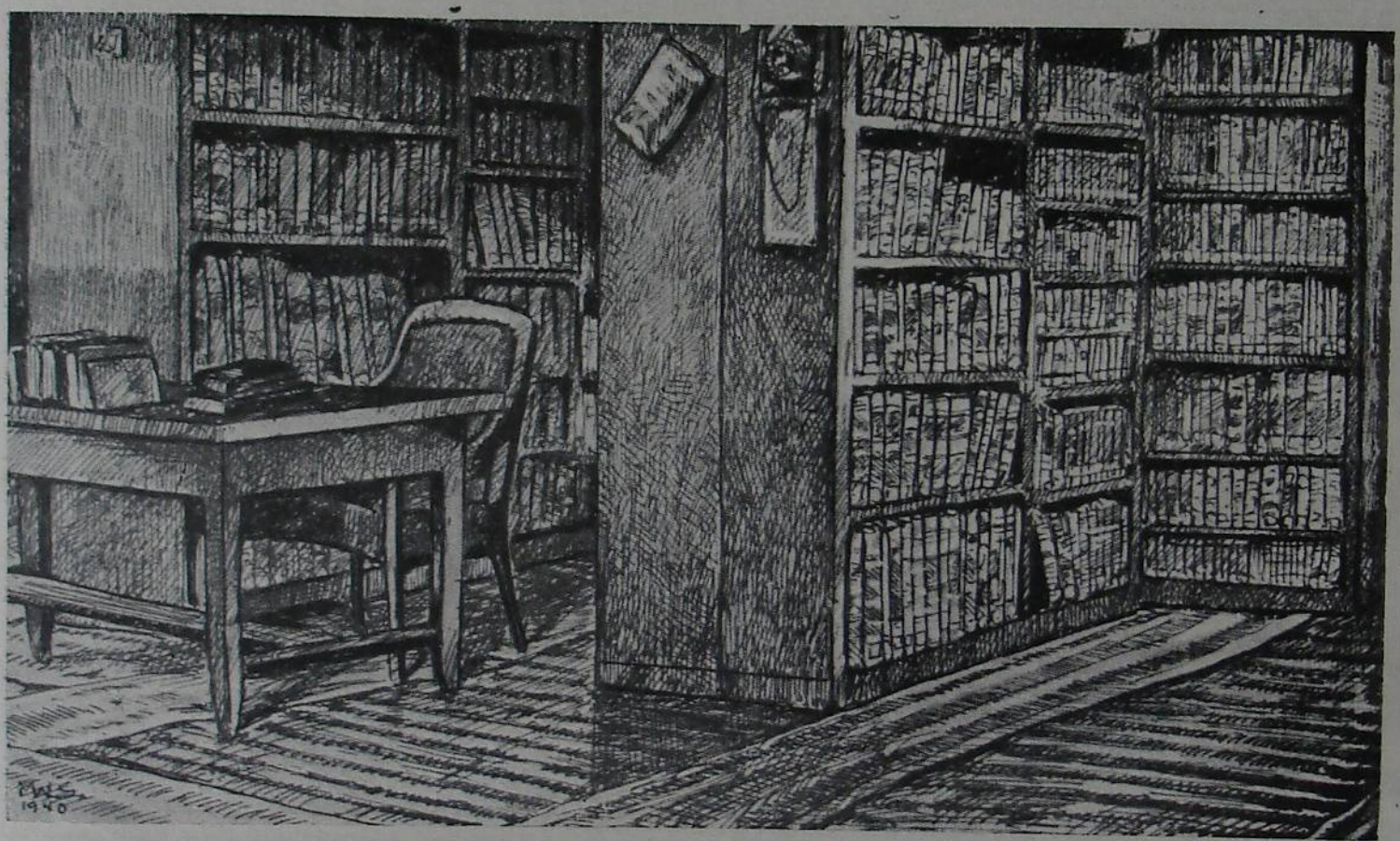
j) — Curso de Comércio:
Compreende os cursos de contador, em 3 anos, e o superior de administração e finanças, também de 3 anos. A matrícula no curso de contador exige o curso secundário ou o propedêutico, em 3 anos, em que são lecionadas as matérias essenciais do curso ginasial. A matrícula no curso de administração e finanças exige o curso de contador ou o secundário, devendo, neste caso, o candidato submeter-se a exame de admissão. Título — Contador e Bacharel em ciência comercial.

k) — Cursos da Faculdade de Filosofia, com a duração de 3 anos: Matemática, Física, Química, História Natural, Geografia e História, Filosofia, Pedagogia, Ciências Sociais, Letras clássicas, Letras néolatinas, Letras anglo-germânicas e o de Didática, com um ano de duração.



FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE PÔRTO ALEGRE

LITERATURA E CIÊNCIAS



ALGUNS TRAÇOS SÔBRE A EVOLUÇÃO LITERÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL

Por MOISÉS VELINHO

Quando o sr. João Pinto da Silva escreveu aquela obra paciente e meticulosa que revive o passado mental do Rio Grande do Sul, teve escrúpulo em dar-lhe o título de HISTÓRIA DA LITERATURA RIOGRANDENSE. Preferiu chamá-la HISTÓRIA LITERÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL. Parecerá, à primeira vista, que a diferença é pouca ou nenhuma. Em verdade, porém, o crítico não foi levado, na escolha, por simples questão de eufonia ou por uma preferência meramente ocasional. Êle quis, sem dúvida, frisar uma distinção. Uma literatura deve representar um corpo autônomo, um conjunto inteiriço, originário de raízes comuns e evoluindo pela impulsão de suas próprias fôrças. O Rio Grande do Sul, maugrado as peculiaridades de sua formação histórica e social, ou antes em virtude dessas mesmas peculiaridades, não poderia fugir à regra: nenhuma unidade da Federação, mesmo aquelas cujas origens remontam ao século do descobrimento, nenhuma pode gabar-se de haver erguido, com o material de uma idealização ou de um pensamento próprio a construção de um edifício literário que evidencie nos seus alicerces e nas linhas de seu estilo uma inspiração autóctone. Não há, no Brasil, ao lado da literatura geral, literaturas particulares, pertencentes a êste ou àquele Estado. Pequenos surtos regionais, retratando aspectos rústicos ou urbanos da vida provinciana, não são suficientes para caraterizar uma LITERATURA local.

Outra cousa é a resenha metódica dos fatos literários que representam, dentro dos limites geográficos de cada circunscrição federativa, a contribuïção das províncias para a formação e enriquecimento da literatura brasileira. À exposição sistemática da parte que coube ao Rio Grande na integral manifestação do pensamento brasileiro é que o sr. João Pinto da Silva deu, com subtileza e propriedade, o nome de HISTÓRIA LITERÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL.

Como os demais Estados do Brasil, não possuimos, de fato, uma literatura própria. Isto não quer dizer, já se vê, que a luta pela afirmação do espírito não tenha sido igual ou maior aquí do que nas outras províncias.

Inicialmente as longas, intermináveis guerras de fronteira, depois as revoluções sangrentas, precedidas e seguidas de rudes combates políticos, eram injunções que absorviam e mobilizavam tôdas as energias da terra e do homem, mal permitindo que a furto, nos rápidos interregnos de paz, a vida do pensamento se desenvolvesse normalmente.

Curioso é que começássemos a nossa nominata literária pelas altas figuras de Araújo Pôrto Alegre, Joaquim Caetano da Silva e Araújo Ribeiro. São nomes de primeira grandeza que haveriam, porém, de exercer fora daquí sua poderosa irradiação, pois fora daquí é que formaram a sua cultura e o seu espírito. Nem seria possível concebê-los em meio do deserto mental da província naqueles obscuros começos do século passado. Mas embora modesta e vagarosamente, fomos juntando as pedras que haveriam de formar o tosco monumento da nossa tradição literária. Ainda que por largo tempo tivéssemos que nos entregar às lutas pela posse e manutenção da terra e depois pela adaptação das instituïções aos tumultuosos precalços do ambiente, desde cedo a alma anônima do povo aproveitava os breves entreatos das guerras e revoluções para recolher-se e tentar os primeiros arremedos de criação literária. Do próprio fumo dos recontros emergiram assim, canhestras, ainda cheias de medo, as primeiras manifestações líricas, traduzidas nas redondilhas do populário gaúchesco. Elas quasi só falam de amor e revestem uma graça inteiramente alheia ao ânimo guerreiro cujos brados atroavam os ares. Falta a essas gestas primitivas o tonus épico que imperava em tôrno. Tal omissão, aparentemente paradoxal, apresenta, no fundo, um valor sintomático. Quem poderá negar que ela descobre, ainda que inconcientemente, uma aspiração de ordem e de tranqüilidade? É que as lutas aquí nunca foram inspiradas no desejo da guerra pela guerra. O fato de havermos sempre encarado com decisão a necessidade de resguardar, a ferro e fogo, a posse da terra, ou defender, à custa dos maiores sacrifícios de bens e de vidas, as prerrogativas a que nos julgávamos com direito, não acusa nenhuma contradição com os mais entranhados sentimentos de construção e de paz. Pelo contrário, uma cousa explica a outra. O bem a que aspira o homem social — a segurança de todos e de cada um — tem um preço por vezes penoso, e êsse preço os nossos avoengos sempre o pagaram pontualmente. O Rio Grande do Sul sempre tomou armas em nome de suas aspirações de estabilidade política e geográfica. Fiéis às velhas tendências construtivas dos troncos lusos, aceitamos a guerra como uma contingência histórica, nunca como um programa ou ideal de vida. Eis por que a musa popular, teimando na velha linguagem do amor, se mostrava indiferente ao tumulto belicoso que lhe ia em volta. Era o precário refúgio onde se acoitava, sem o saber, o profundo anseio de paz de uma coletividade sacrificada pelas contínuas exigências da guerra.

Essa reação da inteligência, essa obscura reivindicação das fôrças do espírito em meio às turbulências do ambiente, traduzem, nìtidamente, o sentido sociológico da literatura no Rio Grande do



O "Parthenon Litterario" de Pôrto Alegre exerceu, nos meados do século passado, papel decisivo na evolução intelectual e literária do Rio Grande (Facsímile do diploma de um sócio).

Sul. Em nenhuma província do Brasil a atividade literária costuma demandar maior esfôrço para firmar-se e expandir-se. A ação política, com suas campanhas e agitações, até bem pouco arrastava e absorvia tôdas as inteligências, ainda as menos inclinadas a ela, incompatibilizando-as — se assim se pode dizer — com os puros empreendimentos do espírito.

Até certo ponto, as raízes do nosso regionalismo vão mergulhar em terreno político. Não foi sem razão que êle surgiu com Apolinário Pôrto Alegre ao tempo da propaganda republicana. Mesmo depois, se excetuarmos Simões Lopes Neto e um ou outro que lhe seguiu as pègadas, é possível descobrir em nossa literatura crioula um vivo substrato político. Já se vê que não me reporto exclusivamente à deliciosa sátira de Amaro Juvenal.

Como quer que seja, fosse qual fosse o seu móvel, o regionalismo representava uma derivação, uma nova disciplina, outros moldes para a nossa conduta.

Sua dominação foi longa, quasi exclusiva. Houve mesmo um tempo em que não se permitia ao homem de letras riograndense outra função que não a de exaltar a vocação épica do gaúcho, como se tudo aqui, mesmo depois de encerrado o ciclo heróico da nossa formação, devesse desfechar em assomos de guerra.

Mas, paralelamente ao regionalismo, embora de início sem a mesma aceitação, construía-se uma literatura de tipo mais universal, menos vinculada à terra, é certo, mas talvez mais expressiva como afirmação e emancipação do espírito. Já o romantismo tivera aquí os seus epígonos, sobressaindo na poesia o nome de Lobo da Costa. Vieram depois os parnasianos, simbolistas, modernistas. Cada uma dessas correntes, sobretudo o grupo dos simbolistas, apresenta figuras que honrariam qualquer cenáculo do país. Na prosa, porém, continuava a imperar o regionalismo até que, esgotado por escassez de horizonte social e de substância psicológica, deu lugar à literatura urbana, de maior densidade, a qual disputa hoje tôdas as preferências através da obra numerosa e forte que nos vem prodigalizando a pujante geração que aí está.

OS MARCOS INICIAIS DA LITERATURA RIOGRANDENSE

Por OLINTO SANMARTIN

Os marcos iniciais da literatura riograndense têm sua história ainda nova, não se perde na confusão dos tempos seiscentistas. Apenas há cem anos começaram a florescer os primeiros gestos, a tomar formas as primeiras atitudes que iriam caraterizar a florescente cultura de um povo que ainda lutava pela sua radical emancipação política. Fácil é sintetizar os fenômenos originários da carência cultural daqueles tempos. O folclore era a única fonte poética, ainda que impura, por lhe faltarem côres integrais localistas.

Os açorianos muito contribuiram para a hibridez da opulência folclorista. Há ainda elementos pouco prevalecentes que se retratam mais por observações falsas, supersticiosas, que por acidentes científicos encontrados no largo panorama físico e social. O pouco então existente não formava padrão, não havia substância, erudição, materiais de estrutura.

O Rio Grande do Sul adormeceu inculto por longos séculos. Distanciado do centro, onde se processava a vida colonial diante dos horizontes ilimitados do litoral imenso, não podia acompanhar o ritmo do grande território. Apenas em 1800 surgiu em Pôrto Alegre a primeira escola regular dirigida pelo professor particular Antônio d'Ávila, filho de Santa Catarina e que se comprometia a "ensinar a ler, escrever e contar, e doutrina cristã".

Trinta anos antes a Câmara de Pôrto Alegre procurou em tôda a província três bacharéis para ocuparem cargos públicos e não os encontrou "por não existirem na Capitania bacharéis nem homens de letras".

Até 1820 nenhuma escola pública existia, por falta, em princípio, de professores que fugiam a essa função pela mesquinhez dos vencimentos. Tudo justifica o retardamento da nossa floração literária. A situação geográfica do Estado, lançado nos extremos limites de uma colônia que se defrontava com países diferentes, provocava o ânimo da guerra e os nossos homens de saber eram antes generais que pensadores. A necessidade das lutas heróicas atraía os espíritos muito mais que a literatura. Nesse ambiente onde uma civilização se esboçava, teria, necessàriamente, que nascer o poeta, surgir uma corrente de artistas, erguer-se a idéia pela arte escrita e determinar a beleza pela demonstração estética de um espiritualismo que se libertava e tomava conciência de sua formação. As manifestações primárias esquecendo a frieza às tendências literárias, indubitàvelmente teriam que chegar ao instante da sua eclosão.

Justo é registrar que os marcos iniciais da literatura riograndense não começaram com demonstrações desorientadas ou de limitado esplendor dentro de um clima de ensaio, de imperfeições, de tentativas inexpressivas.

Não. Araújo Pôrto Alegre foi um esplendor fundamental da nossa cultura de tal mérito que êle se projeta até aos nossos dias. Delfina Benigna da Cunha representa, por sua vez, escravizada à uma série de circunstâncias fatais, uma passagem luminosa, com seus pormenores definidos, sem tibiezas desprimorantes.

Na verdade, a história da nossa literatura assinala essa particularidade de ter sido uma mulher a que primeiro manifestou um pensamento criador, formado pela mais fascinante das formas literárias que é a poesia.

Depois de divulgados seus versos, começou no Rio Grande a se formar um ambiente literário que o romantismo da época muito veio alentar, para, através de sucessivos decênios, alcançar a caudal de hoje, extravasante nas suas tendências que a civilização contemporânea vai graduando nos altos e baixos do modernismo.

Não é possível invocar o nome de Delfina Benigna da Cunha sem lembrar Marcelina Desbordes Valmore. Ambas se parecem pelo mesmo dom poético, pela tortura intelectual e pelo martírio interior que se exterioriza na melancolia dos seus versos. Assim o entendem os seus biógrafos. Criaturas do mesmo período, enquanto uma foi atriz, amou, teve suas horas de belezas e momentos de infortúnios, ilustrando-se e criando uma auréola de encantamento, a poetisa riograndense limitou-se a um círculo de vida restrito, imposto pela angústia imperativa do seu destino, prêsa a uma desesperação dolorosa. Benigna está esquecida, raramente alguns estudiosos a lembram, dando-lhe os méritos que incontestàvelmente possue. Delfina Benigna da Cunha é a legítima figura representativa no panorama inicial da literatura riograndense. Ela, sem ambiente, sem clima propício, num meio hostil aos sentimentos artísticos e inte-

lectuais pela razão exata de que tudo estava ainda em formação, onde a própria demografia sem ritmo, ainda nos albores do seu crescimento, nada oferecia de promissor, contudo realizou a sua obra, enfrentou a hora presente, sem calcular o expressionismo que seu talento poético representaria no futuro. Walter Spalding, que tão bem estudou a artista cega, afirma ter sido ela a primeira poetisa do Rio Grande do Sul e a que primeiro "se utilizou dos prelos para a publicação de livros na Província".

Marco inicial da vida literária riograndense, a ela deve ser dada a glória das prioridades legitimistas da intelectualidade nossa. Ainda que Benigna não representasse uma cultura, não cristalizasse nas suas emoções estéticas o primor da forma, o deslumbramento da perfeição, foi sem favor uma alma facetada às manifestações de uma poesia sentimental, um coração coberto de sombras, amargurado, sedento de ternura, sempre gloriosamente palpitante ao ritual das rimas e dos epigramas.

E se atentarmos à firmeza do seu pensamento, à fidalguia da sua espontaneidade, encontraremos uma grande artista que a época em que viveu acorrentou a uma condição sufocante, sem dar-lhe o oxigênio que seu espírito alcandorado exigia.

Esta redondilha diz bem do valor da MUSA CEGA, feita de improviso, quando, absorta num salão de festas, lhe foi perguntado em que pensava:

"Estava, agora, pensando
quão veloz o tempo passa!
Como é breve uma alegria
Quanto é longa uma desgraça!"

Resposta lapidar, extravasante de idéia, adolorada de psicologia e exuberante de maciez poética. Quem responde num improviso dessa maneira, com tão forte colorido de expressão, só pode ser um artista, um poeta requintado que traz na alma a larva divina de uma tendência definida e consagradora.

Delfina não fazia versos por desfastio à sua vida atribulada. Ela tinha convicção própria, dava-se como poetisa, professava a arte de versejar.

Entre suas poesias mais destacadas, tornou-se muito conhecido o soneto em que ela se retrata e onde alude ao mal que a cegou, a variola, quando tinha apenas 20 meses de idade.

"Vinte vezes a lua prateada
inteiro o rosto seu mostrado havia,
quando um terrível mal que então sofria,
me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céu e o sol sendo privada,
Cresceu a par comigo a mágua ímpia;
desde a infância mortal melancolia,
se viu em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natureza
e a fortuna cruel sempre comigo
me negou tôda a sorte de ventura!

Nem sequer um prazer breve consigo
só para terminar minha amargura
me guarda o triste, sepulcral jazigo.

Cega, sem conhecer a luz fecunda do sol, o encanto da natureza, a astralidade do firmamento, o colorido dos poentes maravilhosos ou o calor de um olhar, a desventurada cantora só podia sentir-se desgraçada no seio do mundo e das próprias afeições maternas. Nunca sentira o amor, mas sonhava com o seu divino perfume, com a glória do seu mistério perturbador, com o delírio da sua radiosa beatitude contaminante.

Benigna não conhecia a delícia impiedosa da resignação. Como mulher cheia de virtudes e inebriamentos, tinha revoltas íntimas, pela certeza de que jamais conheceria um carinho amoroso.

Francisco de Paula Pires conta que, em 1845, em casa do Alferes Inácio Antônio Pires, achando-se presente Delfina, lhe dera êste mote que ela glosou de improviso:

"No momento em que te vi
meu coração palpitou.

Dizer-te quanto sentí,
ai! não posso, caro amante,
naquele ditoso instante,
no momento em que te vi!

Foi então que eu conheci
o quanto sensível sou!
Meus passos amor guiou
para junto de teu lado,
e de amor arrebatado
meu coração palpitou."

Nesta glosa Delfina se manifesta enamorada duma vaga paixão que mais tarde haveria de se tornar em amor ardente, sem no entanto encontrar consolação. Mas todos os problemas, por mais sérios que fossem para a fantasia das suas musas, para o seu mundo interior, Delfina os definia em versos, buscava o consôlo nas rimas e assim ia vivendo o amargurado destino da sua mocidade.

Quando se viu desamparada, sem meios capazes de conduzí-la ao fim da negra jornada, Delfina seguiu para a côrte, afim de avistar-se com D. Pedro, a quem dirigiu êste soneto:

Quem te fala, Senhor, quem te saúda,
não vê raiar de Febo a luz brilhante
dá-lhe pio agasalho um breve instante,
seu fado imigo em brando fado muda.

A sustentar o pêso assaz lhe ajuda
de uma vida que à morte é semelhante,
não chegue a ser aflita mendigante
quem um tal protetor roga-lhe acuda.

É por ti que eu espero ser contente,
e suponho senhor que não me iludo;
de tua alma a piedade está patente.

Que tenho em Pedro, o grande, um forte escudo,
Creio, folgo e afirmo afoutamente,
que és pai, bem-feitor, és nume, és tudo!

Bem inspirados os decassílabos de Benigna, arrancaram felizmente uma pensão vitalícia, por

serviços que seu pai havia prestado como capitão-mór.

Delfina Benigna da Cunha era pertinaz no manêjo da rima, tudo para ela se resumia a uma verdade que era a linguagem das musas, embora com imperfeições. Sacramento Blake a considerou como uma criatura de inteligência brilhante, de conhecimentos pouco vulgares em relação à época em que viveu. Tôda a sua grande dor se objetiva na cegueira. Nos versos que conhecemos denota-se êsse desprendimento da vida real, esquecendo-a instantes apenas, para depois, recordando a grande desgraça, voltar às lamentações sentidas do seu coração.

"Tudo careço, porque a luz é tudo;
Dai-me luz... dai-me luz em vão vos peço."

É o brado desesperativo, profundo, matizado de angústia que não encontra eco, irremediável como a morte. Ainda que Delfina vivesse nêsse ângulo meridional do Brasil entre gente que se agitava ao calor bélico de sua própria constitucionalidade, a poetisa riograndense criou uma auréola de prestígio intelectual que se expandiu para horizontes largos e distanciados. Pinheiro Chagas a elogia na sua obra "Brasileiros ilustres". No Rio de Janeiro, Benigna viveu horas inesquecíveis de beleza espiritual com o grande poeta português Antônio Feliciano de Castilhos, cego também, sendo um dos vultos mais eminentes da literatura portuguesa daquele século.

Esteve após na Baía, onde a poetisa riograndense recebeu inúmeras homenagens não só por parte da imprensa como da sociedade e homens de letras baianos.

Esta a primeira poetisa que o Rio Grande possuíu, o primeiro espírito que se manifestava e se impunha à história incipiente da literatura sul-riograndense. Publicou Delfina Benigna três volumes de versos, sendo um em 1834, em Pôrto Alegre, e os dois seguintes no Rio, respectivamente em 1838 e 1846.

Nasceu a infortunada poetisa na Estância do Pontal, município de São José do Norte, a 17 de julho de 1791, a faleceu na cidade do Rio Grande, a 13 de abril de 1857.

Cronològicamente, depois de Benigna, surge a figura inconfundível e vigorosa de Manoel de Araújo Pôrto Alegre, barão de Santo Ângelo. O rico patrimônio da nossa mentalidade retardada iria encontrar em Araújo Pôrto Alegre a cerebração gigante que como complemento ao marco inicial da nossa formação intelectiva iria alcançar um alto pôsto na literatura americana.

Formava-se então um clima de arte que não se desgastava pela esterilidade das concepções de moldes importados. Eram afirmações, tôda a universal emoção do momento artístico a atrair o pensamento em tôrno de uma idéia de ouro.

O vigoroso artista não se ensaiava pròpriamente, mas vencia uma época, atirava-se, invito, no largo horizonte dos ideais artísticos.

Era um predestinado e como tal não vacilava, não esmorecia diante do cenário. Como um legítimo gladiador, arremessou o seu estro entre as falanges românticas. Em tôda a sua obra há o arfar de uma coragem tornada certeza que era o ritmo americanista a serviço da poesia do século.

Araújo não foi apenas poeta. No ângulo literário êle se expandiu como cronista, crítico de arte, dramaturgo e foi ainda mestre na pintura, arquitetura e escultura, conhecendo as artes plásticas em todos seus pormenores.

Filiado à corrente do romantismo que surgia em França, escreveu muitos poemas, mais tarde reünidos em livro que denominou "Brasilianas". Sua obra consagradora, no entanto, foi COLOMBO, poema épico.

No prólogo há o talhe exaltado de uma admiração medular à Espanha de Isabel. "Troam na Ibéria os hinos de vitória" é o verso inicial para deixar cair o velário prologal com o brado ardente: "Estrondam mil aplausos; parecia que inteira numa voz se erguia Espanha". Depois do colorido apoteósico, o retrato feito pelo rei selvagem, a fecundidade agreste das selvas, os frutos da têrra, o mistério infinito do panorama incomparável:

"Se lenhas precisais, dou-vos as selvas;
Se pedras, arrancai êstes penedos,
E se braços, os meus e os desta gente.
Temos tudo, Zemel, para ofertar-vos:
Ar e céu, que a saúde e paz infunde,
Um solo nemoroso, águas saüdáveis,

Frutos como estais vendo, caça e aves
E o que a vossa ciência desconhece.
Deu Tupana aos Zeméis estas riquezas
E êles, benfazejos, nos concedem
Tais delícias fruir, tendo nas tabas
Amor e amizades, paz, concórdia.
Dizei aos vossos que isto tudo é deles."

O seu americanismo pouco lhe desinfibrava o amor à Europa donde partira o herói do seu poema. Clara e límpida rompera a madrugada infinita. E a manhã se passou vendo correrem pela prôa as montanhas azuladas. É a Andaluzia que surge, que se mostra ao descobridor homérico. E enquanto Araújo Pôrto Alegre canta os feitos do arrojado genovês, vai também dando fulgor à sua obra iniciada há decênios e empolgando um dos lídimos marcos da literatura riograndense.

Araújo Pôrto Alegre reinvindicou nobremente o largo ciclo de silêncio mortal a que se entregou o Rio Grande do Sul.

A época romântica estava firmada e o espírito de erudição na Província criara bases sólidas, opulentas de colorido e de imaginação para se firmar, um século mais tarde, num estuário pletórico de grandeza, onde o pensamento reflue em afirmativas claras, e os ideais tornam-se legítimos elementos para objetivar a evolução da literatura riograndense, hoje vitoriosa e glorificada.

A EVOLUÇÃO DA IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL

Por SCYLLA SOARES DA S. E SOUZA

Enquanto o maravilhoso invento de Gutenberg já há muito era conhecido na América espanhola, o Brasil, dos países americanos, foi, talvez, o único que o não possuia até fins do século XVIII (1).

Há, porém, vestígios de Imprensa, nas Missões jesuíticas, no Rio Grande do Sul (século XVII—XVIII).

A-pesar-de diversos comentários, de que algo já havia sôbre a arte tipográfica, no nosso país, a IMPRENSA no Brasil teve seu início definitivo e permanente com a criação da IMPRESSÃO RÉGIA, instituída pelo Decreto de 13 de maio de 1808.

No Rio Grande do Sul, a Imprensa teve começo em 1827.

Diziam os historiadores da Imprensa no Rio Grande do Sul que sua origem fôra, em Pôrto Alegre, nos porões do Palácio do Govêrno com os restos da Tipografia Imperial do Exército, que Barbacena encomendara à Côrte.

Pio de Almeida, porém, contraria essas opiniões e afirma:

> "Vinte e sete dias depois do citado ofício de Barbacena lamentando o seu retardamento (DA TIPOGRAFIA), a 20 de fevereiro, travava-se no Passo do Rosário a famosa batalha de Ituzaingó que, se não se resolveu em vitória para os exércitos em luta, decidiu ao menos da sorte da primeira tipografia que aportou ao Rio Grande, atirando-a nas mãos dos nossos inimigos."

E a PARTE argentina do general Carlos Alvear, dando notícia do debatido feito que atesta o seu destino inglório. Diz assim:

> "O exército inimigo abandonou finalmente o campo de batalha, deixando sôbre êle 1.200 cadáveres, entre vários chefes, oficiais e o general Abreu; grande número de prisioneiros e armamento, todo o seu parque e bagagens, duas bandeiras, 10 peças de artilharia e a imprensa são troféus do exército."

E, assim, desapareceu o primeiro prelo riograndense, abandonado no campo de batalha e tomado pelo adversário da pátria como troféu de guerra!

Êstes fatos têm passado despercebidos de quantos se têm ocupado da história da nossa imprensa. A tipografia do exército de Barbacena tem sido confundida com a que, nesse mesmo ano de 1827, foi estabelecida nos baixos do palácio do govêrno em Pôrto Alegre e que tomou o nome de RIOGRANDENSE.

O sr. dr. Tancredo de Melo, que tem estudos especiais sôbre a matéria, afirma que "a mais antiga tipografia riograndense" de que conhece documentos incontestáveis, "foi a estabelecida em Pôrto Alegre pelos cuidados do Marquês de Barbacena", em 1827, com o nome de Riograndense. Esta imprensa, entretanto, como ficou demonstrado, não se fixou em Pôrto Alegre, mas seguiu para o acampamento das fôrças de Barbacena, onde foi abandonada e apresada pelos argentinos no extravio de Ituzaingó.

Augusto Pôrto Alegre incorre no mesmo engano quando afirma que essa tipografia "foi mandada montar pelo Marquês de Barbacena".

Não se pode considerar Barbacena nem como o fundador nem como o introdutor da imprensa no Rio Grande, porquanto o seu prelo de campanha, de breve existência, passou apenas pelo Estado sem deixar sequer sinal de sua passagem.

Investigando as origens da nossa imprensa, na tentativa de esboçar a história do jornalismo riograndense, de que destacamos estas notas, não encontramos documento que individualizasse, com segurança, o verdadeiro fundador da arte tipográfica entre nós. Não será injusto, porém, atribuir ao brigadeiro Salvador José Maciel a honra da fundação da imprensa no Rio Grande do Sul.

Presidia Salvador Maciel a Província quando, a 1.º de junho de 1827, com o aparecimento do "DIÁRIO DE PÔRTO ALEGRE", se inaugurava o primeiro prelo provinciano, instalado em um dos salões térreos do palácio do govêrno, segundo to-

---

(1) Como prova do que afirmamos damos a seguir a PROIBIÇÃO de D. João:

"D. João por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África, senhor de Guiné etc.

Faço saber a vós governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, que por constar, que dêste reino tem ido para o Estado do Brasil quantidade de letras de imprensa, no qual não é conveniente se imprimam papéis no tempo presente, nem ser de utilidade aos impressores trabalharem no seu ofício, aonde as despesas são maiores que no reino, do qual podem ir impressos os livros e papéis no mesmo tempo, em que dele devem ir as licenças da Inquisição e do meu Conselho Ultramarino, sem as quais se não podem imprimir, nem correrem as obras; portanto se vos ordena, que, constando-vos que se acham algumas letras de imprensa nos limites do vosso govêrno, os mandeis sequestrar, e remeter para êste reino por conta e risco de seus donos, a entregar a quem êles quiserem, e mandareis notificar aos donos das mesmas letras e aos oficiais da imprensa que houver, para que não imprimam nem consintam que se imprimam livros, obras, ou papéis alguns avulsos, sem embargo de quaisquer licenças que tenham para a dita impressão, cominando-lhes a pena, de que, fazendo o contrário, serão remetidos presos para êste reino à ordem de meu Conselho Ultramarino, para se lhes imporem as penas, em que tiverem incorrido, na conformidade das leis e ordens minhas, e aos ouvidores e ministros, mandareis intimar da minha parte esta mesma ordem para que lhe dêm a sua devida execução e a façam registar nas suas ouvidorias.

El-rei nosso Senhor o mandou por Tomé Joaquim da Costa Corte Real e o desembargador Antônio Freire da Andrade Henriques, conselheiros do seu Conselho Ultramarino e se passou por duas vias.

Caetano Ricardo da Silva a fez em Lisboa a 5 de julho de 1747.

O Secretário Manuel Caetano Lopes de Gouvêa a fez escrever."

dos os depoimentos, embora residisse o redator à rua da Igreja nº 113, conforme se lê no seguinte

AVISO

"Avisa-se aos snrs. que houverem de fazer algum anúncio por esta fôlha que deverão remeter os seus anúncios por escrito e assinados à casa do Redator, rua da Igreja nº 113 à esquerda indo para a Matriz, ficando inteligenciados os mesmos senhores, que se não recebe papel, que não seja assinado. As pessoas de fora da terra se poderão dirigir ao mesmo Redator pagando os portes do Correio."

Era uma modesta tipografia composta de um prelo e de algumas "caixas de tipos".

Em Pôrto Alegre, teve ela princípio no mesmo ano de 1827, com a fundação da Tipografia Riograndense, graças ao material adquirido por subscrição, segundo se poderá verificar no nº 1.º do DIÁRIO DE PÔRTO ALEGRE, conservado no Museu Júlio de Castilhos.

Realmente, numa "Correspondência" publicada naquele primeiro número, lê-se:

"Fazendo-se dignos de respeito e consideração, todos aqueles, que procuram promover a instrução pública, como o mais seguro modo de tornar os homens bons, e felizes; e sendo a imprensa o meio mais fácil de comunicação de pensamento, e o mais preferível de todos os métodos para os Povos adquirirem os conhecimentos, que são inerentes à sua prosperidade pública contribuíram generosamente para a compra da Tipografia, a que ora se deve o presente Diário."

A relação dos subscritores que apareceram no 1º número do DIÁRIO DE PÔRTO ALEGRE foram os seguintes:

Antônio Antunes Guimarães — Antônio Borges de Almeida e C. — Antônio Cândido Ferreira — Antônio Evaristo Justiniano da Silva — Antônio Fernandes Teixeira — Antônio Joaquim da Cruz — Antônio José de Castro Guimarães — Antônio Rodrigues Chaves e C. — Antônio José de Farias — Antônio José de Oliveira Guimarães — Antônio José da Silva Guimarães — Antônio José Rodrigues Ferreira — Antônio José Vitorino Froes da Silva — Antônio Soares de Paiva e Filhos — Excelentíssimo Antônio Vieira da Soledade — Cristóvão José Leite — Custódio José Teixeira Magalhães — Domingos Francisco dos Santos — Domingos Gonçalves Amorim — Estácio Borges Bitancourt do Canto — Francisco Antônio Rodrigues Viana — Francisco Batista Anjo — Francisco das Chagas Araújo — Francisco Ferreira Bastos — Francisco Gonçalves Carneiro — Francisco Gonçalves da Silva — Francisco José da Rosa — Francisco Lemes Pinto — Francisco Pinto de Souza — Francisco de Sá e Brito — Gregório José de Figueiredo — Inácio Joaquim de Paiva — Inácio Pereira da Fonseca.

No final da relação lê-se: "Continuar-se-á a publicação dos subscritores nos números seguintes."

Antes da fundação da "Tipografia Riograndense" já houvera uma tentativa para o início da imprensa no Rio Grande, conforme afirma Pio de Almeida:

"A primeira tentativa para o estabelecimento de uma imprensa no Rio Grande data de 1821 e é devida ao seu então presidente, o famoso brigadeiro português João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, depois duque de Saldanha.

Espírito liberal, administrador ousado, o grande neto de Pombal realizava nessa época a reforma dos costumes políticos da Província. Simplificando os processos administrativos, atendendo às necessidades do povo, saneando a justiça, varria para longe a rotina dos velhos hábitos provincianos que entorpecia o Estado. Preocupado em governar de acôrdo com as aspirações populares, sentia a necessidade de dar publicidade aos atos e fatos que interessavam à coletividade, pondo têrmo ao ridículo sistema das proclamas por que se anunciavam os acontecimentos mais importantes. Resolveu então mandar vir uma imprensa. Para êsse fim, organizou uma subscrição entre o comércio de Pôrto Alegre, que êle próprio abriu com a sua assinatura.

Em 10 de setembro de 1821, diz o erudito publicista contemporâneo, estava coberta a importância de que carecia para adquirir a projetada imprensa. Mas, a 29 dêsse mês e ano, Saldanha, arredado violentamente do govêrno em virtude dos sucessos políticos do momento, embarcava preso para a Côrte, sem que lhe tivesse sido dado realizar a sua auspiciosa tentativa."

No período de 1827 a 1889, a Imprensa Riograndense apresentou duas fases, em que teve maior incremento e evidência: — durante a revolução farroupilha, e no movimento a favor da abolição da escravatura e propaganda republicana. A linguagem dessa Imprensa quasi sempre era agressiva e violenta, especialmente nas discussões de ideais políticos; artigos vibrantes e notas harmoniosas, quando defendendo a causa social e humana (2).

◆

Examinando a gênese da imprensa no Rio Grande do Sul, constatamos que foi na TIPOGRAFIA RIOGRANDENSE, instalada no próprio Palácio do Govêrno, que viu a luz o primeiro livro escrito em Pôrto Alegre — COMPÊNDIO ARITMÉTICO ou TABOADA CURIOSA.

A respeito lemos no Catálogo da secção da "Imprensa e o livro" (Exposição Farroupilha):

"... Segundo afirma o sr. Agostinho José Lourenço, com depoimento de seu pai, o sr. Antônio José Lourenço, que foi discípulo do prof. Tomáz Inácio da Silveira, foi êsse livrinho impresso em 1827, sendo o primeiro editado no Rio Grande do Sul, e nas oficinas do primeiro jornal riograndense, o "DIÁRIO DE PÔRTO ALEGRE", instalado no próprio palácio do govêrno".

◆

A Imprensa do Rio Grande do Sul desde sua fundação pouco variava da do resto do Brasil.

---

(2) Essa linguagem violenta, a-pesar-da rigorosa Lei de Imprensa de 1830, era peculiar a tôda imprensa do Brasil.

Para que se tenha uma idéia do que era essa Lei firmada por D. Pedro a 20 de setembro de 1830, damos a seguir alguns dos 87 artigos que a compõem:

Título I — Art. 1.º: Todos podem comunicar os seus pensamentos, por palavras, escritos, e publicá-los pela imprensa sem dependência de censura, com tanto que hajam de responder pelos abusos que cometerem em exercício dêste direito, nos casos, e pela forma que esta Lei prescreve. Constituição Art. 179 § 4º.

Art. 2º: Abusam do direito de comunicar os seus pensamentos os que por impressão de qualquer natureza que seja, emitirem:

1º. Ataques dirigidos a destruir o Sistema Monárquico Representativo, abraçado, e jurado pela Nação e seu Chefe.

Os Responsáveis incorrem na pena de prisão de três a nove anos, e na pecuniária de um a três contos de réis.

2º. Provocações dirigidas a excitar a rebelião contra a pessoa do Imperador, e seus direitos ao Trono.

Os Responsáveis incorrem na pena do § 1º.

3º. Provocações dirigidas a se desobedecer às Leis, e às Autoridades Constituídas.

Os Responsáveis incorrem na pena de prisão de dois a seis anos, e na pecuniária de oitocentos mil réis, a dois contos e quatrocentos mil réis.

4º. Doutrinas dirigidas a destruir as verdades fundamentais da existência de Deus, e da imortalidade da alma, e a espalhar blasfêmias contra Deus. Os Responsáveis incorrem nas mesmas penas do parágrafo antecedente.

5º. Calúnias, injúrias e zombarias contra a Religião do Imperador, assim pelo que pertence aos seus Dogmas como ao seu Culto. Evidente ofensa da moral pública.

Os Responsáveis incorrem, pelo que pertence aos Dog-

Os títulos dos jornais da época, especialmente da primeira metade do século XIX, por si só valem para um estudo comparativo da evolução da intelectualidade passada e atual.

◆

Para uma idéia mais ou menos geral do que foi e do que é a imprensa do Rio Grande do Sul, damos a seguir a relação dos principais órgãos das diversas épocas da vida do CONTINENTE:

A primeira fôlha que apareceu em Pôrto Alegre, sob a direção e redação de João Inácio da Cunha, foi o DIÁRIO DE PÔRTO ALEGRE. Seu primeiro número veio à luz da publicidade a 1.º de junho de 1827. Jornal de reduzido formato era vendido a 40 Rs. o exemplar.

A êste seguiram-se:

O CONSTITUCIONAL RIOGRANDENSE (1828-1831, Pôrto Alegre); O AMIGO DO HOMEM E DA PÁTRIA (1829-1830, Pôrto Alegre); O VIGILANTE (1830, Pôrto Alegre); A SENTINELA DA LIBERDADE NA GUARITA AO NORTE DA BARRA DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO (1830-1837, Pôrto Alegre); O CONTINENTINO (1831-33, Pôrto Alegre); O CORREIO DA LIBERDADE (1831, Pôrto Alegre); COMPILADOR EM PÔRTO ALEGRE (1831-32, Pôrto Alegre); O NOTICIADOR (1832-35, Rio Grande); O ANUNCIANTE (1831-35, Pôrto Alegre); O OBSERVADOR (1832-34, Rio Grande); O RECOPILADOR LIBERAL (1832-35, Pôrto Alegre); O INFLEXÍVEL (1832-34, Pôrto Alegre); THEMIS (1833, Pôrto Alegre); IDADE DO OURO (1833-34, Pôrto Alegre); IDADE DO PAU (1833-34, Pôrto Alegre); BELONA, era redatado pela poetisa Maria Josefa da Fontoura, a primeira mulher no Brasil que se dedicou à Imprensa. Antes de fundar BELONA, trabalhou com Manuel Figeiroa na IDADE DO OURO (1833-34, Pôrto Alegre); INEXORÁVEL (1833-34, Pôrto Alegre); PROPAGADOR DA INDÚSTRIA RIOGRANDENSE (1833-34, Rio Grande); O REPUBLICANO, foram seus redatores o dr. Magalhães Calvet, o conde italiano Tito Livio Zambicari e o uruguaio Manuel Ruedas. — O POBRE — O FEDERAL — SETE DE ABRIL — DEMOCRATA RIOGRANDENSE, todos aparecidos em 1834 em Pôrto Alegre e desaparecidos no mesmo ano. — ECO PÔRTO ALEGRENSE (1834-35, Pôrto Alegre); CORREIO OFICIAL DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO (1834-35, Pôrto Alegre); MESTRE BARBEIRO (1834-36, Pôrto Alegre); O CONTINENTISTA (1835-36, Pôrto Alegre); O AVISADOR — QUEBRA ANTI EVARISTO e o MENSAGEIRO (1835, Pôrto Alegre); O MERCANTIL DO RIO GRANDE (1835-40, Rio Grande); O LIBERAL RIOGRANDENSE (1835-36, Rio Grande); O LEGALISTA — O JUSTICEIRO — A GAZETA MERCANTIL (1836, Pôrto Alegre); O COLONO ALEMÃO, de H. de Salisch, escrito em Português (1837, Pôrto Alegre-São Leopoldo); CAMPEÃO DA LEGALIDADE (1837-39, Pôrto Alegre); O CORREIO DE PÔRTO ALEGRE — O ARTILHEIRO (1837, Pôrto Alegre).

Êstes os jornais do primeiro decênio da instituïção da Imprensa no Rio Grande do Sul, e cujos títulos dizem bem do que era a imprensa naquela época agitada.

A República de Piratiní teve também sua imprensa, a princípio instalada em prédio apropriado, depois ambulante, sôbre carretas, até o fim da revolução, com breves interstícios.

Foram impressos nessa Tipografia da República:

O POVO, 1838-39, em Piratiní, e de 1839 a 1840 em Caçapava.

Em Alegrete foram impressos O AMERICANO em 1842-43 e a ESTRÊLA DO SUL em 1843. Foi também em Alegrete impresso o projeto da Constituïção Republicana Riograndense, em 1843.

De 1838 a 1889, a imprensa periódica no Rio Grande do Sul criou nova vida. Começaram a aparecer os grandes jornalistas e a imprensa ilustrada teve, também, fase áurea, especialmente com o advento do sr. D. Pedro II.

Entre outros apareceram, então, em Pôrto Alegre, os jornais:

O COMÉRCIO (1839) — O IMPARCIAL (1844) — CORREIO DO SUL (1853) — O GUAÍBA (1856) — A ORDEM e O MERCANTIL (1861) — O DIÓGENES (1863) — JORNAL DO COMÉRCIO (1864) — RIO GRANDENSE (1866) — O CONSERVADOR

---

mas, nas mesmas penas do § 3º, e pelo que pertence ao Culto, e à Moral, na pena de prisão de seis meses a um ano, e na pecuniária de cincoenta mil a cento e cincoenta mil réis.

6º. Calúnias, injúrias e zombarias aos diferentes Cultos estrangeiros, estabelecidos no país, com permissão e garantia da Constituição.

Os Responsáveis incorrem na pena de prisão de três a nove meses, e na pecuniária de trinta a noventa mil réis.

7º. Imputações ofensivas e injuriosas expressas, ou por alegorias ao Imperador, à sua Augusta Espôsa, ou ao Príncipe Herdeiro.

Os Responsáveis incorrem pelo que pertence ao Imperador nas mesmas penas do § 2º, e pelo que pertence à Imperatriz e ao Príncipe Herdeiro na pena de prisão de um ano a três anos, e na pecuniária de trezentos a novecentos mil réis. As injúrias feitas a todos, ou a cada um dos Agentes do Poder Executivo, não se entendem direta nem indiretamente feitas ao Imperador.

8º. Injúrias à Regência, ou ao Regente.

Os Responsáveis incorrem na pena de um a três anos de prisão e na pecuniária de trezentos a novecentos mil réis.

9º. Injúrias contra as pessoas da Família Real.

Os Responsáveis incorrem na pena de prisão de seis a dezoito meses, e na pecuniária de cento e cincoenta e quatrocentos e cincoenta mil réis.

10º. Injúrias à Assembléia Geral Legislativa, a cada uma das Câmaras, ou a cada um dos seus Membros, pelas opiniões, que emitirem no exercício de suas funções.

Os Responsáveis quanto à Assembléia Geral, ou a cada uma das Câmaras, incorrem na pena de prisão de um a três anos, e na pecuniária de trezentos a novecentos mil réis, e quanto a cada um de seus membros, na de seis a dezoito meses de prisão, e duzentos a novecentos mil réis.

11º. Injúrias contendo imputações de crimes políticos, em que há lugar a ação popular ao procedimento Oficial de justiça, contra Corporações, e quaisquer Empregados, que exerçam autoridade pública, ou contra qualquer pessoa.

Os Responsáveis são admitidos a provar tais imputações, para serem relevados; aliás incorrem, pelas injúrias contra Corporações na pena de prisão de seis a dezoito meses, e na pecuniária de duzentos a seiscentos mil réis; contra os Empregados públicos, na pena de prisão de quatro meses a um ano, e na pecuniária de cem a trezentos mil réis; contra quaisquer pessoas, na de prisão de um a três meses, e na pecuniária de quarenta a cento e vinte mil réis.

12º. Injúrias a Corporações, ou a Empregados Públicos, imputando-se-lhes infrações de Leis no desempenho de seus Ofícios, ou abusos de autoridade, não sendo tais infrações e abusos da natureza daqueles, em que tem lugar ação popular, ou procedimento Oficial de justiça.

Os Responsáveis são admitidos a provar, e não o fazendo incorrem, quanto às Corporações na pena de prisão de dois a seis meses, e na pecuniária de quarenta a cento e vinte mil réis; enquanto aos de mais empregados públicos, na de prisão de um a três meses, e na pecuniária de trinta a noventa mil réis.

13º. Injúrias contendo fatos da vida privada, ou expressões afrontosas, dirigidas a deprimir a fama, ou crédito do Cidadão, seja ou não Empregado Público.

Os Responsáveis não são admitidos a provar, e incorrem na pena de prisão de um a três meses, e na pecuniária de vinte a duzentos mil réis."

(1868) — A REFORMA (1869) — A DEMOCRACIA (1872) — DIÁRIO DE NOTÍCIAS (1877) — ALBUM DO DOMINGO (1878) — GAZETA DE PÔRTO ALEGRE (1879) — CORREIO DO SUL (1881) — A REVOLUÇÃO (1882) — A FEDERAÇÃO (1884) — GAZETA DE NOTÍCIAS (1886) — A NOTÍCIA (1889).

Entre os ilustrados, no Rio Grande do Sul, destacam-se:

SENTINELA DO SUL (Pôrto Alegre, 1867) — O GUARANÍ (Pôrto Alegre, 1874) — A LANTERNA (Pôrto Alegre, 1877) — FÍGARO (Pôrto Alegre, 1877) — O SÉCULO (Pôrto Alegre, 1880) — A LENTE (Pôrto Alegre, 1883). — Na cidade do Rio Grande, entre outros, apareceram O AMOLADOR (1874) e O DIABRETE (1875).

No interior do Rio Grande, além de muitos outros, apareceram até a proclamação da República:

ALEGRETE: O ALEGRETENSE (1865).

BAGÉ: O BAGEENSE (1863) — O CRUZEIRO DO SUL (1876) — UNIÃO LIBERAL (1885).

CAÇAPAVA: A ATUALIDADE (1889).

CACHOEIRA: FAROL (1883) — CLARIM (1887).

CRUZ ALTA: MISSIONEIRO (1870) — A VOZ DE MISSÃO (1877) — MONITOR SERRANO (1882) — GAZETA DA SERRA (1883) — AURORA DA SERRA (1884).

DOM PEDRITO: A FRONTEIRA (1882) — BENTO GONÇALVES (1889).

ITAQUÍ: ALTO URUGUAI (1880) — O URUGUAI (1884).

JAGUARÃO: GRINALDA e SAÜDADE (1879).

LIVRAMENTO: O CANABARRO (1885) — A GRANADA (1888) — REPUBLICANO (1888).

PELOTAS: NOTICIADOR (1853) — O COMÉRCIO (1861) — O MOSAICO (1862) — DIÁRIO DE PELOTAS (1867) — ONZE DE JUNHO (1868) — JORNAL DO COMÉRCIO (1869) — CORREIO MERCANTIL (1874) — A DISCUSSÃO (1880) — A TRIBUNA LITERÁRIA (1882) — ZE POVINHO (1882) — A PÁTRIA (1883) — ARAUTO (1886) — DIÁRIO POPULAR (1889).

RIO GRANDE: DIÁRIO DO RIO GRANDE (1848) — ECO DO SUL (1854) — O COMERCIAL (1860) — ARTISTA (1861) — CRUZEIRO DO SUL (1863) — O CRONISTA (1864) — O RIOGRANDENSE (1865) — O PAÍS (1869) — GAZETA MERCANTIL (1876) — O BISTURÍ (1877) — ARAUTO DAS LETRAS (1882) — O COMBATE (1885).

RIO PARDO: A IMPRENSA (1864) — O LUTADOR (1886).

SANTA MARIA: O COMBATE (1886).

SANTA VITÓRIA DO PALMAR: VITORIENSE (1876) — ECO DO PALMAR (1879).

SÃO BORJA: O MOVIMENTO (1887).

SÃO FRANCISCO DE ASSIS: O POPULAR (1888).

SÃO GABRIEL: ECO GABRIELENSE (1864) — ZIG-ZAG (1884) — RESISTÊNCIA (1886) — OPINIÃO PÚBLICA (1888).

TAQUARÍ: O TAQUARIENSE (1887).

URUGUAIANA: O GUARANÍ (1877) — A DEMOCRACIA (1879).

Depois de proclamada a República, o número de jornais cresceu espantosamente, existindo municípios, relativamente pequenos, que, em 10 anos de República, publicaram mais de dez jornais!

Em 1935, por ocasião da Exposição Farroupilha, foram expostos, no Pavilhão Cultural, cêrca de 1.100 jornais diferentes, do período Republicano, que saíram à luz no Rio Grande do Sul! E a relação não estava completa.

Atualmente, de tôda aquela enchurrada de jornais e revistas circulam cêrca de 80, isto é: uma média de um jornal por município.

Dêstes merecem especial referência:

PÔRTO ALEGRE: CORREIO DO POVO, fundado em 1-10-1895 — DIÁRIO DE NOTÍCIAS, em 1-3-1925 — FÔLHA DA TARDE, em 1936 — JORNAL DO ESTADO, em substituïção a A FEDERAÇÃO, em 19-11-1937 e a A NAÇÃO, em 1-7-1938, além de diversas revistas, sendo dignas de nota as seguintes:

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL (1929) — REVISTA DO GLOBO (1929) — VIDA POLICIAL (1938) e BOLETIM MUNICIPAL (1939).

RIO GRANDE: O TEMPO, fundado em 1906 — RIO GRANDE (1914) — CRUZEIRO DO SUL (1932).

PELOTAS: DIÁRIO POPULAR (1890) — A OPINIÃO PÚBLICA — FÔLHA DO POVO.

SANTA MARIA: A RAZÃO (1934) — VENTO DO NORTE.

BAGÉ: REAÇÃO — CORREIO DO SUL (1916).

SÃO GABRIEL: O IMPARCIAL.

ALEGRETE: GAZETA DE ALEGRETE (1937).

SÃO BORJA: JORNAL DE SÃO BORJA.

URUGUAIANA: O JORNAL.

LIVRAMENTO: A PLATÉIA.

♠

Jornais (diários, semanários e mensários), em língua estrangeira, nenhum existe presentemente.

Entretanto, segundo conseguimos verificar, houve: no Império, 10 em alemão e 3 em italiano. Na República, 44 em alemão, além de 2 editados em português, de propaganda germânica, e 21 em italiano. No período Império-República foram publicados, também, outros jornais, em número de 5, editados em diversas línguas (polonês, espanhol, inglês), sem contarmos 5 da "colônia portuguesa".

♠

Iniciada a Imprensa no Rio Grande do Sul, tìmidamente, com jornal de apenas duas páginas, de formato de mais ou menos 22/14, em poucos anos desenvolveu-se, chegando a ser, no 2.º Império, magnifica expressão da cultura provincial, mau grado a linguagem, nem sempre cortês e limpa, empregada por certos jornalistas, dominados dos paixões partidárias e outros sentimentos menos qualificáveis.

Foi, entretanto, na República que a Imprensa de todos os feitios proliferou de tal forma, constituindo, quasi, uma praga, graças à liberalidade da Constituïção, que abriu tôdas as válvulas do pensamento e da politiquice partidária, a ponto de desmoralizar, certas vezes, a grande classe jornalística.

Com o advento do Estado Novo, porém, a situação da Imprensa modificou-se grandemente, graças ao apôio eficiente do chefe do govêrno brasileiro.

E a imprensa do Rio Grande do Sul é hoje orgulho da terra dos pampas, tendo sido considerada por ilustres visitantes, como uma das melhores do Brasil.

ALGUMAS INSTITUÏÇÕES DE CARÁTER CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL

O Rio Grande cultural seria título para alentada monografia. Entretanto, dado o caráter puramente informativo a que somos obrigados, passaremos em revista, ràpidamente, tudo quanto sabemos existir no terreno cultural, neste grande Estado Sulino.

O espírito, a alma, o coração do Rio Grande foram revelados, em conjunto, pela primeira vez, em 1935, no grandioso Pavilhão Cultural da Exposição do Centenário Farroupilha. Realmente, quem teve ocasião de apreciar aquela notável montra da cultura gaúcha, jamais a esquecerá e terá gravado, por certo, com precisão, o que foi e o que é o Rio Grande Cultural.

Reüniu o grande pavilhão da Cultura riograndense, em 1935, todos os aspectos culturais gaúchos, desde a pedagogia, às artes plásticas, botânica, mineralogia, zoologia, paleontologia, entomologia, medicina, literatura, imprensa, navegação, obras públicas, desportos, exército e tiros de guerra, arquitetura, pintura e escultura, música, filatelia, numismática, e notáveis arquivos e museus, como o Arquivo da família do Visconde de Pelotas, o Arquivo Dorvalino Mabilde, o Museu da Escola Eliseu Maciel, de Pelotas, o notável Museu de João Pedro Nunes, de São Gabriel, parte do Museu Júlio de Castilhos, Museus escolares, arquivo da Igreja N.ª S.ª do Rosário, além de rádio, fotografias, etc.

O que foi êsse grandioso Pavilhão Cultural, organizado e orientado pelo prof. Walter Spalding, dizem, bem claro, as apreciações feitas, quer no livro de impressões, preciosidade que o sr. Spalding conserva com carinho, quer as publicadas na imprensa do Brasil e do Prata.

Aquela preciosa montra ficou consagrada, na seguinte frase do sr. dr. Getúlio Vargas, presidente da República:

"O Pavilhão Cultural é um motivo de orgulho para o Rio Grande."

E, dito isso, passemos em rápida revista, as principais instituïções existentes no Estado.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Pelo elevado alcance de suas finalidades, o "Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul" é, sem dúvida, uma das instituïções culturais do Estado de maior relêvo. Sua função cultural é do máximo interêsse para a coletividade, e, porisso, a existência e funcionamento do "Instituto Histórico e Geográfico" tem merecido e continua a merecer o valioso e decidido apôio do Poder Público.

Já em 1845, há quasi um século, portanto, no nascedouro do primeiro movimento de sua fundação, o então Presidente da Província de São Pedro, Conselheiro Sinimbú, não só acoroçoou a idéia nova como, pessoalmente, integrou o órgão associativo que devera torná-la realidade.

Só mais tarde, entanto, em 1860, foi eleita a sua primeira Diretoria, à frente da qual se encontrava o Barão de Pôrto Alegre. Em maio, porém, à contingência da guerra que o Brasil então teve de sustentar contra o Paraguai, foi de duração efêmera essa primeira fase de existência do Instituto.

A 5 de agôsto de 1920, entretanto, ressurgiu o "Instituto Histórico e Geográfico", fundado e dirigido, desde então, pelos mais lídimos representantes da cultura riograndense.

Foi seu primeiro Presidente o ilustre dr. Florêncio Carlos de Abreu e Silva. Cêrca de um ano após a sua fundação foi a nobre e elevada instituïção declarada de utilidade pública pelo Decreto Federal nº 4373, de 24 de novembro de 1921.

Contando, pois, mais de vinte anos de existência, sua fôlha de serviços prestados à cultura no Rio Grande é de uma opulência incontrastável. Haja vista que, ininterruptamente, desde sua fundação, vem o Instituto publicando a sua "REVISTA", órgão de divulgação êste que enfeixa os melhores trabalhos de caráter histórico e geográfico, científico ou de folclore regional e nacional. A "REVISTA", atualmente, é dirigida pelo conhecido homem de letras dr. Dante de Laytano, que a ela vem emprestando o melhor de seu valioso esfôrço.

É de assinalar, doutra parte, o sucesso que o "INSTITUTO" tem alcançado na realização de Congressos comemorativos de fastos históricos da nossa Pátria. Constituindo essas comemorações uma de suas expressas finalidades, o "INSTITUTO", até agora, promoveu três Congressos comemorativos, todos êles coroados do mais completo êxito.

O primeiro deles foi o Congresso de História Sul-Riograndense, realizado no mês de outubro do ano de 1935, em comemoração à passagem do Centenário Farroupilha. Concorreram ao certame os mais renomados historiadores e estudiosos das cousas riograndenses, cujos valiosos trabalhos, recolhidos nos Anais dêsse primeiro Congresso, constituem dois preciosos volumes sôbre a história do Estado e da Província.

Já em fevereiro do ano de 1937, o "Instituto Histórico e Geográfico" realizava o seu segundo Congresso, em comemoração solene do bi-cente-

nário da chegada do Brigadeiro José da Silva Paes às plagas do Rio Grande, onde desembarcou e fundou histórico Presídio Militar, animando a fundação da hoje importante cidade de Rio Grande, único pôrto marítimo do Estado. Por essa ocasião foram apresentadas, ao todo, 35 teses e memórias, debatidas e aprovadas com a maior elevação de vistas. É de notar que entre êsses trabalhos figuravam dois da lavra de excelentíssimas senhoras, e quatro da autoria de intelectuais sul-americanos: do Chile, da Argentina, e dois do Uruguai.

Afinal, mais recentemente, no mês de novembro do ano de 1940, o "INSTITUTO", com o patrocínio do ilustre Prefeito Municipal, levou a efeito o terceiro Congresso comemorativo do bicentenário da fundação da Cidade de Pôrto Alegre. Em ambiente de excepcional entusiasmo decorreram, de 5 a 16 de novembro, os trabalhos dêsse memorável certame, de que foram colhidos os mais auspiciosos resultados. Coincidiu que a êsse tempo Pôrto Alegre recebia a visita do Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República. Ofereceu-se, assim, ao "INSTITUTO", uma feliz oportunidade para fazer a entrega do diploma de Sócio Grande Benemérito ao eminente Chefe da Nação, o que foi feito por ocasião da sessão solene de encerramento do Congresso, em ambiente de excepcional entusiasmo.

Resultante natural de imperativos da cultura, o "INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO" tem servido com eficiência às suas elevadas finalidades, pondo em relêvo as gloriosas tradições pátrias e cooperando decidida e eficazmente com o Estado na sua elevada função civilizadora.

Tem o Instituto à sua frente a seguinte Diretoria: Presidente Honorário: Desembargador Florêncio Carlos de Abreu e Silva; Presidente: Dr. Leonardo Macedônia Franco e Souza; Vice-Presidente: Prof. Otelo Rosa; Secretário Perpétuo: Dr. Eduardo Duarte; 2.º Secretário: Prof. J. A. L. Tupy Caldas; Orador: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa; Tesoureiro: Prof. Antônio Guerreiro Lima; Bibliotecário: Dr. Olinto Sanmartin. Comissões permanentes: Fundos e orçamentos: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, Coronel Gaston Hasslocher Mazeron, Prof. Jorge Bahlis, Dr. João C. Maia. — História: Cap. De Paranhos Antunes, Pe. Luiz Gonzaga Jaeger S. J., Dr. Mário Teixeira de Carvalho, Dr. Manoelito G. de Ornelas. — Geografia: Prof. Antônio Guerreiro Lima, Dr. Darcí Azambuja, Prof. Otelo Rosa, Dr. Olinto Sanmartin. — Arqueologia, Etnografia e Paleontologia: Prof. Ângelo Guido, Dr. Armando Dias de Azevedo, Prof. J. A. L. Tupy Caldas, Prof. Jorge Bahlis. — Folclore e Línguas indígenas: Prof. Ângelo Guido, Sr. Dante de Laytano, Coronel Luiz Carlos de Morais, Dr. Manoelito G. de Ornelas. — Admissão de sócios: Dr. Armando Dias de Azevedo, Dr. Eduardo Duarte, Coronel Gaston Hasslocher Mazeron, Cel. Luiz Carlos de Morais. — Estatutos: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, General E. F. de Souza Docca, Dr. Eduardo Duarte, Prof. W. Spalding.

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS

Instalado no prédio que serviu de moradia a Júlio de Castilhos, funciona o Museu do Estado, que tomou o nome dêsse notável homem público. Criado pelo Decreto estadual nº 589, de 30 de janeiro de 1903, constitue o Museu uma das instituïções mais prestantes à obra de preservação do patrimônio histórico do Rio Grande do Sul.

Em uma de suas salas funciona o "Instituto Histórico e Geográfico" que conjuga seus valiosos esforços com os do Museu num mesmo sentido de exaltação e perpetuação históricas do Estado.

O rico acervo do Museu está convenientemente distribuído, por salas, em função da natureza do material exposto. Assim é que, já no corredor que conduz às principais salas do estabelecimento, encontra-se a mór parte da pinacoteca de incontrastável valor histórico e artístico. Na mais ampla das salas que se seguem, está instalada a "Secção do Arquivo Histórico do Estado" e êste departamento é um valioso repositório de documentos manuscritos de elevada expressão histórica, além de estar dotado de preciosa biblioteca científica e literária.

Segue-se outra sala com muitas e amplas vidreiras, contendo numerosos exemplares de pássaros variegados, perfeitamente conservados. Na peça contígua estão expostos espécimens diversos de quadrúpedes, serpentes e sáurios, chamando a atenção, particularmente, a notável coleção de borboletas, encerradas e cientìficamente nomenclaturadas em quasi uma centena de caixas envidraçadas. Ainda nesta dependência, em lugar destacado, vê-se o célebre "Rhynchosauro", raridade paleontológica provinda da jazida da Alemôa, no município de Santa Maria. Em continuação, estão expostas curiosas amostras de mineralogia, constantes de pedras lapidadas e semi-preciosas, artefactos indígenas, além de interessantes obras dos silvícolas em cerâmica.

Para finalizar, cumpre salientar que o Museu está dotado de uma notável secção numismática, com raríssimos exemplares que remontam aos primórdios da Europa medieval.

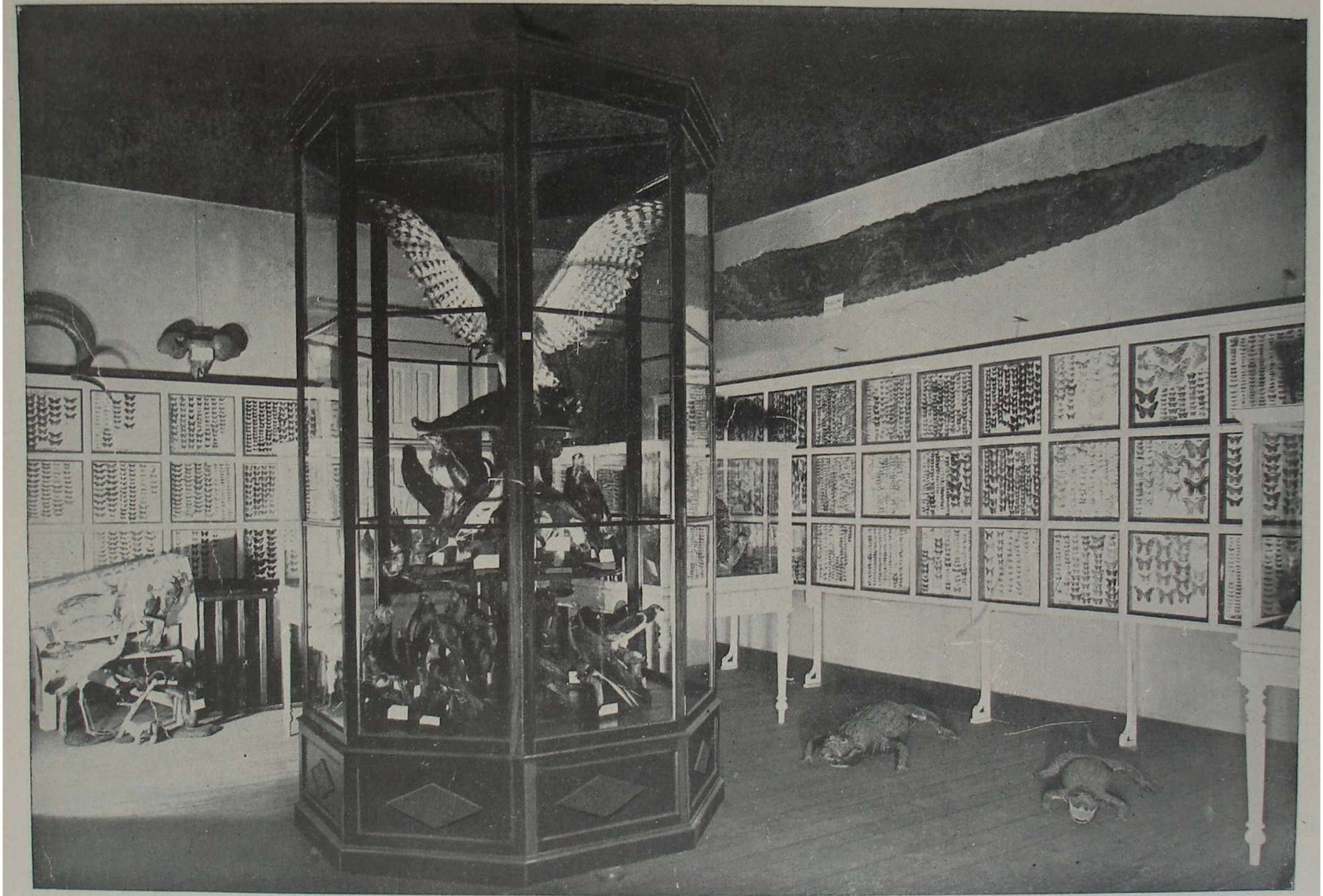
BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO

A Biblioteca Pública do Estado foi criada por lei provincial em 1871, sendo instalada em 1877 numa das salas do Ateneu Riograndense. Possuia, nesta data, 1809 obras em 3.566 volumes e contava com uma verba de 8:000$000. Seu 1º diretor foi o Dr. Fausto de Freitas e Castro. Transportando-se, após, para uma das salas da antiga Escola Normal, passou a dirigí-la o Dr. José Pinto Guimarães. Ainda nessa segunda fase, nossa Biblioteca Pública não se diferençava de um simples gabinete de leitura, até que, em 1906, assumia a direção o escritor Vitor Silva, que deve ser considerado o verdadeiro criador da biblioteca. Culto e dinâmico, conseguiu, junto ao govêrno do Dr. Borges de Medeiros, a construção do suntuoso edifício que abriu, definitivamente, suas portas ao público em 20 de setembro de 1922. Com seu falecimento, sucedeu-o a grande expressão de inteligência, que foi Eduardo Guimaraens. O poeta, inteiramente dedicado à Biblioteca, traçou fortemente sua passagem pela casa do livro, legando os Anais da Biblioteca Pública do Estado. Falecendo em 1928, foi substituído no ano de 1929 pelo escritor De Souza Júnior, que enriqueceu notàvelmente a riqueza bibliográfica da Biblioteca, orientando-a com seu fino espírito crítico.



O MARCO INICIAL DAS INVESTIGAÇÕES CIENTÍFICAS NO CONTINENTE AMERICANO

Detalhe do trabalho cartográfico de Ilacomilus (Waldseemueller), 1507, o primeiro a consignar o têrmo "América". O território sul-brasileiro até Rio Grande figura com sua nomenclatura primitiva.



DO MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS

Vista duma sala com coletâneas zoológicas, com a célebre coleção de lepidópteros, uma das mais completas e valiosas da América do Sul.



DO MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS

Detalhe da coleção de lepidópteros. As duas borboletas de baixo (caixote de baixo, à direita, segunda fila da direita), constituem raridades, por cuja aquisição o Museu de Londres ofereceu considerável quantia.

Em 1930 foi nomeado, para dirigir êste departamento, o poeta e ensaísta Augusto Meyer que, em 1938, se afastava afim de assumir a direção do Instituto Nacional do Livro. Durante um ano exerceu o cargo de diretor, em substituïção a Augusto Meyer, o escritor Manoelito de Ornelas que marcou, com traços fortes, a sua rápida atuação naquela casa. Deixou-a para dirigir o "Jornal do Estado", sendo substituído pelo atual diretor, Reinaldo Moura. Reorganizando e sistematizando completamente a Biblioteca confiada à sua direção e guarda, Reinaldo Moura está assinalando sua gestão profícua com um trabalho de grande mérito.

MUSEU DAS MISSÕES: — Organizado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, junto às ruínas missioneiras de São Miguel, êsse Museu reüniu a mais preciosa coleção de obras de arte e talha dos sete povos das Missões. A maravilha da arte indígena, orientada e dirigida pela inteligência e cultura artística dos jesuítas fundadores daqueles povos, alí está exposta, devidamente catalogada e anotada.

É talvez, o mais evocativo dos Museus de nossa terra.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: — É êsse arquivo, infelizmente ainda não organizado como era de mister em tais instituïções, preciosíssimo repositório da história social e política do Estado. Contam-se aos milhares os documentos e livros manuscritos alí depositados, parte fichada e parte (a maior) ainda nem sequer examinada. Agora, porém, com a nova orientação dada pelo Govêrno Federal a Museus e Arquivos, e com a construção de seu novo prédio, o Arquivo Público do Estado entrará na fase definitiva e poderá figurar, com honra, entre os melhores e mais ricos.

ARQUIVO E BIBLIOTECA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE PÔRTO ALEGRE: — É, como o Arquivo do Estado, precioso manancial de documentação histórica. Embora ainda não esteja de um todo organizado, os documentos alí arquivados podem ser fàcilmente consultados e todos (alguns milhares) foram já examinados e dispostos de forma a facilitar buscas e consultas.

Essa Diretoria da Prefeitura Municipal de Pôrto Alegre merece encômios pelo que está fazendo, de acôrdo, ou sob os auspícios da Diretoria Geral do Expediente e Pessoal, publicando o excelente BOLETIM MUNICIPAL, órgão que, em qualquer parte do mundo, honra não só Pôrto Alegre, como o Estado do Rio Grande do Sul.

O sr. Prefeito Loureiro da Silva, por esta e outras iniciativas culturais, é digno de figurar entre os grandes amigos e incentivadores da cultura em geral.

A Biblioteca da Diretoria do Arquivo e Biblioteca da Prefeitura Municipal é ainda nova. Possue, contudo, algumas obras de valor, entre as quais grande parte dos Anais da Câmara Federal de 1823 a 1889 e do Senado Federal.

PINACOTECA MUNICIPAL: — Pequena é a Pinacoteca Municipal. Possue, entretanto, alguns quadros de real valor, todos, porém, de autores modernos de meados do século passado a nossos dias. Merecem referência especial os quadros de De Martini e Weingaertner. É a única Pinacoteca dos poderes públicos do Estado.

MUSEUS PARTICULARES: — Os Museus particulares são em número reduzido, mas, todos, de mérito.

O maior dentre êles é, sem dúvida, o de SÃO GABRIEL, de propriedade do sr. JOÃO PEDRO NUNES, abnegado comerciante que dedicou boa parte de sua vida e de suas atividades na organização do Museu que tem seu nome e honra o Estado do Rio Grande do Sul. A maior e melhor coleção de espadas e condecorações possue aquele Museu, tôdas perfeitamente autenticadas. Relíquias preciosas, como bandeiras, alguns quadros, armas de fogo, lanças, retratos, entre êles o do herói do Acre, o insigne gabrielense Plácido de Castro.

O da UNIÃO DOS CAIXEIROS VIAJANTES, de Santa Maria, é outro Museu digno de nota e que tem merecido justos encômios de quantos o visitaram.

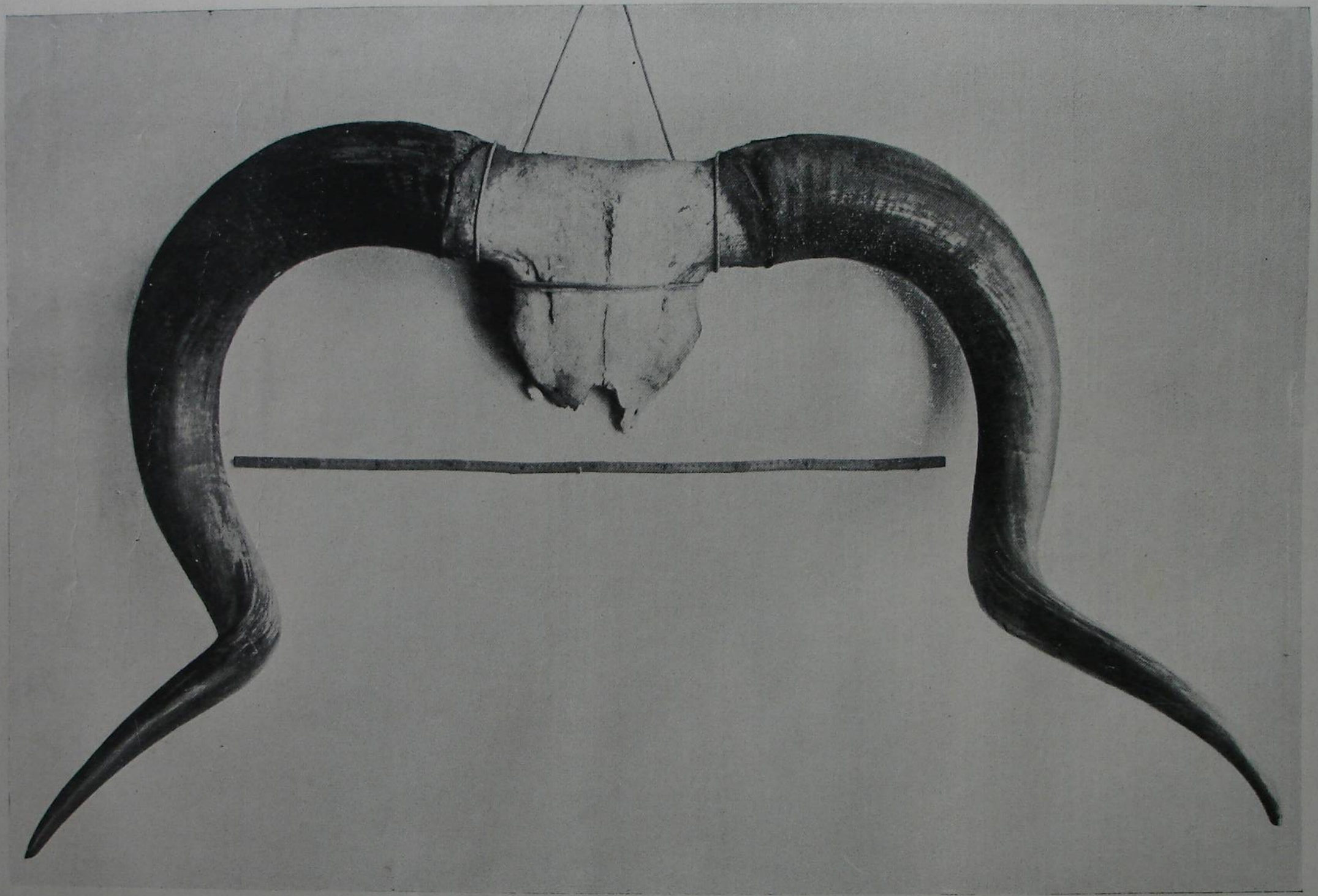
Valioso, especialmente pelo que encerra em matéria de etnografia e história natural, é o Museu do SEMINÁRIO CENTRAL de São Leopoldo, onde escreveram boa parte de suas obras os insignes etnólogos jesuítas, entre os quais ocupa o primeiro lugar o saüdoso padre Carlos Teschauer, S. J.

Possue, também, o Seminário grandiosa Biblioteca com mais de 10.000 obras, algumas verdadeiras raridades bibliográficas dos séculos XVII e XVIII.

Dentre os Museus Escolares, o maior e melhor organizado é o do GINÁSIO ANCHIETA, cujo herbário, classificado, foi estudado em excelente monografia pelo P. Orth, S. J., em 1937, e inserta nos Anais do II Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia.

SOCIEDADE DE PALEONTOLOGIA: — O dr. Vicente Ráo, estudioso paleontólogo do Rio Grande do Sul, fundou, em 1941, uma sociedade paleontológica em Santa Maria, a qual reüniu preciosos fósseis do Rio Grande do Sul, especialmente os encontrados naquele município. É o início da divulgação e do gôsto pelos estudos dos fósseis do Rio Grande, espalhados, aliás, por diversos municípios e ainda, na maior parte, nem sequer retirados das ricas jazidas.

BIBLIOTECAS: — Hoje, em quasi todos os Municípios do Estado, existem BIBLIOTECAS MUNICIPAIS. Destas merecem especial referência as de Bagé e Santa Maria. Outras, porém, além de particulares e individuais, ricas e de grande valor bibliográfico, como a do dr. OLINTO SANMARTIN, existem pelo Estado, mas cujo conhecimento é quasi ignorado.



DO MUSEU JÓLIO DE CASTILHOS

Cornadura do "boi franqueiro", a primitiva raça autóctone do Rio Grande. O metro entre os chifres dá uma idéia das dimensões enormes da armação.

Referímo-nos a Bibliotecas de Sociedades recreativas, desportivas e de classe.

Há, porém, Bibliotecas particulares, como a BIBLIOTECA RIOGRANDENSE, da cidade do Rio Grande, já quasi secular, e que é a mais rica do Estado com suas 150.000 obras, mais ou menos, incluindo a mais preciosa "brasiliana" e completíssima bibliografia sul-riograndense.

Também a BIBLIOTECA PELOTENSE, grande e valiosa, criada por iniciativa particular e, hoje, subvencionada pelo Município, em parte, merece menção especial, pois, como a Riograndense, surgiu pelo esfôrço conjugado de um grupo de abnegados que, acima de seus interêsses, colocaram a instrução e cultura do povo.

Tanto a BIBLIOTECA RIOGRANDENSE, como a PELOTENSE, têm aulas noturnas gratuitas, para seus associados.

Outra instituïção particular digna de nota é a ESCOLA DE BELAS ARTES DE PÔRTO ALEGRE, proprietária de preciosa Pinacoteca. Pintura e Escultura, Música e Canto, são nela ministrados dentro dos moldes e de acôrdo com o programa do Conservatório Nacional de Música e da Escola Nacional de Belas Artes, ambos da Universidade do Brasil.

É de lastimar-se não fazer, ainda, parte da Universidade do Rio Grande do Sul a Escola de Belas Artes que, pelas suas finalidades, bem merecia essa distinção para gáudio do próprio Rio Grande do Sul.

A Filatelia e a Numismática têm, também, no Estado, grande número de cultores, reünidos em tôrno da SOCIEDADE FILATÉLICA e NUMISMÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL.

Preciosas coleções de selos existem, algumas avaliadas em centenas de contos de réis. Dentre elas não sabemos destacar, pois que, a-par de algumas de caráter geral, existem outras de caráter regional (Brasil, América, etc.), de não menos valor.

Na Numismática, porém, devemos destacar a preciosa coleção do sr. dr. Álvaro Leal, que possue, em sua coleção, verdadeiras raridades de alto preço e grande valor histórico. E note-se que sua coleção é exclusivamente brasiliana, e reúne peças desde as Casas de Fundição de Minas, São Paulo, Baía e Pernambuco, Moedas missioneiras, até as últimas emitidas pelo govêrno da República.

COLECIONADORES: — Grande é o número de colecionadores de raridades históricas, artísticas e literárias.

Já nos referimos às preciosidades bibliográficas do dr. OLINTO SANMARTIN, possuïdor, também, de avultada coleção de autógrafos em que figuram documentos das "Guerras dos cem anos", bulas papais, pergaminhos notáveis, cartas interessantes e documentos de valor.

Em outro gênero, o histórico, figuram o sr. MÁRIO MONTEIRO MARTINEZ, com preciosa e bem classificada coleção de espadas e armas de fogo; o sr. dr. LUIZ KERN que possue, em sua residência, valioso museu de objetos de arte, nacionais e estrangeiros, inclusive precioso material etnográfico que mereceu especial referência do sr. prof. Antônio Serrano, o maior etnógrafo argentino, diretor do Museu de Entre-Rios; o sr. C. R. FAHRION, colecionador apaixonado mas judicioso de obras de arte antiga, quer em prata, quer em bronze ou talha. Outros ainda existem, como o sr. RIBEIRO, colecionador de móveis antigos, que se dedicam a tais especialidades. Deles, porém, nada podemos dizer, pois que fazem de suas coleções, egoìsticamente quasi sempre, objeto de gôzo pessoal, adoração, quasi fetichismo pelo que conseguem, não permitindo sejam vistos e examinados.

Basta, entretanto, o que aí fica registado, para comprovar o amor à cultura da nobre gente desta terra vigilante do extremo sul de nosso majestoso Brasil.

ORDEM E PROGRESSO





O INTERVENTOR

S. Excia. o Sr. General Osvaldo Cordeiro de Farias

O GOVÊRNO

O INTERVENTOR E A INTERVENTORIA

O INTERVENTOR

Em pouco mais de quatro anos de govêrno, S. Excia. o Sr. Gen. Cordeiro de Farias conseguiu realizar, a par de uma grandiosa obra administiva, a harmonia da família sul-riograndense e o programa traçado pelo Estado Novo e inaugurado no Rio Grande do Sul pela energia do seu malogrado antecessor, o sempre lembrado Gen. Daltro Filho.

Atualmente Osvaldo Cordeiro de Farias encarna, de fato, no Rio Grande do Sul, o espírito do Estado Novo.

Govêrno dinâmico, tem-se desdobrado em grandes esforços, sempre coroados de êxito absoluto, em todos os sentidos.

O que tem, porém, dignificado e grangeado a admiração e a estima sincera de não só todos os riograndenses como a de todos os brasileiros é a campanha meritória e patriótica, da qual Osvaldo Cordeiro de Farias foi idealizador e é o seu verdadeiro pioneiro — a cruzada em prol da nacionalização.

O Rio Grande do Sul encontrou na pessoa do Gen. Cordeiro de Farias um govêrno à altura de seus destinos — administrador compreensivo, equilibrado, enérgico; realizador e trabalhador infatigável.

O Estado sulino, sob a gestão inteligente e operosa de S. Excia., vai atravessando, a-pesar-da época de temores e apreensões que envolve todos os continentes, uma fase fecunda e cheia de progresso. Em todo o território do Estado sente-se vibrar uma energia construtora, uma febre de realizações, um ritmo vivo de iniciativas.

Sua Excia. o Sr. General Cordeiro de Farias nasceu em Jaguarão em 16 de agôsto de 1901, sendo filho do general Joaquim Barbosa Cordeiro de Farias, natural de Pernambuco, e de d.ª Corina Padilha Cordeiro de Farias, natural do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1911, ingressou no Colégio Militar do Rio de Janeiro, tendo se matriculado na Escola Militar em fevereiro de 1917.

Declarado aspirante em dezembro de 1919, foi, respectivamente, promovido a 2.º e 1.º tenente em abril de 1920 e maio de 1921.

Como 1.º tenente tirou o curso de observador militar de aviação, classificando-se em 1.º lugar.

Em 1922, tomou parte no movimento revolucionário havido nessa época, sendo pouco depois transferido para Santa Maria, neste Estado.

Em 1924, participou do movimento revolucionário então irrompido, integrando-se após na Coluna Prestes, da qual foi um dos comandantes, com ela percorrendo grande parte do território brasileiro até a sua internação na Bolívia, onde esteve exilado quase dois anos, na localidade de Gaiba. Retornando ao Brasil em 1929, para o preparo da Revolução de 30, dela participou ativamente no Estado Maior das Fôrças revolucionárias que operavam em Minas Gerais.

Vitorioso êsse movimento, foi promovido a capitão e fez parte do Gabinete do Gal. Leite de Castro, então Ministro da Guerra.

Em maio de 1931, foi promovido por merecimento a major, tendo servido em Quintaúna, São Paulo. Nessa época exerceu a chefia de polícia de São Paulo, a convite do Interventor Laudo de Camargo, cargo do qual se exonerou em junho de 1932.

Na contra-revolução surgida em São Paulo em julho de 1932, serviu no Destacamento Sul, sob o comando do gal. Valdomiro Lima, como chefe do Estado Maior do destacamento cel. Argimiro Dorneles.

Foi o representante dêsse Destacamento nas conversações preliminares havidas no vale do Paraíba para o restabelecimento da ordem em São Paulo.

Em 1933, fez o curso de aperfeiçoamento para oficiais e foi promovido por merecimento ao pôsto de tenente-coronel e, em seguida, destacado para servir no 9.º R. A. M. em Curitiba.

Em 1935, matriculou-se na Escola de Estado Maior do Exército, curso em que obteve o primeiro lugar e nota muito bem.

Em 1936, fez estágio no Estado Maior do Exército, chefiando a secção de motorização.

Nesse mesmo ano foi o chefe do Estado Maior do gal. Daltro Filho que tinha seu Destacamento sediado em Santa Catarina.

Foi chefe do Estado Maior da 3.ª Região Militar, quando comandante da Região o gal. Daltro Filho.

Em dezembro de 1937, foi, por merecimento, promovido a coronel. Em 2 de março de 1938, foi nomeado Interventor Federal no Rio Grande do Sul, e 13 de março de 1942 foi promovido ao pôsto de General de Brigada.

A INTERVENTORIA

S. Excia. o Sr. Interventor soube cercar-se de auxiliares capazes e, graças à fôrça sugestiva de sua personalidade, tem S. Excia. conseguido dêsses auxiliares o máximo de energia e dedicação pessoal e máximo de rendimento em benefício do desenvolvimento cultural e material do Rio Grande do Sul.

As funções de secretário da Interventoria são exercidas, atualmente, pelo Dr. Ibanez Verney que tem demonstrado achar-se na altura dum cargo de tão altas responsabilidades. A par de alta capacidade e cultura, o Dr. Verney é possuïdor não só de uma aprimorada educação como também de uma energia e de uma capacidade de trabalho que fazem do Chefe da Casa Civil do Interventor do Rio Grande do Sul um auxiliar eficientíssimo de sua administração.

O Sub-Secretário da Interventoria é o Dr. Aureliano de Figueiredo Pinto, que desde que tomou posse de seu cargo vem conquistando um sólido conceito entre os demais auxiliares da Casa Civil, e firmando-se na confiança de S. Excia. o Sr. Gen. Cordeiro de Farias.

O corpo de Oficiais de Gabinete é constituído pelos Srs. Drs. Erico de Assis Brasil, Mário Herrmann, Luiz Dorval Lopes, Carlos Dante de Morais e João Sant'Anna.

As funções de Chefe da Casa Militar estão entregues às mãos do Major Walter Peracchi de Barcelos, figura de militar e cidadão que tem sabido conquistar a mais viva simpatia no seio da população riograndense. Todos aqueles que têm assuntos a tratar com o govêrno do Estado, ao cercar-se do Major Walter, ficam cativos por suas maneiras apuradas, por sua afabilidade, cavalheirismo e eficiência.

Como Ajudantes de ordens tem S. Excia. o Sr. Interventor os Srs. Capitães Júlio Barão e José Martins.

SECRETARIAS DE ESTADO

SECRETARIA DO INTERIOR



S. Excia. Dr. Miguel Tostes, titular da Secretaria dos Negócios do Interior

O SECRETÁRIO

O atual secretário do Interior é uma figura de grande projeção nas rodas políticas, não só do Rio Grande do Sul como do País inteiro.

Espírito culto e grandemente familiarizado com os problemas políticos, sempre teve brilhante atuação nos diferentes cargos públicos que desempenhou.

Mas é na pasta do interior que o Dr. Miguel Tostes tem tido a oportunidade de prestar excelentes serviços ao Rio Grande do Sul e onde tem evidenciado a sua competência, tenacidade e a seu grande tirocínio político.

O Dr. Miguel Tostes é uma destas pessoas que se destacam em qualquer posição que ocupem, pela fôrça impressionante da sua individualidade, pela maneira perfeita como desempenha tôdas as incumbências que lhe são confiadas.

Sua colaboração no Govêrno do Rio Grande do Sul tem sido das mais profícuas, e, neste pôsto, as responsabilidades do cargo foram acrescidas das de substituto eventual do Interventor Federal.

Em qualquer uma destas funções o Dr. Miguel Tostes tem sido credor dos maiores aplausos do povo gaúcho.

A SECRETARIA

A Secretaria do Interior foi criada por ato nº 141, de 21 de março de 1890. O decreto nº 1, de 20-8-1891, criou o cargo de Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior e o ato nº 93, de 19-12-1891 reorganizou a Secretaria. Mais tarde, perdeu ela a designação "Exterior", passando a chamar-se apenas Secretaria de Estado dos Ne-

gócios do Interior, denominação esta que até hoje conserva. De acôrdo com a antiga organização, a Secretaria compreendia as 1.ª, 2.ª e 3.ª diretorias, estando pela atual subdividida nas diretorias do Pessoal, do Interior e Justiça, da Despesa e Material, do Expediente e das Prefeituras Municipais.

Suas atribuïções

Compete à Secretaria do Interior: 1) o expediente relativo às repartições subordinadas à mesma Secretaria e, portanto, à Repartição Central de Polícia, ao Arquivo Público, à Junta Comercial, à Procuradoria Geral do Estado, à Imprensa Oficial e ao Abrigo de Menores; 3) o expediente que se relacionar com o Serviço Militar ou com o da Justiça do Estado ou da União; 3) o expediente ordinário com a magistratura do Estado e as municipalidades; 4) o expediente consular e o federal, no que concernir ao Ministério da Justiça.

Seus titulares

A partir da data de sua criação, teve a Secretaria do Interior os seguintes titulares: Dr. João Abbott, 4-9-1894; Dr. Protásio Antônio Alves, 5-1-1913; Dr. Osvaldo Aranha, 25-1-1928; Dr. Sinval Saldanha, 13-10-1930; Dr. João Carlos Machado, 1-10-1932; Dr. Darcy Azambuja, 16-4-1935; Dr. Joaquim Maurício Cardoso, 20-10-1937; Dr. Miguel Tostes, 28-3-1938.

Sua organização

A Secretaria do Interior compreende:

A Diretoria Geral, da qual é Diretor o Sr. Mansueto Bernardi; a Diretoria do Pessoal, a do Interior e Justiça, a da Despesa e Material, a do Expediente e a das Prefeituras Municipais.

À DIRETORIA DO PESSOAL, da qual é Diretor o Sr. Carlos Augusto Mennet, incumbe: a) registrar, em livros especiais ou em fichas, as nomeações, efetivas ou interinas, promoções, transferências, reformas, aposentadorias, reintegrações, readmissões, avulsões, disponibilidade, demissões, exonerações, dispensas, comissionamentos, licenças, faltas, adições, etc., dos funcionários administrativos, judiciários ou militares; as gratificações adicionais que lhes forem concedidas, as portarias de louvor e de penalidade, etc.; b) examinar e informar os processos relativos ao pessoal; c) organizar a fôlha de pagamento dos funcionários da repartição.

À DIRETORIA DO INTERIOR E JUSTIÇA, cujo Diretor é o Bel. Nelson Leivas Cardia, compete: a) registrar, numerar, publicar e arquivar os decretos-leis e os decretos; b) publicar a súmula dos atos individuais e peculiares; c) publicar os despachos; d) fazer o extrato do Diário Oficial dos decretos-leis e decretos que, de qualquer modo, interessarem ao Estado, providenciando sôbre a publicação dos de maior relevância; e) examinar e informar os processos de naturalização, títulos declaratórios e opções, os pedidos de extradição de criminosos, as rogatórias e precatórias; f) registrar as alterações na representação consular. Competem-lhe ainda os serviços concernentes à Justiça e, em geral, o que não couber nas atribuïções das demais diretorias.

À DIRETORIA DA DESPESA E MATERIAL, chefiada pelo Sr. Jacinto Guedes Pinto, incumbe: a) examinar, conferir e informar as contas relativas aos serviços da Secretaria, as quais serão registradas em livros especiais, de maneira a se poder verificar, em qualquer momento, o estado das verbas; b) elaborar o projeto de orçamento da Secretaria, propondo as alterações que julgar convenientes; c) providenciar no sentido de serem enviados, a tempo de serem estudados, os projetos de orçamento das repartições subordinadas; d) o tombamento do material de expediente, móveis e utensílios da Secretaria; e) estudar os processos de fornecimento à Secretaria e repartições a ela subordinada.

À DIRETORIA DO EXPEDIENTE, da qual é chefe o Sr. Athos Damasceno Ferreira, compete: a) receber, protocolar e distribuir os papéis que transitarem pela repartição; b) lavrar os decretos-leis e decretos, os atos individuais ou peculiares e as portarias em geral; c) redigir e expedir as comunicações oficiais.

Finalmente, à DIRETORIA DAS PREFEITURAS MUNICIPAIS (D.P.M.), da qual é Diretor o Bel. Álvaro Baptista de Magalhães, incumbe: a) estudar e emitir parecer sôbre os projetos orçamentários remetidos pelos prefeitos ao Interventor Federal; b) estudar e emitir parecer sôbre os recursos dos atos dos prefeitos, interpostos perante o Interventor Federal; c) prestar, mediante solicitação, assistência técnica às prefeituras, sôbre quaisquer dos seus serviços; d) estudar a situação financeira dos municípios e sôbre ela emitir parecer, organizando, para êsse fim, demonstrativos do montante da dívida passiva municipal e sugerindo as medidas tendentes à normalização dos serviços respectivos; e) emitir parecer sôbre novos empréstimos municipais e fiscalizar sua aplicação, quando garantidos pelo Estado; f) sugerir medidas tendentes à uniformização, quanto possível, da contabilidade das prefeituras; g) estudar os contratos celebrados pelos municípios; h) sugerir medidas que interessam à vida administrativa dos municípios e transmitir aos respectivos prefeitos as deliberações do Govêrno a respeito; i) inspeccionar as prefeituras para verificação da regularidade dos serviços administrativos e sua conformidade com as leis aplicáveis; j) constituir uma coletânea de leis, estatísticas e publicações que interessarem à vida econômica, financeira e administrativa dos municípios e ministrar a êsses as informações que forem de seu interêsse; k) manter estatísticas econômico-financeiras dos municípios; l) promover, nas demais repartições estaduais, o andamento de quaisquer papéis que interessarem aos municípios, por solicitação dos respectivos prefeitos; m) instruir os recursos de decisões fiscais dos prefeitos, interpostos pelos contribuintes, competindo ao Secretário do Interior a decisão final; n) opinar sôbre minutas de contratos a serem celebrados pelas prefeituras, bem como sôbre os projetos de leis municipais; o) examinar os balancetes mensais e balanços anuais das prefeituras e seus demonstrativos da dívida ativa e passiva; p) proceder à tomada de contas das prefeituras e submeter os respectivos processos, acompanhados de sucinto relatório, ao julgamento do Secretário do Interior; q) examinar os processos de concessão de serviços públicos, aposentadorias e gratificações; r) cumprir as diligências determinadas pelo Secretário do Interior sôbre matéria pertinente aos municípios.

À Secretaria dos Negócios do Interior se acham subordinadas as seguintes repartições: Arquivo Público, Junta Comercial, Procuradoria Geral do Estado, Abrigo de Menores, Imprensa Oficial e Repartição Central de Polícia.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA



S. Excia. Dr. José P. Coelho de Souza, titular da Secretaria da Educação e Cultura

O SECRETÁRIO

A pasta da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul acha-se nas mãos do Dr. Coelho de Souza, cuja operosidade, patriotismo, cultura e clarividência têm sido o escôpo da sua fecunda e brilhante administração.

O Dr. Coelho de Souza, ao par da grandiosa e patriótica campanha da nacionalização dos núcleos coloniais, tem imprimido novos rumos à educação, dando um desenvolvimento notável no ensino.

Sôbre a base de um sadio nacionalismo, S. S. traçou um plano educacional que se adapta de uma maneira feliz às realidades riograndenses e cuja execução tem sido seguida à risca, produzindo os melhores e mais sadios resultados.

Com o apôio do Govêrno e a boa vontade da população, o Dr. Coelho de Souza vem executando o seu programa, dotando o Estado de centenas de novas escolas, possuïdoras de todos os requisitos os mais modernos.

Além dessas, outras inciativas têm sido tomadas pelo Dr. Coelho de Souza, o que tem elevado sempre e sempre o seu prestígio aos olhos do povo do Rio Grande do Sul.

A SECRETARIA

O recente decreto do govêrno do Estado, reorganizando a Secretaria da Educação, representa o remate de quasi um lustro de integral dedicação aos múltiplos problemas da educação popular no Rio Grande do Sul.

Até bem pouco, simples diretoria da Secretaria do Interior; mais tarde, compreendendo, também, os serviços de higiene e saúde pública, a Secretaria de Educação e Cultura, pela reorganização que lhe foi dada, em decreto de 22 de julho de 1942, muito ganhou em extensão e eficiência, atingindo estruturação definitiva, de acôrdo com os mais modernos princípios administrativos.

Essa reorganização, em última análise, nada mais é senão a adaptação dos seus diversos órgãos administrativos às necessidades atuais de ensino público, cujo desdobramento efetivo, no campo das realizações, estava a exigir um sistema de direção, execução e contrôle muito mais amplo e melhor aparelhado.

A Secretaria de Educação e Cultura, nos moldes da reorganização traçada pelo dr. Coelho de Souza, obedeceu a um critério objetivo, aconselhado pela observação da vida administrativa.

Não foi uma modificação "teórica", foi o resultado de quasi cinco anos de trabalho e realizações no sector educacional; foi o fruto de uma administração, que se inaugurou a 21 de outubro de 1937.

A NOVA ESTRUTURA

Na sua exposição de motivos ao sr. interventor federal, propondo a reorganização da Secretaria da Educação, o dr. Coelho de Souza assim enuncia a nova estrutura:

De fato, os modernos princípios de administração levam a supor, na organização de uma Secretaria de Estado, órgãos das seguintes categorias:

a) de direção geral;
b) de direção especial;
c) complementares da direção;
d) de execução;
e) de contrôle e pesquisa;
f) serviços auxilares.

No arranjo ou disposição dêsses órgãos, há a considerar dois princípios fundamentais:

a) o princípio de "unidade de comando", que importa em máxima centralização de planejamento, de extensão, da qualidade e da oportunidade do programa a ser executado;
b) ao contrário, o princípio de "pluralidade de chefia" dos serviços diferenciados, sejam de direção ou outros, o que importa em "descentralização" das responsabilidades na execução.

Por outras palavras, a "decisão dos fins" e das linhas gerais de trabalho são da autoria su-

prema da organização, no caso, o Secretário; a "responsabilidade da execução", a escolha dos meios a serem empregados devem ficar reservados, em cada caso, aos chefes de cada setor.

Respeitados os objetivos e a legislação geral, cada diretor, cada chefe de secção, de serviço, de agrupamento, de turma deve ter autonomia nas suas funções sempre coordenadas pelos chefes imediatos, quando os fins são gerais, e, por fim, pela autoridade suprema, que responde pelo conjunto.

Janeiro de 1938

A grande obra educacional do govêrno do general Cordeiro de Farias, já consagrada em dois congressos nacionais de educação, ao ponto de ser considerada como um dos mais legítimos patrimônios dos tempos novos do Brasil, teve início, pràticamente, em janeiro de 1938, quando se começou a sentir e verificar as primeiras parcelas de realizações.

Do dia de sua posse, 21 de outubro de 1937, àquela data, o titular da Educação, dr. Coelho de Souza, cuidou, principalmente, de criar um ambiente de confiança e de paz que propiciasse a obra a iniciar-se.

Foram estas as suas primeiras palavras ao chefe do govêrno riograndense, num relatório da época:

"Assumindo a chefia de um corpo de milhares de funcionários, destinado, na sua grande maioria, à função altíssima de educar — encontrei-o dividido pelas lutas de facções em que se debatera o Rio Grande, durante os últimos anos, e por êsses choques grandemente maltratado.

"Urgia, pois, evidenciar espírito de magistratura, tecido de isenção partidária e de ausência de "companheirismo", que congregasse todos os elementos e lhes aquietasse o espírito, favorecendo o surto dos valores reais — através do trabalho conciente, honesto e entusiástico".

Hoje, quasi cinco anos passados, diante da ponderável, diante da duradoura soma de realizações da Secretaria da Educação, numa invocação à própria conciência do Rio Grande, podemos assegurar que êsse objetivo foi larga e seguramente atingido, estabelecendo, logo nos primeiros meses da gestão do dr. Coelho de Souza, o clima de justiça administrativa que culminou no "élan" criador que de há muito marca as suas atividades no setor educacional.

Ação educacional

Completamente reformado, o sistema escolar do Rio Grande do Sul é hoje um organismo vivo, rigorosamente padronizado de acôrdo com os princípios educacionais mais avançados.

No início da atual administração, polarizaram a atenção do secretário da Educação, por um lado, o alcance da educação primária, no que se refere ao número de indivíduos a serem por ela atingidos e ao dos agentes realizadores do ensino, por outro, a duração do seu movimento, no sentido de afirmar e construir o novo padrão de educação, em atualidade com o espírito de nossa cultura, com as tradições e tendências profundas do nosso povo.

Tomada posição, em face de problemas, muitos dos quais se enfrentavam por primeira vez no Rio Grande do Sul, percebeu-se melhor a sua complexidade e extensão, e o próprio processo de trabalho fez nascer, a cada momento, novas questões não raro mais intrincadas, novos pontos de vista a exigirem adaptações e combinações diversas das previstas.

Partindo daí, já no segundo ano de sua administração, pôde o dr. Coelho de Souza afirmar:

"Sem vacilações, sem respeito humano, sem transações com o espírito negativista, temos procurado orientar as nossas gerações no sentido da beleza moral da vida e do cumprimento do dever cívico: ao reconhecimento dos valores espirituais; à consagração total à Pátria; ao ideal da unidade brasileira; à disciplina da vontade; à vocação da ordem; à austeridade de conduta; à elegância das atitudes".

Progressão orçamentária

O elevado nivel atual do ensino público no Rio Grande do Sul, resultado de um desenvolvimento sistemático, planificado em 1937, pode ser traduzido em cifras de tôda natureza, a começar pelas orçamentárias, a cuja base foi possível estabelecer-se, intensiva e extensivamente, a grande rede educacional que hoje atende às necessidades do Estado neste particular, não só nos centros urbanos, mas também na zona rural.

Em 1937, a então Secretaria da Educação e Saúde Pública dispunha de 24.000:786$380.

Essa previsão de despesa, em 1938, subia para 28.440:865$416.

Em 1939, elevava-se a 33.681:040$500.

A previsão para 1940 foi de 44.394:235$800.

E, no exercício passado, 1941, foi consignada uma verba de 45.136:155$500.

O esfôrço financeiro que as cifras acima alinhadas traduzem é sobremaneira apreciável e representa um passo em favor do desdobramento e aperfeiçoamento da educação pública em proporções jamais verificadas na administração do Estado, qualquer que seja o critério por que se encare o mesmo.

Rede escolar

Não menos impressionante e igualmente consagradora é a progressão que se verifica, alinhando algarismos estatísticos de 1937 para cá, referentes à dilatação da rêde escolar do Rio Grande do Sul.

A-par dêsse movimento de extensão de ensino, para atender às zonas de maior densidade demográfica, houve a preocupação de distribuir racionalmente as escolas, iniciando-se êsse trabalho pelo município de Pôrto Alegre e levando-o a tôdas as outras regiões escolares do Estado.

Os fatores que a administração do dr. Coelho de Souza teve em vista, na re-distribuïção de escolas para seu reajustamento às exigências da população em idade escolar e as melhores condições de instalação e funcionamento, foram:

a) a localização dos aglomerados de população infantil;
b) a distância entre as unidades escolares;
c) as condições de instalação;
d) a superioridade, do ponto de vista técnico e administrativo, dos grupos escolares e escolas reünidas sôbre as escolas isoladas.

Mas nenhuma outra referência, nesse particular, fala mais eloqüentemente do que os números:

Em 1937 havia 170 grupos escolares, em 1938 êsse número subiu para 281, em 1939 atingiu a 365, em 1940 somou 422 e em 1941 chegou a 456.

Atualmente funcionam no Estado, devidamente aparelhados de todos os recursos didáticos, servidos por um magistério renovado e eficiente, exatamente 506 grupos escolares.

As cifras correspondentes a escolas isoladas, mantidas pela Secretaria da Educação, são as seguintes:

449, em 1937; 505, em 1938; 550, em 1939; 498, em 1940 e 520 em 1941.

A diferença verificada entre o número de escolas isoladas existentes em 1939 e 1940, provém da instalação de aulas reünidas e da incorporação de escolas isoladas a grupos escolares.

Como era natural, a matrícula geral tem subido, na proporção do desenvolvimento da rede escolar:

Tivemos, em 1937, uma matrícula de 300.237 alunos, verificando-se em 1940 um notável aumento para 381.251 alunos.

A matrícula, atualmente, anda próxima a meio milhão de alunos, o que foi possível devido à dilatação da rede escolar do Estado e ao completo aparelhamento das diversas unidades estaduais — trabalho êsse planificado em 1937 e realizado, sistemàticamente, sem solução de continuïdade, de 1938 para cá, num ritmo construtor cada vez mais intenso e fecundo.

Prédios escolares

A quasi unanimidade das nossas escolas públicas funcionavam em verdadeiros pardieiros ou prédios mal adaptados, que não apresentavam o mínimo das condições exigíveis.

Nos 50 anos de República, construíram-se no Estado apenas 30 prédios escolares, sem plano, de modo que os mesmos apresentavam defeitos e precariedades de tôda ordem.

Como imperativo de uma pedagogia integral, punha-se de manifesto a necessidade da construção de prédios escolares, nas zonas urbana e rural.

Para resolver, pois, ao desenvolvimento crescente do ensino, do ponto de vista qualitativo e quantitativo, o govêrno do general Cordeiro de Farias, por intermédio da Secretaria da Educação e Cultura, resolveu o problema das construções escolares do seguinte modo:

a) pela locação de prédios por parte do Estado e das municipalidades, com o máximo possível de condições higiênicas;
b) pela construção de novos prédios, que obedecessem a um tipo padrão, com variação de capacidade, provido de todo o confôrto moderno e de tôdas as exigências pedagógicas.

A realização do enorme e dispendioso plano de construções escolares urbanas está na fase final, sendo reduzidíssimo o número de municípios que não contam em sua sede com um amplo e majestoso prédio escolar.

Em dias muito próximos êsse aspecto do problema educacional estará integralmente resolvido.

Na primeira distribuïção de construções escolares urbanas, foram contempladas as seguintes sedes de município:

Arroio do Meio, Bom Jesús, Camaquã, Caxias, Cachoeira, Encantado, Flores da Cunha, Iraí, Jaguarão, Guaíba, Lajeado, Guaporé, Prata, Pôrto Alegre, São Gabriel, São José do Norte, Santo Antônio, Santiago, São Pedro, São Francisco de Assis, Tapes, Tupanciretã, Santa Maria, Viamão, Venâncio Aires, Tôrres, Alfredo Chaves, Bagé, Candelária, Pelotas, São Francisco de Paula, Novo Hamburgo, Estrêla, Livramento e São Jerônimo.

De acôrdo com o plano de construções, êsses prédios obedecem a quatro modalidades, conforme a capacidade do edifício:

a primeira, para 200 alunos; a segunda, para 350; a terceira, para 500, e a quarta para 1.000 alunos, adotando-se, nas três primeiras modalidades, tipo de construção progressiva, isto é, suscetível de aumento, de conformidade com as necessidades da zona em que foram localizados.

Dêsses prédios, dois são conversíveis em colônias de férias, o de Tôrres, praia marítima, e o de Viamão, saüdável cidade nas proximidades da capital.

Do mesmo passo que atendeu e está quasi integralmente resolvido o problema das construções escolares urbanas, o secretário da Educação e Cultura, dr. Coelho de Souza, deu à sua administração, desde o início, um sentido bandeirista, procurando levar à gleba os benefícios da educação integral.

No tocante à construção de edifícios escolares rurais, a solução encaminhada se oferece idêntica à anterior:

a) pela construção e locação de prédios pelas prefeituras;
b) pela construção de prédios, de parte do Estado.

Releva destacar, nesta altura, a apreciável cooperação do govêrno federal, contribuindo com um auxílio de cinco mil contos para a execução do plano de construções escolares rurais.

O projeto padrão foi elaborado dentro do mesmo critério adotado para os prédios urbanos, compreendendo tipos apenas para 100 e 200 alunos, já que as condições demográficas das zonas rurais não exigiam maior capacidade, contràriamente ao que se verifica nas zonas urbanas.

Êsses edifícios escolares do padrão rural foram distribuídos pela região colonial e ao longo das fronteiras, compondo-se a primeira série de 50 edifícios e a segunda de 25.

Dentro dêsse plano, entre outros, foram servidos de modelares estabelecimentos, as zonas rurais dos seguintes municípios, alguns com 2 prédios:

De alvenaria, com residência: São Borja, São Francisco de Assís, Santa Vitória. De alvenaria, sem residência: Pôrto Alegre, Cangussú, Caçapava, Uruguaiana, Cachoeira, Tupanciretã, São Gabriel, Santa Cruz, Rio Pardo, Cruz Alta, Júlio de Castilhos, Piratiní, Pinheiro Machado, São Lourenço, Encantado, Encruzilhada, São Vicente, Taquarí, Santo Ângelo. De madeira: Cruz Alta, Júlio de Castilhos, Tupanciretã, Santa Rosa, Ijuí, Jaguarí, Garibaldi, Gravataí, Itaquí, Getúlio Vargas, Tapes, Passo Fundo, Alfredo Chaves, Livramento, Candelária, São Leopoldo, São Francisco de Paula, Osório, Taquara, Soledade, Alegrete, D. Pedrito, Vacaria, São Luiz, Lagoa Vermelha, Santa Maria, Palmeira, Pelotas, Bagé, São Pedro, Montenegro, Jaguarão, Novo Hamburgo, Farroupilha, José Bonifácio, Caxias, São Jerônimo, Prata, Camaquã, Quaraí, Santiago, Guaporé e Iraí.

Assim, de 30 deficientes e precários prédios escolares, que contava ao comemorar-se o cincoentenário da República, o Rio Grande do Sul pode orgulhar-se de contar, atualmente, 127 novos prédios escolares tipo padrão, dotados de tôdas as condições de confôrto e higiene, como estabelece a moderna engenharia escolar.

Carreira do professor

A administração atual encontrou o magistério em situação deplorável, vítima de erros e incompreensões de anos e anos.

Ausência de direitos reconhecidos e assegurados; possibilidades limitadíssimas de carreira; subordinação ao arbítrio dos chefes políticos — eram essas, em largos traços, as características da vida do professorado riograndense.

A vida funcional tanto podia iniciar-se pela capital, como pelos mais afastados municípios do Estado.

Os altos cargos da administração escolar (inspetorias escolares, direção da instrução pública, etc.) raramente eram concedidos a professores; as direções tornavam-se por assim dizer propriedades vitalícias; em 47 anos de República, foi promovida apenas centena e meia de professores, havendo alguns que aguardavam a merecida promoção há 30 e 40 anos; contratavam-se pessoas de poucas letras ou especialização.

Era natural, mais, era imperioso que o atual govêrno iniciasse as suas atividades, no sector educacional, inaugurando um regime completamente diverso.

Leis sucessivas, consolidadas no decreto que organizou e criou a carreira do professor, estabeleceram normas inflexíveis que garantem o professorado.

Concurso para ingresso em todos os ramos do magistério; nomeações pela rigorosa ordem de classificação; aproveitamento e movimento do quadro dentro do critério de estágio — colocaram os mestres riograndenses ao abrigo dos desorganizadores do ensino público.

Abrindo ao magistério amplas possibilidades de acesso — estabeleceu-se rotativismo nas direções; criaram-se os quadros de delegados regionais, em substituïção aos antigos inspetores escolares, privativos de professores, bem como os cargos de auxiliares de delegacias e orientadores técnicos; estabeleceu-se a promoção automática aos dez anos de exercício em uma entrância, e em menos de dois anos foram promovidos mais de 500 professores.

Outras inúmeras funções novas (fiscais de nacionalização, alfabetização de conscritos, etc.) têm assegurado aos professores designados para exercê-las, vantagens especiais.

Não se lavrou até hoje um só contrato para o ensino de letras ou de artes, evitando-se a concorrência desleal dos que não se habilitaram através de longos estudos.

Concederam-se, em lei, prêmios pecuniários e de viagens.

Nunca se dignificou, tanto, a nobre profissão do mestre, na nossa terra.

Mas voltemos aos números, nada mais consagrador das atividades da Secretaria da Educação e Cultura do que as cifras que representam o seu trabalho, de 1937 para cá:

De 1.º de março de 1898 a 1.º de fevereiro de 1937 foram promovidos 152 professores.

No biênio 1938-39 verificaram-se 544 promoções.

Paralelamente, foi executado longo programa de trabalho, de 1938 a esta parte, para reorganização, em novas bases, da educação primária e modernização didática das escolas.

Assim, dentro dessas atividades técnicas, releva notar a elaboração de planos de trabalho escolar e organização de campanha em prol da formação de atitudes e hábitos desejáveis; comunicados e circulares de orientação; organização de cursos de especialização; realização de reüniões e conferências; estudo de obras didáticas e literatura infantil; organização de bibliotecas pedagógica e infantil; elaboração de programas para concursos; estágio de professores no Distrito Federal e S. Paulo; normas para avaliação de rendimento escolar; cursos de aperfeiçoamento para o magistério; intensificação e orientação das atividades extra-escolares; reorganizações e incentivação de instituïções auxiliares da escola; exposições didáticas, reorganização do ensino normal; fiscalização das escolas particulares, etc., etc.

1.400 novas professoras

Combatendo a deficiência quantitativa da rêde escolar primária do Estado, a administração Cordeiro de Farias, que recebeu o Rio Grande do Sul com 170 grupos escolares em funcionamento, apresentava, ao encerrar-se o primeiro semestre de 1932, 507 grupos escolares em plena atividade.

Êsse número, de per si consagrador, em julho de 1942 subiu para 509, com a criação e imediata instalação de mais dois grupos escolares, em prédios da doação Garcia, no município de Jaguarão.

Sobremaneira significativa, reveladora da confiança popular que hoje prestigia e ampara o ensino público, foi essa doação: pela primeira vez na crônica riograndense, se entregava ao Estado a vultosa quantia de 100 contos de réis, para integral aplicação na construção de prédios escolares rurais.

Para atender ao grande número de novas unidades escolares criadas pela nova administração riograndense, com o dr. Coelho de Souza à frente dos negócios educacionais, foram escolhidas mais de 1.400 novas professoras, pelo critério impessoal do concurso.

Como já frizamos em capítulo especial, tão grave, senão mais grave do que a insuficiencia numérica, era a deficiência qualitativa das nossas escolas.

A administração atual recebeu a rede escolar apenas com 30 edifícios próprios, construídos nos 50 anos de República, precàriamente aparelhados, sem orientação técnica e sem fiscalização administrativa; o professor, jogado em um prédio qualquer, devia bastar-se a si mesmo, suprindo pelo seu esfôrço o desamparo material e o abandono profissional em que ficava.

Elaborado o plano de edificações escolares e obtidos os fundos de financiamento, que sobem a 20 mil contos, já foram concluídos ou se acham em iminência de conclusão, 46 grandes edifícios urbanos e 79 pequenos edifícios rurais, todos consultando às mais rigorosas exigências de uma integral pedagogia moderna, conforme referimos anteriormente.

Milhares de contos foram empregados em mobiliário e material didático.

E, usando expressões do Secretário da Educação, "para que o mestre seja exato no cumprimento dos deveres e renovado nas técnicas de ensino, realizando a sua tarefa, que não é a de ensinar a ler e a contar, mas a de ensinar a **viver melhor**, no conciso e profundo conceito dos mestres, foi criado todo um corpo de administração e orientação técnica, cujas visitas todos os municípios do Estado têm recebido periòdicamente".

Se o ensino primário, instrumento precípuo da educação popular, tem recebido as melhores atenções, atenções igualmente assim meritórias e incansáveis têm sido dedicadas ao ensino secundário.

Invoquemos, ainda, recentes e autorizadas declarações do dr. Coelho de Souza, para melhor compreensão do notável esfôrço governamental, nesse sentido:

"Fiel ao critério educacional e democrático de que o ensino secundário é o ensino dos adolescentes, e a educação que se deve ministrar a todos os brasileiros de 12 a 18 anos, não podendo nem devendo ser privilégio de uma minoria abastada, a administração atual instalou quatro ginásios, virtualmente gratuitos: reabriu o Ginásio Júlio de Castilhos e criou ginásios nas antigas escolas complementares de Pôrto Alegre, Santa Maria e Alegrete, transformando-as em veros Institutos de Educação".

A Secretaria da Educação, por decreto de abril do ano passado, estatuíu, ainda, um apreciável número de matrículas gratuitas, em todos os ginásios que recebem favores de qualquer natureza do govêrno do Estado.

Graças a isso, mais de um milhar de jovens recebem educação gratuita nos estabelecimentos particulares de ensino secundário.

É particularmente interessante notar que tôda essa obra educacional está em função dos imperativos nacionais: a maioria das novas unidades e dos edifícios escolares foi jogada nas chamadas regiões coloniais alemã e italiana e ao longo das fronteiras, de Chuí a Pôrto Lucena.

E, como dizia o dr. Coelho de Souza, falando ao povo da cidade de Jaguarão, a 12 de maio de 1942: "Atingidas, satisfatòriamente, três frentes de nacionalização do ensino, as internas e a fronteiriça, voltamo-nos, hoje, para a zona "crioula", onde vive, resignada e heróica, tão esquecida quanto rica em energias potenciais, a velha gente gaúcha — o cerne riograndense".

Precisamente naquela ocasião, municípios profundamente "crioulos", como Bagé, Piratiní, Pinheiro Machado, Jaguarão e outros estavam sendo atendidos, com modernos estabelecimentos escolares, dotados de todos os recursos da atual técnica pedagógica.

Nacionalização do ensino

O impressionante movimento em favor da nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul, hoje conhecido e louvado em todo país, fundou-se no princípio de que "os alicerces da nacionalização devem ser lançados na escola, e se é exato que o mesmo não pode realizar tôda a tarefa que o momento exige, não é menos exato que lhe cabe a missão de preparar, fundamentalmente, essa realização".

Quando se iniciou a ação da Secretaria da Educação, só a colônia alemã mantinha perto de 2.000 escolas no Rio Grande do Sul.

O trabalho da Secretaria se exercitou de um tríplice aspecto: criação do maior número possível de novas unidades escolares na região colonial; aperfeiçoamento do aparêlho escolar estadual daquela região; nacionalização dos estabelecimentos de ensino particular.

Em cumprimento da primeira diretriz foi aproveitada na zona colonial a maior parte das 645 novas professoras, nomeadas de maio de 1938 a março de 1939, e alí foram localizados grupos escolares e escolas isoladas, criados no mesmo período.

Por fôrça da segunda norma, foram construídos, e ainda se constroem, grandes edifícios escolares, com todos os requisitos modernos, na sede dos municípios coloniais e nas zonas rurais mais densamente povoadas.

A nacionalização do ensino particular iniciou-se pelo decreto 7.212, de 8 de abril de 1937, que, em suas linhas gerais, estabelece as seguintes medidas: registro obrigatório das escolas particulares; criação, nas mesmas, de um ambiente de brasilidade, pela ausência de inscrições em língua estrangeira, símbolos e saüdações políticas estrangeiras, até então existentes; adopção do vernáculo; designação de professores do Estado para lecionar nas escolas, até agora desnacionalizadas, português, história e geografia pátria e civismo — com a vantagem em dôbro do tempo de serviço alí prestado; destituïção de diretores e fechamento de escolas em caso de grave e deliberada violação do decreto de nacionalização.

Desde logo, evidenciou-se a intenção governamental de não destruir a obra realizada pela iniciativa particular, mas sim de aproveitá-la e encaminhá-la no sentido de uma completa integração nacional.

Categóricas declarações foram feitas, nesse sentido, pelo interventor federal e pelo secretário da Educação, no ato solene da assinatura do referido decreto, que aliás foi a homenagem prestada pelo Rio Grande do Sul a José Bonifácio, no primeiro centenário da sua morte.

Contudo, criou-se uma "resistência dirigida", aliás, de boa técnica...

Em face dessa situação, cansado da má fé e do desrespeito sistemático, o Govêrno do Estado baixou, em 12 de dezembro de 1938, o decreto que tomou o número 7.614, que aboliu anteriores concessões e que criou o regime severo, e estatuído nos seus artigos.

Daí por diante, o ensino, desde o curso primário, deve ser ministrado em vernáculo, exclusivamente.

Escola brasileira

Eminente professor escreveu que a escola brasileira, integrada no organismo nacional, como peça mestra que é, deverá conjugar o seu esfôrço com o de outras peças — família, igreja, centros de recreação e oficinas — e fazer-se o "pivot" de todo o movimento educativo.

Como as outras escolas do mundo, criará ela a moralidade do educando e o preparará para o meio social que o cerca.

Há de se diferenciar das outras, porém, cultivando com carinho nossas tradições, ensinando com amor a nossa língua, formando os sentimentos cívicos das gerações que educar, através da História e da Geografia do nosso país.

Em seu aparelhamento material, em suas preocupações didáticas, no ânimo que vivificará suas lições, a escola brasileira espelhará a melhor face do povo para o qual foi criada, e da terra em que êsse povo vive e trabalha.

Êsses os princípios pelos quais o dr. Coelho de Souza se tem orientado à frente da Secretaria da Educação.

✦

Para nós outros que, no exercício da função jornalística, muito temos perlustrado o Rio Grande, é tarefa gratíssima essa de alinhar, ràpidamente embora, as realizações de vital importância da Secretaria de Educação e Cultura.

Mas, por mais que se divulgue fatos e iniciativas educacionais, por mais que se apresente dados e informações educacionais, a imagem do que

de fato tudo isso representa hoje, no panorama social do Rio Grande do Sul, será sempre falha ou imperfeita.

É que, para se objetivar, com as côres mesmas da realidade, o ritmo de trabalho e o "élan" realizador que carateriza o nosso atual aparêlho escolar, só mesmo apresentando-o ao vivo, numa visão de conjunto que representasse a soma das atividades de tôdas as suas unidades, em plena função social.

Essa tarefa, que escapa ao plano de exposição dêste rápido trabalho informativo, talvez escape também às fôrças de quem escreve...

Mas, de qualquer forma, basta propô-la à consideração pública.

A ação social que o Govêrno do Estado realiza, através da Secretaria de Educação e Cultura, tão vigorosamente se afirma em resultados práticos que, de boa fé, todos nós a sentimos, tanto nos centros urbanos, como na própria zona rural, a começar pelo pleno restabelecimento da confiança popular no ensino público.

Assim, atingimos, em pouco menos de um lustro de uma administração bem orientada e fecunda, à suprema missão da educação: formar gerações lúcidas e vigorosas para a grandeza da Pátria.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO



S. Excia. Dr. Ataliba de F. Paz, titular da Secretaria dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio

O SECRETÁRIO

Para a Secretaria dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, o Interventor riograndense encontrou uma figura capaz na pessoa do Sr. Dr. Ataliba de F. Paz, bela inteligência animada por uma flama de vivo ardor e batalhador infatigável em tôrno dos ideais que norteiam a obra profícua implantada pelo Estado Novo.

O Sr. Dr. Ataliba Paz tem demonstrado na gestão de sua pasta ser um administrador de grande capacidade e largo descortino, tornando-se credor do reconhecimento de todos aqueles que exercem suas atividades na agricultura, indústria e comércio.

A SECRETARIA

A Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio do Rio Grande do Sul foi criada pelo Decreto nº 5970, de 26 de junho de 1935. Sua organização (instalação) inicial obedeceu aos dispositivos do Decreto nº 6.039, de 23 de agôsto de 1935.

De início, foi constituída pelas seguintes Diretorias: Diretoria Geral, Diretoria da Agricultura, Diretoria de Indústria Animal, Diretoria de Terras e Colonização e Diretoria de Padronização e Fiscalização. O orçamento era de 2.565:080$000, para pessoal e de 1.770:000$000, para material.

Os serviços primitivos da Secretaria compreendiam a assistência técnica aos agricultores e criadores; trabalhos experimentais para o melhoramento de sementes e pastagens; pesquisas do laboratório agronômico e biológico, visando a melhoria dos métodos agrícolas e indústrias rurais. A assistência técnica era assegurada por intermédio de diversas inspetorias e agrônomos itinerantes; os serviços experimentais estavam a cargo de estações, localizadas em várias zonas do Estado. Nos laboratórios, os trabalhos em geral dos departamentos encontravam o concurso de exames e pesquisas indispensáveis à orientação e defesa dos problemas agrários.

A Secretaria que, em 1935, possuia uma dotação orçamentária de 4.335:080$000 para pessoal e material, passou a ter, nos anos que se sucederam, suas verbas aumentadas de acôrdo com o desenvolvimento de seu campo de ação. Já em 1940, o orçamento consignava 6.895:800$000, para pessoal, e 8.666:600$000, para material, num total de 15.562:400$000.

Duas das primitivas Diretorias mudaram sua nomenclatura e foi criada mais uma Diretoria. O quadro atual de Secretaria é o seguinte: Gabinete do Secretário; Diretoria Geral; Diretoria da Agricultura; Diretoria da Produção Animal; Diretoria da Produção Mineral; Diretoria de Terras e Colonização e Diretoria de Indústria e Comércio.

O orçamento relativo ao corrente ano, de 1942, prevê uma despesa total de 19.272:000$000, assim discriminada: Pessoal: 9.728:400$000; Material: 6.510:000$000; Dispesas diversas: 3.033:600$000.

Suas atribuições

a) experimentação, fomento, assistência e defesa da produção vegetal; b) experimentação, fomento, assistência e defesa da produção animal; c) estudos geológicos, fomento, assistência e defesa da produção mineral, cadastro de jazidas, minas, estâncias hidrominerais, fiscalização; d) demarcação, divisão, construção de estradas e colonização de terras públicas; serviço geográfico do Estado; e) fomento, assistência e defesa da indústria e do comércio; fomento, fiscalização, assistência e defesa do cooperativismo.

Seus titulares

Drs. Raul Pilla, Anibal di Primio Beck, Viriato Dutra e Maurício Cardoso.

SUA ORGANIZAÇÃO

a) Diretoria Geral, compreendendo: 1) Secção de Engenharia; 2) Secção de Expediente e Contabilidade; 3) Secção de Informações e Propaganda Agrícola e 4) Secção de Protocolo Geral. A Diretoria Geral, da qual é titular o dr. Desidério Finamor tem, como finalidade principal, a coordenação e sistematização dos serviços das Diretorias especializadas. Os serviços gerais da Secretaria, que não pertencem especialmente a esta ou aquela Diretoria, são distribuídos pelas mencionadas Secções, das quais são, respectivamente, chefes de serviço: Eng.º Civil Leopoldo Souza; Aristides Prestes da Fontoura; Eng.º Agr.º Fortunato Pimentel e Carlos Dutra.

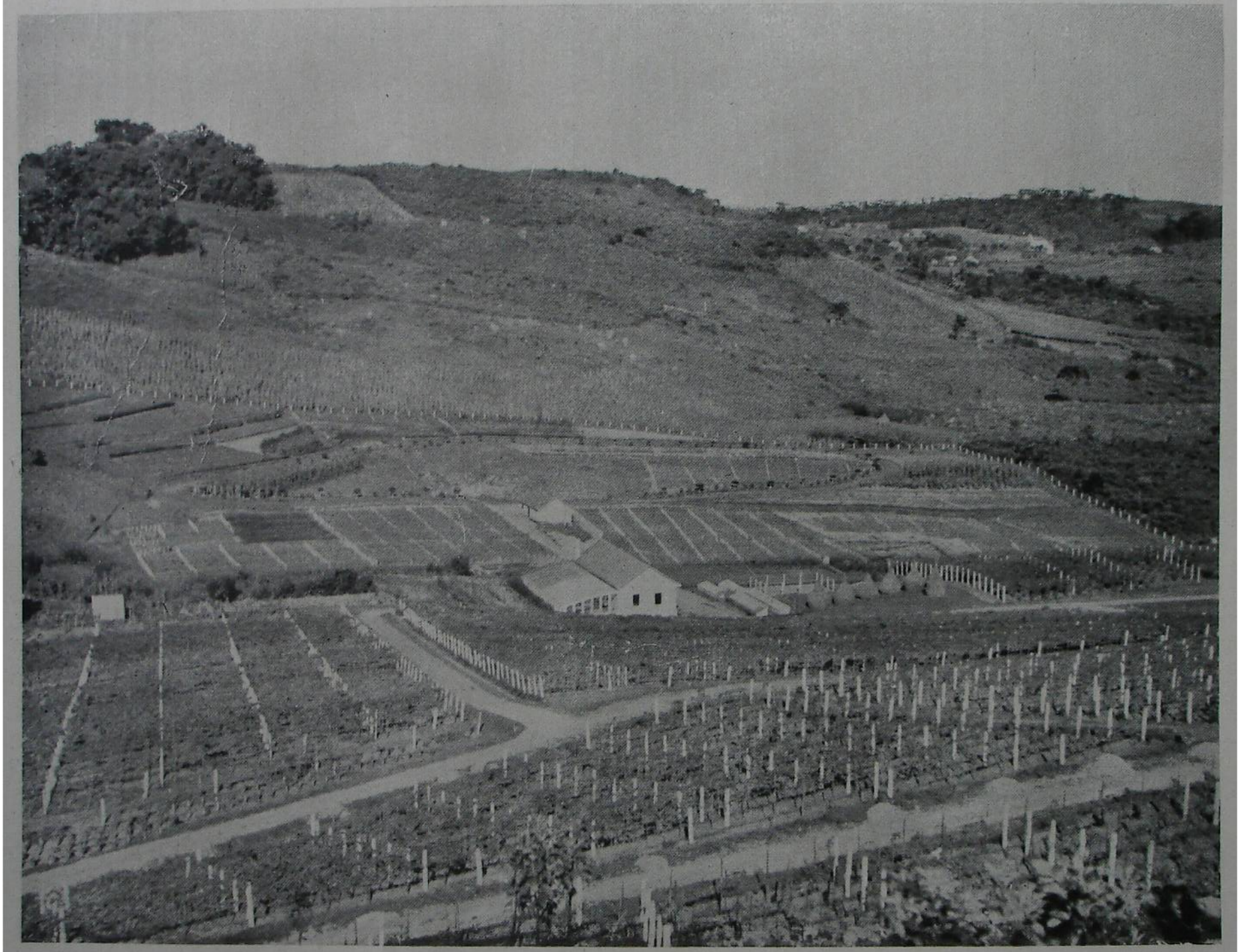
b) Diretoria da Agricultura, da qual é Diretor o Agr.º Álvaro Xavier, tem, como finalidade precípua a experimentação, fomento, assistência e defesa da produção vegetal do Estado. Subdivide-se em 1) Secção de Agronomia e Inspecção, que tem a seu cargo o serviço de estudos agronômicos e inspecção da produção vegetal, com as seguintes ramificações: Campos Experimentais de Horticultura, em Rio Grande; de Mandioca, na Estação Capela; Estações Experimentais Fitotécnicas da Fronteira, na Estação Santo Antônio (Bagé); das Colônias, em Alfredo Chaves; Estação Experimental Mixta, em Osório e Estação Experimental de Arroz, em Gravataí; chefe: Eng.º Agr.º Péricles Ochôa; 2) Secção de Assistência e Defesa, encarregada de assistir e defender a produção vegetal, da qual é chefe o Eng.º Agr.º Júpiter Borne e que tem os seguintes departamentos no interior: Inspetorias de Fumo, Apicultura, Batatas e Bulbos, Silvicultura e Trigo; Campos de Multiplicação de Sementes, em Júlio de Castilhos, Encruzilhada, Vacaria e Dom Pedrito; Campo de Multiplicação de Sementes do Alto Taquarí; Centro de Distribuïção de Sementes, em Passo Fundo, Inspetoria de Risicultura, além de mais de 23 Campos de Cooperação em diversos municípios; 3) Secção de Fruticultura, com atribuïções especializadas no setor da fruticultura do clima temperado, da qual é chefe o Eng.º Agr.º Francisco Gonçalves Flores, e tem as dependências que seguem: Estações Experimentais de Pomicultura, em Taquarí; de Viticultura e Enologia, em Caxias; serviços de assistência à fruticultura. À Diretoria da Agricultura estão subordinados, finalmente, os Laboratórios de Biologia Agrícola, de Química Agrícola e Análises de Solos.

c) Diretoria da Produção Animal, da qual é Diretor o Eng.º Agr.º Manoel Corrêa Soares, tem, como principal finalidade, a experimentação, fomento, assistência e defesa da produção animal (pecuária). Instalada em local apropriado (parque da Exposição do Menino Deus), conta com as seguintes secções: 1) Secção de Zootecnia, sob a chefia do Eng.º Agr.º Pedro Paulo de Medeiros, à qual pertencem Serviços de Registro Genealógico, de Marcas e Sinais; de Peles e Lãs; de Caça e Pesca, e os Postos Zootécnicos das Colônias, em Montenegro; da Serra, em Tupanciretã; da Fronteira, em Uruguaiana, e a Estação Experimental de Agrostologia, em São Gabriel; 2) Secção de Defesa Sanitária, sob a chefia do médico-veterinário Carlos Serafim de Castro, que reúne 19 Inspetorias e Dependências Veterinárias em diversos pontos do Estado, além do Serviço de Biologia Animal com os Laboratórios de Microbiologia, Parasitologia e Anatomia Patológica.

d) Diretoria da Produção Mineral, da qual é Diretor o Eng.º João Dahne, tem, como finalidade principal, estudos geológicos, fomento, assistência e defesa da produção mineral, fiscalização e cadastro de jazidas, minas, estâncias hidro-minerais. Subdivide-se em Secção de Geologia Econômica, da qual é chefe o Eng.º de Minas e Civil Pedro Barroso, e à qual pertencem, também, os Laboratórios de Química Mineral, Ensaios Metalúrgicos, Petrografia, Paleontologia e Mineralogia e Secção de Fiscalização, Concessão e Cadastro de minas, jazidas e lavras, da qual é chefe o Eng.º de Minas e Civil Paulo de Castro Nogueira.

e) Diretoria de Terras e Colonização, com extenso plano de trabalho, sob a chefia do Eng.º Civil Godolfim Torres Ramos, e à qual pertencem os seguintes departamentos: Serviço Estadual de Geografia; Secção de Discriminação e Legitimação de Terras; Secção de Colonização e Viação Colonial, dos quais são chefes, respectivamente: o Eng.º Civil João Batista da Silva Pereira Filho; o Eng.º Alfredo Felizardo e o Eng.º Civil Oscar Moreira e, finalmente, Inspetorias de Terras e Colonização do Norte, em Palmeira; do Nordeste, em José Bonifácio; do Centro, em Passo Fundo; do Noroeste, em Santa Rosa; e do Leste, em Taquara. A essas Inspetorias compete discriminar, dividir e colonizar as terras patrimoniais do Estado, dotando-as das estradas vicinais e gerais destinadas ao escoamento da produção, bem como fundar núcleos urbanos como centros de coleta e exportação da zona colonizada e, finalmente, exercer a proteção ao silvícola.

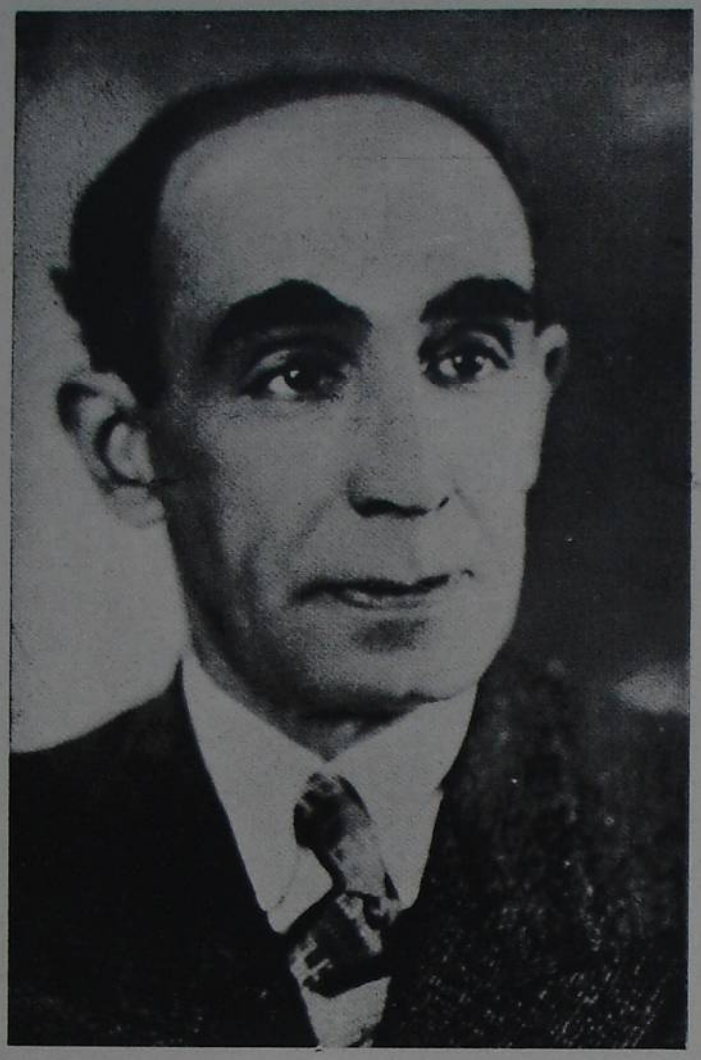
f) Diretoria de Indústria e Comércio, da qual é Diretor o Eng.º Agr.º Clândio Osório Pereira, que visa, principalmente, o fomento, assistência e defesa da indústria e do comércio e o fomento, fiscalização, assistência e defesa do movimento cooperativista. Subdivide-se nas seguintes Secções: Fiscalização e Padronização da Produção, sob a chefia do Eng.º Agr.º Waldemar Ramos Lages, com ramificações especializadas em Pelotas, Rio Grande e Pôrto Alegre; Secção de Análises, sob a chefia do Químico Industrial Argens Leães de Medeiros, com Laboratórios de Análises em Pôrto Alegre, Caxias, Bento Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha, Flores da Cunha, José Bonifácio e Marcelino Ramos; Secção de Organização da Produção, sob a chefia do Eng.º Agr.º Almo Martins Bento, com Inspetorias em Bento Gonçalves, Caxias, Ijuí, Estrêla, José Bonifácio, Osório, Pelotas e Santa Cruz; Inspetoria de Leite e Laticínios, sob a chefia do Eng.º Agr.º Acimar Noronha Marchant, com serviço itinerante nas zonas laticinistas do Estado.



TRABALHO PRÁTICO DA SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Vista parcial da Estação Experimental de Viticultura e Enologia, em Caxias, uma das numerosas instalações agrícolas modelares, onde aquela Secretaria tem colhido os resultados mais auspiciosos

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS



S. Excia. Dr. Antônio da Rocha Meirelles Leite, titular da Secretaria dos Negócios das Obras Públicas

O SECRETÁRIO

À frente da Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas acha-se, atualmente, a figura inconfundível do Dr. Antônio da Rocha Meirelles Leite, abalisado engenheiro e pessoa de alto destaque nos meios políticos e sociais do Estado.

No cargo que vem ocupando com proficiência, zêlo e dedicação, o Sr. Dr. Meirelles Leite tem dado sobejas provas de sua capacidade de administrador e profissional emérito.

À sua energia, competência e invulgar espírito de empreendimento muito deve o Rio Grande do Sul, principalmente nesta fase de progresso e realizações que ora atravessa.

A SECRETARIA

A organização da Secretaria de Obras Públicas é a seguinte:

GABINETE, que tem como Chefe o Dr. Antônio J. Chaves e como oficial o Dr. João Maria Soares.

Subordinadas diretamente à Secretaria de Obras Públicas acham-se:

a DIRETORIA GERAL, cuja direção se acha a cargo do Dr. Adolfo Laranjeira Mariante;

a VIAÇÃO FÉRREA, que tem como Diretor o Cel. João Valdetaro Amorim de Mello e como Sub-Diretor o Dr. Soeiro de Souza.

O "coeficiente de tráfego", relação entre despesa e receita, que tão expressivamente resume as condições financeiras da exploração, apresentou-se em 1939 com o valor de 97,84, o que vale dizer que a despesa de custeio absorveu 97,84% da receita bruta, deixando livre 2,16% como saldo bruto de custeio, o que revela uma sensível melhoria em relação com os exercícios anteriores, encerrados com resultados negativos.

Ao findar o exercício de 1939 houve um "superavist" de 2.379:233$000 do que em 1938, além de ter havido na despesa um acréscimo de 799:466$700.

o DEPARTAMENTO AUTÔNOMO DE ESTRADAS DE RODAGEM, que tem como Diretor o Dr. José Batista Pereira.

Subordinadas à Diretoria Geral, possue a Secretaria de Obras Públicas as seguintes repartições:

DIRETORIA DE VIAÇÃO FLUVIAL, sob a direção do Dr. Beno Hoffmann.

Essa diretoria tem a seu cargo todos os serviços de conservação de canais e de balisamento, além de outros congêneres.

DIRETORIA DE SANEAMENTO E URBANISMO, sob a chefia do Dr. Antônio Siqueira.

Essa diretoria não limitou sua atividade dos projetos e às execuções de abastecimento dágua e exgotos e de obras congêneres de interêsse direto do Estado.

Ao contrário, a sua criação teve em vista manter um corpo técnico especializado, com o qual o Govêrno do Estado estivesse habilitado a prestar a necessária assistência às suas várias prefeituras, no que diz respeito aos problemas locais ligados à saúde pública.

E êsse objetivo tem sido cabalmente atingido.

DIRETORIA DE OBRAS, sob a chefia do Dr. Teófilo Borges.

Essa diretoria, uma das mais importantes da Secretaria, tem prestado inestimáveis serviços ao Estado.

DIRETORIA DE OBRAS DO PÔRTO E BARRA DO RIO GRANDE, sob a direção do Dr. Duprat da Silva.

Os serviços que incumbem a esta diretoria dizem respeito à edificação em geral e abrangem desde os estudos preliminares até ao projeto e execução das obras, ou assistência e fiscalização às mesmas, no caso de execução contratada.

DIRETORIA DE ELETRICIDADE E FÔRÇAS HIDRÁULICAS, sob a direção do Dr. Pereira da Costa.

Essa diretoria presta numerosos serviços de assistência e fiscalização técnica no domínio de sua especialidade, além do prosseguimento regular dos estudos atinentes ao potencial do rio Jacuí.

SECRETARIA DA FAZENDA



S. Excia. Dr. Oscar Carneiro da Fontoura, titular da Secretaria dos Negócios da Fazenda

O SECRETÁRIO

O atual Secretário dos Negócios da Fazenda do Rio Grande do Sul é o Dr. Oscar Carneiro da Fontoura, médico ilustre e grande fazendeiro, antigo político e figura de extraordinário prestígio no seio da sociedade gaúcha.

O Rio Grande do Sul encontrou na pessoa do Dr. Oscar Fontoura o administrador de pulso que tão necessário se fazia naquela importante pasta, pois, o tesouro do Estado que vivera, até então, sempre em **deficit,** vem apresentando, na sua gestão, um apreciável **superavit.**

Trabalhador inteligente, homem de ação, servido por uma cultura aprimorada, cheio de devotamento ao seu trabalho, o Dr. Oscar Fontoura estava naturalmente indicado para gerir a pasta dos Negócios da Fazenda. E, efetivamente, os serviços que tem prestado neste alto pôsto da administração riograndense fazem-no merecedor da estima e da gratidão do povo gaúcho.

A SECRETARIA

A Secretaria da Fazenda acha-se instalada em prédio próprio, situado à Av. Mauá. No prédio em referência funcionam, além do Gabinete do Secretário da Fazenda, os seguintes serviços: Tesouro do Estado, Mesa de Rendas e Administração do Pôrto da Capital.

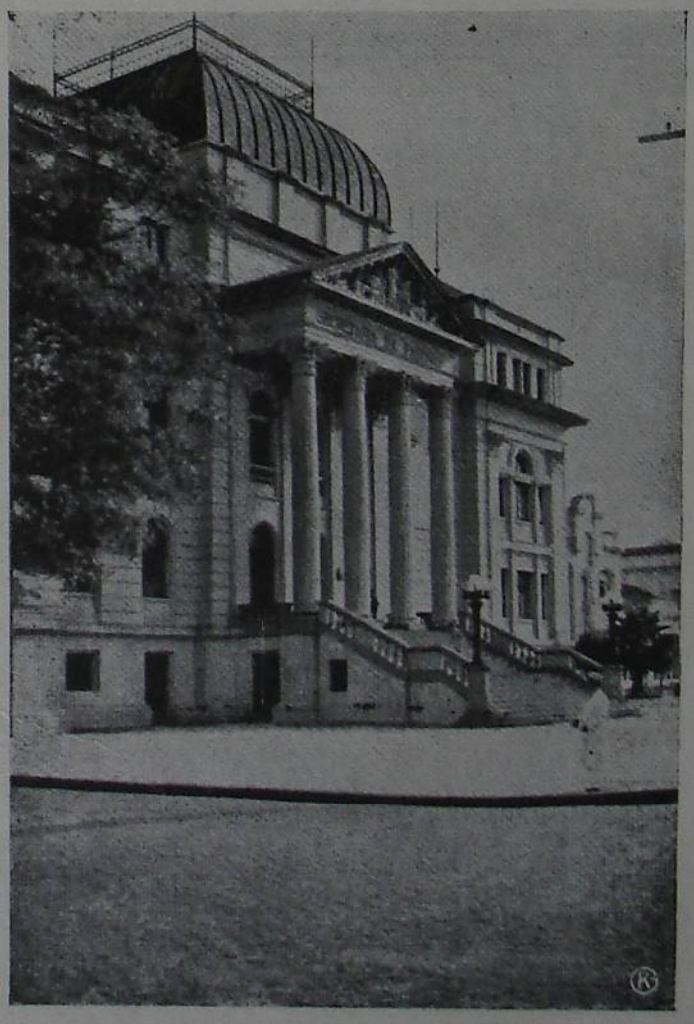
A Secretaria da Fazenda acha-se assim organizada:

GABINETE DO SECRETÁRIO, que tem por Chefe o sr. Trogílio Oliveira e por Oficial os srs. dr. Antônio da Costa e Silva, José Silveira e dr. Antônio Dias Lopes.

GABINETE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA, que é chefiada pelo dr. Guilherme Moojen.

TESOURO DO ESTADO, cujo Diretor Geral é o sr. dr. Manoel Luiz Borges da Fonseca; sua organização interna é a seguinte: Diretoria Geral, Diretoria do Expediente, Diretoria do Contencioso, Diretoria da Receita, Diretoria da Despesa, Diretoria do Patrimônio, Diretoria Técnica, Tesouraria, Procuradoria Fiscal, Inspetoria Geral de Fazenda, Secção de Liquidação do Banco Pelotense e Fiscalização do Imposto sôbre Vendas e Consignações. Acham-se ainda subordinadas ao Tesouro as Mesas de Rendas e Coletorias.

PORTOS — O Estado explora os serviços dos Portos de Pôrto Alegre, Rio Grande e Pelotas. São seus Diretores o Dr. Mário da Mata, Dr. Francisco de Paula Cardoso e Dr. João Martins Gervini, respectivamente.



O edifício da Secretaria dos Negócios da Fazenda.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE SAÚDE

A AÇÃO DOS CENTROS DE SAÚDE E POSTOS DE HIGIENE

Os serviços sanitários do Estado, entregues à então Diretoria de Higiene, posteriormente Diretoria de Higiene e Saúde Pública, em 14 de Setembro de 1938, pelo Decreto 7.481, foram completamente reorganizados, passando a repartição sanitária a denominar-se Departamento Estadual de Saúde.

De acôrdo com a nova organização dada, foram descentralizados os serviços de saúde pública e grupados em unidades instaladas em diversos municípios. Tais unidades são os Centros de Saúde e os Postos de Higiene.

Êsses órgãos sanitários têm a seu cargo, nas respectivas zonas, tôdas as atividades referentes à saúde pública.

A diferença entre Centros de Saúde e Postos de Higiene consiste em serem os diversos serviços atendidos por especialistas naquelas unidades sanitárias, e, cumulativamente, pelo médico-chefe nos Postos de Higiene, com a colaboração, em alguns municípios, de um médico auxiliar e de um cirurgião dentista.

No Rio Grande do Sul já se encontram em funcionamento 5 Centros de Saúde e 67 Postos de Higiene.

Dos Centros de Saúde três estão localizados em Pôrto Alegre, um na cidade de Pelotas e outro na de Rio Grande, sendo todos providos de aparelhos de raios X, com dispositivo "Manuel de Abreu" para roentgenfotografia.

Os Postos de Higiene estão localizados nos seguintes municípios: Alegrete, Bagé, Bento Gonçalves, Cachoeira, Cangussú, Carasinho, Caxias, Osório, Cruz Alta, Dom Pedrito, Encruzilhada, José Bonifácio, Estrêla, Garibaldi, Gravataí, Guaíba, Herval, Ijuí, Itaquí, Iraí, Jaguarão, Lagoa Vermelha, Lavras, Livramento, Montenegro, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Quaraí, Rio Pardo, Santa Cruz, Santa Rosa, Santa Vitória, Santa Maria, Santo Ângelo, Santo Antônio, São Borja, São Francisco de Assis, São Francisco de Paula, São Gabriel, São Jerônimo, Camaquã, São Leopoldo, São Lourenço, São Luiz Gonzaga, São Sebastião do Caí, São Sepé, Santiago, Soledade, Taquara, Tôrres, Tupanciretã, Uruguaiana, Vacaria, Viamão, Arroio do Meio, Pinheiro Machado, Bom Jesús, Caçapava, Getúlio Vargas, Guaporé, Júlio de Castilhos, Palmeira, Prata, Rosário, Tapes, Piratiní, Venâncio Aires.

Desta forma, 70 dos 88 municípios de que se compõe o Estado já estão dotados de unidades sanitárias, devendo, de acôrdo com o plano que vem sendo executado, serem instalados, no próximo ano, Postos de Higiene nos restantes municípios, ficando, assim, coberta tôda a área do Estado.

Uma das grandes preocupações da atual administração da Saúde Pública do Estado foi alojar os seus diversos serviços em prédios adequados providos das indispensáveis disposições necessárias às atividades sanitárias.

Com êste objetivo foi construído o Centro de Saúde n.º 2 de Pôrto Alegre, Centro Modêlo do Estado, talvez o maior da América do Sul, inaugurado em Dezembro de 1941, cujo custo de construção e instalações orça em cêrca de dois mil contos.

Nos Centros de Saúde e Postos de Higiene são proporcionados todos os cuidados referentes à higiene da alimentação, higiene do trabalho, higiene pré-natal, higiene da criança (infante, pré-escolar e escolar), higiene dentária, polícia sanitária e saneamento, endemias rurais, lepra, tuberculose, doenças venéreas, doenças transmissíveis agudas e educação e propaganda sanitária.

Assim, os Centros de Saúde e os Postos de Higiene, por intermédio do Serviço de Higiene da Alimentação, fiscalizam os gêneros alimentícios, incentivam a produção de hortaliças, verduras e frutas e até distribuem produtos alimentícios.

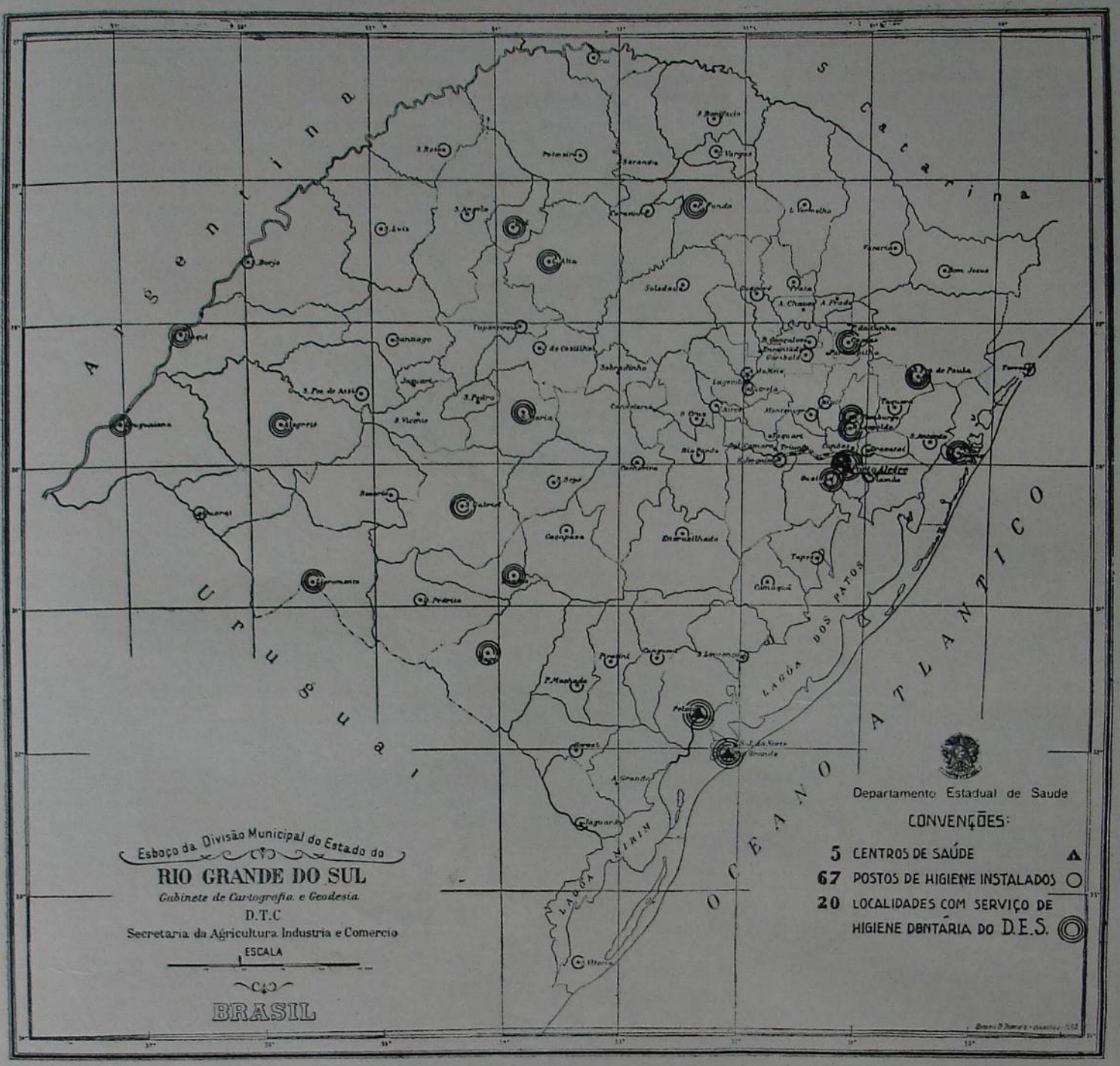
O Serviço de Higiene do Trabalho tem por fim examinar, periòdicamente, os trabalhadores e inspecionar os locais de trabalho para observar as condições em que o mesmo se processa.

Por meio do Serviço de Higiene pré-natal é dada assistência médica às gestantes, são encaminhadas as gestantes aos outros dispensários do Centro ou do Pôsto de Higiene ou a Hospitais ou Maternidades, são fiscalizadas e instruídas as parteiras não formadas, e é feita distribuïção de "pacotes obstétricos", com o fim de prevenir a oftalmia e as infecções umbilicais dos recém-nascidos.

Por meio dos Serviços de Higiene são examinadas as crianças registradas, orientadas as mães como devem alimentar os filhinhos e quais os cuidados de que êles necessitam; é feita imunização dos infantes contra a tuberculose, difteria, varíola e fornecido alimento adequado, distribuído pelas cozinhas dietéticas, onde as mães aprendem a preparar o alimento dos filhos; são corrigidos os desvios da alimentação e encaminhados os infantes para os outros dispensários, localizados todos no mesmo prédio. Com isso se faz medicina preventiva, procurando evitar que as criancinhas adoeçam.

Pelos Dispensários de Higiene pré-escolar das diversas unidades sanitárias, o Departamento Estadual de Saúde atende às crianças de 2 a 6 anos e procura manter-lhes a saúde, estimular o seu desenvolvimento físico e mental e incutir-lhes hábitos higiênicos. Imuniza as crianças contra a varíola, difteria, tifoses e disenteria bacilar e combate as verminoses. Envia as crianças ao oftalmologista, ao otorrinolaringologista, ao dentista, ao Serviço de Sífilis. Ensina os pais como alimentar e cuidar os filhos.

Pelo Serviço de Higiene Escolar procura conservar as condições físicas e mentais dos escolares. Inspeciona o edifício da escola, que deve apresentar os requisitos exigidos para o fim a que se destina; examina periòdicamente os funcionários da escola, os professores e os alunos, afastando os portadores de doenças contagiosas; corrige os defeitos orgânicos dos escolares, vacina-os, encaminha aos outros serviços os escolares que necessitam de cuidados dos especialistas, escolhe os alunos que devem ser en-



viados para as colônias de férias, seleciona as crianças que devem ingressar nos preventórios, faz a educação sanitária nas escolas, procura incutir nos escolares hábitos higiênicos e ensina-lhes, até, alguns socorros de urgência.

O Serviço Dentário atende as gestantes, os pré-escolares, os escolares, assim como as pessoas que freqüentam os outros dispensários dos Centros ou Postos de Higiene e que necessitam dos seus serviços, impedindo que a dentadura em más condições lhes seja o ponto de partida de estados patológicos ou de agravação dos já existentes.

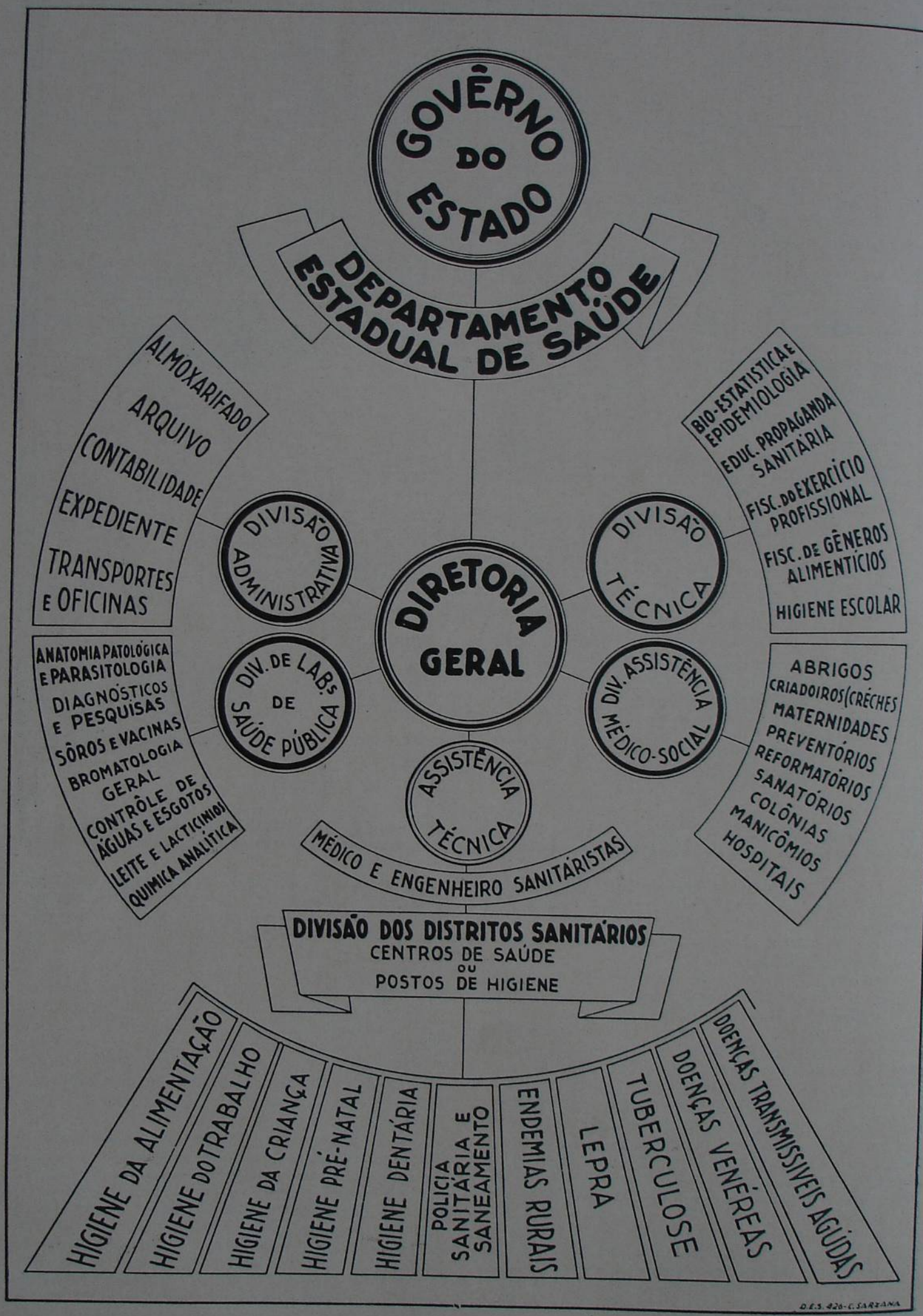
Por meio do Serviço de Polícia Sanitária e Saneamento difunde a habitação higiênica e promove o saneamento das vilas e cidades. Não permite edificações novas higiênicamente defeituosas, corrige as condições anti-higiênicas das habitações já existentes e inspeciona todos os locais e logradouros públicos.

A luta contra as verminoses, a malária, a doença de Chagas é realizada nas unidades sanitárias por meio do Serviço de endemias rurais que executa trabalhos de hidráulica sanitária, luta contra os mosquitos e "barbeiros" e promove o uso de calçado e latrinas. O tratamento do tracoma, que causa a cegueira de tantos brasileiros, é feito pelo Centro ou Pôsto de Higiene que também ensina à população os meios de evitar a doença. E o mesmo se dá com as outras endemias existentes, que variam com os Estados e regiões.

O Dispensário de Lepra do Centro de Saúde ou do Pôsto de Higiene faz a descoberta de casos novos, principalmente entre os comunicantes dos leprosos conhecidos, isola nos leprosários os hansenianos contagiantes, faz a vigilância e o tratamento das formas fechadas e afasta as crianças dos focos de lepra, recolhendo-as a proventório. Faz, também, o censo dos leprosos e ensina a população a se defender da doença.

Uma das maiores tarefas do Dispensário de Tuberculose é a descoberta de casos novos por meio de aparelhamento especializado (raios X e abreugrafia), sendo que o Centro Modêlo dispõe, também, de planígrafo. Descobertos os casos, são os mesmos tratados na respectiva unidade sanitária, se possível, ou encaminhados para sanatórios ou hospitais, o que facilita a cura e preserva os sãos.

A luta contra as doenças venéreas é realizada no respectivo Dispensário, onde é feita a descoberta dos doentes e das fontes de contágio e são



Esquema da organização dos serviços do Departamento Estadual de Saúde

praticados os exames diagnósticos e dispensados os tratamentos profiláticos e de ataque, que tornam os doentes não contagiantes.

Em virtude da passagem, para o Departamento Estadual de Saúde, do encargo atribuído até bem pouco tempo ao Serviço Anti-Venéreo das Fronteiras, pelo Convênio neste sentido celebrado entre o Brasil e o Uruguai, no Centro de Saúde Modêlo da Capital bem como nos outros onze dispensários da fronteira, incluídos agora nos Postos de Higiene dessas localidades, o tratamento continua mesmo após o doente não ser mais contagiante.

O Centro de Saúde, assim como o Pôsto de Higiene, por meio do Serviço de Doenças Transmissíves agudas, procede à luta contra as doenças contagiosas, principalmente pela profilaxia agressiva que combate a doença já existente na localidade, valendo-se da notificação compulsória, do isolamento dos contagiantes, da desinfecção e desinfestação e da propaganda e educação sanitárias. Difundindo o emprêgo das diferentes vacinas, ensinando o meio de evitar as doenças transmissíveis, faz, ao lado dos outros Serviços, profilaxia defensiva, que procura criar um ambiente desfavorável à entrada ou disseminação das doenças epidêmicas.

Educação e Propaganda Sanitária, de valor inestimável, são praticadas a cada momento nos diversos Serviços por meio de conselhos, palestras, conferências, assim como pela imprensa, pelo cinema ou pelo rádio.

Com todos êstes recursos, o Departamento Estadual de Saúde, através suas unidades sanitárias (Centros de Saúde e Postos de Higiene), vem desenvolvendo regularmente seu plano de ação com grande eficiência, conforme pode atestar a população de todo o Rio Grande, que já sente a segurança de estar sua saúde defendida por uma organização modelar.



Centro de Saúde Modêlo (2) — Pôrto Alegre

ATIVIDADES DAS UNIDADES SANITÁRIAS NO ESTADO

(5 Centros de Saúde e 55 Postos de Higiene, em 1941)

	1939	1940	1941
POLÍCIA SANITÁRIA E SANEAMENTO			
Serviço dos Médicos:			
Visita a casas vazias	3.528	4.711	4.734
Visitas para atender reclamações	2.240	2.313	1.720
Visitas de polícia sistemática	20.615	27.799	29.682
Verificação de intimações	4.091	6.372	7.460
Serviço dos Fiscais:			
Visitas a casas vazias	12.996	20.170	21.566
Visitas para atender reclamações	4.494	5.212	4.758
Visitas de polícia sistemática	261.819	351.354	433.880
Verificação de intimações	33.045	55.116	58.106
Outras visitas	51.831	91.442	87.423
HIGIENE DO TRABALHO			
Serviço dos Médicos:			
Visitas para licenciamento de estabelecimentos	654	644	795
Visitas de inspeção sistemática a fábricas e oficinas	1.590	2.878	4.238
Outras visitas	3.323	3.842	4.706
HIGIENE DA ALIMENTAÇÃO			
Serviço dos Médicos:			
Visitas para licenciamento de estabelecimentos	1.369	1.493	1.347
Visitas para atender reclamações	984	1.161	1.139
Visitas de polícia sistemática a feiras	458	580	715
Outras visitas de polícia sistemática	8.612	15.073	13.148
Visitas de inspeção a matadouros avícolas, armazéns e mercados	6.067	8.719	10.496
Aves e pequenos animais inspecionados nos matadouros avícolas	518.575	755.862	564.332
Aves e pequenos animais inutilizados por impropriedade para o consumo	12.200	4.831	10.981
Carteiras de manipuladores fornecidas	26.418	24.660	22.466
Carteiras de manipuladores revalidadas	4.578	15.599	23.726
Serviço dos Fiscais:			
Visitas de inspeção a matadouros avícolas, armazéns, trapiches e mercados	53.961	87.257	85.967
Gêneros inspecionados nos armazéns e trapiches (toneladas)	478.884	659.208	588.265
Gêneros inutilizados por impropriedade para o consumo (quilos)	93.075	311.283	9.076.261 (*)
DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS AGUDAS			
Casos de doenças transmissíveis notificados	13.994	18.489	17.605

(*) Enchente de Maio de 1941.

	1939	1940	1941
Casos de noenças transmissíveis confirmados	9.713	12.111	13.513
Investigações epidemiológicas realizadas por médicos	5.082	5.689	5.813
Investigações epidemiológicas realizadas por educadoras sanitárias	3.954	3.875	4.189
Vacinações contra a varíola	172.924	134.741	130.383
Revacinações contra a varíola	78.073	95.642	92.917
Pessoas imunizadas contra febre tifóide	78.283	146.136	253.060
Pessoas imunizadas com anatoxina diftérica	5.014	16.223	19.566
Pacientes medicados com sôro anti-diftérico	456	1.029	1.306
Contagiantes internados em hospitais	1.408	1.410	1.489
Visitas de educadoras sanitárias	14.097	14.181	15.651
SÍFILIS			
Comparecimentos para primeiro exame	18.059	20.784	20.469
Comparecimentos de suspeitos p.ª reexame	16.760	26.628	30.982
Doentes com manifestações primárias	3.314	3.403	3.251
Doentes com manifestações secundárias	6.492	9.610	14.144
Doentes com manifestações viscerais	2.621	6.902	7.946
Total de consultas	29.819	47.362	51.451
Injeções Arsenicais	11.743	17.316	15.266
Injeções de Bismuto	52.609	121.147	152.055
Injeções Mercuriais	20.956	32.482	23.473
Outras injeções	24.336	57.191	53.554
Total das injeções	109.644	228.136	244.348
Amostras de sangue colhidas para Wassermann	4.785	8.152	7.876
TUBERCULOSE			
Comparecimentos para primeiro exame	8.760	15.930	13.643
Comparecimentos para reclassificação	3.422	6.665	5.426
Reconhecidos como tuberculosos	4.744	2.687	2.348
Comparecimentos para consultas	12.889	35.040	36.257
Comparecimentos para pneumatórax	3.042	7.145	6.570
Total de consultas	28.113	64.780	61.896
Comunicantes que compareceram a primeiro exame	1.807	2.890	2.222
Radioscopias executadas	5.380	6.978	4.592
Radiografias executadas (inclusive roentgenfotografias)	7.651	41.740	47.634
Fórmulas medicamentosas fornecidas	19.378	40.695	53.651
Injeções de preparados de ouro	1.171	3.330	3.175
Outras injeções	55.264	144.761	159.038
Tuberculosos internados em hospitais	578	660	635
Visitas de educadoras sanitárias	4.822	9.996	9.910
Imunizações por B. C. G. efetuadas por educadoras sanitárias	3.797	6.172	7.282
Reações tuberculínicas	1.494	5.657	4.539
Intervenções cirúrgicas	—	8	183
LEPRA			
Comparecimentos para primeiro exame	894	2.888	2.974
Total dos pacientes atendidos por médico	28.113	64.780	3.481
Reconhecidos como leprosos	192	230	153
Comparecimentos para injeções de preparados Chaulmoógricos	2.147	2.726	1.710
Visitas de educadoras sanitárias	338	570	398
Discriminação:	*Até 1939*	*Até 1940*	*Até 1941*
Leprosos fichados	416	591	742
Casos suspeitos fichados	7	28	64
Comunicantes de lepra fichados	2.474	3.481	4.178
Leprosos em tratamento nos dispensários	7	47	60
Comparecimento de leprosos aos dispensários	10	47	45
Leprosos existentes nos leprosários no último dia do ano	98	348	456
Comunicantes existentes nos preventórios no último dia do ano	—	56	75
Altas de leprosos (hospitalares condicionais e definitivas)	—	2	14

	1939	1940	1941
HIGIENE DA CRIANÇA			
Infantes:			
Comparecimentos para matrícula e primeiro exame	14.040	20.896	25.754
Comparecimentos para reexame e consulta	23.092	59.184	83.043
Socorros de alimentos distribuídos	294.511	933.189	1.455.731
Pre-Escolares e Escolares:			
Comparecimentos para matrículas e primeiro exame	12.885	27.390	29.648
Comparecimentos para reexame e consulta	13.221	46.270	68.561
Visitas de educadoras sanitárias (inclusive Infantes)	38.507	96.444	100.626
SERVIÇO PRE-NATAL			
Comparecimentos para primeiro exame	4.811	8.471	9.119
Comparecimentos para reexame ou consulta	11.231	20.797	22.947
Comparecimentos para exame post-natal	510	1.388	1.194
Gestantes cuja assitência foi permitida a parteiras	2.353	4.092	4.608
Pacotes obstétricos fornecidos	376	1.207	1.692
Comparecimentos de parteiras para instrução	1.766	2.613	2.755
Visitas de educadoras sanitárias	10.913	16.619	14.137
HIGIENE DENTÁRIA			
Para crianças:			
Total dos comparecimentos	15.829	46.135	55.531
Extrações	4.717	11.861	15.872
Obturações	4.029	13.508	18.529
Curativos	19.285	62.168	65.595
Para gestantes:			
Total dos comparecimentos	2.094	6.621	10.210
Extrações	1.073	2.780	5.026
Obturações	479	1.670	2.950
Curativos	2.807	9.007	10.712
LABORATÓRIOS DOS C. S. e P. H.			
Exames realizados:			
Tuberculose	4.000	6.384	7.950
Lepra	516	827	993
Blenorragia	482	565	1.129
Verminoses	2.932	8.429	20.641
Malária	1.256	792	308
Exames de urina	11.410	29.179	30.253
Outros exames praticados	1.847	7.066	48.329
Total dos exames praticados	22.443	53.242	109.603
OFTALMOLOGIA			
Comparecimentos para primeiro exame	3.607	7.066	8.269
Reexames e consultas simples	3.474	6.975	10.604
Tratamentos	13.102	15.349	18.764
Prescrição de vidros corretivos	319	960	4.021
OTORRINOLARINGOLOGIA			
Comparecimentos para primeiro exame	2.880	6.329	5.778
Reexames e consultas simples	2.058	6.050	6.321
Amigdalectomias	137	380	272
Adenoidectomias	310	399	300
Tratamentos	2.202	6.829	9.017

SERVIÇOS ESPECIAIS EM PORTO ALEGRE

	1939	1940	1941
SERVIÇO DE POLÍCIA DE FOCOS DE MOSQUITOS			
Número de prédios inspecionados	647.018	767.349	766.293
Número de prédios com focos de mosquitos	37.880	35.818	24.962
Número de prédios com focos externos de mosquitos	15.887	14.678	11.853
SERVIÇO DE DESRATIZAÇÃO			
Número de doses de raticida preparadas	598.003	543.448	575.721
Número de doses de raticida distribuídas	706.328	546.768	513.299
Número de prédios vtsitados	43.891	29.810	73.112

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS SERVIÇOS ESTATÍSTICOS NO RIO GRANDE DO SUL

Por ALBANO GASPAR DE OLIVEIRA

A Estatística e os Governos da Província

Os primeiros esboços de estatística surgiram no Rio Grande do Sul no Govêrno Militar de Sebastião Xavier da Veiga Cabral, que mandou proceder o levantamento do número de capatazes, peões, carretas, carros, animais domésticos de diversas espécies, escravos, tropas espalhadas pelo Continente, bem como da sementeira e colheita do trigo das safras de 1783 a 1789 e cujos mapas de apuração encaminhou ao Vice-Rei, em 1790. Tratava-se entretanto de trabalho rudimentar, sem nenhuma coordenação e desprovido de espírito de continuïdade, pois satisfazia apenas exigências do momento. Assim indicavam os documentos da época, porque só nove anos após, em 1799, a história da Administração da Província regista a remessa de elementos demonstrativos do número de habitantes, tropa regular e irregular, comércio, agricultura e pecuária.

Em 1801, o Governador Militar João Roscio mandou fazer o recenseamento do Continente. Foi êsse o primeiro trabalho mais ou menos bem organizado que aquí se levou a efeito e que serviu de base às estimativas realizadas, anos após, pelo Conselheiro Antônio Manuel Corrêa da Câmara. O censo da população da Província, concluído em 1803, foi remetido ao Visconde de Anadia pelo Governador Paulo José da Silva Gama e constava das seguintes peças: população, excluída a tropa e crianças com menos de um ano de idade; número de reses abatidas nos açougues; notas sôbre a exportação e importação.

Em 1805 eram encaminhadas as relações das embarcações que entraram na barra em 1803 e das que navegaram os rios do interior, bem como um quadro comparativo da importação e exportação de 1803 e 1804. Sôbre o ano de 1806 apenas um mapa da população foi remetido.

Constituiam os enviados, até 1833, simples documentos de expressão parcial da vida regional, quando resolveu o Conselho Administrativo confiar ao bacharel português José Marcelino da Rocha Cabral a organização da Estatística da Província.

A "Quinta Memória", do sr. Antônio Gonçalves Chaves, constitue uma obra notável sôbre a estatística daquele tempo, revelando a preocupação do seu autor em mostrar o quanto era necessário à Administração o conhecimento dos índices estatísticos, e tecemos, mais adiante, alguns comentários em tôrno da mesma.

Outro documento interessante sôbre a história da organização estatística, na Província, é o ofício em que o sr. Francisco Xavier Ferreira, membro destacado da Administração e, depois, deputado à Constituinte, apresenta ao Govêrno sugestões sôbre a forma por que podia ser constituída a estatística do Rio Grande do Sul.

Afora êsses dois elementos que comprovam as nossas afirmativas acima, podemos evocar, ainda, o fato de haver o Govêrno incumbido ao Cel. Pedro César de reünir os documentos existentes no arquivo do Palácio do Govêrno, e outros, afim de coordenar os trabalhos estatísticos de 1826 a 1830.

Nas "Memórias Ecônomo-Políticas", de Antônio José Gonçalves Chaves, trabalho reeditado sob a direção de J. B. Hafkemeyer, S. J., na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, depara-se, na "Quinta Memória", "Sôbre a Província do Rio Grande de São Pedro em Particular", um interessante estudo sôbre a estatística, elaborado em 1822. E' surpreendente o trabalho realizado, naquela época, pelo português Antônio José Gonçalves Chaves, cidadão de grande cultura que, no dizer do aludido historiador, "foi o primeiro que organizou uma estatística do Comércio de importação e exportação da Província para mostrar aos poderes públicos o quanto era ela mal aquinhoada na distribuïção de graças e favores, liberalmente concedidos a outras que não tinham os mesmos elementos de vida".

De fato, na "Quinta Memória", se encontram quadros comparativos da exportação de 1805 a 1820, pela Praça de Pôrto Alegre; mapas da exportação pela fronteira do Rio Grande; produções e preços, nos anos de 1816 a 1822; quadros da importação por procedência, além de interessantes observações sôbre outras matérias relacionadas com a estatística econômica, moral e social.

Na parte em que o sr. Antônio José Gonçalves Chaves investiga o sentido e a origem da palavra estatística, procurando salientar a finalidade dessa disciplina, assim se externou: "Hum fim tão magestoso não se consegue sómente com simples nomenclatura, e colleçoens de quadros; mas sim adicionando arrosoamentos e reflexões scientificas fundadas em fatos e doutrinas, que condusão ao conhecimento evidente de todos os elementos politicos, e a melhor maneira de tirar d'elles a maior vantagem possivel para o Estado Social".

De 1835 a 1845 a estatística caíu em esquecimento, pois o surto revolucionário que dominava a Província não comportava outras preocupações além das de caráter bélico.

Em 1845, o Duque de Caxias, Governador Militar e Civil da Província, nomeou o Conselheiro Antônio Manuel Corrêa da Câmara para organizar os serviços de estatística. E êsse abnegado e inteligente servidor público realizou um trabalho digno de ficar registado na história do Rio Grande. Sôbre a obra estatística e a personalidade, por tôdas as razões singular, do Conselheiro Antônio Manuel Corrêa da Câmara encontramos algumas páginas no livro "Os Corrêas da Câmara", da autoria do laureado historiador gaúcho Aurélio Pôrto, onde está fixada, de maneira surpreendente, a individua-

lidade dêste benemérito da Estatística do Rio Grande.

A Província tinha uma repartição de Estatística organizada, e à sua direção a vasta cultura, a brilhante inteligência e o idealismo do Conselheiro Antônio Manuel Corrêa da Câmara. Uma era de realizações florescia para a Administração da Província. Mas a morte mui cedo ceifou a vida dêsse sábio e técnico de quem muito, ainda, esperava o Rio Grande e, quiçá, o Brasil. Com a morte do Conselheiro Antônio Manuel Corrêa da Câmara entrava, também, em agonia a promissora Estatística da Província, que, em 1850, era extinta por falta de recursos.

Seis anos mais tarde, em relatório, o Presidente Jerônimo Coelho, revelando o quanto desconhecia do assunto e do trabalho do Conselheiro Antônio Manuel Corrêa da Câmara, afirmava que a Província nada possuía sôbre estatística.

Pela lei n.º 367, art. 32, de 4 de março de 1857, foi a Administração autorizada a fazer as despesas indispensáveis para obter e coligir todos os papéis e documentos que pudessem ser úteis à organização da Estatística da Província, sendo nomeado para êsse fim, no mesmo ano, o Tenente-Coronel José dos Santos Pereira.

Em 1859, a lei n.º 428 de 8 de janeiro autorizou o Presidente a dar regulamento à Repartição de Estatística, aplicando quanto possível seus esforços em organizar o cadastro da Província.

Em 1864, não tendo sido distribuída verba para pagamento do pessoal, é extinto o Departamento de Estatística, de acôrdo com a Lei 578, de 12 de maio do mesmo ano.

Quando parecia surgir uma esplêndida oportunidade para a estatística, esta desaparecia como uma das cousas inúteis da Administração.

Em 1867 foi encarregado da Estatística da Província o Engenheiro Eleutério Camargo.

Resumindo a história da estatística no período dos governos provinciais, podemos afirmar que, não obstante a compreensão de alguns administradores e o alto espírito patriótico dos seus dirigentes, êste importante ramo da administração do Estado teve uma vida obscura, pois jamais logrou encontrar o amparo e o prestígio que lhe eram devidos, mesmo porque até os Poderes Públicos, como vimos, nem sempre dispensaram aos serviços de tal natureza a atenção e a solicitude que êles mereciam. Em ofício de 29 de outubro de 1861, um dos presidentes declarou ao Encarregado da Estatística que "sentia não poder satisfazer o seu pedido feito no sentido de se adicionar ao relatório do Presidente antecessor o daquele Encarregado".

A Estatística no Regime Republicano

No período republicano, a Estatística Riograndense encontrou a atmosfera ideal para o seu amplo desenvolvimento, pois, embora lentamente, ela foi conquistando tôdas as etapas necessárias ao seu integral aperfeiçoamento.

Um dos primeiros atos do saüdoso Visconde de Pelotas, ao assumir o Govêrno do Rio Grande, foi o da criação da Repartição de Estatística, de cujo passado já só existem alguns trabalhos recolhidos ao Museu. Justificando o seu ato n.º 32, de 29 de dezembro de 1889, que criou a Repartição de Estatística, como uma das três Diretorias da então "Superintendência das Obras Públicas", assim se expressava aquele eminente estadista, a quem não faltava nítida compreensão do valor da estatística para elaboração dos planos de administração: "Considerando ser de absoluta necessidade criar uma repartição que especialmente se encarregue de colher dados estatísticos que possam servir de base à solução dos múltiplos problemas que ao Estado cumpre resolver"...

Por Ato n.º 185, de 12 de maio de 1892, o Govêrno de então, "reconhecendo que o serviço de estatística é de utilidade universalmente reconhecida e portanto necessário", tratou de reorganizar a Repartição, declarando que em tal reforma tinha por fim o tradicional princípio de manter a continuïdade do serviço.

Pelo Decreto n.º 42, de 10 de janeiro de 1895, a Diretoria de Estatística, que até então funcionara na Secretaria das Obras Públicas, foi anexada à do Interior, constituindo a 3.ª Diretoria da Repartição Central, conforme discriminação feita depois taxativamente pelo art. 5.º das DISPOSIÇÕES REGULAMENTARES do Decreto n.º 119, de 31 de dezembro de 1897.

Em 1906 (Decreto n.º 876, de 8 de Março) constituíu-se a Repartição do Arquivo Público, Estatística e Biblioteca, subordinada à Secretaria do Interior.

Por dec. n.º 1.435, de 11 de fevereiro de 1909, o Govêrno do Estado, considerando o grande desenvolvimento que iam tendo os serviços afetos às Secções do Arquivo Público e a necessidade de dar autonomia a cada uma delas, resolveu desanexar, dessa Repartição, a Biblioteca e a Estatística, que passaram imediatamente a constituir duas Repartições autônomas.

Depois, pelo Dec. n.º 1.853, de 24 de junho de 1912, o Governador do Estado, — "considerando que o serviço de Estatística, abrangendo vários ramos da atividade humana, exige, porisso, uma série de conhecimentos; considerando, mais, que essa circunstância aconselha a divisão dêsse serviço por secções, de modo que o respectivo pessoal, obrigado ao estudo de menor número de assuntos, possa assim se especializar" — reorganizou a Repartição de Estatística, ficando constituída por três secções: a primeira, de Estatística Econômica; a segunda, de Estatística Política; a terceira, de Estatística Demográfica, cogitando também do número de funcionários do respectivo quadro.

O Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, que, no período presidencial (1908 a 1913), se notabilizou por uma soma inestimável de empreendimentos de grande projeção na vida econômica e social do Rio Grande, consubstanciou a sua magistral obra administrativa no setor estatístico, em dois decretos de inestimável valor histórico: o primeiro desanexando o Serviço de Estatística de outra repartição e dando-lhe a necessária autonomia, em 1909; o segundo, reorganizando, em 1912, seu aparelhamento dentro de normas eminentemente técnicas, com a criação de 3 secções especializadas que ainda hoje não sofreram solução de continuïdade quanto aos seus caraterísticos mais elementares.

No período governamental do Dr. Borges de Medeiros, cidadão de grande cultura filosófica, continuou a Estatística gaúcha, por largos anos, a gozar do mais alto conceito por parte da Administração que não regateava recursos materiais para o seu maior aperfeiçoamento técnico e científico. Para que nas suas linhas estruturais e na sistematização dos serviços a Estatística Riograndense pudesse nivelar-se às melhores organizações congêneres nacionais e estrangeiras, criou o Govêrno do Dr. Borges de Medeiros, em 1926, a rede de informações do Interior, nomeando, conseqüentemente, um delegado para cada comuna, afim de coletar os dados

nas próprias fontes. Esta instituïção das agências municipais, que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em sua alta sabedoria e intuição técnica, muitos anos depois, viria consagrar, em normas mais ou menos semelhantes, foi estabelecida mediante um convênio interadministrativo, firmado entre o Estado e os municípios, e constitue a primeira organização dêste gênero no País.

No Govêrno do Dr. Getúlio Vargas, recebeu a Estatística Gaúcha todo o apôio e prestígio a que fazia jus.

De 1930 a 1936, a Repartição Estadual de Estatística esteve com a sua atividade quasi que totalmente paralisada pela falta do mais elementar material de levantamento e apuração. Assim, após um longo período de brilhante atividade em que a Estatística do Estado parecia ir adquirindo e aperfeiçoando, a passos largos, todos recursos materiais e técnicos para desempenhar a sua inestimável missão de orientadora segura na gerência dos negócios públicos, a incompreensão dos governantes e, até mesmo, o desprêzo aos elementares deveres administrativos de prestação de contas sôbre a situação das múltiplas atividades de vida e trabalho do Rio Grande, transformaram o aparelhamento estatístico numa verdadeira inutilidade administrativa.

Em 1936 é retificado o convênio assinado, na Capital da República, entre o Estado e o Instituto Nacional de Estatística, para padronização das estatísticas brasileiras, firmado, em nome do Govêrno do Rio Grande do Sul, pelo seu representante Dr. Raul Pilla, então Secretário da Agricultura, que, a-pesar-da sua curta permanência na direção de uma das mais importantes pastas da Administração, se impos à consideração e reconhecimento dos obscuros obreiros da Estatística pelo interêsse e entusiasmo com que se empenhou na efetiva integralização dos serviços regionais nas normas traçadas pela Convenção.

O Dr. Raul Pilla, com o seu grande senso psicológico, fornecendo à custa de esforços o material necessário de coleta para a Repartição de Estatística, afim de que fosse reiniciada a sua patriótica atividade, quis, também, que os seus funcionários tivessem um padrão de vencimentos compatível com a sua missão e, porisso, os equiparou aos dos técnicos da Secretaria de Agricultura.

Em Janeiro de 1937, foi criada, pelo Decreto n.º 6385, a Junta Executiva Regional de Estatística, constituída de representantes de todos serviços de estatística do Estado e com a incumbência de cumprir e fazer cumprir as cláusulas da Convenção Nacional de Estatística e as resoluções da Assembléia Geral e Junta Executiva Central, bem como coordenar os trabalhos de todos serviços estatísticos no Estado.

Início de uma nova fase

No início do ano de 1938, a Administração Riograndense, integrada nos princípios sadios do Estado Novo com o Govêrno do saüdoso Gal. Daltro Filho, voltou, imediatamente, a sua atenção para o aparelhamento estatístico, arrendando um prédio especialmente para sua sede, e criando uma verba para instalação de um equipamento "Hollerith". Êsse último melhoramento deve-se, particularmente, ao esfôrço e interêsse do Dr. Edgar Luiz Schneider, membro da comissão do orçamento e seus demais colegas.

Para concluir a obra de renascimento que se vinha praticando na instituïção de Estatística do Rio Grande, entregue à mais lamentável indiferença e desprestígio, por longos anos, do poder público, o Gal. Cordeiro de Farias, que substituíu o Gal. Daltro Filho, solicitou a vinda de um técnico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para reorganizar os serviços de estatística do Estado, adaptando-os às normas daquela já consagrada instituïção, e dando todos os recursos necessários para êsse fim.

Desta missão foi incumbido o Sr. Pedro Barreto Falcão, como assistente técnico do Instituto, e, depois, como Diretor Geral da Diretoria de Estatística, que conseguiu realizar com êxito o encargo que lhe estava confiado.

Atividade Atual

Em Abril de 1939 assumiu a direção do Departamento Estadual de Estatística e a Presidência da Junta Executiva o Dr. Mem de Sá, em substituïção ao Sr. Pedro Barreto Falcão, designado para dirigir os trabalhos censitários no Estado. A administração do Dr. Mem de Sá marca o início de uma fase de fecunda atividade e de empreendimentos de grande relevância para a Estatística do Rio Grande. Um relato que fazemos a seguir, dos novos empreendimentos realizados e da situação de todos os trabalhos do Departamento atualmente permitirão uma visão nítida do grau de franca prosperidade dos serviços de Estatística do Estado.

Novas Realizações

1) A organização da Estatística Política e Social, compreendendo os seguintes inquéritos: Melhoramentos Urbanos, Assistência Médico-Sanitária, Asilos e Recolhimentos, Previdência e Assistência Social, Organizações de Classe e de Trabalho, Aspectos Negativos e Patológicos, Sinistros e Acidentes, Situação Administrativa, Finanças Públicas, Propriedade Imobiliária (Transmissões "Inter-vivos" e "Causa-mortis" e Inscrições de Hipotecas); Registros Públicos (Títulos protestados, transcrições de contratos, documentos e penhores); Movimento Judiciário (Ações iniciadas, condenações, execuções cambiárias e fiscais, inventários e arrolamentos, falências e concordatas, tutelas e curatelas, desquites e processos na Côrte de Apelação). A parte correspondente aos registros públicos, propriedades imobiliárias e movimento judiciário constitue os inquéritos mais completos no gênero existentes no País: (46 questionários);

2) A criação, por decreto n.º 48, de 13 de Abril de 1940, na Repartição Central de Polícia, de uma Secção de Estatística Policial, Criminal e Judiciária, diretamente subordinada ao Chefe de Polícia;

3) A criação, em 8 de Agôsto de 1941, sem novas despesas de pessoal, para o Estado, da Secção Especial de Indústria e Comércio, afim de tornar mais eficiente o trabalho de arrolamento da indústria fabril do Rio Grande e de organização do Cadastro Comercial, atendendo assim às disposições da Legislação Federal sôbre o Registro Industrial no País e abrangendo os seguintes inquéritos: Estatística Industrial (Indústria Fabril, Indústria Transformativa, Eletricidade); Prestação de Serviço; Cadastro Comercial; Movimento da Junta Comercial; (48 questionários);

4) A criação no Departamento, sem aumento de despesa pessoal para o Estado, da Secção de Estatística Militar, em 15 de Abril de 1942, prevista no Decreto Federal n.º 4181, de 16 de Março de 1941, para coligir e preparar os elementos indispensáveis às fôrças armadas da Nação, compreendendo o levantamento do cadastro de numerosos inquéritos já compreendidos nos outros serviços e mais: levantamentos especiais, como Cadastro Profissional (Médicos, farmacêuticos, veterinários, enfermeiros, dentistas, engenheiros, agrimensores, arquitetos, construtores, eletricistas, telegrafistas, rádio-amadores, mecânicos, motoristas, aviadores, operários e artífices em geral, por especialidade profissional, diplomados em administração e finanças, etc.); Situação dos estoques (Gêneros alimentícios em geral, matérias primas, produtos químicos e farmacêuticos, material sanitário, abrangendo instrumentos médico-cirurgicos e de ótica, material e instrumentos de medicina e cirurgia veterinária, naquilo que possam interessar às tropas em campanha, instrumentos de engenharia, material e instrumentos de transmissões e eletricidade, material de transporte em geral (vagões, locomotivas, auto-motrizes, automóveis e outros veículos a motor, aviões), viaturas de tração animal, material metalúrgico, armas, munições e explosivos, combustíveis e lubrificantes, matérias primas, máquinas e ferramentas destinadas ao funcionamento de fábricas, oficinas, usinas, etc., material de fabricação, reparação e conservação e peças avulsas necessárias à produção ou utilização dos recursos indispensáveis à Defesa Nacional, artigos e tecidos de vestuários, especialmente os empregados em fardamento, produção agrícola em geral, produção pecuária e avícola, preços correntes dos principais

artigos de consumo, gêneros alimentícios e matérias primas); Instalações e Alojamentos (Logradouros e prédios, alojamentos); Serviços técnicos e científicos (Serviços mantidos pelo Estado e pelos Municípios, utilizáveis pelo Govêrno Federal em caso de mobilização, movimento e pessoal dos institutos científicos e técnicos); (20 questionários e fichas);

5) A Inspetoria Geral que superintende os serviços de contrôle e orientação das agências de informações, também passou por completa reorganização. Dotada, atualmente, de um aparelhamento material e pessoal eficiente, está desenvolvendo a sua ação articuladora com incontestáveis resultados na melhoria dos nossos inquéritos;

6) A reorganização da rede de coleta de informações com a substituïção dos titulares das agências que não estavam em condições de desempenhar as complexas atribuïções do cargo; a obrigatoriedade do estágio dos agentes e candidatos e localização dos agentes itinerantes nas respectivas zonas, afim de atenderem, com mais rapidez e economia, às exigências do serviço. Estas providências vêm dando salutares resultados;

7) A racionalização dos serviços de apuração da estatística de exportação com a conseqüente modificação do código de classificação das mercadorias, procedência e destino;

8) O levantamento da estatística da importação, de cabotagem e longo curso, que vinha se tornando uma necessidade inadiável para a economia do Estado, foi iniciado a partir dêste ano pelo Departamento. Não basta saber quanto vendemos, mas, também, quanto compramos, pois, não obstante o aumento sempre crescente da nossa exportação, não sabia o Estado se as bases de sua própria economia estavam sendo solapadas, embora lentamente, pela maior saída de capital do que entrada. Portanto, o levantamento dos índices da nossa importação, permitindo exatas apreciações e estudos sôbre a nossa balança comercial, foi uma iniciativa que reflete uma alta compreensão dos nossos problemas de ordem econômica e que justificam, portanto, a maior conjugação de esforços possível para sua consecução.

Situação dos outros Serviços

Os outros serviços do Departamento vêm, também, ampliando e aperfeiçoando as suas investigações, acompanhando, assim, o ritmo de progresso que os métodos e a ciência vão imprimindo no âmbito da Estatística.

A Secção Econômica está com a incumbência de elaborar os seguintes trabalhos:

Produção Agrícola (Produção dos municípios do Estado, com especificação de suas culturas principais, área cultivada, rendimento médio, volume e valor, segundo as regiões); Produção Pecuária (População pecuária do Estado, Gado abatido nos matadouros e açougues, para consumo de carne verde, Gado abatido nos matadouros, açougues e estabelecimentos particulares, segundo as regiões, Gado abatido nas charqueadas, saladeiros e frigoríficos para charque, Gado abatido nas fábricas e frigoríficos, para conservas, congelação e banha, Gado bovino morto por moléstias e outras causas, Gado abatido nos matadouros e açougues, nas charqueadas e frigoríficos para charque, nas fábricas e frigoríficos para congelação, etc., em estabelecimentos particulares, animais mortos, segundo as regiões, Produção de graxa, Produção de banha, Produção de toucinho, Produção de lãs, Cadastro dos frigoríficos e charqueadas, Reprodução dos rebanhos, Produtos de frigoríficos, fábricas de conservas e refinaria de banha, segundo as regiões, Produtos de charqueadas, segundo as regiões; (38 questionários);

A Secção de "Circulação e Informações" abrange os seguintes inquéritos:

Estradas de ferro (Extensão e desenvolvimento da rede em tráfego, Material rodante e de tração, Combustível consumido, Tráfego e Movimento Financeiro da V. F. R. G. S.); Ferro Carrís (Serviços existentes no Estado); Rodoviação (Extensão total da rede rodoviária no Estado, segundo o tipo de pavimentação e propriedade, discriminação por municípios e regiões, segundo a espécie e finalidade, dos automóveis e outras espécies de veículos terrestres, registrados na Delegacia de Trânsito e Acidentes da R. C. P., no Estado); Navegação (Movimento Marítimo e Fluvial); Aeronáutica Civil (Tráfego aéreo comercial, por aeroportos); Correios e Telégrafos (Condições gerais do serviço, Tráfego postal e telegráfico, Movimento financeiro); Telefones (Redes telefônicas existentes no Estado, número de aparelhos, estações, assinantes, pessoal empregado e extensão total das linhas da Cia. Telefônica Riograndense, por municípios); Movimento Bancário (Relação dos estabelecimentos bancários em funcionamento no Estado, Ativos e Passivos dos bancos nacionais, do Banco do Brasil e suas filiais no Estado e dos bancos estrangeiros, segundo os balanços de 31 de Dezembro, Valor global dos principais títulos dos bancos nacionais e estrangeiros, Discriminação dos depósitos nos bancos nacionais e estrangeiros, Ativos e Passivos reais dos bancos nacionais com sede no Estado); Câmbio (Operações de câmbio livre e oficial, realizadas na praça de Pôrto Alegre); Comércio (Exportação geral do Estado, Exportação para o Exterior); (15 questionários).

Publicações

A "Sinopse de Pôrto Alegre", primeiro trabalho realizado no gênero, com os índices demográficos, econômicos, sociais e educacionais da Capital do Estado, expostos em séries interessantes de quadros retrospectivos e encerrando, em expressões numéricas, uma reconstituïção criteriosa da evolução histórica de Pôrto Alegre.

O "Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul", publicação interrompida desde 1927, agora aparece completamente ampliado e com uma feição técnica moderna. Os seus três volumes, correspondentes ao ano de 1941, encerram uma documentação valiosa sôbre a situação da vida e trabalho do Rio Grande, ressaltando o desenvolvimento que se vem operando em cada um dos seus setores.

As "Tábuas Itinerárias do Rio Grande do Sul", contendo as distâncias, percursos e meios de transporte entre as cidades e localidades do Estado, pela primeira vez, também, realizadas no Rio Grande do Sul, constituem um empreendimento de valiosa utilidade.

O "Anuário da Exportação", contendo minuciosos inquéritos sôbre o nosso comércio interno e externo, num período de 20 anos, constitue, também, particularizadamente, a primeira publicação no gênero realizada no Estado. O anuário de exportação, quer pela série retrospectiva dos inquéritos contendo minuciosos demonstrativos da escala do vulto e valor de cada um dos produtos exportados, quer pela feição prática e intuitiva com que estão expostos os números, torna-se uma publicação utilíssima e interessante para os estudiosos.



Edifício em que funciona o Departamento Estadual de Estatística

AS FÔRÇAS MILITARES

A TERCEIRA REGIÃO MILITAR

O Estado do Rio Grande do Sul compreende uma das Regiões Militares mais importantes do Exército Nacional, não só pelo número dos efetivos que possue nos seus quadros, como pela diversidade das tropas pertencentes a tôdas as Armas, que guarnecem o seu território.

Além de sua importância profissional, a 3.ª Região Militar, que tem a sua sede em Pôrto Alegre, reveste-se de um cunho de suma relevância, dados os antecedentes históricos que se entrelaçaram à vida de suas unidades militares, desde épocas bem remotas e em episódios culminantes de nossa formação político-social. Nomes de varões ilustres que hoje possuem seus nomes gravados em letras de ouro no panteão da Pátria História, aquí exerceram o seu comando, deixando traços indeléveis de sua passagem.

Assim temos as figuras dos valorosos e denodados militares Gal. Luiz Alves de Lima e Silva, mais tarde Duque de Caxias e hoje o Patrono do nosso Exército; Mal. Manoel Luiz Osório, o Legendário, e o Mal. Deodoro da Fonseca, que mais tarde ocupou a curul presidencial como primeiro mandatário da era republicana.

Todos os governos, tanto os da época monárquica como os do atual regime, sempre tiveram o maior cuidado e as maiores atenções com os corpos do Exército sediados no Rio Grande do Sul, devido a situação geográfica dêste.

E o clarividente govêrno do Estado Novo que se vem dedicando com interêsse especial às questões da defesa nacional, mais do que qualquer outro, tem providenciado para que as guarnições da 3.ª Região Militar sejam constituídas de tropas de **elite**, pela excelência do material, pela competência técnica dos oficiais e pela preparação profissional dos soldados.

Assim é que a questão do Comando tem merecido uma maior atenção do Govêrno. Para comandar a 3.ª Região Militar, têm sido sempre escolhidos generais capazes, pelas suas qualidades de chefe, pelo seu senso de organização, pelos vastos conhecimentos dos problemas ligados à defesa nacional.

Na situação atual, o Govêrno da República foi felicíssimo quando enviou para o comando das tropas sediadas no Rio Grande do Sul o Gen. Valentim Benício da Silva, uma das mais brilhantes figuras do Exército Brasileiro, respeitado pela cultura e pelas grandes qualidades de soldado. A maneira como S. Excia. vem comandando a 3.ª Região Militar, os melhoramentos que tem introduzido, a disciplina e a simpatia que tem sabido conseguir de seus comandados, justificam plenamente essa escolha.

S. Excia. tem a assistí-lo imediatamente como seu chefe de Estado Maior, o Sr. Cel. Antônio de Alencastro Guimarães, oficial emérito, possuïdor de uma bela fé de ofício, e que presta ao Comando da Região uma cooperação valiosíssima e eficiente. As funções de Sub-Chefe do Estado Maior são exercidas pelo Ten. Cel. Corrêa Lima.

À frente das quatro secções, de que se compõe o Estado Maior Regional, encontram-se oficiais de grande tirocínio e de indisputado valor profissional.

Os vários serviços que funcionam como órgãos intermediários da execução administrativa estão assim discriminados:

SERVIÇO DE INTENDÊNCIA.
SERVIÇO DE FUNDOS.
SERVIÇO DE VETERINÁRIA.
SERVIÇO DE TRANSMISSÕES.
SERVIÇO DE SAÚDE.
SERVIÇO DE ENGENHARIA.
INSPETORIA DOS TIROS DE GUERRA.
ESTABELECIMENTO DE SUBSISTÊNCIA.
7.ª DIVISÃO DE LEVANTAMENTO.
8.ª CIRCUNSCRIÇÃO DE RECRUTAMENTO.

As unidades e estabelecimentos, sediados em Pôrto Alegre, são os seguintes:

7.º BATALHÃO DE CAÇADORES.
ESCOLA PREPARATÓRIA DE PÔRTO ALEGRE.
CENTRO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA.
3.º REGIMENTO DE CAVALARIA DIVISIONÁRIA — "REGIMENTO OSÓRIO".
HOSPITAL MILITAR DIVISIONÁRIO.
3.ª FORMAÇÃO DE INTENDÊNCIA.
3.ª FORMAÇÃO SANITÁRIA.



O Comandante da 3.ª Região Militar, General Valentim Benício da Silva.

S. Excia. nasceu em Uruguaiana, neste Estado, a 14-2-1883, filho do Dr. João Benício da Silva e de d. Josefina Gonçalves Viana da Silva. Verificando praça a 20-8-1900, no 30.º B. I. de Alegrete, neste Estado, nele foi promovido a cabo, furriel e 2.º sargento. Nesta qualidade seguiu para a Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo, curso que terminou em 3 anos.

Em 1904 matriculou-se na Escola Militar do Brasil, no curso das três armas (Infantaria, Cavalaria e Artilharia), interrompeu-o por fechamento da Escola, matriculando-se, então (1905), na Escola de Direito de Pôrto Alegre. Voltando àquela Escola logo após sua abertura, terminou os cursos, sendo nomeado aspirante a oficial (1908).

Promovido a 2.º tenente de Cavalaria em 25-6-1909; a 1.º tenente por estudos em 19-1-1916; a capitão por estudos em 8-9-1920; a major por merecimento em 19-7-1928; a tenente-coronel por merecimento, tendo executado levantamento expedito de grande parte da região, até então quasi desconhecida.

Nesse meio tempo, de 1919 a 1923, teve papel saliente no Estado Maior da Missão Militar Francesa (General Durandin e, depois, General Gamelin). De 1923 a 1927, foi Adido Militar à Embaixada do Brasil na Argentina. Voltando ao Brasil, foi nomeado comandante do 11.º R. C. I., em Ponta Porã, tomando, mais tarde, parte ativa no movimento revolucionário de outubro de 1930, sendo nomeado secretário da Junta Governativa. Extinta esta junta e promovido, depois, a tenente-coronel, foi nomeado comandante da Escola de Cavalaria, cargo que exerceu de 1931 a 1935, cumulativamente com o de comandante do Regimento Andrade Neves. Nesta qualidade, fez a campanha de 1932, no Vale da Paraíba, sempre na vanguarda do Destacamento Daltro.

Em maio de 1935 foi nomeado Chefe do Estado Maior do 2.º Grupo de Regiões Militares. Em 1936 foi nomeado Chefe do Estado Maior da 1.ª Região Militar. Em dezembro foi nomeado Chefe do Gabinete do Ministro da Guerra. Promovido a general de Brigada, em dezembro de 1937 foi nomeado comandante da 1.ª Brigada de Infantaria e da Guarnição da Vila Militar e Deodoro. Exonerou-se em novembro de 1938 por ter sido nomeado Secretário Geral do Ministério da Guerra, em cujas funções foi auxiliar imediato e substituto do Ministro em seus impedimentos eventuais.

Militar por todos os títulos brilhante, exerceu ainda diversas comissões extraordinárias, tendo sido distinguido por numerosas condecorações nacionais e estrangeiras. Além disso, tem diversos trabalhos editados, bem como alguns inéditos.

Nomeado por decreto de 27-2-1942, o General Benício assumiu a 23 de abril daquele ano o comando da 3.ª Região Militar, Região sediada em seu Estado natal e onde serviu como subalterno e capitão.

A BRIGADA MILITAR DO ESTADO

Sua origem e evolução

Com uma fôlha de brilhantes serviços à causa do Rio Grande e do Brasil, a Brigada Militar dêste Estado enche-nos de orgulho pelas glórias imarcescíveis que há conquistado. Dentro e fora de nossas fronteiras, face à desordem e à desintegração internas ou às lutas externas, esta brava e veterana fôrça esteve em todos os tempos à altura de suas tradições de honra e heroísmo. Cheia de nobres aspirações e animada sempre de uma grande capacidade realizadora, constituíu e constitue penhor seguro da estabilidade necessária à soberania e ao progresso nacional.

Sua origem provém da necessidade de garantir a integridade do País, assegurar a ordem pública e defender as instituïções-pátrias. Remonta a 1737, quando da fundação oficial do Rio Grande do Sul.

Época singularmente dolorosa, em que grandes lutas se travam em defesa da terra ameaçada por diferentes ambições de domínio, não escapa o Rio Grande às conseqüências oriundas de tão magna quão delicada questão. Sofre-as durante largo tempo, como decorrência inevitável dos ataques inimigos dirigidos ao solo brasileiro.

Sujeita a todo o momento às suas constantes e perigosas investidas, a então Província de São Pedro, no desempenho da gloriosa mas pesadíssima missão de sentinela avançada da Pátria, mais que qualquer outra, necessitava, por conseguinte, de fôrças militares capazes de opor-lhes eficaz resistência.

Daí a nobre e patriótica iniciativa dos formadores das estâncias gaúchas. Despertando-a para a solução do momentoso problema, organizam e põem ao serviço da Nação os primeiros núcleos armados. Embora organizados à moda do tempo, sem disciplina nem instrução sistematizada, e tendo por armas os mais rudimentares apetrechos bélicos então em uso, já, entretanto, garantem a vida e a propriedade de seus patrícios e colaboram na defesa da Pátria, exposta, assim, à luta pela definição e consolidação de direitos territoriais.

É a fôrça militar riograndense em plena formação.

Tais méritos, sem dúvida, impressionaram os homens responsáveis pelo organismo político-social do Rio Grande do Sul.

Assim que, em 1837, ainda nos albores da nossa emancipação política, quando as exigências da comunhão mais se acentuavam, sua existência toma forma legal de organização militar. E pela Lei n.º 7, de 18 de novembro, resolve o Governador da Província, General Antônio Eliziário de Miranda Brito, criar o Corpo Policial do Rio Grande do Sul, com organização, disciplina e vencimentos idênticos aos do Exército Nacional.

Em 1873, porém, é, pela Lei n.º 874, de 26 de abril, extinto o Corpo Policial e organizada em sua substituïção a Fôrça Policial.

Com a Proclamação da República, em 1889, passa por transformações diversas, sendo por fim aproveitados os seus elementos na organização da Guarda Cívica, criada por Ato de 26 de dezembro. Pouca duração, no entanto, teve essa corporação. Com o afastamento do dr. Júlio Prates de Castilhos do Govêrno do Estado, o vice-governador provisório, no denominado Governicho, em 1892, dá-lhe nova organização, passando a denominar-se Corpo Policial do Estado.

Extinto, em 9 de junho do mesmo ano, o Corpo Policial, é, por Ato n.º 22, criada a Brigada Policial. Com a queda do Governicho, volta a ter a denominação de Guarda Cívica, mais uma vez com diminuta duração, porisso que, a 15 de outubro, ainda em 1892, é, finalmente, criada a Brigada Militar do Estado, compreendendo: Comando Geral e Estado Maior; corpos de infantaria e de cavalaria; e corpos de reserva, com a mesma finalidade da tropa efetiva.

Consoante se verifica, a tropa riograndense, acompanhando o evoluir do Estado, passa por uma série de transformações orgânicas e com denominações diversas, conseqüentes das alterações políticas nele verificadas.

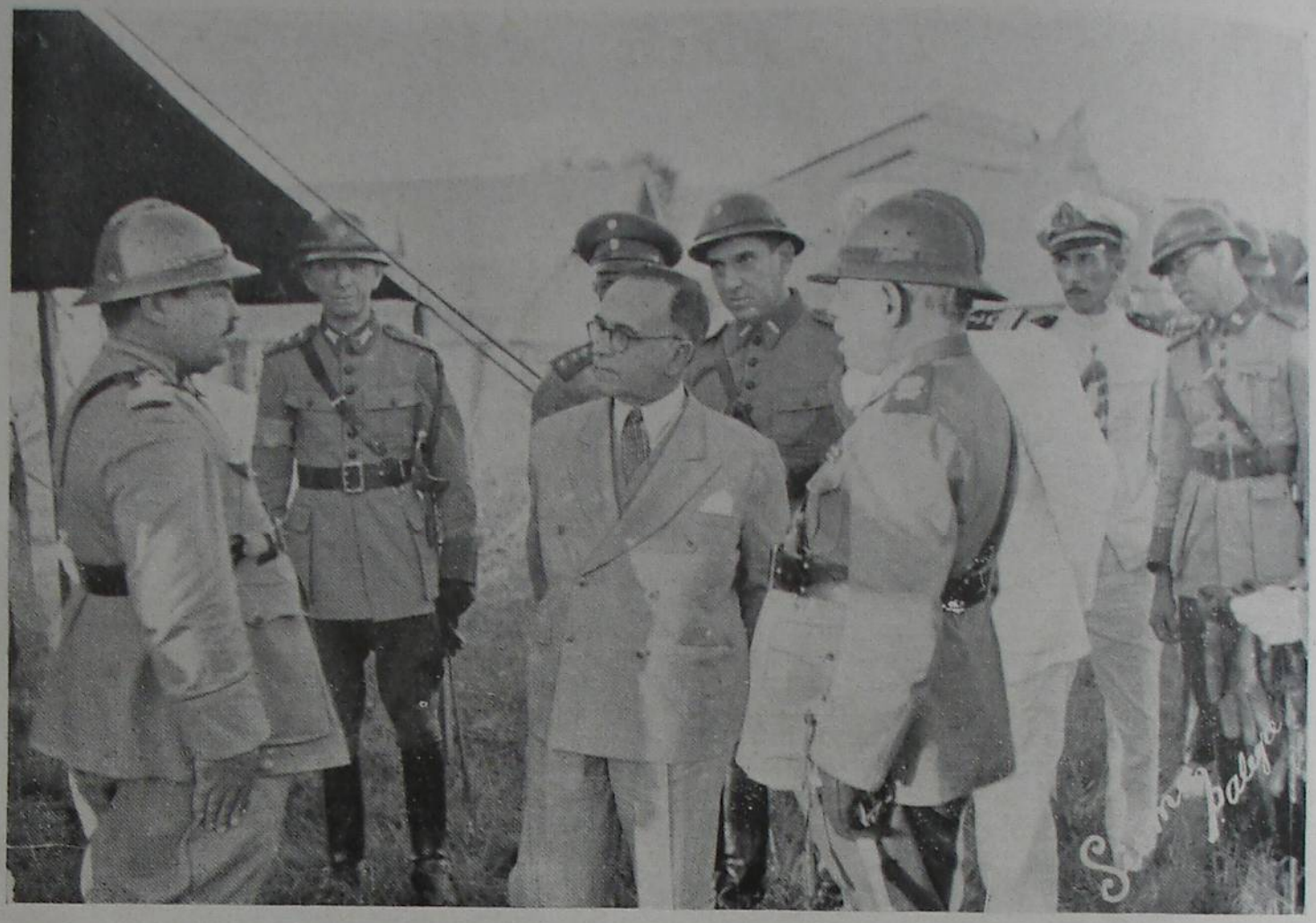
E não podia ser de outra forma. Ao par da gratidão devida a essa pléiade de bravos que velaram mais de um decênio pela tranqüilidade da família riograndense, também sentiram os seus dirigentes que nessa valorosa corporação existia o germe de um organismo capaz de produzir um esfôrço inigualável pelo bem da comunhão nacional.

Não regateou, pois, o Estado esforços no sentido de elevar o nivel moral e material de seus denodados servidores.

Daí o ajustamento dos quadros; a seleção dos valores; o despertar das energias e o estímulo ao levantamento moral da tropa, portadora então, como os fatos o demonstram, de reservas suficientes para, daí por diante, prestar os mais assinalados e relevantes serviços ao Rio Grande e ao Brasil.

Sua atuação na paz e na guerra

Dentro dêsse conceito, as suas unidades, constituídas já sob o clarão sinistro da revolução que enlutou o Estado, de 1893 a 1895, marcham para



MANOBRAS REGIONAIS DE 1940

O Exmo. sr. Presidente da República em visita à barraca do Coronel Ângelo Melo, na Direção de Manobras.

o campo da luta, onde, sob o fumo das batalhas e o tropel das cargas, completavam a sua organização, cimentadas com o sangue generoso daqueles que, nos primeiros reencontros, tombavam na defesa da ordem e das Leis.

Posta, nessa época, ao serviço do Govêrno Federal, empenhado na debelação do movimento revolucionário que, infelizmente, tanto perturbou o surto de progresso insuflado pelas idéias republicanas, soube a Brigada Militar corresponder aos motivos que determinaram a sua criação.

Nessa cruenta luta, teve ela atuação saliente. Palmilhando o Estado em tôdas as suas direções e transpondo suas fronteiras, como na verdadeira epopéia que foi a expedição da legendária Divisão do Norte ao Estado de Santa Catarina, tomou parte nas ações mais importantes e decisivas que se travaram. Combateu em Salsinho, Inhanduí, Upamarotí, Piraí, Serrilhada, Ibicuí, Mato Castelhano, Passo Fundo, Caroví, Bagé e Laranjeiras, conquistando, pelo seu denôdo, galhardia e bravura, uma auréola de admiração e respeito.

Se relevante foi a sua atuação em tão grave emergência, não menos proveitosa foi a sua cooperação na manutenção da ordem pública, durante o largo período de paz que se seguiu.

Nas fases difíceis que atravessa, de 1923 a esta parte, cumpre serena e bravamente o seu dever.

Em 1924, opera em São Paulo, por ocasião do movimento rebelde verificado naquele Estado. Valem como o testemunho mais eloqüente do seu valor e bravura, pela ação brilhante que alí desenvolvera, as seguintes palavras proferidas a respeito pelo então Presidente dêste Estado, dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros:

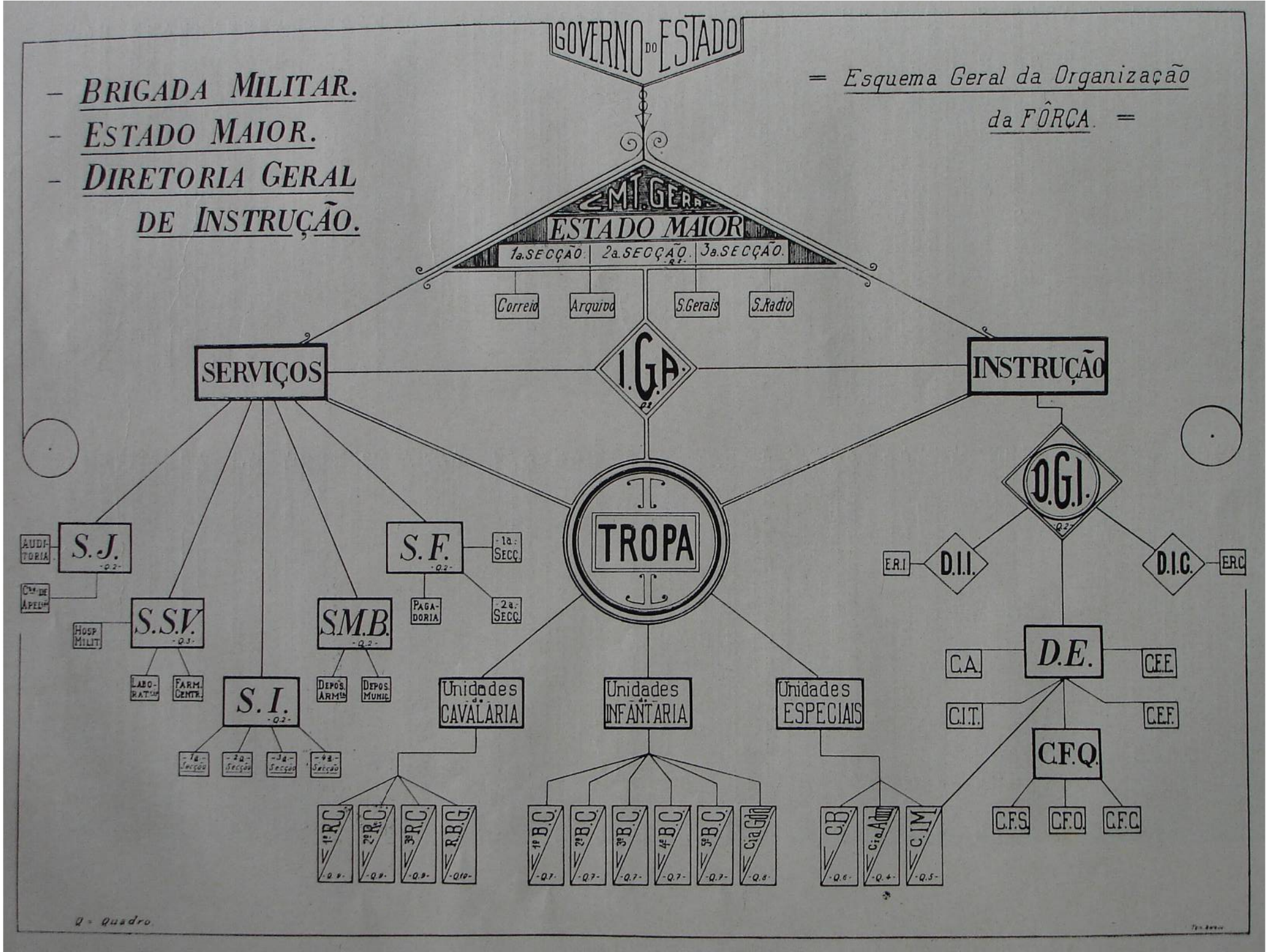
> "Na vossa conduta não é possível bem discernir e precisar o que é mais admirável, se a bravura espartana que revelastes, se os primores de uma educação militar que vos eleva ao nivel dos melhores soldados brasileiros."
>
> "A República não esquecerá os vossos feitos, que saberá galardoar, como eu não cansarei de proclamar a vossa glória e de velar pela vossa felicidade. Confiai na justiça da História e da Legenda".

Mal repousava e se reorganizava de uma cruzada de tantos sacrifícios, eis que, em menos de um mês de seu regresso, volta ao campo da luta, em conseqüência da rebelião que estalou no Estado, em outubro do mesmo ano.

Daí em diante, toma parte ativa em tôdas as operações de guerra desenvolvidas, renovando as provas de sua eficiência em feitos memoráveis como os de Guassú-Boi, Cêrro da Conceição e Ramada, além de outros de menor vulto.

Aniquilado o movimento revolucionário no Estado, conserva-se em serviço de guarnição e vigilância.

Pouco depois, porém, novamente é chamada para operações de guerra nos Estados de Paraná e Santa Catarina. Nessa rude e penosa campanha, tão valiosos foram os serviços prestados pela tropa estadual que, referindo-se à sua atuação, em ofício que dirigiu ao Govêrno, assim se expressou o Sr. General Eurico de Andrade Neves, quando no comando da 3.ª Região Militar:



GOVERNO DO ESTADO
- BRIGADA MILITAR.
- ESTADO MAIOR.
- DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO.
= Esquema Geral da Organização da FÔRÇA. =
CMT. GERAL
ESTADO MAIOR
1a. SECÇÃO
2a. SECÇÃO
3a. SECÇÃO
Correio
Arquivo
S. Gerais
S. Radio
SERVIÇOS
I.G.A.
INSTRUÇÃO
TROPA
S.J.
AUDITORIA
Cte. DE APELAÇÃO
S.S.V.
HOSP. MILIT.
LABORAT.
FARM. CENTR.
S.I.
1a. Secção
2a. Secção
3a. Secção
4a. Secção
S.M.B.
DEPOS. ARM.
DEPOS. MUNIC.
S.F.
1a. SECÇ.
2a. SECÇ.
PAGADORIA
Unidades de CAVALARIA
Unidades de INFANTARIA
Unidades ESPECIAIS
1º R.C.
2º R.C.
3º R.C.
R.B.G.
1º B.C.
2º B.C.
3º B.C.
4º B.C.
5º B.C.
Cia. Gda.
C.B.
Cia. Adm.
C.I.M.
D.G.I.
E.R.I.
D.I.I.
D.I.C.
E.R.C.
D.E.
C.A.
C.E.E.
C.I.T.
C.E.F.
C.F.Q.
C.F.S.
C.F.O.
C.F.C.
Q = Quadro

"As fôrças riograndenses que participaram da recente campanha conduziram-se com tal valor e galhardia que arrancaram de todos os seus chefes os mais calorosos, os mais justos e expressivos elogios. É a Brigada Militar do Rio Grande do Sul, sem favor, a primeira dentre as fôrças auxiliares do Exército Brasileiro. V. Excia. tem justa razão de sentir-se orgulhoso por presidir os destinos dessa gente brava, abnegada e forte, lídima representação das tradições gaúchas, penhor de segurança para as instituïções republicanas".

Mas não vai até aí a sua abnegação e o seu alto espírito de sacrifício. Novas missões árduas e importantes reclamam a sua brava cooperação em outros Estados da União.

Sobrevindo novo movimento armado, expediciona ao norte do País, em 1926, cumprindo ainda o seu sagrado dever de fôrça mantenedora da ordem e da integridade nacional, dentro dos princípios que sempre nortearam a sua imutável conduta.

Finalmente, participa do movimento revolucionário de 1932. Acérrima defensora do princípio da autoridade, dá mais uma vez expressiva demonstração de devotamento à Pátria e alta compreensão de seus deveres. Honrando a confiança que lhe é depositada, coloca-se, de imediato, ao lado da legalidade, na debelação daquela luta inglória.

Como no passado, nos tempos imperiais, em que tomou parte em campanhas de sacrifícios ingentes, lutando pela integração do solo riograndense e participando da Guerra do Paraguai, porta-se, conseguintemente, na República, com a mesma intrepidez e firmeza inquebrantável na sua disciplina, na sua coesão, mau grado as duras provas por que passou.

Do alto nivel de sua educação cívica e militar, colocou-se sempre como sentinela vigilante da ordem e das Leis. Detentora digna e irrestrita da confiança do povo riograndense, agiu em todos os tempos no sentido da unidade-pátria, prestando inestimáveis serviços que, incontestàvelmente, lhe dão posição de relêvo entre os elementos da Defesa Nacional.

Em 1930, foi a pioneira do maior, do mais empolgante movimento da nacionalidade. Irmanada com o povo e tropas do Exército, teve destacada atuação, escrevendo a mais bela página de sua história militar.

A Brigada Militar dêste Estado, como vimos, esteve sempre ligada aos grandes movimentos que expressam o sentir profundo do nosso povo. Fiel à sua disciplina, ao seu amor à ordem e ao seu respeito às Leis, nunca deixou, pois, de sentir com o Brasil e pelo Brasil, disposta a todos os sacrifícios para bem servir à defesa comum.

Assim vem encontrá-la o Estado Novo, perfeitamente integrada na grande era de renovação nacional.

Inspirada no mais elevado sentimento de brasilidade, não podia ficar estranha a esta gigantesca emprêsa. E da forma brilhante, muitas vezes épica, como até então soube a sua alma heróica corresponder aos apelos do destino, não hesita, antes já da implantação do novo regime político, em atender à convocação do Presidente da República. Chamada, em tais circunstâncias, a prestar novos serviços à Pátria, ei-la mais uma vez a postos para colaborar em sua defesa, contra a marcha dissolvente e desagregadora que ameaçava, tenebrosamente, os gloriosos destinos nacionais.

Na sua fôrça militar, tem assim o Rio Grande do Sul um potencial magnífico de trabalho, de disciplina e de garantia à estabilidade do País e de suas instituïções.

Perfeitamente armada e equipada, exemplarmente instruída e disciplinada, em tudo se revela, portanto, na nobre missão que lhe incumbe desempenhar.

Entre êsses e outros empreendimentos, a contribuïção por ela prestada a notáveis iniciativas de interêsse geral, evidencia-se, também, pela sua atividade na construção de rodovias, estradas de ferro e linhas telegráficas, no interior do Estado, tarefas que há desempenhado com reais vantagens para o erário público.

E assim é que sua colaboração, valiosa como tem sido nos períodos agudos de nossa existência, se reflete com a mesma eficiência em setores outros que tão bem exprimem a fecundidade do seu trabalho e a alta significação do seu valor.

Destas majestosas realizações, dão-nos significativos testemunhos os honrosos conceitos há bem pouco emitidos, a propósito de sua conduta, pelos ilustres generais do Exército, Pedro Aurélio de Goes Monteiro e Estêvão Leitão de Carvalho:

"A posição da Brigada Militar (assim se expressa o Gal. Goes Monteiro) como fator de ordem, como corporação desciplinada, entre tôdas, e que na eventualidade provável de, no mais próximo futuro, poder ser chamada, de súbito, a prestar seu concurso eficaz e imediato à defesa de nossa integridade, deve merecer o carinho daqueles que se acham investidos das responsabilidades do alto comando das fôrças nacionais".

"Acompanhei-lhe a atividade nestes três anos de meu comando (palavras do Gal. Leitão de Carvalho). Conheço-a e conheço os seus elementos e êste conhecimento aumentou em mim a estima e consideração por ela. Vivendo na modéstia de seus serviços públicos, sem querer ostentar nem aparecer quando não lhe compete o momento, a Brigada Militar possue uma fortaleza de alma que deve admirar a todos".

Evolução cultural da tropa — Sua atual organização

Do exposto, verifica-se que a Brigada Militar procura manter-se à altura de sua atribuïção militar de reserva ativa do Exército Nacional, posição que honrosamente ocupa entre as Fôrças Armadas do País.

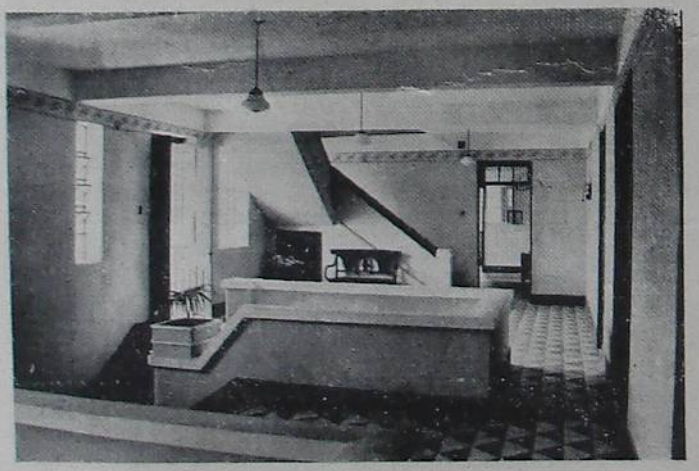
E graças à nítida compreensão que tem das responsabilidades que, como tal, lhe pesam, fecundo tem sido o trabalho por ela desenvolvido com o propósito exclusivo de dar aos elementos que a integram plena conciência de seus deveres. Nesse caráter, sua atividade se desdobra em todos os sentidos. Daí as profundas transformações por que tem passado nos últimos anos, quer quanto ao seu efetivo como no que respeita à sua estrutura e legislação militar e, de um modo especial, no tocante à instrução, ministrada em todos os seus ramos com o necessário e indispensável carinho.

No domínio do ensino militar, em particular, por se tratar de assunto do mais palpitante interêsse, pela sua importância nos tempos atuais, exi-



INSTRUÇÃO

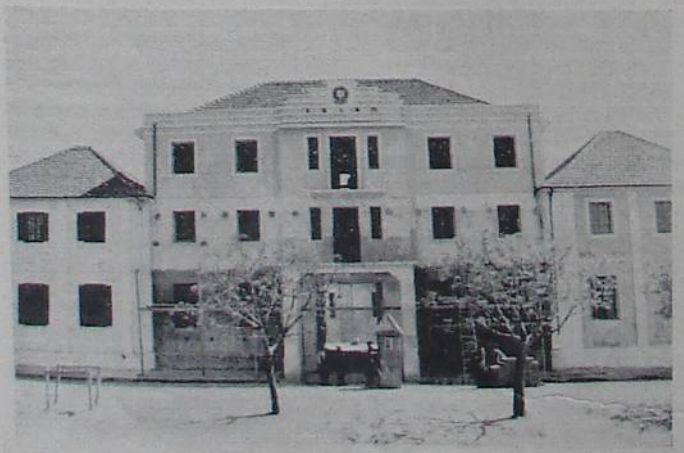
Palestra sôbre matéria de Instrução de Tiro — por oficiais de 4.º B. C.



Entrada do quartel do 1.º R. C. em Santa Maria

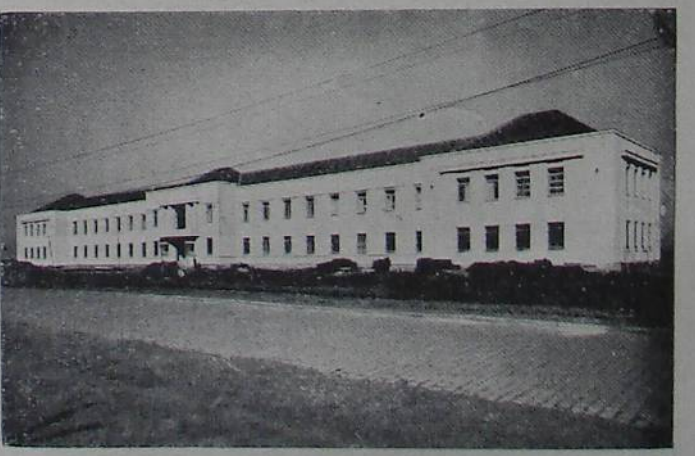


Vista externa do 1.º R. C. em Santa Maria



Fachada do edifício central do mesmo quartel

QUARTÉIS



O quartel da Cia. de Guardas em Rio Grande

gindo, como exige cada dia que surge, novos e especializados conhecimentos da arte da guerra, há de sua parte evidente preocupação em preparar quadros capacitados a lhe manter a eficiência e, destarte, poder corresponder plenamente às exigências do momento.

Criada a Diretoria Geral de Instrução, ligada diretamente ao Comando Geral, como órgão coordenador e orientador da instrução dos quadros e da tropa, entrou desde logo em funcionamento, como complemento a essa realização, o Centro de Formação de Quadros, cujas diretrizes decidiu o Govêrno do Estado, em março do corrente ano, mandar aplicar, em caráter transitório, até a sua aprovação definitiva pelo Exmo. Sr. Presidente da República.

Destina-se êsse departamento de ensino à formação de oficiais, sargentos e cabos, para o cabal desempenho de suas funções. Obedecendo a condições severas, é o recrutamento dos alunos feito, de preferência, entre o pessoal da tropa, exigindo-se, para isso, que os candidatos possuam as qualidades morais, intelectuais e físicas, indispensáveis à seleção de homens fortes e sadios e com inclinação e aptidão para a vida militar. Diretamente subordinado à Diretoria Geral de Instrução, funciona no Centro de Instrução Militar e compreende:

a) Curso de Formação de Oficiais (C. F. O.);
b) Curso de Formação de Oficiais de Administração (C. F. O. A.);
c) Curso de Formação de Sargentos (C. F. S.);
d) Curso de Transmissões (C. T.); e
e) Curso de Formação de Cabos (C. F. C.).

O Curso de Formação de Oficiais, anteriormente denominado Curso de Ensino, depois Curso de Preparação Militar, foi criado em 1.º de março de 1916, contando, portanto, mais de 26 anos de existência.

Assim, com uma conciência profissional cada vez mais acentuada, tem se esmerado no preparo técnico de todos os seus elementos, formando quadros capazes e tropas adextradas para os misteres da guerra. Em íntima ligação com o Exército, acompanha-lhe a constante mutação dos processos técnicos e táticos pela adopção dos respectivos regulamentos e constante presença de uma Missão Instrutora, que vem integrando o seu Comando Geral desde 1908, e cujos valores profissionais, laboriosa, honesta e inteligentemente, tudo envidam no sentido de que a tropa preencha a sua finalidade.

Sua organização, moldada na do Exército Nacional, consoante dispõe a Lei Federal n.º 192, de 17 de fevereiro de 1936, é a seguinte:

O Comando da Brigada Militar

A Brigada Militar tem à sua frente, no comando geral, o Sr. coronel Ângelo de Melo, um dos seus grandes vultos, como exemplo de bravura, de alta dedicação patriótica e de nobres sacrifícios ao serviço do dever.

A êsses belos atributos militares, à sua honradez, ao seu caráter sem jaça, deveu ser conduzido ao elevado cargo que ocupa, cercado da veneração e respeito que lhe devotam os seus comandados.

Praça de 11 de dezembro de 1907, sua brilhante trajetória militar carateriza bem o seu valor, a sua coragem, a sua firmeza moral, o seu denodo, — tôdas as qualidades, enfim, necessárias ao verdadeiro soldado, ao militar conciente da árdua e importante missão que lhe incumbe desempenhar.

Inteligente, culto e trabalhador, fácil lhe foi subir os degraus da escala hierárquica até atingir o mais elevado pôsto de sua classe, por atos de abnegação, de desprendimento e de bravura, praticados nas penosas e cruentas lutas em que tomou parte, e pelo grande mérito revelado nas delicadas comissões que lhe foram confiadas.

Durante êsses trinta e cinco anos de serviço, sua existência se prende à própria vida da Brigada Militar, à vida do Rio Grande e do Brasil.

Fez sua estréia de fogo, no memorável combate travado no município de Livramento, no local denominado Cêrro da Conceição, sendo em tal emergência um dos mais diligentes construtores da vitória obtida pelas fôrças legais, não obstante a luta desigual que se trava, levando-se em conta o inesperado do ataque e a grande superioridade numérica do adversário.

E' bem conhecida a atitude desassombrada do capitão Ângelo de Melo, cuja intrepidez servia de couraça aos seus soldados, no difícil transe por que passou o 2.º regimento de cavalaria, unidade a que então pertencia. Marchava êste valoroso corpo de tropa em coluna cerrada, trazendo os seus componentes, em grande parte, as armas atadas à mala do capote. Eis que, ao enfrentar o Cêrro da Conceição, é sùbitamente surpreendido por forte fuzilaria, partida de uma coluna inimiga calculada em número superior a 1.000 homens. De momento, pareceu vacilar, face à terrível situação que se lhe apresentara, pois nem sequer havia terreno suficiente para desenvolver-se. Compreendeu, então, como impulsionado por uma só mola, que o único recurso era recuar, e assim o fez, procurando dispor os elementos de que dispunha em sentido oposto. Ante a gravidade do momento e a intensidade do fogo que vinha cruzar-se sôbre a tropa, partindo da frente e a enfiando pelos dois flancos, sem contar que também estava com a sua vanguarda cortada, o bravo 2.º regimento, perdendo a formação, foi ter, no recuo que fizera, ao sangão que corre paralelo à estrada, e aí entocou, mesmo a cavalo, no intuito de conter o avanço inimigo.

Oficiais e praças, no ardor de bem cumprirem o seu dever, entraram logo a agir, reünidos ou reünindo-se aos grupos mais próximos, convencidos de que a vitória seria certa, confiantes em si e levados pela fé que lhes merecia a sua unidade, sempre triunfante em tôdas as pugnas em que tem se empenhado.

A luta continuava cada vez mais encarniçada. O inimigo ocupando as posições dominantes do terreno. Com bravura incomparável, avançam, porém, os homens do valente regimento, repelindo, com energia férrea, todos os ataques e conquistando, um a um, os redutos ocupados pela coluna rebelde.

O combate se generalizou em tôdas as direções. De parte a parte se tornou mais intensa a fuzilaria e, no entrevero à arma branca, vibrando de entusiasmo, oficiais e soldados cometiam rasgos de verdadeira e incontestável heroicidade, desbaratando por completo os bandoleiros e forçando-os a abandonar as suas trincheiras numa incontida desordem.

O belíssimo elogio que abaixo transcrevemos e que nos foi dado extrair da fé de ofício do Sr. coronel Ângelo de Melo, diz bem e eloqüentemente, nesse particular, da eficiência de sua ação, de sua competência profissional, de sua coragem, serenidade e valor:

> "Destacou-se pela bravura e pela ação brilhante o destemido capitão Ângelo de Melo, que, embora com o efetivo de seu esquadrão disseminado pelos outros, com os poucos homens de que dispunha opos tenaz e eficaz resistência ao inimigo, no centro de combate, fortemente atacado à arma branca".

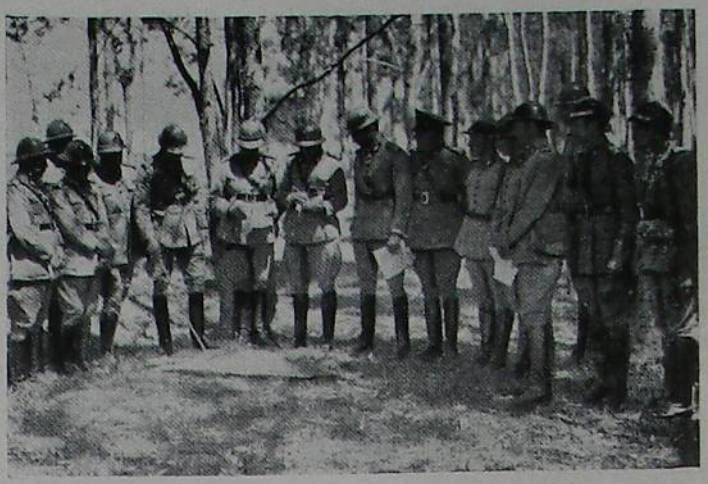
Todavia, em 1932, sua personalidade mais se evidencia. A bravura e o caráter selecionam os grandes soldados.

A êsse tempo major, participava o coronel Ângelo de Melo, ainda com o seu regimento, das tropas em operações de guerra no Estado de São Paulo. Foi, de fato, no ardor daqueles dias agitados, que a sua figura mais se impos à estima de seus comandados e ao aprêço e consideração de seus superiores. Sua destemerosa, altiva e serena atitude traçou-lhe o perfil. Temos para robustecer esta afirmativa, além do próprio testemunho de seus comandados, o conceito altamente honroso emitido, a propósito, pelo comandante da Vanguarda das Fôrças em Operações do Exército Sul, nos seguintes têrmos:

> "O major Melo é um abnegado. E' um dos mais completos espécimens de soldado que eu tenho comandado. Competente, ativo e valente, tem tido rasgos fantásticos de dedicação e combatividade. Comandou pessoalmente os nobres e valorosos soldados do 2.º R. C. sem nunca esmorecer. Passou muitas e muitas horas debaixo da infernal fuzilaria adversária, sem se alimentar, orientando



O Comandante e seu Ajudante de Ordens



Crítica dum exercício no 4.º B. C., de Pelotas



Um esquadrão do R. B. G. em batalha



Um P. O. — elementos de infantaria



Ninho de metralhadora



Um G. C., em posição na trincheira



Grupo de sinaleiros. Elementos de infantaria
A BRIGADA EM MANOBRAS



Uma estação rádio-telegráfica, em plena atividade

os seus homens, ligando-os entre si e sempre avançando. Salta de um obstáculo a outro obstáculo e sempre animoso investe contra outros e mais outros obstáculos, cada vez mais forte. E' valente como um leão e tem um ânimo de ferro. Seria o orgulho do Brasil se todo o Brasil pudesse apreciar a sua atuação. Sinto-me muito pequeno para dizer o que êle é. Anima sua tropa e leva-a satisfeita até ao sacrifício. Quasi sempre, porém, leva-a à glória".

Bravo na luta, o seu nome está, portanto, vinculado às gloriosas tradições da tropa a que pertence; justo, clarividente na paz, a sua grande operosidade se destaca, finalmente, como seu comandante geral, evidenciando-se um chefe de admirável capacidade de trabalho e de louvável tino administrativo.

Seus Órgãos Técnicos e Administrativos

O Comandante da Brigada Militar tem a assistí-lo imediatamente, na qualidade de chefe de seu Estado Maior, o tenente-coronel Cícero Augusto Velausen, homem de aprimoradas virtudes, inteligente e experimentado oficial.

À frente dos demais órgãos ou serviços que integram a Corporação, encontram-se os seguintes oficiais:

Tenente-coronel Edmundo Ossuoski, na Inspetoria Geral de Administração, — órgão auxiliar imediato do Conselho Geral de Administração e do Comando Geral;

capitão do Exército, servindo em comissão, na Fôrça, no pôsto de major, Hélio Peres Braga, na Diretoria Geral de Instrução, — órgão técnico que funciona diretamente subordinado ao Comando Geral, em cujo nome dirige, coordena, orienta e fiscaliza a instrução ministrada tanto nos estabelecimentos de ensino como nos corpos de tropa;

tenente-coronel Artur Rocha, no Serviço de Intendência, — encarregado de dirigir a subsistência e o abastecimento geral da Fôrça;

tenente-coronel Gervásio Rodrigues, no Serviço de Fundos, — destinado a prover as necessidades pecuniárias da tropa e assegurar o emprêgo regular dos recursos financeiros geridos pelos diversos órgãos de sua administração;

1.º tenente Ildefonso Pires de Albuquerque, no Serviço de Material Bélico, — órgão destinado a prover as necessidades da tropa no que respeita ao armamento imprescindível à sua eficiência militar; e

tenente-coronel dr. Antenor Granja de Abreu, no Serviço de Saúde e Veterinária, — importante departamento de saúde cujas instalações médicas vão desde o dispensário da unidade até o hospital geral da Fôrça, sob a denominação de Hospital da Brigada Militar, em que todos os casos são diagnosticados a rigor e tratados convenientemente.

Justiça Militar do Estado

O julgamento de oficiais e praças da Brigada Militar, nos crimes militares, se processa pela Justiça Militar do Estado, segundo o decreto-lei estadual n.º 47, de 19 de novembro de 1940, constituindo-se de Conselhos de Justiça (Permanentes e Especiais) e Côrte de Apelação.

As Unidades da Brigada Militar

1.º Batalhão de Caçadores. — Organizado em 21 de outubro de 1892, com a denominação de 1.º Batalhão de Infantaria, vem desde aquela época prestando relevantíssimos serviços à causa pública, quer na paz, como tropa disciplinada e cumpridora intransigente de seus deveres, quer na guerra, batendo-se com verdadeiro denodo e heroísmo pela integridade da Pátria, fiel, assim, às tradições da Corporação de que é parte integrante.

Comanda-a, atualmente, o Ten.-cel. Manuel Nunes da Costa, velho servidor da Brigada Militar e possuïdor de uma larga fôlha de serviços a ela prestados.

2.º Batalhão de Caçadores. — Organizado em 15 de fevereiro de 1893, na emergência da luta quando a manutenção da ordem se fazia sentir, surgiu para a vida já no cumprimento do sagrado dever de velar pelo princípio da autoridade e pela estabilidade do País e de suas instituïções.

Mal terminara a sua organização, que teve a dirigí-la a capacidade de um valoroso oficial do Exército, Cipriano da Costa Ferreira, toma parte em renhidos e sangrentos combates, entre os quais há a destacar o de Traíras como expressiva página de sua história.

E' seu comandante atual o Ten.-Cel. Justino Marques de Oliveira, oficial leal e valoroso, de lúcida inteligência e exato cumpridor do dever militar.

3.º Batalhão de Caçadores. — O 3.º B. C. foi organizado a 20 de julho de 1893, pondo-se desde logo em evidência como unidade disciplinada e aguerrida.

Provêm seus elementos da brava Divisão do Norte, com a qual tomou parte em inúmeras refregas, batendo-se sempre decisiva e denodadamente.

À sua frente, encontra-se o Ten.-Cel. Florestano de Souza Guterres, oficial de esclarecida inteligência, portador de apreciável cultura e de louvável capacidade de trabalho.

4.º Batalhão de Caçadores. — Criado por decreto de 14 de janeiro de 1924 e organizado a 21 de fevereiro do mesmo ano, o 4.º B. C. ou 4.º Batalhão de Infantaria Montada, como originàriamente se denominou, foi o desdobramento lógico da situação geral do Estado, recém saído de uma grave confusão intestina.

Ingressando no quadro orgânico da Brigada Militar, por ocasião do surto revolucionário dessa época, distinguiu-se em tôdas as ações em que tomou parte.

Dirige os destinos desta valorosa unidade um dos mais brilhantes ornamentos da Corporação, o Ten.-Cel. Camilo de Morais Dias, oficial culto, competente e de grande tirocínio administrativo.

5.º Batalhão de Caçadores. — O 5.º B. C. foi organizado a 8 de março de 1915, com o nome de Grupo de Metralhadoras, tendo como seu primeiro comandante o Cap. Augusto Januário Corrêa, denodado servidor da Brigada Militar.

Tropa disciplinada, tem prestado em tôdas as fases de sua existência assinalados serviços à nacionalidade.

Companhia de Guardas. — Criada por decreto de 6 de abril de 1936, sua organização só foi efetivada a 20 do mesmo mês e ano, provindo seus elementos da 3.ª Cia. do 4.º Batalhão de Infantaria Montada.

Acha-se desde sua criação empregado no serviço de vigilância do Pôrto do Rio Grande e no de guarnição da mesma cidade, onde tem sua sede.

Não obstante o seu pouco tempo de atividade, tem seguido invariàvelmente a mesma norma de conduta das velhas unidades da tropa estadual.

1.º Regimento de Cavalaria. — Organizado a 10 de novembro de 1892, em períodos de graves apreensões, era esta novel unidade dias depois chamada ao cumprimento do dever, seguindo para o interior do Estado, afim de combater as hostes federalistas.

Tanto nesta luta, como nas diversas revoluções que conturbaram o Estado e a República, êste denodado Regimento tomou parte saliente, demonstrando sempre com galhardia o seu valor combativo.

Comanda-o atualmente, em caráter interino, o major David de Oliveira Rego, soldado bravo e valoroso.

2.º Regimento de Cavalaria. — Criado por decreto de 4 de fevereiro de 1913, sua organização só foi efetivada a 21 do mesmo mês e ano. Foi seu primeiro comandante o Ten.-Cel. Juvêncio Maximiliano de Lemos, que bem soube orientá-lo, imprimindo-lhe um alto cunho de disciplina.

Brava entre as mais bravas unidades da Brigada Militar, possue o 2.º R. C. um passado digno e edificante. Sua ação, intemerata e distinta em todos os tempos, tem se feito sentir em qualquer parte onde há periclitado a ordem pública, a estabilidade do regime e as instituïções pátrias.

Seus destinos estão confiados atualmente a um velho e abnegado servidor da Brigada Militar, o Ten.-Cel. Pedro Pereira Alves, distinto oficial.

3.º Regimento de Cavalaria. — Criado por decreto de 7 de outubro de 1930 e organizado a 14 do mesmo mês e ano, quando a alma da nacionalidade vibrava de entusiasmo patriótico, na cruzada redentora, irrompida a 3, não chegou a participar do glorioso acontecimento que empolgou o País inteiro.

Entretanto, a-pesar-de constituir uma das mais novas unidades da Brigada Militar, já conta com uma apreciável fôlha de serviços prestados ao Estado e à República.

À sua frente, encontra-se o Ten.-Cel. Carlos Guasque de Mesquita, oficial de comprovado valor e reconhecida capacidade de trabalho.

Regimento Bento Gonçalves. — Teve esta unidade início em 1901, com o nome de Piquete Presidencial, compondo-se de elementos do 1.º R. C. Tempos depois, tomou a denominação de Escolta Presidencial, sendo, posteriormente, pelo decreto n.º 2.72, de 25 de janeiro de 1916, desligada do 1.º R. C., constituindo-se, assim, em unidade autônoma.

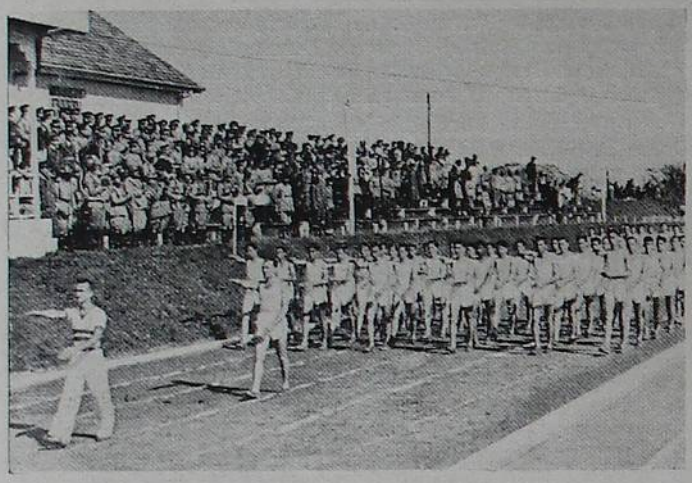
A 14 de Maio de 1931, foi transformada em Regimento Presidencial, tendo o Govêrno do Estado, por decreto de 6



Desfile do C. I. M. na Semana da Pátria

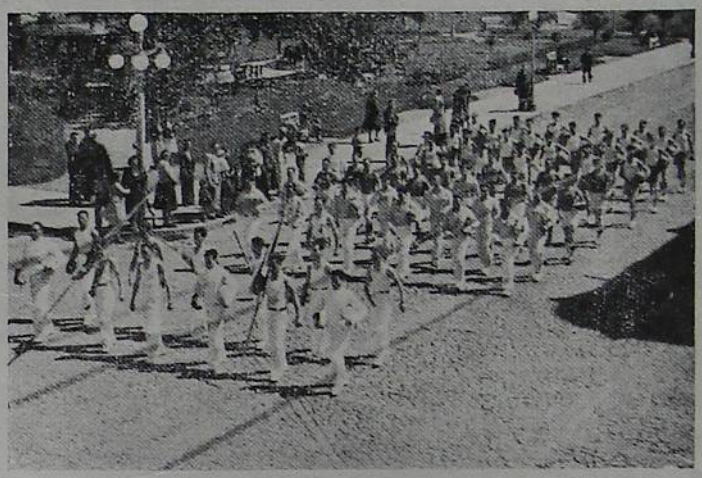


Juramento à bandeira pelo 3.º R. C. em conjunto com o exército (Passo Fundo)

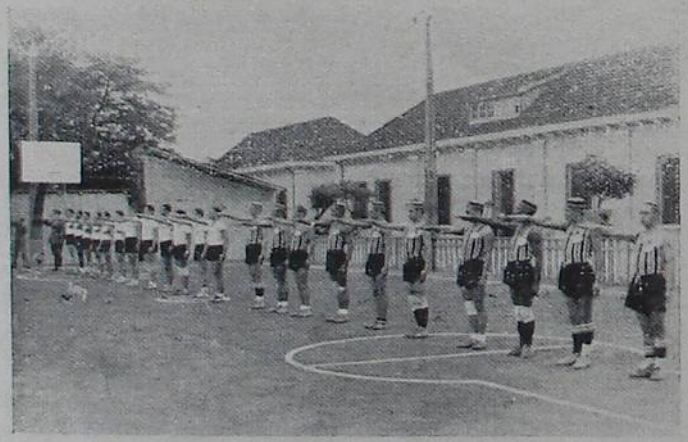


Parada atlética no Estádio Gal. Cipriano Ferreira

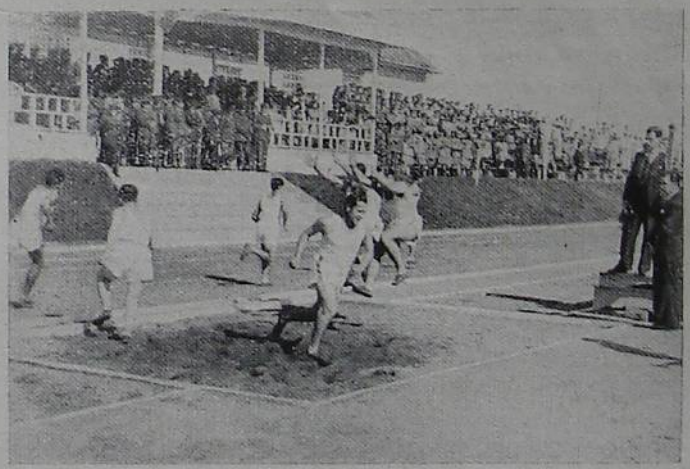
PARADA E DESFILE



Destile atlético pelo 3.º R. C. (Passo Fundo)



Quadros de cestebol, elementos da Liga de Esportes

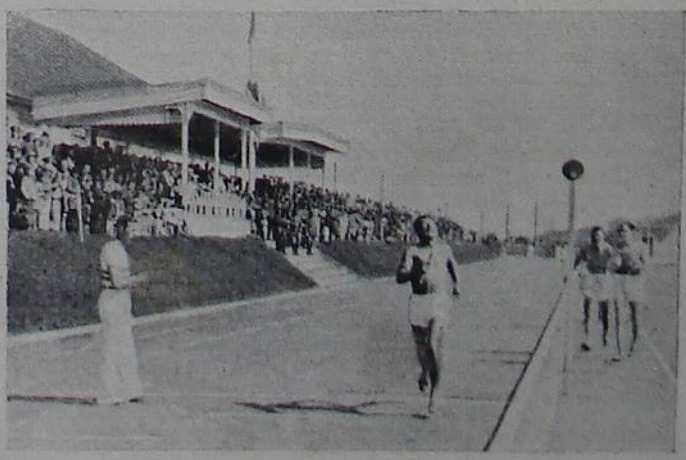


Elementos da Liga de Esportes, exercitando-se



Saída da corrida rústica

EDUCAÇÃO FÍSICA



Corrida de fundo — elementos da Liga de Esportes

de abril de 936, lhe dado o título de Regimento Bento Gonçalves, em homenagem ao grande vulto farroupilha.

E' seu comandante o Ten.-Cel. Venâncio Batista, oficial competente e de apreciáveis qualidades morais.

Companhia de Administração. — Esta Cia. foi criada a 11 de outubro de 1937, obedecendo à imperiosa necessidade de um melhor contrôle de disciplina das praças empregadas nos diversos órgãos e serviços da Brigada Militar.

Não obstante a sua condição de unidade especial, tem, sempre que necessário, contribuído de modo eficaz na manutenção da ordem e segurança pública.

Comanda-a, desde sua organização, o cap. Silvio Nunes, oficial de aprimorada educação civil e militar e com reais serviços prestados à Corporação.

Corpo de Bombeiros. — Desde que, em 27 de junho de 1935, por decreto n.º 5.585, o Govêrno do Estado anexou à Brigada Militar o antigo Corpo de Bombeiros de Pôrto Alegre, já se escoaram 7 anos. Na vertigem dos tempos que correm, pode parecer insignificante esta soma de existência militarizada da velha corporação de combate ao fogo, que tantos e tão relevantes serviços prestou no passado à tranqüilidade, segurança e prosperidade metropolitana. Em verdade, porém, o mundo tornou-se menor porque está feito de velocidade. E a vida, se mais intensa, ganhou em prolongamento, porque vivemos, hoje, muita vez, um século dentro de um lustro.

Teve, portanto, o Corpo de Bombeiros de acompanhar, passo a passo, êsse ritmo que assume por vezes proporções gigantescas. E através seus 7 anos de vida organizada nos moldes de trabalho conciente e metodizado, conseguiu já firmar também uma tradição gloriosa e, no seu acervo de serviços prestados à coletividade, já cabe um capítulo airoso de história, singela e honesta, escrita apenas com fortes pinceladas de ação, capacidade e cultura profissional.

Comanda-o o Ten.-Cel. Adonis Ventura Homem, oficial de desmedida bravura e de alto valor militar.

Centro de Instrução Militar

A eficiência de tôda corporação militar depende, por certo, do nivel cultural dos quadros que a compõem.

E tanto isso é verdade que parece difícil encontrar-se uma fôrça armada sem sua escola de formação de oficiais e graduados.

A Brigada Militar possue, também, uma oficina, onde se forja a mentalidade moral e intelectual dos responsáveis diretos da disciplina e do seu progresso de amanhã.

Trata-se do Centro de Instrução Militar, unidade escola, cuja evolução pode ser vista de dois aspectos:

— do ponto de vista orgânico, e
— do ponto de vista do ensino.

Na sua fase mais elementar, do ponto de vista orgânico, o Centro de Instrução Militar não fôra inicialmente uma unidade constituída. Era simplesmente um curso que funcionava lutando com sérios impecilhos no Q. G. da Fôrça.

Alguns anos depois, sob a denominação de Curso de Preparação Militar, recebia um quartel como sede geral da instrução de quadros, para, finalmente, com efetivo diminuto, constituir uma unidade em separado. Mais tarde, deu-se-lhe o nome de Centro de Instrução Militar, onde se ministraria desde a instrução mais rudimentar do soldado, como recruta, até os confins mais árduos da tática militar para o aluno que se vai formar oficial.

Do ponto de vista do ensino, começa sua história no ano de 1916. Assim, numa bela manhã de março, o coronel Afonso Emilio Massot, diligente entre os mais diligentes comandantes que teve a Brigada Militar, inaugurava um curso para melhor orientar a instrução militar entre os oficiais. Era o Curso de Ensino, com duração de 2 anos, que acabava de ser criado. Guiado pela sábia experiência e capacidade dêsse saüdoso chefe militar, teve a mais auspiciosa evidência.

Posteriormente, com o desaparecimento do seu inesquecível fundador, foram seus diretores, respectivamente, os distintos oficiais do Exército, capitão Alcindo Nunes Pereira e coronel João de Deus Canabarro Cunha, período em que passou a denominar-se Curso de Preparação Militar.

Depois de uma prosperidade sempre crescente no ramo didático, teve a feliz direção do coronel Armando Nestor Cavalcante. Militar dinâmico e entusiasta das mais belas aspirações, imprimiu-lhe segura e eficiente orientação, tendo a iniciativa de seus atos deixado uma indelével recordação no seio da Fôrça.

O cargo de diretor do Curso de Preparação Militar foi depois exercido sucessivamente pelos competentes oficiais, tenente-coronel Venâncio Batista, tenente-coronel Florestano de Souza Guterres, major Gerdano de Abreu, major Hélio Braga e, interinamente, pelo capitão Alcides Pereira, para, finalmente, ser ocupado pelo major Elehú Mário Gomes da Silva, que atualmente o timoneia, como Diretor de Ensino.

A sua direção foi dividida, tanto no setor administrativo como no do ensino. Passou, então, a ter como seu comandante o major Camilo de Morais Dias, que deixou um rastro luminoso da sua passagem por êsse educandário militar, e, como Diretor de Ensino, o major Hélio Peres Braga, brilhante oficial do nosso Exército.

Atualmente, dirige-o o inteligente e esforçado major Gerdano de Abreu, que tem a seu cargo a parte administrativa e disciplinar da unidade.

Foi recentemente criado, com os elementos da própria unidade, a título provisório, o Centro de Formação de Quadros.

Mas, como o elo motor da evolução não pára no ânimo de inteligências constantemente voltadas para o progresso, o antigo Curso de Ensino não podia degenerar. Progrediu e, como se vê, não só ministra a instrução para oficiais, mas prepara oficiais, sargentos e até cabos, progresso êste conseqüente de sua sólida constituïção atual.

O Centro de Formação de Quadros compreende: Curso de Formação de Oficiais, Curso de Formação de Oficiais de Administração, Curso de Formação de Sargentos, Curso de Transmissões e Curso de Formação de Cabos.

O Curso de Formação de Oficiais comporta ainda um Curso Pré-Militar, de dois anos, e um Curso Técnico-Profissional, também de dois anos.

O aluno do Curso de Formação de Oficiais toma o nome de *aluno-oficial*, pois, de fato, vai entrar num ambiente que mais parece um círculo de oficiais do que de sargentos, com prerrogativas especiais, que bem justificam sua transição para o círculo que vai conquistar.

No Curso Pré-Militar, o aluno-oficial adquire os conhecimentos básicos para melhor vencer os obstáculos do Curso Técnico-Profissional. Não se trata aquí de instrução pré-militar, visto que esta o sargento já a tem inculcada em seu reflexo suficientemente, quando se matricula no Curso de Formação de Oficiais, pois, como já se inferiu, o próprio soldado pode conquistar o oficialato algum dia, pelo esfôrço pessoal, que lhe não é tolhido jamais, desde que galgue os Cursos sucessivos.

Para admissão nos diferentes Cursos, além dos exames de habilitação e seleção, há ainda um contrôle fisiológico e um exame médico rigoroso, tudo proporcional ao trabalho escolar que se vai exigir do aluno.

De um modo geral, a instrução se arraiga principalmente no terreno militar e secundàriamente no policial, destinando-se a formar graduados capacitados para as funções que lhe forem cometidas.

Não se descurou, também, de elevar a personalidade social e desportiva do aluno, pois existe ainda no Curso de Formação de Oficiais uma Sociedade Acadêmica, composta só de alunos, que, colaborando com a Administração e Direção de Ensino do Centro de Instrução Militar, se rege pelos princípios da disciplina, representações, competições desportivas etc., no ambiente da esfera estudantil.

Assim, o Centro de Instrução Militar, atualmente amparado carinhosamente pelo comandante geral da Brigada Militar, coronel Ângelo de Melo, continua na sua nobre e elevada finalidade, tal seja a preparação constante e eficiente dos quadros desta gloriosa corporação militar.

Eis, em rápida síntese, o que tem sido a vida da Brigada Militar do Estado, sua progressiva evolução e, finalmente, a evidente e confortadora consolidação por ela obtida nos últimos tempos.

Possue, como se vê, uma modelar organização, dispondo de vários órgãos técnicos e administrativos que, integrando o Comando Geral, superintendem tôdas as suas necessidades.

Sua estrutura assenta, pois, sôbre um conjunto de normas que enquadram e harmonizam perfeitamente as suas diversas atividades, animando e estimulando o entusiasmo dos elementos que a compõem pelo trabalho em prol do seu aperfeiçoamento moral e material.

IV PARTE

A ALMA

O PATRIOTISMO

Brasilidade — Eterno Ideal do Gaúcho — Dr. Osvaldo Aranha, Ministro do Exterior

A FÉ

As Dioceses Riograndenses — Mons. João Maria Balem

As outras confissões

MANIFESTAÇÕES DO ESPÍRITO DO POVO

Tradições folclóricos riograndenses — Luis da Câmara Cascudo

Música popular do Rio Grande do Sul — Enio de Freitas e Castro

Linguajar Sul-Riograndense — Elpidio Ferreira Paes

A FAMÍLIA

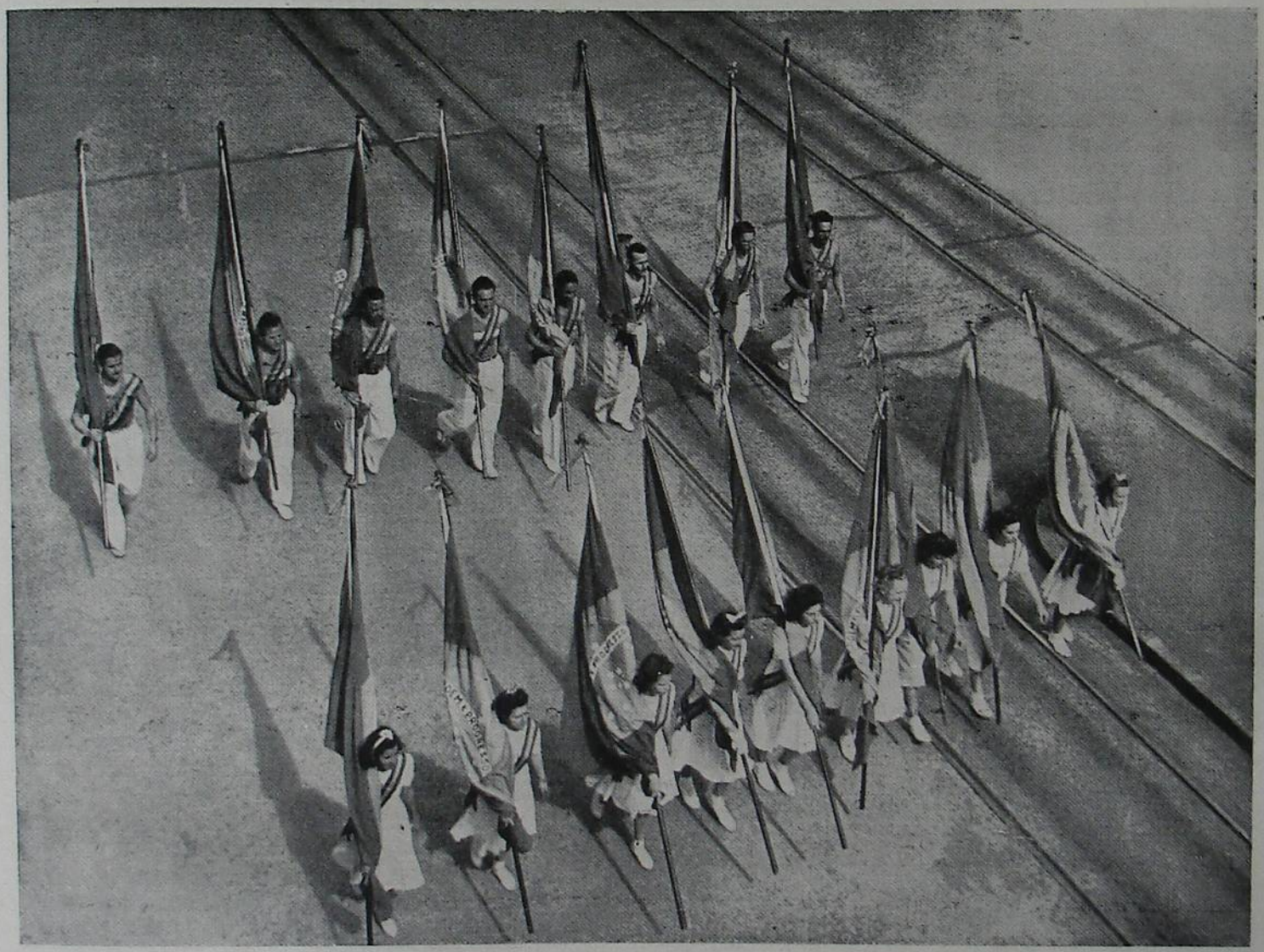
Dados genealógicos de uma grande figura riograndense — Jorge Godofredo Felizardo



A ALMA RIOGRANDENSE...

... revela-se no patriotismo inconcusso da gente gaúcha, nos vínculos de sua gloriosa tradição, na expressão de sua crença no Altíssimo, na sacralidade do seu senso familiar e em tôdas as múltiplas manifestações do espírito do povo.

O PATRIOTISMO



BRASILIDADE — ETERNO IDEAL DO GAÚCHO

CONSIDERAÇÕES SÔBRE A REVOLUÇÃO DOS FARRAPOS, POR OCASIÃO DE UM DIA COMEMORATIVO DE GARIBALDI

Por OSVALDO ARANHA

O drama garibaldino é um drama universal: um homem a assinalar uma era, uma vida a refletir a existência de povos e de continentes.

Para traçar-lhe o perfil, ainda que nas linhas gerais de uma apologia, torna-se necessário fazer luz nesse labirinto que foi, para a civilização, o fim do século XVIII e o alvor do século XIX, na Europa e na América, procurando nele a fonte de suas idéias e as causas de suas aventuras.

Garibaldi viveu quasi um século e dêsses dois séculos, e nesses dois mundos, imortalizando, na personificação bizarra de sua vida, o heroísmo invencível dos ideais.

A sua figura, transcendendo os limites da pátria que iria unificar, alargou-se por todo o horizonte de sua época e, ainda hoje, projeta, na confusão reacionária e contemporânea, as luzes de um fecundo e suave espiritualismo liberal.

Filho de Niza, como Napoleão da Córsega.

É a geração dos eleitos, da família dos predestinados, da raça dos grandes capitães, dêsses que nascem mais de uma vez, porque são contemporâneos de tôdas as épocas e cidadãos de todos os povos.

A era do seu nascimento — maré das grandes tempestades renovadoras — não sei se foi maior nas idéias do que nos homens. Foi, pelo menos, aquela que deu idéias aos homens e homens às idéias.

E Garibaldi foi um deles.

É um dos filhos dos direitos do homem e das reivindicações de sua pátria, então considerada "uma simples expressão geográfica".

A sua mocidade crescera no mar, entre as miragens da liberdade, as promessas da igualdade e os sonhos da fraternidade.

Ilustrou-a o devaneio heróico e místico da "Jovem Itália", escola de cidadãos, de apóstolos, de mártires.

A velha Europa debatia-se, no sangue e no fogo de guerras e revoluções, agitada pela reação da autocracia contra o preamar das idéias novas.

A América sacudia o jugo do predomínio europeu e procurava, à luz de novos ideais, plasmar os seus grandes destinos.

Emancipava-se pela redenção das idéias, criando o continente republicano, democrático e liberal.

Nele encontrariam refúgio todos os perseguidos e todos os idealistas, quer no Norte, quer no Sul.

Gerações, uma sôbre outras, vieram buscar no continente americano asilo para suas liberdades, trazendo-nos a mais nobre e a mais bela das contribuïções espirituais da civilização ocidental.

Não foram poucas as que aportaram ao Brasil.

E entre elas sobressai a italiana, pela participação direta nos nossos acontecimentos políticos do sul.

Foi assim que Garibaldi aportou à América, na cidade do Rio de Janeiro, como simples marinheiro mercante, mas, em verdade, como prófugo político, trazendo uma condenação à morte e uma profunda convicção republicana, da qual o insigne Oriani diz que "gli dava la fede degli antichi neofiti cristiani, purificandogli l'anima negli spettacoli di una natura, sulla cuale il quadro della storia non aveva ancora potuto imprimersi".

Garibaldi vinha da Itália, do desastre da expedição da Savóia, das agitações de 21, de 28, de 31, dos lances carbonários, da onipotência papal, das retalhações de sua pátria.

A batalha da Revolução francesa com a Santa Aliança elegera a Itália para campo de seus mais acesos embates.

O papado exercia uma atração, como centro natural, nas lutas políticas dêsse fim e começo de séculos, travando-se ao redor de sua autoridade o entrechoque das grandes correntes que agitavam o espírito europeu, particularmente o italiano.

A unidade católica queria substituir-se, partindo da Itália e à sombra da Santa Aliança, à unidade romana.

O espírito novo agitava o poder próprio e imanente à expansão dos grandes ideais.

A velha Itália dos principados, dos ducados, dos reinos, das senhorias e das comunas, sob a inspiração maziniana, procurava cancelar os antagonismos regionais, as diferenças étnicas e os dissídios políticos para dar logar a "l'Italia una, individuata in nazione, colla sovranitá del popolo, libera, originale nella modernitá dei principii proclamati dalla revoluzione francese".

Sob êsse influxo, substituiu-se a organização carbonária, arma de reação maçônica, sob a forma nativista e jacobina, pela doutrina universal, política, religiosa e quasi romântica da "Jovem Itália".

Presidia-a Mazzini, poeta, filósofo, apóstolo, inovador, rodeado pela juventude de sua pátria.

Êsse movimento tinha, pelas condições peculiares da península, tomado o caráter das exaltações regeneradoras, místicas e religiosas.

Prègava-se a transfiguração moral da Itália pelo apostolado cívico das idéias renovadoras dos homens e dos costumes.

O dever, a virtude, o espírito de sacrifício, o sentimento da igualdade, a idéia republicana, deviam agir, operando a emancipação nacional.

A prègação e o apostolado eram as armas. A ação, o efeito natural.

A "Jovem Itália" era, a um tempo, escola e igreja, caserna e praça pública, independência e unidade, regeneração e emancipação.

Foi nessa atmosfera, saturada de misticismo cívico, de idealidade apostólica, de republicanismo nacionalista, que Garibaldi formou seu grande espírito de paladino das liberdades.

Ao aportar à América, seu coração era um revérbero de sonhos e a sua vida uma ânsia de batalhas pelas idéias.

O novo mundo era um crisol de lutas pela emancipação política de seus povos.

O Brasil, sob o guante da península ibérica, desde os meados do século XVII, respondia ao predomínio peninsular com o célebre "Manifesto da Liberdade".

Já em 1640, sob as inspirações de Nassau, reünia a primeira assembléia legislativa da América do Sul.

O espírito público nacional nascera já na colônia, para suas grandes conquistas.

Em 1710 a luta das cidades, em 1720 a revolta de Vila Rica, em 1798 a Inconfidência, em 1817 a ação republicana do Norte, em 1821 o movimento de adesão ao constitucionalismo português, e em 1824 a Confederação do Equador.

Sobrevieram a Independência e a Regência, sem aplacar a ânsia revolucionária das províncias, nem os levantes surgidos do espírito irrequieto de um povo em pleno alvorôço nacionalista e renovador.

Os heróicos ensaios republicanos do norte, a sublevação romântica dos Inconfidentes, a setembrizada de 1831, a abrilada de 1832, a guerra dos Palmares, o movimento de Mato Grosso e do Pará, todos foram sufocados no sangue de seus heróis e de seus mártires.

O espírito emancipador transformara-se em sentimento republicano e nacional.

A Regência foi a reação anti-republicana, prepotente e autoritária, contra a demagogia, a sedição, a desordem e a anarquia dessa hora histórica de transformação nacional.

A GÊNESE DE UMA LUTA

Foi nessa época que surgiu a República de Piratiní, como uma resultante das anteriores revoluções brasileiras, nas finalidades, nos sentimentos e nos ideais.

Foi, talvez, a mais brasileira das nossas revoluções.

Foi, como afirmou, com grande acêrto e maior brilho, Batista Pereira, "a mais nobre, a mais legítima, a mais fecunda, em suas conseqüências".

A revolução de 35 avulta, entre as suas similares, pela sua duração de dez anos, pela sua organização civil e militar e pelos seus altos desígnios nacionais.

Nascera da compressão imperial, para implantar os direitos da província, e, acossada pela Regência, para proclamar os direitos do homem e dos povos. Mera revolta de início, transformou-se numa insurreição política, de grandes e graves proporções, ameaçando a integridade do Império e suas instituïções, por dez anos de lutas e de batalhas.

Animava-a a idealidade renovadora do século, o espírito de insurreição nativista do país, o amor da liberdade e o sentimento de união, apanágios da formação político-social dos pampas.

Simples "terras del Rey", o Rio Grande viveu na colônia, no Reino Unido, e no próprio Império, a vida de uma ilha, separado da Pátria pelo oceano da mata virgem, pelo território inacessível, acossado pela abordagem de suas fronteiras.

Foi nessa geografia "sui generis" que se plantou a árvore da solidariedade, única que poderia crescer nesse clima cultural, e a cuja sombra se iria processar a civilização gaúcha, isenta do individualismo dissolvente, formada pelas necessidades da defesa, da cooperação, da associação e da comunhão.

Massa de ilhéus, dentro do próprio Continente, batida pela tempestade humana da luta cruenta e bárbara das fronteiras, revigorada pela desesperança de amparo do resto do país, comprimida sôbre o litoral sem pôrto e uma mata sem estradas, essa gente construíu, com a união e a solidariedade, uma raça, formada, hoje, por três milhões de brasileiros do Rio Grande do Sul.

Êsse povo nasceu em um ambiente propício às idéias de solidariedade, ao sentimento nativista, aos pendores da liberdade, e aos arremessos das lutas cavalheirescas.

Nos entreveros, nas califórnias, as cargas e as cavalhadas foram festas cívicas de brasilidade, travadas na fronteira, alargadas pela Cisplatina, num luxo bizarro de lanças, de espadas, e de vitórias.

O drama das fronteiras, nas Missões, como na Cisplatina, foi sempre povoado de alegrias, de bravura, e de nacionalismo.

Os gaúchos não davam seu sangue à história do Rio Grande, mas à história do Brasil, formando, dentro dela e para ela, uma raça sadia, forte, brava, amiga da luta, amiga da lei, amiga da Liberdade, e, sobremodo, amiga da pátria.

Era a luta do Rio Grande, para permanecer brasileiro, vencendo o seu destino geográfico de que nos fala Graça Aranha.

E tudo isso fazia a Província de São Pedro com os seus soldados e os seus generais, sem conhecer recuos nem afrontas, nem derrotas.

Foi sempre a atalaia voluntária e a vanguarda vitoriosa nas lutas cisplatinas.

A expulsão dos espanhóis, a reintegração das missões, a defesa dos limites da pátria, foram obra de seu heróico sentimento nacional, jamais excedido em nossas lutas históricas.

A primeira derrota que conheceu, foi o crime de Barbacena, nas cochilhas do Rosário.

Não preocupavam a essa gente, laboriosa e heróica, os sacrifícios materiais da sua grandeza, do seu trabalho e do seu progresso, registados por Hipólito Costa no seu "Correio Brasiliense", quando relata: "Não há província em todo o Brasil em que os lavradores e proprietários de terras sejam mais dizimados, principalmente há tempos a esta parte, depois do atordoado conselho que tomou a Côrte de fazer guerra às colônias espanholas, debaixo do pretêxto de não ter vizinhos amotinados".

Foi essa, sempre, uma raça desprendida dos bens materiais, mas intransigente na defesa do seu patrimônio moral.

Não se conformou, como observa, com sabedoria, o insigne Doutor Assis Brasil, em sua notável História da República Riograndense, com o fracasso de Ituzaingó, no qual haviam imolado um dos seus grandes chefes — o Barão de Cêrro Largo — e abatido suas armas invencidas.

Desde então criou êsse povo — cioso de seu brio militar e sua independência civil — horror aos maus chefes que lhe mandava o Império.

A INSURREIÇÃO SULINA

Processou-se e radicou-se nele o repúdio aos intrusos imperiais, cognominados os CARAMURÚS da derrota.

Após um largo período de hostilidades e hesitações, foi expulso em 20 de setembro de 1835 o Presidente Rodrigues Braga, representante, na Província, daquela política que, na feliz reprodução histórica de Batista Pereira, TRANSFORMARA O RIO GRANDE NUMA ESTALAGEM DO IMPÉRIO.

O chefe do movimento, em memorável manifesto, justificando a deposição de Braga, afirmava: "Êsses motivos, e êstes sentimentos, que convosco partilham todos os corações verdadeiramente brasileiros, justificarão vossa conduta aos olhos dos mais rígidos censores dos movimentos populares. Apressuremo-nos pois a manifestar aos nossos irmãos habitantes das mais províncias da união brasileira, os fundamentos das nossas queixas e dos temores. Conheça o Brasil que o dia VINTE DE SETEMBRO DE 1835 foi a conseqüência inevitável de uma má e odiosa administração; e que não tivemos outro objeto, e não nos propusemos a outro fim, que restaurar o império da lei, afastando de nós um administrador inepto e faccioso, sustentando o trono do nosso jovem monarca e a integridade do império".

Foram vãos todos os apelos da província. De nada valeram as súplicas dos seus chefes, quasi todos gloriosos veteranos das guerras cisplatinas. Não cessaram as perseguições e manobras dos imperiais.

Substituindo o presidente deposto, trouxe o seu sucessor instruções secretas da Côrte para reduzir à vassalagem os insurrectos. A província, confiante na substituïção, na ignorância da má fé imperial, retornou ao trabalho e à paz.

A tempestade fôra passageira e a calma, como dizia Bento Gonçalves, devia suceder em todos os corações, trazendo os riograndenses às mãos a oliveira que substituira a espada.

Mais passageira devia ser a paz.

Às provocações da ação governamental do novo delegado imperial, foram forçados a levantarem-se em armas, novamente, os riograndenses, já, então para exigir — "que o Govêrno nos dê um governador de nossa confiança, que olhe pelos nossos interêsses, pelo nosso progresso, pela nossa dignidade, ou nos separaremos do centro e com a espada na mão saberemos morrer com honra ou viver com liberdade".

Assim como haviam sido inúteis os apelos, as súplicas e as exortações, foram vãs as ameaças. O poder imperial resolvera subjugar o Rio Grande pelas armas.

O intento seria vão.

Dez anos de lutas, de crimes, de incêndios e de batalhas talariam a província, sem arrefecer o ânimo de sua gente, sem reduzir os exércitos farroupilhas, nem abater as suas armas.

O ESTOICISMO DO GAÚCHO

O gaúcho de cavalo aperado em pratarias, das botas ROUSSILIONAS, das bombachas e do poncho, com suas estâncias ricas e povoadas, foi reduzido, do luxo bizarro e da fortuna hospitaleira, a um simples FARRAPO, andrajoso e caminhante, sem casa, sem família, sem haveres, na heróica rebeldia de sua miséria, como mendigo das cochilhas, protestando sempre, "à face dos céus e dos homens acabar antes nas ruínas da pátria do que vê-la escravizada".

É Garibaldi quem nos traça o quadro do estoicismo dessa gente:

"Nel nostro campo scarseggiava la carne e massime la fanteria era famelica. Piú insopportabile era la sete, non trovandosi acoue nei siti da noi occupati. Na quella gente era fatta alla vita di privazioni, e non udivasi senonche il lamento di non combattere. Concittadini miei! il giorno in cui voi sarete uniti e sobri come i figli del continente, lo straniero non calpesterá il vostro suolo, non contaminerá il vostri talami: l'Italia avrá ripreso il suo posto tra le prime nazioni del mondo!"

Tudo haviam perdido, a fortuna, a paz, as próprias roupas, mas mantinham inviolável, em meio de tantos crimes contra a sua terra e a sua raça, o sentimento da liberdade e o amor do Brasil.

Os reveses sofridos na ilha do Fanfa, a prisão traiçoeira de Bento Gonçalves, pareceram, à cegueira dos imperiais, o termo da insurreição sulina. "O fervor com que a luta recomeçou recrudesceu, como anota Assis Brasil, bem evidenciava que era unânime e acorde, espontâneo e natural, o sentimento que movia êsses homens, arrastados por convicções, bem ou mal formadas".

O General Netto que substituira o chefe prisioneiro, lança o brado de guerra em 30 de outubro: "o revés que sofremos é grande; mas é um só num círculo de tantos triunfos, redobrai o vosso valor e venceremos". E, dias após, na vila de Piratiní, era proclamada a Independência e a República, com a cláusula de "ligar-se pelos laços de federação àquelas das províncias do Brasil que adotassem o mesmo sistema de govêrno".

Êste episódio, como regista o seu sumo historiador Alfredo Varela, arrebata o pensamento pela audácia, pela constância, pelo valor.

O destino farroupilha não é o anseio separatista. É a maturação duma fôrça, "a eclosão duma raça estratificada no crisol das tendências nativas".

Anima o retôrno à luta o horror ao império, mas o amor ao Brasil.

A REPÚBLICA DE PIRATINÍ

A proclamação da República, a eleição dos seus chefes, a convocação da Constituinte, foram feitas sob a invocação da reincorporação à grande pátria brasileira. Bento Gonçalves, reeditando suas exortações, em 1.º de dezembro de 1842, dirigindo-se à memorável assembléia de constituintes da República, reünida em Alegrete, sua capital, diz: "Mui doloroso me é o ter de manifestar-

vos que o govêrno imperial, surdo à voz da humanidade, e com escandaloso desprêzo dos mais são princípios do ciência do direito, nutre ainda a pertinaz intenção de reduzir-nos pela fôrça; porém, meu profundo pezar, que diminue com a grata recordação, de que a tirania acintosa exercida por êle nas Províncias tem despertado o inato brio dos brasileiros, que já fizeram retumbar o grito de resistência em alguns pontos do Império. É assim que seu poder se debilita e se aproxima o dia em que, banida a realeza da terra de Santa Cruz, nos havemos de unir por estreitos laços federais à magnânima nação brasileira, a cujo grêmio nos chama a natureza e nossos mais caros interêsses".

Em 17 de janeiro de 1843, o orador da Assembléia Constituinte legislativa, dirigindo-se ao Presidente da República, em sessão solene, afirmava: "A Assembléia penetrada da mais acerba dôr observa a injustiça e tenacidade com que o govêrno imperial do Brasil pretende reduzir-nos pela fôrça, mas confiada na Divina Providência, na santidade de nossa causa, na intrepidez e constância do exército riograndense, espera que alfim, triunfem nossos princípios; quiçá, raie então um dia de glória, em que possa verificar-se a lisongeira idéia de nossa união à grande família brasileira, pelos laços da mais estreita federação".

Já Caxias, o grande e incomparável soldado, estava no Rio Grande, como seu Presidente, e Comandante Geral das armas.

Aprestavam-se os seus exércitos para a luta, mas a sua palavra era a de um irmão, as suas ordens eram conselhos cívicos, exortações patrióticas.

Aos seus apelos respondia Bento Gonçalves em nome dos riograndenses:

"A causa que defendemos, não é só nossa, ela é igualmente a causa de todo o Brasil; se ainda arrastais ferros ignominiosos foi por uma cadeia de sucessos fortuitos e circunstâncias inesperadas que concederão a vossos opressores um triunfo efêmero, êles, e não vós, têm feito a desgraça do país, êles, e não vós, têm alimentado essa discórdia fatal, origem deplorável de tantas calamidades e de tantos males. Uma República federal baseada em sólidos princípios de justiça e recíproca conveniência uniria hoje tôdas as províncias irmãs, tornando mais forte e respeitada a nação brasileira, se o interêsse individual e se a traição não violentassem o espírito público, estabelecendo pelo artifício e pela fôrça, os mesquinhos e desastrosos princípios da monarquia forte, êsse sistema precário e funesto, que tanto sangue e tantas lágrimas tem custado ao Brasil, êsse sistema vicioso e nocivo, que arrancou para sempre do diadema imperial duas estrêlas brilhantes destinadas pela natureza para serem perpètuamente unidas às outras desde que com eterna sabedoria colocou a tôdas entre os dois gigantes do mundo, o Amazonas e o Prata.

Brasileiros. Escutai os acentos da verdade: enquanto subsistir entre vós a monarquia, não gozareis as doçuras da paz, nem sereis felizes; quebrai, ainda a tempo, os grilhões deshonrosos, que roxeam vossos pulsos, e vinde conosco sustentar nos campos do sul, aquelas bases duráveis, aquele princípio regenerador, em que repousarão um dia a paz, a felicidade e o esplendor da Nação Brasileira".

O Rio Grande de 1843, ocupado, arrazado, empobrezido, ameaçado pela espada gloriosa de Caxias, havia perdido tudo, menos o amor da Pátria, a fé nos seus destinos e a coragem das suas convicções.

"A guerra vai dar-nos agora, — como observa o sábio Rocha Pombo — a impressão de uma angústia e aflição contínua, atropelando-se as hostes em tôdas as direções, frementes daquela grande ânsia de vencer".

O Exército Imperial de muitos milhares de homens de tôdas as armas, sob o mando do maior dos nossos Capitães, que foi Caxias, e os farrapos desnudos, desarmados e divididos por graves dissídios, mas ainda assim fortes na sua fé, vão enfrentar-se sem trégua nem quartel.

Nem o inverno, com as geadas, os minuanos e os pampeiros, aplaca a fúria dos embates. Transcorreram assim amargurados e sangrentos, os anos de 43 e 44, até que, sob a ameaça da invasão estrangeira, invocada por Caxias em sua memorável proclamação, abateram-se as armas, atuando-se a paz em 27 de fevereiro de 1845.

Por patriotismo os Farrapos tomaram armas, por patriotismo enrolaram suas bandeiras gloriosas.

Ao apêlo de Caxias:

"Abracemo-nos, e unamo-nos para marchar não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da pátria que é a nossa mãe comum" responderam os farroupilhas incorporando-se com o mesmo patriotismo de antanho às armas do Brasil. Já antes, quando Rosas, premido pela situação política daqueles tempos, oferecia seu auxílio à República de Piratiní contra o Brasil, Canabarro, chefe dos exércitos republicanos, respondia em nome dos brios riograndenses:

"Senhor — O primeiro soldado de vossas tropas que atravessar a fronteira fornecerá o sangue com que será assinada a paz de Piratiní com os imperiais. Acima do nosso amor à República colocamos os nossos brios de brasileiros. Se puserdes vossos soldados na fronteira, encontrareis ombro a ombro, os soldados republicanos de Piratiní e os soldados monarquistas do Senhor D. Pedro II".

E assim foi, logo após, assim há de ser sempre, para glória e grandeza do Brasil.

GARIBALDI E OS FARRAPOS

Foi a essa República, brasileira nos fins e universal nas idéias, que serviu Garibaldi com o desinterêsse, com o denôdo, com a intrepidez dos soldados romanos.

Arvorando a bandeira tricolor de 35 na nau "Farroupilha", êle incorporou-se a essa epopéia que foi grande entre as maiores, e que o adotou e consagrou entre os seus mais lídimos heróis.

Mais de um lustro serviu êle à nova República, como se servisse à sua própria pátria.

Dizem que êle foi mercenário da República — "La Republica non pagava i suoi militi, ne perció era peggio servita", como tantos foram das armas imperiais.

Êle o foi, mas das suas idéias, que eram as da República, dessas que só cunham a moeda da glória e da imortalidade.

A República de 35 era pobre demais para pagar — "servire a una povera Republica che a nessuno poteva dare un soldo", mas grande, imensamente grande, para imortalizar.

E imortalizou Garibaldi, nos exatos termos do conceito comteano, "como herói da nova ordem e como paladino de dois mundos".

Nos seis anos em que serviu à República, desde a carta de corso, que recebeu na fortaleza de Santa Cruz, das mãos de Bento Gonçalves, então prisioneiro do Império, até a sua licença, concedida em São Gabriel, êle foi, como marinheiro, e como soldado, um "farrapo" — "e che m'importava il non aver altre veste che quelli che mi coprovano il corpo", como aqueles audazes e heróicos campeadores que êle consagrou "fra i primi soldati del mondo".

Marinheiro da República, foi corsário e almirante, generoso e bravo nas presas como nas batalhas.

Deu ao pendão tricolor de Piratiní o sangue generoso de sua mocidade, que derramou sôbre o leme da nau "Farroupilha", combatendo nas águas do Prata.

Ninguém o excedeu na destreza, na audácia, no desinterêsse nem no destemor.

Velejava e combatia como um argonauta e, como êsses heróis mitológicos, transportou por léguas de terras sua pequena esquadra, arrastando-a da prisão da Lagoa dos Patos para lançá-la na imensidão do Oceano, povoando a República Riograndense de mais uma época lendária, registada só pelos mitos.

Suas façanhas de marinheiro não iriam exceder suas glórias de cavaleiro: "Tra le peripezie non poche della mia vita procellosa io non ho mencato d'avere bei momenti, e tale, abbenché sembri avrebbe dovuto esser il contrario, era quello in cui alla testa de pochi nomini, aranzo di molte pugne, e che giustamente aveano meritanto il titolo di valorosi, io marciava a cavallo, con accanto la donna del mio cuore, degna dell'universale ammirazione, e lanciandomi in una carreira che piú ancora di quella del mare aveva per me atrative immense".

A terra do Rio Grande parece um mar que se imobilizou para ser agitado, apenas, pelos homens.

O pampa é a imagem de um oceano adormecido, onde as tempestadas humanas, por vezes, sobrelevam as da natureza.

Saído do mar, após ter posto fogo à sua esquadra, iniciou Garibaldi sua vida de soldado, irmanado em marchas, em combates e em retiradas, por terras bravias com ondulações oceânicas, aos gaúchos farroupilhas.

Fez-se êle um campeiro da bravura, um lanceiro da fé, um FARRAPO, um continentino, igualando e excedendo aquela gente que, como afirma, "tinha quatro corpos para defender a Pátria, e quatro almas para a amar".

Foi um dos heróis da retirada de Canabarro, um dos chefes da gloriosa expedição de Curitibanos, um dos bravos da descida da Serra, comandou na sangueira do Taquarí, participou do ataque infeliz, mas heróico, de São José do Norte, e ao fim dessa cruzada épica recebeu, em S. Simão, nas margens da Lagoa dos Patos — o primeiro filho, Menotti, — que Anita lhe dava como prêmio de seus sacrifícios e martírios pela causa da liberdade de um povo que, assim, mais se iria unir a seus destinos.

Mais cem léguas de marchas penosas, por atalhos e picadas, acossados pela geada, pela miséria e pelo inimigo, iriam pôr à prova a têmpera dêsse herói, até que, acantonado em São Gabriel, o exército republicano, sem lutas próximas, solicitou e obteve a licença para deixar as armas da nova República.

O INCONFUNDÍVEL PALADINO

Encerra-se, aquí, a sua trajetória heróica por mares e por terras riograndenses e inicia-se para êle uma nova era, com novas campanhas, que se iriam rematar gloriosamente na unificação da Itália.

A sua vida foi uma só: servir à liberdade dos povos oprimidos.

Condenado à morte, ferido gravemente, prisioneiro, torturado, sempre pobre, às vezes miserável, sem armas, sem recursos, sem navios, sem exércitos, sem pátria, mas sempre o mesmo batalhador.

A sua vida é uma legenda de glórias: "Mai non pensammano forma piú nobile d'eroe e de la Storia".

A revolução farroupilha foi o mais belo e glorioso episódio da republicanização do nosso mundo.

É preciso filiá-la à emancipação americana, registrando, nos seus anais, os feitos, os nomes dos heróis e as glórias dessa década de cometimentos épicos.

É preciso fixá-la, em alto e glorioso relêvo, na história do Brasil, como a maior das suas epopéias.

Então, como agora, a figura de Garibaldi aparecerá no cenário brasileiro, com a sua mocidade, com a nossa Anita, com a sua bravura bizarra, sangrando pela nossa liberdade, como um simples FARRAPO, despido, andrajoso, mas coberto de glórias.

E com êle Zambeccari, Rosseti, Anzani, Martu, Carniglia, — "coloro che fecero bello il nome d'Italia del nuovo mondo" — trazendo-nos o sonho, o sangue e a vida de uma grande geração italiana, iluminada e gloriosa, que amou e combateu pela nossa liberdade, na mais grandiosa das nossas epopéias.

Garibaldi é um dos maiores filhos da Itália, mas é brasileiro pela mulher, pelo filho, pelo sangue derramado, pelas idéias, pelo amor e pela República de Piratiní.

Rendendo-lhe esta homenagem, tornando esta comemoração em dia nacional, quís o povo, através de seu Govêrno, significar à sua grande Pátria e à memória dêsse inconfundível paladino que o coração do Brasil é um dos pedestais mais altos e mais puros das suas glórias eternas.

(Discurso pronunciado na sessão solene de comemoração do cincoentenário do falecimento de Giuseppe Garibaldi, realizada no Palácio Itamarati, em 2 de junho de 1942).

A FÉ DO POVO GAÚCHO



AS DIOCESES RIOGRANDENSES

Por MONS. DR. JOÃO MARIA BALEM

I — DIOCESE DO RIO DE JANEIRO

O território do Rio Grande do Sul pertenceu antigamente à jurisdição eclesiástica dos Bispos espanhóis, na época das missões jesuíticas, cujos limites, conforme indicam os mapas da época, chegavam até ao rio Parapanema, hoje limite do Estado do Paraná com o de São Paulo.

Porém, com as Bandeiras paulistas, descendo pelo litoral, fundando povoações, assim também a jurisdição dos Bispos do Brasil ia-se estendendo para o Sul até o rio da Prata, o que aliás era conforme a Bula: "Romani Pontificis Pastoralis Solicitudo" de 19-7-1576, criando a Prelazia do Rio de Janeiro, a qual dizia: "Capitania Spiritus Sancti inclusive, usque ad flumen de Plata per oram maritimam et terras intus pro sua Diocesi, etc.".

Assim, após a Freguesia de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, cujo território abrangia a grande parte do Rio Grande, e a Freguesia da Colônia do Sacramento (hoje no Uruguai), os Bispos do Rio de Janeiro fundaram sucessivamente as freguesias de São Pedro do Rio Grande em 1745, a de N.ª S.ª da Conceição de Viamão em 1747, a de N.ª S.ª da Conceição do Estreito em 1750, a de Bom Jesús de Triunfo em 1756, a de São José do Taquarí em 1765, a de São Francisco do Pôrto dos Casais, depois N.ª S.ª Madre de Deus, de Pôrto Alegre, em 1772, a de São Luiz de Mostardas, a de N.ª S.ª da Conceição do Arroio, e a de Santo Amaro em 1773, a de N.ª S.ª do Rosário do Rio Pardo e a de Cachoeira em 1779, a de N.ª S.ª dos Anjos da Aldeia (Gravataí) em 1795.

Essas freguesias eram divididas em Comarcas Eclesiásticas, cujos Vigários forâneos ou da vara tinham faculdades especiais dos Bispos do Rio de Janeiro, afim de resolverem assuntos diversos, especialmente os matrimoniais.

De tempos a tempos eram enviados Visitadores com faculdades extraordinárias, afim de solucionarem dificuldades, incrementarem a religião ou cortarem abusos, nas incipientes povoações.

As primitivas igrejas "Matrizes" refletem o acrisolado espírito religioso dos povoadores do Rio Grande do Sul, ainda não perturbado pelas revoluções e pela falta de sacerdotes.

A grande distância e as poucas comunicações com o Rio de Janeiro fizeram com que, em 1812, fosse criada em Pôrto Alegre uma Vigararia Geral, que devia fazer as vezes do Bispo do Rio de Janeiro, afim de atender mais de perto e com eficiência, às necessidades espirituais da então Capitania do Rio Grande do Sul.

Para ocupar o alto cargo de Vigário Geral foi escolhido o Padre Antônio Vieira da Soledade, lente do Seminário do Rio de Janeiro, o qual foi elevado à dignidade de Cônego Honorário, com residência em Pôrto Alegre, porém, sòmente tomou posse a 21-3-1814.

Em 1815 o próprio Bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, veio ao Rio Grande do Sul por terra, atravessando São Paulo e Santa Catarina, ora a carro, ora a cavalo, ora embarcado, como lhe era possível, afim de fazer a Visita Pastoral desta parte de sua diocese e certificar-se com os próprios olhos das necessidades espirituais do rebanho a êle confiado.

Depois da morte do Cônego Antônio Vieira da Soledade, foi escolhido Vigário Geral, também com residência em Pôrto Alegre, o Padre Tomé Luiz de Souza, o qual foi elevado à dignidade de Cônego honorário; governou êle a província do Rio Grande do Sul até a vinda do primeiro Bispo D. Feliciano, de quem já fôra mestre e guia espiritual.

Durante dez anos (1835-1845) a Revolução Republicana conflagrou o Rio Grande, e tendo ficado isolada da legítima autoridade eclesiástica a maior parte da Província, o govêrno de Piratini criou um assim chamado "Vigário Apostólico", o o qual pretendeu administrar religiosamente aquela região ocupada pelos revolucionários, exercendo atos de jurisdição espiritual que não possuia, atos êsses que, após a pacificação, o Bispo do Rio de Janeiro, D. Manoel do Monte Rodrigues Araújo, sanou para tranqüilidade das conciências, absolvendo das censuras os que nelas tinham incorrido.

Após êsses fatos, de conseqüências espirituais tão lamentáveis, o Bispo do Rio de Janeiro compreendendo que não podia, embora com um Vigário Geral residindo em Pôrto Alegre, administrar eficazmente o pasto espiritual à multidão de habitantes que viviam dispersos em tão vastos e remotos lugares, achou de bom alvitre pedir ao Imperador D. Pedro II a criação de um bispado no Rio Grande, e o Monarca, por sua vez, transmitiu o pedido à Santa Sé.



A FÉ

Vista parcial da fachada da Igreja de N. S. das Dores, em Pôrto Alegre

II — A DIOCESE DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE

Anuindo aos desejos do Govêrno Brasileiro, o Papa Pio IX, por Bula "Ad Oves Dominicas rite pascendas", de 7-5-1848, elevava à categoria de Bispado a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, desmembrando-a do Bispado do Rio de Janeiro, e elevando à dignidade de Catedral a Igreja Matriz de Nossa Senhora Madre de Deus em Pôrto Alegre.

Pelo Imperador foi apresentado então para primeiro Bispo do Rio Grande do Sul, o vigário da freguesia de Santa Bárbara de Encruzilhada, Padre Feliciano José Rodrigues Prates, o qual tinha 72 anos de idade, sendo aceito pelo Papa Pio IX.

Nascido a 13-7-1781 na fazenda de seus pais, junto à Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos, hoje Gravataí, foi quando menino enviado para o Seminário do Rio, afim de seguir a carreira eclesiástica. Ordenado sacerdote, a 25-7-1804, no Rio de Janeiro, pelo Bispo de Angola, D. Frei Joaquim de Santa Maria, serviu como Capelão do Exército em diversos corpos na Província, tendo sido condecorado com as medalhas do Exército Pacificador nas Campanhas do Uruguai. Em 1842, sendo nomeado vigário de Encruzilhada, lá o foi encontrar a nomeação de Bispo. Governou a diocese até o dia do seu falecimento, ocorrido a 27-5-1858, com grande zêlo, tendo iniciado um Seminário particular, ao qual deu o nome de São Feliciano. Durante a "sede vacante" foi pelo Arcebispo da Baía nomeado Vigário Capitular da Diocese o Vigário Geral, Padre Juliano de Faria Lobato, e, a 6-2-1861, tomava posse da diocese o segundo Bispo, D. Sebastião Dias Larangeira, o qual fôra sagrado em Roma pelo Pontífice Pio IX, na Capela Sixtina, no dia 7-10-1860. Nascera no Estado da Baía e faleceu em Pôrto Alegre a 13-8-1888, tendo realizado, entre os diversos trabalhos espirituais, a fundação de grande número de paróquias, associações religiosas, o convento do Carmo e a construção do Seminário Episcopal.

A D. Sebastião sucedeu o Bispo de Goiaz, D. Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, que fôra sagrado no dia 24-6-1881, no Rio de Janeiro. Transferido pelo Papa Leão XIII daquela diocese para o Bispado do Rio Grande do Sul, tomou dele posse no dia 20-9-1890 em Pôrto Alegre, recebendo o Govêrno eclesiástico das mãos do Vigário Capitular, Mons. Vicente Ferreira da Costa Pinheiro.

Durante o seu episcopado prosperou extraordinàriamente a religião, de um modo especial na região colonial, onde surgiram centenas de igrejas e freguesias, numerosos colégios católicos, e onde estabeleceram-se novas ordens religiosas, e pôde assim reorganizar o Seminário, fazendo florescer as vocações sacerdotais.

Como conseqüência dêsse admirável surto religioso, achou D. Cláudio a necessidade de ter outros colaboradores, pedindo primeiramente um Bispo Coadjutor, na pessoa de D. João Antônio Pimenta, e depois, conseguindo da Santa Sé a divisão eclesiástica do seu Bispado.

Sua Santidade o Papa Pio X, por Bula "Praedecessorum Nostrorum", de 15-8-1910, acedeu aos seus desejos e dividiu o Rio Grande do Sul em quatro circunscrições: elevando Pôrto Alegre a sede arquiepiscopal e nomeando D. Cláudio José primeiro arcebispo, e criando mais os bispados de Pelotas, Uruguaiana e Santa Maria.

III — A ARQUIDIOCESE DE PÔRTO ALEGRE

D. Cláudio José, agraciado pelo Santo Padre com o título de Conde Romano e Assistente ao trono pontifício, depois de tantos trabalhos, pediu à Santa Sé que o dispensasse do govêrno da Arquidiocese para recolher-se à Casa de sua Congregação, e lá passar seus últimos dias. Tendo sido aceito o seu pedido, foi nomeado para o suceder o Bispo de Florianópolis, D. João Becker, a quem entregou o govêrno em data de 8-12-1912. Faleceu D. Cláudio José no Rio de Janeiro, a 27-5-1924, porém seus restos mortais repousam hoje na Cripta da Catedral de Pôrto Alegre.

O novo Arcebispo, D. João Becker, nascido a 24-2-1870, fez seus estudos no Ginásio da Conceição em São Leopoldo e no Seminário de Pôrto Alegre, tendo sido ordenado Sacerdote a 2-8-1896, por D. Cláudio José. Após paroquiar durante doze anos a freguesia do Menino Deus, em Pôrto Alegre, foi eleito pelo Papa Pio X, em data de 3-5-1908, primeiro bispo de Florianópolis, sendo sagrado a 13-9- do mesmo ano, na igreja de Nossa Senhora das Dores, pelo Bispo D. Cláudio José.

Em Santa Catarina, nos quatro anos que governou aquela nova diocese, organizou-a seguindo o programa traçado em sua primeira pastoral: "A tríplice missão do Bispo: ensinar, santificar e governar". Em 1909 convocou em Sínodo diocesano todo o clero catarinense.

Promovido a Arcebispo de Pôrto Alegre pelo mesmo Papa Pio X, a 1-8-1912, já governa a Arquidiocese há 30 anos e durante êsses seis lustros remodelou-a completamente, começando pela transformação do Seminário Episcopal de Pôrto Alegre, tornando-o Seminário em São Leopoldo, pela nacionalização das escolas católicas rurais, aumentando a assistência espiritual em Pôrto Alegre (que então contava apenas oito paróquias e nove sacerdotes seculares), pela visita quinquienal canônica e pastoral em tôda a Arquidiocese, pela instalação do Cabido da Sé Metropolitana, pela criação de novas paróquias no interior, das Comarcas Eclesiásticas, das Diocese de Caxias e Prelazia de Vacaria, do novo Seminário Menor Diocesano em Gravataí, a nova e magnífica Catedral em construção, a Ação Católica em tôdas as paróquias, os Círculos Operários, as Creches, as novas Ordens Religiosas recebidas na Arquidiocese, os centenares de novos sacerdotes ordenados, o grande número de escolas e colégios rurais fundados, inúmeras igrejas e novas capelas construídas, a imprensa católica, o Jornal Católico, as Conferências Episcopais, o Primeiro Congresso Eucarístico Estadual, os Retiros Espirituais do Clero, os Sínodos Arquidiocesanos, as Cartas Pastorais, as Semanas de Ação Católica, as Conferências Eclesiásticas Mensais do Clero, a Catequese nos Colégios Públicos, a Assistência Religiosa aos Militares, etc. etc. Longo seria enumerar as variadas obras da administração do Arcebispo de Pôrto Alegre.

A Arquidiocese de Pôrto Alegre consta atualmente de 117 paróquias, em uma área de 43.289 km² e uma população de 1.150.000 almas, dos quais cêrca de 300 mil acatólicas, e constitue-se do território dos 28 municípios civis seguintes:

Arroio do Meio, Caí, Candelária, Canoas, Camaquã, Encantado, Encruzilhada, Estrêla, General Câmara, Gravataí, Guaíba, Guaporé, Lajeado, Montenegro, Novo Hamburgo, Osório, Pôrto Alegre, Rio Pardo, Santo Antônio, Santa Cruz,



A Fé

Detalhes do interior da igreja de N. S. das Dores, em Pôrto Alegre

São Jerônimo, São Leopoldo, Tapes, Taquara, Taquarí, Triunfo, Venâncio Aires, Viamão.

As paróquias na Arquidiocese são as seguintes:

PARÓQUIAS NA CAPITAL: 1 — Auxiliadora — Cônego Leopoldo Hoff; Coadjutor: P. Luiz J. De Nadal. 2 — Belém Novo — Administrador: P. Alfredo Antonelli, C.S.C. 3 — Conceição — Vigário: Cônego Ambrósio Konzen. 4 — Cristo Redentor — Vigário: P. João André Mascarello. 5 — Dores — Vigário: P. Daniel Chávarri, C.M.F.; Coadjutor: P. Sebastião Pacheco. 6 — Glória — Vigário: P. João Cláudio Colling; Coadjutor: P. Nilo Kollet. 7 — Lourdes — Vigário: P. Luiz Ben; Coadjutor: P. José Eichelberger. 8 — Madre de Deus — Vigário: Mons. Dr. João Maria Balem; Coadjutor: P. Neis; Coadjutores: P. José Junges, P. André Wild. 12 — Parthélio Pereira de Azevedo. 9 — Menino Deus — Vigário: P. Edmundo Inácio Müller; Coadjutor: P. Ervino Puhl. 10 — Navegantes — Vigário: Mons. Felipe Diel; Coadjutor: P. Oto Skrypszak. 11 — Pão dos Pobres — Vigário: Cônego Afonso thenon — Vigário: P. frei Antônio de Caxias, O.M.C.; Coadjutores: P. Atanásio de Nova Trento, P. Cassiano de Garibaldi, P. João B. de Alfredo Chaves. 13 — Piedade: Vigário: Cônego Matias Wagner; Coadjutor: P. Henrique Jacó Orth. 14 — Rosário — Vigário: Cônego Cleto Benvegnú; Cooperadores: Cônego João Carlos Rech; P. José Hegelbach, S. J., na capela São José; P. Francisco Wachter, S. J., na Capela dos Passos. 15 — Sagrada Família — Vigário: Cônego Dr. Antônio Pereira dos Santos; Coadjutor: P. Alberto Traesel. 16 — São Francisco de Assis — Vigário: P. Afonso Wiest. 17 — São Geraldo — Vigário: Cônego Dr. Alfredo Vicente Scherer; Coadjutor: P. João Becker; Cooperador: P. João Wróvel, C. M. 18 — São João — Vigário: P. Davi Rossa; Coadjutor: P. José Scholl. 19 — São Pedro — Vigário: Cônego Emílio Lottermann; Coadjutor: P. Inácio Eidt. 20 — São Sebastião do Bairro Petrópolis — Vigário: P. Rinaldo Alfredo Ody; Coadjutor: P. Guilherme Hoffmann. 21 — Santa Teresinha — Vigário: P. Atílio Vitor Fontana. 22 — Teresópolis — Vigário: Cônego André Pedro Frank. 23 — Tristeza — Vigário: Cônego Pedro Hillesheim; Cooperador: P. Albino Eugênio Mallmann. 24 — Vila Nova — Vigário: P. Alfredo Antonelli C.S.C.; Cooperador: P. José Guadagnini, C.S.C.

PARÓQUIAS DO INTERIOR: 25 — Anta Gorda — Vigário: P. Hermínio Catelli, C.S.C. 26 — Arroio do Meio — Vigário: Cônego Jacó Seger; Coadjutor: P. Afonso Agostinho Theobald. 27 — Arvorezinha — Vigário: P. Pedro Faustino Piccoli. 28 — Barão do Triunfo — Vigário: P. Guilherme José Wiest. 29 — Barra do Ribeiro — Vigário: P. Bernardo Mallmann. 30 — Bom Jardim — Vigário: P. Reinaldo Rech. 31 — Bom Princípio — Vigário: Cônego José Becker; Coadjutor: P. José Luiz Klafike. 32 — Bom Retiro — Vigário: P. Artur Miguel Oppermann. 33 — Boqueirão de Lajeado — Vigário: P. Arno Luiz Eckert. 34 — Caí — Vigário: P. Fernando Müller, S.J.; Coadjutor: P. Carlos Schebendach, S.J. 35 — Candelária — Vigário: P. Agostinho Müller. 36 — Canela — Vigário: P. João Alberto Hickmann. 37 — Canoas — Vigário: P. José Leão Hartmann; Coadjutor: P. Alberto Nejar. 38 — Capela — Vigário: P. Nicolau Flach. 39 — Casca — Vigário: P. Hermenegildo Amianti, C.S.C. 40 — Concórdia — Vigário: P. José Afonso Weiler. 41 — Dom Feliciano — Vigário: P. Antônio Myszka, C.M.; Coadjutor: P. Francisco Madej, C.M. 42 — Ricarda — Vigário: P. Santo João B. Dal Bosco. 43 — Dois Irmãos — Vigário: P. Valentim Luiz Weschenfelder. 44 — Dois Lajeados — Vigário: P. Carlos Pedrazzani, C.S.C. 45 — Encantado — Vigário: P. Arnoldo Murer, C.S.C. 46 — Encruzilhada — Vigário: P. José Nicolau Hanquet; Coadjutor: P. João Simão Caspary. 47 — Esteio — Vigário: P. Felipe Atucha C.M.F.; Coadjutor: P. Simão Glock, C.M.F. 48 — Estrêla — Vigário: Cônego Reinaldo Juchem; Coadjutor: P. Alfredo Kasper. 49 — Fão — Vigário: Padre frei Antônio van den Steen, O.F.M. 50 — Feliz — Vigário: P. Francisco X. Riederer, S.J. 51 — Gramado — Vigário: P. João Germano Rambo. 52 — Gravataí — Vigário: Cônego Pedro Wagner; Coadjutor: P. João Artur Wagner. 53 — Guaíba — Vigário: Cônego Estanislau Scherer. 54 — Guaporé — Vigário: P. Ângelo Corso, C.S.C. 55 — Hamburgo Velho — Vigário: P. João Wittmann; Coadjutor: P. Edmundo Schmitt. 56 — Harmonia — Vigário: P. Oscar Francisco Mallmann; Coadjutor: P. Luiz Miguel Petry. 57 — Herveiras — Vigário: P. Antônio Albino Kunrath. 58 — Ilópolis — Vigário: P. José Kolling da Silva. 59 — Itapuca de Encantado — Vigário: P. Emílio Rosa, C.S.C. 60 — Joaneta — Vigário: P. Miguel João Royer. 61 — Lajeado — Vigário: P. Leopoldo Loch; Coadjutor: P. Luiz Rockenbach. 62 — Linha Brasil de Venâncio Aires — Vigário: P. Augusto Estanislau Mallmann. 63 — Lomba Grande — Vigário: P. Alfredo Simon. 64 — Maquiné — Vigário: P. Atanásio Orth. 65 — Maratá — Vigário: P. Pedro Bernardo Rech. 66 — Maria (Vila) — Vigário: Cônego Guilherme José Maschio. 67 — Mariana Pimentel — Vigário: P. Estevam Resska. 68 — Marquês do Herval — Vigário: P. Matias Wilers. 69 — Mato Leitão — Vigário: P. Pedro Henrique Vier; Coadjutor: P. Vilibaldo Scholl. 70 — Mauá — Vigário: P. Alexandre Studzinski. 71 — Montaurí — Vigário: P. Marcos Antônio Rampi. 72 — Monte Alverne — Vigário: P. Jacó Santino Adam. 73 — Montenegro — Vigário: P. Pedro Leopoldo Marx; Coadjutor: P. José Huberto Viehoff. 74 — Mussum — Vigário: P. Lucas Viero. 75 — Natal — Vigário: P. Francisco Murmann, S.J. 76 — Novo Hamburgo — Vigário: P. Wunibaldo Backes; Coadjutor: P. José Luiz Fischer. 77 — Nova Petrópolis — Vigário: P. Afonso João Theobald. 78 — Oeste (Guaporé) — P. José Cláudio Wiest. 79 — Osório — Vigário: P. Pedro Henrique Jacobs. 80 — Padre Antônio Vieira (Bocó) — Vigário: P. Arno Antônio Klein. 81 — Palmares — Vigário: P. Leopoldo Ervino Mallmann. 82 — Passo do Sobrado — Vigário: P. José Rinaldo Rauber. 83 — Piaí — Vigário: P. João Marchesi. 84 — Poco das Antas — Vigário: P. Pedro Drebel. 85 — Progresso — Vigário: P. frei Constantino van Ryn, O.F.M. 86 — Pulador — Vigário P. Luiz Guglieri. 87 — Putinga — Vigário: P. Vitório De Lorenzi, C.S.C. 88 — Relvado — Vigário: P. Jerônimo Bortoloto. 89 — Rio Pardo — Vigário: P. Tomaz Brogi. 90 — Roca Sales — Vigário: P. Luiz Bernardo Pritsch. 91 — Rolante — Vigário: P. Pedro Klaus; Coadjutores: P. Fernando Nagel, P. Germano Broehl. 92 — Santo Amaro — Vigário: Augusto Matias Ely. 93 — Santo Antônio da Patrulha — Vigário: P. José Breitenbach, Coadjutor: P. Edmundo Reckziegel. 94 — Santa Clara — Vigário: P. David Groth. 95 — Santa Cristina do Pinhal — Vigário: P. João Cristovam Afonso Kist. 96 — Santa Cruz — Vigário: P. José Belser, S.J. 97 — São Domingos — Vigário: João Benvegnú. 98 — São Jerônimo — Vigário: P. Antônio da Fonseca Dutra; Coadjutores: P. Pedro Kolling das Neves, na Capela Santa Teresinha Minas do Butiá; P. Edmundo Rambo, na Capela Santa Bárbara, Minas do Arroio dos Ratos. 99 — São João de Camaquã — Vigário: P. Luiz Walter Hanquet; Coadjutor: P. José Mees. 100 — São José do Hortêncio — Vigário: P. José Balduino Spengler. 101 — São José do Patrocínio — Administrador: P. José Nicolau Hanquet. 102 — São Leopoldo — Vigário: P. Felipe Kroetz, S.J.; Coadjutor: P. Pedro Forsthofer, S.J. 103 — Santa Maria do Herval — Vigário: P. Afonso Scherer. 104 — São Salvador — Vigário: P. Alfredo Bley, S.J. 105 — São Vendelino — Vigário: P. Pedro Alfredo Caspary; Coadjutor: P. Ivo Ernesto Arenhard. 106 — Serafina Corrêa — Vigário: P. Luiz Pedrazzani. 107 — Sério (Vila) — Vigário: P. Onésimo Timmersmann, O.F.M. 108 — Sinimbú — Vigário: Cônego João Vilibaldo Schmitz. 109 — Tapes — Vigário: P. Fernando B. Steffen. 110 — Taquara — Vigário: P. Efrém Warken, M.S.F. 111 — Taquarí — Vigário: frei Livino Pothof, O.F.M. 112 — Teresa (Vila) — Vigário: P. José M. Kroetz; Coadjutor: P. Pedro Silvano Neis. 113 — Tiradentes: Vigário: P. Benjamin Rosato, C.S.C. 114 — Triunfo — Vigário: P. Guilherme Stamsen. 115 — Venâncio Aires — Vigário: Cônego Albino Juchem; Coadjutor: P. José Backes; Auxiliar: Cônego Nicolau Knob. 116 — Vespasiano Corrêa — Vigário: P. Davi Angeli C.S.C. 117 — Viamão — Vigário: P. Artur Wickert.

CAPELANIAS: — Mons. João Emílio Berwanger dos Irmãos das Escolas Cristãs — Canoas. Mons. Nicolau Marx de Bom Fim. Mons. Matias José Gansweidt do Instituto Champagnat. Mons. José De Nadal das Irmãs Filhas de Maria Imaculada. Cônego José Alberto Colling do Ginásio Bom Conselho. Frei Efrém de Belleveaux do Ginásio Sevigné. Frei João de Alfredo Chaves do Ginásio N.ª S.ª do Rosário. P. Albino Eugênio Mallmann dos Hospital da Brigada — Cristal. P. Luiz V. Sartori do Divino Espírito Santo e Assistente Geral da Ação Católica e da União Católica Militar. P. P. João Inácio Froener — Asilo Santa Luzia. P. João Wrobel, C.M. — N.ª S.ª de Monteclaro. P. Francisco Wacher, S.J. — Santa Casa. P. José Hegelbach, S.J. — São José. P. Felix Davidson — Asilo Padre Cacique. P. José Gnadagnini, C.S.C. — Sanatório Belém. P. Luiz Froener, S.J. — Colégio dos Anjos. P. Pio Buck, S.J. — Casa de Correção. Frei Pacífico de Bellevaux, O.M.C. — Leprosário Itapoã. Frei Germano de Saint-Sixt, O.M.C. — Amparo Santa Cruz. Frei Cassiano de Garibaldi, O.M.C. — Hospital São Pedro. P. Leonardo Müller, S.J. — Colégio São José em São Leopoldo.

SACERDOTES COM USO DE ORDENS: Cônego Josué Bardim — São Domingos. P. Carlos Fuechtjohann — Hospital Caí. P. José Jerônimo Braun — Hospital Estrêla. P. Afonso Schmidt. P. Artur Hartmann.



CATEDRAL METROPOLITANA DE PÔRTO ALEGRE

Vista das obras da imponente catedral, cujos trabalhos, após mais de dois decênios de ininterrupto labutar, estão prestes a ficarem concluídos

SACERDOTES AUSENTES DA ARQUIDIOCESE: P. Luiz Mariano da Rocha — Rio de Janeiro. P. Mário Pereira da Silva — Rio de Janeiro. P. Gustavo Schmidt — Santa Maria. P. Ponciano dos Santos Stenzel — Espírito Santo.

IV — DIOCESE DE PELOTAS

Pelotas, erecta freguesia em 7-8-1812, foi escolhida para sede do novo Bispado, tendo por Padroeiro São Francisco de Paula, cuja Igreja Matriz foi elevada à Dignidade de Catedral.

A escolha para primeiro Bispo de Pelotas recaíu na pessoa de D. Francisco de Campos Barreto, Vigário de Campinas, o qual recebeu a sagração episcopal no dia 27-2-1911. Governou durante nove anos aquela diocese, desdobrando-se em inúmeras obras de assistência social e religiosa, até que, em 1920, foi nomeado sucessor de D. João Nery, Bispo de Campinas, sua cidade natal, onde faleceu cheio de serviços, com 64 anos de idade, aos 23-8-1941.

Sucedeu-lhe no sólio episcopal de Pelotas, o Vigário Geral de Fortaleza, Mons. Joaquim Ferreira de Mello, natural do Crato, no Ceará, onde nasceu a 31-8-1873. Foi sagrado Bispo a 18-9-1921, tendo tomado posse a 14-11 do ano seguinte.

Seu episcopado foi uma sementeira de obras

pias e educacionais, fundando colégios, orfanatos, o Seminário Diocesano, paróquias novas e reformou a Catedral. Faleceu querido e chorado por todos, no dia 22-9-1940.

A 9-7-1942, tomou posse da Diocese o novo Bispo, nomeado pelo Papa Pio XI; o escolhido foi o Vigário da Freguesia de Santo Antônio de Bento Gonçalves, D. Antônio Záttera, o qual foi sagrado naquela mesma cidade no dia 31-5-1942, pelo Arcebispo de Pôrto Alegre, D. João Becker. Nasceu D. Antônio Záttera na freguesia de São Pedro, de Garibaldi, hoje na diocese de Caxias, aos 25-7-1899, tendo feito seus estudos nos Seminários de Pôrto Alegre e de São Leopoldo. Foi coadjutor da freguesia de Caxias e Vigário de São Lourenço de Vilas Boas, e Coletor de Donativos para as obras da nova Catedral de Pôrto Alegre, da qual foi nomeado Cônego honorário.

A diocese de Pelotas constitue-se das seguintes paróquias:

Divino Espírito Santo de Jaguarão, Maria Auxiliadora em Bagé, N.ª S.ª do Carmo no Rio Grande, N.ª S.ª da Conceição de Cangussú, N.ª S.ª da Conceição de Piratiní, N.ª S.ª da Graça de Arroio Grande, N.ª S.ª da Luz em Pelotas, N.ª S.ª da Luz em Cacimbinhas (Pinheiro Machado), N.ª S.ª da Penha, em Rio Grande, Sagrado Coração de Jesús em Pelotas, Santa Vitória, São Francisco de Paula em Pelotas (Catedral), São João Batista do Herval, São José do Norte, São José da Estação, Ivo Ribeiro, São Lourenço, São Pedro na cidade do Rio Grande e São Sebastião de Bagé.

A população da diocese é calculada em 40.000 almas e uma área de 45.000 km².

V — DIOCESE DE URUGUAIANA

Elevada à freguesia por lei provincial de 29-5-1846 a povoação de Sant'Ana, no Rio Uruguai, passou a denominar-se Uruguaiana, e foi escolhida para sede de uma nova diocese em 15-8-1910, sendo a sua Igreja Matriz elevada à dignidade de Catedral. O seu primeiro Bispo foi D. Hermeto José Pinheiro, natural de Alagoas, nascido a 28-8-1870 em Caldeirões, município de Traipú. Ordenado sacerdote em 1894, recebeu o encargo de reger várias paróquias, e de lente do Seminário de Olinda. O Papa Pio X publicou sua nomeação de Bispo de Uruguaiana no Consistório de 30-11-1911, tendo sido sagrado a 17-3-1912. Tomou posse da diocese aos 19-5-1912, e a governou até o dia 3-11-1941, quando entregou a Deus sua bela alma cheia de merecimentos, após uma vida verdadeiramente apostólica. Criou um Seminário Menor em Cêrro Azul e iniciou a construção de uma majestosa Catedral, quasi terminada.

Fazem parte da diocese de Uruguaiana as seguintes paróquias:

Alegrete, Buricá, Campina, Cacequí, Dom Pedrito, Ernesto Alves, Guaraní, Itaquí, N.ª S.ª do Carmo em Uruguaiana, Pôrto Lucena, Quaraí, Rosário, Santana do Livramento, Santa Rosa, Santiago do Boqueirão, Santo Ângelo, Santo Cristo, São Borja, São Francisco de Assis, São Gabriel, São José do Pirapó, São Luiz Gonzaga, São Vicente, Cêrro Azul, Tucunduva e Uruguaiana (Sant'Ana).

A diocese tôda tem uma população de 400 mil almas, distribuídas em uma área de 60.000 km².

VI — DIOCESE DE SANTA MARIA

Santa Maria, antiga capela do Acampamento, foi inicialmente filial da freguesia de Cachoeira, e elevada à categoria de Curada a 27-7-1802, sendo o seu primeiro Vigário o Padre Antônio José Lopes. Escolhida para sede de uma nova diocese no Rio Grande do Sul, foi sua Igreja Matriz, do título N.ª S.ª da Conceição, elevada à dignidade de Catedral. Essa igreja foi construída pelo Vigário Padre Caetano Pagliuca, da Congregação dos Palotinos.

Pelo Papa Pio X foi eleito primeiro Bispo o Vigário Geral e Cônego da Sé de São Salvador da Baía, Mons. Miguel de Lima Valverde, nascido a 29-9-1872, na cidade de Santo Amaro, no Estado da Baía.

Foi eleito Bispo de Santa Maria em 6-2-1911, sendo sagrado em 29-10-1911 e tomando posse em 7-1-1912. A 14-2-1922 foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife, onde tomou posse a 23-7-1922.

Durante o seu episcopado, erigiu muitas paróquias e fundou o Seminário Menor, de cujo edifício construíu duas alas.

A D. Miguel sucedeu o Bispo D. Eusébio Ático da Rocha, também natural do Estado da Baía, nascido em Inhambupe, a 6-11-1882. Recebeu sua ordenação sacerdotal a 27-8-1905. Eleito pelo Papa Pio XI, a 27-10-1922 para Bispo de Santa Maria, foi sagrado em 15-4-1923, tendo tomado posse aos 27-5-1924. Governou a diocese até o dia 8-4-1929, por ter sido transferido para a diocese de Cafelândia, onde tomou posse a 9 de junho do mesmo ano. É êle, atualmente, o Arcebispo de Curitiba, para onde foi nomeado por Bula de 16-12-1935, tendo tomado posse aos 7-3-1936.

No sólio episcopal de Santa Maria sucedeu a D. Ático, por eleição do Papa Pio XI, em data de 31-7-1931, o Vigário da Igreja da Conceição em Pôrto Alegre, Cônego Antônio Reis.

Natural do município de Santa Cruz, onde nasceu a 28-10-1885, fez seus estudos no Seminário de Pôrto Alegre, sendo ordenado sacerdote aos 30-11-1910 pelo Arcebispo D. Cláudio José. Foi nomeado sucessivamente coadjutor e vigário de Santo Antônio da Patrulha em 1911, e, em 1912, coadjutor, e, depois, Vigário de Gravataí. Em 1913, foi nomeado Vigário de Canoas e Capelão do Colégio dos Irmãos da Doutrina Cristã. Em 1915, tomou posse do cargo de Vigário do Menino Deus, e, em 1917, do de auxiliar da Pia Obra do Pão dos Pobres, e mais tarde foi nomeado novamente para a paróquia de Canoas. Em janeiro de 1921 nomeado Vigário da Igreja de N.ª S.ª da Conceição, em Pôrto Alegre, paroquiou aquela freguesia até a sua nomeação episcopal. Sagrado Bispo aos 13-12-1931 pelo Arcebispo D. João Becker, tomou posse da diocese aos 3-1-1932.

Desde então desenvolve um profícuo apostolado no seu novo campo de trabalho para a salvação das almas, tendo criado inúmeras paróquias, colégios; desenvolveu a Ação Católica e a Congregação da Doutrina Cristã em tôda a diocese.

A população da diocese de Santa Maria é de cêrca 750.000 almas e conta com 69 paróquias, que são as seguintes:



A FÉ

Ornato estatuário do altar-mór na igreja matriz de São Luiz Gonzaga. À esquerda, o orago: São Luiz Gonzaga

Arroio Tigre, Arroio Grande, Agudo, Águas da Rondinha, Barro, Barril, Barro do Rio Azul, Boa Esperança, Benjamin Constant, Buricá, Cadeado, Camargo, Caçapava, Cachoeira, Carasinho, Charrua, Cruz Alta, Chapada, Ajuricaba, D. Francisca, Getúlio Vargas, Ibiruba, Ijuí, Iraí, Ivoré, Cotegipe, Formigueiro, Fortaleza, Jaguarí, Júlio de Castilhos, Jacutinga, José Bonifácio, Marau, Marcelino Ramos, Nova Palma, Nonoai, Cressiuma, Não-me-Toque, Dores, Princesa Isabel, Passo Espumoso, Passo Fundo, Palmeira, Pinheiro Marcado, Rio Branco, Restinga Sêca, Santa Maria, Santa Catarina, São Paulo, São Pedro, São Sepé, Sertão, Sobradinho, Sant'Ana da Boa Vista, Sarandí, Silveira Martins, Soledade, Selbach, Sede Aurora, Tapera, Tupanciretã, Três Passos, Vasconcelos Filho, Vila Maurício Cardoso, Vale Vêneto, Vila Teixeira, Vila Carlos Gomes, Viaduto.

VII — DIOCESE DE CAXIAS

Para sede da nova Colônia "Duque de Caxias" fôra escolhido o lugar denominado "Campo

dos Bugres", onde houve antigamente um acampamento de índios "coroados", no planalto da Serra Geral, entre os vales dos rios das Antas (Taquari) e o Caí, na altitude de 760 metros, a 29° graus de latitude e 51° de longitude, no rumo norte de Pôrto Alegre.

Foi setenta anos atrás, bem no centro da floresta virgem, até então refúgio seguro dos tigres e javalis, quando uma leva de colonos italianos aí foi instalada e começou a derrubada da mata emaranhada de taquarais, de angicos e pinheiros, transformando tudo em promissoras roças, dando assim início à plantação do milho, do trigo, da videira, o que foi o comêço da futura prosperidade de Caxias. Após a primeira leva seguiram-se outras e outras e esparramaram-se pelas picadas desertas, fazendo soar o machado nas solidões dos bosques e plantando suas sementeiras.

Nos primeiros tempos foi tudo árduo e dificultoso, porém a tenacidade daqueles colonos, arrostando mil dificuldades e privações, souberam em poucos anos tudo vencer, uns, transformando um solo inculto e sáfaro em searas imensas e cobrindo de parreirais vales e montes, e outros, iniciando pequenas indústrias as quais atingiram tal grau de perfeição que hoje não temem concorrência com as similares de outros centros adiantados ou estrangeiros.

Porém, aquelas levas de colonos também trouxeram consigo um verdadeiro e firme sentimento religioso: o da fé católica, apostólica romana, a qual sempre conservaram ciosamente em seus corações e a transmitiram aos seus descendentes. E a prova dessa religiosidade são essas inumeráveis paróquias, igrejas e oratórios que se estendem por tôda a vasta região colonial, e o admirável desenvolvimento religioso, o qual obrigou ao Exmo. Arcebispo Metropolitano a providenciar junto ao Sumo Pontífice, pedindo sua interferência suprema para o bem espiritual de milhares de filhos.

E o Santo Padre Pio XI, anuindo às necessidades espirituais dos fiéis, criou mais duas circunscrições eclesiásticas no nosso Estado do Rio Grande do Sul, a Diocese de Caxias e a Prelazia de Vacaria.

Eis as palavras pontificiais: "Pio XI, Servo dos servos de Deus, para perpétua memória. Incumbe-Nos a obrigação em tôda a parte o que é de maior proveito espiritual dos fiéis. Sendo, pois, de máxima utilidade para o govêrno do rebanho do Senhor uma reta circunscrição eclesiástica do orbe católico, devemos empenhar-Nos em virtude do supremo cargo apostólico que ocupamos, de reduzir, conforme as circunstâncias do tempo e do lugar, a limites mais estreitos as dioceses demasiadamente amplas, erigindo, assim, novas dioceses".

"Benignamente ouvimos, portanto, as preces que recentemente Nos foram dirigidas pelo Venerável Irmão João Becker, Arcebispo de Pôrto Alegre, no Brasil, atenta à nímia extensão de sua Arquidiocese e acompanhadas das súplicas, à Sé Apostólica, dirigidas pelo Venerável Irmão Bento Aloisi Masella, Arcebispo Titular de Cesaréa na Mauritânia e Núncio Apostólico na República do Brasil, no sentido de ser desmembrada parte do território de sua Arquidiocese e serem erigidas novas dioceses."

"Nós, portanto, após ponderar tudo maduramente, tendo erigido no mesmo dia, no território da mesma Arquidiocese, a Prelazia de Vacaria, e ouvido o Conselho dos Veneráveis Irmãos Nossos, os Cardeais da Santa Igreja Romana, prepostos da Sagrada Congregação Consistorial, suprido o consenso enquanto é necessário dos interessados, e que porventura se julguem interessados, com a plenitude do Poder Apostólico, separamos outra parte da Arquidiocese de Pôrto Alegre no Brasil, circunscrita nos limites a declarar-se abaixo, a erigimos e a declaramos erigida pela presente, em uma nova diocese, a chamar-se "Caxiense", conforme o nome da cidade de Caxias. A nova diocese constará do território formado pelos nove municípios seguintes: Alfredo Chaves — Antônio Prado — Bento Gonçalves — Garibaldi — Nova Trento — São Francisco de Paula de Cima da Serra e Tôrres."

A diocese de Caxias, pois, criada pelo Papa Pio XI, de saüdosa memória, com a Bula "Quae Spirituali Christi Fidelium", de 8-11-1934, e constitue-se do território de dez municípios civís (pois Farroupilha foi criado com território de Caxias), situados na encosta da Serra Geral, no Planalto do Nordeste do Estado e no litoral Atlântico, com uma área aproximadamente de doze mil e cem quilômetros quadrados e uma população de mais de duzentas mil almas, limitando pelo norte com a Arquidiocese de Florianópolis e com a Prelazia de Vacaria, pelo leste com o Oceano Atlântico, e pelo sudeste e oeste pela Arquidiocese de Pôrto Alegre, tendo por sede a cidade de Caxias.

O mesmo Sumo Pontífice Pio XI, escolhendo para sede da nova diocese a cidade de Caxias, diz textualmente: "Estabelecemos, como sede da mesma diocese, a cidade de Caxias, da qual ela toma o nome, e a elevamos à dignidade de cidade episcopal, colocamos a cadeira episcopal na Igreja dedicada a Deus em honra de Santa Teresa de Jesús existente naquela cidade, elevando-a, por conseguinte, ao grau e dignidade de Igreja Catedral."

"Atribuimos a ela e aos Bispos dela, tôdas as honras, insígnias, favores, graças, privilégios e direitos de que, conforme o direito comum, gozam as demais catedrais e seus prepostos."

"A Catedral de Caxias e seu Bispo declaramos sujeitos aos mesmos encargas e obrigações a que estão sujeitos as demais catedrais do mundo e os demais Bispos."

"A nova Igreja Catedral de Caxias constituimos sufragânea da Igreja Metropolitana de Pôrto Alegre no Brasil."

As áreas dos municípios, cujos territórios formam a diocese caxiense são as seguintes: de Alfredo Chaves uma área de 632 km², Antônio Prado, 468 km², Bento Gonçalves, 530 km², Caxias, 891 km², parte de Farroupilha, 417 km², Flores da Cunha (Antiga Nova Trento), 480 km², Garibaldi, 503 km², Prata, 435 km², São Francisco de Paula de Cima da Serra, 6357 km² e Tôrres, 1398 km².

O território da diocese de Caxias outrora fez parte da antiga diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul, criada em 7-5-1848 pelo Papa Pio IX, e depois da criação da Arquidiocese de Pôrto Alegre, em 15-8-1910 pelo Papa Pio X, fez parte desta, com exceção do território do município de São Francisco de Paula, cuja área supera a metade do território da diocese de Caxias, e que perten-

ceu, até o ano de 1919, à diocese de Santa Maria, quando pela Santa Sé foi decretado incorporada à jurisdição arquidiocesana de Pôrto Alegre.

Após a criação da diocese de Caxias, em 8-9-1934, foi o Exmo. Snr. Núncio Apostólico D. Bento Aloisi Masella, por mandato da Santa Sé, o executor da Bula Pontifícia, o qual por sua vez designou como Administrador Apostólico da nova diocese o Exmo. Snr. Arcebispo de Pôrto Alegre, D. João Becker, até a posse do futuro Bispo.

Um ano depois, em data de 23-9-1935, a Santa Sé nomeou primeiro Bispo de Caxias ao Exmo. Monsenhor José Barea, Vigário do Rosário, na cidade de Pôrto Alegre, o qual recebia a sagração episcopal no dia 19-1-1936, das mãos do Arcebispo de Pôrto Alegre, na Cripta da nova Catedral em Pôrto Alegre.

Nasceu D. José Barea em Nova Treviso, município de Antônio Prado, neste Estado, aos 19-1-1893, sendo filho legítimo de Ângelo Barea e D. Maria Berlotti, já falecidos.

Fez seus estudos ginasiais no Colégio de São José do Parecí Novo e os de filosofia e de teologia no Seminário Provincial de São Leopoldo, e recebeu a ordenação sacerdotal a 2-4-1918, na Capela daquele Seminário; cantou a sua primeira Missa na Igreja Paroquial dos Apóstolos São Pedro e São Paulo de Nova Roma, hoje denominada Guararapes. Exerceu êle, no ano seguinte, 1919, até 1927, o cargo de Secretário Particular do Exmo. Snr. Arcebispo de Pôrto Alegre, tendo sido nesse interim nomeado Cônego honorário da Catedral Metropolitana, em data de 23-9-1923, e recebendo o título de Camareiro Secreto de Sua Santidade Pio XI, em data de 17-9-1927.

Tendo adoecido por êsse tempo o Vigário de N.ª S.ª do Rosário, Mons. Roberto Landell de Moura, foi nomeado seu auxiliar aos 26-1-1928, e por morte daquele, ocorrida em 30-6-1928, foi efetivado no cargo de Vigário aos 6-7 daquele mesmo ano de 1928.

Nos sete anos que esteve à testa daquela Igreja, Mons. José Barea desenvolveu suas múltiplas atividades no progresso espiritual de seus paroquianos, reorganizando a Arquiconfraria de N.ª S.ª do Rosário, os Apostolados da Oração e o Pio Sodalício de Nossa Senhora Aparecida, cujo culto fôra introduzido em Pôrto Alegre pelo seu falecido antecessor, Mons. Landell de Moura.

Todo entregue aos seus trabalhos paroquiais estava êle, e, preparando-se para erigir um novo templo em substituïção da antiga matriz do Rosário, quando a nomeação de Bispo de Caxias o veio surpreender.

Sagrado Bispo, tomou posse da diocese a 11-2-1936.

No desempenho de seu novo e espinhoso encargo, nestes sete anos que lá vão, não poupou esforços para bem apascentar essa parcela do rebanho do Senhor que a Santa Sé confiou a sua solicitude, quer visitando a miúde tôdas as paróquias da diocese, quer criando outras, onde a necessidade espiritual dos fiéis as exigia, quer fundando o Seminário Diocesano "Nossa Senhora Aparecida", o qual está em franco florescimento, e situado em alta e amena colina nas proximidades da cidade episcopal.

A Diocese de Caxias consta de 37 paróquias, que são:

Nossa Senhora da Conceição de Caxias, Nossa Senhora da Saúde de Monte Vêneto, N.ª S.ª de Lourdes de Caxias, N.ª S.ª de Lourdes de Flores da Cunha, N.ª S.ª de Pompéia de Pinto Bandeira, antiga Silva Pinto, N.ª S.ª do Carmo de Criúva, N.ª S.ª do Rosário de Faria Lemos, N.ª S.ª do Rosário de Protásio Alves, N.ª S.ª de Caravagio de Ana Rech, N.ª S.ª de Caravagio de Linha Palmeiro, Sagrado Coração de Jesús de Antônio Prado, S. Coração de Jesús de Nova Vicenza (Farroupilha), Santa Cruz de Nova Milão de Emboaba, Santa Teresa de Bento Gonçalves, Santa Teresa de Caxias, Santo Antônio de Bela Vista, Santo Antônio de Bento Gonçalves, Santo Antônio de Nova Pádua, São Bassano de Nova Bassano, São Braz de Paraí, São Domingos de Tôrres, São Francisco de Assis de Monte Belo, São Francisco de Paula de Cima da Serra, São João Batista do Prata, São José de Vista Alegre, São Lourenço de Vilas Boas, São Luiz de Alfredo Chaves, São Marcos de Caxias, São Marcos de Linha Palmeiro, São Pedro de Alcântara, São Pedro de Caxias, São Pedro de Galópolis, São Pedro de Garibaldi, São Pelegrino de Caxias, Araçá, Cazuza Vieira.

Pertencem à diocese de Caxias os seguintes sacerdotes:

Cônego Ângelo Donato, Cônego Henrique Compagnoni, Cônego João Menegazzi, Padres Alberto Peroni, Albino Agazzi, André Zanettin, Ângelo Odórico Monaco, Antônio Rizzotto, Cosme Fiorini, Eugênio Giordani, Guilherme Postal, Fortunato Felix Busatta, Francisco Ritter, Henrique Gelain, João Golo, João Santo dal Bosco, João Vicceli, Jacob Bremm, José Ben, José Sanson, José Ferlin, José Manica, Luiz Polesso, Luiz Mascarello, Luiz Simonaggio, Maximiliano Franzoi, Orestes Valetta, Tiago Bombardelli.

Servem em diversas paróquias também sacerdotes da Ordem dos Padres Capuchinhos (os quais dirigem o Seminário), os padres da Congregação de São Carlos, da Congregação dos Josefinos, da Congregação dos Passionistas e da Congregação da Sagrada Família; Irmãos da Doutrina Cristã e Irmãos Maristas dedicam-se à educação da juventude. Possuem florescentes colégios e dirigem hospitais Irmãs da Congregação de São José, das Missionárias de São Carlos e das Irmãs do Puríssimo Coração de Maria.

VIII — PRELAZIA DE VACARIA

A Prelazia de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria foi criada na mesma data na qual foi criada a diocese de Caxias, por Bula de 8-9-1935, e seu território foi desmembrado da Arquidiocese de Pôrto Alegre, e é formado pelo complexo de três municípios civís: Vacaria, Bom Jesús e Lagoa Vermelha.

É seu Prelado D. Frei Cândido Júlio Bampi, da Ordem dos Capuchinhos, e natural do município de Caxias, Estado do Rio Grande do Sul, onde nasceu aos 25-1-1889. Fez seus estudos no Colégio Seráfico de Garibaldi e em Roma, onde recebeu a ordenação sacerdotal aos 10-8-1914. Ocupou diversos cargos na sua Ordem neste Estado, tendo sido eleito prelado de Vacaria e Bispo titular de Tlos; foi sagrado pelo Arcebispo de Pôrto Alegre, aos 4-10-1936, na Catedral de Pôrto Alegre.

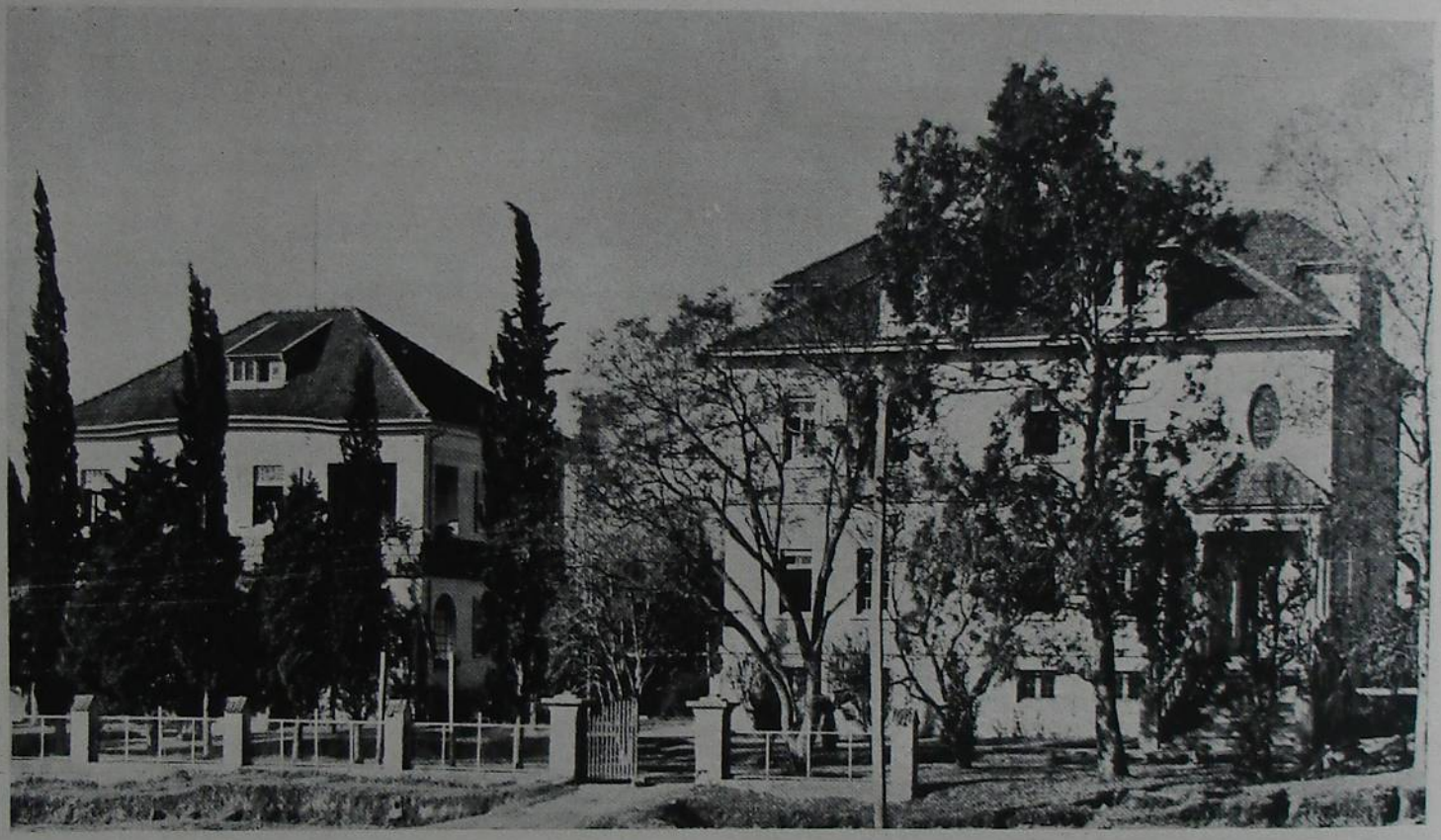
Forma a prelazia uma população de cêrca de 100.000 almas, com as seguintes freguesias:

Bom Jesús, Cacique Doble, Forquilha, Sananduva, São João Batista, São João Batista da Ortiga, Maximiliano d'Almeida, Vacaria, Ipiranga, São Luiz.

AS OUTRAS CONFISSÕES

A Igreja Evangélica Luterana do Brasil

Os píncaros de numerosos campanários atestam a presença, em nosso meio, da Igreja Evangélica Luterana. Esta igreja, que se apresenta no Brasil sob o nome oficial de "Sínodo Evangélico Luterano do Brasil", projeta nesta hora crespuscular da existência do mundo, em que as trevas da incredulidade e da impiedade crescem sempre mais e mais, o raio luminoso do Evangelho puro, para mostrar à humanidade o caminho da verdade e da vida: Jesús Cristo, verdadeiro Deus e homem, nosso único Salvador.



SEMINÁRIO CONCÓRDIA

Para formação de pastores e professores da Igreja Evangélica Luterana do Brasil

Tendo esta igreja iniciado o trabalho missionário no ano de 1900 em nosso Estado, foi o sínodo definitivamente fundado e organizado no dia 24 de junho de 1904. Nesta ocasião filiaram-se à jovem igreja riograndense 14 pastores, 10 comunidades e 1 professor. Tendo, posteriormente, se ramificado para os estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e para as repúblicas vizinhas da Argentina, Uruguai e Paraguai, conta ela, atualmente, só em nosso Estado, 55 paróquias, com um total de 28 mil almas. Nestas paróquias trabalham 51 pastores. As 90 escolas paroquiais são freqüentadas por 3.430 crianças, recebendo aí instrução de 92 professores. A igreja luterana riograndense conta igualmente em seu seio 22 associações da juventude filiadas à Liga Walther e está atualmente organizando um orfanato em Moreira, mun. Taquara.

O instituto, em que são formados os pastores e professores, é o Seminário Concórdia, localizado na Capital do Estado. Mantem êste instituto de ensino um curso teológico e um pré-teológico, sendo o ensino administrado por 7 professores, e conta com 62 estudantes.

O Sínodo Evangélico Luterano do Brasil possue, à rua São Pedro n.º 639, também em Pôrto Alegre, uma casa editora, a Casa Publicadora Concórdia. Nesta emprêsa tipográfica são editados os diversos livros didáticos usados nas escolas luteranas e os livros de uso eclesiástico. Especialmente são aquí impressos os diversos periódicos publicados pela igreja, a saber: "O Luterano", "A Igreja Luterana", "O Pequeno Luterano", "O Jovem Luterano", e o anuário "O Lar Cristão".

Esta igreja patrocina, também, através da rádio-difusão, a bem conhecida "Hora Luterana", realizando regularmente dois cultos radiofônicos por mês, o primeiro cada segundo domingo do mês, às 2,15 horas, através das ondas da R. S. Farroupilha, e o segundo cada último domingo do mês, às 21 horas, pela Rádio Difusora. Em cada irradiação da Hora Luterana colabora o Côro Radiofônico, formado por um grupo de estudantes do Seminário Concórdia.

Da constituïção do Sínodo Evangélico Luterano do Brasil destacamos o Art. 2, que assim reza: "O Sínodo tem por fim propagar o Evangelho de Jesús Cristo, manter escolas paroquiais, formar pastores e professores e tratar das demais cousas do reino de Deus. O Sínodo aceita tôdas as Escrituras Sagradas do Velho e do Novo Testamento

como a verdade revelada por Deus e como exposição única da Escritura Sagrada aceita os Livros Simbólicos da igreja evangélica luterana, reünidos no Livro Concórdia, do ano de 1580, e não admite alteração alguma desta norma; porém, no tocante à administração em geral se guiará pelas resoluções adotadas nas reüniões anuais".

A diretoria do Sínodo se compõe, atualmente, da seguinte forma: rev. Augusto Heine, presidente; rev. R. Hasse, vice-presidente; rev. E. Elicker, 1.º secretário; rev. J. Miller, 2.º secretário; prof. L. C. Rehfeldt, 1.º tesoureiro; prof. F. Strelow, 2.º tesoureiro.

A igreja luterana, fiel aos seus objetivos espirituais de apregoar o Evangelho de Jesús Cristo e desenvolver ùnicamente o trabalho eclesiástico, fiel aos seus princípios bíblicos de separação da igreja e do estado, jamais se imiscuíu em campanhas ou movimentos de natureza política, nem aquí e nem em qualquer parte do mundo. Onde quer que ela encontrou guarida, souberam seus membros respeitar as autoridades e as leis. No coração da infância é desde cedo implantado o verdadeiro amor à Pátria. Além de ser, assim, a igreja luterana uma célula viva no organismo da igreja de Cristo, é ela debaixo do Cruzeiro do Sul também uma célula viva de brasilidade.

Igreja Evangélica Luterana
Sínodo Riograndense

É a mais antiga das religiões acatólicas que se professam no Rio Grande do Sul.

Esta religião, que conta com 195.000 fiéis, possue no Estado 96 paróquias com 434 templos.

Durante o ano de 1939 foram, por esta igreja, celebrados os seguintes ofícios:

Batizados, 6.409; Ofícios fúnebres (Encomendações), 1.187; Comunhões, 53.271; Consagrações matrimoniais (Casamentos), 1.527; Cultos divinos (Ofícios), 6.154; Cultos da Juventude (Escolas dominicais), 2.053; Ceias (Celebrações da Comunhão), 759.

Realizou, também, no mesmo ano, 596 cursos de religião, com um total de 596 professores e 15.115 alunos, dos quais 10.373 concluíram o curso.

Possue 340 agremiações, com um total de 13.304 membros: Ordem Auxiliadora das Senhoras (102 agremiações com 7.197 membros), Côro Mixto (146 agremiações com 2.783 membros), Juventude Evangélica (87 agremiações com 3.235 membros) e Ordem dos Homens (5 agremiações com 89 membros).

Igreja Evangélica Luterana "Cristo"
(Independente)

Esta religião possue no nosso Estado um único templo, que se acha localizado na Capital, e conta com 884 fiéis.

Durante o ano de 1939 celebrou esta igreja os seguintes ofícios:

Batizados, 68; Casamentos, 14; Comunhões, 47; Cultos Divinos, 72; Escolas Dominicais, 42; Ceias, 33.

Realizou, também no mesmo ano, 3 cursos de religião, com um total de 6 professores e 328 alunos, dos quais 96 concluíram o curso.

Possue 2 agremiações, compostas de 99 membros.

Igreja Metodista do Brasil

Esta igreja é uma das mais antigas do Estado, pois já em 1875 fazia sua propaganda por todo o território riograndense o dr. João C. Corrêa, por isso mesmo chamado o pioneiro do Metodismo no Rio Grande do Sul. Sua regra de fé é a Bíblia Sagrada, compreendendo o antigo e o novo Testamento.

Possue 26 paróquias com 45 templos e 6.289 fiéis.

No ano de 1939 celebrou a Igreja Metodista do Brasil os seguintes ofícios:

Batizados, 731; Ofícios fúnebres (Encomendações), 72; Casamentos, 172; Cultos-Ofícios, 4.531; Ceias, 348; Aulas dominicais, 69.

Neste mesmo ano realizou 56 cursos de religião, com um total de 389 professores e 5.230 alunos, dos quais 4.532 concluíram o curso.

Possue 78 agremiações, com 2.430 membros.

Igreja Episcopal Brasileira

Esta igreja foi fundada em 1890 por 2 missionários da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos da América do Norte.

Compreende esta religião, no nosso Estado, 23 paróquias com 38 templos e possue 3.914 fiéis.

Em 1939, esta Igreja celebrou 742 Batizados, 222 Encomendações, 2.676 Comunhões, 111 Casamentos, 6.185 Cultos-Ofícios, 478 Ceias e 42 Aulas dominicais.

Realizou, neste mesmo ano, 43 cursos, com um total de 203 professores e 3.554 alunos, dos quais 3.041 terminaram o curso.

Possue 57 agremiações, com 2.032 membros: Ordem Auxiliadora das Senhoras (27 agremiações, 1.212 membros), Sociedade das Moças (6 agremiações, 219 membros), Irmandade de Santo André (6 agremiações, 71 membros), Ordem dos Homens (4 agremiações, 95 membros), Soc. Auxiliadora Júnior (6 agremiações, 174 membros) e Sociedade Legião da Cruz (8 agremiações, 261 membros).

Igreja Adventista do Sétimo Dia

Tem esta igreja, como base e regra de fé, a Bíblia Sagrada, compreendendo o Novo e o Velho Testamento, e guardando o sábado como o legítimo sétimo dia da semana. Acredita e prèga a volta do Cristo ainda nesta geração, e o próximo fim do mundo.

No nosso Estado, esta igreja possue 74 templos e conta com 2.457 adeptos. Em 1939, celebrou 280 Batizados, 57 Enterros, 50 Ceias e 172 Comunhões.

Igreja Evangélica Salvacionista
(Exército da Salvação)

Esta igreja compreende no Rio Grande do Sul 7 corpos: o de Pôrto Alegre, o de Rio Grande, o de Santa Maria, o de Livramento, o de Quaraí, o de Pelotas e o de Alegrete, com um total de 3.091 fiéis.

Celebrou, em 1939, 27 Encomendações, 34 Casamentos, 3.581 Cultos Divinos e 1.228 Escolas Dominicais.

Neste mesmo ano realizou 49 cursos de religião, com 19 encarregados e com 4.642 alunos, dos quais concluíram o curso 3.778.

Como organização religiosa, possue a "Liga da Misericórdia", que compreende 7 agremiações com um total de 223 membros.

Igreja Evangélica Batista Independente

Compreende esta Igreja 11 paróquias com 25 templos e 1.885 adeptos. Durante o ano de 1939

celebrou a Igreja Evangélica Batista Independente 200 Batizados, 19 Encomendações, 9 Casamentos, 3.216 Cultos-Ofícios, 172 Ceias e 818 Aulas Dominicais.

Igreja Evangélica Pentecostal
(Assembléia de Deus)

Possue essa novel religião no nosso Estado 19 paróquias, com 50 templos e 5.029 fiéis.

Em 1939 celebrou essa igreja 43 Casamentos, 1.353 Batizados, 54 Encomendações, 50.193 Comunhões, 8.755 Cultos-Ofícios, 552 Ceias e 76 Escolas Dominicais.

Igreja Nazareno — Pôrto Alegre

Possue essa religião um único templo, na Capital, construído em 1913.

Em 1939 possuia 202 sócios, 400 assistentes, e realizou 260 cultos (ofícios).

Igreja Positivista do Brasil

Esta religião, que conta sòmente com 6 pessoas filiadas, possue na Capital um templo, construído em 1927. Em 1939 realizou 45 sessões de instrução, 1 fúnebre e 2 privadas.

Espiritismo

É uma das doutrinas mais divulgadas no Estado do Rio Grande do Sul.

A primeira agremiação que se fundou no Estado para estudo e divulgação dessa doutrina foi a Sociedade Espírita Rio-Grandense, fundada a 18 de Julho de 1887, na cidade do Rio Grande, por um pequeno número de espíritas e chefiados pela figura inconfundível de Israel Corrêa da Silva. Hoje, esta doutrina conta 134 centros de estudos, espalhados por todo o Estado, com uma freqüência de mais de 500.000 adeptos e com 13.321 filiados.

Os centros são adesos à Federação Espírita do R. G. do Sul, à Federação Espírita do Brasil ou Independentes.

Durante o ano de 1939, foram realizados 47 cursos de religião com um total de 54 encarregados e 1.293 alunos, dos quais concluíram o curso 649.

Esoterismo

Conta o nosso Estado com 3 Centros Esotéricos.

O número de filiados é de 105; durante o ano de 1939 celebraram os Centros 174 sessões, sendo 111 de instrução, 5 brancas (fúnebres), 17 festivas públicas e 41 privadas.



IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA — Do Síncdo Riograndense, em Pôrto Alegre

MANIFESTAÇÕES DO ESPÍRITO DO POVO



TRADIÇÕES FOLCLÓRICAS RIOGRANSENSES

SEIS MITOS GAÚCHOS

Por LUIS DA CÂMARA CASCUDO

Na forma convencional sabemos que os indígenas tupí-guaranís povoavam o litoral e os gês o interior do Rio Grande do Sul. Passagem para os domínios no Plata, terra de vigia, sede de fortaleza, região de guerra, a Capitania surgiu numa atmosfera de batalhas ferozes e de valentias diárias. Quando o índio se fixou, nas "reduções", caíu sob o guante das bandeiras. A dispersão confundiu-os, como, no nordeste brasileiro, a chamada "confederação dos Cariris", amalgamando-os para que desaparecessem na morte, fundidos na etnia posterior.

Os casais açorianos, lentos, sólidos, seguros, fortes, trouxeram um elemento fundo e poderoso aos fundamentos raciais. Nas campanhas, indo e vindo a onda castelhana, boiavam as lendas que se iam ficando nas almas.

Os materiais do folclore gaúcho são, evidentemente, os mitos da indiaria, dos ilhéus, dos espanhóis. Segundamente, dos negros, em menor porção e dos mamelucos, mestiços. Êstes sempre constituíram veiculo, processo de difusão, meio deformativo, mas sempre eficaz na propagação das histórias aos lugares distantes.

Dos mitos amerabas que conheço no Rio Grande do Sul, registados nos livros, a totalidade é tupí. Portugueses e espanhóis trouxeram suas tradições. As narrativas, destas para as porandubas indígenas, determinaram uma interdependência contínua, espécie de modificação, que é um direito de portagem para a transmissão duma lenda. Quem conta um conto, aumenta um ponto.

Duas leis riscam os trilhos paralelos. A comunicabilidade dos episódios e a convergência dos "motivos" quando, empalidecendo o centro irradiante, surge outro que atrai os assuntos. Assim os heróis vão herdando a fama das velhas façanhas. De Napoleão contavam fatos que tinham pertencido à gesta de Carlos Magno, imponente, com sua barba florida. Siegfried, Perceval, Roldão galopam nas glórias idênticas, passando, duma para outra mão, a espada resplandecente.

Escolhi seis dos mitos gaúchos porque os creio mais caraterísticos da psicologia coletiva. O ciclo do Ouro enrola em seu aranhol reluzente os motivos mais longínquos. Neles revivem as "salamancas", carbúnculos, a casa branca de Mbororé, cheia de jóias, rondada pelo último fiel, vista apenas pelo olhar terebrante do Zaorí, nascido numa Sexta-Feira da Paixão. Das histórias esquecidas, acusando apenas a transformação espiritual católica, perpassa a voz misteriosa do Angoera, cantando a copla singela, batendo os pés nos ritmos acesos dos fandangos e chimarritas álacres, como Santos Vega, fazendo soar as cordas das violas abandonadas, saüdoso dos bailes pretéritos. Nos ares limpos e frios, vindo das muralhas longes, dos cerros escuros, ronca o trovão profundo. É a Mãe do Ouro, que, para os Estados vizinhos e centrais, passeia no céu, seguida de estrêlas, ou dorme nas águas, guardada por peixes de prata.

O Negrinho do Pastoreio, o pastor sem descanso, vara os pampas sem fim, tangendo para os horizontes uma tropilha de baios, invisíveis e eternos.

A influência espanhola e indígena é bem maior que a portuguesa. Talvez se dê ùnicamente no Rio Grande do Sul. Os mitos, já diferenciados que alí assombram a reminiscência infantil, Mula sem Cabeça, Lobishomem, Boitatá, Caapora, vieram quando, há tempo antigo, já o Negrinho ressuscitara do formigueiro e recebia, na escuridão da noite, as luzes votivas duma devoção popular e linda.

Possam essas pequeninas lendas, reavivadas num outro Rio Grande, levar aos estudiosos do folclore gaúcho a significação emocional de uma solidariedade afetuosa a quantos, nalma do Povo, dediquem esfôrço e amor, numa ressurreição ardente e jubilosa de nacionalismo.

O ANGOERA

Essa tradição riograndense do sul é um elo do ciclo das lendas que as Missões deixaram em seus sete pousos históricos. Nas "estâncias" afastadas, outrora, crepitando as madeiras do teto, subindo mais alto as chamas do fogão, súbito vento fazendo ondular a saia das CHINAS, estalar os vimes dos balaios, as ataduras das cestas, as amar-



LENDAS SUL-RIOGRANDENSES:
O ANGOERA

Bico de pena de Martha de Wagner-Schidrowitz. Original executado exclusivamente para esta obra

ras dos surrões, passando restos de sons, traços de vozes, dizia-se que era GENEROSO que visitava amigos, fazendo-se lembrar e pouco temer. Quando se deixava uma viola ao relento ouviam-na soar, débil mas harmoniosamente. Era GENEROSO que se divertia...

Êsse Sací inocente, Djim cristão, era como um membro invisível de tôdas as famílias, delas participando pela história velha dos santos padres jesuítas, plantadores das Sete Missões da serra.

Generoso não assombrava ninguém. Estava presente nas horas alegres, nos "pagos", sapateando nos bailes, riscando bordões de violas e, às vezes, cantando, mesmo, uma copla, a mesma sempre que sua inteligência retivera, há séculos, e alí trazia na mais desnorteante das memórias regionais.

GENEROSO era índio guaraní, de nome Angoera, contração de ANHANGOERA (anhã-goéra), o espectro, o fantasma; ou de ANHANGA-OÉRA, a alma velhaca, esperta, sabida (Teodoro Sampaio para a primeira e Plínio Airosa para a segunda definição), alusão possível à sua valentia e saber intuitivo. Era um homenzarrão atlético mas sizudo, calado e taciturno. Guiou os Padres para a serra quando vieram do Uruguai. Os Jesuítas batizaram-no. Ficou sendo GENEROSO. Mudou, com a água lustral, o feitio carrancudo. Ficou folgazão, alegre, doido por dansas, cantos e saltos ritmados. Serviu sempre aos padres com alegria. Para êle se fizera o salmo animador: — Servi a Deus com alegria!...

Um dia chamou o padre-cura, confessou-se e foi ungido de óleo santo e morreu.

Generoso morreu contente, pois a cara do seu cadáver guardou um ar de riso; e foi muito chorado, porque tinha a estima de todos, por si mui prazenteiro e brincador. De forma que a sua alma saíu-lhe do corpo, de jeito alegre e então, invisível, entrava nas casas dos conhecidos, passeava nos quartos e salas, e para divertir-se fazia estalar os forros do teto e os barrotes do chão, e também os trastes novos, e os balaios de vime grosso; e se achava dependurado uma viola, fazia sonar o encordoamento, para alegrar-se com a lembrança das suas cantigas, de quando era vivo e cantava...

Outras vezes assobiava nas juntas das portas e janelas, espiando por elas os moradores da casa; e quando os homens rodeavam a candeia, pitando, ou as crianças, brincando, ou as donas costuravam ou faziam nhandutí, o Generoso — a alma dêle, p'r'o caso — soprava de vagarzinho sôbre a chama da luz, fazendo-a requebrar-se e balançar-se, que era para as sombras das coisas também mudar de estar quieta...

E muitas vezes — até o tempo dos Farrapos —, quando se dansava o fandango nas estâncias ricas ou a chimarrita nos ranchos do pobrerio, o Generoso intrometia-se e sapateava também, sem ser visto; mas sentiam-lhe as pisadas, bem compassadas no rufo das violas e quando o cantador do baile era bom e pegava bem de ouvido, ouvia, e por ordem do Generoso repetia esta copla, que ficou conhecida como marca de estância antiga; sempre a mesma...

Eu me chamo Generoso,
Morador em Pirapó;
Gosto muito de dansar
C'o as moças, de paletó...

(J. SIMÕES NETTO: "Lendas do Sul" — p. 78.)

O soar da viola ao relento lembra que a tradição se articula com outras tantas das colônias espanholas. Na Argentina era um dos caraterísticos da alma de Santos Vega, fixado no poema de Rafael Obligado:

Dicen que, en noche nublada,
Si su guitarra algún mezo
En el crucero del pezo
Deixa de intento colgada,
Llega la sombra callada
Y, al envolverla en su manto,
Suena el preludio de um canto
Entre las cuerdas dormidas,
Cuerdas que vibran heridas
Como por gotas de llanto.

Ainda Generoso denuncia sua existência anterior à chegada do mito de Sací. Generoso ainda conserva muitas das atividades que hoje emprestam ao negro unípede de carapuça vermelha. A divulgação do Sací que se teria feito especialmente pela raça negra e mamelucos, não encontrou pronto ambiente para sua expansão. Generoso explicava tudo, estalos, rumores, assobios, sapateados, sons errantes. Quando a população mestiça de índio e europeu foi sendo saturada de outras ondas emigratórias, a vinda de contingentes do norte brasileiro com o fatal cortêjo de assombrações, Generoso, mito local, duende familiar, bailador de "chimarritas", diluiu-se como tendo cumprido sua doce missão de alegria despreocupada e de fidelidade às terras da cochilha nativa.

Guaraní católico, servo das Sete Missões, êmulo pacato de Sepé-Tiaraiú e Cumbatá, índio alegre, que deixa a herança de sua alacridade comunicativa, deve figurar ao lado das criações mais autênticas no fabulário gaúcho. Se alguma vez, no ímpeto de sua tropilha de baios, detiver-se o Negrinho do Pastoreio, não será apenas na colheita das velas oblacionais para sua madrinha Nossa Senhora, mas, para ouvir, num acento de sua raça melômana, a cantiga invariável e menineira, simples e emocionante, de Generoso, símbolo da outra raça que ajudou, com seu martírio, a viver a amada terra do Brasil.

O CARBÚNCULO

Uma das tradições vivas no Rio Grande do Sul, elemento precioso de sua literatura oral, é a história do sacristão de São Tomé, o episódio miraculoso do "carbúnculo".

Expulsos os jesuítas e destruídas as reduções de Guaíra, vieram para o Rio Grande do Sul, na



LENDAS SUL-RIOGRANDENSES:
O CARBUNCCLO

Bico de pena de Martha de Wagner-Schidrowitz. Original executado exclusivamente para esta obra

mesopotâmia dos rios Pardo e Jacuí. Novamente perseguidos espalharam-se para as Sete Missões ou para a margem direita do rio Uruguai, na redução de São Tomé, quasi em frente à atual cidade de São Borja.

Um dia o sacristão da igreja de São Tomé reparou que as águas da lagoa vizinha referviam e borbulhavam. Aproximando-se para melhor observar, cessou o rumor das águas e saíu do fundo da laguna um TEIÚ-IAGUÁ, espécie de Tejídio, lagarto escuro, lanhado de amarelo, tendo a cabeça cercada de um halo resplendente de luz ofuscadora. O sacristão reparou que o teiú-iaguá tinha incravado no alto da cabeça uma pedra preciosa, de brilho deslumbrante. Era um carbúnculo. O sacristão levou o teiú para casa, metido numa guampa (chifre de boi) e alimentava-o com cuidados minuciosos. O teiú, cheio de poderes, ofereceu ao sacristão tôdas as riquezas da terra, minas, montes de ouro, sacos de moedas, fazendas de gado e de mato, estâncias, mulheres, prestígio. Sem se decidir, o sacristão ia abandonando seus cuidados profissionais, quasi sem sair do seu aposento. O teiú, ao cair da noite, mudava-se em linda mulher e o sacristão passava o tempo de forma espantosa. Descoberto o sacrilégio, preso e condenado o réu, levaram-no ao garrote. O teiú-iaguá, que desaparecera, surgiu da lagoa, abrindo um sulco profundo que ainda hoje existe, correndo em auxílio do amigo. Gritos, estrondos, abalos espoucavam por todos os lados, fazendo estremecer as casas e espalhando terror no povo. O suplício não se consumou e o sacristão, arrancado do patíbulo por mão invisível, desapareceu. O teiú-iaguá, levando o amigo no dorso encantado, atravessou o rio Uruguai a nado, descansou em São Borja e seguiu para o cêrro de Jarau.

Mais de dois séculos se passaram. O sacristão está vivo, no cêrro de Jarau, entre tesouros infinitos e raridades maravilhosas. Ainda hoje continua sem provar as amarguras da Morte, passeando entre as montanhas de ouro e jóias, armas e móveis lindos, tudo inútil como pedras ao faminto.

O jesuíta Carlos Teschauer, que bem fixa a tradição, mostra seu caminho desde os Andes. "Nos lugares metalíferos das regiões andinas aparecia à imaginação dos índios um ser vivente que despedia da cabeça uma luz vivíssima que muitos presumiam era o cubiçado CARBÚNCULO segundo refere o Padre Techo. (1) Esta aparição que chamam também farol, tem continuado a apresentar-se aos olhos dos que nele reconhecem um indício certo das muitas riquezas que a terra ainda oculta, ora em minas, ora em tesouros escondidos por mão de homem. Sem dúvida é maneira estranha a de esconder um tesouro acendendo um farol. Já antes de Techo ocupou-se dele o arcediago Martinho del Basco Centenera, autor do poema histórico "La Argentina", que viera ao Rio da Prata em 1573 na expedição do adelantado D. J. Ortiz de Zárate. Entre as coisas do novo mundo chamou-lhe a atenção o que ouvia dizer a respeito dum animalejo que trazia na cabeça uma pedra preciosa que cintilava como brasa e de côr de rubim e era conhecido pelo nome de carbúnculo. (2) Conta-nos que, depois de passar por muitos trabalhos para caçá-lo, quando o ia segurar entre as mãos, escapou-se-lhe o maravilhoso sáurio. A luz que despedia ofuscava a vista e fazia desviar o perseguidor. Será por isso que os guaranís lhe deram o nome de ANHANGPITANG ou diabo vermelho que não é outro que o teynyaguá (lagartixa) que mora na salamanca do cêrro do Jarau acima descrito.

Quando dalí saíu a primeira vez, foi dado a olhos humanos contemplar maravilhados o peregrino esplendor, que o formoseia. ("A Lenda do Ouro", rev. Instituto do Ceará, p. 13/14. Tomo XXV — Fortaleza, 1911.)

O teiú-iaguá, entretanto, não é um mito local. Flaubert, tão seguro em sua documentação clássica para construir a "Tentação de Santo Antão" (tradução de João Barreira. Livraria Chardron; Pôrto. 1902), cita o mesmo mito, corrente nos fabulários orientais, quando o eremita é tentado por Apolônio de Tiana. "Has de ver, estando a dormir sôbre primaveras, o lagarto que só desperta todos os séculos, quando lhe cai, de amadurecido, o carbúnculo da testa" (p. 128).

O carbúnculo pertence às pedras-talismã, pedras de encanto, de condão, com direitos de alta magia. É a pedra do anel de Aladino. O carbúnculo é a brasa perenemente acesa e fascinadora. Brasa, fogo, ouro. O teiú, animal veloz e morando em tocas, covas, grutas, será um guardião de preciosidades na região das minas. Outrora era simplesmente o portador do carbúnculo, pedra encantada, que lhe caía de cem em cem anos, disputada e digna da grandeza do rei Salomão.

Vindo com os espanhóis, para a terra dos Andes e posteriormente ficando na "missionera", o teiú-iaguá nunca se adatou ao ciclo ígneo do Mboitatá, do batatá ou batatão, nem da cobra-de-fogo. Nenhuma história aproxima um do outro mito. Batatá ou Batatão jamais esconderam ouro, atraíram cubiçosos ou se mudaram em moça bonita. O próprio teiú-iaguá não é, como o Mboitatá, TODO-DE-FOGO, a serpente luminosa, riscando a noite com o seu clarão apavorante. O teiú misterioso do cêrro de Jarau tem a luz irradiante do carbúnculo que conduz cravado na cabeça. É, pois, um perseguido. O Mboitatá, ao contrário, persegue...

A CASA DE M'BORORÉ

Na região missionária do Rio Grande do Sul as lendas são comuns ao Uruguai e Argentina. Vêm todos do ciclo das grandes guerras quando os Jesuítas foram obrigados a ir deixando terras e posses onde haviam imprimido o inapagável acento de sua atividade inesquecível. O método do Jesuíta era uma obstinada organização de trabalho, a ordem inflexível, diária e completa, o cuidado minucioso e sereno na administração. A len-

(1) Techo, Hist. Prov. Parag. Lib. V., cap. 22. Acrescenta êste autor que semelhante animal nunca puderam apanhar nem vivo nem morto, porque por suas irradiações desvia os olhos e mãos dos perseguidores.

(2) No poema "La Argentina", canto III, diz Centenera:
— Y no lejos de aqui, por proprios ojos
— El Carbuncio animal veces he visto.



LENDAS SUL-RIOGRANDENSES:
A CASA DE M'BORORÉ

Bico de pena de Martha de Wagner-Schidrowitz. Original executado exclusivamente para esta obra

da multiplica sua riqueza e onde o Padre saíu ficou um rasto de ouro atraindo os olhos ávidos. Subterrâneos, poços, casas, tôrres, são esconderijos que esperam uma ressurreição de suas entranhas de pedrarias, alfaias cintilantes, montões de moedas, barras de ouro, imagens de prata, armas fabulosas e ainda roteiros para novas minas, novos tesouros, novos deslumbramentos.

As Sete Missões no Rio Grande do Sul são centro de interêsse para os sonhos das "botijas", malas, jarrões, caixas, tudo repleto de ouro. Como, no acervo conhecido, as riquezas incalculáveis não apareceram, ninguém acredita que o Jesuíta as tenha levado, mas as escondera nos rincões desertos ou abruptos. Os índios fiéis foram indicados para sabedores dêsses segredos de Golcondas perdidas nos cêrros e encostas gaúchas, no fundo frio das lagoas ignotas, sob as muralhas das pedras. Os índios sabem do segrêdo mas não traïrão a confiança. Não dizem. Não confiam. Não desertam. E muitos ficaram vigilando, no meio do mistério secular, os montões que enriqueceriam países inteiros.

A CASA DE M'BORORÉ pertence a êste ciclo. É uma casa branca, erguida na mata, num têrmo que ninguém sabe onde fica. Certo que deve existir porque os "antigos" sempre falaram no caso. É um casarão ermo, caiado, escondido, plantado numa lombada. A casa está repleta de barras de ouro, de prata, de alfaias, imagens, em pilhas, em montes, em rumas. Nos corredores jazem lotes de surrões, carregados de moedas. É a mesma história dos tesouros de Quimivil e Culumpajao, as Casas Brancas que esperam seu descobridor em Uruguai e Argentina.

> O rondador da casa branca dia e noite anda em redor dela; é um índio velho, cacique que foi, M'BORORÉ, de nome, amigo dos santos padres das Sete Missões da serra que dá vertentes para o Uruguai.
>
> Os padres foram tocados p'ra longe, levando só a roupa de corpo... mas a casa branca já estava feita, sem portas nem janelas... e M'bororé, que sabia tudo e era cacique, de noite, e precatado, com seus guerreiros, carregou de todos os lugares para aquele as arrobas amarelas e as arrobas brancas, que não valiam a caça e a fruta do mato e a água fresca, e pelas quais os brancos de longe matavam os nascidos aquí e matavam-se uns aos outros.
>
> M'bororé desprezava essas arrobas; mas como era amigo dos santos padres das Sete Missões, guardou tudo e espera por êles, rondando a casa branca, sem portas nem janelas.
>
> Ronda e espera...
>
> J. SIMÕES NETTO: "Lendas do Sul", pág. 75.

O padre Carlos Teschauer, S. J., saüdosíssimo mestre do folclore gaúcho, escreveu apenas que "Outro suposto depósito de ouro era a CASA BRANCA sem portas nem janelas de M'bororé no alto Uruguai". Na REGIÓN MISIONERA argentina, M'bororé deixou de ser o vigia para transformar-se em topônimo. M'bororé é o local escolhido pelos Jesuítas, expulsos pelo Rei D. Carlos III da Espanha, para esconderijo dos tesouros.

> "Es creencia muy arraigada en las gentes de Misiones que los jesuitas, al ser expulsados, amontonaron todos sus tesoros en un pueblo que precaucionalmente havian hecho construir ex profese en medio de la selva virgen y de cuya existencia sólo elles tenian conocimento, pues los que actuaron en sua construccion desaparecieron.
>
> Este pueblo llamado EMBORÉ, tenía suas casas sin puertas ni ventanas, y la entrada a ellas se hacia por subterraneos, cuyas bocas estaban ocultadas escrupulosamente.
>
> Los que transportaron los tesoros, que según las gentes de alli sobrepasaron en valor y cantidad a todos los que refieren los cuentos de las mil e una noches, desaparecieron a su vez y con ellos los rastros que conducían al famoso Emboré, perdido desde entonces entre las sombras de la selva impenetrable y las densas nubes de la leyenda."
>
> JUAN B. AMBROSETTI — "Supersticiones y Leyendas", p. 124 — Buenos Aires. — Sem data.

A MÃE DO OURO

UBI EST IGNIS EST AURUM, diziam os antigos. Onde há fogo, há ouro. A égide das minas, madrinha dos veeiros, padroeira dos filões, defendendo pepitas e escondendo jazidas, só podia ter a forma de chama, lume que denunciava o metal rutilante e a um tempo o custodiava. Seria, inicialmente, apenas um clarão seguido pelos trovões. O relâmpago dizia a direção da Mãe do Ouro e os trovões a sua cólera. Mito ígneo, informe, passou ao ciclo do Ouro e daí, como vemos na versão do professor Manoel Ambrósio, de Minas Gerais, já pertence ao número dos fenômenos meteorológicos, confundindo-se com a estrêla cadente, a "zelação", inhalação, esconjurada e tida, num só tempo, como capaz de satisfazer votos formulados durante sua trajetória cintilante. Essa tradição nos veio de civilizações caldaicas, através de Portugal, na endosmose da colonização. Em sua noite de vôo sôbre o Atlântico, dirigindo o "Argos", Sarmento de Beires recordou o gesto secular. "Pelas 22 horas, um aerólito despenhando-se no espaço, corta o azul do céu, com a faixa corruscante de sua trajetória. Lembrei-me da superstição popular, e desejei, com um frêmito vibrante de tôda a minha alma, que o ARGOS atingisse Natal" ("Asas que naufragam", pág. 242. Lisboa — 1927).

Já em Paraná a Mãe do Ouro se fixa antropomòrficamente. É uma mulher sem cabeça. A escôlha do sexo dar-se-ia pela influência tupí-guaraní em cuja teogonia tôdas as coisas têm a Cí, uma mãe criadora. Para São Paulo, atualmente, o mito infiltrou-se no ciclo das Mães dágua. Lemos que a Mãe do Ouro reside, inexplicàvelmente, numa gruta, num rio, rodeada de peixes, embora atravessando os ares num cortêjo de luzes vivas. Da Mãe dágua assimilou a sedução. No depoimento de Cornélio Pires os homens deixam família e amigos, arrastados pela Mãe do Ouro, talqualmente a Iára verde e sonora.



LENDAS SUL-RIOGRANDENSES:
A MÃE DO OURO

Bico de pena de Martha de Wagner-Schidrowitz. Original executado exclusivamente para esta obra

Perdida, de ano em ano, sua finalidade protetora, a Mãe do Ouro converge naturalmente para os mitos de existência palpitante na memória coletiva. Vem, vagarosamente, para o ciclo do Batatã, a velha MBOITATÁ, com estágios da fase meteorológica. Finda a missão nas minas exgotadas, o nume emigrará para outras formas e continuará a vida perpétua que lhe fôra doada.

A Mãe do Ouro nos aparece vindo do sul para leste, entrando pelo Rio Grande do Sul, nas Missões, com índios guaranís. Como essa região está povoada das lendas do Ciclo do ouro, com as salamancas, cêrros bravos, animais luminosos como nhandús, gatos, teiú-iaguás, que correm, voam e desaparecem nas cochilhas num halo faïscante, a Mãe do Ouro viajou, de cêrro em cêrro, com um séquito de tempestade, para as terras onde os homens extraíram o metal amarelo.

Em Minas Gerais surge sua forma como uma serpente. É sua desaparição na cobra-do-fogo, e fogo punidor dos destruïdores de pradarias, registados pelo Padre Anchieta no século XVI.

A literatura da Mãe do Ouro sempre nos veio das bandas do Prata, evocada pelos jesuítas das "reduções". Deve haver no folclore árabe qualquer fio que articule o mito, através da Espanha, com os árabes. Assim ainda o Rio Grande do Sul guarda os Zaorís, as furnas encantadas, as bolsas inexgotáveis — todos os elementos do fabulário oriental.

♦

DOCUMENTÁRIO DA MÃE DO OURO

MÃE DO OURO — Mulher sem cabeça que habita debaixo da serra do Itupava, entre Morretes e Antonina, província de Paraná. Tem a seu cargo guardar as minas de ouro. Onde ela está é prova evidente que há ouro e porisso tomou o nome. Há poucas pessoas na localidade que afirmam a ter visto.

VALLE CABRAL: "Achegas ao estudo do Folklore brazileiro" — GAZETA LITERÁRIA, p. 350 — Rio de Janeiro. 1884.

♦

A MÃE DO OURO — O que é hoje serra de pedra já foi gente vivente: foi gente num tempo muito antigo, e por um castigo do céu, endureceu de repente e caída ficou onde estava.

Onde estavam sòzinhos ficaram serros e serrotes; onde estavam apinhoscados ficou a serraria encordoada.

E os seus ossos aí estavam acimentados, em pura pedra virados; a carne que os cobria deu terra negra, os cabelos são os matos, matos que bebem o sangue, que nos parece a nós apenas cascatinhas e vertentes; os lugares ocados que aparecem são os buracos do seu corpo, da sua bôca e olhos, do seu nariz e ouvidos... As veias deram em ferro, e os nervos, como parte delicada, viraram-se em ouro, e são os veeiros amarelos que se entranham por aí abaixo, a dentro da crosta, tal e qual como os nervos estão entranhados na carnadura da gente.

Mas o que governa tudo, que não se sabe o que é, que é a Alma, que não morreu, essa é que é a Mãe do Ouro, porque ela, que não entrou no castigo, é que defende os nervos dos castigados, os veeiros da fortuna, para que no dia do Perdão cada um ache o que é seu...

Aí está porque, quando troveja, tantos raios caem sôbre certos cêrros e tanto ventarão esbarra neles... é a Mãe do Ouro que chama socorro...

Às vezes rebenta um cêrro dêstes com estrondo grande; se é de noite, no fogo que se vê sair, vai a cuidadeira de mudança para outro; se é de dia, é sempre no pino do meio-dia, e na luz do sol que encandeia os olhos, apenas sente-se o rumo que ela toma, só o rumo, mas não o lugar novo em que ela vai fazer morada nova.

J. SIMÕES NETTO: "Lendas do Sul", p. 73/74 — Pelotas — Rio Grande do Sul — 1913.

♦

A ZELAÇÃO — Quando a estrêla corre e desaparece além, é ela, é ela... a zelação — serpente mãe do ouro vivo, encantado.

Para quebrar êsse encanto, o feliz que a encontrar, se souber, cortará o seu dedo e com coragem deixará cair sôbre ela um sangue virgem, ou conduzirá àquelas paragens um filho pagão de idade de sete anos.

MANUEL AMBRÓSIO: "Brasil Interior". Palestras populares — Folclore das margens do São Francisco. Januária. Minas Gerais — 1912 — Edição de São Paulo — 1924 — pág. 61.

♦

Ante a Mãe de oro... Tamêm é má p'ra quem mole co'ela... Mora nas grota, nos riu, in tudo a parte, mais ai daquele que ela prisigui! O sogeito larga famia, larga amigo, larga tudo, mór' de' ela! Num ai munto tempo passô no céu, alí por riba do chapadão, uma MÃE DO OURO.

— Um bólide...

— Era isso... U'a bola de fogo de oro que foi rebentando p'ros quinto...

CORNÉLIO PIRES: "Conversas ao pé do fogo", p. 156 — Terceira edição — São Paulo — 1927.

♦

Lá em baixo, muito longe, onde as águas varavam por um subterrâneo, morava a Mãe do Ouro. Às vezes saía, pelas tardes, com um longo cortêjo de luzes de tôdas as côres, atravessando pelo ar, serenamente, como se fosse um desses papagaios de papel, que as crianças soltam ao vento em agôsto. Da sua cabeleira de estrêlas iam caindo tôdas, uma a uma, apagando-se e virando pedras. A mulher que visse desprender-se uma dessas luzes e fizesse um pedido, antes de ela apagar-se, seria servida pela Mãe do Ouro. Mas ficar-lhe-ia pertencendo para sempre: tôdas as noites, enquanto dormisse, o seu corpo sairia todinho da pele, sem ninguém perceber, sem a própria pessoa ao dia seguinte lembrar-se, e ia aparecer no Palácio da Mãe do Ouro. Aí se realizavam festas maravilhosas, as mulheres mais lindas, casadas e donzelas, compareciam, envoltas em roupagens riquíssimas e transparentes, vendo-se umas às outras, mas sem se poderem falar, sem se poderem tocar, com os cabelos transformados em algas luminosas, com as pernas juxtapondo-se, confundindo-se, alongando-se — em forma de cauda de peixe. Iam ser amados pelos gênios encantados do rio, príncipes antigos, mortos nas grandes guerras, de uma formosura de estátuas, que se recolhiam à noite ao fundo das águas e de manhã partiam diluídos em nevoeiros, longas figuras, esguias, côr de cinza, dansando a ronda das nuvens. Entrelaçavam-se demoradamente, cada um e cada uma, e as horas marca-



LENDAS SUL-RIOGRANDENSES:
A MÃE DO OURO

Bico de pena de Martha de Wagner-Schidrowitz. Original executado exclusivamente para esta obra

vam delícias orgíacas, valsas infinitas cantaroladas pelos seixos, pelas areias luminosos, ao côro dos rochedos de uma e de outra margem, num ritmo dolente e suave. Os salões do palácio eram grutas imensas, sucessivas, cada qual com a luz de uma côr, esta azulada, aquela verde, aquela outra rósea ou violeta... As águas formavam coxins, tapeçarias, leitos macios, condensando-se, colorindo, erguendo-se em docéis, repregando-se em panejamentos amoráveis e discretos. E pelos recantos, os pares se dissimulavam, zumbia a colmeia dos beijos, soluçavam as carícias nupciais, ardentes, de intermináveis desejos.

Quando uma rapariga se erguia do leito fatigada, de olheiras fundas, ela ouvira dizer muitas vezes:

— Coitada!... Passou de certo a noite no palácio da Mãe do Ouro... Sabe Deus a trôco de que favores andaria essa tontinha por lá...

VEIGA MIRANDA: "Mau olhado" — pág. 31/33 — São Paulo — 1925.

◆

A MÃE DO OURO — A tradição de nestes cerros se terem achado minas e tesouros excita no homem do campo a suspeita que encerram os meios de fazê-lo sair de sua pobreza. Ofereceram-se a seus olhos, ouvidos e fantasia vários fenômenos que o maravilham: lampejos, estrondos, vozes, bramidos. Um ente sobrenatural, fantástico os informa ou vive nele segundo sua convicção. São lugares encantados.

Para o homem primitivo e o vulgo ignaro reúnem êstes lugares as condições próprias dos seres organizados. As pedras que servem de alicerces da serra ou montanha formam os ossos do monstro; a terra que os enche representa as fibras de carne; as veias metálicas equivalem a seus nervos e veias; as profundas cavernas são suas negras bôcas. Possue também uma alma, a Mãe do Ouro. Porisso é que se observa que o monstro se enfurece e treme com furor, estremece com delírio, brame de ira e desafoga com estrépito o concentrado fogo de suas paixões, trovoando e relampagueando. Também Bartholomeu de Las Casas conheceu a lenda da Mãe do Ouro.

Está aí um cêrro que se enfurece, dizem no Rio da Prata, dos que relampagueiam e trovôam e bramam quando alguém se aproxima deles ou pretende extrair-lhes os tesouros, que esconde em suas profundidades.

A Mãe do Ouro, que informa os metais subterrâneas, às vezes abandona um cêrro para mudar-se para outro. Muitas vezes vizinhos e não vizinhos do cêrro do Jarau observaram como saíu dêste e dirigiu-se até os três cêrros de la Cruz em Corrientes a Mãe do Ouro. Há uns cincoenta anos escreve Granado, que rebentou com grande estrépito um pequeno cêrro dos muitos que contêm o ondulado terreno do Uruguai. Qual teria sido a causa dêste fenômeno? A Mãe do Ouro que se foi para o Brasil, em cuja direção iam os lampejos que despedia e se dava o estampido. Quando o tempo se decompõe ou ao meio-dia, nos dias de muito calor, é a ocasião em que se realizam os mencionados fenômenos.

Pe. CARLOS TESCHAUER: "A Lenda do Ouro", revista trimestral do Instituto do Ceará — Tomo XXV — Pág. 7/8 — Fortaleza — 1911.

O NEGRINHO DO PASTOREIO

Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre êles nem divisas, nem cêrcas; sòmente nas volteadas se apanhava a gadaria chucra e os veados e as avestruzes corriam sem impecilhos.

Era uma vez um estancieiro, que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e meias doblas e mais muita prataria; porém era muito cauira e muito mau, muito.

Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno o fogo da sua casa não fazia brasas; as geadas e o minuano podiam estanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbús só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água de suas cacimbas.

Mas também quando tinha serviço na estância, ninguém vinha de vontade dar-lhe um ajutório; e a campeirada folheira não gostava de conchavar-se com êle, porque o homem só dava para comer um churrasco de tourito magro, farinha grossa, e erva caúna e nem um naco de fumo... e tudo, debaixo de tanta somimiticaria e choradeira, que parecia que era o seu próprio corpo que êle estava lonqueando.

Só para três viventes êle olhava nos olhos: era para o filho, menino cargoso como uma mosca, para um baio cabos negros, que era o seu parelheiro de confiança, e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão, a quem todos chamavam sòmente o — Negrinho.

A êste não deram padrinho nem nome; porisso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Senhora Nossa, que é a madrinha de quem não a tem.

Tôdas as madrugadas o Negrinho galopava o parelheiro baio; depois conduzia os avios do chimarrão e à tarde sofria os maus tratos do estancieiro, que o judiava e se ria.

Um dia, depois de muitas negaças, o estancieiro atou carreira com o seu vizinho. Êste queria que a parada fosse para os pobres; o outro que não, que não! que a parada devia ser do dono do cavalo que ganhasse. E trataram: o tiro era trinta quadras; a parada, mil onças de ouro.

No dia aprazado, na cancha da carreira havia gente como em festa de santo grande.

Entre os dois parelheiros a gaüchada não sabia se decidir, tão perfeito era e bem lançado cada um dos animais. Do baio era fama que quando corria, corria tanto, que o vento assobiava-lhe nas crinas; tanto, que só se ouvia o barulho, mas não se lhe viam as patas baterem no chão... E do mouro era voz que quanto mais cancha, mais aguenta, e que desde a largada êle ia ser como um laço que se arrebenta...

As parcerias abriram as guaiacas, e aí no mais já se apostavam apêros contra rebanhos e redomões contra lenços...

— Pelo baio! Luz e doble!...

— Pelo mouro! Doble e luz!...

Os corredores fizeram as suas partidas à vontade e depois as obrigadas; e quando foi na última, fizeram ambos a sua senha e se convidaram. E amagando o corpo, de rebenque no ar, larga-



LENDAS SUL-RIOGRANDENSES:
O NEGRINHO DO PASTOREIO

Bico de pena de Martha de Wagner-Schidrowitz. Original executado exclusivamente para esta obra

ram, os parelheiros meneando cascos, que parecia uma tormenta...

— Empate! Empate! gritavam os aficionados ao longe da cancha por onde passava a parelha veloz, compassada como uma colhera.

— Valha-me a Virgem madrinha, Nossa Senhora! gemia o Negrinho. Se o sete léguas perde, o meu senhor me mata! Hip! Hip! Hip!

E baixava o rebenque, cobrindo a marca do baio.

— Se o corta-vento ganhar é só para os pobres... Retrucava o outro corredor. Hip! Hip!

E cerrava as esporas no mouro.

Mas os fletes corriam, compassados como uma colhera. Quando foi na última quadra, o mouro vinha arrematado e o baio vinha aos tirões... mas sempre juntos, sempre emparelhados.

E a duas braças da raia, quasi em cima do laço, o baio assentou de sopetão, pôs-se em pé e fez uma cara-volta, de modo que deu ao mouro tempo mais que preciso para passar, ganhando de luz aberta! E o Negrinho, de em pêlo, agarrou-se como um ginetaço.

— Foi mau jogo! gritava o estancieiro.

— Mau jogo, secundavam os outros de sua parceria.

A gaüchada estava dividida no julgamento da carreira: mais de um toruna coçou o punho da adaga, mais de um desapresilhou a pistola, mais de um virou as esporas para o peito do pé... Mas o juiz, que era um velho do tempo da guerra de Sepé-Tiaraiú, era um juiz macanudo, que já tinha visto muito mundo. Abanando a cabeça branca, sentenciou, para todos ouvirem:

— Foi na lei! A carreira é de parada morta; perdeu o cavalo baio, ganhou o cavalo mouro. Quem perdeu, que pague. Eu perdi cem gateadas; quem as ganhou venha buscá-las. Foi na lei.

Não havia o que alegar. Despeitado e furioso, o estancieiro pagou a parada, à vista de todos, atirando as mil onças de ouro sôbre o poncho do seu contrário, estendido no chão.

E foi um alegrão por aqueles pagos, porque logo o ganhador mandou distribuir tambeiros e leiteiras, côvados de baêta e baguais e deu o resto de moita, ao pobrerio. Depois as carreiras seguiram com os changueiritos que havia.

O estancieiro retirou-se para a sua casa e veio pensando, pensando, calado, em todo o caminho. A cara dêle vinha lisa, mas o coração vinha corcoveando como touro de rebanhado laçado a meia espalda... O trompaço das mil onças tinha-lhe arrebentado a alma.

E conforme apeiou-se, da mesma vereda mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe uma surra de relho.

Na madrugada saíu com êle e quando chegou no alto da cochilha falou assim:

— Trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste; trinta dias ficarás aqui pastoreando a minha tropilha de trinta tordilhos negros... O baio fica de piquete na soga e tu ficarás de estaca!

O Negrinho começou a chorar, enquanto os cavalos iam pastando.

Veio o sol, veio o vento, veio a chuva, veio a noite. O Negrinho, varado de fome e já sem fôrça nas mãos, enleiou a soga num pulso e deitou-se encostado a um cupim.

Vieram então as corujas e fizeram roda, voando, paradas no ar e tôdas olhavam-no com os olhos reluzentes, amarelos na escuridão. E uma piou e tôdas piaram, como rindo-se dêle, paradas no ar, sem barulho nas asas.

O Negrinho tremia, de medo... porém de repente pensou na sua Madrinha Nossa Senhora e sossegou e dormiu.

E dormiu. Era já tarde da noite, iam passando as estrêlas; o Cruzeiro apareceu, subiu e passou; passaram as Três Marias; a Estrêla d'Alva subiu... Então, vieram os guarachains ladrões e farejaram o Negrinho e cortaram a guasca da soga. O baio sentindo-se solto, rufou a galope, e tôda a tropilha com êle, escaramuçando no escuro e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho; os guarachains fugiram, dando berros de escárneo.

Os galos estavam cantando, mas nem o céu nem as barras do dia se enchergavam; era a cerração que tapava tudo. E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou.

O menino maleva foi lá e veio dizer ao pai que os cavalos não estavam. O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

E quando já era noite fechada, ordenou-lhe que fosse campear o perdido. Rengueando, chorando e gemendo, o Negrinho pensou na sua Madrinha Nossa Senhora e foi ao Oratório da casa, tomou o côto de vela acêsa enfrente da imagem e saíu para o campo.

Por cochilhas e canhadas, na beira dos lagoões, nos paradeiros e nas restingas, por onde o Negrinho ia passando a vela benta ia pingando cêra no chão; e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo. O gado ficou deitado, os touros não escarvaram a terra e as manadas chucras não dispararam... Quando os galos estavam cantando, como na véspera, os cavalos relincharam todos juntos. O Negrinho montou no baio e tocou por diante a tropilha, até a cochilha que o seu senhor lhe marcara.

E assim o Negrinho achou o pastoreio. E se riu...

Gemendo, gemendo, o Negrinho deitou-se encostado ao cupim e no mesmo instante apagaram-se as luzes tôdas; e sonhando com a Virgem, sua

madrinha, o Negrinho dormiu. E não apareceram nem as corujas agoureiras nem os guarachains ladrões; porém, pior que os bichos maus, ao clarear o dia, veio o menino, filho do estancieiro e enxotou os cavalos, que se dispersaram, disparando campos a fora, retouçando-se e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho e o menino maleva foi dizer ao seu pai que os cavalos não estavam lá...

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou.

O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos, a um palanque, e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho..., dar-lhe até êle não mais chorar nem bulir, com as carnes recortadas, o sangue vivo escorrendo do corpo... O Negrinho chamou pela Virgem sua Madrinha e Senhora Nossa, deu um suspiro triste, que chorou no ar como uma música, e pareceu que morreu...

E como já era de noite e para não gastar a enxada em fazer a cova, o estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro, que era para as formigas devorarem-lhe a carne e o sangue e os ossos... E assanhou bem as formigas; e quando elas, raivosas, cobriram todo o corpo do Negrinho e começaram a trincá-lo, é que então êle se foi embora, sem olhar para trás.

Nessa noite o estancieiro sonhou que êle era êle mesmo, mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro... e que tudo isto cabia folgadamente dentro de um formigueiro pequeno...

Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casca das frutas.

Passou a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto. E três dias houve cerração forte, e três dias o estancieiro teve o mesmo sonho.

A peonada bateu o campo, porém, ninguém achou a tropilha e nem rastro.

Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do escravo.

Qual não foi o seu grande espanto, quando, chegando perto, viu na bôca do formigueiro o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda!... O Negrinho, de pé, e alí ao lado, o cavalo baio e alí junto, a tropilha dos trinta tordilhos... e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a tem, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo.

E o Negrinho sarado e risonho, pulando de em pêlo e sem rédeas, no baio, chupou o beiço e tocou a tropilha a galope.

E assim o Negrinho pela última vez achou o pastoreio. E não chorou, e nem se riu.

Correu no vizindário a nova do fadário e da triste morte do Negrinho, devorado na panela do formigueiro.

Porém, logo, de perto e de longe, de todos os rumos do vento, começaram a vir notícias de um caso que parecia um milagre novo.

E era, que os posteiros e andantes, os que dormiam sob as palhas dos ranchos e os que dormiam na cama das macegas, os chasques que cortavam por atalhos e os tropeiros que vinham pelas estradas, mascates e carreteiros, todos davam notícia — da mesma hora — de ter visto passar como levada em pastoreio, uma tropilha de tordilhos, tocada por um Negrinho, ginetando de em pêlo em um cavalo baio!

Então, muitos acenderam velas e rezaram o Padre-Nosso pela alma do judiado. Daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma coisa, o que fosse, pela noite velha o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma vela, cuja luz êle levava para pagar a do altar da sua madrinha, a Virgem, Nossa Senhora, que o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que êle conduz e pastoreia, sem ninguém ver.

Todos os anos, durante três dias, o Negrinho desaparece; está metido em algum formigueiro grande, fazendo visita às formigas, suas amigas; a sua tropilha esparrama-se; e um aquí outro por lá, os seus cavalos retouçam nas manadas das estâncias. Mas ao nascer do sol do terceiro dia o baio relincha perto do seu ginete; o Negrinho monta-o e vai fazer a sua recolhida; é quando nas estâncias acontece a disparada das cavalhadas e a gente olha, olha, e não vê ninguém, nem na ponta, nem na culatra.

Desde então e ainda hoje, conduzindo o seu pastoreio, o Negrinho, sarado e risonho, cruza os campos, corta os macegais, bandeia as restingas, desponta os banhados, vara os arroios, sobe as cochilhas e desce as canhadas.

O Negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos, pondo-os de jeito a serem achados pelos seus donos, quando êstes acendem um côto de vela, cuja luz êle leva para o altar da Virgem Nossa Senhora, madrinha dos que não a tem. Quem perder suas prendas no campo, guarde esperança: junto de algum moirão ou sob os ramos das árvores acenda uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo — Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi...

Se êle não achar... ninguém mais...

J. SIMÕES LOPES NETTO: "Lendas do Sul", p. 61/69 — Pelotas. Rio Grande do Sul. 1913.

Em alguns lugares de São Paulo o Saci-Pererê dá-se ao luxo de procurar objetos perdidos. No inquérito sobre o Saci-Pererê (pág. 223) aí aparece o negro djim fazendo encontradiço o que se perde, à custa de um ovo fresco. Essa imprevista atividade do Saci levou o prof. Basílio de Magalhães a incluir o Negrinho do Pastoreio no ciclo

do Saci. Contra a dedução insurgem-se os folcloristas do Rio Grande do Sul, ciosos da lenda suave e comovedora do pequenino escravo martirizado. As caraterísticas do Sací, realmente, não se encontram no Negrinho do Pastoreio. Nem os vícios nem as diabruras. A lenda, narrada em Apolinário Pôrto Alegre (1875), Simões Lopes Netto (1913), Bilac (1924) regista a mesma figura sofredora sem a mais leve alusão a um qualquer detalhe que coincidisse com o irrequieto Sací. Um folclorista gaucho, Roque Callage, defendeu o Negrinho do Pastoreio com abundância de coração e vivo entusiasmo nativo.

> Para falarmos a verdade, o Rio Grande do Sul tem uma única lenda sua, diretamente ligada ao homem e ao meio, expressão típica do ambiente que a gerou (p. 5). O espírito verdadeiramente riograndense ideou apenas uma única lenda de pura feição local, que é, como já dissemos, a do Negrinho do Pastoreio (p. 21).
>
> Ao contrário do que pensa Basílio Magalhães, a conhecida lenda riograndense não tem ligação alguma com o Sací brejeiro que de cachimbo apagado na bôca ataca, à noite, o caminhante nas estradas. O Negrinho ou o Crioulo do Pastoreio é exclusivamente nosso, pelo seu feitio, pelo papel que o mesmo representa na vida campeira e pelo seu próprio martírio, que é um dos tantos episódios reais da escravidão, êle se afasta por completo de Sací. A única semelhança existente entre um e outro é de serem negros, mas isso não é o bastante para se estabelecer a ligação entre ambos.
>
> Mantemos a exclusividade dessa lenda. Sendo verdadeiramente a única que possuimos, ela é entretanto de uma tecedura admirável, de uma intensa e comovedora ação dramática (p. 22/23).
>
> E quantas vezes na nossa distante infância humilde lhe oferecemos a piedosa velinha do ritual para que de novo voltassem à desejada posse os brinquedos perdidos... (p. 24).
>
> ROQUE CALLAGE: "No fogão do Gaúcho" — Ed. da Liv. do Globo — Pôrto Alegre. 1929.

O Negrinho do Pastoreio é lenda cristã, divulgada com finalidades morais. O Negrinho é sem-pecado, uma vítima. É um acessório à bondade de Nossa Senhora, madrinha dos que a não têm. Perdendo duas vezes a tropilha que acha miraculosamente, o Negrinho, por associação natural, é padroeiro dessa atividade nos "pagos gaúchos".

A morte cruel sempre determina um movimento de piedade que halôa de mistério a entidade martirizada. Entre as populações do campo raramente o assassinado de emboscada deixa de ter a sua cruz chantada no lugar da morte e constituindo posterior centro de orações e promessas.

Se o Rio Grande do Sul possue o NEGRINHO DO PASTOREIO, a Argentina tem EL QUEMADITO na região de Catamarca e agora tradição esparsa por quasi todo o território.

Em 1830, durante a guerra civil argentina, o coronel Ache, comandante de fôrças unitárias, acampou em Miraflores e divertia-se num baile ao ar livre quando levaram à sua presença um rasteador de "lachiguanas" (abelhas negras que fabricam deliciosíssimo mel). Chamava-se o homem José Carrizo e, amedontrado e tímido, nem sabia falar. Os soldados diziam que êle era um espião do general Quiroga e o coronel Ache, sem ouví-lo, sem atender seus soluços, mandou-o fuzilar imediatamente. Para poupar-se munição, tiveram a idéia de sacudir o pobre homem numa imensa fogueira que crepitava perto do baile. E José Carrizo foi queimado vivo, inocente. Seus gritos comoveram os assistentes e o coronel Ache, para animar o baile, dansou uma "cucca catamarqueña com donaire e desenvoltura moça".

Os restos carbonizados do malfadado rastejador de "lachiguanas" foi sepultado entre Miraflores e Huillapima (Capayan) e sôbre seu túmulo plantaram um cruzeiro. E corre a mesma lenda que nimba a silhueta negra do pequenino escravo gaúcho.

> Personas desconocidas, e quizás los deudos de la victima, construyeron posteriormente la cruz de madera que aún existe clavada al tronce de un quebracho, y desde hace mas de medio siglo, tolos los viajeros que pasan frente a la misma, se descubren respetuosamente y dejan una limosna para "El Alma del Quemadito", como la llaman en la región.
>
> Cuando se extravía un animal en el monte, los camperos acuden a pedirle que realice el milagre de encontrarlo, y como nunca los desfrauda, dia a dia se acrecienta la fe en el "finado".
>
> Actualmente es un respeto religioso que tienen por él y sus numerosos devotos le encienden velas y rezan.
>
> José Carrizo murió quemado y "sin confesión", entre las áridas tierras y jarillales de Capayan. La cruz colocada a la vera del camino, constituye una vivida protesta contra el crimen injusto de que fue victima, la cruel, con el transcurse de los años, ha llegado a convertirse en objeto do culto popular.
>
> RAFAEL CANO: "Del Tiempo Naupa", p. 261/262 — Buenos Aires — 1930.

Barbosa Rodrigues também incluiu o "Negrinho do Pastoreio" como um símile do "Saci". Creio que foi levado pela côr, pelo hábito da montada entre os dois seres. Em São Paulo o "Saci" também encontra objetos perdidos a trôco de ovos frescos. Êsse atributo do pretinho não será uma deformação da lenda guasca? O "Saci" aliado ao "Negrinho" cristão é uma anomalia inadmissível. Êle não foi criado para ajudar, se não que se perca a paciência.

A lenda do "Negrinho" é visìvelmente cristã e regional. O "quemadito" argentino responde pela vitalidade das tradições e sua expansão sentimental e continua.

ZAORIS

São ZAORIS os homens nascidos numa sexta-feira da Paixão. Têm nos olhos um brilho especial, misterioso, inconfundível. Nada há oculto para êles. Vêm através dos corpos opacos. Os tesouros enterrados, as minas de ouro cujos filões são desconhecidos, as jazidas diamantinas, tôdas as riquezas são perfeitamente avistadas, identificadas, localizadas, debaixo da terra ou no âmago das pedras, pelos olhos luminosos dos Zaoris. Assim como um vedor pesquisa e mostra a nascente dágua subterrânea, sem aparêlho eletro-magnéti-

co, os Zaorís mostram as barras de ouro e prata, os montes de jóias, as alfaias preciosas, as armas raras, dez e vinte metros de chão a dentro.

Os Zaorís são figuras indispensáveis nas lendas do Ciclo do Ouro, na América do Sul. Estão nos fabulários platenho, paraguaio, chileno. Encarregam-se especialmente de indicar onde os jesuítas, expulsos das Missões, ou os Incas, príncipes nativos perseguidos pelos espanhóis, guardaram seu ouro inacabável. Os Zaorís são os desencantadores dos segredos. Deviam ter vindo de longe para não possuir a solidariedade secular em não revelar os tesouros salvos à ganância dos civilizados.

Essa faculdade de descobrir tesouros escondidos é velhíssima. Fazia parte da Geomância. O "mestre" que adivinhava segredos riscando o solo com a dedução de figuras geométricas postas ao acaso, tinha o condão de mostrar riquezas disfarçadas pelos usurários de todos os tempos. O Oriente estava cheio dêsses geomânticos que doavam milhões recebendo uma moeda em pagamento. Essa criptoscopia era congênita ou adquirida, depois de estudos longos e uma existência de iniciações cabalísticas. Nas "Mil e Uma Noites" vemos um determinado ungüento passado nas pálpebras dar o poder dos raios Röntgen.

Como o uso de enterrar dinheiro é verdadeiramente oriental, tendo sido sempre meio dos milionários ocultarem os cabedais da avidez dos soberanos, era natural o nascimento dos Zaorís, reveladores de tanto ouro confiado à terra escura. Vieram êles, de longe, para a América.

Os Árabes chamam o geomântico ZAHARÍ. O Dicionário Enciclopédico Híspano-Americano ensina que "ZAHORÍ, do árabe Zahari, geomântico, persona a quien el vulgo atribuye la faculdad de ver loque está oculto, aunque sea debajo de la terra" (Vol. XXIII, p. 207).

Em Damasco, certos Zaorís conversam e vêm os espíritos dos mortos. Êles ensinam aos Zaorís onde deixaram suas riquezas agora inúteis. Curiosamente, os Zaorís não podem encontrar ouro para uso próprio. A propriedade miraculosa reverte em benefício alheio. Os Zaorís árabes são tradicionalíssimos, embora ninguém dê notícia exata de fortuna por êles deparada.

Mas, entre os Árabes, há o costume secular de enterrar dinheiro para furtá-lo às requisições dos chefes. Os Árabes enterram dinheiro e enterram até cereais, trigo, milho, fava. Os inspetores trazem cães amestrados no faro do bafio dos cereais. Êsses cães, KELBS e ESLUGUI, descobrem os depósitos. Os Zaorís são os kelbs e os eslugui fabulosos para o ouro. Todos os ricos árabes têm o cuidado de confiar à terra seus haveres amoedados. Falando de Mulai Abd-es-Salem (1851-1892), chefe supremo e hereditário da sociedade e ordem religiosa dos Mulêi-Taieb, escreveu Rui da Câmara ("Viagens em Marrocos", p. 161 — Liv. Internacional — Pôrto Alegre — 1879): DEVE TER UMA FORTUNA FABULOSA, ENTERRADA COMO É USO E COSTUME NO SEU PAÍS... Êsse hábito nos veio e o "dinheiro-enterrado" é um dos maiores centros-de-interêsse em todo o populário brasileiro. Os Zaorís, entretanto, não vieram para o Norte. Ficaram no Rio Grande do Sul, empurrados pela memória espanhola das "Missões" e concomitante ciclo do Ouro. (3)

Para essa faculdade criptoscópica dos Zaorís convergiu ainda a moeda árabe ZAHEN que, numa emissão de valor duplo, era chamada ZEHERÍ. Enterrar os "zeherís" era um hábito e os "zaorís", pela semelhança do vocábulo e prática de geomância, assimilaram a tradição, tornando-se os que procuravam, com olhar milagroso, as pilhas de "zeherís" ocultas.

O padre Teschauer no seu estudo sôbre a "Lenda do Ouro" diz apenas:

> OS ZAHORÍS. Há outra classe dêsses tesoureiros, os chamados ZAHORÍS, que possuem a invejável faculdade tão celebrada em nossos tempos dos raios de Röntgen, de penetrar com os olhos a mais densa obscuridade. Não há paredes nem muralhas assás grossas que não passe sua vista penetrante.
>
> Seu principal ofício consiste em descobrir minas e tesouros escondidos. Dizem que dispõem dêste raro privilégio as pessoas que nasceram numa sexta-feira santa. Quem souber conquistar o favor dos tais não pode demorar em descobrir ao menos um dêstes imensos tesouros, que enterraram os vassalos dos Incas e outros nestas terras sul-americanas.

Simões Lopes Netto, que registou o mito, fê-lo deformadamente, com intúitos mais literários que folclóricos.

Assim, nas terras americanas, velho de séculos, passa o Zaorí, avistando ouro debaixo da terra e misérias ao alcance da mão.

---

(3) Ver o magnífico estudo do Pe. Carlos Teschauer, S. J. — "A Lenda do Ouro", na rev. do Instituto do Ceará — Vol. XXV — pág. 3/49 — Fortaleza — 1911. O mesmo estudo resumido e sem os documentos, foi reimpresso no "Almanaque do Globo", p. 113. Pôrto Alegre. 1927.

MÚSICA POPULAR DO RIO GRANDE DO SUL

Por ENIO DE FREITAS E CASTRO

Existe uma música popular no Rio Grande do Sul?

Eis a primeira interrogação, formulada a nós mesmos, ao iniciarmos êste estudo. Penso que, até "a priori", podemos responder afirmando.

Sim; existe uma música popular do Rio Grande do Sul, música que reflete a alma do nosso povo. Sim; porque não há povo que não cante ou danse. Têm sua música popular os povos bárbaros ou não civilizados, e parece, ou pelo menos se pode afirmar, que o canto nasceu com o homem.

Se gente do povo canta, toca e dansa, ao cantar, ao tocar, ao dansar, irá certamente cristalizando formas, criando e fixando a música popular. E tal música não poderá deixar de constituir-se em manifestação do sentimento coletivo, da vida coletiva. Daí virá, iniludìvelmente, a organização, peça por peça, de uma modalidade própria de arte musical.

Essa modalidade própria não arrancará do nada, certamente. Como a raça mesmo, como a língua e os costumes, terá origens e afinidades mais ou menos conhecidas, terá pontos de partida próximos ou remotos. Mas, origens, afinidades, pontos de partida, se a condicionam sob certos aspectos principais, sob outros igualmente importantes nem lhe prejudicam a originalidade.

Deixando de lado o apriorismo, porém, outro fato há, e desta vez bem positivo, que nos obriga a reconhecer claramente a existência de uma música popular do Rio Grande do Sul. É sem dúvida a existência, e existência incontestável, de um instrumento popular — **a gaita** (tenho ganas até de escrever seu nome com letras maiúsculas). Mesmo aquí na cidade acontece a gente, muitas vezes, ouvir, ao passar pela frente de um café do mercado, os sons túmidos da sanfona... Se tal acontece aquí, às barbas da civilização, tanto mais lá fora, lá onde o que é popular é popular mesmo, lá onde a alma do povo impera com mais franqueza, e mais legìtimamente se manifesta.

Instrumentos populares do Rio Grande do Sul

Qual de nós, riograndenses de verdade, nascidos e criados no interior do Estado, não dansou horas a fio, valentemente, ao som fanhoso de uma gaita qualquer, tocada por um gaiteiro qualquer que, porisso mesmo, goza de nossa simpatia, de nossa admiração, e da simpatia e admiração geral do povo no meio do qual vive e cujo sentimento musical interpreta? Em que fazenda riograndense terá deixado de ecoar, por longas horas da noite, o bate-pé dos dansadores misturado às sonoridades arrastadas da gaita de foles? Que festa, civil ou religiosa, haver-se-á realizado, no interior do Estado, sem bailes em que a gaita é a única orquestra a atuar, acompanhando e dando côr local às diversões do gaúcho, desde que se naturalizou riograndense?

E se ela tem um companheiro, o violão, êste lhe cede o passo, como instrumento popular, pela simples razão de mais difìcilmente bastar-se a si próprio, exigindo o concurso de um irmão solista, e custando a dominar, pela pouca fôrça de sua voz, o tumulto das reüniões populares. Encontra, sim, o violão o seu lugar no acompanhamento de modinhas, toadas e desafios, ou acompanhando a própria gaita.

E temos ainda, ou talvez diga melhor — tivemos outro instrumento popular — a viola. "Com a viola também se faziam os cantos em desafio", lê-se em Simões Lopes Netto. Entretanto em Vacaria, onde me criei, só assistí a desafios acompanhados ao violão. Acredito, porém, que a viola nordestina tenha cantado em nossos pagos porque muitos outros autores, além de Simões Lopes Netto, a ela se referem. Acredito tenha tomado parte integrante em nossas manifestações populares, mas hoje está por certo desaparecendo, se é que já não desapareceu de todo, enquanto o violão e a gaita andam por aí, guapos e firmes. Achei, mesmo, no Vocabulário Gaúcho de Roque Callage uma quadrinha popular que assim diz:

A gaita matou a viola,
O fósforo matou o isqueiro,
A bombacha o xiripá,
A moda uso campeiro.

Gaita e violão são os instrumentos representados na capa do "Cancioneiro gaúcho" de Ernani Braga, desenhadas pela mão firme do pintor riograndense Fahrion. Mas o instrumento que o gaúcho tem na mão é a gaita. O violão está ao lado.

A gaita, segundo o sr. Renato de Almeida (e não sei donde terá êle tirado a informação) "chegou ao Rio Grande do Sul, talvez ao Brasil, por volta de 1836, trazida pelos italianos". O sr. Paulo Guedes, ao escrever a "Crônica Musical da Cidade de Pôrto Alegre" informa que na Casa da Ópera, em que se transformou "o primeiro teatro de que temos notícia", fundado em 1794, atuou um conjunto orquestral de "flauta, ocarina, **gaita** ou vio-



A gaita e o violão, instrumentos típicos do Gaúcho.

lão, além de outros instrumentos". Não está precisada aí a data, mas bem pode ser anterior à apontada (1836).

O violão (a "guitarra" espanhola) teria vindo por intermédio dos portugueses, de acôrdo com o sr. Mário de Andrade, como também a viola. Ambos, pois, mais antigos no país, do que a gaita, mas esta, com mais de um século talvez entre nós, já teve tempo para uma aclimação favorável e para a assunção de um papel muitas vezes predominante — predominante nas diversões do gaúcho e predominante na maneira de ser com que se nos apresenta, atualmente, a música popular do Estado.

Estudos e realizações artísticas

Nenhum estudo sistemático foi ainda realizado sôbre a música popular do Rio Grande do Sul. Apenas agora a Associação Rio-Grandense de Música lançou as bases iniciais de uma campanha em prol do "recolhimento, estudo e utilização" do nosso populário musical, com a criação de um Departamento de Folclore.

O que existe, como matéria de informação, nas obras dos escritores regionalistas, refere-se à música já antiga, e peca pelo tom vago das informações. Constituem, entretanto, ótimas fontes, e em algumas obras encontramos mesmo textos musicais.

Entre os livros modernos, o mais importante é a novela de F. Contreiras Rodrigues, intitulada "Amores do capitão Paulo Centeno", não pela novela pròpriamente, mas porque o autor acrescentou 9 músicas populares gaúchas: Toada, Galinha morta, Tatú, Boi barroso, Caranguejo, Tirana, Valsa da roça, Toada e Chimarrita. Renato de Almei-

da (2ª edição da "História da Música Brasileira") procurou incluir o nosso Estado no panorama geral, mas só encontrou três obras com textos musicais (o livro citado de C. Rodrigues, outro de Walter Spalding, "Poesia do Povo", e a segunda série de "Farrapos", trazendo a primeira "a Tirana" e a segunda o "Hino de 35", em revisão de A. T. Côrte Real, e a música com que se cantava "Sinhô Neto vá s'imbora".

Existem ainda transcrições musicais da "Chimarrita", "Galinha morta" e "Boi barroso" em "Rumo ao Campo", do dr. Pedro Luiz Osório. Deve também haver alguma coisa nos antigos almanaques riograndenses.

É interessante notar que documentação sôbre música popular mais recente só se encontra em autores não riograndenses. Assim, devemos a Mário de Andrade ("Ensaio sôbre Música Brasileira") a transcrição de 7 melodias populares do Rio Grande do Sul, a saber: uma "Ronda", entre os "Cantos de trabalho" (Zona Missioneira); a "mazurca" intitulada "Vacariana", entre as "Dansas"; um "Têrço" como "Canto religioso" e das "toadas" quatro são nossas: "Toada do Chico Sôrro" (Serra), "Toada de Lauro Louro" (Serra), "Toada do Oneron" (Santiago do Boqueirão) e "Prenda Minha". Devemos acrescentar a essas a toada "O Carreiro", que figura entre os "Temas brasileiros", recolhidos em 1927-1928 por Luciano Gallet ("Estudos de folclore").

Podemos e devemos tomar, porém, como documentos, pois refletem o espírito de nossa música popular e são o resultado de observações e experiências, as realizações artísticas feitas pelos nossos compositores nas quais se servem de motivos, canções ou simplesmente do estilo da música popular riograndense. E me parecem até documentos preciosos, porque indicam possibilidades, elevando a inspiração do povo às culminâncias da expressão universal, sem perda do gênio próprio.

Entre os vários compositores que procuraram aproveitar ou estilizar a música popular do Rio Grande do Sul, o primeiro, creio, foi o sr. Assuero Garritano. Lembro-me dele me haver declarado, certa vez, que sòmente depois de muitos anos de contacto com a nossa música popular é que se atrevera a escrever nela inspirado. O resultado disso se encontra na coleção de 4 cantos sôbre poesias de "Poetas do Rio Grande do Sul", onde "Minha terra" (versos de Isolino Leal) tem um puro sabor riograndense, numa linha melódica de grande nobreza, refletindo-se claramente a nossa música de gaita na composição do mesmo nome ("Gaita", de Augusto Meyer). Pela mesma época Sotero Cosme musicou "Cousa Velha", letra de Vargas Neto, e, segundo o sr. Walter Spalding, "reproduziu muito bem o canto comum dos gaúchos". Também mais ou menos dêsse período é "Prenda minha", canção popular riograndense, estilizada pelo sr. Ernani Braga.

Depois, mais recentemente, o maior esfôrço tem sido realizado pelo sr. Vitor Neves. Mais do que qualquer outro êle tem estudado e procurado coligir e aproveitar as peças musicais do nosso folclore. Muitos arranjos corais de sua autoria já apresentou em público, tais como "Tropeiro" e "Oh! Saüdade" (que denominou "cantos regionais") e ainda "Ide correi", "Ao lado teu" e "Prenda minha".

Ernani Braga, em outra passagem pelo Estado, desta vez com maior permanência, recolheu e harmonizou e arranjou ou estilizou várias canções populares. Com o título de "Quatro canções folclóricas gaúchas" fez cantar as seguintes: 1) Saüdades do gaúcho (versos de Arlindo Ramos), 2) Caranguejo (versos populares), 3) Meu boi barroso (versos populares) e 4) Vem dansar a meiacanha (versos de Ovídio Chaves). Realizou ainda harmonizações corais da "Prenda minha" e "Meiacanha", publicando, finalmente, um "Cancioneiro gaúcho". "Êste Cancioneiro Gaúcho não é o resultado de escavações eruditas no solo melúrgico do Rio Grande, e nem tem a finalidade de fixar o autêntico cantar da nossa gente", porém, "quem quer que ouça êste belo Cancioneiro, poderá, pelo menos, ter a certeza de que está ouvindo música brasileira", escreveu o sr. Andino Abreu. Dêste cancioneiro fazem parte "Prenda minha", "Tirana, tira-tirana", "Meu boi barroso", "Trovas saüdosas n. 1", "Trovas saüdosas n. 2", "Chimarrita", "Saüdades do gaúcho", "Galinha morta", "Caranguejo", "Toada" e "Velha gaita". Só de "Tirana, tira-tirana" a música foi recolhida diretamente. "Trovas saüdosas n. 2" parece uma modinha e "Velha gaita" deriva-se claramente, conforme se pode verificar, da "Prenda minha".

Murilo Furtado, compositor riograndense que vive há muito longe do Estado, deu-nos uma harmonização coral do "Boi barroso" sob o título "Toada Gaúcha". Valdemar Henrique, folclorista brasileiro, tem uma "Cantarola à sanfona", sôbre uma "toada gaúcha". E Luiz Cosme, nosso conterrâneo, incluíu, na "Salamanca do Jarau", motivos do "Boi barroso". Creio que êste autor, como Radamés Gnatalli, tem apresentado, em outras músicas, toadas e reminiscências da música popular riograndense.

Do sr. Natho Henn, musicista gaúcho, podemos citar interessantes estilizações a que intitulou sugestivamente "Páginas do Sul". Uma delas está publicada no "Álbum Musical" de "composições de autores riograndenses do sul", editado pela Prefeitura Municipal por ocasião dos festejos do Bi-Centenário de Pôrto Alegre.

Nas edições musicais da Associação Rio-Grandense de Música, n. 8, "Três Coros" do compositor Artur Etges (também nosso conterrâneo), encontramos "Noites gaúchas", arranjada para 4 vozes masculinas, e embora não se trate de uma canção anônima, é uma toada popular. Também as "Trovas" de Paulo Guedes (versos de Ovídio Chaves) inspiram-se em nossa lírica musical popular.

E, que eu saiba, é êsse o trabalho já realizado pelos nossos compositores em prol do aproveitamento artístico do folclore musical riograndense. Não é muito, mas o bastante para indicar seguras possibilidades, principalmente quando sérios trabalhos de musicologia e a publicação de estudos e material recolhido puder facilitar a integração mais íntima dos criadores de música artística no espírito da música popular gaúcha.

Origens, influências e caraterísticas

Referindo-me à fixação de uma modalidade própria da nossa música popular, escrevi, no princípio dêste estudo, que "essa modalidade própria não arrancará do nada, certamente. Como a raça mesmo, como a língua e os costumes, terá origens

e afinidades mais ou menos conhecidas, terá pontos de partida próximos ou remotos." Eis o que vamos procurar apreender agora.

Basílio de Magalhães ("O povo brasileiro através do folclore" — "Cultura Política", ano I, n. 8) diz: "No Rio Grande do Sul, que foi quem mais recebeu e disseminou o tradicionalismo de origem espanhola, juntou-se ao mesmo o vindo das ilhas portuguesas do Atlântico, em virtude de uma forte corrente migratória açoriana, cujo centro de irradiação surgiu em Pôrto Alegre." Ao encontro dessas afirmações vem o sr. Vitor Neves (entrevista com o sr. Ângelo Guido — "Diário de Notícias" de 17 de março de 1940) que encontra "amálgama de ritmos e motivos trazidos para a nossa terra pelos açorianos e pela população de origem espanhola do Uruguai e da Argentina". E assim êle dá como de origem espanhola a "Tirana", o "Fandango", a "Ranchera". No "Anú" (lenda de origem provàvelmente indígena, acrescenta o autor) temos alternadamente canto e dansa, e parece inegável a existência de "influências indígenas, como as dos Caingans, por exemplo, em nosso folclore musical".

Também o dr. Pedro Luiz Osório, em "Rumo ao Campo", dá notícias sôbre dansas de origem açoriana ou portuguesa (o "Fandango", para êste autor, é de origem portuguesa) e músicas "crioulas platinas", muito apreciadas na campanha riograndense.

Parecem certas, pois, as origens espanhola e portuguesa-açoriana de nossa música popular. E não me foi possível apurar se outros fatores teriam contribuído, fatores étnicos, isto é, o índio e o negro. É possível que sim, embora em muito menor escala que os já mencionados, porque, como sabemos, imperavam no Rio Grande do Sul êsses "índios cavaleiros do pampa", na expressão de Pedro Calmon, ao que, mais precisamente, Aurélio Pôrto acrescenta: "Notável é, no Rio Grande do Sul, a contribuïção de origem minuana para a sociogênese do gaúcho". Sabe-se como é considerável a contribuïção de nomes geográficos que os índios nos legaram. Os negros, vindos depois, embora sem a intensidade demográfica dos Estados do Centro e do Norte, deixaram igualmente profundos traços de sua convivência quotidiana com os brancos, bastando lembrar a lenda do "Negrinho do pastoreio".

As origens castelhana e portuguesa são fortes e extensas. São diretas, ao passo que as outras apenas indiretamente teriam agido neste setor da vida coletiva. Não temos, por exemplo, nenhum instrumento indígena ou negro popularizado no Rio Grande do Sul. E falo em origens castelhana e portuguesa porque não só da Espanha nos vieram, ou de Portugal, também da Argentina e do Uruguai, e dos Açores como de São Paulo, Laguna, etc. O General Borges Fortes fala-nos em "os filhos dos velhos lagunistas, dos colonistas, dos velhos soldados do presídio, os herdeiros dos homens de Silva Paes. . ."

São essas, a meu ver, as origens da música popular riograndense. Porém, hoje, certamente, afasta-se bastante de tais origens graças às influências de tôda sorte, decorrentes de nossa própria vida local e nacional, que sôbre ela se vêm exercer. As maiores influências locais encontro-as na vida do campo e o seu instrumento típico, a gaita.

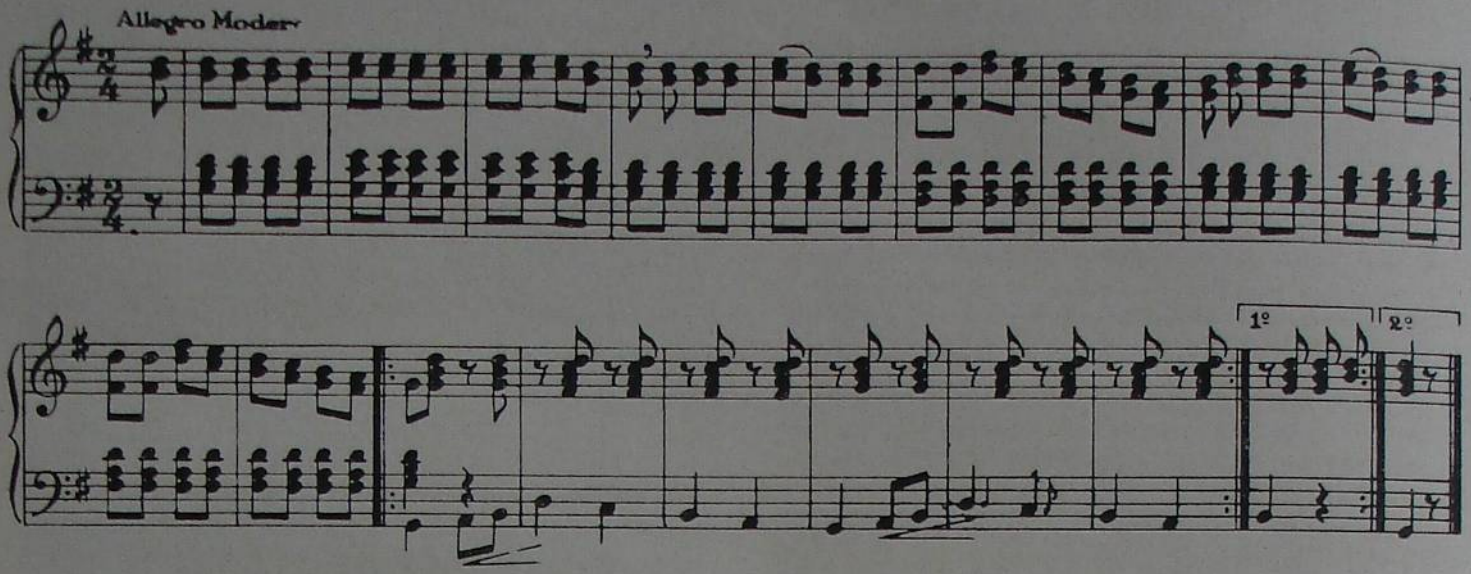


Um trovador em pleno desafio

Exemplo frisante dessas duas influências, que vêm dando à música riograndense sua modalidade própria, aparece na dansa-canção que anotei, recentemente (janeiro de 1942), em uma fazenda de São Francisco de Paula de Cima da Serra. Só o título basta para demonstrar a influência da vida pastoril. Chama-se "A sarna". Pertence ao tipo de "O boi barroso" e coincide também, como construção melódica, com as "Toada do Chico Sôrro" e "Toada do Lauro Louro", citadas por Mário de Andrade e originárias da mesma região. Se não temos indicações sôbre a extensão de nosso território em que se cantam e tocam tais músicas, podemos entretanto afirmar, baseados em "O boi barroso", que elas despertam o ânimo dos gaúchos em todo o Rio Grande do Sul, pois "O boi barroso", não restam dúvidas, é a mais popular de nossas músicas populares. Ainda não encontrei ninguém daquí que não a conheça, e representa, se o confrontarmos com esta, "A sarna", que apresento agora, um sentimento musical que se perpetua, bem vivo, em nossos dias. Já o mesmo não sucede com "Chimarritas", "Fandangos" e "Tiranas". Não acontece, enfim, com essas músicas importadas que representam melhor uma música popular antiga que uma música popular atual. E certamente sofreram ainda um processo de aclimação, pois a "Chimarrita", por exemplo, tal como a conhecemos hoje, é bem música de gaita. Como o são a "Galinha morta", "A sarna", "O boi barroso", e grande número de valsas, rancheras e chotis que ouví ainda agora, em 1942. "Ronda" e as toadas do "Chico Sôrro" e do "Lauro Louro", do livro de Mário de Andrade, indicam igualmente influência da gaita. Também o estribilho instrumental de "Prenda minha".

A SARNA

Canção e dansa popular riograndense, recolhida por Enio de Freitas e Castro, em janeiro de 1942, na Fazenda da Avaria, município de S. Francisco de Paula (Rio Grande do Sul).



Observações: Enquanto dansam, fingem os pares que se coçam, algumas vezes, como se estivessem atacados de sarna (não só isso em bailes de verdade, mas, sim, em reüniões familiares). Existem versos que não me foi dado recolher. A harmonização é tanto quanto possível a original. O andamento é igual ao do "Boi barroso", com o qual tem coincidências de estilo (melodia em têrças, mesma tonalidade, subida ao 7.º grau). Repete-se inúmeras vezes antes de concluir.

De maneira geral, onde encontrarmos melodias dobradas em têrças e harpejos alternados de tônica e dominante, poderemos dizer, quasi sem medo de errar, que as músicas assim constituídas nasceram ou se transformaram ao vai-vem do foles das gaitas gaúchas.

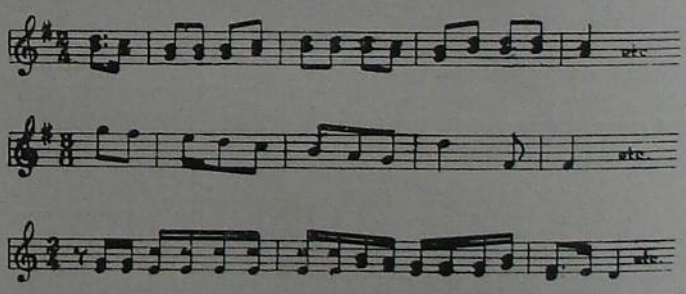
Com tais origens e influências, quais serão, finalmente, as caraterísticas da música popular do Rio Grande do Sul?

Trabalho prematuro, talvez, diante dos documentos com que conto, êsse de estabelecer, ou antes, de expor, de forma literária, as caraterísticas de nossa música popular. Mas conto também com a experiência pessoal, com o hábito de sentir a nossa música. E porisso me atrevo a tirar conclusões. Faço-o com reservas, e a título provisório, crendo, porém, que os resultados de meus estudos e observações não deixarão de ser confirmados, em seus traços principais, pelos estudos futuros e futuras observações.

Divido, para melhor exame da matéria, em três grupos principais as caraterísticas de nossa música popular, a saber: 1º grupo — caraterísticas musicais, 2º grupo — caraterísticas sociais, 3º grupo — caraterísticas nacionais. Naturalmente os grupos reagem uns sôbre os outros na formação da fisionomia total.

No primeiro grupo de caraterísticas, que é muito importante para os compositores, temos subdivisões em — 1) ritmo, 2) melodia, 3) harmonia, 4) tonalidade, 5) instrumentos. No segundo colocamos as relações da nossa música popular com — 1) o trabalho, 2) a religião, 3) a diversão. No terceiro suas caraterísticas como fator de integração nacional e diferenciação internacional.

RITMO. Não há predominância do ritmo. O caráter de nossa música popular é mais melódico do que rítmico. Êste, o ritmo, é geralmente simples e sem caráter incisivo. A síncope só aparece na subdivisão do tempo (veja-se "O tatú", por exemplo), mas mesmo assim, na execução não conhece ênface de espécie alguma. É assim como uma síncope que pede desculpas de aparecer. . . Penso até que isso não seja criação regional e, sim, influência da música do norte. O ritmo chão, liso por assim dizer, é coisa corrente:



Em cima: Boi barroso — no meio: A tirana — em baixo: Toada.

Veja-se ainda "O Carreiro", citado por Luciano Gallet, "Trovas saüdosas nº 1", "Saüdades do gaúcho", ambas no cancioneiro de Ernani Braga, as toadas do "Lauro Louro" e do "Chico Sôrro", transcritas por Mário de Andrade, como a "Ronda" também, "A sarna" e outras.

A colcheia pontuada, seguida de semicolcheia, é figuração rítmica que aparece constantemente. Mas não tem, na execução, caráter incisivo, como lhe dá o alemão, por exemplo. Na "Chimarrita" tem, ao contrário, função bem melódica. E assim quasi sempre em tôdas as outras peças.

Usa-se também, e muito, a colcheia seguida de duas semicolcheias, num só tempo.

Como se vê, não há dificuldades em notar, rìtmicamente, as peças do populário riograndense. Decorrente dêsse caráter não rítmico são freqüentes as terminações masculinas prolongadas, determinadas, certamente, por inflexões da voz.

MELODIA. Já apontei acima a predominância do sentimento melódico sôbre o rítmico na música popular riograndense. Resta apenas examinar as caraterísticas pròpriamente melódicas, isto é, o que, internamente, constitue a melodia.

Não se encontram grandes passos melódicos. Predominam os graus conjuntos e terceiras (isso acontece aliás, creio, com a música popular de quasi todos os países da Europa ocidental). No "Boi barroso" nem se encontram outros intervalos.

Na construção da melodia aparecem, além das notas de passagem, pequenas apogiaturas expressivas, bordaduras também de pequeno valor e harpejos (êstes na literatura da gaita), sempre com fortes assentos tonais (modo maior). Mas tudo isso como parte integrante da melodia, não como simples ornamento. Assim é que não se encontram melismas como na música espanhola, nem nunca vi qualquer cousa parecida com grupeto.

Um procedimento comum, e típico, encontrado no "Boi barroso", e que faz pensar na influência da modinha, é a subida à sensível, onde descansa, para depois cair novamente sem ter ido à tônica.

Os incisos são geralmente repetidos, isto é, a melodia não se forma de contrastes, e, sim, de reafirmações.

HARMONIA. Os acordes são bem definidos, certamente por influência tanto da gaita como do violão. Alternam-se os acordes de tônica e dominante, indo à subdominante geralmente uma só vez em cada trecho, antes do fim. Mas é muitíssimo comum nem chegar até aí.

As cadências finais são bem claras, afirmando a tônica (mas a melodia é caraterìsticamente descendente, por graus conjuntos, sôbre a tônica ou a mediante, e êste é um dos pontos em que o sr. Ernani Braga falhou na interpretação musical do "Cancioneiro Gaúcho"). "O tatú" e "A tirana" são os únicos exemplos em contrário, que encontro. Mas um e outro não devem ser música exclusivamente nossa, e era preciso ouví-los tocados, para nos certificarmos de que realmente as versões apresentadas por Contreiras Rodrigues exprimem bem a verdade nesse particular. Sou quasi capaz de apostar como o gaiteiro afeiçoará a terminação ao modo comum!

TONALIDADE. Mesmo as músicas de caráter dolente são em tom maior. Lembro-me nìtidamente de já ter ouvido uma gaita tocar uma melodia em menor e acompanhá-lo em maior. . . A melodia fôra ouvida, certamente, pelo músico. Ficara-lhe na memória musical, mas o acompanhamento, a que êle tinha de prover com seus próprios recursos, lá ia em maior. . .

A tônica e a dominante, os dois assentos principais da tonalidade maior, auxiliados pela subdominante, constituem a I, a II e a III posição dos violonistas. E são também o maior recurso que os gaiteiros possuem.

Geralmente a peça é unitonal. Mas ouví, nestas férias, várias que mudam para a tonalidade da dominante na segunda parte.

INSTRUMENTOS. Caraterísticas referentes à gaita e ao violão, que já tive oportunidade de esclarecer.

MÚSICA E TRABALHO. A lida de campo, do gaúcho, não facilita tocar ou cantar. Quando levam por diante a boiada, usam é assobiar, incitar com a voz ou estalar o relho. Não encontro, pois, influências do trabalho sôbre a nossa música popular.

MÚSICA E RELIGIÃO. Parece igualmente que não existe música popular de caráter religioso em nosso Estado. Realmente, as fazendas, isoladas como são, não permitem quasi aos seus moradores assistir ofícios religiosos. E nos têrços ocupam-se com a ladainha.

MÚSICA E DIVERSÃO. Aquí, sim, encontramos uma caraterística social para a música do povo riograndense. Ela lhe serve não no trabalho ou no culto, e, sim, nas festas, nas diversões. Porisso quasi a totalidade das nossas canções são dansas também. Daí não encontrarmos músicas com caráter marcial, embora grande tenha sido a marca, sôbre o povo, das contínuas guerras e revoluções em que se viu envolvido.

Assim, a nossa música não é trágica, nem heróica. Reflete uma alma simples e sadia, vive para a paz. Nem mesmo o desafio passa além de uma diversão para o gaúcho. Se as bravatas dos cantadores podem por vezes aterrorizar céus e terras, a música, ao contrário, continua a ser a mesma com que se dizem tôdas as gentilezas.

Música para dansar e cantar, pois, ela reflete, geralmente, a cadência estereotipada do baile popular, isto é, os acentos se sucedem com regularidade constante. E o canto, sempre acompanhado, já se acostumou a firmar-se em igual apôio, pois o instrumentista acompanha do mesmo jeito para dansar ou cantar.

NACIONALIDADE. Será a música popular riograndense um fator de integração nacional? Certamente que sim, embora divergindo bastante da música popular brasileira. É fator de integração nacional, porque, como vimos, se está moldando sôbre a vida gaúcha, e o Rio Grande do Sul é bem um pedaço do Brasil. Fator de integração nacional, ainda, pela diferenciação internacional. Nada encontramos, por exemplo, que se aparente ao tango argentino, e ainda um dia dêstes ouví música típica do Paraguai inteiramente diversa da nossa. É a fôrça de encontrar o que é nosso que faz com que a música riograndense seja brasileira.

LINGUAJAR SUL-RIOGRANDENSE

OS METAPLASMOS NA FONOLOGIA DO DIALETO GAÚCHO

Por ELPÍDIO FERREIRA PAES

— Embora as transformações metaplásticas mais numerosas sejam a prótese e a epêntese, também dos demais metaplasmos há alguns exemplos.

— AUXESE. — Prótese. — O povo acrescenta um a a numerosos verbos da primeira e da segunda conjugações:

"Não me alembro do sucedido..." (Quero-quero, 104).
"...não arreseste uma frescurinha destas..." (Id., 113).
"...sem esperar o trôco, amuntou a caálo..." (Acauan, 14).
"...não hai nada que nos arretenha..." (Quero-quero, 23).
"Vão se achegando no mais moçada guapa!" (Rincão, 81).
"...só p'ra amostrá p'r'ela..." (Aquino, 50).
"...não é de dereito inticar com quem está assossegado" (Acauan, 69).
"Até hoje não se sabe
Como isso assucedeu..." (Chimango, 103).

Existem outros acréscimos iniciais interessantes:

"...a gente desparramou-se..." (Simões, Contos, 27).
"...pendurou a guaiaca de couro de tigre, com as quinhentas onças, na forquilha dum esteio do rancho, sem desapear" (Acauan, 21).

Cumpre notar que em desapear o acréscimo serviu de reforçar a idéia expressa pelo verbo em sua forma normal. É fenômeno idêntico ao que se deu com desinquieto.

— II — Epêntese (parectase) — Aparece em adivogado, obijeto, adijetivo, abisolutamente, Edigar. Edimundo, néquiso (nexo), intelequitual, estiguima, iguinorância, emopetise, aqueredô (credor), bonecra, estralar, marcela (macela), motorneiro. Com exceção de aqueredô, que é exclusivamente popular, as demais pronúncias se encontram também entre as pessoas de cultura média; e mesmo entre pessoas de maior cultura temos ouvido essa epêntese (exceto, naturalmente, aqueredô e marcela). Motorneiro parece ter assumido caráter definitivo, mesmo porque já surgiu formada assim. Na linguagem popular se reforça ainda mais esta parectase, pronunciando-se obejeto, adevogado, Edemundo, Edegar.

— III — Epítese — Aparece em entonces, sobi (sob), Isaque, ùltimamente, etc.:

"Ùltimamentes, monologara procurando afastar todos aqueles acontecimentos..." (Aquino, 49).
"Foi entonces que vi a luz numa madrugada de ventania..." (Quero-quero, 103).
"...naturalmentes precisavam que saísse (Aquino, 48).
"Por conseguintes trabaiem vacês..." (Id., 102).
"Provavelmentes conheciam aquele doutoreco..." (Id., 51).

Também no português antigo se encontra a forma entonces:

"...sella tavarenha segundo entonces husavom..." (Fernão Lopes, ap. Sel. Clas., XLVII).

— HIFÉRESE. — Aférese — Ocorre em Bastião, borná (l), tá (estar), déiztão (dez tostões), etc.:

"A mãe Tanazia ficou estatelada..." (Simões, Contos, 49).
"Tá gordo todo o seu gado..." (Chimango, 82).
"Tava sempre de alcateia" (Id., 97).
"...tou com vontade de fazê mais festa" (Galpão, 52).
"Brigado..." (Id., 94).
"Buenas noites, sia Ladina..." (Acauan, 186).
"Que a prebenda é muito dura,
Estou bem certo Lauterio" (Chimango, 13).

— Síncope. — Ocorre em porva (pólvora), exprimentar, escramuçar, prinspe, arve, aora, caálo, musga, Osoro, Jeromo, abobra, chacra, mascra, cosca, chcra, passo (pássaro), pesco (pêssego), ofricido, jurdição, etc. Algumas destas pronúncias também se ouvem entre pessoas cultas, na linguagem culta soa frustado, pelo menos no uso quotidiano.

Vejamos alguns textos:

"Quem quizé que exprimente..." (Rincão, 83).
"...que não fosse ofricido..." (Id., 92).
"...ganhou o terreiro e se foi ao palanque onde estava o ruano do Osoro..." (Simões, Contos, 168).
"Tem esprito esse cuéra!" (Rincão, 89).
"...arrancava as arves pela raiz" (Acauan, 51).
"...já acra estou enxergando tudo preto..." (Quero-quero, 106).
"Anda sempre escramuçando..." (Tropilha, 88).
"Só mêmo pelas costa!" (Aquino, 31).
"Éta caálo bicho!" (Id., 70).
"...na madrugada, vespra do casamento, o Janco Jorge saiu..." (Simões, Contos, 157).



CARRETEIROS, LÍDIMOS REPRESENTANTES
DA TERRA RIOGRANDENSE E...

...tradicionais veladores do original linguajar riograndense.

— Apócope. — Ocorre em pires, alferes, lapis, Jesús, que perdem o s final. Outros casos: Virge. S. Barba, fié, e em geral o infinito dos verbos e as palavras terminadas em r e l:

"Ai, meu Nosso Senhor Jesu Cristo!" (Acauan, 190).
"Virge Santa! E as querendonas, chê?..." (Id., 135).

Cumpre notar que essas subtrações podem observar-se mais fàcilmente no discurso, do que nas palavras isoladas:

"Voltára-se com o coração pares'que a querer saltar-lhe..." (Aquino, 48).
"Havia de ver o que que o seu dotô Joquinha daria p'r'ela..." (Aquino, 50).
"Nunca mais apareça p'r'estas bandas..." (Id., 95).
"Desd'isso, Zé Magro saíu pelos pagos..." (Quero-quero, 58).
"Vá s'imbora! Não bula com o próximo..." (Id., 90).
"Desd'aí nunca mais as esqueci..." (Id., 8).

— METÁSTASE. — Hipértese. — Ocorre em largato, fulineiro, triato, burnir (mesmo entre pessoas cultas), degavarzinho, ciloura (ou ciló ra):

"...ainda que degavarsito, armava-se todo..." (Aquino, 69).

O mesmo se dá em estauta e tauba, por estátua e tábua.

— Metátese. — Ocorre em detriminá, preguntá (ou proguntá), porguesso, percipício, partileira, etc.:

"Percurassem no mais, que haviam de encontrar..." (Quero-quero, 39).
"...que êles se perparassem p'ra uma nova investida..." (Aquino, 20).
"...não me percipitei" (Id., 22).
"...preguntem aí ao seu Zeca Pinto..." (Id., 23).
"E chamam isso de porguesso!..." (Rincão, 63).
"Nem percisou de amadrinhador..." (Quero-quero, 51).
"Pertendo ir inté São Luiz..." (Aquino, 103).
"Uma carreta toldada
Na flarda de uma ladeira" (Chimango, 49).

— OUTRAS MODIFICAÇÕES. — Assimilação — Ocorre em alamão, premessa, véve, arreseste, jinela, etc.:

"Os alamão bebem cerveja..." (Acauan, 139).
"Aquí ao menos véve" (Quero-quero, 24).
"...não arreseste uma frescurinha destas..." (Id., 113).

Dissimilação. — Ocorre em aribú, aripuca, Arnesto, cacunda, saluço, exprobar, prostar, intrépete, perturbar, berzabum, etc.

Vocalização — Ocorre em bautismo, hai, causo, cruiz, etc.

Enfraquecimento. — Ocorre em musga, guspe, gasimira, aparagata, etc.

Ditongação. — A terminação **ça**, às vezes se ditongaliza:

"...enquanto as estradas, uma disgrácia!..." (Rincão, 61).

Corar e coradouro (de roupa) também sofrem ditongação:

"O dí que não faz sol
A roupa não quara bem" (Cancion, 100).

O verbo chocalhar foi transformado pelo povo em chaquaiá, com o sentido geral de agitar, sacudir: "chaquaia êsse sujeito! Chaquaia bem êsses pano, menina! Chaquaia o leite". São frases que se ouvem freqüentemente entre as pessoas incultas, principalmnte no interior. Aliás, já em português êste verbo tinha o sentido de agitar algo dentro de um recipiente:

"Tantos ingredientes lhe deitaram
Que é um nunca acabar, chocalha-o bem" (Apologia, a. L, c. IV).

Nasalação. — Ocorre em intaliano, inguinorante, cemintério, sancristão, condensa, menstruz, etc.:

"Fez votar o cemintério" (Chimango, 38).
"Tem canha e mel com menstruz..." (Id., 26).

Herculano traz o seguinte exemplo da fala popular portuguesa:

"Já o padre Chaparro e frei José dos Prazeres estão na sancristia..." (Lendas e Narrativas, II, 217).

Desnasalação. — Ocorre em semvergonha, que passa a severgonha (e entre o povo — sevregonha, também) e prispiar, por principiar.

Suarabacti. — Ocorre em recruta, que passa a reculuta:

"parece até que essa gente
Ia fazer reculuta" (Chimango, 103).
"Reculute amanhã bem cedo os animais" (Galpão, 50).

Haplologia. — Ocorre em paralepípedo, acocado ou acrocado, por parelelipído, acocorado:

"...inticou com um moço bem parecido, que estava acocado..." (Acauan, 13).
"cabeça atada com um lenço,
Acrocada nessa pedra..." (Tropilha, 121).

Ectilipse. — Ocorre freqüentemente:

"C'um petiço colorado...' (Chimango, 7).
"Co' a morte do Zé Turuna
Não teve grande emvaraço..." (Id., 17).

Finalmente duas modificações interessantes são castilha e estranja, por castelhano e estrangeiro:

"Como êle não havia outro nem nesta banda nem na dos castilhas" (Acauan, 35).
"Entonces isso por lá é a extranja?..." (Id., 135).

E ainda permíssio por permissão, talvez por influência castelhana:

"...pedira permício para contar a sua novidade" (Aquino, 51).

DADOS GENEALÓGICOS DE UMA GRANDE FIGURA RIOGRANDENSE

ASCENDÊNCIA DO DR. JÚLIO PRATES DE CASTILHOS

Por JORGE GODOFREDO FELIZARDO

A 29 de junho de 1942 trancorreu o 82.º aniversário do nascimento de Júlio Prates de Castilhos, o grande estadista e riograndense de maior projeção política, na mudança do regime monárquico para o republicano.

Na fase inicial de construção da nossa primeira república foi o político que soube impôr-se e manter-se no seu Estado natal, não só pela pureza de seus princípios doutrinários, como pela inquebrantável energia que sempre antepunha, aos embates das paixões dominantes.

A homenagem à sua memória, determinada pelo govêrno estadual e simbolizada no monumento cívico erguido na principal praça de Pôrto Alegre, é a mais significativa expressão do grande valor do eminente homem público.

Coube a Décio Vilares, o escultor e pintor primoroso e já falecido no Rio de Janeiro, a árdua tarefa de perpetuar, no bronze, a concepção da vida e da obra do estadista emérito.

No monumento magnífico acha-se Júlio de Castilhos cercado pela Coragem portadora dos louros da vitória, a Prudência a deter a Coragem, indicando o Perigo, simbolizado em um dragão, a Firmeza e o Civismo, com o lábaro da Pátria. Em outras faces encontram-se a Imprensa, a Experiência e o Gaúcho, como símbolos da fôrça numérica.

Iniciou os estudos das primeiras letras, com sua mãe. Fez o curso primário num colégio, em Santa Maria da Bôca do Monte, transferindo-se, depois, para o colégio Gomes, em Pôrto Alegre, onde fez o curso de humanidades, que o habilitou a prestar exames, em São Paulo, afim de poder matricular-se na Faculdade de Direito daquela cidade, no ano de 1877, bacharelando-se em 1881.

Durante o tempo que permaneceu em São Paulo fez parte do Clube Vinte de Setembro, do qual chegou a ser sócio benemérito. Alí iniciou sua brilhante ação de propaganda em prol do regime republicano, em artigos políticos que eram publicados em vários jornais da época.

De regresso à então Província do Rio Grande do Sul abriu banca de advocacia, mas pouco tempo tinha a dispensar-lhe, por estar inteiramente votado à propaganda da causa política que abraçara, coroada de êxito, com a proclamação da república, a 15 de novembro de 1889.

No novo regime ficou o Rio Grande do Sul sob o govêrno do Visconde de Pelotas, sendo Castilhos escolhido seu secretário, cargo que pouco depois deixava, justificando em manifesto público a razão da sua conduta.

Com a demissão do Visconde, em 1890, Castilhos foi nomeado seu substituto, na chefia do govêrno do Estado, não aceitando, porém, o cargo.

Neste mesmo ano de 1890 Castilhos é eleito representante, pelo Rio Grande do Sul, à Constituinte Nacional, onde se fez chefe da corrente que elevou o marechal Deodoro da Fonseca à presidência da República, o qual, depois, o convidava para Ministro de Estado, o que ainda não aceitou, regressando ao Rio Grande.

Logo após seu regresso abre-se a dissidência no Partido Republicano, motivada pela organização da chapa de candidatos à Constituinte Estadual e, no pleito de 5 de maio de 1891, Castilhos vence seus adversários políticos, com a eleição de todos os candidatos republicanos.

Pouco depois Castilhos envia à Assembléia sua grande obra política, a Carta Constitucional, cujo projeto é exclusivamente seu.

Devido à revolta armada, provocada pelo golpe de estado do Marechal Deodoro, dissolvendo o Congresso a 3 de novembro, Castilhos deixa o govêrno, expondo novamente, em manifesto, o motivo do seu proceder, concitando seus correligionários a permanecerem em seus postos, fiéis a seus ideais políticos.

Restaurada a legalidade, a 17 de junho de 1892, assume o govêrno, nomeia vice-presidente o dr. Vitorino Rego Carneiro Monteiro, resignando em seguida.

Candidato ao novo pleito, em novembro do mesmo ano, foi eleito com significativa votação, empossando-se a 25 de janeiro de 1893.

Surge então a revolução federalista, em fevereiro do mesmo ano, que finalizou em agôsto de 1895, pela pacificação. E pairando sôbre tudo a serenidade da sua conduta nos transes mais difíceis da incipiente vida política do Estado, no regime republicano, soube, com nobreza de ânimo, fazer uma administração fecunda e irrepreensível, salientando-se, no cenário político nacional, como estadista emérito, conquistando, merecidamente, o título de Patriarca do Rio Grande do Sul.

ASCENDÊNCIA DO DR. JÚLIO PRATES DE CASTILHOS

1 — **JOÃO RODRIGUES PRATES**, natural de Estremoz, distrito e arcebispado de Évora, Portugal e já falecido em 1770, foi dos primitivos povoadores do Rio Grande de S. Pedro, vindo da vila da Laguna, Santa Catarina, onde exercera o alto pôsto de capitão-mór, por patente de 1752 de Gomes Freire de Andrade, sendo substituído por seu filho Paulo Rodrigues Xavier Prates, posteriormente nomeado capitão-mór da Aldeia dos Anjos (Gravataí).

Casou **João Rodrigues Prates** na Laguna, com d. **Izabel Gonçalves Ribeiro**, natural da mesma freguesia de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, tornando-se, assim, tronco da família Rodrigues Prates, que mais tarde se espalhou pelo Rio Grande e São Paulo.

Era d. **Izabel Gonçalves Ribeiro** filha de **Manoel Gonçalves Ribeiro,** natural da cidade do Pôrto, Portugal, e fundador da Laguna, e de sua primeira mulher d. **Maria de Passos Duarte,** natural daquela vila.

Do casal de João Rodrigues Prates foram filhos: Francisco Rodrigues Xavier Prates, sacerdote; João Rodrigues Xavier Prates, sacerdote que foi vigário da Aldeia dos Anjos; Catarina Rodrigues Ribeiro, casada com Manoel Carvalho de Oliveira, natural de Guimarães, filho de José Carvalho de Oliveira e de d. Maria da Silva; Francisca Rodrigues, casada com Manoel de Souza Gomes, natural da cidade do Pôrto; **Izabel Antônia Ribeiro,** que continua a geração; Antônia Rodrigues, casada com o sargento-mór Manoel de Souza Porto; Brígida Caetana Xavier Prates, casada com o tenente de Infantaria Manoel Gonçalves Leite de Barros; capitão-mór Paulo Rodrigues Xavier Prates, casado com d. Joaquina Marques de Souza, natural do Rio Grande de S. Pedro, filha de Antônio Simões e de d. Quitéria Marques.

2 — **IZABEL ANTÔNIA RIBEIRA,** batizada na Laguna a 22-II-1730, onde casou a 20-6-1745, com o alferes do Regimento de Dragões do Rio Grande de S. Pedro, **Antônio Nunes da Costa,** natural e batizado na freguesia de Sta. Cruz do lugar de Pombal, termo da vila de Santarém, patriarcado de Lisboa Oriental e filho de **Manoel Nunes da Costa** e de d. **Grácia Duarte.**

Do casal de Antônio Nunes da Costa foram filhos: **Maria Leocádia Xavier Prates,** que continua a geração; Rodrigo Antônio da Costa Prates, casado com d. Josefa Maria, natural de Sta. Catarina, Filha de João de Souza da Horta e de d. Izabel Felícia.

3 — **MARIA LEOCÁDIA XAVIER PRATES,** nascida na freguesia do Rio Grande de S. Pedro a 19 e batizada a..... 27-XI-1761; casou na matriz de N.ª S.ª dos Anjos da Aldeia 2 2-XI-1777, com **João Nepomuceno de Carvalho,** nascido e batizado na freguesia do Santíssimo da Praça da Colônia do Sacramento, a 22-XI-1755 e falecido em Rio Pardo a..... 6-VI-1803, filho do tenente **José Rodrigues de Carvalho,** natural de Lisboa, que casara na Colônia do Sacramento, a 12-XII-1747, com d. **Teodózia Maria Faustina Carneiro,** natural daquela Praça; neto paterno de **Simão Rodrigues de Carvalho** e de d. **Josefa Maria de Souza;** neto materno de **Manoel do Couto** e de d. **Maria Faustina Carneiro.**

Do casal de João Nepomuceno de Carvalho foram filhos: D. Feliciano José Rodrigues Prates, 1.º Bispo de S. Pedro do Rio Grande do Sul, nascido na Aldeia dos Anjos a 13 de julho de 1781; Flaubiana Fausta da Costa Prates, casada com o alferes Manoel Carvalho da Silva, natural de Cachoeira, filho do capitão Manoel Carvalho da Silva e de d. Faustina Pires; capitão **Fidelis Nepomuceno de Carvalho,** que continua a geração; Florêncio Nepomuceno de Carvalho, casado com d. Izabel Antônia da Silva, natural de S. Gabriel e viúva de Jerônimo Francisco Soares; Florinda da Costa Prates; Francisco de Carvalho Prates, sacerdote; Felisberta Dorotéa da Costa Prates, casada com o alferes Zeferino Antônio da Silveira, natural de Rio Pardo, filho do sargento-mór João Antônio da Silveira e de d. Tereza Angela do Amor Divino; Francisca Fausta da Costa Prates, casada 1.º com Francisco de Paula Pacheco, natural de Triunfo, filho de Luiz Vicente Pacheco de Miranda e de d. Gertrudes Barbosa de Menezes e 2.º com Francisco José de Almeida, também natural de Triunfo e filho de Jerônimo da Almeida e de d. Jerônima de Sta. Tereza; Feliciana Fausta da Costa Prates, casada com Antônio José de Carvalho Jor., natural de Rio Pardo, filho do alferes Antônio José de Carvalho e de d. Domiciana Antônia de Oliveira.

4 — **FIDELIS NEPOMUCENO DE CARVALHO,** capitão, batizado em Rio Pardo a 27-X-1786; casou em segundas núpcias em S. Gabriel a 5-III-1832, com sua sobrinha d. Cândida Fausta de Carvalho Prates, nascida em Rio Pardo a 11-IV, batizada a 1.º-V-1814, filha do capitão-mór Manoel Carvalho da Silva e de d. Flaubiana Fausta da Costa Prates, de quem são filhos: Otávio e Francisca.

O capitão **Fidelis Nepomuceno de Carvalho** casou em primeiras núpcias com d. **Clara Florinda de Avelar,** cuja ascendência é a seguinte:

A — **Francisco Machado Fagundes,** natural da freguesia das Velas da ilha de S. Jorge, Açores, e falecido em Triunfo a 28-IX-1762, com 70 anos; casou com d. **Úrsula de Bittencourt,** natural da mesma freguesia. Do casal foram filhos: Rita Josefa de Bittencourt, casada com o capitão de cavalos, Francisco Machado Fagundes, natural dos Açores, filho de Manoel Machado da Silveira e de d. Maria do Rosário; **Izabel Francisca de Bittencourt,** que continua a geração; alferes João Machado de Bittencourt, casado com d. Rita Josefa da Silveira, natural dos Açores, filha de Manoel Machado da Silveira e de d. Maria do Rosário; Antônio Machado Fagundes, casado com d. Ana Maria Siqueira, natural da vila de Parnaíba, bispado de S. Paulo, filha de João Nunes de Siqueira, natural de Parnaíba, e de d. Gertrudes Maria de Assunção, natural de Santos.

B — **Izabel Francisca de Bittencourt,** natural da freguesia das Velas da ilha de S. Jorge, Açores; casou com o alferes **Jacinto Mateus da Silveira,** também natural da ilha de S. Jorge, filho de **Pedro Silveira e Souza** e de d. **Maria de S. Pedro,** naturais da mesma ilha.

Do casal do alferes **Jacinto Mateus da Silveira,** foram filhos: Francisca Maria de Bittencourt, casada com Mateus Teixeira Fagundes, natural dos Açores, filho de Amaro Dias da Cunha e de d. Izabel Teixeira; Maria; **Antônia Maria de Bittencourt,** que continua a geração; Maria Jacinta de Bittencourt, casada com Manoel Antônio da Silveira, natural dos Açores, filho de Manoel Teixeira de Andrade e de d. Maria Angélica; Francisco Machado Fagundes, casado com d. Joana Maria de Jesús, natural de Viamão, filha de Manoel Teixeira de Quadros e de d. Mariana de Jesús; Antônia Machado de Bittencourt, casado com d. Juliana Maria de Jesús, natural de Taquarí, filha de Francisco Pereira da Luz e de d. Rosa Maria de Jesús; José Jacinto de Bittencourt, casado 1.º com d. Cristina Maria da Conceição, natural de Taquarí, filha de Antônio Teixeira Fagundes e de d. Maria do Rosário, e 2.º com d. Inocência Maria da Conceição, natural de Rio Pardo, filha de José Pereira Garcia e de d. Angélica Maria; João Machado da Silveira, porta-estandarte, casado 1.º com d. Francisca Clara do Nascimento, natural de Rio Pardo, filha de Antônio da Silveira Ávila e Matos e de d. Clara Maria Mâncio e 2.º com d. Joana Rodrigues de Valença, natural de Cachoeira, filha de Francisco Rodrigues Machado e de d. Eugênia Maria de Valença.

C — **Antônia Maria de Bittencourt,** natural e batizada na freguesia de Sto. Ângelo da vila de Rio Pardo a 26-VIII-1755 e falecida em Taquarí a 19-VII-1796; casou em Taquarí a 27-XI-1769, com **Manoel da Silva Jorge,** natural e batizado na freguesia de Sta. Catarina de Castelo-Branco, na ilha do Faial, e falecido em Taquarí, a 31-X-1825, com 81 anos, filho de **Inacio da Silveira,** natural da ilha de S. Jorge e de d. **Ana Silveira,** natural da ilha do Faial. Por morte da sua mulher casou **Manoel da Silva Jorge,** em segundas núpcias, com d. Bernarda Joaquina do Nascimento, natural de Sta. Catarina, já viúva de Jacinto da Rocha e filha de Diogo Inácio de Barcelos, natural da ilha Terceira e de d. Ana Felícia do Nascimento, natural da Ilha do Faial, de quem houve um filho: Alexandre Luiz da Silva.

De **Manoel da Silva Jorge** e sua primeira mulher, foram filhos: Genoveva Maria de Bittencourt, casada com o alferes José Jacinto Pereira, natural de Taquarí, filho de André Jacinto Pereira e de d. Felícia Maria do Sacramento; **Inocência Maria de Bittencourt,** que continua a geração; Maria (1.ª); Maria (2.ª); João da Silva Machado, Barão de Antônia, casado com d. Ana Ubaldina de Paraíso Guimarães, natural do Paraná, filha de Manoel Gonçalves Guimarães e de d. Maria Madalena de Lima; Alexandre; Maria Angélica da Silva, casada com o furriel Dionísio Inácio de Barcelos, natural de Viamão, filho de Diogo Inácio de Barcelos e de d. Ana Felícia do Nascimento; Juliana; Joana Felícia da Silva, casada com João Francisco Ilha; Izabel; Francisco de Paula e Silva, Barão de Ibicuí, casado com d. Felicidade Perpétua de Magalhães, natural de Cachoeira, filha do tenente Ricardo José de Magalhães e de d. Maria Mância de Avelar.

D — **Inocência Maria de Bittencourt,** nascida em Taquarí a 17, batizada a 27-VIII-1755; casou em Rio Pardo a 24-VII-1790, com **Raimundo da Silveira Santos,** natural da mesma vila, filho do alferes **Antônio da Silveira Ávila e Matos,** natural da freguesia do Rosário da Vila-Nova do Tôpo, na ilha de S. Jorge, bispado de Angra e falecido em Rio Pardo a 24-VI-1803, com 73 anos e de d. **Clara Maria Mâncio,** natural da freguesia do Destêrro da ilha de Sta. Catarina, e falecida em Cachoeira a 15-VIII-1798, com 60 anos; neto paterno de **Manoel Silveira de Matos** e de d. **Maria de Mendonça,** naturais da ilha de S. Jorge; neto materno de **Antônio Coelho Nunes,** natural de Destêrro, na ilha de Sta. Catarina.

Mappa demonstrando o progresso que tem feito os filhos do Illm.o Senr. Francisco Ferreira de Castilhos no seus estudos desde o dia 12 de Setembro de 1864 até 9 d'Abril de 1866 dia em que prestaram exame

Nomes	Materias que aprendem									Que sabem em 12 de Setembro de 1864
	Leitura	Escripta	Arithmetica	Grammatica Nacional	Doutrina	Geographia	Historia	Francez	Musica Plana e Canto	
D. Francisca Prates de Castilhos	Le muito bem	Tem boa letra e boa ortographia	Sabe bem as quatro especies em inteiros e fracções	Estas pronpta	Sabe bem	Sabe bem a geographia da Europa e d'Asia	Estuda a historia antiga	Le e traduz bem	Conhece bem a musica, toca e canta sufficientemente	Sua e soffrivel mente escreve e contas normal
D. Adelaide Prates de Castilhos	Le bem	Tem boa letra e orthographia regular	Sabe bem as quatro especies em inteiros e tem principios a fracções	Reger bem	Sabe bem	Sabe bem a geographia da Europa e d'Asia	Estuda a historia antiga	Le e traduz sufficientemente	Conhece bem a musica, toca e canta sufficientemente	Sua sofrivel escreve mal e pouco sabia de aritmetica
D. Clara Prates de Castilhos	Le sufficientemente	Tem boa letra e orthographia regular	Sabe bem as quatro especies	Reger regularmente	Sabe sufficientemente	Estuda a geographia da Europa			Conhece a musica e toca sufficientemente	Sua e escreve mal
D. Innocencia Prates de Castilhos	Le corrente	Escreve boa letra regular mente	Sabe as quatro especies regularmente		Estuda				Esta nas 1as lições	Nada sabia
Francisco Prates de Castilhos	Le bem	Escreve bem regular	Sabe bem as quatro especies em inteiros e fracções	Reger regularmente	Le sufficientemente	Estuda a geographia da Europa			Conhece a musica regularmente e principia a tocar	Le sufficientemente escreve bastante e sabia as quatro especies em inteiros Europeu em 9 de Abril de 1866
Julio Prates de Castilhos	Conhece bem as letras e principia a juntal as									Sua alphabeto Europeu em fins de Julho de 1866

Fazenda da Reserva Rio Grande do Sul 11 de Abril de 1866

A Professora

Francisca Carolina Miller Whitington

UM FACSÍMILE HISTÓRICO

O primeiro boletim da vida escolar de Júlio de Castilhos.

Do casal de **Raimundo da Silveira Santos,** foram filhos: **Clara Florinda de Avelar,** que continua a geração; Constantino; Constança, Antônia da Silva, casada com Antônio José da Mota e Silva, natural de Pôrto Alegre, filho de Bento da Mota e de d. Maria de S. José; Emerenciana; Venâncio; Maria Inocência; Genoveva; João Raimundo da Silva Santos, casado com sua sobrinha d. Cândida Nepomuceno Prates, filha do capitão Fedelis Nepomuceno de Carvalho e de d. Clara Florinda de Avelar; Francisco.

E — **Clara Florinda de Avelar,** nascida em Cachoeira a 12-VII, batizada a 15-VIII-1791, onde casou a 17-VII-1810, com o capitão **Fidelis Nepomuceno de Carvalho,** referido em — 4 —, acima.

Do casal do capitão **Fidelis Nepomuceno de Carvalho** foram filhos: comendador Fidelis Nepomuceno Prates, casado com d. Ana da Silva Machado, e dr. Fidêncio Nepomuceno Prates, casado com d. Inocência Júlia da Silva, ambas filhas do Barão de Antonina, já referido acima; Flaubiano de Carvalho Prates; Feliciano de Carvalho Prates; **Carolina de Carvalho Prates,** que continua a geração; Cândida Nepomuceno Prates, casada com seu tio João Raimundo da Silva Santos, já referidos; Clara Nepomuceno Prates, casada com o tenente-coronel Domingos José Alves da Cunha, natural de Pôrto Alegre, filho de Geraldo José Alves da Cunha e de d. Manoela de Melo.

5 — **CAROLINA DE CARVALHO PRATES,** batizada em Caçapava a 17-VIII-1827 e falecida em Sta. Maria às 3 horas da manhã de 22-VIII-1890; casou com o depois comendador **Francisco Ferreira de Castilhos,** cuja ascendência é a seguinte:

A — **MANOEL RODRIGUES DE ALVARENGA,** natural de Lamego, Portugal, e posteriormente residente no Rio de Janeiro (S. L. V, 431); dele foi filha:

B — **GUIOMAR DE ALVARENGA,** natural do Rio de Janeiro; foi a segunda mulher de **Francisco Alvares Corrêa,** natural de Vila Real e provedor da fazenda real da Capitania de S. Vicente (S. L. V, 431); houve:

C — **JOSÉ DE CASTILHO MOREIRA,** falecido em Taubaté em 1684 (S. L. V, 434); foi o primeiro marido de d. **Izabel Fragoso** (S. L. VIII, 10), com a ascendência seguinte:

a — **PEDRO DIAS,** nat. de Portugal e fal. em S. Paulo, onde fôra juiz ordinário, em 1590; casou em 1.as núpcias com d. **Maria da Grã,** segunda filha do cacique **Tebiriçá,** e que se chamava, antes da batizada, **Terebé;** em 2.as núpcias casou com d. Antônia Gomes da Silva, f.ª de Pedro Gomes e de d. Izabel Afonso (S. L. VIII, 3); houve do 1.º matrimônio:

b — **CLARA PARENTE,** fal. em 1635, com avançada idade; foi casada com **Gonçalo Madeira,** nat. de Portugal e fal. em 1626 (S. L. VIII, 4); houve:

c — **PEDRO MADEIRA,** fal. em S. Paulo em 1644; casou em 1.as núpcias com d. **Violante Cardoso,** já fal. em 1620, f.ª de **Gaspar Vaz Guedes** e de d. **Francisca Cardoso;** em 2.as núpcias casou com d. **Izabel Bicudo,** filha de Antônio Luiz Grou e de d. Guiomar Bicudo (S. L. VIII, 4); houve do 1.º matrimônio:

d — **MARIANA CARDOSO,** casou em 1.as núpcias com **Baltazar Lopes Fragoso,** nat. de Lisboa e fal. em 1635; em 2.as núpcias casou com **Antônio de Barros de Alcassova,** fal. em 1642, f.º de Luiz de Barros de Alcassova e de d. Maria da Silva de Pedrosa (S. L. VIII, 4); houve do 1.º matrimônio:

e — **MARIA FRAGOSO,** fal. em Taubaté em 1687; casou com o coronel **Sebastião de Freitas,** nat. de S. Paulo e fal. em 1690 (S. L. VIII, 5); houve:

f — **IZABEL FRAGOSO,** casada em 2.as núpcias com Antônio Rodovalho (S. L. VIII, 10) e em 1.as núpcias, como vimos acima, com **José de Castilho Moreira;** houve do 1.º matrimônio:

D — **SALVADOR MOREIRA DE CASTILHO,** (S. L. V, 435); foi casado com d. **Izabel de Miranda;** houve:

E — **CARLOS MOREIRA DE CASTILHO,** bat. em Taubaté a 5-X-1713 (Livro 3.º de batismos, pag. 60). É obséquio do dr. Carlos da Silveira, ilustrado genealogista e historiador paulista, a ligação genealógica entre Carlos Moreira e a linhagem dos Alvarenga, descrita por Silva Leme, na sua "Genealogia Paulistana".

Carlos Moreira de Castilho foi casado com d. **Quitéria Loureira de Jesús,** viúva de João de Barros Pereira, fal. a 9-VI-1743, primo 3.º de seu segundo marido. Era ela f.ª de **João da Silva Lima,** e de d. Delfina do Nascimento, sendo esta "engeitada na casa de Antônio Velho Cabral" e, pelo que dizem as testemunhas, "filha de um religioso". (Nota do dr. Carlos da Silveira, extraída de um processo de 1745, relativo à dispensa de impedimento de 4.º grau de parentesco de afinidade lícita). Houve:

F — **SALVADOR FERREIRA DE ALMEIDA,** nat. da freg. de S. Francisco das Chagas de Taubaté, bisp. de S. Paulo e fal. em Pôrto Alegre a 15-V-1796; casou com d. **Ana Joaquina de Azevedo;** houve:

G — **CARLOS MOREIRA DE CASTILHO,** nat. da freg. das Lages, Sta. Catarina; foi casado em 1.as núpcias com d. **Felipa Neri,** nat. da freg. de Sto. Antônio da Patrulha, f.ª de **Agostinho Garcia** e de d. **Maria Moreira,** havendo q. d., 2 filhos: **Francisco Ferreira de Castilho,** que continua a geração, e Antônio, nasc. em Sto. Antônio da Patrulha a 15-II, bat. a 12-III-1815. Em 2.as núpcias casou com d. Maria Eufrázia do Nascimento, f.ª de Francisco Xavier de Souza e de d. Ana Maria do Nascimento, havendo 1 filho: Demétrio, nasc. em Sto. Antônio da Patrulha a 3 e bat. a 11-IV-1818; houve do 1.º matrimônio:

X — **FRANCISCO FERREIRA DE CASTILHO,** que por insinuação de seu filho Julio, acrescentou um —s— ao seu sobrenome, passando a assinar-se **Francisco Ferreira de Castilhos,** assim conservando-se em tôda a sua descendência. Era natural de Sto. Antônio da Patrulha, tendo falecido em Sta. Maria, a 8-V-1871, com 75 anos, sendo casado como vimos em —5—, acima, com d. **Carolina de Carvalho Prates.**

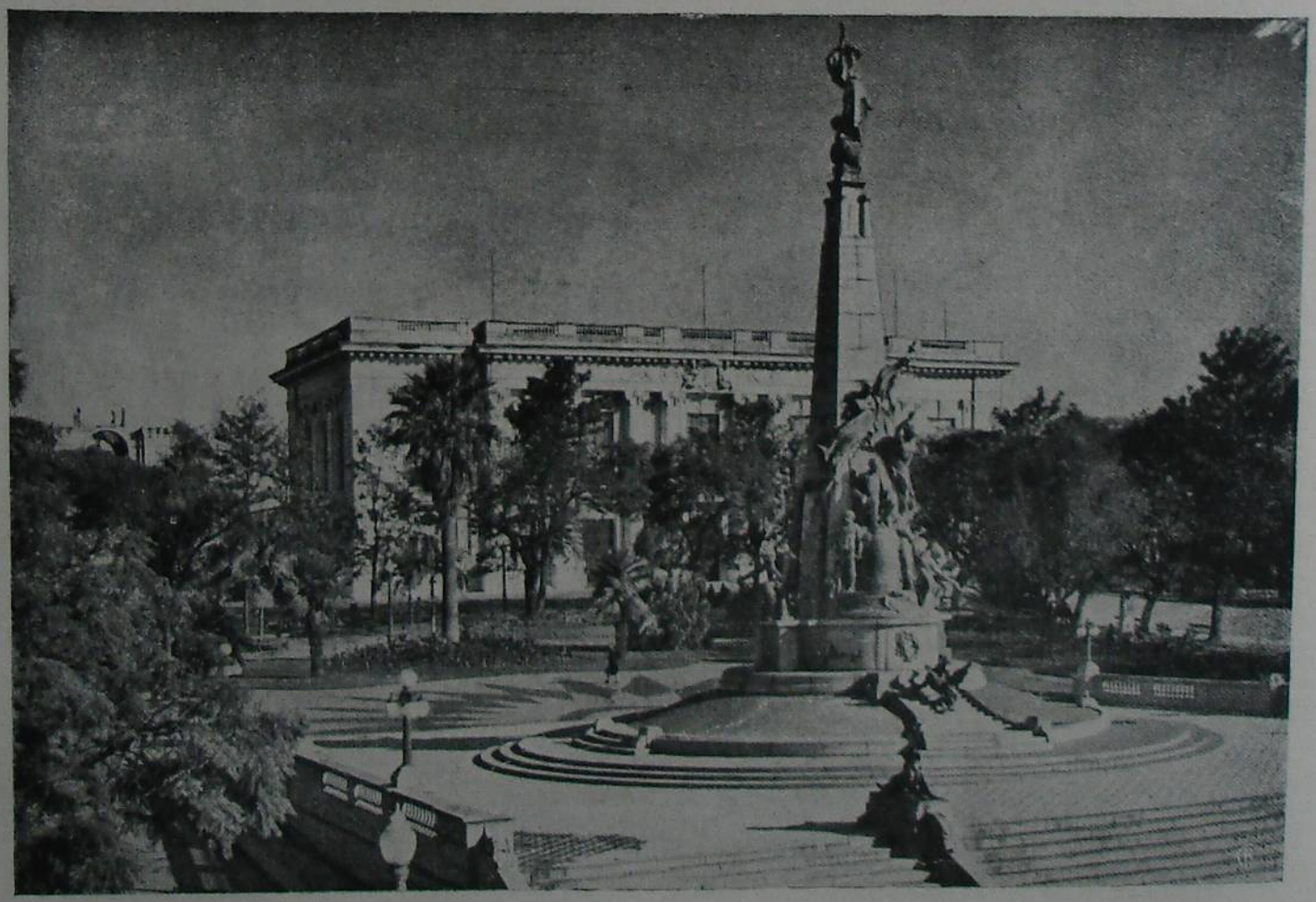
Do casal do comendador **FRANCISCO FERREIRA DE CASTILHOS** foram filhos: Inocência Prates de Castilhos, casada com Salvador Martins França; f.º de Salvador Martins França e de d. Querubina do Espírito Santo de Rezende; Carlos Prates de Castilhos, casado com d. Luiza Borges Fortes, f.ª de João Pereira da Silva Borges Fortes e de d. Francisca de Paula Vale; Francisco Prates de Castilhos, casado com d. Virginia Rocha f.ª de N. Rocha e de d. Ludovina Rocha; dr. **Júlio Prates de Castilhos,** que continua a geração; Maria Cecília Prates de Castilhos, casada com o dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, f.º de Francisco de Assis Brasil e de d. Joaquina Teodora de Bem Salinas; d. Rita de Cássia Prates de Castilhos, casada com o dr. José Carrilho de Revoredo Barros, nat. do Rio Grande do Norte, f.º de Braz Carrilho do Rego Barros e de d. Emília Cândida Freire de Revoredo.

6 — **JÚLIO PRATES DE CASTILHOS,** o PATRIARCA DO RIO GRANDE DO SUL, nascido na "Fazenda da Reserva", em Vila Rica, a 29-VI-1860, e falecido em Pôrto Alegre às 6 horas da tarde do dia 24-X-1903.

Do livro 2.º de batismos da freguesia de S. Martinho, página 335, extraimos o seguinte assentamento:

> "Júlio — Aos vinte oito dias do mez d'Agosto de mil oitocentos sessenta e dous anos na Caza de Frantinho baptizei e puz os Sanctos Oleos ao innocente tinho baptizei e puz os Canctos Oleos ao innocente Julio, nascido a vinte nove de Junho de mil oitocentos sessenta, filho legitimo de Francisco Ferreira de Castilho, natural de Sto. Antonio da Patrulha e Dona Carolina Prates de Castilho, natural de Caçapaba, neto paterno de Carlos Moreira de Castilho e Dona Felippa de Castilho naturaes de Santo Antonio da Patrulha, e neto materno do Capitão Fidelis Nepomuceno Prates Junior natural do Rio Pardo e Dona Clara Maria de Bittencourt natural de Cachoeira. Foram padrinhos Felisberto Nepomuceno Prates e Dona Innocencia da Silva Prates por procuração que apresentou Francisca Prates de Castilho, do que para constar fiz este assento. Pro Parocho O Vigario Antonio Gomes Coelho do Valle".

Júlio Prates de Castilhos casou na capela de N.ª S.ª da Luz, em Pelotas, a 17-V-1883, com d. **Honorina da Costa,** filha de **Francisco da Costa Pelado** e de d. Ana da Costa; neta paterna de **Manoel Portugal Guimarães,** natural da Freguesia de N.ª S.ª da Oliveira, bispado de Braga, que casara em Piratini a 13-VIII-1813, com d. **Joana Maria da Costa,** natural de S. José do Norte; por êstes bisneta paterna de **Pedro Portugal Guimarães** e de d. **Joana Maria da Ressurreição;** e de **Francisco Antônio da Costa** e de d. **Inocência Maria da Trindade.**



O monumento perpétuo de Júlio de Castilhos, em Pôrto Alegre.

V PARTE

AS MÃOS CRIADORAS

AS ARTÉRIAS

O desenvolvimento rodoviário no Rio Grande do Sul — Dr. José Batista Pereira

O sistema de comunicações do Rio Grande do Sul — Departamento Estadual de Estatística.

A PRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul, um dos fatores preponderantes da vida econômica nacional — Dr. Afonso Sanmartin

Fixando aspectos econômicos riograndenses — Instantâneos fotográficos.

Pecuária

Agricultura

Viticultura

OS 88 MUNICÍPIOS

A METRÓPOLE

O INTERCÂMBIO COM O MERCADO PLATENSE



CENA CARATERISTICA AO LONGO
DAS RODOVIAS RIOGRANDENSES

Carreta puxada por várias juntas de bois, jungidos pela canga.

A S A R T É R I A S



O DESENVOLVIMENTO RODOVIÁRIO NO RIO GRANDE DO SUL

Por JOSÉ BATISTA PEREIRA

Nada melhor para dar uma idéia perfeita sôbre o que era e o que é, atualmente o sistema rodoviário do Rio Grande do Sul, do que o trabalho, com o qual iniciamos o presente capítulo, do eminente engenheiro Dr. José Batista Pereira, Diretor Geral do D. A. E. R.

"O Rio Grande do Sul, embora um dos Estados mais adiantados do Brasil, não possuia, ainda, recentemente, uma rede de estradas de rodagem capaz de servir, sequer, às mais elementares exigências nos seus transportes internos.

A história do nosso desenvolvimento econômico, baseado inicialmente na pecuária, poderá talvez explicar a pouca atenção que demos ao nosso sistema rodoviário.

O boi é, com efeito, uma carga que caminha e que dispensa, para o seu transporte, estradas bem construídas. Mais tarde, o desenvolvimento econômico riograndense pendeu para a agricultura e a indústria, que hoje dominam largamente no balanço das nossas atividades produtoras. Entretanto, por uma espécie de inércia, continuamos durante muitos anos a não dar a devida atenção ao problema rodoviário.

Só em 1933, a Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul, preocupada com a nossa situação de atrazo, em matéria de rodovia, iniciou uma enérgica campanha de propaganda, procurando esclarecer a opinião pública e os homens de govêrno e preconizando a criação de um Departamento autônomo de estradas de rodagem, como órgão capaz de levar a cabo a indispensável remodelação do nosso sistema rodoviário.

Em fins de 1936, reünia-se, no Rio de Janeiro, o VI.º Congresso Nacional de Estradas de Rodagem. Examinados os elementos fornecidos pela representação dos diferentes Estados brasileiros, verificava aquele certame, que o Rio Grande do Sul achava-se classificado em penúltimo lugar entre as unidades da Federação Brasileira, dada a insignificante extensão das suas rodovias em boas condições de tráfego.

A divulgação dêsse estado de cousas causou viva emoção na opinião pública do Estado, fazendo sentir, a todos, a necessidade imprescindível de uma medida capaz de remediar essa situação humilhante.

Coube ao operoso deputado Engenheiro Alexandre Martins da Rosa, representante classista à Assembléia Legislativa do Estado, a iniciativa do projeto de lei, criando o referido Departamento.

Graças à infatigável ação do autor e ao apôio de muitos ilustres deputados àquela Assembléia, entre os quais devemos destacar o nome de MAURÍCIO CARDOSO, o projeto recebeu a aprovação unânime e foi sancionado em 11 de agôsto, pelo então Governador Flores da Cunha, tomando a designação de Lei n.º 750.

Essa Lei instituíu o Departamento e fixou-lhe as características essenciais de ação, bem como a coparticipação das classes conservadoras na sua administração, mediante a criação do Conselho Rodoviário, por elas eleito.

Entretanto, a Lei em aprêço não foi posta imediatamente em execução. Ao saüdoso estadista dr. MAURÍCIO CARDOSO, quando respondendo pela Interventoria Federal do Estado, deveu o Rio Grande do Sul a instalação do Departamento e aprovação do seu plano de ação pelo decreto n.º 7.123, de 21 de fevereiro de 1938.

Ao atual Govêrno do Estado devemos o apôio que tem sido prestado à ação do DAER, dotando-o dos indispensáveis recursos, bem como da liberdade de ação imprescindível à execução do seu programa.

PLANO GERAL RODOVIÁRIO

O primeiro trabalho que coube ao Departamento realizar, pelo seu Conselho Rodoviário, foi a organização de um plano geral de remodelação da nossa rede rodoviária.

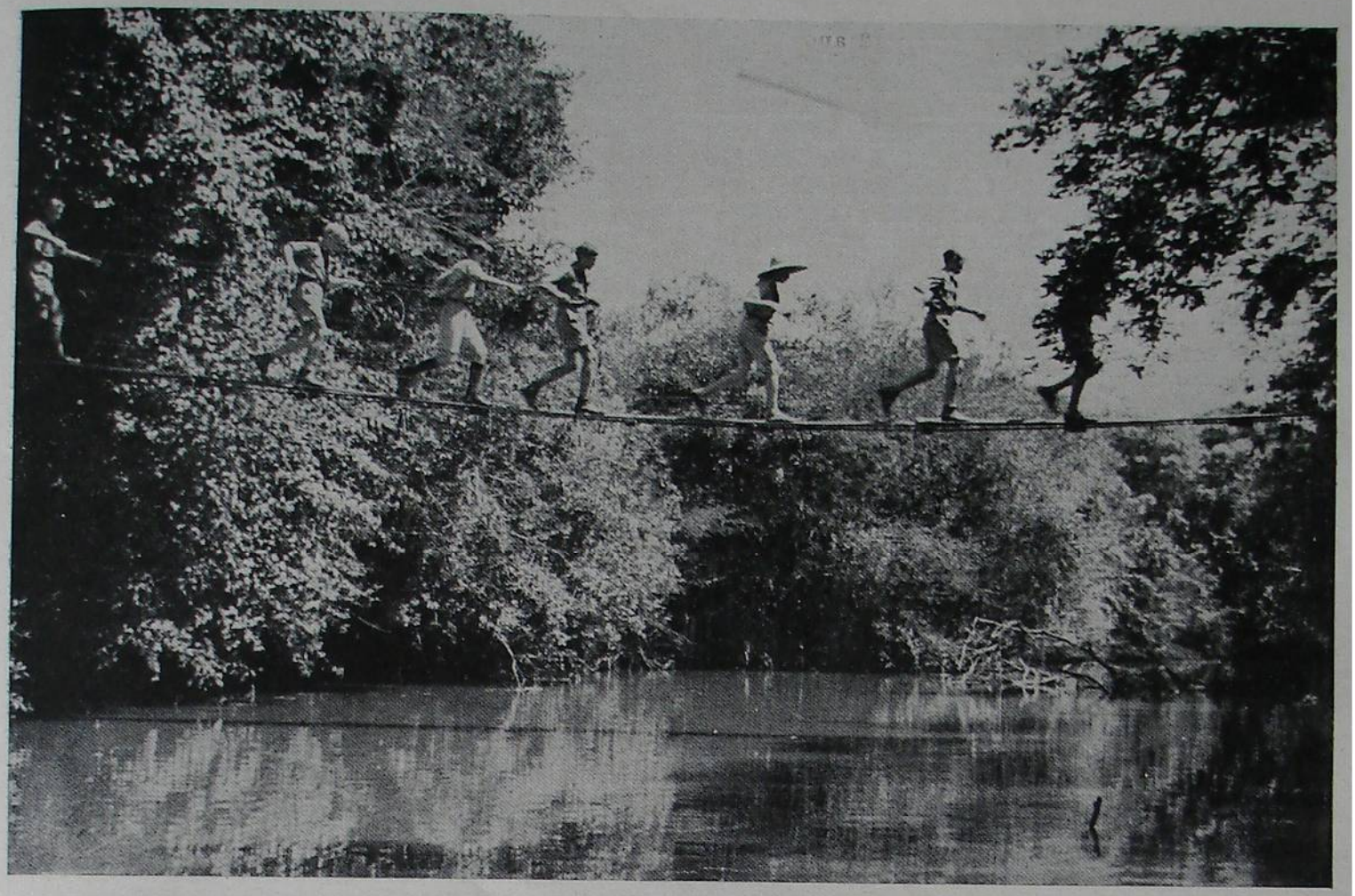
Para elaboração dêsse plano, procurou o Conselho Rodoviário basear-se em sólidos elementos. Foi estudada minuciosamente a distribuïção da produção agrícola, extrativa e industrial do Rio Grande do Sul, com os elementos estatísticos que foi possível coligir àquela época.

Fixadas por êsse estudo preliminar as regiões de maior alcance econômico e as diretrizes da movimentação de sua produção, elaborou, então, o Conselho Rodoviário o plano geral de rodovias do Estado e o programa de execução progressiva das mesmas, de modo a atender, em primeiro lugar, às maiores e mais prementes necessidades econômicas do Estado, sem, entretanto, esquecer que outras regiões, de menor produtivdade, nem por isso deveriam ficar abandonadas pelos poderes públicos.

Assim, traçou o Conselho Rodoviário o seu plano, dividindo o Estado em 9 zonas, que seriam atendidas pelas Residências do Departamento, de modo a fazer o benefício da remodelação rodoviária a tôdas as regiões do Estado, embora, naturalmente, atendendo, com mais rapidez, às regiões de intensa produtividade e que mais pesam no balanço da economia riograndense.

O plano geral assim elaborado compreende a remodelação completa de 10.000 km de estradas de rodagem. A sua execução exigirá um dispêndio de 400.000:000$000.

Pode parecer, à primeira vista, tratar-se de um algarismo excessivamente elevado para as nossas possibilidades financeiras; entretanto, devemos observar que o Estado de S. Paulo dispendeu quan-



Ponte pensil em Pindorama, município de Cruz Alta.



Ponte provisória no município de Santa Rosa.

UM SETOR DE RELEVANTE IMPORTÂNCIA: AS VIAS DE COMUNICAÇÃO

A necessidade imperiosa e urgente de tornar acessíveis as fontes produtoras da nossa economia determinou o vasto plano rodoviário do D. A. E. R., o qual, valendo-se dos modernos recursos técnicos e arquitetônicos, está substituindo as velhas e primitivas vias de comunicação.

tia superior a esta, só nos últimos 12 anos, e que o Estado de Minas Gerais, que tem uma receita inferior à nossa, já dispendeu, também, perto de 300 mil contos com as suas estradas de rodagem.

O Rio Grande do Sul quasi nada havia feito até a criação do DAER, pois, desde a proclamação da República até fins de 1937, havia despendido apenas 62 mil contos em tais serviços. Tudo estava por fazer e a situação das nossas estradas era simplesmente deplorável.

É evidente que uma obra da magnitude da exposta não poderia ser feita em 2 ou 3 anos, com os recursos normais do orçamento do DAER, que atingem a pouco mais de 20 mil contos.

A remodelação completa do nosso sistema rodoviário não poderá ser compreendida exclusivamente com estes recursos normais, pois o Rio Grande do Sul não deve esperar mais 15 ou 20 anos pela sua rede rodoviária. A exemplo do que é feito em todos os países adiantados, deverá o nosso Estado recorrer ao crédito, afim de executar ràpidamente grande parte dos melhoramentos exigidos, amortizando paulatinamente as dívidas contraídas, com seus recursos normais orçamentários.

Assim é que, desde o início, o Conselho Rodoviário apontou ao Govêrno do Estado a conveniência de acelerar os trabalhos nos três primeiros anos de atividade do Departamento, propondo, para isso, a realização de um empréstimo de 70 mil contos.

Motivos independentes da vontade do Govêrno, que tem manifestado o máximo interêsse pelas estradas, não permitiram, até hoje, que uma operação de crédito desta importância fôsse realizada.

O DAER vem trabalhando até agora apenas com seus recursos normais orçamentários, que montaram, nos dois últimos anos de sua atividade, a 51 mil contos".

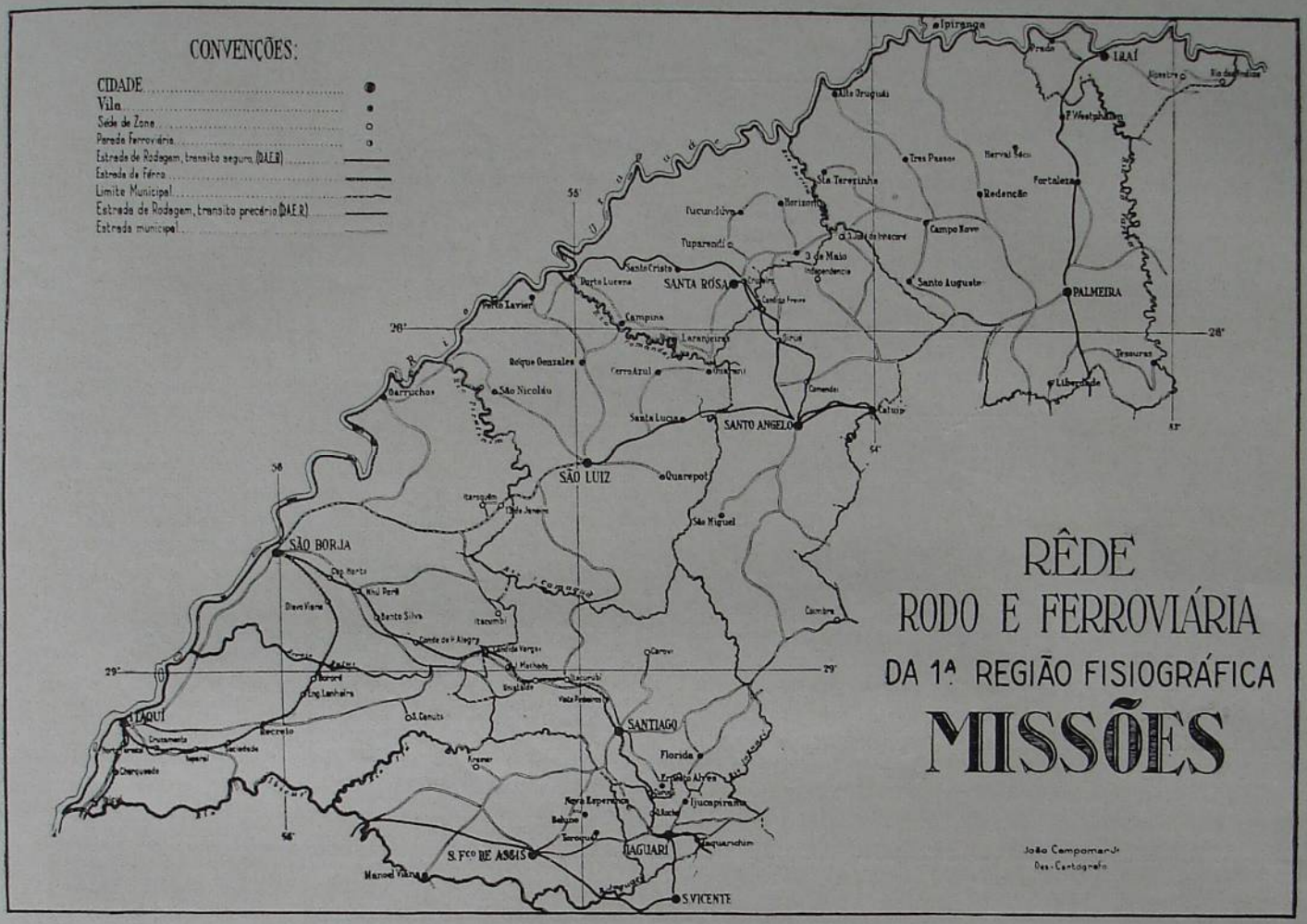


AS ARTÉRIAS DO ESTADO

A rede rodoviária riograndense desenvolve-se incessantemente. Uma das modernas construtoras do parque de máquinas do D. A. E. R., usadas na construção das nossas estradas.

O SISTEMA DE COMUNICAÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

OITO MAPAS, SEGUNDO AS REGIÕES FISIOGRÁFICAS, EDITADOS PELO D.E.E.



MAPA NÚMERO UM

Região das Missões.



MAPA NÚMERO DOIS

Região do Planalto Médio.



MAPA NÚMERO TRÊS

Região do Litoral.



MAPA NÚMERO QUATRO

Região do Planalto do Nordeste.



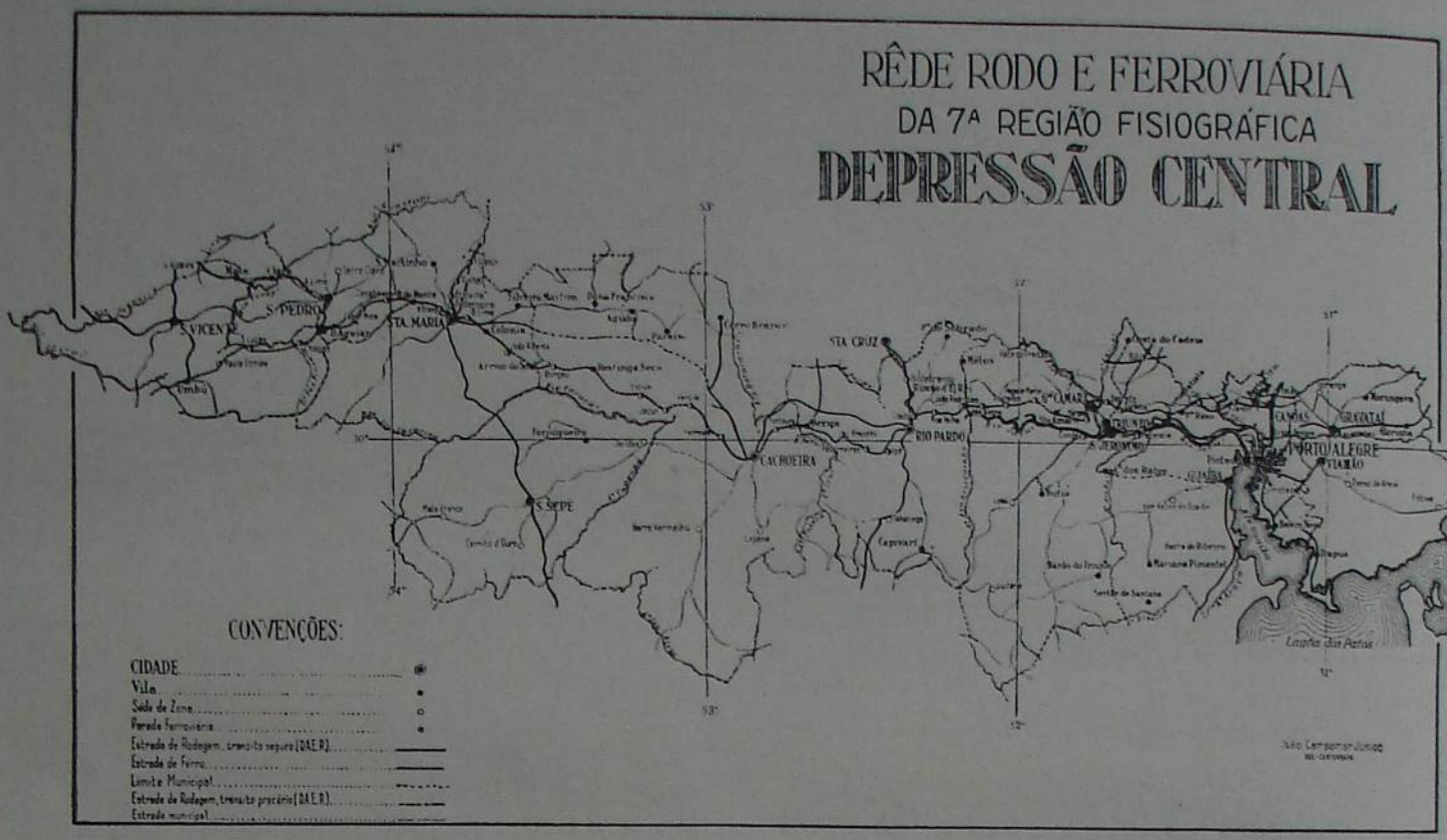
MAPA NÚMERO CINCO

Região da Serra do Sudeste.



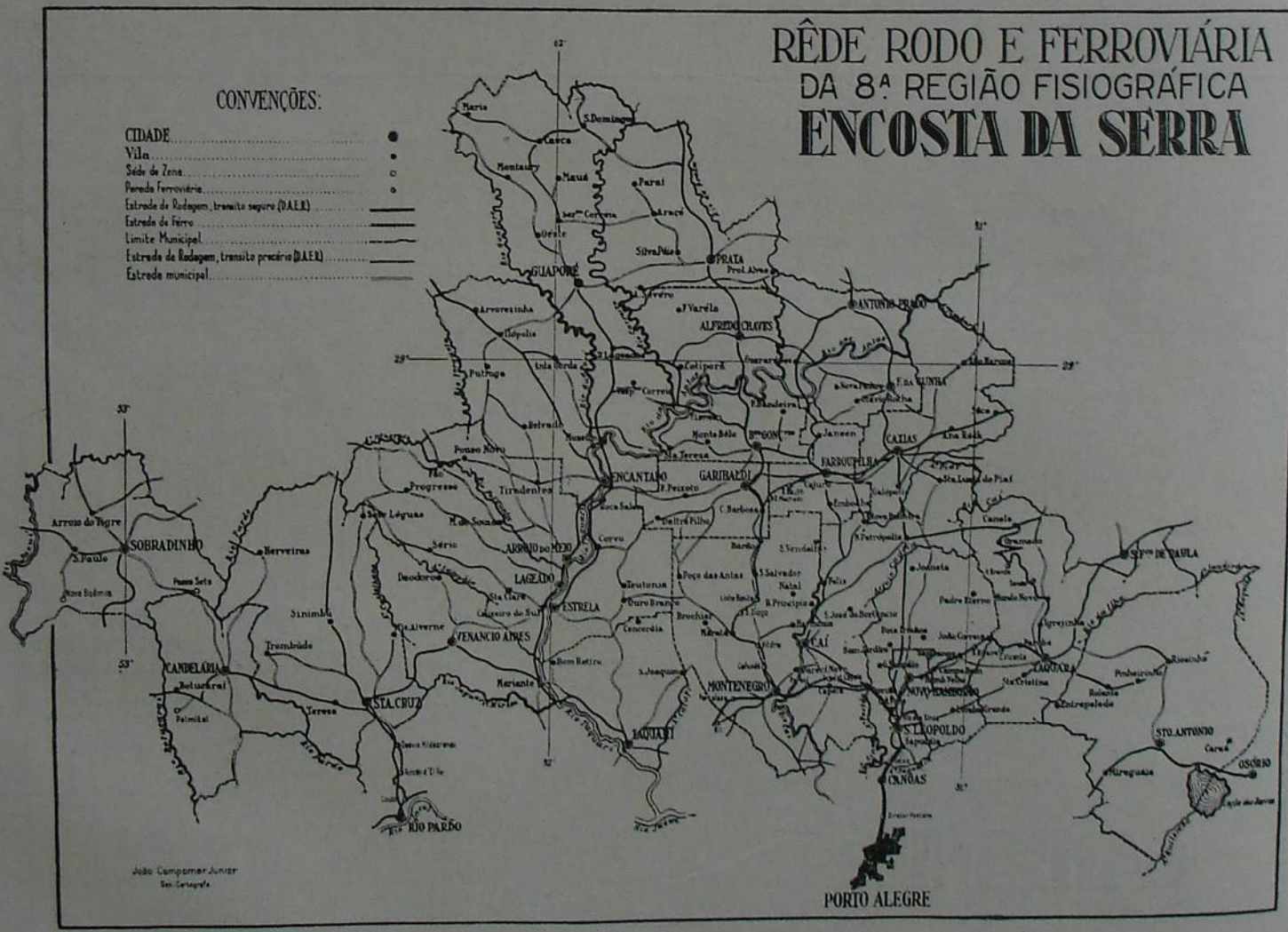
MAPA NÚMERO SEIS

Região da Campanha.



MAPA NÚMERO SETE

Região da Depressão Central.



MAPA NÚMERO OITO

Região da Encosta da Serra.

A PRODUÇÃO



O RIO GRANDE DO SUL, UM DOS FATORES PREPONDERANTES DA VIDA ECONÔMICA NACIONAL

Por AFONSO SANMARTIN

O Rio Grande do Sul, situado no extremo meridional do Brasil, com seus 285.289 km² de superfície e 3.350.000 habitantes (1), não sòmente pela circunstância de constituir fronteiras com dois países amigos, senão também pelo seu clima, sua policultura, pelo valor econômico e capacidade financeira, é uma das importantes unidades da Federação Brasileira.

Ainda quando, para um rápido estudo como o que nos propomos fazer agora, se ponha de parte a sua saliente evidência política, conseqüencia lógica de sua própria situação geográfica, de sua história brilhante e agitada, o Rio Grande tem inegável posição de destaque entre os demais Estados que integram o território pátrio.

A sua agricultura, a pecuária, as indústrias e o comércio, grandemente desenvolvidos, emprestam-lhe um traço de evidente relêvo e marcante importância entre os demais Estados brasileiros.

A capacidade produtiva de seus filhos se comprova pela extensão das áreas cultivadas, que vão desde a região de Missões até a Encosta da Serra, nas quais se desenvolve e prospera uma policultura bastante adiantada; pela não menos extensa área dedicada à criação de gado vacum, lanígero e cavalar, por uma suïnocultura que se vai desenvolvendo sob os signos de uma racionalização orientada e sadia; pelas riquezas naturais de suas florestas imensas e pela abundância de minérios variados existentes no sub-solo, umas já em franca exploração, outras sentindo já os efeitos da iniciativa particular ou oficial.

Com vias de comunicações lacustres e fluviais, ferro e rodoviárias — estas em pleno desenvolvimento graças à inteligente e oportuna orientação do atual Govêrno de nosso Estado —, podem os produtores prover com relativa facilidade ao transporte de sua produção, facilitando dêsse modo a circulação das riquezas e utilidades, num intercâmbio intenso, proveitoso e útil ao crescente desenvolvimento econômico do nosso Estado.

Nos quadros que aquí oferecemos damos amplos detalhes relativos ao volume e valor da importação e exportação, quer quanto ao comércio exterior, quer quanto ao de cabotagem do Brasil.

Êsses elementos estatísticos, que abrangem o triênio 1939 a 1941, nos permitem verificar que o Rio Grande do Sul, no que concerne ao comércio exterior, classificou-se entre os demais Estados em quarto lugar na importação dos anos de 1939 e 1940, com — respectivamente — 262.926 e 255.280 toneladas, no valor de rs. 292.746:000$000 e 273.503:000$000, passando a ocupar o terceiro lugar em 1941, com 234.832 toneladas, no valor de rs. 278.571:000$000. (2).

Observa-se, no entanto, ao passo que descresceu o volume da importação, aumentou consideràvelmente o seu valor em 1941, fenômeno explicável pelas condições excepcionais que atravessamos, aliadas ao nosso fator-moeda.

No que respeita à exportação, os dados estatísticos acima demonstram, ainda relativamente ao comércio exterior, que, entre os demais Estados, o Rio Grande do Sul classificou-se em terceiro lugar no triênio referido, respectivamente, com 257.726, 255.883 e 253.761 toneladas, com os valores de rs. 368.658:000$000, 461.657:000$000 e 460.731:000$000.

Êsses elementos comprovam que o ritmo da exportação para o exterior pouco sofreu no triênio considerado no que se refere ao volume, ao passo que relativamente ao valor, de 1939 para os dois anos seguintes, acusa um considerável aumento, que, como no caso da importação, deve ser atribuído à procura, avultada consideràvelmente, e ao fator-moeda.

Em relação ao nosso Estado, verifica-se que o triênio propiciou um saldo favorável, quer quanto ao volume, quer quanto ao valor da exportação.

Outro aspecto interessante oferece o quadro do comércio de cabotagem no Brasil, relativo aos anos de 1939 a 1941, pelo qual se verifica que o Rio Grande, em confronto com os outros Estados da União, está em terceiro lugar quanto à importação, que atingiu, respectivamente, a 349.994, 348.889 e 378.460 toneladas, com os valores de rs. 721.993:000$000, 775.314:000$000 e 944.505:000$000.

No que respeita à exportação de cabotagem, o Rio Grande do Sul, no mesmo período, registrou o movimento de 681.283, 673.297 e 537.280 toneladas, nos valores de rs. 792.406:000$, 775.757:000$ e 773.329:000$000, respectivamente, classificando-se em primeiro lugar em todo o triênio quanto ao volume e em terceiro lugar quanto ao valor.

O movimento do comércio de cabotagem permite concluir que também neste o saldo foi favorável ao Rio Grande, como o demonstram os dados que possuimos e o próprio quadro geral que damos mais adiante.

A exportação que nosso Estado fez no referido triênio abrange os mais variados produtos agrícolas e pecuários. Entre aqueles ocupam lugar de destaque — o arroz, o feijão, as lentilhas, a farinha de mandioca, as cebolas, as frutas para mesa, o milho, as batatas, etc. Entre êstes avultam o charque, a banha, as carnes em conserva e congeladas, os couros e peles, as lãs, etc.

Resta ainda salientar que é bem desenvolvida a viti-vinicultura em certas regiões do nosso Estado, tanto assim que nos anos de 1938 e 1939 a produção de vinho alcançou a 63.232.390 e 75.100.000 litros, com os valores de rs. 32.058:000$ e 24.635:000$000, respectivamente.

O vinho comerciável produzido no triênio de 1938 a 1940 importou a 48.634.408, 70.529.759 e 55.103.787 litros, respectivamente.

A erva-mate, que ocupa posição de destaque em certas regiões do Rio Grande do Sul, em 1938

(1) Anuário Estatístico do Estado.
(2) Boletim do Conselho de Comércio Exterior.

e 1939 acusou a produção de 21.205.360 e 20.585.400 kg, com os valores de rs. 10.510:572$ e 10.039:040$, respectivamente.

Os rebanhos de nosso Estado, em 1940, segundo as mais rigorosas estatísticas, eram os seguintes:

Bovinos	8.354.250	
Eqüinos	1.032.180	
Asininos e muares ..	148.090	9.534.520
Ovinos	6.135.560	
Suínos	3.914.200	
Caprinos	33.620	10.083.380
		19.617.900

avaliados, naquela época, em rs. 164.119:000$000.

O desenvolvimento industrial do Estado pode ser medido pelo número de suas usinas, fábricas e operários empregados.

Porisso mesmo é de interêsse assinalar que no Rio Grande do Sul existem 249 usinas, das quais 101 são hidro-elétricas e 148 termo-elétricas, respectivamente com a capacidade de 5.027 e 6.075 K.W.H. Das usinas termo-elétricas, 89 são de corrente contínua e 59 de corrente alternada trifásica. Das hidro-elétricas, 55 são de corrente contínua e 46 alternada trifásica.

O consumo de luz e energia, nos anos de 1938 e 1939, em conjunto, foi de 146.571.159 e 170.014.833 K.W.H.

Em 1939, a que se refere o mais recente trabalho estatístico que podemos compulsar, o número de fábricas em pleno funcionamento neste Estado do Rio Grande do Sul era de 8.713, com o capital de 833.382:237$000. As referidas 8.713 fábricas ocupavam 65.397 operários e sua produção foi avaliada em 1.539.615:660$000.

Além dêsse número de estabelecimentos industriais, existiam a essa data 4.876 oficinas diversas, com o capital de 53.068:000$000, ocupando 10.210 operários e com uma produção anual de rs. 123.061:017$000.

Os índices referidos mais acima, relativos aos diversos setores das atividades privadas neste Estado, evidenciam o grau do desenvolvimento de sua agricultura, pecuária e indústria, bem como o volume de seu comércio exterior e de cabotagem e nos permitem a concepção extensiva de sua importância econômica em função da dos demais Estados do Brasil.

Mas, além dêsses fatores que comprovam o fecundo trabalho realizado pela nossa gente, relevante também é a função financeira de nosso Estado na comunhão brasileira.

Bastará atentarmos para os quadros da arrecadação federal no Rio Grande do Sul, dentre os quais se destacam o imposto de consumo, e o de renda e outros proventos, para nos capacitarmos dessa nossa assertiva.

Analisem-se os quadros estatísticos aqui anexos e se constatará desde logo que o Rio Grande, nos anos de 1939 a 1941, ocupou sistemàticamente o terceiro lugar naqueles importantes tributos da Fazenda Real.

O imposto de consumo arrecadado pela União no referido triênio era de rs. 246.414:447$000, o que nos dá uma média de rs. 82.138:149$300 por ano.

O imposto de renda, em plena progressão, no mesmo período acusou uma arrecadação de rs. 95.991:260$600, que corresponde a uma média anual de rs. 31.997:086$800.

O imposto do sêlo arrecadado naquele triênio atingiu a rs. 59.258:083$800, acusando uma média anual de rs. 19.752:694$600.

Sem cogitarmos de outros tributos e excluídos os direitos aduaneiros, a Fazenda Federal arrecadou no Rio Grande do Sul, de 1939 a 1941, rs. 401.663:792$300.

O suporte tributário não ficou só nessa respeitável quantia, pois, além daquela soma, devemos considerar que no mesmo triênio a receita estadual atingiu a rs. 1.025.793:002$300.

Os seguintes confrontos decenais permitem-nos um seguro índice do desenvolvimento econômico e financeiro do Rio Grande do Sul, espelhado pela progressão de suas receitas, que, nos últimos cincoenta anos, foram as seguintes (3):

em 1890	rs.	2.621:716$200
em 1895	rs.	8.035:673$400
em 1900	rs.	10.510:124$500
em 1905	rs.	9.795:076$100
em 1910	rs.	15.127:336$200
em 1915	rs.	18.026:857$300
em 1920	rs.	37.488:301$400
em 1925	rs.	130.512:050$100
em 1930	rs.	160.978:461$900
em 1935	rs.	193.254:185$200
em 1940	rs.	340.601:087$400
em 1941	rs.	357.126:599$700

A capacidade tributária das classes produtoras do Rio Grande do Sul está, não há negar, em íntima conexão com o seu próprio progresso e desenvolvimento. E não será fora de propósito dizermos que o ritmo ascensional da produção em todos os campos de atividades privadas, com o seu correlato intercâmbio interno e externo, encontrou sempre, de parte de nossos governantes, notadamente do atual Govêrno do Estado, um positivo e justificado interêsse. E êsse interêsse, conseqüente da real compreensão dos nossos problemas econômicos e financeiros, está comprovado pelas medidas de orientação, de amparo e de conselho, propiciados e ministrados pelos respectivos órgãos controladores mantidos pelo nosso Govêrno.

A êle devemos um largo período de paz, de tranqüilidade e harmonia dentro do Estado, permitindo assim um trabalho fecundo e produtivo em todos os setores e em todos os recantos do Rio Grande, hoje ligado por magníficas rodovias, que facilitam o rápido escoamento da produção e permitem o desenvolvimento de zonas anteriormente pobres pela carência quasi absoluta de meios de comunicação.

Por êste rápido estudo, em que procuramos evidenciar o desenvolvimento de nossa produção — agrícola, pecuária e industrial — e a capacidade tributária das classes que a desenvolvem e aperfeiçoam naqueles setores, ressalta evidente e inconteste que o Rio Grande do Sul é fator preponderante no concêrto econômico e financeiro do nosso querido Brasil, podendo ombrear-se com os Estados líderes pela fôrça que lhe empresta o seu próprio e alto índice econômico.

---

(3) Assistência Técnica da Secretaria da Fazenda do Estado.

COMÉRCIO DE CABOTAGEM DO BRASIL

UNIDADES FEDERADAS	IMPORTAÇÃO						EXPORTAÇÃO					
	Quantidades em toneladas			Valor em contos de réis			Quantidades em toneladas			Valor em contos de réis		
	1939	1940	1941	1939	1940	1941	1939	1940	1941	1939	1940	1941
Acre	6.040	6.613	9.174	17.346	22.192	31.926	7.291	7.614	5.588	17.289	18.466	19.045
Amazonas	51.269	51.576	63.514	103.665	115.636	169.867	12.209	16.549	15.242	33.635	55.393	84.731
Pará	77.165	91.865	104.023	178.636	200.067	280.214	56.808	50.480	74.711	113.042	127.187	216.570
Maranhão	30.113	32.138	37.226	83.668	86.391	103.710	20.433	15.609	22.392	41.421	38.366	51.318
Piauí	16.921	21.053	30.847	56.622	67.874	104.381	3.408	3.364	3.783	6.236	7.030	11.283
Ceará	82.292	83.533	111.382	255.840	262.293	347.440	46.231	48.466	50.021	54.588	61.153	107.019
Rio Grande do Norte	32.980	31.980	37.488	78.037	86.252	108.732	334.176	316.380	356.120	65.159	76.402	122.030
Paraíba	34.209	33.919	35.917	81.192	92.208	116.658	50.018	63.064	72.276	115.177	132.854	182.781
Pernambuco	144.877	162.516	182.743	441.793	491.633	629.056	334.858	315.008	365.698	504.433	500.027	667.004
Alagoas	34.712	34.941	30.585	90.574	93.914	95.600	128.490	119.102	117.207	134.891	129.576	150.182
Sergipe	26.124	24.963	24.966	69.783	78.783	81.325	48.923	67.261	72.799	57.826	75.042	84.750
Baía	180.692	164.035	191.812	470.228	466.527	623.039	73.953	93.799	105.901	156.914	174.544	240.865
Espírito Santo	44.839	35.307	45.231	75.599	60.464	95.753	37.966	39.764	36.779	36.626	32.761	37.949
Rio de Janeiro	38.348	42.330	27.508	30.526	34.843	22.186	53.143	58.051	75.118	18.511	17.439	22.232
Distrito Federal	1.044.765	1.061.091	1.137.441	939.139	1.014.945	1.302.993	390.841	398.057	448.352	1.303.759	1.354.375	1.793.590
São Paulo	557.752	590.269	595.098	571.421	633.926	835.997	229.375	264.286	300.371	818.795	1.008.199	1.304.320
Paraná	65.890	72.404	77.907	98.346	112.012	130.639	103.166	117.792	141.337	77.754	95.711	125.745
Santa Catarina	68.487	72.188	84.645	160.800	175.572	224.770	279.249	297.635	410.942	178.542	192.210	256.380
Rio Grande do Sul	349.994	348.889	378.460	721.993	775.314	944.505	681.283	673.297	537.280	792.406	775.757	773.329
Mato Grosso	5.081	6.947	9.077	3.209	5.799	7.633	729	2.279	3.127	1.413	4.153	5.291
TOTAL GERAL	2.892.550	2.968.557	3.215.044	4.528.417	4.876.645	6.256.424	2.892.550	2.968.557	3.215.044	4.528.417	4.876.645	6.256.424

COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO POR ESTADOS

ESTADOS	IMPORTAÇÃO						EXPORTAÇÃO					
	Toneladas			Valor em contos de réis			Toneladas			Valor em contos de réis		
	1939	1940	1941	1939	1940	1941	1939	1940	1941	1939	1940	1941
Acre	—	88	36	—	41	18	—	—	—	—	—	—
Amazonas	6.586	2.859	2.622	13.810	11.468	12.660	32.787	34.766	20.224	72.499	84.179	90.967
Pará	59.866	42.126	48.179	46.274	45.841	63.718	77.700	38.242	30.142	109.637	104.122	140.768
Maranhão	4.519	1.782	3.476	10.789	6.707	15.011	42.467	28.686	23.858	50.151	33.581	38.468
Piauí	2.395	1.072	2.842	4.418	2.866	3.822	29.199	27.390	30.397	82.133	116.513	160.348
Ceará	18.860	26.047	17.193	38.774	51.930	42.977	106.749	86.225	77.823	208.782	210.602	299.038
Rio Grande do Norte	2.536	1.919	11.032	6.807	6.164	20.700	20.573	17.337	16.880	54.796	58.111	64.373
Paraíba	5.787	7.729	10.830	10.033	10.051	9.392	28.910	23.275	15.719	74.509	43.443	34.587
Pernambuco	316.824	309.348	213.540	204.792	225.114	185.974	116.104	99.040	84.107	110.364	108.332	138.340
Alagoas	4.664	3.023	2.711	12.127	11.807	9.367	44.068	43.283	16.439	25.142	32.680	11.198
Sergipe	827	445	362	3.282	2.277	2.630	425	54	32	2.127	671	163
Baía	63.120	64.352	60.741	93.218	78.013	89.589	215.161	180.475	245.056	397.091	322.113	511.484
Espírito Santo	644	152	2.386	1.019	536	2.937	91.069	77.334	143.227	118.460	61.988	89.589
Rio de Janeiro	23.505	17.656	9.865	11.224	10.216	6.038	32.518	17.216	17.745	80.991	42.538	54.540
Pôrto do Rio de Janeiro	2.239.639	2.079.780	1.917.590	2.168.459	2.107.605	2.440.058	1.005.675	755.352	1.032.496	612.812	657.009	1.129.051
São Paulo	1.701.943	1.463.965	1.458.740	1.982.853	2.069.730	2.271.837	1.739.923	1.278.549	1.157.236	3.044.412	2.439.113	3.208.097
Paraná	41.333	33.521	31.915	36.493	25.817	35.032	167.529	166.348	201.689	130.471	128.180	202.420
Santa Catarina	25.894	17.376	16.037	32.303	17.646	18.449	165.466	99.628	155.131	59.608	37.430	80.584
Rio Grande do Sul	262.926	255.280	234.832	292.746	273.503	278.571	257.726	255.883	253.761	368.658	461.657	460.731
Mato Grosso	6.788	7.612	6.409	14.211	6.817	5.637	3.993	7.797	13.595	12.876	18.276	14.655
TOTAL	4.788.646	4.336.132	4.049.338	4.983.632	4.964.149	5.514.417	4.183.042	3.236.916	3.535.557	5.615.519	4.960.538	6.729.401

IMPOSTO DE RENDA E OUTROS PROVENTOS

	UNIDADES FEDERADAS	1939	1940	1941
1	Distrito Federal	129.164:100$0	164.970:898$0	208.675:560$6
2	São Paulo	100.746:418$0	124.697:584$4	177.079:825$6
3	Rio Grande do Sul	26.045:773$0	31.436:309$9	38.509:177$7
4	Minas Gerais	13.682:111$0	18.728:013$9	24.638:236$1
5	Baía	9.387:477$0	10.598:998$9	13.236:753$3
6	Pernambuco	7.990:141$0	10.917:842$5	12.921:976$4
7	Rio de Janeiro	6.069:471$0	8.151:392$6	9.886:347$7
8	Paraná	4.694:295$0	6.728:590$2	8.233:584$6
9	Pará	3.783:215$0	4.927:157$7	5.834:037$4
10	Ceará	3.301:066$0	3.868:609$1	5.391:139$1
11	Santa Catarina	3.222:638$0	3.590:737$8	4.859:615$8
12	Amazonas e Acre	2.000:645$0	2.163:585$1	3.355:924$0
13	Piauí	968:248$0	1.414:811$2	2.533:256$3
14	Alagoas	1.804:727$0	2.915:630$5	2.214:331$9
15	Mato Grosso	1.927:790$0	1.662:616$2	1.691:458$9
16	Paraíba	1.662:276$0	1.492:091$9	1.665:895$7
17	Sergipe	1.177:793$0	1.457:028$9	1.654:354$4
18	Maranhão	1.626:109$0	1.596:844$8	1.652:741$2
19	Rio Grande do Norte	1.039:268$0	1.067:755$8	+ 1.234:783$0
20	Goiaz	786:809$0	794:646$1	1.226:250$2
21	Espírito Santo	1.174:943$0	1.166:311$6	1.223:353$7

+ — Sujeito a confirmação.

IMPOSTO DE CONSUMO

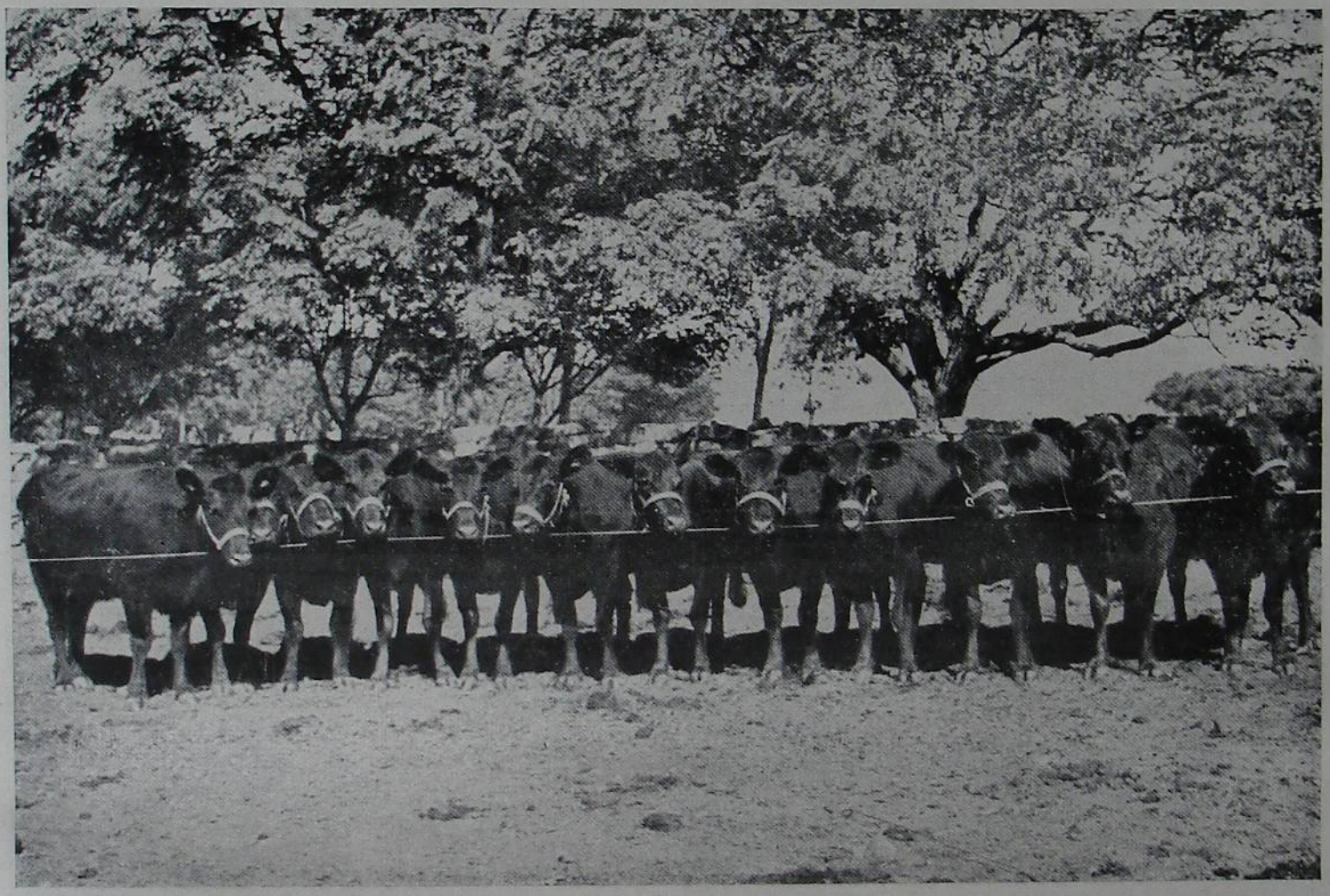
	UNIDADES FEDERADAS	1939	1940	1941
1	São Paulo	445.075:619$0	468.517:487$8	518.971:213$1
2	Distrito Federal	252.681:992$0	252.756:838$1	283.788:608$6
3	Rio Grande do Sul	81.540:904$0	79.361:793$2	85.511:750$7
4	Rio de Janeiro	58.342:436$0	60.113:124$5	70.549:013$1
5	Minas Gerais	41.890:793$0	44.023:341$1	51.579:191$1
6	Pernambuco	38.393:552$0	36.220:894$2	39.540:347$8
7	Paraná	19.849:956$0	21.595:090$0	28.026:720$5
8	Baía	22.612:986$0	22.019:965$6	25.192:035$6
9	Santa Cantarina	15.873:039$0	15.506:945$7	17.495:954$8
10	Pará	10.225:932$0	9.998:384$8	10.538:298$6
11	Ceará	8.092:521$0	8.936:084$6	10.142:058$1
12	Paraíba	7.263:992$0	7.458:688$3	7.998:142$3
13	Sergipe	4.789:039$0	4.472:351$5	4.998:248$4
14	Alagoas	5.061:124$0	4.741:959$8	4.966:578$0
15	Amazonas e Acre	3.718:249$0	3.561:433$7	4.208:741$8
16	Maranhão	3.855:696$0	3.549:605$4	3.825:919$5
17	Espírito Santo	3.051:946$0	2.947:409$1	3.464:384$4
18	Rio Grande do Norte	2.531:475$0	3.583.774$4	+ 2.922:437$8
19	Mato Grosso	2.200:766$0	2.338:738$4	2.663:769$0
20	Goiaz	1.191:263$0	1.312:516$5	1.601:393$7
21	Piauí	1.257:164$0	1.365:274$8	1.597:616$7

+ — Sujeito a confirmação.

FIXANDO ASPECTOS DA ECONOMIA RIOGRANDENSE

INSTANTÂNEOS FOTOGRÁFICOS

PECUÁRIA





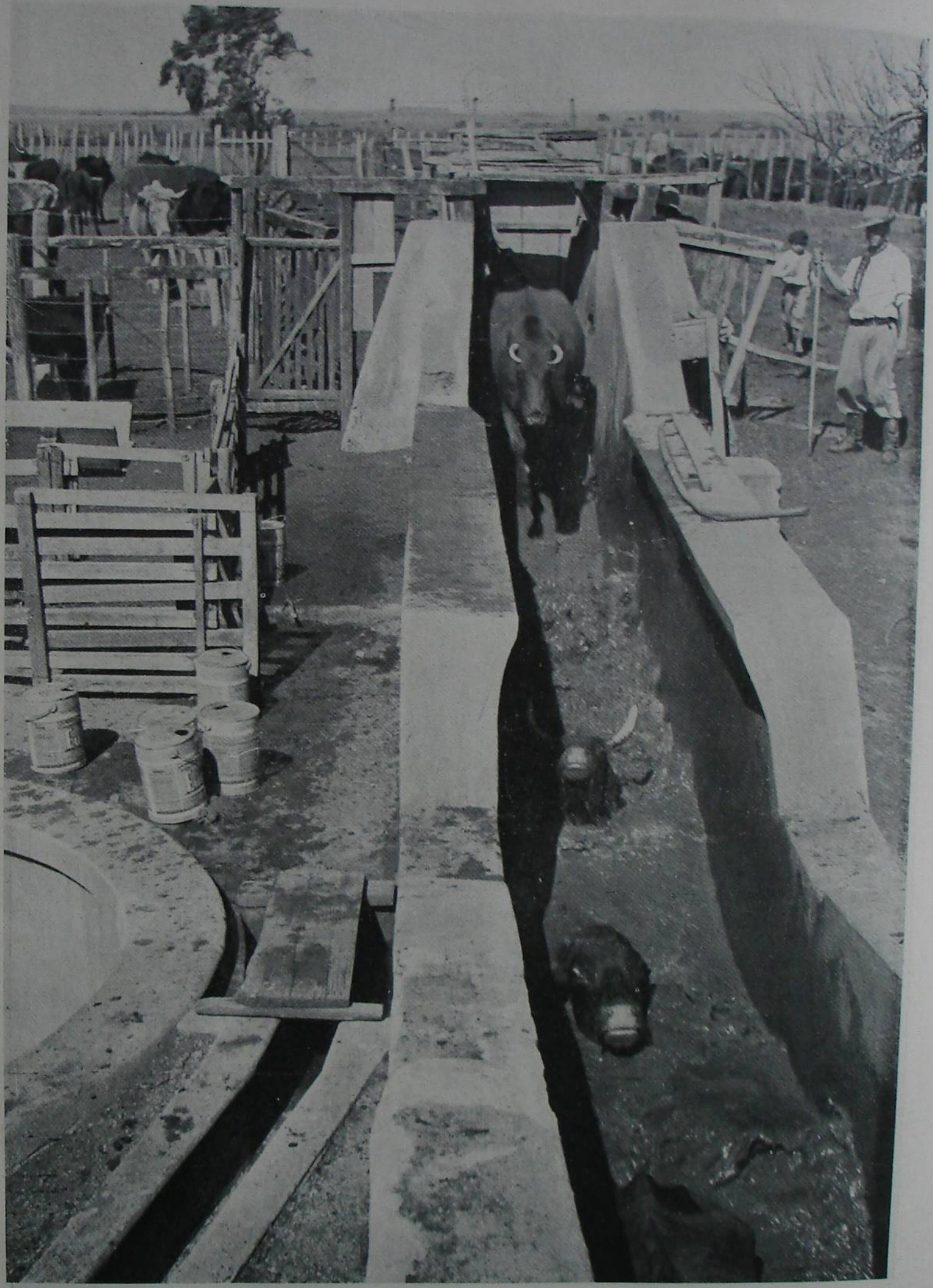
FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

Sinais de marcação de diversos estancieiros, nas paredes dum galpão de estância. Servem êsses sinais para identificar uma rês perdida.



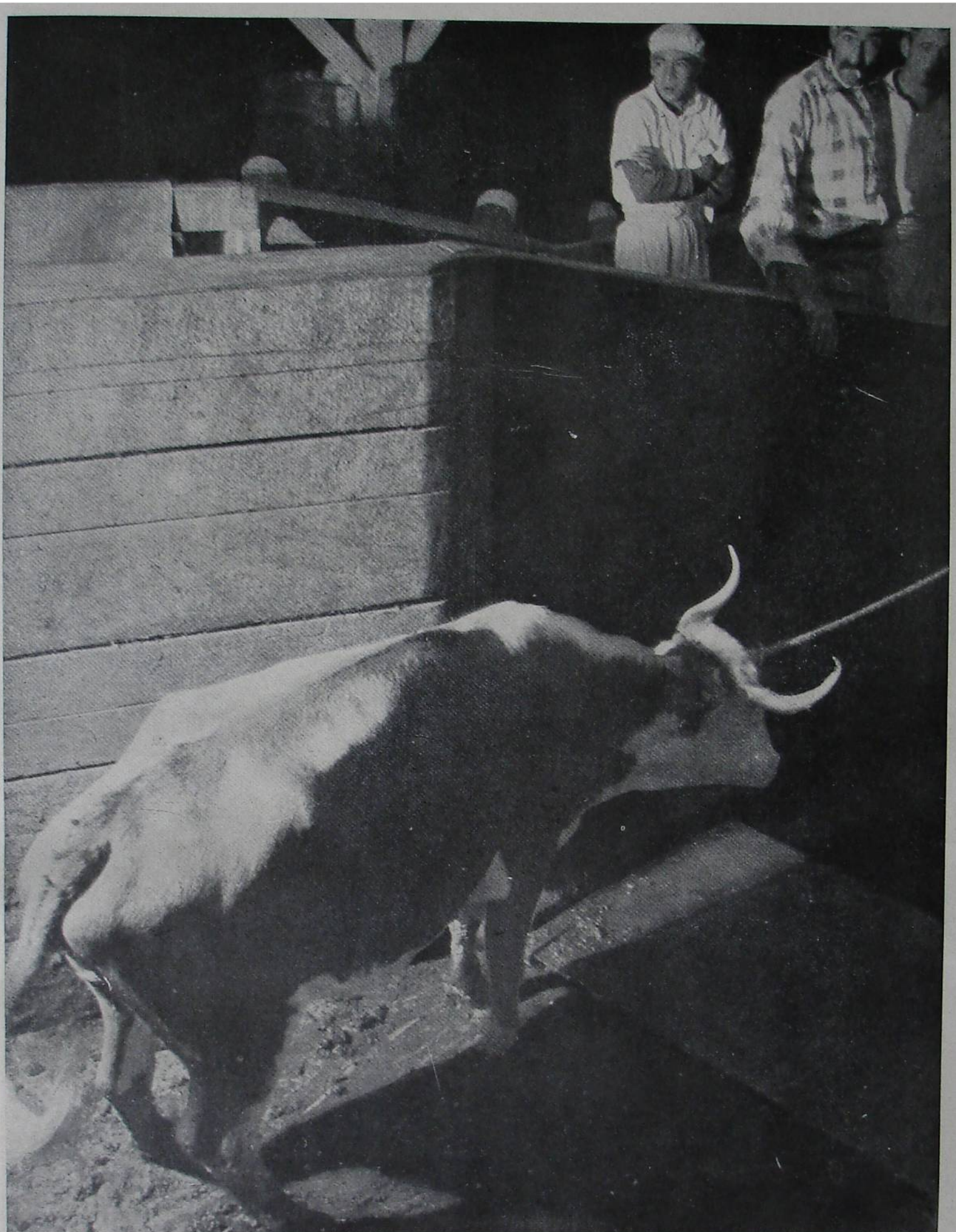
FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

Marcação de gado, método mais moderno (Antigamente, a rês era derrubada por dois tropeiros, recebendo então o ferro de marcação).



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

O banho de carrapaticida. Os animais passam por um banho, feito de ingredientes químicos, afim de livrá-los de carrapatos.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

A caminho da morte. Uma corda, girando num tambor mecânico, puxa o animal para perto da trave do matadouro, onde receberá a cutelada.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

O instante derradeiro: a cutelada mortal. Trazido para junto da trave do matadouro, onde bate com a testa, o animal recebe do magarefe a cutelada mortal, desferida sempre com a mesma precisão.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

O esqueleto da rês descarnada destina-se a diversos fins de aproveitamento industrial.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

Faina diária numa charqueada: A carne, depois de salgada, é exposta nos varais, para secar ao sol e ao vento.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

A "casa de charque": O charque sêco é empilhado em montes do tamanho duma casa. No primeiro plano, charque secando nos varais. Êsse genuíno produto riograndense tem grande saída, especialmente para os mercados do Norte do País.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

Produtos secundários: também as caudas das reses são preparadas para posterior industrialização.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

O "cemitério das queixadas". Produtos secundários duma charqueada.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

Um valioso lote de gado Jersey. Foto do álbum ilustrado da Secretaria da Agricultura sôbre a 5.ª Exposição Agro-Pecuária de Júlio de Castilhos, realizada em março de 1937.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

Gado zebú, cruzado com raças européias (tipo industrial)
Foto do álbum ilustrado da Secretaria da Agricultura.



GADO OVINO RIOGRANDENSE

Ovelhas na pastagem.



GADO OVINO RIOGRANDENSE
FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

Parte dum rebanho Romney Marsh na Cabanha Pinheiros, em Uruguaiana.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

Criação de eqüinos. Egüadas numa estância no interior do município de Passo Fundo.



FIXANDO ASPECTOS
DA PECUÁRIA

Um recanto encantador da luxuosa residência de campanha dum adiantado criador riograndense: Estância "Camoaty", em Uruguaiana.

AGRICULTURA





TRIGO RIOGRANDENSE

Espigas douradas do precioso cereal.



TRIGO RIOGRANDENSE

A colheita é recolhida.

FIXANDO ASPECTOS
DA AGRICULTURA



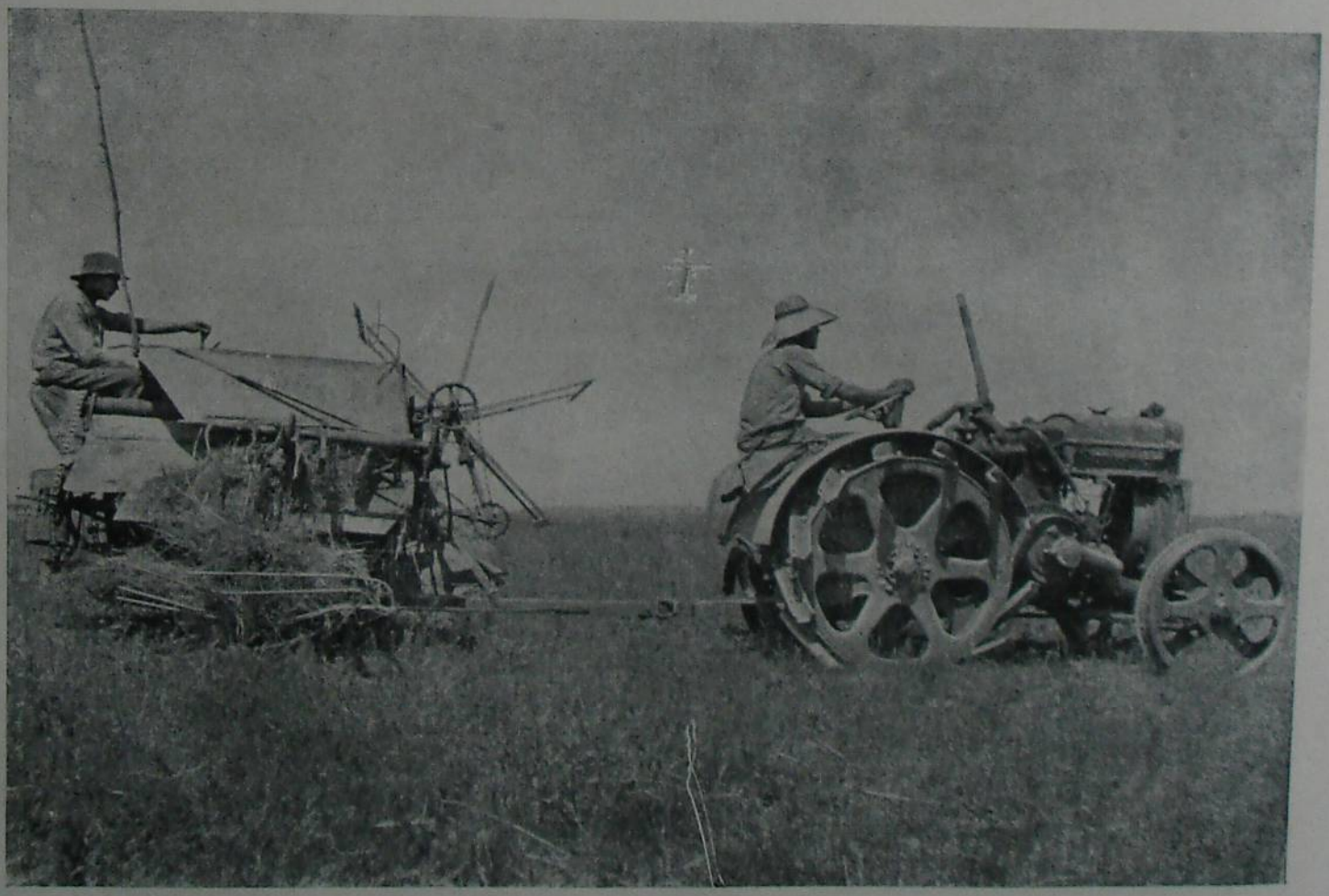
FIXANDO ASPECTOS
DA AGRICULTURA

Medas de trigo. A palha é amontoada em tôrno duma estaca e agrupada em forma cônica, para que a água pluvial se escoe fàcilmente. (Foto da Secretaria da Agricultura).



TRIGO RIOGRANDENSE

Trilhando trigo nos domínios de um colono (Foto da Secretaria da Agricultura).



LINHO RIOGRANDENSE

FIXANDO ASPECTOS
DA AGRICULTURA

Colhendo linho, por processo mecânico, nos campos experimentais da Estação Fitotécnica da Fronteira (da Secretaria da Agricultura).



FIXANDO ASPECTOS
DA AGRICULTURA

Fruticultura riograndense. Detalhe do parque frutícola modêlo da Inspetoria de Apicultura, da Secretaria da Agricultura, sediada em Taquarí.



FIXANDO ASPECTOS
DA AGRICULTURA

Colheita do feijão

VITICULTURA





FIXANDO ASPECTOS
DA VITICULTURA

Viveiro de videiras, na Estação Experimental de Viticultura e Enologia, da Secretaria da Agricultura, sediada em Caxias,



FIXANDO ASPECTOS
DA VITICULTURA

A vindima. Alacre faina nos parreirais dos grandes viti-vinicultores Michielon & Cia., em Caxias.



VITICULTURA

Garfos e portamentos na estufa da Estação Experimental de Viticultura e Enologia de Caixias.



VITICULTURA

FIXANDO ASPECTOS
DA VINICULTURA

Detalhe de outra secção de trabalho da Estação Experimental de Viticultura e Enologia, do Secretaria da Agricultura, em Caxias.

OS 88 MUNICÍPIOS

1 ALEGRETE
2 ALFREDO CHAVES
3 ANTÔNIO PRADO
4 ARROIO DO MEIO
5 ARROIO GRANDE
6 BAGÉ
7 BENTO GONÇALVES
8 BOM JESÚS
9 CAÇAPAVA
10 CACHOEIRA
11 CAÍ
12 CAMAQUÃ
13 CANDELÁRIA
14 CANGUSSÚ
15 CANOAS
16 CARAZINHO
17 CAXIAS
18 CRUZ ALTA
19 DOM PEDRITO
20 ENCANTADO
21 ENCRUZILHADA
22 ESTRÊLA
23 FARROUPILHA
24 FLORES DA CUNHA
25 GARIBALDI
26 GENERAL CÂMARA
27 GETÚLIO VARGAS
28 GRAVATAÍ
29 GUAÍBA
30 GUAPORÉ
31 HERVAL
32 IJUÍ
33 IRAÍ
34 ITAQUÍ
35 JAGUARÃO
36 JAGUARÍ
37 JOSÉ BONIFÁCIO
38 JÚLIO DE CASTILHOS
39 LAJEADO
40 LAGOA VERMELHA
41 LAVRAS
42 LIVRAMENTO
43 MONTENEGRO
44 NOVO HAMBURGO
45 OSÓRIO
46 PALMEIRA
47 PASSO FUNDO
48 PELOTAS
49 PINHEIRO MACHADO
50 PIRATINÍ
51 PÔRTO ALEGRE
52 PRATA
53 QUARAÍ
54 RIO GRANDE
55 RIO PARDO
56 ROSÁRIO
57 SANTA CRUZ
58 SANTA MARIA
59 SANTA ROSA
60 SANTA VITÓRIA
61 SANTIAGO
62 SANTO ÂNGELO
63 SANTO ANTÔNIO
64 SÃO BORJA
65 SÃO FRANCISCO DE ASSIS
66 SÃO FRANCISCO DE PAULA
67 SÃO GABRIEL
68 SÃO JERÔNIMO
69 SÃO JOSÉ DO NORTE
70 SÃO LEOPOLDO
71 SÃO LOURENÇO
72 SÃO LUIZ GONZAGA
73 SÃO PEDRO
74 SÃO SEPÉ
75 SÃO VICENTE
76 SARANDÍ
77 SOBRADINHO
78 SOLEDADE
79 TAPES
80 TAQUARA
81 TAQUARÍ
82 TÔRRES
83 TRIUNFO
84 TUPANCIRETÃ
85 URUGUAIANA
86 VACARIA
87 VENÂNCIO AIRES
88 VIAMÃO

A L E G R E T E

REGIÃO: Campanha — LATITUDE S.: 29°46'59" — LONGITUDE W. Gr.: 55°46'43" — LIMITES: Ao N.: Itaquí, São Francisco e São Vicente; a L. e S.: Rosário; a S.O.: Quaraí; a O.: Uruguaiana.

Dados geo-demográficos

Superfície, 7.845 km² — Altitude da sede, 89 m — Distância da Capital em linha reta, 442 km — População urbana, 16.500 — População rural, 23.100 — População total, 39.600 — Densidade por km², 5,04 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1,18 — Crescimento natural, 75.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 6.246 ha — Valor total da produção, 4.200:950$ — 1° produto: arroz: Área cultivada, 3.000 ha; Produção, 6.000 ton; Valor, 2.160:000$ — 2° produto: milho: Área cultivada, 1.661 ha; Produção, 2.325 ton; Valor, 581:250$ — 3° produto: batata inglesa: Área cultivada, 214 ha; Produção, 1.284 ton; Valor, 513:600$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 436.000; Ovinos, suínos e caprinos, 377.600 — Produção em quilos: de couro, 443.330; de charque, 1.210.696; de lã, 736.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas, 36 — Capital investido, 1.576:500$ — Operários, 305 — Fôrça motriz em HP, 572,12 — Valor da produção, 10.265:194$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 249; Veículos a fôrça animada, 971.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 3; aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 34; Aulas regimentais, 1; Colégios particulares, 7 — Hospitais, 4 — Sociedades Beneficientes, 3 — Instituições de Caridade, 1 — Associações de Classe, 4 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 429:453$900; estad. 2.123:973$200; municipal, 464:753$400 — Despesas com: Ensino e cultura, 218:630$ — Saúde pública, 113:763$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1811 — Origem da cidade com o acampamento das fôrças de Dom Diogo sôbre a margem do Inhanduí.

1814 — Fundação da Capela de N. S. da Aparecida de Alegrete, reduzida a cinzas pelas fôrças de Artigas, reconstruida mais tarde em honra de N. S. da Conceição.

1820 — 17-4 — Elevação à dignidade de Capela Curada, mais tarde destruida por um incêndio.

1831 — 25-10 — Elevação à categoria de vila que foi instalada no ano seguinte e, dois anos depois, instalada a primeira Câmara Municipal, que, no ano seguinte, solidarizou-se com o Govêrno Imperial, aderindo, posteriormente, à Independência da República Riograndense.

1857 — 22-10 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No vale do Ibicuí. ESTRUTURA GEOLÓGICA — **Terciária e quaternária** com depósitos turfosos e fosseis; configuração trapezoidal; terrenos planos e ondulados com campos ótimos para agricultura. HIDROGRAFIA — Magnífico sistema pertencente ao estuário do Ibicuí; Rios e arroios: Itapevi, Jaacaguá, Divisa, São João, Lajeado, Ibirapuitã, Itapororó, Ibirocaí, Guassú-Boi e Sanga Boiguassú e a grande lagoa Parobé. FLORA — Ótimas madeiras de lei: Angico, Ipé, Aroeira, Louro, Cedro, Canela, etc. OROGRAFIA — É constituida pela serra do Caverá e por vários cerros isolados. CLIMA — Ameno e a temperatura média anual é de 19 graus centígrados.

A CIDADE

Alegrete, sede do município e comarca, está situada à margem esquerda do Ibirapuitã, sôbre uma eminência. **É Alegrete** uma das lindas futurosas cidades da campanha, possuindo ruas bem alinhadas e vários logradouros públicos, destacando-se a Praça 15 de Novembro que é a mais central da cidade e ponto de convergência da população; ergue-se em seu centro a estátua de bronze de seu ex-administrador e humanitário cidadão Manoel de Freitas Valle Filho.

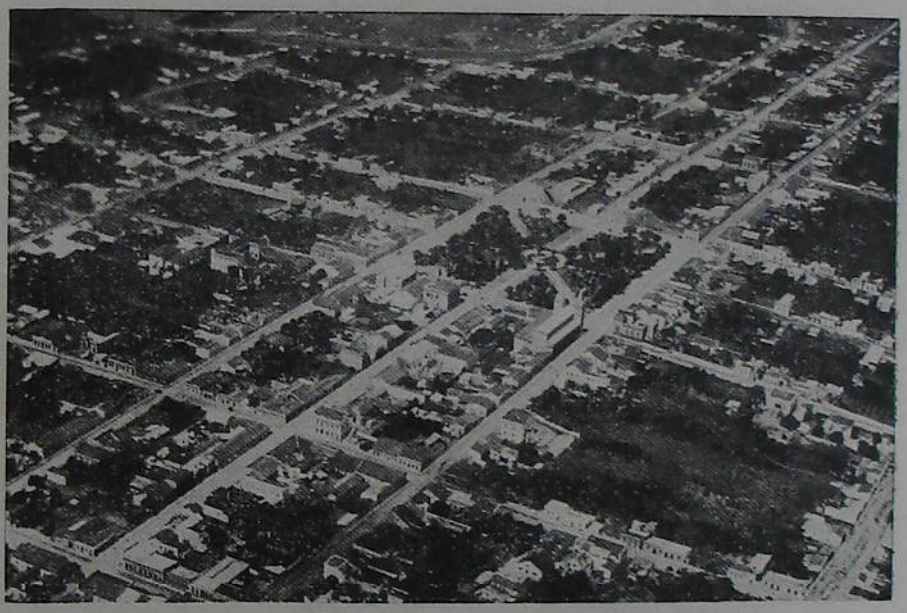
A edificação é em geral boa, destacando-se vários e belíssimos prédios, entre os quais a Prefeitura Municipal; a igreja matriz, construida no período de 1915—1919, estando a paróquia confiada aos Padres Carmelitas Descalços; Casino Alegretense; Clube Caixeiral de Alegrete, fundado em 30 de outubro de 1931, abrigando tôdas as classes sociais, a cuja frente se encontra o sr. Mário Lucena Borges.

A cidade é muito movimentada quer comercialmente quer industrialmente, contando-se inúmeras casas comerciais e várias fábricas de diversos artigos, possuindo também, filiais e agências dos principais estabelecimentos bancários que operam em nosso Estado, com excelente movimento.

A vida social é representada por várias entidades culturais e recreativas, cívicas, militares e desportivas, destacando-se, além do Casino Alegretense e do Clube Caixeiral já citados, o Tenis Clube, Associação Comercial dos Varejistas, fundada em 1933, contando, hoje, com 232 sócios e com excelente situação financeira; clubes de futebol, etc. Possue, ainda, dois cinemas, funcionando diàriamente e um bom teatro.

Na cidade estão aquarteladas duas unidades do Exército, possuindo ambas amplos e bons quartéis e uma modelar enfermaria. É completamente iluminada a luz elétrica, e seus habitantes exercem uma fecunda atividade, cooperando poderosamente para o engrandecimento da comuna em geral. Dentre as indústrias existentes na cidade, destaca-se a Fábrica Santa Teresinha, de propriedade do industrial Ângelo Pisutti que se dedica à fabricação de bebidas sem alcool bem como de licores de tôdas as espécies, produtos êstes premiados com diploma de honra pelo Instituto Agrícola Brasileiro, em 1939.

A instrução pública também, atingiu um alto grau de desenvolvimento, sendo inúmeros os colégios públicos e particulares existentes, disseminados pela comuna. Entre êles, destacam-se: a Escola Normal "Osvaldo Aranha", fundada em 23 de abril de 1929 e reorganizada em 14 de janeiro de 1941; abrange os cursos pré-primário com 69 alunos, primário com 646 e secundário com 197, tendo um corpo docente de 14 professores, sob a direção da srta. Maria Amorim. Instalada em grande e decorativo prédio, possue a Escola Normal "Osvaldo Aranha" um Clube Agrícola, um Museu, uma Biblioteca Infantil, a Sopa Escolar e uma tropa de Escoteiros; e o Colégio "Divino Coração", internato, semi-internato e externato para o sexo feminino, fundado em 1907 e dirigido pelas Irmãs de Santa Catarina. O colégio está instalado em prédio apropriado, possuindo excelente



ALEGRETE. VISTA AÉREA — Foto do 3.° R. A.



Colégio Divino Coração.



Igreja Matriz.



Escola Normal "Osvaldo Aranha".



aparelhamento técnico-didático, obedecendo ao programa oficial do Estado, preparando, também, as alunas com muita eficiência para o exame de admissão ao curso ginasial.

Entre os seus ilustres administradores, além do saudoso coronel Manoel de Freitas Valle Aranha Filho, teve Alegrete inúmeros governadores que lhe deram grande impulso, destacando-se o atual ministro das nossas Relações Exteriores, o eminente conterrâneo dr. Osvaldo Aranha e o pranteado dr. Alexandre da Silva Lisboa, cognominado o "Amigo da Pobreza", os quais deram à comuna marcante relêvo em todos os setores de sua vida econômica, política e social. Êste último, baiano de nascimento, mas alegretense de coração, pois durante os seus 40 anos que ali viveu e onde constituiu família, dedicou-se inteiramente ao exercício de sua profissão, pois era médico, bem como entregou-se de corpo e alma ao progresso de Alegrete quando, por várias vezes, ocupou cargos destacados na vida administrativa da comuna quer como chefe político quer como governador. Atualmente, e seu prefeito o dr. Eurípedes Milano que vem, com raro descortino, imprimindo a Alegrete uma diretriz segura, de progresso crescente, e que o tornará por certo, cada vez mais, um dos fatores primordiais na vida econômica-política do nosso Estado.





À esquerda, em-cima: Dr. Alexandre da Silva Lisboa, ex-prefeito e benemérito da cidade. Embaixo: Prefeitura Municipal de Alegrete. À direita, em-cima: Clube Cassino Alegretense. Embaixo: Clube Caixeiral de Alegrete.



Itinerário de Alegrete à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PORTO ALEGRE: TREM 574 km. (Até Santa Maria 232 km, Cachoeira 347 km, Rio Pardo 413 km, Barreto 503 km).
A SÃO FRANCISCO DE ASSIS: COMBINADO 88 km (Trem até Jacaquá 68 km, Rodovia 20 km). RODOVIA 100 km.
A ITAQUÍ: TREM 242 km (Até Uruguaiana 101 km). RODOVIA 146 km.
A URUGUAIANA: TREM 101 km. RODOVIA 142 km.
A QUARAÍ: TREM 104 km. RODOVIA 115 km.
A ROSÁRIO: TREM 157 km. RODOVIA 112 km.
A SÃO VICENTE: COMBINADO 162 km (Trem até Umbú 141 km, Rodovia 21 km). RODOVIA 147 km.

ALFREDO CHAVES

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 28°58'10" — LONGITUDE W. Gr.: 51°44'51" — LIMITES: N.: Prata; a L.: Antônio Prado; ao S.: Bento Gonçalves; ao O.: Guaporé.

Dados geo-demográficos

Superfície, 632 km² — Altitude da sede, 705 m — Distância da Capital em linha reta, 122 km — População urbana, 1.950 — População rural, 14.650 — População total, 16.600 — Densidade por km², 26,26 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,49 — Crescimento natural, 446.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 7.191 ha — Valor total da produção, 3.766:900$ — 1° produto: milho: Área cultivada, 2.447 ha; Produção, 4.894 ton; Valor, 978:800$ — 2° produto: trigo: Área cultivada, 2.200 ha; Produção, 1.320 ton; Valor, 792:000$ — 3° produto, uvas: Área cultivada, 260 ha; Produção, 2.600 ton; Valor 494:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor): em vinho, 1.092.300 lt; 349:536$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 14.800; Ovinos, suínos e caprinos, 40.020 — Produção em quilos, de graxa, 34.040; de banha, 1.496.380.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 106 — Capital investido, 2.773:300$ — Operários, 365 — Fôrça motriz em HP, 217,20 — Valor da produção, 6.180:006$000 — Meios de transporte: Veículos a motor, 98; Veículos a fôrça animada, 319.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Aulas estaduais, 8; Aulas municipais, 47; Colégios particulares, 4 — Hospitais, 3 — Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 459:810$; estadual, 572:106$; municipal, 311:069$ — Despesas com: Ensino e cultura, 59:600$000.



Vista parcial da cidade de Alfredo Chaves — Ala oeste.

SÍNTESE HISTÓRICA

1884 — Fundação da colônia que deu origem à comuna.
1892 — 31-8 — Elevação à categoria de vila, com o nome de Benjamin Constant, nome êsse que ficou sem efeito, por decreto nº 232 do mesmo ano.
1898 — 15-10 — Elevação a município, por decreto nº 124 B, sendo promulgada a sua lei orgânica em 27 de agôsto do mesmo ano.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No vale do rio das Antas, na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Origem traquítica. HIDROGRAFIA — rios: Carreiro, Prata, Antas, Turvinho, Pratinha, Caçador, Jaboticabas e numerosos arroios; várias quedas dágua, destacando-se a Cascata Grande, com 640 HP, a do Carreiro com 500 HP, a do Retiro com 52 HP, a dos Três Monges, com 100 metros de altura, além de outras. OROGRAFIA — Serra Geral, com a denominação da Serra das Antas, e o cêrro denominado Morro do Céu. CLIMA — Agradabilíssimo e a temperatura média anual é de 15,47 graus centígrados.

A CIDADE

A cidade de Alfredo Chaves, sede da comuna do mesmo nome, construída a 705 metros de altitude, é uma cidade próspera, pitoresca e de muito futuro.

As suas ruas são amplas e algumas arborizadas, e seus logradouros públicos são bem cuidados, o que dá à cidade uma fisionomia bem simpática. Dentre suas artérias principais, citam-se a Júlio de Castilhos, Marechal Deodoro e Marechal Floriano; e entre suas praças, destacam-se a 15 de Novembro e a D. Montauri.

A edificação de Alfredo Chaves, em geral, é boa, possuindo vários edifícios públicos e particulares, alguns de construção moderna. Dentre seus principais prédios destacam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o templo evangélico, etc.

A vida social e cultural de Alfredo Chaves está em franco progresso, contando com inúmeras agremiações desportivas, recreativas, beneficientes, de classe, culturais, cívico-militares, etc., tôdas magnificamente instaladas.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica e possue todos os serviços públicos. Alfredo Chaves é também, bastante procurada por grande número de veranistas, durante a estação calmosa, dada a sua grande altitude.

A instrução e a saúde pública vêm merecendo dos poderes competentes os maiores cuidados, existindo várias escolas, com elevada população escolar, e departamentos incumbidos de zelarem pelo bom estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio encontram-se, por sua vez, na mais franca prosperidade, existindo várias casas, tanto comerciais como industriais, de sólido crédito.

Atualmente, a sua administração vem sendo sàbiamente dirigida pelo seu operoso prefeito, sr. Rogério Galeazzi, que não mede sacrifícios para que Alfredo Chaves venha se ombrear em progresso e desenvolvimento com suas demais co-irmãs riograndenses.



Igreja Matriz.

Itinerário de Alfredo Chaves à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: COMBINADO 212 km (Rodovia até Bento Gonçalves 40 km, trem 172 km). RODOVIA 190 km.
A ANTÔNIO PRADO: RODOVIA 43 m.
A PRATA: RODOVIA 20 km.
A GUAPORÉ: RODOVIA: 60 km.
A BENTO GONÇALVES: RODOVIA 40 km.

ANTÔNIO PRADO

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 28°54'30" — LONGITUDE W. G.: 51°23'21" — LIMITES: ao N.: Vacaria; ao S.: Flores de Cunha, Farroupilha e Bento Gonçalves: a L.: Caxias; a O.: Alfredo Chaves e Prata.

Dados geo-demográficos

Superfície, 468 km² — Altitude da sede, 770 m — Distância da Capital em linha reta, 121 km — População urbana, 2.050 — População rural, 9.450 — População total, 11.500 — Densidade por km², 24,57 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,34 — Crescimento natural, 297.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 11.619 ha — Valor total da produção, 3.601:600$ — 1º Produto: milho: Área cultivada, 8.000 ha; Produção, 14.800 ton; Valor, 2.160:000$ — 2º Produto: trigo: Área cultivada 2.500 ha; Produção, 1.000 ton; Valor, 580:000$ — 3º Produto: uva: Área cultivada, 380 ha; Produção, 3.040 ton; Valor, 577:600$ — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 1.640.130 lt. 456:053$; aguardente, 36.400 lt, 14:560$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 7.200 — Ovinos, suínos, caprinos, 17.830 — Produção em quilos: banha, 163.680; graxa, 9.950.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas, 42 — Capital invertido, 1.490:299$ — Operários, 85 — Fôrça motriz em HP, 122,50 — Valor da produção, 2.533:259$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 66; Veículos a fôrça animada, 156.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 1; Aulas estaduais, 4; Aulas municipais, 40; Colégios particulares, 3— Hospitais, 2 — Sociedades Beneficientes, 1 — Associações de Classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 242:214$000; estadual, 33:405$; municipal, 289:015$ — Despesas com: Ensino e cultura: 42:410$ — Saúde pública, 9:526$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1886 — Demarcação de seu território. Fundação da colônia pelo engenheiro Carlos Leopoldo Ferreira. Chegada dos primeiros colonos de nacionalidade italiana.
1899 — 11-2 — Por decreto nº 220, do govêrno do Estado, elevada à categoria de comuna, desligando-se do município de Vacaria.
1899 — 7-3 — Nomeação de seu primeiro intendente provisório, o Cel. Inocêncio de Matos Miller.
1899 — 1.º-6 — Eleição de seu primeiro administrador, Cor. Inocêncio M. Miller.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Vale do rio das Antas. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica; pedreiras próprias para construção; grandes extensões de rocha de granito e pedra-ferro. HIDROGRAFIA — ótimo sistema; rios: Antas, Turvo e Prata; arroios: Leão, Tigre, Jararaca, Quaresma, Portão, Caçador e Governador; duas alterosas e magníficas quedas dágua são encontradas a 5 km da cidade, nos arroios Quaresma e Inferno, despejando as duas quedas reünidas mais 125 mil litros dágua por segundo. FLORA — Matos com pinho em abundância e madeiras de lei: Angico, Cedro, Cabriúva, Guajuvira e outras. CLIMA — Magnífico, e a temperatura média anual é de 15,85 graus centígrados.



Antônio Prado. Vista parcial da cidade.

A CIDADE

Edificada no extremo norte do município, situada no alto de uma colina, sendo a parte mais povoada, na encosta da mesma. Por causa de seu clima muitíssimo ameno e saüdável, é ela recomendada como ponto de veraneio e turismo.

A cidade tem ótimo aspecto, ótimos prédios e iluminação elétrica, ruas largas, praças e passeios amplos.

Dentre as suas edificações destacam-se a Prefei-



Igreja Matriz.

tura Municipal e a belíssima igreja matriz, cuja construção constitue um dos mais lindos monumentos de fé católica do nosso Estado.

Possuindo bons e confortáveis hotéis, com diária média de 10$000, abundância de água potável, grande quantidade de frutas, sobressaindo finíssimas castas de uvas, funcionando bons cafés, bares, restaurantes e bem instalado cinema, Antônio Prado tem se tornado um centro de veraneio, aumentando, de ano para ano, o número de veranistas que alí fazem estação, em busca do descanso do espírito, tão necessário àqueles que labutam nos grandes centros.

As belezas naturais da região e em tôrno da cidade são inúmeras, existindo belíssimos e aprazíveis recantos e pancramas de um pitoresco prodigioso.

A cidade está ligada à capital do Estado por várias e confortáveis linhas de ônibus, que trafegam diàriamente, bem como para Caxias e Vacaria. Também, se acha ligada, por meio daquele transporte, fazendo-se as viagens três vezes por semana, a Alfredo Chaves, Prata e Bento Gonçalves, neste Estado, assim como para Lages, no vizinho Estado de Santa Catarina.

A instrução pública na sede da comuna encontra-se em elevado grau de desenvolvimento. Possue um magnífico Grupo Escolar denominado "Professor Ulisses Cabral", fundado em 1926, sendo seu primeiro diretor o professor José Fialho de Vargas. Nesses últimos anos, a matrícula geral alcançou a média de 200 alunos de ambos os sexos. O Grupo possue as seguintes instituições de valor educativo: Biblioteca Escolar com 135 volumes, Caixa Escolar, Clube de Civilidade, Hora Cívica e Clube de Leitura.

Tanto o comércio como a indústria da cidade encontram-se numa situação de franco progresso. Aquele mantem um crescente intercâmbio com as principais praças do país; esta, representada pela vitivinicultura e suinocultura, em primeiro plano, por sua vez conquistou os mercados dos consumidores.

Dentre as cantinas que se destacam, na indústria do vinho, figura a dos adiantados industrialistas, srs. João Cesa e Afonso Cesa, estabelecimento êste fundado pelo primeiro em 1915. O movimento anual dêsse importante estabelecimento vinícola é 800.000 litros que são exportados para todos os mercados consumidores do Brasil, representando a já acreditadíssima marca de vinhos "Cesa", em 15 tipos diferentes, bem como suco de uva e conhaques.

A cidade de Antônio Prado, que é a sede da administração da comuna, tem encontrado por parte



A Diretora do Gr. E. "Prof. Ulisses Cabral", ladeada por suas auxiliares.

do atual prefeito, major Waldemar Alves de Miranda, os mais acendrados esforços para o seu crescente desenvolvimento, afim de que continue a usufruir do invejável lugar que mantem entre as demais comunas riograndenses.

Itinerário de Antônio Prado à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: RODOVIA 205 km (Até Farroupilha 75 km, Caí 131 km, São Leopoldo 169 km).

A VACARIA: RODOVIA 65 km.
A ALFREDO CHAVES: RODOVIA 43 km.

A FARROUPILHA: RODOVIA 75 km.
A FLORES DA CUNHA: RODOVIA 40 km.

ARROIO DO MEIO

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°24'00" — LONGITUDE W. Gr.: 51°58'30" — LIMITES: ao N.: Soledade e Encantado; a L.: Estrêla; ao O.: Lajeado; ao S.: Lajeado.

Dados geo-demográficos

Superfície, 538 km² — Altitude da sede, 200 m — Distância da Capital em linha reta, 101 km — População urbana, 1.180 — População rural, 19.820 — População total, 21.000 — Densidade em km², 39,03 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,62 — Crescimento natural, 508.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 16.075 ha — Valor total da produção, 6.515:180$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 10.300 ha; Produção, 17.510 ton; Valor, 3.502:000$ — 2° Produto: feijão: Área cultivada, 2.045 ha; Produção, 2.045 ton; Valor, 818:000$ — 3° Produto: trigo: Área cultivada, 1.590 ha; Produção, 636 ton; Valor, 381:600$ — Produtos transformados (quantidade e valor), vinho: 118.100 lt, 47:240$; aguardente: 82.300 lt, 32:920$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 20.700; Ovinos, suínos e caprinos, 57.730 — Produção em quilos: de graxa, 12.800; de banha, 566.940.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 146 — Capital invertido, 2.088:088$ — Operários, 241 — Fôrça motriz em HP, 394,50 — Valor da produção, 2.661:737$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 63; Veículos a fôrça animada, 240.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 8; Colégios particulares, 50 — Hospitais, 1 — Receita arrecadada: federal, 245:236$; estadual, 597:952$; municipal, 384:411$ — Despesa com: Ensino e cultura, 79:757$ — Saúde Pública, 18:836$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1858 — Data do início da colonização da comuna.
1915 — Tornou-se sede do 4° distrito de Lajeado.
1934 — 28-11 — Foi constituído em município autônomo.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Taquari; arroios: Forqueta, Fão e Travesseiro. OROGRAFIA: Serra Geral, tendo seu ponto culminante denominado Barro Preto, com 640 metros de altitude. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de Arroio do Meio, sede da comuna do mesmo nome, está edificada em excelente ponto e de muito agradável aspecto, à margem do rio Taquari.

As suas ruas, bem alinhadas e amplas, são algumas arborizadas, bem como os seus logradouros públicos. A edificação é em geral boa, destacando-se entre os edifícios principais, a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, uma dos mais lindos templos católicos do interior do Estado; foi construida pelo conceituado construtor José Pohl, especialista em concreto armado, estabelecido com escritório técnico na



O elo metálico que liga Arroio do Meio a Lajeado.

cidade, para construções em geral. Conta a paróquia de Arroio do Meio com 13 capelas e 17 escolas paroquiais, obedecendo à direção do seu vigário, o revmo. Cônego Jacó Seger. Existem ainda inúmeros prédios particulares de construção moderna, etc.

A vida social e cultural de Arroio do Meio acha-se em pleno desenvolvimento, sendo inúmeras as as-



Grupo Escolar Guararapes.

sociações recreativas, cívico-militares, desportivas e de classe.

E sede do Tiro de Guerra 669, fundado em 10 de setembro de 1922, com elevada matrícula de atiradores candidatos a reservistas do nosso glorioso exército, sendo seu atual presidente o sr. Antônio Fornari. São, também, tradicionais os "kerbs" que se realizam anualmente com grande brilhantismo.

O ensino, tanto o público como o particular, encontra-se intensamente disseminado, contando com



Igreja Matriz.

várias escolas e com elevada população escolar de ambos os sexos.

Por sua vez a saúde pública se acha cuidadosamente amparada pelos poderes incumbidos de zelarem pelo estado sanitário da população em geral.

A vida comercial de Arroio do Meio é intensa e está fadada a um futuro promissor, contando com vários estabelecimentos, tanto de exportação como de importação.

Por outro lado, o parque industrial de Arroio do



Sede do Tiro de Guerra 669.

Meio caminha a passos gigantescos, sendo o seu principal ponto de apôio a agricultura, seguida de perto pela industrialização dos suínos e a indústria correlata, contando êsse setor com algumas fábricas de banha, presuntos, salames, etc.

Povo ordeiro e laborioso, a população de Arroio do Meio, em sua maioria de origem teuta, coopera eficientemente para que a administração de seu atual prefeito, o dr. Jaime T. Coimbra, marque uma etapa de relêvo na sua vida urbana e municipal.

Itinerário de Arroio do Meio à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: COMBINADO 138 km (Rodovia até Lageado 12 km, Estrêla 6 km, e Vapor 165 km via Taquarí, General Câmara, Triunfo, São Jerônimo). RODOVIA 180 km (Até Lajeado 12 km, Estrêla 6 km, Taquarí 68 m, Montenegro 105 km, São Leopoldo 154 km).

LAJEADO: RODOVIA 12 km.

ESTRÊLA: RODOVIA 18 km (Até Lajeado 12 km).

ENCANTADO: RODOVIA 20 km. VAPOR 48 km.

ARROIO GRANDE

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 32°14'21" — LONGITUDE W. Gr.: 53°08'12" — LIMITES: N.: Piratini e Pelotas; a L.: Lagoa Mirim; ao S.: Jaguarão; ao O.: Jaguarão e Herval.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.072 km² — Altitude da sede, 39 m — Distância da capital em linha reta, 305 km — População urbana, 2.700 — População rural, 13.800 — População total, 16.500 — Densidade por km², 5,37 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,49 — Crescimento natural, 121.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 13.819 ha — Valor total da produção, 11.957:000$ — 1° Produto: arroz: Área cultivada, 9.850 ha; Produção, 25.610 ton; Valor, 9.987:900$ — 2° Produto: milho: Área cultivada, 2.700 ha; Produção, 3.240 ton; Valor, 648:000$ — 3° Produto: batata inglesa: Área cultivada, 150 ha; Produção, 1.350 ton; Valor, 270:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 115.050; Ovinos, suínos e caprinos, 238.320 — Produção em quilos: de graxa, 13.760; de banha, 20.400, de lãs, 422.170.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 37 — Capital invertido, 521:000$ — Operários, 90 — Fôrça motriz em HP, 25 — Valor da produção, 1.459:350$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 146; Veículos a fôrça animada, 1.283.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 1; Aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 17; Colégios particulares, 6 — Sociedades Beneficientes, 1 — Instituições de Caridade, 1 — Associações de Classe, 3 — Receita arrecadada: federal, 99:463$; estadual, 653:919$; municipal, 485:399$ — Despesas com Ensino e cultura: 35:834$ — Saúde pública, 15:694$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1812 — Origem do município que a 4 de dezembro foi elevado à dignidade de capela curada. (1815), confirmada por Dom João VI, em 15-4-1821.

1846 — 26-5 — Elevação à categoria de freguesia.

1873 — 24-3 — Elevada à categoria de vila.

1890 — 5-12 — Elevação à categoria de cidade, com o nome de Federação, recuperando, mais tarde, seu nome primitivo, isto é, o atual.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Serra do Sudeste — ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação primitiva, tendo como base o granito e o grês. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia oriental; rios: São Gonçalo e Piratini; arroios: Grande ou Herval, Santa Maria, Lajeado, Sanga das Grotas e outros; passos: Maria Gomes e São Jorge, Liscano, Simeão; portos: Santa Isabel, Barra do Arroio Grande e Barra do Arroio Chasqueiro; é banhado pela Lagoa Mirim e possue a Lagoa Mcteira, existindo naquela a ponta Alegrete, com um farol. OROGRAFIA — Serra de São João do Herval e os cerros Cerrito, Maria da Cunha e Rodeio Colorado. CLIMA — Ameno e a temperatura media anual é de 16.50 graus centigrados.

A CIDADE

A cidade de Arroio Grande, sede do município de seu nome, está situada à margem esquerda do arroio que lhe dá o designativo geográfico, apresentando em seu conjunto um ótimo aspecto.

Ocupando pequena área, a cidade de Arroio Grande possue largas ruas e praças arborizadas, destacando-se, entre as vias públicas, as de nome Pedro II, Dr. Campos, Barroso, General Osório, Marechal Floriano, Júlio de Castilhos, General Caxias, etc., bem como a Praça Maneca Maciel, onde se ergue um monumento levantado ao distinto e saudoso arroiograndense coronel Manoel Maciel, organizador proficiente e administrador emérito de seu torrão natal.

Arroio Grande, além de ser tôda iluminada à luz elétrica, possue excelente edificação, destacando-se os prédios da Prefeitura Municipal, igreja de N. S. da Graça, construida em 1850, Clube Instrução e Recreio e vários outros edifícios particulares que embelezam a cidade.

Possue, ainda, agência dos Correios e Telégrafos, centro telefônico, grupo escolar, cartórios, coletorias, etc. A cidade está, também, ligada a Jaguarão e a Piratini, por linhas de auto-ônibus que mantêm um tráfego incessante de passageiros, encomendas e cargas em geral.

Tanto a instrução como a saúde públicas estão eficientemente aparelhadas para atender às necessidades de Arroio Grande, graças aos poderes competentes que não teem descurado um só momento dêsses importantes problemas que dizem respeito ao progresso sempre crescente da cidade.

Dentre os estabelecimentos de ensino, destaca-se em primeiro lugar o Grupo Escolar "20 de Setembro", fundado com o nome de Colégio Elementar, em 12 de agôsto de 1912, e que obedece à direção da distinta professora d. Cecy de Nova Cruz Sacco, coadjuvada por um seleto corpo docente, constituido pelas professoras Alice Colaço das Neves, Hilda Corrêa da Costa, Altamira Vergara Luerce, Hilda Cunha Ferreira, Zilda Canibal, Percilia Coz Ribeiro, Joaquina Nunes Ferreira e Aracy Lopes Mendes.

Possue, ainda, o Grupo Escolar "20 de Setembro" uma Caixa Escolar, um Circulo de Pais e Mestres, um Clube de Leitura "Olavo Bilac" e um Pelotão de Saúde.

O movimento comercial e industrial de Arroio Grande tem, últimamente se desenvolvido de uma maneira vertiginosa, aumentando dia a dia, não só as suas transações comerciais como a manufatura de suas indústrias que bem dizem de seu franco progresso.

A cidade de Arroio Grande, que é, também, a sede da comuna, como já dissemos, vem encontrando de parte de seu atual prefeito sr. Oscar Carpes os mais acendrados esforços para o seu crescente desenvolvimento, afim de que conquiste, dentro em breve, o lugar que merecidamente lhe competirá entre as demais comunas riograndenses.

B A G É

REGIÃO: Campanha — LATITUDE S.: 31°20'13" — LONGITUDE W. Gr.: 54°06'21" — LIMITES: ao N.: Lavras e Caçapava; a L.: Pinheiro Machado e Herval; ao S.: República Oriental do Uruguai e a O.: Dom Pedrito.

Dados geo-demográficos

Superfície, 6.860 km² — Altitude da sede, 223 m — Distância da Capital em linha reta, 316 km — População urbana, 31.800 — População rural, 28.000 — População total, 59.800 — Densidade por km², 8,71 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1.78 — Crescimento natural, 57.

Dados econômicos

SITUACÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 5.044 ha — Valor total da produção, 2.117:700$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 2.660 ha; Produção, 4.788 ton; Valor, 957:600$ — 2° Produto: aveia: Área cultivada, 724 ha; Produção, 579 ton; Valor, 289:500$ — 3° Produto: linho: Área cultivada, 758 ha; Produção, 303 ton; Valor, 212:100$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 370.870; Ovinos, suínos e caprinos, 517.000 — Produção em quilos: charque, 12.164.742; couro, 3.663.360; graxa, 3.769.700.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas, 83 — Capital invertido, 10.950:505$ — Operários, 1.217 — Fôrça motriz em HP, 875,50 — Valor da produção, 65.814:986$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 2.383; Veículos a fôrça animada, 6.474.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos Escolares, 3; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 35; Aulas regimentais, 2; Colégios particulares 31 — Hospitais, 6 — Asilos e recolhimentos, 2 — Sociedades Beneficientes, 10 — Instituições de Caridade, 4 — Associações de Classe, 5 — Sindicatos, 7 — Receita arrecadada: federal, 1.784:453$500; estadual, 4.084:296$300; municipal, 1.564:069$900 — Despesas com: Ensino e cultura, 282:347$; Saúde pública, 97:158$.



VISTA AÉREA DE BAGÉ

Foto do 3.° Regimento de Aviação.

SÍNTESE HISTÓRICA

1773 — Fundação de Santa Tecla por invasores espanhóis que é arrazada por fôrças gaúchas (1776). Reedificada em virtude da paz de Castela (1777) e evacuada durante a guerra das missões (1801).

1812 — 15-5 — Início do povoado e ereção da capela de S. Sebastião, elevada à Capela Curada (1815).

1830 — Bagé desmembrada de Rio Pardo, anexando a Piratini.

1836 — 10-9 — Após o combate de Seival, o gal. Neto proclama a República dos Farrapos, à margem esquerda do rio Jaguarão.

1846 — 5-6 — Tornou-se município autônomo e freguesia, instalando-se a Câmara Municipal no ano seguinte.

1859 — 15-12 — Elevação à cidade.

1893 — 24-11 — Bagé é sitiada pelos federalistas, sendo o cêrco levantado no ano seguinte, graças às fôrças defensoras daquela praça.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na região fronteiriça. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação primitiva, notadamente cambriano e carbonífero; encontram-se jazidas de carvão, schistos betuminosos asfálticos, ricos em betumes; a formação mais antiga é a de gneisse e a mica schistosa; terreno levemente ondulado com matos e campos próprios à indústria pastoril. HIDROGRAFIA — Excelente sistema, pertencente à bacia oriental do Estado e pequena parte à bacia ocidental; rios — Jaguarão, Camaquã Negro com vários afluentes; arroios — Camaquã, Ibirá-Mirim, Traíras, Seival e outros mais; banhados — Grande, Carneiros, Lixiguana; lagoas — Formosa, Canários e Estacada; passos — Viola, Igrejinha, São Luiz, Acampamento, Quebracho e Tigre. OROGRAFIA — O sistema é formado pelos últimos contrafortes da Serra do Mar que se denomina Cochilha Grande e Santa Tecla; Aceguá, Haedoxo; cerros e morros — Serrilhada, São Sebastião, Tunas, Santa Rosa, Olhos d'Água, Bagé, Cêrro Partido, Cêrro Alegre, Cêrro do Aceguá Chico, Cêrro do Malcreado, etc.; CLIMA — Saudável e a temperatura média anual é de 18,5 graus centígrados.

A CIDADE

A cidade de Bagé, sede da comuna e da comarca de seu nome, está assentada em belíssima situação, à margem do arroio de seu nome; é também, sem dúvida nenhuma, uma das cidades de maior importância do Rio Grande do Sul, sob todos os pontos de vista.

Bagé, de belíssimo panorama, conta com magníficas ruas, tôdas amplas e bem alinhadas, algumas arborizadas e bem calçadas, sendo a principal a Avenida 7 de Setembro, onde estão localizados os principais estabelecimentos em geral, bem como as ruas General Osório, Bento Gonçalves, Barão de Triunfo, Marechal Floriano. As suas praças, tôdas ajardinadas, são os verdadeiros pontos de concentração de sua população, destacando-se entre elas Voluntários da Pátria, Barão do Rio Branco, sendo aquela a mais central e importante, além de outros logradouros públicos.

A sua edificação é magnífica, sendo os mais importantes edifícios os da Prefeitura Municipal, Casa de Caridade, o colégio dos padres, o das freiras, Beneficência Portuguesa, Clube Caixeiral, igreja matriz, belíssimo monumento de fé católica, abrigando uma imagem de São Sebastião que foi levada aos campos



Bagé — Igreja Matriz.

de batalha pelos portugueses no tempo da invasão uruguaia, guardando, ainda, várias reliquias históricas, inclusive como legado da população o corpo embalsamado do saudoso riograndense Gaspar Silveira Martins; desde 1906, vem dirigindo os destinos espirituais da população católica bageense Mons. Costábile Hipólito, vigário da matriz; o Clube Comercial, a Associação Rural, etc., além de magníficos prédios particulares.

Bagé é sede de tôdas as repartições públicas federais e estaduais, entre elas a Coletoria Federal, junto a qual funciona a agência da Caixa Econômica Federal, cujo diretor é o sr. Eurico Albrecht, e a Mesa de Rendas Estadual, funcionando em edifício próprio, com uma arrecadação de 5.460:936$000, sendo seu administrador o sr. dr. Carlos Kluwe.

Bagé, cidade chic de agradável impressão, com vida de uma capital, possue um meio social e cultural que honra sobremaneira qualquer um dos grandes centros mais adiantados do país. São inúmeras as associações recreativas, desportivas, culturais em tôdas as suas manifestações, cívico-militares, de classe, etc. Entre as recreativas, destaca-se em primeiro plano o Clube Comercial, e entre as de classe, encontra-se em evidência a Associação Rural que muito atua na vida econômica da cidade, possuindo magníficas instalações nos bairros da mesma, onde tem realizado as mais importantes exposições agro-pecuárias já realizadas em nosso Estado. Possue uma magnífica Biblioteca Pública e a sua imprensa é representada atualmente, pelo "Correio do Sul", sendo ainda, tôda iluminada à luz elétrica.

Bagé é um dos principais setores no desenvolvimento do ensino em geral, contando com inúmeras escolas públicas e particulares, como sejam: grupos escolares, ginásios, conservatórios de música, escolas de dansas, escolas técnicas, etc., destacando-se entre êsses estabelecimentos a escola de dansa sob a direção da srta. Maria de Lourdes Riet Colares que eleva a um nivel invejável a cultura artística bageense.

Um outro setor em que Bagé prima é indiscutivelmente o que diz respeito à Saúde Pública, a qual vem merecendo, dos poderes responsáveis, o mais desvelado cuidado, sendo simplesmente excelente o estado sanitário em geral da cidade, pois possue todos os requisitos necessários que tornam Bagé numa das primeiras cidades do Estado nesse setor.

O comércio de Bagé é simplesmente invejável, pois Bagé é quasi inigualável, como cidade do interior, nesse setor econômico, contando com grande número de estabelecimentos comerciais que se podem ombrear com os maiores estabelecimentos dos grandes centros.

O parque industrial de Bagé é, sem favor nenhum, um dos esteios da política econômico-financeira do Rio Grande do Sul, sendo quasi tôda assentada na pecuária. Nesse ramo de atividade, os industrialistas bageenses trabalham, no geral, em associações, destacando-se entre elas: A Sociedade de Fazendeiros Ltda., fundada em 1932 com um capital de 1570 contos de réis, contando com mais de 500 mil cabeças de gado, possuindo uma grande charqueada industrial e uma casa bancária, tendo já abatido, desde a sua fundação, 316.816 reses; a Cooperativa de Laticinios Bageense, possuindo a maior parte da produção de laticinios na zona de Bagé, tendo mesmo inaugurado em maio de 1941 o Entreposto de Leite; e a Cooperativa Bageense de Carnes e Derivados, organizada em 1936, proprietária da grande Charqueada São Domingos, e que abateu, sòmente no ano de 1940, 13.661 reses.

A cidade de Bagé é, ainda, a sede de várias unidades do nosso brioso Exército, sendo, mesmo, sede de comando de uma divisão de cavalaria.

A direção dos destinos de Bagé está entregue à ação profícua de seu ilustre prefeito, o dr. Jerônimo Mércio da Silveira que vem empregando tôda a sua lúcida inteligência e seu dinamismo para que Bagé eleve, cada vez mais alto, o seu epiteto, aliás justo, de "Rainha da Fronteira".



Prefeitura Municipal.

Itinerário de Bagé à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: AVIÃO 420 km (Até Pelotas 190 km). VAPOR 424 km (Até Pelotas 228 m). TREM 662 km (Até São Gabriel 130 km, Santa Maria 320, km, Cachoeira 435 km, Rio Pardo 501 km, Barreto 591 km).

A DOM PEDRITO: TREM 93 km. AVIÃO 35 km. RODOVIA 72 km.

A LAVRAS: RODOVIA 79 km. COMBINADO 110 km (Trem até Ibaré 73 km. Rodovia 37 km).

A CAÇAPAVA: RODOVIA 152 km.

A PINHEIRO MACHADO: RODOVIA 66 km. COMBINADO 121 km (Trem até Pedras Altas 87 km e Rodovia 35 km).

A HERVAL: RODOVIA 139 m. TREM 181 km.

BAGÉ, GRANDE CENTRO DA PECUÁRIA GAÚCHA

Município da região fronteiriça, um dos pioneiros nas lides pastoris



Êste notável lote de gado bovino atesta a evolução adiantada do mais importante setor de nossa economia rural: a pecuária, no qual a comuna bageense se tem revelado como um dos mais progressistas, especialmente no que diz respeito ao melhoramento das raças, tanto de gado maior como menor.

BENTO GONÇALVES

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°10'00" — LONGITUDE W. Gr.: 51°25'00" — LIMITES: ao N.: Alfredo Chaves; ao S.: Farroupilha; ao L.: Garibaldi; ao O.: Guaporé.

Dados geo-demográficos

Superfície, 530 km² — Altitude da sede, 618 m — Distância da Capital em linha reta, 99 km — População urbana, 4.350 — População rural, 14.050 — População total, 18.400 — Densidade por km², 34,71 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,54 — Crescimento natural, 463.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 11.270 ha — Valor total da produção, 9.033:520$ — 1° Produto: uva: Área cultivada 2.705 ha; Produção, 32.460 ton; Valor, 6.167:400$ — 2° Produto: trigo: Área cultivada, 4.500 ha; Produção, 2.250 ton; Valor, 1.167:400$; — 3° Produto: milho: Área cultivada, 2.460 ha; Produção, 3.690 ton; Valor, 553:500$ — Produtos transformados (quantidade e valor), vinho: 15.690.870 lt, 5.021:078$; aguardente, 262.300 lt, 104:920$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 11.400; Ovinos, suínos e caprinos, 18.990 — Produção em quilos: de graxa, 22.430; de banha, 270.640.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 140 — Capital invertido, 14.042:900$ — Operários, 445 — Fôrça motriz em HP, 611,05 — Valor da produção, 15.911:272$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 198; Veículos a fôrça animada, 669.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 6; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 58; Colégios particulares, 4 — Associações de Classe, 3 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 2.367:629$; estadual, 841:218$; municipal, 1.123:519$ — Despesas com: Ensino e cultura, 82:913$ — Saúde pública, 33:754$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1875 — Origem de sua colonização por imigrantes franceses.
1890 — 11-10 — Constituição da comuna que foi instalada a 23 do mesmo mês e ano.
1892 — 24-11 — Organização da comuna e instalação de seu primeiro conselho municipal.
1900 — 31-10 — Elevação à categoria de município.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Era terciária, período plioceno; encontra-se basalto, rochas vulcânicas. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia do rio das Antas; rios e arroios: o das Antas, Barracão, Buratí, Marrecão, Feijó, Divisa, Grumatá e Alcântara; passos: os vários existentes pertencem todos ao rio das Antas. OROGRAFIA — Serra Geral, em continuação à Serra do Mar, com muitos montes e vales, todos povoados. CLIMA — Salubérrimo e as estações se sucedem distintamente, tal como acontece nos países do sul da Europa.

A CIDADE

A cidade de Bento Gonçalves está excelentemente localizada e possue um clima ameno e saüdável que a torna procurada nas estações de repouso e veraneio, sendo tôda iluminada à luz elétrica.



Bento Gonçalves — Praça da Tecchini.

A cidade tem bom aspecto, possuindo ótimos prédios, ruas largas, destacando-se a Marechal Deodoro, arborizada e macadamizada, onde se encontra o melhor comércio, os hotéis, a Prefeitura, etc., bem como uma avenida macadamizada que liga a urbs à gare da Viação Férrea, e quatro amplas praças.

Há na cidade uma bem organizada Biblioteca Pública, que, a-pesar-de sua novel existência, já dispõe de uma vasta coleção de obras científico-literárias, bem como literatura em geral, sendo Castro Alves o patrono.

A instrução pública tem tomado notável incremento nestes últimos anos. Bento Gonçalves conta atualmente com quatro grupos escolares, construção de alvenaria, tipo padrão, que são ótimos demonstrativos do esfôrço e interêsse com que a atual administração vem encarando o problema da educação e instrução da infância no meio rural.

Estes grupos que preenchem tôdas as finalidades exigidas pela Pedagogia Moderna, comportam, em média, a freqüência de 100 alunos, existindo, ainda, aulas municipais em número de 58, sendo mesmo a população escolar uma das mais intensas conhecidas.

Dentre os estabelecimentos escolares, destaca-se o Grupo Escolar "Bento Gonçalves", instalado em prédio moderno, com todos os requisitos necessários e com o corpo docente à altura do nosso progresso no ensino em geral.

O movimento cultural da cidade encontra-se em elevado grau de adiantamento, existindo o jornal "O Nordeste" que circula semanalmente; é o órgão destinado a realizar grandes causas pelo futuro de Bento Gonçalves.

O comércio como a indústria encontram-se no mais absoluto progresso, sendo inúmeras as casas comerciais e os estabelecimentos industriais. Entre aquelas figura o Hotel Zanoni, de propriedade do sr. Antenor Zanoni, situado em pleno coração da cidade e, mesmo, recomendado pelo Touring Clube do Brasil, secção do Rio Grande do Sul.

Dentre os estabelecimentos industriais destacam-se: a Adega Salton, fundada em 1910, de propriedade de Paulo Salton & Irmãos, de cuja firma fazem parte os industrialistas Paulo, Luiz, Angelo e José Salton, que, iniciando com um capital de 50 contos de réis, atingem hoje, a 900 contos de réis, sendo seus sócios atuais os srs. Paulo, Angelo, José e Antônio Salton. A referida adega, com uma produção de 1.500.000 litros anuais, exportou, em igual período, 1.300.000 litros de vinho para tôdas as praças do país, onde tem representantes. Também, a Cantina dos vinhos "Único", de propriedade dos srs. Lourenço e Horácio Mônaco, fundada em 1916, honra a indústria de Bento Gonçalves, com uma produção anual de 800.000 litros; exportam para todo o Brasil seus produtos — vinhos e champagne, de fermentação natural, marca "Único", sendo seus atuais proprietários os srs. Lourenço, Horácio, José e José Mário Mônaco. Uma outra cantina também se destaca pela qualidade de seus produtos e pela aceitação que tem em todos os mercados consumidores; é a do sr. Carlos Dreher.

Bento Gonçalves é atualmente administrado pelo operoso prefeito dr. João Dentice que muito tem se esforçado para dotar a cidade de um aparelhamento à altura de seus habitantes, tratando mesmo com especial carinho de todos os problemas que dizem respeito ao progresso e desenvolvimento, não só da cidade propriamente dita como da comuna.



Igreja Matriz.

B O M J E S Ú S

REGIÃO: Planalto Nordeste — LATITUDE S.: 28°40'10" — LONGITUDE W. Gr.: 50°26'25" — Limites: ao N.: Santa Catarina; a L.: Santa Catarina; ao S.: São Francisco de Paula e ao O.: Vacaria.

Dados geo-demográficos

Superfície, 4.460 km² — Altitude da sede, 1.000 m — Distância da Capital em linha reta, 163 km — População urbana, 1.940 — População rural, 10.260 — População total, 12.200 — Densidade por km², 2,73 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,36 — Crescimento natural, 204.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 671 ha — Valor total da produção, 217:250$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 290 ha; Produção, 580 ton; Valor, 87:000$ — 2° Produto: feijão: Área cultivada, 298 ha; Produção, 179 ton; Valor, 71:600$ — 3° Produto: alfafa: Área cultivada, 24 ha; Produção, 120 ton; Valor, 36:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor), vinho: 20.180 lt, 10:090$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 118.800; Ovinos, suínos e caprinos, 35.800 — Produção em quilos: de banha, 19.110; de lãs, 16.700.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 11 — Capital invertido, 86:000$ — Operários, 17 — Fôrça motriz em HP, 66 — Valor da produção, 142:830$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 23; Veículos a fôrça animada, 131.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 1; Colégios particulares, 26 — Associações de Classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 92:851$100; estad., 543:075$; municipal, 252:676$200 — Despesas com: Ensino e cultura, 27:768$ — Saúde pública, 1:033$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1915 — 16-7 — Teve sua origem de um desmembramento do município de Vacaria; por fôrça do decreto daquela data, de nº 2.000.

1923 — No combate das Contas, tombou um de seus mais ilustres administradores, major Antônio Inácio Velho.

1930 — Tomou notável impulso sob a administração do coronel Artur Ferreira Filho, que se salientou no preparo e execução da revolução de 1930.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No nordeste do Estado. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica e primitiva. HIDROGRAFIA — rios: Pelotas, Antas, Sant' Ana e outros; arroios: Governador, Cambará, Despraiado, etc. OROGRAFIA — Serra Geral, ramificação da Serra do Mar, com o nome de Ausentes; encontra-se no 3º distrito o cume mais alto, com 1200 metros acima do nível do mar, denominado Aparados. FLORA — Madeiras de lei, pinhos e madeiras brancas. CLIMA — Agradável, saudável e temperado, segundo as estações do ano.

A CIDADE

A cidade de Bom Jesús, sede da comuna de igual nome, está construída sôbre uma cochilha, dando, assim, um aspecto muito agradável à cidade.

As suas ruas, largas e alinhadas, bem como seus logradouros públicos arborizados, emprestam, também, a Bom Jesús uma fisionomia mais simpática. Dentre suas ruas principais, citam-se a Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros e General Osório, destacando-se, também, a praça Rio Branco.

A edificação da cidade, geralmente, é boa, com alguns prédios ótimos, tanto públicos como particulares. Entre êles destacam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz de Bom Jesús, o Banco do Rio Grande do Sul, etc.

Social e culturalmente falando, a cidade de Bom Jesús marcha num grande desenvolvimento. São inúmeras as entidades recreativas, cívico-militares, beneficientes, culturais, desportivas, de classe, etc., que ali funcionam com avultado número de associados.

A cidade, que é tôda iluminada à luz elétrica, possue, relativamente, uma bem movimentada vida urbana, contando com hotéis, cafés e bares, centros de diversões públicas, etc.

O ensino e a saúde pública, amparados eficientemente pelas autoridades responsáveis, vêm preenchendo satisfatòriamente suas finalidades, contando a cidade com várias escolas, públicas e particulares, e órgãos destinados a zelarem pelo bom estado sanitário de Bom Jesús.

A indústria e o comércio, ambos muito intensos, encontram-se numa fase de grande prosperidade, girando suas casas comerciais e industriais com avultados capitais.

Governa, atualmente, Bom Jesús, o seu dinâmico prefeito, capitão Gentil Machado de Godoi, que vem imprimindo na sua administração um ritmo de trabalho e progresso com os aplausos unânimes da coletividade de Bom Jesús.

C A Ç A P A V A

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 30°30'32" — LONGITUDE W. Gr.: 53°29'22" — LIMITES: ao N.: São Sepé e Cachoeira; a L.: Cachoeira e Encruzilhada; ao S.: Piratiní, Pinheiro Machado e Bagé; ao O. Lavras.

Dados geo-demográficos

Superfície, 4.690 km² — Altitude da sede, 450 m — Distância da Capital em linha reta, 225 km — População urbana, 3.400 — População rural, 24.700 — População total, 28.100 — Densidade por km², 5,99 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,83 — Crescimento natural, 365.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 4.843 ha — Valor total da produção, 3.410:300$ — 1º Produto: alpiste: Área cultivada, 1.132 ha; Produção, 1.019 ton; Valor, 1.109:000$ — 2º Produto: feijão: Área cultivada, 804 ha; Produção, 1.045 ton; Valor, 522:500$ — 3º Produto: alfafa: Área cultivada, 207 ha; Produção: 1.656 ton; Valor, 496:800$ — Produtos transformados (quantidade e valor), vinho: 100.500 lt, 60:300$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 237.920; Ovinos, suínos e caprinos, 156.250 — Produção em quilos: de graxa, 27.670; de banha, 63.600; de lãs, 199.280.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 25 — Capital invertido, 340:500$ — Operários, 41 — Fôrça motriz em HP, 51,75 — Valor da produção, 577:637$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 97; Veículos a fôrça animada, 786.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2: Aulas estaduais, 3; Aulas municipais, 19; Colégios particulares, 18 — Hospitais, 1 — Sociedades Beneficientes, 1 — Associações de Classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 211:720$900; estadual, 865:152$100; municipal, 492:504$404 — Despesas com: Ensino e cultura, 62:452$ — Saúde pública, 10:895$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1800 — Início do povoamento de Caçapava que foi elevada à categoria de vila a 25 de outubro de 1831.

1834 — 19-10 — Instalação da comuna, sendo nesse mesmo dia compromissado o primeiro presidente da Câmara Municipal.

1885 — 9-12 — Elevação da vila de Caçapava à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação primitiva até a quaternária. HIDROGRAFIA — Pertence às bacias do Jacuí e do Camaquã; rios: Camaquã, Irapuá e Santa Bárbara; arroios: Durasnal, Vargas, Sebastião Alves, Seival, etc. OROGRAFIA — Serra do Herval com as denominações de serras de Caçapava, Henrique Quintana, Santa Bárbara, etc., e com os cêrros da Lagoa, Vigia, Martins e Irapuá. MINERALOGIA — Possue Caçapava jazidas de ouro, ferro, bem como cobre, carvão, caolim, mármore e outros minerais, sendo o carvão considerado bom. CLIMA — Inconstantíssimo, porém, saudável e a temperatura média anual é de 16,45 graus centígrados.

A CIDADE

A cidade de Caçapava, sede do município e da comarca do mesmo nome, está situada em belíssima posição, ponto estratégico de primeira ordem, e apresenta agradável aspecto, possuindo excelentes vias públicas e ótimas praças, destacando-se entre aquelas: 15 de Novembro, 7 de Setembro, General Osório, Júlio de Castilhos e entre estas: a Marechal Floriano, a mais central, e tôda arborizada.

Entre as boas edificações, salientam-se os edifícios da Prefeitura Municipal, que foi, também, a sede do govêrno da República Riograndense.

A vida social e cultural da cidade é representada por várias entidades recreativas e literárias, bem como desportivas e cívico-militares, entre as quais o Clube União Caçapavana, com prédio próprio e fundado em 1930, possuindo uma excelente biblioteca com cêrca de 1500 volumes; Clube Recreativo 13 de Maio; Caçapava Futebol Clube e 13 de Julho Futebol Clube; Associação Rural, fundada em 25 de setembro de 1935; Associação Comercial, fundada em 19 de setembro de 1936; Aéro Clube de Caçapava, fundado em 20 de maio de 1924, com elevada matrícula de sócios; etc. Circula, também, na cidade o semanário "Fôlha da Semana".

Tanto o comércio como a indústria têm-se desenvolvido nestes últimos tempos, alcançando um grau de progresso elevado. Existem três engenhos de beneficiar arroz, duas fábricas de café, uma de mosaicos e diversas caieiras, tôdas em pleno funcionamento.



Caçapava — Vista parcial.

A iluminação da cidade é explorada pela Prefeitura Municipal, sendo a energia fornecida por uma usina hidro-elétrica, de propriedade da municipalidade, localizada a nove quilômetros, no arroio do Salso.

O estado sanitário de Caçapava é bom, merecendo os cuidados dos poderes competentes, tanto que atualmente está sendo instalado o Pôsto de Higiene do Estado. Operam na cidade os Bancos do Rio Grande do Sul e da Província, aquele com crédito rural e hipotecário, localizado à rua 7 de Setembro; e êste em prédio próprio, à rua 15 de Novembro, esquina Benjamin Constant.

A instrução pública tem merecido, tanto por parte do Estado como da comuna, os mais desvelados cuidados, pois funcionam não só na cidade como, também, em todo o município, 37 aulas municipais, com 42 professores e com uma freqüência de 1611 alunos de ambos os sexos. Existem dois grupos escolares estaduais, funcionando na cidade o Grupo Escolar "Dinarte Ribeiro", fundado em 19 de junho de 1918 e que obedece, atualmente, à direção da professora Maria Lygia Saldanha, possuindo uma matrícula de 431 alunos de ambos os sexos. Funcionam, também, anexos ao grupo, a Caixa Escolar, a Merenda Escolar, um Museu Escolar, uma Biblioteca de alunos e um Clube Agrícola.

Caçapava é, atualmente, administrada pela figura dinâmica e operosa do dr. João Faria de Oliveira Lima, que, a-pesar-de ser santanense de nascimento, o é, também, caçapavano de coração, pois muito tem colaborado para o engrandecimento, não só da urbs propriamente dita, como também para a grandeza da comuna, a qual vem dirigindo proficuamente.



Edifícios do G. E. "Dinarte Ribeiro" e Clube União Caçapavana.

C A C H O E I R A

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 30°02'45" — LONGITUDE W. Gr.: 53°31'35" — LIMITES: ao N.: Júlio de Castilhos e Sobradinho; ao L.: Candelária, Rio Pardo e Encruzilhada; ao S.: Caçapava; a O.: São Sepé e Santa Maria.

Dados geo-demográficos

Superfície, 6.157 km² — Altitude da sede, 60 m — Distância da Capital em linha reta, 161 km — População urbana, 17.700 — População rural, 67.100 — População total, 84.800 — Densidade por km², 13,77 — Percentagem sôbre a população do Estado, 2,53 — Crescimento natural, 1.241.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Area cultivada, 18.285 ha — Valor total da produção, 14.977:640$ — 1° Produto, fumo: Área cultivada, 607 ha — Produção, 728 ton; Valor, 2.184:000$ — 3° Produto: batata inglesa: Área cultivada, 643 ha; Produção, 5.184 ton; Valor, 1.296:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor), vinho: 20.810 lt, 10:405$000; aguardente: 170.200 lt, 86:100$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

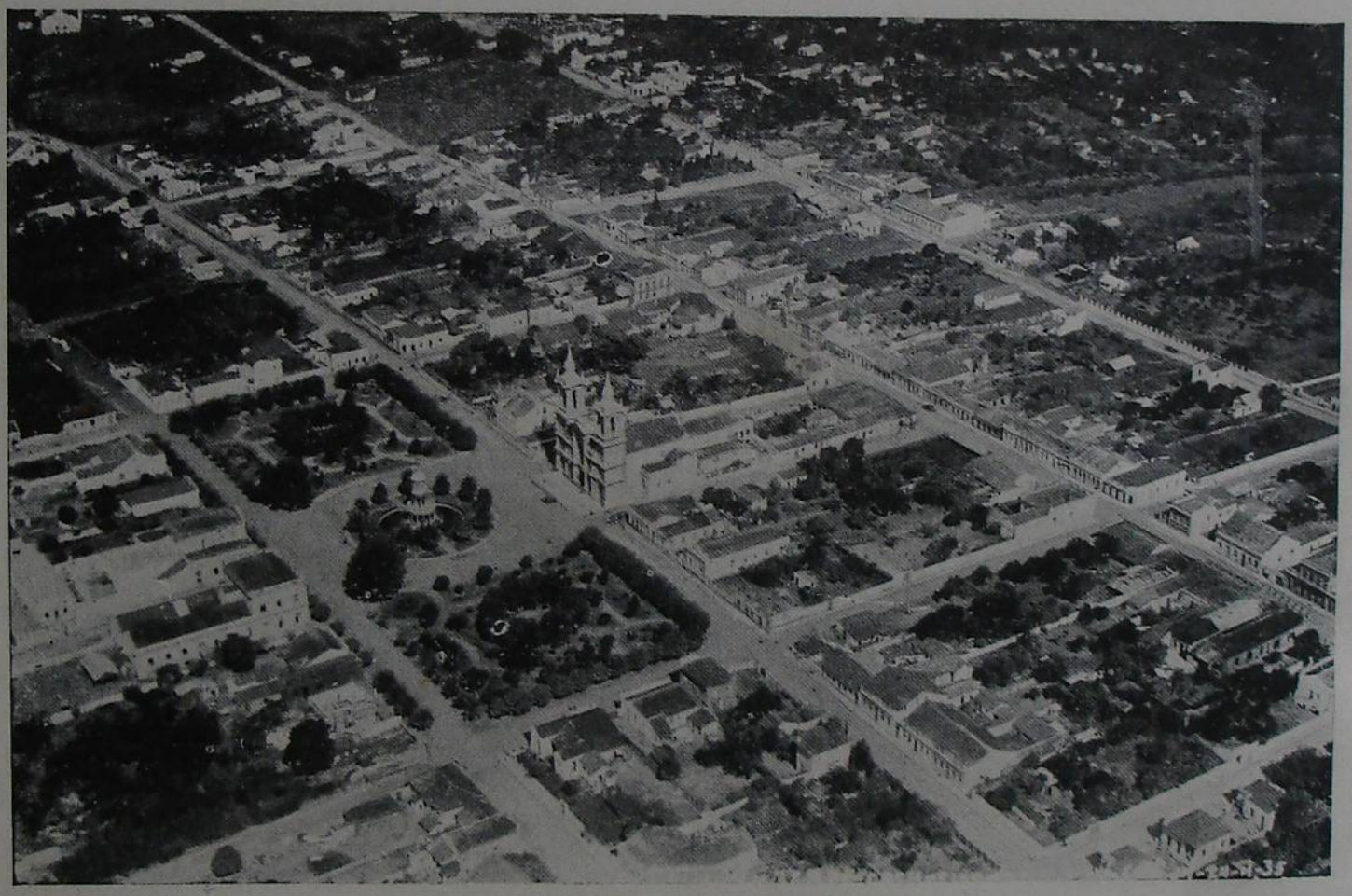
Bovinos, eqüinos e asininos, 263.850; Ovinos, suínos e caprinos, 150.970 — Produção em quilos: de graxa, 73.680; de banha, 285.220; de lãs, 100.200.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 272 — Capital investido, 13.736:100$ — Operários, 1.101 — Fôrça motriz em HP, 1.544 — Valor da produção, 28.515:926$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 518; Veículos a fôrça animada, 333.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 7; Aulas estaduais, 15; Aulas municipais, 78; Colégios particulares, 33; Aulas regimentais, 2 — Hospitais, 6 — Sociedades Beneficientes, 2 — Associações de classe, 5 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 1.483:998$300; estad., 2.560:443$800; municipal, 2.246:149$900 Despesas com: Ensino e cultura: .... 232:995$ — Saúde pública, 82:168$.



VISTA AÉREA DE CACHOEIRA

Foto do 3.º Regimento de Aviação.

SÍNTESE HISTÓRICA

1750 — Data do início da colonização do município.
1769 — Criação da capela curada, elevada à freguesia em 1779.
1819 — 26-4 — Elevada à categoria de vila, constituindo-se em município, e instalado em 5-8-1820.
1859 — 15-12 — Elevada à categoria de cidade, inaugurada em 10-10-1860.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Pertence à idade permiana e talvez ao período de transição do carbonífero para o permiano. HIDROGRAFIA — rios: Jacuí, Vacacaí-Mirim, Vacacaí-Grande, Irapuá, etc.; arroios: Gringa, Tenente, Despraiado, Porteirinha, Só, Bonito, Forqueta, Caldeirões, etc. OROGRAFIA — Serra Geral com as denominações de Agudo, Trombudo, Bonito, Formoso; serras: Encruzilhada e Caçapava com o nome de Sant'Aninha. CLIMA — Temperado e saudável.

A CIDADE

A cidade de Cachoeira, sede da comuna e da comarca de seu nome, está edificada sôbre uma meia colina, sendo, por êsse motivo, a cidade constituída de parte alta e parte baixa, ambas bastante habitadas.

Cachoeira, que é tôda iluminada à luz elétrica e possue excelente serviço de saneamento, conta com amplas ruas, tôdas aborizadas e inúmeros logradouros públicos, todos bem ajardinados, sendo a maioria de suas vias públicas bem calçadas, còm os passeios todos de lage e mosaicos, apresentando o aspecto dos grandes centros.

Dentre as ruas principais, destaca-se a 7 de Setembro, onde se encontra o melhor comércio, cafés, centros de diversões, cartórios, consultórios, etc., sendo mesmo muito movimentada e onde está, finalmente, tôda a vida social da urbs. Das praças, destaca-se, em primeiro plano, a José Bonifácio, lindamente ajardinada e para onde converge tôda a população, em seu passeio predileto.

A vida social de Cachoeira bem como a cultural desfruta um lugar de projeção entre as demais cidades do Rio Grande do Sul, sendo mesmo elevado o seu nivel nesse sentido.

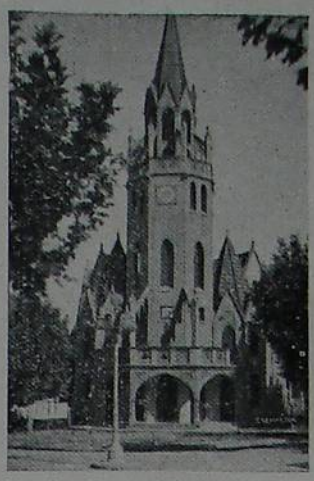
Entre as entidades associativas, recreativas, de classe, culturais e cívico-militares, contam-se o Clube Comercial, onde se reúne a elite cachoeirense; Sociedade Concórdia, fundada em 4 de agôsto de 1896, mantendo ininterruptamente uma secção de desportos, tais como tenis, basket-ball, voley-ball e atletismo em geral, possuindo belo patrimônio e uma matrícula de mais de 600 associados; União de Moços Católicos, com sede social em edifício próprio e com elevado número de sócios, atualmente sob a orientação do sr. Achyles Lima Figueiredo; Associação Rural de Cachoeira, fundada em 1932, pela iniciativa de um grupo de denodados criadores, dedicada exclusivamente à defesa dos interêsses de seus associados, e atualmente sob a direção do dr. Carlos Paranhos de Araújo; Clube Familiar, clubes de futebol, etc.



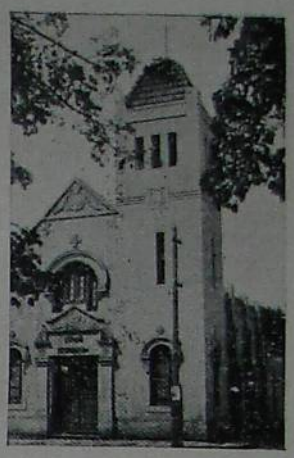
Igreja Matriz.



Igreja S. Antônio, dos PP. Redentoristas.



Igreja Evangélica.



Igreja Metodista.

IGREJAS EM CACHOEIRA

Possue três excelentes bibliotecas anexas ao Clube Comercial, Sociedade Concórdia, à União de Moços Católicos e à Escola Complementar "João Neves da Fontoura". São, também, editados três jornais: o "Jornal do Povo", às quintas-feiras e domingos; o "Comércio", às quartas-feiras; e o "Cachoeira-Jornal", aos sábados.

A instrução e a saúde pública de Cachoeira primam pela excelência de seus misteres. Existem, atualmente, uma escola federal, 27 escolas estaduais e 79 escolas municipais, além de onze particulares. A freqüência escolar é de 10.000 alunos, mais ou menos.

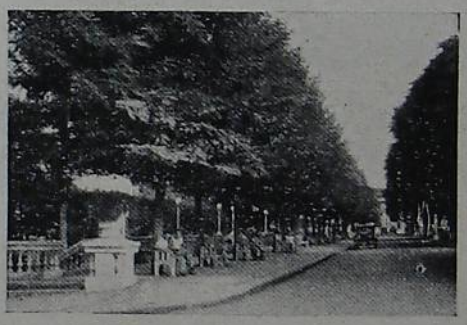
Na cidade existe um grande Hospital de Caridade, modelarmente instalado. Além disso, existe a Policlínica Municipal, para assistência médica aos desamparados da fortuna, onde são atendidas diàriamente centenas de pessoas paupérrimas.

Dentre os estabelecimentos de ensino destacam-se a Escola Complementar "João Neves da Fontoura", fundada em 21 de maio de 1929, obedecendo atualmente à profícua direção do professor Boris Seligmann, auxiliado por uma plêiade de distintas e ucadoras, tôdas diplomadas. Possue êste estabelecimento dois bem organizados coros orfeônicos, auditório, uma biblioteca pedagógica e biblioteca infantil, um Círculo de Pais e Mestres, um Grêmio, uma Liga da Bondade, um Museu, um Jornal interno, a "Hora do Brasil", irradiação simulada; a Sopa Escolar, um Clube Pan-Americano. Dentre em breve, graças à fecunda administração do interventor federal, general Cordeiro de Farias, e à ação dinâmica do secretário da Educação, dr. Coelho de Souza, a Escola Complementar "João Neves da Fontoura" estará funcionando em edifício próprio, bem como o seu Curso de Aplicação, com capacidade para 750 alunos.

Um outro estabelecimento de ensino que também honra Cachoeira é o Grupo Escolar "Cândida Fortes Brandão", fundado em 19 de maio de 1930, sob a direção atual da culta professora d. Georgina Neri Pereira, eficazmente auxiliada por um grupo de distintas professoras, possuindo uma Caixa Escolar, uma Cooperativa, Sopa Escolar, uma Biblioteca Infantil e um Clube Agrícola.

Entre os estabelecimentos de ensino particular, figura o Ginásio Imaculada Conceição, dirigido por Irmãs da Congregação de Santa Catarina, fundado em 20 de janeiro de 1921, situado no bairro de Santo Antônio, um dos pontos mais aprazíveis da cidade. Esse estabelecimento conta com a matrícula de 300 alunas e obedece à direção da Rev. Madre Maria Winefrida, da Congregação de Santa Catarina, sendo o corpo docente constituído por Irmãs da referida Congregação.

Existe, ainda, em Cachoeira, o Convento de Santo Antônio, mantido pela Congregação dos Padres Missionários Redentoristas, junto à igreja daquele santo. A atividade principal dos Padres Redentoristas consiste em prestar auxílio religioso às paróquias, por meio de missões, novenas, tríduos, retiros e outras prègações. Essa Congregação, fundada em 9 de novembro de 1732, em Nápoles, Itália, pelo bispo e doutor da Igreja, Santo Afonso de Liguori, enviou seus primeiros membros ao Brasil, no fim do século passado, em 1894, tendo chegado ao nosso Estado em 1920. Durante êsse período, a Congregação já formou 45 padres nacionais, dos quais 7 são do Rio Grande do Sul, e prepara outros novos, que ainda fazem seus estudos no Seminário preparatório de Ijuí, e nos Seminários Maior e Menor, no Estado de São Paulo.



Praça José Bonifácio.

A indústria compreende, principalmente, vários engenhos de beneficiar o arroz, produto básico da economia cachoeirense, destacando-se entre êles os das firmas: Reinaldo Roesch & Cia. Ltda., denominado "Engenho Brazil", com um capital realizado de 4.000:000$000, com um movimento, em 1940, de 500.000 sacos; Santos, Raduenz & Cia. Ltda., denominado "Engenho São João", fundado em 1938 pelos srs. João C. Santos e João Raduenz, sendo mesmo o engenho de maior capacidade de beneficiamento com instalações genuinamente riograndenses, tendo tido um movimento, em 1939, de 266.000 sacos, e, em 1941, de 200.000 sacos; Fuerstenau, Gressler & Cia. Ltda., fundado em 1928 pelo sr. Frederico Gressler, sendo em 1930 constituída a atual firma, realizando um movimento, nos anos de 1930/1940, de 120.000 sacos; Willy Tesch, fundado em 1932 pelo sr. Willy Tesch, seu atual proprietário, com um movimento, de 1939/40, de 180.000 sacos, e muitos outros.

Por sua vez, o comércio é importante, encontrando-se estabelecimentos dos mais variados ramos de negócios, entre os quais se destacam as seguintes firmas: Eduardo Werlang & Cia., casa fundada em 1931, pelo sr. Eduardo Werlang, da qual são sócios os srs. Jacinto Dias e Francisco José Werlang, situada em edifício próprio, à rua Venâncio Aires, 278, e que se dedicam ao ramo de automóveis, sendo os agentes exclusivos do "Chevrolet"; T. C. Burmeister, estabelecimento fundado em 1934 pelo sr. Theobaldo Carlos Burmeister, localizado em edifício próprio, à rua Saldanha Marinho, 1344, e que se dedica ao ramo de representações de máquinas agrícolas em geral, automóveis "Pontiac" e caminhões "G.M.G.", lubrificantes e combustíveis, tendo mesmo um pôsto de serviço para automóveis, sendo ainda representante da Cia. de Fumos Santa Cruz; e, finalmente, a firma Alaggio & Cia., casa fundada em 1889 pelo sr. Biaggio Alaggio que passou a direção ao seu filho sr. Savério Alaggio que edificou o prédio onde, ainda hoje, funciona a referida firma que, atualmente, gira sob a direção do sr. Nicolau Alaggio, em sociedade com o sr. Júlio Castagnino. Êsse estabelecimento, localizado à rua 7 de Setembro, dedica-se aos ramos de ferragens em geral, maquinária agrícola, motores, rádios, refrigeradores, máquinas de escrever, tintas, louças, miudezas, cristais, artigos para presentes, etc. Além dessas, existem muitas outras casas comerciais em franca prosperidade que tornam Cachoeira uma das cidades, comercialmente falando, de grande projeção.

A-par do desenvolvimento tanto comercial como industrial, operam na cidade vários estabelecimentos bancários, entre os quais o Banco da Província, em edifício próprio, à rua 7 de Setembro; o Banco Nacional do Comércio, também, em edifício próprio, à rua 7 de Setembro, e gerenciado pelo sr. Nicolau Salzano; o Banco Industrial e Comercial do Sul Ltda., à rua 7 de Setembro, sob a gerência do sr. Maximiliano Finkler; e o Banco Agrícola Mercantil Ltda., também, funcionando à rua 7 de Setembro, sob a direção do sr. Emílio Tietzmann.

Encontra-se atualmente, à frente dos destinos de Cachoeira o operoso e dinâmico prefeito sr. Cyro da Cunha Carlos, que não tem medido sacrifícios para que Cachoeira mantenha, com justa razão, o cognome de "Rainha do Jacuí" agraciado não só pelos seus habitantes como pela opinião unânime do Rio Grande do Sul.

Itinerário de Cachoeira à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 227 km (Até Rio Pardo 67 km, Barreto 156 km). VAPOR 500 km.
A RIO PARDO: TREM 67 km. VAPOR 230 km.
A CANDELÁRIA: RODOVIA 67 m.
A SOBRADINHO: RODOVIA 99 km.
A JÚLIO DE CASTILHOS: TREM 188 km (Até Santa Maria 115 km).
A SANTA MARIA: TREM 115 km.
A SÃO SEPÉ: RODOVIA 90 km.
A CAÇAPAVA: RODOVIA 107 km.
A ENCRUZILHADA: RODOVIA 100 km.



Hospital de Caridade.



Ginásio Imaculada Conceição.



Edifício Burmeister.

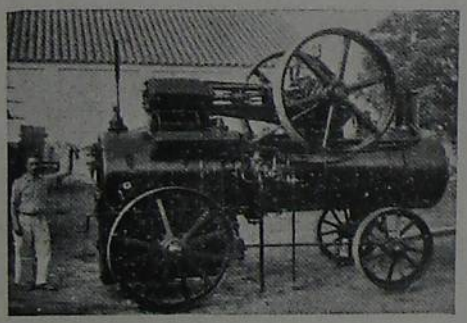
EDIFÍCIOS EM CACHOEIRA



Um dos pontos caraterísticos de embarque de arroz, a principal riqueza da comuna.

A INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MÁQUINAS

O QUE REPRESENTA A FIRMA MERNACK & CIA., DE CACHOEIRA, NO PARQUE INDUSTRIAL RIOGRANDENSE



Um dos modernos locomóveis da firma.

Data de 1.912, pode-se dizer, a origem da indústria de máquinas em Cachoeira, exatamente, quando o dinamismo de um homem de larga visão, o sr. Otto Mernack, instalou nessa cidade uma oficina mecânica que mais tarde viria honrar, sôbremaneira, a indústria brasileira de máquinas.

Essa humilde oficina mecânica, assim iniciada, graças ao esfôrço, ao dinamismo e à inteligência de seu fundador, dentro de poucos anos, viu-se ampliada com uma fundição de ferro e outros metais, assim como caldeiraria, pois a ela estavam fadados dias de grande progresso no seu ramo.

E, graças à pertinácia de Otto Mernack, Cachoeira, atualmente, tem, em seu já progressista parque industrial, um estabelecimento cujo nome já ultrapassou, mesmo, as fronteiras de nosso Estado, pois a firma Mernack & Cia. figura hoje entre os grandes industriais, honrando manufatura de máquinas em nosso país.

Em 1.919, um outro homem, também operoso, veio trazer a sua capacidade de trabalho, associando-se assim, ao fundador e constituindo, então, a firma Otto Mernack & Cia. Trata-se do sr. Leopoldo Dill que, ainda hoje, é seu diretor gerente.

O impulso dado à então nova casa industrial foi simplesmente assombroso, e novos horizontes foram rasgados. E, a então oficina mecânica começou a impor-se entre as mais importantes congêneres.

Em 1.935, desaparece, o fundador da emprêsa que já trabalhava em larga escala, e a firma passou, então, a girar sob a razão social de Mernack & Cia., constituída pelo sr. Leopoldo Dill, como sócio gerente, e a exma. sra. viúva Otto Mernack. Mais tarde, entram também, como dirigentes dos negócios internos e externos da firma, os srs. Curt e Ernesto Mernack e Reynaldo Dill, filhos dos sócios solidários.

Foi então que as atividades do estabelecimento tomaram um novo ritmo de progresso e de adiantamento, impondo-se definitivamente no conceito de suas demais congêneres, unânimes tôdas em elogiar a superioridade do maquinário por êle construído.

Nessa marcha, procurando cada vez mais aperfeiçoar os produtos de sua fabricação, máquinas que podem ser equiparadas a similares de fabricação estrangeira, conseguiu já a firma Mernack & Cia. apresentar um locomóvel que mereceu os aplausos de todos aqueles que bem reconhecem a importância que isso representa não só na grandeza do parque industrial de Cachoeira, mas do Rio Grande do Sul e, quiçá, do Brasil.

Nada menos de 91 locomóveis de 10 tipos diferentes, desde 5 até 60 cavalos, foram construídos até hoje, pela fábrica Mernack & Cia., sendo, no entretanto, digno de nota a produção efetuada nos anos 1.938/1.939, quando, dentro do espaço de 12 meses, foram fabricadas nada menos de 24 máquinas completamente equipadas.

Eleva-se a 729 o número de bombas centrífugas, de diversos tamanhos também, fabricadas nestas oficinas. Enfim, todo o esforço dispendido pelos seus denodados empreendedores está, hoje, perfeitamente compensado, diante dos magníficos e brilhantes resultados conquistados.

Eis aí, em linhas gerais, o que representa a Firma Mernack & Cia., manufatora de máquinas, no já grande parque industrial do Rio Grande do Sul, honrando, como já afirmamos, sobremaneira o progresso de Cachoeira.

C A Í

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°34'50" — LONGITUDE W. Gr.: 51°25'54" — LIMITES: ao N.: Farroupilha e Caxias; a L.: São Leopoldo e Taquara; ao S.: Canoas; ao O.: Montenegro.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.075 km² — Altitude da sede, 28 m — Distância da Capital em linha reta, 49 km — População urbana, 3.000 — População rural, 36.600 — População total, 39.600 — Densidade por km², 36,83 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1,18 — Crescimento natural, 712.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 17.964 ha — Valor total da produção, 10.893:500$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 9.518 ha; Produção, 19.036 ton; Valor, 4.759:000$ — 2° Produto: alfafa: Área cultivada, 776 ha; Produção, 7.760 ton; Valor, 1.940:000$000 — 3° Produto: mandioca: Área cultivada, 2.000 ha; Produção, 12.000 ton; Valor, 960:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor), vinho: 207.720 lt, 66:471$000; aguardente: 97.100 lt, 33:840$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 45.800; Ovinos, suínos e caprinos, 85.380 — Produção em quilos: de graxa, 60.520; de banha, 699.940.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 161 — Capital invertido, 4.474:770$ — Operários, 554 — Fôrça motriz em HP, 517,50 — Valor da produção, 9.982:500$000 — Meios de transporte: Veículos a motor, 149; Veículos a fôrça animada, 1.056.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 8; Aulas estaduais, 10; Aulas municipais, 58; Colégios particulares, 24 — Asilos e recolhimentos, 1 — Instituições de Caridade, 3 — Associações de Classe, 1 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 687:190$; estadual, 1.206:210$; municipal, 1.016:570$ — Despesas com: Ensino e cultura, 156:040$ — Saúde pública, 43:484$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1827 — Início de sua colonização.
1875 — 10-5 — Elevado a município por lei provincial.
1877 — 10-5 — Instalação da comuna.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Vales dos rios Caí e Sinos, na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação terciária. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Caí, Sinos, Cadeia, Arroio Grande, Benito, Macacos, Cervos, Forqueta, Ferreiro, Carás, Escadinha, Cantador, Jacaré, Amoras e muitos outros; lagoas: Jacaré, Pescaria e Fernandes. OROGRAFIA — Serra Geral, com as seguintes denominações: Serra da Rapôsa, Nova Petrópolis, Ferrabrás, Dois Irmãos, etc.; morros: Vigia, Marianinha, Batatas, Canastra, etc. CLIMA — Ameno e temperado.

A CIDADE

Caí é uma cidade pitoresca. Tôdas as suas ruas principais são calçadas, havendo algumas macadamizadas, e contando com a praça João Pessoa, cuidadosamente ajardinada, existindo em seu centro um monumento em comemoração ao primeiro centenário da nossa Independência. Anexa a esta praça existe, também, uma de esporte, muito freqüentada.

A edificação é excelente, existindo ótimos prédios, entre êles o da Prefeitura Municipal, a igreja matriz, a igreja evangélica, a usina elétrica municipal, o forum, etc., além de inúmeras casas particulares.

A instrução é ministrada por várias escolas, destacando-se o Grupo Escolar "Felipe Camarão", com elevada matrícula de alunos, sob a direção da distinta educadora d. Hilda Formes; e o Colégio Santo Antônio, das Irmãs da Ordem de Santa Catarina, sob a direção da Irmã Rosa, fundado em 12-2-1910.

A vida social e cultural do Caí, grandemente desenvolvida, conta com várias sociedades recreativas, despertivas, classistas e cívico-militares, como o Tiro de Guerra 471, fundado em 3-6-1919. A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, fornecida pela Usina "Maurício Cardoso", de propriedade da comuna, existindo ainda um cinema. Conta, também, Caí com uma Biblioteca Municipal que diàriamente atende a avultado número de consulentes.



Majestosa ponte sôbre o rio Caí.

O estado sanitário, em geral, é bom, pois, em colaboração com as autoridades especialmente incumbidas de zelar pela saúde pública, a Prefeitura vem envidando todos os esforços possíveis, com o intuito de exterminar os males que porventura existam. Conta, ainda, Caí com várias entidades beneficientes, destacando-se a SVAN — Sociedade Vicentina de Auxílio aos Necessitados.

É intenso o movimento comercial, tanto o exportador como o importador, bem assim como o industrial, encontrando-se êste setor num adiantado grau de desenvolvimento.

Atualmente acha-se à frente dos destinos de Caí o dinâmico prefeito dr. Egydio Michaelsen, que tem envidado o maior de seus esforços para que a comuna que, em bora hora, lhe foi confiada, siga trilhando a senda do progresso em passos agigantados, como até agora o tem feito.



Jardim de Infância do G. E. "Felipe Camarão".

C A M A Q U Ã

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 30°59'00" — LONGITUDE W. Gr.: 52°02'24" — LIMITES: ao N.: São Jerônimo e Tapes; a L.: Tapes e Lagoa dos Patos; ao S.: Lagoa dos Patos e São Lourenço; a O.: Cangussú e Encruzilhada.

Dados geo-demográficos

Superfície, 2.080 km² — Altitude da sede, 38 m — Distância da Capital em linha reta, 107 km — População urbana, 2.530 — População rural, 25.870 — População total, 28.400 — Densidade por km², 9,53 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,84 — Crescimento natural, 197.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 28.963 ha — Valor total da produção, 18.184:240$ — 1° Produto: arroz: Área cultivada, 11.714 ha — Produção, 28.114 ton; Valor ..... 11.526:740$ — 2° Produto: milho: Área cultivada, 13.500 ha; Produção, 16.200 ton; Valor, 4.050:000$ — 3° Produto: feijão: Área cultivada, 1.770 ha; Produção, 1.416 ton; Valor, 708:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor), aguardente: 121.000 lt, 60:500$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 87.060; Ovinos, suínos e caprinos, 50.290 — Produção em quilos: de graxa, 15.690; de banha, 39.540; de lãs, 39.180.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fabricas e oficinas, 98 — Capital invertido, 1.166:000$ — Operários, 169 — Fôrça motriz em HP, 296 — Valor da produção, 2.933:100$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 66; Veículos a fôrça animada, 685.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 3; Aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 24; Colégios particulares, 10 — Hospitais, 1 — Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 157:006$900; estad., 745:736$300; municipal, 454:365$100 — Despesas com: Ensino e cultura, 47:166$ — Saúde pública, 3:133$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1815 — Data do início da colonização da comuna.
1851 — 8-5 — Fundação da atual cidade à margem esquerda do arroio Duro.
1854 — 14-11 — Elevada à categoria de paróquia.
1884 — 19-4 — Elevada a vila por lei provincial nº 369, e instalada em 7-10-1865.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações posteriores. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Camaquã, Velhaco, Duro, Jacaré, Medina, Bamburral, Quebraguampa, etc.; passos: Mendonça, Pacheco, Maria Gomes, Velhaco; lagoas: dos Patos, Divisa, Pinheiro, Guaraxaim; banhados: Casa Grande, Butiá e Colégio. OROGRAFIA — Serra do Herval com as denominações de Grande, Pedra Branca, Tigre, Vigia, etc. CLIMA — Ameno e temperado, e a temperatura média anual é de 18,90 graus centígrados.

A CIDADE

Camaquã, sede do município e da comarca do mesmo nome, está situada parte sôbre uma meia colina e parte num planalto, apresentando em geral um bonito aspecto.

Em virtude de sua construção, a cidade está dividida em duas partes distintas: a cidade alta e a cidade baixa, estendendo-se esta última parte até o arroio Duro, onde existe uma magnífica ponte metálica, mandada construir pelo govêrno do Estado.

A sua edificação é boa em geral, possuindo vários prédios públicos e particulares excelentes, entre os quais se destacam a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, Clube Comercial, Banco do Rio Grande do Sul, etc.

As suas ruas são bem cuidadas e alinhadas, destacando-se entre as principais: Bento Gonçalves, 7 de Setembro, Pinheiro Machado, Marechal Floriano, 15 de Novembro, General Osório e outras. Por sua vez, os seus logradouros públicos são todos ajardinados, entre as quais as Praças 15 de Novembro, General Osório e Santa Cruz.

O meio cultural e social de Camaquã encontra-se em pleno desenvolvimento, existindo na cidade grande número de entidades recreativas, desportivas, culturais, cívico-militares, de classe, etc.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, contando, também, com numerosos bares, cafés, cinema, etc.

A instrução e a saúde pública têm merecido das autoridades responsáveis os mais desvelados cuidados, existindo, mesmo, na cidade várias escolas públicas e particulares, tôdas em pleno funcionamento, com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos.

Por sua vez, a saúde pública vem sendo amparada eficazmente pelos poderes competentes, sendo em geral bom o estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio acham-se na mais franca prosperidade, sendo inúmeras as casas comerciais e industriais que operam em Camaquã, tôdas trabalhando com avultados bens invertidos.

Os seus destinos estão entregues, atualmente, ao seu dinâmico prefeito, sr. major Octaviano Paixão Coelho que vem imprimindo a Camaquã um ritmo maravilhoso de progresso em todos os seus setores econômico, financeiro e social.

Itinerário de Camaquã à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: RODOVIA 120 km (Até Tapes 40 km, Guaíba 80 km). COMBINADO (Rodovia até Pacheca, Avião 140 km).
A TAPES: RODOVIA 40 km.
A SÃO JERÔNIMO: RODOVIA 176 km.
A ENCRUZILHADA: RODOVIA 106 km.
A CANGUSSÚ: RODOVIA 169 km.
A SÃO LOURENÇO: RODOVIA 90 km.

CANDELÁRIA

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°33'39" — LONGITUDE W. Gr.: 56°13'16" — LIMITES: ao N.: Sobradinho; ao S.: Rio Pardo; a L.: Santa Cruz; ao O.: Cachoeira.

Dados geo-demográficos

Superfície, 798 km² — Altitude da sede, 160 m — Distância da Capital em linha reta, 153 km — População urbana 1.620 — População rural, 17 380 — População total, 19.000 — Densidade por km², 23,80 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,56 — Crescimento natural, 204.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 11.678 ha — Valor total da produção, 11.538:840$ — 1º Produto: fumo: Área cultivada, 2.260 ha; Produção, 2.938 ton; Valor, 6.263:600$ — 2º Produto: milho: Área cultivada, 6.200 ha; Produção, 11.160 ton; Valor, 2.232:000$ — 3º Produto: arroz: Área cultivada, 1931 ha — Produção, 5.792 ton; Valor, 2.201:340$000 — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 10.320 lt; 5:160$000 — aguardente, 17.040 lt; 6:816$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 24.350 Ovinos, suínos e caprinos, 28.610 — Produção em quilos: de graxa, 11.500 de banha, 98.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 82 — Capital invertido, 1.200:300$ — Operários, 146 — Fôrça motriz em HP, 344,75 — Valor da produção, 3.320:845$000 — Meios de transporte: Veículos a motor, 82; Veículos a fôrça animada, 972.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 3; Aulas estaduais, 4; Aulas municipais, 25; Colégios particulares, 10 — Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 257:494$000, estadual, 651:422$; municipal, 352:376$ — Despesas com: Ensino e cultura, 68:271$000; Saúde pública, 18:373$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1876 — 9-5 — Data do início do povoamento da atual comuna.
1925 — 7-7 — Elevação à categoria de município autônomo.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: o Pardo e o Botucaraí. OROGRAFIA — Serra Geral com as denominações de Botucaraí, Boa Vista e Palmital. CLIMA — Ameno e temperado.

A CIDADE

A cidade de Candelária, sede da comuna do mesmo nome, apresenta um aspecto agradável.

A edificação é em geral boa, contando com ótimos prédios, entre as quais a Prefeitura Municipal, a igreja matriz de Candelária, o templo protestante, o templo luterano sinodal, o grupo escolar, etc. As suas ruas e logradouros públicos são amplos e, no geral, arborizados, sendo a cidade tôda iluminada à luz elétrica.

O ciclo social e cultural candelariense é bastante adiantado, existindo grande número de entidades recreativas, desportivas, cívico-militares, culturais; possue uma magnífica biblioteca, etc. Possue, ainda, alguns centros de diversões, cinemas, teatros, etc.

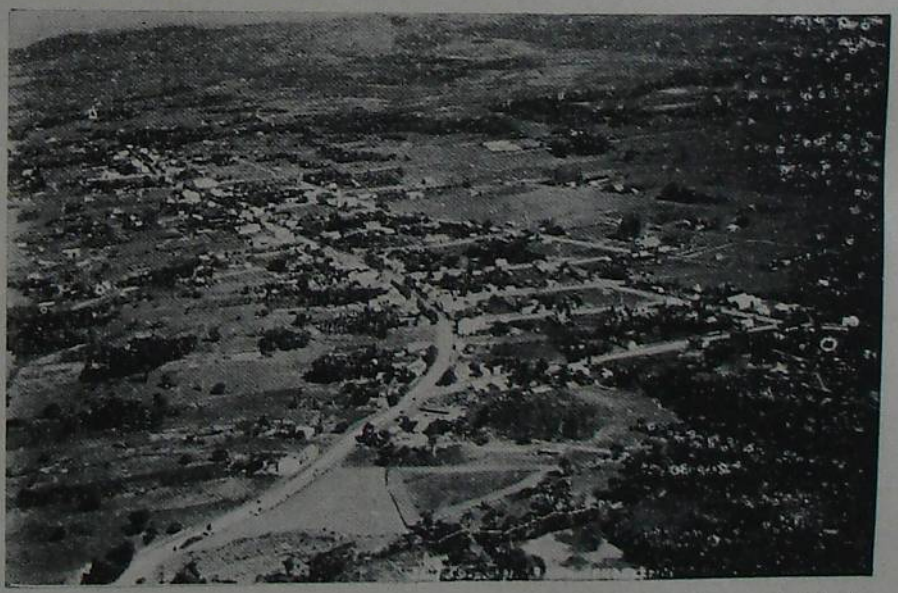
A instrução, em geral, está em pleno desenvolvimento, possuindo grande número de escolas públicas e particulares, tôdas em pleno funcionamento, com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos, sendo as públicas amparadas pelos govêrnos estadual e municipal.

Por sua vez, a saúde pública tem merecido das autoridades incumbidas de zelar pelo estado sanitário da cidade o mais decisivo apôio, em tôdas as suas modalidades.

O comércio de Candelária conta com inúmeros estabelecimentos que se dedicam aos mais variados ramos de negócios, todos êles num franco progresso.

O seu parque industrial, assentado, principalmente, no setor agrícola, seguido de perto pela industrialização de suínos e seus produtos derivados, encontra-se na mais absoluta prosperidade.

À frente de sua administração encontra-se, atualmente, o dinâmico prefeito sr. coronel Albino Lenz que vem imprimindo uma orientação que, por certo, fará com que Candelária venha acompanhar a atual marcha de progresso dos demais municípios riograndenses.



VISTA AÉREA DE CANDELÁRIA — Foto do 3.º R. A.

Itinerário de Candelária:

A PÔRTO ALEGRE: COMBINADO 294 km (Rodovia até Cachoeira 67 km, trem até Rio Pardo 67 km). COMBINADO 226 km (Rodovia até Santa Cruz 37 km, trem até Rio Pardo 36 km). COMBINADO 162 km (Rodovia até Santa Cruz 37 km, Avião 125 km).
A CACHOEIRA: RODOVIA 67 km.
A RIO PARDO: RODOVIA 73 km (Até Santa Cruz 37 km). COMBINADO 73 km (Rodovia até Santa Cruz 37 km, trem 36 km).
A SANTA CRUZ: RODOVIA 37 km.
A SOBRADINHO: RODOVIA 45 km.

C A N G U S S Ú

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 31°23'56" — LONGITUDE W. Gr.: 52°43'38" — LIMITES: ao N.: Encruzilhada; a L.: São Lourenço e Pelotas; ao E. e O.: Piratini.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.696 km² — Altitude da sede, 420 m — Distância da Capital em linha reta, 206 km — População urbana, 1.780 — População rural, 49.120 — População total 50.900 — Densidade por km², 13,77 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1,51 — Crescimento natural, 773.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 35.985 ha — Valor total da produção, 17.627:030$ — 1° Produto: alpiste: Área cultivada, 9.900 ha; Produção, 5.940 ton; Valor, 5.940:000$000 — 2° Produto: milho: Área cultivada, 13.230 ha; Produção, 13.230 ton; Valor, ... 2.646:000$000 — 3° Produto: fumo: Área cultivada, 1 012 ha; Produção, 1.214 ton; Valor, 2.428:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor): aguardente, 44.500 lt; 22:250$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 153.170; Ovinos, suínos e caprinos, 128.710 — Produção em quilos: de graxa, 40.130; de banha, 200.800; de lãs, 118.800.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 117 — Capital invertido, 893:300$000 — Operários, 159 — Fôrça motriz em HP, 11.350 — Valor da produção, 2.434:820$000 — Meios de transporte: Veículos a motor, 110; Veículos a fôrça animada, 1.829.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Colégios particulares, 58 — Hospitais, 1 — Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 239:570$500; estadual, 928:906$800; municipal, 591:823$800 — Despesa com: Ensino e cultura, 122:848$000; Saúde pública, 24:360$000.



Panorama da cidade de Cangussú.



Outra vista panorâmica daquela cidade.

SÍNTESE HISTÓRICA

1793 — Origem da comuna.
1799 — Ereção de uma capela em honra de Nossa Senhora, sendo lançada, finalmente, a pedra angular da referida capela (1800).
1812 — Elevação à categoria de freguesia.
1857 — 28-10 — Elevação a vila, instalada a 27 de junho do mesmo ano.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica — HIDROGRAFIA — Pertence à bacia oriental do Uruguai; Rios e arroios: Camaquã, Piratini, Grande do Norte, Passo das Pedras, etc., possuindo várias quedas dágua. OROGRAFIA — Serra dos Tapes, com os nomes de Cangussú Velho, Santo Antônio, cochilha dos Campos, com os cerros da Liberdade, Ataque e outros. FLORA — Abundantes matos com excelentes madeiras. CLIMA — A temperatura média anual é de 19,03 graus centígrados e o clima é ameno e temperado.

A CIDADE

Cangussú, sede da comuna e da comarca de igual nome, é uma cidade construida num local que tem quasi a forma de uma bacia, pois é circundada de morros e cerros.

As suas ruas são bem cuidadas, com sargeteamento, e alinhadas, sendo a principal a General Osório que atravessa a cidade bem ao centro. Por sua vez, seus logradouros públicos são ajardinados dando bonito aspecto a Cangussú. Entre as suas praças destacam-se a Marechal Floriano, ponto de convergência da população em geral.

A sua edificação em geral é boa, contando com inúmeros edifícios públicos e particulares, entre êstes a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Clube Harmonia, o Cinema, etc., sendo ainda regular o número de prédios assobradados.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, possuindo, ainda, várias bandas de música, bem como vários cafés, bares, hotéis e centros de diversões.

A vida social e cultural é bem representada e encontra-se bastante adiantada, com grande número de associações recreativas, de classe, desportivas, cívico-militares e culturais.

Entre as suas agremiações citam-se o Clube Harmonia, Associação Rural, Clube Carnavalesco dos Saltões, Tiro de Guerra 621, e outras entidades que congregam seus habitantes.

O ensino, amparado pelos poderes públicos e particulares, encontra-se bastante desenvolvido, contando com várias escolas, tôdas em pleno funcionamento, com elevada população escolar de ambos os sexos.

Também a saúde pública tem merecido as maiores atenções dos responsáveis pelo estado sanitário da cidade, que, diga-se de passagem, é excelente.

O comércio e a indústria de Cangussú vêm numa marcha ascendente de progresso, sendo os diversos estabelecimentos existentes, quer comerciais ou industriais, todos sólidos, constituindo mesmo uma praça de primeira ordem.

Atualmente, governa os destinos de Cangussú o seu operoso prefeito, sr. dr. Jaime Faria que está imprimindo na sua administração um ritmo de progresso que sòmente vem engrandecer, cada vez mais, a sua gestão e Cangussú propriamente dita.

Itinerário de Cangussú à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A **PÔRTO ALEGRE:** RODOVIA 357 km (Até Pelotas 75 km, São Lourenço 72 km, Camaquã 90 km, Tapes 40 km, Guaíba 80 km). COMBINADO 271 km (Rodovia até Pelotas 75 km, Vapor 196 km). COMBINADO 305 km (Rodovia até Pelotas 75 km, Avião 230 km).
A **PELOTAS:** RODOVIA 75 km.
A **SÃO LOURENÇO:** RODOVIA 79 km.
A **ENCRUZILHADA:** RODOVIA 100 km.
A **PIRATINÍ:** RODOVIA 74 km.
A **ARROIO GRANDE:** RODOVIA 133 km. (Até Pelotas 75 km).

C A N O A S

REGIÃO: Depressão central — LATITUDE S.: 29°55'30" — LONGITUDE W. Gr.: 50°58'21" — LIMITES: ao N.: S. Leopoldo e Caí: ao S.: Pôrto Alegre; à L.: Gravataí; a O.: Triunfo e Montenegro.

Dados geo-demográficos

Superfície, 395 km² — Distância da Capital em linha reta, 15 km — População urbana, 11.650 — População rural, 6.250 — População total, 17.900 — Densidade por km², 45,31 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,52 — Crescimento natural, 145.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 4.077 ha — Valor total da produção, 2.129:400$ — 1.° produto: arroz: Área cultivada, 583 ha; Produção, 1.399 ton; Valor, 559:600$ — 2.° produto: mandioca: Área cultivada, 1.650 ha; Produção, 9.900 ton; Valor, 495:000$ — 3.° produto: milho: Área cultivada, 1.130 ha; Produção, 1.695 ton; Valor, 423:750$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 17.070; Ovinos, suínos e caprinos, 8.230.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 45 — Meios de transporte: Veículos a motor, 224; Veículos a fôrça animada, 612.

Dados diversos

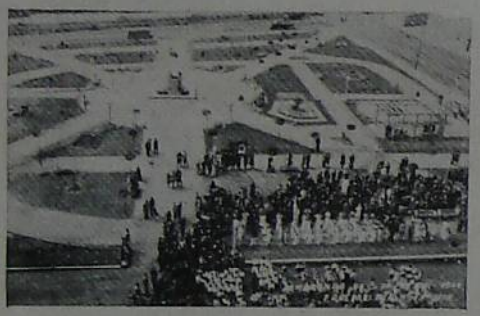
Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 3; Aulas municipais, 15; Colégios particulares, 5 — Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: estadual, 720:769$; municipal, 586:455$ — Despesas com: Ensino e cultura, 77:799$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1912 — 6-9 — Início do povoamento pròpriamente dito da atual comuna.
1938 — 2-3 — Elevação à categoria de vila.
1939 — 27-6 — Emancipação de Canoas, recebendo os foros de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica, período mesozóico. HIDROGRAFIA — rios: dos Sinos, Gravataí e Caí. OROGRAFIA — Pertence ao sistema da Serra do Mar, tomando várias denominações. CLIMA — Temperado e agradável.



Praça da Bandeira.



Igreja Matriz.



Ponte no município de Canoas.



Desfile patriótico do G. E. "André Leão Fuente".

A CIDADE

A cidade de Canoas, a mais nova da comunhão riograndense, a-pesar-de apresentar um aspecto rural, é, no entanto, relativamente, muito importante.

Suas ruas são bem alinhadas e suas praças são tôdas arborizadas, principalmente as que constituem, por assim dizer, o coração da novel urbs. Sua edificação é, em geral, boa, contando com vários edifícios importantes e belíssimas casas residenciais, destacando-se entre aqueles, a igreja matriz de São Luiz Gonzaga, os quartéis da 3.ª Base Aérea, o ex-aeroporto da Air France, o Instituto São José, etc.

O setor educacional encontra-se em franco desenvolvimento, existindo vários grupos escolares, escolas reünidas, unitárias e particulares, com uma população escolar que pode ser estimada em mais de 1.750 alunos de ambos os sexos.

Entre os grupos escolares, citam-se: o Grupo Escolar "André Leão Puente", fundado em 4 de Junho de 1932, sob a direção atual da distinta educacionista d. Maria Fernandes de Oliveira; e o Grupo Escolar "Bartolomeu de Gusmão". Entre os estabelecimentos de ensino particular, figura o Instituto Pestalozzi, fundado em 1927 em Pôrto Alegre, contando com elevada matrícula de alunos.

Uma outra instituïção de ensino destaca-se no setor educacional de Canoas — o Instituto São José — fundado em 1908 e que funcionou como internato até 1926, ano em que passou a ministrar o ensino aos jovens que se destinam a ser membros da Congregação dos Irmãos de La Salle. Anexo a êsse estabelecimento educacional, que possue inspeção federal e estadual, funciona o Colégio São Luiz, externato, com ensino primário e curso de admissão.

A saúde pública é, também, um outro setor que vem merecendo os mais acurados desvelos dos poderes competentes.

O comércio e a indústria marcham ombro a ombro na senda do progresso, existindo inúmeras casas comerciais e industriais em franca prosperidade.

Canoas, dada a sua idade como urbs, já pode se orgulhar de sua vida social e cultural, pois são numerosas as associações recreativas, desportivas, cívico-militares, culturais, etc.

À frente de sua administração encontra-se o operoso prefeito dr. Aluísio Palmeiro de Escobar que, com raro descortino, vem orientando Canoas para o lugar que lhe está reservado entre as demais comunas riograndenses.



Instituto São Luiz.



Instituto Pestalozzi.



Instituto São José.

C A R A S I N H O

REGIÃO: Planalto médio — LATITUDE: 28°15'15" — LONGITUDE W. G.: 52°42'20" — LIMITES: ao N.: Palmeira e Sarandí; a L.: Passo Fundo; ao S.: Soledade; ao O.: Cruz Alta.

Dados geo-demográficos

Superfície, 2.680 km² — Altitude da sede, 592 m — Distância da Capital em linha reta, 242 km — População urbana, 7.900 — População rural, 43.700 — População total, 51.600 — Densidade por km², 19,25 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1,53 — Crescimento natural, 1.024.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 32.682 ha — Valor total da produção, 13.126:500$ — 1° Produto: mandioca: Área cultivada, 8000 ha; Produção, 56.000 ton; Valor, 4.940:000$ — 2° Produto: milho: Área cultivada, 14.500 ha; Produção, 17.400 ton; Valor, 3.480:000$ — 3° Produto: feijão: Área cultivada, 5.802 ha; Produção, 6.382 ton; Valor, 2.233:700$000 — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 109.240; 34:956$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 64.300; Ovinos, suínos e caprinos, 155.250 — Produção em quilos: de graxa, 53.300; de banha, 1.013.700; de toucinho, 627.200

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 301 — Capital invertido, 13.557:800$ — Operários, 1.632 Fôrça motriz em HP, 3.219,94 — Valor da produção, 24.604:729$000 — Meios de transporte: Veículos a motor, 462; Veículos a fôrça animada, 2.333.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 7; Aulas municipais, 63; Colégios particulares, 34 — Hospitais, 4 — Associações de classe, 3 — Sindicatos, 5 — Receita arrecadada: federal, 753:021$000; estadual, 2.315:942$; municipal, 834:953$ — Despesas com: Ensino e cultura, 92:473$000; Saúde pública, 29:614$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1872 — Data do início da colonização da atual comuna.
1880 — 14-5 — Elevação à categoria de curato.
1931 — Elevação à categoria de vila.
1939 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Médio. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: da Várzea, Fulador, Carasinho, Jacuizinho e outros. OROGRAFIA — Serra do Mar com várias denominações. CLIMA — Saüdável.

A CIDADE

A cidade de Carasinho, sede da comuna do mesmo nome, muito próspera e movimentada, apresenta um bonito aspecto, possuindo todos os serviços públicos.

A edificação de Carasinho é em geral boa, havendo inúmeros prédios excelentes. Entre os seus edifícios principais destacam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, a Biblioteca, o templo metodista, hospital, etc.

As ruas de Carasinho são amplas e bem cuidadas, algumas calçadas, e suas praças são, em geral, ajardinadas, o que dá à cidade um magnífico aspecto, sendo tôda iluminada à luz elétrica.

A vida social e cultural da cidade de Carasinho, dada à sua pouca idade, encontra-se, relativamente, bastante adiantada, sendo inúmeras as associações de classe, recreativas, culturais, desportivas, beneficientes, cívico-militares, etc. Entre as suas agremiações contam-se o Sindicato dos Beneficiadores, entidade destinada a auxiliar os seus associados; e o Tiro de Guerra 644, entidade essa que conta com elevado número de consócios, etc. Possue, ainda, Carasinho uma magnífica Biblioteca que atende diàriamente a um grande número de consulentes.

A cidade conta ainda com inúmeros cafés, bares, restaurantes, cinema e outros centros de diversões públicos.

A instrução e a saúde pública vêm merecendo dos poderes competentes o mais eficaz amparo, contando com inúmeras escolas públicas ou particulares que administram o ensino a uma elevada população escolar de ambos os sexos. Entre os seus estabelecimentos de ensino, cita-se o Grupo Escolar "Tamandaré", com elevada matrícula de alunos, funcionando sob a direção de uma provecta educacionista, auxiliada por um pugilo de abnegadas professoras.

A indústria e o comércio de Carasinho encontram-se em pleno desenvolvimento progressivo, contando com várias casas comerciais e industriais, girando tôdas com elevados capitais e gozando de grande conceito.

Atualmente, dirige os seus destinos o operoso prefeito sr. Albino Hildebrand que vem empregando o máximo de seus esforços, procurando colocar Carasinho no lugar que lhe está reservado entre as demais cidades ricgrandenses.



Mapa do município de Carasinho

Itinerário de Carasinho:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 644 km (Até Cruz Alta 140 km, Tupanciretã 203 km, Júlio de Castilhos 228 km, Santa Maria 301 km, Cachoeira 416 km, Rio Pardo 482 km, Barreto 572 km). RODOVIA 404 km (Até Passo Fundo 55 km, Guaporé 116 km, Bento Gonçalves 76 km, Farroupilha 27 km, Caí 56 km, São Leopoldo 38 km). COMBINADO 445 km (Trem até Cruz Alta 140 km, Avião via Santa Cruz 305 km).

A CRUZ ALTA: TREM 140 km. RODOVIA 134 km.

A PALMEIRA: RODOVIA 76 km.

A SARANDÍ: RODOVIA 50 km.

A PASSO FUNDO: RODOVIA 55 km. TREM 55 km.

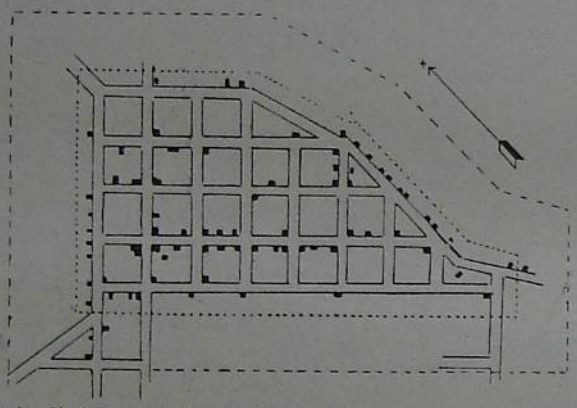
A SOLEDADE: RODOVIA 100 km.

LEGENDA

- CIDADE
- VILA
- Povoação
- Estação de E. Ferro
- Linha divisoria intermunicipal
- Linha divisoria interdistrital
- Estrada de Ferro
- Rodovia
- Linha Telefonica
- Linha Telegrafica
- Curso d'agua
- Usina Eletrica



Mapa da cidade de Carasinho.



Mapa do distrito de Não Me Toque.

O ENSINO EM CARASINHO

INSTITUTO GINASIAL LA SALLE

COMO SE FIRMOU O PRESTÍGIO DÊSSE MODELAR EDUCANDÁRIO

Êste estabelecimento de ensino, sob a provecta direção dos Irmãos das Escolas Cristãs ou Lassalistas, é incontestàvelmente uma casa de educação de que muito se ufana Carasinho.

Funcionando em internato e externato, a mocidade recebe alí, a par de uma esmerada educação religiosa e cívica, uma sólida instrução literária e científica.

O ensino abrange os cursos primário e ginasial. Para o estudo das ciências naturais, dispõe o Instituto de um bem instalado museu. Além disso, para a prática dos mais diversos esportes, possue o estabelecimento um amplo terreno, onde, não citados os exercícios costumeiros, se têm realizado freqüentes competições escolares, tendo o Instituto La Salle sempre se portado com garbo e brilho, cooperando assim para o progresso da mocidade.

O Instituto, que obedece atualmente à esclarecida direção do Irmão Cirilo, tem por norma manter as excelentíssimas famílias dos alunos sempre em perfeito conhecimento do aproveitamento dos mesmos, fato que sobremaneira tem contribuído para consolidar o prestígio dêsse modelar educandário.

O ENSINO PARTICULAR EM CARASINHO

O PAPEL DESTACADO DA ESCOLA DE COMÉRCIO

Fundada em 1935, a Escola Técnico-Comercial de Carasinho preenche, indubitàvelmente, uma grande lacuna que se fazia sentir no setor educacional daquela próspera comuna.

Funcionando em edifício próprio, sob a direção do educacionista João Guilherme Einloft, dispõe o referido estabelecimento de ensino de amplas salas para aulas, de gabinete de física, laboratório de química, museu de história natural, museu de merceologia, salas de geografia, mecanografia e datilografia, biblioteca, etc. Funcionam, ainda, anexos à escola, um internato, com todos os requisitos da moderna pedagogia, e uma Escola de Instrução Militar.

O corpo docente da Escola de Comércio de Carasinho é composto de professores idôneos e competentes, estando todos registrados, de acôrdo com a lei que rege essa matéria, contando a escola com 15 provectos professores. Os cursos dividem-se em oficiais noturnos e diurnos; aqueles, constituídos dos seguintes: admissão, um ano; propedêutica, 3 anos; técnico de contador, 2 anos; e êstes, de primário, 4 anos; admissão ao ginásio e à escola de comércio, ambos um ano; estenografia e datilografia da escola Remington oficial, um ano. Possue ainda, aulas de música e artes, trabalhos manuais, educação física, esportes, etc., sendo que os diplomas distribuídos pela escola são válidos em todo o território nacional, pois para isso é ela inspecionada pelo govêrno federal.

Como se vê, a Escola de Comércio de Carasinho veio preencher, de fato, uma sensível lacuna que existia no setor educacional daquela comuna.

A SIDERURGIA EM CARASINHO

A IMPORTÂNCIA DA FIRMA FRITZ & SEIBT

Dentre os grandes estabelecimentos que honram a indústria de Carasinho, destaca-se, sem favor nenhum, a Fundição de Ferro e Bronze da conceituada firma Fritz & Seibt, estabelecidos no arrabalde Glória.

Dotado de todos os aparelhamentos modernos, êsse estabelecimento siderúrgico, além de fábrica de máquinas, dedica-se, ainda, à confecção de qualquer ferragem, consêrto de máquinas em geral, solda a oxigênio, e demais acessórios relativos ao seu ramo.

Os seus produtos, lançados nos mercados, gozam da mais justa fama, não só pela excelência de sua qualidade como pela sua magnífica apresentação. Como confirmação de que dizemos, basta citarmos que suas manufaturas mereceram medalha de ouro nas exposições de Pindorama, Cruz Alta e Carasinho.

A Fundição de Ferro e Bronze da firma Fritz & Seibt conta, ainda, com um corpo de técnicos competentíssimos, estando, portanto, apta a satisfazer ou atender qualquer encomenda referente ao ramo, obedecendo os trabalhos rigorosamente à direção e orientação de seus dignos dirigentes.

Eis porque afirmamos, ao iniciarmos êsse rápido esbôço, que a Fundição de Ferro e Bronze dos srs. Fritz & Seibt honra, de maneira digna, o parque industrial de Carasinho.

C A X I A S

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°10'25" — LONGITUDE W. Gr.: 51°12'21" — LIMITES: ao N.: Flores da Cunha, Antônio Prado e Vacaria; ao S.: Caí; a L.: São Francisco de Paula; a O.: Farroupilha.

Dados geo-demográficos

Superfície, 891 km² — Altitude da sede, 760 m — Distância da capital em linha reta, 91 km — População urbana, 17.560 — População rural, 22.840; População total, 40.400 — Densidade por km², 45,34 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1,20 — Crescimento natural, 816.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 13.319 ha — Valor total da produção, 10.792:120$ — 1° Produto: uvas: Área cultivada, 2.810 ha; Produção, 39.340 ton; Valor, 7.474:600$ — 2° Produto: trigo: Área cultivada, 4.200 ha; Produção, 2.520 ton; Valor, 1.512:000$ — 3° Produto: milho: Área cultivada, 4.300 ha; Produção, 4 300 ton; Valor, 860:000$000 — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 20.236.720 lt; 6.475:750$000; aguardente, 244.310 lt; 97:724$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 15.300; Ovinos, suínos e caprinos, 19.020 — Produção em quilos: de graxa, 47.910; de banha, 1.223.000; de toucinho, 149.980.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 130 — Capital invertido, 51.305:790$ — Operários, 2.397 — Fôrça motriz em HP, 2.786 — Valor da produção, 56.451:265$000 — Meios de transporte: Veículos a motor, 434; Veículos a fôrça animada, 860.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 9; Aulas estaduais, 9; Aulas municipais, 50; Colégios particulares, 38 — Asilos e recolhimentos, 1 — Associações beneficientes, 1 — Associações de caridade, 1 — Associações de classe, 5 — Sindicatos, 10 — Receita arrecadada: federal, 6.185:356$000; estadual, 2.413:998$000; municipal, 2.633:427$ — Despesas com: Ensino e cultura, 123:400$000; Saúde pública, 99.874$000.



A catedral de Caxias e Praça Rui Barbosa (ex-praça Dante).

SÍNTESE HISTÓRICA

1875 — Fundação de Caxias que se constituiu em distrito do Caí (1884).

1890 — 20-6 — Por ato nº 257, foi elevada à categoria de vila, instalada em 24-8 do mesmo ano.

1897 — Caxias é visitada pelo grande estadista Júlio de Castilhos que a cognominou de "Pérola das Colônias".

1910 — 10-7 — Caxias é elevada à categoria de cidade, por decreto nº 1.607.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No vale do rio das Antas, região do Planalto. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica, época mesozóica, com uma faixa de metáfiro e rochas piroxênicas. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia do rio das Antas e uma pequena parte ao Caí, encontrando-se a Lagoa Bela e outras menores. FLORA — Possue extensos pinheirais e excelentes madeiras de construção. OROGRAFIA — Serra Geral que, ao abandonar a Serra do Mar, acompanha o rio das Antas, lançando um braço para o sul, ao entrar no município, formando uma cordilheira semi-circular que vai de novo à Serra do Mar, em Osório, formando os campos de São Francisco de Paula, tomando então os nomes de Petrópolis, Ferrabrás, Volante, etc. CLIMA — Devido à sua magnífica e alterosa posição, o clima é excelente e a temperatura média anual é de 16 graus centígrados.

A CIDADE

A cidade de Caxias, sede da comuna e da comarca de seu nome, está construída sôbre uma colina, sendo uma das cidades do interior que usufruem de invejável posição.

Tôdas as ruas são largas, bem alinhadas e em sua maioria calçadas, destacando-se entre elas as ruas Júlio de Castilhos, a principal, Sinimbú, Pinheiro Machado, Visconde de Pelotas, etc. Os seus logradouros públicos, por sua vez, são muito lindos e ajardinados, sobressaindo-se dentre êles, a Praça Rui Barbosa, ex-praça Dante, bem no coração da urbs, e centro principal, para onde converge a população em geral, e onde se encontram localizados os principais estabelecimentos comerciais, bancários, cafés, cinemas, entidades de classe, etc. Existem

Itinerário de Caxias:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 194 km (Até Farroupilha 21 km, Carlos Barbosa 44 km, Montenegro 118 km, São Leopoldo 161 km). RODOVIA 152 km (Até Farroupilha 22 km, Caí 78 km, São Leopoldo 116 km). AVIÃO (linha projetada) 90 km. ESTRADA FEDERAL 127 km.

A FARROUPILHA: RODOVIA 22 km. TREM 21 km.

A FLORES DA CUNHA: RODOVIA 16 km.

A SÃO FRANCISCO DE PAULA: RODOVIA 140 km.

A CAÍ: RODOVIA 78 km (Até Farroupilha 22 km).



Escola Complementar, participando dum desfile patriótico.



Associados da Associação Rural, durante uma passeata cívica.



Grupo Escolar "Maguarí", numa passeata da Semana da Pátria.

nesta praça um majestoso monumento comemorativo do centenário da Independência do Brasil, bem como as estátuas de Dante e de Júlio de Castilhos.

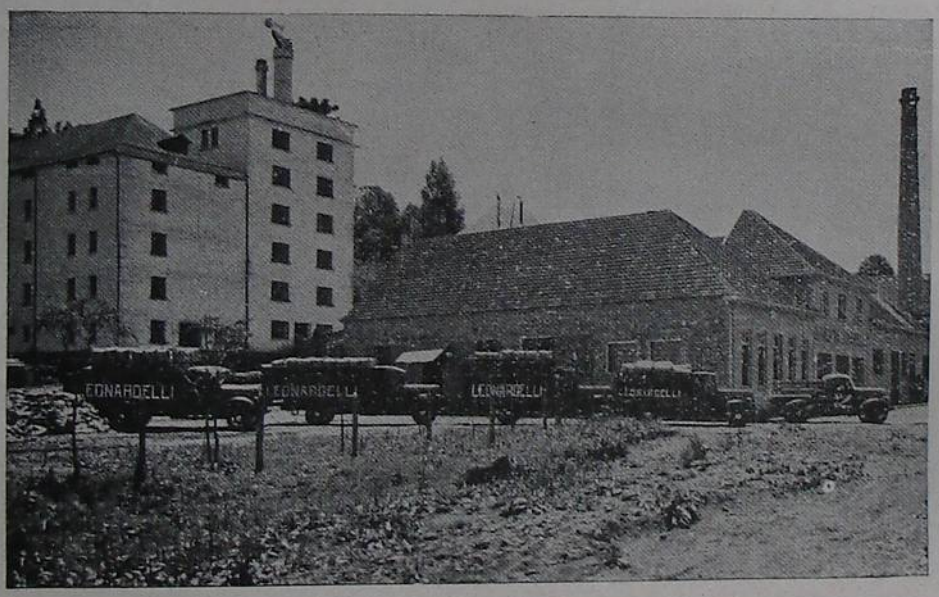
Caxias apresenta uma edificação digna de si mesma, sendo magníficos os prédios existentes, tais como os edifícios da Prefeitura Municipal, a catedral, clubes Juventude e Juvenil, Escola Industrial, Hospital das Damas de Caridade, os edifícios das agências das casas bancárias que operam em nosso Estado, etc.

O nível cultural e social de Caxias encontra-se em lugar de grande destaque em nosso Estado, sendo a sua vida nesse setor magnificamente representada por um grande número de entidades recreativas, desportivas, de classe, culturais, cívico-militares, etc. Entre as culturais destaca-se o Centro Cultura Tobias Barreto, fundado em 26-8-1937, sob a presidência atual do dr. Dante Westphalen; entre as cívico-militares contam o núcleo da Liga da Defesa Nacional, sob a presidência do dr. Olmiro Azevedo, e o Tiro de Guerra, com elevado número de associados, presidido no momento, pelo sr. Euzébio Beltrão de Queiroz, e, finalmente, entre as de classe, citam-se: a Associação Rural de Caxias, fundada em 11-9-1932, tendo como presidente o sr. Abel Postali; a Associação Comercial, fundada em 1901, sob a presidência do sr. Ottoni Minghelli. Foi essa entidade que na gestão do atual prefeito, dr. Dante Marcucci, promoveu a primeira Festa da Uva, certame já hoje tradicional e de marcante relêvo para a vida de Caxias.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica; pos-



CENTRO DE CULTURA "TOBIAS BARRETO".



Fábrica e caminhões de carga dum grande estabelecimento vinícola caxiense.

atualmente sob a orientação da professora d. Adélia Léa Tronchini; o Grupo Escolar "Maguari", fundado em 13-5-1938, cuja direção está entregue aos cuidados do Grupo Escolar "Frigorífico Rizzo" e o Grupo Escolar de Conceição. E, entre os estabelecimentos de ensino particular, figura em destaque o Ginásio N. S. do Carmo, externato, semi-internato e internato, com inspeção permanente, estabelecimento êsse fundado em 1908, sob a direção atual do Irmão Gabriel, da Congregação de La Salle, com uma matrícula de mais de 400 alunos.

O estado sanitário de Caxias é excelente, pois os poderes a que estão afetos os serviços de saúde pública estão sempre vigilantes para que êsse setor da vida da cidade não apresente lacunas, mantendo um Pôsto de Higiene que atende diàriamente um grande número de pessoas que recorrem aos seus serviços.

O comércio caxiense é grandemente desenvolvido e encontra-se num período de franca prosperidade, contando inúmeras casas dos mais variados ramos de negócios.

A indústria, por sua vez, encontra-se numa situação simplesmente invejável, sendo o seu principados da professora d. Clary Bracagioli; há ainda, pal baluarte a industrialização da uva e seus derivados, constituindo, mesmo, a sua principal fonte de riqueza.

Dentre os estabelecimentos industriais sobressaem a Federação das Cooperativas Sul Riograndenses de Vinho, fundada em 1933, constituída pela Sociedade Cooperativa Viti-Vinícola Caxiense Ltda. e Sociedade Cooperativa Viti-Vinícola São Vitor Ltda., com uma produção anual, ambas, de 2.900.000 litros de vinho;



Grupo Escolar "Emílio Meyer".

sue uma Biblioteca Pública; é sede do 9º Batalhão de Caçadores, magnificamente instalado em ótimos quartéis.

Possue, também, excelentes hotéis, entre os quais se destaca o Hotel Menegotto, fundado em 1912, situada na praça principal, e está, também, ligada aos municípios vizinhos bem como a Pôrto Alegre, por várias linhas de ônibus, entre êles o Expresso Caxiense de Transportes Ltda.

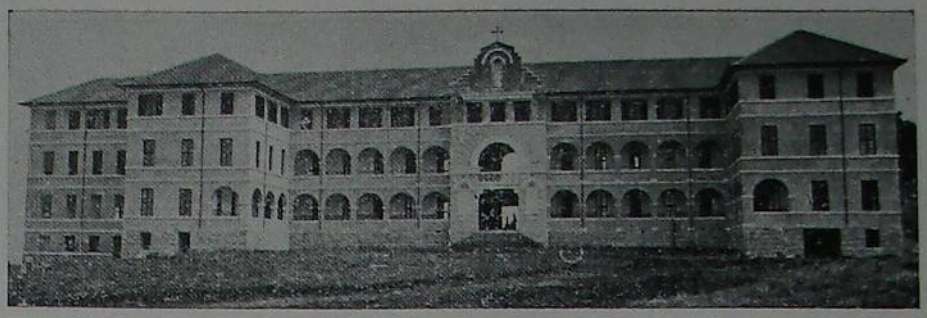
A Instrução, em adiantado grau de desenvolvimento, vem merecendo dos poderes competentes e particulares os mais destacados esforços, contando Caxias com numerosas escolas públicas e particulares. Entre os estabelecimentos de ensino figuram: a Escola Complementar, fundada em 28-2-1930, obedecendo, atualmente, à direção da provecta educacionista srta. Rosalba Hipólito; Grupo Escolar "Cel. José Pena de Moraes", fundado em 24-10-1936, dirigido atualmente pela professora d. Adelaide Rosa; Grupo Escolar "Emílio Mayer", fundado em 2-9-1940,



Gr. E. "Cel. José Pena Morais", num desfile da Semana da Pátria de 1942.



Ginásio Nossa Senhora do Carmo.



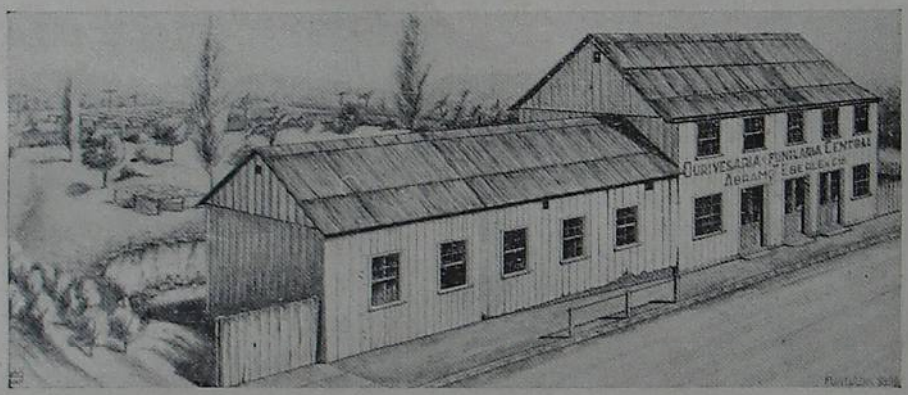
Seminário Diocesano N.ª S.ra Aparecida, de Caxias.

a Adega Pezi a Sociedade Cooperativa Viti-Vinícola Santo Antônio; a Sociedade Cooperativa Vinícola Aliança Ltda.; Luiz Michielon, fabricantes dos vinhos "Cruzeiro", a que em outro local nos referimos com maiores detalhes. Possue, ainda, outros estabelecimentos industriais que honram a seu parque, tais como os Irmãos Leonardelli & Cia., proprietários de uma grande malteria e fabricantes de excelente cerveja, além de bebidas sem alcool e gêlo, fundada em 1882; o Moinho Ítalo-Brasileiro, de propriedade da firma Aristides Germani & Filhos, fundado em 1891, a quem se deve a iniciativa da cultura de trigo na região caxiense; e, finalmente, a grande fábrica metalúrgica da firma Abramo Eoerle & Cia., a que, em outro local, mais detalhadamente nos referimos.

A cidade de Caxias tem a sua administração entregue às mãos do dr. Dante Marcucci, o seu operoso e dinâmico prefeito, a quem Caxias muito deve pelo seu atual desenvolvimento em todos os setores de suas atividades e que tudo tem feito para que Caxias continuasse conservando o epíteto que com tanto orgulho ostenta: o de "Pérola das Colônias".

UM EPOPÉIA DA METALURGIA NACIONAL

ABRAMO EBERLE & CIA. — NOME QUE HONRA O BRASIL



ONTEM...

Local onde teve início a fábrica de Abramo Eberle.

A metalurgia, uma das alavancas do progresso de um país, também, no nosso encontrou o seu campo de ação, graças à abnegação, ao trabalho profícuo e, mesmo, ao patriotismo de certos homens que honram uma geração.

No Rio Grande do Sul, foi em Caxias, onde se ensaiaram os primeiros passos nesse setor de grande alcance para as nossa indústria pesada que é a metalurgia.

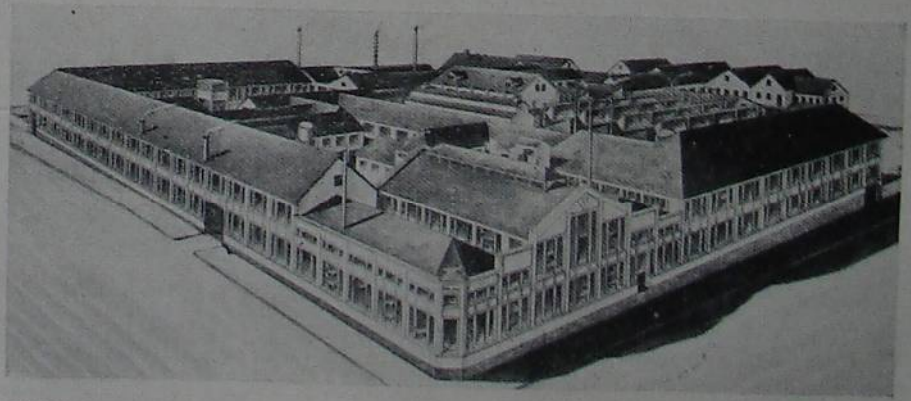
A Grande Fábrica Metalúrgica de que Caxias hoje tanto se orgulha, foi fundada em 1.896, graças aos esforços de Abramo Eberle, o pioneiro da metalurgia no Brasil e que ainda, no presente, se encontra à frente dessa importantíssima organização. Teve a grande fábrica seu início numa pequena funilaria, já orientada para a metalúrgica, desenvolvendo-se nesse sentido com aquisição da maquinária adequada a êsse mister.

Hoje, aquela pequena funilaria está transformada num estabelecimento industrial de primeira grandeza, ocupando uma área de 17 mil metros quadrados, empregando em seus labores cêrca de 500 operários e desfrutando um lugar invejável entre as suas congêneres existentes no país.

Os seus produtos, que primam pela excelência de sua qualidade e esmerado acabamento, são vendidos e mesmo disputados em todo o território do Brasil, e exportados, também, para as repúblicas sul-americanas, pois a Grande Fábrica Metalúrgica da firma Abramo Eberle & Cia. mantem uma filial em São Paulo, uma agência no Rio de Janeiro e representantes em tôdas as capitais brasileiras e repúblicas platinas. E para comprovar que os seus produtos são produtos de lei, basta dizer que essa magnífica organização industrial é fornecedora, em larga escala, do Exército Nacional e das Milícias Estaduais.

Mas, não é só ao setor trabalho que essa importante emprêsa tem dedicado o maior de seus esforços Também o assistência social aos seus operários vem recebendo os mais desvelados cuidados, 99 % dos que alí empregam suas atividades são alfabetizados, os quais contam, ainda, com a aprendizagem na própria fábrica para o seu ofício e, outrossim, por intermédio do Grêmio Atlético Eberle, entidade que congrega todos os funcionários e operários da firma. Esta mantem escolas noturnas primárias para os operários e seus filhos, inclusive uma de desenho industrial. Mantem, ainda, anexo a essa entidade, um departamento desportivo, praticando-se o futebol, tenis, esgrima, cestobol, etc.

Mantêm, ainda, os funcionários e operários da firma Abramo Eberle & Cia. uma Cooperativa de Consumo própria, onde se suprem de tudo quanto necessitam, com bastantes vantagens para a economia doméstica de cada um, funcionando, também, anexo à cooperativa, um excelente serviço de beneficência para os seus associados. A referida cooperativa, embora sendo uma entidade completamente independente da firma, conta com o amparo incondicional dessa.



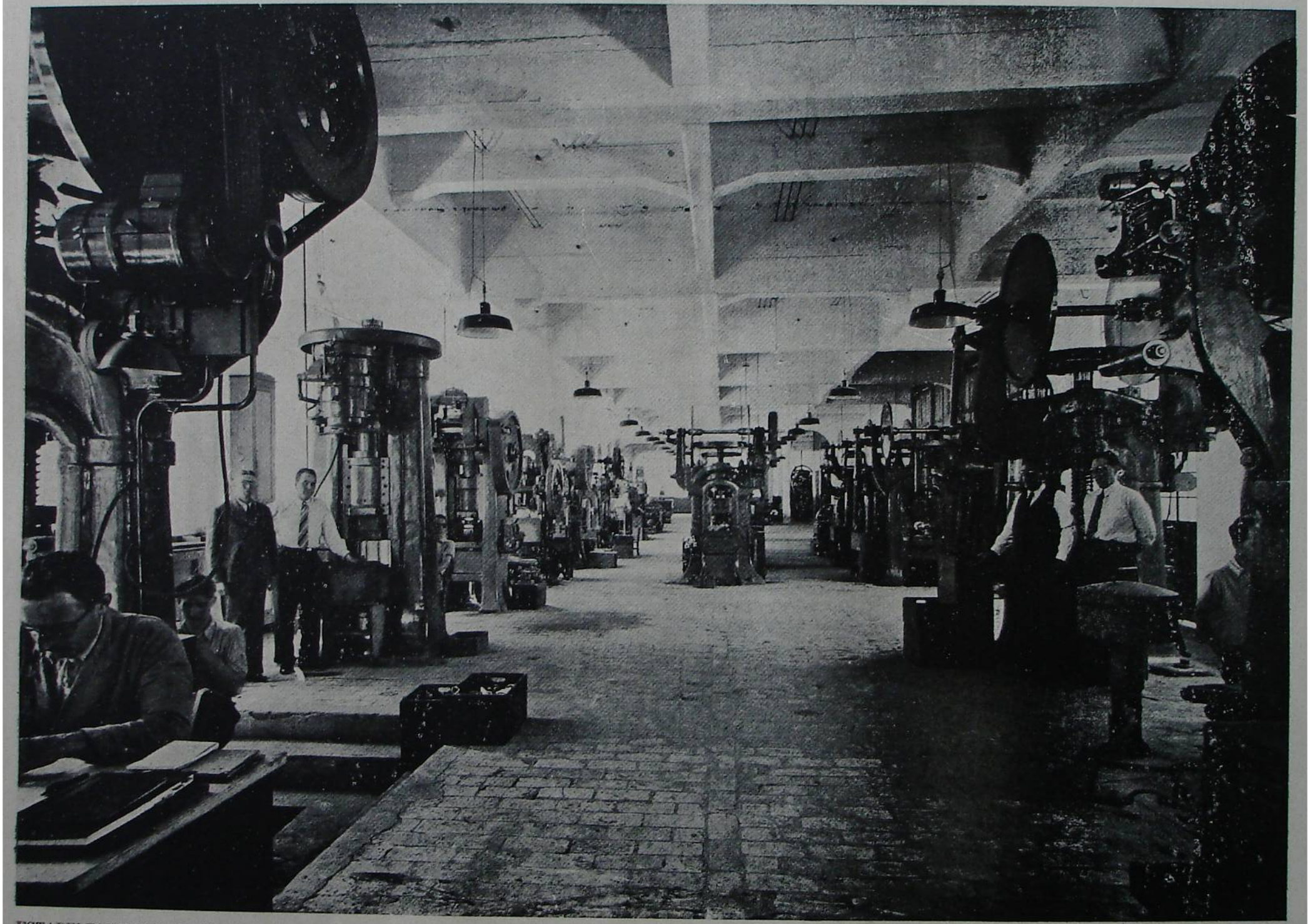
HOJE...

Vista atual do estabelecimento de Abramo Eberle & Cia.



A FORJA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Na fábrica Abramo Eberle, em Caxias, a maior fábrica metalúrgica da América do Sul, são forjadas as espadas do exército brasileiro, bem como inúmeros outros artigos de metal para uso de campanha.

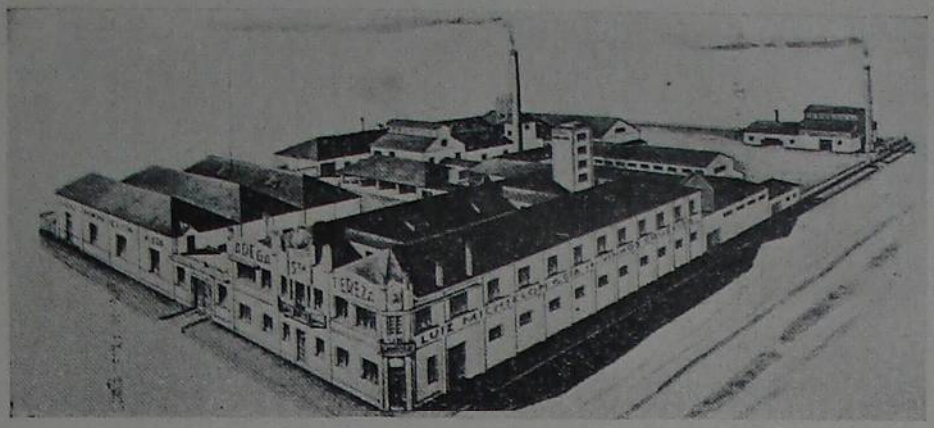


ESTABELECIMENTO EM GRANDE ESCALA, EM CAXIAS

A fábrica metalúrgica de **Abramo Eberle**, com esta sala de máquinas (Secção de prensas e cortadores), *ocupa*, **no gênero, o primeiro** plano na América do Sul.

VANGUARDEIROS DA INDÚSTRIA VINÍCOLA CAXIENSE

A ADEGA STA. TEREZA DE LUIZ MICHIELON & CIA.



Aspecto do grande estabelecimento vinícola de Luiz Michielon & Cia.

Data de 1.875 o início da fundação dessa firma que é, hoje, um orgulho da indústria vinícola riograndense, pois a sua origem vem com a chegada do fundador dêsse estabelecimento industrial, o infatigável batalhador, Luiz Michielon (Pai), aos nossos pagos, procedente da Europa.

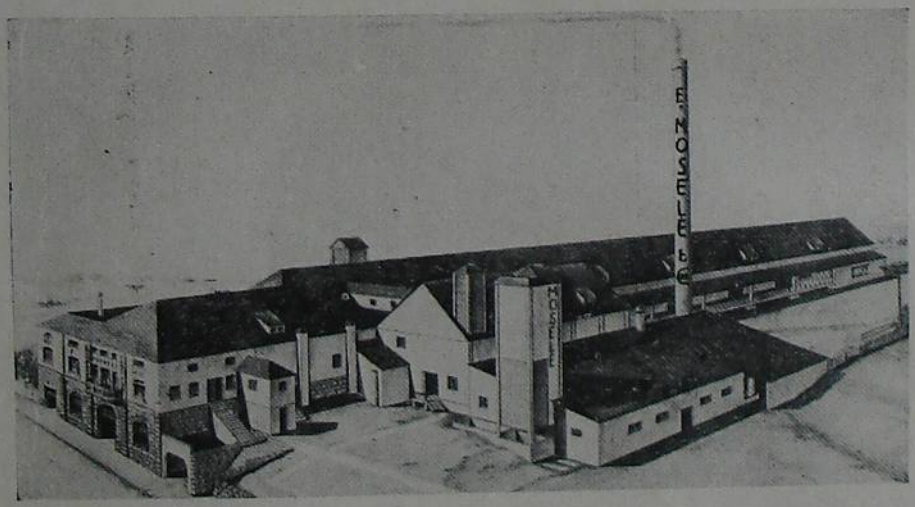
Procede, pois, daí, célula mater dessa importante firma, o germe do qual Luiz Michielon Filho, titular atual dessa grande organização, se valeu, para, em 1911, instalar o modelar estabelecimento vinícola que tem um lugar destacado nesse setor do nosso parque indústrial.

Os produtos dessa formidável organização industrial — Cruzeiro, Michielon, Clássico, Mimo e Farrapo — lançados nos mercados consumidores, grangearam, em seguida, a fama que, mui justamente, hoje, usufruem, graças, não só à excelência de sua qualidade como, ainda, pela sua magnífica apresentação, nada devendo a seus similares estrangeiros.

Mas, não ficaram aí os esforços da firma Luiz Michielon & Cia., num febril afã de rasgar, cada vez mais, a perspectiva brilhante que se lhe acenava com um futuro mais do que promissor. E, assim sendo, êsses conceituados homens de negócio, sob a orientação dinâmica de Luiz Michielon Filho, dotaram a sua organização dos mais modernos máquinários, selecionaram suas castas de uvas, organizaram um excelente corpo de técnicos na arte vinícola, e conseguiram, por fim, ver coroados de pleno êxito os seus anseios, oferecendo, ao público consumidor nacional, produtos que satisfazem aos mais requintados paladares.

Eis aí o segrêdo principal, do porquê que os vinhos com a rubrica — Luiz Michielon & Cia., hoje, gozam em nossos mercados de fama, fama que ultrapassou, mesmo, as nossas fronteiras, pois também os mercados consumidores de bons vinhos, como os de Norte-América, Canadá, África e principalmente Jamaica lhe dão preferência, em virtude da excelência de sua qualidade.

O ESTABELECIMENTO VINÍCOLA DE E. MOSELE & CIA.



Aspecto do grande estabelecimento vinícola de E. Mosele & Cia.

Indiscutìvelmente, a indústria vinícola no Rio Grande do Sul marcha a passos gigantescos, num surpreendente movimento de progresso e de pleno desenvolvimento.

E Caxias, a "Pérola das Colônias", é a pioneira dessa importante indústria, graças ao esfôrço dinâmico de seus filhos e do amparo que veem recebendo dos poderes competentes, numa compreensão nítida da pujança dessa magnífica indústria.

Grande é o número de estabelecimentos que se dedicam a êsse ramo de industrialização, destacando-se, no entretanto, entre êles, a Adega Regional Caxias, de propriedade dos adiantados industriais srs. E. Mosele & Cia.

Fundado pelo sr. Eduardo Mosele, homem reconhecido como um verdadeiro viti-vinicultor, os estabelecimentos "Mosele", a-pesar-de serem dos mais recentes produtores caxienses, tornaram-se, em pouco tempo, um dos mais importantes na indústria viti-vinícola.

Em pouco tempo atingiu à fama e os produtos "Mosele" impuseram-se nos mercados consumidores pela excelência de sua qualidade e pelo seu finíssimo paladar. Desde os primeiros anos de existência, a firma E. Mosele & Cia. fez aquisição de técnicos estrangeiros especializados na elaboração de vinhos finos, razão que motivou a conquista de vários prêmios de destaque nas exposições a que concorreu.

Assim é que a Adega Mosele, preparada para produzir qualquer tipo de vinho, é a produtora de magníficos vinhos brancos e tintos e do conhecido expumante Champagne Mosele, obtido pelo método francês, ou seja: fermentação na própria garrafa.

Também, para o preparo do seu suco de uva "Sextuplo", a firma Mosele foi a primeira a importar do estrangeiro a famosa concentradora "Sextuplo" que permite obter um produto rigorosamente são e altamente concentrado. Êste meio de concentração oferece sôbre todos os outros a grande vantagem de conservar ao produto tôdas suas propriedades vitamínicas que o tornam particularmente indicado como complemento indispensável da alimentação não só dos debilitados e convalescentes, como, também, das pessoas que gozam saúde.

Entre os muitos produtos elaborados pelos estabelecimentos Mosele, destacam-se: Espumante: Grande Espumante "Champagne", Grande Espumante tinto, Grignolino-Frizante; Licorosos: Moscatel, Malvásia Adamado e Reserva "Mosele"; Aperitivos, Vermouth, doce e quinado e Vermouth sêco; Suco de Uva: Concentrado (sêxtuplo) Natural ou integral; Vinhos Brancos, de mesa, Grande Vinho doce e sêco, Riesling e Tipo Reno; Vinhos Tintos: Clarete sêco e doce, Barbera e Tinto "Mosele" Cognac: Aguardente de vinho velho Bagaceira Branca.



ASSISTÊNCIA TRABALHISTA MODELAR
NO MUNICÍPIO DE CAXIAS

A fábrica têxtil de Chaves & Almeida, em Galópolis, uma dos mais modernos e maiores do gênero, faz também modelar serviço de previdência social: Vista parcial da colônia operária com respectiva igreja.

C R U Z A L T A

REGIÃO: Planalto Médio — LATITUDE S.: 28°38'20" — LONGITUDE W. Gr.: 56°36'34" — LIMITES: ao N.: Palmeira; a L.: Carasinho e Soledade; ao S. Júlio de Castilhos e Tupanciretã; a O.: Tupanciretã e Ijuí.

Dados geo-demográficos

Superfície, 6.375 km² — Altitude da sede, 473 m — Distância da Capital em linha reta, 276 km — População urbana, 16.450 — População rural, 41.450 — População total, 57.900 — Densidade por km², 9,08 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1,72 — Crescimento natural, 1.072.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 19.114 ha — Valor total da produção, 6.421:480$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 8.070 ha; Produção, 9.684 ton; Valor, 1.936:800$ — 2° Produto: mandioca: Área cultivada, 1.000 ha; Produção, 7.000 ton; Valor, 700:000$000 — 3° Produto: alfafa: Área cultivada, 417 ha; Produção, 2.085 ton; Valor, 625:500$ — Produtos transformados (quantidade e valor): aguardente, 391.360 lt; 195:680$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 220.400; Ovinos, suínos e caprinos, 136.350 — Produção em quilos: de graxa, 502.620; de banha, 1.438.840; de lãs, 27.930.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 271 — Capital invertido, 10.987:675$ — Operários, 1.172 — Fôrça motriz em HP, 1.688,25 — Valor da produção, 19.445:617$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 466; Veículos a fôrça animada, 2.744.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 7; Aulas estaduais, 4; Aulas municipais, 41; Colégios particulares, 64 — Hospitais, 7 — Sociedades beneficentes, 2 — Instituições de caridade, 1 — Associações de classe, 9 — Sindicatos, 8 — Receita arrecadada: federal, 953:906$; estadual, 2.727:523$; municipal, 1.885:658$ — Despesas com: Ensino e cultura, 105:306$; Saúde pública, 52:921$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1821 — Data do início do povoamento do município.
1832 — 24-10 — Criação da paróquia.
1834 — 25-5 — Constituição do município, instalação em 4-8-1834.
1837 — 10-8 — A Câmara adere à República Riograndense.
1879 — 12-4 — Elevada à categoria de cidade, por lei provincial.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Médio. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Predomina o elemento sílico-aluminoso. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Jacuí, Ivaí, Ijuí, Porongos, Ingaí, Buracos, etc.; lagoas: Tamandaré, Bento Gonçalves e Canabarro. OROGRAFIA — Serra Geral com as denominações de Cadeado, Ijuí, Faxinal dos Valos, Ijuizinho, etc. CLIMA — Magnífico.

A CIDADE

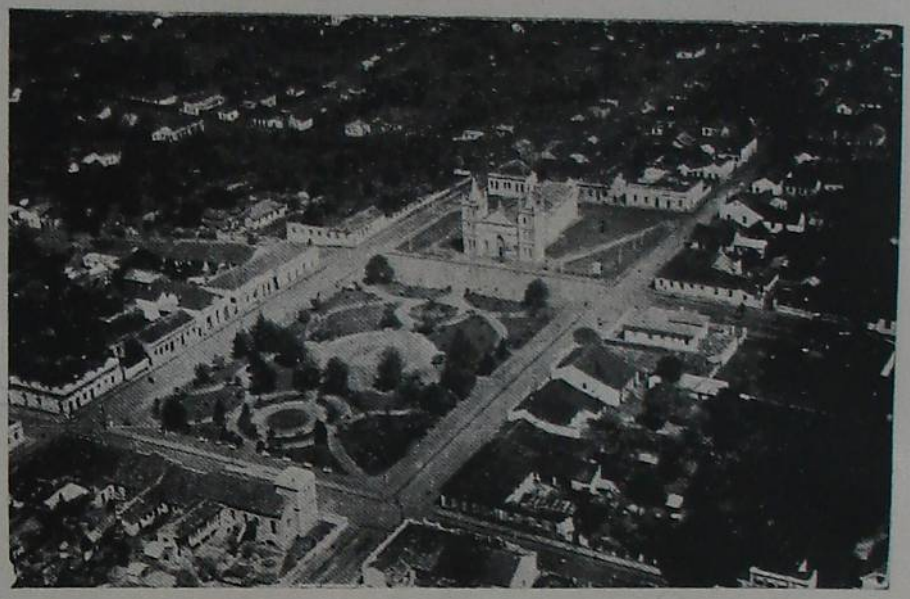
Sede do município e da comarca do mesmo nome, a cidade de Cruz Alta encontra-se situada em belíssima posição, estendendo-se sôbre imponente cochilha.

Conta Cruz Alta com amplas e compridas ruas, tôdas bem alinhadas, em sua maioria calçadas, sendo a principal a rua do Comércio, tôda edificada e onde está localizado o melhor comércio, com belos edifícios, principalmente os dos Bancos da Província, Comércio, Rio Grande do Sul, etc., seguida das ruas General Osório e Itaparica, as quais podem alongar-se sem limites, tanto para oeste como para o norte da cidade, respectivamente.

Possue, ainda, a cidade belíssimos logradouros públicos, todos bem ajardinados, destacando-se a Praça General Firmino, a principal, constituindo o melhor e o mais movimentado ponto da urbs; a Praça da Matriz e outros.

A edificação da cidade, em geral, é boa, havendo prédios de construção moderna, elegantes e confortáveis, principalmente os construídos nestes últimos anos, o que muito tem concorrido para o lindo aspecto da urbs, destacando-se, pela sua beleza arquitetônica, o palácio da Municipalidade, a igreja matriz, os vastos e modernos quartéis da guarnição federal aí sediada e outros de propriedade particular.

Cruz Alta é excelentemente iluminada à luz elétrica, apresentando mesmo um aspecto agradabilíssimo; cidade limpa e muito movimentada, produz a impressão de um grande centro em miniatura aos visitantes.



VISTA AÉREA DE CRUZ ALTA — Foto do 3.° R. A.

A vida social e cultural, bastante desenvolvida, é representada por inúmeras entidades associativas, tanto recreativas e culturais como cívico-militares e desportivas. Possue, ainda, vários hotéis, um bom cinema, teatro, campos, onde se praticam todos os desportos, e um hipódromo.

Alí estacionam, como sede da 5ª Brigada de Infantaria do Exército Nacional, o 8° Regimento de Infantaria, 6° Regimento de Artilharia e parte do 1° Batalhão Ferroviário. A imprensa, também, está representada em Cruz Alta, onde se editam os jornais "Diário Serrano" e o "Comércio".

A instrução pública tem merecido dos poderes competentes um cuidado especial, existindo grande número de escolas estaduais, municipais, subvencionadas e particulares, bem como alguns ginásios, todos funcionando com elevada matrícula de alunos, pois a população escolar de Cruz Alta é imensa. Também, a saúde pública é bem cuidada por parte dos poderes públicos, existindo postos de higiene que atendem diàriamente a população em geral.

O comércio e indústria de Cruz Alta encontra-se em franco desenvolvimento, tendo tanto seu parque comercial como o industrial alcançado um alto índice, sendo grande o número de estabelecimentos comerciais e industriais dos mais variados ramos de negócios e de manufaturas.

Encontra-se Cruz Alta, atualmente, sob a dinâmica orientação e administração do sr. Pacífico Dias da Fonseca que vem de uma maneira impecável dirigindo os seus destinos, mantendo, graças ao seu espírito culto, o cognome que Cruz Alta ostenta orgulhosamente, de "Princesa da Serra".

AS GRANDES INDÚSTRIAS DE CRUZ ALTA

A COOPERATIVA SUL-RIOGRANDENSE DE BANHA LTDA.

UM GRANDE ESTABELECIMENTO NO GÊNERO

Quem fizer uma rápida visita ao parque industrial de Cruz Alta, destacará, por certo, dentre os demais estabelecimentos que alí operam, a Cooperativa Sul-Riograndense de Banha Ltda.

A grande refinaria de banha e matadouro modêlo, localizado à rua Coronel Martins, com suas modelares instalações e com a excelente qualidade de seus produtos, já consagrados nos mercados consumidores, é, de fato, digna de registro.

A Cooperativa Sul-Riograndense de Banha Ltda., que possue uma agência em Pôrto Alegre, à Av. Júlio de Castilhos, 362, produz e exporta, sob inspeção federal permanente, banha refinada e frigorificada, fiambres, presuntos, conservas enlatadas e outros derivados de seu ramo, em larga escala, não só para os mercados gaúchos, como para os de todo o país e, mesmo, para o estrangeiro.

A afamada marca "Concórdia", com a qual se apresentam os produtos manufaturados pela Cooperativa Sul-Riograndense de Banha Ltda., já pela excelência de sua qualidade, já pela sua confecção, como, também, pela sua apresentação ao público consumidor, dispensam qualquer propaganda que se queira fazer nesse sentido, pois a sua grande aceitação e preferência de que goza entre as suas similares, falam, por si só, elevando, assim, o parque industrial de Cruz Alta.

DOM PEDRITO

REGIÃO: Campanha — LATITUDE S.: 30°58'54" — LONGITUDE W. Gr.: 54°39'56" — LIMITES: ao N.: São Gabriel e Lavras; a L.: Bagé; ao S. República Oriental do Uruguai; a O.: Livramento.

Dados geo-demográficos

Superfície, 5.190 km² — Altitude da sede, 140 m — Distância da Capital em linha reta, 350 km — População urbana, 10.100 — População rural, 15.900 — População total, 26.000 — Densidade por km², 5,00 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,77 — Crescimento natural, 141.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 1.490 ha; Valor total da produção, 839:250$000 — 1° Produto: arroz: Área cultivada, 600 ha; Produção, 1.680 ton; Valor, 537:600$000 — 2° Produto: milho: Área cultivada, 581 ha; Produção, 755 ton; Valor, 188:750$000 — 3° Produto: feijão: Área cultivada, 129 ha; Produção, 77 ton; Valor, 38:500$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 338.020; Ovinos, suínos e caprinos, 336.060 — Produção em quilos: de graxa, 230.550; de lãs, 655.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fabricas e oficinas, 62 — Capital invertido, 516:100$000 — Operários, 165 — Fôrça motriz em HP, 61 — Valor da Produção, 1.333:813$000 — Meios de transporte: Veículos a motor, 160; Veículos a fôrça animada, 967.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 3; Aulas estaduais, 3; Aulas municipais, 24; Colégios particulares, 12 — Hospitais, 4 — Associações de caridade, 1 — Associações de classe, 2 — Sindicatos, 2 — Receita arrecadada: federal, ... 305:575$800; estadual 1.750:753$300; municipal, 993:284$000 — Despesas com: Ensino e cultura, 155:121$000; Saúde puública, 34:948$000.



Gr. E. "Bernardino Ângelo".



Colégio N.ª S.ra do Horto.



Ginásio N.ª S.ra do Patrocínio.

SÍNTESE HISTÓRICA

1800 — Data do início da colonização do município.
1852 — 18-11 — Criação de uma capela, por lei 238.
1854 — 2-2 — Demarcação da povoação.
1859 — 3-12 — Elevação à categoria de freguesia, por lei provincial nº 473.
1872 — 30-10 — Criação do município por lei provincial nº 815, e instalada em 2-4-1873.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Campanha. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica e carbonífera. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Santa Maria, Ibicuí da Armada, Taquarembó, Ponche Verde e outros; banhados: do Salso, Anastácios, Goiabeira, etc.; passos: Dom Pedrito, Barreto, Bento Rego, D. Constança e outros; lagoas: Formosa, Upacaraí, Umbú, etc. OROGRAFIA — Serra Geral com as denominações de Serra do Prestes, Serrinha, Serrilhada, etc.; cerros: Caveiras, Figura, Cunhataí, etc. CLIMA — Temperado e saúdável.

A CIDADE

A cidade de Dom Pedrito, sede da comuna e comarca do mesmo nome, está situada em bela posição, sôbre um planalto, num ponto mais alto do território do município, sendo mesmo uma das cidades mais lindas da região da campanha.

Dom Pedrito, com suas ruas largas e alinhadas, com seus logradouros públicos bem ajardinados, apresenta um aspecto muito agradável, destacando-se entre as ruas principais a General Carneiro, 1º de Março, Duque de Caxias, Marechal Deodoro e muitas outras, bem como as praças General Osório, Marechal Floriano e República.

A sua edificação em geral é boa, possuindo ótimos edifícios, entre os quais a Prefeitura Municipal, a igreja N. S. do Patrocínio, o Clube Comercial, a Casa de Caridade, o Teatro-Circo e muitos outros.

A vida social e cultural da cidade encontra-se em pleno apogeu, sendo inúmeras as associações recreativas e culturais, desportivas e cívico-militares, bem como entidades de classe. Entre as culturais e recreativas destaca-se o Clube Comercial, funcionando em edifício próprio e instalado magnificamente, sendo o ponto de reünião da elite pedritense, possuindo uma magnífica biblioteca; e entre as classistas, destaca-se a Associação Rural, fundada em 3 de outubro de 1941, sob a direção atual do sr. Ataliba Coutinho da Rocha, contando uma longa bagagem de iniciativas em prol do desenvolvimento da pecuária pedritense.

A instrução e a saúde pública está sendo, cada vez mais, amparada pelos poderes competentes, existindo grande número de escolas públicas e particulares, com uma grande população escolar, e um pôsto de higiene que atende à população em geral. Entre os estabelecimentos de ensino público, citam-se: o Grupo Escolar "Bernardino Angelo", fundado em 4 de agôsto de 1915, sob a inteligente direção da professora d. Iracema Torres Jardim, com uma matrícula de 609 alunos de ambos os sexos; e o Grupo Escolar de São Sebastião, fundado em 1940, com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos, atualmente sob a direção da provecta educacionista srta. Maria da Conceição Xavier Villamil.

Por sua vez, entre as casas de ensino particular, destacam-se: o Ginásio Municipal N. S. do Patrocínio, estabelecimento de ensino secundário, fundado em 5 de maio de 1939, funcionando em prédio próprio e sob a direção do Rev. Padre Antônio Paul; e o Colégio N. S. do Horto, equiparado às escolas complementares do Estado, fundado em 3 de maio de 1908, com elevada matrícula de alunos, sob a direção da Irmã Ma. Amélia Marletto.

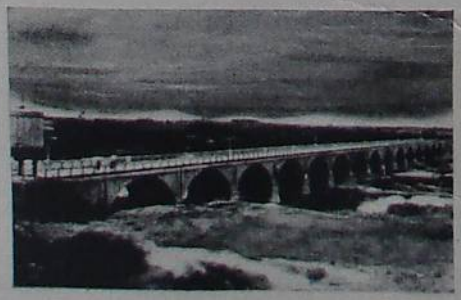
Encontra-se aquartelado na cidade uma unidade do Exército Nacional que é o 10º Regimento de Cavalaria, sendo, ainda, Dom Pedrito todo iluminado à luz elétrica.

O comércio e a indústria encontram-se na maior prosperidade e em pleno desenvolvimento, sendo o parque industrial baseado exclusivamente na pecuária, e o comercial com inúmeros estabelecimentos dos mais variados ramos de negócios.

Dom Pedrito encontra-se atualmente entregue à profícua administração de seu dinâmico prefeito, sr. Floribal de Oliveira Jardim que vem desenvolvendo uma brilhante atuação à frente de seus destinos.

Itinerário de Dom Pedrito:

A PORTO ALEGRE: TREM 680 km (Até São Gabriel 148 km, Santa Maria 338 km, Cachoeira 452 km, Rio Pardo 518 km, Barreto 60 km). AVIÃO 365 km (Até Bagé 35 km). COMBINADO 517 km. (Trem até Bagé 93 km, Pelotas 321 km, Vapor 196 km).
A BAGÉ: AVIÃO: 35 km. TREM 93 km. RODOVIA 72 km.
A LAVRAS: RODOVIA 85 m. COMBINADO 127 km (Trem até Ibaré 90 km, Rodovia 37 km).
A SÃO GABRIEL: TREM 148 km. RODOVIA 141 km (Até Lavras 85 km).
A LIVRAMENTO: AVIÃO 85 km. TREM 391 km (Até São Gabriel 148 km, Rosário, 283 km).



Ponte sôbre o Rio Santa Maria.



A decorativa tôrre hidráulica.



Os altares da Igreja Matriz.

ENCANTADO

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°14'30" — LONGITUDE W. Gr.: 51°56'29" — LIMITES: ao N.: Soledade e Guaporé; ao S.: Lajeado; a L.: Guaporé e Garibaldi; a O.: Soledade e rio Taquari.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.300 km² — Altitude da sede, 315 m — Distância da Capital em linha reta, 115 km — População urbana, 1.400 — População rural, 27.100 — População total, 28.500 — Densidade por km², 20,92 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,85 — Crescimento natural, 744.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 21.927 ha — Valor total da produção, 7.887:480$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 12.000 ha; Produção, 19.520 ton; Valor, 3.904:000$ — 2° Produto: trigo: Área cultivada, 3.485 ha; Produção, 2.091 ton; Valor, 1.045:500$ — 3° Produto: feijão: Área cultivada, 3.465 ha; Produção, 3.812 ton; Valor, 1.143:600$ — Produtos transformados (quantidade e valor): em vinho, 229.630 lt; 73:482$; aguardente, 44.240 lt; 17:696$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 28.800; Ovinos, suínos e caprinos, 93.780 — Produção em quilos: de graxa, 21.160; de banha, 2.144.560.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 183 — Capital invertido, 4.260:167$000 — Operários, 554 — Fôrça motriz em HP, 1.229 — Valor da produção, 12.602:576$000 — Meios de transporte: Veículos a motor, 104 — Veículos a fôrça animada, 216.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 1; Colégios particulares, 74 — Associações de classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 360:799$; estadual, 890:979$; municipal, 608:566$ — Despesas com: Ensino e cultura, 63:040$000; Saúde pública, 23:148$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1892 — 5-10 — A povoação já florescente passa a segundo distrito de Lajeado, por ato nº 6.
1896 — Elevação a curato em maio do ano marginado.
1915 — 31-3 — Criado o município por decreto nº 2.134, e instalado em 1º de maio do mesmo ano.

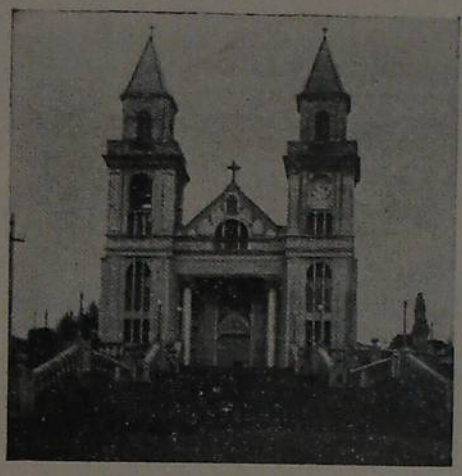
SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Guaporé e Forqueta, Putinga e Jacaré; arroios: Cinco Voltas, Zeferino, Lajeado, Tigre, Caçador e outros; lagoas: Espinho e Pinheiro; portos: Encantado, Barra do Jacaré e Barra do Guaporé; passos: Encantado, Barra do Jacaré, Guaporé, Roca Sales. OROGRAFIA — Serra Geral com os morros Grande, Zeferino, Lombo do Cavalo, Santa Clara, Monte Belo, Quemado. CLIMA — Excelente.

A CIDADE

A cidade de Encantado, sede do município do seu nome, está situada em um semi-planalto de montes, apresentando agradável aspecto.

Encantado possue boa edificação, sendo a maioria dos prédios de alvenaria, destacando-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz de São Pedro, cuja construção foi iniciada em 15 de abril de 1898 e terminada em 20 de dezembro de 1904; o Grupo Escolar, etc. A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, possuindo agências telegráfica e postal e centro telefônico.



Igreja Matriz.

As ruas são bem alinhadas e amplas, bem como os logradouros públicos, destacando-se a Praça 14 de Julho; e das ruas a principal é a Júlio de Castilhos, onde se encontra o alto comércio, agências dos bancos, hotéis, etc.

O comércio, a indústria e agricultura estão bem representadas, sendo várias as casas comerciais e industriais que, em franco desenvolvimento, contribuem para a maior riqueza econômica de Encantado.

A vida social e cultural da urbs encontra-se bastante desenvolvida, existindo inúmeras entidades recreativas e desportivas, culturais e cívico-militares, bem como associações beneficientes e entidades de classe.

A instrução atingiu a um lugar de relêvo, existindo várias escolas públicas e particulares, destacando-se o Grupo Escolar "Farrapos", sendo elevadíssima a sua população escolar que é eficientemente assistida.

A saúde pública tem merecido dos poderes competentes as maiores atenções, sendo mesmo sede de um sub-pôsto de higiene do Estado, magnificamente instalado, que atende à população em geral.

Atualmente encontra-se à testa dos destinos de Encantado o operoso prefeito, dr. Adalberto Pio Souto que, com raro descortino, vem conduzindo Encantado para o lugar que lhe está reservado entre as demais comunas riograndenses.

ENCRUZILHADA

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 30°32'25" — LONGITUDE W. Gr.: 52°31'20" — LIMITES: ao N.: Cachoeira e Rio Pardo; a L.: São Jerônimo e Camaquã; ao S.: Cangussú e Piratini; ao O.: Caçapava e Cachoeira.

Dados geo-demográficos

Superfície, 5.007 km² — Altitude da sede, 420 m — Distância da Capital em linha reta, 136 km — População urbana, 3.500 — População rural, 32.700 — População total, 36.200 — Densidade por km², 7,22 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1,08 — Crescimento natural, 461.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 13.480 ha — Valor total da produção, 7.552:000$00 — 1° Produto: feijão: Área cultivada, 2.445 ha; Produção, 2.689 ton; Valor, 1.344:500$ — 2° Produto: milho: Área cultivada, 4.050 ha; Produção, 4.860 ton; Valor, 1.215:000$ — 3° produto: alpiste: Área cultivada, 1.500 ha; Produção, 900 ton; Valor, 900:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 100.300 lt; 60:186$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 211.330; Ovinos, suínos e caprinos, 170.640 — Produção em quilos: de graxa, 22.310; de banha, 174.000; de lãs, 210.050.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 163 — Capital invertido, 1.053:600$ — Operários, 238 — Fôrça motriz em HP, 104 — Valor em produção, 3.025:200$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 76; Veículos a fôrça animada, 582.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 3; Aulas estaduais, 1; Colégios particulares, 55 — Hospitais, 2 — Associações beneficentes, 1 — Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 135:191$600; estadual, 753:942$100; municipal, 381:932$000 — Despesas com: Ensino e cultura, 42:615$000; Saúde pública, 5:953$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1700 — Data do início da colonização da comuna.
1781 — Criação da capela de Santa Bárbara.
1799 — Elevação a capela curada.
1837 — 17-11 — Elevada à categoria de freguesia, por lei provincial nº 6.
1849 — 19-7 — Elevada à categoria de comuna, por lei provincial nº 178, instalada a 2-10-1850.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações laurenciana, cámbrica e siluriça até à diluvial, ou seja da primordial até a quaternária. HIDROGRAFIA — Pertence às bacias dos rios Jacuí e Camaquã; rios e arroios: Jacuí, Camaquã, Pequiri, Irui, Palmas, Subtil, La-



A praça principal de Encruzilhada.

drão, Caneleira, etc.; passos: Bom Será, São José, Guarda, Marinheiros, etc. OROGRAFIA — Serra do Herval, com as denominações de Encruzilhada, Nascentes, Rosas, Pequeri e outras; cerros: Apertado, Agudo, Cabiola, Virador, Lombo do Porco, etc. CLIMA — Agradável, e a temperatura média anual é de 17,35 graus centígrados.

A CIDADE

A cidade de Encruzilhada, sede do município e da comarca do mesmo nome, está edificada sôbre uma cochilha, com regulares declives para todos os lados, o que lhe dá um ar alegre e simpático.

As suas artérias, amplas e alinhadas e suas praças arborizadas e ajardinadas cooperam para que a cidade apresente um aspecto devéras agradável. Entre as principais ruas, sobressaem-se a 15 de Novembro, Ramiro Barcelos, Felipe Noronha, Avenida Rio Branco, destacando-se entre seus logradouros públicos a Praça Júlio de Castilhos, em cujo centro se ergue um busto do benemérito encruzilhadense, o saüdoso Felipe de Freitas Noronha; Silvestre Corrêa, etc.

A edificação de Encruzilhada é boa, de agradável aspecto, notando-se mesmo alguns prédios de construção moderna. Entre seus edifícios principais figuram a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o cine-teatro "Vitória", além de vários prédios de propriedade particular.

A cidade, iluminada à luz elétrica, cuja usina pertence à Municipalidade, possue um grande movimento em sua vida urbana, sendo vários os cafés, bares, hotéis, centros de diversões, etc.

A vida social e cultural, em franco desenvolvimento, conta com várias associações culturais, de classe, beneficientes, desportivas, recreativas, etc., tôdas possuindo um precioso patrimônio moral, social e material.

A instrução, pública ou particular, bem como a saúde pública, auxiliadas pelos poderes competentes, vêm desempenhando satisfatòriamente as suas verdadeiras finalidades, pois conta com várias escolas, com grande número de alunos matriculados, e com órgãos especializados, incumbidos de conservar o bom estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio, ambos fortes e com grande movimento, vêm numa marcha progressista, encontrando-se, mesmo, em ótima situação de prosperidade.

Os destinos de Encruzilhada estão entregues ao esforçado administrador, o prefeito sr. Honório F. de Carvalho, que os vem dirigindo proficuamente.

Itinerário de Encruzilhada à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: COMBINADO 251 km (Rodovia até Rio Pardo 76 km, Trem 175 km via Montenegro 132 km, São Leopoldo 175 km). COMBINADO 346 km (Rodovia até Rio Pardo 76 km, Vapor 330 km).
A CACHOEIRA: RODOVIA 100 km.
A RIO PARDO: RODOVIA 72 km.
A CAMAQUÃ: RODOVIA 106 km.
A CANGUSSÚ: RODOVIA 100 km.
A PIRATINÍ: RODOVIA 174 km.
A CAÇAPAVA: RODOVIA 136 km.

E S T R Ê L A

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°27'40" — LONGITUDE W. Gr.: 51°58'26" — LIMITES: ao N.: Guaporé; a L.: Bento Gonçalves, Garibaldi e Montenegro; ao S.: rio Taquarí; a O.: Lajeado, Arroio do Meio e Encantado.

Dados geo-demográficos

Superfície, 726 km² — Altitude da sede, 198 m — Distância da Capital em linha reta, 92 km — População urbana, 3.510 — População rural, 25.290 — População total, 28.800 — Densidade por km², 40,66 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,85 — Crescimento natural, 585.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 47.687 ha — Valor total da produção, 22.052:120$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 36.800 ha; Produção, 66.240 ton; Valor, 16.560:000$ — 2° Produto: mandioca: Área cultivada, 5.506 ha; Produção, 33.036 ton; Valor, 2.642:880$000 — 3° Produto: cana: Área cultivada, 1.700 ha; Produção, 11.900 ton; Valor, 952:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 60.160 lt; 24:064$ — aguardente, 962.500 lt; 385:000$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 38.800; Ovinos, suínos e caprinos, 126.790 — Produção em quilos: de graxa, 39.600; de banha, 3.502.920.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 268 — Capital invertido, 9.896:277$000 — Operários, 617 — Fôrça motriz em HP, 1.038,75 — Valor em produção, 22.446:984$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 341; Veículos a fôrça animada, 649.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 5; Aulas estaduais, 10; Aulas municipais, 9; Aulas particulares, 40 — Associações de classe, 3 — Receita arrecadada: federal, 1.174:018$; estadual, 1.104:325$; municipal, 760:006$ — Despesas com: Ensino e cultura: 50:000$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1856 — Origem de sua colonização.
1873 — 2-4 — Elevada a freguesia, sendo instituída canônicamente em 11 de agôsto do mesmo ano.
1876 — 20-5 — Elevação à categoria de vila, por fôrça de lei provincial.
1882 — 21-2 — Instalação da vila, com tôda a solenidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Vale do Taquarí; na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Taquarí, Boa Vista, Campinho, Encantado, Augusto, Conventos Vermelhos, Garnizé, Corvo, Beija-Flor, Estrêla, Bom Retiro, etc.; passos: São Miguel, São Gabriel, Estrêla, Lajeado, Arroio do Meio, Barra da Forqueta, Encantado, General Osório, etc.; portos: Arroio do Ouro, Estrêla, Fundição, Roca Sales, Barra da Sêca e outros. OROGRAFIA — Serra Geral, com as denominações de serras do Paredão, Taquarí, Teutônia, Sêca; montes: Boa Vista, Teutônia, Roncador, Bicudo, Capivara e outros. CLIMA — Ameno e temperado, estações bem pronunciadas.

A CIDADE

A cidade de Estrêla, sede da comuna de seu nome, fica situada à margem esquerda do rio Taquarí e separada em dois bairros pelo arroio de seu nome e é edificada sôbre um local muito aprazível.

A cidade apresenta magnífico aspecto, com amplas ruas e logradouros públicos todos arborizados e ajardinados, destacando-se as ruas Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, 13 de Maio, etc., e a Praça Benjamin Constant. Sua edificação é excelente, possuindo belíssimos prédios, sobressaindo-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz de Santo Antônio, um dos mais belos templos católicos do Rio Grande do Sul; Associação Comercial, fundada em 26 de dezembro de 1938, congregando os comerciantes e industriais de Estrêla, obedecendo atualmente à direção do sr. Reinaldo Schwambach.

Cidade progressista, muito industrial e comercial, Estrêla possue numerosos estabelecimentos dos mais variados ramos, destacando-se entre os industriais a Cervejaria Estrêla, cujos produtos gozam da mais justa fama, dada a excelência de sua qualidade e com larga consumação, em tôda a zona do Alto Taquarí, sendo mesmo êsse estabelecimento um orgulho do parque industrial estrelense.

A vida social e cultural da cidade está condignamente representada, existindo numerosos entidades recreativas e culturais, desportivas e cívico-militares, possuindo ainda um Tiro de Guerra, com modelar organização e com elevado número de jovens candidatos a reservistas do nosso glorioso Exército. Destaca-se ainda entre as entidades de classe, o Clube Comercial, magnificamente instalado, oferecendo sua sede social amplo confôrto aos seus associados.

Tanto a instrução como a saúde pública recebem o mais franco apôio dos poderes competentes, existindo inúmeras escolas públicas e particulares com elevada população escolar, e pôsto de higiene que atende à população em geral.

A cidade está ligada diretamente a várias vilas, entre elas Roca Sales, a maior da comuna, possuindo belíssimo templo católico, a igreja de São José, construída em 1939 e inaugurada em 1941. Conta também, com o Tiro de Guerra 300, fundado em 1917, sendo seu presidente atual o sr. Juvêncio Menezes, tendo como instrutor o 3º sargento Manoel Corrêa Filho.

A sua administração está, atualmente, entregue ao diligente prefeito sr. dr. Cláudio de Toledo Mércio que tem muito se esforçado para que Estrêla prossiga na sua senda de prosperidade, dentro de sua profícua gestão.

Itinerário de Estrêla:

A PÔRTO ALEGRE: VAPOR 165 km. RODOVIA 162 km (Até Taquarí 50 km, Montenegro 87 km, São Leopoldo 126 km).
A TAQUARÍ: RODOVIA 50 km. VAPOR 54 km.
A LAJEADO: RODOVIA 6 km. VAPOR 3 km.
A ARROIO DO MEIO: RODOVIA 18 km (Até Lajeado 6 km).
A ENCANTADO: RODOVIA 36 km.
A GUAPORÉ: RODOVIA 98 km.
A BENTO GONÇALVES: RODOVIA 101 km.
A GARIBALDI: RODOVIA 87 km.
A MONTENEGRO: RODOVIA 78 km.



Igreja Matriz (Roca Sales).



Uma vista de Roca Sales.



O Tiro de Guerra de Roca Sales.



VISTA PARCIAL DE ESTRÊLA

Fotografia batida da margem oposta do rio Taquarí, no chamado Passo de Estrêla.

FARROUPILHA

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°14'30" — LONGITUDE W. Gr.: 51°26'20" — LIMITES: ao N.: Antônio Prado; a O.: Caxias; a L.: Bento Gonçalves e Garibaldi; ao S.: Caí.

Dados geo-demográficos

Superfície, 417 km² — Altitude da sede, 702 m — Distância da Capital em linha reta, 89 km — População urbana, 1.730 — População rural, 11.070 — População total, 12.800 — Densidade por km², 30,69 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,38 — Crescimento natural, 319.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 6.276 ha — Valor total da produção, 4.146:270$ — 1° Produto: uvas: Área cultivada, 1.010 ha; Produção, 12.120 ton; Valor, 2.302:800$ — 2° Produto: milho: Área cultivada, 1.800 ha; Produção, 2.700 ton; Valor, 540:000$ — 3° Produto, trigo: Área cultivada, 1.700 ha; Produção, 1.020 ton; Valor, 510:000$000 — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 7.525.970 lt; 2.408:310$000 — aguardente, 75.300 lt; 30:120$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 12.800; Ovinos, suínos e caprinos, 21.980 — Produção em quilos: de graxa, 13.100; de banha, 140.500.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 102 — Capital invertido, 10.013:609$ — Operários, 370 — Fôrça motriz em HP, 626,75 — Valor em produção, 10.498:089$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 77; Veículos a fôrça animada, 516.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Aulas estaduais, 3; Aulas municipais, 3; Colégios particulares, 45 — Associações beneficientes, 3 — Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 876:398$; estadual, 477:010$; municipal, 495:122$000 — Despesas com: Ensino e cultura, 56:997$; Saúde pública, 7:635$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1886 — Data do início da colonização da comuna.
1934 — 11-12 — Por decreto-lei foi a então sede elevada à categoria de comuna.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na região do Planalto. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica, época mesozóica. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia do rio das Antas; rios e arroios: Antas, Biassú, Buratí, Caçador, Salto Ventoso, Machado e outros. OROGRAFIA — Serra Geral que toma várias denominações. CLIMA — Devido à sua belíssima posição e altitude, o clima é excelente e a temperatura média anual é de 16 graus centígrados.

A CIDADE

Farroupilha, sede da comuna do mesmo nome, situada na parte central do território de que é constituida a comuna, é uma cidade dividida em três zonas: urbana, sub-urbana e rural. A zona urbana abrange tôda a cidade pròpriamente dita e apresenta magnífico aspecto.

A cidade conta com mais de 400 prédios, de moderno estilo e ótima apresentação, e grande número de ruas, simètricamente traçadas. A zona sub-urbana é constituída por três bairros povoados por operários, e a zona rural é povoada exclusivamente por agricultores.

Farroupilha é considerada uma cidade de veraneio, sendo grande o número de veranistas que nas estações calmosas alí afluem, em virtude não só de seu clima como pelo aspecto apresentado pela região que é caraterizada por lindíssimas paisagens.

Dentre os edifícios principais, destacam-se a Prefeitura Municipal, o Grupo Escolar "Farroupilha", fundado em 22 de agôsto de 1927, com uma matrícula de 286 alunos, e sob a orientação da provecta educacionista d. Wanda A. Jaconi, auxiliada por uma plêiade de esforçadas professoras; e a igreja matriz do Sagrado Coração de Jesús, cuja construção foi iniciada em 1933 e inaugurada em 1936.

A vida social e cultural de Farroupilha é representada por várias associações recreativas e desportivas, culturais e cívico-militares, existindo uma bem organizada Biblioteca Pública, procurada diàriamente por grande número de consulentes, o Tiro de Guerra 652, excelentemente aparelhado e atualmente preparando uma grande turma de candidatos a reservista do nosso brioso Exército.

A instrução e a saúde pública encontram-se num alto grau de desenvolvimento, sendo numerosas as escolas particulares e públicas disseminadas, não só na cidade como na comuna; e bem assim os serviços destinados a proteger a saúde da população em geral.

Tanto o comércio como a indústria estão num crescente desenvolvimento, sendo intensas as suas atividades, principalmente o parque industrial, cujo setor principal é a industrialização da uva e de seus derivados.

Exerce, atualmente, o cargo de prefeito o dr. Nelson T. Schneider, espírito culto e dinâmico, que tem procurado conservar Farroupilha no concêrto orgânico das comunas gaúchas que avançam a passos largos no caminho do mais franco desenvolvimento sob todos os aspectos.



Igreja Matriz.



Gr. Escolar Farroupilha.

Itinerário de Farroupilha à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A **PÔRTO ALEGRE:** RODOVIA 130 km (Até Caí 56 km, São Leopoldo 94 km). TREM 174 km (Até Montenegro 98 km, São Leopoldo 141 km).
A **GARIBALDI:** TREM 32 km. RODOVIA 21 km.
A **BENTO GONÇALVES:** TREM 46 km. RODOVIA 27 km.
A **ANTÔNIO PRADO:** RODOVIA 75 km.
A **FLORES DA CUNHA:** RODOVIA 38 km (Até Caxias 22 km). COMBINADO 37 km (Trem até Caxias 21 km, Rodovia 16 km).
A **CAXIAS:** TREM 21 km. RODOVIA 22 km.
A **CAÍ:** RODOVIA 56 km.
A **MONTENEGRO:** TREM 98 km. RODOVIA 56 km.

FLORES DA CUNHA

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°03'30" — LONGITUDE W. Gr.: 51°15'20" — LIMITES: ao N.: Antônio Prado; a L.: Caxias; a O.: Antônio Prado; ao S. Bento Gonçalves.

Dados geo-demográficos

Superfície, 480 km² — Altitude da sede, 710 m — Distância da Capital em linha reta, 105 km — População urbana, 1.200 — População rural, 8.400 — População total, 9.600 — Densidade por km², 20,00 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,28 — Crescimento natural, 284.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 5.898 ha — Valor total da produção, 4.208:250$ — 1° Produto: trigo: Área cultivada, 1.275 ha; Produção, 15.300 ton; Valor, 2.907:000$ — 2° Produto: uvas: Área cultivada, 1.850 ha; Produção, 740 ton; Valor, 444:000$000 — 3° Produto: milho: Área cultivada, 2.080 ha; Produção, 2.080 ton; Valor, 416:000$000 — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 10.673.200 lt; 3.415:425$ — aguardente, 95.000 lt; 38:120$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 6.200; Ovinos, suínos e caprinos, 9.450 — Produção em quilos: de banha, 100.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 31 — Capital invertido, 954:000$ — Operários, 78 — Fôrça motriz em HP, 116 — Valor da produção, 1.554:730$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 42; Veículos a fôrça animada, 377.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 3; Aulas estaduais, 4; Colégios particulares, 36 — Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 917:994$000; estadual, 266:050$; municipal, 255:716$ — Despesas com: Ensino e cultura, 45:046$; Saúde pública, 11:233$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1875 — Data do início da colonização da atual comuna.
1924 — 17-5 — Desmembra-se de Caxias com o nome de Nova Trento.
1932 — Passou a denominar-se Flores da Cunha, em homenagem ao então governador do Estado.
1939 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica, época mesozóica. HIDROGRAFIA — rios: das Antas, Herval e Curuzú. OROGRAFIA — Serra Geral com várias denominações. CLIMA — Excelente, temperatura média anual, 16 graus centígrados.

A CIDADE

A cidade de Flores da Cunha, sede da comuna do mesmo nome, está situada na encosta de um cêrro, o que lhe dá um bonito aspecto.

Flores da Cunha, que está situada a 750 metros acima do nível do mar, é um excelente ponto de veraneio, sendo muito procurado durante a estação calmosa, por grande número de veranistas, que dão, por sua vez, um movimento desusado à cidade.

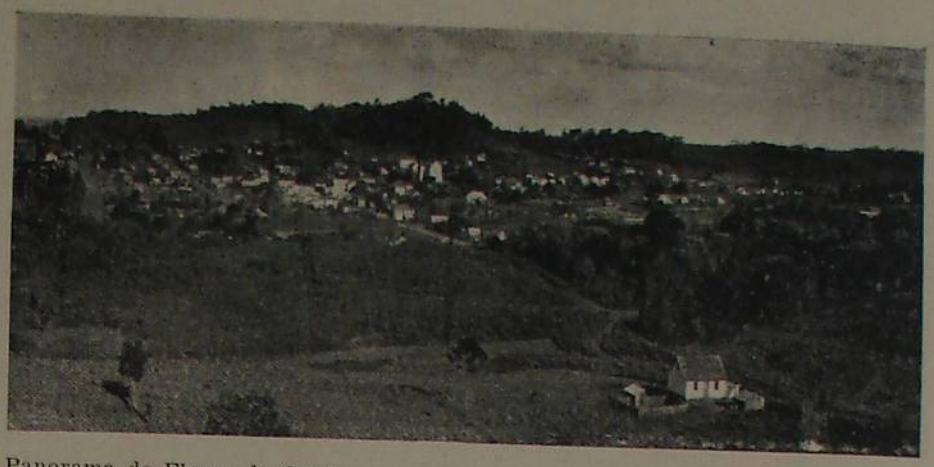
As suas ruas são bem cuidadas e amplas, bem como os seus logradouros públicos, todos arborizados que cooperam, assim, para maior beleza da cidade.

Flores de Cunha que é tôda iluminada à luz elétrica, possue todos os serviços públicos, sendo, mesmo, uma das novas cidades ricgrandenses que apresenta um promissor futuro.

A sua vida social e cultural, em adiantado grau de desenvolvimento, está magnificamente representada por um grande número de entidades classistas, desportivas, recreativas, culturais e cívico-militares, as quais possuem elevado número de associados, tôdas cooperando para o maior desenvolvimento de seus setores sociais e culturais.

A sua edificação em geral é boa, citando-se, entre os edifícios públicos, a Prefeitura Municipal, a igreja matriz de N. S. de Lourdes, um lindo templo de estilo gótico, com uma artística pintura, talvez a melhor do Estado, sendo seu atual pároco o vigário padre frei Eugênio (Capuchinho), além de outros prédios particulares.

A instrução, eficazmente amparada pelos poderes públicos, encontra-se em franco desenvolvimento,



Panorama de Flores da Cunha.



Interior da Igreja Matriz.

sendo inúmeras as escolas, em pleno funcionamento, com imensa população escolar de ambos os sexos. Igualmente, e em idênticas condições, encontra-se o ensino particular.

Dentre os estabelecimentos de ensino público, destaca-se o Grupo Escolar "Frei Caneca", excelentemente instalado e com elevada matrícula de alunos; e dentre os particulares, o Colégio das Irmãs de São José, existindo ainda um convento dos Padres Capuchinhos.

A saúde pública vem merecendo, por outro lado, as maiores atenções dos responsáveis pelo estado sanitário da população em geral, contando com alguns departamentos especializados que atendem aos seus habitantes.

O comércio e a indústria de Flores da Cunha vêm progredindo dia a dia. Os seus estabelecimentos comerciais e industriais são inúmeros, todos em franca prosperidade.

Governa atualmente os destinos de Flores da Cunha o seu operoso prefeito sr. dr. Otto Bérgio Trindade, que vem imprimindo na sua administração um ritmo de grande progresso.

Itinerário de Flores da Cunha:

A PÔRTO ALEGRE: RODOVIA 168 km. COMBINADO 210 km. (Rodovia até Caxias 16 km, Trem até Farroupilha 21 km, Montenegro 118 km, São Leopodo 161 km).
A CAXIAS: RODOVIA 16 km.
A FARROUPILHA: RODOVIA 38 km. COMBINADO 37 km (Rodovia até Caxias 16 km, Trem 21 km).
A ANTÔNIO PRADO: RODOVIA 40 km.

G A R I B A L D I

REGIÃO.: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°17'20" — LONGITUDE W. Gr.: 51°33'51" — LIMITES: ao N.: Bento Gonçalves; a L.: Farroupilha e Montenegro; ao S.: Montenegro; a O.: Estrêla.

Dados geo-demográficos

Superfície, 503 km² — Altitude da sede, 640 m — Distância da Capital em linha reta, 86 km — População urbana, 2.460 — População rural, 15.740 — População total, 18.200 — Densidade por km², 36,18 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,54 — Crescimento natural, 505.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 10.190,5 ha; Valor total da produção, 5.454:350$ — 1° Produto: uvas: Área cultivada, 1.210 ha; Produção, 10.890 ton; Valor, 2.069:100$ — 2° Produto: milho: Área cultivada, 3.908 ha; Produção, 5.862 ton; Valor, 1.465:500$ — 3° Produto: trigo: Area cultivada, 2.880 ha; Produção, 1.728 ton; Valor, 864:000$000 — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 8.800.700 lt; 2.562:810$000 — aguardente, 118.920 lt; 47:360$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 17.200; Ovinos, suínos e caprinos, 38.170 — Produção em quilos: de graxa, 19.440; de banha, 267.600.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 135 — Capital invertido, 4.423:173$ — Operários, 379 — Fôrça motriz em HP, 214,50 — Valor da produção, 8.310:841$000 — Meios de transporte: Veículos a motor, 87; Veículos a fôrça animada, 331.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Aulas municipais, 2; Colégios particulares, 75 — Asilos e recolhimentos, 1 — Associações beneficientes, 1 — Associações de classe, 2 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 1.426:674$; estadual, 618:285$; municipal, 593:878$ — Despesas com: Ensino e cultura, 54:480$000; Saúde pública, 8:619$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1874 — Origem da comuna, sendo iniciada sua colonização com imigrantes suiços e franceses.
1888 — 13-12 — Elevação à categoria de freguesia.
1900 — 31-10 — Constituiu-se em município autônomo por decreto-lei nº 327.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra — ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica, época mesozóica, série pliocena. HIDROGRAFIA — Pertence às bacias dos rios das Antas e Caí; rios: das Antas e Caí; arroios: Boa Vista, Santa Luiza, Santa Clara, Marrecão, Barão, Séca, Augusto, Campinho e Vitória. OROGRAFIA — Serra Geral. CLIMA — Agradável, sendo as estações bem pronunciadas.

A CIDADE

Garibaldi, sede da comuna e da comarca do mesmo nome, encontra-se localizada em uma linda cadeia de montanhas, estendendo-se sôbre uma meia planície. De aspecto simpático, é grandemente procurada por veranistas nas estações calmosas.

Garibaldi, que tem progredido muito nestes últimos tempos, possue inúmeras ruas, tôdas arborizadas, destacando-se as denominadas Buarque de Macedo, Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, etc., encontrando-se nelas localizadas as principais casas comerciais, edifícios bancários, hotéis e alguns estabelecimentos industriais.

Está ligada à capital do Estado por ótimas vias de comunicações, ferroviárias e rodoviárias, que trafegam diàriamente, mantendo assim o intercâmbio entre Pôrto Alegre e aquela cidade.

Entre os belos logradouros públicos, destaca-se a Praça 31 de Outubro, completamente arborizada e ajardinada, onde se encontra uma herma erigida em memória de Júlio de Castilhos.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, fornecida por uma bem montada usina, de propriedade da Municipalidade. Conta com bom serviço de transportes, rêde telefônica, ligando-a à capital do Estado, municípios vizinhos e distritos municipais, serviços telegráficos e fonográficos e postal diàriamente, ótimo serviço de assistência pública e água potável em abundância.

A vida cultural e social de Garibaldi encontra-se em alto grau de adiantamento, existindo várias entidades associativas, culturais e cívico-militares, destacando-se o Clube Comercial, com elevada matrícula de associados, um clube desportivo, Tiro de Guerra, além de outras entidades, contando, também, com um magnífico cinema.

O comércio, em franca prosperidade, possue numerosas casas dos mais variados ramos e a indústria encontra-se em pleno período progressista, possuindo várias fábricas de vinhos espumantes, licorosos e comuns, chapéus de palha, máquinas agrícolas, objetos de vime, móveis, fundição de sinos e etc.

Na indústria vinícola, destacam-se, entre outras firmas, os dos srs. Carraro & Bresina, fundada por João Batista Carraro e José Brosina, em 1929, com uma produção de 1.200.000 litros de vinho de diversos tipos e entregues no mercado consumidor sob as marcas "Palácio", "Succo" e "Montebel".

A instrução pública, tanto da sede como da comuna em geral, encontra-se em franco desenvolvimento.

Existem oitenta aulas municipais com uma freqüência de 2.939 alunos de ambos os sexos; a freqüência escolar, global, alcança a 9.980 alunos de ambos os sexos, destacando-se o Grupo Escolar, tendo todos os estabelecimentos de ensino um seleto corpo docente que honra o magistério público.

Garibaldi encontra-se, atualmente, sob a sábia e fecunda orientação do dr. Olinto F. de Oliveira Freitas, homem dinâmico e dotado de uma inteligência brilhante, que muito tem cooperado para que Garibaldi desfrute, como atualmente, um lugar de grande destaque entre as demais comunas do Rio Grande do Sul.



RECANTO ROMANTICO

Vista parcial de Garibaldi.

A INDÚSTRIA VINÍCOLA DE GARIBALDI

SOCIEDADE COOPERATIVA VITI-VINÍCOLA GARIBALDI LTDA.

Uma das entidades econômicas mais expressivas no parque industrial garibaldino é, incontestàvelmente, a Sociedade Cooperativa Viti-Vinícola Garibaldi Limitada.

Fundada em 21 de Fevereiro de 1.931. A Sociedade Cooperativa Viti-Vinícola Garibaldi Limitada, com um capital de 510:700$000 e com um fundo de reserva de 478:000$000, associa em suas atividades uma produção de 70 mil hectolitros de vinhos, ou sejam 6.000.000 de litros.

As suas marcas, já consagradas pelo consumo nacional, são intensamente procuradas em todos os mercados do país — Garibaldi possuïdora de oitenta percento da produção vinícola do município, exporta anualmente produtos num valor total de 8.000:000$000, a respeito do que cremos não ser preciso mais nenhum comentário.

Eis, nesse rápido esboço histórico, o que representa a Sociedade Cooperativa Viti-Vinícola Garibaldi Limitada na vida econômica da comuna que dá o nome ao importante estabelecimento indústrial.



Festa enfrente à Sociedade Cooperativa Viti-Vinícola Garibaldi Limitada.

O ESTABELECIMENTO DO SR. ARMANDO PETERLONGO

A indústria vinícola adquiriu nos últimos anos, em nosso Estado, um tal desenvolvimento, que se tornou o esteio da economia de uma grande zona do Rio Grande do Sul.

Municípios como Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias devem, em grande parte, à indústria do vinho e derivados, o seu estado atual de progresso e adiantamento.

Orientados por pessoas competentes, diversos estabelecimentos se instalaram nesta próspera região e conseguiram vencer, expandindo os seus negócios por todo o Brasil e mesmo para o Estrangeiro. Entre essas casas industriais, destaca-se desde logo o estabelecimento do Snr. Armando Peterlongo, situado em Garibaldi. Fundado em 1915, conquistou em mais 25 anos de existência um lugar condigno entre as indústrias similares de todo o mundo.

O principal produto do estabelecimento do Sr. Armando Peterlongo é a conhecida champanhe Peterlongo, de qualidades superiores, que rivaliza e mesmo ultrapassa as da champanha de qualquer outra procedência nacional e estrangeira.



Uma vista sôbre o estabelecimento do sr. Armando Peterlongo.

GENERAL CÂMARA

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 29°54'40" — LONGITUDE W. Gr.: 51°54'51" — LIMITES: ao N.: Venâncio Aires; a O.: Rio Pardo; ao S.: rio Jacuí; à L.: rio Taquarí.

Dados geo-demográficos

Superfície, 875 km — altitude da sede, 16 m — Distância da Cap. em linha reta, 66 km — População urbana, 2.530 — População rural, 8.570 — População total, 11.100 — Densidade por km², 12,68 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,33 — Crescimento natural, 121.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 1,702 Ha — Valor total da produção, 1.385:980$ — 1.° produto: arroz: Área cultivada, 881 Ha; Produção, 2.643 ton; Valor, 951:480$ — 2.° produto: milho: Área cultivada, 300 Ha; Produção, 450 ton; Valor 135:000$ — 3.° produto: fumo: Área cultivada, 95 Ha; Produção, 95 ton; Valor, 123:500$ — Produtos transformados (quant. e valor): Aguardente, 50.000 lt; 25:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 19.820; Ovinos, suínos e caprinos, 7.750 — Produção em quilos: de graxa, 15.600; de banha, 34.300.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 27 — Capital invertido, 413:708$ — Operários, 67 — Fôrça motriz em HP, 147 — Valor da produção, 480:994$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 25; Veículos a fôrça animada, 427.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 3; Aulas estaduais, 7; Aulas regimentais, 1; Colégios particulares, 15 — Hospitais, 1 - Receita arrecadada: federal, 152:294$6; estadual, 223:407$5; municipal, 236:284$4 — Desp. c.: Ensino e cultura, 14:070$; saúde pública, 6:386$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1737 — Início da colonização do município, dando-se sua fundação de 1764.
1773 — 18-1.° — Elevação à categoria de freguesia.
1881 — 4-5 — Criação do município por lei provincial n.° 1285, e instalado em 13-1-1883.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Jacuí, Taquarí, Taquarí-Mirim, Cavalhada, Carretas, Estiva, Sanga Funda, Taquara, Monjolo e outros; passos: Três Irmãos, Dourados, Cadeia, Canto e Saldo e outros; portos: Santo Amaro, Monte Alegre, Margem, Viúva Guedes e outros. OROGRAFIA — Serra Geral, contando com as cochilhas do Castelo, Boqueirão, Rodeio Velho; cerros: do Monte Alegre, Três Irmãos, Chileno, etc. CLIMA — O clima é saüdável e temperado.



Vista panorâmica de Gen. Câmara, com a Praça Cel. Mariano.

A CIDADE

A cidade de General Câmara, sede da comunr do mesmo nome, está edificada à margem direita do rio Taquari, apresentando um aspecto muito agradável.

As suas ruas, amplas e alinhadas, bem como seus logradouros públicos, bem cuidados e arborizados e mesmo ajardinados, dão à cidade uma fisionomia bastante agradável.

A edificação de General Câmara, em geral boa, conta com vários prédios, alguns de construção moderna, tanto públicos como particulares, entre os quais a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Arsenal de Guerra, o Banco do Rio Grande do Sul, o Hospital Militar, além de vários outros prédios particulares.

General Câmara, tôda iluminada à luz elétrica, possue, relativamente, uma movimentadíssima vida urbana, contando com vários cafés e bares, restaurantes, hotéis, cinemas, etc.

A sua vida social e cultural, em grande adiantamento, conta com várias agremiações recreativas, desportivas, beneficentes, desportivas, culturais, de classe, etc., tôdas com elevada cifra de associados e possuïdoras de precioso patrimônio moral, social e material.

É General Câmara sede do Arsenal de Guerra, estabelecimento militar que, de per si, dispensa qualquer referência, quer por sua expressão econômica, quer pelo contingente social e moral que coopera para a maior grandeza e progresso da cidade.

A instrução e a saúde pública, eficazmente amparadas pelos poderes competentes, encontram-se em pleno desenvolvimento. São inúmeras as escolas, entre as quais se cita o Grupo Escolar "João Canabarro", com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos. Conta, também, com alguns departamentos destinados a zelarem pelo bom estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio, em franca prosperidade, contam com vários estabelecimentos comerciais e industriais, todos gozando de sólida reputação nos meios econômicos e financeiros do Estado.

Atualmente, encontra-se, à frente de seus destinos, o seu infatigável prefeito, sr. Orfelino de Azambuja Reichel, que vem imprimindo à sua gestão um ritmo de trabalho e de progresso, com os aplausos unânimes da população de General Câmara.

GETÚLIO VARGAS

REGIÃO: Planalto Médio — LATITUDE S.: 27°48'00" — LONGITUDE W. Gr.: 52°12'30" — LIMITES: ao N.: José Bonifácio; a L.: Lagoa Vermelha; a S.: Passo Fundo; a O.: José Bonifácio.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.187 km² — Altitude da sede, 760 m — Distância da Capital em linha reta, 257 km — População urbana, 1.850 — População rural, 21.750 — População total, 23.600 — Densidade por km², 19,88 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,70 — Crescimento natural, 406.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 20.851 ha — Valor total da produção, 8.759:680$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 11.503 ha; Produção, 20.705 ton; Valor, 4.141:000$ — 2° Produto: trigo: Área cultivada, 6.400 ha; Produção, 3.200 ton; Valor, 1.920:000$ — 3° Produto: uvas: Área cultivada, 700 ha; Produção, 4.900 ton; Valor, 980:000$000 — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 872.010 lt; 279:043$000 — aguardente, 26.810 lt; 13:405$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 21.400; Ovinos, suínos e caprinos, 64.930 — Produção em quilos: de graxa, 16.440; de banha, 744.920.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 67 — Capital invertido, 6.885:786$ — Operários, 340 — Fôrça motriz em HP, 573,20 — Valor da produção, 10.117:889$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 89; Veículos a fôrça animada, 774.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 8; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 3; Colégios particulares, 41 — Hospitais, 2; Associações de classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 657:337$; estadual, 914:140$; municipal, 537:381$ — Despesas com: Ensino e cultura, 29:990$000; Saúde pública, 23:904$000.



GETÚLIO VARGAS — Vista geral da cidade.

SÍNTESE HISTÓRICA

1911 — Data do início da colonização da atual comuna.
1934 — 18-12 — Elevação à categoria de vila, instalando-se o município em 24-3-1935.
1939 — 10-1 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Médio. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Pirassucé, o Apuaé e o Abaúna. OROGRAFIA — Cochilha Geral com várias denominações. CLIMA — Temperado, com estações pronunciadas.

A CIDADE

A cidade de Getúlio Vargas, ótimamente situada, está cercada por cerros cobertos de matas, apresentando um belíssimo aspecto, sendo tôda iluminada a luz elétrica.

A sua edificação em geral é tôda de madeira, tendo, no entanto, magníficos prédios, destacando-se a Prefeitura municipal, a igreja matriz, a igreja metodista, a igreja evangélica e vários outros prédios particulares.

As ruas amplas e os logradouros públicos ajardinados obedecem a um traçado geométrico bastante regular, destacando-se a Avenida Borges de Medeiros, onde se encontram as principais casas comerciais, industriais, agências bancárias, os centros de diversões, etc.

Getúlio Vargas já possue uma vida social e cultural bastante adiantada, contando com várias associações recreativas, desportivas, culturais, e entre os esportes o que mais se pratica é o tenis e o futebol.

A instrução pública está entregue parte ao Estado, parte ao município. Há inúmeros estabelecimentos de ensino particular, existindo cinco edifícios modelos para Grupos Escolares. As escolas estão de um modo geral localizadas em prédios confortáveis, atingindo a matrícula total a cêrca de 2.138 alunos, com uma freqüência média de 80% sôbre êsse total.

Por sua vez, a Saúde Pública está a cargo do município, que por intermédio de um médico atende a todos os necessitados de seus serviços, apresentando, mesmo, Getúlio Vargas um estado sanitário em geral bom.

O comércio é bastante desenvolvido, sendo inúmeras as casas comerciais, tôdas em franca prosperidade, sendo também muito forte o comércio exportador, principalmente o de cereais, banha, couros, milho, trigo, etc.

Por outro lado, a indústria atingiu, também, a um grande progresso, sendo que a indústria maior da comuna reside na agricultura, existindo, também, em grande adiantamento a suína bem como a industrialização de seus produtos derivados, além de fábricas de materiais agrícolas, moinhos de trigo, de bebidas alcoólicas e sem alcool, etc.

A frente dos destinos de Getúlio Vargas encontra-se, atualmente, o dinâmico prefeito dr. Leonel Flores da Rosa, que vem cooperando de uma maneira decisiva para o maior progresso e engrandecimento da comuna que em boa hora lhe foi confiada.

A INDÚSTRIA DO COURO EM GETÚLIO VARGAS

O QUE É O GRANDE CURTUME ERÊ LTDA.

Uma das organizações que honram sobremaneira o parque industrial de Getúlio Vargas, é, sem dúvida nenhuma, o grande Curtume Erê Ltda., sucessores de Holzbach, Kieling & Cia. Ltda., com um capital realizado de 750 contos de réis, dedicado, exclusivamente, à industrialização de couros e seus derivados.

Especializado em couros de porco tintos, lisos, estampados e ao natural, o Curtume Erê Ltda., com uma capacidade produtiva de 100.000 peles, teve já seus produtos premiados com medalhas de ouro, em várias exposições.

Aparelhado com maquinários, os mais modernos no ramo, essa grande firma industrial, dedica-se, também, ao fabrico de couros em geral, tais como vaqueta, vaquetilhas, vernizes, camurças, bezerros, etc., bem como estendeu-se aos produtos derivados, possuindo fábricas de cola, sabão, de calçados comuns e artefactos.

Possuindo filiais em José Bonifácio e Cruzeiro do Sul, Estado de Santa Catarina; depósitos em Pôrto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro; e representantes nas principais praças do Rio Grande do Sul e do norte ao sul do país, os produtos "Erê" garantem a sua qualidade por experiências de quasi meio século de existência.

G R A V A T A Í

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 29°55'30" — LONGITUDE W. Gr.: 50°58'21" — LIMITES: ao N.: Taquara e Novo Hamburgo, ao S.: Viamão e Pôrto Alegre; à L.: Santo Antônio; O.: Canoas e S. Leopoldo.

Dados geo-demográficos

Superfície, 833 km² — Altitude da sede, 32 m — Distância da capital em linha reta, 26 km — População urbana, 2.850 — Populacão rural, 20.150 — População total, 23.000 — Densidade por km², 26,61 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,68 — Crescimento natural, 228.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 6.013,5 ha — Valor total da produção, 3.908:380$ — 1.º produto: mandioca: Área cultivada, 2.000 ha; Produção, 10.000 ton; Valor, 1.000:000$ — 2.º produto: arroz: Área cultivada, 865 ha; Produção, 2.249 ton; Valor .... 944:580$ — 3.º produto: cana: Área cultivada, 900 ha; Produção, 8.100 ton; Valor, 810:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor): em vinho, 100,340 lit; 50:170$ — Aguardente, 205.820 lt; 142:910$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 25.350; Ovinos, suínos e caprinos, 10.830 — Produção em quilos: de graxa, 72.840; de banha, 4.618.900; de toucinho, 2.496.280.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 67 — Capital invertido, 30.904:500$ — Operários, 613 — Fôrça motriz em HP, 1.814 — Valor da produção, 21.974:263$300 — Meios de transporte: veículos a motor, 89; Veículos a fôrça animada, 1.276.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Aulas estaduais, 8; Aulas municipais, 7; Colégios particulares, 19 — Associações de caridade, 1 — Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: Federal, ... 685:522$; estadual, 500:235$900; municipal, 394:590$ — Despesas com: Ensino e cultura, 57:400$; S. Pública, 12:743$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1778 — Data de sua origem, quando já era habitado por cêrca de mil índios Tapes, foragidos das Missões do Uruguai.
1795 — 22-12 — Por alvará constituiu-se em freguesia.
1880 — 11-6 — Por lei n.º 1247 foi elevado à categoria de Município.
1883 — 1.º-2 — Instalação da nova comuna.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica, período mesozóico. HIDROGRAFIA — Rios: Gravataí e Sinos; arroios: Miraguaia, Passo Grande, Butiá, Ferreiros, Sapucaia, Bernabé etc;. conta vários passos e a lagoa do Moinho. ORGRAFIA — Serra Geral que toma as denominações de Morro da Figueira, o Itacolomí, avistado num circuito de 15 léguas, Morro de Sapucaia e a Serra do Mar, com as denominações de Lombas, Santa Cruz e Itacolomí. CLIMA — Agradável.

A CIDADE

Sede da comuna do mesmo nome, a cidade de Gravataí está situada em meio de um planalto, nas proximidades do rio seu homônimo — o "Caravataí", de Ayres do Casal.

As suas ruas bem cuidadas e seus logradouros públicos ajardinados dão a Gravataí um agradável aspecto. As suas ruas principais são a Marechal Deodoro, Júlio de Castilhos e Marechal Floriano. A praça mais central, tôda arborizada e com as quatro faces edificadas, é a Borges de Medeiros, para onde converge a população da urbs, que é tôda iluminada à luz elétrica.

A edificação é em geral boa, havendo várias casas modernas, destacando-se o edifício da Prefeitura Municipal, a igreja matriz, e outras de propriedade particular.

O meio social e cultural de Gravataí encontra-se em grande desenvolvimento, contando várias associações de classe, recreativas, culturais, desportivas e cívico-militares. Possue, ainda, um cinema confortável, casas de bilhares, etc.

A instrução pública vem merecendo os mais desvelados cuidados por parte dos poderes competentes, sendo inúmeras as escolas públicas e particulares, possuindo um grupo escolar.

A saúde pública, por sua vez, também, tem merecido das autoridades de direito, um cuidado todo especial, sendo mantido um pôsto de higiene que atende eficientemente aos que necessitam de seus serviços, sendo em geral bom o estado sanitário.

O comércio e a indústria de Gravataí vêm crescendo de uma maneira admirável, contando com numerosos estabelecimentos comerciais e industriais, os quais se encontram na mais franca prosperidade, dedicando-se aos mais variados ramos de negócios.

A sua administração está entregue, atualmente, ao operoso prefeito sr. Ari Tubbs, que não poupa esforços para que Gravataí continue na sua marcha ascensional e no seu ritmo de progresso, cuja senda vem brilhando de maneira impecável.



Praça Dr. Borges de Medeiros.



Ponte no município de Gravataí.



Grupo Escolar da sede.

G U A Í B A

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 30°01'53" — LONGITUDE W. Gr.: 51°13'19" — LIMITES: ao N.: Triunfo; a L.: o rio Guaíba; ao S.: Tapes; a O.: S. Jerônimo.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.961 km — Altitude da sede, 4 m — Distância da Capital em linha reta, 17 km — Popu'ação urbana, 2.940 — Popu'ação rural, 18.360 — População total, 21.300 — Densidade por km², 10,86 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,63 — Crescimento natural, 402.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 14.468 ha — Valor total da produção, 14.353:590$ — 1.° produto: arroz: Área cultivada, 12.500 ha; Produção, 37.500 ton; Valor, 13.125:000$ — 2.° produto: milho: Área cultivada, 730 ha; Produção, 730 ton; Valor, ... 275:570$ — 3.° produto: batata inglesa: Área cultivada, 165 ha; Produção, 825 ton; Valor, 206:250$ — Produtos transformados (quant. e valor): Aguardente, 114.150 lt; 57:075$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 52.800; Ovinos, suínos e caprinos, 11.230 — Produção em quilos: de graxa, 293.880; de banha, 31.320; de lãs, 10.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 143 — Capital invertido, 5.550:286$ — Operários, 503 — Fôrça motriz em HP, 1.180,50 — Valor da produção, 20.422:872$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 126; Veículos a fôrça animada, 722.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Aulas estaduais, 3; Aulas municipais, 31; Colégios particulares, 3 — Hospitais, 2 — Associações de classe, 2 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 234:009$1; estadual, 678:049$2; municipal e cultura, 69:913$; Saúde pública, 6:393$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1800 — Data do início do povoamento da atual comuna.
1926 — 14-10 — Data em que passou a município autônomo.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação terciária. HIDROGRAFIA — rios e arrois: Guaíba, dos Ratos, Ribeiros, Capivara, Araçá, etc. OROGRAFIA — Serra do Herval, com várias denominações, contando com os cerros da Cavalhada, Pelado, Caboré, Fachinal, etc. CLIMA — Saüdável.

A CIDADE

A cidade de Guaíba, sede da comuna do mesmo nome, está construída à margem direita do rio que lhe empresta o nome e apresenta um bonito aspecto.

As suas ruas, amplas e alinhadas, e seus logradouros públicos arborizados e ajardinados, emprestam, ainda mais, à cidade uma fisionomia deveras encantadora. Dentre suas principais artérias citam-se a 7 de Setembro e a São José. Entre suas praças destacam-se a Júlio de Castilhos e a Gomes Jardim, na qual existe uma herma em honra do legendário general farroupilha, José Gomes de Vasconcelos Jardim, junto ao prédio onde residiu êsse ilustre guaibense.

A edificação é, geralmente, boa, existindo vários prédios, tanto públicos como particulares, ótimos, alguns mesmo de construção moderna. Dentre êles, destacam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Grupo Escolar, Cine-Teatro Gomes Jardim, além de vários outros edifícios de propriedade particular.

A cidade de Guaíba, tôda iluminada à luz elétrica, possue relativamente um bom movimento urbano. Conta com vários cafés, hotéis, restaurantes, cinemas, etc. Está ligada diretamente a Pôrto Alegre, por uma linha de "ferry-boat", cujas viagens são feitas quatros vezes ao dia.

A vida social e cultural de Guaíba encontra-se em pleno desenvolvimento, contando com várias agremiações culturais, desportivas, recreativas, beneficentes, de classe, cívico-militar, etc., as quais, instaadas em sedes magníficas, contam, também, com elevadas matrículas de associados.

A instrução, tanto pública como particular, vem, dia a dia, progredindo, existindo numerosas escolas que ministram o ensino a uma grande população escolar de ambos os sexos. Entre os seus estabelecimentos de ensino figura o Grupo Escolar "Gomes Jardim", fundado em 5-7-1926, sob a atual direção da provecta educadora d. Maria José Carvalhosa. Magnificamente instalado em prédio próprio, possue várias instituïções, que funcionam anexo ao estabelecimento de ensino.

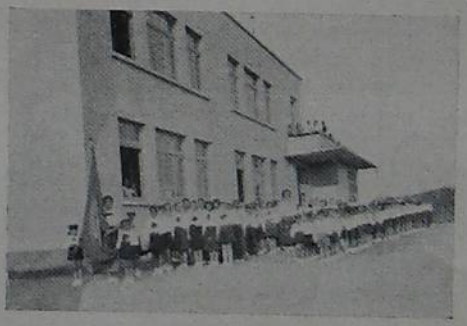
Por sua vez, a saúde pública, amparada pelos poderes competentes, vem desempenhando satisfatòriamente suas finalidades, zelando pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria de Guaíba encontram-se na mais franca prosperidade e em grande desenvolvimento.

O seu atual administrador, o infatigável prefeito dr. Nazário Leitão dos Santos vem imprimindo a Guaíba uma laboriosa e fecunda era de progresso com os aplausos unânimes de sua população.



Prefeitura Municipal.



Gr. E. "Gomes Jardim".



Herma do Gen. Gomes Jardim.

G U A P O R É

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 28°55'44" — LONGITUDE W. Gr.: 51°54'45" — LIMITES: ao N.: Passo Fundo; ao S.: Estrêla e Encantado; a L.: Bento Gonçalves, Alfredo Chaves e Prata; a O.: Soledade.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.922 km² — Altitude da sede, 450 m — Distância da Cap. em linha reta, 144 km — População urbana, 2.810 — População rural, 42.590 — População total, 45.500 — Densidade por km², 23,62 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1,35 — Crescimento natural, 1.257.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 66.472,5 ha — Valor total da produção, 15.636:600$ — 1.° produto: milho: Área cultivada, 43.724 ha; Produção, 65.586 ton; Valor, 9.837:900$ — 2.° produto: trigo: Área cultivada, 17.710 ha; Produção, 3.542 ton; Valor, 2.479:400$ — 3° produto: uvas: Área cultivada, 910 ha; Produção, 5.460 ton; Valor, 1.092:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor): Vinho, 654.210 lt; 239:441$; Aguardente, 92.440 lt; 36:976$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

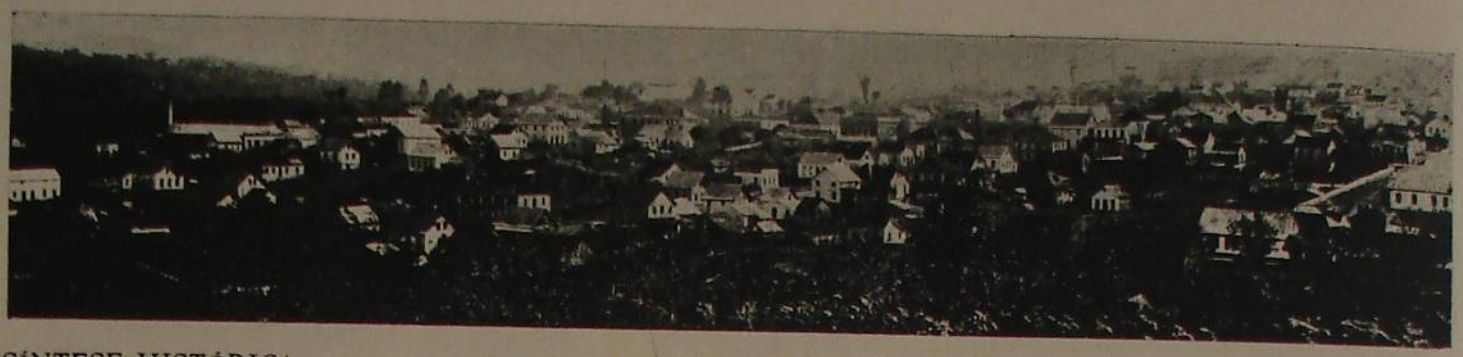
Bovinos, eqüinos e asininos, 47.300; Ovinos, suínos e caprinos, 173.360 — Produção em quilos de graxa, 33.060; de banha, 2.524.640.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 104 — Capital invertido, 10.378:615$ — Operários, 651 — Fôrça motriz em HP, 1.396,25 — Valor de produção, 21.458:090$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 193; Veículos a fôrça animada, 177.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 9; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 14; Colégios particulares, 100 — Sociedades Beneficientes, 1 ; Associações de classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 686:018$; estadual, 1.423:888$; municipal, 967:311$ — Despesas com: Ensino e cultura, ... 131:164$; Saúde pública, 16:814$.



SÍNTESE HISTÓRICA

1892 — Origem da comuna com os territórios dos municípios de Lajeado e Passo Fundo.
1898 — Elevação à categoria de Curato.
1903 — 11-12 — Por decreto n.º 664, foi elevada à categoria de vila e município ao mesmo tempo.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Vale do Alto Taquarí, na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOGRÁFICA — Formação terciária, período plioceno; região de granito, existindo basalto e rochas vulcânicas e rochas amigdalóides. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia do Taquarí; rios: Taquarí, Carreiro; Guaporé; arroios: Marau, Guabiroba, Brava, Barraca Rasgada, Taquara, Lambedor etc. OROGRAFIA — Serra Geral, em cujo extremo sul toma a denominação de Morros do Mussum, tendo ainda os morros e cerros do Rio Carreiro, Taquarí, Guaporé, Fabrício, Pinhal Alto, Bugre, Pardos, etc.; território bastante acidentado e ótimos matos, com excelentes madeiras. CLIMA — Excelente, ocupando o segundo lugar no Estado, quanto ao crescimento progressivo da população. A sua temperatura média no verão é de 21°39, no outono 14°36, no inverno 13°77, na primavera 19°17.



Clube União Guaporense.

A CIDADE

A cidade de Guaporé, edificada sôbre uma meia colina, apresenta simplesmente um aspecto encantador, sendo iluminada à luz elétrica e contando inúmeras ruas, tôdas arborizadas e várias praças ajardinadas.

A sua edificação é, em geral, boa, destacando-se, entre os edifícios principais, a Prefeitura Municipal onde funcionam tôdas as repartições públicas da cidade, o que representa uma grande comodidade para a população em geral; a igreja matriz de Santo Antônio, e grande número de prédios particulares de construção moderna.

As ruas, amplas e arborizadas, como já dissemos, são grandemente movimentadas, destacando-se, entre elas, 15 de Novembro, 12 de Outubro, 21 de Abril, 2 de Setembro, atravessando a primeira a cidade de norte a sul; e entre as praças cita-se a Vespasiano Corrêa, no centro da cidade.

Guaporé conta com uma vida social e cultural bastante adiantada, possuindo várias sociedades de classe, recreativas, desportivas, cívico-militar, culturais, beneficentes etc., destacando-se, entre elas, o Clube União Guaporense, fundado em 7-9-1910, funcionando em sede própria, com amplos salões para bailes, salas isoladas para jogos, biblioteca, etc., atualmente sob a presidência do sr. Carlos Magalhães.

A instrução bem como a saúde pública vêm merecendo dos poderes competentes os maiores cuidados, existindo grande número de escolas tanto públicas como particulares, com elevada população escolar, destacando-se o Grupo Escolar Bandeirante, fundado em 1925, sob a direção da provecta professora d. Maria Pacheco de Oliveira; por sua vez, a Prefeitura mantem um pôsto de assistência pública que atende aos que a êle recorrem. Existe, também, o Seminário Apostólico São Carlos, fundado em 1937, sob a atual direção do Padre Guerino Segundo Zago.

O comércio e a indústria estão em franca prosperidade, com inúmeros estabelecimentos comerciais e industriais, figurando, entre êstes, o da firma Bergamini & Cia., com fábrica, distilaria de licores, vinhos, caramelos e torrefação de café.

Guaporé está ligado a várias vilas, entre as quais Mussum, hoje General Osório, núcleo progressista, no qual existe o Grupo Escolar Mussum, fundado em 22-10-1929, atualmente sob a direção da educacionista d. Alzira Dias da Costa.

Os destinos de Guaporé estão, atualmente, entregues à operosa e dinâmica administração do prefeito sr. Manoel F. Guerreiro, que muito se tem esforçado para que sua gestão dê à comuna que lhe foi confiada um lugar de destaque entre as demais co-irmãs da comunidade riograndense.



Gr. E. "Bandeirantes".

H E R V A L

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 32°01'37" — LONGITUDE W. Gr.: 53°26'50" — LIMITES: ao N.: Pinheiro Machado e Bagé; a L.: Arroio Grande; ao S.: Jaguarão; a O.: República do Uruguai.

Dados geo-demográficos

Superfície, 2.680 km — Altitude da sede, 120 m — Distância da Capital em linha reta, 304 km — População urbana, 1.280; População rural, 8.420; População total, 9.700 — Densidade por km², 3,61 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,28 — Crescimento natural, 177.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 737 ha — Valor total da produção, 301:050$ — 1.º produto: batata inglesa: Área cultivada, 47 ha; Produção, 235 ton; Valor, 70:500$ — 2.º produto: trigo: Área cultivada, 158 ha; Produção, 95 ton; Valor, 57:000$ — 3.º produto: milho: Área cultivada, 213 ha; Produção, 213 ton; Valor, 53:250$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 115.060 — Ovinos, suínos e caprinos, 300.700 — Produção em quilos: de graxa, 70.880; de lãs, 537.340.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 15 — Capital invertido, 75:200$ — Operários, 24 — Fôrça motriz em HP, 8 — Valor da produção, 161:455$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 74; Veículos a fôrça animada, 436.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 1; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 19; Colégios particulares, 2; Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: Federal, 66:997$6; Estadual, 653:515$; Municipal, 408:212$3 — Despesa com: Ensino e cultura, 44:034$; Saúde Pública, 2:660$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1777 — Origem da colonização da comuna.
1791 — Início do povoamento.
1825 — Elevada à categoria de freguesia.
1881 — 20-5 — Elevação a vila e município por lei provincial, e instalado em 20-3-1883.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação primitiva, carbonífera e de gneisse e micaschistosa. HIDROGRAFIA — rios: Jaguarão, Piritini, Candiota, Jaguarão Chico; arroios: Grande, Divisa, Cruz, Lajeado, etc.; passos: Acampamento, Cruz, Centurião, Carros, São Diogo, etc.; lagoas: Margarida e Junco. OROGRAFIA — Contrafortes da Cochilha Grande com a denominação de serra de S. João do Herval, Santa Maria, Coruja, etc.; cerros da Guarda, Baú, Estância Nova, Acampamento Velho, Agudo e outros. CLIMA — Temperado e saudável.

A CIDADE

A cidade do Herval, sede da comuna do mesmo nome, está edificada nas proximidades do arroio de seu nome e em lugar elevado, de onde se descortinam belos panoramas.

As suas artérias, largas e alinhadas e seus logradouros públicos arborizados emprestam à cidade uma fisionomia mais atraente. Dentre as suas principais ruas, destaca-se a 15 de Novembro, bem como entre suas praças sobressai-se a Marquês do Herval, bem no coração da cidade e ponto de convergência de população em geral.

A edificação é, em geral, boa, possuindo bons prédios públicos e particulares, entre os quais, a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Banco do Rio Grande do Sul, etc.

Herval, tôda iluminada à luz elétrica, possue, relativamente, uma movimentada vida urbana, contando com centros de diversões públicos, cafés, hotéis, etc.

A vida social e cultural, em grande desenvolvimento, conta com várias associações recreativas, desportivas, de classe, culturais, beneficientes, etc., tôdas, em geral, magnificamente instaladas e com elevado número de consócios.

A instrução, quer pública como particular, progride dia a dia, sendo várias as escolas que ministram o ensino a um grande número de alunos de ambos os sexos. A saúde pública, por sua vez, amparada pelos poderes responsáveis pelo bom estado sanitário da cidade, vem preenchendo satisfatòriamente as suas finalidades.

O comércio e a indústria encontram-se em pleno desenvolvimento e em grande progresso.

Atualmente, acha-se à frente de sua administração o seu operoso prefeito, dr. Cincinato Brandão, que vem imprimindo à sua gestão um ritmo de trabalho que integrará, em breve, Herval no lugar que lhe está reservado entre suas co-irmãs riograndenses.

I J U Í

REGIÃO: Planalto Médio — LONGITUDE S.: 28°19'00" — LONGITUDE W. Gr.: 53°50'01" — LIMITES: ao N.: Palmeira; a L.: Palmeira e Cruz Alta; ao S.: Cruz Alta e Tupanciretã; ao O.: Santo Ângelo.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.950 km² — Altitude da sede, 498 m — Distância da Cap. em linha reta, 317 km — População urbana, 5.800 — População rural, 37.700 — População total, 43.500 — Densidade por km², 22,30 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,29 — Crescimento natural, 762.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 16.821,5 ha — Valor total da produção, 6.448:400$ — 1.° produto: milho: Área cultivada, 9.544 ha; Produção, 11.465 ton; Valor, 2.293:000$ — 2.° produto: cana: Área cultivada, 750 ha; Produção, 11.250 ton; Valor, .. 900:000$ — 3.° produto: feijão: Área cultivada, 1.544 ha; Produção, 1.544 ton; Valor, 617:600$ — Produtos transformados (quantidade e valor): Vinho, 100.130 litros; 50:065$; Aguardente, 1.891.860 lt; 756:744$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 59.150; Ovinos, suínos e caprinos, 146.410 — Produção em quilos: de graxa, 36.750; de banha, 1.051.520; de toucinho, 410.070.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 152 — Capital invertido, 5.855:900$ — Operários, 518 — Fôrça motriz em HP, 618,49; Valor da produção, 9.269:052$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 354; Veículos a fôrça animada, 595.

Dados diversos

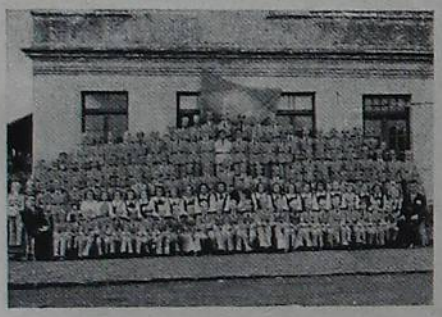
Instrução pública: Aulas municipais, 53; Colégios particulares, 38; Hospitais, 3 — Asilos e recolhimentos, 1; Instituïções de Caridade, 1; Associações de Classe, 2; Sindicatos; 5 — Receita arrecadada: federal, 1.545:477$9; estadual, — 1.917:245$4; municipal, 1.047:448$6 — Desp. c.: Ensino e cultura, 154:442$; Saúde Pública, 48:907$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1890 — 19-10 — Criação da comuna e seu povoamento.
1912 — 31-1.° — Constituïção do município, por decreto n.° 1.814.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Médio. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica, série mesozóica. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Ijuí Grande, Conceição, Porongos, Nock, Espinho, Rio Branco, Marimbondo e outros. OROGRAFIA — Cochilha Grande, com as denominações de Pontão, Ramada, Cadeado e Alto da União. CLIMA — Temperado e saüdável.



Alunos do Instituto Comercial de Ijuí.

A CIDADE

A cidade de Ijuí, sede da comuna do mesmo nome, está edificada em belo local, sendo muito pitoresca, de agradável aspecto e possuindo um belíssimo panorama.

As suas ruas são amplas e arborizadas, destacando-se como principal a rua do Comércio, possuindo, ainda, uma magnífica avenida. Os seus logradouros públicos são todos ajardinados e bem cuidados, cooperando para maior beleza da cidade.

A sua edificação é em geral muito boa, quer entre os edifícios públicos, quer entre os edifícios particulares, destacando-se como prédios principais, o da Prefeitura Municipal, as igrejas da matriz e protestante, o Instituto Comercial Ijuí, etc., em sua maioria todos prédios de moderna construção.

A vida social e cultural de Ijuí progride a passos largos, sendo inúmeras as agremiações recreativas, culturais, desportivos, de classe, cívico-militares, etc., que se encontram disseminadas pela cidade, tôdas em pleno funcionamento e com elevada matrícula de associados.

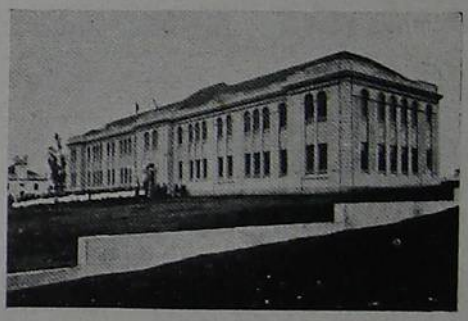
A-par de sua vida social e cultural, Ijuí, que é tôda iluminada à luz elétrica, está se tornando um grande centro de turismo riograndense, pelas condições excelentes que oferecem suas termas, principalmente as de Itaí e de Ijuí, estas à margem do rio do mesmo nome.

A instrução, quer pública ou particular, encontra-se em pleno desenvolvimento, sendo inúmeras as escolas que funcionam com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos. Entre as particulares, destaca-se o Instituto Comercial Ijuí, fundado em fevereiro de 1938, pelo professor Guilherme Clemente Köhler, atualmente, também, seu diretor, reconhecida pelo govêrno federal, encontrando-se em pleno ano letivo, com elevada matrícula de alunos, funcionando anexo um internato.

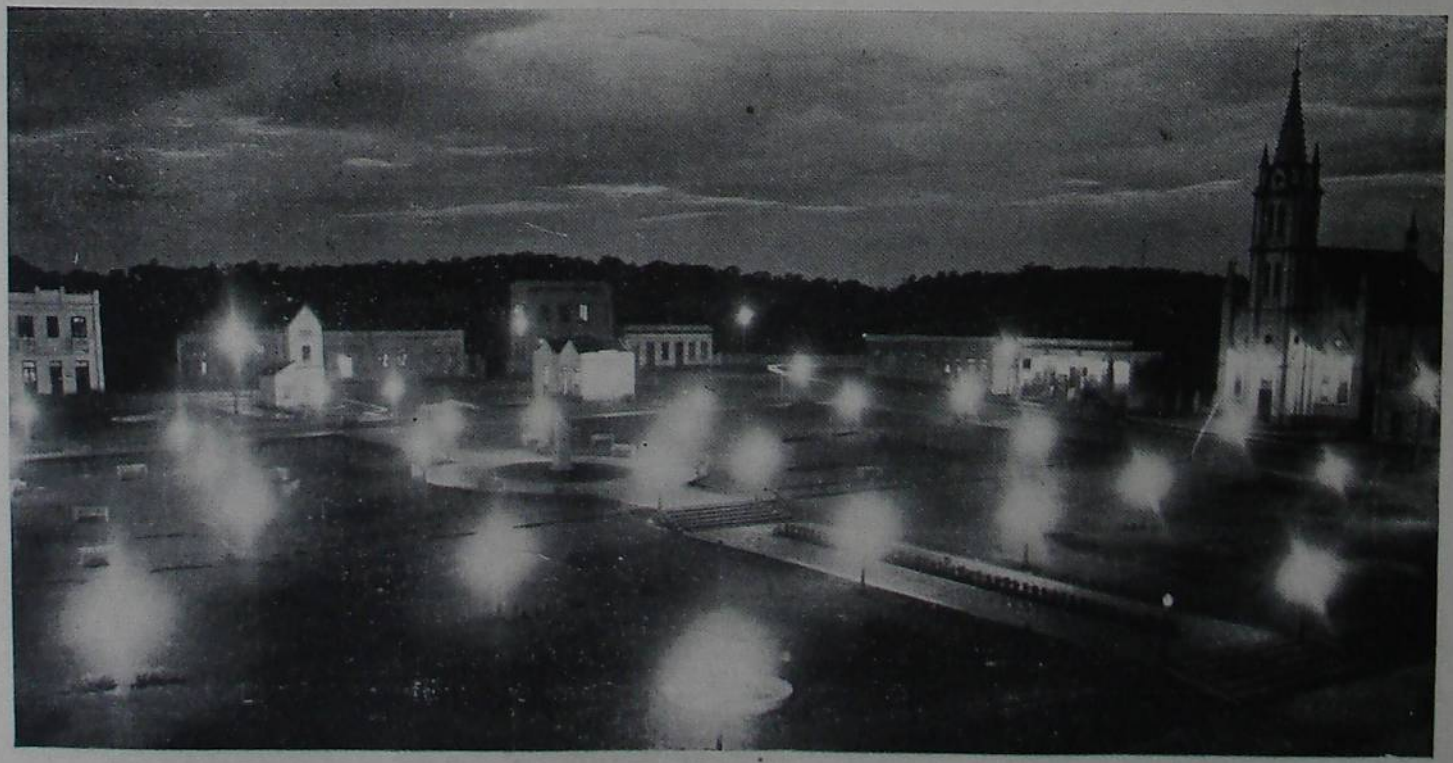
A saúde pública, por sua vez, vem merecendo dos poderes competentes a maior atenção, possuindo, além de um Pôsto de Higiene, vários departamentos que zelam pela saúde da população em geral, sendo mesmo excelente o estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria ijuiense encontram-se em franca prosperidade e em grande progresso, sendo inúmeras as casas comerciais e industriais, trabalhando com avultados capitais.

Atualmente, a sua administração está entregue ao seu operoso prefeito, o dr. Emílio Martins Buhrer, que vem empregando o máximo de seus esforços para que Ijuí continue trilhando a senda do progresso como até agora.



O imponente edifício do Grupo Escolar.



CIDADE DE IJUÍ

Praça principal, com iluminação noturna.

I R A Í

REGIÃO: Missões — LATITUDE S.: 27°06'00" — LONGITUDE W. Gr.: 53°18'00" — LIMITES: ao N.: Est. de Santa Catarina; a L. e S.: Sarandí; ao S. e O.: Palmeira.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.050 km; Altitude da sede, 225 m; Distância da Cap. em linha reta, 371 km; População urbana, 1.480; População rural, 13.620; População total, 15.100; Densidade por km², 14,38; Percentagem sôbre a população do Est., 0,45; Crescimento natural, 238.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 2.389 ha; Valor total da produção, 1.585:290$ — 1.º produto: fumo: Área cultivada, 210 ha; Produção, 315 ton; Valor, 378:000$ — 2.º produto: cana: Área cultivada, 200 ha; Produção, 3.600 ton; Valor, 360:000$ — 3.º produto; mandioca: Área cultivada, 200 ha; Produção, 1.400 ton; Valor, 140:000$. Produtos transformados (quant. e valor); Aguardente, 60.000 lt; 30:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos, e asininos, 9.800; Ovinos, suínos e caprinos, 26.940.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 33 — Capital invertido, 611:000$ — Operários, 73 — Fôrça motriz em HP, 84,70 — Valor da produção, 646:475$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 31; Veículos a fôrça animada, 233.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas municipais, 13; Colégios particulares, 9 — Hospitais, 1 — Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: estadual, 121:736$; municipal, 291:007$ — Despesas com: Ensino e cultura, 24:751$; Saúde pública, 9:922$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1896 — Data do início de sua colonização.
1917 — Elevação à categoria de cidade.
1933 — 1.º-7 — Tornou-se município autônomo.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Nas Missões. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação terciária. HIDROGRAFIA — rios: Uruguai, do Mel, dos Índios, Iraí e outros. OROGRAFIA — Serra Geral com várias denominações. CLIMA — Temperado.

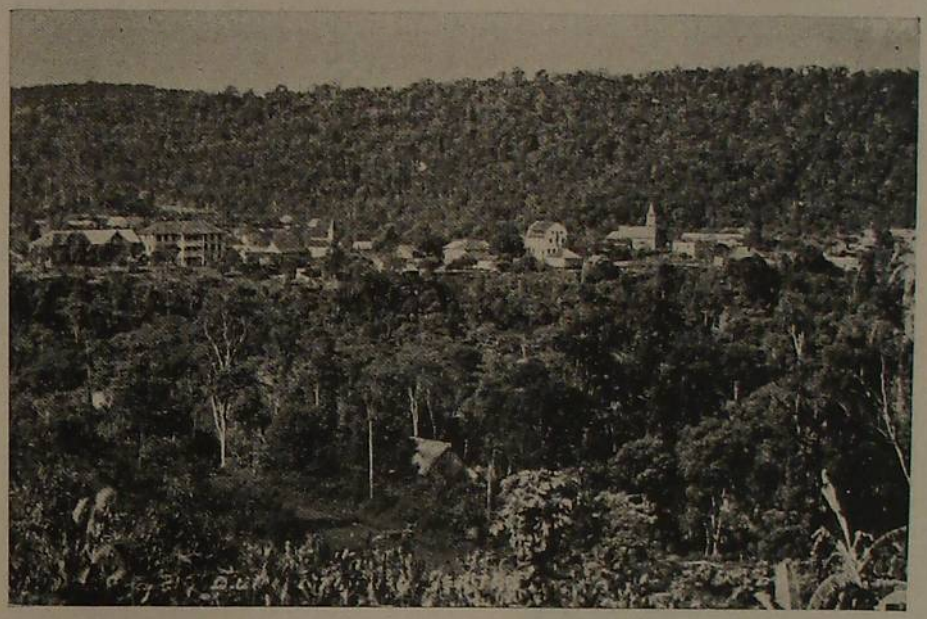
A CIDADE

A cidade de Iraí, sede da comuna de igual nome, está magnificamente situada numa das regiões mais lindas do Estado, sendo mesmo um dos mais antigos e importantes centros de turismo riograndense.

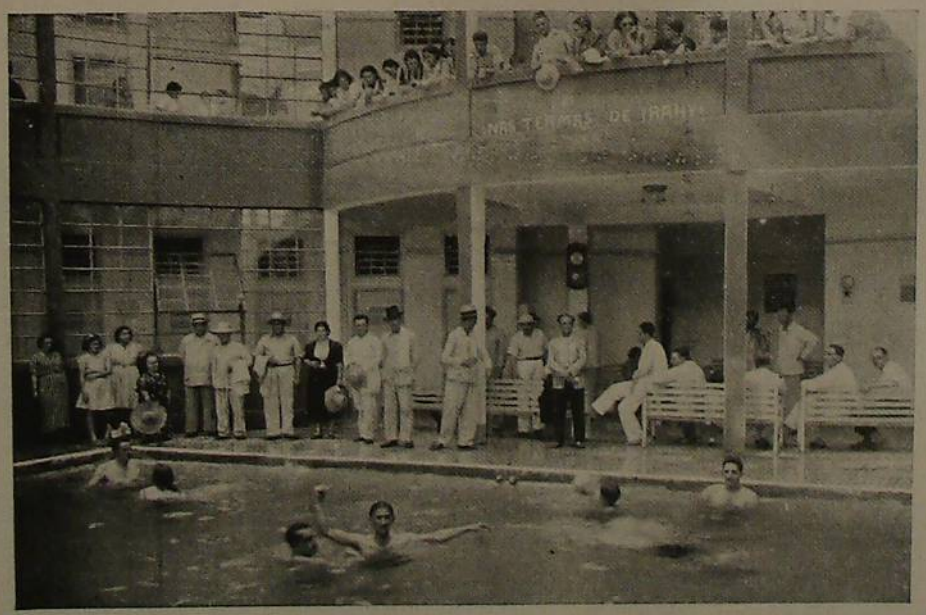
Iraí, a-par-de ótimos logradouros públicos, possue amplas e bem cuidadas ruas que dão magnífico aspecto à cidade, sendo tôda iluminada à luz elétrica.

A sua edificação é excelente, possuindo ótimos prédios públicos e particulares, destacando-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz e o templo protestante, etc., bem como lindos edifícios particulares de construção moderna, tais como o Balneário, o Casino, os hotéis Central, Iraí, o Balneário Hotel, Banco do Rio Grande do Sul, etc.

Iraí tem uma vida social e cultural em pleno desenvolvimento, contando com grande número de agremiações desportivas, de classe, recreativas, culturais e cívico-militares.



Iraí, no meio dum imenso sertão.



A piscina nas termas de Iraí.

Iraí, como centro de veraneio, é uma cidade bastante movimentada, possuindo inúmeros cafés, restaurante, cinema, contando com vários consultórios médicos e dentários, entre êstes o recentemente instalado, com aparelhamento ultra-moderno, sob a direção técnica dos irmãos Bastian, abalisados cirurgiões-dentistas.

A instrução e a saúde pública vem merecendo das autoridades responsáveis os mais desvelados cuidados, contando com várias escolas públicas e particulares, com elevada matrícula de ambos os sexos, destacando-se, entre os estabelecimentos educacionais, o Grupo Escolar Visconde de Taunay que administra o ensino a várias centenas de colegiais. Possue, também, um Pôsto de Higiene que atende diàriamente a população em geral bem como aos veranistas.

O comércio e a indústria, ambas marcham, par a par, em pleno desenvolvimento e na mais franca prosperidade, contando com inúmeras casas comerciais e industriais, com avultados capitais invertidos em suas transações.

Iraí goza de grande destaque, entre as demais co-irmãs no Estado, pois a fama de suas termas espalhou-se já, não só por todo Rio Grande, como pelo país e mesmo pelo estrangeiro, atraindo cada ano importantes correntes turísticas de tôda a porte.

As tão famosas "Águas do Mel" são águas minerais, medicinais, termo-alcalinas e radiotivas. Têm uma temperatura aproximada a 36º centígrados, limpidez cristalina, e são incolores ou de um belo verde azulado, quando na piscina do balneário.

A administração de Iraí está entregue atualmente ao seu dinâmico edil, dr. Álvaro Rodrigues Leitão que vem dotando Iraí de grandes melhoramentos para que torne, cada vez mais, essa estância de Águas digna do bom nome que usufrui mui justamente.

Itinerário de Iraí à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

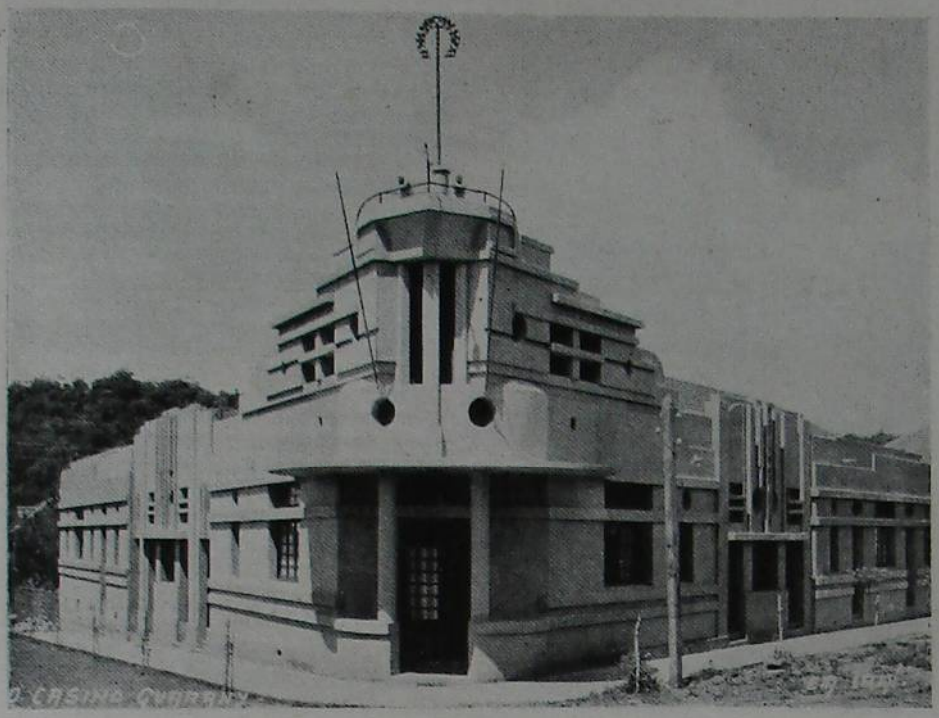
A PORTO ALEGRE: COMBINADO 520 km (Rodovia até Palmeira 120 km, Avião 400 km, até Cruz Alta 95 km, Santa Cruz 275 km). COMBINADO 749 km (Rodovia até Palmeira 120 km, Santa Bárbara 189 km, Trem até Cruz Alta 65 km, Tupanciretã 128 km, Júlio de Castilhos 154 km, Santa Maria 227 km, Cachoeira 341 km, Rio Pardo 407 km, Barreto 497 km). RODOVIA 639 km (Até Passo Fundo 290 km, Guaporé 406 km, Bento Gonçalves 482 km, Farroupilha 509 km, Caí 565 km, São Leopoldo 603 km).

A PALMEIRA: RODOVIA 120 km.

A SARANDÍ: RODOVIA 148 km.

IRAÍ — COMO CENTRO DE TURISMO

O CASINO GUARANÍ — O PONTO DE REÜNIÃO ELEGANTE DOS TURISTAS



Iraí é, inegàvelmente, um dos maiores centros de turismo do R. Grande do Sul.

E, assim sendo, não poderia faltar, na vida elegante da cidade-turismo, um centro de diversões que, pelas suas magníficas instalações, pelo confôrto e pela sua distinção fôsse o ponto de reünião preferido pela élite social de seus habitantes ou visitantes.

E, Iraí, a Estância permanente de cura e recreio, também, possue o seu centro de diversões — o luxuoso Casino Guaraní.

Instalado magnificamente em edifício apropriado, com ótimos salões de dansa, jogos e diversões, o Casino Guaraní, sob a competente direção de seu proprietário, o sr. Eurico Nunes da Silva, veio preencher uma lacuna que se fazia sentir na vida social de Iraí, concorrendo, assim, para tornar Iraí digna do nome que ostenta, a de Cidade-Turismo.

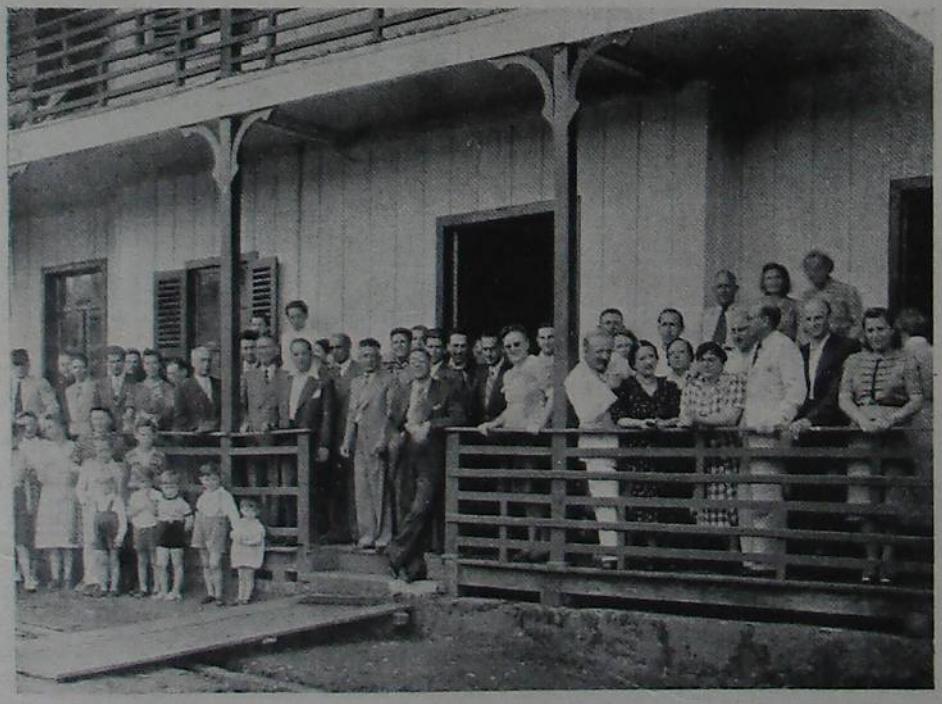
Situado em local excelente, o Casino Guaraní, além de oferecer aos veranistas das "Águas do Mel" as mais lindas reüniões dansantes já realizadas alí, abre, diàriamente, suas portas para receber os seus distintos "habitués" num ambiente de alta distinção.

A direção do Casino Guaraní, não se descurando um só instante de dotar êsse luxuoso centro de diversões dos mais adiantados melhoramentos para melhor confôrto de seus freqüentadores, instalou, numa das suas amplas salas, um moderno restaurante, sob a direção de um competente profissional, que satisfaz plenamente aos mais requintados paladares, bem como fez funcionar, anexo ao restaurante, um "American Baar", com todos os requisitos modernos no gênero.

Há ainda um outro setor que vem merecendo, dia a dia, maior atenção de seu proprietário, o sr. Eurico Nunes da Silva, para que o Casino Guaraní preencha, verdadeiramente, as suas finalidades. Foi o de dotá-lo de um corpo de funcionários que, pela suas maneiras distintas e educadas, atenda aos "habitués" com a maior correção e cavalheirismo, que torna, inegàvelmente, o ponto elegante onde se reúne o escol de Iraí.

Pode, pois, Iraí ufanar-se de possuir um centro de diversões como o é o Casino Guaraní.

O BALNEÁRIO HOTEL, UM ESTABELECIMENTO DE DISTINÇÃO



O General Interventor quando se hospedava no Balneário Hotel.

A estância hidro-mineral de Iraí é, inegàvelmente, um centro de distinção e confôrto, sob todos os pontos de vista e em tôdas as suas modalidades.

Dentre os seus inúmeros estabelecimentos, destinados ao alojamento das pessoas que procuram essa famosa estância de águas, figura, em primeiro plano, o Balneário Hotel, magnìficamente instalado num edifício de três andares, com ótimos apartamentos para as exmas. famílias, todos êles dotados de água corrente e instalações sanitárias, tudo completamente novo.

O Balneário Hotel, de propriedade do sr. Ângelo Teston, que é ao mesmo tempo seu gerente, é dotado de amplas áreas cobertas, para passeio dos hóspedes, bem como de uma vereda que vai diretamente ao balneário, independente das demais.

Com uma sala de refeições, ampla e arejada, uma das mais confortáveis daquela estância de águas, o Balneário Hotel possue uma bem instalada cozinha, sob a hábil direção de uma profissional competentíssima, estando, assim, apta a satisfazer aos mais requintados paladares ou às prescrições médicas.

Ainda, para maior comodidade de seus hóspedes, possue êsse magnífico estabelecimento uma grande garage de alvenaria, de uma barbearia, engraxataria, funcionando a tôda a hora, bem como um auto-ônibus com lotação para 14 passageiros, veículo que é empregado no transporte de seus clientes ao Balneário, e dêste ao hotel.

Mas, não ficou aí a ação dinâmica de seu proprietário, o sr. Ângelo Teston, no afã de melhor hospedar os veranistas que lhe dão preferência, pois, ainda na presente temporada, serão inaugurados mais 16 quartos, todos de alvenaria, com água encanada, completamente mobiliados e com ar e luz direta.

Da face lateral do hotel segue um pequeno caminho que conduz, através de uma ponte suspensa, sôbre o rio do Mel, aos bosques fronteiros, onde se encontra um esplêndido caramanchão natural, o qual, para recreio de seus hóspedes, foi dotado de mesa para ping-pong e outros jogos de salão, bancos, etc.

Além de todo êsse aparelhamento, oferece, ainda, o Balneário Hotel uma grande vantagem: a modicidade de suas diárias, que o tornam o preferido pelos veranistas, dentro de um ambiente de distinção e confôrto.

AS "ÁGUAS DO MEL" E SEUS RECURSOS TERAPÊUTICOS

O BEM-ESTAR QUE PROPORCIONA O HOTEL IRAÍ AOS SEUS FREQÜENTADORES



O alteroso edifício do Hotel Iraí.

As tão famosas "Águas do Mel", indicadas nas doenças do estômago, intestinos, fígado, pele e rins, bem como nos reumatismos, na hipertensão arterial, na diabete, na eliminação do ácido úrico e na restauração orgânica, são espalhadas, graças a uma grande organização particular, por todos os quadrantes do país — a Companhia de Águas de Iraí, concessionária do engarrafamento das águas minero-medicinais radioativas das fontes do Iraí.

É ainda, graças à iniciativa dessa modelar organização que é a Companhia Águas de Iraí que êsse precioso recurso terapêutico, que, na abalisada opinião do especialista dr. Alberto Albertini, é superior, quanto à composição mineral, às congêneres da Europa, ora em exploração, que concorrendo a vários certames, conseguiu quatro medalhas, dois grandes prêmios e diplomas nas exposições íbero-Americana de Sevilha, Industrial de Pôrto Alegre, em 1929, Farroupilha, em 1935, e Industrial de Passo Fundo, em 1939.

Quem procura a influência benéfica das "Águas do Mel" para o bem-estar da saúde, encontra, também, no Hotel Iraí, de propriedade do sr. José Beltrame, todos os requisitos indispensáveis para completa estação de águas, magnìficamente instalado num dos pontos mais altos da cidade.

Êsse conceituado estabelecimento, com 120 quartos, todos com água corrente, dispondo de uma cozinha de primeira ordem, com tôdas as instalações sanitárias, pelas suas excelentes acomodações, oferece aos veranistas que alí se alojam o máximo do confôrto.

O Hotel Iraí, a-par de suas magníficas instalações, também, possue condução própria que, gratuitamente, conduz seus hóspedes ao balneário, para maior comodidade daqueles que lhe dão preferência.

O HOTEL CENTRAL, UM ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM

A estância de águas de Iraí prima por uma série de empreendimentos particulares que, sobremodo, a tornam um centro de veraneio ímpar em nosso Estado. E, dentre êsses empreendimentos particulares, destacam-se os seus hotéis que abrigam os milhares de veranistas que alí afluem durante todo o ano.

Localizado bem no coração da cidade, um dêsses estabelecimentos, logo se destaca entre os seus congêneres; é o Hotel Central, de propriedade do sr. Guilherme Kunzler que, dada a sua longa experiência nesse ramo, se classificou como de primeira ordem, dotado que é de todos os requisitos modernos. Além dêsses fatores, o Hotel Central, próximo às fontes termais, possue uma cozinha excelente, sob a direção de um verdadeiro mestre-cozinheiro que constitue uma das grandes vantagens que oferece êsse estabelecimento aos inúmeros hospedes.

Por todos êsses motivos, é, sem dúvida alguma, o Hotel Central um estabelecimento de primeira ordem, que honra a estância de águas de Iraí.



I T A Q U Í

REGIÃO: Missões — LATITUDE S.: 29°07'10" — LONGITUDE W. Gr.: 56°32'52" — LIMITES: ao N.: o município de S. Borja; a L.: Santiago e S. Francisco de Assis; ao S.: Uruguaiana e Alegrete; a O.: a Rep. Argentina.

Dados geo-demográficos

Superfície, 5.512 km² — Altitude da sede, 78 m — Distância da Cap. em linha reta, 526 km — População urbana, 7.180 — População rural, 9.520 — População total, 16.700 — Densidade por km², 3,02 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,49 — Crescimento natural, 116.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 2.785 ha — Valor total da produção, 1.183:600$ — 1.° produto: linho: Área cultivada, 1.640 ha; Produção, 984 ton; Valor, 688:800$ — 2.° produto: arroz: Área cultivada, 225 ha; Produção, 630 ton; Valor, 252:000$ — 3.° produto: milho: Área cultivada, 500 ha; Produção, 140 ton; Valor, 84:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 203.300; Ovinos, suínos e caprinos, 175.250 — Produção em quilos: de graxa, 32.210; de lãs, 259.950.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 34 — Capital invertido, 366:100$ — Operários, 83 — Fôrça motriz em HP, 77 — Valor da produção, 479:190$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 69; Veículos a fôrça animada, 302.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 3; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 9; Colégios particulares, 6; Hospitais, 3; Sociedades Beneficentes, 1; Associações de classe, 3 — Receita arrecadada: federal, 133:377$; estadual, 1.130:763$; municipal, 748:513$ — Despesas com: Ensino e cultura, 84:346$; Saúde pública, 10:657$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1802 — Data do início do povoamento do município.
1837 — 23-12 — Elevação à categoria de freguesia, por lei provincial n.º 15.
1858 — 16-12 — Elevação à categoria de vila, por lei provincial, instalando-se o município em 30-3-1859.

marca do mesmo nome, está situada à margem esquerda do rio Uruguai, quasi na confluência do arroio Cambaí.

Cidade antiga, está sendo remodelada e ampliada em sua feição urbana. Suas ruas são regularmente alinhadas de norte a sul e de leste a oeste, e seus logradouros públicos são todos ajardinados e bem cuidados, citando-se, entre suas artérias principais, 15 de Novembro, 7 de Setembro, Almirante Pereira de Melo, etc., e, entre suas praças, Riachuelo e Marechal Deodoro.

A sua edificação é, em geral, excelente, sendo inúmeros os edifícios públicos e particulares, de construção moderna e, em sua maioria, de alvenaria. Entre êles, destacam-se a Prefeitura Municipal, o Mercado Público, igreja matriz, o templo metodista, a Casa de Caridade, a gare da Viação Férrea, os quartéis das unidades federais, etc.

Contando com várias agremiações recreativas, culturais, desportivas, classistas, cívico-militares, etc., a vida social e cultural de Itaquí encontra-se em elevado grau de adiantamento, funcionando suas entidades com elevada matrícula de associados.

Itaquí, uma das cidades mais adiantadas e progressistas da zona fronteiriça, é tôda iluminada à luz elétrica, possuindo ótimo serviço sanitário.

O ensino vem merecendo das autoridades responsáveis o mais decisivo dos amparos, sendo mesmo elevado o índice escolar de Itaquí, contando com várias escolas públicas e particulares, estando todos os estabelecimentos de ensino em pleno funcionamento, com elevada população escolar de ambos os sexos.

Por sua vez, a Saúde Pública, também, vem merecendo dos poderes competentes, os mais desvelados cuidados, existindo um Pôsto de Higiene, bem como vários outros departamentos destinados a zelarem pelo bom estado sanitário da cidade em geral.

A vida comercial e industrial itaquiense não pode ser mais próspera do que se encontra atualmente, pois seus estabelecimentos comerciais e industriais, que são inúmeros, vêm operando francamente em todos os setores econômicos e financeiros.

Encontra-se, atualmente, à frente de seus destinos, o dinâmico prefeito Otávio Silveira, imprimindo aos negócios públicos de Itaquí uma orientação segura e profícua.



Prefeitura Municipal.



A Igreja Matriz.



Mercado Municipal "Tito Lopez".

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Nas Missões. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica, do período secundário ou mesozóico. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia ocidental; rios e arroios: Uruguai, Butuí, Ibicuí, Aguaboi, Cambaí e outros; banhados: Assunção, Boa Vista, Bororé, Tigana, Ovelhas, etc.; passos: Itaquí, Cruz, Saladeiro, Pintado, Ibicuí, etc. OROGRAFIA — Serra Geral, com as denominações de cochilha do Rincão da Cruz, Iguariaçá, cochilhas Santo Cristo, Bororé, Tuparaí, Mouras; cerros; de Itaquí. CLIMA — Temperado.

A CIDADE

A cidade de Itaquí, sede da comuna e da co-

J A G U A R Ã O

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 32°33'32" — LONGITUDE W. Gr.: 53°23'20" — LIMITES: a N.: Herval e Arroio Grande; a L.: Lagoa Mirim; a S. e O.: República Oriental do Uruguai.

Dados geo-demográficos

Superfície, 2.037 km² — Altitude da sede, 11 m — Distância da Capital em linha reta, 350 km — População urbana, 11.330 — População rural, 4.970 — População total, 16.300 — Densidade por km², 8,00 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,48 — Crescimento natural, 24.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 1.988 ha — Valor total da produção, 1.230:300$ — 1° Produto: arroz: Área cultivada, 1.200 ha; Produção, 3.000 ton; Valor, 900:000$ — 2° Produto: milho: Área cultivada, 653 ha; Produção, 914 ton; Valor, 182:800$ — 3° Produto: batata inglesa: Área cultivada, 10 ha; Produção, 80 ton; Valor, 32:000$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 77.820; Ovinos, suínos e caprinos, 251.550 — Produção em quilos: de graxa, 275.960; de lãs, 450.400.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 70 — Capital invertido, 4.207:450$ — Operários, 288 — Fôrça motriz em HP, 153 — Valor da produção, 7.961:520$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 194; Veículos a fôrça animada, 785.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas municipais, 14; Aulas regimentais, 1; Colégios particulares, 11 — Hospitais, 4 — Asilos e recolhimentos, 2 — Sociedades beneficentes, 3 — Associações de classe, 2 — Sindicatos, 2 — Receita arrecadada: federal, 1.056:948$400; estadual, 1.122:542$400; municipal. .... 635:521$500 — Despesas com: Ensino e cultura, 86:089$; Saúde pública, 29:000$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1800 — Início da colonização da comuna.
1812 — 12-1º — Elevada à categoria de freguesia.
1832 — 6-6 — Elevação à categoria de vila, por decreto.
1855 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação recente e primitiva. HIDROGRAFIA — rios: Jaguarão; arroios: Juncal, Bretanhas, Cacique, Sarandí e outros; lagoas: Mirim e Tamandaré; portos: Jaguarão e Chico Bonito; quedas dágua: Cachoeiras do Jaguarão. OROGRAFIA — Serra dos Tapes, com as denominações de serras dos Ávilas, São João do Herval, Cerrito; cochilhas: da Coruja, Corvos, Pólvora, Curralzinho e Cerrito. CLIMA — Inconstante.

A CIDADE

A bela cidade de Jaguarão, sede da comuna e da comarca de seu nome, está situada à margem esquerda do rio que lhe dá o nome, defronte à cidade uruguaia de Rio Branco, ex-Artigas.

Apresenta belíssimo aspecto, com suas ruas e avenidas amplas e arborizadas, o mesmo sucedendo com seus logradouros públicos, sendo as principais artérias calçadas, algumas macadamizadas, com passeios todos de lage e mosaicos, destacando-se a 15 de Novembro e a 27 de Janeiro, nas quais se encontram as mais importantes casas comerciais, estabelecimentos bancários e prédios particulares.



Um marco de fraternidade continental: A ponte internacional que liga o Brasil e o Uruguai.

Dentre as praças públicas, destaca-se a denominada 15 de Maio, lindamente ajardinada, tendo ao centro a belíssima estátua da Liberdade. No entretanto, dentre as obras de arte, salienta-se em primeiro plano a magnífica ponte internacional que liga Jaguarão a Rio Branco, sôbre o rio Jaguarão. Essa obra de grande alcance nas relações brasileiro-uruguaias, foi mandada construir pelos governos dos dois países, afim de estreitar, cada vez mais, os laços que unem uruguaios e brasileiros num verdadeiro amplexo de solidariedade continental dentro da sã política pan-americanista.



Igreja Matriz.

A edificação de Jaguarão é em geral excelente, destacando-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, cuja construção foi iniciada em 1847 e terminada em 1875, estando atualmente a paróquia entregue à direção dos R.R. Padres Carmelitas Descalços da Província Burgense de São João da Cruz; os clubes Jaguarense e Harmonia, Associação Comercial, Ginásio Espírito Santo, etc.

A vida social e cultural da cidade está magnificamente representada pelas inúmeras associações recreativas, cívico-militares, culturais, bons teatros, cinemas e outros centros de diversões, onde se congrega a élite jaguarense.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, possuindo, também, um bem movimentado pôrto fluvial, com mais de 400 metros de cais, onde atracam



Prefeitura Municipal.

os vapores e outras embarcações que fazem o intercâmbio comercial de Jaguarão com outras comunas do Estado.

O comércio e a indústria de Jaguarão encontram-se numa fase de franco desenvolvimento, estando ambos representados por inúmeras casas comerciais e fabris dos mais variados ramos, e ambos assistidos pela sua entidade de classe; a Associação Comercial de Jaguarão, fundada em 1888, à cuja frente se encontra, atualmente, o conceituado cidadão sr. Jorge Boabaid.

Tanto a instrução como a saúde pública merecem dos poderes públicos as maiores atenções, existindo modelares estabelecimentos de ensino tanto públicos como particulares que atendem perfeitamente às exigências de sua grande população escolar, e postos de higiene aparelhados que contribuem para que o estado sanitário da cidade seja excelente. Jaguarão, dada à sua situação de cidade internacional, em virtude de sua ligação com a cidade uruguaia de Rio Branco, por intermédio da ponte internacional, recentemente inaugurada, mantem um intercâmbio comercial muito intenso com aquela cidade vizinha que possue um movimentado comércio varejista, com várias casas especialistas em todos os ramos, entre as quais se destaca "A Brasileira", de propriedade da conceituada firma Jorge S. Bitar & Filhos, dedicada exclusivamente ao ramo de sedas, modas, armarinhos, alta fantasia e artigos para homens, tendo a casa se especializado em gabardines e casimiras inglesas. A "A Brasileira" é mesmo conhecida como "uma casa do Brasil em terras do Uruguai".

Atualmente, Jaguarão tem os seus destinos entregues à culta e operosa administração de seu dinâmico prefeito dr. Carlos Alberto Ribas que vem empregando todos os seus esforços em prol de um maior progresso da comuna e para gáudio de seus comunicipes.

Itinerário de Jaguarão:

A PÔRTO ALEGRE: AVIÃO 360 km (Até Pelotas 130 km). COMBINADO 380 km (Trem até Pelotas 184 km, Vapor 196 km). VAPOR 392 km.
A ARROIO GRANDE: RODOVIA 50 km.
A HERVAL: RODOVIA 80 km. COMBINADO 165 km (Trem até Desvio Herval 126 km, Rodovia 39 km).



Aeródromo Municipal.



Estação Férrea.



O Pôrto.

J A G U A R Í

REGIÃO: Missões — LATITUDE S.: 29°28'57" — LONGITUDE W. Gr.: 54°43'46" — LIMITES: ao N.: Santiago e Tupanciretã; ao S.: S. Vicente; a O.: S. Francisco de Assis.

Dados geo-demográficos

Superfície, 705 km² — Altitude da sede, 153 m — Distância da Cap. em linha reta, 347 km — População urbana, 3.350 — População rural, 15.650 — População total, 19.000 — Densidade por km², 26,95 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,56 — Crescimento natural, 346.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 2.915,5 ha; Valor total da produção, 2.465:740$ — 1.° produto: arroz: Área cultivada, 993 ha; Produção, 1.986 ton; Valor, 774:540$ — 2.° Produto: fumo: Área cultivada, 371 ha; Produção, 371 ton; Valor, 742:000$ — 3.° produto: uvas: Área cultivada, 230 ha; Produção, 1.150 ton; Valor, 2.465:740$ — Produtos transformados (quant. e valor): Vinho, 425.480 lt; 170:192$; Aguardente, 42.850 lt; 21:425$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 18.640; Ovinos, suínos e caprinos, 10.600 — Produção em quilos, de banha, 187.600; de graxa, 14.460.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 147 — Capital investido, 349:500$ — Operários, 199 — Fôrça motriz em HP, 221 — Valor da produção, 1.654:148$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 44; Veículos a fôrça animada, 164.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 7; Aulas estaduais, 1; Colégios particulares, 18; Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 256:017$; estadual, 516:305$; municipal, 334:455$ — Despesas com: Ensino e cultura, 29:300$; Saúde pública, 1:910$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1889 — 11-10 — Data da fundação da comuna.
1920 — 16-8 — Criação do município, por decreto lei n.° 2.267.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Nas Missões. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Jaguarí, Pessegueiro, Jacaré, Cambará, Caracol e outros. OROGRAFIA — cerros: Chapadão, São Miguel, Itavaí, Bittencourt e o Zeni. CLIMA — Temperado e saudável.

A CIDADE

A Cidade de Jaguarí, sede do município de igual nome, está construída à margem direita do rio que lhe empresta o nome, e apresenta um magnífico aspecto.

As suas ruas, largas e alinhadas, bem como os seus logradouros públicos, bem cuidados e arborizados, cooperam ainda mais para que a cidade tenha uma fisionomia mais atraente.

A edificação de Jaguarí é, geralmente, boa, contando com vários prédios excelentes, entre os quais a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, bancos do Rio Grande do Sul e Comércio, Grupo Escolar, o Hospital de Caridade, etc., bem como vários edifícios particulares.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica e possue todos os serviços públicos. A sua vida urbana é relativamente movimentada, pois conta com inúmeros cafés, restaurantes, hotéis, cinemas, teatros, etc.

A vida social e cultural jaguarience encontra-se em pleno desenvolvimento, sendo várias as entidades recreativas, culturais, beneficientes, desportivas, de classe, cívico-militares, etc., tôdas possuindo avultado patrimônio moral, social e material.

O ensino e a saúde pública, ambas merecendo o mais decidido apôio das autoridades responsáveis, encontram-se numa fase de grande adiantamento. Existem várias escolas públicas e particulares, bem como órgãos destinados a fiscalizarem pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria marcham em franco progresso, contando com numerosas casas comerciais e industriais, girando com avultados capitais.

Atualmente, o govêrno de Jaguarí está entregue ao seu infatigável prefeito, capitão Dormelindo de Oliveira que vem empregando o máximo de seus esforços em prol de sua maior grandeza.

JOSÉ BONIFÁCIO

REGIÃO: Planalto Médio — LATITUDE S.: 27°37'54" — LONGITUDE W. Gr.: 52°16'52" — LIMITES: a N.: Estado de Santa Catarina; a L.: Lagoa Vermelha; a S.: Getúlio Vargas; a O.: Sarandí.

Dados geo-demográficos

Superfície, 4.691 km² — Altitude da sede, 768 m — Distância da Capital em linha reta, 267 km — População urbana, 7.850 — População rural, 100.550 — População total, 108.400 — Densidade por km², 23,10 — Percentagem sôbre a população do Estado, 3,23 — Crescimento natural, 2.310.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 63.672 ha — Valor total da produção, 22.983:500$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 33.000 ha; Produção, 59.700 ton; Valor, 8.910:000$ — 2° Produto: trigo: Área cultivada, 18.000 ha; Produção, 9.000 ton; Valor, 5.400:000$ — 3° Produto: mandioca: Área cultivada, 5.000 ha; Produção, 30.000 ton; Valor, 3.000:000$000 — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 2.632.310 lt; 842:339$000 — aguardente, 300.000 lt; 150:000$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 79.200; Ovinos, suínos e caprinos, 228.520 — Produção em quilos: de graxa, 68.000; de banha, 2.348.280.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 235 — Capital invertido, 13.586:380$ — Operários, 816 — Fôrça motriz em HP, 1.778 — Valor da produção, 21.466:657$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 363; Veículos a fôrça animada, 3.547.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 7; Aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 40; Colégios particulares, 160 — Sociedades beneficientes, 1 — Sindicatos, 4 — Receita arrecadada: federal, 1.730:728$; estadual, 2.830:628$; municipal, 2.087:772$ — Despesas com: Ensino e cultura, 242:952$000; saúde pública, 99:000$000.



CIDADE DE JOSÉ BONIFÁCIO

A rua principal.

SÍNTESE HISTÓRICA

1827 — Data do início da colonização da comuna.
1908 — 6-10 — Criação da colônia.
1918 — 30-4 — Criação do município, com sede em Paiol Grande.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Médio. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Uruguai, Passo Fundo, Peixe, Erechim, Índios, Paloma, Veado, Jundiá e outros. OROGRAFIA — Cerros da Boa Vista, Erechim, Esperança, Balisa, etc. FLORA — Matos com madeiras de lei e pinhais. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de José Bonifácio está situada na região central, num belo chapadão, o ponto mais alto da região do planalto sulino, sendo, ainda, a primeira cidade no Estado, como exemplo de organização urbana projetada sôbre o estudo prévio de relêvo do terreno.

Nos pontos mais culminantes é maravilhosa a visão panorâmica, não só da edificação urbana, como dos vales circunjacentes, principalmente o vale do Dourado, de uma impressionante beleza.



Igreja Matriz.

José Bonifácio apresenta bonito aspecto, com amplas ruas e belíssimos logradouros públicos, destacando-se a avenida José Bonifácio, tôda arborizada. Entre as boas edificações destacam-se a Prefeitura Municipal, a gare da Viação Férrea, o Grupo Escolar, a Comissão de terras e inúmeros prédios de propriedade particular, além da igreja São José.

A vida social e cultural de José Bonifácio encontra-se num grau de franco adiantamento, sendo representada por inúmeras entidades recreativas, cívico-militares, desportivas, culturais e associativas. Possue a cidade duas bibliotecas bem aparelhadas; circula um tri-semanário com larga aceitação, além de vários centros de diversões, sendo a cidade tôda iluminada à luz elétrica.

O comércio, a indústria e agricultura são desenvolvidíssimos, ocupando, mesmo, no índice industrial do Estado, um lugar destacado. Avultados capitais estão invertidos nas indústrias em geral, destacando-se a de produtos suínos, moageira, fibras têxteis, etc.

O seu comércio é sólido, encontrando-se inúmeros estabelecimentos comerciais dos mais variados ramos, todos trabalhando em franca prosperidade e auxiliados por todos os estabelecimentos bancários que operam em nosso Estado.

Voltando ao parque industrial, o setor mais importante é a industrialização do suíno. Existem 5 grandes frigoríficos disseminados tanto na cidade propriamente dita como no interior da comuna, todos fiscalizados pela Inspeção Sanitária. Também, existem três importantes moinhos de trigo, pois José Bonifácio é o maior produtor dêste precioso cereal.



Prefeitura Municipal.



Hospital.

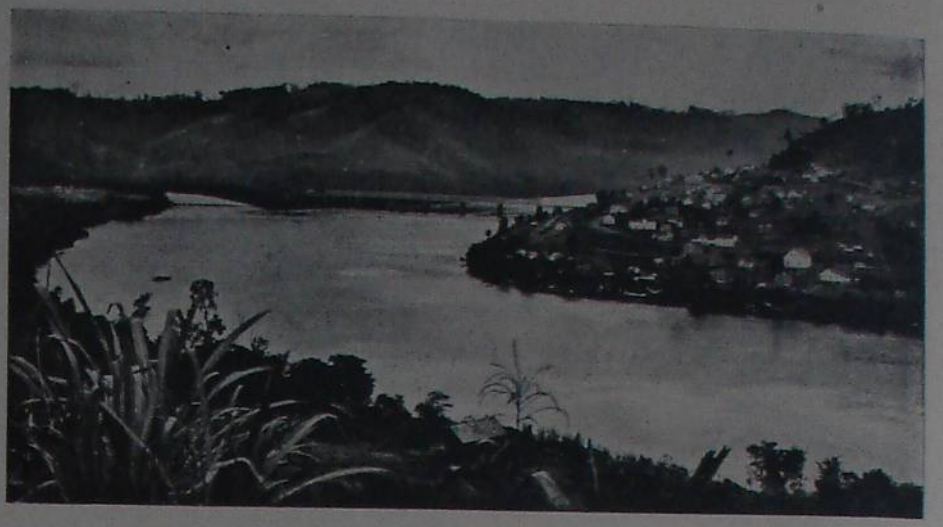
A instrução pública vem merecendo dos poderes competentes os mais desvelados cuidados, possuindo uma grande população escolar, eficientemente assistida por um seleto grupo de professores e professoras.

Existem 41 estabelecimentos de ensino público, além de 130 escolas particulares subvencionadas, aulas essas atendidas por 222 professores, perfazendo sua matrícula geral 8.769 alunos, com a freqüência média de 7.228 alunos.

Os poderes competentes, também, não têm descurado da saúde pública, existindo na cidade um Pôsto de Higiene aparelhado para atender a população em geral.

A cidade de José Bonifácio está ligada a dois núcleos que se encontram no mais franco progresso: Marcelino Ramos, na fronteira com Santa Catarina, existindo uma Comunidade Evangélica com numerosos adeptos; e Viadutos, na linha férrea, e muito populoso, sede da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, que administra os santos ensinamentos da religião católica à maioria de sua população.

José Bonifácio tem os seus destinos entregue, atualmente, ao espírito progressista e diligente do dr. Jerônimo Teixeira de Oliveira, que vem, desde que assumiu as rédeas do govêrno municipal, dando uma orientação capaz e eficiente, a-par de um raro descortino administrativo, que a tornará, como já o é, uma das comunas de maior destaque na união riograndense.



Marcelino Ramos, visto da margem santa-catarinense.

Itinerário de José Bonifácio à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 804 km (Até Getúlio Vargas 50 km, Passo Fundo 106 km, Cruz Alta 300 km, Tupanciretã 363 km, Júlio de Castilhos 389 km, Santa Maria 462 km, Cachoeira 576 km, Rio Pardo 643 km, Barreto 732 km).
A SARANDÍ: RODOVIA 118 km.
A PASSO FUNDO: RODOVIA 106 km (Até Getúlio Vargas 44 km).
A GETÚLIO VARGAS: RODOVIA 44 km. TREM 50 km.
A LAGOA VERMELHA: RODOVIA 264 km (Até Getúlio Vargas 44 km, Passo Fundo 106 km).

UMA CÉLULA DO PROGRESSO DE JOSÉ BONIFÁCIO

A COOPERATIVA DE PRODUÇÃO DE BANHA "SANTA IZABEL", EM BARRO

Dentre os grandes estabelecimentos industriais que operam no parque industrial de José Bonifácio, destaca-se, muito justamente, a Cooperativa de Produção de Banha "Santa Izabel", estabelecida na próspera vila de Barro, um dos núcleos mais progressistas da comuna.

Fundada em 1.937, graças aos esforços de homens de grande previsão comercial, A Cooperativa de Produção de Banha "Santa Izabel" encontra-se, hoje, num alto grau de franca prosperidade, desfrutando, entre as suas congêneres, um lugar de destaque que merecidamente conquistou.

Essa entidade industrial que se dedica exclusivamente à industrialização e criação de suínos, comércio de carnes e derivados, possue, atualmente, para mais de 400 associados, figurando, entre êles, agricultores, chacareiros, operários e industriais rurais, obedecendo à operosa administração dos adiantados industriais Mariano Moro, Artur P. Selbach e Carlos João Busanello, respectivamente, diretores presidente, comercial e gerente.

E, se isso não bastasse para que a Cooperativa de Produção de Banha "Santa Izabel" desfrutasse o conceito em que é tida no seu gênero, um outro fator, por certo, torná-la-ia um dos estabelecimentos "sui generis"; isto é, os produtos por ela lançados nos mercados consumidores, pois são sobejamente conhecidas as marcas "Saüdável" e "Predileta da Serra", não só em banha refinada e frigorificada, como em salames, copas, lombos, presuntos e sabões, produtos êsses garantidos tanto pela excelência da matéria-prima empregada como pela inspeção federal a que estão sujeitos.

Eis, nessa resenha sucinta, os motivos por que a Cooperativa de Produção de Banha "Santa Izabel", localizada na vila de Barro, constitue uma das células do progresso da comuna de José Bonifácio.

JÚLIO DE CASTILHOS

REGIÃO: Planalto Médio — LATITUDE S.: 29°13'26" — LONGITUDE W. Gr.: 53°40'45" — LIMITES: ao N.: Tupanciretã e Cruz Alta; a L.: Soledade e Sobradinho; ao S.: Cachoeira, Santa Maria e S. Pedro; ao O.: Tupanciretã.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.405 km² — Altitude da sede, 529 m — Distância da Cap. em linha reta, 256 km — População urbana, 2.760 — População rural, 18.940 — População total, 20.700 — Densidade por km², 6,37 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,64 — Crescimento natural, 390.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 8.783 ha; Valor total de produção, 5.105:960$ — 1.º produto: fumo: Área cultivada, 1.104 ha; Produção, 1.656 ton; Valor, 1.973:000$ — 2.º produto: trigo: Área cultivada, 3.500 ha; Produção, 1.750 ton; Valor, 1.050:000$ — 3.º produto: milho: Área cultivada, 2.012 ha; Produção, 2.414 ton; Valor, 482:800$ — Produtos transformados (quant. e valor): Vinho, 55.100 lt; 33:060$; em aguardente, 13.530 lt; 6:765$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 141. 580; Ovinos, suínos e caprinos, 52.080 — Produção em quilos, de graxa, 1.027.900; de banha, 13.600; de lãs, 21.820.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 69 — Capital investido, 10.996:698$ — Operários, 387 — Fôrça motriz ou HP, 204 — Valor da produção, 16.802:908$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 133; Veículos a fôrça animada, 467.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 5; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 40; Colégios particulares, 10 — Hospitais, 1 — Sociedades Beneficientes, 1 — Associações de classe, 2 — Rec. arrecadada: federal, 315:182$9; estadual 1.046:470$; municipal, 780:917$6 — Despesas com: Ensino e cultura, 64:608$; Saúde Pública, 29:829$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1870 — Data do início da povoação do município.

1880 — 29-5 — Elevado à categoria de freguesia.

1891 — 14-7 — Constituiu-se em município autônomo, instalado a 7-9-1891.

1905 — 1.º-1 — Tomou o nome de Júlio de Castilhos, perdendo o então de Vila Rica.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Médio. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — Pertence às bacias oriental e ocidental; rios e arroios: Jacuí, Ivaí, Japecó, Redomona, Sanga Funda, Saracura, Jaguarí, Toropí, Bicudo, Águas Turvas e muitos outros; passos: Albinos, Lagoa Verde, Serafim Brabo, Buracos, Capoeira, Coqueiros, Ivaí, etc. OROGRAFIA — Cochilha Grande, com as denominações de Cochilhas de Tupanciretã, Bocaverá, Vila Rica, Espinilho, serra do Xavier; montes: Trombudo, Formoso, Cerrito e Bonito. CLIMA — Saüdável.

A CIDADE

A cidade de Júlio de Castilhos, sede da comuna do mesmo nome, encontra-se em situação magnífica, descortinando-se vastos horizontes para todos os lados.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, contando com numerosas ruas, tôdas alinhadas, destacando-se, entre elas, Barão do Rio Branco, Senador Pinheiro Machado, etc., bem como logradouros públicos todos arborizados e bem cuidados, como a Praça Floriano Peixoto, a mais central, e ponto de convergência da população em geral.

A sua edificação é boa no geral, encontrando-se várias casas particulares de construção moderna. Entre os seus principais edifícios, citam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, agências dos bancos da Província, Comércio e Rio Grande do Sul, etc.

A vida social e cultural está bem representada por várias agremiações, quer sejam recreativas ou culturais, quer sejam desportivas ou classistas e mesmo cívico-militares.

A cidade é bem agradável, com relativas condições de confôrto, contando com vários cafés, bares, restaurantes, centros de diversões populares, dando um grande movimento à vida da cidade em geral.

A instrução e a saúde pública, eficazmente amparadas pelos poderes competentes, acham-se em ótimo desenvolvimento. Várias são as escolas, tanto públicas como particulares em pleno funcionamento, com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos. Possue, também, a cidade vários órgãos que zelam pelo bom estado sanitário da população em geral.

Entre os seus estabelecimentos de ensino, cita-se o Grupo Escolar "Júlio de Castilhos", que vem ministrando o ensino com eficiência a várias centenas de alunos de ambos os sexos.

A indústria e o comércio, girando ambos com avultados capitais, encontram-se em franca prosperidade, contando com sólidas casas comerciais e industriais.

Atualmente, encontra-se à frente da sua administração o seu dinâmico prefeito, sr. Aristides de Moraes Gomes, que vem envidando o máximo de seus esforços em prol da grandeza de Júlio de Castilhos.



Júlio de Castilhos. Rua principal.

Itinerário de Júlio de Castilhos:

A **PÔRTO ALEGRE:** TREM 416 km (Até Santa Maria 73 km, Cachoeira 188 km, Rio Pardo 254 km, Barreto 344 km).
A **SANTA MARIA:** RODOVIA 63 km, Trem 73 km.
A **SÃO PEDRO:** TREM 129 km (Até Santa Maria 73 km), RODOVIA 105 km (Até Santa Maria 63 km).
A **TUPANCIRETÃ:** TREM 26 km. RODOVIA 23 km.
A **CRUZ ALTA:** TREM 89 km (Até Tupanciretã 23 km).
A **SOLEDADE:** RODOVIA 125 km.
A **SOBRADINHO:** RODOVIA 50 km.
A **CACHOEIRA:** TREM 188 km (Até Santa Maria 73 km). RODOVIA 198 km.

L A J E A D O

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°30'30" — LONGITUDE: W. Gr.: 51°58'51" — LIMITES: ao N.: Arroio do Meio e Soledade; ao S. e O.: Venâncio Aires e Santa Cruz; a L.: rio Taquarí.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.062 km² — Altitude da sede, 199 m — Distância da Cap. em linha reta, 96 km — População urbana, 3.620 — População rural, 39.380 — População total, 43.000 — Densidade por km², 40,48 — Percentagem sôbre a população do Est., 1.28 — Crescimento natural, 926.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 40.242 ha — Valor total da produção, 12.225:410$ — 1.º produto: milho: Área cultivada, 25.400 ha; Produção, 27.940 ton; Valor, 4.191:000$ — 2.º produto: feijão: Área cultivada, 5.900 ha; Produção, 5.900 ton; Valor 1.770:000$ — 3.º produto: batata inglesa: Área cultivada, 787 ha; Produção, 5.509 ton; Valor, 1.377:250$ — Produtos transformados (quant. e valor); Vinho, 30.060 lt; 12:024$; Aguardente, 291.940 lt; 116:776$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 38.800; Ovinos, suínos e caprinos, 96.600 — Produção em quilos, de graxa, 35.680; de banha, 1.396.760; de toucinho, 212.400.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 352 — Capital invertido, 6.221:600$ — Operários, 863 — Fôrça motriz em HP, 1.136,75 — Valor da produção, 15.337:276$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 254; Veículos a fôrça animada, 1.135.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 8; Aulas estaduais, 5; Aulas municipais, 12; Colégios particulares, 50 — Sociedades Beneficientes, 5 — Associações de Classe, 4 — Sindicatos, 2 — Receita arrecadada: federal, 813:821$; estadual, 1.269:613$; municipal, 816:089$ — Despesas com: Ensino e cultura, 87:958$; Saúde Pública, 7:503$.



Praça Mal. Floriano, com Igreja Matriz.



Praça Mal. Floriano, vista de outro ângulo.

SÍNTESE HISTÓRICA

1874 — 24-4 — Por lei provincial n.º 916 foi desanexado do território da freguesia de Santo Amaro e adjudicado à de S. Antônio da Estrêla.

1881 — 27-5 — Criação da paróquia, por lei provincial e instalada a freguesia em 11-9-1881.

1891 — 21-1.º — Elevada à categoria de vila, por ato n.º 571, e instalada em 25 de fevereiro do mesmo ano.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Vale do Alto Taquarí, na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA. Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Taquarí, Forqueta, Fão, Forquetinha, Moinho, Lajeado, São Bento, Café, São Gabriel, Porongos, etc.; passos: Bom Retiro, Barra do Castelhano, São Gabriel da Estrêla, Barra da Forqueta; portos: Lajeado e São Gabriel; lagoas: Crispins e Três Lagoas. OROGRAFIA — Serra Geral, tendo as denominações de serras de Taquarí, Xaxim; montes: Cruzinha, Chapadão, Santa Clara, Bela Vista, etc. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de Lajeado, sede do município e da comarca do mesmo nome, edificada à margem do rio Taquarí, circundada de serras e morros, apresenta agradável aspecto.

Lajeado, que é tôda iluminada à luz elétrica, está dividida em vários povoados, a saber; Conventos, São Bento, Conservas, Forquetinha e Canudos.

As suas ruas, tôdas arborizadas e bem cuidadas, bem como seus logradouros públicos ajardinados cooperam para o maior embelezamento da cidade. Entre suas principais artérias, destacam-se Dr. Júlio de Castilhos e Dr. Borges de Medeiros, e dentre suas praças a Marechal Floriano.

A sua edificação é em geral ótima, contando com magníficos prédios públicos e particulares, entre os quais salientam-se a Prefeitura Municipal, a Biblioteca Pública, mantida pela Municipalidade; a igreja matriz de Santo Inácio de Loyola, um dos mais belos templos católicos do Estado; o templo luterano, a sub-agência do Banco do Brasil.

A vida social e cultural de Lajeado é uma das mais adiantadas entre suas co-irmãs riograndenses. São inúmeras as agremiações culturais, recreativas, desportivas, classistas, cívico-militares, etc. Dentre as entidades que mais se destacam, citam-se a Associação Comercial, fundada em 26 de outubro de 1921 e reorga-



Gr. E. "Fernandes Vieira".

nizada em 1.º de junho de 1938, sob a direção atual do sr. Benjamin J. Rodrigues, com precioso patrimônio moral e material; o Tiro de Guerra 236, com elevada matrícula de associados e que vem preenchendo eficazmente, suas finalidades patrióticas, além de outras entidades funcionando com grande número de consócios.

A instrução, quer seja pública ou particular, encontra-se em pleno desenvolvimento, contando com várias escolas, freqüentadas por numerosa população escolar. Dentre os seus estabelecimentos de ensino cita-se a Escola Complementar "Madre Bárbara", fundada em 1896, dirigida pelas irmãs do PP. Coração de Maria, sob a atual direção da Madre M. Alódia de S. Miguel.

Por sua vez, a saúde pública vem merecendo as maiores atenções das autoridades responsáveis pelo estado sanitário de Lajeado, sendo servida por um sub-pôsto do Departamento Estadual de Saúde, amparado pela Municipalidade.

O comércio e a indústria marcham num mesmo grau de progresso, sendo ambos intensos e operando com avultados capitais.



Ponte sôbre o Forqueta.

A sua atual administração vem sendo dirigida pelo seu operoso prefeito, sr. João Frederico Schaan, que procura dotar Lajeado de todos os progressos do século atual.

LAGOA VERMELHA

REGIÃO: Planalto Nordeste — LATITUDE S.: 28°25'35" — LONGITUDE W. Gr.: 51°35'51" — LIMITES: ao N.: Est. de Santa Catarina; a L.: Vacaria; ao S.: Prata; ao O.: Passo Fundo, Getúlio Vargas e José Bonifácio.

Dados geo-demográficos

Superfície, 5.874 km² — Altitude da sede, 805 m — Distância da Cap. em linha reta, 179 km — População urbana, 2.480 — População rural, 56.820 — População total, 59.300 — Densidade por km², 10,03 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,76 — Crescimento natural, 1.044.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 35.294 ha — Valor total da produção, 13.103:900$ — 1.º produto: milho: Área cultivada, 21.300 ha; Produção, 29.820 ton; Valor, 8.946:000$ — 2.º produto: trigo: Área cultivada, 12.000 ha; Produção, 4.800 ton; Valor, 2.880:000$ — 3.º produto: batata inglesa: Área cultivada, 255 ha; Produção, 1.020 ton; Valor, 306:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 398.650 lt; 159:460$; Aguardente, 100.000 lt; 50:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 146.100; Ovinos, suínos e caprinos, 157.500 — Produção em quilos, de graxa, 16.500; de banha, 661.340; de lãs, 23.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 175 — Capital invertido, 2.756:300$ — Operários, 445 — Fôrça motriz em HP, 940 — Valor da produção, 3.336:108$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 83; Veículos a fôrça animada, 819.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 9; Aulas estaduais, 4; Aulas municipais, 10; Colégios particulares, 55 — Hospitais, 2 — Receita arrecadada: Federal, 213:537$9; Estadual, 1.129:738$7; Municipal, 657:052$8 — Despesas com: Ensino e cultura, 69:937$; Saúde Pública, 20:896$.



Vista sôbre Lagoa Vermelha (Parcial).



Nave central da Igreja Matriz.

SÍNTESE HISTÓRICA

1845 — Início da povoação da comuna.
1850 — 22-10 — Passou a fazer parte do município de Vacaria.
1857 — 16-1.º — Passou a ser a sede de Vacaria e, em 17 de Fevereiro do mesmo ano, foi elevada a freguesia.
1876 — 12-4 — Elevada à categoria de vila, instalada em 18-18-1877.
1878 — 1.º-4 — Extinção da vila, que foi restaurada em 10-5-1881 e reinstalada em 26-1.º-1883.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Nordeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação traquítica, era terciária e série pliocena. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Santa Rita, Ligeiro, Carreiro, Pelotas, Turvo, Forquilha, Prata, etc.; Barreiro, Ceroula, Passo Ruim, Marmeleiro, Índio, Passo Fundo, etc.; lagoas: Lagoa Vermelha e outras. OROGRAFIA — Coxilha Grande com as denominações de serras Pelotas, Forquilha, Mato Português, Serrinha, Muitos Capões, Velha, Paióis, etc. FLORA — Madeiras de lei e pinho. CLIMA — Agradabilíssimo.

A CIDADE

A cidade de Lagoa Vermelha, sede da comuna e da comarca do mesmo nome, também é sede de uma Comissão de Terras e Colonização.

Lagoa Vermelha, tôda iluminada à luz elétrica, está edificada num ponto pitoresco, numa altitude de 800 metros acima do nível do mar, apresentando um agradável aspecto.

As suas ruas são amplas e arborizadas e os seus logradouros públicos são todos ajardinados e bem cuidados. Entre as suas principais artérias citam-se as ruas Júlio de Castilhos e Benjamin Constant, contando bem no centro da cidade com uma ampla e magnífica praça, onde está situada a igreja matriz de São Paulo, padroeiro da cidade.

A edificação, em geral boa, é em sua maioria de madeira, havendo, no entretanto, excelentes prédios tanto públicos como particulares. Entre os edifícios principais destacam-se a Prefeitura Municipal, a Usina Elétrica Municipal, o templo católico, etc.

A sua vida cultural e social, em adiantado grau de desenvolvimento, é constituída por várias agremiações culturais, desportivas, recreativas, classistas e cívico-militares, entidades essas que se acham em franca prosperidade, funcionando com elevada matrícula de associados.

A instrução, quer pública ou particular, alcançou elevado índice de desenvolvimento, pois os inúmeros estabelecimentos de ensino estão em pleno funcionamento e com grande número de alunos de ambos os sexos.

Por sua vez, a Saúde Pública, amparada pelos poderes públicos, vem trabalhando proficuamente, para manter o estado sanitário em excelentes condições para o bem estar geral da população.

A indústria e o comércio de Lagoa Vermelha, na mais franca prosperidade, vem, cada vez mais, se desenvolvendo de uma maneira tôda digna de registro.

A sua administração está atualmente entregue ao seu dinâmico prefeito, sr. Libório Pimentel, a quem Lagoa Vermelha muito deve pelo seu atual progresso, em todos os setores de suas atividades.

L A V R A S

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDES S.: 30°50'00" — LONGITUDE W. Gr.: 54°00'21" — LIMITES: a N.: S. Sepé e S. Gabriel; a L.: Caçapava; a S.: Bagé e D. Pedrito; a O.: D. Pedrito e S. Gabriel.

Dados geo-demográficos

Superfície, 2.580 km² — Altitude da sede, 300 m — Distância da Cap. em linha reta, 274 km — População urbana, 2.790 — População rural, 9.910 — População total, 12.700 — Densidade por km², 4,92 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,37 — Crescimento natural, 119.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRíCOLA

Área cultivada, 4.763 ha — Valor total da produção, 2.115:840$ — 1.º produto: feijão: Área cultivada, 1.515 ha; Produção, 909 ton; Valor, 545:400$ — 2.º produto: milho: Área cultivada, 1.100 ha; Produção, 1.320 ton; Valor, 330:000$ — 3.º produto: Cevada: Área cultivada, 370 ha; Produção, 444 toneladas; Valor, 199:800$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 160.300; Ovinos, suínos e caprinos, 145.180 — Produção em quilos, de graxa, 131.400; de lãs, 211.920.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 22 — Capital invertido, 533:200$ — Operários, 159 — Fôrça motriz em HP, 45 — Valor da produção, 2.685:353$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 99; Veículos a fôrça animada, 209.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 1; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 25; Colégios particulares, 6 — Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 186:450$4; estadual, 641:549$1; municipal, 306:366$9 — Despesas com: Ensino e cultura, 40:080$; Saúde pública, 4:784$.



LAVRAS — CIDADE AURíFERA

Cadinho para fundição de ouro de uma das emprêsas de mineração de ouro de Lavras.

SÍNTESE HISTÓRICA

1825 — Data do início da colonização do município.
1847 — 13-11 — Elevação à categoria de freguesia, por lei provincial n.º 82.
1882 — 9-5 — Elevada à categoria de vila, por lei n.º 21.634, sendo instalada em 28-1.º-1883.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação de granito. HIDROGRAFIA — Pertence às bacias oriental e ocidental; rios: Camaquã Grande, Camaquã do Jaques, Camaquã do Macedo, Santa Maria e Jaguarí; arroios: Camaquã de Lavras, Camaquã da Nasária, Mata Ôlho, Maricá, Saldo e outros; lagoas: Nação, Costallat e Tordilhos. OROGRAFIA — serra de Batoví e cochilha do Taboleiro, cêrro do Tigre, cochilha de Lavras, do Jaques, etc.; cerros: Branco, Taboleiro, Mantiqueira, Tigre, etc. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de Lavras, sede do município de igual nome, está situada na encosta da cochilha de seu nome, apresentando um magnífico aspecto.

A cidade possue, no geral, uma excelente edificação, quer sejam edifícios públicos, quer sejam particulares, alguns mesmo de construção moderna. Entre os seus principais edifícios, citam-se o da Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Clube Lavrense, o Grupo Escolar, etc.

As suas ruas, amplas e arborizadas, são alinhadas, e seus logradouros públicos, bem ajardinados, dão à cidade um bonito aspecto. Entre as suas principais artérias citam-se a 15 de Novembro, onde se encontram os melhores prédios; 7 de Setembro, Barão do Rio Branco, dr. Borges de Medeiros, e outras.

O meio social e cultural de Lavras está excelentemente representado, contando com inúmeras agremiações culturais e recreativas, desportivas e classistas, bem como cívico-militares. Tôdas essas entidades, que contam com elevada matrícula de associados, encontram-se em pleno funcionamento.

Lavras que é tôda iluminada à luz elétrica, tem um grande movimento urbano que dá muita vida aos seus cafés, bares, restaurantes e outros centros de diversões.

O setor educacional lavrense acha-se adiantadíssimo, possuindo várias escolas públicas e particulares que ministram o ensino à várias centenas de alunos de ambos os sexos, com real aproveitamento da população escolar.

Por outro lado, a saúde pública tem nos poderes públicos o seu melhor auxílio, contando-se alguns órgãos, destinados a zelarem pelo bom estado sanitário da cidade em geral.

O comércio e a indústria, em franco desenvolvimento, é bem intenso, sendo inúmeras as casas comerciais e industriais que florescem, operando com sólidos capitais.

Encontra-se à frente de seus destinos o seu diligente prefeito, dr. João de Araújo Bulcão, dedicado inteiramente ao maior progresso de Lavras, através de uma profícua administração, com aplausos gerais da população lavrense.



LAVRAS — CIDADE AURÍFERA

Minério aurífero é removido para exterior da mina, afim de ser analisado.



LAVRAS — CIDADE AURÍFERA

Garimpeiro lavrense bateando areião aurífero.

LIVRAMENTO

REGIÃO: Campanha — LATITUDE S.: 30°53'18" — LONGITUDE W. Gr.: 55°31'56" — LIMITES: a N.: Quaraí e Rosário; a L.: São Gabriel e Dom Pedrito; a S. e O.: República Oriental do Uruguai.

Dados geo-demográficos

Superfície, 6.700 km² — Altitude da sede, 210 m — Distância da Capital em linha reta, 426 km — População urbana, 27.050 — População rural, 21.050 — População total, 48.100 — Densidade por km², 7,17 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1,43 — Crescimento natural, 109.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 12.162 ha — Valor total da produção, 4.641:100$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 8.655 ha; Produção, 11.252 ton; Valor, 2.250:400$ — 2° produto: arroz: Área cultivada, 1.340 ha; Produção, 2.680 ton; Valor, 1.072:000$ — 3° Produto: batata doce, Área cultivada, 468 ha; Produção, 3.744 ton; Valor, 561:600$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 343.250; Ovinos, suínos e caprinos, 370.000 — Produção em quilos: de graxa, 4.024.200; de lãs, 720.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 74 — Capital invertido, 48.048:063$ — Operários, 2.900 — Fôrça motriz em HP, 2.224,25 — Valor da produção, 105.473:119$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 721; Veículos a fôrça animada, 675.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Aulas municipais, 41; Aulas regimentais, 3; Colégios particulares, 6 — Hospitais, 4 — Sociedades beneficientes, 2 —Instituições de caridade, 3 — Associações de classe, 5 — Sindicatos, 6 — Receita arrecadada: federal, 6.827:358$; estadual, 7.069:229$200; municipal, ... 3.325:646$900 — Despesas com: Ensino e cultura: 166:299$000; Saúde pública, 53:203$000.



LIVRAMENTO — CIDADE DE TURISMO. Rua Duque de Caxias

SÍNTESE HISTÓRICA

1818 — Data da origem da colonização da comuna.
1822 — 30-7 — Criação da capela, que foi elevada à categoria de capela curada em 23-3-1824.
1848 — 7-8 — Elevação a freguesia, por lei provincial nº 156.
1857 — 18-2 — Elevação a sede do município, instalada em 29-6-1857.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Campanha. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica, era mesozóica. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia ocidental — rios: Ibicuí, Ibicuí da Armada, Ibicuí da Cruz, Porteirinha, Atafona, Ibirapuitã e outros; arroios: Catí, Invernada, Sarandi, Meirões, etc.; passos: Ricardinho, Santinho, Cerrito, Cruz, etc.; lagoas: Meira, Verde, Marrecas, Baciquá, etc.; banhados: Upamaroti, Itaquatiá, Cinza, etc.; quedas dágua: conta a cachoeira do Iberá. OROGRAFIA — cochilhas Haedo, Sant' Ana e Santo Inácio; serra do Caverá, da Conceição, Cêrro dos Verdes, Palomas, Itaquatiá, Cruz, Tabolciro e outros. CLIMA — Saudável e temperado, e a temperadura média anual é de 17,3 graus centígrados.

A CIDADE

Livramento, cidade de Turismo, sede da comuna e da comarca do mesmo nome, é uma das mais importantes do Rio Grande do Sul.

A cidade está situada sôbre a linha divisória, separando-a da cidade uruguaia de Rivera apenas uma ampla avenida e o local onde está sendo construido o Parque Internacional.

A separação existente entre as duas cidades, aliás, é puramente convencional, sendo um dos aspectos caraterísticos da cidade o mais intenso intercâmbio social, cultural e comercial com Rivera, de modo que ambas as cidades têm a mesma vida comum, apenas diferenciada pela lingua.

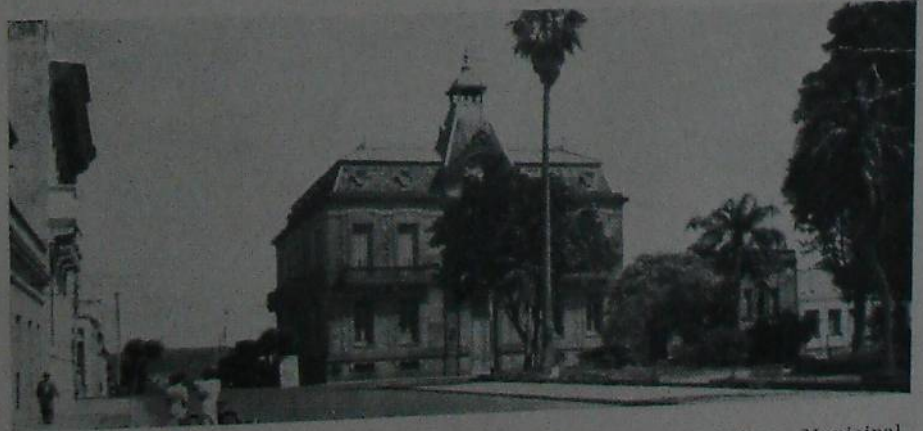
Livramento, que é provido de água e esgotos, tem as suas ruas principais pavimentadas com asfalto, o que lhe dá um aspecto de urbs moderna, bem cuidada e asseiada.

A edificação é atraente. Possue belos edifícios públicos, entre os quais se destaca o da Prefeitura Municipal, Bancos do Brasil, do Rio Grande do Sul, Nacional do Comércio, Correios e Telégrafos, Grupo Escolar "Rivadavia Corrêa", etc.

Os seus logradouros públicos são bem cuidados, salientando-se a Praça General Osório, a José Bonifácio e a Júlio de Castilhos, merecendo destaque.



LIVRAMENTO — CIDADE DE TURISMO. Largo Internacional.

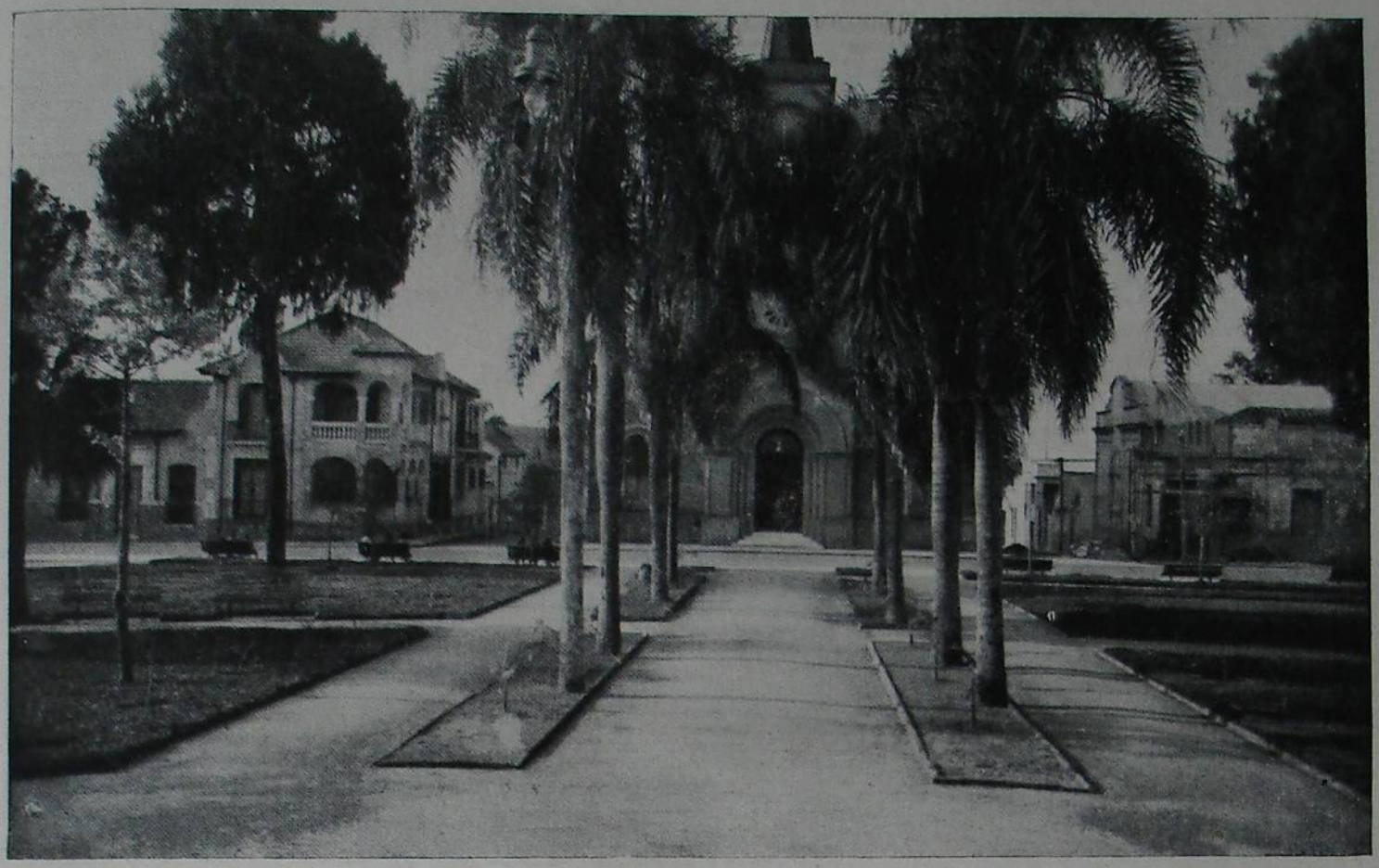


LIVRAMENTO — CIDADE DE TURISMO. Prefeitura Municipal.

ainda, uma moderna praça de desportes, com canchas de tenis, basket-ball, volley-ball, aparelhos de ginástica e jogos infantis.

Além disso, Livramento, que é uma das mais belas e pitorescas cidades do Estado, que vem de receber o título de "urbs de turismo", sempre atrai um grande número de visitantes do Estado e do Uruguai, que participam dos festejos a que Sant' Ana sempre empresta uma nota de vibração e entusiasmo, principalmente os folguedos carnavalescos, considerados sòmente inferiores aos de Pôrto Alegre. E ainda mais, a vida em comum que tem com Rivera, dando um singular e pitoresco aspecto de entrelaçamento dessas relações, imprimem a Livramento uma intensidade de movimento, talvez só superado pela capital do Estado.

A instrução merece, em Livramento, especial cuidado, encontrando-se bastante desenvolvida. A cidade possue um ginásio para rapazes e outro para moças, ambos com internato, existindo, ainda, uma escola complementar e um curso superior de comércio. Conta, também, com um conservatório musical e uma escola de dansas. O ensino primário é mantido pelo Estado e pelo Município, contando com os Grupos Escolares "Rivadavia Corrêa", fundado em 15-5-1913, atualmente sob a competente direção da professora d. Toletina Alves Bragança; o "General Net-



LIVRAMENTO — CIDADE DE TURISMO

Praça General Osório, com a Igreja Matriz.



LIVRAMENTO — CIDADE DE TURISMO

Praça General Osório, vista de outro ângulo.



Pérgola.

to", fundado em 7-6-1929, atualmente dirigido pela provecta educacionista d. Ariccilda Silveira; o "Frigorífico Armour", fundado em 8-3-1937, atualmente sob a inteligente direção da educadora d. Tereza Gonzalez de Ibarra; bem como o Colégio da Companhia de Santa Teresa de Jesús, fundado em abril de 1911, atualmente equiparado às escolas complementares oficiais, e sob a direção das Irmãs dessa Ordem religiosa.

Por ocasião dos festejos comemorativos da Semana da Pátria, dêste ano, a parada escolar realizada, pelo seu garbo, disciplina e vibração cívica, bem como pelo número de alunos que nela figuraram, foi uma das mais belas demonstrações de alto nível a que atingiu a instrução pública e particular em Livramento.

A vida social da cidade, que é intensa, é liderada por duas tradicionais agremiações — os Clubes Comercial e Caixeiral, aquele fundado em 19-9-1896, atualmente sob a presidência do sr. José Pavão Martins, com um patrimônio de cêrca de mil contos de réis, e êste fundado em 8-7-1883, encontrando-se à frente de seus destinos o dr. Gildásio de Oliveira, com um precioso patrimônio de ótimas iniciativas em prol da classe comerciária. Conta ainda Livramento com uma modesta agremiação que já vem desfrutando de grande prestígio entre suas coirmãs o Clube Livramento, fundado em 3-3-1940, ora sob a presidência do sr. Francisco Taborda Júnior.

Livramento, que é uma cidade bem iluminada à luz elétrica, com serviços telefônicos e de ônibus, tem um movimento intenso, diurno e noturno, sendo elevado o número de automóveis de aluguel e particulares.

Hotéis, restaurantes, cinemas, dancings, cafés e bares, instalados com bom gôsto e confôrto, contribuem para tornar a cidade mais atraente.

A cidade acha-se ligada por estradas de ferro ao interior do Estado e possue um aeródromo, para o serviço de aviação, inclusive uma escola de formação de pilotos. Tendo sido doado pelo Banco do Brasil um avião Piper Club para o Aéro Clube de Livramento, o prefeito dr. Crisanto de Paula Dias já encaminhou ao Departamento Administrativo um pedido de crédito especial, para a construção de um hangar, que abrigará o avião doado.

O comércio e a indústria de Livramento são intensos, gozando mesmo de invulgar destaque no parque econômico e financeiro do Rio Grande do Sul, e ambos representados pelas suas entidades de classe: a Associação Comercial e a Associação Rural, que congregam os elementos que integram os grandes setores — comércio e indústria.



Rua Silveira Martins.

Em conseqüência de sua vida em comum com Rivera, existe um grande intercâmbio comercial e ambas as populações, brasileira e uruguaia, adquirem os artigos de que necessitam simultâneamente em Livramento e naquela cidade, em cujas casas comerciais são encontrados os artigos mais em moda. Dentre essas, destacam-se a Casa Salus, fundada em 1910, hoje de propriedade dos srs. Jesús Martinez e Pedro Cazeres, especialistas em artigos para homens e senhoras; e a Casa Siñeriz.

A administração de Livramento, entregue ao seu dinâmico e operoso prefeito dr. Crisanto de Paula Dias, vem, dia a dia, se impondo como uma das mais profícuas. Êsse infatigável homem público vem dotando Sant'Ana de vários melhoramentos que a tornam merecedora do epíteto que lhe deram de — a "cidade sala de visitas do Brasil".

E, ainda, das cogitações de seu prestimoso edil uma série de grandiosos empreendimentos, tais como: a Biblioteca Pública, já em organização; um modelar Presídio Modelar; um Campo de Cooperação Agro-Pecuário, a construção de um suntuoso Cine-Cassino-Hotel, de seis andares e com tôdas as condições de confôrto dos estabelecimentos dêsse genero, etc., melhoramentos êsses que farão, muito justamente, Sant'Ana digna do cognome de — Livramento, cidade de turismo.

Itinerário de Livramento:

A **PÔRTO ALEGRE:** AVIÃO 490 km (Até Bagé 160 km). TREM 622 km. (Até Rosário, 108 km, Santa Maria 280 km, Cachoeira 395 km, Rio Pardo 461 km, Barreto 550 km).

A **MONTEVIDÉU:** TREM 280.

A **DOM PEDRITO:** RODOVIA 97 km. TREM 391 km (Até Rosário 108 km, São Gabriel 244 km).

A **SÃO GABRIEL:** TREM 244 km (Até Rosário 108 km). RODOVIA 112 km.

A **ROSÁRIO:** TREM 108 km. RODOVIA 112 km.

A **QUARAÍ:** RODOVIA 120 km. TREM 380 km (Até Rosário 108 km, Alegrete 265 km).



Praça José Bonifácio.



Vista noturna do salão de baile do Clube Comercial.

EFICAZ ESPECÍFICO, AUXILIAR INDISPENSÁVEL NAS LIDES DO CAMPO

CARRAPATICIDA "EXTERMINADOR", FABRICADO EM LIVRAMENTO

Um dos maiores cuidados de nossos criadores é o de solucionar o problema da imunização de seus rebanhos bovinos, evitando o ataque maléfico das parasitas, principalmente o carrapato que tantos prejuízos lhes tem causado.

Inúmeros têm sido os produtos apresentados para cooperar na solução daquele magno problema, sem, no entanto, se fazer sentir eficazmente a sua ação. Mas, longe de qualquer propaganda, surgiu na indústria santanense um preparado que, em verdade, resolveu essa equação que muito preocupa os nossos criadores, tornando-se mesmo o seu mais eficaz auxiliar nas lides de campo — o carrapaticida "Exterminador".

Produto genuínamente riograndense, fabricado pela firma Noli Irmãos, estabelecidos em Livramento, com longa prática dêsse ramo, o carrapaticida "Exterminador", de fato, mata o carrapato, impede o desove e imuniza o gado, melhorando o estado dos rebanhos em geral.

E, tanto assim é verdade, que os Laboratórios "Exterminador" já conquistaram, com o seu excelente produto, não só os mercados do país como os do Uruguai, sendo muito grande a venda daquele específico em tambores de 10 litros, concentrado para 4 mil litros de banho.

MONTENEGRO

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°44'00" — LONGITUDE W. Gr.: 51°32'24" — LIMITES: a N.: Garibaldi e Caxias; a L.: Caxias e Caí; a S.: Triunfo; a O.: Estrêla e Taquarí.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.155 km² — Altitude da sede, 34 m — Distância da Capital em linha reta, 40 km — População urbana, 6.600 — População rural, 41.900 — População total, 48.500 — Densidade por km², 41,99 — Percentagem sôbre a população do Estado, 1,44 — Crescimento natural, 973.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 32.260 ha — Valor total da produção, 14.650:050$ — 1° Produto: milho: Área cultivada, 17.400 ha; Produção, 27.840 ton; Valor, 4.176:000$ — 2° Produto: mandioca: Área cultivada, 5.000 ha; Produção, 35.000 ton; Valor, 2.800:000$ — 3° Produto, alfafa: Área cultivada, 1.595 ha; Produção, 7.975 ton; Valor, 2.233:000$000 — Produtos transformados (quantidade e valor): vinho, 115.000 lt; 69:000$ — aguardente, 91.140; 36:456$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 53.500; Ovinos, suínos e caprinos, 95.680 — Produção em quilos: de graxa, 69.820; de banha, 2.377.180; de toucinho, 110.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 359 — Capital invertido, 14.109:543$ — Operários, 1.282; Fôrça motriz em HP, 1.317,50 — Valor da produção, 21.964:015$000 — Meios de transporte: Veículos a motor, 183; Veículos a fôrça animada, 1.606.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 10; Aulas estaduais, 12; Aulas municipais, 69; Colégios particulares, 46 — Sociedades beneficientes, 1 — Associações de classe, 3 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 1.163:628$; estadual, 1.783:497$; municipal, 1.764:508$ — Despesas com: Ensino e cultura, 104:241$000; Saúde pública, 11:448$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1850 — Início de sua colonização.
1867 — 18-10 — Elevada à paróquia, por lei provincial e instituída canônicamente em 4-8-1873.
1873 — 5-5 — Elevação à categoria de vila por lei nº 885, e instalada a 4 de agôsto do mesmo ano.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Vale do Caí, na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — terciária. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Caí, Maratá, Forromeco, Santa Luiza, Francês, Poço das Antas, Alfama, Harmonia, Santa Clara, Cafundó, Linha Bonita e muitos outros; passos: Manduca, Bom Princípio, Pareci, Paraguaio, etc.; portos: Montenegro, Pesqueiro, Chimarrão e outros. OROGRAFIA — Serra Geral, com as denominações de Serra Velha, Morro das Pedras, do Morro Azul, Taquarí; morros: São João, Montenegro, Fagundes, Sobrado, Motas, Fortaleza, Itacolomí e outros. CLIMA — Temperado.

A CIDADE

A cidade de Montenegro, sede da comuna e da comarca, está situada à margem direita do rio Caí, sôbre a base dos morros Montenegro e Fagundes, compreendendo a parte alta a colocada na fralda do monte São João, e a baixa em extensa planície, sendo a principal à margem direita do Caí.



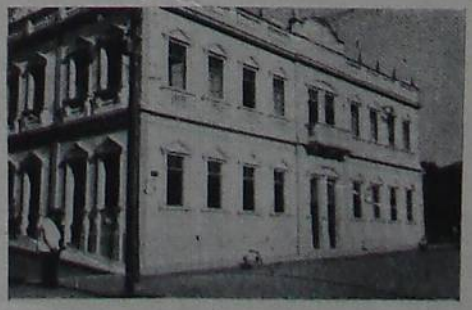
O aspecto em geral da cidade é bom e a edificação é, também, boa, notando-se prédios de bela construção, entre êles destacando-se a Prefeitura Municipal, a igreja luterana, a igreja metodista, a igreja católica, Clube Rio Grandense, estação da Viação Férrea, etc., além de numerosos prédios particulares.

A cidade, que é tôda iluminada à luz elétrica, conta inúmeras ruas, tôdas arborizadas, e amplas praças, tôdas ajardinadas, destacando-se entre elas, a Borges de Medeiros e a Marechal Deodoro, existindo um magnífico cais.

A vida social e cultural da cidade é magnificamente representada por várias entidades recreativas, culturais, desportivas, de classe e cívico-militares. Entre as entidades, citam-se o Clube Riograndense, fundado em 1881, funcionando anexo um moderno cine-teatro. Essa entidade organizou, entre outros



Usina elétrica e Packing-House.



Prefeitura Municipal.



Fábrica de banha e conservas de E. Renner & Cia. Ltda.

grandes empreendimentos, a Feira de Amostras e Propaganda, certame que constituiu um verdadeiro acontecimento na vida da cidade; a Associação Comercial e Rural, fundada em 8 de junho de 1941, em conseqüência da fusão da Associação Comercial e da Associação Rural, ambas já com alguns anos de existência, tendo como presidente atual o dr. Jacinto F. Rosa; o Tiro de Guerra 87, etc.



Sede do Clube Riograndense.

A cidade apresenta um intenso movimento, contando com vários centros de diversões, cafés, bares, hotéis, entre os quais se destaca o Hotel do Comércio, magnificamente instalado, com ótimas acomodações e com excelente mesa.

A imprensa é representada pelo hebdomadário "O Progresso", de grande circulação em tôda a cidade, bem como no interior da comuna e municípios vizinhos.

A instrução e a saúde pública têm merecido dos poderes competentes o maior amparo possível, existindo inúmeras escolas públicas e particulares, com grande matrícula de alunos de ambos os sexos, bem como um pôsto de higiene, mantido pelo Estado.

O comércio e a indústria acham-se em pleno desenvolvimento e em adiantado grau de prosperidade, contando-se inúmeros estabelecimentos comerciais e industriais que giram com elevados capitais.

O seu atual administrador, o operoso prefeito sr. Carlos Corrêa da Silva, muito tem trabalhado para que Montenegro continue usufruindo, entre suas congêneres, do renome que mui justamente possue.



Cascata da Vitória.

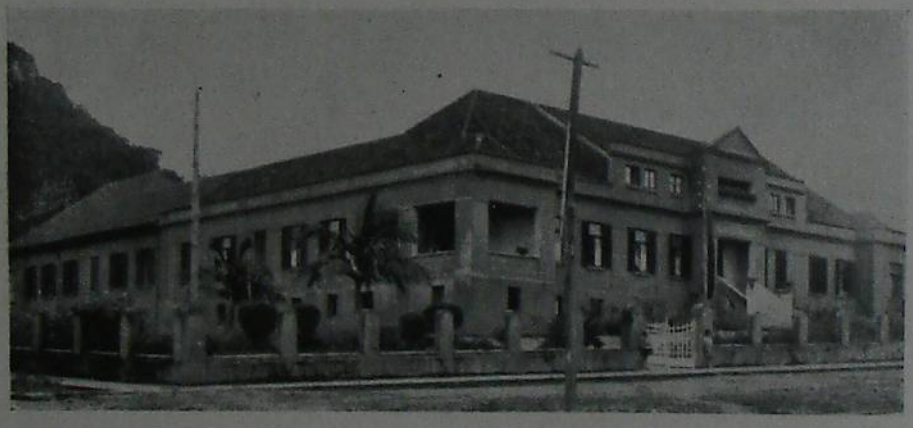


BELEZAS DA PAÏSAGEM MONTENEGRINA

Morro do Diabo, fronteiro à Vila de São Vendelino.

O HOSPITAL MONTENEGRO

A CÉLULA MATER DA ASSISTÊNCIA MÉDICO-SANITÁRIA DAQUELA COMUNA



Edifício do Hospital Montenegro.

O problema da assistência médico-sanitária é um dos que mais têm merecido os cuidados e atenções dos poderes competentes, por se tratar de um setor que diz respeito, sob todos os aspectos, ao desenvolvimento e prosperidade das coletividades.

A-par das atividades que os nossos governantes vêm empreendendo para a maior difusão da assistência médico-sanitária, também êsse problema tem tido, por parte de particulares, os mais desvelados cuidados, com o fito, apenas, de minorar os sofrimentos de seus semelhantes.

E essa cooperação dos particulares, em prol da maior disseminação da assistência médico-sanitária, é ressaltada por várias iniciativas, louváveis aliás, como hospitais de clínica geral e de clínicas especializadas, tais como médico-cirúrgicas, ginecológicas e obstétricas, etc.

Entre os modelares estabelecimentos que honram a assistência médico-sanitária do nosso Estado, figura, destacadamente, o Hospital de Montenegro.

Fundado em 23 de Fevereiro de 1931, pela Sociedade Evangélica de Senhoras e Senhorinhas, aquela casa de saúde tem grangeado a fama que mui justamente lhe pertence.

Destinado a receber os enfermos, sem distinção de classe, religião ou nacionalidade, o Hospital Montenegro, magnìficamente instalado, à rua Assis Brasil, em um dos melhores pontos da cidade que lhe empresta o nome, goza entre a classe médica em geral do melhor conceito como um estabelecimento modelar em seu gênero.

O Hospital Montenegro, cuja fundação se deve, inegàvelmente, quasi que exclusivamente à perseverança da exma. sra. d. Guilhermina Jahn, possue duas salas de operações ôtimamente instaladas, com aparelhos de Raios X, Diatermia e Ultra-Violeta. Dispõe êsse estabelecimento hospitalar de 26 quartos excelentes, com acomodações de I, II e III classes, bem como de dois amplos quartos de isolamento.

Atualmente, a direção do Hospital Montenegro está entregue a uma diretoria, cuja constituïção é a seguinte: diretor, dr. Clovis W. Franconi; diretora do hospital, Irmã Maria Schubert; presidente, Paula Beck; vice, Alice Poersch; secretária, Ilka Moojen Weissheimer; tesoureira, Elsa Jahn; conselheiros: Júlio Renner, Guilherme Leopoldo Jahn, José Poersch Sobrinho, Olga Heller e Paula Koetz.

O carinho desvelado com que são atendidos os enfermos alojados no Hospital Montenegro e a plêiade de seus médicos assistentes fazem dessa casa de saúde a célula mater da assistência médico-sanitária da cidade de Montenegro.

NOVO HAMBURGO

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°39'20" — LONGITUDE W. G.: 51°01'45" — LIMITES: a N., ES. e S.: São Leopoldo; a L. Gravataí; a O.: Taquara.

Dados geo-demográficos

Superfície, 238 km² — Atitude da sede, 35 m — Distância da Capital em linha reta, 39 km — População urbana, 13.090 — População rural, 6.310 — População total, 19.400 — Densidade por km², 81,51 — Percentagem sôbre a população do Estado, 0,57 — Crescimento natural, 249.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 369 ha — Valor total da produção, 183:800$000 — 1° Produto: mandioca: 195 ha; Produção, 975 ton; Valor, 97:500$ — 2° Produto: milho: Área cultivada, 120 ha; Produção, 120 ton; Valor, 30:000$ — 3° Produto: batata: Área cultivada, 8 ha; Produção, 64 ton; Valor, 12:800$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 4.940; Ovinos, suínos e caprinos, 3.290 — Produção em quilos: de graxa, 24.590; de banha, 981.140.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 203 — Capital invertido, 22.911:161$ — Operários, 3.097 — Fôrça motriz em HP, 1.804,45 — Valor da produção, 57.006:418$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 401; Veículos a fôrça animada, 808 — Aparelhos telefônicos, 193.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 8; Aulas municipais, 12; Colégios particulares, 12 — Sociedades beneficientes, 3 — Associações de classe, 3 — Sindicatos, 4 — Receita arrecadada: federal, 2.817:976$; estadual, 1.713:846$; municipal, 1.033:513$ — Despesas com: Ensino e cultura, 58:262$; Saúde pública, 63:708$000.

SÍNTESE HISTÓRICA

1824 — Data do início da colonização da atual comuna.
1927 — 5-4 — Constitue-se município autônomo.
1935 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Encontra-se grês mais ou menos perturbado. HIDROGRAFIA — rios: dos Sinos e outros. OROGRAFIA — Serra do Mar com várias denominações. CLIMA — Agradável.

A CIDADE

A cidade de Novo Hamburgo, sede da comarca e da comuna de seu nome, possue uma feição agradável, estando situada em excelente posição.

As suas ruas amplas e arborizadas, algumas calçadas, são bem traçadas; os seus logradouros públicos, todos ajardinados, emprestam à cidade um bonito aspecto. E' tôda iluminada à luz elétrica.

A edificação em geral é boa, possuindo inúmeros prédios públicos e particulares de magnífico aspecto, destacando-se a Prefeitura Municipal, as igrejas católica e protestante, o grupo escolar, etc.

Inúmeras associações recreativas, desportivas, cívico-militares, de classe, culturais, etc., formam a sua vida social e cultural que, diga-se de passagem, está bem desenvolvida nesse setor. Entre as entidades de classe, sobressae a Associação Comercial, fundada há já alguns anos, e que tem prestado relevantes serviços à classe dos comerciantes, propugnando pelos seus interêsses. Também, uma associação que muito tem cooperado para o engrandecimento de Novo Hamburgo, é o Tiro de Guerra 251, agremiação essa que tem dado inúmeras turmas de reservistas para o nosso Exército. No setor desportivo, também, Novo Hamburgo encontra-se em franco progresso, possuindo clubes, onde se praticam o futebol, o atletismo, ginástica, etc.

A instrução e a saúde pública, amparada, eficientemente, pelos poderes responsáveis, marcha a passos largos relativo ao progresso de Novo Hamburgo. Grande é o número de escolas públicas e particulares, ocupando o primeiro plano o Grupo Escolar "Pedro II", fundado em 14 de julho de 1930, atualmente sob a competente direção de um grupo de professores, assim constituído: Jardelino Petersen, Nair Maria Becker, Armely P. Lyndemayer e Carolina Carvalho. Possue, também, um Pôsto de Higiene que atende diàriamente à população em geral.

Tanto o comércio como a indústria de Novo Hamburgo gozam de grande prosperidade, sendo intensa a atividade de ambos os setores, contando-se inúmeras casas comerciais e industriais, organizações sólidas e girando com avultados capitais.

Dirige, atualmente, os seus destinos o dinâmico prefeito dr. Odon Cavalcanti C. Monteiro, que não tem descurado no desenvolvimento de Novo Hamburgo, quer dotando-o de grandes melhoramentos, quer elevando-o, cada vez mais, no

Dirige, atualmente, os seus destinos o prefeito Dr. Nelson T. Schneider, recentemente transferido de Farroupilha para esta comuna, onde, por certo continuará, como o tem sobejamente comprovado em gestão anterior, a profícua e dinâmica administração de seu antecessor, o dr. Odon Cavalcanti C. Monteiro.



Avenida Pedro Adams Filho.



Gr. E. "Dom Pedro II".



Igreja católica São Luiz.

Itinerário de Novo Hamburgo:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 43 km (Até São Leopoldo 10 km). RODOVIA 46 km (Até São Leopoldo 10 km).
A SÃO LEOPOLDO: TREM 10 km. RODOVIA 10 km.
A GRAVATAÍ: RODOVIA 40 km (Até São Leopoldo 10 km).
A TAQUARA: RODOVIA 45 km.



Obelisco comemorativo.



"Energia Elétrica Novo Hamburgo".

O S Ó R I O

REGIÃO: Litoral — LATITUDE S.: 29°54'38" — LONGITUDE W. Gr.: 50°19'06" — LIMITES: ao N.: S. Francisco de Paula e Tôrres; ao S.: S. José do Norte e Viamão; a O.: Santo Antônio da Patrulha; a L.: Oceano Atlântico.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.552 km² — Altitude da sede, 38 m — Distância da Cap. em linha reta, 92 km — População urbana, 2.420 — População rural, 31.280 — População total, 33.700 — Densidade por km², 9,48 — Percentagem sôbre a população do Est. 1,60 — Crescimento natural, 380.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 14.325 ha — Valor total da produção, 11.165:100$ — 1.° produto: cebola: Área cultivada, 800 ha; Produção, 6.400 ton; Valor, 3.840:000$ — 2.° produto: arroz: Área cultivada, 2.500 ha; Produção, 4.500 ton; Valor, 1.800:000$ — 2.° produto: milho: Área cultivada, 3.950 ha; Produção, 7.110 ton; Valor, 1.777:500$ — Produtos transformados (quantidade e valor): Vinho, 10.180 lt; 6:108$; Aguardente, 400.000 lt; 160:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 64.900; Ovinos, suínos e caprinos, 59.480 — Produção em quilos, de graxa, 22.980; de banha, 50.000; de lãs, 41.830.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 208 — Capital invertido, 884:700$ — Operários, 220 — Fôrça motriz em HP, 88 — Valor da produção, 1.656:640$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 71; Veículos a fôrça animada, 219.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 5; Aulas estaduais, 7; Aulas municipais, 30; Colégios particulares, 13 — Hospitais, 1 — Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 163:413$5; estadual, 893:164$; municipal, 535:098$ — Desp. com: Ensino e cultura, 68:580$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1719 — Origem da colonização da comuna.
1742 — 24-4 — Criação da capela curada, sendo elevada à freguesia em 18 de janeiro de 1773.
1804 — 4-12 — Foi anexada à vila de Santo Antônio.
1810 — 10-5 — Nasce o grande e legendário general Manoel Luiz Osório, marquês do Herval.
1857 — 16-12 — Elevada à categoria de vila, por lei provincial n.° 401.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Litoral. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações granito-gnéissica e recente. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Tramandaí, Três Forquilhas, Palmares, Cornélios, Malvas, Capivarí, Forqueta, Pedras, Irineu, Água Parada, Ouro, Agua-Pé, Espraiado e outros; passos: Tramandaí, João Pedro, Querino, Três Forquilhas, etc.; lagoas: Barros, Pinguela, Quadros, Itapeva, Cidreira e Tramandaí, Caconde, Traíras, Indios, Pessegueiro e outras. OROGRAFIA — Serra Geral, com os cerros do Maquiné, Morro Agudo, Morro Alto, Chiquinho, Vigia, etc. FLORA — Madeiras de lei e ervas medicinais. CLIMA — Ameno e saüdável.

A CIDADE

A cidade de Osório, sede da comuna do mesmo nome, está situada em uma linda planície, junto à serra próxima à lagoa Marcelino, seu pôrto fluvial.

As suas ruas bem cuidadas e alinhadas, entre as quais a Marechal Floriano e a Independência, e sua praça principal, tôda ajardinada, emprestam à cidade de Osório, que é tôda iluminada à luz elétrica, um bonito aspecto.

A sua edificação em geral é boa, possuindo alguns magníficos prédios, destacando-se o teatro Paulino Chaves, a igreja matriz, a Prefeitura Municipal, etc.

Osório possue uma adiantada vida social e cultural, que está condignamente representada por várias entidades recreativas, desportivas, culturais, cívico-militares, classistas, etc. Conta, ainda, a cidade com um Tiro de Guerra, com elevada matrícula de associados, e que muito tem cooperado para o progresso da cidade.



Vista panorâmica de Osório.

Junto à cidade está instalado um campo experimental de cultura da cana de açúcar, pertencente ao ministério da Agricultura, que vem, por sua vez, cooperando para o maior desenvolvimento de Osório.

A instrução e a saúde pública vêm merecendo dos poderes competentes o mais eficaz amparo, sendo inúmeras as escolas públicas ou particulares que ministram o ensino a uma grande população escolar, existindo um pôsto de saúde que distribue seus benefícios aos que dele se valem. No setor educacional, figura, em primeiro plano, o Grupo Escolar "General Osório", fundado em 21 de Abril de 1924, sob a direção da provecta professora Clotilde S. Amaral, com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos.



Gr. E. "General Osório".

O comércio e a indústria de Osório encontram-se em pleno desenvolvimento, contando com vários estabelecimentos sólidos e conceituados no setor de suas atividades comerciais ou industriais.

Atualmente, dirige seus destinos o operoso prefeito sr. dr. Juvenal José Pinto que vem empregando o máximo de seus esforços, procurando colocar Osório no lugar que lhe está reservado entre suas co-irmãs.

Próximo a Osório, encontra-se a praia balneária de Tramandaí, em pleno Oceano Atlântico, que graças à rodovia que a liga à capital do Estado, possue um extraordinário movimento de banhistas, durante tôda a estação calmosa. Tramandaí, com um futuro promissor, conta com vários hotéis, bares, restaurantes, casinos, etc. Dentre êles, destacam-se o Grande Cassino Tramandaí, magnificamente instalado, funcionando dia e noite, e oferecendo o máximo do confôrto aos visitantes; o Bar-Restaurante Gaúcho, de propriedade do sr. Rudolfo Heissler, com magnífico serviço à la minuta, possuindo também, vários chalés e quartos arejados, sendo o estabelecimento mais próximo ao mar; e o Hotel Picoral Imbé, luxuosamente instalado em magnífico prédio recentemente construído, apresentando o máximo da distinção aos visitantes, com esmerado serviço de restaurante, sendo um dos pontos preferidos da sociedade pôrto-alegrense que para ali aflue durante a estação calmosa.

P A L M E I R A

REGIÃO: Missões — LATITUDE S.: 27°52'55" — LONGITUDE W. Gr.: 53°26'45" LIMITES: ao N.: Paraná e Rep. Argentina e Iraí; a L.: Sarandi e Carasinho; a S.: Cruz Alta e Ijuí; ao O.: Santo Ângelo e Santa Rosa.

Dados geo-demográficos

Superfície, 9.745 km² — Altitude da sede, 634 m — Distância da Cap. em linha reta, 320 km — População urbana, 2.450 — População rural, 106.150 — População total, 108.600 — Densidade por km², 11,14 — Percentagem sôbre a população do Est., 3,24 — Crescimento natural, 1.383.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 23.591 ha — Valor total da produção, 8.169:000$ — 1.° produto: milho: Área cultivada, 15.728 ha; Produção, 22.019 ton; Valor, 3.302:850$ — 2.° produto: linho: Área cultivada, 3.000 ha; Produção, 2.100 ton; Valor, 1.470:000$ — 3.° produto: feijão: Área cultivada, 2.095 ha; Produção, 2.724 ton; Valor, 1.089:600$ — Produtos transformados (quantidade e valor): Vinho, 30.250 lt; 15:125$; Aguardente, 200.000 lt; 100:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 141.500; Ovinos, suínos e caprinos, 223.020; Produção em quilos, de graxa, 14.500; de banha, 42.240; de lãs, 14.850.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 81 — Capital invertido, 1.731:600$ — Operários, 153 — Fôrça motriz em HP, 1.327 — Valor da produção, 2.784:739$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 156; Veículos a fôrça animada, 2.708.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 9; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 33; Colégios particulares, 59 — Associações de classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 336:111$; estadual, 975:891$; municipal, 748:219 — Despesas com: Ensino e cultura, 96:000$; Saúde pública, 9:075$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1820 — Data do início da colonização da comuna.
1832 — Ereção da capela S. Antônio da Palmeira.
1857 — 14-1.º — Criação da freguesia, por lei provincial n.º 355.
1874 — 6-5 — Elevação à categoria de vila, por lei provincial, e instalada em 7-4-1875.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Nas Missões. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação terciária. HIDROGRAFIA — rios: Passo Fundo, Várzea, Pardo, Uruguai, Guarita, Inhacorá, etc.; arroios: Mel, Jaboticaba, Divisa, Papudo, Jacutinga, Umbú, Ariranha, Boi Preto e outros; quedas dágua: Passo da Cachoeira, Cachoeira da Serra, Lolo, Maneco Gomes e Guilherme Matias. OROGRAFIA — Serra Geral, com as denominações de Ramada, Poteiro, Bonito, Boqueirão, Rio Uruguai e outras. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de Palmeira, sede da comuna, está situada sôbre um planalto, sendo tôda iluminada à luz elétrica, apresentando um bonito aspecto.

As suas ruas, largas e alinhadas, bem como suas praças, tôdas arborizadas, cooperam para a maior beleza da cidade. Dentre suas artérias principais, citam-se as ruas Comércio, Benjamin Constant e Marechal Floriano. O seu logradouro público, denominado Júlio de Castilhos, no coração da cidade, é edificado nas quatro faces.

A construção de seus edifícios geralmente é boa, sendo seus principais prédios os da Prefeitura Municipal, igreja matriz, Clube Comercial, etc., além de numerosos prédios particulares de construção moderna.

Tanto o setor social como o cultural de Palmeira acham-se bastante adiantados, contando com vários clubes recreativos, desportivos, de classe, culturais, cívico-militares, etc. Entre êles, cita-se o Clube Comercial que congrega a maioria da élite social da cidade, funcionando com elevada matrícula de associados, e ponto de reünião da sociedade palmeirense.

Próximo à cidade fica situado o florescente povoado de Frederico Westphalen, com movimentada vida social, comercial, industrial, etc., e com vários estabelecimentos comerciais, entre os quais se cita o Hotel dos Viajantes, oferecendo aos viajantes o máximo confôrto.

A instrução, contando com o apôio dos poderes competentes e da iniciativa particular, encontra-se em pleno desenvolvimento, funcionando seus inúmeros estabelecimentos de ensino com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos.

A saúde pública, por outro lado, também, eficientemente amparada pelas autoridades responsáveis, vem prestando os mais reais serviços à população em geral, sendo, enfim, ótimo o estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio de Palmeira, onde estão invertidos avultados capitais, vêm trabalhando intensamente e em franca prosperidade, sendo elevado o número de estabelecimento comerciais e industriais.

E' seu atual prefeito o coronel Felício Augusto de Almeida, que vem imprimindo na sua administração um ritmo de trabalho e progresso que fazem de Palmeira um grande centro, sob todos os pontos de vista.

Itinerário de Palmeira à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A **PÔRTO ALEGRE:** COMBINADO 629 km (Rodovia até Santa Bárbara 60 km depois, Trem 569 km). AVIÃO 400 km. RODOVIA 480 km.
A **SANTA ROSA:** RODOVIA 177 km.
A **SANTO ÂNGELO:** RODOVIA 112 km. COMBINADO 116 km (Rodovia até Ijuí 60 km, Trem 56 km).
A **IJUÍ:** RODOVIA 60 km.
A **CARAZINHO:** RODOVIA 76 km.
A **CRUZ ALTA:** RODOVIA 120 km. COMBINADO 125 km (Rodovia até Santa Bárbara 60 km, Trem 65 km). AVIÃO 95 km.
A **SARANDÍ:** RODOVIA 48 km.
A **IRAÍ:** RODOVIA 120 km.

PASSO FUNDO

REGIÃO: Planalto Médio — LATITUDE S.: 28°15'39" — LONGITUDE W. Gr.: 52°24'33" — LIMITES: ao N.: Sarandí, Getúlio Vargas; a L.: Lagoa Vermelha; ao L.: Guaporé e Soledade; ao O.: Carazinho.

Dados geo-demográficos

Superfície, 5.435 km² — Altitude da sede, 709 m — Distância da Cap. em linha reta, 225 km — População urbana, 17.670 — População rural, 63.430 — População total, 81.100 — Densidade por km², 14,92 km — Percentagem sôbre a população do Est., 2,41 — Crescimento natural, 1.149.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 60.293 ha — Valor total da produção, 21.788:950$ — 1.º produto: trigo: Área cultivada, 21.630 ha; Produção, 12.978 ton; Valor, 7.786:800$ — 2.º produto: milho: Área cultivada, 27.800 ha; Produção, 33.360 ton; Valor, 6.672:000$ — 3.º produto: mandioca: Área cultivada, 3.500 hectares; Produção, 24.500 ton; Valor, 2.450:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor): Vinho, 239.870 lt; 76:758$; Aguardente, 80.000 lt; 40:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 104.000; Ovinos, suínos e caprinos, 125.840 — Produção em quilos, de graxa, 53.850; de banha, 657.140; de toucinho, 280.000; de lãs, 21.240.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 531 — Capital invertido, 22.844:897$ — Operários, 2.375 — Fôrça motriz em HP, 5.171,4 — Valor da produção, 34.492:785$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 480; Veículos a fôrça animada, 1.042.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 10; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 11; Regimentais, 1; Colégios particulares, 91 — Asilos e recolhimentos, 1 — Sociedades Beneficientes, 1 — Instituïções de Caridade, 6 — Associações de Classe, 4 — Sindicatos, 6 — Receita arrecadada: federal, 1.599:051$; municipal, 2.874:732$; estadual, 1.675:685$ — Despesas com: Ensino e cultura, 154:260$; Saúde pública, 127:960$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1827 — Início da colonização da comuna.
1833 — Constituia uma dos quarteirões de São Borja e, em 28-5-1834, já era um distrito de Cruz Alta, sendo nesse mesmo ano criada capela curada.
1847 — 26-11 — Elevada à categoria de freguesia, por lei provincial.
1857 — Elevação à categoria de vida, pela lei n.º 340, e instalada a 7 de agôsto do mesmo ano.
1891 — 10-4 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Médio. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: do Peixe, da Várzea, Passo Fundo, Carreiro, Taquarí, Jacuí, Jacuizinho; arroios: Butiá, Miranda, Facão, Entrada, etc. OROGRAFIA — Cochilha Geral, com as denominações de cochilha de Pinheiro Marcado, Campo do Meio, Marau, etc.; cerros: Erechim, Balisa, Esperança, Dourado, etc.; FLORA — Madeiras de lei: Angico, Açouta-Cavalo, Cambará, Guajuvira, Louro, Tarumã, Ipé, etc. CLIMA — Saüdável e um dos melhores do Brasil.

MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO

Na fase por que passa o país, grande parte dos municípios deverão estar nas mesmas condições que vêem dificultando a administração de Passo Fundo, mòrmente depois do rompimento de nossas relações com os países totalitários cujas conseqüencias inevitáveis trouxeram rápida modificação na vida econômica de todos os setores da atividade nacional.

Embora o sistema tributário não tenha ainda sofrido diretamente os reflexos dessa situação, pelo que a arrecadação permanece quasi no mesmo nivel da que decorreu nos exercícios anteriores. O mesmo não se pode dizer quanto à gestão meramente executiva que, dia a dia, vem sofrendo restrições que, se nem sempre tolhem, ao menos retardam a execução de empreendimentos essenciais para a decorrência normal do influxo progressivo da comunidade.



Ponte sôbre o Taquarí, no distrito de Marau.

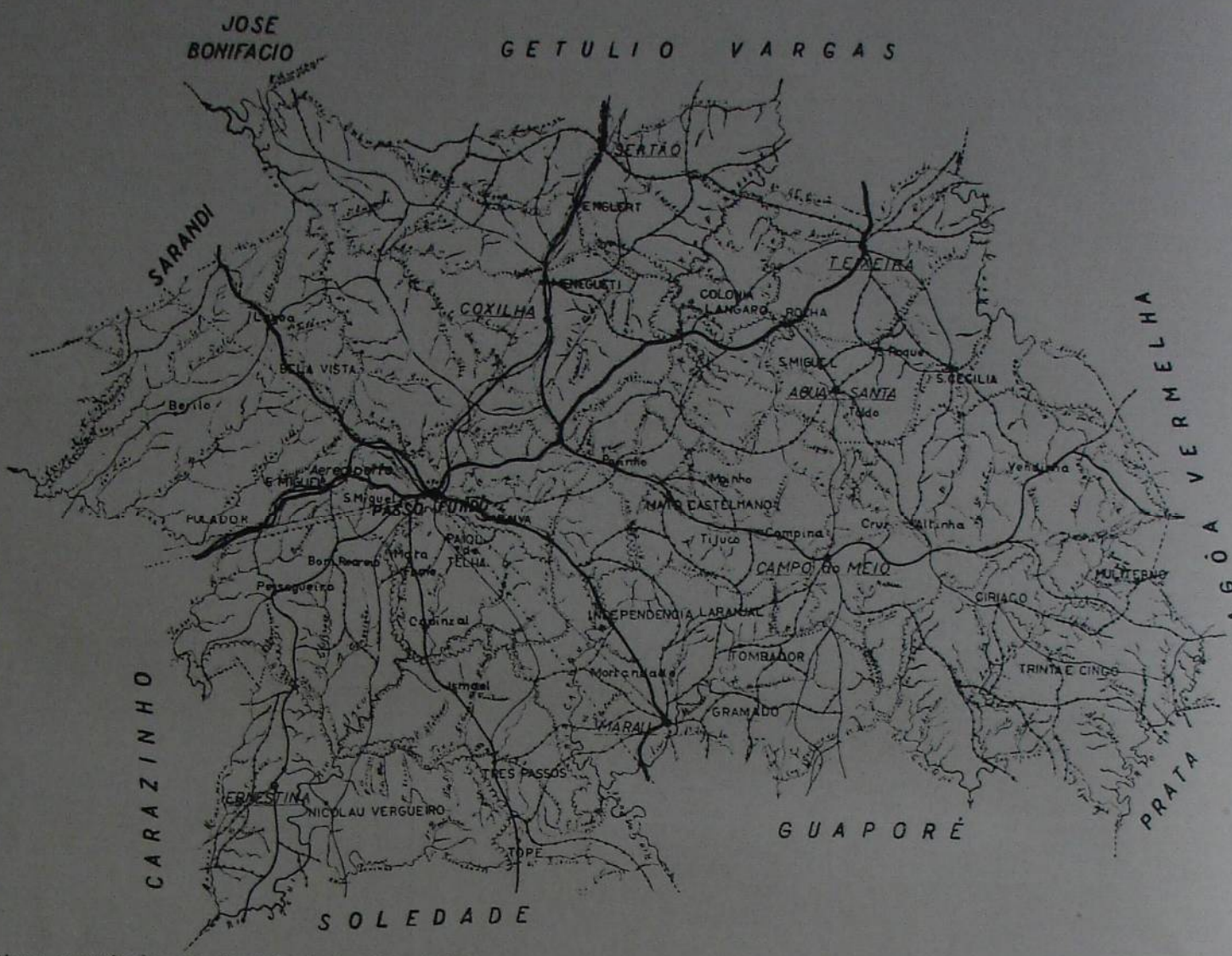
Passo Fundo está neste último caso.

O processo arrecadativo prossegue no ritmo previsto pela sua lei de meios, tendo mesmo apresentado um sensível aumento na arrecadação do exercício vigente, sem que houvesse havido majorações de impostos ou taxas.

Porém, no que diz respeito ao departamento de obras públicas, que de momento vem merecendo a máxima atenção do executivo, uma série de dificuldades se antepuseram diante do poder público, dificuldades que não serão removíveis antes da terminação do conflito hecatômbico da maior e mais deshumana das guerras deflagradas, desde que o homem começou a escrever a história do mundo.

Logo que o dr. Victor Graeff assumiu a direção do Govêrno municipal, em 17 de dezembro de 1941, teve suas vistas voltadas para o problema angustiante dos serviços de luz e fôrça, e muito em particular da fôrça motriz que constitue um dos fatores mais imperiosos do desenvolvimento industrial desta região.

Já nos primeiros dias de sua gestão, procurou enfronhar-se de tôdas as demarches desenvolvidas anteriormente, e com serenidade e firmeza atacou o problema de frente, estudando-o com afin-



Mapa organizado em observância ao decreto-lei nacional n.º 311, de 2 de março de 2938.

LEGENDA

- CIDADE
- VILA
- POVOADO
- Lugar
- ESTAÇÃO
- Linha ferrea internacional
- Linha ferrea internacional
- Linha ferrea internacional
- Linha ferrea internacional
- Estrada de ferro em trafego
- Estrada de ferro em construção
- Caminho de tropa
- Caminho carroçavel
- Rodovia
- Linha telefonica
- Linha telegrafica
- Barra d'agua
- Barra d'agua não navegavel
- Elevação (serra, morro, pico)
- Agua salgada
- Agua de bebida
- Fazenda
- Orla de mata
- Matriz

co para, depois, reavivá-lo perante o Govêrno do Estado, e solicitar da Diretoria de Eletricidade o apressamento dos estudos e observações técnicas do projeto elaborado.

Deve-se dizer que o Govêrno do Estado, através da Secretaria das Obras Públicas, dando mostra do maior interêsse que nutre pelo desdobramento econômico de Passo Fundo, fez as mais amplas concessões à administração municipal, facilitando até as operações financeiras que se faziam necessárias para o início dos trabalhos de construção do novo grupo propulsor de fôrça.

Pouco depois, surgiram os precalços da situação internacional que se agravou mais com o rompimento das relações do Brasil com os países do Eixo, trazendo em conseqüência a redução quasi total da importação pesada, notadamente dos artigos de manufatura metalúrgica.

A-pesar-de tudo, os estudos continuam sem interrupção, às expensas da Prefeitura. Dois engenheiros eletro-técnicos estão elaborando o projeto da nova usina, no rio Jacuí, bem como o aumento do potencial da usina primitiva, no Taquarí.

Esse projeto geral, que estará pronto ainda êste ano, em virtude dos acontecimentos internacionais não será de imediato executado, senão parcialmente.

O município possue duas máquinas geradoras hidro-elétricas, que atualmente servem de usina de emergência, pois o serviço atual é obtido por um 3.º e potente conjunto. Ao menos uma daquelas máquinas será aproveitada imediatamente na execução parcial do projeto, o que virá aumentar a fôrça atual em 50 %, isto é: de 1.000 H.P. passará a usina a fornecer 1.500 H.P.

Nesse período bastante resumido de um semestre, levando-se em conta o tempo consumido na fase preparatória do ante-projeto da nova usina, a atual administração não poderia apresentar uma retrospecção abundante do que tem feito e realizado através da Diretoria de Obras do Município, por onde o público ajuíza materialmente do labor das administrações.

Entretanto, a-pesar-da exigüidade imposta pelo tempo, já se pode distinguir um grupo bastante apreciável de construções e reconstruções de ruas e composturas de estradas.

Entre as obras que mais se destacam, neste âmbito administrativo, salienta-se a reconstrução de 1.100 quilômetros de estradas, no interior dos distritos rurais, cujo trabalho foi executado por turmas de trabalhadores manuais, cabendo à máquina "Patrol", pertencente à municipalidade, a reconstrução de 220 quilômetros.

As aludidas reparações foram feitas de preferência nas estradas de maior tránsito, que ligam a cidade diretamente às sedes dos distritos, sem desprezar as estradas vicinais que formam, por assim dizer, o sistema capilar da circulação rodoviária.

Merece, ainda, evidenciar a terminação da ponte sôbre o passo do Pavão, que une as duas margens do Taquarí, estruturada em madeira de lei, com uma extensão de 40 metros de largura, para dois veículos em marcha oposta.

Essa ponte é o complemento de uma estrada nova que foi aberta na região do Veado Pardo, no distrito de Marau, um dos núcleos agrícolas mais recentes do município e que, até três anos atrás, era um sítio inacessível ao tránsito de qualquer espécie de veículos.

A inauguração dêsse próprio municipal foi feita festivamente em março último, quando também foi paga a última prestação de seu custo total.

No mesmo período de janeiro até agôsto, foram construídos e entregues ao tráfego 28 pontilhões, em substituïção a igual número considerados perigosos ao tránsito, e 15 outros reconstruídos parcialmente. Em diversos pontos, os trabalhos de reparação de estradas exigiram a construção de 57 bueiros e a reconstrução de 29 parcialmente aproveitáveis.

Na cidade, a Prefeitura atacou os trabalhos de pavimentação das ruas Silva Jardim e Capitão Elautério, num total de 2.285 metros quadrados, cujo custo está orçado em 22:849$000.

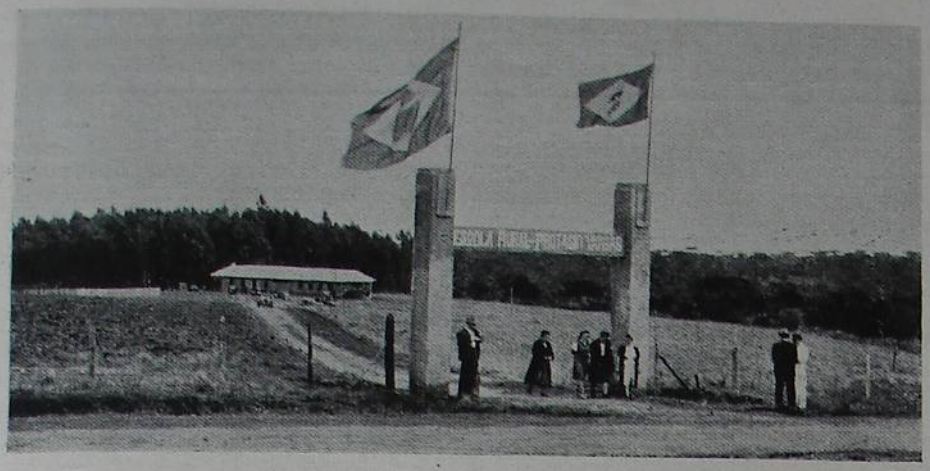
Outras pavimentações serão iniciadas em breve, pelo que as duas britadeiras vêm trabalhando na preparação de material que será utilizado nessas obras.

A CIDADE

A cidade de Passo Fundo, sede da comuna e da comarca de igual nome, está edificada sôbre o dorso da Cochilha Grande e apresenta um magnífico aspecto, como o de grandes centros.

A cidade é muito bem calçada e ajardinada, sendo tôda iluminada à luz elétrica. Suas artérias principais são: a Avenida Brasil, com a extensão de 1.720 metros de comprimento por 70 de largura, tôda ela arborizada; ruas Moron, Paissandú, General Osório, Andradas, Coronel Chicuta, 7 de Setembro e muitas outras.

Seus logradouros públicos, todos bem cuidados, são os pontos de convergência de sua população, contando-se entre êles, as praças República, Tamandaré, General Deodoro e Marechal Floriano, sendo a primeira a mais central e principal da cidade de Passo Fundo.



Fórtico central da frente da Escola Rural "Protásio Vargas".

A edificação é excelente, sendo grande o número de prédios públicos ou particulares. Entre êles, citam-se a Prefeitura Municipal, Biblioteca Municipal, Banco do Brasil, igreja matriz de N. S. da Conceição, Usina Municipal, além de grande número de prédios particulares, todos de construção moderna, bem como os quartéis das unidades federais e estaduais, aí sediadas. A cidade possue excelente rede de águas e esgotos.

A sua vida social e cultural encontra-se num elevado grau de desenvolvimento. São várias as entidades recreativas, desportivas, classistas, culturais, cívico-militares, etc. Entre as principais podemos citar: a Biblioteca Municipal, com um precioso patrimônio intelectual, o Grêmio Passofundense de Letras, o Aero-Clube de Passo Fundo, os Escoteiros Butucaraís e Guaranís, Clube Comercial, Clube Caixeiral, Clube Recreio Juvenil, Rôtari Clube, S. C. 14 de Julho, S. C. Gutenberg, S. C. Gaúcho, S. C. Riograndense, Associação Comercial e Associação Rural, bem como entidades beneficientes, como o Círculo Operário Passofundense, Apan, Vicentinos, etc. Funcionam, também, na cidade uma Loja Maçônica e várias sociedades espíritas. E' também sede do 3.º Batalhão, do 8.º R. I. e do 3.º R. C. da Brigada Militar.

A instrução tanto pública como particular atingiu em Passo Fundo a um alto índice. E' sede da 7.ª Delegacia Regional do Ensino, que superintende grande número de escolas, tôdas funcionando com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos. Dentre os seus principais estabelecimentos de ensino, destacam-se a Escola Complementar, o Instituto Ginasial Passo Fundo, o Colégio da Congregação da Sagrada Família, além de três grupos escolares estaduais, dois grupos municipais, três ginásios e um curso noturno.

Um dos estabelecimentos de ensino municipal que está fadado a desempenhar um programa de largo alcance é a Escola Rural "Protásio Vargas".

A Escola Rural é um internato para meninos pobres, onde o ensino é administrado gratuitamente, sendo o seu principal objetivo encaminhá-los para os misteres da lavoura.

O ensino alí é dividido em dois turnos: o ensino didático das letras e o ensino profissional agrícola. O município dispende, anualmente, em verba diretamente consignada para a Escola Rural, o montante de 20:000$000. A principal cultura das lavouras da Escola é o trigo, cuja colheita na próxima safra está calculada em 60 sacos. A direção atual pretende iniciar, ainda êste ano, a criação de suinos de raça dos tipos de corte e frigorífico.

A saúde pública, por sua vez, vem merecendo dos poderes competentes os mais desvelados cuidados, existindo na cidade um bem instalado Pôsto de Higiene e dois hospitais, que, preenchendo verdadeiramente suas finalidades, atendem diàriamente à população passofundense em geral, sendo mesmo ótimo o estado sanitário da cidade.

A assistência social tem merecido do govêrno municipal a melhor e mais assídua colaboração. Há três anos que a municipalidade vem destinando uma verba de dez contos de réis para auxílio das entidades trabalhistas, que se condensam em tôrno do Círculo Operário. Mantem, também, um Grupo Escolar Municipal com cinco professores para administração do ensino aos filhos de operários, que funciona anexo ao edifício social da sede do Círculo Operário.

Dentro em breve, será iniciada a construção de alteroso edifício para a sede dos diversos sindicatos e outros serviços de assistência social do Círculo Operário de Passo Fundo, cuja planta de estudo já foi aprovada, aguardando sòmente a terminação das negociações de um empréstimo que será financiado pelo Instituto dos Industriários.

O edifício projetado será de dois pavimentos, com frente para a Avenida Brasil. Cogita-se, ainda, da fundação de uma cooperativa de consumo para os operários filiados aos diversos sindicatos de classe. O govêrno municipal vem prestando o seu apôio municipal a essa iniciativa e, provàvelmente, dispensará, também, outros favores de ordem material, assim que a cooperativa assuma proporções que concretizem a sua existência.

O comércio é sólido e grandemente desenvolvido, com grande número de casas comerciais, operando francamente com tôdas as praças do Estado e do país. Por sua vez, a indústria passofundense está bastante adiantada, contando com vários estabelecimentos industriais em franca prosperidade.

Passo Fundo dá desde logo a impressão de um centro de grande atividade, nada devendo aos mais adiantados do Estado. Possue bons hotéis, cafés, bares, restaurantes, vários centros de diversões e suas ruas são bastante movimentadas. Circulam na cidade dois jornais, um matutino e outro vespertino, respectivamente, o "Diário da Manhã" e o "Nacional".

Atualmente, exerce o cargo de governador civil de Passo Fundo, o dr. Vitor Graeff, recentemente nomeado para êsse cargo. A-pesar-de se encontrar há pouco tempo, à frente de seus destinos, êsse dinâmico homem público já traçou no seu programa de administração uma reta de progresso moral e material que está merecendo os aplausos unânimes da coletividade passofundense prosseguindo, destarte, na gestão exemplar e altamente fecunda do seu ilustre antecessor, Cel. Artur Ferreira Filho, edil que se assinalou à testa da comuna com seu nvulgar espírito de iniciativa e de trabalho.



Início dos trabalhos duma nova estrada (Inspetoria de Terras de Passo Fundo).

UM ESTABELECIMENTO QUE HONRA A INDÚSTRIA PASSO-FUNDENSE

A FÁBRICA SUL-RIOGRANDENSE DE FÓSFOROS LTDA.

Dia a dia, o parque industrial do Rio Grande do Sul é enriquecido com uma nova organização que vem cooperar para o maior engrandecimento da balança econômica e financeira, nos mais variados setores da industrialização.

E, corroborando com o que acima escrevemos, temos a acrescentar mais uma notável emprêsa que, graças à iniciativa e à operosidade de um grupo de capitalistas, vem operando em nosso parque industrial com grandes e reais vantagens para êsse setor de nossa economia.

A Fábrica Sul-Riograndense de Fósforos Ltda. é a organização a que queremos nos referir. Fundada em 1940, essa grande emprêsa gira com um capital de 600 contos de réis, sob a competente direção de seus sócios principais, os conceituados industralistas, srs. Ernesto Morsch, Max Avila & Cia., Constante Tasca, Egydio Bonotto, que exerce as funções de gerente, Ernesto Busatto, Benedito Fridberg e Isaac Brimann.

Essa poderosa organização, localizada na cidade de Passo Fundo, dotada de moderna maquinária, com mais de oitenta operários, tem uma produção diária de 30 caixas, produção essa que, dentro em breve, será aumentada para 50 caixas.

Os seus produtos, lançados nos mercados consumidores, conseguiram logo impor-se pela sua qualidade, e a marca "Soberano", em honra de seu nome, conseguiu, mesmo, ser entre os seus similares verdadeiramente o soberano.

P E L O T A S

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 31°45'43" — LONGITUDE W. Gr.: 52°21'00" — LIMITES: ao N.: São Lourenço; a O.: Cangussú e Arroio Grande; a L.: a Lagoa dos Patos e o canal S. Gonçalo; ao S. Rio Grande.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.152 km² — Altitude da sede, 7 m — Distância da Cap. em linha reta, 222 km — População urbana, 60.690 — População rural, 44.410 — População total, 105.100 — Densidade por km², 33,34 — Percentagem sôbre a população do Est., 3,13 — Crescimento natural, 448.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 21.823 ha — Valor total da produção, 20:978:360$ — 1.° produto: batata inglesa: Área cultivada, 3.971 ha; Produção, 39.710 ton; Valor, 7.942:000$ — 2.° produto: arroz: Área cultivada, 7.170 ha; Produção, 18.642 ton; Valor, 7.456:800$ — 3.° produto: feijão: Área cultivada, 4.640 hectares; Produção, 4.640 ton; Valor, 1.856:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 100.490 lt;. 50:245$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 61.630; Ovinos, suínos e caprinos, 70.720 — Produção em quilos, de graxa, 253.720; de banha, 277.160; de lãs, 28.230.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 206 — Capital invertido, 39.066:980$ — Operários, 2.598 — Fôrça motriz em HP, 3478,11 — Valor da produção, 18.560:837$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 1.528; Veículos a fôrça animada, 5.913.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 7; Aulas estaduais, 6; Aulas municipais, 48; Aulas Regimentais, 2; Colégios particulares, 67 — Hospitais, 6 — Asilos e recolhimentos, 6 — Sociedades Beneficientes, 10 — Instituições de Caridade, 16 — Associações de Classe, 13 — Sindicatos, 34 — Receita arrecadada: federal, 10.445:206$; estadual, 10.161:144$1; municipal, 7.874:133$3 — Despesas com: Ensino e cultura, 1.186:362$; Saúde pública, 340:902$.



A PRINCESA DO SUL

Praça Cel. Osório.

SÍNTESE HISTÓRICA

1779 — Data do início da colonização do município.

1812 — 7-7 — Criação da freguesia.

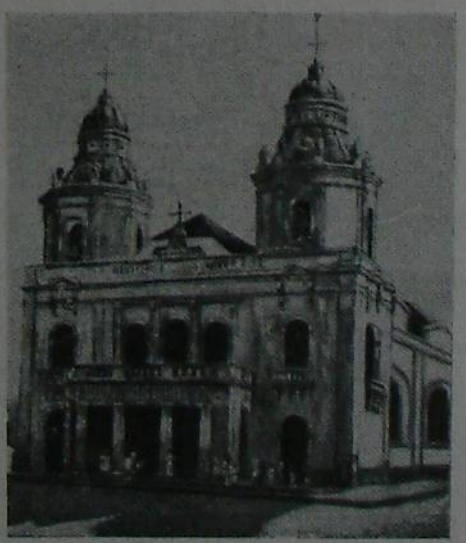
1830 — Elevação à categoria de vila e instalada em 7-4-1832.

1835 — 27-7 — Elevada à categoria de cidade com o nome de Pelotas.

1892 — 7-9 — O município de Pelotas constituiu-se sob o regime republicano.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação granito-gnéissica. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia oriental; rios e arroios: São Gonçalo, Pelotas, Corticeiras, Quilombo, Piratiní, Passo das Pedras, Arroio Grande, Três Vendas, Fragata e muitos outros; lagoas: a dos Patos, Fragata, Pequena e Sêca. OROGRAFIA — Serra dos Tapes com as denominações de Três Cerros, Buena, Almas, Padre Doutor; cerros: Gerivá, Pombas, Cadeia, Bonito, Inferno, Pelado, Queimado e outros. CLIMA — Saudável e temperado.



Igreja Matriz. óleo de Carôllo.

A CIDADE

Sede da comarca e da comuna do mesmo nome, a cidade de Pelotas, situada à margem esquerda do canal de São Gonçalo, entre os arroios Fragata e Pepino, é uma das mais lindas e maiores cidades do Rio Grande do Sul, sendo mesmo, depois de Pôrto Alegre, a segunda sob todos os pontos de vista.

Pelotas é topogràficamente plana, recortada por extensas artérias que se cortam em ângulos retos e lhe dão feição peculiar. Entre as ruas principais, figuram a 15 de Novembro, a artéria n.° 1 da cidade, e ponto de convergência de sua população; Marechal Floriano, Andrade Neves, General Osório, Félix da Cunha e muitas outras. Os seus logradouros públicos são primorosamente cuidados, destacando-se, em primeira grandeza, a Praça Cel. Pedro Osório, ex-República, Júlio de Castilhos, Floriano Peixoto, 15 de Novembro, contando, ainda, as avenidas 12 de Setembro, Bento Gonçalves, Domingos de Almeida, etc.

A sua edificação é simplesmente magnífica,



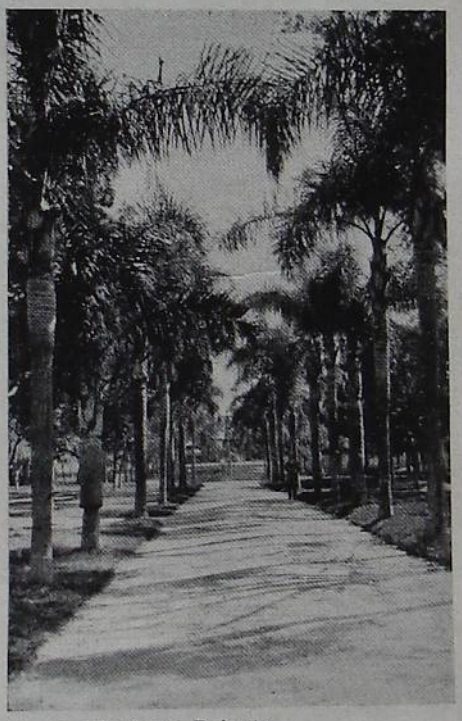
Praça Cel. Osório; outra vista.

Dentre os seus principais edifícios, tanto públicos como particulares, que são inúmeros, podemos citar: a Prefeitura Municipal, a Biblioteca Pública, o Palácio do Comércio, o Teatro 7 de Abril, a Catedral (sede de bispado), a Santa Casa de Misericórdia, o Mercado Público, O Clube Comercial, o Teatro Guaraní, o Clube Caixeiral, o Ginásio Gonzaga, a gare da Viação Férrea, a Escola de Agronomia e Veterinária, a Faculdade de Direito, a Beneficência Portuguesa, o Palácio Episcopal, a matriz do Pôrto, a igreja metodista, o Banco do Rio Grande do Sul, Corpo de Bombeiros, Ginásio Pelotense, o Grande Hotel, etc.

Pelotas, que está dividida em vários e pitorescos bairros, tais como Três Vendas, Fragata, Areal, Cascata, etc., é tôda iluminada à luz elétrica, possuindo um excelente serviço de bondes, serviços êsses explorados pela The Riograndense Light and Power Company, com usinas tècnicamente instaladas, empregando o carvão nacional, bem como cooperando com sua organização para o maior desenvolvimento e progresso de Pelotas. E' servida por excelente hidráulica municipal e por uma bem construída rede de esgotos, sendo, também, de propriedade da comuna o majestoso Gazômetro. E' sede de uma unidade do Exército Nacional, o 9.º Regimento de Infantaria; do 4.º Batalhão de Caçadores da Brigada Militar do Estado, e de um Bispado.

A vida social e cultural de Pelotas atingiu a um dos mais altos graus da época atual. A sociedade pelotense prima pela sua distinção, elegância e bom gôsto, bem como pelo brilho intelectual de seus filhos.

Dentre as suas entidades sociais e culturais, desportivas e classistas, citam-se: o Clube Comercial, fundado em 1881, atualmente sob a presidência do sr. Fernando Gomes da Silva, e magnìficamente instalado em sede própria, onde se reúne a alta sociedade pelotense; o Clube Caixeiral, fundado em 1879, atualmente sob a presidência do dr. Pedro da Silva Vieira, instalado com todo o confôrto em sede própria, e com uma grande bagagem de grandes empreendimentos; o Centro Português, com sede própria, fundado em 24/1.º/1926, como resultado da fusão do Centro Português e do Grêmio Republicano Português, sendo seu atual presidente o sr. Manoel de Oliveira Thomaz Junior; a Sociedade de Cultura Artística, fundada em 1940, fundada por um pugilo de pelotenses; o Aero Clube de Pelotas, fundado em 24/4/1939, sob a presidência do dr. Lélio Martins Falcão, possuindo dois planadores primários e quatro aviões de treinamento, com elevada matrícula de alunos; o Clube Natação e Regatas Pelotense, fundado em 28/11/1914, com avultado patrimônio moral e material, atualmente sob a presidência do desportista Carlos Stosch; a Associação Comercial, entidade classista que congrega todos os comerciantes pelotenses, defendendo seus interêsses; o Jóquei Clube Pelotense, magnìficamente instalado com um confortável hipódromo no bairro de Três Vendas, realizando concorridas reuniões turfísticas aos domingos e fazendo disputar, anualmente, o clássico "Princesa do Sul"; etc.



Praça Floriano Peixoto.

Pelotas possue, também, numerosos pontos de reünião de sua sociedade, como sejam elegantes confeitarias, luxuosos restaurantes, cafés, bares, e hotéis, entre êles destacando-se o Hotel América, situado à praça Cel. Pedro Osório, com instalações confortáveis e com uma cozinha de primeira ordem.

Todos os estabelecimentos bancários que operam em nosso Estado estão, também, representados por suas filiais ou agências em Pelotas, entre êles o Banco Nacional do Comércio, em prédio próprio, à rua Andrade Neves; o Banco da Província, em edifício de sua propriedade, à praça Cel. Pedro Osório; o Banco do Rio Grande do Sul, ocupando, agora, o belíssimo prédio do ex-Banco Pelotense, à rua Dr. Urbano Garcia.

A instrução em Pelotas atingiu ao seu apogeu, tanto no ensino superior, secundário, profissional e primário, merecendo tanto por parte dos poderes públicos como de particulares o mais decisivo auxílio, o que eleva sobremodo o bom nome de Pelotas no setor educacional em geral. Possue a "Enamorada do São Gonçalo" Escola de Agronomia e Veterinária, Faculdade de Direito, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Academia de Comércio, Ginásio Pelotense, Ginásio Gonzaga, vários grupos escolares e escolas elementares públicas e particulares, etc. A sua população escolar é a segunda do Estado, possuindo qualquer um dos estabelecimentos de ensino de qualquer grau elevada matrícula de alunos de ambos os sexos.

Dentre os seus educandários destacam-se: a Faculdade de Farmácia e Odontologia, um dos estabelecimentos que honram o ensino superior em nosso Estado e mesmo do país; o Ginásio Gonzaga, internato, externato e semi-internato, dirigido pelos Irmãos das Escolas Cristãs, com cursos primário, secundário, comercial, complementar e superior, sendo avultada a sua matrícula de alunos, funcionando anexo uma escola de instrução militar; o Conservatório de Música, fundado em 1918, sob a direção do professor Milton de Lemos, com uma vasta bagagem de realizações artísticas e com elevado número de alunos de ambos os sexos, etc. Existem ainda, em Pelotas, o Seminário de S. Francisco de Paula, destinado a seminaristas da diocese pelotense, situado no bairro de Três Vendas, fundado em 6/2/1938, sob a direção atual do Padre Benedito Zovzí, que o vem dirigindo desde a sua fundação.

Um dos problemas que mais tem preocupado os poderes responsáveis pelo estado sanitário de nossas cidades, é sem dúvida o da Saúde Pública e, êsse, em Pelotas, vem sendo solucionado eficazmente, pois os poderes públicos vêm empregando o máximo de seus esforços para dotar Pelotas de todos os recursos necessários a êsse mister. Pelotas possue, além de um Pôs-



Parque Souza Soares.

to de Higiene, outros centros de assistência pública, bem como clínicas gratuitas mantidas pelos seus hospitais, a casa de saúde, etc. que atendem diàriamente a centenas e centenas de pessoas que procuram os seus benéficos serviços.

A imprensa está, também, magnificamente representada por seus principais jornais: o "Diário Popular" e a "Opinião Pública". Funciona em Pelotas a conceituada Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres Pelotense, fundada em 1.º/1/1874, sendo a mais antiga do Estado, com sede própria, tendo agências no Rio, São Paulo, Pôrto Alegre e Bagé.

O comércio de Pelotas é muito próspero e importante, contando com numerosas casas comerciais que giram com avultados capitais e realizando transações sôbre os mais variados ramos de negócio, figurando entre os seus estabelecimentos comerciais: a Casa do Agricultor, fundada em 1939, pelo sr. Ibsen Viana, à rua 15 de Novembro, 757, negociando com o ramo de máquinas agrárias, pecuária e ferramentas em geral, sendo ainda representante de Mernack & Cia., de Cachoeira, de rádios, máquinas Oliver, motores Otto, produtos veterinários dos institutos de Manguinhos, Raúl Leite e Bayer; a firma Nieckeke, Palmeira & Cia., fundada em 1934, com o ramo de louças, vidros, tintas e ferragens em geral, situada à rua Andrade Neves, 711 e General Osório 762/4.

A indústria, por sua vez, também, encontra-se em adiantado grau de prosperidade e progresso, principalmente a fabril, contando com numerosos estabelecimentos industriais que fazem do parque industrial de Pelotas um dos mais importantes do Estado. Dentre êsses, destacam-se: o Instituto Dr. Khautz, instalado com todos os requisitos modernos, de propriedade da firma Weishappel & Cia., fabricantes dos seguintes produtos: Fayacal, Sthenol, Bugreol, Sulfonamida, Específicos Khautz, etc.; F. Corrêa & Filhos, com fábrica de espelhos e vidraçaria denominada Luso-Brasileira, fundada em 19/11/1919; o Laboratório Peitoral de Angico Pelotense, fundado há mais de 40 anos, de propriedade da firma Jorge C. Siqueira que, agora, acaba de instalar um novo laboratório na capital da República, fabricando exclusivamente o produto que traz o nome do laboratório; a Fábrica de Sabão e Velas da firma F. C. Lang & Cia., fundada em 1864 e situada à rua Gonçalves Chaves, 1.158; a firma Fetter & Cia., fundada em 1.921, explorando a lavoura e engenhos de beneficiamento de arroz, situada à rua Barão de Santa Tecla, 202, tendo um movimento durante o período de 1940/41 de 575.000 sacos; e o Engenho Santa Inácia, com mais de 30 anos de existência, de propriedade da firma Dias e Nogueira, localizado à rua Dom Pedro II, 1.071, fundado pelo sr. Menotti Gentilini, cujo movimento no período de 1940/41 foi de 150.000 sacos.

Atualmente, se encontra à frente de seus destinos o seu dinâmico e culto prefeito dr. J. J. de Albuquerque Barros que, com raro tino, vem imprimindo à sua administração um surto de progresso surpreendente, fazendo jus, indiscutìvelmente, ao galardão que Pelotas há muito ostenta de — a Princeza do Sul.



Prefeitura Municipal.



Hangar do aéreo-clube.



Seminário S. Francisco de Paula.



Tribuna do hipódromo do Jóquei-Clube.

Itinerário de Pelotas à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: AVIÃO 230 km. VAPOR 196 km. RODOVIA 294 km (Até São Lourenço 72 km, Camaquã 162 km, Tapes 202 km, Guaíba 282 km).
A SÃO LOURENÇO: RODOVIA 72 km.
A CANGUSSÚ: RODOVIA 75 km.
A ARROIO GRANDE: RODOVIA 100 km.
A RIO GRANDE: TREM 52 km. RODOVIA (em construção) 52 km.



Palácio do Comércio.



Clube Caixeiral.



Biblioteca do Clube Caixeiral.



Centro Português

PELOTAS, A PRINCESA DO SUL — Vista de algumas sedes sociais da linda cidade sulina

A RADIOFONIA NO SUL DO PAÍS

O QUE É A SOCIEDADE RÁDIO CULTURA, "P. R. H. 4", DE PELOTAS



Audição especial no auditório da P. R. H. 4.

A radiofcnia em nosso país encontra-se num desenvolvimento simplesmente assombroso e em grande prosperidade.

De norte ao sul, surge na quasi totalidade das c'dades gigantescos braços de aço que são as tôrres das estações difusoras, como querendo envolver num férreo amplexo tôda a imensidão do céu azul.

No Rio Grande do Sul, principalmente, a radiofonia atingiu a um elevado índice de cultura, progresso e prosperidade, quer seja na parte artística, quer seja na parte comercial.

Várias sãc as estações emissoras que operam em nosso Estado, tôdas com grande projeção nos meios artísticos e culturais, bem como sociais, comerciais e industriais, gozando mesmo de vasta confiança dos anunciantes em geral, bem como da simpatia popular.

Entre as grandes organizações que se dedicam à radiofonia, a P. R. H. 4 — Sociedade Difusora Rádio Cultura de Pelotas figura entre as suas demais coirmãs com real destaque.

A popular P. R. H. 4, magnìficamente instalada à rua 7 de Setembro n.º 307 A, em Pelotas, onde tem seus estúdios e auditório, e com sua administração funcionando no prédio ao lado, possue sua estação transmissora no pitoresco bairro de Três Vendas, irradiando numa potência de 1 Klw na antena.

Diàriamente, das 11 às 23 horas, a popular P. R. H. 4, numa freqüência de 1.320 Kcs., está no ar, levando aos seus inúmeros ouvintes os mais lindos programas musicais e de rádio-voz, os quais já consolidaram sua vitória nos "fans" pelotenses e, mais ainda, entre a unanimidade dos ouvintes do sul do Estado.

A sua atual direção, procurando cada vez mais ampliar o seu setor de ação, instalou uma agência na cidade de Rio Grande, à rua Zalony, 79, onde a P.R.H.4 irradia suas atividades entre os seus "fans" riograndinos.

Por sua vez, a direção artística da popular Rádio Cultura de Pelotas vem imprimindo um novo ritmo renovador em todos os seus programas, os quais são todos meticulosamente examinados antes de serem lançados ao ar, sendo êste um dos segredos do incontestável êxito da P. R. H. 4 de Pelotas.

Apresentando, numa seqüência interminável, sempre novos programas, a Sociedade Difusora Rádio Cultura de Pelotas conquistou de maneira absoluta as simpatias da grande família de rádio-ouvintes riograndenses, honrando, assim, brilhantemente, a justa fama de que goza: — P. R. H. 4 — A voz preferida no sul do Estado.



"Estúdio auditório" da P. R. H. 4.

PINHEIRO MACHADO

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 31°35'29" — LONGITUDE W. Gr.: 53°21'48" — LIMITES: ao N.: Caçapava; ao S.: Herval; a L.: Piratiní; a O.: Bagé.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.160 km² — Altitude da sede, 360 m — Distância da Cap. em linha reta, 269 km — População urbana, 2.050 — População rural, 10.950 — População total, 13.000 — Densidade por km², 4,11 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,38 — Crescimento natural, 115.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 1.162 ha — Valor total da produção, 616:750$ — 1.º produto: trigo; Área cultivada, 550 ha; Produção, 330 ton; Valor, 198:000$ — 2.º produto: milho; Área cultivada, 220 ha; Produção, 396 ton; Valor, 99:000$ — 3.º produto: batata doce; Área cultivada, 91 ha; Produção, 637 ton; Valor 95:550$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 240.110; Ovinos, suínos e caprinos, 271.000 — Produção em quilos, de graxa, 285.470; de lãs, 480.820.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 37 — Capital investido, 146:820$ — Operários, 47 — Fôrça motriz em HP, 13 — Valor da produção, 462:560$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 97; Veículos a fôrça animada, 418.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas municipais, 20; Colégios particulares, 1 — Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 179:717$9; estadual, 624:279$6; municipal, 396:871$7 — Desp. c.: Ensino e cultura, 43:391$; Saúde pública, 4:894$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1830 — Data do início da colonização da comuna.

1851 — 10-11 — Criação da capela curada de N. S. da Luz.

1857 — 17-1.º — Elevação à categoria de paróquia.

1878 — 2-5 — Elevada à categoria de município, por lei provincial n.º 1.132, e instalado em 24-2-1879.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Camaquã, Piratiní e Jaguarão, Candiota, etc.; arroios: Velhaco, Butiá, Salso, Passo da Cruz, etc.; passos: Acampamento, Machado, Conceição, Feio, etc. OROGRAFIA — Serra dos Tapes, com as denominações de Passarinho, Veleda, Asperezas, etc.; cerros: Quebrada, Alegrias, Porongos, Baú etc. CLIMA — Temperado e saudável.

A CIDADE

A cidade de Pinheiro Machado, sede da comuna do mesmo nome, está edificada sôbre a serra da Veleda, apresentando magnífico aspecto, sendo tôda iluminada à luz elétrica.

Pinheiro Machado, ex-Cacimbinhas, conta com numerosas ruas e logradouros públicos, todos bem cuidados, sendo suas artérias, na maioria, alinhadas e as praças arborizadas. A sua praça principal é a 15 de Novembro, tôda ajardinada, sendo mesmo o ponto de convergência de tôda a população.

A edificação de Pinheiro Machado é no geral boa, contando com inúmeros prédios públicos e particulares, entre os quais se citam a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, etc.

A vida social e cultural da ex-cidade de Cacimbinhas está bastante adiantada, com vários associações recreativas, culturais, desportivas, culturais, cívico-militares, etc. Entre as entidades classistas, cita-se a Associação Rural que congrega todos os ruralistas e agricultores, dedicando-se inteiramente à defesa de seus interêsses.

A instrução, tanto pública como particular, está em pleno desenvolvimento, com várias escolas em funcionamento, com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos. Dentre seus estabelecimentos de ensino, figuram o Grupo Escolar "Assis Brasil", fundado em 24 de Abril de 1940, sob a atual direção da provecta diretora, d. Maria Martins Rossell; e o Grupo Escolar "Gal. Hipólito Ribeiro", fundado em 18 de Junho de 1927, sob a atual direção da distinta educadora d. Zélia Magdalena Schwartz.

Por outro lado, a saúde pública, sob os cuidados dos poderes competentes, vem zelando eficientemente pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria de Pinheiro Machado encontram-se em franca prosperidade, contando com numerosas casas comerciais e industriais, tôdas em pleno desenvolvimento progressista.

Próxima à cidade, fica situada a famosa granja de Pedras Altas, com um alteroso castelo, residência da família do saüdoso riograndense dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, sendo no género o mais belo estabelecimento existente em nosso Estado.

Pinheiro Machado encontra-se entregue, atualmente, à operosa administração do sr. José Ratto da Silveira, que vem empregando o máximo de seus esforços para maior grandeza de seus comunícipes.

Itinerário de Pinheiro Machado à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: RODOVIA 405 km (Até Piratiní 30 km, Cangussú 104 km, São Lourenço 183 km, Camaquã 273 km, Tapes 313 km, Guaíba 393 km). COMBINADO 370 km. (Rodovia até Pedras Altas 34 km, Trem 142 km até Pelotas, Vapor 228 km).

A CAÇAPAVA: RODOVIA 30 Km.

A BAGÉ: RODOVIA 66 km.

A PIRATINÍ: RODOVIA 30 km.

A HERVAL: RODOVIA 73 km.

P I R A T I N Í

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 31°26'54" — LONGITUDE W. Gr. 53°06'09" — LIMITES: ao N.: Caçapava e Encruzilhada; a L.: Cangussú; a O.: Pinheiro Machado; ao S.: Arroio Grande e Herval.

Dados geo-demográficos

Superfície 3.182 km² — Altitude da sede, 345 m — Distância da Cap. em linha reta, 240 km — População urbana, 1.600 — População rural, 18.500 — População total, 19.500 — Densidade por km², 6,12 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,58 — Crescimento natural, 207.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 7.586 ha — Valor total da produção, 3.802:770$ — 1.º produto: fumo; Área cultivada, 276 ha; Produção, 166 ton; Valor, 664:000$ — 2.º produto: alpiste; Área cultivada, 1.365 ha; Produção, 683 ton; Valor, 546:400$ — 3.º produto: trigo; Área cultivada, 2.151 ha; Produção, 860 ton; Valor, 516:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 125.720; Ovinos, suínos e caprinos, 197.940 — Produção em quilos, de banha, 110.400; de lãs, 277.230.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 33 — Capital investido, 134:500$ — Operários, 48 — Fôrça motriz em HP, 15 — Valor da produção, 295:0818 — Meios de transporte: Veículos a motor, 42; Veículos a fôrça animada, 255.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 14; Colégios particulares, 2 — Sociedades Beneficientes, 1 — Associações de Classe, 1 — Rec. arrecadada: Estadual, 528:857$7; Municipal, 313:445$7 — Despesas com: Ensino e cultura, 19:588$; Saúde Pública, 11:057$.



Ponte sôbre o arroio Correntes.

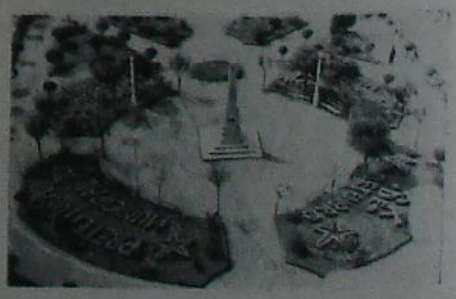
SÍNTESE HISTÓRICA

1789 — Origem da colonização da comuna por casais de açorianos.

1810 — 3-4 — Elevada à categoria de freguesia.

1830 — 15-4 — Elevação à categoria de vila, instalada em 7-6-1832.

1835 — 8-10 — Tomam conta da vila os destemerosos farroupilhas que a elevaram à categoria de cidade (6-3-1836), com a denominação de Muito Real e Patriótica do Sul (até 1-3-1845), tendo sido algum tempo capital da República Rio-Grandense.



Praça da República.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Camaquã, Piratini e Santa Maria; arroios: Grande, Bica, Camargo, Pedregal, Piratini Chico, Solidão, etc.; passos: Costa, Orquesta, Novo, Acampamento, Pimentas, etc. OROGRAFIA — Serra dos Tapes, com as denominações de Asperezas, Alegre, Veleda, Pedregal, Espírito Santo; cerros: Madrugas, Ubaldo, Pedregal, Sandim e Ferraria; existem matos de grande extensão: os do Capão Grande, de cêrca de uma légua, e os do Rincão do Bagual, calculados em 2 léguas. CLIMA — Saüdável e temperado.

A CIDADE

A cidade de Piratiní, sede da comuna, está situada sôbre a eminência de um cêrro, à margem do rio que lhe empresta o nome, apresentando um bonito aspecto.

As suas ruas, largas e alinhadas, e suas praças, bem cuidadas e ajardinadas, oferecem a Piratiní uma fisionomia atraente. Entre suas principais artérias, figuram a 20 de Setembro e a Bento Gonçalves. Das suas praças, figura em primeiro plano a da República.



Igreja Matriz.

A sua edificação é boa em geral. Contam-se entre seus principais edifícios a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o banco do Rio Grande do Sul, além de vários prédios particulares.

A cidade de Piratini, tôda iluminada à luz elétrica, é uma cidade histórica, pois aí se passaram os fatos principais da malograda República Rio-Grandense de 1835, onde se destacou o grande Bento Gonçalves.

A vida cultural e social da cidade encontra-se em pleno desenvolvimento. São inúmeros os grêmios recreativos, beneficientes, cívico-militares, de classe, desportivos, etc., que funcionam instalados em ótimas sedes.

A vida urbana de Piratiní é, relativamente, movimentada, existindo na urbs vários cafés, hotéis, cinemas e outros pontos de reünião de sua população.

O ensino e a saúde pública, amparadas eficazmente pelos poderes públicos, vêm desempenhando satisfatòriamente suas finalidades. Contam-se várias escolas, com grande população escolar, e órgãos fiscalizadores, incumbidos de protegerem o estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio, ambos intensos, encontram-se em franca prosperidade.

A sua atual administração, tendo à frente seu esforçado prefeito, o dr. José Maria da Silveira, não tem poupado esforços para que Piratiní se integre, dentro em pouco, na marcha de prosperidade de suas demais co-irmãs rio-grandenses.

Itinerário de Piratiní à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: RODOVIA 375 km (Até Cangussú 74 km, São Lourenço 153 km, Camaquã 253 km, Tapes 283 km, Guaíba 363 km). COMBINADO 345 km (Rodovia até Cangussú 74 km, Pelotas 149 km, Avião 230 km).
A CANGUSSÚ: RODOVIA 74 km.
A ENCRUZILHADA: RODOVIA 74 km.
A CACAPAVA: RODOVIA 100 km.
A PINHEIRO MACHADO: RODOVIA 30 km.
A ARROIO GRANDE: RODOVIA 169 km (Até Pinheiro Machado 30 km, Herval 103 km).

P R A T A

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 28°47'50" — LONGITUDE W. Gr.: 51°43'30" — LIMITES: ao N.: Lagoa Vermelha; ao S.: Alfredo Chaves e Antônio Prado; a L.: Vacaria e Lagoa Vermelha; ao O.: Passo Fundo e Guaporé.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.194 km² — Altitude da sede, 820 m — Distância da Cap. em linha reta, 142 km — População urbana, 1.400 — População rural, 21.600 — População total, 23.000 — Densidade por km², 13,26 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,68 — Crescimento natural, 764.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 31.858 ha — Valor total da produção, 11.083:000$ — 1.° produto: milho: área cultivada, 20.080 ha; Produção, 36.144 ton; Valor, 7.228:800$ — 2.° produto: trigo: área cultivada, 9.410 ha; Produção, 3.764 ton; Valor, 2.070:200$ — 3.° produto: uvas: área cultivada, 255 ha; Produção, 2.805 ton; Valor, 532:950$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 610.910 lt; 195:492$; Aguardente, 45.000 lt; 18:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 24.300; Ovinos, suínos e caprinos, 71.100 — Produção em quilos, de graxa, 23.040; de banha, 1.093.030.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 100 — Capital invertido, 5.187:497$ — Operários, 395 — Fôrça motriz em HP, 567,50 — Valor da produção, 6.154:341$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 78; Veículos a fôrça animada, 308.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 6; Aulas estaduais, 8; Colégios particulares, 63 — Associações de classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 347:893$; estadual, 646:935$; municipal, 479:462$ — Despesas com: Ensino e cultura, 76.810$; Saúde pública, 10:334$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1890 — Data do início do povoamento da atual comuna.
1924 — Elevação à categoria de vila.
1939 — 1.°-1 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Origem traquítica. HIDROGRAFIA — rios: Prata, Carreiro, Actum, etc. OROGRAFIA — Serra Geral, com várias denominações. CLIMA — Excelente.

A CIDADE

A cidade do Prata, sede do município do mesmo nome, está construída nas margens do arroio denominado "Rio da Prata", e apresenta um aspecto simpático.



A Igreja Matriz.

As suas ruas, alinhadas e arborizadas, e os seus logradouros públicos, bem cuidados e ajardinados, emprestam à cidade uma fisionomia mais atraente e bem agradável.

A sua edificação é, no geral, boa, contando com vários prédios ótimos, entre os quais se destacam a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, os bancos do Rio Grande do Sul e do Comércio, a Associação Comercial, e muitos outros edifícios de propriedade particular.

A vida social e cultural do Prata é bastante adiantada. Entre suas várias entidades associativas, encontram-se agremiações recreativas, desportivas, de classe, beneficientes, cívico-militares, culturais, etc., tôdas magnificamente instaladas e com uma valtosa bagagem de serviços prestados aos seus consócios.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, sendo intenso o seu movimento urbano, contando com vários cafés, bares, hotéis, restaurantes, cinemas, etc.

O ensino vem atravessando uma fase de grande desenvolvimento, existindo inúmeras escolas, tanto públicas como particulares, com grande população escolar de ambos os sexos.

Por sua vez, a saúde pública, amparada pelos poderes competentes, vem desempenhando-se satisfatòriamente de sua missão, sendo mesmo ótimo o estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio, com vários estabelecimentos dos mais variados ramos, marcham triunfalmente na senda do progresso e do desenvolvimento.

Atualmente, encontra-se à frente de seus destinos, o seu operoso prefeito, o sr. Adolfo Schneider, que vem imprimindo um ritmo de trabalho e prosperidade, soh os aplausos gerais da coletividade pratense.

Itinerário de Prata:

A PÔRTO ALEGRE: COMBINADO 232 km (Rodovia até Alfredo Chaves 20 km, Bento Gonçalves 60 km, Trem até Garibaldi 14 km, Montenegro 96 km, São Leopoldo 139 km). RODOVIA 257 km (Até Alfredo Chaves 21 km, Bento Gonçalves 60 km, Farroupilha 87 km, Caí 143 km, São Leopoldo 221 km).
A ALFREDO CHAVES: RODOVIA 20 km.
A ANTÔNIO PRADO: RODOVIA 20 km.
A VACARIA: RODOVIA 128 km (Até Alfredo Chaves 20 km, Antônio Prado 63 km).
A LAGOA VERMELHA: RODOVIA 86 km.
A PASSO FUNDO: RODOVIA 156 km (Até Guaporé 40 km).
A GUAPORÉ: RODOVIA 40 km.



Vista panorâmica de Prata

Q U A R A Í

REGIÃO: Campanha — LATITUDE S.: 30°23'17" — LONGITUDE W. Gr.: 56°29'56" — LIMITES: ao N.: Uruguaiana e Alegrete; a L.: Alegrete, Rosário e Livramento; ao S.: Livramento e Rep. O. do Uruguai; a O.: Rep. O. do Uruguai.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.512 km² — Altitude da sede, 100 m — Distância da Cap. em linha reta, 506 km — População urbana, 7.790 — População rural, 9.510 — População total, 17.300 — Densidade por km², 4,92 — Percentagem sôbre a população do Est., 0.51 — Crescimento natural, 3.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 1.836 ha — Valor total da produção, 789:100$ — 1.º produto: milho: Área cultivada, 1.400 ha; Produção, 1.960 ton; Valor, 490:000$ — 2.º produto: arroz: Área cultivada, 148 ha; Produção, 296 ton; Valor, 118:400$ — 3.º produto: batata doce: Área cultivada, 90 ha; Produção, 630 ton; Valor, 94:500$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 166.770; Ovinos, suínos e caprinos, 271.700 — Produção em quilos, de graxa, 32.830; de lãs, 534.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábrica e oficinas, 47 — Capital invertido, 255:800$ — Operários, 87 — Fôrça motriz em HP, 27,25 — Valor da produção, 646:752$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 92; Veículos a fôrça animada, 190.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 1; Aulas municipais, 19; Aulas Regimentais, 1; Colégios particulares, 1 — Hospitais, 3 — Asilos e recolhimentos, 1 — Sociedades Beneficentes, 2 — Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 138:062$2; estadual, 1.183:217$; municipal, 689:609$5 — Despesas com: Ensino e cultura, 81:931$; S. Pública, 26:885$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1820 — Origem do município que, onze anos mais tarde, passou a ser o 5.º distrito da comuna de Alegrete.
1859 — 15-12 — Por lei provincial criou-se a freguesia de S. João Batista do Quaraí.
1875 — 8-4 — Elevada à categoria de vila, instalada em 16-10-1875.
1890 — 26-3 — Elevada à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na região fronteiriça. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Secundária e terciária, encontrando-se rochas ígneas do grupo pórfiros, basaltos, traquistos e dioritos; terrenos ondulados, com chapadões e várzeas, pastagens ótimas para a indústria pastoril. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia ocidental — rios: Quaraí e Ibirapuitã; arroios: Quaraí-Mirim, Garupá, Cati, Pai-Passo, Inhanduí e vários passos. OROGRAFIA — Formada pelos últimos contrafortes da Cochilha de Sant'Ana que toma os nomes de cochilhas de S. Manoel, Japejú, Pai-Passo, Santa Helena e S. Rafael; cerros: Jará, Urubí, Vigia, Chapéu, etc. CLIMA — Saudável e a temperatura média anual é de 19,61 graus centígrados.



Quaraí — Vista aérea.



O imponente Grupo Escolar de Quaraí.

A CIDADE

A cidade de Quaraí, sede do município e comarca de seu nome, está situada à margem direita do rio seu homônimo e defronte à cidade uruguaia de Artigas. Está colocada sôbre uma colina, tôda iluminada à luz elétrica e é servida por uma pequena hidráulica de propriedade da comuna. Possue excelentes vias públicas, entre elas as ruas 28 de Setembro, 1.º de Março, Duque de Caxias, Félix da Cunha, Buarque de Macedo e outras, contando ainda com amplas praças bem arborizadas, destacando-se a Visconde do Rio Branco e General Osório.

A cidade, além de possuir boa edificação, encontra-se em excelente estado sanitário, sendo mesmo uma das boas cidades da fronteira e que está destinada a um brilhante porvir.

Dentre as edificações, destacam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Grupo Escolar "Dartagnan Tubino", o Clube Comercial, Associação Rural, etc.

A cidade é muito movimentada quer comercial quer industrialmente, possuindo inúmeros estabelecimentos que abrangem os mais variados ramos de negócios bem como os mais variados ramos industriais. Em seus arredores ficam situados vários estabelecimentos saladeris, uma das melhores fontes de atividade e progresso não só da cidade propriamente dita, como também do município em geral, dando por sua vez, extraordinário impulso à vida não só econômico-financeira como político-social de Quaraí.

O índice social de Quaraí é elevadíssimo, pois existem várias entidades culturais e recreativas em pleno funcionamento, bem como sociedades cívico-militares e associações desportivas, tôdas contando com elevada matrícula de associados. Possue, também, vários cafés e bares com bilhares, além de cinemas, funcionando diàriamente.

Na cidade de Quaraí, a instrução pública está adiantadíssima, tendo mesmo merecido especial cuidado dos poderes competentes nesse sentido, contando com várias aulas espalhadas tanto pela cidade como por todo o interior da comuna. Dentre os estabelecimentos de ensino, destaca-se o Grupo Escolar "Dartagnan Tubino", situado na área da Vila Militar, fundado em 18 de junho de 1918 (Colégio Elementar), inaugurando suas atuais instalações em 20 de Setembro de 1932. O grupo, que tem atualmente como diretora a sra. Maria Vernes Maciel, conta com uma matrícula de 511 alunos de ambos os sexos. Possue, ainda o referido estabelecimento escolar várias instituições internas, como: a Sopa Escolar, Caixa Escolar, Liga da Bondade, Clube Agrícola "Dr. Assis Brasil", Museu "Olga Acauan Gayer", Biblioteca "José Diehl", Auditório e um Jornal.

Na cidade há quartéis de fôrças do Exército, ótimamente instalados; funcionam agências de todos os estabelecimentos bancários que operam em nosso Estado, aliás, com excelente índice de transações.

Por êsses dados acima pode-se avaliar do quanto é progressista Quaraí. Mas, dentre em breve, Quaraí alcançará o seu ponto máximo no desenvolvimento de todos os setores de suas atividades. E, êsse dia, como dissemos, mais cedo do que se possa calcular, chegará. E' o dia em que a primeira locomotiva entrar triunfante na linda cidade da fronteira, oferecendo a oportunidade para que Quaraí se torne, de fato, uma grande colmeia de trabalho e que conquiste o lugar que lhe está reservado na comunhão riograndense. Êste acontecimento está prestes a se dar, pois as linhas férreas já estão às portas da cidade, graças aos esforços de nossos governantes estaduais e federais.

Atualmente, a administração de Quaraí está entregue ao dinâmico e operoso prefeito dr. Bento Lima Junior que, com os aplausos de seus munícipes, vem imprimindo aos destinos de Quaraí uma orientação honesta e progressista, à altura da cultura de seus habitantes.

Itinerário de Quaraí:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 681 km (Até Alegrete 115 km, Santa Maria 347 km, Cachoeira 462 km, Rio Pardo 529 km, Barreto 619 km). AVIÃO 600 km (Até Livramento 110 km, Bagé 270 km).
A LIVRAMENTO: AVIÃO 110 km. RODOVIA 120 km. TREM 380 km (Até Alegrete 115 km, Rosário 272 km).
A ALEGRETE: TREM 115 km. RODOVIA 115 km.
A URUGUAIANA: TREM 216 km (Até Alegrete 115 km). AVIÃO 95 km. RODOVIA 120 km.

RIO GRANDE

REGIÃO: Litoral — LATITUDE S.: 32°01'40" — LONGITUDE W. Gr.: 52°05'40" — LIMITES: ao N.: canal do Rio Grande e Pelotas; ao S.: Santa Vitória do Palmar; a L.: Oceano Atlântico; a O.: Pelotas e Arroio Grande.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.212 km — Altitude da sede, 5 m — Distância da Cap. em linha reta, 242 km — População urbana, 49.650 — População rural, 10.650 — População total, 60.300 — Densidade por km², 18,77 km — Percentagem sôbre a população do Est. 1,79 — Crescimento natural, 439.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 3.394 ha — Valor total da produção, 4.735:350$ — 1.º produto: cana: Área cultivada, 630 ha; Produção, 6.300 ton; Valor, 2.520:000$. — 2.º produto: arroz: Área cultivada, 1.350 ha; Produção, 3.510 ton; Valor, 1.368:900$ — 3.º produto: uvas: Área cultivada, 52 ha; Produção, 156 ton; Valor, 93:600$ — Produtos transformados (quant. e valor) Vinho, 230.010 lt; 115:005$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 73.560; Ovinos, suínos e caprinos, 67.170 — Produção em quilos, de graxa, 4.227.640; de banha, 993.650; de toucinho, 133.510; de lãs, 59.360.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 203 — Capital invertido, 114.002:973$ — Operários, 6.761 — Fôrça motriz em HP, 6.585,40 — Valor da produção, 193.787:684$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 548; Veículos a fôrça animada, 2.082.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 8; Aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 31; Escolas Regimentais, 1; Colégios particulares, 73 — Hospitais, 6 — Asilos e recolhimentos, 2 — Sociedades Beneficientes, 10 — Instituïções de Caridade, 3 — Associações de Classe, 8 — Sindicatos, 25 — Receita arrecadada: federal, 18.347:625$5; estadual, 11.618:386$0; municipal, 14.461:031$3 — Despesas com: Ensino e cultura, 736:181$; Saúde pública, 175:369$.



RIO GRANDE — A ENAMORADA DO MAR

Praça Xavier Ferreira

SÍNTESE HISTÓRICA

1737 — Origem da colonização da comuna.
1745 — Elevação à categoria de vila.
1763 — 24-4 — A vila é conquistada pelos espanhóis de Dom Pedro Cebalos, deixando, então, de ser capital da capitania que passou para Viamão.
1776 — 1.º-4 — Os espanhóis são desalojados pelas fôrças do general Bohm.
1809 — 27-4 — Novamente é restaurada à povoação a prerrogativa de vila.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Litoral. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações sedimentares. HIDROGRAFIA — rios: Simão, Martins, Polidoro, Barrancas; lagoas: Mirim e Mangueira; Flores, Caiubá, Onça, etc.; canais: Rio Grande e São Gonçalo; passos: dos Negros, Canudos, Liscano, etc.; OROGRAFIA — Lombas de pequenas altitudes. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade do Rio Grande, sede da comuna e da comarca de igual nome, está situada num pequeno promontório, na península do Albardão, sendo banhada pelo canal de seu nome e por pequenos córregos. É', sem favor algum, a terceira cidade do Rio Grande do Sul em todos os setores da atividade humana.

As suas ruas são amplas, bem alinhadas e tôdas calçadas, sendo as principais a Marechal Floriano, artéria-coração da cidade, Riachuelo, General Bacelar, Andradas, etc. Por sua vez, os logradouros públicos são lindíssimos, todos ajardinados, com lagos artificiais e com belos monumentos. Entre as praças principais, citam-se a Tamandaré, com o majestoso monumento a Bento Gonçalves; a General Teles, a mais central da cidade, a Marquês do Herval, a Júlio de Castilhos e outras.

A edificação de Rio Grande é excelente, dividindo-se em três zonas distintas: a cidade antiga, a cidade nova e a cidade em construção. Os seus principais edifícios, quer públicos ou particulares são: a Prefeitura Municipal, a Biblioteca Pública, a Alfândega, o Quartel General, o Ginásio Lemos Junior, o Mercado Público, a igreja matriz, a Santa Casa de Misericórdia, os quartéis do 9.º R. I. e da Brigada Militar do Estado, a Base Aérea Naval, etc.



RIO GRANDE — A ENAMORADA DO MAR

Outro aspecto da Praça Xavier Ferreira



RIO GRANDE — A ENAMORADA DO MAR

O velho e pitoresco pôrto pesqueiro.

Rio Grande, o único pôrto marítimo do Estado, e um dos mais movimentados do país, é tôda iluminada à luz elétrica, com uma excelente rede de esgotos, e servida por magnífica hidráulica municipal. Possue ótimo serviço de bondes elétricos, de propriedade do município, e está ligada ao Cassino, uma praia balneária das mais famosas do Estado, por uma linha férrea. E', também, sede de um bispado evangélico metodista.

Rio Grande destaca-se entre as suas co-irmãs pelo elevado grau de vida social e cultural. Inúmeras são as agremiações recreativas, culturais, classistas, desportivas, cívico-militares, etc., sendo Rio Grande o berço dos Tiros de Guerra, hoje existentes em todo o país, pois foi seu idealizador e fundador da primeira entidade cívico-militar — o Tiro de Guerra n.º 1 — o saüdoso riograndino Antônio Carlos Lopes.

Dentre as suas entidades recreativas, classistas, desportivas, culturais, etc., figuram: o Clube do Comércio, Clube Caixeiral, a Associação Rural, a Câmara de Comércio, a Associação dos Empregados no Comércio, fundada em 12/10/1901, com sede própria, atualmente sob a presidência do sr. Auyldo de Oliveira Cardoso, possuindo elevada matrícula de associados; o Aéro-Clube de Rio Grande, fundado em 27/4/1939, sendo seu presidente, desde sua fundação, o dr. Osvaldo Miler Barlém, possuindo três aparelhos de treinamento e com elevado número de sócios; a Biblioteca Pública Riograndense, fundada em 1846, contando com mais de 50 mil volumes; o Clube Carnavalesco Saca-Rôlhas, fundado em 3/2/1876, funcionando em prédio próprio, com um valioso patrimônio moral e material, atualmente sob a presidência do sr. Pedro de Sá Freitas. E' sua rainha atual a prendada sta. Leda Maria Gago, fino ornamento da sociedade riograndina.

Rio Grande, a par dessas agremiações associativas, onde se reúne a sua sociedade, possue, também, inúmeras casas de diversões públicas: cinemas, teatros, cafés, bares, restaurantes, hotéis, destacando-se, entre êstes, o Grande Hotel París, instalado em 1870, possuindo apartamentos com água corrente quente ou fria, cozinha internacional e um American Baar. Êste estabelecimento, situado à rua Marechal Floriano, 112, pertence atualmente ao sr. Carlos Melloni, que o vem dirigindo há 20 anos.

A instrução, tanto pública como particular, encontra-se em Rio Grande em pleno desenvolvimento, funcionando seus estabelecimentos de ensino com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos.

Dentre os seus institutos educacionais, citam-se o Ginásio Municipal "Lemos Junior", tradicional instituição que constitue, sem favor algum, legítimo padrão de orgulho para o patrimônio cultural da linda cidade marítima. Equiparado ao Colégio Pedro II, foi o Ginásio Lemos Junior fundado em 16/7/1906, sendo seu atual diretor o dr. Fernando Eduardo Freire; o Grupo Escolar "Juvenal Miller", fundado em 12/10/1913, sob a direção da provecta educacionista d. Darcy Pereira; o Grupo Escolar "Miguel Couto", fundado em 1928, exercendo interinamente sua direção a distinta educadora d. Noêmia G. Almeida.

As autoridades responsáveis não teem se descurado um só momento do estado sanitário da cidade, e a saúde pública é vigorosamente amparada. Conta Rio Grande, além de um Pôsto de Higiene, com vários outros órgãos que espalham seus benefícios entre a população riograndina, assistindo-a no que diz respeito à saúde pública em geral.

Representando a imprensa de uma maneira condigna com seus foros de cultura, editam-se em Rio Grande os jornais "O Tempo", "O Rio Grande" e o "Eco do Sul".

Rio Grande possue um magnífico pôrto, junto ao qual atracam navios de grande calado, transatlânticos, que aí escalam em suas viagens para as repúblicas platinas e para os portos ianques e europeus.

Rio Grande é centro comercial de primeira ordem. O seu comércio é sólido e encontra-se em magnífica situação de prosperidade, sendo inúmeras as casas comerciais que giram com avultados capitais, citando-se entre elas a da firma Cranston Woodhead & Cia., fundada em 1922, pelos srs. Josef e Cecil Cranston Woodhead, situada à rua Marechal Floriano, 112, com uma filial em Pôrto Alegre, e dedicando-se ao ramo de representantes da Mala Real Inglesa e da Norton Line, em nosso Estado, importantes companhias de navegação.

A indústria riograndina marcha ombro a ombro com o progresso sempre crescente de seus filhos, constituindo um dos fatores primordiais da economia do Estado. Entre os inúmeros estabelecimentos industriais da cidade, destacam-se: a Companhia de Charutos Poock, com mais de 50 anos de existência, fundada em 15/8/1891, pelo saüdoso comendador Gustavo Poock. Transformada em 1912 em sociedade anônima, essa organização é atualmente dirigida por uma diretoria, constituída pelos srs. Gustavo Poock Junior, Eduardo Baethgen e H. Buhle, e os seus produtos, os afamados Charutos Poock, já consagrados nos mercados consumidores nacionais e estrangeiros, são de fabricação manual, empregando na sua confecção fumos de primeira ordem, procedentes dos melhores centros produtores como sejam Baía, Índias Holandesas e Havana; a Companhia de Tecelagem Ítalo-Brasileira, modelarmente instalada em edifício próprio, com duas quadras de extensão, à rua Senador Corrêa, empregando em seus misteres centenas de operários, concorrendo essa importante organização para o engrandecimento da cidade.

Encontra-se à frente dos destinos da comuna um riograndino de nascimento e de estirpe, o seu dinâmico prefeito dr. Roque Aita que vem imprimindo em sua administração um ritmo de fecundo trabalho, progresso e prosperidade, que tornam Rio Grande digna do seu epíteto — a Enamorada do Mar.



Colégio "Juvenal Miller"



Sede do Clube Carnavalesco "Saca-Rolhas".



Escola "Miguel Couto".



RIO GRANDE — A ENAMORADA DO MAR

Em inspeção aos molhes.

A RADIOFONIA NO RIO GRANDE DO SUL

AS ATIVIDADES DA RÁDIO CULTURA RIOGRANDINA

A "Z. Y. C. 3" DE RIO GRANDE

Em meio das numerosas organizações de difusão cultural e artística e das grandes emprêsas comerciais sôbre as quais repousa o bom nome do Rio Grande do Sul, cumpre salientar o lugar inconfundível, e que muito merecidamente ocupa a Rádio Cultura Riograndina — a simpática Z. Y. C. 3.

"A voz do Atlântico para o Rio Grande do Sul", irradiando numa freqüência de 1.510 kcs., magnìficamente instalada à avenida Carlos Pinto, 127-139, é órgão oficial do Grupo de Cultura Rio Grandino, filiado à "Cruzada Nacional de Educação de Combate ao Analfabetismo".

Através de seus excelentes programas os radio-ouvintes do sul do Estado acompanham "pare passu" os progressos da cultura e da arte, ao mesmo tempo em que são informados do nosso trabalho, de nossas cousas e de nosso adiantamento.

Na vida artística do sul do Estado, a Z. Y. C. 3 tem tido uma influência de marcante relêvo quer no setor artístico pròpriamente dito, quer no setor comercial, dando uma oportunidade aos nossos comerciantes e industrialistas para tornarem seus negócios e seus produtos mais conhecidos da população consumidora.

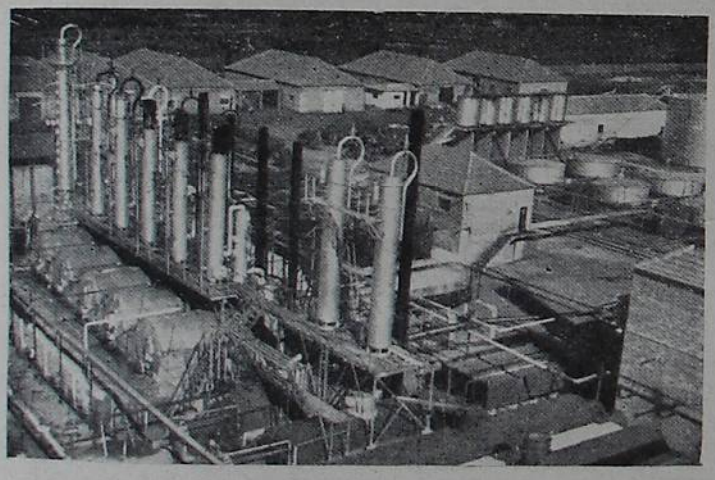


Sugestivo flagrante colhido enfrente da sede do Grupo de Cultura Rio Grandino

A sua atual direção não mede esforços para que seja conservado o seu atual ritmo de trabalho e vem vencendo de uma maneira galharda todos os obstáculos, concorrendo para o maior engrandecimento da rádio difusão no sul do Rio Grande, fazendo jús, finalmente, ao julgamento unânime de seus ouvintes, isto é, a — Z. Y. C. 3 — A onda dos Bons programas para todos os Lares.

UMA ORGANIZAÇÃO QUE HONRA A INDÚSTRIA NACIONAL

A COMPANHIA IPIRANGA S. A. DO RIO GRANDE



Moderna instalação de refinação de petróleo.

Apreciando o panorama econômico-industrial do Estado, suas possibilidades e realizações, não poderíamos omitir o nome da Ipiranga S. A. Companhia Brasileira de Petróleo — organização de vulto que ocupa um lugar de destaque no grandioso parque industrial riograndense.

Levando-se em conta todos os fatores que dão à indústria do petróleo a importância por êle adquirida, principalmente nos últimos anos, pode-se formar uma idéia do que a Ipiranga significa e de qual é seu papel na estrutura industrial do país.

Dispondo de maquinária moderna e enquadrada dentro de todos os requisitos técnicos, trabalhando sob a direção de especializados, todos filhos do nosso Estado, a Ipiranga está em condições para produzir combustíveis e lubrificantes da melhor qualidade, e em quantidade capaz de suprir uma grande percentagem do consumo do nosso Estado. Para facilidade de suas vendas e garantia do consumidor, a Ipiranga dedica, também, a mais cuidadosa atenção ao vasilhame. As latas e caixas são fabricadas pela própria companhia, que dispõe de ótimo aparelhamento para produzí-las em grande escala e excelentes condições, devendo, ainda, breve, ser também os tambores fabricados por Ipiranga.

A enorme variedade de produtos fabricados, a baixa de preços resultante de seu lançamento ao mercado, a aplicação de fôrças de trabalho, a formação de técnicos nacionais, etc., são alguns dos muitos benefícios prestados pela Ipiranga ao país. Principalmente agora, quando as diretrizes brasileiras se encaminham para a formação de um espírito de sólido nacionalismo construtivo, assume um relêvo magnífico o trabalho dessa indústria cem por cento nossa.

O DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO RIOGRANDINO

A PROJEÇÃO DA FIRMA WIGG & CIA., CUJA ORGANIZAÇÃO DATA DE CEM ANOS

Há quasi um século que a família Wigg, da qual descendem os atuais integrantes da firma Wigg & Cia., se dedica ao comércio em geral, no Rio Grande. Em 1842, chegou a essa cidade o sr. William Frederico Wigg, o fundador dessa conceituada firma. Em 1872, regressando de Londres, onde fôra estudar comércio seu filho Edward James, já nascido em Rio Grande, em 1851, associou-se a seu pai, formando a firma W. F. Wigg, Son & Cia., que sucedeu à firma Wigg & Irving, então existente. Mais tarde, regressando da Grã Bretanha, os srs. Cecil, Cedric e Vivian Wigg, filhos do sr. Edward James Wigg, êstes nascidos e educados em Londres, constituíram com seu progenitor a firma Edward Wigg & Sons, em 1917, que mais tarde foi substituída pela firma Wigg Brothers, composta pelos irmãos Cedric e Vivian, firma que por falecimento de seu pai, passou a denominar-se Wigg & Cia. em virtude do falecimento de Cedric, tendo entrado em seu lugar o seu irmão Cecil, afastado da firma desde 1921.

A firma Wigg & Cia., estabelecida à rua Marechal Floriano, 159, com filiais em Pôrto Alegre e Pelotas, e agência em Livramento, dedica-se ao ramo de representações, comissões, consignações e conta própria, contando-se entre seus representados: companhias de navegação, de seguros em gerais, automóveis Ford, a Panair do Brasil, máquinas em geral, asbestos, peças de aço, óleos, etc.

Durante êsses cem anos de sua existência, a firma Wigg & Cia. vem, inegàvelmente, cooperando criteriosamente para o maior desenvolvimento do progresso do comércio não só riograndino como mesmo do comércio riograndense.

R I O P A R D O

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 29°59'20" — LONGITUDE W. Gr.: 52°23'19" — LIMITES: ao N.: Candelária e Santa Cruz; a O.: Cachoeira; a L.: Venâncio Aires e S. Jerônimo; ao S.: Encruzilhada.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.140 km² — Altitude da sede, 53 m — Distância da Cap. em linha reta, 111 km — População urbana, 6.550 — População rural, 29.150 — População total, 35.700 — Densidade por km², 11,36 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,06 — Crescimento natural, 328.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 14.026 ha — Valor total da produção, 14.587:100$ — 1.º produto: arroz: Área cultivada, 11.538 ha; Produção, 29.999 ton; Valor, 11.699:610$ — 2.º produto: fumo: Área cultivada, 900 ha; Produção, 900 toneladas; Valor, 2.160:000$ — 3.º produto: feijão: Área cultivada, 490 ha; Produção, 490 ton; Valor, 240:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Aguardente, 6.000 lt; 3:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 133.180; Ovinos, suínos e caprinos, 48.600 — Produção em quilos, de graxa, 30.790; de banha, 126.000; de lãs, 50.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 313 — Capital invertido, 1.712:453$ — Operários, 817 — Fôrça motriz em HP, 370,95 — Valor da produção, 2.637:969$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 190; Veículos a fôrça animada, 1.719.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 5; Aulas estaduais, 7; Aulas municipais, 15; Colégios particulares, 43 — Asilos e recolhimentos, 2 — Sociedades beneficientes, 1 — Instituïções de Caridade, 3 — Associações de classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 220:970$2; estadual, 997:560$1; municipal, 593:969$6 — Despesas com: Ensino e cultura, 38:268$; Saúde pública, 49:325$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1750 — Data do início da colonização da comuna.
1753 — Erigida uma capela em honra à Santa Família. Mais tarde foi erigida outra capela, em honra de S. Ângelo (1759).
1763 — 15-12 — Elevada à categoria de capela curada.
1769 — 8-5 — Elevada a freguesia.
1809 — 27-4 — Elevada à categoria de vila, e instalada em 20-5-1811.
1846 — 31-3 — Elevada à cidade, por lei provincial.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica e miocena. HIDROGRAFIA — rios: Jacuí, Pardo, Pardinho, Botucaraí; arroios: Capivarí, Pequerí, Iruí, Tabatingaí, Taquarí Mirim, etc.; passos: Jacuí, Pederneiras, Cavalhada, Tropas, etc. OROGRAFIA — Serra Geral, com as denominações de Botucaraí, Tromba d'Anta, Fação, Estância Nova, etc.; cerros: Alegre, Melo, Itacolumí, Pedras, etc. CLIMA — Ameno e temperado.

A CIDADE

Rio Pardo, sede do município e da comarca do mesmo nome, está edificada à margem esquerda do rio Jacuí, junto à foz do rio que lhe dá o nome, e é uma das mais antigas cidades do Estado, apresentando bonito aspecto.

Suas ruas, largas e bem alinhadas, e seus logradouros públicos, ajardinados e bem cuidados, dão à cidade de Rio Pardo uma agradável impressão. Entre suas artérias mais importantes, citam-se Andrade Neves, 15 de Novembro, General Osório, Júlio de Castilhos, e muitas outras; e, entre suas praças, destacam-se Marechal Floriano, 15 de Novembro e Joaquim Lisboa e outras.

A edificação é ótima, possuindo inúmeros prédios excelentes, quer sejam públicos quer sejam particulares, destacando-se, entre êles, a Prefeitura Municipal, a Biblioteca Pública, o Museu Municipal, a igreja matriz, um dos mais belos templos católicos do Estado, onde repousam os restos mortais do intrépido barão do Triunfo; a igreja de São Francisco de Assis, com as mais belas imagens do Estado; os quartéis de unidades federais, etc.

O movimento social e cultural riopardense é intenso, existindo inúmeras agremiações de classe, recreativas, desportivas, culturais, cívico-militares, etc., destacando-se entre essas entidades, a Associação Rural que congrega a quasi totalidade dos ruralistas de Rio Pardo, propugnando pelos seus interêsses; o Tiro de Guerra 159, com elevada matrícula de associados, preparando os nossos soldados de amanhã.

O setor educacional está em franco desenvolvimento, sendo inúmeras as escolas públicas e particulares, que funcionam com elevada população escolar. Dentre os seus estabelecimentos de ensino cita-se o Grupo Escolar "Ernesto Alves", que ministra o ensino elementar a várias centenas de alunos de ambos os sexos.

A assistência social, principalmente a saúde pública, é bem atendida e vem desempenhando suas verdadeiras finalidades, sendo mesmo ótimo o estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria riopardenses, na mais franca prosperidade, marcham na senda do progresso, existindo grande número de estabelecimentos comerciais e industriais de grande solidez.

Acha-se à frente de seus destinos, atualmente, o seu incansável prefeito, sr. Ernesto Protásio Wunderlich, que vem imprimindo a Rio Pardo um ritmo de trabalho profícuo e promissor.



RIO PARDO — "O ninho de águias"

O velho Teatro do Império.



RIO PARDO — "O ninho de águias"

A antiga Casa de Caridade, depois Escola Militar, e hoje transformada em Colégio particular.

R O S Á R I O

REGIÃO: Campanha — LATITUDE S.: 30°15'27" — LONGITUDE W. Gr.: 54°57'57" — LIMITES: ao N.: S. Vicente; a L.: S. Gabriel; ao S.: Livramento; a O.: Quaraí e Alegrete.

Dados geo-demográficos

Superfície, 4.800 km² — Altitude da sede, 130 m — Distância da Cap. em linha reta, 356 km — População urbana, 6.820 — População rural, 17.280 — População total, 24.100 — Densidade por km², 5,02 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,71 — Crescimento natural, 311.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 6.453 ha — Valor total da produção, 3.413:600$ — 1.° produto: arroz: Área cultivada, 2.365 ha; Produção, 4.730 ton; Valor, 1.702:800$ — 2.° produto: milho: Área cultivada, 3.515 ha; Produção, 5.624 toneladas; Valor, 1.406:000$ — 3.° produto: linho: Área cultivada, 300 ha; Produção, 150 ton; Valor, 120:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 244.700; Ovinos, suínos e caprinos, 76.700 — Produção em quilos, de graxa, 1.564.630; de lãs, 127.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 28 — Capital invertido, 8.425:355$ — Operários, 957 — Fôrça motriz em HP, 1.514,35 — Valor da produção, 26.477:038$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 84; Veículos a fôrça animada, 602.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 1; Aulas estaduais, 4; Aulas municipais, 20; Aulas Regimentais, 1; Colégios particulares, 22 — Hospitais, 2 — Sociedades Beneficientes, 1 — Instituïções de Caridade, 1 — Associações de Classe, 1 — Sindicatos, 2 — Receita arrecadada: federal, 349:672$7; estadual, 1.675:096$8; municipal, 881:070$ — Despesas com: Ensino e cultura, 92:158$; Saúde pública, 30:290$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1800 — Data do início da colonização da comuna.
1859 — 15-12 — Criação da paróquia de N. S. do Rosário, por lei provincial.
1860 — 4-12 — Transfere-se a sede da paróquia para Saicã, mais tarde tornada sem efeito em 15-12-1864.
1876 — 19-4 — Elevada à categoria de vila, por lei provincial n.° 1.020, sendo instalada em 25-4-1877.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Campanha. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações terciária e pampeana. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia ocidental — rios: Santa Maria, Ibicuí Grande, Ibicuí da Armada, Caverá, Ibirapuitã; arroios: Saicã, Toropasso, Cacequí, Itapevi, Caverá e outros; banhados: Curral Alto, Janota, Cinza, etc.; passos: Santa Maria, São Simão, Rosário, Ibicuí, Mineiro e outros. OROGRAFIA — Cochilha Grande, com as denominações de serra do Caverá, cochilhas do Rosário, Umbú, Boqueirão etc.; cerros: Caveiras, Três Cerros, Jaguaretão, etc. CLIMA — Temperado e saüdável.



Um dos grandes estabelecimentos industriais riograndenses: F. Swift, Rosário.

A CIDADE

A cidade do Rosário, sede da comuna de igual nome, está situada à margem esquerda do rio Santa Maria, do qual dista, apenas, um quilômetro, entre os arroios Rosário e Santo Antônio, sendo de agradável aspecto.

As suas ruas, amplas e arborizadas, são bem cuidadas, bem como os logradouros públicos, ajardinados e bem situados. Dentre suas principais artérias contam-se Marechal Floriano, Amaro Souto, Barão do Cêrro Largo, Voluntários da Pátria, Barão do Rio Branco, General Bento Martins, etc., destacando-se, também, entre suas praças a 15 de Novembro, no coração da cidade e ponto de convergência de seus habitantes.

Rosário conta, em geral, com ótima edificação, sendo inúmeros os prédios públicos e particulares de magnífica contrução, alguns mesmo, bem modernos. Dentre os seus edifícios de destaque, incluem-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz de N. S. do Rosário, da qual é vigário o Rvmo. Padre Ângelo Bartelle, sendo um dos belos templos católicos do Estado; o Clube Comercial, a Usina Municipal, os templos protestantes e metodistas, etc.

No setor social e cultural, encontra-se a cidade de Rosário em adiantado grau de desenvolvimento, contando com numerosas agremiações culturais, recreativas, de classe, desportivas, cívico-militares, beneficientes, etc. Entre as principais citam-se o Clube Comercial, fundado em 24-10-1909, funcionando em prédio próprio e com elevada matrícula de associados, atualmente sob a direção do sr. Er Monte da Silva; a Associação Comercial, fundada em 2-8-1926, funcionando em sede própria e congregando a maioria dos comerciantes rosarienses, sendo seu presidente atual, o sr. Amaral Munhos, além de outras entidades.

Os poderes competentes de Rosário não têm se descuidado de dois fatores preponderantes para o seu progresso: ensino e saúde pública. Ambos encontram-se em pleno desenvolvimento, sendo grande o número de escolas públicas e particulares, destacando-se, entre aquelas, o Grupo Escolar "Marçal Alves Pacheco", fundado em 25-4-1928, atualmente sob a direção da provecta educadora d. Cecília Geribone Acosta; possue, também, um pôsto de higiene que zela pelo bom estado sanitário da população e da cidade.

A indústria e o comércio, na mais franca prosperidade, trabalham ativamente, realizando importantes transações e industrializando os mais variados produtos.

A sua administração está entregue, atualmente, ao sr. Rafael Barcelos Gonçalves, que vem dando a Rosário uma marcante era de progresso e prosperidade.

Itinerário de Rosário:

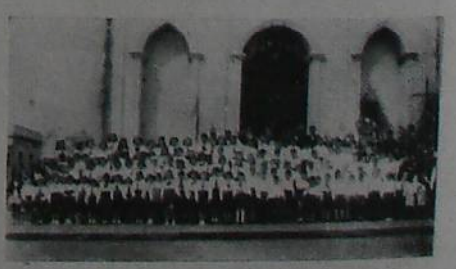
A PÔRTO ALEGRE: TREM 514 km.
A LIVRAMENTO: TREM 108 km. RODOVIA 112 km.
A SÃO GABRIEL: TREM 136 km. RODOVIA 50 km.
A SÃO VICENTE: COMBINADO 101 km (Trem até Umbú 80 km, Rodovia 21 km). RODOVIA 78 km.
A ALEGRETE: TREM 157 km. RODOVIA 112 km.
A QUARAÍ: TREM 272 km. RODOVIA 232 km.



Ampla barca.



Igreja rosariense.



Alunos do Colégio S. Teresinha.

S A N T A C R U Z

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°43'05" — LONGITUDE W. Gr.: 52°25'45" — LIMITES: ao N.: Soledade; a L.: Lajeado e Venâncio Aires; ao S.: Rio Pardo e Candelária; a O.: Candelária e Sobradinho.

Dados geo-demográficos

Superfície, 2.313 km² — Altitude da sede, 70 m — Distância da Cap. em linha reta, 116 km — População urbana, 9.650 — População rural, 44.050 — População total, 53.700 — Densidade por km², 23,21 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,60 — Crescimento natural, 750.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 26.145 ha — Valor total da produção, 23.524:950$ — 1.° produto: fumo: Área cultivada, 5.225 ha; Produção, 7.838 ton; Valor, 14.108:400$ — 2.° produto: milho: Área cultivada, 2.787 ha; Produção, 3.344 ton; Valor, 1.003:200$ — 3.° produto: feijão: Área cultivada, 14.300 ha; Produção, 25.740 ton; Valor, 5.148:000$— Produtos transformados (quantidade e valor): Vinho, 50.130 lt; 30:078$; Aguardente, 120.000 lt; 48:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 58.000; Ovinos, suínos e caprinos, 120.950 — Produção em quilos, de graxa, 78.530; de banha, 1.607.960.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

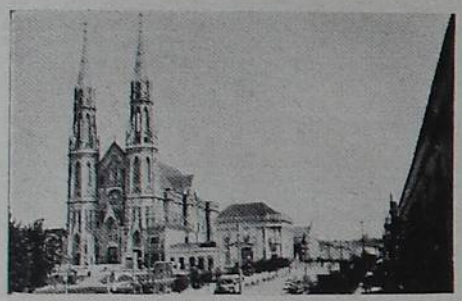
Fábricas e oficinas, 475 — Capital invertido, 8.823:000$ — Operários, 1.460 — Fôrça motriz em HP, 951 — Valor da produção, 21.112:100$ — Comunicações e transportes: Veículos a motor, 511; Veículos a fôrça animada, 4.698.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 7; Aulas estaduais, 12; Aulas municipais, 41; Colégios particulares, 64 — Associações beneficentes, 1 — Associações de classe 1 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 3.217:593$, estadual, 3.167:044$; municipal, 2.098:620$ — Despesas com: Ensino e cultura, 83:004$; Saúde pública, 32:254$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1849 — 19-12 — Origem do município, com a entrada de 5 famílias alemãs.
1847 — 6-12 — Fundação da colônia, por lei provincial n.° 111.
1859 — 8-1 — Elevada à categoria de freguesia.
1877 — 31-3 — Elevada a vila, por lei provincial n.° 1.079, instalada em 28-9 1878.
1905 — 19-11 — Elevada à categoria de cidade.



A Igreja Matriz.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação miocena. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia oriental do Estado e às dos rios Pardo e Taquarí; rios: Pardo, Pardinho, Sinimbú, Taquarí Mirim; arroios: Chico Alves, Castelhanos, Biriba, Diogo, Trilha, Cadeado etc. OROGRAFIA — Serra Geral, com as denominações de Botucaraí, Malhada, Paredão, Facão, etc.; cerros: Trombudo, Boa Vista, Batatas, Louro, Mula, Alegre e outros. CLIMA — Agradável.

A CIDADE

A cidade de Santa Cruz, sede da comuna de igual nome, está edificada em terrenos cercados de morros e serras, muito arborizada e de agradável aspecto à vista.

As ruas são largas e de belo aspecto, sendo as mais centrais muito bem cuidadas e em sua maioria calçadas. A da República é a principal, secundada pelas ruas Júlio de Castilhos, 7 de Setembro, Marechal Deodoro, Venâncio Aires, Borges de Medeiros, Tiradentes etc. Os seus logradouros públicos, todos ajardinados e de belo aspecto, são muito bem cuidados, destacando-se entre as praças 15 de Novembro e Marechal Floriano.

A edificação em geral é excelente, possuindo ótimos edifícios públicos e particulares. Dentre êles, citam-se os da Prefeitura Municipal, a igreja matriz, belíssimo monumento de fé católica; a loja maçônica Lessing, a igreja evangélica, o Colégio Sinodal da Comunidade Evangélica, o Colégio Católico Coração de Jesús, o Clube União, o Colégio Elementar "Júlio de Castilhos", além de muitos outros particulares de moderna construção.

A vida social e cultural de Santa Cruz está colocada num plano superior, contando com numerosas agremiações recreativas, culturais, desportivas, de classe, cívico-militares, etc. Dentre essas entidades, destacam-se o Clube União, com sede em prédio próprio e funcionando com elevado número de consócios, sendo um dos pontos de reünião da sociedade santacruzense; o Aéro-Clube de Santa Cruz, novel entidade destinada a fornecer reservistas para as nossas fôrças aéreas, contando com grande número de associados; o Tiro de Guerra 289, com as mesmas finalidades da entidade anterior, porém, fornecendo reservistas do nosso Exército.

O setor educacional vem merecendo das autoridades competentes o mais decidido amparo, existindo grande número de escolas públicas e particulares em pleno funcionamento e com elevada população escolar. Dentre os seus estabelecimentos de ensino, citam-se o Grupo Escolar "Júlio de Castilhos", fundado há vários anos, atualmente sob a operosa direção da distinta educadora d. Elisa Gil Borowski; e o Liceu Comercial Sagrado Coração de Jesús, internato, externato e semi-internato, sob a competente direção das Irmãs Franciscanas, fundado em 1874, possuindo, ainda, um curso ginasial anexo ao Ginásio Municipal Santa Cruz.

A saúde pública, também, é um outro setor que tem merecido dos poderes públicos grandes atenções, funcionando um pôsto de higiene e vários outros órgãos que zelam pelo bom estado sanitário da cidade de Santa Cruz.

Santa Cruz, que é tôda iluminada à luz elétrica, apresenta uma fisionomia agradável, contando com todo o confôrto. Servida por excelente rede de esgotos e de água. Suas ruas principais e praças são de grande movimento. Conta sua vida urbana com inúmeros cafés, bares, restaurantes, cinemas, teatros, etc. Possue vários escritórios, consultórios e gabinetes dentários, entre êstes o gabinete eletro-dentário, modelarmente instalado, sob a direção do competente profissional Helmuth F. L. Dreher, diplomado em Berlim e com mais de 30 anos de trabalhos profissionais. Conta com vários hotéis, entre êstes o confortável Hotel do Comércio, de propriedade do sr. Leopoldo Lux, situado bem no coração da cidade, sendo o ponto preferido pelos viajantes.



Prefeitura Municipal.

Santa Cruz possue várias redes de comunicações, sobressaindo-se, no entretanto, a Emprêsa Expresso Gaúcha que obedece à dinâmica direção de seu fundador sr. Afonso Theo Kothe, com cinco viagens diárias em combinação com os trens diurnos e noturnos, constituindo a linha principal entre Santa Cruz e Rio Pardo, dispondo, finalmente, de luxuosos carros que oferecem o máximo confôrto aos passageiros.

O comércio santacruzense é muito desenvolvido, contando com numerosos estabelecimentos, entre os quais se citam: o da firma Frederico Rech, com o ramo de livraria, bazar musical, rádios, vitrolas e discos, perfumarias e miudezas; o da firma Agnes, Frantz & Cia., fundada em 1.º-7-1936, para a venda de automóveis Chevrolet, rádios, acessórios, com um pôsto de serviço e abastecimento, etc.; o da firma Klaarmann, Rech & Cia., com o ramo de livraria e bazar, com variado estoque de livros para escritórios, didáticos, bem como artigos dentários, perfumarias, porcelanas e artigos para uso doméstico; o da firma A. Caspary & Cia. Ltda., agentes dos carros Ford e Mercury, com uma oficina mecânica e vulcanizadora e com um aparelhado pôsto de serviços em geral.

A indústria, por sua vez, encontra-se na mais franca prosperidade, contando inúmeras casas industriais, entre elas a Cervejaria Santa Cruz Ltda., fundada em 1911, pelo seu atual dirigente sr. Ernst C. Iserhard, cujos produtos, premiados em várias exposições, são conhecidos em todos os mercados consumidores, tais como as cervejas Santa Cruz, Sport, Santa Cruz Preta, Maiobock, etc.; a Distilaria de Óleos Vegetais dos srs. Schuetz Irmãos Ltda., fundada em 1938, sob a direção atual dos srs. Bruno e Edmundo Schuetz, sendo seu produto principal o óleo de linhaça "Atirador", fabricando, ainda, tintas para curtumes, congóleos e vários tipos de borracha; a fundição de ferro e bronze e fábrica de máquinas agrícolas da firma Rodolfo Bins, fundada em 1911 e premiada em várias exposições, sob a direção atual de seu dinâmico fundador; a fábrica de máquinas para a indústria de tijolos, bombas para irrigação, fundada em 1882, sob a direção atual dos srs. Carlos, Frederico e Walter Schreiner, constituindo a firma Schreiner & Cia. Ltda. engenheiros conceituados na indústria santacruzense; a fábrica de mosaicos e artigos de cimento em geral, de propriedade do sr. Arno Seer, cuja excelência de trabalhos pode ser comprovada nas obras executadas nas igrejas de Santa Cruz, Linha São Pedro, S. Salvador, Cangussú, Cacequí e Arroio do Meio. Funcionam, ainda, no parque industrial santacruzense, as poderosas organizações que são a Companhia Brasileira de Fumos em Fôlha e a Companhia de Fumos Santa Cruz.

A administração está entregue ao seu operoso prefeito, sr. Dário de Azevedo Barbosa, que, com raro descortino, vem orientando Santa Cruz dentro de um ritmo de trabalho empreendedor, procurando elevar cada vez mais o bom nome de que tanto se orgulham os santacruzenses.

Itinerário de Santa Cruz:

A PÔRTO ALEGRE: AVIÃO 125 km. TREM 191 km (Até Rio Pardo 36 km, Barreto 119 km). COMBINADO 306 km (Trem ou Rodovia até Rio Pardo 36 km. Vapor 270 km).
A RIO PARDO: TREM 36 km. RODOVIA 36 km.
A VENÂNCIO AIRES: RODOVIA 33 km.
A SOLEDADE: RODOVIA 98 km (Até Venâncio Aires 33 km).
A SOBRADINHO: RODOVIA 78 km. (Até Candelaria 40 km).
A CANDELÁRIA: RODOVIA 40 km.



Liceu Comercial "Coração de Jesús".

SANTA MARIA

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 29°41'25" — LONGITUDE W. Gr.: 53°48'42 — LIMITES: ao N.: Júlio de Castilhos e S. Pedro; ao S.: S. Pedro, S. Vicente e S. Gabriel; a L.: Cachoeira; a O.: S. Gabriel e S. Sepé.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.257 km² — Altitude da sede, 153 m — Distância da Cap. em linha reta, 252 km — População urbana, 39.400 — População rural, 37.000 — População total, 76.400 — Densidade por km², 23,45 — Percentagem sôbre a população do Est., 2,27 — Crescimento natural, 535.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 10.738 ha — Valor total da produção, 7.727:450$ — 1.° produto: alfafa: Área cultivada, 1.320 ha; Produção, 7.920 ton; Valor, 1.980:000$ — 2.° produto: arroz: Área cultivada, 2.600 ha; Produção, 4.160 ton; Valor, 1.622:400$ — 3.° produto: batata inglesa: Área cultivada, 750 ha; Produção, 4.500 ton; Valor, 1.125:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor): Vinho, 230.100 lt; 102:545$; Aguardente, 276.000 litros; 138:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 147.360; Ovinos, suínos e caprinos, 37.580 — Produção em quilos, de graxa, 427.670; de banha, 226.000; de lãs, 13.200.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 353 — Capital invertido, 8.032:100$ — Operários, 1.834 — Fôrça motriz em HP, 1.812,50 — Valor da produção, 16.311:561$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 353; Veículos a fôrça animada, 1.683.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 12; Aulas estaduais, 4; Aulas municipais, 68; Aulas Regimentais, 3; Colégios particulares, 20 — Hospitais, 5 — Asilos e recolhimentos, 5 — Sociedades Beneficentes, 8 — Instituições de Caridade, 11 — Associações de Classe, 7 — Sindicatos, 9 — Receita arrecadada: federal, 1.739:675$6; estadual, 3.509:486$6; municipal, 2.504:667$9 — Despesas com: Ensino e cultura, 201:234$; Saúde pública, 81:903$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1797 — Data do início da colonização da comuna.

1837 — 27-7 — Elevada à categoria de freguesia por lei provincial n.° 6.

1857 — 16-12 — Elevação à categoria de vila, instalada a 18-5-1858.

1876 — 6-4 — Elevada à categoria de cidade por lei provincial n.° 1.103.



Vista parcial da gare.

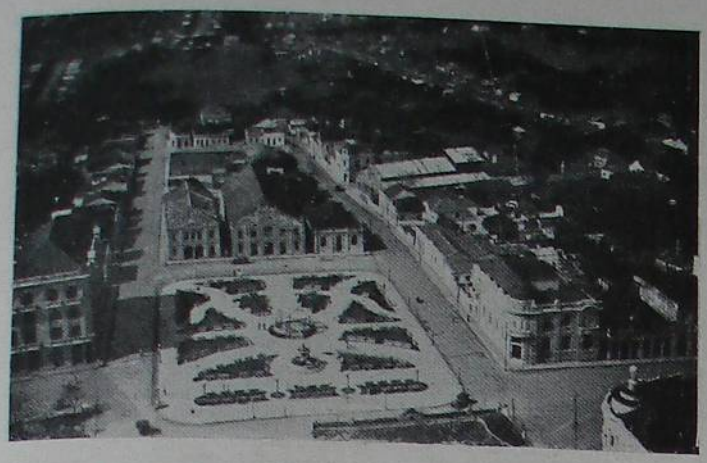
SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Ibicuí, Toropi, Vacacaí Grande; arroios: Catanduva, Taquara, Santa Catarina, Gurupi, Taquarembó, Sarandi e outros; banhados: Pavão, Ibicuizinho, Raio, Redondo, Tigre etc. OROGRAFIA — Serra Geral com as denominações de São Martinho, Pinhal, Guassupí, Pau-Fincado; cerros: Abraão, Caturrita, Santo Antão, Itaquatiá, Doce etc. CLIMA — Saüdável e a temperatura média anual é de 18,85 graus centígrados.



SANTA MARIA — O CORAÇÃO DO RIO GRANDE

Vista panorâmica da cidade.



Recorte duma vista aérea.



Praça Saldanha Marinho, com célebre chafariz.

A CIDADE

A cidade de Santa Maria, de belíssimo aspecto pela sua linda situação topográfica, está colocada em posição elevada, 209 metros acima do nivel do mar. E' cercada de um lado por uma majestosa cadeia de montanhas, cujos extremos são os cerros Abraão, do lado do campo, e o da Caturrita, na serra. Vista de longe, é de uma beleza sugestiva, empolgante.

Ao iniciarmos a descrição de Santa Maria, resolvemos, por uma deferência ao distinto homem de letras e nosso espontâneo colaborador Oliveira Mesquita, ceder-lhe a parte que diz respeito à cidade pròpriamente dita, trabalho cujo resumo é o seguinte:

"A terra linda que se ufana em ser, geogràficamente, o coração do Rio Grande, veste-se de gala para, condignamente, apresentar-se entre as suas co-irmãs, nessa brilhante demonstração de arte e de beleza que é o "Rio Grande do Sul — Imagem da Terra Gaúcha", magnífica obra de propaganda ilustrada do nosso Estado.

Santa Maria é padrão na disseminação da instrução pública, contando com uma população estudantil elevadíssima. Possue vários educandários do curso secundário e mais de uma centena de escolas primárias, inclusive grupos escolares e escolas municipais, o que torna Santa Maria o maior centro difusor de ensino no interior do Estado.

No centro, como nos bairros, vêm-se lindos e majestosos edifícios, espelhando o bom gôsto arquitetônico dos habitantes da cidade. Entre os mais imponentes, sobressaem: a Prefeitura Municipal; a União dos Caixeiros Viajantes, fundada em 20 de Setembro de 1913, contando com 1.803 associados, sendo seu atual presidente o sr. Olivio Kroeff; o Edifício Cauduro; a Escola Normal "Olavo Bilac", fundada em 1929, com o nome de Escola Complementar de Santa Maria, sob a direção da provecta professora Alda S. Saldanha, com 1.254 alunos, com várias instituïções especiais, destacando-se a Biblioteca Pública Rui Barbosa, com 1.690 volumes; Ginásio Estadual S. Maria, Ginásio Sant'Ana, fundado em 4 de Março de 1905, departamento feminino do Ginásio Estadual Santa Maria, dirigido pelas Irmãs Franciscanas, funcionando como internato, semi-internato e externato e equiparado ao Colégio Pedro II do Rio; Colégio Centenário, fundado em 1922, com inspeção federal, obedecendo atualmente à direção da professora Louise Best e com elevada matrícula de alunos, entre os internos, semi-internos e externos. União de Artes e Ofícios, a Catedral, Colégio S. Teresinha, Colégio Sagrado Coração de Maria, Colégio São Luiz, fundado em Fevereiro de 1904, atualmente dirigido pelo Padre Valentim Ferrari, cura da Catedral; Hospital de Caridade, Hospital Ferroviário, Colégio Fontoura Ilha, Grupo Escolar "João Belém", fundado em 22 de Maio de 1937, sob a direção atual da distinta educacionista d. Morena Rocha da Fontoura; Grupo Escolar "Cícero Barreto", fundado em 23 de Abril de 1930, sob a competente direção atual da professora d. Olinda Fontoura; Grupo Escolar "Coronel Pilar", fundado em 27 de Agôsto de 1938, atualmente dirigido pela provecta professora Irene Rolim; Clubes Caixeiral, fundado no dia 21 de Fevereiro de 1886, funcionando com cêrca de 700 associados, atualmente sob a direção do dr. Walter Jobim, contendo uma biblioteca com mais de 1.500 volumes e departamentos de cultura física; Comercial, Libanês, Ferroviário, Concórdia, com elevada matrícula de associados, bem como o Clube dos Atiradores; Edifício Dania, edifício Brilmann, edifício dos Funcionários Municipais, Palácio da Justiça; bancos: Provincia, Comércio e Rio Grande do Sul; conservatórios de música: Santa Maria e Santa Cecília; Caixa Econômica, Amparo Mútuo, Correios e Telégrafos, Patronato "Alves Ramos", Asilo S. Vicente e Orfanato Pagluica, e a Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea, fundada em 26 de Outubro de 1913, com um capital de 7.600 contos de réis e o capital dos associados atingindo a 4.600 contos de réis; mantêm 18 armazéns, 10 farmácias, açougue, frigorífico, fábricas de sabão e café, casa de saúde, duas escolas de Artes e Ofícios, com secções masculina e feminina e cêrca de 80 escolas de alfabetização.



A Igreja Matriz.

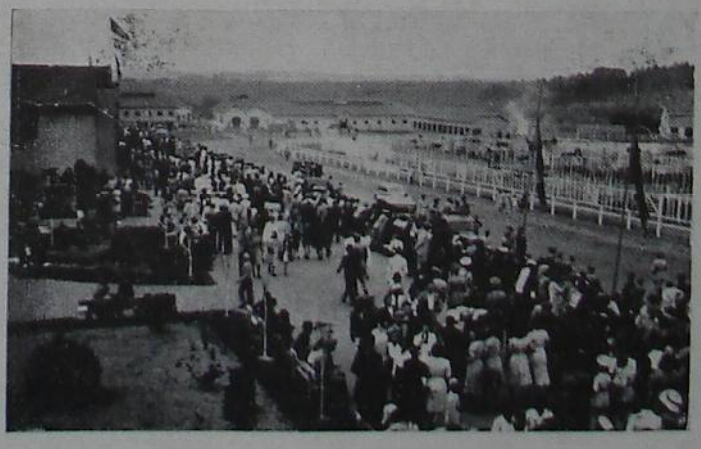
A vida cultural de S. Maria é intensa. Possue uma esplêndida Biblioteca Pública, talvez a mais importante do interior do Estado, não se falando nas inúmeras bibliotecas particulares e dos clubes. A imprensa santamariense é representada, atualmente, pelo diário "A Razão", fundada por Clarimundo Flores, e por diversos pequenos jornais de classe.

Santa Maria é considerada centro ferroviário do Estado, residindo aquí para mais de quatro mil funcionários da Viação Férrea. E' uma cidade igualmente militar, pois temos aquí dois importantes quartéis do Exército e um da Brigada Militar do Estado, com uma população para mais de três mil e quinhentos militares. Esta terra é considerada ponto estratégico, para em caso de necessidade atender qualquer das fronteiras do sul do país.

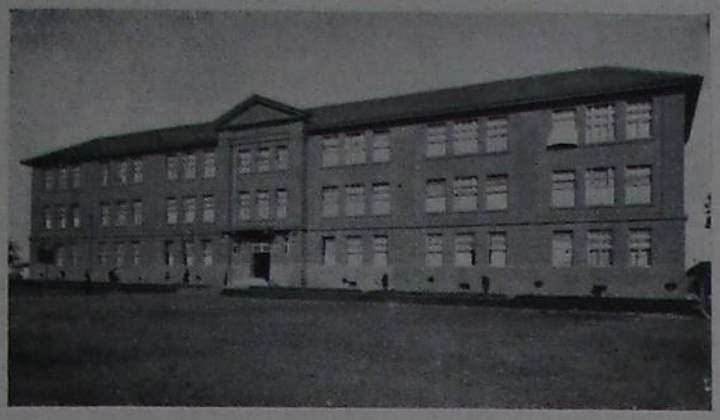
Santa Maria possue, integrando a sua classe médica, destacados médicos tanto em clínica geral como especializada. O mesmo se pode dizer no tocante à esfera da Justiça, tanto civil como militar. A classe dos advogados é das mais cultas do Estado. A polícia é admiràvelmente aparelhada. Temos um dispensário de combate à sífilis, doação do benemérito santamariense João Daudt Filho. A Higiene Pública está, também, ótimamente instalada e aparelhada, distribuindo seus benefícios a tôda a população. S. Maria é sede da Repressão do Contrabando no Estado.



Praça Cristóvão Colombo.



Parque Imembuí.



Edifício do Grupo Escolar "Cícero Barreto".



Edifício da Escola Normal "Olavo Bilac".

O comércio e a indústria de Santa Maria é dos mais desenvolvidos do Estado, atingindo a elevado grau de prosperidade.

Propositadamente, deixamos para o fim, falarmos sôbre a atual administração pública tanto da cidade como da comuna, entregue à essa figura dinâmica e prestigiosa que é o dr. Miguel de Andrade Neves Meirelles, que mesmo lutando com uma terrível crise financeira, tudo tem feito em prol de Santa Maria, dotando-a com melhoramentos importantíssimos, dos quais ela necessitava.

S. Maria já realizou três exposições estaduais de animais e produtos derivados, patrocinadas pela Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul e sob os auspícios dos governos Federal, Estadual e Municipal. Dizer o que foram êsses três certames, é trabalho supérfluo, pois a imprensa do Estado como a do país, deles já se ocuparam detalhadamente, elogiando-os e ressaltando o espírito de organização dos santamarienses.

Por fim, falta-nos falar sôbre o movimento religioso entre nós. Podemos afirmar que é dos mais proveitosos. Católicos e acatólicos, todos trabalham, tendo em vista a salvação das almas, encaminhando-as para a suprema perfeição que é Deus. Os católicos têm como seu chefe o estimado bispo D. Antônio Reis.

Aí vai, pois, nessas apressadas notas, o resumo histórico desta terra, que se orgulha de ter sido berço de poetas, como Felipe de Oliveira; guerreiros como o coronel João Niederauer Sobrinho — o bravo do Paraguai; legisladores como Carlos Maximiliano; jornalistas como Roque Calage, e todo um florão de nomes de brasileiros ilustres que nos diversos setores de suas atividades, tanto souberam honrar a Pátria e que aqui abriram os olhos para a vida".

Itinerário de Santa Maria:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 343 km (Até Cachoeira 115 km, Rio Pardo 181 km, Barreto 271 km).

A CACHOEIRA: TREM 115 km, RODOVIA 132 km.

A JÚLIO DE CASTILHOS: TREM 73 km, RODOVIA 63 km.

A SÃO PEDRO: TREM 56 km, RODOVIA 42 km.

A SÃO GABRIEL: RODOVIA 84 km, TREM 190 km.

A SÃO SEPÉ: RODOVIA 65 km.

A SÃO VICENTE: RODOVIA 72 km (Até São Pedro 42 km), COMBINADO 113 km (Trem até Umbú 92 km, Rodovia 21 km).



Sede da União dos Caixeiros Viajantes.



A Biblioteca Pública.

"EDIFÍCIO CAUDURO" — UM DOS MONUMENTOS ARQUITETÔNICOS DE S. MARIA

Santa Maria também, graças à iniciativa particular, tem recebido os benefícios da engenharia moderna, pois já tem o seu arranha-céu, o "Edifício Cauduro", um dos monumentos arquitetônicos da cidade.

Idealizado pelo prestimoso cidadão José Carlos Cauduro e construído pela firma Schmidt & Cia., construtores conceituados, o "Edifício Cauduro" ergue-se majestoso à av. Rio Branco, esquina Venâncio Aires.

Edifício de 5 pisos, estrutura em concreto armado, a parte térrea foi destinada para um grande café e quatro lojas, mais o "hall" central de entrada. O prédio é servido por dois elevadores, sendo os pisos superiores ocupados pelo modelar Hotel Jantzen.

O "Edifício Cauduro" ocupa, assim, um lugar destacado entre as últimas e modernas construções realizadas na cidade, do que se muito se orgulha Santa Maria.



S A N T A R O S A

REGIÃO: Missões — **LATITUDE S.:** 27°50'00" — **LONGITUDE W Gr.:** 54°20'00" — **LIMITES:** a O. e N.: Rep. Argentina; a L.: Palmeira e Santo Ângelo; ao S.: São Luiz.

Dados geo-demográficos

Superfície, 4.290 km² — Altitude da sede, 360 m — Distância da Cap. em linha reta, 399 km — População urbana, 1.700 — População rural, 84.300 — População total, 86.000 — Densidade por km², 20,04 — Percentagem sôbre a população do Est., 2,56 — Crescimento natural, 1.835.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 64.854 ha — Valor total da produção, 32.383:540$ — 1.º produto: milho: Área cultivada, 30.000 ha; Produção, 36.000 ton; Valor, 7.200:000$ — 2.º produto: mandioca: Área cultivada, 8.000 ha; Produção, 64.000 ton; Valor, 6.400:000$ — 3.º produto: cana: Área cultivada, 3.000 ha; Produção, 42.000 ton; Valor, 4.200:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 100.510 lt; 40:204$; Aguardente, 773:000 litros; 386:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 68.700; Ovinos, suínos e caprinos, 209.800 — Produção em quilos, de graxa, 63.520; de banha, 501.300.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 424 — Capital invertido, 5.766:400$ — Operários, 570 — Fôrça motriz em HP, 2.700 — Valor da produção, 6.392:960$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 268; Veículos a fôrça animada, 1.447.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 9; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 124; Colégios particulares, 42 — Hospitais, 4 — Instituïções de Caridade, 1 — Associações de Classe, 3 — Receita arrecadada: federal, 531:432$; estadual, 1.918:871$; municipal, 1.368:641$ — Despesas com: Ensino e cultura, 215:131$; Saúde pública, 52:890$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1707 — Data do início da colonização do atual município.
1913 — Fundação de Santa Rosa pròpriamente dita.
1931 — Elevação à categoria de comuna.
1939 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Nas Missões. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Santo Cristo, Comandaí, Boa Vista, Uruguai e muitos outros. OROGRAFIA — Serra de Comandaí, Uruguai, etc. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de Santa Rosa, sede da comuna do mesmo nome, é edificada próxima ao rio de seu nome, sendo de bonito aspecto.

As suas ruas largas e alinhadas e seus logradouros públicos arborizados e bem cuidados dão à cidade uma agradável fisionomia. Dentre suas principais artérias, destacam-se a Avenida Rio Grande do Sul, tôda arborizada com lindas palmeiras; as ruas Santo Ângelo, Erechim, Palmeira, Ijuí, etc.; entre suas praças, as principais são a 15 de Novembro e 7 de Setembro.

A sua edificação é em geral ótima, contando com numerosos edifícios públicos e particulares, alguns de construção moderna. Dentre êsses, citam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o templo protestante, etc.

A vida social e cultural de Santa Rosa encontra-se em grande desenvolvimento, possuindo várias entidades culturais, recreativas, desportivas, cívico-militares, de classe, beneficientes, etc., citando-se os clubes Concórdia e Cultural.

A cidade, tôda iluminada à luz elétrica, ainda de características coloniais, apresenta, no entanto, magnífico confôrto, contando a sua movimentada vida urbana com cafés, restaurantes, hotéis, bares, cinemas, etc. Uma das notas curiosas da cidade é o monumento erigido a Cristóvão Colombo, o 3.º que foi levantado em memória daquele grande navegador em todo o continente americano.

A instrução vem merecendo das autoridades responsáveis os mais desvelados cuidados. Existem em Santa Rosa numerosas escolas, tanto públicas como particulares, com grande coeficiente de alunos de ambos os sexos.

Por sua vez, a saúde pública está eficientemente aparelhada, sendo mesmo excelente o estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio, ambos florescentes, encontram-se em rápido crescimento e em franca prosperidade.

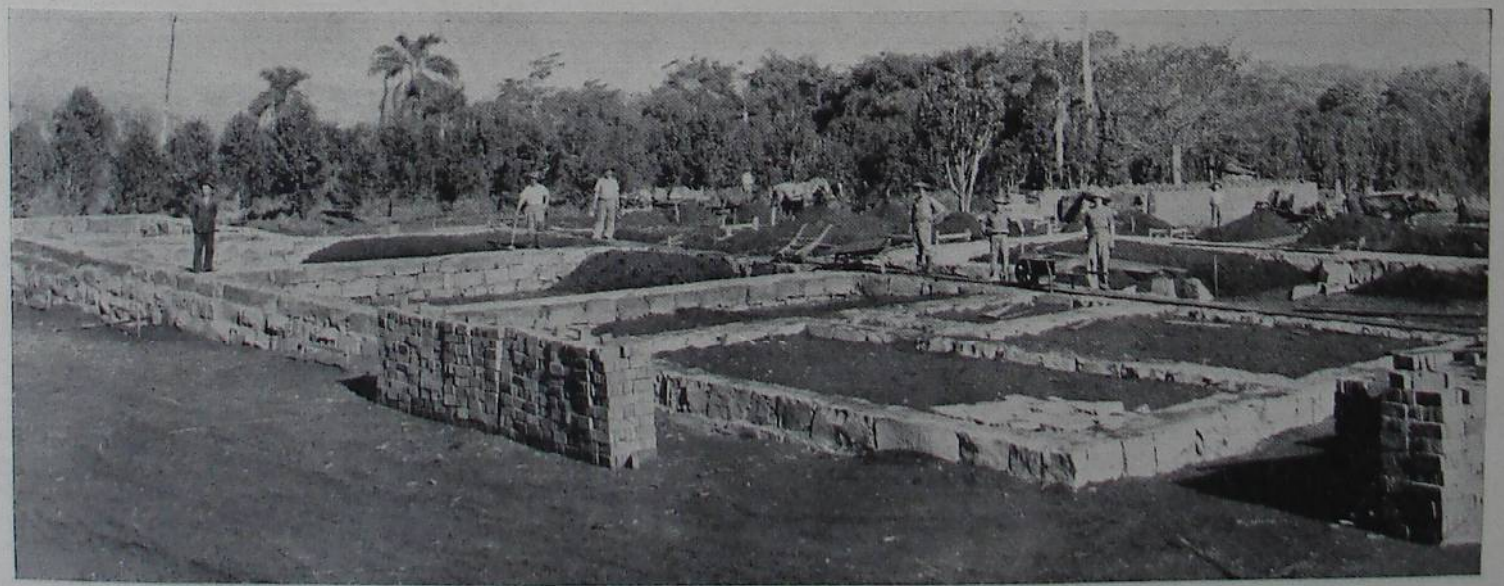
Encontra-se à frente dos destinos de Santa Rosa o seu operoso prefeito, o capitão Pautilho Palhares, que vem imprimindo à sua profícua gestão um ritmo acelerado de trabalho e de progresso.



Um dos aprazíveis logradouros públicos de Santa Rosa.

Itinerário de Santa Rosa:

A PÔRTO ALEGRE: COMBINADO 678 km (Rodovia até Santo Ângelo 65 km depois Trem). COMBINADO 479 km (Rodovia até Santo Ângelo 65 km, trem até Cruz Alta 109 km, avião 305 km).
A SÃO LUIZ: RODOVIA 159 km (Até Santo Ângelo 65 km).
A SANTO ÂNGELO: RODOVIA 65 km. TREM 74 km.
A PALMEIRA: RODOVIA 177 km (Até Santo Ângelo 65 km, Ijuí 177 km).



CIDADE NOVA E PROGRESSISTA — Trabalho que ilustra o surto construtor da futurosa comuna.

SANTA VITÓRIA

REGIÃO: Litoral — LATITUDE S.: 33°31'14" — LONGITUDE W. Gr.: 53°21'47" — LIMITES: ao N.: Rio Grande; ao O.: a Lagoa Mirim; a L.: Oceano Atlântico; a S.: Rep. Oriental do Uruguai.

Dados geo-demográficos

Superfície, 5.020 km² — Altitude da sede, 5 m — Distância da Cap. em linha reta, 469 km — População urbana, 5.780 — População rural, 8.420 — População total, 14.200 — Densidade por km², 2,82 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,42 — Crescimento natural, 76.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 4.285 ha — Valor total da produção, 1.913:750$ — 1.° produto: milho: Área cultivada, 3.610 ha; Produção, 5.415 ton; Valor, 1.353:750$ — 2.° produto: feijão: Área cultivada, 290 ha; Produção, 290 ton; Valor, 145:000$ — 3.° produto: batata doce: Área cultivada, 94 ha; Produção, 846 ton; Valor, 126:900$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 115.070; Ovinos, suínos e caprinos, 409.280 — Produção em quilos, de graxa, 18.300; de banha, 10.400; de lãs, 806.460.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 24 — Capital invertido, 194:000$ — Operários, 73 — Fôrça motriz em HP, 46 — Valor da produção, 792:714$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 87; Veículos a fôrça animada, 1.077.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares 1; Aulas estaduais, 4; Aulas municipais, 20 — Hospitais, 3 — Asilos e recolhimentos, 1 — Associações de Classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 190:174$2; estadual, 1.046:449$6; municipal, 725:540$4 — Despesas com: Ensino e cultura, 92:684$; Saúde pública, 20:136$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1737 — 17-2 — Início da colonização do município.

1849 — 19-7 — Elevada a capela curada.

1858 — 6-12 — Elevação à categoria de freguesia.

1872 — 31-10 — Elevação à categoria de vila, pela lei n.° 808.

1888 — 24-12 — Por lei n.° 1736, foi elevada à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Litoral. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações sedimentares. HIDROGRAFIA — arroios: Chuí, El-Rei, São Miguel, Bananas, Capão das Canoas, Capivaras, etc.; banhados: Curral Alto, Geribatú, Canoa etc.; lagoas: Mirim, Mangueira, Embira, etc.; ancoradouros: Santa Vitória, Arroíto, Canoas. OROGRAFIA — cochilhas do Palmar do Lemos, Silveira, Curral Alto, Galego e o cêrro Lindo. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de Santa Vitória, sede da comuna e da comarca de igual nome, está construída sôbre a cochilha do Palmar do Lemos, apresentando um aspecto muito agradável.

As suas artérias são amplas e alinhadas, e seus logradouros públicos, arborizados, são ajardinados, emprestando à cidade uma fisionomia mais atraente. Dentre suas ruas principais, figuram 13 de Maio, Conde de Pôrto Alegre, Barão do Triunfo, General Câmara. Entre suas praças citam-se 15 de Novembro, General Andréa, Floriano Peixoto, etc.

A edificação, boa em geral, conta com vários prédios ótimos, alguns mesmo de construção moderna. Dentre seus prédios principais, destacam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, os bancos da Província e Rio Grande do Sul, a Casa de Caridade, etc.

Santa Vitória possue em adiantado grau de desenvolvimento uma vida cultural e social, a qual conta com várias entidades recreativas, desportivas, cívico-militares, de classe, beneficientes, culturais, etc., tôdas com um precioso patrimônio moral, social e material.

A cidade, tôda iluminada à luz elétrica, tem por sua vez uma bem movimentada vida urbana, existindo vários cafés, hotéis, cinemas e outros centros de diversões públicas.

O ensino e a saúde pública são dois problemas que vêm sendo solucionados por quem de direito, de uma maneira satisfatória para a coletividade vitoriense. São inúmeras as escolas existentes, quer públicas como particulares, bem como os postos incumbidos de zelarem pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria, em franca prosperidade, contam com várias casas comerciais e industriais, tôdas gozando de uma sólida reputação nos meios econômicos e financeiros do Estado.

E' seu atual prefeito o engenheiro Guilherme de Souza Castro, que vem imprimindo a Santa Vitória uma fase de fecunda prosperidade com os aplausos unânimes de sua população.

SANTIAGO

REGIÃO: Missões — LATITUDE S.: 29°11'00" — LONGITUDE W. Gr.: 54°53'10" LIMITES: ao N.: S. Luiz e Santo Ângelo; a L.: Tupanciretã; ao S.: Jaguarí e S. Francisco de Assis; a O.: Itaquí e São Borja.

Dados geo-demográficos

Superfície, 4.011 km² — Altitude da sede, 439 m — Distância da Cap. em linha reta, 366 km — População urbana, 7.800 — População rural, 19.700 — População total, 27.500 — Densidade por km², 6,85 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,82 — Crescimento natural, 283.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 4.632 ha — Valor total da produção, 2.093:600$ — 1.° produto: milho: Área cultivada, 1.350 ha; Produção, 2.160 ton; Valor, 324:000$ — 2.° produto: uvas: Área cultivada, 65 ha; Produção, 520 ton; Valor, 312:000$ — 3.° produto: linho: Área cultivada, 1.170 ha; Produção, 351 ton; Valor, 280:800$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 30.040 lt; 18:024$; Aguardente, 82.000 lt; 41:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 177.500; Ovinos, suínos e caprinos, 79.840 — Produção em quilos, de graxa, 30.120; de banha, 105.200; de lãs, 103.140.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 59 — Capital invertido, 813:180$ — Operários, 100 — Fôrça motriz em HP, 140 — Valor da produção, 1.374:288$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 216; Veículos a fôrça animada, 886.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 12; Aulas regimentais, 2; Colégios particulares, 35 — Hospitais, 3 — Instituïções de Caridade, 1 — Associações de Classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 229:728$; estad., 1.071:525$; municipal, 516:901$3 — Despesas com: Ensino e cultura, 87:600$; Saúde pública, 3:329$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1858 — Origem da colonização da comuna.

1884 — 4-1.° — Constituïção do município, por lei provincial n.° 1.427, sendo instalado em 25-8-1884.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Nas Missões. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação terciária. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia ocidental — rios: Camaquã, Iguariaçá, Inhacapetum, Itú, Jaguarí; arroios: Ituzinho, Pequirí, Calça-Botas, Caracol, Taquarembó, etc.; passos: Rosário, Viriato, Madrí, Inferno e outros; banhados: Itú Mirim, Tarumã; lagoas: Boqueirão, Iguariaçá, cêrro Chato, etc. CLIMA — Saüdável.

A CIDADE

A cidade de Santiago (antes Santiago do Boqueirão), sede da comuna do mesmo nome, está edificada numa linda e pitoresca colina, sendo mesmo a cidade de bonito aspecto.

As ruas e praças de Santiago, tôdas bem cuidadas, alinhadas, arborizadas algumas e mesmo ajardinadas, emprestam à cidade uma fisionomia mais agradável, apresentando relativo confôrto aos seus habitantes.

A cidade de Santiago, que é tôda iluminada à luz elétrica, conta com uma edificação em geral boa, com alguns prédios públicos e particulares. Dentre êsses, destacam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, Clube do Comércio, etc.

Santiago, com suas inúmeras agremiações recreativas, culturais, cívico-militares, desportivas, de classe, beneficientes, etc., vem desenvolvendo progressivamente a sua vida social e cultural. Tôdas as suas entidades funcionam com elevado número de associados que propugnam pela sua grandeza.

A vida urbana da cidade é, também, bastante movimentada, possuindo vários cafés, bares, restaurantes, hotéis, centros de diversões, etc.

A instrução, tanto pública como particular, vem merecendo dos poderes competentes o mais decisivo dos amparos, contando com várias escolas públicas e particulares, com elevada população escolar de ambos os sexos.

A saúde pública, por sua vez, também, merece o mais eficiente auxílio, existindo vários departamentos que zelam pelo bom nome do estado sanitário em geral da população.

O comércio e a indústria santiaguenses, bastante progressistas, encontram-se bem representadas, com vários estabelecimentos comerciais e industriais, gozando de sólida reputação.

A sua administração que está entregue ao seu dinâmico prefeito sr. Sílvio Ferreira de Aquino, vem dirigindo seus destinos dentro de uma pauta de trabalho e crescente progresso que fará de Santiago uma das cidades mais promissoras do nosso Estado.

SANTO ÂNGELO

REGIÃO: Missões — LATITUDE S.: 28°18'14" — LONGITUDE W. Gr.: 54°15'52" — LIMITES: ao N.: Santa Rosa e Palmeira; a L.: Ijuí; ao S.: Tupanciretã e Santiago; a O.: S. Luiz.

Dados geo-demográficos

Superfície, 6.014 km² — Altitude da sede, 306 m — Distância da Cap. em linha reta, 351 km — População urbana, 7.800 — População rural, 61.800 — População total, 69.600 — Densidade por km², 11,57 — Percentagem sôbre a população do Est., 2,07 — Crescimento natural, 1.033.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 17.500 ha — Valor total da produção, 7.281:240$ — 1.° produto: milho: Área cultivada, 8.950 ha; Produção, 16.056 ton; Valor, 2.408:400$ — 2.° produto: linho: Área cultivada, 2.750 ha; Produção, 1.925 ton; Valor, 1.540:000$ — 3.° produto: feijão: Área cultivada, 2.330 ha; Produção, 1.631 ton; Valor, 652:400$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 50.320 lt; 25:160$; Aguardente, 87.750 lt; 43:875$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 167.000; Ovinos, suínos e caprinos, 136.830 — Produção em quilos, de graxa, 44.280; de banha, 1.699.450; de lãs, 36.680; de toucinho, 326.180.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 171 — Capital invertido, 7.344:100$ — Operários, 753 — Fôrça motriz em HP, 1.209 — Valor da produção, 16.477:600$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 273; Veículos a fôrça animada, 2.460.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 6; Aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 49; Colégios particulares, 69; Aulas regimentais, 2 — Sociedades beneficentes, 1 — Hospitais, 5 — Associações de Classe, 3 — Receita arrecadada: federal, 716:714$; estad., 1.869:064$; municipal, 1.776:156$ — Despesas com: Ensino e cultura, 113:368$.



Vista panorâmica de Santo Ângelo.

SÍNTESE HISTÓRICA

1707 — Data da fundação e povoamento da comuna

1857 — 14-1.° — Criação da freguesia por lei provincial, sendo instalada a paróquia em 1860.

1874 — 23-3 — Elevada à categoria de vila, por lei provincial n.° 835, e instalada em 31-12-1874.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Nas Missões. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação terciária. HIDROGRAFIA — rios: Uruguai, Ijuí, Comandaí, Boa Vista, Santa Rosa, Pindaí; arroios: Giruá, Comandaizinho, Boa Vistinha, Taquaranxim, Santa Bárbara, Burití, Urubucarú e outros. OROGRAFIA — Serras de Comandaí, Uruguai, Inhacaratú, São Jacó, etc. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de Santo Ângelo, sede do município e da comarca do mesmo nome, está construída no tôpo de uma extensa cochilha e possue um excelente aspecto.



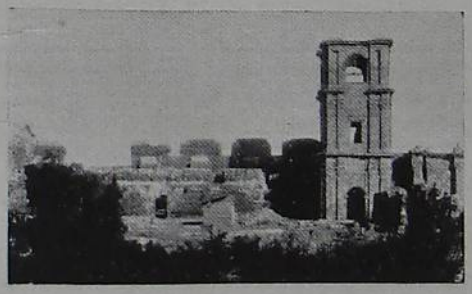
Parada na Semana da Pátria.

As suas ruas são tôdas largas e retas, sendo as principais macadamizadas. Os seus logradouros públicos são todos arborizados e ajardinados, dando uma fisionomia agradável à cidade. Entre as suas principais artérias, citam-se 15 de Novembro, Marquês do Herval, Bento Gonçalves, 7 de Setembro. Dentre suas praças destacam-se a Pinheiro Machado, bem no coração da cidade e ponto de convergência da sua população, seguida da Tiradentes.

A sua edificação é, no geral, boa, contando com grande número de prédios públicos e particulares, alguns de magnífica construção. Entre seus edifícios, sobressam a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Teatro Municipal, o Clube Gaúcho, as agências dos bancos do Rio Grande do Sul e do Comércio, além de grande número de bons prédios de propriedade particular.



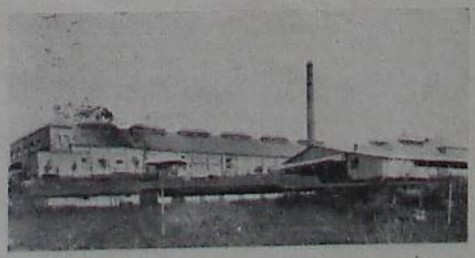
Ruínas de São Miguel.



Outro detalhe das ruínas.



Fábrica de beneficiamento de algodão.



Fábrica de fumos.

PASSADO E PRESENTE

Santo Ângelo é tôda iluminada à luz elétrica, sendo sua vida urbana muito movimentada, contando com vários cafés, bares, centros de diversões, hotéis, etc.

A vida cultural e social da cidade já atingiu elevado grau de adiantamento. São inúmeras as agremiações culturais, recreativas, desportivas, de classe, beneficientes, cívico-militares, etc.

O ensino vem sendo impulsionado, pelos poderes responsáveis, com grande carinho, contando com várias escolas, tanto públicas como particulares, sendo grande a sua população escolar de ambos os sexos. Dentre êsses estabelecimentos de ensino, destacam-se o Grupo Escolar "A. Pôrto Alegre" e o Ginásio Municipal, ambos em pleno funcionamento, com elevada matrícula de alunos.

A saúde pública, por outro lado, vem, também, sendo eficazmente amparada pelos poderes competentes, incumbidos de zelarem pelo bom estado sanitário de Santo Ângelo.

A indústria e o comércio, em franco progresso, estão excelentemente representados por grande número de casas comerciais e industriais que operam em larga escala em ambos os setores, comercial e industrial.

À frente de sua administração encontra-se seu operoso prefeito, o sr. Policarpo Gay, que vem imprimindo aos destinos de Santo Ângelo um ritmo de crescente progresso em tôdas as suas atividades.



Edifício do Grupo Escolar "Apelles Pôrto Alegre".

Itinerário de Santo Ângelo:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 613 km, COMBINADO 414 km (Trem até Ijuí 56 km, Cruz Alta 109 km, Avião 305 km).

A PALMEIRA: RODOVIA 113 km (Até Ijuí 52 km). COMBINADO 116 km (Trem até Ijuí 56 km, Rodovia 60 km).

A IJUÍ: RODOVIA 52 km. TREM 56 km.

A TUPANCIRETÃ: TREM 172 km (Até Ijuí 56 km, Cruz Alta 10 km). RODOVIA 183 km (Até Ijuí 52 km, Cruz Alta 102 km).

A SANTIAGO: TREM 458 km (Até Ijuí 56 km, Cruz Alta 109 km, Tupanciretã 172 km, Júlio de Castilhos 198 km, Santa Maria 271 km, São Pedro 326 km, Jaguarí 396 km). RODOVIA 226 km (Até São Luiz 94 km).

A SÃO LUIZ: RODOVIA 94 km.

SANTO ANTÔNIO

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°49'17" — LONGITUDE W. Gr.: 50°25'09" — LIMITES: ao N.: S. Francisco de Paula e Taquara; ao O.: Taquara e Gravataí; a L.: Osório; ao S.: Viamão e Gravataí.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.768 km² — Altitude da sede, 57 m — Distância da Cap. em linha reta, 70 km — População urbana, 1.500 — População rural, 58.600 — População total, 60.100 — Densidade por km², 33,99 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,79 — Crescimento natural, 712.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 34.018,5 ha — Valor total da produção, 21.838:180$ — 1.º produto: cana; Área cultivada, 7.321 ha; Produção, 109.815 ton; Valor, 8.785:200$ — 2.º produto: feijão: Área cultivada, 10.582 ha; Produção, 6.349 ton; Valor, 3.174:500$ — 3.º produto: milho: Área cultivada, 7.990 ha; Produção, 15.181 ton; Valor, 3.036:200$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 131.560 lt; 52:624$; Aguardente, 341.640 litros; 136:656$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 52.400; Ovinos, suínos e caprinos, 52.830 — Produção em quilos, de graxa, 53.590; de banha, 337.580.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 132 — Capital invertido, 1.158:980$ — Operários, 159 — Fôrça motriz em HP, 205 — Valor da produção, 1.682:782$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 73; Veículos a fôrça animada, 1.040.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 11; Aulas estaduais, 9; Aulas municipais, 39; Colégios particulares, 35 — Instituïções de Caridade, 1; Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 472:393$; estadual, 1.046:229$; municipal, 501:093$ — Despesas com: Ensino e cultura, 119:263$; Saúde pública, 60:529$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1740 — Início da colonização da comuna.
1795 — 20-10 — Elevada à categoria de paróquia por decisão régia.
1801 — 3-4 — Elevada à categoria de vila, cujo alvará foi confirmado por outro datado de 27-11-1809.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação primitiva e recente. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Sinos, Rolante Ilha, Capivari, Miraguaia, Açouta-Cavalo, Chuvisqueiro, Entrepelado, Bocó, Pinhal e outros; lagoas: a dos Barros. OROGRAFIA — Serra do Mar, contando os cerros do Cantagalo, Bocó, Agudo, Flores, Caraá, etc. CLIMA — Saüdável e temperado.

A CIDADE

A cidade de Santo Antônio, sede da comuna e da comarca de igual nome, está construída em um vale junto à Serra do Mar e próximo à lagoa dos Barros, numa posição excelente, sendo bastante agradável o seu aspecto.

As suas ruas, largas e alinhadas, bem como seus logradouros públicos arborizados, cooperam ainda mais para tornar a cidade mais atraente. Dentre suas ruas principais, destacam-se a Dr. Borges de Medeiros, Coronel Maciel, Marechal Floriano, etc.

A edificação de Santo Antônio é relativamente boa, contando, entre seus edifícios principais, a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, Clube Patrulhense, etc., além de muitos outros prédios de propriedade particular.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, possuindo, relativamente, uma vida urbana bem movimentada, com seus inúmeros cafés, bares, hotéis, centros de diversões populares, etc.

A vida social e cultural encontra-se bastante adiantada, contando com vários grêmios culturais, recreativos, desportivos, de classe, beneficientes, etc., todos com elevado patrimônio moral, social e material.

A instrução pública, tanto pública como particular, encontra-se em pleno desenvolvimento, existindo várias escolas com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos. Por sua vez, a saúde pública, problema que vem sendo cuidado com carinho, está aparelhada, zelando pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria, com intenso movimento, encontra-se em franca prosperidade e progresso.

A administração de Santo Antônio, tendo à frente o seu infatigável prefeito, o sr. Teodorico Francisco Machado da Silva, não poupa esforços para a solução de seus vários problemas e para a sua maior grandeza.

Itinerário de Santo Antônio:

A PÔRTO ALEGRE: RODOVIA 83 km (Até Gravataí 53 km).
A OSÓRIO: RODOVIA 29 km.
A SÃO FRANCISCO DE PAULA: RODOVIA 117 km (Até Taquara 78 km).
A TAQUARA: RODOVIA 78 km.
A GRAVATAÍ: RODOVIA 53 km.
A VIAMÃO: RODOVIA 69 km.

SÃO BORJA

REGIÃO: Missões — LATITUDE S.: 28°39'44" — LONGITUDE W. Gr.: 56°00'15" — LIMITES: ao N. e L.: S. Luiz; a L.: Santiago; ao S.: Itaquí; a O.: Rep. Argentina.

Dados geo-demográficos

Superfície, 6.660 km² — Altitude de sede, 99 m — Distância da Cap. em linha reta, 477 km — População urbana, 8.780 — População rural, 21.220 — População total, 30.000 — Densidade por km², 4,50 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,89 — Crescimento natural, 203.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 11.383 ha; Valor total da produção, 2.977:950$ — 1.º produto: linho: Área cultivada, 10.000 ha; Produção, 3.000 ton; Valor, 2.400:000$ — 2.º produto: milho: Área cultivada, 1.195 ha; Produção, 2.151 ton; Valor, 430:200$ — 3.º produto: arroz: Área cultivada, 90 ha; Produção, 180 ton; Valor, 68:400$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 10.060 lt; 6:036$; Aguardente, 2.500 lt; 1:250$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 329.900; Ovinos, suínos e caprinos, 140.670 — Produção em quilos, de graxa, 40.560; de lãs, 200.290.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 53 — Capital invertido, 797:900$ — Operários, 185 — Fôrça motriz em HP, 158,30 — Valor da produção, 2.172:595$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 138; Veículos a fôrça animada, 292.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 5; Aulas estaduais, 3; Aulas municipais, 22; Aulas regimentais, 1; Colégios particulares, 7 — Hospitais, 4 — Associações de classe, 1 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 238:428$; estadual, 1.670:780$; municipal, 822:947$ — Despesas com: Ensino e cultura, 53:100$; Saúde pública, 10:282$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1801 — Data do início do povoamento da comuna.
1834 — 21-5 — Elevado à categoria de vila, por decreto.
1887 — 12-12 — Elevada à categoria de cidade, por lei.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Nas Missões. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação terciária. HIDROGRAFIA — Pertence ao vale do Uruguai — rios: Uruguai, Piratiní, Butuí, Iguariaçá, Pessegueiro, Uruetai, Itacarubí, Itaporó; passos: São Borja, Garruchos, Conceição, Sarandi, etc.; banhados: Açouta-Cavalo, Paraboi, Jacaré e outros; lagoas: Jacaré, Ávila, etc.; portos: São Borja, Garruchos e Santo Isidro. OROGRAFIA — Serra Geral, com as denominações de serras de São Xavier e Iguariaçá, e os cerros Ibituruna e Paraíso. CLIMA — Temperado.

A CIDADE

A cidade de São Borja, sede da comuna e da comarca de igual nome, está dividida em dois bairros principais: São Borja propriamente dito, e Passo de São Borja, distante um do outro 3 quilômetros e ligados pela avenida Júlio Trois.

As suas artérias são amplas e arborizadas, algumas, e seus logradouros públicos, bem alinhados, são em geral ajardinados, dando à cidade um agradável aspecto. Dentre suas principais ruas, citam-se 7 de Setembro, Augusto Barbosa, General Osório, Barão do Rio Branco, Andradas, Félix da Cunha, sendo que as quatro primeiras cortam a cidade de leste a oeste e as demais de sul a norte. Das suas praças, destacam-se a 15 de Novembro, 13 de Maio e General Lima, estando a primeira situada bem no coração da cidade. Também, no bairro do Passo, entre suas ruas principais, citam-se Assis Brasil, Tamandaré e Júlio Trois.

A edificação de São Borja é em geral boa, contando com numerosos prédios públicos e particulares, dentre os quais se citam a Prefeitura Municipal, igreja matriz de S. Francisco de Borja, o quartel da unidade federal, a Usina Municipal, a igreja metodista, Hospital de Caridade, além de grande número de edifícios particulares.

São Borja é tôda iluminada à luz elétrica, possuindo todos os serviços públicos. E', também, sede do 2.º Regimento de Cavalaria do Exército, e possue um grande movimento urbano, cooperando, para isto, seus inúmeros cafés, bares, restaurantes, hotéis, centros de diversões, etc.

A vida social e cultural sanborjense, em grande desenvolvimento, está plenamente representada por suas inúmeras agremiações, quer recreativas e desportivas, quer de classe, cívico-militares, culturais ou beneficientes, etc.

Dentre essas, destacam-se o Clube Sanborjense e o Elite Clube, entidades que congregam os elementos mais representativos da sociedade de São Borja, magnificamentes instalados e com elevada matrícula de associados.

A instrução, tanto pública como particular, vem recebendo o auxílio eficiente dos poderes responsáveis, existindo inúmeras escolas que ministram o ensino a grande número de alunos de ambos os sexos.

Dentre os estabelecimentos de ensino que mais se destacam, encontra-se o Colégio do Sagrado Coração de Jesús, educandário que se impôs no conceito da população sanborjense e que veio preencher uma lacuna que se fazia sentir no setor educacional de São Borja.

Por sua vez, a saúde pública, bem amparada pelas autoridades, vem desenvolvendo um magnífico programa de ação, dotando a cidade de um ótimo estado sanitário.

A indústria e o comércio, bem representados por grande número de estabelecimentos comerciais e industriais, encontram-se na mais franca prosperidade.

Atualmente, encontra-se à frente de seus destinos, o seu operoso prefeito, sr. Manoel Silva Fagundes, que vem dando a São Borja o máximo de seus esforços, afim de assegurar à coletividade sanborjense o grau de prosperidade a que atingiu.

Itinerário de São Borja à capital Estado e às sedes dos municípios limitrofes:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 940 km (Até Itaquí 128 km, Uruguaiana 228 km, Alegrete 370 km, Santa Maria 601 km, Cachoeira 716 km, Rio Pardo 782 km, Barreto 868 km). TREM 690 km (Até Santiago 159 km, Jaguarí 221 km, São Pedro 291 km, Santa Maria 347 km, Cachoeira 462 km, Rio Pardo 529 km, Barreto 619 km).
A SÃO LUIZ: RODOVIA 130 km.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

REGIÃO: Missões — LATITUDE S.: 29°33'01" — LONGITUDE W. Gr.: 55°10'53" — LIMITES: ao N.: Itaquí e Santiago; a L.: Jaguarí; ao S.: S. Vicente e Alegrete; ao S.: Alegrete.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.724 km² — Altitude da sede, 125 m — Distância da Cap. em linha reta, 381 km — População urbana, 2.590 — População rural, 18.010 — População total, 20.600 — Densidade por km², 5,53 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,61 — Crescimento natural, 179.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 3.763 ha — Valor total da produção, 1.361:400$ — 1.º produto: arroz: Área cultivada, 876 ha; Produção, 1.752 ton; Valor, 525:600$ — 2.º produto: milho: Área cultivada, 1.960 ha; Produção, 2.352 ton; Valor, 352:800$ — 3.º produto: fumo: Área cultivada, 59 ha; Produção, 47 ton; Valor, 188:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 14.080 lt; 8:448$; Aguardente, 10.860 lt; 5:430$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 219.450; Ovinos, suínos e caprinos, 65.180 — Produção em quilos, de graxa, 15.760; de banha, 116.800; de lãs, 67.480.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 39 — Capital invertido, 541:900$ — Operários, 84 — Fôrça motriz em HP, 98 — Valor da produção, 590:046$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 32; Veículos a fôrça animada, 313.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 31; Colégios particulares, 3 — Instituïções de Classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 75:935$; estadual, 600:654$; municipal, 352:930$ — Despesas com: Ensino e cultura, 75:400$; S. Pública, 15:215$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1812 — Data do início do povoamento da comuna.
1819 — Ereção da capela em honra de S. Francisco de Assis.
1859 — 5-2 — Elevação à categoria de freguesia.
1884 — 4-1.º — Criação do município de Assis, por lei n.º 1.427, instalado em Maio de 1885.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Nas Missões. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Ibicuí, Itú, Jaguarizinho, etc. arroios: Itú-Mirim, Calça-Botas, Inhandejú, Garaguataí e outros; passos: Catarina, Novo, Loretos, Cachoeira, etc.; banhados: Tarumã, Pacheco e Jacaré. OROGRAFIA — Contrafortes da serra de São Xavier, cochilha do Boqueirão, serrinhas do Inhaneceva, dos Canários e do Butiá; cerros: Carpintaria, Potreiro, Pelado, Roça, etc. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de São Francisco de Assis, sede da comuna de igual nome, está construída à margem do arroio Inhacondá, apresentando um agradável aspecto.

As suas ruas, amplas e bem alinhadas, bem como seus logradouros públicos, arborizados e ajardinados, emprestam à cidade uma fisionomia simpática. Dentre suas principais artérias sobressam Barros Cassal, Floriano Peixoto, Borges de Medeiros, 13 de Janeiro, etc.; e entre suas praças destaca-se em primeiro plano a 15 de Novembro, ponto de convergência da população da cidade.

A edificação é em geral boa, possuindo vários prédios de excelente aspecto, tais como a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, banco do Rio Grande do Sul, o templo protestante, além de inúmeros edifícios particulares.

A vida social e cultural de São Francisco de Assis encontra-se em grande adiantamento, sendo numerosos os grêmios recreativos, desportivos, beneficientes, de classe, culturais, etc., entidades essas que funcionam com elevado número de associados.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica e conta com um movimento urbano relativamente intenso. Existem vários cafés, hotéis e centros de diversões públicos.

O ensino como a saúde pública, amparados eficientemente, pelos poderes responsáveis, vêm preenchendo suas finalidades. Contam-se várias escolas, tanto públicas como particulares, ministrando o ensino a uma grande população escolar de ambos os sexos, bem como alguns postos que zelam pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio como a indústria encontram-se em pleno desenvolvimento e em franca prosperidade.

A sua administração, em plena fase progressista, está entregue ao seu esforçado prefeito, o dr. João de Souza Fraga, que vem envidando o máximo de suas atividades para que São Francisco de Assis, dentro em breve, fique integrada entre suas demais co-irmãs riograndenses.

Itinerário de São Francisco de Assis à capital do Estado e municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: COMBINADO 572 km (Rodovia até Jacaquá 20 km, Trem até Santa Maria 165 km, Cachoeira 280 km, Rio Pardo 346 km, Barreto 435 km).
A SÃO VICENTE: COMBINADO 114 km (Rodovia até Jacaquá 20 km, Trem até Umbú 73 km, Rodovia 21 km). RODOVIA 59 km.
A JAGUARÍ: RODOVIA 47 km.
A SANTIAGO: RODOVIA 80 km.
A ITAQUÍ: RODOVIA 132 km.
A ALEGRETE: RODOVIA 100 km.

SÃO FRANCISCO DE PAULA

REGIÃO: Planalto Nordeste — LATITUDE S.: 29°20'00" — LONGITUDE W. Gr.: 50°31'21" — LIMITES: ao N.: Vacaria; a O.: Antônio Prado, Caxias e Caí; a L.: Santa Catarina e Tôrres; ao S.: Taquara e Santo Antônio.

Dados geo-demográficos

Superfície, 6.357 km² — Altitude da sede, 912 m — Distância da Cap. em linha reta, 100 km — População urbana, 2.180 — População rural, 28.320 — População total, 30.500 — Densidade por km², 4,79 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,91 — Crescimento natural, 393.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 759 ha — Valor total da produção, 388:200$ — 1.º produto: trigo: Área cultivada, 320 ha; Produção, 160, ton; Valor, 96:000$ — 2.º produto: milho: Área cultivada, 230 ha; Produção, 437 ton; Valor, 87:400$ — 3.º produto: cevada: Área cultivada, 100 ha; Produção, 160 ton; Valor, 80:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 392.880 lt; 157:153$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 173.600; Ovinos, suínos e caprinos, 48.560 — Produção em quilos, de graxa, 11.740; de banha, 13.600; de lãs, 23.390.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 112 — Capital invertido, 6.566:100$ — Operários, 621 — Fôrça motriz em HP, 2.005 — Valor da produção, 6.814:931$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 40; Veículos a fôrça animada, 129.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 5; Aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 57 — Sociedades Beneficentes, 1 — Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 148:207$2; estadual, 1.013:609$2; municipal, 844:169$2 — Despesas com: Ensino e cultura, 110:296$; Saúde Pública, 28:655$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1852 — 30-11 — Criação da paróquia, dando assim origem à sua povoação.
1878 — 21-5 — Criação do município.
1892 — 1.º-9 — Extinção do município, passando seu território ao de Taquara.
1902 — 23-12 — Novamente restaurada a comuna.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Nordeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação terciária. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Antas, Tainhas, Lajeado Grande, Ranchinho, São Marcos, Caí, Sinos, Rolante, Perdizes, Leão e muitos outros; cascatas: Antas, Lajeado Grande, Tomé, Taimbezinho, Saiquí, Águas Brancas, etc. OROGRAFIA — Serra do Mar, com as denominações de Campos de São Francisco de Paula de Cima da Serra, Barra do Ouro, Bananeira, Três Forquilhas, Maragatos, Mascarada, Aparados, Raposo, Serra Velha, etc. FLORA — Madeiras de lei: Ipê, Cedro, Cabriúva, Cambará, Louro, Angico, Bugre, etc. CLIMA — Excelente, gozando de extraordinário renome.

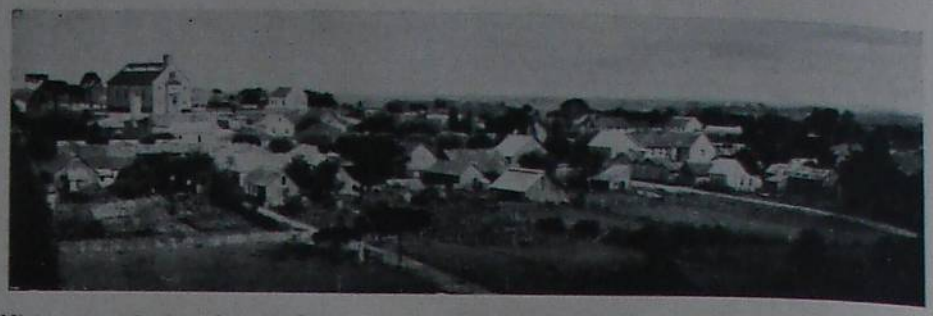
A CIDADE

A cidade de São Francisco de Paula, sede da comuna de igual nome, está edificada a 2 quilômetros da bôca da serra, apresentando um simpático aspecto.

As suas ruas, alinhadas e arborizadas, e seus logradouros públicos, ajardinados, emprestam à cidade uma fisionomia mais atraente e mesmo agradável. Dentre suas principais artérias, cita-se a Avenida Júlio de Castilhos, com mais de um quilômetro de extensão.

A edificação de São Francisco de Paula é, em geral, boa, contando-se, entre seus edifícios principais, a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, bancos Rio Grande do Sul, Província e Comércio, Grupo Escolar, etc., além de vários outros excelentes prédios de propriedade particular.

A vida social e cultural da cidade acha-se em adiantado grau de desenvolvimento, contando com inúmeros grêmios recreativos, culturais, de classe, cívico-militares, beneficientes, culturais, etc., todos com avultados patrimônios morais e materiais.



Vista panorâmica da cidade.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, sendo mesmo uma das principais estâncias de veraneio e repouso do Estado, contando, ainda, com uma bem movimentada vida urbana, com seus vários cafés, bares, restaurantes, hotéis, cinemas, etc.

O ensino e a saúde pública, amparadas eficientemente pelos poderes competentes, vêm preenchendo satisfatòriamente suas finalidades. São inúmeros os seus estabelecimentos de ensino, entre êles o Grupo Escolar, existindo, ainda, postos de higiene, encarregados de zelarem pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria, em pleno desenvolvimento, contam com inúmeros estabelecimentos que giram com avultados capitais.

A atual administração, entregue ao seu esforçado prefeito, o sr. Alziro Torres Filho, vem procurando dotar São Francisco de Paula de melhoramentos de vulto, sob os gerais aplausos de sua população.



Um dos aspectos pitorescos da paisagem de São Francisco de Paula.

Itinerário de São Francisco de Paula:

A **PÔRTO ALEGRE:** COMBINADO 128 km (Rodovia até Taquara 39 km, Trem 89 km).
A **TÔRRES:** RODOVIA 120 km.
A **BOM JESUS:** RODOVIA 60 km.
A **VACARIA:** RODOVIA 100 km.
A **CAXIAS:** RODOVIA 120 km.
A **FARROUPILHA:** COMBINADO 141 km (Rodovia até Caxias 120 km, Trem 21 km). RODOVIA 142 km.
A **CAÍ:** RODOVIA 132 km (Até Taquara 39 km, São Leopoldo 94 km).
A **TAQUARA:** RODOVIA 39 km.
A **SANTO ANTÔNIO:** RODOVIA 117 km
A **OSÓRIO:** RODOVIA 146 km.

SÃO GABRIEL

REGIÃO: Campanha — LATITUDE S.: 30°20'27" — LONGITUDE W. Gr.: 54°19'01" — LIMITES: ao N.: S. Vicente e Santa Maria; ao S.: Lavras e D. Pedrito; a L.: S. Sepé; a O.: Rosário e Livramento.

Dados geo-demográficos

Superfície, 7.112 km² — Altitude da sede, 130 m — Distância da Cap. em linha reta, 301 km — População urbana, 12.500 — População rural, 28.700 — População total, 41.200 — Densidade por km², 5,79 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,22 — Crescimento natural, 197.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 6.321 ha — Valor total da produção, 7.940:950$ — 1.º produto: arroz: Área cultivada, 5.810 ha; Produção, 20.335 ton; Valor, 7.727:300$ — 2.º produto: aveia: Área cultivada, 143 ha; Produção, 172 ton; Valor, 68:800$ — 3.º produto: linho: Área cultivada, 137 ha; Produção, 82 ton; Valor, 57:400$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 317.150; Ovinos, suínos e caprinos, 210.520 — Produção em quilos, de graxa, 750.180; de lãs, 365.400.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Oficinas e fábricas, 74 — Capital invertido, 14.466:610$ — Operários, 230 — Fôrça motriz em HP, 961 — Valor da produção, 24.036:437$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 193; Veículos a fôrça animada, 513.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas municipais, 47; Aulas Regimentais, 1; Colégios particulares, 6 — Hospitais, 3 — Asilos e recolhimentos, 1 — Sociedades Beneficentes, 4 — Instituições de Caridade, 1 — Associações de Classe, 2 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 640:179$2; estadual, 2.236:393$; municipal, 1.885:936$6 — Despesas com: Ensino e cultura, 231:381$; Saúde Pública, 63:490$.



Prefeitura Municipal.

SÍNTESE HISTÓRICA

1800 — Data do início do povoamento do município.
1815 — 28-11 — Criação da capela curada.
1837 — 23-12 — Elevação à categoria de freguesia.
1846 — 4-4 — Elevação à categoria de vila, instalada em 19-9-1846.
1859 — 15-12 — Elevação à categoria de cidade, por lei provincial.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Campanha. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações primitiva e carbonífera. HIDROGRAFIA — Pertence às bacias oriental e ocidental; rios: Vacacaí, Santa Maria, Ibicuí da Armada, Caçequí, Jaguarí, etc.; arroios: Mudador, Divisa, Passo da Areia, Saldo, Bela Cascata, Butiá e outros; lagoas: Gervásio, Dourados, Jacaré, Três Águas e outras; banhados: São Gabriel, Inhatium, Jacaré, etc. OROGRAFIA — cochilhas Pau Fincado, São Simão, Paredão, Caiboaté, etc.; serra do Herval, com as denominações de Batovi, Baberaquá, Minuano, etc.; cerros: Cantagalo, Cuenca, Verde, Chapeado, etc. FLORA — Madeiras de lei. MINÉRIOS — consta haverem veios de petróleo e o carvão de pedra. CLIMA — Temperado e saudável.



Igreja Matriz.



Evolução arquitetônica moderna.

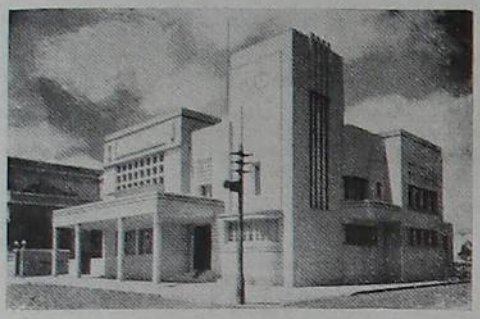


Uma das ruas principais.

A CIDADE

A cidade de São Gabriel, sede da comuna e da comarca de igual nome, está edificada sôbre uma eminência e próxima ao rio Vacacaí, apresentando em seu conjunto um magnífico aspecto.

As ruas amplas e bem alinhadas, bem como seus logradouros públicos todos arborizados e ajardinados emprestam a São Gabriel uma fisionomia agradabilíssima. Dentre as suas artérias principais, citam-se Barão de São Gabriel, Forte de Caxias, Andrade Neves, General Mallet, Coronel Soares, Laurindo Nunes e outras, contando ainda com várias praças, entre as quais é a principal a praça Fernando Abott. Conta, também, com a Avenida Júlio de Castilhos, sendo que a maioria de suas ruas são calçadas, com bons passeios de lage e mosaicos.



Clube Comercial

A edificação de São Gabriel é magnífica, sendo inúmeros os edifícios públicos e particulares, alguns de construção moderna. Entre seus prédios destacam-se a Prefeitura Municipal, que é o principal da cidade; a igreja matriz, a Casa de Caridade, o Clube Comercial, o Grupo Escolar, os quartéis das unidades federais, a gare da Viação Férrea e vários outros.

São Gabriel, tôda iluminada à luz elétrica, possue uma excelente rede de esgotos e água. E', talvez, a cidade riograndense de maiores tradições militares, pois em sua guarnição serviram brilhantes oficiais e valorosos cabos de guerra, como João Propício, João Manoel, Emílio Mallet, Deodoro da Fonseca, Lima e Silva, Marechal Hermes da Fonseca, e muitos outros.

A vida social e cultural de São Gabriel é uma das mais desenvolvidas do Estado. Inúmeras são as associações recreativas, culturais, classistas, desportivas, cívico-militares, beneficientes, etc. Dentre essas agremiações citam-se o Clube Comercial, fundado em 1914, funcionando em magnífico edifício próprio e luxuosamente instalado, atualmente sob a presidência do sr. Arí Franco; o Instituto São Gabriel, fundado em 1920, atualmente sob a direção de sua benemérita fundadora, exma. sra. d. Palmyra Vieira da Silva, distinta dama que vem há já longos anos dedicando suas atividades no amparo às crianças órfãs e mesmo das sem recursos; a Associação Rural, fundada em 1920, com um precioso patrimônio moral e material, congregando a classe dos criadores e lavradores sangabrielenses, atualmente sob a orientação do sr. Fernando Macedo; etc.

São Gabriel possue o movimento dos grandes centros metropolitanos, contando com vários cafés, bares, restaurantes, hotéis, centros de diversões, etc. Possue, também, todos os serviços públicos. A população é abastecida de carne verde para o seu consumo pelo Matadouro Público de propriedade do sr. José Caon que o fundou em 1931, trabalhando com uma rede de nove açougues, abatendo uma média de cinco mil cabeças anuais.

O ensino e a saúde pública vêm merecendo dos poderes competentes os mais desvelados cuidados. O setor educacional, amparado eficazmente pelos governos da comuna e estadual, encontra-se no mais franco desenvolvimento, contando com inúmeras escolas, com grande população escolar, o mesmo acontecendo com o ensino de iniciativa particular. A saúde pública está bem aparelhada, contando com um pôsto de higiene e vários outros departamentos que, preenchendo suas finalidades, dotaram São Gabriel de excelente estado sanitário.

O comércio e a indústria de São Gabriel marcham na vanguarda do progresso econômico do nosso Estado. Os seus estabelecimentos comerciais e industriais, girando com avultados capitais, encontram-se em franca prosperidade. Entre êsses citam-se os estabelecimentos da firma Focaccia & Cia. Ltda., fundado em 1932, sob a direção dos conceituados homens de negócio, srs. Mateus Focaccia, Caleffi, Menegotto & Cia., de Pôrto Alegre, e Anselmi & Cia., de Rio Grande, que se dedicam ao comércio e indústria de arroz, com um beneficiamento de 1.200 sacas diárias, sendo os produtores do arroz "King" e "Ceres"; e a Fábrica de Conservas Rio Branco, fundada em 1927, pelo seu atual dirigente, o operoso industrial sr. Anibal Saglia, estabelecimento êsse com uma exportação anual de mais de duas mil caixas de conservas de línguas para o estrangeiro, o seu principal mercado consumidor.

Entre seus administradores que muito fizeram pelo seu progresso, destacam-se: o dr. Celestino Cavalheiro que, a-pesar-de espanhol de nascimento, revelou-se, no entretanto, um sangabrielense de coração, muito se esforçando pelo seu engrandecimento; em reconhecimento lhe foi erigida uma herma na praça principal da cidade; e o coronel Francisco Hermenegildo da Silva, o dinâmico prefeito, com quem São Gabriel contraiu uma dívida de gratidão, pois foi êsse operoso homem público que dotou a cidade de grandes melhoramentos, calçando-a, dando-lhe o Palácio Municipal e muitas outras realizações de vulto, tendo, também, amparado as entidades beneficientes, motivo por que recebeu do Instituto São Gabriel o diploma de Grande Benfeitor.

Atualmente, encontra-se à frente de seus destinos, o seu culto prefeito sr. Antônio Coimbra Gonçalves que, como um verdadeiro continuador das obras daqueles seus antecessores, vem imprimindo à sua profícua administração um ritmo ascendente de trabalho e progresso que eleva, sobremodo, São Gabriel entre suas co-irmãs.



Santa Casa

Itinerário de São Gabriel

A **PÔRTO ALEGRE:** TREM 533 km (Até Santa Maria 190 km, Cachoeira 305 km, Rio Pardo 371 km, Barreto 461 km). COMBINADO 460 km. (Trem até Bagé 130 km, Avião 330 km).

A **LIVRAMENTO:** TREM 244 km (Até Rosário 136 km).

A **ROSÁRIO:** TREM 136 km. RODOVIA 50 km.

A **SÃO VICENTE:** RODOVIA 121 km. COMBINADO 120 km (Trem até Umbú 99 km, Rodovia 21 km).

A **SANTA MARIA:** RODOVIA 84 km. TREM 190 km.

A **SÃO SEPÉ:** RODOVIA 100 km.

A **CAÇAPAVA:** RODOVIA 120 km (Até Lavras 56 km).

A **LAVRAS:** COMBINDO 104 km (Trem até Ibaré 58 km, Rodovia 46 km).

A **DOM PEDRITO:** TREM 148 km. RODOVIA 141 km.



Herma ao dr. Celestino Cavalheiro Lopes, propugnador do engrandecimento gabrielense.



Exma. sra. d. Palmyra Vieira da Silva, fundadora do Instituto São Gabriel.



Cel. Francisco Hermenegildo da Silva, ex-prefeito a quem a cidade muito deve.

PERSONALIDADES DE BENEMERÊNCIA PÚBLICA NA SOCIEDADE GABRIELENSE.

SÃO JERÔNIMO

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 29°57'30" — LONGITUDE W. Gr.: 51°40'21" — LIMITES: ao N.: Triunfo e Gal. Câmara; a L.: Guaíba, Tapes e Camaquã; a O.: Rio Pardo; ao S.: Encruzilhada.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.730 km² — Altitude da sede, 30 m — Distância da Cap. em linha reta, 49 km — População urbana, 2.500 — População rural, 36.400 — População total, 38.900 — Densidade por km², 10,42 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,16 — Crescimento natural, 389.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 3.225 ha — Valor total da produção, 2.338:000$ — 1.° produto: arroz: Área cultivada, 2.700 ha; Produção, 5.400 ton; Valor, 1.620:000$ — 2.° produto: uvas: Área cultivada, 95 ha; Produção, 760 ton; Valor, 304:000$ — 3.° produto: cebola: Área cultivada, 100 ha; Produção, 300 ton; Valor, 240:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 39.040 lt; 23:424$; Aguardente, 100.500 lt; 50:250$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 79.530; Ovinos, suínos e caprinos, 39.620 — Produção em quilos, de graxa, 56.790; de banha, 132.800; de lã, 27.200.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 66 — Capital invertido, 1.557:000$ — Operários, 200 — Fôrça motriz em HP, 207,5 — Valor da produção, 3.687:250$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 95; Veículos a fôrça animada, 237.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 7; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 4; Colégios particulares, 23 — Hospitais, 1 — Sociedades Beneficentes, 1 — Instituições de Caridade, 1 — Associações de Classe, 2 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 103:519$3; estadual, 865:223$1; municipal, 520:883$1 — Despesas com: Ensino e cultura, 20:907$; Saúde pública, 32:716$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1800 — Data do início da colonização da comuna.
1847 — 24-11 — Criação da capela curada, por lei provincial n.° 90.
1851 — 22-11 — Elevada à categoria de freguesia e paróquia.
1860 — 3-12 — Elevação a vila, por lei provincial, e instalada em 30-9-1861.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação carbonífera do período triássico. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Jacuí, Conde, Francisquinho, Porteirinha, Sanga do Simplício, Ratos, Tábua, Passa-Sete, Xavier; passos: Geral do Jacuí, Fasuto, Feliciano, Carros, Quintana e outros; lagoas: das Crianças, Francisquinho, Grande e das Pedras; portos: Fazenda, Flor do Conde, Mauá, Xarqueadas, Fazenda Leão, Curral Alto, São Jerônimo e outros. OROGRAFIA — Serra do Herval com as denominações de Cochilha Grande, Serrinha, Chapadão, Espigão, etc.; cerros: da Lagoa, Boqueirão, Marimbondo, Marrocos, Quebrabunda, do Negro, Raposa e outros; CLIMA — Saüdável e temperado.

A CIDADE

A cidade de São Jerônimo, sede do município e da comarca do mesmo nome, está construída à margem direita do rio Jacuí, defronte à cidade de Triunfo.

Suas ruas principais, amplas e alinhadas, e seus logradouros públicos, bem cuidados e ajardinados, emprestam à cidade uma bonita fisionomia. Entre suas artérias, citam-se as ruas Ramiro Barcelos, Soares de Carvalho, 14 de Julho, General Osório, etc.; e dentre suas praças figuram como principais Venâncio Aires, Júlio de Castilhos e São Jerônimo.

A edificação da cidade é geralmente boa, contando com vários prédios públicos e particulares, alguns de construção moderna. Entre êles, a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Grupo Escolar, etc.

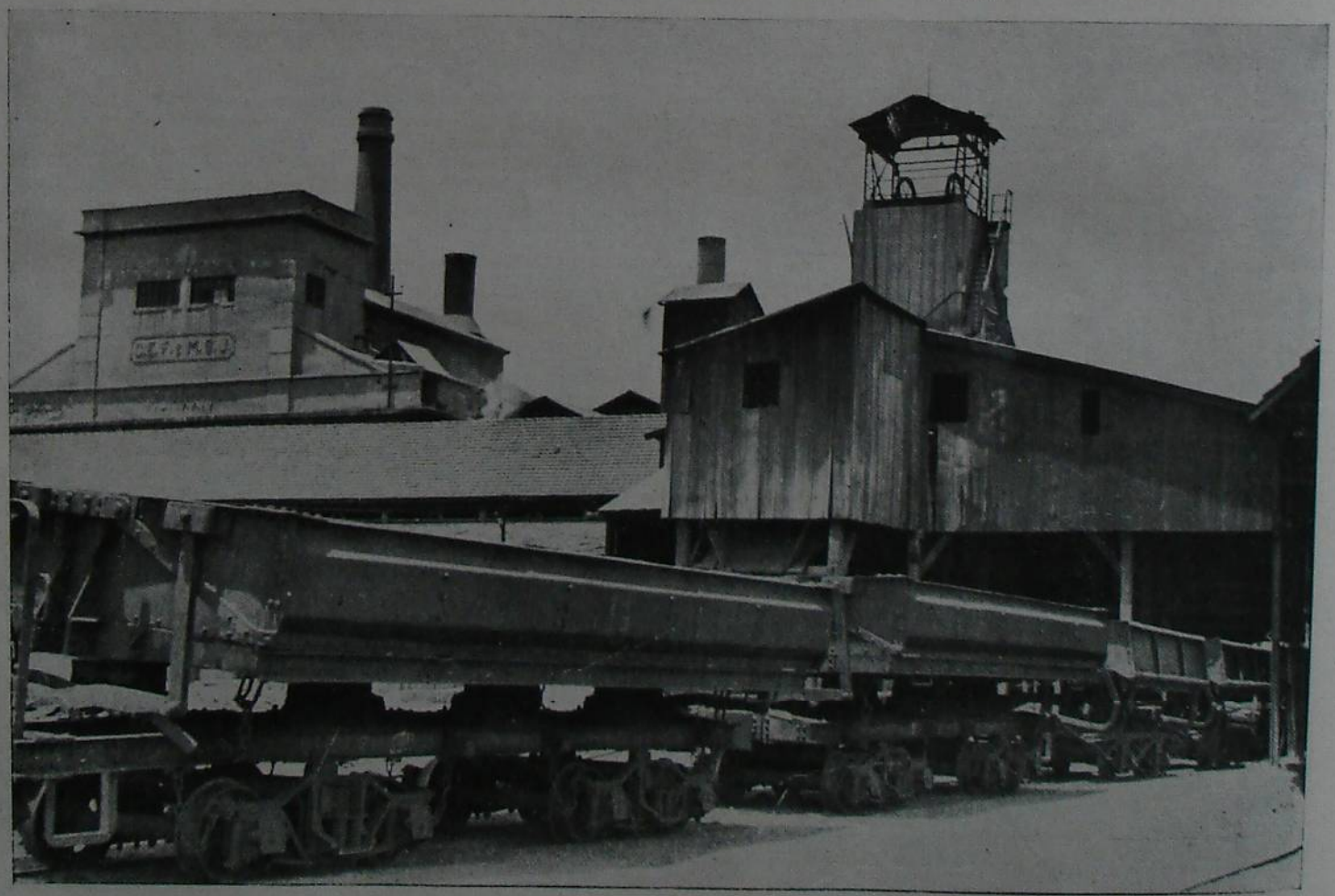
São Jerônimo é tôda iluminada à luz elétrica, possuindo um pequeno cais municipal, onde atracam diàriamente os vapores que fazem a linha do rio Jacuí e Taquarí.

A sua vida social e cultural encontra-se em pleno desenvolvimento, sendo representada por grande número de clubes recreativos, desportivos, culturais, beneficientes, cívico-militares, etc., entidades em pleno funcionamento, com grande número de associados.

A instrução, eficazmente amparada pelos poderes públicos, conta com várias escolas tanto públicas como particulares, com elevada população escolar de ambos os sexos. Entre os seus estabelecimentos de ensino destaca-se o Grupo Escolar "Castro Alves", com um brilhante corpo docente que ministra o ensino primário a várias dezenas de crianças.

A indústria e o comércio, representadas por vários estabelecimentos comerciais e industriais, vem se desenvolvendo num ritmo de trabalho e prosperidade, destacando-se, entre as diversas organizações, o Engenho União, que gira com avultado capital.

E' seu prefeito atual o dr. Alfredo Simch, infatigável batalhador pelo progresso e desenvolvimento de São Jerônimo, que vem governando a comuna com os aplausos unânimes de sua população.



SÃO JERÔNIMO — MUNICÍPIO CARBONÍFERO. Cenário típico dos centros de beneficiamento e transporte do carvão de pedra.

SÃO JOSÉ DO NORTE

REGIÃO: Litoral — LATITUDE S.: 32°00'50" — LONGITUDE W. Gr.: 52°05'35" — LIMITES: ao N.: Osório; a L.: Oceano Atlântico; a O.: Lagoa dos Patos; ao S.: barra do Rio Grande.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.957 km² — Altitude da sede, 2 m — Distância da Cap. em linha reta, 237 km — População urbana, 1.080 — População rural, 16.420 — População total, 17.500 — Densidade por km², 4,42 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,52 — Crescimento natural, 331.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 1.376 ha — Valor total da produção, 7.127:200$ — 1.º produto: cebola: Área cultivada, 975 ha; Produção, 11.700 ton; Valor, 7.020:000$ — 2.º produto: milho: Área cultivada, 386 ha; Produção, 386 ton; Valor, 77:200$ — 3.º produto: batata inglesa: Área cultivada, 15 ha; Produção, 150 ton; Valor, 30:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 71.100; Ovinos, suínos e caprinos, 54.970 — Produção em quilos, de banha, 14.340; de lãs, 52.770 — Meios de transporte: Veículos a motor, 41; Veículos a fôrça animada, 483.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 25 — Rec. arrecadada: estadual, 625:650$2; municipal, 591:703$4 — Despesas com: Ensino e cultura, 76:405$; Saúde Pública, 14:149$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1737 — Origem da colonização do município.
1763 — Fundação da vila pelas populações retirantes de Rio Grande.
1820 — 18-4 — Elevação à categoria de paróquia.
1831 — 25-10 — Elevação à categoria de vila.
1841 — 31-7 — Condecorada com o título de "Heróica".

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Litoral. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações sedimentares. HIDROGRAFIA — arroios: Barra Falsa e Barquinho; passos: Traíras, Bojurú, Enforcados, Mostardas, Curral, Falso, etc.; lagoas: dos Patos, Rosinha, Juncal, Doce, etc. OROGRAFIA — Dunas e Medões. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de São José do Norte, sede do município do mesmo nome, está edificada sôbre à margem esquerda do canal do Rio Grande, defronte à cidade dêste nome, com um agradável aspecto.

As suas artérias largas e seus logradouros públicos bem cuidados emprestam à cidade uma fisionomia mais atraente. Entre suas ruas mais importantes, contam-se General Osório, General Bento Gonçalves, Conde Pôrto Alegre, Marechal Deodoro, destacando-se também, como mais importantes, as praças 15 de Novembro e 13 de Maio.

A edificação, geralmente, é boa, sendo seus edifícios principais a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o templo protestante, a loja maçônica, etc., além de numerosos prédios de propriedade privada.

A vida social e cultural de São José do Norte encontra-se num período de grande desenvolvimento, existindo várias entidades recreativas, de classe, beneficientes, culturais, desportivas, etc., as quais funcionam com elevada matrícula de associados.

A cidade, iluminada à luz elétrica, está ligada a Rio Grande por meio de um serviço de lanchas que trafegam a todo o momento. Possue excelente pôrto, onde podem ancorar tôdas as embarcações que transpõem a barra do Estado.

O ensino e a saúde pública, eficazmente auxiliados pelas autoridades competentes, vêm desempenhando, cabalmente, suas finalidades. Existem várias escolas públicas e particulares com elevada população escolar de ambos os sexos, bem como postos encarregados de manterem em excelentes condições o estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio de São José do Norte marcham, ombro a ombro, na mesma senda de prosperidade e desenvolvimento de suas atividades.

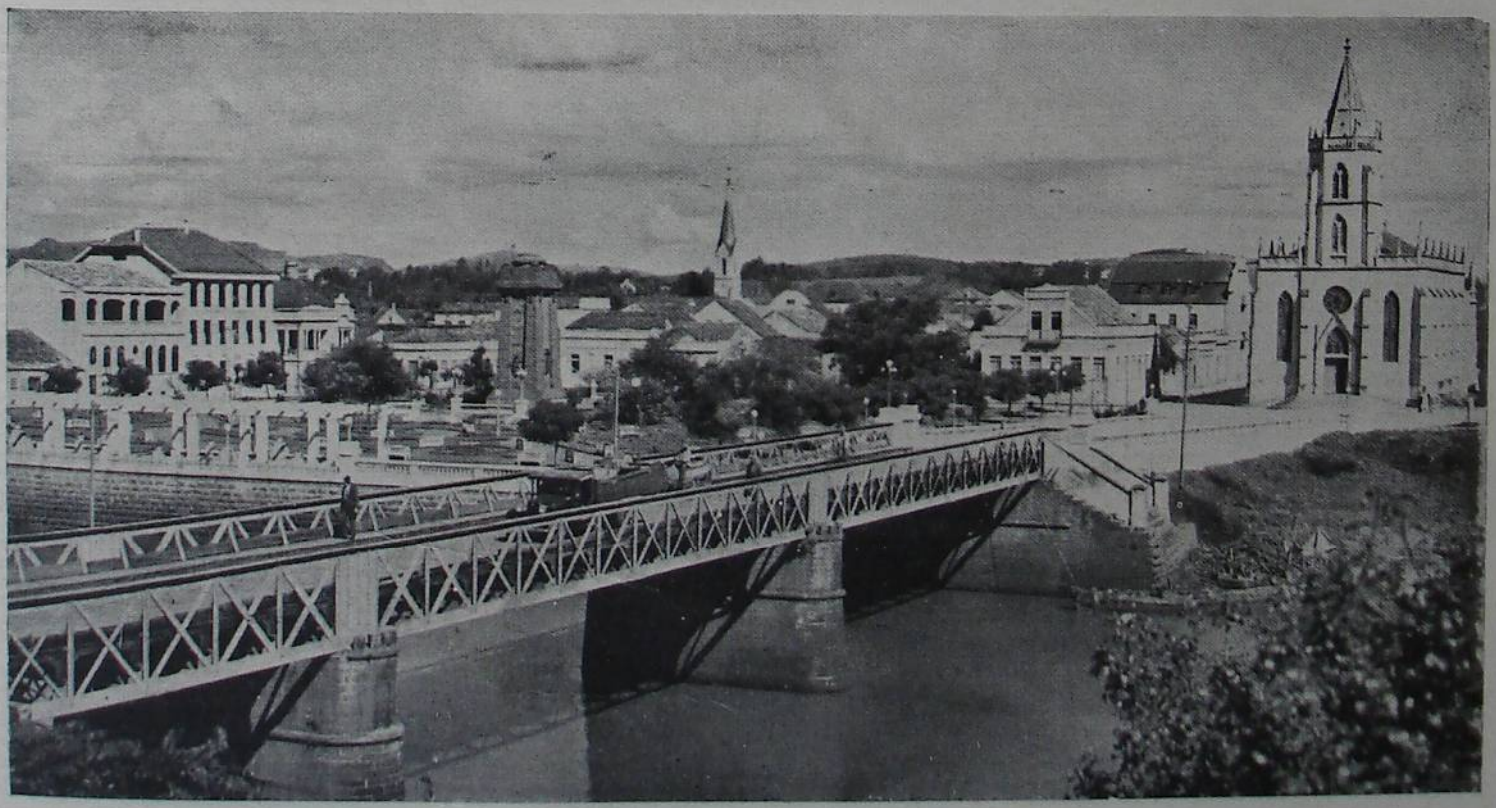
A atual administração, sàbiamente orientada pelo seu dinâmico prefeito, o dr. Otto Brodt Filho, vem dando a São José do Norte uma era de franco progresso, sob os mais gerais encômios de sua população.

Itinerário de São José do Norte

A PÔRTO ALEGRE: VAPOR 246 km.
A OSÓRIO: RODOVIA 447 km (pela praia).
A RIO GRANDE: VAPOR 3 km.

SÃO LEOPOLDO

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°46'10" — LONGITUDE W. Gr.: 51°13'54" — LIMITES: ao N.: Caí; ao S.: Canoas; a L.: Taquara; a O.: Caí.



SÃO LEOPOLDO — Ponte sôbre o rio dos Sinos e vista parcial da cidade.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.050 km² — Altitude da sede, 26 m — Distância da Cap. em linha reta, 27 km — População urbana, 14.100 — População rural, 38.400 — População total, 52.500 — Densidade por km², 50,00 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,56 — Crescimento natural, 752.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 13.426 ha — Valor total da produção, 7.199:830$ — 1.º produto: batata inglesa; Área cultivada, 2.363 ha; Produção, 9.452 toneladas; Valor, 1.890:400$ — 2.º produto: feijão; Área cultivada, 3.867 ha; Produção, 4.640 ton; Valor, 1.392:000$ — 3.º produto: mandioca; Área cultivada, 2.504 ha; Produção, 12.520 ton; Valor, 1.252:000$ — Produtos trnsformados (quantid. e valor): Vinho, 4.680 lt; 2:808$; Aguardente, 253.400 lt; 101:360$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Eovinos, eqüinos e asininos, 31.800; Ovinos, suínos e caprinos, 64.880 — Produção em quilos, de graxa, 380.910; de banha, 156.240.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 325 — Capital invertido, 32.676:011$ — Operários, 3.447 — Fôrça motriz em HP, 3.383,27 — Valor da produção, 55.724:896$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 543; Veículos a fôrça animada, 2.250.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 10; Aulas estaduais, 22; Aulas municipais, 68; Aulas Regimentais, 3; Colégios particulares, 23 — Asilos e recolhimentos, 1 — Sociedades beneficentes, 1 — Instituïções de Caridade, 1 — Associações de Classe, 4 — Sindicatos, 7 — Receita arrecadada: federal, 7.123:100$; estadual, 2.847:889$; municipal, 4:438:017$ — Desp. c.: Ensino e cultura, 184:227$; Saúde Pública, 247:575$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1824 — Foi fundada a colônia, sob a proteção de S.M.I. D. Leopoldina, se bem a comuna começasse a ser povoada no início do século XIX. No entretanto, a data marginada, é considerada como a da sua origem.

1827 — Foi elevada à categoria de Capela curada.

1846 — 27-5 — Elevada a paróquia e, em 31 de Março do mesmo ano, a vila.

1864 — 12-4 — Foi São Leopoldo elevado à categoria de cidade.

1871 — A sede da comuna é ligada à capital do Estado por uma estrada de ferro.

1874 — Verificou-se na comuna um dos episódios mais marcantes de sua história: a Revolta dos "Muckers".

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No vale do rio dos Sinos, na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Encontra-se grês, mais ou menos perturbado, e cadeias de melafiro. HIDROGRAFIA — rios: Sinos, Cadeia, Sapucaia, Sapiranga, Portão, Grande da Bica e outros; conta com os portos de São Leopoldo, Carioca, Tronqueiras e Três Portos; com várias cascatas, destacando-se a dos 48 e do Herval, com 100 metros de altura; OROGRAFIA — Contrafortes da Serra do Mar, com as denominações de Canela, Ferrabrás, Itacolomi, Santa Cruz, Bom Jardim, Cabeça de Pedra, Sapucaia, Dois Irmãos, Bugres, Quebra-Cangalhas, Lomba Grande e outros. CLIMA — Agradável.

A CIDADE

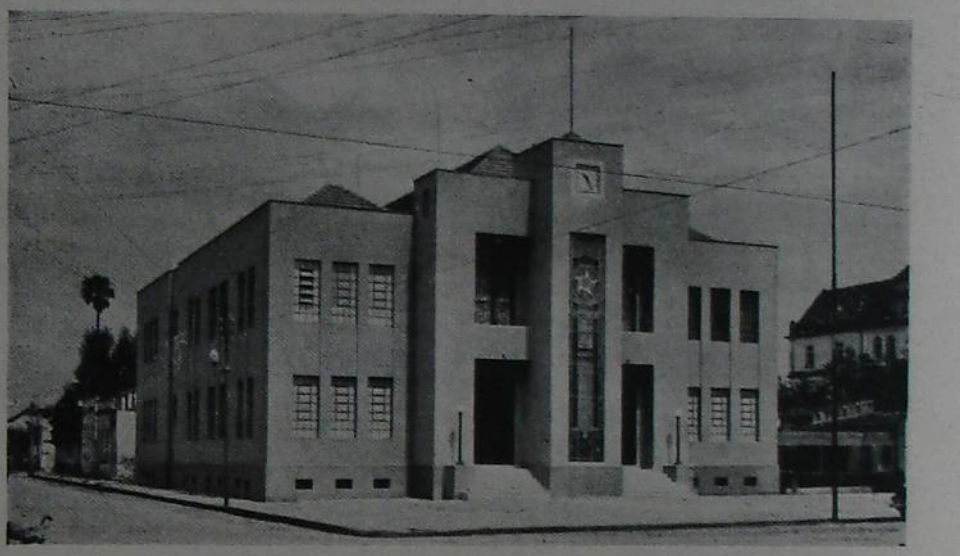
A cidade de São Leopoldo, sede da comuna e da comarca de igual nome, está construída à margem esquerda do rio dos Sinos, e é uma das cidades mais lindas e progressistas do Rio Grande do Sul.

São Leopoldo conta com numerosas ruas amplas e calçadas, bem como vários logradouros públicos, todos bem cuidados e ajardinados que dão à cidade um magnífico e agradável aspecto. Dentre as suas principais artérias citam-se a Avenida Independência, a Marquês do Herval, Lindolfo Color, Bento Gonçalves, e muitas outras. Dos seus logradouros públicos, destaca-se em primeiro plano a grande Praça Centenário, magnificamente ajardinada, com um lindo "belvedere", e marginando uma grande extensão do rio dos Sinos.

A sua edificação é excelente. Conta São Leopoldo com numerosos edifícios, tanto públicos como particulares, de construção modernissima que dão à cidade um aspecto de grande centro. Dentre seus principais prédios citam-se a Prefeitura Municipal, recentemente inaugurada e de construção ultra-moderna; a igreja matriz, os templos protestantes, o Seminário Sinodal e o Seminário Central da Imaculada Conceição, os quartéis das unidades federais, a Sociedade Ginástica, o Grupo Escolar, etc.

A vida social e cultural de São Leopoldo encontra-se num elevado grau de adiantamento. Conta com inúmeras entidades recreativas, desportivas, de classe, culturais, beneficientes, cívico-militares, etc. Entre essas agremiações, destacam-se a Associação Comercial, congregando a quasi unanimidade dos comerciantes da cidade e propugnando pelos seus interêsses; a Sociedade Ginástica, instalada em sede própria, e com elevada matrícula de associados, atualmente sob a dinâmica orientação de seu presidente, o sr. Carlos F. Bier; além de outras, tôdas possuindo um precioso patrimônio moral, social e material.

São Leopoldo é tôda iluminada à luz elétrica e possue um movimento urbano comparável aos grandes centros. Conta com vários cafés, bares, restaurantes, hotéis, cinemas, teatros, etc.



Prefeitura Municipal.

A instrução em São Leopoldo atingiu ao mais alto índice de adiantamento. São inúmeros os estabelecimentos de ensino, primários, secundários e superiores, que existem, e são freqüentados por elevadíssima população escolar não só da cidade pròpriamente dita, como também de outras vizinhas. Dentre os seus principais educandários, citam-se o Grupo Escolar "Visconde de São Leopoldo", instalado magnificamente em prédio apropriado; o Seminário Sinodal, o Seminário Central da Imaculada Conceição, o Colégio São José, além de outros que administram o ensino a centenas de alunos de ambos os sexos. Existe, também, o Instituto de Ensino Comercial, com elevada matrícula de alunos.

São Leopoldo é sede de várias unidades federais — o 8.º Batalhão de Caçadores, um Regimento de Artilharia Mixta e uma Companhia Independente de Transmissões. Funciona, também, na cidade, anexa ao Sport Clube Nacional, a Escola de Instrução Militar 408, instituída em 10-3-1939, com elevada matrícula de candidatos à reserva de nosso glorioso Exército. A referida escola de instrução obedece à direção do sr. Carlos Silva, e é, como dissemos, mantida pelo Sport Clube Nacional, cujo presidente é o sr. Mário Scherer.



Monumento na Praça Centenário.

Próximo a São Leopoldo encontram-se dois núcleos, relativamente populosos e muito progressistas — Sapucaia que conta com o Grupo Estar Sapucaia, magnificamente instalado e com elevada população escolar de ambos os sexos; e Sapiranga, onde funciona o Tiro de Guerra 244, fundado em 1936, a 23 de agôsto, sendo seu presidente o coronel Teodomiro Pôrto da Fonseca, prefeito da comuna, e presidente efetivo o capitão João Correia, exercendo o cargo de instrutor o 1.º sargento do QI Juvenal Nascimento de Araújo.

A saúde pública tem merecido dos poderes competentes os mais desvelados cuidados, contando a cidade com um pôsto de higiene e vários outros órgãos que zelam satisfatòriamente pelo bom estado sanitário da coletividade leopoldense.

A indústria de São Leopoldo é uma das mais adiantadas do Rio Grande do Sul, contando com numerosas fábricas dos mais variados produtos, sendo mesmo São Leopoldo considerado um dos primeiros parques industriais riograndenses.

O comércio, por sua vez, marcha ao lado da indústria; é intenso e sólido, girando com avultados capitais. Ambos êsses setores da economia leopoldense encontram-se no mais franco progresso e prosperidade.

Deve São Leopoldo o seu notável surto de progresso, sem favor algum, ao seu dinâmico prefeito, o coronel Teodomiro Pôrto da Fonseca, que já há alguns anos o vem dirigindo proficuamente, dentro de política sã de brasilidade e, cooperando, com seu infatigável esfôrço, para a maior grandeza da coletividade leopoldense.

O ALTO ÍNDICE DO ENSINO LEOPOLDENSE

COLÉGIO SÃO JOSÉ DE SÃO LEOPOLDO

Em São Leopoldo, numa elevação a leste da cidade, ergueu-se, desde 1930, um edifício muito vasto, de linhas singelas, circundado de jardins, de alamedas e de pomares. Separa-o dos trilhos da estrada de ferro, ameno bosque de vetustas àrvores acolhedoras.

O Colégio São José que, no outro extremo da cidade, desde a data de sua fundação 2 de abril de 1872, começara fecundo magistério, transferiu-se para aquela colina, buscando mais tranqüilidade para o espírito das estudantes, maior espaço para a atividade escolar, e desafogado terreno onde, à vontade, se pudessem as alunas expandir em saüdáveis recreios. Alí, longe do ruído da vida urbana, entregam-se anualmente, desde 1930, à conquista do diploma de alunas-mestras, mais de duas centenas de mocinhas, nos três anos do Curso Complementar.

Em preparação à entrada nesse Curso, outro bando de meninas — mais de um cento — cumprem o programa elementar.

O corpo docente tem, em sua maioria, a formação pelo ensino secundário dos ginásios e escolas complementares do Estado.

O Colégio São José, desde sua fundação até 1930, data de sua equiparação às Escolas Complementares do Estado, mantinha um curso de 10 anos. Nos seis primeiros anos ministrava-se o ensino primário e nos quatro restantes, o ensino secundário. Além dos cursos acima mencionados, o Colégio mantem cursos de música (piano, teoria e solfêjo) e instrumentos de corda, curso de datilografia, de pintura e desenho e curso de corte e costura.



O Colégio São José, dirigido pelas Irmãs Franciscanas.

O Colégio tem um gabinete dentário modernamente instalado, gabinete médico, enfermaria e farmácia.

Dispõe de 9 extintores de incêndio, distribuídos adequadamente.

A iluminação natural corresponde às prescrições da higiene e a artificial é elétrica e abundante.

Há 11 salas de aula, com área de 90 m², o auditório, biblioteca, sala de ciências naturais, sala de desenho e pintura, sala de desenho e pintura, sala de material didático, sala de administração.

O Centro de Culto Cívico, fundado neste estabelecimento em 1930, foi êste ano remodelado nas bases do decreto-lei n.º 4101 de 9 de fevereiro de 1942.

De 1930 até a data presente, 385 moças conseguiram o diploma de aluna-mestra.

Destas, a maioria exerce o magistério público ou particular, aplicando os métodos da Escola Nova.

A matrícula neste ano é de 314 alunas.

SEMINÁRIO CENTRAL DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Não seria completo o setor educacional de São Leopoldo, cujo índice de cultura está colocado entre os primeiros do nosso Estado, se a êle faltasse o ensino eclesiástico.

E, como êle é completo, figura, entre os seus inúmeros educandários, o grande Seminário Central da Imaculada Conceição, inaugurado em 11 de Março de 1.913, sob a sábia direção dos padres Jesuítas.

Êsse estabelecimento de ensino, que conta com 300 alunos, provindos, principalmente, dêste Estado, bem como de Santa Catarina e Paraná, tem por finalidade ministrar o ensino acadêmico aos que aspiram ao sacerdócio.

O seu vasto programa de estudos abrange os cursos de filosofia e teologia, contando entre os seus formados vários arcebispos, bispos, além de 11 monsenhores e 15 cônegos capitulares e honorários.

O Seminário Central veio substituir o ex-Ginásio Conceição, famoso pelo seu padrão de ensino, e no qual se educaram não poucas personagens de vasta projeção na sociedade hodierna.

Eis por que afirmamos que o setor educacional de São Leopoldo nada deve aos mais adiantados centros educativos do país, pois pode se ufanar que possue, entre os seus educandários, um estabelecimento como o é o Seminário Central da Imaculada Conceição.

GINÁSIO SINODAL, DO SÍNODO RIOGRANDENSE

Inegàvelmente, é o setor educacional de São Leopoldo uma honra para o nosso Estado, pois tanto o ensino primário, como o secundário estão brilhantemente representados por seus inúmeros educandários.

E, figurando entre êsses, destaca-se, sem favor algum, o Ginásio Sinodal, fundado em 1.937, por ocasião do 50.º jubileu da fundação do Sínodo Riograndense, realizando-se, assim, o que era um velho anelo da população evangélica, sendo o único estabelecimento de ensino secundário oficializado da Igreja Evangélica do Rio Grande do Sul.

Magnificamente instalado em edifício próprio e em lugar aprazível, o Ginásio Sinodal, oficializado pelo ministério da Educação, sob a direção, desde a sua fundação, do pastor Rodolfo Saenger, veio preencher uma das poucas lacunas que se fazia sentir no setor educacional leopoldense.

Possue, além dos diversos cursos pedagógicos, vários cursos práticos de educação física bem como um grupo de aeromodelismo e, ainda mais, um centro cívico literário, cujo patrono é o grande Tobias Barreto.

O Ginásio Sinodal, por todos êsses motivos, é um estabelecimento de ensino que, segundo o laudo das altas autoridades educacionais do Estado e da União, honra não só o ensino em São Leopoldo, mas também o do Rio Grande do Sul e, quiçá, o Brasil.



SÃO LOURENÇO

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 31°23'20" — LONGITUDE W. Gr.: 52°04'51" — LIMITES: ao N.: Camaquã; ao S.: Pelotas; a L.: lagoa dos Patos; a O.: Cangussú.

Dados geo-demográficos

Superfície, 2.250 km² — Altitude da sede, 25 m — Distância da Cap. em linha reta, 166 km — População urbana, 4.250 — População rural, 24.350 — População total, 28.600 — Densidade por km², 12.71 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,85 — Crescimento natural, 465.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 22.779 ha — Valor total da produção, 22.112:800$ — 1.° produto: batata inglesa: Área cultivada, 3.740 ha; Produção, 22.440 ton; Valor, 8.976:000$ — 2.° produto: arroz: Área cultivada, 6.624 ha; Produção, 16.560 ton; Valor, 6.458:400$ — 3.° produto: milho: Área cultivada, 6.200 ha; Produção, 6.200 ton; Valor, 1.860:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Aguardente, 15.870 lt; 7:435$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 55.170; Ovinos, suínos e caprinos, 46.290 — Produção em quilos, de graxa, 36.910; de banha, 28.800; de lãs, 19.670.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 155 — Capital invertido, 1.933:700$ — Operários, 276 — Fôrça motriz em HP, 378 — Valor da produção, 6.503:207$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 130; Veículos a fôrça animada, 2.583.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 15; Colégios particulares, 37 — Hospitais, 2 — Associações de Classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 245:322$7; estadual, 1.190:012$3; municipal, 704:186$9 — Despesas com: Ensino e cultura, 47:118$; Saúde pública, 8:899$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1830 — Data do início da colonização da comuna.
1876 — 29-4 — Criada a paróquia de São Lourenço.
1884 — 26-4 — Elevada à categoria de vila, pela lei n.° 1.449, sendo instalada em 11-2-1886.
1889 — 28-6 — Perde a categoria de vila que foi restaurada em 15-2-1890.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações primitivas, recente e de natureza granítica-gnéissica. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Camaquã, Grande do Norte, Grande do Sul, Sapato, Moinho, São Lourenço e outros; banhados: o Grande; passos: Mendonça, Divisa, Baios, etc.; lagoas: a dos Patos; portos: São Lourenço e do Camaquã. OROGRAFIA — Serra dos Tapes, com as denominações de serra dos Abreus, cochilha Negra, serra Velha; morros: Boa Vista, Negros, Chato e Alegre. CLIMA — Excelente.

A CIDADE

A cidade de São Lourenço, sede da comuna do mesmo nome, está construída à margem do arroio de seu nome, apresentando um aspecto agradável.

As suas artérias, amplas e alinhadas, bem como os seus logradouros públicos, bem cuidados e arborizados, emprestam à cidade uma fisionomia simpática e atraente.

A edificação é geralmente boa, contando com vários prédios excelentes, entre os quais se destacam a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Banco do Rio Grande do Sul, o templo luterano, etc., bem como inúmeros outros edifícios de propriedade de particulares.

A vida social e cultural de São Lourenço já alcançou a um elevado grau de adiantamento. Existe grande número de grêmios recreativos, desportivos, culturais, beneficientes, de classe, etc., entidades essas que possuem uma grande bagagem de louváveis iniciativas.



Aspecto do pôrto de embarque de carvão.

A cidade possue um bem movimentado pôrto fluvial e é tôda iluminada à luz elétrica, contando com intensa vida urbana, com seus cafés, bares, hotéis, cinemas, etc.

A saúde pública, bem como o ensino, tanto público como particular, encontram-se amparados pelos poderes competentes, em pleno desenvolvimento. São inúmeras as escolas que ministram o ensino a uma grande população escolar, bem como os postos incumbidos de manterem o ótimo estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria são bem movimentados, contando com sólidos estabelecimentos comerciais e industriais em franca prosperidade.

Encontra-se, atualmente, à frente de seus destinos, o infatigável prefeito, dr. Nestor Jost, que vem dando a São Lourenço uma fase de renovação e de grande progresso.

SÃO LUIZ GONZAGA

REGIÃO: Missões — LATITUDE S.: 28°23'53" — LONGITUDE W. Gr.: 54°58'18" — LIMITES: ao N.: Rep. Argentina e Santa Rosa; a L.: Santo Ângelo; ao S.: Santiago; a O.: São Borja.

Dados geo-demográficos

Superfície, 6.725 km² — Altitude da sede, 260 m — Distância da Cap. em linha reta, 403 km — População urbana, 6.240 — População rural, 55.560 — População total, 61.800 — Densidade por km², 9,18 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,84 — Crescimento natural, 1.037.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 65.512 ha — Valor total da produção, 26.828:120$ — 1.° produto: milho: Área cultivada, 36.630 ha; Produção, 43.956 ton; Valor, 8.791:200$ — 2.° produto: mandioca: Área cultivada, 14.000 ha; Produção, 84.000 ton; Valor, 8.400:000$ — 3.° produto: fumo: Área cultivada, 1.324 ha; Produção, 1192 ton; Valor, 2.384:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor): Vinho, 20.130 lt; 12:078$; Aguardente, 840.000 lt; 420:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 175.600; Ovinos, suínos e caprinos, 167.900 — Produção em quilos, de graxa, 36.520; de banha, 466.720; de lãs, 52.800.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 285 — Capital invertido, 2.137:950$ — Operários, 365 — Fôrça motriz em HP, 189 — Valor da produção, 2.379:206$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 120; Veículos a fôrça animada, 1.888.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 15; Colégios particulares, 37 — Hospitais, 3 — Instituições de Caridade, 1 — Associações de Classe, 4 — Receita arrecadada: federal, 370:301$; estad., 1.676:308$; municipal, 697:366$ — Despesas com: Ensino e cultura, 58:608$; Saúde pública, 6:538$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1720 — Data do início da colonização da comuna.
1817 — 13-10 — Criação da vila de São Luiz.
1859 — 8-1.º — Elevada à categoria de freguesia, por lei provincial.
1880 — Elevada à categoria de vila.
1902 — 12-3 — Elevada à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Nas Missões. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação terciária. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia ocidental do Estado; rios e arroios: Uruguai, Ijuí, Comandaí, Piratiní, Caçador, Camaquã, Pirajú, Cinamomo, Sabugo, etc.; passos: Sommer, Cirino, Gramado, Quaresma e outros; lagoas: do Marques. OROGRAFIA — Serras do Inhacorutú e Pirapó e os cerros Azul e Pelado. CLIMA — Temperado e saüdável, temperatura média anual 19,1 graus centígrados.

A CIDADE

A cidade de São Luiz sede da comuna e da comarca de igual nome, está situada próximo ao arroio Ximbucú, apresentando um bonito aspecto.

As suas ruas amplas, algumas arborizadas, bem como seus logradouros públicos, todos ajardinados, dão à cidade uma fisionomia mais agradável.

Entre suas principais artérias, destacam-se Senador Pinheiro e General Salvador, sendo a sua principal praça a da Matriz, em cujo centro se ergue a herma do saüdoso senador Pinheiro Machado.

A edificação de São Luiz é geralmente boa, contando alguns prédios públicos e particulares de excelente construção e mesmo modernos.

Dentre seus edifícios principais, citam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Grupo Escolar "Senador Pinheiro Machado", o Aprendizado Agrícola, os quartéis das unidades federal e estadual, etc.

São Luiz é tôda iluminada à luz elétrica e conta com um bom movimento urbano, existindo, na cidade, inúmeros cafés, bares, restaurantes, hotéis, cinemas, teatros, etc.

A sua vida social e cultural está bastante adiantada, pois são várias as suas agremiações, quer sejam recreativas ou culturais, desportivas ou de classe, cívico-militares ou beneficientes, tôdas elas em pleno funcionamento, com elevado número de associados.

O ensino e a saúde pública, com o eficaz apôio dos poderes competentes, vêm se desenvolvendo muito em seus setores de atividades. Várias escolas funcionam com grande matrícula de alunos de ambos os sexos, destacando-se, entre seus educandários, o Grupo Escolar "Senador Pinheiro Machado", magnificamente instalado e ministrando o ensino a uma grande população escolar. Existem, também, na cidade, vários órgãos destinados a zelarem pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria de São Luiz marcham, par a par, num crescente progresso e na mais franca prosperidade, contando com vários estabelecimentos comerciais e industriais, de firmada reputação.

A sua administração vem sendo dirigida com proficiência pelo seu dinâmico prefeito, o sr. Gustavo Langsch, que fará, em breve, de São Luiz uma das grandes cidades do Rio Grande do Sul.

S Ã O P E D R O

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 29°37'04" — LONGITUDE W. Gr.: 54°10'44" — LIMITES: ao N.: Tupanciretã, Júlio de Castilhos e S. Vicente; ao S.: S. Vicente e Santa Maria; a L.: Santa Maria; a O.: S. Vicente.

Dados geo-demográficos

Superfície, 895 km² — Altitude da sede, 150 m — Distância da Cap. em linha reta, 297 km — População urbana, 2.400 — População rural, 13.200 — População total, 15.600 — Densidade por km², 17,43 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,46 — Crescimento natural, 186.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 10.558,5 ha — Valor total da produção, 5.348:410$ — 1.º produto: alfafa: Área cultivada, 1.381 ha; Produção, 9.667 ton; Valor, 2.416:750$ — 2.º produto: arroz: Área cultivada, 824 ha; Produção, 2.307 ton; Valor, 784:380$ — 3.º produto: milho: Área cultivada, 3.995 ha; Produção, 4.794 ton; Valor, 719:100$ — Produtos transformados (quantidade e valor): Vinho, 10.130 lt; 6:078$; Aguardente, 158.200 lt; 79:100$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 33.240; Ovinos, suínos e caprinos, 17.540 — Produção em quilos, de graxa, 11.490; de banha, 145.640.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 111 — Capital invertido, 1.458:700$ — Operários, 369 — Fôrça motriz HP, 233 — Valor da produção, 1.951:008$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 31; Veículos a fôrça animada, 345.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 3; Aulas municipais, 19; Colégios particulares, 5 — Hospitais, 1 — Instituïções de Caridade, 1 — Associações de Classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 123:928$6; estadual, 406:056$2; municipal, 225:003$2 — Despesas com: Ensino e cultura, 24:673$; Saúde Pública, 5:446$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1865 — 11-9 — Início da colonização da atual comuna.
1926 — Data da criação da vila.
1939 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Ibicuí, Toropí, Guassupí, Catanduva, etc. OROGRAFIA — Serra Geral, com várias denominações. CLIMA — Saüdável.

A CIDADE

A cidade de São Pedro, sede da comuna do mesmo nome, está construída sôbre um plano topográfico excelente, que dá à cidade um aspecto agradável.

São Pedro, uma das cidades mais novas da comunhão riograndense, conta com várias ruas, tôdas amplas e alinhadas, bem como algumas praças arborizadas e bem cuidadas, citando-se, entre aquelas, as ruas 15 de Novembro e do Comércio, sendo que o seu principal logradouro público encontra-se em pleno coração da cidade.

A sua edificação é em geral ótima, contando com inúmeros prédios públicos e particulares, salientando-se, entre êles, a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, Clube União, Loja Maçônica, o templo protestante, além de vários prédios particulares, alguns mesmo de construção moderna.

A vida social e cultural de São Pedro encontra-se em pleno desenvolvimento, contando com várias agremiações de classe, recreativas, cívico-militares, culturais, beneficientes e desportivas, associações estas que funcionam com numerosos associados, com precioso patrimônio moral e material.

A cidade de São Pedro, que é tôda iluminada à luz elétrica, possue, também, um grande movimento urbano, graças aos seus cafés, bares, restaurantes, hotéis e centros de diversões que são inúmeros.

São Pedro, como as demais cidades gaúchas, tem tido grande carinho na solução de seu problema educacional, contando com várias escolas públicas e particulares, com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos.

Por sua vez, a saúde pública, também, vem merecendo franco apôio das autoridades responsáveis pelo bom estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio de São Pedro estão trabalhando com afinco, encontrando-se ambas em franca prosperidade e progresso.

E' seu atual administrador o dinâmico prefeito sr. Eduardo Lima Filho, que vem procurando dar a São Pedro o lugar que lhe compete entre as demais co-irmãs riograndenses.



A praça principal.

Itinerário de São Pedro:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 398 km (Até Santa Maria 56 km, Cachoeira 171 km, Rio Pardo 237 km, Barreto 326 km).
A SANTA MARIA: RODOVIA 42 km. TREM 56 km.
A JÚLIO DE CASTILHOS: RODOVIA 105 km. (Até Santa Maria 42 km). TREM 129 km (Até Santa Maria 56 km).
A TUPANCIRETÃ: RODOVIA 128 km (Até Santa Maria 42 km, Júlio de Castilhos 105 km). TREM 155 km (Até Santa Maria 56 km, Júlio de Castilhos 129 km).
A SÃO VICENTE: RODOVIA 30 km.

SÃO SEPÉ

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 30°08'20" — LONGITUDE W. Gr.: 53°41'51" — LIMITES: ao N.: Santa Maria; ao S.: Lavras e Caçapava; a L.: Cachoeira; a O.: São Gabriel.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.355 km² — Altitude da sede, 175 m — Distância da Cap. em linha reta, 227 km — População urbana, 1.960 — População rural, 19.440 — População total, 21.400 — Densidade por km², 6,37 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,63 — Crescimento natural, 225.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 5.667 ha — Valor total da produção, 4.087:680$ — 1.° produto: arroz: Área cultivada, 3.807; Produção, 7.614 ton; Valor, 2.969:460$ — 2.° produto: fumo: Área cultivada, 215 ha; Produção, 129 ton; Valor, 516:000$ — 3.° produto: feijão; Área cultivada, 708 ha; Produção, 779 ton; Valor; 296:020$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Aguardente, 13.100 lt; 6:550$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 152.630; Ovinos, suínos e caprinos, 69.120 — Produção em quilos, de graxa, 14.320; de banha, 37.560; de lãs, 118.200.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 37 — Capital invertido, 427:200$ — Operários, 50 — Fôrça motriz em HP, 128 — Valor da produção, 443:084$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 56; Veículos a fôrça animada, 507.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 32; Colégios particulares, 2 — Sociedades beneficentes, 1 — Receita arrecadada: federal, 95:775$2; estadual, 747:69787; municipal, 342:594$9 — Despesas com: Ensino e cultura, 56:300$; Saúde pública, 10:500$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1750 — Data da origem da colonização da comuna.
1850 — 7-12 — Elevação à categoria de freguesia.
1876 — 29-4 — Elevação à categoria de vila, por lei provincial n.° 1.029, e instalada em 15-3-1877.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Pertence às idades devoniana e permiana; grandes florações de ouro que se apresenta quasi puro. HIDROGRAFIA — rios: Vacacaí, São Sepé, Santa Bárbara; arroios: Trancoso, Três Passos, São Rafael e outros; passos: Rocha, Verde, Tunas, Alemães, Três Passos, etc.; lagoas: Davi, Marco, Junco, Bonita, Três Águas. OROGRAFIA — Serra do Herval, com as denominações de Cerrito do Ouro, Cêrca das Pedras, Cambaí, São Sepé, Formigueiro, etc.; cerros: Cantagalo, Cerrito do Ouro, Cria, etc. CLIMA — Saüdável.

A CIDADE

A cidade de São Sepé, sede da comuna de igual nome, está edificada numa planície, regada por diversos mananciais de pura linfa e à margem esquerda do arroio de seu nome.

As ruas são amplas e bem cuidadas, e seus logradouros públicos todos arborizados e alinhados dão à cidade um agradável aspecto.

A edificação de São Sepé é no geral boa, contando com inúmeros prédios públicos e particulares, entre os quais a Prefeitura Municipal, a igreja matriz de N. S. das Mercês, belo e moderno templo católico, o Clube Recreativo, a Loja Maçônica "Paz e Labor", etc.

A vida social e cultural da cidade de São Sepé está bastante adiantada, com várias associações culturais, recreativas, desportivas, cívico-militares, classistas, beneficientes, etc. Tôdas essas entidades, com elevada matrícula de associados, encontram-se em pleno funcionamento.

A instrução, tanto pública como particular, acha-se no mais franco desenvolvimento, com várias escolas funcionando com grande população escolar de ambos os sexos.

Por sua vez, a saúde pública vem sendo alvo de acurados cuidados por parte das autoridades responsáveis pelo bom estado sanitário da cidade, procurando atender a população de São Sepé com esmêro.

O comércio e a indústria de São Sepé encontra-se em franca prosperidade, contando com numerosos estabelecimentos comerciais e industriais, trabalhando intensamente e com um futuro muito promissor.

São Sepé encontra-se atualmente entregue à operosa administração do sr. João Carlos Osório Torres, que vem empregando o máximo de seus esforços para maior grandeza da coletividade de seus co-munícipes.

SÃO VICENTE

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 29°41'38" — LONGITUDE W. Gr.: 54°43'17" — LIMITES: ao N.: Jaguari; a L.: Tupanciretã, S. Pedro e Santa Maria; ao S.: S. Gabriel; a O.: S. Francisco de Assis, Rosário e Alegrete.

Dados geo-demográficos

Superfície, 2.562 km² — Altitude da sede, 118 m — Distância da Cap. em linha reta, 336 km — População urbana, 1.100 — População rural, 15.500 — População total, 16.600 — Densidade por km², 6,47 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,49 — Crescimento natural, 228.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 8.161 ha — Valor total da produção, 6.715:700$ — 1.° produto: arroz: Área cultivada, 4.500 ha; Produção, 13.500 ton; Valor, 4.900:000$ — 2.° produto: feijão: Área cultivada, 1.080 ha; Produção, 1.302 ton; Valor, 520:800$ — 3.° produto: alfafa: Área cultivada, 595 ha; Produção, 2.380 ton; Valor, 476:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 104.920; Ovinos, suínos e caprinos, 19.510 — Produção em quilos, de graxa, 12.960; de banha, 33.200; de lãs, 12.480.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 23 — Capital invertido, 348:800$ — Operários, 37 — Fôrça motriz em HP, 119 — Valor da produção, 607:264$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 29; Veículos a fôrça animada, 753.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 4; Escolas estaduais, 30; Colégios particulares, 1 — Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 147:952$; estadual, 529:339$; municipal, 326:788$ — Desp. com: Ensino e cultura, 43:608$; Saúde pública, 14:840$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1800 — Data do início da colonização da comuna.
1864 — 12-4 — Criação da freguesia, pela lei n.° 567.
1876 — 29-4 — Elevada à categoria de vila, instalando-se a primeira Câmara em 15-1.°-1883.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Ibicuí, Toropi, Jaguari; arroios: Cuchá, São Lucas, Salso, Divisa e outros. OROGRAFIA — Cochilhas: Umbú, Pau Fincado, Cacequí, etc.; cerros: Glória, Loreto, etc. CLIMA — Temperado e saüdável.

A CIDADE

A cidade de São Vicente, sede do município e da comarca de igual nome, está construída nas proximidades das cabeceiras do arroio Cuchá, apresentando um aspecto agradável.

As suas ruas, bem alinhadas e amplas, bem como sua praças arborizadas muito contribuem para que a cidade se torne mais simpática. Entre suas artérias principais, figuram a 7 de Setembro, Brasil, General Osório, 20 de Setembro, General Bento Martins, destacando-se, também, a praça 15 de Novembro, situada bem no coração da cidade.

A edificação, em geral, é boa, contando-se, entre seus edifícios principais, a Prefeitura Mucipal, a igreja matriz, o Clube Recreativo, etc., além de vários prédios particulares.

A vida social e cultural de São Vicente vem progredindo, dia a dia, existindo inúmeras entidades recreativas, culturais, desportivas, cívico-militares, beneficientes, de classe, etc., tôdas com uma grande bagagem de brilhantes iniciativas.

São Vicente, tôda iluminada à luz elétrica, possue, relativamente, um intenso movimento urbano, com seus cafés, hotéis, bares, e centros de diversões populares.

O ensino e a saúde pública vêm sendo cuidadosamente auxiliados pelas autoridades incumbidas de disseminarem o ensino e de zelarem pelo bom estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio, por sua vez, encontram-se em franco progresso, contando com estabelecimentos, comerciais e industriais, de sólida reputação.

O govêrno de São Vicente, entregue ao seu operoso prefeito, o dr. Marcelino Teixeira de Moraes, que o vem orientando sàbiamente, tem encontrado na população os seus melhores elogios.

S A R A N D Í

REGIÃO: Planalto Médio — LATITUDE S.: 28°15'39" — LONGITUDE W. Gr.: 52°24'33" — LIMITES: ao N.: Iraí e Est. de Santa Catarina; ao S.: Carasinho e Passo Fundo; a L.: Palmeira; a O.: José Bonifácio.

Dados geo-demográficos

Superfície, 3.300 km² — População urbana, 1.750 — População rural, 38.500 — População total, 40.250 — Densidade por km², 12,19 — Percentagem sôbre a população do Estado, 118.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 23.436 ha — Valor total da produção 9.957:000$ — 1.º produto: milho: Área cultivada, 14.000 ha; Produção, 25.200 ton; Valor, 5.040:000$ — 2.º produto: fumo: Área cultivada, 800 ha; Produção, 480 ton; Valor, 1.440:000$ — 3.º produto, trigo: Área cultivada, 4.000 ha; Produção, 2.000 ton; Valor, 1.400:000$000.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 50.500; Ovinos, suínos e caprínos, 122.470.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 275 — Meios de transporte: Veículos a motor, 117; Veículos a fôrça animada, 542.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 4; Colégios particulares, 59 — Hospitais, 3; Associações de classe, 1 — Receita arrecadada: estadual, 790:090$000; municipal, 395:487$000 — Despesas com: Ensino e cultura, 42:300$000.



A cidade de Sarandí, uma das mais novas da comunhão rio grandense.

SÍNTESE HISTÓRICA

1900 — Data do início da colonização da atual comuna.

1938 — Elevação a município autônomo.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Médio. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Bonito, Turvo, Baitaca, do Peixe, etc. OROGRAFIA — Cochilha Grande, com várias denominações.

A CIDADE

A cidade de Sarandí, sede da comuna do mesmo nome, é uma das mais novas da comunhão riograndense, possuindo a feição característica das cidades serranas.

As suas ruas são amplas, bem alinhadas e algumas arborizadas, bem como seus logradouros públicos, todos bem cuidados e alguns ajardinados, emprestando à novel cidade uma fisionomia agradável.

A edificação é geralmente boa, contando com alguns prédios públicos e particulares, de excelente construção, entre os quais a Prefeitura Municipal, a igreja matriz de N. S. de Lourdes, o Clube Comercial, etc.

Sarandí, a-pesar-de sua pouca idade, apresenta um grande movimento urbano, contando com vários cafés, bares, restaurantes, hotéis centros de diversões populares, etc. E' tôda iluminada à luz elétrica. Em suas proximidades encontram-se as águas da Rondinha, com propriedades bastante apreciadas, embora, ainda, não estejam exploradas turisticamente.



A beleza da païsagem de Sarandí.

A sua vida social e cultural encontra-se em grande progresso, sendo inúmeras as entidades recreativas, desportivas, culturais, cívico-militares, de classe, beneficientes, etc., que funcionam na cidade, com elevado número de associados, todos propugnando pelo bem-estar de seus consócios. Dentre as entidades referidas, cita-se a Associação Comercial, à qual estão filiados todos os comerciantes de Sarandí e da qual têm recebido a mais valiosa cooperação em favor de seus interêsses.

O ensino, contando com várias escolas, públicas e particulares, vem merecendo dos poderes competentes o mais decidido apôio e auxílio, contando os seus inúmeros estabelecimentos de ensino com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos.

Entre os seus estabelecimentos de ensino, cita-se o Grupo Escolar "Dr. João Carlos", que ministra o ensino primário a várias dezenas de crianças de ambos os sexos.

Por outro lado, a saúde pública, também, eficazmente auxiliada pelas autoridades responsáveis, vem desempenhando suas finalidades e zelando pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria de Sarandí vem se desenvolvendo a par do progresso dêsses setores, cooperando para a maior grandeza de sua riqueza econômica.

Os destinos de Sarandí estão, atualmente, entregues à dinâmica orientação de seu prefeito, o engenheiro Wolmar Franco, que vem empregando o máximo de seus esforços em prol da prosperidade da coletividade de Sarandí.

SOBRADINHO

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°26'00" — LONGITUDE W. Gr.: 53°12'00" — LIMITES: ao N.: Candelária; ao S.: Cachoeira; a L.: Santa Cruz; a O.: Júlio de Castilhos.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.126 km² — Altitude da sede, 440 m — Distância da Cap. em linha reta, 201 km — População urbana, 800 — População rural, 27.900 — População total, 28.700 — Densidade por km², 25,48 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,85 — Crescimento natural, 447.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 10.900 ha — Valor total da produção, 8.589:980$ — 1.° produto: fumo: Área cultivada, 3.720 ha; Produção, 3.720 ton; Valor, 5.952:000$ — 2.° produto: milho: Área cultivada, 2.350 ha; Produção, 4.465 ton; Valor, 893:000$ — 3.° produto: trigo: Área cultivada, 2.180 ha; Produção, 1.090 ton; Valor, 664:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 55.100 lt; 33:060$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 30.000; Ovinos, suínos e caprinos, 61.260 — Produção em quilos, de banha, 275.520.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 160 — Capital investido, 1.390:900$ — Operários, 252 — Fôrça motriz em HP, 538,80 — Valor da produção, 1.543:400$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 81; Veículos a fôrça animada, 1.499.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 1; Aulas municipais, 2; Colégios particulares, 42 — Hospitais, 3 — Instituïções de Caridade, 1 — Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 181:604$; estadual, 676:926$; municipal, 376:432$ — Despesas com: Ensino e cultura, 52:813$; Saúde pública, 2:834$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1862 — Início do povoamento do atual município.
1927 — Elevação à categoria de vila.
1938 — Adquiriu os foros de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Idade permiana. HIDROGRAFIA — rios: Jacuí-Grande, e outros mais. OROGRAFIA — Serra Geral com várias denominações. CLIMA — Temperado e muito saüdável.

A CIDADE

A cidade de Sobradinho, sede da comuna de igual nome, está situada a 400 metros de altitude, e apresenta um bonito aspecto.

Os seus logradouros públicos e as suas artérias, bem cuidadas, alinhadas e algumas arborizadas, emprestam à cidade, uma fisionomia mais atraente e bem agradável.

A sua edificação é, no geral, boa, contando com vários prédios excelentes, entre os quais se destacam a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, os bancos do Rio Grande do Sul e Agrícola Santacruzense, e muitos outros edifícios de propriedade particular.

A vida social e cultural de Sobradinho é bastante adiantada. Entre suas várias entidades associativas, contam-se agremiações culturais, recreativas, de classe, cívico-militares, beneficientes, desportivas, etc., tôdas magnificamente instaladas e com uma preciosa bagagem de brilhantes serviços prestados aos seus numerosos associados.



Trecho da Avenida Benjamin Constant, frente à Praça 3 de Dezembro.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica, contando com intenso movimento urbano, com seus cafés, bares, hotéis, cinemas, possuindo, ainda, todos os serviços públicos.

O ensino vem atravessando uma fase de grande desenvolvimento, existindo inúmeras escolas, tanto públicas como particulares, com uma grande popoulação de ambos os sexos.

Por outro lado, a saúde pública, amparada pelos poderes competentes, vem desincumbindo-se cabalmente de sua missão, sendo mesmo ótimo o estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria, contando com vários estabelecimentos de sólidos capitais, vêm trabalhando na mais franca prosperidade.

À frente de seus destinos encontra-se, atualmente, o seu esforçado prefeito, o dr. Totilas Carvalho, cuja operosidade vem dando um lugar de grande relêvo a Sobradinho entre suas demais co-irmãs riograndenses.

Itinerário de Sobradinho:

A PÔRTO ALEGRE: COMBINADO 327 km (Rodovia até Cachoeira 99 km, Trem 228 km). COMBINADO 599 km (Rodovia até Cachoeira 99 km, Vapor 500 km).
A CACHOEIRA: RODOVIA 99 km.
A CANDELÁRIA: RODOVIA 38 km.
A SANTA CRUZ: RODOVIA 78 km (Até Candelária 38 km).
A SOLEDADE: RODOVIA 75 km.
A JÚLIO DE CASTILHOS: RODOVIA 50 km.

SOLEDADE

REGIÃO: Planalto Médio — LATITUDE S.: 29°03'14" — LONGITUDE W. Gr.: 51°26'00" — LIMITES: ao N.: Carasinho e Passo Fundo; a L.: Guaporé e Encantado; ao S.: Arroio do Meio, Lajeado, Santa Cruz e Sobradinho; ao O.: Júlio de Castilhos e Cruz Alta.

Dados geo-demográficos

Superfície, 6.550 km² — Altitude da sede, 720 m; Distância da Cap. em linha reta, 170 km — População urbana, 2.720 — População rural, 68.180 — População total, 70.900 — Densidade por km², 10,82 — Percentagem sôbre a população do Est., 2,11 — Crescimento natural, 701.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 30.396 ha — Valor total da produção, 9.411:450$ — 1.° produto: milho: Área cultivada, 17.865 ha; Produção, 32.157 ton; Valor, 4.823:550$ — 2.° produto: feijão: Área cultivada, 3.290 ha; Produção, 2.303 ton: Valor, 1.151:500$ — 3.° produto: fumo: Área cultivada, 600 ha; Produção, 720 toneladas; Valor, 864:000$ — Produtos transformados (quantidade e valor): Vinho, 77.210 lt; 46:326$; Aguardente, 148.800 lt; 74:400$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 137.000; Ovinos, suínos e caprinos, 116.730 — Produção em quilos, de graxa, 12.960; de banha, 52.800; de lãs, 23.430.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 244 — Capital investido, 1.257:200$ — Operários, 556 — Fôrça motriz em HP, 1.044,50 — Valor da produção, 4.829:875$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 148; Veículos a fôrça animada, 711.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 5; Aulas estaduais, 4; Colégios particulares, 68 — Hospitais, 1 — Sociedades beneficentes, 1 — Associações de classe, 2 — Rec. arrecadada: federal, 184:225$; estadual, 1.169:146$; municipal, 1.079:378$ — Despesas com: Ensino e cultura, 101:800$; Saúde Pública, 18:890$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1830 — Data do início da povoação do município.
1846 — Criação da capela curada.
1857 — 14-1.º — Elevada à categoria de freguesia.
1875 — 29-3 — Elevada à categoria de vila, por lei provincial.
1880 — 14-7 — Constituïção da Comarca, mais tarde extinta.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Médio. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — rios: Jacuí, Varejão, Guaporé, Botucaraí, Forqueta, etc.; arroios: Pinheiro Marcado, Lagoão, Carreta Quebrada, Cinco Voltas, Quebra-Dentes, Taipa e outros. OROGRAFIA — Serra Geral, com as serras de Botucaraí, Mormaço, Ouro-Fino e Cadete. CLIMA — Saüdável e temperado.

A CIDADE

A cidade de Soledade, sede do município de igual nome, está situada sôbre um planalto de 700 metros de altitude, sendo dotada de um agradável aspecto.

Os seus logradouros públicos e as suas artérvias, bem alinhadas e cuidadas, algumas arborizadas, cooperam ainda mais para que Soledade apresente uma fisionomia mais atraente. Entre suas principais ruas destacam-se Floriano Peixoto, Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado etc.



A Igreja Matriz.

A edificação da cidade, em geral, é boa, contando, entre seus edifícios principais, a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, além de muitos outros prédios particulares.

Soledade possue, relativamente, uma bem movimentada vida urbana, com seus cafés, hotéis, centros de diversões, etc., e é tôda iluminada à luz elétrica.

A vida social e cultural de Soledade é bastante adiantada. Encontram-se entre suas várias agremiações as que se dedicam a misteres recreativos, culturais, desportivos, beneficientes, classistas, etc., tôdas possuindo grande número de associados.

A instrução, tanto pública como particular, encontra-se em pleno desenvolvimento, existindo várias escolas, com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos. Por sua vez, a saúde pública, problema que vem sendo solucionado pelas autoridades responsáveis, também, vem preenchendo cabalmente suas finalidades, sendo bom o estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria, com intenso movimento, encontram-se em franca prosperidade.

A administração de Soledade, tendo à sua frente a figura dinâmica de seu prefeito, o major Felisberto Muniz Reis, não mede esforços para a solução de seus múltiplos problemas e para a sua maior grandeza.

Itinerário de Soledade à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A PÔRTO ALEGRE: RODOVIA 277 km (Até Encantado 105 km, Montenegro 202 km, São Leopoldo 241 km).
A SOBRADINHO: RODOVIA 75 km.
A JÚLIO DE CASTILHOS: RODOVIA 125 km (Até Sobradinho 75 km).
A CRUZ ALTA: RODOVIA 146 km.
A CARAZINHO: RODOVIA 100 km.
A PASSO FUNDO: RODOVIA 96 km.
A GUAPORÉ: RODOVIA 60 km.
A ENCANTADO: RODOVIA 115 km.
A ARROIO DO MEIO: RODOVIA 125 km.
A LAJEADO: RODOVIA 137 km (Até Encantado 105 km, Arroio do Meio 125 km).
A SANTA CRUZ: RODOVIA 153 km (Até Sobradinho 75 km, Candelária 113 km).

T A P E S

REGIÃO: Serra do Sudeste — LATITUDE S.: 30°50'00" — LONGITUDE W. Gr.: 51°35'00" — LIMITES: ao N.: Guaíba; ao S.: Camaquã; a O.: S. Jerônimo; a L.: Lagoa dos Patos.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.663 km² — Altitude da sede, 5 m — Distância da Cap. em linha reta, 76 km — População urbana, 2.420 — População rural, 20.080 — População total, 22.500 — Densidade por km², 13,52 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,67 — Crescimento natural, 156.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 13.365 ha — Valor total da produção, 12.938:000$ — 1.º produto: arroz: Área cultivada, 13.004 ha — Produção, 32.571 ton; Valor, 12.678:900$ — 2.º produto: cana: Área cultivada, 60 ha; Produção, 960 ton; Valor, 76:800$ — 3.º produto: fumo: Área cultivada, 10 ha; Produção, 10 ton; Valor, 40:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 27.960; Ovinos, suínos e caprinos, 9.940 — Produção em quilos, de graxa, 13.400; de banha, 23.800.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 40 — Capital invertido, 1.683:300$ — Operários, 239 — Fôrça motriz em HP, 383,75 — Valor da produção, 4.802:916$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 77; Veículos a fôrça animada, 817.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 3; Aulas estaduais, 2; Aulas municipais, 24; Colégios particulares, 5 — Hospitais, 1 — Associações de Classe, 2 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 157:559$; estadual, 444:662$; municipal, 284:739$ — Despesas com: Ensino e cultura, 40:514$; Saúde pública, 12:065$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1800 — Data do início de sua colonização.
1833 — 20-10 — Criação da paróquia, transferida para o município de Pôrto Alegre, pela lei n.º 14, de 15-4-1846.
1857 — 16-12 — Elevação à categoria de vila, mais tarde extinta. Restaurado em 1875, foi o município novamente extinto e anexado a Pôrto Alegre.
1913 — 25-6 — Restauração definitiva da comuna, por lei n.º 1993.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Serra do Sudeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações posteriores. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Guaíba, Velhaco, Ribeiro, Araçá, Franklin, Venda Velha e outros; banhados: Tira-Ceroulas, Camarinhas e Canto Grande; lagoas: dos Patos e Cêrro. OROGRAFIA — Serra do Herval, com as denominações de Herval, Guará e Tiririca; cerros: Pelado, Douradilho, Emboaba, Redondo e outros. CLIMA — Ameno e temperado.

A CIDADE

A cidade de Tapes, sede do município de igual nome, está situada à margem direita da lagoa dos Patos, apresentando um bonito aspecto.

As suas ruas, bem cuidadas e largas, bem como seus logradouros públicos, todos arborizados e alinhados, dão a Tapes uma fisionomia agradável.

A sua edificação é geralmente boa, possuindo grande número de prédios tanto públicos como particulares, entre os quais se citam a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o templo luterano, o Clube Aliança, o Grupo Escolar, recentemente inaugurado, etc.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica e possue uma vida urbana relativamente movimentada, com alguns cafés, bares, hotéis, restaurantes, cinemas, etc.

A vida social e cultural já se encontra em adiantado desenvolvimento, sendo várias as entidades recreativas, desportivas, cívico-militares, beneficientes, culturais, de classe, que se encontram na cidade, tôdas em pleno funcionamento e com elevada matrícula de associados. Entre essas cita-se o Clube Aliança, onde se reüne a alta sociedade de Tapes, instalado com todo o confôrto, contando com grande número de consócios.

A instrução, tanto pública como particular, vem progredindo dia a dia, possuindo várias escolas de ambos os sexos. Entre os seus estabelecimentos de ensino, cita-se o Grupo Escolar, magnìficamente instalado em prédio recentemente construído pelo govêrno do Estado.

A saúde pública, merecendo todo o amparo dos poderes competentes, vem preenchendo satisfatòriamente suas finalidades, zelando pelo estado sanitário da cidade e de sua população em geral.

O comércio e a indústria encontram-se num ritmo de trabalho que asseguram um futuro promissor de progresso e prosperidade.

Encontra-se, atualmente, à frente de sua administração o seu esforçado prefeito sr. Fernando Fernandes Chagas, que vem dando a Tapes uma era de grande progresso e prosperidade.

Itinerário de Tapes:

A PÔRTO ALEGRE: RODOVIA 92 km (Até Guaíba: 80 km).
A GUAÍBA: RODOVIA 80 km.
A SÃO JERÔNIMO: RODOVIA 163 km.
A CAMAQUÃ: RODOVIA 40 km.

T A Q U A R A

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°45'00" — LONGITUDE W. Gr.: 50°45'00" — LIMITES: ao N.: S. Francisco de Paula; ao S.: Gravataí; a L.: Santo Antônio; a O.: S. Leopoldo.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.527 km² — Altitude da sede, 29 m — Distância da Cap. em linha reta, 57 km — População urbana, 5.720 — População rural, 49.080 — População total, 54.800 — Densidade por km², 35,88 — Percentagem sôbre a população do Est., 1,63 — Crescimento natural, 734.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 21.822 ha; Valor total da produção, 9.817:060$ — 1.º produto: mandioca: Área cultivada, 5.000 ha; Produção, 35.000 ton; Valor, 2.100:000$ — 2.º produto: milho: Área cultivada, 7.290 ha; Produção, 10.935 toneladas; Valor, 2.087:000$ — 3.º produto: feijão: Área cultivada, 3.119 ha; Produção, 3.743 ton; Valor, 1.482:900$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 403.630 lt; 161:452$; Aguardente, 158.200 litros; 63:280$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 37.100; Ovinos, suínos e caprinos, 64.290 — Produção em quilos, de graxa, 61.350; de banha, 331.600.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 362 — Capital investido, 10.309:151$ — Operários, 1.019 — Fôrça motriz em HP, 1.137,50 — Valor da produção, 15.469:926$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 186; Veículos a fôrça animada, 1.485.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 9; Aulas estaduais, 11; Aulas municipais, 79; Colégios particulares, 31 — Hospitais, 3 — Instituïções de Caridade, 7 — Associações de Classe, 5 — Receita arrecadada: federal, 731:168$; estadual, 1.642:575$; municipal, 1.575:577$ — Despesas com: Ensino e cultura, 170:681$; Saúde pública, 71:438$.



Vista panorâmica de Taquara.

SÍNTESE HISTÓRICA

1846 — Iniciada a colonização da comuna.
1884 — 22-1.º — Elevada a freguesia.
1887 — 17-5 — Elevada a vila.
1908 — 18-12 — Elevada à categoria de cidade, por ato governamental n.º 1.404.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Vale do rio dos Sinos, na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação terciária e triássica. HIDROGRAFIA — rios: dos Sinos, Santa Maria e Ilha; arroios: Padilha, Funil, Morro Negro, Timbaúva, Paredão, Butiá, Quilombo, Caboclo, Moleque, Caracol, etc.; passos: Mundo Novo, Paciência, Poço Fundo, Veado, Entrepelados e outros. OROGRAFIA — Serras do Canela, Ferrabrás, Santa Maria, Nova Petrópolis; morros: Cabriúva, Boa Vista, Pedra Branca, Arrebenta-Rabicho. FLORA — Madeiras de lei, madeiras brancas, pinho em grande quantidade. CLIMA — Magnífico e saüdável.

A CIDADE

A sede da comuna e da comarca do mesmo nome, a cidade de Taquara, está edificada num semi-planalto, apresentando uma bela perspectiva, vista ao longe. Com ruas bem alinhadas e amplas, algumas já calçadas, com ótimos passeios e magníficos logradouros públicos ajardinados, Taquara tem agradável aspecto, impressionando vivamente aos que a visitam.

Dentre as suas artérias, destaca-se a rua Júlio de Castilhos, a principal, onde estão localizados os estabelecimentos comerciais de primeiro plano, agências bancárias, clubes, hotéis, igrejas, as melhores casas particulares, centros de diversões, etc. E, entre as praças, cita-se a Marechal Deodoro, localizada bem no centro da cidade, sendo o ponto de convergência de tôda a população taquarense.

A sua edificação em geral é boa, encontrando-se algumas casas de construção moderna e confortáveis. Entre os edifícios, destaca-se o da Municipalidade,a igreja matriz, Clube Comercial, Sociedade Bailante 5 de Maio, Banco da Província, etc. A cidade é tôda iluminada à luz elétrica e sua vida social e cultural encontra-se num notável grau de desenvolvimento, sendo ela constituída por várias associações de classe, recreativas, cívico-militares, desportivas, etc.

Taquara é uma excelente praça comercial e industrial, sendo, mesmo, uma das ótimas cidades da região colonial, de muita vida, contando inúmeros estabelecimentos comerciais e industriais em franca prosperidade e adiantado grau de desenvolvimento. O seu aspecto impressiona vivamente, dando, logo à primeira vista, a idéia de um centro de trabalho, muito rico e laborioso, como em verdade o é.

Tanto a instrução como a saúde pública encontram-se eficientemente preparadas pelos poderes competentes, sendo avultado o número de escolas em pleno funcionamento, bem assim como o de escolas particulares, possuindo ainda um pôsto de higiene aparelhadíssimo.

Dentre os estabelecimentos de ensino destacam-se: o Grupo Escolar "Dr. Rodolfo von Ihering", fundado em 1919 e que obedece, atualmente, à direção da provecta professora d. Wilma Fauth Schuck, auxiliada por um seleto corpo docente, composto de 19 professoras e com uma matrículo de 600 alunos; possue ainda êsse grupo uma Caixa Escolar, um Círculo de Pais e Mestres, uma Biblioteca e um Jardim de Infância. Um outro estabelecimento que merece, também, uma referência à parte, é o Colégio Santa Teresinha, dirigido pelas Irmãs de Nossa Senhora, inaugurado a 1.º de Abril de 1927, e funcionando em prédio próprio. A instrução ministrada nesse estabelecimento de ensino, que também possue um internato, abrange os cursos primários e pré-primário, sendo elevada a sua matrícula de alunos, principalmente no Jardim de Infância.

Não longe da cidade, encontra-se um excelente ponto de veraneio, muito procurado por aqueles que, na estação calmosa, fogem dos grandes centros em busca de repouso e tranqüilidade.

Queremos nos referir à vila de Canela, núcleo adiantadíssimo em todos os setores da atividade humana. E o seu progresso atinge a tal ponto, que os poderes públicos, não descurando do ensino, instalaram, aí, o Grupo Escolar "Coronel João Corrêa", fundado em 1930, atualmente dirigido pela distinta educacionista d. Zulma V. Santos, que, auxiliada por um brilhante corpo de professoras, administra a instrução a uma população escolar de mais de 300 alunos. Possue Canela, ainda, magníficos e ótimos hotéis, dos quais se destacam: o Floresta, de propriedade do sr. Frederico Sassen, situado dentro de matas naturais, com uma organização perfeita e oferecendo aos seus hóspedes o máximo confôrto, pois que outra cousa não visa o seu atual proprietário, dada a sua longa prática nesse ramo, tornando, assim, o Floresta Hotel um dos pontos preferidos pelos veranistas que alí afluem.

Canela possue, ainda, o seu Grande Hotel, estabelecimento que descreveremos num tópico à parte, dada a sua grande importância na vida dêsse magnífico ponto de veraneio.

Um outro ponto excelente para veraneio é também Gramado, um núcleo bastante progressista, possuindo o Grupo Escolar "Santos Dumont", fundado em 2 de Junho de 1930, sob a direção atual do educacionista sr. Hugo Daros; e o Hotel Bertolucci, dirigido pela própria família Bertolucci, sendo o estabelecimento mais antigo de Gramado e um dos preferidos pelos veranistas que para alí afluem anualmente.

Atualmente, encontra-se à frente dos destinos de Taquara o operoso prefeito sr. eng. Francisco Holmer que, com grande zêlo e tino administrativo, vem conduzindo-a de maneira brilhante entre as demais comunas riograndenses.



Colégio Santa Teresinha.



Gr. E. "Santos Dumont", em Gramado.



Gr. E. "Rudolfo von Ihering".

UM MODELAR HOTEL-VERANEIO

GRANDE HOTEL CANELA, UM ESTABELECIMENTO IMPAR

Dentre os maravilhosos pontos de veraneio existentes em nosso Estado, Canela é, sem dúvida alguma, um dos preferidos, não só pela sua localização a 856 metros acima do nivel do mar, como por estar situado num dos recantos mais lindos e pitorescos de nossa gleba.

E, a-par dessas maravilhas que tornam Canela uma das mais procuradas estações de repouso, encontra-se, também, um estabelecimento modelar no gênero, como o é o Grande Hotel Canela, de propriedade do conhecido técnico nesse ramo, o sr. Danton Corrêa da Silva, sucessor de Danton Corrêa & Irmã.

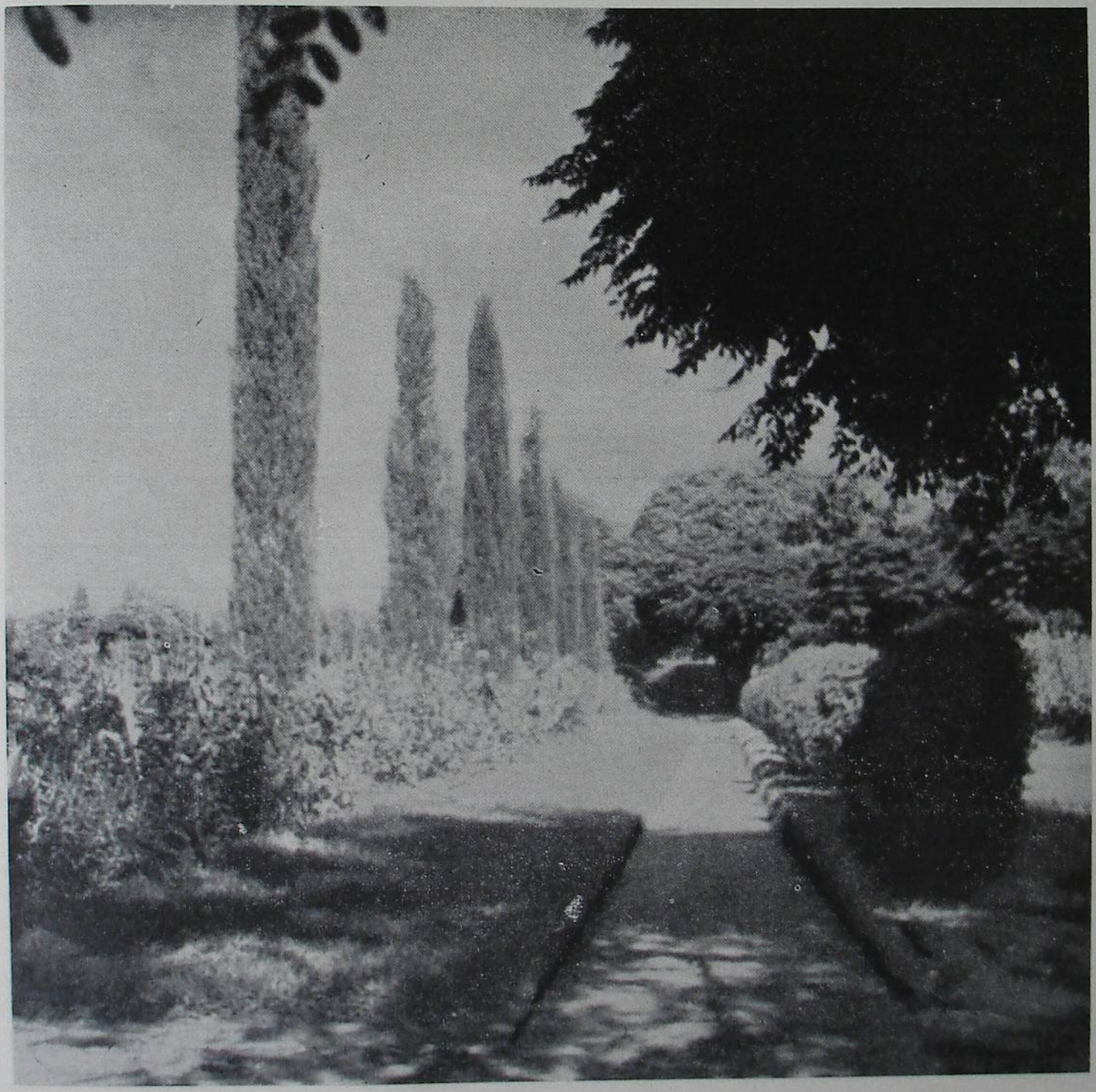
A sua situação encantadora e as modernas instalações sanitárias e higiênicas, pois que o Grande Hotel Canela acaba de passar por amplas e importantes



reformas, oferecem uma estação de repouso agradável e um veraneio dotado com todo o confôrto, tornando-o, assim, um modelar hotel-veraneio.

O cuidado que é dispensado aos veranistas, que dão preferência a êsse modelar estabelecimento, é a sua principal propaganda, pois para o serviço interno conta o Grande Hotel Canela com o concurso eficiente de profissionais competentes que garantem o mais atencioso dos serviços a todos os que o distinguem com a sua visita.

Assim, com todos êsses requisitos, o Grande Hotel Canela figura, destacadamente, entre os demais congêneres estabelecidos naquele magnífico ponto de veraneio da comuna de Taquara.



TAQUARI

Detalhe do parque frutícola modêlo da Inspetoria de Apicultura, da Secretaria da Agricultura, sediada em Taquari.

T A Q U A R Í

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°48'15" — LONGITUDE W. Gr.: 51°49'30" — LIMITES: ao N.: Estrêla e Montenegro; ao S.: rio Taquarí; a L.: Triunfo e Montenegro; a O.: Estrêla.

Dados geo-demográficos

Superfície 880 km² — Altitude da sede, 76 m — Distância da Cap. em linha reta, 62 km — População urbana, 3.200 — População rural, 24.900 — População total, 28.100 — Densidade por km², 31,93 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,83 — Crescimento natural, 346.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 17.997 ha — Valor total da produção, 6.971:800$ — 1.º produto: mandioca: Área cultivada, 4.000 ha; Produção, 28.000 ton; Valor, 1.680:000$ — 2.º produto: milho: Área cultivada, 7.000 ha; Produção, 8.400 ton; Valor, 1.680:000$ — 3.º produto: feijão: Área cultivada, 2.950 ha; Produção, 2.655 ton; Valor, 796:500$ — Produtos transformados (quantidade e valor): Aguardente, 173.000 lt; 69:200$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 24.370; Ovinos, suínos e caprinos, 39.120 — Produção em quilos, de graxa, 53.800; de banha, 388.920.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 253 — Capital invertido, 4.954:200$ — Operários, 1.095 — Fôrça motriz em HP, 424,50 — Valor da produção, 6.352:155$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 82; Veículos a fôrça animada, 695.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 4; Aulas estaduais, 12; Colégios particulares, 44 — Hospitais, 1 — Asilos e recolhimentos, 2 — Instituïções de Caridade, 1 — Receita arrecadada: federal, 303:366$; estadual, 592:579$; municipal, 439:631$ — Despesas com: Ensino e cultura, 33:413$; Saúde pública, 6:398$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1760 — Origem da comuna, iniciando-se sua povoação por casais açorianos.
1764 — 11-5 — Elevada a curato; e a freguesia em 7-5-1765.
1849 — 4-6 — Elevada à categoria de vila, por lei provincial n.º 160, e instalada em 3-12-1849.
1891 — 9-6 — Elevada a cidade, instalada em 7-9-1891.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Vale do Taquarí, na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica do período secundário. HIDROGRAFIA — rios: Taquarí; arroios: Capivara, Ribeiro, Bom Retiro, Santa Cruz, Carapuça, Morro Azul, Carrapatos, Pau Velho, etc.; banhados: Caramujo, Pântano Grande, Pinheiros, etc.; passos: Valeriano, Serafim Praia, Menna Schuler, etc.; lagoas: Armênia, Cemitérios, Ramos, etc.; portos: Taquarí, Grande, Fazenda Lengler, Volta do Freitas, Bom Retiro, Pedreira e outros. OROGRAFIA — Contrafortes da Serra Geral, com as denominações de serra do Taquarí, cordilheira das Pedras e do Morro, lomba das Eiras, e cochilhas Bonita, Glória, Conceição, etc. morros: Mutucas, Azul, Pelado, Taboleiro, Capivara, Cabriúva e outros — CLIMA, Temperado.

A CIDADE

A cidade de Taquarí, sede da comuna e da comarca de igual nome, está construída à margem esquerda do rio do mesmo nome, e dividida em dois bairros principais: Cidade Alta e Praia.

As suas ruas, bem alinhadas e amplas, e seus logradouros públicos, bem cuidados e arborizados, dão à cidade um aspecto agradável. Entre as ruas principais, contam-se 7 de Setembro, General Osório, 13 de Maio, Marechal Deodoro, Visconde do Rio Branco, etc.; citando-se entre suas praças a São José, Taborda, Dores, etc. Possue, ainda, duas avenidas, denominadas Borges de Medeiros e Jacó Arnt.

A edificação de Taquarí é boa em geral, contando com vários edifícios públicos e particulares, entre os quais sobressaem os da Prefeitura Municipal, a igreja matriz, Clube Renascença, Associação Comercial, Usina Municipal, etc.

A vida social e cultural da cidade está em franco desenvolvimento, funcionando várias entidades recreativas, culturais, desportivas, cívico-militares, beneficientes, classistas, etc. Entre elas citam-se o Clube Renascença e a Associação Comercial, ambas com elevada matrícula de associados e cooperando, eficientemente, para o progresso social e cultural de Taquarí.

A instrução, em franco desenvolvimento, vem sendo amparada pelas autoridades competentes, existindo várias escolas tanto públicas como particulares, destacando-se, entre os educandários, o Grupo Escolar "Pereira Coruja", com grande número de alunos de ambos os sexos.

A saúde pública, por sua vez, merecendo o auxílio dos poderes responsáveis, vem zelando pelo bom nome do estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria de Taquarí, com intenso movimento, contam com várias casas comerciais e industriais, girando com avultados capitais, ambos em franca prosperidade.

Atualmente, a sua administração está entregue ao seu operoso prefeito, dr. Nestor Azambuja Guimarães, que vem imprimindo a Taquarí um surto de progresso crescente, o que lhe assegura um futuro muito promissor.

Itinerário de Taquarí:

A PÔRTO ALEGRE: VAPOR 108 km (Até General Câmara 30 km, São Jerônimo 36 km). RODOVIA 148 km (Até Montenegro 73 km, São Leopoldo 112 km). TREM 71 km.
A SÃO JERÔNIMO: VAPOR 36 km.
A TRIUNFO: VAPOR 36 km.
A MONTENEGRO: RODOVIA 47 km.
A VENÂNCIO AIRES: COMBINADO 46 km (Vapor até Pôrto Mariante 18 km, Rodovia 28 km). RODOVIA 52 km.
A RIO PARDO: RODOVIA 128 km. VAPOR 234 km. COMBINADO 126 km (Rodovia até General Câmara 36, Trem 90 km).
A GENERAL CÂMARA: VAPOR 30 km. RODOVIA 36 km.
A ESTRÊLA: RODOVIA 50 km. VAPOR 54 km.
A LAJEADO: VAPOR 57 km (Até Estrêla 54 km). RODOVIA 56 km. (Até Estrêla 50 km).

T Ô R R E S

REGIÃO: Litoral — LATITUDE S.: 29°20'34" — LONGITUDE W. Gr.: 49°43'39" — LIMITES: ao N.: Est. de Santa Catarina; a O.: S. Francisco de Paula; a L.: Oceano Atlântico; ao S. Osório.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.398 km² — Altitude da sede, 66 m — Distância da Cap. em linha reta, 161 km — População urbana, 1.430 — População rural, 19.170 — População total, 20.600 — Densidade por km², 14,73 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,61 — Crescimento natural, 121.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 1.934 ha — Valor total da produção, 985:100$ — 1.º produto: arroz: Área cultivada, 250 ha; Produção, 750 ton; Valor, 300:000$ — 2.º produto: milho: Área cultivada, 520 ha; Produção, 780 ton; Valor, 156:000$ — 3.º produto: cana: Área cultivada, 95 ha; Produção, 1.425 ton; Valor, 142:500$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Aguardente, 868.100 lt; 347:240$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 13.170; Ovinos, suínos e caprinos, 20.320 — Produção em quilos, de graxa, 10.560; de banha, 44.080.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 75 — Capital invertido, 294:300$ — Operários, 84 — Fôrça motriz em HP, 167,50 — Valor da produção, 558:660$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 3; Veículos a fôrça animada, 653.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 2; Colégios particulares, 24 — Hospitais, 1 — Receita arrecadada: federal, 313:672$; estadual, 254:066$; municipal, 187:727$ — Despesas com: Ensino e cultura, 22:189$; Saúde pública, 3:673$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1809 — Início do povoamento da comuna.
1825 — Chegada dos primeiros colonos de origem alemã.
1837 — 20-12 — Elevação à categoria de freguesia.
1878 — 21-5 — Elevação à categoria de município por lei n.º 1.152.
1887 — Extinção do município, sendo seu território anexado ao de General Osório.
1890 — 23-1.º — Restauração do município.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Litoral. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação arqueana. HIDROGRAFIA — rios e arroios: Mampituba, Sertão, Glória, Monteiro, Três Forquilhas, Cardoso, Pacas, Barreiros, Terra, Paraíso e Josafá; lagoas: Jacaré, Morro do Forno, Lagoinha, das Tôrres e Tapeva; portos: Estácio, Colônia, Figueira, Guerreiros, Três Forquilhas, Potreiro, Sertão e outros. OROGRAFIA — Serra do Mar, com os morros Josafá, Pedra Branca, Morro Azul, Chapéu, Três Irmãos, Jacaré, Cortado e outros. CLIMA — Saudável.

A CIDADE

A cidade de Tôrres, sede do município de igual nome, está construída à beira do Oceano Atlântico, apresentando um pitoresco aspecto.

As suas ruas amplas e bem alinhadas, bem como seus logradouros públicos arborizados, emprestam à cidade uma fisionomia mais atraente e mesmo simpática. Dentre suas artérias, as principais são a Marechal Floriano e a Júlio de Castilhos.

A sua edificação, em geral boa, conta com vários prédios excelentes, tanto públicos como particulares, entre os quais se citam a Prefei-

tura Municipal, a igreja matriz, o Grupo Escolar, etc., além de vários prédios de propriedade particular.

A vida social e cultural de Tôrres é, relativamente, bastante adiantada, contando com várias agremiações culturais, recreativas, desportivas, beneficientes, de classe, etc., entidades que congregam em seu seio grande número de associados.

Tôrres é tôda iluminada à luz elétrica, e sua praia é conhecidíssima em todo o estado pelas belezas naturais que apresenta. A sua vida urbana é intensa, principalmente na estação calmosa, durante o período em que funcionam os estabelecimentos balneários, com seus cafés, bares, restaurantes, hotéis, casinos, cinemas, etc.

O ensino encontra-se grandemente desenvolvido, sendo inúmeras as escolas, tanto públicas como particulares, destacando-se o Grupo Escolar, anexo ao qual funciona uma colônia de férias. Por sua vez, a saúde pública vem desempenhando cabalmente suas finalidades, quer atendendo a população pròpriamente dita como a sua população flutuante, durante a temporada balneária, e zelando pelo bom estado sanitário da cidade.

A indústria e o comércio de Tôrres encontram-se em pleno desenvolvimento e marcham em franca prosperidade.

Encontra-se, atualmente, à frente de seu govêrno, o seu infatigável prefeito, o sr. Israel Mariense Lemos, que vem envidando o máximo de seus esforços para que Tôrres venha, o quanto antes, alcançar o lugar que mui justamente lhe está reservado entre as suas demais co-irmãs riograndenses.

Itinerário de Tôrres:

A PÔRTO ALEGRE: AVIÃO 180 km. RODOVIA 215 km (Até Tramandaí 82 km, Osório 104 km, Santo Antônio 133 km, Gravataí 186 km).
A OSÓRIO: RODOVIA 104 km.
A SÃO FRANCISCO DE PAULA: RODOVIA 120 km.



TÔRRES, À BEIRA DO ATLÂNTICO

Um quadro de rua da simpática cidade litorânea.

T R I U N F O

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 29°56'38" — LONGITUDE W. Gr.: 51°43'21" — LIMITES: ao N.: Taquarí e Montenegro; a O. e S.: rios Taquarí e Jacuí; a L.: rio Caí.

Dados geo-demográficos

Superfície, 800 km² — Altitude da sede, 43 m — Distância da Cap. em linha reta, 48 km — População urbana, 2.050 — População rural, 9.850 — População total, 11.900 — Densidade por km², 14,87 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,35 — Crescimento natural, 191.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 2.607,5 ha — Valor total da produção, 1.570:300$ — 1.° produto: arroz: Área cultivada, 650 ha; Produção, 1.820 ton; Valor, 709:800$ — 2.° produto: mandioca: Área cultivada, 719 ha; Produção, 3.595 ton; Valor, 359:500$ — 3.° produto: milho: Área cultivada, 1.023 ha; Produção, 1.535 ton; Valor, .. 307:000$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 21.870; Ovinos, suínos e caprinos, 7.350 — Produção em quilos, de graxa, 52.970; de banha, 23.600.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 89 — Capital investido, 1.132:000$ — Operários, 227 — Fôrça motriz em HP, 131 — Valor da produção, 1.287:566$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 7; Veículos a fôrça animada, 591.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 9; Colégios particulares, 18 — Sindicatos, 1 — Receita arrecadada: federal, 306:922$; estadual, 296:293$; municipal, 248:637$ — Despesas com: Ensino e cultura, 13:352$; Saúde pública, 1:255$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1756 — 4-9 — Foi criada a freguesia de Triunfo.
1783 — 25-9 — Nasce o general Bento Gonçalves da Silva, o herói farroupilha.
1831 — 25-10 — Elevada à categoria de vila, instalada em 23-10-1832.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central — ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação permo-carbonífera. HIDROGRAFIA — rios: Jacuí, Taquarí e Caí; arroios: Tigre, Cadeia, Passo Raso, Biscouto, Gil, Lajeado, Passinho, Invernada e outros; passos: Passo Fundo, Moinho, Amora, Caí, Cadeia, Estiva e outros. OROGRAFIA — Serra Geral, com as denominações de Serra Velha, Taquarí; cochilhas: Benfica, Barro Vermelho, Boa Vista, Pontal, etc.; morros: Fortaleza, Marinheiros, Pedra etc. CLIMA — Saüdável.

A CIDADE

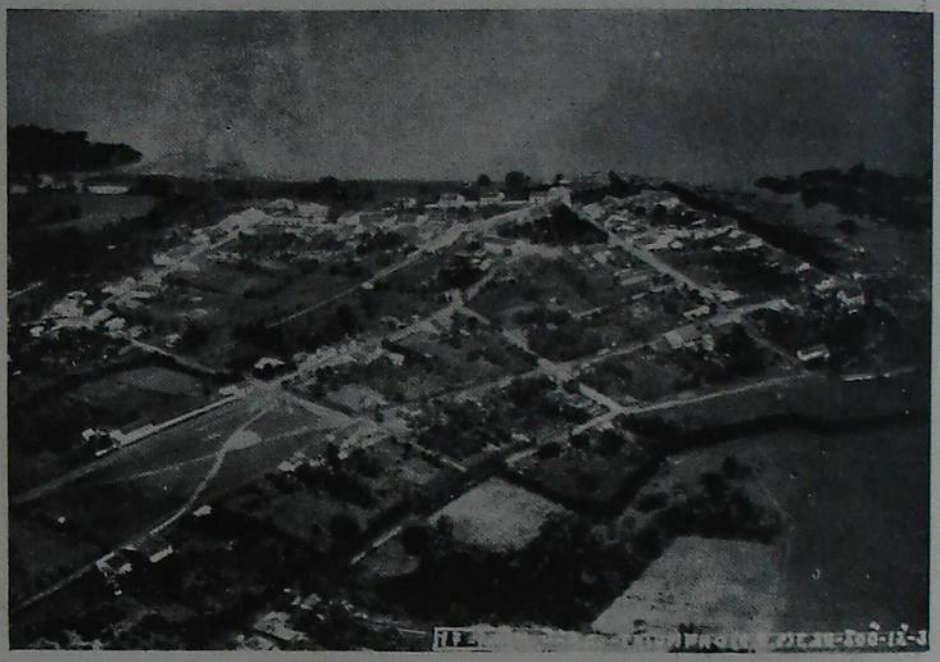
A cidade de Triunfo, sede da comuna de igual nome, está edificada na confluência dos rios Taquarí e Jacuí, e defronte a São Jerônimo, apresentando um aspecto agradável.

As suas artérias alinhadas e bem cuidadas, e suas praças arborizadas e ajardinadas, cooperam para que a cidade se torne mais simpática e atraente. Dentre suas principais ruas destacam-se a Ramiro Barcelos e Quintino Bocaiúva, sobressaindo-se entre seus logradouros públicos a Marechal Deodoro, República e Júlio de Castilhos.

A edificação de Triunfo é geralmente boa, contando-se entre seus prédios principais, a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, o Teatro Sant'Ana, a Capela do Divino Espírito Santo, o Cinema Bento Gonçalves, etc., além de muitos edifícios particulares, alguns de construção moderna.

A vida social e cultural da cidade encontra-se em pleno desenvolvimento, contando com inúmeros grêmios recreativos, culturais, beneficientes, de classe, desportivos, etc., todos com preciosa bagagem de louváveis iniciativas.

O ensino, tanto o público como o particular, encontra-se bastante adiantado, existindo escolas com uma grande população escolar de ambos os sexos. A saúde pública, por outro lado, amparada pelos poderes competentes, vem cumprindo à risca seu programa de zelar pelo bom estado sanitário da cidade.



TRIUNFO — VISTA AÉREA — Foto do 3.° R. A.

Triunfo é tôda iluminada à luz elétrica e possue, relativamente, uma vida urbana intensa, com seus cafés, hotéis, teatros, cinemas, etc., sendo, também, muito procurado como ponto de veraneio e repouso, durante a estação calmosa.

O comércio e a indústria caminham, lado a lado, pela senda do progresso, gozando seus estabelecimentos comerciais e industriais de sólida reputação nos meios econômicos e financeiros do Estado.

Atualmente, encontra-se à frente de seus destinos, o seu infatigável prefeito, o sr. Hermes Silveira de Avila, que vem imprimindo a Triunfo um ritmo de trabalho e de grande progresso.

Itinerário de Triunfo:

A PÔRTO ALEGRE: VAPOR 72 km, RODOVIA 62 km, COMBINADO 77 km (Vapor até General Câmara 6 km, Trem 71 km).
A CANOAS: RODOVIA 46 km, COMBINADO 88 km (Vapor até Pôrto Alegre 72 km, Rodovia ou Trem 16 km).
A MONTENEGRO: RODOVIA 48 km, COMBINADO 48 km (Vapor até General Câmara 6 km, Trem 42 km).
A TAQUARÍ: VAPOR 36 km, RODOVIA 48 km.
A GENERAL CÂMARA: VAPOR 6 km.
A SÃO JERÔNIMO: VAPOR 1 km.
A GUAÍBA: VAPOR 84 km.

T U P A N C I R E T Ã

REGIÃO: Planalto Médio — LATITUDE S.: 29°04'30" — LONGITUDE W. Gr.: 53°51'00" — LIMITES: ao N.: Santo Ângelo e Ijuí; a L.: Cruz Alta e Júlio de Castilhos; ao S.: Júlio de Castilhos, S. Pedro, S. Vicente e Jaguarí; ao O.: Santigo e Santo Ângelo.

Dados geo-demográficos

Superfície, 4.150 km² — Altitude da sede, 508 m — Distância da Cap. em linha reta, 275 km — População urbana, 3.820 — População rural, 17.580 — População total, 21.400 — Densidade por km², 5,15 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,63 — Crescimento natural, 324.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 3.027 ha — Valor total da produção, 1.477:780$ — 1.° produto: feijão: Área cultivada, 835 ha; Produção, 919 ton; Valor, 459:500$ — 2.° produto: milho: Área cultivada, 1.067 ha; Produção, 1.814 ton; Valor, 362:800$ — 3.° produto: linho: Área cultivada, 338 ha; Produção, 169 toneladas; Valor, 118:300$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Aguardente, 115.830 lit; 57:915$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 179.000; Ovinos, suínos e caprinos, 45.110 — Produção em quilos, de graxa, 1.186.350; de banha, 15.280; de lãs, 26.800.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 60 — Capital investido, 8.765:250$ — Operários, 327 — Fôrça motriz em HP, 600,50 — Valor da produção, 14.285:815$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 161; Veículos a fôrça animada, 725.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 5; Aulas estaduais, 38; Colégios particulares, 3 — Hospitais, 2 — Sociedades beneficentes, 1 — Instituïções de Caridade, 1 — Associações de Classe, 4 — Sindicatos, 2 — Receita arrecadada: federal, 482:004$; estadual, 1.388:877$; municipal, 537:333$ — Despesas com: Ensino e cultura, 95:120$; S. Pública, 28:349$.



TRIUNFO

Ponte de atracação dos vapores que fazem a navegação pelos rios Jacuí e Taquari.

SÍNTESE HISTÓRICA

1870 — Data do início da colonização da atual comuna.

1928 — 23-12 — Desmembração do território de Júlio de Castilhos.

1938 — 1.º-1 — Elevação à categoria de cidade.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Médio. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — Ivaí, Japecó, Jaguari, Toropi, etc. OROGRAFIA — Cochilha Grande, com várias denominações. CLIMA — Saudável.

A CIDADE

A cidade de Tupanciretã, sede da comuna do mesmo nome, é uma cidade atraente, impressionando muito bem o viajante, desde o seu primeiro contacto.

As suas ruas largas e alinhadas, e seus logradouros públicos bem cuidados e arborizados dão à cidade um aspecto mais agradável.

A sua edificação é em geral boa, contando com vários prédios, tanto públicos como particulares, excelentes, entre êles a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, bancos da Província, Comércio e Rio Grande do Sul, etc.

Tupanciretã oferece belíssimos passeios aos visitantes, entre êles o Pôsto Zootécnico da Serra e a Estação Experimental, ambos da Secretaria de Agricultura, Frigorífico Serrano, Xarqueadas, etc.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica e possue uma movimentada vida urbana, contando com cafés, bares, cinemas, restaurantes, hotéis, etc.

A vida social e cultural da cidade está magnificamente representada por inúmeras entidades recreativas, culturais, beneficientes, classistas, desportivas, etc.

O ensino está bem difundido, tanto público como o particular, existindo várias escolas com elevada população escolar de ambos os sexos. Por sua vez, a saúde pública vem merecendo os mais desvelados cuidados dos poderes competentes, responsáveis pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria são intensos, notando-se um movimento que não é comum à maioria das cidades riograndenses, ainda em via de formação.



Tupanciretã — Vista aérea. Foto do 3.º R. A.

A sua administração, entregue ao seu dinâmico edil, dr. Hélio Fernandes, está numa fase de grande progresso e na mais franca prosperidade, que dará a Tupanciritã o lugar que lhe está reservado entre suas demais co-irmãs.

Itinerário de Tupanciretã:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 441 km (Até Júlio de Castilhos 26 km, Santa Maria 99 km, Cachoeira 214 km, Rio Pardo 280 km). COMBINADO 368 km (Trem até Cruz Alta 63 km, Avião 305 km).

A JÚLIO DE CASTILHOS: RODOVIA 23 km. TREM 26 km.

A CRUZ ALTA: RODOVIA 81 km, TREM 63 km.

A IJUÍ: RODOVIA 131 km (Até Cruz Alta 81 km), TREM 117 km (Até Cruz Alta 63 km).

A SANTO ÂNGELO: RODOVIA 183 km (Até Ijuí 131 km). TREM 172 km

A SANTIAGO: RODOVIA 168 km. TREM 286 km.

A JAGUARÍ: RODOVIA 156 km, TREM 224 km.

A SÃO VICENTE: RODOVIA 158 km. COMBINADO 212 km (Trem até Júlio de Castilhos 26 km, Santa Maria 99 km, Umbú 181 km, Rodovia 21 km).

A SÃO PEDRO: RODOVIA 128 km.

U R U G U A I A N A

REGIÃO: Campanha — LATITUDE S.: 29°45'23" — LONGITUDE W. Gr. 57°05'12" — LIMITES: ao N. e O.: Rep. Argentina; ao S. e L.: Alegrete; ao S.: Quaraí e Rep. Oriental do Uruguai.

Dados geo-demográficos

Superfície 6.825 km² — Altitude da sede, 74 m — Distância da Cap. em linha reta, 566 km — População urbana, 21.850 — População rural, 13.350 — População total, 35.200 — Densidade por km², 5,15 — Percentagem sôbre a população, do Est., 1,05 — Crescimento natural, 147.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 5.335 ha — Valor total da produção, 2.363:800$ — 1.º produto: arroz: Área cultivada, 944 ha; Produção, 2.832 ton; Valor, 1.132:800$ — 2.º produto: milho: Área cultivada, 3.191 ha; Produção, 4.787 ton; Valor, 957:400$ — 3.º produto: linho: Área cultivada, 570 ha; Produção, 228 ton; Valor, 182:400$

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 400.000; Ovinos, suínos e caprinos, 633.700 — Produção em quilos, de graxa, 808.810; de lãs, 1.260.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 61 — Capital invertido, 11.261:500$ — Operários, 835 — Fôrça motriz em HP, 650 — Valor da produção, 22.929:418$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 416; Veículos a fôrça animada, 1.054.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 7; Aulas municipais, 15; Aulas regimentais, 1; Colégios particulares, 6 — Hospitais, 5 — Sociedades beneficentes 6 — Associações de Classe, 13 — Receita arrecadada: federal, 2.920:660$; estadual, ... 3.927:313$; municipal, 1.694:788$ — Despesas com: Ensino e cultura, 220:700$; Saúde Pública, 79:110$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1839 — Data do início da colonização do município.

1843 — 24-2 — Criação da capela curada, por lei promulgada por Bento Gonçalves.

1846 — Criação do município, por lei provincial n.º 58, e instalado a 24-4-1847.

1865 — Foi invadida pelos paraguaios, que se renderam em 18-9-1865, estando presente o então imperador do Brasil, Dom Pedro II.

1874 — 6-4 — Elevação à categoria de cidade.

1884 — Uruguaiana declarou livre todos os seus escravos.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Campanha. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação secundária, terciária e quaternária. HIDROGRAFIA — Pertence às bacias do Uruguai e Quaraí; rios: Uruguai, Quaraí, Ibicuí, etc.; arroios: Garupá, Imbaá, Touro-Passo, Carumbé, Pindaí, Itapitocaí, etc.; lagoas: Música, Bonita, Barbosa, etc.; portos: o de Uruguaiana e vários outros nos rios Uruguai e Ibicuí; passos: Itapitocaí, Salso, Imbaá, Capivari, Camoatim, Caiboaté e outros. OROGRAFIA — cochilha de Sant'Ana, cochilha do Paipasso. CLIMA — Variável.



Vista aérea de Uruguaiana Foto do 3.º R. A.



Rua Duque de Caxias.

A CIDADE

Uruguaiana, sede da comuna, da comarca e do bispado de igual nome, edificada sôbre várias colinas e vales, à margem esquerda do Uruguai, é uma das cidades mais atraentes da fronteira.

O aspecto em geral de Uruguaiana é agradável, com suas ruas amplas e calçadas, dentre as quais se destacam as ruas: Duque de Caxias, Bento Martins, 13 de Maio, 7 de Setembro, Riachuelo, 15 de Novembro, Marechal Deodoro, Floriano Peixoto e muitas outras; e com seus logradouros públicos bem cuidados e arborizados, entre êles: a Rendição, tôda ajardinada e com o busto do barão do Rio Branco, Paissandú, Abolição, General Osório, Sant'Ana e outras.

A edificação da cidade é em geral excelente, contando magníficos prédios públicos e particulares, entre êles a Prefeitura Municipal, a catedral, o Clube Caixeiral, a Sociedade Agro-Pastoril, o Palácio Episcopal, Colégio N. S. do Horto, Mercado Público, Alfândega, igreja metodista, Hospital de Caridade, os quartéis de duas unidades do Exército, sendo um regimento de cavalaria e um grupo de artilharia, etc.

Uruguaiana, em virtude de ser cidade fronteiriça, pois é vizinha à cidade argentina de Passo de los Libres, da qual é separada pelo rio Uruguai, tem uma vida social e cultural em adiantado grau de desenvolvimento. São inúmeras as entidades classistas, recreativas, desportivas, culturais, cívico-militares, etc. Dentre as suas agremiações classistas e recreativas, destacam-se: o Clube Caixeiral, funcionamento com elevada matrícula de associados, magnificamente instalado em prédio próprio e possuindo precioso patrimônio moral e material; e a Sociedade Agro-Pastoril, congregando todos os ruralistas, agricultores, etc., uruguaianenses, cooperando eficazmente para o desenvolvimento da agricultura e da pecuária.

A instrução quer a pública como a particular, encontra-se em Uruguaiana no mais franco e decisivo desenvolvimento, funcionando todos os seus estabelecimentos de ensino com uma grande matrícula de alunos de ambos os sexos. Dentre os vários educandários, destaca-se o Colégio e Escola "N. S. do Horto", fundado em 9/2/1909, em edifício próprio, sob a atual direção da Irmã Maria do Rosário Centini, da Congregação das Filhas de Maria do Horto. Êsse estabelecimento de ensino é equiparado às escolas complementares do Estado.



Prefeitura Municipal.

A saúde pública vem merecendo dos poderes competentes os mais desvelados cuidados, existindo na cidade um Pôsto de Higiene, além de outros departamentos de assistência sanitária que trabalham proficuamente em benefício da população em geral.

Uruguaiana, que é tôda iluminada à luz elétrica, encontra-se em perfeito estado sanitário, possuindo, também, uma magnífica rede de esgotos.

Em virtude de fazer fronteira com a vizinha argentina, Passo de los Libres, a cidade de Uruguaiana tem um comércio muito intenso, sólido, e em franca prosperidade, contando com inúmeras casas comerciais, em cujas transações giram elevados capitais.

A sua indústria, por sua vez, marcha lado a lado, com o seu comércio, contando com fábricas de tecidos, estabelecimentos saladeris, etc., figurando entre os seus estabelecimentos industriais alguns com avultados bens invertidos.

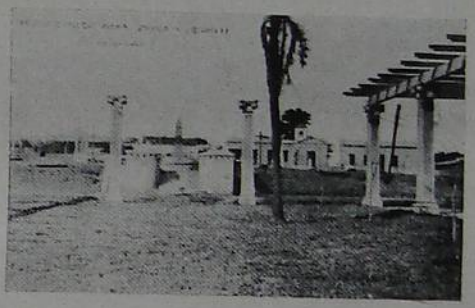
Uruguaiana, dentro em breve, estará ligada à sua vizinha argentina, Passo de los Libres, por uma majestosa ponte internacional, de acôrdo com o convênio recentemente assinado entre os govêrnos brasileiro e argentino, num passo gigantesco dentro da política da boa vizinhança.

A imprensa uruguaianense é atualmente representada pelo jornal "A Nação", que circula na cidade três vezes por semana.

A administração está entregue ao seu operoso prefeito, sr. Francisco Maria Piquet, cuja profícua gestão vem elevando, cada vez mais, o nome que Uruguaiana galhardamente ostenta — a "Princesa do Uruguai".

Itinerário de Uruguaiana:

A PÔRTO ALEGRE: TREM 716 km. (Até Alegrete 142 km, Santa Maria 374 km, Cachoeira 489 km, Rio Pardo 555 km, Barreto 644 km). AVIÃO 695 km.
A BUENOS AIRES: COMBINADO 766 km (Vapor até Libres 3 km, Trem 763 km).
A QUARAÍ: RODOVIA 120 km. TREM 257 km. AVIÃO 95 km.
A ALEGRETE: RODOVIA 150 km. TREM 142 km.
A ITAQUÍ: RODOVIA 100 km. TREM 101 km. VAPOR 100 km.



Praça Dom Pedro II e monumento Sá Viana.

UM NOTÁVEL CENTRO DE PRODUÇÃO PECUÁRIA

A MODELAR "CABANHA JULIETA"

ALGUNS DADOS A RESPEITO DÊSSE ESTABELECIMENTO DA FIRMA FLODOARDO MARTINS & FILHO, DE URUGUAIANA, DE PARTICULAR EVIDÊNCIA NA MELHORIA DE NOSSAS RAÇAS

O Brasil, não obstante formar um enorme bloco econômico coeso, admite multiformes sub-divisões. Embora constituindo celeiro fartíssimo de tôdas as riquezas imagináveis, proporcionando ao homem tudo o que, de qualquer maneira, lhe possa ser útil, cada região brasileira não deixa de apresentar suas peculiaridades específicas, distinguindo-as umas das outras, em suas caraterísticas essenciais. Assim, quem diz Amazonas, diz borracha; São Paulo, primàriamente, significa café; Paraná, madeira — e Rio Grande do Sul, pecuária. Para muito além das fronteiras brasileiras, até na literatura européia, o vocábulo "gaúcho" é empregado neste sentido corrente: gaúcho, pastor de gado vacum.

No entanto, neste Estado de pecuária por excelência, é particularmente a zona fronteiriça que com maior direito faz jus ao título de zona de criação de gado. E nela, de modo especial, é só alguns municípios que podem competir entre si, para arrebatar-se o título de "primum inter pares" entre as comunas pastoris riograndenses.

Uruguaiana, incontestàvelmente, figura em primeiro plano nesta honrosa competição. É a pecuária a maior riqueza e importância primária do município, nele ocupando lugar de particular evidência a firma Flodoardo Martins da Silva & Filho. É, portanto, lógico e natural que, numa obra dêste alcance sôbre o Rio Grande do Sul e sua vida econômica, se trate mais amplamente duma emprêsa da importância da que estamos focando.

A firma Flodoardo Martins da Silva & Filho, cuja principal célula de produção está concentrada em sua modelar Cabanha Julieta, possue extensas fazendas no município de Uruguaiana, constituindo, indiscutìvelmente, um dos fatores preponderantes na melhoria da nossa pecuária e uma das mais meritórias entre todos os numerosos criadores riograndenses.

Tendo iniciado mui modestamente as suas atividades, conseguindo, por esfôrço próprio, alçar-se numa posição que o tornou um dos mais prestigiados criadores, de nome reputado não só no Estado mas também muito além de suas fronteiras, o Cel. Flodoardo Martins da Silva, compreendendo, desde logo, a responsabilidade que cabe aos integrantes dum Estado pastoril, procurou, antes de mais nada, cuidar da melhoria de nossas raças.



GARGUSTON GILLIVER OF SALSO

Primeiro Prêmio na Exposição Internacional do Prado: Montevidéu, 1942.

Na raça Shorthorn, a que o estabelecimento de Flodoardo Martins da Silva & Filho dedicou seu interêsse, merecem menção particular as famílias Necatarine Blessom, Gilliver, Christmas Carol, Red Rose, Strawberry, Princess e Beeswing. Para avaliar melhor a atenção que os dirigentes da firma prestam ao problema da melhoria da raça, basta citar o fato, aliás não isolado, de que o Cel. Flodoardo Martins da Silva, para a aquisição de reprodutors comprados na Inglaterra e Argentina, dispendeu somas de várias centenas de contos.

Os resultados dêste sistema racional, com que a firma se vem dedicando à pecuária, são, de sua vez, também amplamente satisfatórios, compensando, largamente, o esfôrço e atenção dispensados. Os animais, com que a firma tem concorrido às principais exposições dos últimos anos, têm conseguido assegurar o título de campeão para o estabelecimento em referência. Inúmeros outros foram distinguidos com outros prêmios. A mesma distinção obteve a Cabanha Julieta, quando concorreu com os subprodutos da pecuária às exposições nacionais e estrangeiras.

Outrossim, a atenção que a firma dispensa ao gado bovino, tem prestado ao ovino, dedicando-se, de modo particular, à valiosa raça Romney Marsh.

Homem que consiga, por próprio esfôrço, elevar um empreendimento de início modesto até torná-lo de renome internacional, forçosamente há de ser personalidade de nível elevado e de individualidade bem expressiva. É o que no mais lato e genuíno sentido corresponde ao Cel. Flodoardo Martins da Silva. Gaúcho da velha estirpe e cavalheiro do mais alto conceito, o Cel. Flodoardo Martins da Silva há prestado à sua terra os mais relevantes serviços. Ao lado de Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha, exerceu papel preponderante na campanha política que culminou na grande cruzada de renovação do Brasil. Durante muitos anos, esteve à testa da prefeitura municipal de Uruguaiana, função na qual nunca quis aceitar a mínima remuneração a título de vencimentos. Pelo contrário: os vencimentos que de direito lhe cabiam, bem como grandes quantias dos seus recursos particulares, êle os destinava sempre ao amparo da pobreza. A grande atividade revelada pelo Cel. Flodoardo Martins da Silva na curul prefeitural de Uruguaiana teve como resultado que a maioria dos projetos últimamente executados e outros em vias de realização tivessem sido por êle iniciados; por muito tempo, ainda, as sugestões do edil de então irão manifestar-se nas administrações que lhe sucederem.

O filho do fundador da firma, sr. Joal Silva, sócio do estabelecimento, segue, em aptidões e valores humanos, nas pègadas do pai. Joal Silva, personalidade de aprimorada educação e cultura, versado em diversas línguas, tem sido o executor de todos os planos e realizações da firma, ampliando operações iniciais, com suas viagens pela Europa e América. Dedica-se, especialmente, ao mercado de lãs, exportando em grande escala não só dos seus próprios rebanhos, como também de grandes partidas de lã de outros pontos do Estado.

V A C A R I A

REGIÃO: Planalto Nordeste — LATITUDE S.: 29°45'23" — LONGITUDE W. Gr.: 57°05'12" — LIMITES: ao N.: Est. de Santa Catarina; a L.: Est. de Santa Catarina e Bom Jesús; ao S.: S. Francisco de Paula, Caxias e Antônio Prado; a O.: Lagoa Vermelha.

Dados geo-demográficos

Superfície, 6.194 km² — Altitude da sede, 955 m — Distância da Cap. em linha reta, 166 km — População urbana, 4.350 — População rural, 27.250 — População total, 31.600 — Densidade por km², 5,10 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,94 — Crescimento natural, 635.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 31.088 ha — Valor total da produção, 10.880:000$ — 1.° produto: milho: Área cultivada, 18.255 ha; Produção, 32.859 ton; Valor, 6.571:800$ — 2.° produto: alfafa: Área cultivada, 1.259 ha; Produção, 6.295 ton; Valor, 1.888:500$ — 3.° produto: trigo: Área cultivada, 8.900 ha; Produção, 1.780 ton; Valor, 1.068:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 578.630 lt; 231:451$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 194.400; Ovinos, suínos e caprinos, 63.060 — Produção em quilos, de graxa, 16.240; de banha, 79.000; de lãs, 33.660.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 101 — Capital invertido, 1.228:500$ — Operários, 231 — Fôrça motriz em HP, 375,50 — Valor da produção, 1.754:789$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 106; Veículos a fôrça animada, 564.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 6; Aulas estaduais, 6; Aulas municipais, 4; Colégios particulares, 70 — Hospitais, 2 — Sociedades beneficentes, 1 — Instituições de Caridade, 1 — Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 256:123$; estadual, 1.071:226$; municipal, 549:384$ — Despesas com: Ensino e cultura, 41:224$; Saúde pública, 7:349$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1735 — Origem da colonização da comuna.
1761 — 21-12 — Criada a capela curada, confirmada por alvará de 20 de outubro de 1805.
1850 — 22-10 — Elevação à categoria de município, por lei provincial n.° 185.
1857 — 26-11 — Extinção da vila, sendo o seu território anexado ao de Santo Antônio.
1876 — 12-4 — Restabelecimento da comuna, pela lei n.° 1018.
1878 — 1.°-4 — Pela lei n.° 1.115 foi a sede devolvida à vila de Vacaria.



Vista parcial da cidade com a Praça Daltro Filho.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — No Planalto Nordeste. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formações triássica e primitiva. HIDROGRAFIA — rios: Antas, Turvo, Santa Rita, Refugiado, Saltinho, Quebradentes, Guabijú, Pelotas, etc.; arroios: Tigre, Cachoeirinha, Varejões, Engenho, Faxinal, Guachos, Uruguai, Carazinho e outros. OROGRAFIA — Serra do Mar, com as denominações de Serra das Antas, Pelotas; cerros: Agudo, Lomba Chata, Vista Alegre, Cascavel, Vigia, Três Cerros e outros. FLORA — Madeiras de lei: Ipê, Cocão, Tarumã, Carvalho, Angico, Louro, Pessegueiro, Cambará, Cedro, etc. CLIMA — Agradabilíssimo.

A CIDADE

A cidade de Vacaria, sede da comuna e da comarca do mesmo nome, está construída em uma bela cochilha, a 1.800 metros de altitude acima do nível do mar, apresentando agradável aspecto.

As ruas amplas e bem alinhadas, bem como os seus logradouros públicos, bem cuidados e ajardinados, emprestam a Vacaria uma fisionomia atraente. Dentre suas principais ruas, citam-se a Júlio de Castilhos, Ramiro Barcelos, Dr. Flores, Floriano Peixoto e 15 de Novembro, sendo a maioria delas macadamizadas. Entre as suas praças, destaca-se, em primeiro plano, a General Daltro Filho, bem no coração da cidade e o ponto principal de convergência de sua população; a Marechal Deodoro, etc.

A edificação de Vacaria é boa, existindo numerosos prédios públicos ou particulares, de excelente contrução, entre os quais a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, um dos mais lindos templos católicos do Estado e, quiçá, do Brasil; o Colégio São José, além de outros, de propriedade particular.



Igreja Matriz.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica e a sua vida urbana é movimentadíssima, contando com cafés, bares, restaurantes, hotéis, cinemas, etc.

A vida social e cultural é bastante adiantada, contando com várias entidades recreativas, desportivas, culturais, beneficientes, classistas, cívico-militares, etc., entre as quais se destacam o Aéro-Clube de Vacaria, que congrega em seu seio a mocidade vacariense num grande movimento de brasilidade.

O ensino, tanto público como particular, está em franco desenvolvimento, existindo inúmeras escolas em pleno funcionamento e com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos. Entre os seus estabelecimentos de ensino, citam-se o Grupo Escolar, e o Colégio São José, êste fundado em 4/5/1903, pelas Irmãs da Congregação de São José, e equiparado às escolas normais do Estado. Magnificamente instalado, êste educandário tem uma matrícula elevadíssima de alunas que aí iniciam a sua cultura para a luta quotidiana.

A saúde pública, merecendo amplo auxílio dos poderes competentes, vem satisfatòriamente zelando pelo bom estado sanitário da cidade.

O comércio e a indústria de Vacaria marcham juntos na mesma senda de progresso e prosperidade.

Atualmente, encontra-se à frente de seus destinos o seu dinâmico prefeito, sr. Sátiro Dornelles de Oliveira Filho, que vem dotando Vacaria de uma era de grande progresso e franca prosperidade.

Itinerário de Vacaria à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A **PÔRTO ALEGRE:** RODOVIA 270 km (Até Antônio Prado 65 km, Farroupilha 140 km, Caí 196 km, São Leopoldo 234 km). COMBINADO 315 km (Rodovia até Antônio Prado 65 km, Farroupilha 140 km, Caxias 121 km, trem 194 km).
A **LAGOA VERMELHA:** RODOVIA 79 km.
A **PRATA:** RODOVIA 128 km (Até Antônio Prado 65 km, Alfredo Chaves 108 km).
A **ALFREDO CHAVES:** RODOVIA 65 km.
A **ANTÔNIO PRADO:** RODOVIA 65 km.
A **FLORES DA CUNHA:** RODOVIA 105 km (Até Antônio Prado 65 km).
A **CAXIAS:** RODOVIA 121 km (Até Antônio Prado 65 km, Flores da Cunha 105 km).
A **SÃO FRANCISCO DE PAULA:** RODOVIA 100 km.
A **BOM JESÚS:** RODOVIA 66 km.

VENÂNCIO AIRES

REGIÃO: Encosta da Serra — LATITUDE S.: 29°39'30" — LONGITUDE W. Gr.: 52°08'41" — LIMITES: ao N.: Lajeado; ao S.: Santo Amaro, Rio Pardo e Santa Cruz; a O.: Santa Cruz; a L.: Taquarí.

Dados geo-demográficos

Superfície, 780 km² — Altitude da sede, 210 m — Distância da Cap. em linha reta, 97 km — População urbana, 2.400 — População rural, 26.300 — População total, 28.700 — Densidade por km², 36,79 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,85 — Crescimento natural, 552.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 50.735 ha; Valor total da produção, 17.272:560$ — 1.º produto: milho: Área cultivada, 44.500 ha; Produção, 44.500 ton; Valor, 6.675:000$ — 2.º produto: fumo: Área cultivada, 2.010 ha; Produção, 3.015 toneladas; Valor, 6.633:000$ — 3.º produto: alfafa: Área cultivada, 1.255 ha; Produção, 10.040 ton; Valor, 2.510:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 101.340 lt; 50:670$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 28.300; Ovinos, suínos e caprinos, 56.280 — Produção em quilos: de graxa, 30.980; de banha, 227.600.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 199 — Capital invertido, 1.920:790$ — Operários, 357 — Fôrça motriz em HP, 651,90 — Valor da produção, 6.955:394$ — Meios de transporte: Veículos a motor 228; Veículos a fôrça animada, 914.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 2; Aulas estaduais, 8; Aulas municipais, 28; Colégios particulares, 28 — Hospitais, 2 — Associações de Classe, 2 — Receita arrecadada: federal, 269:496$; estadual, 746:209$; municipal, 728:250$ — Despesas com: Ensino e cultura, 26:800$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1800 — Origem da comuna, sendo iniciada sua povoação por famílias portuguesas.
1876 — 3-1 — Lançamento da pedra angular da primeira capela.
1884 — 8-4 — Elevação a freguesia, por lei n.º 1.438.
1891 — 29-4 — Elevação à categoria de município autônomo, instalado a 11 de maio do mesmo ano.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Encosta da Serra. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação triássica. HIDROGRAFIA — Pertence à bacia do Taquarí; rios: Taquarí, Taquarí-Mirim, Grande, Bonito, Chafariz, Duvidoso, Castelhano e outros; sangas: Arrojal, Cambará, Ponte Queimada; passos: Mariante, Barra do Castelhano, Cria, etc.; portos: Barra do Taquarí-Mirim, Gomes e Mariante; OROGRAFIA — Ramificações da Serra Geral, contando com os morros Grande, Protásio de Freitas, Palanque, Alto da Légua, Belo, etc. FLORA — Riquíssimo em madeiras de lei. CLIMA — Saudável.

A CIDADE

A cidade de Venâncio Aires, sede do município do mesmo nome, está construída à margem direita do arroio Castelhano, e apresenta um bonito aspecto.

As suas ruas amplas e bem alinhadas, bem como os seus logradouros públicos, arborizados e bem cuidados, emprestam a Venâncio Aires uma fisionomia agradável. Entre suas principais artérias, encontram-se a 28 de Setembro, Tiradentes, Rio Branco, 1.º de Março, destacando-se entre suas praças a Duque de Caxias, que é o ponto de convergência de sua população.



Igreja Matriz.

Em geral, é boa a edificação da cidade. Entre seus principais prédios citam-se a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, onde é vigário o cônego Albino Juchem; o templo evangélico, um dos mais belos do Estado, etc.

A vida social e cultural é bastante desenvolvida. Existem numerosas agremiações recreativas, desportivas, beneficientes, de classe, cívico-militares, culturais, etc., tôdas em pleno funcionamento e com elevada matrícula de associados.

O ensino se acha numa fase de grande desenvolvimento, contando com numerosas escolas, tanto públicas como particulares, atendendo a uma população escolar bastante elevada. A saúde pública, por sua vez, vem trabalhando afanosamente, procurando conservar o bom estado sanitário da cidade, bem como de seus habitantes.

A indústria e comércio possuem um grande movimento e se encontram em absoluto progresso.

A cidade é tôda iluminada à luz elétrica e grandemente movimentada na sua vida urbana, contando com vários cafés, hotéis, centros de diversões, etc.

A administração de Venâncio Aires está, atualmente, sob a orientação de seu esforçado prefeito, sr. Flávio Mena Barreto Matos, que lhe vem imprimindo um ritmo de progresso e franca prosperidade.

Itinerário de Venâncio Aires:

A PÔRTO ALEGRE: RODOVIA 224 km (Até Lajeado 65 km, Estrêla 71 km, Montenegro 149 km, São Leopoldo 188 km). COMBINADO (Rodovia até Pôrto Mariante 28 km, depois Vapor).
A GENERAL CÂMARA: COMBINADO 76 km (Rodovia até Pôrto Mariante 28 km, Vapor 48 km) RODOVIA 88 km.
A TAQUARÍ: COMBINADO 46 km (Rodovia até Pôrto Mariante 28 m, Vapor 18 km). RODOVIA 52 km.
A LAJEADO: RODOVIA 65 km. COMBINADO 70 km (Rodovia até Pôrto Mariante 28 km, Vapor 42 km).
A SANTA CRUZ: RODOVIA 33 km.
A RIO PARDO: RODOVIA 69 km (Até Santa Cruz 33 km). COMBINADO 69 km (Até Santa Cruz Rodovia 33 km. Trem 36 km).

V I A M Ã O

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 30°05'00" — LONGITUDE W. Gr.: 50°47'00" — LIMITES: ao N.: Gravataí e Santo Antônio; ao S.: lagoa dos Patos; a L.: rio Guaíba e Pôrto Alegre; a O.: Osório.

Dados geo-demográficos

Superfície, 1.975 km² — Altitude da sede, 52 m — Distância da Cap. em linha reta, 22 km — População urbana, 1.600 — População rural, 15.800 — População total, 17.400 — Densidade por km², 8,81 — Percentagem sôbre a população do Est., 0,51 — Crescimento natural, 182.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Área cultivada, 4.948,5 ha — Valor total da produção, 4.006:800$ — 1.º produto: arroz: Área cultivada, 3.600 ha; Produção, 7.920 ton; Valor, 3.247:200$ — 2.º produto: mandioca: Área cultivada, 700 ha; Produção, 4.200 toneladas; Valor, 462:000$ — 3.º produto: cana: Área cultivada, 200 ha; Produção, 1.400 ton; Valor, 112:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Aguardente, 117.940 lt; 58:970$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 67.260; Ovinos, suínos e caprinos, 18.220 — Produção em quilos, de lã, 13.000.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 124 — Capital invertido, 230:450$ — Operários, 162 — Fôrça motriz em HP, 24,50 — Valor da produção, 772:525$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 330; Veículos a fôrça animada, 1.211.

Dados diversos

Instrução Pública: Grupos escolares, 4; Aulas estaduais, 5; Aulas municipais, 7; Colégios particulares, 25 — Associações de Classe, 1 — Receita arrecadada: federal, 167:075$; estadual, 459:310$; municipal, 286:839$ — Despesas com: Ensino e cultura, 42:135$; Saúde Pública, 4:510$.

SÍNTESE HISTÓRICA

1750 — Origem de sua povoação, sendo erigida uma capela em honra de N. S. da Conceição (1751).
1763 — Foi elevada à categoria de sede da então Capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul, até 1773.
1767 — 1.º-1 — Foram abertos os pelouros da justiça; durante a malograda República Riograndense, foi a Capela elevada a vila, com o nome de Setembrina.
1880 — 11-6 — Elevada à categoria de vila, por lei n.º 1.247, instalando-se a primeira Câmara Municipal em 16 de outubro do referido ano.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

SITUAÇÃO — Na Depressão Central. ESTRUTURA GEOLÓGICA — Formação granito-gnéissica, argilo-calcárea e argilo-silicosa. HIDROGRAFIA — rios: Guaíba, Gravataí, Capivarí, etc.; arroios: Chico Barcelos, Sabão, Feijó, Dorneles, Vigário, etc.; lagoas: Sabinos, Pacheco e Branca; banhados: Chicolomã, Capavarí, etc. OROGRAFIA — Serra do Mar, contando com a cochilha das Lombas e os morros Itapuã, Côco, Bonito, Grande, etc. MINÉRIOS — Importantes minas de carvão de pedra e muitas pedreiras. CLIMA — Salubérrimo.

A CIDADE

A cidade de Viamão, sede da comuna do mesmo nome, está construída a leste da Capital do Estado, apresentando um agradável aspecto.

Conta com várias ruas, amplas e alinhadas, bem como algumas praças, em sua maioria arborizadas e ajardinadas. Entre suas artérias principais, citam-se a General Osório e Coronel Marcos.

A edificação de Viamão, em geral, é boa, possuindo vários prédios, tanto públicos como particulares, alguns mesmo de excelente construção. Entre êles, merecem especial menção a Prefeitura Municipal, a igreja matriz, com suas tôrres admiráveis e preciosos interiores, construída há mais de 200 anos; o templo episcopal brasileiro, etc.

A vida social e cultural viamonense encontra-se em grande progresso, contando com várias entidades culturais, desportivas, recreativas, cívico-militares, beneficientes, de classe, etc., tôdas possuindo precioso patrimônio moral e material.

Viamão é tôda iluminada à luz elétrica e possue vida urbana relativamente movimentada, contando com centros de diversões públicas, cafés, hotéis, etc.

A instrução, também, marcha com o crescente progresso de Viamão, existindo vários estabelecimentos de ensino, tanto públicos como particulares, que funcionam com elevada matrícula de alunos de ambos os sexos. Entre seus educandários, citam-se o Grupo Escolar "Setembrina", fundado em 20/3/1914, atualmente sob a direção da provecta professora d. Odete Hecker, funcionando em prédio recentemente inaugurado; e o Colégio Stella Maris, magnificamente instalado e que ministra o ensino a elevado número de alunos, com real aproveitamento para a população escolar viamonense. Por sua vez, a saúde pública, amparada pelos poderes responsáveis pelo bom estado sanitário da cidade, vem preenchendo as suas finalidades a contento da população.

O comércio e a indústria de Viamão encontram-se em franco desenvolvimento e, mesmo, numa era de grande prosperidade.

Atualmente, encontra-se à frente do govêrno de Viamão o seu operoso prefeito, sr. Antônio C. Barreto Viana, que vem imprimindo à sua gestão um ritmo de trabalho fecundo, assegurando, assim, um futuro promissor para a coletividade viamonense.

Itinerário de Viamão à capital do Estado e às sedes dos municípios limítrofes:

A **PÔRTO ALEGRE:** RODOVIA 26 km.
A **GRAVATAÍ:** RODOVIA 16 km.
A **SANTO ANTÔNIO:** RODOVIA 69 km (Até Gravataí 16 km).
A **OSÓRIO:** RODOVIA 98 km (Gravataí 16 km, Santo Antônio 69 km).



VIAMÃO

A histórica igreja da antiga capital da Província de São Pedro do Sul.

OS 88 MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO SUL

ÁREA, POPULAÇÃO CITADINA E RURAL, DENSIDADE DEMOGRÁFICA DOS MUNICÍPIOS E PERCENTAGEM SÔBRE A POPULAÇÃO TOTAL, REFERENTES AO ANO DE 1940 E SEGUNDO LEVANTAMENTO DO D. E. DE ESTATÍSTICA

MUNICÍPIOS	Área em Km²	POPULAÇÃO			Densidade por Km²	Percentagem sôbre a população do Estado
		Citadina (Urbana e Suburbana)	Rural	Total		
Alegrete	7.845	16.500	23.100	39.600	5,04	1,18
Alfredo Chaves	632	1.950	14.650	16.600	26,26	0,49
Antônio Prado	468	2.050	9.450	11.500	24,57	0,34
Arroio Grande	3.072	2.700	13.800	16.500	5,37	0,49
Arroio do Meio	538	1.180	19.820	21.000	39,03	0,62
Bagé	6.860	31.800	28.000	59.800	8,71	1,78
Bento Gonçalves	530	4.350	14.050	18.400	34,71	0,54
Boni Jesús	4.460	1.940	10.260	12.200	2,73	0,36
Caçapava	4.690	3.400	24.700	28.100	5,99	0,83
Cachoeira	6.157	17.700	67.100	84.800	13,77	2,53
Caí	1.075	3.000	36.600	39.600	36,83	1,18
Camaquã	2.980	2.530	25.870	28.400	9,53	0,84
Candelária	798	1.620	17.380	19.000	23,80	0,56
Cangussú	3.696	1.780	49.120	50.900	13,77	1,51
Canoas	281	11.590	6.210	17.800	63,34	0,53
Carasinho	2.680	7.900	43.700	51.600	19,25	1,53
Caxias	891	17.560	22.840	40.400	45,34	1,20
Cruz Alta	6.375	16.450	41.450	57.900	9,08	1,72
Dom Pedrito	5.190	10.100	15.900	26.000	5,00	0,77
Encantado	1.300	1.400	27.100	28.500	21,92	0,85
Encruzilhada	5.007	3.500	32.700	36.200	7,22	1,08
Estrêla	726	3.510	25.290	28.800	39,66	0,85
Farroupilha	417	1.730	11.070	12.800	30,69	0,38
Flores da Cunha	480	1.200	15.740	9.600	20,00	0,28
Garibaldi	503	2.460	8.400	18.200	36,18	0,54
General Câmara	875	2.530	8.570	11.100	12,68	0,33
Getúlio Vargas	1.187	1.850	21.750	23.600	19,88	0,70
Gravataí	833	2.850	20.150	23.000	27,61	0,68
Guaíba	1.961	2.940	18.360	21.300	10,86	0,63
Guaporé	1.922	2.810	42.590	45.500	23,62	1,35
Herval	2.680	1.280	8.420	9.700	3,61	0,28
Ijuí	1.950	5.800	37.700	43.500	22,30	1,29
Iraí	1.050	1.480	13.620	15.100	14,38	0,45
Itaqui	5.512	7.180	9.520	16.700	3,02	0,49
Jaguarão	2.037	11.330	4.970	16.300	8,00	0,48
Jaguarí	705	3.350	15.650	19.000	26,95	0,56
José Bonifácio	4.691	7.850	100.550	108.400	23,10	3,23
Júlio de Castilhos	3.405	2.760	18.940	21.700	6,37	0,64
Lajeado	1.062	3.620	39.380	43.000	40,48	1,28
Lagoa Vermelha	6.633	2.480	56.820	59.300	8,94	1,76
Lavras	2.580	2.790	9.910	12.700	4,92	0,37
Montenegro	6.700	27.050	21.050	48.100	7,17	1,43
Livramento	1.155	6.600	41.900	48.500	41,99	1,44
Novo Hamburgo	238	13.090	6.310	19.400	81,51	0,57
Osório	3.552	2.420	31.280	33.700	9,48	1,00
Palmeira	9.745	2.450	106.150	108.600	11,14	3,24
Passo Fundo	5.435	17.670	63.430	81.100	14,92	2,41
Pelotas	3.152	60.690	44.410	105.100	33,34	3,13
Pinheiro Machado	3.160	2.050	10.950	13.000	4,11	0,38
Piratini	3.182	1.000	18.500	19.500	6,12	0,58
Pôrto Alegre	470	263.000	13.000	276.000	587,23	8,23
Prata	435	1.400	21.600	23.000	52,87	1,68
Quaraí	3.512	7.790	9.510	17.300	4,92	0,51
Rio Grande	3.212	49.650	10.650	60.300	18,77	1,79
Rio Pardo	3.140	6.550	29.150	35.700	11,36	1,06
Rosário	4.800	6.820	17.280	24.100	5,02	0,71
Santa Cruz	2.313	9.650	44.050	53.700	23,21	1,60
Santa Maria	3.257	39.400	37.000	76.400	23,45	2,27
Santa Rosa	4.290	1.700	84.300	86.000	20,04	2,56
Santa Vitória	5.020	5.780	8.420	14.200	2,82	0,42
Santiago	4.011	7.800	19.700	27.500	6,85	0,82
Santo Ângelo	6.014	7.800	61.800	69.600	11,57	2,07
Santo Antônio	1.768	1.500	58.600	60.100	33,99	1,79
São Borja	6.660	8.780	21.220	30.000	4,50	0,89
São Francisco de Assis	3.724	2.590	18.010	20.600	5,53	0,61
São Francisco de Paula	6.357	2.180	28.320	30.500	4,79	0,91
São Gabriel	7.112	12.500	28.700	41.200	5,79	1,22
São Jerônimo	3.730	2.500	36.400	38.900	10,42	1,16
São José do Norte	3.957	1.080	16.420	17.500	4,42	0,52
São Leopoldo	1.050	14.100	38.400	52.500	50,00	1,56
São Lourenço	2.250	4.250	24.350	28.600	12,71	0,85
São Luiz Gonzaga	6.725	6.240	55.560	61.800	9,18	1,84
São Pedro	895	2.400	13.200	15.600	17,43	0,46
São Sepé	3.355	1.960	19.440	21.400	6,37	0,63
São Vicente	2.562	1.100	15.500	16.600	6,47	0,49
Sarandí	3.165	1.600	38.000	39.600	12,51	1,18
Sobradinho	1.126	800	27.900	28.700	25,48	0,85
Soledade	6.550	2.720	68.180	70.900	10,82	2,11
Tapes	1.663	2.420	20.080	22.500	13,52	0,67
Taquara	1.527	5.720	49.080	54.800	35,88	1,63
Taquarí	880	3.200	24.900	28.100	31,93	0,83
Tôrres	1.398	1.430	19.170	20.600	14,73	0,61
Triunfo	800	2.050	9.850	11.900	14,87	0,35
Tupanciretã	4.150	3.820	17.580	21.400	5,15	0,63
Uruguaiana	6.825	21.850	13.350	35.200	5,15	1,05
Vacaria	6.194	4.350	27.250	31.600	5,10	0,94
Venâncio Aires	780	2.400	26.300	28.700	36,79	0,85
Viamão	1.975	1.600	15.800	17.400	8,81	0,51
ESTADO	**270.705**	**888.300**	**2.463.200**	**3.351.500**	**12,38**	**100,00**

A CAPITAL





VISTA PARCIAL DA METRÓPOLE GAÚCHA

Parte do centro e do pôrto da capital riograndense, vistos a vôo de pássaro.

PÔRTO ALEGRE

REGIÃO: Depressão Central — LATITUDE S.: 30°01'53" — LONGITUDE W. Gr.: 51°13'19" — LIMITES: ao N.: Canoas e Gravataí; a L.: Viamão; ao S. e O.: O rio Guaíba.

Dados geo-demográficos

Superfície, 470 km² — Altitude da sede 10 m — População urbana, 263.000 — População rural, 13.000 — População total, 276.000 — Densidade por km² 587,23 — Percentagem sôbre a população do Est., 8,23 — Crescimento natural, 273.

Dados econômicos

SITUAÇÃO AGRÍCOLA

Area cultivada, 1.658 ha — Valor total da produção, 1.452:700$ — 1.° produto: arroz: Área cultivada, 1.050 ha; Produção, 2.730 ton; Valor, 1.064:700$ — 2.° produto: mandioca: Área cultivada, 588 ha; Produção, 5.000 ton; Valor, 300:000$ — 2.° produto: uvas: Área cultivada, 20 ha; Produção, 220 ton; Valor, 88:000$ — Produtos transformados (quantid. e valor): Vinho, 220.000 lt; 132:000$; Aguardente, 65.700 lt; 32:850$.

SITUAÇÃO PECUÁRIA

Bovinos, eqüinos e asininos, 17.470; Ovinos, suínos e caprinos, 3.240 — Produção em quilos, de graxa, 134.250.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL

Fábricas e oficinas, 1.521 — Capital invertido, 201.524:510$ — Operários, 17.869 — Fôrça motriz em HP, 16.338,11 — Valor da produção, 404.645:760$ — Meios de transporte: Veículos a motor, 5.645; Veículos a fôrça animada, 5.106.

Dados diversos

Instrução pública: Grupos escolares, 45; Aulas estaduais, 18; Aulas Regimentais, 8; Colégios particulares, 103 — Hospitais, 39 — Asilos e recolhimentos, 15 — Sociedades Beneficientes, 45 — Instituïções de Caridade, 37 — Associações de Classe, 30 — Sindicatos, 86 — Receita arrecadada: federal, 95.083:716$7; estadual, 217.088:651$; munic., 44.963:412$6 — Despesas com: Ensino e cultura, 188:088$; Saúde Pública, 1.141:498$.

SÍNTESE HISTÓRICA

A história da fundação de Pôrto Alegre tem seu início na segunda metade do século XVIII.

A guerra de conquista então lançada pela Espanha contra Portugal, as duas grandes nações senhoras dos mares, determinou a mudança da capital do antigo govêrno de São Pedro do Rio Grande para o interior do território, onde ficaria mais abrigada contra as surpresas das investidas dos exércitos espanhóis, então dominadores do Rio da Prata. No entretanto, devemos acrescentar que, já nessa época, em que se verificou o êxodo dos habitantes do Rio Grande, o núcleo que mais tarde veio a ser Pôrto Alegre, já existia.

Uma vez efetuada a transferência de populações de Rio Grande para o interior do território, verificou-se, de pronto, a conveniência de criar uma povoação no litoral do Guaíba.

Foi, então, ordenado pelo governador interino, Antônio da Veiga de Andrade, ao capitão Alexandre José Montanha, em 12 de Julho de 1772, que, da estância denominada Morro de Sant'Ana, pertencente a Inácio Francisco, desapropriasse e demarcasse os terrenos precisos à edificação para diversos casais e para a igreja matriz, o que foi feito. Deu o governador a Inácio Francisco, como compensação desta desapropriação, uma data de terras entre o sítio denominado Tarumã e a fazenda do Bojurú.

Por provisão régia de 6 de Março de 1772, foi a capela curada de São Francisco do Pôrto dos Casais elevada à categoria de freguesia, desmembrado seu território da de N. S. da Conceição de Viamão.

A cidade de Pôrto Alegre e seu município, que eram primitivamente habitados pelos índios, passou a 3 de Dezembro de 1747, após a realização dos atos sacramentais, de Pôrto de Viamão a denominar-se Pôrto dos Casais. E, a 18 de Janeiro de 1773, o então governador José Marcelino de Figueiredo mudou o nome de São Francisco de Pôrto dos Casais para o de Nossa Senhora Madre de Deus de Pôrto Alegre.

Até 1742, não havia um só habitante branco no território do então Pôrto de Viamão, ano em que se estabeleceram os primeiros povoadores ocidentais que, segundo documentos antigos, consistiram em 60 casais açorianos.

Em 1773, quando passou a denominar-se Pôrto Alegre, passou, também, a ser a sede do govêrno, até então estabelecido em Viamão.

Por alvará de 23 de Agôsto de 1808 e resolução régia de 27 de abril de 1809, foi o povoado de Pôrto Alegre elevado a vila, sendo solenemente instalada em 11 de dezembro de 1810, pelo ouvidor geral e corregador dr. Antônio Monteiro da Rocha.

Finalmente, por carta imperial de 14 de Novembro de 1822, foi a vila de Pôrto Alegre elevada à categoria de cidade.

No decurso de sua existência, através de dois séculos, Pôr-



PÔRTO ALEGRE, OUTRORA. Bico de pena de Martha de Wagner-Schidrowitz.

to Alegre conta, na sua história, vários episódios dignos de evocação pela sua magnitude nacionalista e de brasilidade.

No início do século XIX, por exemplo, quando o povo português se revoltou na ausência do rei D. João VI, exigindo a convocação das côrtes e uma constituição, êsse gesto da população lusitana encontrou eco em nossa capital, pois os pôrto-alegrenses de então exigiram o juramento imediato da constituição, o que foi feito pela junta governativa, composta de um triunvirato que nessa época governava a cidade.

Recebeu, em 1827, por ocasião da guerra entre o Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, por causa da Banda Cisplatina, que o govêrno imperial incorporara ao nosso território, com o nome de Província Cisplatina, a visita do Imperador d. Pedro I.

A 20 de setembro de 1835, irrompeu em Pôrto Alegre a legendária revolução que passou à história com a denominação de "Revolução Farroupilha", a qual por espaço de dez anos encheu de atos de bravura e de lances de heroicidade a então Província do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre que se tornara sede do govêrno revolucionário, voltou novamente ao poder dos legalistas, em conseqüência de uma contra-revolução, a 15 de Julho de 1836, em que o povo e tropas se pronunciaram a favor do govêrno imperial.

Como prêmio de sua resistência, de seu devotamento à causa do Império, êste, por decreto n.° 103, de 19 de Outubro de 1841, conferiu a Pôrto Alegre o título de Leal e valorosa.

Enfim, para concluirmos esta síntese histórica da hoje grande e modernissima Metrópole Gaúcha, temos sòmente a registrar a visita imperial que lhe fez, em 1865, o Imperador D. Pedro II que foi hóspede da capital gaúcha, em trânsito para Uruguaiana, então em poder dos exércitos invasores ao mando do ditador paraguaio Solano Lopes, e cuja rendição foi assistida por aquele insigne e saüdoso brasileiro.

SÍNTESE GEOGRÁFICA

Pôrto Alegre, cidade que se encontra situada na Depressão Central, possue terrenos de origem terciária. O seu solo, semelhante ao de Montevidéu, parece ser primordial, decomposto no mesmo logar e modificado pelos cataclismas, dos períodos diluviano e aluviano; estas decomposições deram origem a terrenos terciários e, constantemente, a um terreno de transporte e de sedimento.

A cidade de Pôrto Alegre assenta sôbre terrenos primitivos que decaem em diferentes grupos. O terreno básico é francamente plutônico, aquí e acolá cortado e coberto por sedimentos conseqüentes a desagregação do gneisse, granito e pegmatito que estiveram debaixo dágua.

A conformação de Pôrto Alegre é acidentada por uma sucessão de cerros e cochilhas, separados por várzeas que se encontram de distância em distância. A Metrópole gaúcha oferece um magnífico aspecto com a alva massa de suas edificações contra um fundo de morros, dos quais os próximos são baixos e arredondados, e os distantes, mais altos, mais rochosos e desiguais.

É abundante o sistema hidrográfico de Pôrto Alegre; é mesmo magnífico, pelo considerável número de rios e arroios que banham e cortam o seu território em tôdas as direções, despejando suas águas no grande estuário da formosa bacia do rio Guaíba, que é a maior do Estado.

Entre os seus diversos mananciais citam-se: o Guaíba, que não é mais do que o Jacuí depois de receber as águas dos rios Caí, Sinos e Gravataí, defronte à capital, completamente navegável e recebendo em suas águas todos os vapores que, transpondo a barra do Estado em Rio Grande, fazem a navegação marítima entre os portos do norte e sul do País e os platinos, e bem assim o grande número de outras embarcações que fazem a navegação fluvial no interior do Estado: os rios Gravataí e Jacuí, êste de regular navegação; os arroios Lamí, Cavalhadas, Barcelos, Salso, Araçá, Riachinho e muitos outros.

Diversas são as ilhas existentes, destacando-se, entre estas, como principais, as denominadas Pintada, Pombas, Pavão, Pólvora, Lages, Ilha Grande dos Marinheiros, etc.

A orografia de Pôrto Alegre conta em seus sistema contrafortes da Serra do Mar, sob as denominações locais de Cordilheira, Itapoã, Estância Velha, Belém, Cristal, contando com os cerros de Chapéu do Sol, Santa Teresa, Cristal, Menino Deus, Polícia, e muitos outros.

Nas distâncias de quatorze, dez e cinco quilômetros, respectivamente, acha-se situada a cordilheira de cerros que se denominam Sant'Ana, Cascata e Cristal.

As terras de Pôrto Alegre são fertilíssimas e aclimam quasi todos os vegetais de ambas as regiões, sendo admiráveis no aspecto da fruticultura, que é variadíssima.

A flora medicinal, também, é riquíssima, encontrando-se numerosas espécies, bem como as mais variadas espécies de madeiras de lei.

A fauna, por sua vez, é variadíssima, o mesmo não acontecendo com relação ao reino mineral, que está fracamente representado.

O clima de Pôrto Alegre é ameno e temperado; a temperatura média anual é de 19° 27' (graus centígrados).



PÔRTO ALEGRE, AGORA.

Bico de pena de Martha de Wagner-Schidrowitz.

Com a sua vasta população, seu esplêndido desenvolvimento que a credenciam como metrópole moderna e civilizada, Pôrto Alegre, capital dó Estado do Rio Grande do Sul, constitue um dos maiores atrativos que enriquecem o valioso patrimônio do grande Estado sulino.

A cidade sorriso, como é cognominada a grande capital dos Pampas, ornada de inúmeros atributos naturais e materiais, já se tornou, em hierarquia, indiscutìvelmente, a terceira cidade do Brasil.

Centro dinâmico e comercial, Pôrto Alegre está edificada à margem esquerda do rio Guaíba, e carateriza-se pelo seu aspecto majestoso e imponente que empresta à sua fisionomia aquela feição peculiar das grandes cidades norte-americanas.

A capital riograndense possue para mais de 51 mil prédios das mais variadas construções, ressaltando-se os grandes arranha-céus que nestes últimos anos tiveram um grande desenvolvimento em sua construção.

O crescimento da população pôrto-alegrense, nestes últimos anos, que em 1.900 era de 73.674, atingia em 1.920 a 179.263, e em 1.940 acusava a significativa cifra de cêrca de mais de 400 mil habitantes, isto é, quarenta anos mais tarde com que iniciamos êsse período.

Dotada de magnífica rede de água e exgotos, o serviço de saneamento da grande Metrópole gaúcha é considerado um dos mais modernos do país pela maneira impecável de sua distribuïção, construção e aparelhamento técnico.

Pôrto Alegre está ligado por meio de comunicações marítimas, terrestres e aéreas com tôdas as partes do mundo, sendo que algumas diretamente, o que lhe dá capital importância como um centro grandemente adiantado no tráfego internacional, principalmente com as grandes Repúblicas Platinas com as quais mantem um intenso intercâmbio nas vias de comunicações.

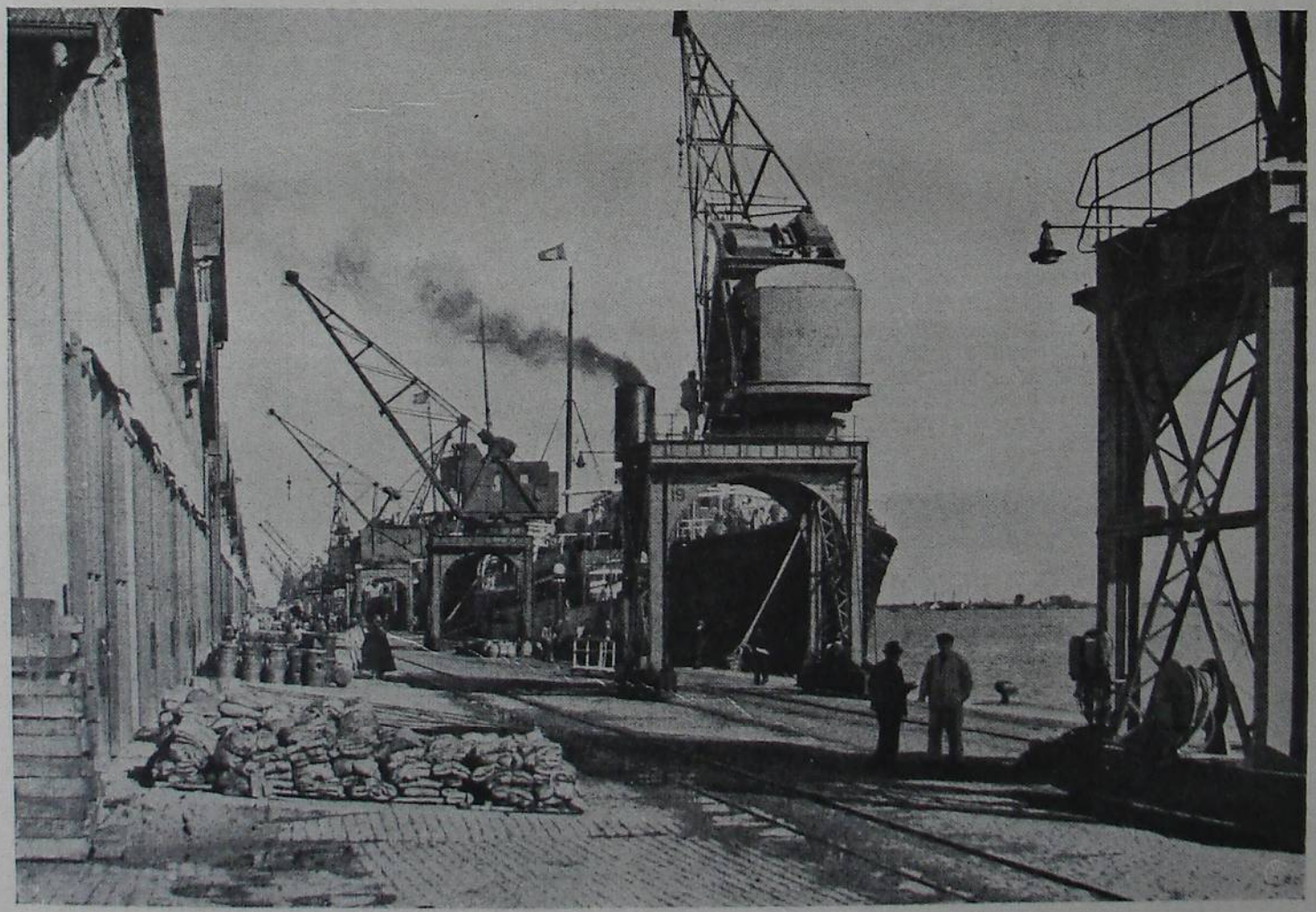
No entretanto, Pôrto Alegre deve tudo à atual administração, quanto ao seu desenvolvimento urbanístico dêstes últimos anos. E verdadeiramente, a grande Metrópole dos Pampas cresceu, a olhos vistos, desde que êsse grandioso trabalho de urbanismo, conhecido pelo nome de "Plano Diretor", está sendo executado pelo brilhante corpo de engenheiros da Prefeitura Municipal, sob a supervisão do competente urbanista dr. Arnaldo Gladosch.

Vários são os empreendimentos que encerra êsse magnífico plano urbanístico, muitos já concluídos, entre os quais a Avenida Farrapos, a Avenida 10 de Novembro, como a Retificação do Riacho, o Parque Farroupilha e o saneamento dos bairros industriais.

A intenção do Plano Diretor é, tendo em conta o formidável impulso que toma Pôrto Alegre, garantir à cidade uma expansão rápida e plenamente desafogada em suas principais necessidades urbanas, afim de que a Metrópole de amanhã não se ressinta, em seu ritmo normal, pela imprevidência de seus administradores de hoje, como tem acontecido com outras capitais brasileiras.

Todos os órgãos da administração federal estão representados em Pôrto Alegre, alguns dos quais funcionando em majestosos edifícios que cooperam para o maior embelezamento da urbs. Funcionam aquí as repartições da Alfândega, Delegacia Fiscal, Correios e Telégrafos, Patrimônio da União, Capitania do Pôrto, delegacias e inspetorias regionais dos ministérios do Trabalho, da Agricultura, da Justiça, da Fazenda, Viação e Aeronáutica, Caixa Econômica Federal, e todos os Institutos de Aposentadorias e Pensões.

Pôrto Alegre é a sede de tôda a organização judiciária do Estado, onde se acha instalado o Tribunal de Apelação. A comarca da capital tem quatro promotores públicos com atribuïções gerais; um curador de massas falidas e acidentes do trabalho e um curador de menores. O Tribunal de



NO CAIS DO PÔRTO.

Vista parcial das instalações portuárias da capital, dando uma pálida idéia da vasta tarefa que incumbe à Administração do Pôrto.



ENTIDADES DE CLASSE: O novo edifício da Associação dos Funcionários do Estado, em Pôrto Alegre.

Apelação funciona com 16 membros, distribuindo as suas atividades entre três Câmaras Cíveis, duas Câmaras Criminais, reünindo-se, ainda, em Câmaras Cíveis reünidas e Tribunal Pleno. São órgãos do Ministério Público o Procurador Geral do Estado, os Promotores públicos e seus adjuntos. A Disciplina Judiciária, além de competir aos juízes e tribunais, está afeta à Comissão Disciplinar Judiciária, composta de três desembargadores, do presidente do Conselho da Ordem dos Advogados e do Procurador Geral do Estado.

Funciona na capital, uma procuradoria da Justiça Federal, à qual estão afetos todos os assuntos que dizem respeito à consultoria jurídica federal.

A Metrópole gaúcha é ainda sede do arcebispado do Rio Grande do Sul, criado por Bula do Papa Pio X, em 15 de Agôsto de 1.910.

O Pôrto da Capital Riograndense é um dos mais modernos do país; superiormente aparelhado com a mais adiantada maquinária, fazendo-se logo notar pela fileira enorme dos seus grandes armazéns e o monumental Portão Central. Os serviços de estiva e guindasteamento são modelares e a faina, incessante. A-pesar-de ser um pôrto fluvial, Pôrto Alegre possue um dos mais movimentados cais do país, vendo-se nele vapores de todos os calados e bandeiras.

Ao cais sucedem-se as docas, povoadas de centenas de embarcações que a elas afluem, dando-lhe um aspecto pitoresco.

Êsse setor da administração pública está entregue à profícua e dinâmica direção do dr. Mário da Mata que vem dotando o nosso pôrto do mais moderno aparelhamento, secundando, assim, o nosso surto de progresso e de desenvolvimento.

Pôrto Alegre é sede de tôdas as associações ou entidades de classe que congregam todos os setores de atividades humanas. Funcionam, aqui, a Federação das Associações Comerciais, a Federação das Associações Rurais, ambas com sede em majestosos edifícios, principalmente a primeira com o seu imponente Palácio do Comércio; Centro da Indústria Fabril; Associação Comercial dos Varejistas; o Sindicato dos Lojistas; o Sindicato dos Empregados do Comércio, que atualmente está sendo dirigido por uma diretoria composta dos srs. Darcy Gross, Eduardo Terres de Oliveira, Frederico Krause, Armando Trein e Oscar Butarelli; a Associação de Pecúlios no Comércio e Indústria Riograndense, entidade que já conta com mais de 2.200 sócios e um patrimônio ultrapassando a cifra dos 1.300:000$000, atualmente dirigida pelo sr. Carlos Scharnberg Filho; a Associação dos Funcionários Públicos do Estado, entidade que acaba de mandar construir uma alterosa sede própria, na Rua dos Andradas, esquina General João Manuel, em que se instalará em janeiro de 1943, proporcionando aos seus associados inigualável serviço de assistência médica, dentária, hospitalar, e outros; a Associação dos Funcionários Municipais da capital; em outro setor, salientam-se a Sociedade de Medicina; a Sociedade de Cirurgia; o Instituto da Ordem dos Advogados; a Sociedade de Engenharia, com imponente sede própria, de 10 pisos, à Travessa Eng. Acylino Carvalho, estando presentemente ocupando a sua presidência o sr. Eng. Alexandre Martins da Rosa; entre os numerosos sindicatos existentes na capital, cumpre frizar os nomes dos seguintes: dos Odontólogos do Rio Grande do Sul; Sindicato Agronômico; Sindicato dos Profissionais de Imprensa; dos Proprietários de Imóveis; dos Metalúrgicos; dos Gráficos; dos Empregados em Transportes e Estiva; e muitas outras entidades classistas, tôdas em pleno funcionamento e com elevada matrícula de associados, alguns instalados em majestosos edifícios próprios.



ENTIDADES DE CLASSE: A sede da Associação dos Empregados no Comércio, em Pôrto Alegre.



ENTIDADES DE CLASSE:
O PALÁCIO DO COMÉRCIO

A imponente mole arquitetônica, que centraliza as atividades comerciais pôrto-alegrenses.



O palácio da Prefeitura Municipal de Pôrto Alegre.



Dr. Loureiro da Silva, Prefeito da capital riograndense desde 1937, a cujo espírito de iniciativa e invulgar operosidade a metrópole gaúcha deve sua rápida evolução para uma cidade moderna.

Desde 1937, é prefeito da capital do Rio Grande do Sul o dr. José Loureiro da Silva, que está realizando notável obra administrativa. Espírito empreendedor, dinâmico e esclarecido, o edil municipal é o mentor e realizador do grandioso plano de urbanização, ora em andamento.

Não pesando outras circunstâncias igualmente meritórias, sòmente o Plano Diretor de Urbanização da Metrópole gaúcha já vale por uma consagracão da fecunda administração Loureiro da Silva.

Entre seus auxiliares mais diretos na obra administrativa da capital, conta o ilustre governador civil da cidade com a colaboração eficiente do dr. Gilberto Ferreira de Moraes, operoso sub-prefeito, colaborador imediato do prefeito Loureiro da Silva, e mais os srs. drs. Paulo de Aragão Bozano, diretor da Diretoria de Obras e Viação; dr. Antônio Klinger Filho, diretor da Diretoria de Saneamento; dr. Alvaro Guedes da Cunha, diretor da Diretoria de Rendas; dr. João de Deus Vaz da Silva, diretor da Diretoria do Expediente, além de zeloso corpo de funcionários, que fazem da Prefeitura de Pôrto Alegre uma de suas repartições públicas modelares.

Subordinadas à Prefeitura funcionam, ainda, as diretorias de Assistência Pública Municipal, a Diretoria do Tráfego, a Diretoria da Limpeza Pública Municipal, e vários outros departamentos.

REPARTIÇÕES AUTÁRQUICAS

Várias são as repartições autárquicas com que conta Pôrto Alegre, destacando-se, entre elas, o Instituto Riograndense do Vinho, atualmente sob a direção do dr. Adalberto Tostes, entidade que ampara e supervisiona a indústria vinícola do Estado; o Instituto Sul Riograndense de Carnes, sob a direção do dr. Ricardo Machado, que tem as mesmas finalidades do que o anterior, mas com relação exclusivamente à pecuária riograndense; o Instituto Sul Riograndense do Arroz, sob a direção do sr. Cacildo Krebs, a mais novel das entidades autárquicas, destinada ao amparo da nossa lavoura risícola.

DEFESA DE NOSSA RIQUEZA VITI-VINICOLA

O INSTITUTO RIOGRANDENSE DO VINHO

SÍNTESE ESTATÍSTICA DAS ATIVIDADES E SUA EFICIENTE AÇÃO NA DEFESA DE UMA DAS MAIS NOVAS E MAIS FECUNDAS FONTES DE RIQUEZA DO ESTADO

No ano de 1.936, a totalidade dos produtores e exportadores de vinho promoveram um movimento de aproximação para poderem enfrentar a difícil situação da indústria vinícola, situação essa que cada vez mais se agravava.

Diversas eram as causas da situação em que se debatia a indústria. Uma só, porém, era a previsão do seu desfêcho: a ruína inapelável da viti-vinicultura riograndense, se não fossem tomadas providências urgentes e capazes de solucionar a difícil situação.

Os clamores da classe viti-vinícola chegaram ao Govêrno do Estado, que, com o aplauso unânime dos interessados, criou, por decreto n.º 6.288, de 17 de setembro de 1.936, o Instituto Rio Grandense do Vinho.

E' do próprio decreto de criação do Instituto o seguinte trecho que traduz claramente a gravidade da situação então reinante e a urgência requerida para a sua solução:

> "O Secretário de Estado do Rio Grande do Sul, no uso das atribuïções que lhe confere o art. 62 da Constituïção, tendo em vista a necessidade de promover, sem delongas, a defesa da viti-vinicultura riograndense, em face de fatores vários que atuam em seu detrimento..."

A produção do vinho de tôdas as safras excedia grandemente as possibilidades do consumo; a exportação vinha diminuindo de ano para ano; os estoques das safras anteriores vinham aumentando continuamente; a falsificação e a adulteração dos nossos vinhos campeava em todos o mercados consumidores, desacreditando cada vez mais os vinhos do Rio Grande; a absoluta falta de disciplina no comércio vinícola tornava impossível ou ineficiente quaisquer providências no sentido de atenuar tão grave situação.

Já em 1.º de setembro de 1.936, data do início de comércio dos vinhos da safra do mesmo ano, as sobras de vinhos das safras anteriores eram superiores a 8.000.000 de litros. Quantidade enorme de parreirais novos, já em plena produção, vinham agravar maiormente a situação.

Foram as seguintes as produções comerciáveis das safras dos últimos quatro anos:

Safra de	1.937.....	60.173.588 litros
" "	1.938.....	49.634.408 "
" "	1.939.....	70.529.750 "
" "	1.940.....	55.103.787 "

Como demonstraremos abaixo, só agora, graças ao contínuo aumento de consumo obtido pela ação do Instituto, o total do consumo atinge aos 48.000.000 de litros.

Há, ainda, como se vê, uma regular desproporção entre a produção e as possibilidades de comércio.

Iniciando suas atividades, em fins de 1.936, o Instituto promoveu, imediatamente, a transformação de todos os vinhos deficientes e inferiores em alcool ou vinagre; retirava-se assim, dos estoques, os vinhos não perfeitos e promovia-se, simultâneamente, um relativo equilíbrio entre a produção e o consumo.

Foram as seguintes as quantidades de vinho transformadas em alcool, ou vinagre:

Na safra de	1.936.....	2.751.124 litros
" " "	1.937.....	4.357.872 "
" " "	1.938.....	2.112.872 "
" " "	1.939.....	9.274.039 "

A providência acima que promoveu um relativo equilíbrio entre os estoques e as possibilidades de comércio, teve, porém, como resultado principal o afastamento da oferta de todos os vinhos, cujas caraterísticas analíticas e organoléticas não fossem rigorosamente perfeitas.

Naquele serviço, o Instituto suportou um onus de, aproximadamente, 3.120:000$000.

Outra providência de grande alcance econômico para a indústria e para o Estado foi, sem dúvida, a concentração de mosto.

Das últimas quatro safras foram retiradas da produção ainda em estado natural de mosto, as seguintes quantidades:

Na safra de	1.937.....	1.652.468 litros
" " "	1.938.....	2.920.026 "
" " "	1.939.....	9.089.867 "
" " "	1.940.....	4.519.751 "
No total de	.....	18.182.112 "

A concentração de mosto, além de ser uma providência de alto valor para a economia da indústria e do Estado, como demonstramos abaixo, introduziu um grande melhoramento na enologia riograndense, libertando os nossos vinhos da adição de açúcar de cana e de ácidos estranhos à uva, anteriormente empregados na correção dos nossos vinhos. Passou, pois, o vinho a ser corrigido exclusivamente com os constitutivos naturais da própria uva.

Sob o aspecto econômico a concentração de mosto apresenta vantagens que podem ser avaliadas pela exposição abaixo:

A quantidade de mosto concentrado substituiu na vinificação o emprêgo de:

3.017.417 kg de açúcar importados de outros Estados ao preço médio de 1$160 ao quilo	3.319:202$700
36.364 kg de ácido cítrico ao preço médio de 12$000	436:368$000
6.800 kg de ácido tânico, importado do estrangeiro ao preço médio de 30$..	204:000$000
O que representa para o Estado uma economia de	3.959:570$700

Três vantagens proporcionou, portanto, a concentração de mosto: diminuíu grandemente os excessos de vinho, melhorou tècnicamente os nossos produtos e proporcionou ao Estado sensível economia.

A fiscalização exercida nas praças de consumo, em colaboração com os poderes públicos dos respectivos Estados, foi tão eficiente que podemos afirmar que em Rio e São Paulo, onde mais intensa foi a campanha fiscalizadora, a percentagem de vinho adulterado é quasi nula.

Diminuíu grandemente o péssimo conceito de que gozava o vinho riograndense nas praças de consumo, o que veio concorrer para o aumento de nossa exportação.

Uma intensa propaganda dos vinhos do Rio Grande, hàbilmente dirigida, foi promovida em todo o país.

Graças a essas providências, a exportação de vinho aumentou sensìvelmente, como demonstram as cifras abaixo:

(Antes da fundação do Instituto)	Vinho export.º em barris Litros	Vinho export.º em garrafas Litros
Ano de 1.936	38.700.000	2.974.000
(Depois da fundação do Instituto)		
Ano de 1.937	41.309.262	3.437.000
" " 1.938	39.381.135	3.926.454
" " 1.939	41.252.054	3.968.722
" " 1.940	42.533.173	4.147.255
" " 1.941 (10 meses)....	34.660.215	4.486.565

Mas a indústria vinícola tinha ainda a sua marcha entravada pelo onus das sobras que, não obstante as providências do Instituto e em virtude de não acompanhar o comércio de vinho o ritmo de desenvolvimento da produção, não diminuíu.

Autorizado pelo Govêrno do Estado, que avalizou a importância da transação, o Instituto adquiriu tôdas as sobras existentes, retirando-as, por essa forma, da oferta e proporcionando desafôgo ao comércio e indústria vinícolas.

As diminutas proporções da safra de 1.941 tornaram os estoques de vinho insuficientes para as necessidades do comércio.

O Instituto lançou, então, no mercado as suas reservas de vinho, pondo o comércio em situação de atender as suas necessidades.

Ainda, visando equilibrar a produção com o consumo nas safras de 1.939 a 1.940, promoveu o Instituto a exportação de uva para os principais mercados do país, onde foi vendida a preços acessíveis a tôdas as bolsas.

Nas duas safras foram exportados 6.000.000 de quilos de uva, o que veio diminuir a produção de vinho em cêrca de 4.000.000 de litros.

Em todos os setores desenvolveu sempre o Instituto a sua ação em benefício da indústria.

Deixamos mui propositadamente para o fim a obra desenvolvida pelo Instituto em benefício do produtor.

Desde a sua fundação, o Instituto distribuiu gratuitamente cêrca de 600.000 enxertos de parreiras européias, o que concorreu grandemente para a melhoria da produção. O cliché que ilustra esta resenha, é de uma videira "Trebiano" em plena produção; essa casta foi uma das mais distribuídas pelo Instituto.

Além disso, o Instituto pagou prêmio aos viticultores que substituíram os seus parreirais de **uva isabel** por viníferas.

No período que vai desde a poda sêca até a colheita e a vinificação, coopera o Instituto, com a Secretaria da Agricultura e com o Laboratório Central de Enologia, na campanha de assistência técnica ao produtor.

Tem, hoje, o produtor assegurado um preço mínimo para a uva e para o vinho; é essa uma das precípuas funções do Instituto.

Graças a isso e às demais providências mencionadas acima, na última safra o colono recebeu pelo seu produto um preço nunca atingido numa safra normal.

Tôdas as providências pelo Instituto constituem defesa direta do produto e da produção, porquanto possibilitam àquele, não sòmente a garantia da venda do produto, mas também a obtenção de um preço compatível com as necessidades das nossas produções rurais.

No ano de 1.941, o problema mais grave para a viticultura, especialmente para o viticultor, era a dificuldade, senão impossibilidade, de dar aos vinhedos o tratamento necessário, por não ser possível a obtenção devido ao elevadíssimo preço de custo do sulfato de cobre.

O Instituto, indo ao encontro das necessidades dos viticultores e com sacrifício de cêrca de 1.300:000$000 de sua receita, forneceu cêrca de 30.000 barricas de sulfato de cobre, num total de 1.500 toneladas, a preços grandemente inferiores ao custo.

O panorama atual da indústria vinícola apresenta-se realmente animador e promissor.

Dêsse reduzido panorama estatístico, que deu margem aos nossos comentários, resulta insofismável a ação benéfica do Instituto do Vinho no amparo e na defesa de uma das mais novas, porém das mais fecundas fontes de riqueza econômica do Rio Grande do Sul.



VITICULTURA RIO-GRANDENSE

Uma videira "Trebiano", em plena produção; esta casta foi umas das mais distribuídas pelo Instituto Rio-Grandense de Vinho para a melhoria das castas aquí cultivadas.

OS SERVIÇOS PÚBLICOS

A capital do Rio Grande do Sul está aparelhadíssima com relação aos chamados serviços públicos em tudo que lhe diz respeito.

Além dos departamentos federais, estaduais e municipais, grandes organizações particulares dedicam-se exclusivamente aos serviços de bem servir a coletividade porto-alegrense, de acôrdo com o seu grande progresso e desenvolvimento.

Dentre os próprios federais citam-se os Correios e Telégrafos, Alfândega, Delegacia Fiscal, Caixa Econômica, Institutos de Pensões, etc. Por sua vez, entre os departamentos estaduais e municipais, contam-se o Instituto de Previdência do Estado, Diretoria de Higiene, Centros de Saúde, Assistência Pública Municipal, etc.

Nas iniciativas particulares, que são inúmeras, destacam-se, em primeiro plano, os serviços de transportes coletivos explorados pela Companhia Carris Pôrto Alegrense, com linhas de bondes para todos os bairros da capital e com um tráfego intensíssimo; a Companhia Brasileira de Energia Elétrica, Fôrça e Luz, que fornece à população metropolitana luz, fôrça e gás, tanto para a iluminação da urbs, como para as residências particulares, indústria, etc.; a Companhia Telephonica Rio Grandense que explora os serviços de telefones, ligando, ao mesmo tempo, a capital com todos os recantos do Rio Grande do Sul, bem como pela fonografia; e ainda mais, a Western que oferece ao público o serviço telegráfico pelo cabo submarino, ligando, por essa via de comunicação, Pôrto Alegre a tôdas as partes do mundo.



O suntuoso edifício dos Correios e Telégrafos, em Pôrto Alegre.

MODERNA REDE DE TRANSMISSÃO

A COMPANHIA TELEPHONICA RIO GRANDENSE

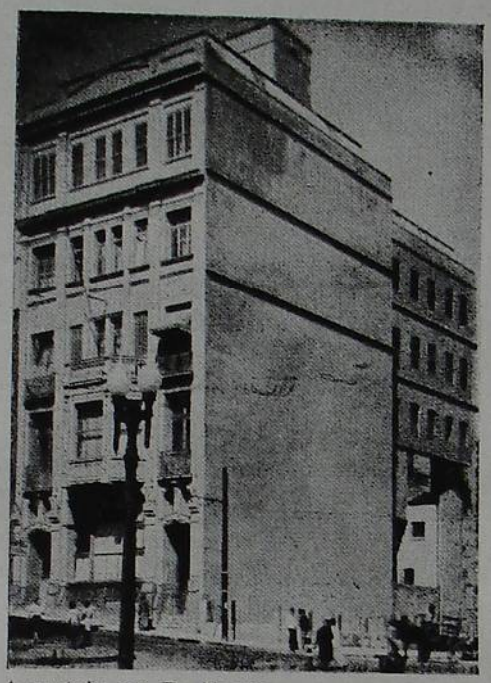
UM PIONEIRO DO PROGRESSO NO BRASIL

Indiscutivelmente o Rio Grande do Sul pode gabar-se de ser um dos Estados pioneiros do progresso no Brasil.

E, para corroborarmos essa nossa assertiva, basta-nos citar o fato de ter sido a grande Metrópole Gaúcha a primeira a possuir o serviço telefônico automático no País.

Êste fato demonstra bem claramente o interêsse que a telefonica conquistou entre os brasileiros, e faz nos recordar o fato histórico, que quando Graham Bell expunha ao Mundo o produto de sua fecunda imaginação, após laboriosos anos de investigações, estava nos Estados Unidos, S. M. o Imperador Dom Pedro II, que foi um dos primeiros a se maravilhar diante da nova descoberta, pois soube avaliar devidamente as conseqüencias de tão útil invento. O interêsse demonstrado pelo Imperador do Brasil muito contribuíu, para que os céticos encarassem o invento com maior cuidado e, possìvelmente, essa tenha sido uma das razões mais preponderantes para a mais rápida industrialização e exploração da telefonia.

A princípio, as atividades da Companhia se limitaram ao serviço telefônico local nos municípios de Pôrto Alegre, Pelotas, Rio Grande, São Leopoldo e Santa Cruz, com ligações inter-municipais entre Pôrto Alegre e São Leopoldo e entre Pelotas e Rio Grande, sendo que o serviço, nos municípios, era a magneto, com redes aéreas, possuindo cada aparêlho a sua bateria individual de pilhas elétricas.



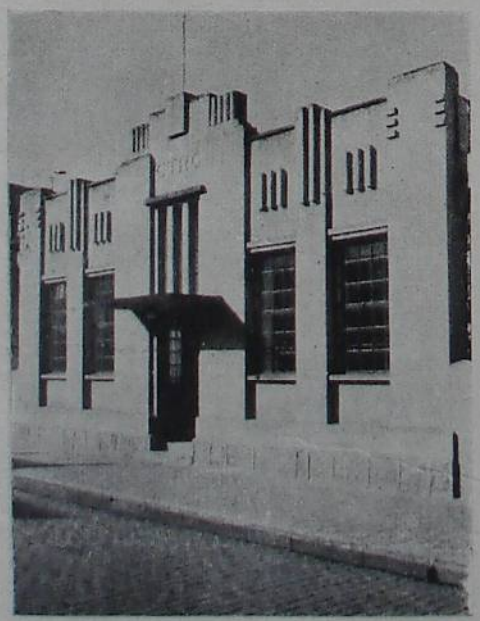
A matriz em P. Alegre.

Nesta capital foi introduzido o serviço telefônico mais moderno dessa época: — o de bateria central, sem magneto nos telefones, sendo que, na parte principal da cidade, a instalação era feita por intermédio de rede subterrânea. Teve, assim, Pôrto Alegre a honra de ser a 5.ª cidade do mundo e a 1.ª da América do Sul a possuir tal serviço telefônico. O índice de progresso que representa um fato dessa natureza não precisa ser frisado aquí, já que está ao alcance de qualquer um, bem como a repercussão que teve o acontecimento no país.

Embora o primeiro do Brasil, o serviço inaugurado então, pela Companhia Telephonica Rio-Grandense, não tinha o caráter precário de outras emprêsas que exploravam serviços tão importantes, pois era feito com técnica e de acôrdo com os progressos já obtidos pelo invento.

Pouco a pouco, a Companhia, cedendo às novas conquistas conseguidas pelo telefone, estendia seu campo de ação. Tinha sido coroada de êxito a sua iniciativa; cumpria, pois, melhorar as instalações e retribuir o apôio dado aos seus esforços, e, assim, a 29 de Abril de 1922, começou a funcionar a central telefônica automática em Pôrto Alegre.

Novamente, Pôrto Alegre ocupa a vanguarda entre as outras cidades do País ao instalar o serviço telefônico automático e, hoje, essa capital possue já duas centrais telefônicas: a primitiva, que foi



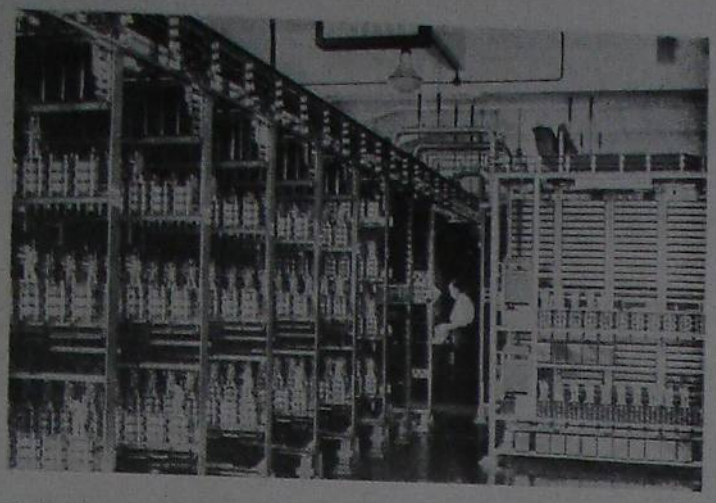
Centro telefônico automático de Caxias, com 800 linhas.



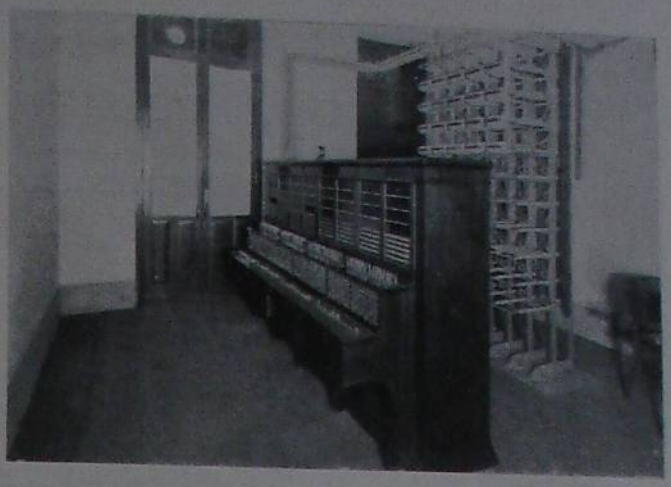
Centro telefônico automático de S. Maria, com 800 linhas.



Centro telefônico a magnete em P. Fundo, servindo a 300 assinantes.



Vista interna de um dos centros automáticos em Pôrto Alegre. 7.000 linhas.



Mesa telefônica a magneto, em Uruguaiana. Centro servido por 400 linhas.

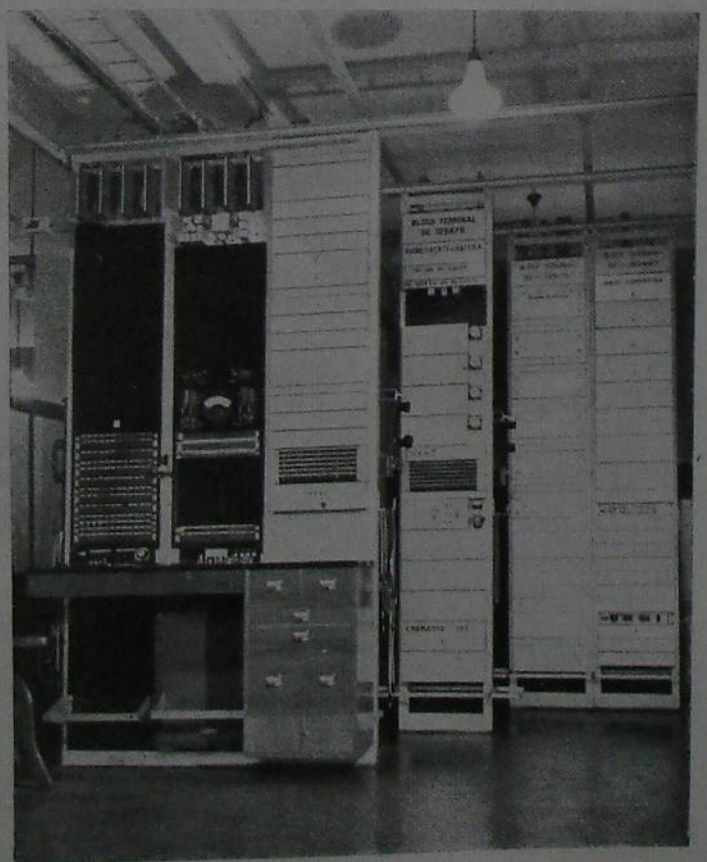
aumentada e remodelada, localizada à rua Marechal Floriano; e a que foi construída para o bairro de São João, situada à rua Conde de Pôrto Alegre.

Continuou a Companhia suas realizações, visando pôr ao alcance de cada assinante não só um número maior de localidades, como também, de assinantes novos. Assim, a Pôrto Alegre, seguiu a cidade de Rio Grande, a segunda a possuir o serviço telefônico automático, em Novembro de 1925. Dêsse ano para cá, fiel ao programa que traçara, a Companhia estendeu seus trabalhos a Bagé, Santa Maria e Caxias, que passaram, dêsse modo, a ter seu serviço automático.

Iniciou a Companhia Telephonica Rio Grandense, satisfazendo as exigências da técnica e do serviço, a construção de novas redes telefônicas locais e intermunicipais, estas últimas destinadas ao serviço telefônico de Longa Distância. Tem recebido êsse serviço, de alguns anos para cá, um grande impulso, sendo suficiente, para percebermos a extensão dos melhoramentos, citar que já se pode falar de Passo Fundo a Rio Grande, Santa Maria, São Gabriel, Bagé, Rosário e Livramento, através de Pôrto Alegre, e ainda êste ano ficará ligado Alegrete e, para 1943, Uruguaiana. A zona viti-vinícola está completamente unida por linhas de longa distância de cobre. Êsse serviço está ao alcance de todos os assinantes das centrais telefônicas, existentes nos municípios compreendidos no percurso acima mencionado, o que demonstra o aperfeiçoamento conseguido.

Atualmente, a Companhia serve a 294 localidades, em 70 municípios, sendo suficientes êsses dados numéricos para acentuar o papel que a Companhia representou e vem representando no progresso do grande Estado sulino, durante mais de 30 anos de serviços.

Foi ela quem iniciou, no Brasil, tão útil serviço. E até hoje o mantem com uma segurança e perfeição dignas da maior admiração.



Mesa de provas para exame das linhas de longa distância. Matriz.



Eliminando um defeito, num dos cabos subterrâneos. Matriz.

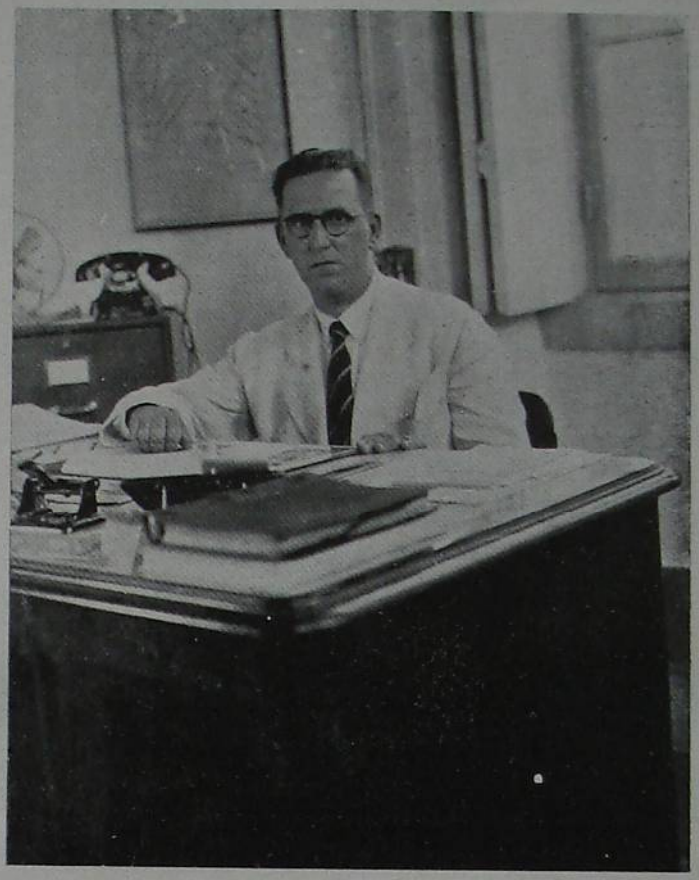
Pôrto Alegre possue um excelente serviço de saúde pública e de assistência hospitalar, contando com um corpo médico de primeira ordem e selecionado, bem como de modelares estabelecimentos hospitalares que honram os nossos foros metropolitanos.

A classe médica pôrto-alegrense, aliás culta e competente, conta com notáveis cirurgiões, clínicos, alguns, mesmo, especializados em seus misteres, bem como odontólogos de grande projeção em sua classe, além de renomados farmacêuticos.

Os hospitais pôrto-alegrenses, magnificamente instalados e aparelhados, nada devem aos mais modernos do país; construídos especialmente para os fins a que se dedicam, oferecem aos enfermos um confôrto ao alcance de tôdas as bolsas.

Dentre as várias organizações hospitalares, Pôrto Alegre conta, em primeiro lugar, a velha e tradicional Santa Casa de Misericórdia, o Hospital São Francisco, a Beneficência Portuguesa, o Hospital Moinhos de Vento, o Hospital Espírita, e a notável obra em vias de conclusão: o Sanatório Belém. Além dêstes, possue vários outros sanatórios, todos contando com um seleto corpo de assistentes.

Na assistência social também conta Pôrto Alegre com um aparelhamento que condiz com o seu progresso. Dentre os seus órgãos, evidencia-se em primeiro plano o Hospital São Pedro, o Manicômio Judiciário, a Colônia Correcional General Daltro Filho, o Reformatório de Mulheres que funciona anexo ao Abrigo de Menores, o Amparo Santa Cruz, as Creches de N. S. dos Navegantes, de S. Francisco, de N. S. Auxiliadora, o Albergue Dias da Cruz, a Casa de Correção, e muitas outras instituïções que, tanto de iniciativa particular como do govêrno, veem de uma maneira eficiente distribuindo seus benefícios à grande população metropolitana.



Dr. Bonifácio P. da Costa, o infatigável Diretor do Departamento Estadual de Saúde.

HOSPITAIS DE MODELAR ORGANIZAÇÃO

A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA E O HOSPITAL SÃO FRANCISCO

A Santa Casa de Misericórdia

Há na vida da grande metrópole gaúcha um estabelecimento de real utilidade pública e que deve, cada vez mais, merecer o apôio incondicional da população unânime de Pôrto Alegre, pela sua grande obra meritória que presta aos seus habitantes, sem distinção de classes, e muito principalmente àqueles que são desamparados pela sorte.

E, êsse estabelecimento, que assim vem prestando a sua eficiente cooperação em prol do bom estado sanitário de nossa capital, cuidando mesmo com desvelado carinho de sua saúde pública, é, nem mais nem menos, do que a benemérita instituïção de caridade, a — Santa Casa de Misericórdia.

Fundada em 1803 pelo ermitão Joaquim Francisco do Livramento, e inaugurada em 1826 pelo Visconde de São Leopoldo, a Santa Casa de Misericórdia de Pôrto Alegre vem, há mais de um século, servindo com altruísmo e dedicação os indigentes e necessitados que a ela sempre têm acorrido em busca do maior bem que se possue na vida: a saúde.

Para ressaltar a benemerência da Santa Casa — êste incomparável monumento de caridade cristã — basta apreciar-se a formidável soma de serviços gratuitos de assistência médico-social, com e sem internamento, prestados ao público no ano de 1941.

Assistência com internamento: Doentes internados (baixados 14.690 + existentes 806), 15.496; Existência média diária de doentes, 926; Total de diárias fornecidas, 352.337; Nascimentos, 2.243; Operações de alta cirurgia, 3.890; de pequena cirurgia, 3.746; Curativos, 258.009; Fórmulas aviadas (medicamentos), 129.726; Injeções, 229.537; etc.

Assistência sem internamento: Consultas (número de pessoas atendidas), 70.141; Curativos, 70.957; Operações de pequena cirurgia, 2.775; Injeções, 40.075; Fórmulas aviadas (medicamentos), 104.107; etc.

A manutenção do Hospital Geral em 1941 importou em 3.689 contos e a receita ordinária foi apenas de 3.383 contos.

Não podendo, todavia, deter a sua alta finalidade, que é a de socorrer os pobres, duplamente infelizes pela doença e pela miséria, a Santa Casa empenhou-se no aumento do seu Hospital Geral: o novo e moderno Pavilhão Daltro Filho, cuja construção iniciada em 1936 e em vias de acabamento, foi levantado com os recursos da Santa Casa e o valioso concurso dos Poderes Públicos. O custo desta obra é de aproximadamente 6.000 contos de réis. No Pavilhão Daltro Filho, na parte térrea, funcionam 23 Ambulatórios que atendem uma



DOIS ESTABELECIMENTOS DE REAL UTILIDADE PÚBLICA

O Hospital São Francisco e a Santa Casa de Misericórdia.

média diária de 400 consultantes. Os três andares superiores têm acomodações para mais de 500 leitos; no 1.º andar funciona a Maternidade Mário Totta, uma organização modelar, graças aos esforços de seu fundador, o insigne e abnegado mestre, professor dr. Mário Totta.

Se outros predicados não houvessem para se outorgar a benemerência à administração da Santa Casa, bastaria êsse de ela ter iniciado e terminado a construção do Pavilhão Daltro Filho, que aumentou a capacidade do Hospital Geral, numa área edificada de mais 12.000 metros quadrados.

A tôda a Mesa Administrativa da Pia Instituïção cabem, por certo, os louvores pela monumental obra realizada. Todavia, o Provedor, Coronel Luiz Gonzaga Borges da Fonseca, destaca, em seu Relatório de 1941, a atividade de seu Mordomo Procurador, nosso confrade, Sr. Arquimedes Fortini, dizendo que, sem receio de cometer uma injustiça, ela foi insuperável e nunca excedida.

✦

Hospital São Francisco

A assistência hospitalar em Pôrto Alegre é, sem dúvida, um dos setores em que o desenvolvimento atingiu um grau elevadíssimo, quer seja por parte dos nossos governantes responsáveis pelo bom estado sanitário da nossa metrópole, quer seja de parte das iniciativas particulares.

E, nessa parte, melhor comprovante não poderíamos apresentar para a nossa afirmativa do que o grande número de estabelecimentos hospitalares existentes em Pôrto Alegre, dentre os quais se destaca, em grande plano, o Hospital São Francisco.

Fica êste moderno Hospital situado em Pôrto Alegre, à Praça D. Feliciano, em lugar adequado e saüdavel, com grande jardim interno. Destinado a Pensionistas de Clínica Cirúrgica, possue 104 quartos e 4 apartamentos, com um total de 143 leitos, inclusive 24 da secção de Maternidade. Dispõe de tôda aparelhagem moderna e nele operam as maiores autoridades médicas da capital gaúcha. É do tipo monobloco e foi especialmente construído, tendo sido inaugurado em 1930. E' de propridade da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pôrto Alegre, para manutenção de cujo Hospital Geral concorre.

Teve o seguinte movimento no ano de 1941: Existiam 80; Entraram, 3.163; Saíram, 3.036; Faleceram, 111; Ficaram, 96. A porcentagem da mortalidade na totalidade de existentes e entrados foi apenas de 3,42 %.

O Hospital São Francisco é dirigido pelo respectivo Mordomo, nosso confrade, Sr. Arquimedes Fortini, que faz parte da Mesa Administrativa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pôrto Alegre, à qual pertence o referido Hospital.

A administração interna do nosocômio em aprêço, em boa hora confiada às Irmãs Franciscanas da Ordem 3.ª de São Francisco de Assis, pela maneira carinhosa e inteligente com que é exercida, tornam o estabelecimento absolutamente recomendável.

A ASSISTÊNCIA HOSPITALAR NA CAPITAL GAÚCHA

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA DE PÔRTO ALEGRE

RÁPIDA RESENHA HISTÓRICA DE EVOLUÇÃO DESSA TRADICIONAL INSTITUIÇÃO SANITÁRIA



Fachada do Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência.

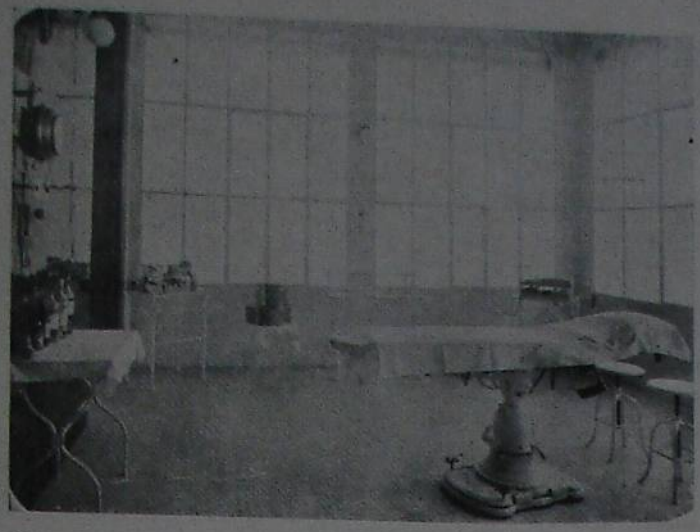
A SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA DE PÔRTO ALEGRE foi fundada a 26 de Fevereiro de 1854 por um grupo de cidadãos portugueses residentes nesta capital, cabendo a honra desta benemérita iniciativa ao sr. Antônio Maria do Amaral Ribeiro, que naquela época desempenhava as funções de cônsul honorário de Portugal nesta cidade.

Recebida com grande simpatia a idéia da fundação de uma entidade desta ordem, cujo objetivo principal consistia em socorrer os seus sócios necessitados, quando enfermos, dando-lhes assistência médica e hospitalar, em curto espaço de tempo a matrícula da Sociedade, cujo primeiro presidente foi o próprio fundador, contava com várias centenas de pessoas de tôdas as classes sociais.

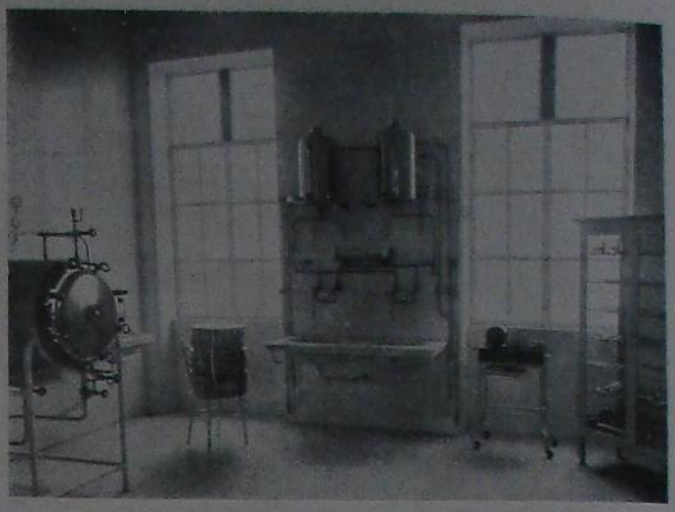
Vencidas com galhardia, graças à tenacidade e espírito de altruísmo das primeiras administrações da Casa, as dificuldades que inevitàvelmente surgem perante tudo quanto desponta para a vida, a Sociedade, já em 1858, reünidos os indispensáveis recursos pecuniários, adquiria um prédio à rua da Figueira (hoje Coronel Genuíno) para alí instalar o seu hospital, que começou a funcionar regularmente em 1859 e para onde foram removidos os doentes que, por conta da Sociedade, se achavam recolhidos em tratamento às enfermarias da Santa Casa de Misericórdia.

Em 1867, a 29 de Junho, dia de São Pedro, padroeiro da Sociedade, dava a Beneficência um considerável passo na senda do progresso com o lançamento da pedra fundamental do edifício em que até hoje está instalada. A cerimônia foi assistida por autoridades civís, militares e eclesiásticas, contando-se entre os presentes o Exmo. Sr. Dr. Presidente da Província.

A construção do edifício se prolongou pelo espaço de três anos, realizando-se a 29 de Junho de 1870, com tôda a solenidade, a inauguração do novo hospital, ato que foi igualmente honrado com a presença do Exmo. Sr. Dr. João Sertório, então Presidente da Província.



Vista parcial duma sala de operação.



Ontro ângulo duma sala de operação.

Ao presidente Comendador Antônio Francisco Pereira dos Santos, que pelos relevantíssimos serviços prestados à instituïção foi agraciado com o título de Sócio Benemérito, deve a Beneficência a construção da parte mais antiga do seu hospital, projetada e executada durante a administração e sob a inspiração daquele prestimoso associado.

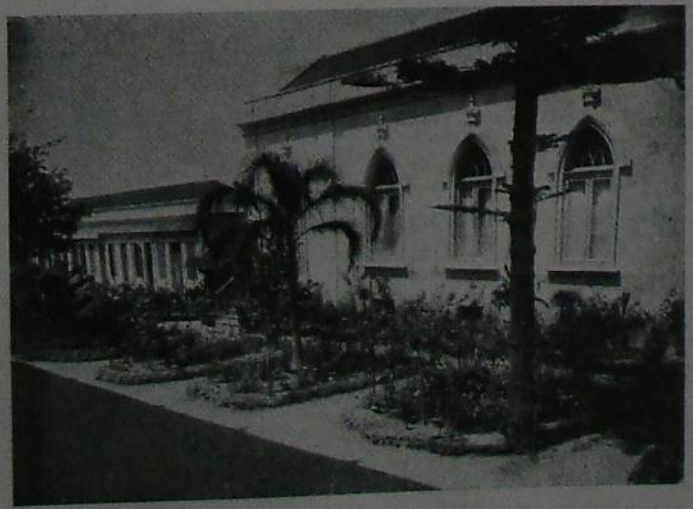
A diretoria presidida pelo Comendador Antônio Francisco de Castro, empossada em Janeiro de 1924, levando em conta a necessidade que dia a dia mais se acentuava de ampliar o edifício do hospital, por isso que êste já não correspondia ao crescente desenvolvimento da Sociedade, projetou e levou a têrmo essa obra, surgindo assim a chamada "parte nova", na qual, além da instalação mais modernizada de importantes serviços já existentes, foram criadas novas e excelentes enfermarias, dotadas de todos os requisitos necessários para um perfeito serviço de hospitalização e tratamento de enfermos.

À administração do Comendador Antônio Francisco de Castro, uma das mais fecundas que a Casa teve, deve também a Beneficência a criação do seu gabinete de radiologia.

Há muito tempo que as sucessivas diretorias da Casa cogitavam de instalar no hospital uma enfermaria destinada exclusivamente a recolher parturientes. O presidente sr. José Pereira de Mattos, coadjuvado pela diretoria com êle empossada em Janeiro de 1930, deliberou levar a cabo êsse antigo projeto e, após demorados estudos do assunto, ficou decidida a construção de um edifício próprio para a instalação condigna de uma maternidade, observados nessa obra todos os preceitos em voga sôbre higiene e confôrto. A Maternidade, nome por que é conhecido êste departamento da Casa, faz honra a esta e pode orgulhar-se de ser um dos mais perfeitos estabelecimentos no gênero não só neste Estado como no Brasil.

O gabinete de radiologia, uma das secções de maior importância da Casa, tem merecido sempre especial atenção das administrações da Sociedade, as quais não teem poupado esforços nem olhado a despesas em se tratando de melhorar cada vez mais o aparelhamento e, conseqüentemente, o serviço do aludido departamento. Em Outubro de 1941 foram solenemente inauguradas, com a presença do mundo oficial, as novas instalações desta secção, integradas pelo que existe de mais moderno na matéria.

Além do aparêlho para exames e trabalhos radiológicos em geral, possue o gabinete aparelhamento completo para aplicações de radioterapia profunda, devendo-se êste último melhoramento à iniciativa dos Irmãos Marsiaj, que adquiriram o material e o instalaram, segundo acôrdo feito com a diretoria da Sociedade.



Jardim interno, vendo-se a capela e o necrotério.



Vista interna da Capela do Hospital.

O setor educacional em Pôrto Alegre, quer seja público quer seja particular, atingiu a um grau de elevação a par da cultura de seus filhos.

De fato, a instrução superior, como a secundária, a primária como a técnico-profissional é fartamente disseminada por todos os recantos da grande Metrópole gaúcha, sendo mesmo considerado um dos mais adiantados centros educacionais do país e mesmo do continente americano.

A capital riograndense conta com uma Universidade, cujo renome já ultrapassou as fronteiras de nosso país não só pela cultura de seu corpo docente como pelo adiantamento apresentado pelo seu corpo discente.

Conta a Universidade de Pôrto Alegre, atualmente dirigida pelo dr. Edgar Luiz Schneider, seu reitor, com a Faculdade de Medicina, sob a direção do professor dr. Raul Moreira; Faculdade de Direito, sob a direção do professor dr. Elpídio Paes; a Escola de Engenharia, sob a direção do professor dr. Egídio Hervé; a Escola Superior do Comércio, dirigida pelo diretor da Faculdade de Direito, professor dr. Elpidio Paes; Escola de Agronomia e Veterinária, sob a direção do professor dr. Gaspar Dilermando Ochôa: Instituto Ginasial Júlio de Castilhos, sob a direção do professor dr. Jorge Godofredo Felizardo, além de diversos cursos especializados, anexos às Faculdades respectivas.

No ensino superior conta ainda Pôrto Alegre com a Escola de Medicina do Rio Grande do Sul, que obedece à direção do professor dr. Carlos Bento; Instituto de Belas Artes, sob a direção do Prof. Dr. Tasso Bolívar Dias Corrêa, contando em seu corpo docente com nomes de brilhantes professores catedráticos, entre outros os seguintes: a) *Cursos de Música:* Oscar Simm, Nair Sgrillo, Ida Schulze Brandt, Célia Ferreira Lassance, Antonina di Primio Maineri, Gustavo Adolfo Fest, Alayde Pinto Siqueira, Olga de Siqueira Pereira, Demófilo Álvaro Xavier, Alzira Parreira Corrêa Lima, Dr. Eugênio Dias de Oliveira, Aurora Maria Conceição Eboli, Ênio de Freitas e Castro, Vitor Ribeiro Neves, Júlio Oscar Grau, Ana Obino Cardia, Cecilia Lemos, Dr. Paulo Luiz Vianna Guedes, Ilka d'Almeida Santos, Namur Bicca de Barcellos; b) *Curso de Artes Plásticas:* João Fahrion, Ângelo Guido, Eng.-arq. Ernani Dias Corrêa, Luiz Maristany de Trias, Fernando Corona; *Professores contratados do Curso de Música:* Gilda Zamorano Marinho e Walter Smetak; *Acompanhadores das classes de música:* Emília Autran de Moraes; a Faculdade Livre de Filosofia, Ciências e Letras, Escola Superior de Educação Física, etc.

No ensino secundário, inúmeros são os estabelecimentos que ministram o ensino a uma grande população escolar, todos êles funcionando em edifícios próprios e instalados com os requisitos pedagógicos.

Dentre êles, destacam-se; Júlio de Castilhos, Anchieta, Nossa Senhora do Rosário, Pôrto Alegre, Nossa Senhora das Dôres, Cruzeiro do Sul, Nossa Senhora do Bom Conselho, Sevigné, Farroupilha, o Instituto de Educação, o maior educandário da capital, sob a provecta direção da Prof. d.ª Florinda Tubino Sampaio; colégios Nossa Senhora dos Anjos, Nossa Senhora Medianeira, São José, Escola Normal Rural.

Possue ainda vários outros estabelecimentos escolares de reconhecida capacidade de ensino, devendo-se mencionar, de modo especial, os diversos Cursos que se regem por uma legislação especial, freqüentados especialmente por jovens de ambos os sexos que empregam suas atividades no comércio ou outros setores, não podendo, porisso, freqüentar os cursos ordinários, ou por aqueles outros que, compreendendo o alto alcance duma sólida formação, procuram nesses cursos suprir a instrução que, por qualquer motivo, não puderam receber. Entre êles, cumpre relevar, como mais expressivos, os seguintes: o Curso Ginasial Alberto de Brito e Cunha, fundado em 3 de Agôsto de 1.921, que mantém um curso completo, regido de acôrdo com os artigos 91 e seguintes da lei orgânica do ensino secundário e que obedece à direção imediata deu diretor e fundador, o professor Alberto de Brito e Cunha; o Curso Duque de Caxias, fundado em 1.941, sob a direção do professor Mathias F. Arreguy; o Curso Costa Filho, dirigido pelo professor Costa Filho; o Curso Norberto Tedesco, sob a direção do professor Norberto Tedesco; cursos Gosch e Rui Barbosa, a que nos referimos em separado, cursos êsses que funcionam com grande matrícula de alunos e ministram suas aulas diurnas e noturnamente.

Conta, ainda, com uma Escola Dramática, novel e promissora entidade artística, fundada e dirigida pelo brilhante teatrólogo e escritor Renato Viana, nome que, citado, de per si, já constitue um futuroso empreendimento, o mais vasto e sólido que nesse setor já se empreendeu em terras brasileiras. Nesse setor, são ainda dignas de referência algumas outras instituïções do campo artístico, como sejam o Conservatório Mozart, Escolas de "Ballet", etc.

É também grande o número dos grupos escolares espalhados na capital, citando-se, entre êles, os seguintes: Grupo Escolar Luciana de Abreu, fundado em 12-7-1934, sob a direção atual da professora Lydia de Oliveira de Sá e Cunha; Grupo Escolar Paula Soares, fundado em 21-5-1.927, sob a direção atual da provecta professora Sylvia Filippozzi; Grupo Escolar Fernando Gomes, fundado em 20-2-1913 e convertido em Escola Experimental em 17-6-1941, atualmente sob a direção da professora Altair Formel; Grupo Escolar Duque de Caxias, fundado em 25-3-1939, sob a direção da professora Emilce Lima Aveline; Grupo Escolar Ildefonso Gomes, fundado em 1939, sob a direção da professora Sílvia Barone; Grupo Escolar Voluntários da Pátria, fundado em 1.915, sob a direção da professora Amélia Pôrto Pereira; Grupo Escolar Uruguai, fundado em 9-12-1.941, sob a atual direção da professora Jovita Dias de Pacheco; Grupo Escolar Argentina, fundado em 25-9-1.924, sob a direção atual da professora Vitória Carvalho dos Santos; Grupo Escolar Visconde de Pelotas, fundado em 15-11-1.939, sob a direção atual da professora Suely Schroeder; Grupo Escolar Ceará, fundado em 2-2-1.938, atualmente sob a direção da professora Luiza Rezende de Albuquerque; Grupo Escolar Rio Branco, fundado em 8-9-1.930, sob a atual direção da professora Ana Heit; Grupo Escolar General Daltro Filho, fundado em Março de 1.930, atualmente sob a direção da professora Júlia Poli; Grupo Escolar Otávio Rocha, fundado em Março de 1.939, sob a direção atual da professora Alice Jobim de Oliveira; Grupo Escolar Dom Pedro I, fundado em 8-5-1.939, sob a direção atual da professora Eelba Cacciatori; Grupo Escolar D. Leopoldina, fundado em Janeiro de 1.939, sob atual direção da professora Corália Ribeiro Pôrto; Grupo Escolar José de Anchieta, em Ipanema, fundado em 1.938, sob a atual direção da professora Hortense da C. Franco; Grupo Escolar Alberto Tôrres, em Vila Nova, atualmente sob a direção da professora Daguear V. Dourado, além de centenas de aulas isoladas tanto públicas como particulares.

Funcionam ainda, em cooperação com os estabelecimentos educacionais, a Biblioteca Pública, o Museu Júlio de Castilhos, a Academia Rio Grandense de Letras, a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, e muitas outras entidades literárias e científicas.



D.ª Olga Acauan Gayer, Diretora Geral da Instrução Pública, cuja atividade meritória é fator decisivo na reconstrução do plano educacional do Estado.



Inauguração festiva do Gr. E. "Duque de Caxias."



Inauguração festiva do Gr. E. "Argentina."



O corpo docente do Grupo Escolar "Vila Nova"



O corpo docente do Grupo Escolar "Voluntários da Pátria."

ECOS DA VIDA ESCOLAR PÔRTOALEGRENSE

O ENSINO SECUNDÁRIO EM PÔRTO ALEGRE

O COLÉGIO BATISTA AMERICANO-BRASILEIRO

E SUA VALIOSA COOPERAÇÃO NAQUELE SETOR



O edifício próprio do Colégio Batista Americano-Brasileiro.

Muito já se tem dito do grau de adiantamento do ensino secundário em Pôrto Alegre e muito já se tem escrito sôbre os estabelecimentos escolares que se dedicam a êsse setor educacional de nossa mocidade estudantil.

No entretanto não poderíamos deixar de nos referir ao Colégio Batista Americano-Brasileiro, instalado em edifício próprio, a rua Cristóvão Colombo, n.º 1.098, e que obedece à direção do provecto educador professor dr. Harley Smith e da distinta professora d.ª Alice B. Smith.

Fundado em Janeiro de 1926, êsse conhecido educandário possue, além de cursos primários, Jardim de Infância, cursos comercial, propedêutico, contador e ginasial de acôrdo com o artigo 91.

Além disso, conta ainda o Colégio Batista Americano-Brasileiro com um seleto corpo docente que ministra o ensino a uma elevada população escolar, de ambos os sexos, atingindo a sua matrícula, atualmente, a mais ou menos 500 alunos.

Assim sendo, o Colégio Batista Americano-Brasileiro vem de uma maneira altamente patriótica cooperar para a maior grandeza do ensino secundário não só na capital como, mesmo, no Rio Grande do Sul.

O ENSINO SECUNDÁRIO EM PÔRTO ALEGRE

O GINÁSIO ESTADUAL FEMININO BOM CONSELHO

A ORGANIZAÇÃO DÊSTE DOS MAIS REPUTADOS ESTABELECIMENTOS NOS MEIOS EDUCACIONAIS



Os edifícios do Ginásio.

O ensino secundário em Pôrto Alegre atingiu a um elevado grau de adiantamento, graças aos modelares educandários que ministram o ensino a vários milhares de alunos de ambos os sexos.

E, entre os diversos estabelecimentos de ensino que primam pela sua organização, principalmente nos dedicados à educação das jovens gaúchas, o Ginásio Estadual Feminino Bom Conselho destaca-se em primeira grandeza.

Fundado como colégio elementar, em 1.900, êsse estabelecimento de ensino que, hoje, realiza uma obra admirável em benefício da cultura e do progresso intelectual de nossa metrópole, tornou-se, desde logo, pequeno para acolher o grande número de alunas que alí foram matriculadas, impondo-se, entre seus congêneres, como um dos educandários mais reputados não só da capital, como de todo o Estado e mesmo do país.

Aberto o curso complementar, em 1.920, para a formação de alunas-mestras para as escolas do Estado, sete anos depois, era êle municipalizado e, no ano seguinte, em 1.928, era oficializado por decreto do govêrno do Estado, passando a denominar-se Ginásio Estadual Feminino N. S. do Bom Conselho.

O estabeleceimtno possue três secções de internato, semi-internato e externato, sendo o ensino ministrado por um seleto corpo docente integrado pelas Irmãs da Ordem Franciscana, à qual está entregue a direção do conceituado estabelecimento de ensino, além de outros nomes de grande destaque no magistério da capital.

O número de alunos matriculados, que era em 1.928 de 577, atinge, hoje, à elevada cifra de mais de 1300, o que bem comprova a preferência que lhe vem dando a população pôrto-alegrense, zelosa de dar aos filhos uma educação à altura dos nossos foros culturais e intelectuais.

O GINÁSIO ESTADUAL SEVIGNÉ

UMA ORGANIZAÇÃO MODELAR QUE HONRA O NOSSO ENSINO

Indiscutivelmente, o ensino no Rio Grande do Sul encontra-se num elevado grau de adiantamento.

Contando com inúmeros estabelecimentos educacionais, tanto primários, como secundários e superiores, Pôrto Alegre marcha na vanguarda dos grandes centros do país nesse setor de cultura, preparando a mocidade para enfrentar os grandes problemas do futuro.

O Ginásio Estadual Sevigné é, sem dúvida, entre os vários educandários aquí existentes, um estabelecimento que grandes serviços tem prestado à difusão da cultura em nosso Estado.

Fundado em 1.900, é êle dirigido pela Congregação das Irmãs de São José, as quais, graças à excelência de seus métodos pedagógicos e à segurança de suas normas rìgidamente católicas, conseguiram levantar o referido educandário do ponto de vista intelectual e material, colocando-o no elevado nivel em que, hoje, se encontra. Milhares de jovens passaram pelos seus bancos colegiais, levando de regresso aos seus lares uma sólida cultura e uma decidida orientação cristã, preparadas, assim, para se tornarem excelentes donas de casa.

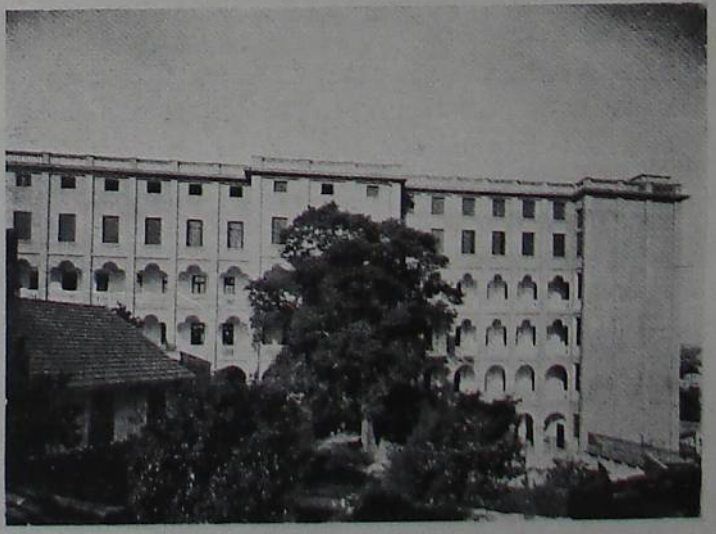
Tais foram os progressos conquistados no setor pedagógico pelo Ginásio Estadual Feminino Sevigné, que o govêrno do Estado, já em 1.927, o havia elevado à categoria de Escola Normal. No ano seguinte, foi êsse conceituado educandário elevado à categoria de Ginásio Municipal e, mais tarde, a Estadual, situação que atualmente ainda desfruta.

O número de alunas matriculadas, que em 1.906 era de 70, atinge atualmente a mais de um milhar, distribuídas entre os cursos normal, ginasial e primário, o que vem, de uma maneira eloqüente, comprovar o ascendente desenvolvimento dêsse acreditado estabelecimento de ensino.

Ao lado do progresso intelectual e pedagógico devem figurar, também, os grandes melhoramentos materiais introduzidos nas acomodações do antigo prédio e nas novas e imponentes construções, mandadas levantar pelas Irmãs da Ordem de São José que aí fizeram adotar todos os recursos de confôrto moderno, que amenizam muito os rigores impostos pela disciplina escolar.

Possue o Ginásio Estadual Feminino Sevigné uma esplêndida chácara no aprazível bairro de Teresópolis, onde as alunas costumam passar os domingos e feriados, desfrutando as vantagens que proporciona a vida ao ar livre.

O Ginásio Estadual Feminino Sevigné, que se encontra, atualmente, sob a direção da Madre Saint Odile, é, sem dúvida, um dos nossos estabelecimentos de ensino que muitos e reais serviços vem prestando à nossa juventude escolar.



Fachada interna do estabelecimento.

A LOUVÁVEL INICIATIVA DO CURSO GOSCH

UMA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR MODERNA EM NOSSO VASTO SETOR EDUCACIONAL



Elementos do Curso Gosch participam do grande desfile da Semana da Pátria.

Indiscutìvelmente, os Cursos Livres vieram não só preencher uma grande lacuna que se fazia sentir em nosso setor educacional como, também, de encontro às aspirações máximas da nossa mocidade estudantil que, empregando suas atividades diárias num trabalho honesto em qualquer dos múltiplos ramos da atividade pela subsistência de sua família, não poderiam freqüentar as aulas de nossos estabelecimentos de ensino.

E, cabe ao Curso Gosch essa louvável iniciativa que constitue, também uma das grandes inovações últimamente introduzidas, no setor educacional do ensino particular do nosso Estado.

Os Cursos Livres constituem, inquestionàvelmente, uma oportunidade ideal para aqueles que desejam iniciar-se no conhecimento da língua nacional, das línguas estrangeiras, da matemática, da histria da nossa pátria e do continente, das ciências e da filosofia, pois êsses Cursos Livres foram organizados, obedecendo a uma distribuição tão racional das matérias e do tempo de estudo, que qualquer pessoa, seja qual for o seu grau de cultura, poderá neles ingressar e paulatinamente vencer as dificuldades surgidas, tornando-se dentro de certo tempo, elemento de boa apresentação intelectual, capaz de ascender a melhores posições sociais.

O Curso Gosch é uma organização de ensino particular, fundada em Agôsto de 1.939, quando ainda eram escassas, em nossa capital, iniciativas dêsse gênero. Desde o dia de sua fundação, desdobrou-se a direção, composta dos professores Alberto e Wilson Gosch, em numerosas iniciativas educacionais, de tal modo necessárias para a difusão do ensino, que hoje, é esta instituïção uma das mais em evidência no Estado.

Entre as diversas secções com que conta o Curso Gosch, destaca-se a sua Secção Ginásial, freqüentada anualmente por cêrca de 300 alunos, e uma Secção Ginásial por correspondência com alunos espalhados pelos Estados do Sul. Possue, ainda, o Curso Gosch uma Secção Comercial, uma Secção de Desenho Técnico e uma Secção de Aulas Particulares, as quais contam elevada matrícula de alunos de ambos os sexos que recebem os ensinamentos de um seleto corpo de competentes professores.

Magnìficamente instalado em dois prédios, à rua dos Andradas, 1.439 e 1.545, respectivamente, o Curso Gosch é, inegàvelmente, uma organização escolar moderna que ministra um ensino intensivo e que possue um corpo docente de alta idoneidade moral e intelectual e, que, sobretudo, honra o setor educacional do Rio Grande do Sul.

CURSO GINASIAL "RUI BARBOSA"

A AÇÃO ALTAMENTE EFICIENTE DÊSSE MODELAR ESTABELECIMENTO DE ENSINO

Poucos são os estabelecimentos de ensino do Sul do Brasil que, como o Curso Ginasial Ruy Barbosa, com apenas 7 anos de existência, tenham grangeado tão elevado conceito, quer sob o ponto de vista da eficiência do ensino ministrado, quer sob o aspecto moral pela rígida formação do caráter que se imprime aos seus alunos.

Deve-se isso à modelar direção e ao escolhido corpo docente, uma plêiade de professores que honram o magistério primário e secundário do Brasil.

Das suas aulas, após anos de estudos, a mocidade desce para as lides da vida, rebrilhando pela fôrça da luz que lhes enche a alma, com vasto cabedal de conhecimentos, tão necessários para triunfar na luta pela vida.

Mantem essa casa de ensino um Curso primário, cujos ótimos frutos são claramente comprovados pelos pais dos alunos que não encontram maiores elogios aos modernos métodos de ensino alí seguidos.

Além de possuir tôdas as séries ginasiais, mantem, outrossim, várias turmas de maiores de 18 anos, professores, principalmente, e que se preparam para prestar o exame de conclusão do Ginásio num ano, de acôrdo com o artigo 91 da nova Lei do Ensino. Especial carinho é dedicado a essas turmas, onde se matricula a fina flor do magistério público gaúcho.



A brilhante representação do Curso nas comemorações da Semana da Pátria.

O centro de Pôrto Alegre acha-se ligado aos subúrbios por amplas avenidas-troncos. Destas se destacam a avenida *Borges de Medeiros*, com o seu monumental e majestoso viaduto, uma das mais imponentes obras de arte da capital gaúcha, que liga as duas margens da península, varando a colina e une o *centro* à *cidade-baixa*.

A avenida *Farrapos*, a mais extensa da Capital, e que por ser uma realização moderna, vai se revestindo de edificações majestosas e de imponentes arranha-céus, liga o coração da cidade às zonas do terceiro e quarto destrito, onde se encontram os bairros industriais: *São João*, *Navegantes* e *Floresta*.

A avenida *Independência*, que liga o bairro residencial do mesmo nome ao centro: neste bairro encontram-se confortáveis e belíssimas vivendas.

A avenida *10 de Novembro*, que está se revestindo quasi que exclusivamente de alterosos edifícios de apartamentos, divide-se, na praça Argentina, em avenidas monumentais, liga o centro da urbs aos seus demais bairros residenciais, pitorescamente estirados sôbre as faldas dos morros. A avenida *João Pessoa*, depois de marginar o belíssimo Parque Farroupilha, biparte-se na *Azenha*, levando a Partenon, Glória e Teresópolis. A avenida *Osvaldo Aranha* leva ao Caminho do Meio e, daí, pela avenida *Protásio Alves*, a Petrópolis, o moderno bairro residencial. A avenida *Getúlio Vargas* que nos leva ao Menino Deus em cujo término começa a faixa de cimento que conduz aos balneários do Guaíba.

A Cidade Sorriso distingue-se das demais capitais do país por apresentar variado aspecto: aqui temos a feição de uma cidade européia, alí temos o aspecto da urbs americana.

Pôrto Alegre, como tôdas as grandes metrópoles, tem o seu *coração*. É a praça *Senador Florêncio*, lindíssimo logradouro, primorosamente ajardinado, ostentando, no seu centro, a majestosa e imponente estátua eqüestre do legendário General Osório, Marquês do Herval; circundada de grandes edifícios, dos quais se destacam o arranha-céu do Clube do Comércio, belíssimo prédio de quatorze andares, o do Cinema Imperial, assim como o Grande Hotel.

Na face norte da praça, abre-se a grandiosa perspectiva da Avenida Sepulveda, ladeada, à direita, pelos Correios e Telegráfos, com o monumento a Rio Branco, Secretaria das Obras Públicas, secretaria da Fazenda, Tesouro do Estado, a Mesa de Rendas e a Administração do Pôrto; à esquerda, pela Delegacia Fiscal e Alfândega Federal. Termina a avenida em pleno cais do pôrto, defronte ao portão central. Alí se encontra o monumento oferecido ao Rio Grande do Sul pela colônia portuguesa, em 1.935, por ocasião do Centenário Farroupilha.

Ao lado dos Correios e Telégrafos, na face leste da praça, levanta-se a imponente mole do Banco Nacional do Comércio. De belíssima arquitetura, todo de alvenaria, é mui justamente considerada como uma das principais sedes bancárias do país.

À face oeste vê-se, ainda, o modernissimo edifício da Caixa Econômica Federal, com confortáveis interiores, em estilo moderno.

A Praça Senador Florêncio, mais conhecida por Praça da Alfândega, é o centro mundano da grande Metrópole, o ponto favorito para o "footing" da população pôrto-alegrense, abrigando seus cafés, "bonbonières", confeitarias, etc. uma grande multidão heterogênea.

Nela funciona a Cinelândia pôrto-alegrense, constituída pelo agrupamento dos principais cinemas lançadores, cujos cartazes estão sempre em dia com os mais recentes lançamentos de Hollywood.

Futuramente, uma maravilhosa avenida, a *Avenida Beira-Rio*, começando na encosta do grande edifício onde funciona a Casa de Correção e descrevendo tôda a majestosa curva da Praia das Belas, marginará o Guaíba, ligando em poucos minutos todos os bairros do sul ao centro da cidade.

De singular interêsse é incontestàvelmente a artéria número um da capital gaúcha, a *Rua dos Andradas*, a nossa tradicional Rua da Praia, que atravessa a península onde se encontra edificada Pôrto Alegre no sentido longitudinal, até alcançar o dorso da colina, no início da Avenida Independência. Suas primeiras quadras contrastam, de maneira flagrante, com a animação, a vivacidade que vai pelas demais, principalmente a partir da Rua Paissandú até a Avenida Independência. Nela estão instaladas as principais lojas e magazines, cinemas, confeitarias, cafés, jornais, restaurantes, etc., sendo de particular importância o ponto de cruzamento com a Avenida Borges de Medeiros, onde se nota sempre um movimento intensíssimo.

A Avenida Borges de Medeiros nasce no largo defronte ao Palácio da Municipalidade, denominada Praça Montevidéu, onde se destaca uma preciosa fonte, executada em legítima cerâmica de Talavera e doada à cidade em 1935, pela colônia espanhola, por ensejo da comemoração do Centenário Farroupilha. Ao seu lado fica o Mercado Público, de vista atraente e curiosa, com a heterogeneidade de suas inúmeras bancas. Aos fundos do Mercado velho, ergue-se o moderno edifício do Mercado Livre, a cujo lado se ergue o imponente edifício do Palácio do Comércio, notável mole de dez pisos, nele funcionando, entre outros, a Bolsa de Mercadorias.

Outra artéria digna de particular menção é a *Rua 7 de Setembro*, denominada a "Wall Street" pôrto-alegrense, por nela se encontrarem todos os bancos e casas bancárias, destacando-se o Banco do Rio Grande do Sul, de propriedade do Estado e que recentemente inaugurou suas modernas instalações; o Banco da Província do Rio Grande do Sul, a mais sólida instituïção bancária particular do Estado; o Banco Comercial e Industrial do Sul, ex-Banco Pfeiffer; o Banco Nacional do Comércio, por nós já mencionado; além do Banco do Brasil, em elegantíssimo edifício, além das agências de alguns bancos estrangeiros.

Artéria de grande importância pelo seu movimento e de particular beleza pela sua localização à beira-rio, é a *Avenida Mauá*, que corre paralela ao cais do pôrto, onde se encontra, além de várias outras grandes edificações, o massiço impressionante do Entreposto Frigorífico.

Outro ponto da cidade a merecer especial destaque é, sem dúvida, a *Praça Marechal Deodoro*, onde se ergue o majestoso e belíssimo monumento a Júlio de Castilhos. Nesse local encontram-se alguns edifícios de real valor, como sejam: o Palácio do Govêrno do Estado, com sua admirável arquitetura, pureza e harmonia de linhas; ao seu lado, ergue-se a Catedral Metropolitana, magnífico monumento de fé católica, em plena construção desde 1921, vendo-se já concluída a cripta; na outra face da Praça ergue-se o imponente edifício do Teatro São Pedro, recentemente reformado; seguem-se os edifícios do Fôro, onde funcionam o Tribunal do Juri e o Tribunal de Apelação; o edifício da Secretaria do Interior; o da Biblioteca Pública, com suas linhas notáveis; finalmente, o Auditório Araújo Viana, o maior do Brasil, com capacidade para cinco mil pessoas sentadas, onde a Banda Municipal realiza regularmente os seus apreciados concertos públicos.

Outro setor que ainda merece particular atenção, principalmente por seu intenso movimento comercial, é a *Rua Voluntários da Pátria*, artéria a que correm paralelas as Avenidas Otávio Rocha e Alberto Bins, tôdas três cortadas pela Rua da Conceição. No cruzamento desta artéria com a primeira das citadas vias públicas encontra-se a gare da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, defronte à qual se inicia a grandiosa Avenida Farrapos, cujos quatro quilômetros de extensão e largas pistas de concreto e parelelepípedos vieram resolver o problema do congestionamento do trânsito nas zonas do comércio e da indústria e serviram para estabelecer ligação direta entre o centro e os importantes bairros fabris e residenciais da margem alta do rio.

Apresenta ainda Pôrto Alegre a sua tradicional "*cidade baixa*", situada e edificada quasi tôda à margem do belo estuário do Guaíba. Encontra-se nessa magnífica zona a belíssima Praça Daltro Filho, a velha ponte colonial sôbre o Riacho, o velho Gasômetro, a usina da Companhia Energia Elétrica Riograndense, com sua formidável chaminé de cimento armado, de 101 metros de altura, que é, em seu gênero, a maior em tôda a América do Sul.

Especial menção merece ainda a zona dos *Moinhos de Vento*, onde reside parte da aristocracia pôrto-alegrense. Nessa zona encontra-se a Hidráulica Municipal, com as mais modernas e perfeitas instalações para o tratamento da água para a população da capital; no local da Hidráulica são ainda dignos de reparo os enormes tanques em disposição simétrica, os bem cuidados jardins e a bela fonte luminosa, assim

como o panorama sugestivo que se descortina do local. Próximo estende-se o amplo Hipódromo, onde se realizam, semanalmente, importantes reuniões turfísticas. Mais adiante, depara-se o bairro de Mont Serrat, zona em que se acha localizado o aristocrático Pôrto Alegre Country Club, subúrbio êsse que se liga ao florescente bairro de Petrópolis, com o pitoresco morro de Bela Vista, onde se acham as tôrres metálicas da Rádio Farroupilha.

Em outro ângulo da cidade, estende-se o populoso e movimentado bairro da *Azenha*, com sua linda Praça Piratini, com a soberba estátua de Bento Gonçalves, o herói farroupilha, bairro que se liga aos de *Parthenon, Glória e Teresópolis*. Na colina que se ergue no centro dêsses quatro bairros encontra-se o Cemitério de Pôrto Alegre, dividido em diversas secções, destacando-se alguns pela riqueza e rara beleza dos seus monumentos mortuários. Fica-lhe próximo o imponente Estádio do Sport Clube Cruzeiro.

Caindo para sudoeste, em direção ao Guaíba, estende-se o lindo bairro do *Menino Deus*, um dos mais encantadores da capital. Salienta-se, como ponto de atração, o pitoresco e rústico morro de Santa Teresa, com as tôrres metálicas da Rádio Difusora e o magnífico Estádio do Esporte Clube Internacional, localizado na encosta daquele morro.

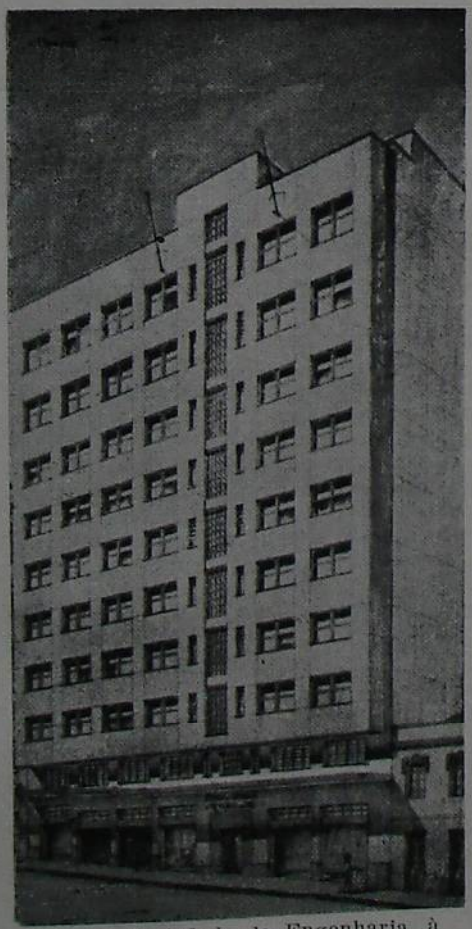
Além dêstes, possue a linda Metrópole gaúcha diversos outros lindos e pitorescos subúrbios, entre os quais se destacam Cristal, Tristeza, Vila Nova, Belém Velho, Belém Novo e as lindas praias Guarajá, Espírito Santo, Ipanema, Leblon, Pedra Redonda e Vila Assunção, onde se encontra a estação de "ferry-boat" Pôrto Alegre-Guaíba, ligando a capital à vizinha cidade de Guaíba, através do lindo estuário do Rio Guaíba.

Finalizando esta rápida e modesta resenha descritiva da capital gaúcha, manda-nos o dever que façamos uma referência muito especial ao carinho com que a atual administração pôrto-alegrense vem cuidando do problema urbanístico da nossa capital. O desvêlo dos administradores está genialmente condensado no vasto Plano Diretor da cidade, a que ja nos referimos no início desta resenha, entregue ao professor dr. Arnaldo Gladosch, competente técnico brasileiro, que, sem se afastar do projeto original do professor Agache, iniciou uma série longa de inovações e de ajardinamento, obra incontestyvelmente enorme, para cuja realização, feita por etapas, os administradores pôrto-alegrenses podem contar com a grata admiração das gerações presentes e futuras.

Referência tôda especial devem merecer ainda aqueles inúmeros edifícios majestosos, que, com suas linhas ousadas e soberbas, cooperam para o maior embelezamento da cidade. Levantados graças à iniciativa particular ou governamental, encontraram no corpo de engenheiros de Pôrto Alegre um fator decisivo na moderna construção que orgulhosamente ostenta a Metrópole gaúcha. Quer trabalhando particularmente, quer constituindo organizações técnicas, honram a engenharia nacional. Eis alguns nomes, que, citados apenas, traduzem vastas iniciativas no terreno da engenharia: Dahne, Conceição & cia., Azevedo Moura, Gertum & Cia., J. M. de Carvalho & Cia., Joaquim Só Gonçalves, Gerhard Krause, Companhia Construtora Nacional, Aydos & Cia., Empr. Construtora Nacional Grünbilf Ltda., Antônio Mascarello, etc., cujas obras aí se encontram, atestando plenamente sua capacidade técnica e profissional, tais como o Palácio do Comércio, o Instituto de Educação, o Palácio Rosado, sede do Clube do Comércio, os edifícios Vera Cruz, Sul América, Imperial, Guaspari, Ponche Verde, Dois Irmãos, Nunes Dias, Santa Rosa, Irmãos Rodrigues, Casa Rural, Tabajara, Tocandiras, Chaves, São José, Palácio dos Industriários, Delegacia do Instituto dos Bancários, e muitos outros arranha-céus que embelezam a Cidade Sorriso.

Possue, finalmente, Pôrto Alegre, além de sua majestosa Catedral, ora em obras e que será um dos mais lindos e imponentes templos da América, vários outros templos católicos e acatólicos, constituindo alguns verdadeiras relíquias históricas, tais como a vetusta igreja de Nossa Senhora do Rosário, a de Nossa Senhora das Dôres, a do Senhor dos Passos, e outras mais modernas, como a igreja de Santa Teresinha, de São José, de São Pedro, bem como os templos metodistas, adventistas e alguns templos maçônicos.

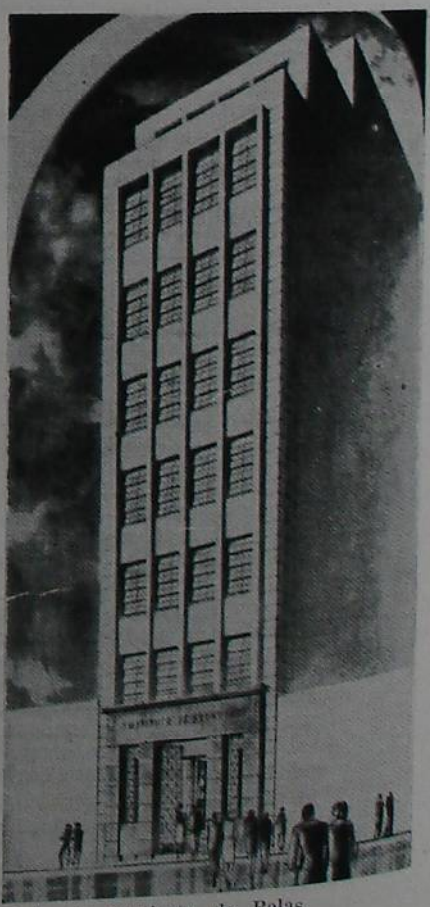
Em suma, Pôrto Alegre distingue-se das demais capitais do Brasil pela sua feição de cidade moderna, impressão que o turista recebe a cada instante quando a visita em seus mais diversos recantos. Seja pelos seus grandes e numerosos edifícios de soberbas linhas arquitetônicas, seja pelas suas lindas vias públicas, pavimentadas tôdas pelo processo mais moderno, seja pelos seus excelentes logradouros públicos, onde se encontram inúmeros monumentos de subido valor, seja pela sua feérica iluminação, seja pelo seu magnífico serviço de transportes coletivos — o fato é que a grande Metrópole gaúcha, indiscutìvelmente, é uma das principais cidades do Brasil.



Sede da Sociedade de Engenharia, à Travessa Eng. Acylino Carvalho.



Sede da Assoc. de Pecúlios do Comércio e Indústria Riograndense.



Sede do Instituto de Belas Artes, à rua Senhor dos Passos.

NOVOS EDIFÍCIOS QUE ORNAM A NOSSA METRÓPOLE.

A MODERNA ENGENHARIA COMO FATOR DE PROGRESSO

D A H N E , C O N C E I Ç Ã O & C I A .

A VALIOSA COOPERAÇÃO DESSA IMPORTANTE FIRMA COM ASSINALADOS SERVIÇOS NO RAMO CONSTRUÇÕES

As etapas evolutivas do progresso de Pôrto Alegre podem, perfeitamente, ser assinaladas pelo estabelecimento das grandes firmas que passaram a empregar vultosos capitais no ramo construções.

Entre essas grandes firmas que bastante contribuiram para modificar o fácies arquitetônico da linda capital riograndense e que se atiraram a obras de grande envergadura, é muito justo se mencione a firma Dahne, Conceição & Cia.

Em fevereiro de 1.928, a época em que tôdas as atividades econômicas do Rio Grande tiveram um grande surto, devido em grande parte à confiança inspirada pela atitude dos novos dirigentes do Estado, a cuja frente se encontrava o ilustre Dr. Getúlio Vargas, na qualidade de seu presidente, fundava-se, em Pôrto Alegre, uma grande emprêsa construtora, que teve como incorporadores os srs. drs. Frederico Dahne, Ildo Meneghetti, Vasco de Melo Feijó, Jorge de Melo Feijó e Lauri Antunes Conceição. Todos êles ainda se encontram à testa da importante emprêsa que organizaram, a qual conquistou um renome invejável em todo o país, graças, sobretudo, à segurança na execução técnica de suas obras e a sua grande probidade.

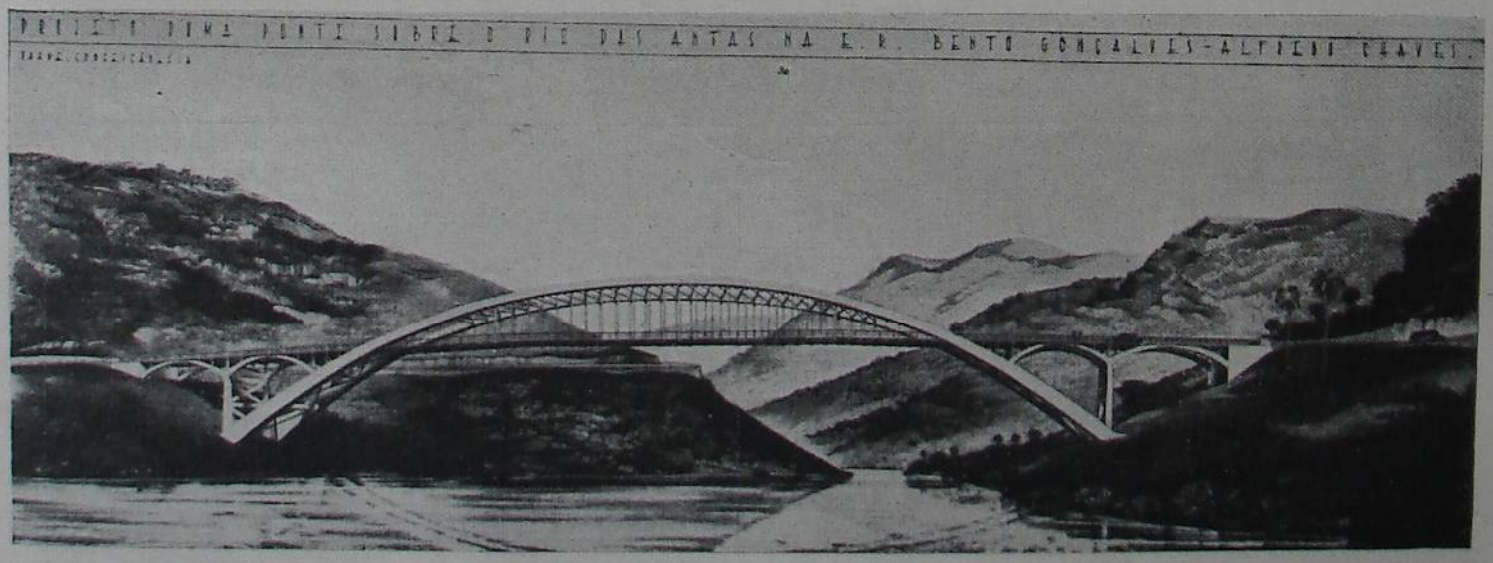
Além da parte relacionada com as construções, pròpriamente ditas, em que o nome da firma Dahne, Conceição & Cia. já conquistou um prestígio indisputado, dedicaram-se os seus componentes à realização de outras obras de engenharia, sobretudo no setor saneamento, que fazem dela uma das primeiras do Brasil. Bastaria, para corroborar essa asserção, se mencionasse o serviço do novo abastecimento dágua da capital da República, obra já concluída e em pleno funcionamento, cujo custo se elevou a mais de 160.000 contos de réis, e a ampliação do serviço de águas e esgotos de Niterói, em execução e cujo custo alcançará a cêrca de 60.000 contos de réis, sem contar as obras de saneamento das cidades riograndenses de Alegrete, Dom Pedrito e Jaguarão.

No setor de pavimentação, foram os pioneiros em todo o Brasil, com a execução das pavimentações a concreto na cidade de Pôrto Alegre, as primeiras realizadas no país. São também obras da firma Dahne, Conceição & Cia, as magníficas rodovias de Pôrto Alegre a São Leopoldo e Pôrto Alegre a Gravataí e Osório, que tanto cooperaram para a criação e circulação de riquezas dessas prósperas regiões vizinhas da capital e, que, por assim dizer, marcaram o início da grande política das comunicações rodoviárias que, hoje, constituem ponto nevrálgico nas realizações administrativas do govêrno do Estado e da República.

São dignas de menção, ainda, as seguintes obras da importante firma: construção da estrada de ferro Giruá-Santa-Rosa; pavimentação em cimento de uma área em Pôrto Alegre, superior a 300.000 metros quadrados; construção de faixas de cimento em Pelotas; construção do edifício do Matadouro Modêlo de Pôrto Alegre, edifício dos Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros, do Entreposto do Leite, dos prédios da Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Sul, Clube do Comércio e das grandes casas de apartamento, de linhas modernissimas, que levam os nomes de Nunes Dias, Lopes Guedes, Tabajara e Caiçara.

Atualmente, a firma Dahne, Conceição & Cia., além dos serviços de construções em geral, não só neste Estado como no Rio de Janeiro e Niterói, está procedendo à construção, macadamização e ensaibramento de diversas rodovias no Estado, de acôrdo com o plano rodoviário levado a efeito pelo Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem, e do qual o primeiro grupo, num total de mais de 20 mil contos de réis, está sendo executado pela referida firma construtora.

Ainda, em concorrência pública realizada pelo D.A.E.R., para a construção da ponte em concreto armado sôbre o rio das Antas, na Estrada de Rodagem Bento Gonçalves — Alfredo Chaves, foi proclamada vencedora a firma em referência, com um monumental projeto de sua autoria. Pelo cliché que estampamos na presente reportagem, pode-se fazer uma idéia do trabalho a ser realizado pelos srs. Dahne, Conceição & Cia., com uma ponte tôda em concreto armado, com um vão livre de 168 metros, a terceira do mundo, e que a imprensa do país já classificou de "verdadeira jóia da engenharia nacional."



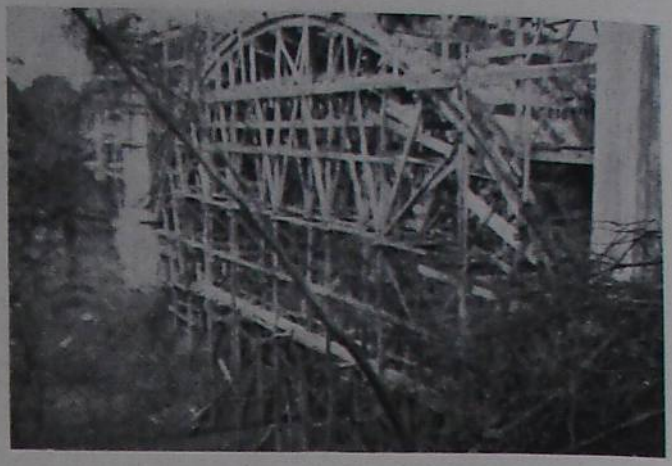
Projeto da ponte sôbre o Rio das Antas, com um vão de 168 metros.

JOSÉ M. DE CARVALHO & CIA. LTDA.

OS NOTÁVEIS TRABALHOS REALIZADOS E EM REALIZAÇÃO POR AQUELE MODELAR ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ENGENHARIA



Ponte do Castelhano na E. R. Pôrto Gomes-Lajeado. Concreto armado em arco, vão livre 32 m.



Outra vista da mesma ponte, durante a fase inicial da construção.

O notável surto de progresso da cidade de Pôrto Alegre, em seu surpreendente desenvolvimento urbanístico, deve-se, sem dúvida alguma, aos inúmeros escritórios de engenharia, orientados por técnicos de comprovada capacidade profissional, que vão transformando a linda metrópole gaúcha num centro urbano à altura da crescente evolução da urbs, proporcionando-lhe os melhoramentos exigidos pela sua expansão verdadeiramente prodigiosa e dotando-a de obras de embelezamento de tal vulto que lhe grangearam o título de "Cidade Sorriso."

Entre os empreendimentos mais progressistas e de maior projeção com que conta a nossa capital no terreno da engenharia civil deve-se citar, sem favor, o bem montado Escritório Técnico da conceituada firma JOSÉ M. DE CARVALHO & CIA. LTDA.

Esta firma, que se incumbe de projetar, fiscalizar, administrar e empreitar obras de Engenharia Civil em geral, é de fundação bastante recente, pois, foi organizada em 10 de Abril de 1939, em substituïção à individual de JOSÉ MARIA DE CARVALHO, que iniciava suas atividades em Abril de 1938. Nesse curto lapso de tempo, porém, pôde êsse Escritório Técnico de Engenharia firmar o mais sólido e merecido conceito, quer nos meios ténicos do Estado, quer perante o público em geral.

Constituída do Engenheiro Civil José Maria de Carvalho, como sócio gerente e responsável técnico da firma, e dos sócios quotistas José Pires Martins e Aloysio Brixner e, desde 2 de Outubro de 1940, do Engenheiro Civil Carlos E. Machado Moreira, como sócio e responsável técnico, graças ao descortino comercial e técnico de seus componentes soube impor-se à consideração geral e abranger quasi todos os ramos a que se pode dedicar uma organização de tal ordem, neste vasto setor de atividade profissional.

Uma relação, feita de relance, das principais obras contratadas pela firma, quer executadas na sua quasi totalidade e quer em vias de conclusão algumas poucas ainda, pode dar-nos uma idéia aproximada das múltiplas realizações da emprêsa:

OBRAS CONTRATADAS E EXECUTADAS:

Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem — Pontes de madeira na E. R. Guaíba-Camaquã-Encruzilhada. Ponte de concreto armado, sôbre o Arroio do Padre, na mesma E. R. Guaíba-Camaquã; Ponte metálica sôbre o Arroio Subtil, vão 27 m, elevação dos encontros, revisão e montagem da estrutura metálica, na E. R. Camaquã-Encruzilhada.

Secretaria de Obras Públicas — Colégios Camaquã, Tapes, S. Jerônimo, Lajeado e Estrêla, todos do tipo progressivo para 350 alunos. Colégios de Arroio do Meio e Venâncio Aires, ambos do tipo progressivo para 200 alunos. Alpendres metálicos dos Armazéns C 1 e C3, do Cais do Pôrto da Capital. Pavilhão de Cultura Física para o D. E. F., nesta Capital.

Secretaria da Agricultura — Pavilhão do Laboratório da D. P. A. e reforma completa e adaptação de 2 Pavilhões da Exposição Estadual do Menino Deus para estábulos e lavadores modelos, inclusive pavimentação, também para a D. P. A.

Reitoria da Universidade de P. Alegre — Estábulo Mixto para a Escola de Agronomia e Veterinária no Km 9.

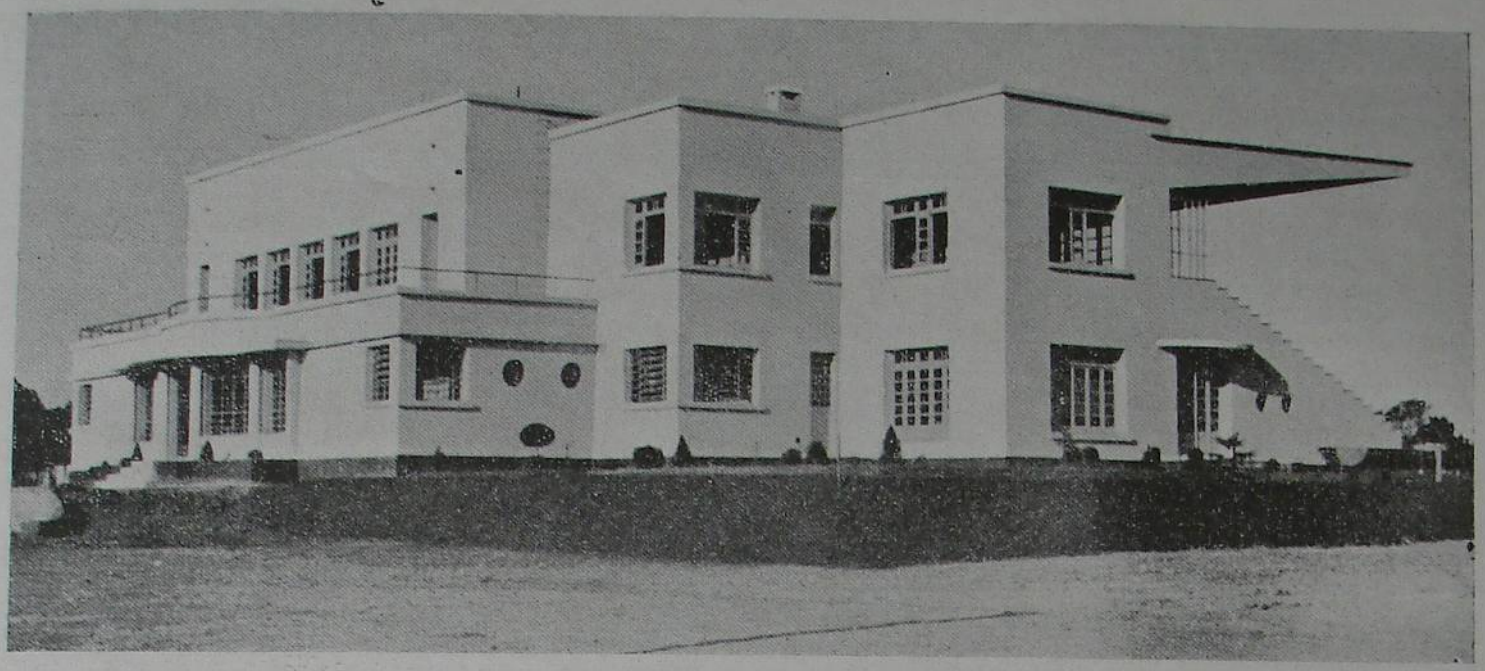
Prefeitura de Pôrto Alegre — Serviços de pavimentação com paralelepípedos e pedras irregulares, em diversas ruas do bairro de São João.



Colégio do tipo progressivo, construído em Tapes.



Ponte sôbre o Arroio Subtil. Viga metálica, vão livre 27 m.



Pavilhão de Festas do Parque de Exposição e Hipódromo da Associação Rural de Bagé.

Viação Férrea do Rio Grande do Sul — Armazém de Mercadorias da Estação de Cachoeira e Pôsto de visita da Estação de Bagé.

Associação Rural de Bagé — Projeto completo do Parque de Exposições e Hipódromo aprovado pela Secretaria da Agricultura e oficializado pelo Ministério da Agricultura, tendo sido executado o Pavilhão de Festas.

Diversos — Casas para associados da C. A. P. dos Ferroviários e Instituto de Previdência do Estado, além de residências particulares nesta capital, e na cidade de Bagé.

OBRAS CONTRATADAS, EM EXECUÇÃO

Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem — Ponte e marco, de concreto armado, vão de 32 m, sôbre o Arroio do Castelhano, na E. R. Pôrto Gomes-Lajeado. Pontilhões da Várzea do S. Gonçalo de concreto armado, num total de quatro, na E. R. Pelotas-Rio Grande. Ponte metálica sôbre o Arroio Lajeado Grande, execução dos encontros e montagem, na E. R. Alegrete-S. Francisco. Oficinas e Almoxarifado da Residência de Bagé.

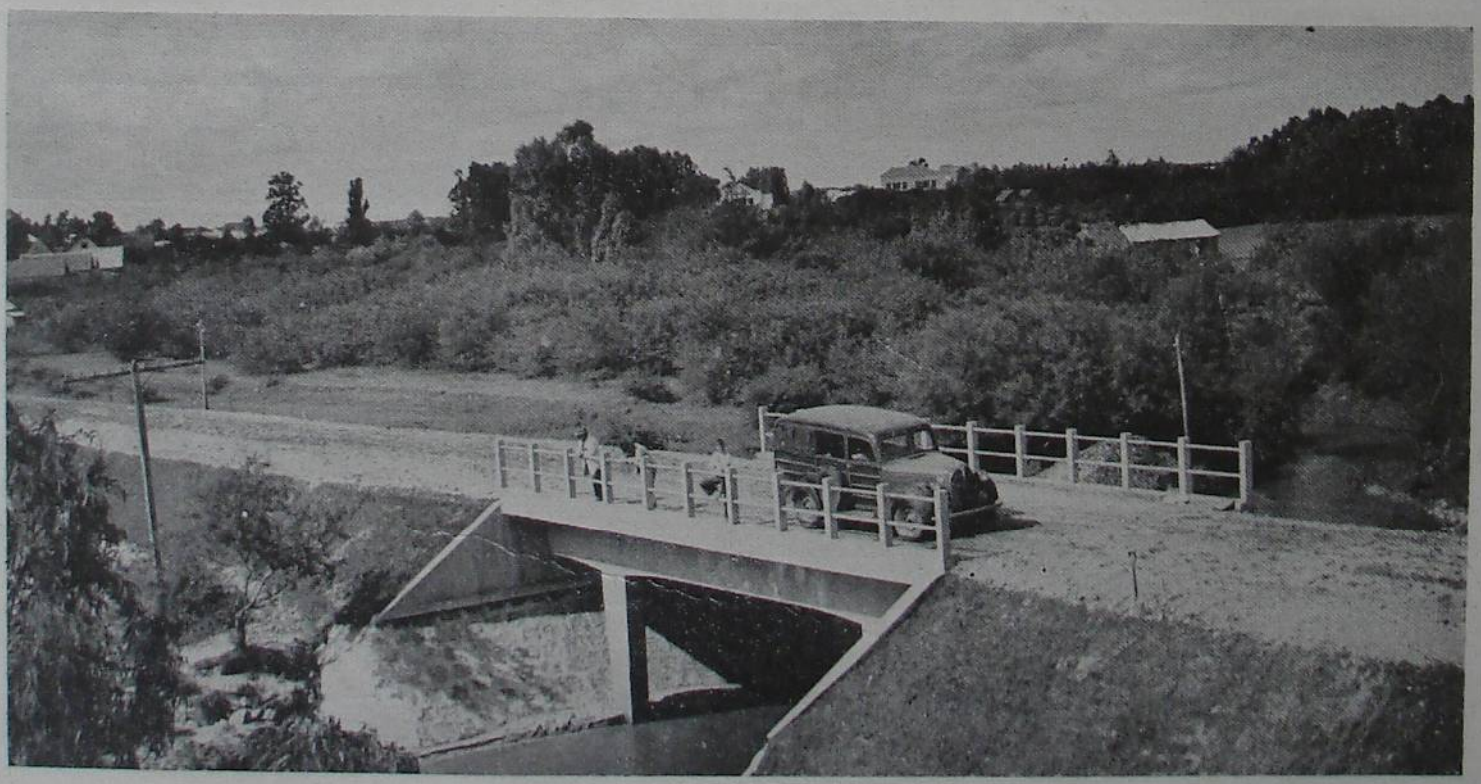
Secretaria das Obras Públicas — Três Pavilhões "CARVILLE"; Duas casas geminadas e Usina de Emergência no Leprosário de Itapoã.

Prefeitura de Bagé — Pavimentação com pararelepípedes, área de 30.000 m², inclusive assentamento de cordões, construção de refúgios e canalização das águas fluviais; Pavimentação com pedras irregulares, área de 20.000 m², inclusive cordões e canalização das águas pluviais.

Grêmio Náutico União — Projeto e execução da piscina Olímpica nesta capital, a primeira no Estado.

Instituto de Belas Artes — Execução do Edifício de 9 andares, estrutura de concreto armado, nesta capital.

Eis aí, numa rápida resenha, os principais trabalhos, executados uns, em conclusão, outros, que a Engenharia moderna sob a esclarecida orientação do Escritório Técnico de Engenharia de JOSÉ M. DE CARVALHO & CIA. LTDA., vem, sem alarde, realizando numa cooperação eficaz e proficiente para o progresso não só de nossa capital como de outras cidades riograndenses.



Ponte sôbre o Arroio do Padre, de concreto armado

ENGENHEIRO JOAQUIM SÓ GONÇALVES

E SUAS REALIZAÇÕES DE ALTO VALOR NO SETOR DE SANEAMENTO E ABASTECIMENTO DÁGUA

Sôbre o papel saliente e o particular significado das emprêsas que se ocupam do melhoramento das condições sanitárias em nosso Estado e da execução de instalações modernas de abastecimento dágua em combate às doenças e epidemias, não há palavras a medir. É óbvio, porém, que o abastecimento dágua para tôdas as aglomerações humanas seja de máxima importância, não só do ponto de vista higiénico, mas também no sentido de aperfeiçoar a capacidade produtiva da nossa indústria. Porisso, não seria justo considerar as emprêsas que se dedicam aos trabalhos nesse campo de realizações técnicas simplesmente como emprêsas industriais ou comerciais, muito antes deve-se atribuir-lhes um alto valor político-econômico e social. Uma emprêsa riograndense que merece plenamente êsse atributo e que fornece trabalhos verdadeiramente modelares no que diz respeito ao modo de adaptação às exigências individuais é a do engenheiro civil Joaquim Só Gonçalves.

O fundador e proprietário provêm da nova e dinâmica geração riograndense. Foi diplomado pela Escola de Engenharia de Pôrto Alegre em 1926. Nos quatro anos, entre 1928 e 1932, dirigiu como engenheiro-chefe os serviços de Santana do Livramento e após ter-se desobrigado de modo excelente das tarefas que lhe cabiam nesse lugar destacado, abriu em fins de 1932, na capital do Estado, um escritório de engenharia sanitária.

São inúmeras as instalações domiciliares que a firma do snr. Joaquim Só Gonçalves executou nestes 9 anos desde sua fundação, tanto na própria capital como no interior do Estado. Graças a sua competência, foram dotados das respectivas instalações, modernas e práticas, os edifícios Possidônio da Cunha, Predial e Agrícola, Marsiaj, Cavalcanti, Caiçara, Ponche-Verde, o Pavilhão Daltro Filho, o Leprosário Itapoã, a Colônia Correcional, cujo plano se baseia em princípios notadamente novos e modelares — para enumerar só os principais trabalhos. A firma do snr. Joaquim Só Gonçalves muniu de instalações sanitárias mais de 20 colégios estaduais e em tôda parte soube dar aos trabalhos tomados a seu cargo o máximo de efeito e precisão, aproveitando sempre as últimas conquistas da técnica moderna, à medida dos meios financeiros muitas vezes limitados à sua disposição.

Na secção de Hidráulica, o engenheiro Joaquim Só Gonçalves realizou o refôrço do abastecimento dágua da cidade de São Leopoldo, pela construção de uma tôrre de tomada dágua com dois metros de bombas de 40 lt. seg. e com filtro rápido de 20 lt. seg. Foi êle também que empreendeu a construção da gigantesca Hidráulica de São Gabriel, uma realização técnica, considerada entre as primeiras em nosso Estado, uma obra verdadeiramente imponente, que já monta a mais de 700 contos. Tomou conta também do tratamento dágua para o Frigorífico Sispal em Bagé e deixou ainda como testemunhos da sua marcante atividade o Sanatório Belém, as minas de São Jerônimo e dos Ratos. A mais, executou essa firma a tarefa importante e de interêsse público que é o abastecimento dágua e esgôto do Campo de Aviação em Canoas e resolveu de modo especialmente inteligente os problemas de abastecimento dágua dos quartéis de Santa Maria, canalizando-o de uma vertente nas fraldas dos morros, que circundam a cidade. É sua obra também a reforma e ampliação dos serviços sanitários de vários quartéis da 3.ª Região Militar e salientam-se ainda como de especial significação o projeto e a feliz realização do abastecimento dágua de Vila Assunção. De tal programa de trabalho pode-se deduzir evidentemente e constatar sem exagêro, que o Snr. Joaquim Só Gonçalves, embora moço ainda, pela sua alta capacidade de trabalho, escreveu seu nome entre os valores da moderna engenharia, cooperando no progresso e acompanhando o Estado no seu agigantado desenvolvimento.

AZEVEDO MOURA & GERTUM

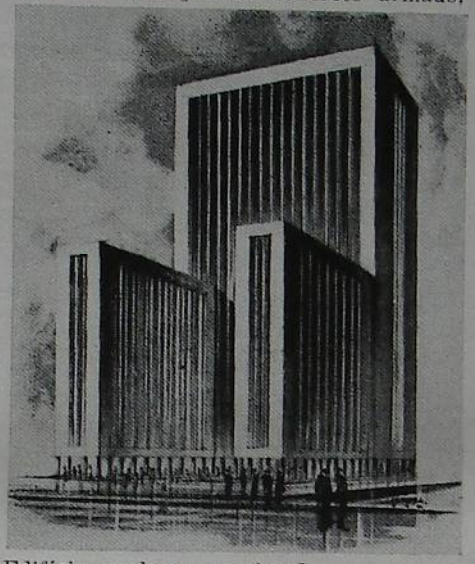
OS RELEVANTES SERVIÇOS PRESTADOS PELA PODEROSA FIRMA, PIONEIRA DO RENASCIMENTO PREDIAL DA METRÓPOLE GAÚCHA

Entre as firmas construtoras do Rio Grande do Sul ocupa AZEVEDO MOURA & GERTUM um lugar de relêvo que se carateriza pelo gôsto apurado dos seus projetos e pela inconfundível técnica, solidez e acabamento de suas obras.

Pôrto Alegre já é uma cidade que se orgulha da sua riqueza arquitetônica. Alterosos prédios e vivendas, desde as mais aristocráticas às mais simples, dão um colorido de nobreza ao espírito da sua população. Indiscutível que para despertar essa idéia de confortáveis casas onde o capital encontrar ótima colocação por uma renda bem calculada, a firma AZEVEDO MOURA & GERTUM muito tem contribuído. Foi a pioneira dêsse renascimento predial da cidade, a primeira firma que ergueu e multiplicou os arranha-céus que hoje são o orgulho dos pôrto-alegrenses.

Há quasi 20 anos sua ação decidida e admiràvelmente orientada, acompanhando as novidades técnicas das grandes metrópoles do mundo, tem se imposto à admiração pública da cidade em todos os seus ângulos urbanos.

Tanto pela harmonia dos pormenores arquitetônicos como pela impecável técnica na execução do concreto armado,



Edifício moderno, projetado por Fernando Corona.

AZEVEDO MOURA & GERTUM despertaram logo a atenção de todos. É que, além das suas reservas técnicas, mantiveram sempre recursos econômicos e morais, valendo-lhe isso um conceito de probidade profissional que se tornou tradição.

Alterosos edifícios foram se erguendo nas principais artérias da capital e a rede foi se estendendo atingindo as principais cidades do Estado. Que belo espetáculo êsse alvorôço de progresso, de segurança e bem-estar social. E em tudo isso tem andado a inteligência dêsses engenheiros preocupados mais numa obra que falasse à posteridade que qualquer outro sentido material.

Hoje, para escrever a história predial do Rio Grande do Sul, terá a firma AZEVEDO MOURA & GERTUM que pontificar o corolário dos altos elementos que tem cooperado brilhantemente pelo aperfeiçoamento das modernas e grandes construções prediais do Rio Grande do Sul.

A COMPANHIA PREDIAL E AGRÍCOLA

OS RELEVANTES SERVIÇOS PRESTADOS POR ESSA BENEMÉRITA INSTITUIÇÃO ÀS CLASSES DESFAVORECIDAS DA FORTUNA

Desejando preencher uma lacuna que, então, se fazia sentir, diversos capitalistas da praça de Pôrto Alegre resolveram organizar, em fins de 1896, uma emprêsa que proporcionasse às classes desfavorecidas da fortuna, o meio de adquirirem a sua propriedade, a preços razoáveis e em prestações módicas, ao alcance de todos.

À frente dêste movimento, puseram-se os industrialistas desta praça Cel. Manoel Py, Dr. Possidônio da Cunha e outros, os quais viram os seus esforços coroados de êxito, dentro em pouco, com a realização, em 7 de Janeiro de 1897, da assembléia geral da sociedade, então, organizada, com o fim de explorar o comércio de compra e venda de imóveis.

E, assim, surgiu a COMPANHIA PREDIAL E AGRÍCOLA, cujos 45 anos de existência são um documento vivo que atesta os relevantes serviços prestados à comunidade pôrto-alegrense.

Estão, atualmente, à testa de seus negócios, os destacados industrialistas desta praça, Drs. Ernesto di Primio Beck e Annibal di Primio Beck, a cujo trabalho dinâmico e segura orientação deve a sociedade a consolidação da situação invejável e privilegiada que desfruta.

Para comprovar o que afirmamos, bastará uma visita à sede dessa emprêsa e um rápido exame de seu arquivo, para se verificar os verdadeiros benefícios destribuídos, durante a sua já longa existência, dando lugar a que se tornassem proprietários e motivo, até, a início de fortunas, a inumeráveis pôrto-alegrenses, na sua maioria, operários e outras pessoas de pouco recurso financeiro.

A COMPANHIA PREDIAL E AGRÍCOLA tem sua sede à rua 7 de Setembro n.º 1139, 1.º andar, onde continua a servir a população desta cidade, oferecendo à venda terrenos e casas, a preços módicos e em prestações ao alcance de qualquer bolsa.

AS MODERNAS CONSTRUÇÕES DO ARQUITETO KRAUSE

SUA COOPERAÇÃO PARA AS REALIZAÇÕES ARQUITETÔNICAS DA CAPITAL GAÚCHA

Graças à engenharia moderna e aos excelentes técnicos que possue, é que Pôrto Alegre usufrue, hoje, entre as mais lindas e adiantadas cidades do Brasil e quiçá da América do Sul, o título de "Cidade Sorriso."

E verdadeiramente, sòmente à sua edificação ultra-moderna, deve a grande Metrópole dos Pampas o seu surto de embelezamento e, mesmo, do seu atual progresso e desenvolvimento.

Inúmeras são as organizações e os escritórios técnicos que se dedicam ao ramo de construções que operam em Pôrto Alegre, cooperando todos com suas realizações arquitetônicas para o maior engrandecimento da capital gaúcha.



Uma das cosntruções realizadas pelo pelo arquiteto Krause.

Entre êles, merece lugar de destaque o escritório técnico que obedece à direção do conhecido arquiteto e construtor Krause, diplomado, e radicado entre nós há já mais de dez anos. Adaptando seus projetos aos desejos de sua vasta clientela, especializou-se êsse abalisado arquiteto na construção de residências particulares e de moradias econômicas tanto isoladas como em conjunto, tornando-se logo os seus escritórios, situados à rua Almirante Abreu, 200, um dos mais procurados por numerosos interessados, o que vem patentear a excelência das realizações dêsse conhecido engenheiro que, assim, vem também cooperando com sua parcela de trabalho em prol do embelezamento da grande Metrópole gaúcha.

ORGANIZAÇÕES BANCÁRIAS, SECURITÁRIAS, BENEFICENTES E CAPITALIZADORAS

Inúmeras são as organizações bancárias, securitárias, beneficentes, de capitalização, etc. que operam em Pôrto Alegre, com vultosos capitais, cuja solidez e projeção já ultrapassaram nossas fronteiras.

A importância da capital gaúcha no mercado financeiro é realmente invejável, tanto dentro do Rio Grande do Sul, como em todo o Brasil, e mesmo no exterior, pois o critério e a confiança que inspiram suas instituïções bem como as organizações que operam na capital riograndense, fizeram-na impor-se como uma das praças mais sólidas do país.

Instituïções bancárias, securitárias, caixas econômicas, beneficentes, capitalizadoras, construtoras, etc. progridem dia a dia, na capital riograndense, atestando, assim, a sua grande importância nas finanças nacionais e mesmo continentais.

Dentre os estabelecimentos bancários citam-se os bancos da Província do Rio Grande do Sul, a mais sólida instituïção particular do Estado; do Rio Grande do Sul, de propriedade do Estado; o Nacional do Comércio, o banco por excelência do comércio pôrto-alegrense; o do Crédito Real, o Banco Industrial e Comercial do Sul (ex-Pfeiffer); o Agrícola Mercantil, o Pôrto Alegrense, além das agências dos bancos do Brasil, do Banco de Londres & Sul América, do Francês e Italiano para a América do Sul, do Banco Alemão Transatlântico, sendo que êstes dois últimos foram incorporados ao patrimônio nacional, por motivo da atual situação internacional.

Conta ainda com a Caixa Econômica Federal que possue também uma filial no populoso bairro de São João, além de outras caixas beneficentes, construtoras, capitalizadoras e securitárias, algumas genuinamente pôrto-alegrenses e outras operando por intermédio de suas sucursais, entre as quais citam-se: o Instituto de Previdência do Estado, a Central das Caixas Rurais, a Predial Agrícola, a Companhia Seguradora Brasileira, Equitativa, a Protetora, a Previdência do Sul, a Aliança, a Sul-Brasil de Seguros, a Phoenix, a Sul América Terrestre, a Prudência Capitalização, a Sul América de Vida, a União de Seguros, a Sul América Capitalização e, finalmente, ainda um grande centro consumidor dos bilhetes da Loteria Federal, a par de muitas outras instituïções que operam na capital dos Pampas, com avultadíssimos capitais.



PRAÇA SENADOR FLORÊNCIO, LOCAL ONDE DESEMBOCA A "WALL STREET" PÔRTO-ALEGRENSE.

O centro bancário da metrópole, vendo-se em primeiro plano, o maciço do Banco Nacional do Comércio. Os quarteirões à direita encerram os Bancos de Londres, Comercial e Industrial do Sul, seguindo-se os do Brasil, Agrícola-Mercantil, Francês e Italiano, Rio Grande do Sul e da Província.

INSTITUIÇÕES PARA FOMENTO DO ESPÍRITO DE PREVIDÊNCIA

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

UMA MODELAR ORGANIZAÇÃO NO GÊNERO, DESFRUTANDO DE INVEJÁVEL POSIÇÃO ENTRE OS NOSSOS ESTABELECIMENTOS ECONÔMICOS



CAIXA ECONÔMICA FEDERAL — Matriz nesta capital, à Praça Senador Florêncio

Entre as organizações que têm mais colaborado para o engrandecimento do torrão gaúcho, melhorando a situação econômica dos riograndenses, é evidente que a Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Sul constitue, com justificada razão, uma das partes mais ligadas ao progresso do nosso Estado.

Fundada em 18 de Abril de 1.874, desfruta, hoje, essa modelar organização de uma invejável posição, possuindo além da matriz, que ocupa um majestoso edifício, inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas, em 13 de Março de 1.940, duas filiais e seis agências na capital e no interior, destacando-se entre estas as magníficas instalações da filial do bairro de São João, cujo alteroso edifício vem de ser inaugurado recentemente, pelo interventor federal de nosso Estado, o insigne general Cordeiro de Farias.

O patrimônio atual da Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Sul atinge à elevada quantia de 6.485:889$200, o Fundo de Reserva a 5.373:235$200 e outras reservas a 2.914:907$800.

Mantem a modelar instituïção secções de depósitos, empréstimos hipotecários, empréstimos sob consignações, empréstimos com a garantia de títulos da dívida pública e empréstimos sob penhores.

A Caixa Econômica conseguiu desenvolver entre o povo gaúcho o espírito da poupança, evitando o desequilíbrio nos orçamentos individuais e o perigo de complicações financeiras futuras e assegurando a tranqüilidade no dia de amanhã. As cadernetas de depósitos populares já ultrapassaram o número de 120.000, demonstrando assim a acolhida do público a essa iniciativa de utilidade social, pois o capital assim formado tem facilitado a realização de grandes empreendimentos por parte do govêrno estadual e mesmo por parte de particulares, como vemos pelas cifras correspondentes aos depósitos e empréstimos. Os primeiros atingiram à importância de 219.125:018$900 e os empréstimos a 109.061:940$500, o que perfaz um total de mais de 50% do dinheiro depositado.

Segundo o balanço correspondente ao ano de 1.941, a Receita Geral da Caixa Econômica foi de 14.223:202$000, alcançando o lucro líquido de 2.821:788$200.

São seus diretores atuais, os srs. drs. Cilon Rosa, presidente; Antônio Xavier da Rocha e Vicente Dutra, que têm sabido, dentro da responsabilidade de seus cargos, agir de maneira a consolidar a posição segura que desfruta o referido estabelecimento.

Por ocasião de sua última visita ao nosso Estado, o presidente Getúlio Vargas que paraninfou a inauguração da atual sede da Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Sul, deixou consignado, no livro de ouro dêsse estabelecimento, as seguintes expressões: "Não posso deixar de externar a minha magnífica impressão pela perfeita organização da Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Sul. Com o novo edifício, hoje inaugurado, estará ela em condições de prosseguir em suas atividades trabalhando decisivamente pelo maior surto econômico do Estado. Felicito a atual diretoria pela notável obra que vem realizando".

Após essa impressão do eminente chefe nacional, nada mais poderemos acrescentar para dizermos o que a Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Sul vem realizando em benefício da economia em geral dos riograndenses.

BANCO DO RIO GRANDE DO SUL S. A.

SÚMULA DOS TRABALHOS E ATIVIDADES FINANCEIRAS DÊSSE MODELAR INSTITUTO BANCÁRIO, ESTEIO DA ECONOMIA RIOGRANDENSE

E' tarefa grata e sobremodo confortadora incluir nesta obra documentária uma resenha dos trabalhos e atividades financeiras desta instituïção bancária modelar, que é o Banco do Rio Grande do Sul.

Fator da mais decisiva e preponderante expressão para o alto prestígio do Banco nos meios riograndenses foi e é a norma de conduta do poder público em relação a êsse estabelecimento entregando à sua administração o contrôle e a direção integral do Banco. Além de confiar-lhe uma soma vultosa de interêsses do Estado, o preclaro govêrno do exmo. sr. Interventor Federal, Gal. Osvaldo Cordeiro de Farias, e seu digno secretariado, têm dado ao Banco todo o seu apôio e irrestrita solidariedade administrativa.

Alheando-se de interferir na vida e nas relações econômicas do Banco, o Govêrno dá uma prova de alta compreensão dos destinos dêste estabelecimento, circunscrito, hoje, às atividades gerais da agricultura, do comércio e da indústria do Rio Grande.

A direção do Banco age com absoluta independência administrativa, com exclusivo critério técnico-bancário, na gestão e orientação dos negócios da instituïção, que preside. As ligações que o prendem naturalmente ao Estado são de molde apenas a coordenar o programa de defesa do govêrno nos diversos e importantes setores econômicos do Estado.

Esta função relevante o Banco do Rio Grande do Sul a tem exercido com o apôio e a influência sadia dos poderes públicos, não só do Estado, mas do país, sem que as normas e bases inflexíveis da sua organização tenham sofrido qualquer interrupção. Daí, como dissemos, o prestígio acentuado do Banco e a sua ascendência na vida bancária riograndense e brasileira, de que êle é, sem favor, um dos esteios essenciais.

As condições gerais do intercâmbio interno e externo brasileiro, que em 1939 apresentavam uma melhoria acentuada em confronto com os anos precedentes, foram surpreendidos, a partir de setembro daquele ano, com a explosão da guerra na Europa, que veio afetar, de modo inesperado, o intercâmbio das nações sulamericanas pelas dificuldades e restrições de transporte, o rígido bloqueio das rotas marítimas e o acesso dos grandes mercados de consumo da economia geral da América.

Também o Rio Grande foi atingido pelas conseqüências de tôda esta complexa e confusa situação econômica decorrente da conflagração, especialmente depois que o Brasil se aliou aos países em luta contra a tirania totalitária.

E é assim que as perspectivas das correntes de exportação do Rio Grande do Sul se encaminharam a outros mercados, como os dos Estados Unidos e da América Latina, para suprir a deficiência considerável dos seus escoadores tradicionais na Europa. Os nossos mercados internos e os da América do Norte e do Sul são ainda um manancial inexgotável para a colocação da valiosa produção do Rio Grande do Sul, que não os deve perder de vista.

Da consideração dêste aspecto, feita de relance, decorre iniludìvelmente a importância duma instituïção, como é o Banco do Rio Grande do Sul, distribuindo os recursos de crédito conforme as necessidades e reclamos dos nossos diversos setores econômicos.

Assim, nenhum setor ponderável da economia rural do Rio Grande — que envolva atividades legítimas da sua indústria agrícola e pastoril — deixou de encontrar no Banco do Rio Grande do Sul, principalmente nesta hora difícil, apôio integral às suas solicitações.

Tôdas as grandes fontes da economia do Estado — tais como o vinho, o arroz, a cebola, o trigo, o linho, o feijão, o milho, a erva-mate, a indústria pecuária (bovina, ovina e suína), dos couros, das lãs, das carnes, da banha, dos tecidos, dos saladeiros,

das feiras pastoris — tiveram o apôio financeiro imediato do Banco, que não restringiu jamais o seu auxílio, sempre que os benefícios do crédito e sua influência decisiva pudessem impulsionar a expansão das verdadeiras fôrças econômicas do Estado.

Na enumeração do "movimento bruto" das aplicações do Banco em 1941, últimos dados conhecidos, podemos observar que o "comércio" e a "agro-pecuária" deteem o maior coeficiente do auxílio bancário, nesse período, ou sejam 34,97% aquele e 34,51% a última, ou sejam Cr$ 193.126.000,00 ao comércio e Cr$ 190.636.000,00 à agro-pecuária, no cômputo geral das aplicações do Banco. Convem, entretanto, assinalar que nestas rubricas genéricas, por classes de atividades, estão compreendidos também a indústria e o comércio "pecuário" e "agrícola" do Estado, aos quais o Banco concedeu créditos e auxílios financeiros valiosos.

Não só às atividades industriais e comerciais, que derivam da economia rural, deu o Banco o seu apôio financeiro vivaz. Ao comércio e à indústria em si e que, em última análise, mobilizam e transformam os valores de tôdas as atividades humanas legítimas, numa corrente ininterrupta, prestou o Banco assistência contínua, concedendo créditos e descontando-lhes os títulos e efeitos comerciais — inclusive "warrants" — por somas de vulto e com a elasticidade aconselhada na técnica bancária, em tais casos. Raras vezes necessitou o Banco de valer-se dos remédios judiciais em defesa dos seus interêsses e do seu patrimônio.

BANCO DO RIO GRANDE DO SUL, S/A.

DISTRIBUIÇÃO DAS APLICAÇÕES EM 1941

Por classe de atividades	Cruzeiros	%
ATIVIDADES AGRO-PECUÁRIAS:		
Agricultura e Indústria Agrícola 105.997.000		
Pecuária e Indústria Pastoril 84.639.000	190.636.000	34,51
ÓRGÃOS PARA-ESTATAIS	12.885.000	2,33
PODERES PÚBLICOS:		
Estaduais e Municipais	52.598.000	9,52
COMÉRCIO	193.126.000	34,97
INDÚSTRIA FABRIL	85.703.000	15,52
DIVERSOS	17.385.000	3,15
TOTAL.....	552.333.000	100,00

MOVIMENTO BRUTO DAS APLICAÇÕES E COBRANÇAS DO BANCO

	1940	1941
Aplicações	513.288.000	432.213.000
Cobranças	396.894.000	552.333.000

SALDOS EM DEZEMBRO

	1940	1941
Aplicações	219.172.000	269.372.000
Cobranças	92.384.000	103.098.000
Depósitos	203.718.000	222.363.000

Ao Banco do Rio Grande do Sul, como é sabido, estão cometidas a administração e liqüidação do acervo do extinto Banco Pelotense, que se vem processando segura e lentamente.

Ao ser delegada ao Banco a liqüidação do acervo, êste somava Cr$ 173.857.700,00. Arrecadaram-se, de 1931 a 1941, Cr$ 76.861.377,00. O saldo a arrecadar, em 31 de Dezembro de 1941, excluídas as baixas autorizadas, era de Cr$ 39.010.981,25. Em 30 de Setembro de 1942: Cr$ 34.719.467,48.

Em vista do crescente desenvolvimento dos negócios, nesta Capital, e do aumento indispensável do número de funcionários, foi ampliado e completamente reformado o edifício da Matriz, trabalho que resultou plenamente satisfatório, ostentando, hoje, o Banco instalações internas modernissimas e confortáveis, quiçá as melhores do gênero no sul do país.

A Diretoria atual é constituída dos srs. dr. Renato Costa, Aldo Filgueiras, Alberto S. de Oliveira e José Coriolano de Almeida Fº.

Eis, em síntese, uma visão dos trabalhos e atividades financeiras do modelar Banco do Rio Grande do Sul, estabelecimento bancário de que se ufana o nosso Estado, sustentáculo e fôrça propulsora essencial que é de tôdas as atividades econômicas da comunhão riograndense.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

RELEVANTE PAPEL DESSA AUTARQUIA NO PROBLEMA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL — ALGUMAS CIFRAS EM TÔRNO DAS ATIVIDADES DESSA MODELAR ENTIDADE

O movimento revolucionário de 1930, indiscutivelmente, marcou, na realização das aspirações politíco-sociais do povo brasileiro, uma etapa construtiva e renovadora. Os princípios de assistência social, em vigor de início, foram se corporificando nos decretos e leis emanados do Govêrno Federal e atingiram o seu clímax com o Estado Novo, instaurado pela clarividência de S. Excia. o Sr. Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas.

Indo de encontro àquelas aspirações, os homens que assumiram posições de mando, logo após a revolução, criaram diversas instituïções de assistência social, em todo o País. O Govêrno do Rio Grande do Sul não podia deixar de seguir a êsse movimento de renovação, e é, então, que, em 8 de agôsto de 1931, promulgou um decreto, que levou o número 4.842, elaborado pela Secretaria do Interior, a cuja frente se achava o Dr. Sinval Saldanha, criando o *Instituto de Previdência do Estado*. Já em 1929, o Dr. Getúlio Vargas, então Governador do Estado, com a sua sábia previsão de estadista consumado, encarando de frente as mutações sociais que se iam processando, estabeleceu como que o núcleo do atual Instituto, estipulando para êle uma subvenção por parte do Estado, a qual foi demarcada pela lei 511, promulgada por S. Excia.

Atualmente, o Instituto de Previdência do Estado obedece à direção esclarecida e inteligente do Dr. Afonso Sanmartin, nomeado para êsse importante cargo em 7 de fevereiro de 1938. Nome amplamente conhecido em todo o Estado pela sua cultura contábil e econômica, deveu por certo a êsse fato a sua escolha para dirigir um dos mais importantes departamentos estaduais, em cujo pôsto se vem credenciando cada vez mais, pela brilhante administração que está realizando, repleta de serviços em prol dos funcionários do Estado. Entre os atos com que contribuíu para o atual estado de progresso do Instituto, salientam-se os seguintes: Organização do quadro de funcionários do Instituto; redução das taxas de juros, que eram de 24 % ao ano, para os empréstimos rápidos e 18 % para os empréstimos sucessivos, tendo sido extintos os rápidos e estabelecidos livremente os sucessivos, no valor de 6 meses de vencimentos, pagáveis até 48 meses de praso, ao juro de 12 % ao ano; organização definitiva da carteira predial, reduzindo os juros de 10 % para 6 % ao ano; mecanização da contabilidade do Instituto, cujos serviços, graças a isso, estão em dia; constituïção do Instituto em moldes rigorosamente autárquicos, com um Conselho Fiscal Deliberativo autônomo, exercendo um rigoroso contrôle.

O Instituto de Previdência do Estado acha-se dividido nas seguintes secções: pensões e pecúlios, finanças e empréstimos, carteira predial e hipotecária e seguros, as quais têm tido um desenvolvimento verdadeiramente admirável, conforme atestam as cifras e os dados abaixo:

No ano de 1940, como nos anteriores, o Instituto de Previdência do Estado, manteve sua marcante atuação, quer no campo social em relação aos benefícios de assistência que vem prestando às famílias e beneficiários dos funcionários falecidos, quer no campo social-econômico, pelos benefícios facultados ao funcionalismo inscrito.

No campo social-econômico, ampla, fecunda e decisiva foi a intervenção do Instituto, de ver que o balanço de 31 de dezembro de 1940 demonstra que os empréstimos elevaram-se à respeitável soma de Rs. 12.331:176$500, atingindo os hipotecários a Rs. 1.051:098$900 e os prediais a Rs. 3.727:707$100.

Releva salientar que, em 1940, foram prestadas 102 fianças para hospitais, na importância de Rs. 50:400$000, e 716 fianças para alugueres de casa, correspondentes ao valor mensal de Rs.135:661$200.

A crescente procura que o serviço de fianças para alugueres de casas vem tendo, é índice da sua grande valia. Coloca o funcionário em situação moral superior, pois, a garantia para o aluguel de sua casa já não vai pedir, por obséquio, de chapéu na mão. Exige a do Instituto, porque é um direito que êste lhe facultou em suas disposições regulamentares.

Ademais é notória a preferência que as fianças do Instituto vêm tendo da parte dos proprietários de imóveis ou das emprêsas de locação.

A carteira predial e hipotecária foi estabelecida para atender uma velha aspiração dos funcionários públicos.

Como é sábido, nenhuma assistência é tão elevada e de tanto alcance prático como a que resulta da instituïção desta carteira, facultando a CASA PRÓPRIA ao funcionalismo, em condições dificilmente igualadas.

Executando o programa desta carteira — elevado pelo seu aspecto social — até dezembro de 1940, o Instituto atendeu a 111 funcionários, no valor total de Rs. 3.912:707$100.

Pelo exposto, pode ser ajuizado o grande valor dos benefícios que o Instituto prestou ao funcionalismo.

No ano de 1940, foram concedidos créditos para construção da CASA PRÓPRIA a 42 funcionários, na importância total de Rs. 2.237:548$300 e levadas a têrmo operações hipotecárias no valor de Rs. 129:002$400.

Estas cifras demonstram o interêsse e compenetração com que o Instituto de Previdência do Estado vem executando tão magno problema social.

Esta benemérita autarquia já adquiriu diversos lotes de terreno, que serão demarcados e imediatamente construídos, o que permitirá o propiciamento de um maior número de residências ao funcionalismo inserito na carteira predial.

No campo de assistência social não menos marcante foi a atuação do Instituto, bastando para isso relembrar que levou a sua assistência financeira a 1.025 lares e a 2.202 beneficiários, cujas pensões e pecúlios se elevaram a Rs. 1.932:994$700.

Desde a sua fundação até dezembro de 1940, essa assistência estendeu-se a 1.577, amparando 3.401 beneficiários diversos, representada pela soma de Rs. 8.913:559$610.

Nesse setor da atividade do Instituto, como nos demais, o principal objetivo não é o ganho, mas, sim, de amparar as famílias dos funcionários e das classes proletárias dêste Estado. O lucro obtido é destinado ùnicamente ao fim de atender os encargos de sua manutenção e os riscos cobertos.

Em virtude da orientação do Instituto, prevalecendo o espírito de solidariedade social sôbre o escôpo de lucro, os seguros não ultrapassam a quantia de Rs. 50:000$000. Compulsando os relatórios da administração do Instituto, verifica-se que, enquanto no ano de 1937, o resultado do exercício financeiro era de Rs. 4.460:579$900, já no ano de 1940 êsse resultado se elevou a Rs. 6.126::598$500, acusando um aumento de Rs. 1.666:018$600, isto em relação ao Instituto, pois que, relativamente à Secção de Seguros, enquanto que no ano de 1938 o resultado líquido era de Rs. 1.382:183$000, no ano de 1940, foi registrado um aumento de Rs. 419:2278700, porisso que o saldo apresentado atingiu a Rs. 1.801:380$700.

Outro aspecto interessante é o valor das reservas. Com efeito, o Instituto, em 1937, acusava reservas no alto valor de Rs. 22.357:911$200, enquanto que, no balanço de 1940, essas reservas atingiram a Rs. 37.444:583$700, acusando, portanto, satisfeitas tôdas as pensões e pecúlios, um auspicioso aumento de Rs. 15.0672$500.

Igual progresso é acusado pela Secção de Seguros que, em em 1937, possuia reservas no valor de Rs. 2.448:216$800 e em 1940 passou a registar reservas na importância de Rs. 6.860:772$000, isto é, um aumento de Rs. 4.412:555$200.

As cifras acima são bastante significativas para atestar a pujante situação econômica atual do Instituto, o grau de prosperidade a que atingiu e a superior orientação que seu digno Presidente, Dr. Afonso Sanmartin, vem dando aos negócios desta autarquia.



Projeto da futura nova sede do
Instituto da Previdência do Estado.

CIA. DE SEGUROS DE VIDA "PREVIDÊNCIA DO SUL"

UMA ORGANIZAÇÃO QUE HONRA SOBREMANEIRA A INDÚSTRIA SECURITÁRIA DO ESTADO E DO PAÍS



A "PREVISUL" APLICA SEGURAMENTE OS SEUS VALORES

...nos grandes prédios que embelezam nossa cidade...

A indústria de seguros no Rio Grande do Sul atingiu, sem dúvida alguma, um dos altos índices, em todos os setores em que as várias organizações genuìnamente riograndenses empregam suas atividades.

No setor de seguros de vida, destaca-se, entre as suas congêneres, a Companhia de Seguros de Vida "Previdência do Sul", com sede nesta capital, à rua dos Andradas, onde se encontra magnìficamente instalada.

A Previdência do Sul, uma organização que honra sobremaneira a indústria securitária do país, tem planos de seguros para todos os fins e cobra prêmios dos mais módicos, já conhecidos.

Os valores que constam das apólices de seus segurados, quando não são empregados em empréstimos a êles mesmos, principalmente as do "Quadro de valores garantidos", são aplicadas pela Previsul nas estradas de ferro, nas extensas rodovias e em centenas de outras obras públicas, que contribuem para a rapidez das comunicações, para a segurança e para o confôrto das populações em geral.



...em mancheias de lares e edifícios.



...nas estradas de ferro em que viajamos e...

Estão empregados na construção de casa de moradia, na construção de edifícios, cheios de lojas e escritórios comerciais, e em mancheias de outros lares e edifícios, que dão abrigo a milhares de famílias e a milhares de emprêsas, preciosas, umas e outras, para a vida do país. Também, são empregados nos grandes edifícios que lhe trazem o nome "Previsul", e embelezam a nossa grande metrópole.

Foram postos, ainda, ao serviço dos Governos da União e dos Estados, aplicados em títulos federais e estaduais, para o custeio, de grandes obras de proveito público. Foram empregados em hipotecas, para ajudar a nossa nação, sempre em crescimento, a construir os seus lares, as suas casas de negócio.

E, finalmente, foram aplicados na construção de grandes prédios, que servem ao comércio e à habitação de um povo operoso e infatigável, em marcha constante pelo caminho do progresso e para maior grandeza do Brasil.

"A PROTETORA", CIA. DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES DO TRABALHO

VASTA OBRA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, PRESTADA AO NOSSO OPERARIADO, POR AQUELA NOTÁVEL ORGANIZAÇÃO SECURITÁRIA

Muito já se tem dito sôbre as organizações que se dedicam ao ramo de seguro contra acidentes do trabalho em nosso país. No entretanto, cometeríamos uma falta imperdoável, se deixássemos de nos referir a uma das maiores instituïções no gênero que operam em nosso território, não só pela sua modelar organização e solidez, como por ser genuìnamente riograndense. Essa formidável organização é a "Protectora".

A "PROTECTORA", Companhia de Seguros Contra Acidentes do Trabalho, é uma organização que honra o Estado do Rio Grande do Sul.

Pela sábia orientação imprimida pelos seus dirigentes, está a "PROTECTORA" perfeitamente integrada na obra de assistência social aos nossos trabalhadores.

Entre as suas congêneres, destaca-se a "PROTECTORA" pelo seu perfeito serviço de assistência aos acidentados e pela presteza com que indeniza aos operários vítimas de acidentes do trabalho.

Tudo tem ela envidado no sentido de melhor corresponder à confiança com que o público a tem distinguido.

Ao operário, quando acidentado, é dispensado tratamento científico, de acôrdo com a orientação moderna, acrescida de adaptações, decorrentes das pesquisas e estudos procedidos pela sua própria Chefia Médica, conforme atestam as já múltiplas publicações científicas baseadas parcial ou totalmente nos casos clínicos observados no Ambulatório Central de Pôrto Alegre.

No meio securitário brasileiro, a "PROTECTORA", por todos os títulos, goza de incontestável e justo conceito, firmando-se como uma das preferidas de nossas emprêsas e firmas comerciais, pelo seu serviço impecável.

No intuito de assegurar maior confôrto e maior rapidez na assistência aos seus segurados, a "PROTECTORA" adquiriu uma moderna ambulância, e, destarte, firmou-se como a melhor organização no gênero, pois é a única Companhia no Rio Grande do Sul que possue ambulância própria.

Desta maneira, dispondo de pessoal perito no serviço de enfermagem e de assistência médica modelar, a "PROTETORA" atende os acidentados com a máxima rapidez, com o maior carinho e com o cuidado que lhe é habitual.

O Rio Grande do Sul pode e deve orgulhar-se de possuir uma organização como a "PROTECTORA", Companhia de Seguros Contra Acidentes do Trabalho, que, procurando por todos os meios ampliar o serviço de assistência aos seus segurados, proporcionando o máximo confôrto aos seus acidentados, com o máximo de compensação para si, acha-se perfeitamente integrada na grandiosa conquista do Estado Novo: — As leis sociais, correspondendo à espectativa do nosso preclaro Govêrno.



A ambulância da "A Protetora", única do Estado dotada dêsse moderno serviço de enfermagem e assistência médica.

COMPANHIA SEGURADORA BRASILEIRA

A EXPANSÃO NOTÁVEL DESSA GRANDE SEGURADORA, COM ESPECIAL DESENVOLVIMENTO NO RIO GRANDE DO SUL



Prédio "Regência", em São Paulo, de propriedade da Seguradora Brasileira.

Entre as organizações brasileiras que exploram a indústria de seguros, uma das que maior progresso tem realizado é, sem dúvida a Companhia Seguradroa Brasileira, fundada em 1921, na Capital do Estado de São Paulo.

Essa grande seguradora vem, cada ano, imprimindo maior expansão à sua atividade e os algarismos que registramos na página a seguir demonstram o grande desenvolvimento dessa organização.

Sòlidamente constituído o patrimônio dessa grande emprêsa brasileira, o seu ativo representa a maior garantia que pode uma seguradora oferecer aos seus segurados.

Suas reservas, de acôrdo com o último balanço, encerrado em 31 de Dezembro de 1941, elevam-se à importância de 14.681:737$000 e os sinistros pagos desde a sua fundação, em 1921, já somam 59.560:127$000.

Constituída de brasileiros concientes das responsabilidades de manter e fazer progredir um empreendimento da magnitude da Seguradora Brasileira, a sua direção foi entregue a homens vitoriosos em outras atividades e para os quais esta incumbência era uma resultante dos êxitos já demonstrados.

Na Capital Bandeirante possue essa grande emprêsa dois majestosos edifícios, denominados "Independência" e "Regência" estando no primeiro instalada a sua sede, sendo o segundo um dos mais modernos e luxuosos da cidade.

Possue a Companhia Seguradora Brasileira filiais e agências em todo o território nacional, tendo dedicado especial desenvolvimento ao Estado do Rio Grande do Sul, no qual, além de uma filial, instalada em Pôrto Alegre, à Rua dos Andradas n.º 1.073, 1.º andar, mantem duas agências, uma na cidade de Pelotas e outra na cidade de Rio Grande.

Além da cooperação dêsses departamentos, conta ainda a Companhia Seguradora Brasileira no Estado do Rio Grande do Sul, em São Gabriel, especialmente no ramo Vida, com a colaboração de esforçados Agentes, o que deu aso a que essa grande emprêsa, atendendo ao apêlo da campanha da aviação civil doasse ao Aereo Clube de São Gabriel o avião "José Bonifácio", como homenagem àquela eficiente colaboração.



Frédio onde está instalada a sede da Companhia Seguradora Brasileira.

Nada mais expressivo do que a eloqüência dos números para interpretar a evolução dum empreendimento de qualquer gênero. É neste sentido que, mais expressivo do que outras considerações que fizéssemos, trasladamos para aqui alguns dados referentes ao desenvolvimento da Companhia Seguradora Brasileira, no período 1934-1941, e relativos à Receita de Prêmios daquela notável emprêsa securitária:

COMPANHIA SEGURADORA BRASILEIRA

RECEITA DE PRÊMIOS

Anos	Elementares	Vida	Total
1934	5.397:845$232	833:697$758	5.240:329$204
1935	4.406:631$441	1.244:416$795	6.642:262$032
1936	5.211:337$273	1.002:775$149	6.214:112$422
1937	5.043:797$435	1.262:132$074	6.305:929$509
1938	5.256:716$064	1.535:616$817	6.792:332$881
1939	6.332:673$500	1.762:899$300	8.095:577$800
1940	7.265:924$100	2.260:720$600	9.562:644$700
1941	10.601:006$500	3.084:416$400	13.685:422$900



Flagrante do batismo do avião "José Bonifácio", doado a São Gabriel, pela Companhia Seguradora Brasileira.

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

UMA ACREDITADA EMPRÊSA DE SEGUROS DE VIDA, ATESTADO VIVO DO PODER CONSTRUTIVO DO BRASIL

Para aqueles que têm o hábito de menosprezar a capacidade dos brasileiros para os grandes empreendimentos, "*A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil*" é a maior e a mais esmagadora prova do contrário. Esta acreditada emprêsa de seguros de vida é um atestado vivo do poder construtivo do Brasil. Há quarenta e seis anos, vencendo tôdas as dificuldades, enfrentando tôdas as crises, *A Equitativa*, idealizada, fundada, administrada por brasileiros ilustres, representa, hoje, a garantia e a tranqüiliddae para milhares de famílias, depois de já ter distribuído milhares de contos entre seus mutuários e respectivos beneficiários.

A idéia da organização de uma Sociedade mútua de seguros, puramente nacional, partiu do Sr. Dr. Franklin Sampaio, no momento em que o Congresso votou a lei proibindo o funcionamento, no Brasil, das duas companhias norte-americanas, então existentes: a Equitable e a New York Life.

O Dr. Franklin Sampaio foi o iniciador e o perseverante incorporador d'*A Equitativa*, removendo as dificuldades que apareciam e custeando com os seus próprios recursos tôdas as despesas da instalação da Sociedade.

Da primeira diretoria fizeram parte Ubaldino Amaral, Franklin Sampaio, A. A. de Azevedo Sodré e Carlos P. Leal.

A Equitativa opera em tôdas as modalidades de seguros sôbre a vida: seguros pagáveis por morte e em vida do segurado, seguros de dotação de crianças, seguros para garantia de empréstimos hipotecários e seguros em grupo.

Em tôdas estas modalidades, as apólices poderão ser emitidas com a cláusula de sorteio, pela qual apenas com um pequeno extra-prêmio, o segurado concorre quatro vezes por ano aos sorteios em dinheiro. E' uma excelente oportunidade com que jogam os segurados, podendo receber, em vida, várias vezes, a importância do seguro, continuando as apólices em vigor. Os segurados podem concorrer aos sorteios com o total do capital segurado, ou apenas com a parte que lhes convier.

A vantagem d'*A Equitativa* é que, não tendo acionistas a quem distribuir dividendos, distribue pelos mutuários os lucros verificados no fim de cada ano, tornando-os, destarte, interessados diretos na sua prosperidade e fiscalização.

No Estado do Rio Grande do Sul, goza *A Equitativa* de excelente conceito. E' seu superintendente, neste Estado, o Sr. Ernesto Bülau, pessoa de grande destaque nos meios administrativos da Capital.

Tem o Sr. Bülau exercido cargos de administração em diversas emprêsas, nos quais sempre se fez notar o brilho de sua inteligência e a sua capacidade administrativa. Ex-presidente do Clube do Comércio, goza de posição destacada nos meios sociais de Pôrto Alegre.

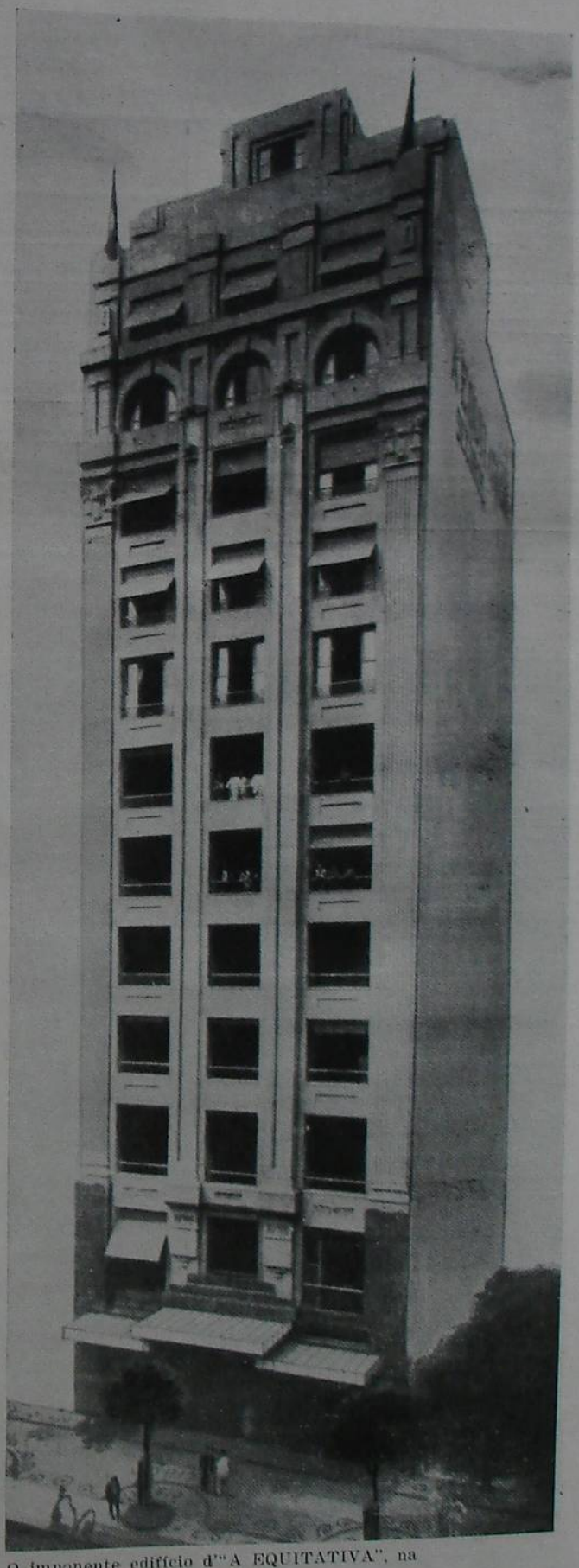
Em suma, pessoa conhecidíssima e sempre solicitada em todos os movimentos da vida social, comercial e industrial do Estado.

Em 31 de Dezembro último, a carteira em vigor no Rio Grande do Sul, de segurados na *Equitativa*, era de ..... 24.221:520$000.

Do mesmo modo nos outros Estados do Brasil, é *A Equitativa* uma emprêsa conceituada, de crédito firmado, contando, entre seus representantes e colaboradores, pessoas de posição social e financeira definidas.

Desde sua fundação até hoje, já pagou *A Equitativa*, mais de 200.000:000$000 a seus mutuários e beneficiários de suas apólices.

À frente da *Equitativa*, como seu atual presidente, está o Dr. Franklin Sampaio, filho do fundador dessa emprêsa, que está mantendo as honrosas tradições de seu pai.



O imponente edifício d'"A EQUITATIVA", na capital federal

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA "SUL AMÉRICA"

ALGUNS DADOS SÔBRE A GRANDE ORGANIZAÇÃO SECURITÁRIA NACIONAL, QUE TEM COMO LEMA: FIRME COMO O PÃO DE AÇÚCAR



O imponente arranha-céu "Sul América", na Avenida Borges de Medeiros, a principal da metrópole

Um dos índices mais seguros, para se aquilatar do verdadeiro progresso de um país, está, indiscutìvelmente, no número de suas organizações securitárias que nele operam, bem como na segurança que elas oferecem aos seus segurados e na sua idoneidade moral, intelectual e material.

E nesse setor de atividade, possue o nosso país um grande número de instituïções que, por si só, atestam a sua solidez e a confiança que nelas depositam tôdas as classes sociais. E dentre as grandes organizações securitárias, que operam em nosso país, encontra-se, sem dúvida, num plano de primeira grandeza, a Companhia Nacional de Seguros de Vida — Sul América, fundada em 1.895, com sede social na Capital da República.

Magnìficamente instalada à rua do Ouvidor, esquina da Quitanda, a Sul América, durante o ano de 1.941, teve um movimento de 431.511:232$, com os novos seguros aceitos, sendo que o total de seguros em vigor aumentou para 2.516.151:774$. Os pagamentos aos próprios segurados e aos beneficiários dos segurados falecidos (sinistros, liquidações e lucros), somaram 34.646:087$100, e o total de pagamentos desde a fundação atingiu a 531.286:160$200. O ativo real elevou-se em 31 de Dezembro de 1.941 à importância de 478.945:239$730.

Nos dias perturbados de hoje, os imprevistos são sempre em grande número. Na incerteza das horas que passam, é confortador conhecer a solidez com que o segurado da Sul América constrói o futuro da sua família. E tal solidez aparece nas cifras do balanço do 47.º exercício da companhia. Vê-se, por êle, como a Sul América emprega com precaução o dinheiro dos seus segurados em valores de primeira ordem: títulos da dívida pública e de renda, imóveis e empréstimos sob hipotecas.

O emprêgo dêsse capital também contribue grandemente para o progresso do Brasil. Milhares e milhares de famílias têm, assim, assegurada a sua tranqüilidade futura.

E, assim sendo, a Companhia Nacional de Seguros de Vida — Sul América torna-se cada vez mais digna do seu já consagrado lema: "Firme como o Pão de Açúcar".

A SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARÍTIMOS E ACIDENTES

A AÇÃO DA GRANDE INSTITUÏÇÃO SECURITÁRIA NESSE GÊNERO DE SEGUROS

A ação das inúmeras companhias de seguros que operam em nosso país é simplesmente benéfica, quer seja no gênero de vida, quer seja no de sinistros por fogo, quer seja no de seguros terrestres, marítimos e acidentes.

E, estendem-se, mais ainda, as atividades dessas modelares instituïções securitárias por muitos outros setores, destacando-se, no entretanto, um onde sua ação se faz mais sentir; é o que diz respeito ao seguro de acidentes pessoais que se torna, hoje em dia, uma obrigatoriedade para todos os cidadãos que procuram zelar pelo futuro de sua família.

E a Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes é, sem favor nenhum, como companhia de seguros, no seu gênero a maior organização que opera no Brasil, graças à iniciativa e orientação de um grupo de cidadãos cônscios de seus deveres para com os seus semelhantes.

Luxuosamente instalada em sede própria, à rua Buenos Aires, na capital da República, essa formidável organização securitária já pagou de indenizações a seus segurados, até o ano de 1.941, 159 mil contos de réis, conforme a seguinte estatística: em 1929, 37 mil; em 1932, 56 mil; em 1935, 85 mil; em 1938, 127 mil; e em 1941, 159 mil contos de réis.

Uma apólice de seguro contra acidentes pessoais da Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes é um título de garantia e previdência que tôdas as pessoas devem possuir, porque: tem por objeto indenizar por um capital, prèviamente convencionado, qualquer incapacidade permanente, total ou parcial, a incapacidade temporária para o trabalho, ou a morte em conseqüência de um acidente.

As condições gerais da apólice oferecem garantias sôbre todo e qualquer acidente corporal ocorrido em casa, na rua, durante o uso como passageiro de qualquer meio de transporte ordinário em terra ou no mar; o afogamento na natação ou em salvamento de pessoas; quando em recreação, férias, ou praticando esportes como amador; na caça ou pesca; os atropelamentos por veículos, quedas e outros acidentes acontecidos nas circunstâncias ordinárias da vida ou do trabalho e que sejam independentes da vontade do segurado.

Os benefícios distribuídos pela Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes são múltiplos, todos dependentes do que for convencionado e conforme a natureza do trabalho do segurado.

Por todos êsses motivos, a Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes oferece aos seus segurados a máxima garantia em seguros e é, indiscutìvelmente, no seu gênero, a maior organização de seguros do Brasil.

CIA. UNIÃO DE SEGUROS

EMPRÊSA SECURITÁRIA DE RENOME, PELA TRANQÜILIDADE E SEGURANÇA QUE PROPORCIONA

Pôrto Alegre, a grande metrópole gaúcha, é, inegàvelmente, um dos maiores centros do país, sob todos os pontos de vista, pois, em qualquer um dos setores da atividade humana, a capital riograndense vem se impondo entre as co-irmãs.

E um dos setores em que o desenvolvimento de Pôrto Alegre atingiu a um elevado grau de adiantamento, é, sem dúvida alguma, no securitário, contando, para isso, com grandes organizações, dedicadas exclusivamente a êsse ramo do progresso atual.

Inúmeras são as organizações daquele gênero que operam em nossa capital, destacando-se, pelo seu conceito e pela sua solidez, a Companha União de Seguros Marítimos e Terrestres, fundada em 24 de Agôsto de 1.891, com um capital inicial de 500 contos de réis, que já no fim de seu primeiro exercício, foi alterado para 1.000 contos de réis e, mais tarde, dado o seu franco desenvolvimento, foi elevado para 3.000 contos de réis, possuindo, hoje, um patrimônio sólido, comprovado pelas cifras de seus balanços. Para fazer face aos seus encargos, a Companhia União de Seguros regista mais de 9.000 contos de réis, representado pelo Capital, Reservas e Receitas, tendo, mesmo, já indenizado mais de 12 mil contos de réis por sinistros ocorridos desde sua fundação.

Genuìnamente brasileira, a União de Seguros, que vem sendo hàbilmente dirigida pela sua diretoria, composta pelos srs. dr. Eduardo Secco Junior, Alberto Raabe e Edmundo Eichenberg, sendo a sua contabilidade dirigida pelo sr. Edgar G. Eifler, projeta no momento a construção de alteroso e majestoso edifício para a instalação definitiva de sua sede.

A Companhia União de Seguros, que se impos à confiança do público pela forma reta com que atende prontamente aos elevados encargos que assume, é a mais perfeita organização de seguros contra incêndios e transportes no sul do país, tendo por lema "Tranqüilidade e Segurança".

CIA. ALIANÇA RIOGRANDENSE

A POSIÇÃO DE DESTAQUE DESSA EMPRÊSA SECURITÁRIA, NO RAMO INCÊNDIO E TRANSPORTES

Índice seguro e indiscutível do desenvolvimento a que atingiu a economia no nosso Estado está no padrão elevado que desfrutam, atualmente, as nossas emprêsas securitárias, quer no problema de assistência social, de um lado, quer oferecendo ao comércio e indústria as vantagens indiscutíveis de seguro, em suas diversas modalidades, de outro.

Especial destaque neste setor de nossa atividade, merece esta importante emprêsa, genuìnamente riograndense, com sede em Pôrto Alegre, operando nos ramos de Incêndio e de Transportes em todo Estado e com agências na Capital Federal e São Paulo.

Dotada de modelar organização e criteriosa administração, vem progredindo dia a dia, graças à preferência de que goza pela justa confiança que merece de seus segurados.

O quadro seguinte bem demonstra o crescente aumento que, de ano para ano, vem registrando o seu patrimônio, índice do seu progresso:

Ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934
Contos de réis	801	997	1083	1155	1112	1136	1273

Ano	1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941
Contos de réis	1381	1424	1680	2016	2217	2420	2717

A "PHENIX DE PÔRTO ALEGRE"

ENTIDADE QUE HONRA A INDÚSTRIA SECURITÁRIA RIOGRANDENSE

Muito já temos dito sôbre a indústria securitária em nosso Estado e muito já nos referimos a várias organizações que se dedicam a êsse gênero de transações comerciais.

No entretanto, por mais que dissemos sôbre êsse assunto, não poderíamos deixar de falarmos na Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres "Phenix de Pôrto Alegre", uma das organizações que honram, sobremaneira, a indústria securitária riograndense.

Foi a Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres "PHENIX DE PÔRTO ALEGRE", cuja sede fica situada à Praça 15 de Novembro, n.º 30 - 1.º andar, uma das primeiras emprêsas que, com capitais pôrto-alegrenses, que se estabeleceu no Rio Grande do Sul para a exploração da indústria do seguro. Fundada em 31 de dezembro de 1.879, sob a forma de sociedade em comandita, com o fim de realizar seguros sôbre riscos marítimos, ùnicamente, teve, como primeira denominação, "Sociedade em Comandita de Seguros Marítimos Barão de Cai & Companhia". O capital nominal era de 500:000$000. Nos primeiros anos de sua atividade, teve a Companhia um ambiente propicio ao seu desenvolvimento, pois já se esboçava no Estado um grande movimento de progresso. Assim é que, no primeiro balanço da sociedade, já pôde ser verificado o vulto que tomaram as operações, demonstrando uma ótima situação econômica. Dois anos após a sua fundação, sofreu a emprêsa uma grande alteração em seus estatutos, convertendo-se em sociedade anônima, adotando o titulo "Companhia de Seguros Marítimos Phenix de Pôrto Alegre". Atendendo ao interêsse que conseguiu no seio da indústria e do comércio do Rio Grande do Sul e afim de corresponder à grande preferência do público, foram os estatutos da Companhia novamente reformados, em 19 de dezembro de 1.891. O capital social foi elevado para 2.000:000$000, dividido em dez mil ações de 200$000, cada uma. Com a alteração realizada pôde a já prestigiosa emprêsa seguradora ampliar a sua esfera de ação, dando começo à exploração de seguros terrestres, passando a denominar-se, como ainda o é hoje, "Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres Phenix de Pôrto Alegre". A "Phenix" tem agentes nas principais praças do País e sub-agências em todo o Rio Grande do Sul. Opera em seguros de Incêndio e de Transportes: marítimos, rodoviários, ferroviários e aéreos. Os seguros marítimos e aéreos são feitos não só nas três Américas, como para Europa e África. A sua diretoria, composta de pessoas de destacado relêvo no comércio, indústria e finanças do Estado do Rio Grande do Sul, é, atualmente, a seguinte: *Diretores*: ARMANDO LUIZ ANTUNES, CARLOS FAGUNDES DE MELLO, FERNANDO BROCHADO DE OLIVEIRA, MARCELINO J. LOPES DIAS, DR. MANOEL LUIZ BORGES DA FONSECA e DR. RAUL PORTO OSÓRIO BORDINI.

Do relatório da diretoria apresentado à Assembléia Geral dos acionistas, em 20 de março dêste ano, e relativo ao exercício de 1.941, destacamos os seguintes dados que refletem, por si só, o crescente desenvolvimento e prosperidade da "Phenix":

As reservas técnicas, que eram, em fins de 1.940, de 539:787$200, tiveram um aumento de 231:898$400, passando em 1.941 a ser de 771:685$600.

As reservas legais e estatutárias, que tiveram, no exercício de 1.941, um aumento de 648:824$500, estando representadas no último balanço geral pela importância de 3.093:480$800, somadas ao Capital da Companhia, perfazem mais de 5 mil contos de réis, o que constitue, sem dúvida, um índice de sólida garantia aos segurados da Companhia "Phenix de Pôrto Alegre".

CIA. SUL BRASIL DE SEGUROS

O SURTO DE PROGRESSO DESSA ORGANIZAÇÃO SECURITÁRIA RIOGRANDENSE

Indiscutìvelmente, a indústria securitária no Rio Grande do Sul atingiu a um elevado índice de progresso, acompanhando, assim, *pari passu*, o grandioso desenvolvimento que vem alcançando o nosso Estado.

Várias são as organizações, modelares no gênero, que se dedicam a êsse ramo de negócios e que operam com avultados capitais, nas mais variadas modalidades que podem oferecer aos seus segurados ou prestamistas.

E, dentre as cinco companhias de seguros dos ramos transportes e incêndios, sediadas em Pôrto Alegre, é a Companhia Sul Brasil uma das mais novas. Incorporada no ano de 1.909, pelo Banco da Província do Rio Grande do Sul, foram seus primeiros diretores os srs. João Moreira da Silva, Leopoldo Dexheimer e Francisco Nabuco Varejão, todos já falecidos.

Até a presenta data, teve a Companhia Sul Brasil de Seguros como diretores, além dos três citados, o sr. Francisco Marques Coimbra, falecido; João Aydos, falecido; J. Lima Coelho, um dos atuais diretores; Vitor Adalberto Kessler, atual suplente da Diretoria; Vitor Henrique da Silva, falecido; José Pereira Rojão, falecido; dr. Oscar Bastian Pinto; Henrique Desjardins e Hugo Adalberto Kessler, atuais diretores.

A sua atual administração é composta dos seguintes membros: Diretores: J. Lima Coelho, Henrique Desjardins e Hugo Adalberto Kessler. Suplentes: Vitor Adalberto Kessler, Luciano Cunha e Reinaldo Hermann. Conselho Fiscal: Vitor Coussirat de Araújo, João Osvaldo Rentzsch e Ismael Chaves Barcellos. Suplentes: Abílio Chaves de Souza e Armando Gonçalves.

A Companhia Sul Brasil de Seguros tem, atualmente, um capital nominal e integrado de mil e quinhentos contos de réis, dos quais mil contos de réis foram integrados com lucros da Companhia. Possue, ainda, essa notável organização riograndense, além de diversas agências no Estado, uma filial em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, o que bem diz de seu surto crescente de progresso.

SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO S. A.

ALGUNS DADOS SÔBRE A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DE CAPITALIZAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL

O sistema de economia pela capitalização foi lançado entre nós pela Sul América Capitalização S. A., fundada em 31 de Outubro de 1929, no Rio de Janeiro, onde tem a sua sede social. Em pouco tempo, graças ao seu magnífico plano e à sua surpreendente organização, é hoje esta poderosa Companhia uma das maiores do mundo, entre mais de 50 congêneres, muitas das quais com mais de 50 anos de existência. E' um eloqüente atestado do quanto são capazes os nossos financistas e da franca acolhida pela capitalização no Brasil.

Ao encerrar o balanço do exercício de 1941, apresentava a Sul América Capitalização S.A. ao grande número de portadores de seus títulos as cifras abaixo, que bem demonstram a invejável situação financeira da Sulacap:

Capitais subscritos em vigor até 31 de Dezembro de 1941	MAIS DE	3.364.800:000$000
Reservas matemáticas, representadas por empregos de capitais de absoluta segurança	MAIS DE	309.300:000$000
Pagamentos antecipados por sorteios, até 31 de Dezembro de 1941	MAIS DE	93.200:000$000
Pagamentos antecipados por sorteios, só no ano de 1941	MAIS DE	14.400:000$000

E' dos mais vastos o programa imobiliário da Companhia, que vem construindo os grandes "Edifícios Sulacap" nas principais cidades do País. Vê-se, ao lado, o projeto do suntuoso "Edifício Sulacap" que será erigido na Capital gaúcha, no principal ponto comercial da cidade: Avenida Borges de Medeiros, esquinas da Rua dos Andradas e Avenida 10 de Novembro.

O Escritório e a Inspetoria Geral do Departamento do Rio Grande do Sul estão localizados, atualmente, à RUA DOS ANDRADAS, 1351, 6.º andar, em PÔRTO ALEGRE.

Verifica-se, pois, nessa ligeira exposição, por que a Sul América Capitalização S. A. é, indiscutìvelmente, a mais importante companhia de capitalização da América do Sul.



Projeto do suntuoso Edifício Sulacap, a ser erigido na capital riograndense.

A PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO

UM DOS SUSTENTÁCULOS DA ECONOMIA POPULAR NACIONAL, DESENVOLVENDO O BEM-ESTAR DAS POPULAÇÕES

Entre as organizações nacionais que veem cooperando eficazmente no amparo à economia popular, uma das que possue maior bagagem de benefícios, é, sem favor algum, a Prudência Capitalização, fundada em 1.930 na grande capital bandeirante.

A Prudência Capitalização, com um Capital subscrito e realizado de 2.250:000$, mantem, para a garantia de suas operações, um depósito permanente no Tesouro Nacional, possuindo, reservas matemáticas, sòlidamente constituídas, representadas por capitais empregados com absoluta segurança, reservas essas que, de 16.100:000$ em 1.940, subiram a mais de 20.800:000$ em 1.941.

Companhia genuìnamente brasileira para favorecer a economia, os seus diretores, ao mesmo tempo que os seus mais importantes acionistas, são homens tradicionais e de alta projeção no comércio, indústria, lavoura, finanças e profissões liberais do País.

A Prudência Capitalização não se limita a emitir títulos de alto valor, acessíveis sòmente às classes abastadas. Emite, também, títulos de pequenos valores, para tôdas as bolsas. Os pobres podem, com segurança e facilidade, construir um pecúlio; os ricos, grandes reservas de capital.

Os títulos garantem aos portadores 12 sorteios por ano, nos quais são sorteadas 96 combinações, ou sejam 8 combinações diferentes cada mês, sendo os sorteios públicos, com assistência do fiscal federal. Depois de 2 anos, o título de pagamento mensal adquire um valor real, dando ao portador o direito de levantar empréstimos, ou, em caso de necessidade extrema, resgatar seu título em moeda corrente, por quantias prèviamente determinadas. No 10º ano de vigor, cada título participa, proporcionalmente, no mínimo da metade dos lucros da companhia nesse exercício. No 15.º ano, o portador poderá, se quiser, receber integralmente as mensalidades depositadas; finalmente, no 23º ano termina o pagamento de mensalidades, continuando o título a crescer de valor anualmente e a concorrer a todos os sorteios mensais. Além disso, a companhia dá garantias excepcionais aos subscritores, contra a caducidade dos títulos.

Possue a Prudência Capitalização filiais e agências em todo o país, tendo, no entretanto, especial cuidado com o seu desenvolvimento no Rio Grande do Sul, mantendo uma filial em Pôrto Alegre, à rua dos Andradas, 1276, e agências nas principais cidades do interior.

Eis aí o porquê nessa rápida resenha taxamos a Prudência Capitalização de um dos baluartes da economia popular em nosso país, pois que é inconteste o serviço que essa poderosa organização presta à coletividade, buscando naquele setor as pequenas contribuïções individuais, que de nada serviam, para transformá-las em massas colossais de dinheiro, movimentando e fecundando as indústrias e o comércio, criando emprêsas novas, desenvolvendo o crédito e aumentando o bem-estar das populações.

CENTRAL DAS CAIXAS RURAIS
DA UNIÃO POPULAR DO RIO GRANDE DO SUL
ORGANIZAÇÃO DE COOPERATIVISMO DE CRÉDITO, ÚNICA NO BRASIL

O cooperativismo de Crédito, fomentado pelo govêrno federal e amparado por leis especiais, tem em nosso Estado uma organização, única no Brasil, que é a Central das Caixas Rurais da União Popular do Estado do Rio Grande do Sul, a qual abrange, de momento, 37 Caixas Rurais, do sistema "Raiffeisen", absolutamente autônomas, disseminadas pela vasta região agrícola do norte do Estado.

Essas Caixas Rurais constituiram-se em 1.925, em federação, criando sua Central em Pôrto Alegre, e estão registradas no Serviço Federal de Economia Rural do Ministério da Agricultura, dependendo, ainda, por via de convênio, da Secção de Economia Popular, adjunta à Secretaria de Agricultura do Estado.

Essa importante organização, restringindo sua ação a zonas delimitadas, conta com 10.339 sócios solidários, com a responsabilidade pessoal e ilimitada de mais de 105 mil contos de réis. Os depósitos globais andavam, em 31-12-41, em 46 mil contos, estando empregados em empréstimos, sob vários títulos e a juro acessível aos lavradores, cêrca de 32 mil contos. As disponibilidades e as reservas acusam um vulto superior a 15 mil contos de réis.

O capital realizado da Central é constituído por quotas, subscritas no valor de 164:500$ pelas Caixas Rurais federadas. Os depósitos de vários tipos somavam a 8.354:000$, fins do ano transato, havendo colocados, em financiamentos rurais, 7.444:401$. As disponibilidades eram de 1.402:457$700 e o fundo de reserva da Central monta a 430:000$000.

LOTERIA FEDERAL
A DISTRIBUÏÇÃO DA POPULAR INSTITUÏÇÃO BRASILEIRA NO RIO GRANDE DO SUL

Dentre as instituïções populares do Brasil, destaca-se, inegàvelmente em primeiro plano, a Loteria Federal, organização genuìnamente nacional, e que é difundida em todo o nosso território.

Data de 1.932 a mudança radical por que passou essa instituïção, quando era seu concessionário o sr. João Leite Filho, que fez com que as extrações de prêmios passassem a ser às quartas-feiras e aos sábados, bem como alterando os seus prêmios maiores que passaram a ser de 300 a 5.000 contos de réis, sendo ainda vendidos os bilhetes por preços verdadeiramente populares, tornando-os, assim, acessíveis a tôdas as bolsas.

Em Pôrto Alegre, a preferência do público sempre foi em ritmo crescente, sendo que atualmente os bilhetes são



Uma das vistosas vitrines das Casas Baldino

disputadissimos, especialmente por ocasião dos grandes prêmios de 2.000, 3.000 e 5.000 contos de réis, sendo, também, inúmeras as sortes grandes distribuidas em nosso Estado, sortes que não obstante ser Pôrto Alegre muito afastado da sede da Loteria, que é no Rio de Janeiro, foram sempre pagas com a máxima presteza. Por sua vez, também no interior do Estado, encontram-se, hoje, em todos os recantos, agências da Federal e a dificuldade que antes se acentuava pela falta de listas, está hoje completamente sanada.

Nesta capital, é agente da Loteria Federal do Brasil o sr. Pasqual La Porta Baldino, proprietário das conhecidas Casas Baldino, situadas nas ruas dos Andradas, 1.270, Voluntários da Pátria, 177 e Av. Otávio Rocha, 71; e o dr. Felicíssimo Difini, os quais vêm cooperando para a maior difusão e conceito de que já goza em nosso meio a conceituada Loteria Federal do Brasil.

O PARQUE INDUSTRIAL

O parque industrial de Pôrto Alegre, indiscutivelmente, marcha na vanguarda com os grandes centros manufatureiros do país, primando, aliás não só pela excelência dos produtos industrializados, como pela técnica esmerada de seus operários profissionais.

Particularmente favorecido com as riquezas de tôda a sorte e como centro de aprovisionamento da população metropolitana e mesmo riograndense, Pôrto Alegre teve sua indústria desenvolvida de maneira invulgar, galgando, em pouco tempo, um lugar destacado entre os demais centros industriais nacionais, e, quiçá, sul-americanos.

Nos vários setores em que está dividida a indústria pôrto-alegrense, em todos êles se nota o crescente progresso e um maravilhoso surto de desenvolvimento quer seja na siderúrgica, quer seja na têxtil, quer seja na metalúrgica, quer seja na pastoril, enfim em todos êles acentua-se de maneira marcante a sua pujança e seu fausto.

Inúmeros são o sestabelecimentos industriais que enriquecem e engrandecem o grandioso parque manufatureiro da capital riograndense. Fabulosos capitais acham-se invertidos em todos os ramos de industrialização e milhares de operários, de ambos os sexos, são empregados nos mais variados misteres em que está dividida a já portentosa indústria pôrto-alegrense.

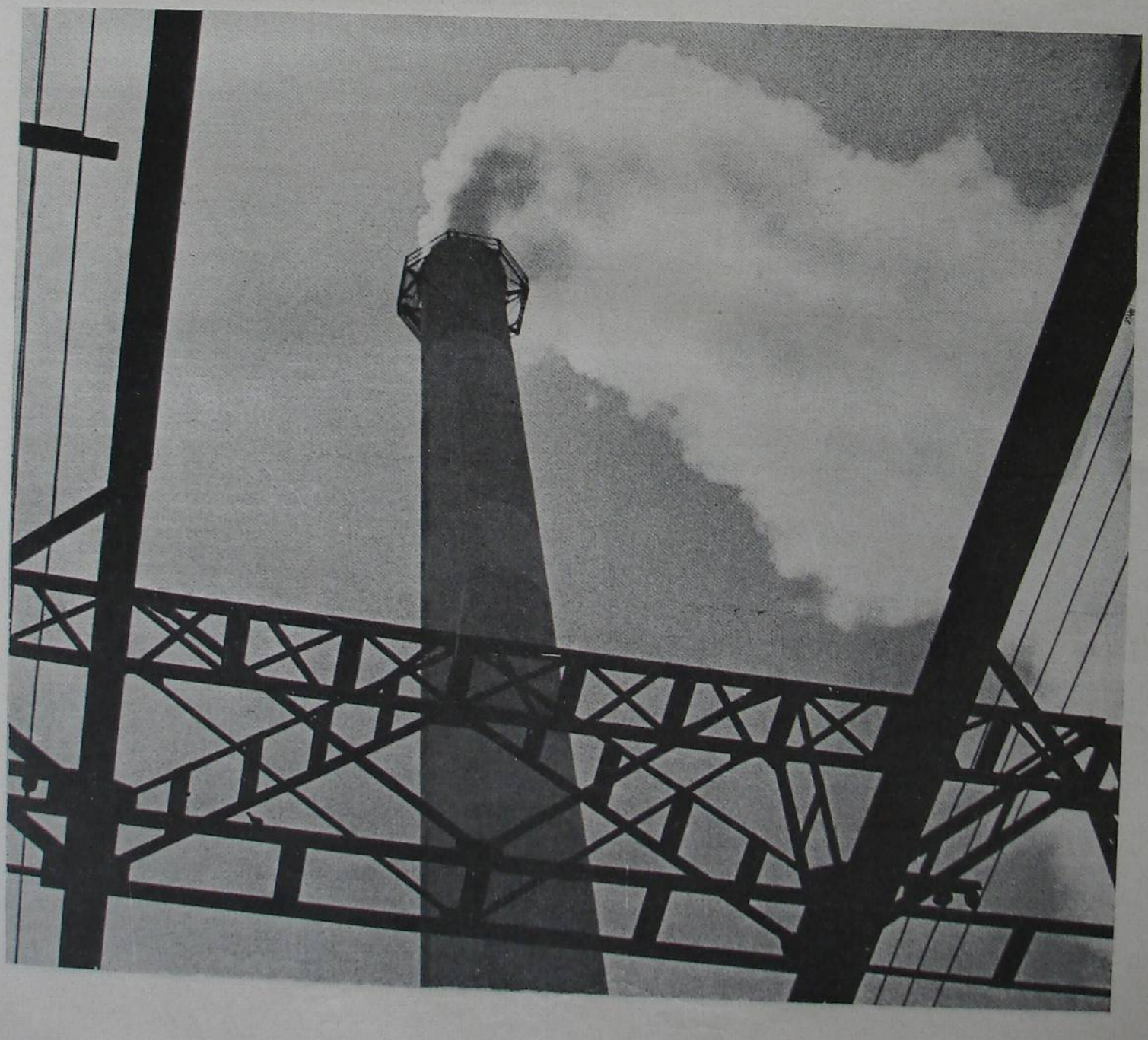
Possue a Metrópole dos pampas, talvez, os maiores estabelecimentos têxteis do país, tais como a grande organização de A. J. Renner, a Companhia Rio Guaíba, a Companhia de Fiação e Tecidos, a Companhia de Tecelagem Rio Grande, etc.

Conta com grandes fábricas siderúrgicas e metalúrgicas, entre as quais se destacam as fábricas Wallig, Berta, Cipriano Micheleto & Cia., Geral, etc., bem como uma infinidade de outras menores, dedicadas ao fabrico de móveis, calçados, perfumes, chapéus, cigarros, imagens e estátuas sacras e profanas, bebidas alcoólicas ou sem alcool, e de tudo que concerne aos mais variados produtos.

Na indústria farmacêutica, conta Pôrto Alegre com centenares de laboratórios aparelhados para a manipulação de drogas e outros produtos necessários ao consumo, figurando entre os principais o Laboratório Gayer, o Instituto Pereira Filho, os Laboratórios Saphrol, Eka, Kraemer, Silva Araujo, Roussel S. A., estabelecimentos que honram essa indústria em nosso país.

Um outro ramo industrial que se encontra em pleno desenvolvimento é, sem dúvida, o das artes gráficas, com seus setores auxiliares, como sejam: atelieres fotográficos, clicherias, oficinas tipográficas, de impressão, etc. Entre os estabelecimentos que se dedicam a êsse ramo industrial, destaca-se, em primeiro plano, merecendo mesmo especial destaque, a Livraria e Editora "Globo", uma das maiores organizações no gênero do país, seguida de muitas outras, também, de algum destaque nesse setor.

A par disso, Pôrto Alegre é sede de filiais, agências, sucursais, etc., de tôdas as grandes organizações industriais do país e mesmo do estrangeiro que cooperam, assim, para a maior distribuïção dos produtos manufaturados nos grandes centros industriais do país, como sejam São Paulo, Rio, etc., e que colocam a capital riograndense como um centro consumidor de primeira grandeza.



O PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

"SIDERÚRGICA RIO GRANDENSE S/A."

O QUE É A IMPORTANTE USINA "DUQUE DE CAXIAS"

Organizada com capital riograndense, a Siderúrgica surgiu no Estado com a formação de uma sociedade por quotas, que teve como pioneiro o industrialista Vitor Issler.

Lutando inicialmente com as dificuldades comuns a êsse ramo de indústria, a nova sociedade, formada em 1938, trabalhou ininterruptamente até Maio de 1941, ocasião em que teve a sua Usina alagada pela inundação que flagelou Pôrto Alegre, sofrendo vultosos prejuízos, não só com a perda de combustíveis e de um forno, como também pelo número de meses que permaneceu inativa.

Transformada numa sociedade anônima em 1941, a Siderúrgica deu nova orientação e grande impulso aos seus trabalhos, de forma a produzir 1.086.552 kg. de ferro laminado em sete meses.

A sua Usina, que recebeu o nome de "DUQUE DE CAXIAS", encontra-se provida de um moderno forno tipo revérbero, a gás e carvão vegetal, empregando-se como matéria prima a sucata de ferro batido para laminação de vergalhões e ferro chato, que é vendido aos atacadistas a preço variável, de acôrdo com as bitolas.

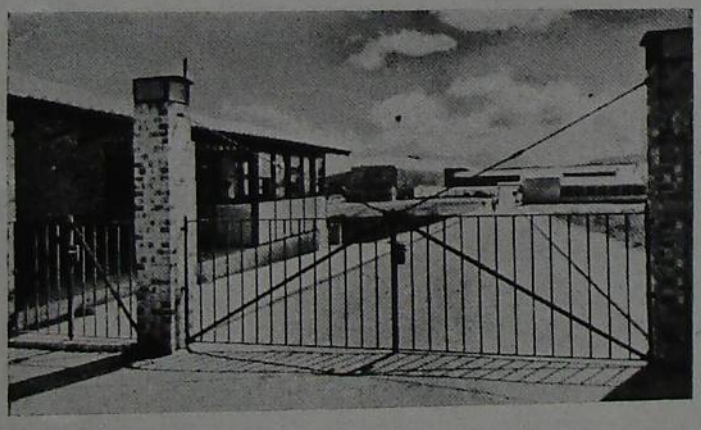
Tôda a produção encontra-se com antecipação de meses já vendida e a Usina trabalha normalmente dezoito horas por dia, mantendo todo o seu pessoal segurado. A excelência da qualidade do ferro laminado pela Siderúrgica Riograndense encontra-se comprovada em centenas de sólidas construções, onde o ferro utilizado foi exclusivamente produzido pela Usina "DUQUE DE CAXIAS."

O seu capital é de 1.700:000$000, distribuído entre vinte e nove acionistas, dos quais três são seus Diretores, os drs. Athos de Moraes Fortes, Athur Ambros e Sr. João Alberto Lahorgue.

A SIDERÚRGICA RIOGRANDENSE S/A. — que é no, Rio Grande, a única organização capacitada para a produção de ferro em grande escala, constitue, no atual momento internacional, uma fonte aparelhada para suprir do material necessário os diversos departamentos estaduais e federais, inclusive a 3.ª Região Militar — desfruta uma situação de franca prosperidade que tende a aumentar com a construção de um moderno forno "SIEMENS MARTINS", destinado à fundição de aço, iniciativa que dotará o Estado de mais uma importante fonte de enriquecimento da sua opulenta economia.

ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S. A.

O MAIS MODERNO ESTABELECIMENTO NO GÊNERO



Muito já se tem dito sôbre o progresso surpreendente do grandioso parque industrial brasileiro e muito já se tem escrito sôbre os mais variados setores da industrialização nacional.

Mas faltaríamos ao nosso dever profissional, se não fizéssemos uma referência, ligeira que fosse, aos grandes estabelecimentos da Eternit do Brasil Cimento Amianto S. A., a grande organização paulista que honra, sobremodo, as indústrias brasileiras.

Inegàvelmente, a nova fábrica da Eternit do Brasil Cimento Amianto S. A., magnìficamente instalada no grande Estado bandeirante, em Osasco, é o mais moderno estabelecimento do gênero no país. Em pleno funcionamento desde meados de 1.941, tem a seu serviço mais de 200 operários e empregados, com uma capacidade de produção anual normal de um milhão de metros quadrados de chapas.

Eternit, um dos mais modernos materiais de construção, é composto de cimento Portland e de fibras selecionadas de amianto, do qual se fabricam chapas onduladas para coberturas, chapas lisas, calhas e tubos pluviais, tubos para esgôto, ar condicionado e gás, bem como peças moldadas em geral.

Fabricado na Europa há mais de 40 anos, era todavia já há muito tempo um material largamento conhecido no meio dos engenheiros, construtores e técnicos em geral e apreciado pelas suas altas qualidades e múltiplas possibilidades de emprêgo.

Eternit é invulnerável à ação do tempo, incombustível e termo-isolante. De pêso leve e fácil manêjo, pois pode-se serrar, cortar, parafusar e pintar, é o material predestinado para o nosso clima, com uma infinidade de aplicações em quasi todos os setores da atividade humana.

Possue essa grande organização industrial distribuïdores em todo o país, funcionando a sua representação em Pôrto Alegre, no 2.º andar do Edifício do Banco Nacional do Comércio, sala n.º 10, onde atende, solìcitamente, a todos os interessados em seus excelentes produtos.

Eis aí, nessa resenha, como a Eternit do Brasil Cimento Amianto S. A. desenvolve suas atividades em nosso país, contribuindo, assim, para o maior propresso industrial do Brasil.



INDÚSTRIA METALÚRGICA

CASA FRACALANZA

NOTÁVEL EMPRÊSA INDUSTRIAL, PROPRIETÁRIA DA GRANDE FÁBRICA "TITAN", SEDIADA NA PAULICÉIA

São Paulo, o grande Estado bandeirante, é insofismàvelmente o maior centro industrial do Brasil e da América do Sul.

Tudo o que se possa desejar, tudo o que se possa admitir que se faça na indústria em geral, é encontrado na grande colmeia de trabalho do Brasil, no grandioso parque paulista.

E um dos setores industriais que mais se destaca é, sem dúvida, o da metalurgia que atingiu, na Paulicéia, a um elevado grau de adiantamento e de progresso, que honra sobremodo o nosso país.

E nesse círculo, figura a grande fábrica "Titan", de propriedade da conhecida "Casa Fracalanza", cuja matriz tem sua sede em Pôrto Alegre, à rua Voluntários da Pátria, 1.323, magnìficamente instalada em prédio próprio.

Essa importante organização dedica-se à manufatura de baterias para cozinha, aparelhos para chá e café, utensílios para hotéis, colégios, hospitais, etc., bem como à fabricação de quaisquer peças ou outros objetos de alumínio e demais metais leves.

No entretanto, a fábrica "Titan" especializou-se, principalmente, na manufatura de objetos de alumínio, e seus produtos, já consagrados em todos os mercados nacionais e estrangeiros, impuseram-se não só pelo bom acabamento que apresentam como, também, pela excelência de sua qualidade, sendo, mesmo, a marca "Titan" um símbolo da metalurgia bandeirante.

INDÚSTRIA METALÚRGICA

SCHMELING & HERZFELDT

INDÚSTRIA METALÚRGICA PÔRTO ALEGRENSE — NOME CONSAGRADO NO PARQUE INDUSTRIAL BRASILEIRO

Indiscutìvelmente, o Rio Grande do Sul marcha numa trajetória ascendente de progresso e de grande adiantamento.

Em todos os setores da atividade humana, a terra gaúcha vem progredindo de uma maneira simplesmente assombrosa e surpreendente.

E um dos setores onde o progresso vem se caraterizando dia a dia, é o da indústria metalúrgica que atingiu a um elevado grau de desenvolvimento, honrando sobremodo o nosso grande parque industrial e o nosso Estado.

Nesta capital, destaca-se em primeiro plano nesse setor a grande Indústria Metalúrgica Pôrto Alegrense, de propriedade da conceituada firma Schmeling & Herzfeldt, magnìficamente instalada à rua Almirante Barroso, 285, com todos os requisitos da moderna metalurgia.

Essa grande organização industrial, fundada a 1.º de Janeiro de 1.927, vem se dedicando desde a sua instalação à fabricação de tesouras para diversos fins, artefactos de ferro e metais em geral, entre os quais se destacam artigos para construções, como cremones, guarnições para portas, fechaduras, fechos, etc., como também, artigos hidráulicos e para embarcações.

Possue, ainda, modernìssimas instalações de banho em cromo, níquel, latão, cobre, ouro, prata, etc., trabalhos que muito se recomendam não só pelo seu perfeito acabamento, como pela excelência de sua qualidade.

A Indústria Metalúrgica Pôrto Alegrense, sob a direção imediata de seus proprietários, técnicos no assunto, exporta a quasi totalidade de seus produtos, em larga escala, para tôdas as praças do país e, até mesmo, para o estrangeiro, onde os mesmos gozam de franca aceitação, elevando, assim, o bom nome do já consagrado parque industrial pôrto-alegrense e mesmo riograndense e, quiçá, brasileiro.

INDÚSTRIA QUÍMICA

"ACTOLYT-MAGNETINE", DE FREIHERR & CIA.

ALGO SÔBRE CROSTAS DE PEDRA NAS CALDEIRAS A VAPOR

O gasto do combustível representa um dos fatores principais na economia nacional. A redução do gasto de combustível, necessidade sempre crescente, tem sido sèriamente encarada e tratada há cerca de 20 anos, pela Indústria Química "Actolyt-Magnetine", que contribue para reduzir as despesas de materiais empregados como combutível, principalmente nas nossas indústrias que trabalham com vapor.

Durante a evaporação d'água, depositam-se nas paredes dos tubos e nas do corpo da caldeira, crostas, que aumentam consideràvelmente o gasto de combustível, pois as referidas crostas exercem ação isolante.

Para eliminar as crostas de pedra, existentes nas caldeiras a vapor, e para evitar a sua formação, vem sendo usado, com resultados positivos e extremamente satisfatórios, um preparado denominado "Actolyt-Magnetine", — não só em território nacional, como também nas Repúblicas do Prata.

As Indústrias e Firmas são devidamente atendidas por uma organização de representantes, mantida em todos os Estados e no Estrangeiro, e devidamente especializada. — A Firma Freiherr & Cia., à Avenida Alberto Bins 460, em Pôrto Alegre, possue inúmeros atestados que provam a satisfação dos industriais que usam o preparado "Actolyt-Magnetine", um produto puramente nacional, que contribue estreitamente na economia da Indústria Brasileira. O seu uso evita também as freqüentes e dispendiosas reformas, — abertura das máquinas e conseqüente paralisação nas indústrias.

INDÚSTRIA APLICADA DA MADEIRA

FÁBRICA DE OBJETOS DE ARTE DE ALOYSIO BRIXNER

O PROGRESSO REVELADO NA INDUSTRIALIZAÇÃO DA MADEIRA

Muito já se tem dito dos vários setores industriais de Pôrto Alegre, nas suas mais variadas modalidades. No entretanto, um dos setores merece especial menção. Trata-se da indústria aplicada de madeira que se encontra em nossa capital num adiantado surto de progresso e desenvolvimento.

E, dentre as fábricas que se dedicam a êsse ramo industrial, figura em primeiro plano a grande fábrica de objetos de arte em madeira do sr. Aloysio Brixner, magnìficamente instalada à rua Felix da Cunha, 153, junto à avenida Farrapos, considerada uma das primeiras no gênero do nosso parque industrial.

As suas oficinas estão aparelhadas para executar, com perfeição, e a preços ao alcance geral, tôdas as imagens do culto religioso, em qualquer tamanho, bem como presépios, vias-sacras, crucifixos, etc. Fabrica, ainda, com tôda arte, mobiliários completos para igrejas, tais como altares, púlpitos, bancos, oratórios, etc. Mantem, outrossim, sempre, em estoque, a preços sem competência, grande variedade de imagens, em todos os tamanhos, do SS. Coração de Jesús, Coração de Maria, S. José, Sta. Terezinha, S. Antônio, S. Judas Tadeu, e outros.

Mas, não se limitam sòmente a êsse gênero de industrialização as grandes oficinas do sr. Aloysio Brixner, pois mantem, ainda, anexa àquelas, uma grande fábrica de móveis escolares, bem como se encarrega de fabricar aparelhamentos completos para atelieres de escultura, etc., tornando-se, assim, uma das fábricas mais completas que opera no parque industrial de Pôrto Alegre.

A LIVRARIA DO GLOBO EM SEIS DECÊNIOS DE TRABALHO EM PROL DA DIVULGAÇÃO DA CULTURA

Uma trajetória empolgante — Setecentos e cincoenta pessoas empregam sua atividade no conhecido estabelecimento da firma Barcellos, Bertaso & Cia. — As razões da preferência do público

Fundada em 1883, ao tempo do Império, por Laudelino Pinheiro Barcellos e Saturnino Alves Pinto, a Livraria do Globo, numa brilhante trajetória de 59 anos, transformou-se de uma simples lojinha de duas portas num dos mais importantes e bem aparelhados estabelecimentos gráficos do país. O crescimento da Livraria do Globo, portanto, foi paralelo ao desenvolvimento do próprio Rio Grande do Sul.

Torna-se difícil resumir em poucas linhas a história do notável desenvolvimento e expansão dos negócios da Livraria do Globo em quasi seis decênios de atividade comercial. A velha casinha da Rua da Praia cresceu e prosperou. E de reforma em reforma acabou por ser substituída pelo atual edifício, construído no mesmo local em 1942. Em 1937, verificada nova falta de espaço, foram edificados grandes pavilhões no arrabalde de Menino Deus, para onde se transferiu parte das oficinas. E em 1941 novamente foi preciso ampliar as dependências, construindo-se novos e amplos pavilhões no citado arrabalde.

750 pessoas em atividade

Como um imperativo da crescente expansão dos negócios, foram fundadas filiais em Pelotas, Santa Maria, Rio Grande e no Rio de Janeiro. Além disto, a Livraria do Globo possue representantes e depósitos em São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza e Belém do Pará.

Mais de 750 pessoas — homens e mulheres — empregam suas atividades nas várias secções da casa matriz. Estes funcionários estão distribuídos entre a Editora, Tradução, Departamento Didático, Desenho, Publicidade, Revista do Globo, Serviço Globo de Divulgação Literária, Escritório, Loja, Vendas pelo Sistema de Crédito, Departamento do Pessoal, Filiais, Depósitos, Encomendas, Máquinas e Móveis de Escritório, Expedição, Litografia, Tipografia, Impressão, Encardernação, Brochura, Pautação, Douração, Fotogravura, Estereotipia, Relevogravura, Mecânica e várias outras secções menores da casa. As oficinas, notadamente a Litografia, possuem as mais modernas instalações e aparelhamento técnico, estando em condições de concorrer vantajosamente com as organizações congêneres do Rio e São Paulo.



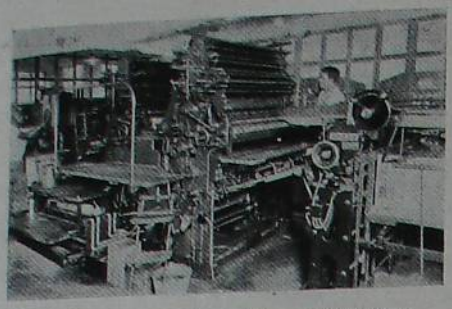
Fachada principal, à rua dos Andradas 1416.



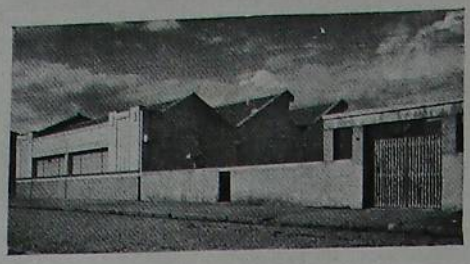
Fachada posterior, à rua José Montauri.

Casa Editora

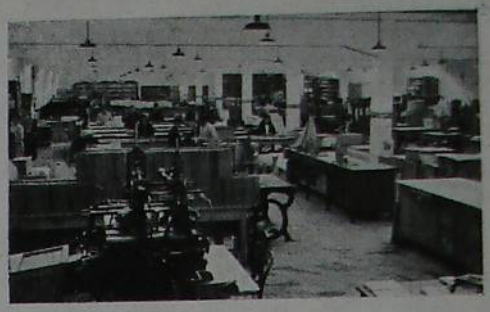
Há mais de vinte anos que a Livraria do Globo é também casa editora, tendo começado por editar, entre inúmeros livros, as obras didáticas dos professores A. G. Lima e Souza Lobo. Sòmente em 1931, porém, foi que êsse ramo de atividade começou a tomar vulto, tendo si-



Moderna máquina litográfica para impressão simultânea em 2 côres.



Vista parcial dos amplos pavilhões, no bairro do Menino Deus.



Aspecto interno da secção de Encadernação, no Menino Deus.

do criada nessa época a Secção Editora, atualmente uma das mais importantes da organização, porque a mais conhecida fora do Rio Grande do Sul. Desenvolvendo-se com grande rapidez e obedecendo à orientação intelectual do escritor Érico Verissimo, a Editora Globo forma hoje na primeira linha das grandes casas editoras nacionais. Em 1936, contrariando um ponto de vista estabelecido pela maioria dos editores nacionais, a Livraria do Globo editou o famoso romance "Contraponto", de Aldous Huxley, em tradução brasileira de Érico Verissimo. Muita gente foi então de opinião que era uma verdadeira insensatez editar tal obra no Brasil. "Isso não é livro para o nosso público, — diziam. E' perder dinheiro na certa. Êste romance de Huxley é super-intelectual." Mas a Livraria do Globo teimou e o resultado foi que em menos de dois anos esgotou-se a 1.ª edição da obra, sendo hoje Aldous Huxley um escritor popular no Brasil, tanto que a casa não hesitou em editar mais tarde o seu romancerio "Sem Olhos em Gaza", que obteve um sucesso tão grande quanto o "Contraponto", e lançando, em data mais recente, o "Admirável Mundo Novo", do mesmo escritor.

Modernos Métodos de Publicidade

A Livraria do Globo, também, foi a primeira casa editora brasileira que empregou a publicidade organizada do livro em larga escala. Até 1936 quasi não se viam anúncios de livros em jornais, na tela dos cinemas, nos bondes, em cartazes murais, etc. O primeiro ensaio de publicidade em larga escala foi feito pela Livraria do Globo com o livro "A Vida Começa aos 40", de Walter Pitkin. O resultado excedeu as mais lisongeiras espectativas, pois a primeira edição dessa obra esgotou-se em pouco mais de dois meses. A seguir deram-se os sensacionais lançamentos de "Contraponto" e "Olhai os Lírios do Campo". Foi então criada a Secção de Publicidade, em moldes modernos e especializados na técnica da propagando do livro. A primeira demonstração da eficiência dessa nova Secção foi demonstrada por ocasião do lançamento do romance "Servidão Humana", de Somerset Maugham. Sòmente na publicidade prévia dessa obra foram gastos 40 contos de réis, o que equivalia a uma verdadeira revolução no comércio de livros no Brasil. A 1.ª edição de "Servidão Humana", livro de 18$000 o exemplar, esgotou-se em apenas 24 dias.

Depois dessa magnífica "performance", tornaram-se comuns os grandes lançamentos da Livraria do Globo, destacando-se o do romance "Um rio imita o Reno", de Vianna Moog; do livro "Gestapo", de Pierre Dehillote, obra da qual foram vendidos 22.000 exemplares em três meses; de "Saga", romance de Érico Verissimo, cuja primeira edição de 20.000 exemplares esgotou-se em dois meses; do "Gato Preto em Campo de Neve", também de Érico Verissimo, que obteve três vultosas edições em menos de quatro meses; e o livro do Tte. Cel. Aurélio da Silva Py — "A 5.ª Coluna no Brasil" — que obteve um êxito espetacular, batendo todos os "records" anteriores, pois em questão de apenas quatro dias a primeira edição encontrava-se completamente esgotada.

A Livraria do Globo sempre tratou e trata com o mesmo carinho tanto os autores estrangeiros como os nacionais, empregando vultosas somas tanto na publicidade das obras dos primeiros como na dos segundos.

Pioneira

Pelo que ficou dito pode-se, pois, afirmar, sem nenhum receio de contestação, que a Livraria do Globo foi a pioneira, no Brasil, da moderna indústria editorial.

Por outro lado, contribuindo para a divulgação da cultura em nosso país, a Livraria do Globo tem editado em bem cuidadas traduções os mais importantes autores contemporâneos, bastando para corroborar esta afirmativa citar os nomes de Remarque, Emil Ludwig, Chesterton, Pirandello, Feuchtwanger, Hans Fallada, Fülöp-Miller, Aldous Huxley, Robert Louis Stevenson, Joseph Conrad, Van Loon, Henry Thomas, Selma Lagerlöf, Axel Munthe (cujo "Livro de San Michele" constituíu um dos maiores êxitos de tradução no Brasil), Giovanni Papini, Zweig, Anton Zischka, Alia Rachmanova, Somerset Maugham, Octave Aubry, Henry Robert, Victor Heiser, Paul de Kruif, Pearl S. Buck, Emily Bronte, Katherine Mansfield, Charles Dickens, Louis Bromfield, Margaret Kennedy, Ernst Glaeser, John Steinbeck, James Hilton, Sinclair Lewis, Charles Morgan e Romain Rolland.



Um ângulo da secção de livros.

Uma realização editorial da Livraria do Globo, digna de ser registrada, é a publicação do "Manual do Engenheiro", de Ruy Bacellar e Ernani Corrêa, o mais importante trabalho de seu gênero até hoje aparecido em língua portuguesa. Essa obra em dois volumes, que também se distingue pelo seu maravilhoso aspecto gráfico, já teve duas edições inteiramente esgotadas.

A Livraria do Globo editou também, a "Enciclopédia do Curso Secundário" organizada pelo prof. Álvaro Magalhães, uma obra que obteve a mais entusiástica acolhida nos círculos didáticos e educacionais. Trata-se de um dicionário terminológico que oferece a definição simples, clara e adequada de todos os termos contidos nos compêndios adotados no curso ginasial.

Outra iniciativa de vulto foi o lançamento da "Grande Enciclopédia do Lar", cujo primeiro volume — "Trabalhos Manuais" — despertou desusado interêsse em todo o país. A "Enciclopédia de Trabalhos Manuais" é um magnífico e luxuoso volume, cuja finalidade essencial é ensinar como fazer tôdas as técnicas de trabalhos manuais femininos, que tanto contribuem para a distinção no vestir e para o embelezamento do lar.

A Livraria do Globo é, ainda, a editora da "Revista do Globo" e representante para todo o país do "Linguaphone" — moderno sistema para o ensino de idiomas — das canetas "Chilton" e das lapiseiras "Autopoint". É, também, agente das máquinas de escrever "Royal", das máquinas de somar "Allen Wales", e das máquinas de calcular "Barrett".

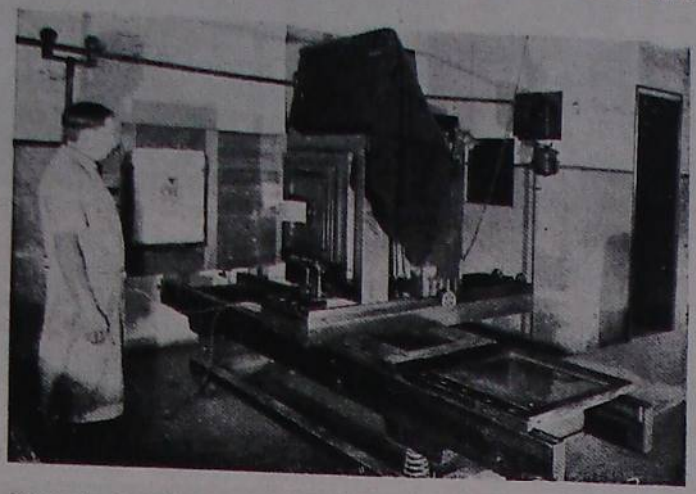
As razões do sucesso

O que é hoje em dia êste grande estabelecimento deve-se não só à acolhida e preferência do público, como também ao zêlo e esfôrço dos seus auxiliares, e, não por último, à criteriosa direção da casa, cujos negócios são orientados por homens de larga visão e experiência, tais como os srs. José Bertaso, Mario Barcellos, J. Oswaldo Rentzsch, Henrique Bertaso, Dorval Corrêa e Oswaldo Vieira de Faria.

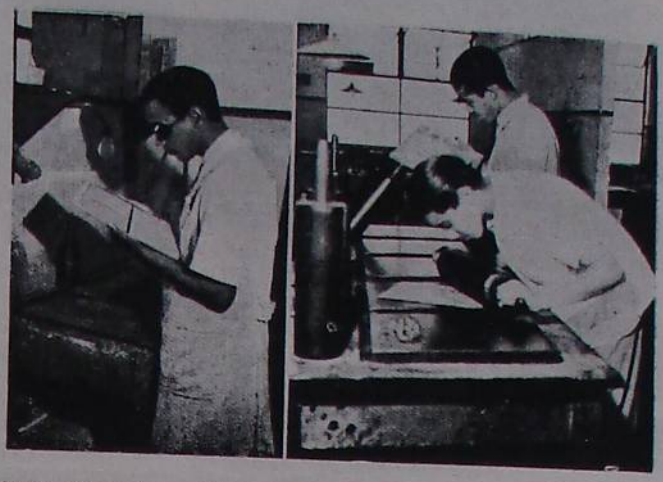
Eis em rápidos traços a história da Livraria do Globo, propriedade da firma Barcellos, Bertaso & Cia.

A "FOTOGRAVURA DO SUL"

UM ESTABELECIMENTO GRÁFICO MODELAR



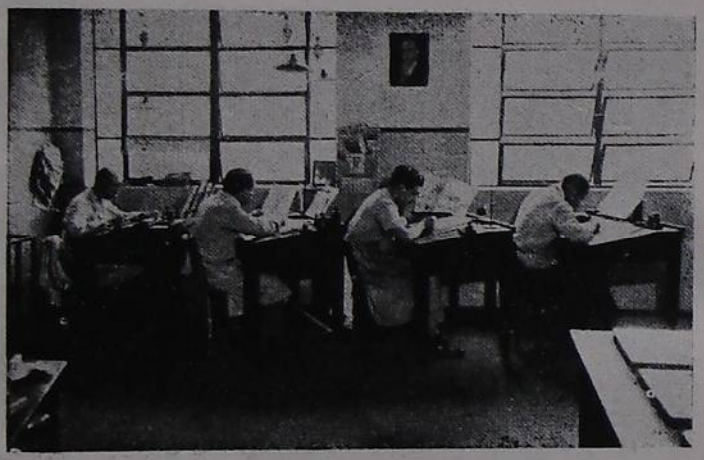
Reprodução foto-mecânica.



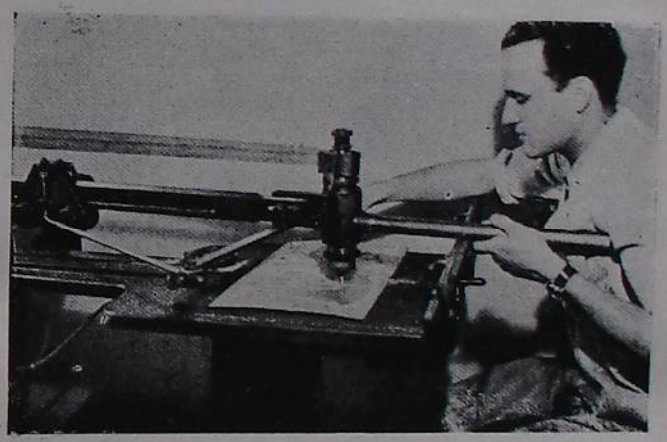
Duas fases da confecção de clichês.

A FOTOGRAVURA DO SUL (ex-FOTOGRAVURA GEISSLER), estabelecida à rua General Vitorino, n.º 41, em Pôrto Alegre, foi fundada no ano de 1930, grangeando, ràpidamente, a melhor e a mais sólida reputação, graças à qualidade dos seus trabalhos. Em escala crescente, as melhores e mais exigentes firmas comerciais e industriais distinguiram aquele estabelecimento com sua preferência para a confecção de clichês e fotografias industriais. Do mesmo modo, as melhores tipografias e muitas casas editoras, incontestàvelmente peritos na matéria, confiavam à FOTOGRAVURA DO SUL a confecção dos seus clichês. Outrossim, há muitos anos as repartições federais, estaduais e municipais dão preferência a êste estabelecimento.

Como para o primeiro volume da Série Bibliográfica "Brasilia Aeterna", também para o presente, "RIO GRANDE DO SUL — IMAGEM DA TERRA GAÚCHA", a maioria das ilustrações foi confeccionada na FOTOGRAVURA DO SUL, o melhor atestado para a capacidade dêste modelar estabelecimento gráfico.



Uma parte da sala de gravura.



O processo de frezar.

A INDÚSTRIA DA FABRICAÇÃO DE MÓVEIS

O "PARAÍSO DOS MÓVEIS"

O GRANDE DEPÓSITO DA FIRMA MAURÍCIO TERUCHKIN

O parque industrial de Pôrto Alegre, cujo progresso é indiscutìvelmente uma grande realidade, conta com as mais variadas fábricas, manufaturando, também, os mais variados artigos para o consumo, não só da capital, como de todo o Estado e mesmo do país.

Uma das indústrias que se acham bastante adiantadas, é, sem dúvida alguma, a da fabricação de móveis, em cujo setor estão invertidos avultados capitais.

E, entre as firmas que se dedicam a êsse ramo de industrialização, destaca-se a do sr. Maurício Teruchkin, com fábricas magnìficamente instaladas às ruas Cabral, 340, e Liberdade, 93 onde empregam sua atividade centenas de operários e técnicos especializados na matéria.

O varejo da citada firma encontra-se òtimamente instalado à rua dr. José Montauri, 93, sob a denominação de — Paraíso dos Móveis — e é um dos estabelecimentos, no gênero, mais conhecido da capital, possuindo, além de um grande depósito de móveis, dos mais finos aos mais simples, um magnífico sortimento de tapetes, congóleos, linóleos e passadeiras, funcionando, ainda, anexa, uma secção para a venda de camas de ferro e fogões de todos os tipos, vendas essas que são feitas à vista e a longo prazo, o que torna ainda mais preferido êsse varejo entre os seus similares.

Mas, as atividades da firma Maurício Teruchkin não se limitaram sòmente à fabricação de móveis em larga escala, pois tem, também, instalada junto as suas fábricas, uma bem montada indústria de puxadores de galalite e de niquelados.

As suas transações, por sua vez, não se limitaram sòmente ao nosso mercado consumidor, sendo, mesmo, grande a sua exportação para os vizinhos Estados de Santa Catarina e Paraná, onde os seus produtos gozam de excelente reputação.

A INDÚSTRIA DO FUMO

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

A MAIOR CONSUMIDORA DOS APRECIADOS FUMOS RIOGRANDENSES

Inegàvelmente, o Rio Grande do Sul marcha na vanguarda da produção do fumo em nosso país, superando mesmo quasi que a totalidade de outros Estados produtores.

E, ainda mais, graças à sua excelente qualidade, o fumo riograndense é largamente consumido não só em nossos mercados estrangeiros e, muito principalmente, nos mercados platinos.

No entretanto, deve-se a sua maior difusão às grandes emprêsas manufatureiras de cigarros o seu maior consumo, emprêsas que, girando com avultadíssimos capitais distribuem o nosso fumo, depois de manufaturado, por todos os recantos do país e mesmo nas Repúblicas sul-americanas.

E, dentre as grandes organizações que se dedicam a êsse comércio, destaca-se, em plano de primeira grandeza, a grande Companhia de Cigarros Souza Cruz, com casa matriz na Capital da República, e filiais e fábricas nas principais capitais brasileiras.

Assim é, que, como a maior consumidora do fumo riograndense, a Companhia de Cigarros Souza Cruz está muito ligada à terra gaúcha, cooperando, também, para melhoria de nossa política econômica.

A escolha e manipulação dos melhores tipos dêste fumo são feitas com o máximo cuidado, recebendo sempre a atenção da Companhia, cuja política obedece sempre ao caraterístico de assegurar, ao público, cigarros e fumo de esmerada qualidade.

Podemos mesmo afirmar, que a grande organização industrial que é a Companhia de Cigarros Souza Cruz tem colaborado, grandemente, na indústria do fumo no Rio Grande do Sul, em prol do melhoramento dos tipos dêste, cultivados na maravilhosa terra gaúcha.

Possue, como já dissemos, em todos os Estados da União, filiais, depósitos e postos de abastecimento, afim de melhor facilitar a distribuïção dos seus produtos. Em Pôrto Alegre e em outras principais capitais do país, dispõe de fábricas, destinadas à industrialização do produto, que é, regularmente, embarcado em grande escala.

Por intermédio desta imensa rede de distribuïção, o afamado fumo riograndense é conhecido e apreciado nos recantos mais longínquos do país, prestando, assim, a grande Companhia de Cigarros Souza Cruz sua parcela de colaboração à gloriosa terra gaúcha, cujo surto de progresso, tão intensamente observado nos últimos tempos, depende em grande parte do incremento da indústria do fumo nacional.

FÁBRICA DE CIGARROS "SUDAN"

ELEMAR SCHMIDT

O PAPEL RELEVANTE DOS SEUS ESCRITÓRIOS NO MERCADO DE FUMOS E NA REPRESENTAÇÃO DAQUELE GRANDE ESTABELECIMENTO PAULISTA PARA O RIO GRANDE

Inegávelmente, o comércio de representações em Pôrto Alegre atingiu a um adiantado grau de desenvolvimento, constituindo, mesmo, um dos parques comerciais onde giram grandes capitais.

Os mais variados produtos são negociados nos nossos mercados riograndeses onde encontram a melhor aceitação por parte de nossos consumidores, graças à ação dos agentes que operam na praça de Pôrto Alegre.

E, entre os inúmeros escritórios de representações, sem dúvida alguma, o do sr. Elemar Schmidt figura entre os principais, graças à dinâmica atividade desenvolvida pelo diretor, homem de larga visão comercial.

Fundado em 1.º de Janeiro de 1.935, o escritório de representações do sr. Elemar Schmidt impos-se logo, entre os seus congêneres, pela maneira correta com que opera em nossos mercados e pela excelência dos produtos que representa em nossa praça.

Magnìficamente instalado à avenida Mauá, n.ºs 851 - 861 - 865, respectivamente, e com filial à rua dos Andradas, 954, mantem êsse conceituado escritório de representações um seleto corpo de mais de 20 funcionários, a quem estão afetos os vários negócios a que se dedica o seu operoso diretor, o sr. Elemar Schmidt, contando com filiais e correspondentes nas praças de Santa Cruz, Venâncio Aires, Candelária, Lajeado e Jaguarí.

Uma das grandes representações que possue êsse estabelecimento comercial, é, sem dúvida, a da grande fábrica de cigarros Sudan S. A., de São Paulo, da qual o sr. Elemar Schmidt é o agente exclusivo dos produtos daquela grandiosa organização industrial paulista para todo o Rio Grande do Sul.

E' graças à ação desenvolvida por êsse conceituado homem de negócios que os cigarros da fábrica Sudan foram tornados conhecidos em nossos mercados consumidores e que conquistaram, mesmo, um lugar invejável entre os seus similares, merecendo a preferência dos fumantes gaúchos pela excelência de sua qualidade e de suas marcas, tais como os cigarros "Fulgor", Oceania", "Aspasia", "Sudan", "Adonis", etc.

Na exportação, também, o escritório do sr. Elemar Schmidt marcha na vanguarda de seus congêneres, sendo mesmo considerado um dos maiores exportadores do fumo riograndense, tanto o do tipo Estufa como o Galpão, atingindo a sua média anual de exportação de fumos a mais de 40.000 fardos.

Possue, ainda, uma secção para esterilização de fumos, instalada com todos os requisitos necessários à sua finalidade, à rua Sertório, 1.196, cuja capacidade de trabalho e produção veio preencher uma lacuna que se fazia sentir nesse setor comercial e industrial.

Mantém, ainda, a organização do sr. Elemar Schmidt, em sua filial da rua dos Andradas, uma exposição permanente dos produtos da grande fábrica de cigarros Sudan, bem como dos prêmios que são conferidos, como brindes, a todos os fumantes riograndenses que dão sua preferência aos deliciosos cigarros paulistas, manufaturados pela Sudan S. A.

A INDÚSTRIA DA TECELAGEM NO BRASIL

CASAS PERNAMBUCANAS

O MAIOR EMPÓRIO DE TECIDOS DA AMÉRICA DO SUL

Indiscutìvelmente, o Brasil marcha na vanguarda dos países sul-americanos em todos os setores de atividade humana, muito principalmente após a implantação do Estado Novo, cuja influência transformadora e benéfica deu ao nosso país essa posição invejável no concêrto das nações pan-americanas.

O parque industrial do Brasil prima pela excelência da qualidade dos produtos que são manufaturados pelas mais variegadas organizações de industrialização em geral. E, um dos grandes setores dêsse imenso parque é a indústria de tecelagem, magnìficamente representada por grandes fiações disseminadas por todo o território nacional.

E, leitor amigo, faltaríamos ao nosso dever profissional, se ao nos referirmos à fabricação de tecidos, deixássemos de falar na maior organização de fazendas da América do Sul, pertencente às emprêsas Lundgren, que são as Casas Pernambucanas.

Muito poderíamos dizer a respeito dessa formidável organização, mas, no entretanto, vamos nos limitar a reproduzir aquí, apenas, as palavras do ilustre interventor de Pernambuco, por ocasião de sua visita à cidade de Paulista, no interior daquele grande Estado nordestino, e onde funciona um dos grupos de fábricas das populares Casas Pernambucanas.

Diz o chefe do executivo pernambucano: "Um dos municípios, em que o regime de 10 de Novembro mais tem tido influência transformadora e benéfica é o de Paulista. Grande centro de trabalho, e sede de uma das maiores organizações fabrís do Brasil, a sua população crescia dia a dia. Faltava-lhe, entretanto, um sentido municipal, uma vida autônoma, alguma coisa mais do que as máquinas, os teares, as chaminés, a emprêsa. Faltava-lhe a emoção local. Faltava-lhe o espírito público. Tudo isso que faltava, Paulista tem hoje. Foi o que eu vi domingo, quando fui inaugurar ruas novas, edifícios públicos, praças, casas operárias magníficas, outra paisagem social, outro rumor, outra alegria, outra Paulista. Cêrca de duas mil crianças das escolas, escolas da fábrica, escolas do município, escolas do Estado, formaram com um garbo, uma saúde, um aprumo e uma decisão que nos encheram de entusiasmo e confiança no futuro da nacionalidade. A população operária de Paulista veio quasi tôda do sertão. Nela predomina a côr morena, que o clima do litoral vai alvejando.

Frederico Lundgren, que é nórdico, explicou-me como essa população que veio dos sertões, mal alimentada, feia, mas cheia de coragem e de ambição para o trabalho, se transforma assistida pelos serviços médico e dentário da fábrica. Um mês depois são outros homens, outra raça. São os melhores tecelões, os melhores operários do mundo. Paulista, como vai, será dentro em pouco a mais linda cidade de Pernambuco."

As Casas Pernambucanas mantêm filiais em todos os principais centros do Brasil, existindo, sòmente no Rio Grande do Sul, 24 empórios, sendo 3 em Pôrto Alegre, 2 em Bagé, 2 em Cachoeira, 2 em Uruguaiana, e uma, respectivamente, em José Bonifácio, Ijuí, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Livramento, Santa Maria, Santo Ângelo, São Borja, Quaraí, Itaquí, Rosário, São Gabriel, Lajeado e São Leopoldo.

Eis aí a prova eloqüente da pujança de uma organização brasileira que é o maior empório de tecidos da América do Sul — as Casas Pernambucanas.



A fachada de um dos empórios das Casas Pernambucanas, em Pôrto Alegre

C H A V E S & A L M E I D A

A EVOLUÇÃO DA FÁBRICA TÊXTIL DESSA FIRMA, LOCALIZADA EM GALÓPOLIS, E SUA VALIOSA CONTRIBUÏÇÃO AO PARQUE INDUSTRIAL RIOGRANDENSE

Sempre que se fizer um histórico da indústria riograndense, e mui especialmente do setor têxtil, é obrigatório citar-se o vasto e modelar empreendimento da firma Chaves & Almeida, sita à Avenida Júlio de Castilhos, n.os 299 e 307, nesta capital, e com os seus estabelecimentos têxtis localizados em Galópolis, aprazível localidade do município de Caxias.

Há setenta anos Galópolis ainda era um vasto pinhal, instalando-se à sua sombra alguns tecelães italianos, que começaram a construir, aí, os seus teares de madeira e a fabricar pano. Anos depois, veio reünir-se a êles um técnico especializado, de nome Hércule Galó, que construiu uma fàbricazinha modesta.

O sr. Galó começou a alugar, um por um, os estabelecimentos dos seus colegas, organizando sistemàticamente o trabalho de fiação e tecelagem. Não demorou muito, e grande número de ponchos e cobertores era distribuído pela terra gaúcha, produto da indústria nascente. O lugar ficou sendo chamado Galópolis, em homenagem ao fundador da indústria.

A produção, ainda bem modesta, começou a despertar o interêsse dos irmãos Pedro, Antônio, Paulino e Ismael Chaves, filhos de velha e tradicional família açorita, membros da alta sociedade riograndense; além disso, os irmãos Chaves já exerciam grande influência nos meios têxtis pôrto-alegrenses. Reünindo sua experiência, sua energia e sua fortuna, entraram em entendimento com Hércule Galó, no sentido de ser erigida uma grande fábrica.

Atualmente, o grande estabelecimento têxtil trabalha com mais de 500 operários e 1.200 H. P. aproveitando plenamente tôda a sua capacidade de produção. Consome exclusivamente lãs riograndenses, fabricando casimiras, tecidos cardados, artigos militares, capas e ponchos. Sua especialidade, porém, continuou sendo cobertores, que são tidos como os melhores do Brasil.

Menção tôda especial merece ainda o carinho com que a firma Chaves & Almeida vem cuidando do problema de assistência social ao seu operariado. Já muito antes que as leis trabalhistas brasileiras fixassem normas para a assistência social ao proletariado, Chaves & Almeida já haviam organizado um vasto e eficiente sistema de assistência, coroado do mais completo êxito.

Hoje — pode-se afirmá-lo — a linda cidade operária de Galópolis, localizada num vale pitoresco, circundado de morros cobertos de venerandos pinheiros e férteis parreirais, hoje, Galópolis, graças à previdente iniciativa de Chaves & Almeida, conta com uma série de instituïções, erigidas exclusivamente para o bem-estar do seu operariado. Basta citar a "Escola Chaves Irmãos", para os filhos dos operários, o "Círculo Operário Ismael Chaves Barcelos", a "Cooperativa de Consumo", instituïções que funcionam tôdas em prédios próprios, localizados em tôrno da encantadora capela.

Eis, em síntese, a evolução dum empreendimento, que, começando modestamente à sombra de vastos pinheirais, veio a tornar-se um dos mais importantes estabelecimentos industriais do Rio Grande e do Brasil, fazendo honra ao espírito de iniciativa e à contração ao trabalho dos filhos desta gleba abençoada.

INDÚSTRIA QUÍMICO-FARMACÊUTICA

LABORATÓRIOS DAUDT, OLIVEIRA & CIA.

O QUE REPRESENTAM OS 60 ANOS DE ATIVIDADE DESSA MODELAR CASA DE PRODUTOS QUÍMICO-FARMACÊUTICOS

A atual casa Daudt, Oliveira & Cia. teve início numa pequena farmácia, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, há sessenta anos. Depois se transferiu para Pôrto Alegre e lá continuou por longo tempo. Foi Daudt, Foi Daudt & Leal, Foi Daudt & Freitas. O êxito crescente dos seus produtos e a grande propaganda que êles tiveram durante a Exposição Nacional no Rio de Janeiro, em 1908, impuseram a mudança para a capital do país. Hoje, a Casa Daudt, Oliveira & Cia., uma das mais importantes do seu gênero no Brasil, funciona num vasto edifício próprio, à Avenida Mem de Sá, 261, onde estão instalados os laboratórios, depósitos e escritórios divididos em diversas secções, possuindo também uma oficina gráfica, modernamente aparelhada, à rua Figueira de Melo, 210, — a Oficina Mauá, — para os seus próprios trabalhos e trabalhos alheios. Em todo o Brasil são procuradíssimos os produtos Daudt, Oliveira & Cia.: *BROMIL, A SAÚDE DA MULHER, BORO-BORÁCICA, NUTRION, DEPURATIVO LIRA, ODOL, PIXAVON*. Agora, vão ser lançados os produtos de beleza *Sonel*, que se destinam a imensa aceitação.

A firma, originária do Rio Grande do Sul, conta o grande Estado Gaúcho como um dos seus melhores clientes.

Representa-a em Pôrto Alegre o snr Carlos Engel, rua Vigário José Inácio, 58.

LABORATÓRIOS RAUL LEITE

A COLABORAÇÃO DE REAL DESTAQUE DÊSSE IMPORTANTE INSTITUTO QUÍMICO-FARMACÊUTICO QUE SE ASSOCIA À PUBLICAÇÃO DESTA OBRA COMO EXPRESSÃO DE SUA PROFUNDA HOMENAGEM AO NOVO ESTADO

Quem conhece o Brasil sabe que, não só pela configuração geográfica, como também pelo acendrado espírito de patriotismo manifestado em tôdas as formas de existência, constitue o Rio Grande do Sul admirável pedestal em que se pode apoiar confiante a nação inteira. Filhos ilustres encheram de glórias os fastos de nossa história. Filhos humildes alí mourejam todo santo dia, em benefício próprio e igualmente para abarrotar os ávidos celeiros do país e do estrangeiro. Seus pagos serenos, sem cortar o céu com a trepidação dos centros industriais de outros Estados, lançam às mancheias, por sôbre as fronteiras intra e internacionais, o pão, a carne e o vinho.

E em sinal de pleno reconhecimento, todo Brasil respeita e agradece ao Estado sulino, e como todo Brasil, os Laboratórios Raul Leite, desde os seus primeiros passos, sentiram a necessidade de manter na terra gaúcha uma instalação suficiente a atender ao progresso e necessidades reais da região. Os Depósitos que alí manteem, em Pôrto Alegre, à rua Marechal Floriano, 257, e em Pelotas, à rua 15 de Novembro, 662, são a prova real do seu desejo de facultar prontamente, às nobres classes médica e farmacêutica do Estado, os preciosos medicamentos de que hão mister em benefício do sagrado ideal de suas profissões: a saúde pública. Tais medicamentos têm assegurada preferência, pelo prestígio e confiança de que gozam os produtos Raul Leite, fruto da impecável organização dêsse instituto químico-farmacêutico, sempre aprimorada pelos que lhe regeram a criação e os destinos, hoje felizmente entregues à hábil orientação do sr. Manoel Seixas. O seu Conselho Científico, presidido pelo ilustre professor Clementino Fraga, e contando com as luzes dos professores Roquette Pinto, Oswaldo Costa e Raymundo Moniz de Aragão, seus chefes de Departamentos especializados, professores Mário Magalhães, Miiitino Rosa e Arnoldo Rocha, e a pléiade de técnicos adestrados que lhe dedicam o melhor de sua atividade, são o penhor da excelência da produção, tôda ela rigorosamente examinada por uma entidade independente dos sectores fabris, o Departamento de Verificação, em tôdas as suas fases, desde a entrada da matéria prima, até a final entrega ao consumo.

E foi para corresponder pùblicamente às inúmeras atenções com que os têm distinguido os médicos e farmacêuticos gaúchos, que os Laboratórios Raul Leite se associaram à pude perfumes, a Sydney Ross Company mantem grandes laborató menagem ao Rio Grande do Sul.

"THE SYDNEY ROSS COMPANY"

O QUE REPRESENTA ESTA GRANDE ORGANIZAÇÃO DE FABRICO DE PRODUTOS FARMACÊUTICOS E PERFUMARIAS

O grande progresso apresentado nos últimos anos pelo nosso país não nos surpreende, se levarmos em conta as grandes possibilidades que se encontram em nosso território para todos os ramos de industrialização que se pretenda explorar.

Assim é que a novel indústria brasileira de perfumes encontra-se, hoje, já num alto índice de desenvolvimento, contando com inúmeras organizações que exploram êsse ramo, destacando-se, entre elas, a The Sydney Ross Company.



A filial da Sydney Ross Company, em Pôrto Alegre.

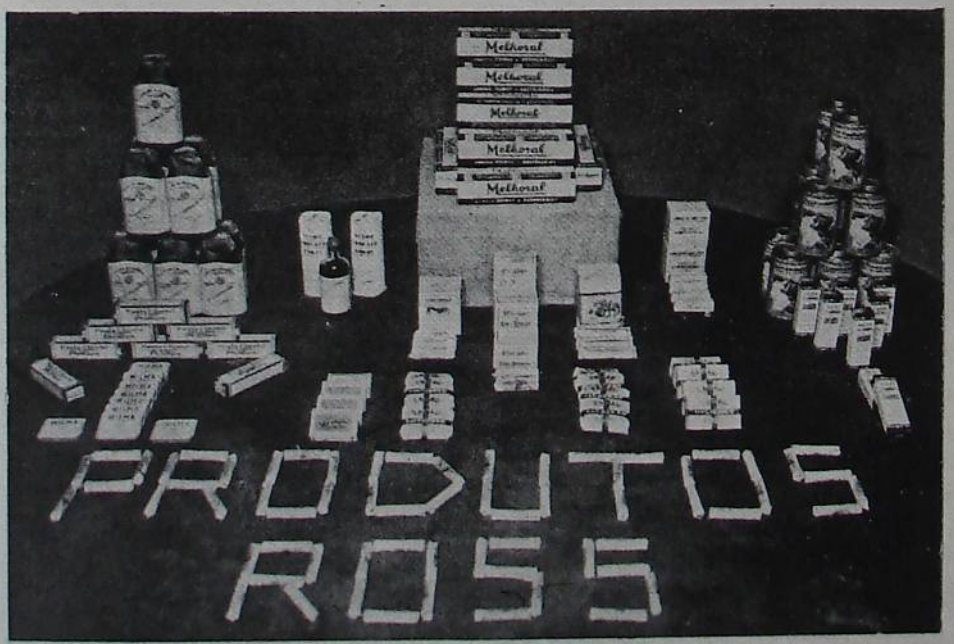
Há mais de 40 anos que o nome da Sydney Ross é conhecidíssimo por todos os latino-americanos, especialmente pelos brasileiros, e os seus inúmeros produtos farmacêuticos e perfumarias são considerados de necessidade em todos os lares, sem distinção de classe social ou idade, pois que além da secção de perfumes, a Sydney Ross Company mantem grandes laboratórios, cujos produtos são por demais conhecidos no mundo inteiro.

A Companhia foi fundada no ano de 1891, em Newark, New Jersey, Estados Unidos da América do Norte, e, logo após, passou a inaugurar fábricas e filiais em cada um dos países latino-americanos.

Em 1.922, foi inaugurada a primeira fábrica no Brasil, no Rio de Janeiro, que se fazia necessária, afim de poder melhor atender aos milhares de freguezes e clientes.

Hoje, mais de 500 funcionários brasileiros empregam suas atividades na Companhia, como seja: na fabricação, venda e propaganda de seus produtos. Com filiais em Recife, Fortaleza, Manaus, Belém, Belo Horizonte, São Paulo, Pôrto Alegre, Uberlândia e Curitiba, a Sydney Ross Company continua a manter o mesmo "standard" de qualidade e serviço, fatores êsses que a fizeram tão conhecida no decorrer de todos êsses anos.

Em princípios de 1.942, a The Sydney Ross Company entrou na luta das Democracias com o seu novo produto à base de aspirina, o Melhoral, para afastar o comércio de drogas alemãs do mapa comercial da América Latina. Em meses apenas, Melhoral tornou-se o analgésico número um, lider em todo o Brasil, e, cada dia que passa, maior se torna o número daqueles que seguem o seu grito de combate: "Melhoral é melhor e não faz mal".



Uma exposição de Produtos Ross

Vários são os produtos elaborados pela The Sydney Ross Company, entre os quais podemos citar: Pílulas de Vida do Dr. Ross, Tiro Seguro, Vigoron, Sabão Alcatrão, Sabão Sulfuroso, Sabonete Ross, Pasta Dentifrícia Ross, Leite de Magnésia de Phillips, Comprimidos Milma, Pasta Dental Phillips, Neuro Fosfato Eskay, Inhalante de Benzedrina, Talco Ross e, finalmente, Melhoral.

Ainda em princípios de 1.942, foi inaugurada a filial de Pôrto Alegre, à rua Senhor dos Passos n.º 101-104, respectivamente, tendo em vista as excepcionais e excelentes possibilidades que o grande Estado gaúcho oferece à indústria e comércio.

Hoje, esta filial acha-se empenhada em seguir os princípios da velha Sydney Ross, no seu conhecido espírito de integridade, qualidade e serviço.

S. A. DE PERFUMARIAS J. & E. ATKINSON

ALGUNS DADOS A RESPEITO DE UMA DAS PRINCIPAIS CASAS DO GÊNERO NA AMÉRICA DO SUL

Acompanhando "pari passu" o desenvolvimento dos vários setores industriais do país, também, a fabricação de perfumes atingiu ao ponto culminante, graças à iniciativa e à visão de industrialistas que se dedicam a êsse ramo. E, dentre êsses, figura em primeira grandeza a S. A. de Perfumarias J. & E. Atkinson, magnífica e modelarmente instalada em edifício próprio, à rua Maxwell, 460, na capital da República.

Entrando no 12º ano de suas atividades em nosso país, a Perfumaria Atkinson, no decorrer dêsse período, desde o início de suas operações em Maio de 1.930, só tem tido motivo de se felicitarem pela sua iniciativa.

À preferência com que as tem distinguido a sociedade brasileira deve ela, por certo, a procura sempre crescente de seus produtos. Porisso é que Royal Briar, Damosel, Medalha de Ouro, Lavender Inglesa são hoje sobejamente conhecidos em todo o Brasil como artigos de lei, indispensáveis ao toucador de tôdas as pessoas de escol.

Se é certo que melhor se afere da qualidade de um produto pela sua antiguidade, Atkinsons podem orgulhar-se de merecer o favor público desde o século XVIII, pois que, em 1.799, surgia, na Inglaterra, a primeira Perfumaria Atkinson, que, hoje, se encontra nas suntuosas e magníficas instalações de Old Bond Street.

Ao título de antiguidade juntam-se, porém, outros dois, sobremaneira relevantes: o de fornecedores da casa real britânica e da sociedade brasileira. Êste último conferiu-lhes o consenso unânime dos consumidores, representado na inequívoca preferência de que gozam os produtos da marca Atkinsons.

Querendo testemunhar o seu reconhecimento à culta sociedade brasileira, foi que Atkinsons resolveram instalar-se definitivamente em nosso país, construindo para a confecção de seus produtos uma modelar fábrica, considerada, mesmo, no gênero, uma das principais da América do Sul. Não satisfeitos, Atkinsons, em virtude da grande expansão a que atingiu o volume de seus negócios, resolveram, ainda, instalar filiais em São Paulo e Pôrto Alegre, que, em nossa capital, funciona à rua Andrade Neves, 22, filiais essas que vêm operando largamente não só na praça metropolitana bem como em todo o Rio Grande do Sul.

Assim procedendo, Atkinsons procuraram, tão sòmente, testemunhar, mais uma vez, a sua gratidão à preferência, cada vez maior, de seus produtos, com que os distingue a sociedade brasileira.

LABORATÓRIOS
URODONAL — FANDORINE

UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO DE DISTRIBUÏÇÃO DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

A indústria nacional de medicamentos constitue, hoje em dia, uma nova fonte de riqueza do Brasil.

Verdadeiras organizações especializadas estão trabalhando com modernos maquinismos para apresentarem ao público especialidades farmacêuticas que são também exportadas para a América do Sul, do Centro e do Norte e não raro para a Europa e África.

Os Laboratórios Urodonal-Fandorine, cujas especialidades farmacêuticas como JUBOL, URODONAL, FANDORINE, PAGEOL, SINUBERASE, GYRALDOSE e tantas outras, tão famosas, estão magnìficamente organizados em todo o país e muito principalmente no Rio Grande do Sul, onde ràpidamente conquistaram uma posição de destaque, graças à orientação dada aos seus negócios pelo seu agente-depositário, sr. J. C. H. Brouilhet, que possue, na especialidade, o que há de mais eficiente.

Recentemente, êsses laboratórios lançaram pelo seu Departamento de Divulgação uma original publicação que foi distribuída em tôdas as localidades do Estado, sob a denominação de "Família dos Viva Contente" e que alcançou o maior êxito, graças ao bem organizado serviço de distribuïção e contrôle. Uma tiragem de 500.000 exemplares totalmente distribuída veio provar o valor do mercado riograndense nesse ramo da economia brasileira.

Com tal finalidade e com essa organização, os Laboratórios Urodonal-Fandorine estão credenciados para grangearem sempre a preferência das classes médica e farmacêutica e de milhares de consumidores gaúchos.

LABORATÓRIO
G E Y E R L T D A .

O SEU DESENVOLVIMENTO E VALIOSA COOPERAÇÃO PARA A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Um dos setores do parque industrial de Pôrto Alegre que vem, dia a dia, se desenvolvendo numa marcha ascendente, é, sem dúvida, o da indústria farmacêutica. Inúmeros são os estabelecimentos que se dedicam a êsse ramo de industrialização, contando-se, entre êles, o que obedece à direção científica do dr. Carlos Geyer, nome acatado nos meios científicos e da classe médica brasileira.

Magnìficamente instalado, à rua Pelotas, 320, o Laboratório Geyer Ltda., fundado a 1.º de Outubro de 1929, dedica-se, exclusivamente, à manipulação de especialidades farmacêuticas, hipodermoterapia, hormoterapia, produtos químicos e oficinais, produtos biológicos (vacinas bucais e injetáveis), produtos veterinários, insulina Geyer, extrato hepático Geyer, catgut "Athena", peptonas em geral, lecitina de ovo, etc.

Mantem, ainda, o Laboratório Geyer Ltda. depósitos e representantes no Rio de Janeiro, à rua do Senado 333; em São Paulo, à Líbero Badaró, 94; na Baía, na cidade do Salvador, à rua Teixeira de Freitas, 6; em Recife, à rua da Praia, 183; em Belo Horizonte, à rua Curitiba, 160; em Fortaleza, à rua dr. Pedro Borges, 130; em Curitiba, à rua Alfredo Bufrem, 59; em Florianópolis, à rua Cons. Mafra, 36; e ainda em Pelotas, à rua General Neto, 403; e Rio Grande, à rua General Bacelar, 259.

Modelarmente instalado em edifício próprio, o Laboratório Geyer Ltda. que obedece à direção imediata de seu proprietário, o abalizado médico, dr. Carlos Geyer, honra sobremaneira a indústria farmacêutica pôrto-alegrense.



Pôrto Alegre, sendo a Capital de um Estado que ocupa, na economia do país, o terceiro logar, figurando mesmo em alguns artigos importantes, em primeiro plano no Continente sul-americano, não podia deixar de possuir um comércio à altura dêsse desenvolvimento.

O número de estabelecimentos comerciais tanto no centro como nos subúrbios, eleva-se, segundo os últimos dados estatísticos, a 2.310, compreendendo atacado e varejo, com um total de 9.397 empregados e com um capital invertido no valor de 218.122:500$000 e tendo um movimento anual para mais de 1.500 mil contos de réis.

O comércio importador e exportador é composto de mais de 1.000 casas, tôdas com grandes estoques e avultado capital, segundo as estatísticas oficiais.

Pôrto Alegre possue estabelecimentos comerciais de todos os ramos de negócios. Com instalações as mais modernas e luxuosas, com suas vitrines amplas e artisticamente decoradas, com os seus grandiosos e belíssimos letreiros luminosos, emprestam à Cidade Sorriso uma caraterística de urbs "rafinée" e elegante.

Muitos dêsses estabelecimentos estão instalados em majestosos prédios próprios aos fins a que se destinam.

Entre as casas de modas e artigos femininos e confecções para homens destacam-se em primeiro plano a Casa Sloper, Etan, Cecilia Louro, Lord, Soares, Mme. Maurer, Alfaiataria Roxy, Adriática, Guaspari, Renner, Cassacia; nas joalherias salientam-se a Casa Masson, Amabile, Ibañez, Scarpini, Foerges Irmãos, Pio Contreiras; em outros ramos temos a notar casas que, só por seu nome, são um atestado de sua importância, como: Bromberg S. A., Casa Victor, Casa Krahe, Casa Tschiedel, Tapeçaria Broadway, Casa Magnus, Casa das Molduras, Bazar Abelheira; no ramo artigos para esporte: Casa Sport e Casa Atlética; no ramo camisarias: Casa Yankee, Aliança, Rio Branco; sapatarias: Seabra, Clark, A Simpatia, Casas Colombo, Filipozzi, Barreto.

O que dá, porém, uma nota de elegância e bom gôsto à Capital Gaúcha são os seus restaurantes, bomboniéres e modernos cafés sem número entre os quais ressaltam pelas suas montagens ultra-chiques as bomboniéres Jan, Woltman, Central; os restaurantes Ghilosso, Palácio do Comércio, do Mário, Franciscano, Pelotense, Vera Cruz, Elite, D. Maria; os cafés Nacionais, Santos, Roxi, Rex, Matheus; os bares e confeitarias Cruz de Malta, Pelotense, Rocco, Balú, Tupí, Neugebauer, Schramm.



PÔRTO ALEGRE, GRANDE CENTRO DE TRANSAÇÃO COMERCIAL.

A-pesar-de não ser pôrto marítimo, pois acha-se localizado à margem do rio Guaíba, a capital gaúcha é um empório comercial de primeirissima ordem.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY

UMA ORGANIZAÇÃO QUE VEM CONTRIBUINDO PARA O PROGRESSO COMERCIAL E AGRÍCOLA DO PAÍS

A International Harvester Export Company em Pôrto Alegre é uma das três filiais dessa Companhia no Brasil.

Com sede em Chicago, nos Estados Unidos, a International Harvester Export Company mantem uma organização comercial mundialmente conhecida. Em 1926, estendeu as suas atividades também ao Brasil, abrindo a sua primeira filial no Rio de Janeiro e logo a seguir as de São Paulo e Pôrto Alegre.



Sede da International Harvester Export Company em Pôrto Alegre.

Desde o início de suas atividades no Brasil, a International Harvester Export Company vem contribuindo para o progresso sistemático comercial e agrícola do nosso país, colocando no mercado os caminhões International, as máquinas agrícolas International, McCormick-Deering, etc., bem como tratores de rodas e de esteiras (Trac-Tractores) International que tanto auxiliaram a lavoura brasileira até hoje.

Atualmente, a organização International Harvester, no Brasil, possue um grande número de agentes e distribuïdores espalhados por todo o território nacional, prontos a servir a todos os possuïdores de máquinas e caminhões International — mesmo dos modelos mais antigos, — dando-lhes assistência mecânica eficiente e fornecendo-lhes peças sobressalentes legítimas, cujo estoque principal no valor de milhares de contos de réis é mantido nas três filiais do Rio de Janeiro, São Paulo e Pôrto Alegre.



Salão de exposição e escritórios.

Desde 1937, a International Harvester Export Company vem cooperando eficazmente na expansão rodoviária do Brasil, fornecendo os seus modernos tratores e máquinas para construção e conservação de estradas de sua representação exclusiva.

A International Harvester tem imensa satisfação em ver coroados de êxito os seus esforços no sentido de contribuir para o progresso sempre crescente do comércio e da agricultura no Brasil.

BROMBERG S. A. — IMP. COMERCIAL E TÉCNICA

MODELAR ENTIDADE, CUJA ORGANIZAÇÃO DE PRIMEIRA ORDEM E APARELHAMENTO A COLOCAM ENTRE AS PRIMEIRAS DO PAÍS

O parque comercial de Pôrto Alegre é, indiscutìvelmente, um dos setores de maior grandeza dentro da economia riograndense, não só pelo intenso movimento de seus estabelecimentos comerciais, como ainda, e muito principalmente, pela sua solidez e pelas grandes organizações que nele operam.

E, ao falarmos do parque comercial pôrto-alegrense, não poderíamos deixar de referir-nos a uma de suas mais conceituadas organizações, qual seja a firma Bromberg Sociedade Anônima Importadora, Comercial e Técnica, magnìficamente instalada com matriz, nesta capital, e filiais nas cidades de Pelotas e Rio Grande.

A Bromberg Sociedade Anônima Importadora, Comercial e Técnica é uma entidade fundada e mantida por acionistas brasileiros e que vem desenvolvendo sua ação desde muitos anos, dedicando-se aos ramos de maquinária agrícola e industrial e conexos, ferragens, eletricidade, ferros, lubrificantes, produtos para defesa da indústria pastoril, etc., sendo uma grande firma brasileira em seu gênero. As vendas são feitas por atacado e a varejo, possuindo a firma, para tal fim, secções especializadas, a cargo de pessoal competente.

Em Pôrto Alegre, a Bromberg Sociedade Anônima Importadora, Comercial e Técnica funciona nos seguintes locais: secção de ferragens — rua 7 de Setembro 1126; secções de máquinas e eletricidade — rua Siqueira de Campos 1208 e 1222; secção de ferros — rua Voluntários da Pátria 506; e secção a varejo — rua Andradas 1546.

As filiais de Pelotas e Rio Grande são, também, estabelecimentos de primeira ordem e dispõem de eficiente organização e aparelhamento técnico.

Mas não é sòmente no setor comercial que Bromberg Sociedade Anônima Importadora, Comercial e Técnica presta relevantes serviços à economia riograndense. A sua ação se faz sentir, também, e muito destacadamente, no incremento das fôrças produtoras, proporcionando-lhes tôdas as máquinas e aparelhos indispensáveis ao desenvolvimento progressivo dos trabalhos da indústria, da agricultura e da pecuária em nosso Estado.

A Bromberg Sociedade Anônima Importadora, Comercial e Técnica é administrada por uma diretoria composta de três membros, que lhe vêm imprimindo um ritmo de crescente prosperidade. São os atuais diretores os Snrs. Luiz Siegmann, Max Ertel e Paulo Bromberg, figuras de projeção não só no alto comércio da praça de Pôrto Alegre, como também no do Estado. Os dois primeiros ocupam os respectivos cargos desde o ano de 1934, tendo sido o Snr. Paulo Bromberg eleito no ano passado, em substituïção ao venerando Snr. Carlos Paetzel, que por muitos anos ocupou o cargo de diretor, tendo-se recolhido à vida privada por motivos de saúde.



A secção de ferragens da Bromberg S. A.

Pela sua sólida e aprimorada organização e pela extensão de suas transações comerciais, a Bromberg Sociedade Anônima Importadora, Comercial e Técnica representa, indubitàvelmente, um padrão de orgulho para a Metrópole Gaúcha, que na prosperidade dessa notável emprêsa vê refletir-se e confirmar-se o espírito construtivo de seus filhos.

C A S A R. F A L K

O QUE SÃO OS DOZE ANOS DE ATIVIDADE DESSA ORGANIZAÇÃO QUE HONRA O COMÉRCIO PÔRTO-ALEGRENSE

Doze anos de grande atividade marcam o desenvolvimento dessa firma, distribuïdora para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina das afamadas máquinas de costura "NEW HOME" — para fins domésticos, e "UNION SPECIAL" — para fins industriais, ambas de procedência norte-americana.

Localizada, inicialmente, apenas em Pôrto Alegre, a Casa R. Falk viu-se obrigada, com o decorrer dos anos, para bem atender os seus inúmeros clientes, a ampliar a organização, criando sucursais em todo o território do sul do país. Assim é que conta, hoje, com 3 filiais e 45 agências, com um total de 110 empregados, entre funcionários e vendedores.

Tanto a matriz como as filiais mantêm cursos gratuitos de corte e bordado, registrados na Secretaria de Educação. As alunas que freqüentam êsses cursos recebem um "Certificado de Habilitação", que lhes é conferido depois de se submeterem às provas práticas regulamentares e que as torna aptas a exercer a profissão.

Dessa maneira, a Casa R. Falk, ao mesmo tempo que estimula o gôsto pela arte de coser e bordar, colabora com a nova mentalidade dos governantes na formação profissional das nossas patrícias.

Já se tornaram familiares aos pôrto-alegrenses as duas vitrines de apurado gôsto, que assinalam o local da matriz da Casa R. Falk em Pôrto Alegre, à Rua dos Andradas 1666.

A escola de corte e bordado, com magníficas instalações, funciona no 2.º andar do prédio n.º 1664, situado na mesma rua.

M Á Q U I N A S "S I N G E R"

EXPRESSIVA EVIDÊNCIA DESSAS MÁQUINAS DE COSTURA DE RENOME UNIVERSAL

O nosso mercado importador apresenta a todos os produtos manufaturados um vasto campo de ação, principalmente de máquinas em geral.

E, entre estas, destacam-se em primeiro plano as máquinas de costura, cuja importação atinge, indiscutìvelmente, a um grau elevado, imperando, no entretanto, as máquinas "Singer".

Não há quem desconheça em todo o mundo essa marca de máquinas de costura, de fabricação inglesa, que, com justa razão, já grangearam renome universal. Possuindo, hoje, a sua casa matriz em New York, ramificou-se em tôdas as partes do mundo, tendo estabelecido filiais nas diversas cidades do Brasil.

Entre suas filiais, destaca-se a de Pôrto Alegre, fundada em 1.890, e magnificamente instalada à rua dos Andradas, 1.315, contando, ainda, com um departamento técnico industrial, sito à rua Senhor do Passos, 45, eficientemente aparelhado.

Inúmeros são os serviços que as Máquinas "Singer" vieram prestar à economia popular, introduzindo-se nas camadas menos favorecidas da fortuna graças ao seu sistema de vendas a prestações.

Tendo-se em conta a durabilidade das máquinas "Singer", graças à excelência do material empregado em seu fabrico, o custo das mesmas é, por assim dizer, nulo. Têm sido constantes os melhoramentos introduzidos pelos fabricantes, principalmente no que toca a acessórios.

Não é, pois, sem razão, que as máquinas "Singer" conquistaram essa fama universal e gozam de imensa preferência em tôdas as camadas da população.

A sua marca vitoriosa é um sinônimo de rendimento e durabilidade.

C A P E L L I & C I A .

UMA FIRMA QUE SE IMPÔS NO RAMO DE REPRESENTAÇÕES DE MAQUINÁRIO E ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

Um dos setores comerciais da grande Metrópole gaúcha que se encontra num adiantado grau de desenvolvimento e franco progresso, é o do ramo de representações em geral.

Vários são os estabelecimentos que se dedicam a êsse ramo de negócios, gozando da mais invejável reputação. E, entre êsses, impõe-se, pela sua maneira impecável de trabalhar, o da firma Capelli & Cia., magnìficamente instalada à avenida Otávio Rocha, 248/254, na parte térrea do majestoso edifício Comendador Chaves.

São êsses conceituados comerciantes os únicos representantes, para o nosso Estado e o de Santa Catarina, das afamadas máquinas de somar "Addo" e de calcular "Facit", produtos êsses das mundialmente conhecidas fábricas Aktie. Bolaget "Addo" e "Facit" da Suécia.

Representa, ainda, a firma Capelli & Cia., com exclusividade para o nosso Estado, as renomadas máquinas de escrever "Royal-Regal", de fabricação norte-americana.

Além disso, conta a referida firma com várias outras representações, bem como um variado e modernìssimo estoque de artigos em geral para escritório, possuindo, ainda, nesse local, oficinas próprias e especializadas no ramo a que se vem dedicando há já alguns anos, impondo-se, mesmo entre suas congenêres, não só pela maneira correta com que atende aos seus clientes, como pela hábil direção que lhe imprimiram em suas transações os componentes da firma Capelli & Cia., figuras destacadas no comércio de representações de Pôrto Alegre.



O interior das instalações da firma Cappeli & Cia à avenida Otávio Rocha, 248/254.

SANTOS, WALDEMAR & CIA.

GRANDES DISTRIBUÏDORES DE PRODUTOS RIO-GRANDENSES NOS MERCADOS CONSUMIDORES NACIONAIS

Inegàvelmente, o comércio de representações muito tem cooperado para a maior distribuïção de produtos procedentes dos mais variados centros produtores, quer sejam nacionais quer sejam estrangeiros, fomentando, dessa maneira, um maior desenvolvimento do intercâmbio comercial, entre Estados do mesmo país, bem como entre nações diferentes.

E deve-se êsse impulso econômico exclusivamente a várias organizações que, orientadas por homens de negócio de larga visão comercial, dedicam tôdas as suas energias e tôdas as suas atividades a essa modalidade de comércio, propugnando, assim, para uma maior aproximação de amizade entre os povos em geral.

Nesse número, aliás elevado no gênero, destaca-se, em primeiro plano, a organização dirigida pela conceituada firma carioca Santos Waldemar & Cia., estabelecida à rua Mayrink Veiga, 28 — 3.º andar — sala 5, na Capital da República.

Formando na vanguarda do comércio de representações, o estabelecimento dos srs. Santos Waldemar & Cia., com comissões, consignações e representações em geral, muito tem contribuído para a distribuïção dos produtos riograndenses, tanto na capital da República como no Norte do país, destacando-se, entre êles, o arroz, produto a que os srs. Santos, Waldemar & Cia. dedicam especial cuidado.

Eis como êsse importante escritório de representações coopera na difusão de nossos produtos nos demais mercados consumidores nacionais.

BASTO, CARVALHO & CIA.

A VALIOSA CONTRIBUÏÇÃO DESSA FIRMA NO FORNECIMENTO DE MATERIAIS PARA OS SERVIÇOS PÚBLICOS E FÁBRICAS LOCAIS

O desenvolvimento do comércio em Pôrto Alegre proporcionaria, a quem quisesse escrever uma grande obra, manancial infinito de recursos amplìssimos. Rica é a sua história, na amplitude que tomaram todos os seus ramos de atividade. Os seus últimos anos, principalmente, oferecem momentos notáveis para o escritor, prendendo-o, fascinando-o.

Num dos capítulos, quando se fizesse referência à colaboração das nossas firmas ao ramo de representações e fornecimentos, ocuparia destacado lugar a firma Basto, Carvalho & Cia., que já conta com 25 anos de atividade, firmando-se como um dos baluartes do progresso e desenvolveimento do comércio da metrópole riograndense.

Fundada em 1917, em sucessão à firma individual de Adel B. Carvalho, tem cooperado muito para o desenvolvimento do Estado, quer no fornecimento de materiais para os serviços públicos (Estradas de ferro e de rodagem, águas e esgotos, portos, iluminação, etc.), quer no estabelecimento ou desenvolvimento de diversas fábricas locais.

São seus sócios solidários os Srs. Antônio Lemos Basto, Adel Carvalho e Fernando N. Pons, todos naturais da cidade de Rio Grande. A gerência está confiada ao Sr. João Azambuja Santos, que tem como principais auxiliares os Srs. Helbon Guerreiro de Araujo, contador, e Antônio Gomes Marques, secretário.

A firma Basto Carvalho & Cia. representa no Estado diversas e importantes casas norte-americanas, inclusive a American Locomotive Co., que forneceu à Viação Férrea, em 1921, as primeiras locomotivas especialmente desenhadas e construídas para a queima eficiente do carvão riograndense.

A casa Basto, Carvalho & Cia. tem sua sede em Pôrto Alegre, à rua Voluntários da Pátria, 910, sendo o endereço telegráfico "BASCAR".

C A S A F I L I P P O Z Z I

UM RÁPIDO HISTÓRICO DO QUE TEM SIDO A CONHECIDA CASA DE CALÇADOS DA AVENIDA OTÁVIO ROCHA, ATRAVÉS DOS SEUS 37 ANOS DE EXISTÊNCIA

Pôrto Alegre, a nossa metrópole sorriso, nestes últimos anos — já é lugar comum dizê-lo — vem revelando uma evolução espantosa em todos os seus setores. O incremento tomado por tôdas as atividades humanas deu à linda metrópole gaúcha essa sua feição de cidade febril e agitada. Em cada rua, em cada esquina pode-se verificar o ritmo trepidante de sua nova vida. De sua vida de cidade grande em que se transformou.

Na história de sua vertiginosa evolução, especialmente no que diz respeito à sua vida comercial, figura em logar de relêvo a popular e conhecida "Casa Filippozzi" do sr. Domingos Santos Filippozzi, à avenida Otávio Rocha, ns. 74 e 78. A vida dêsse estabelecimento é um atestado eloqüentíssimo da tenacidade de trabalho do fundador dessa casa.

Foi fundada a "Casa Filippozzi", hoje a mais luxuosa loja da cidade, no dia 2 de setembro de 1905, na antiga Floresta, hoje Cristóvão Colombo, pelo sr. Sílvio Luiz Filippozzi que se empregou, se identificou, com carinho e abnegação, à obra por êle criada.

Já com nome firmado entre os principais estabelecimentos comerciais daquele tempo, a "Casa Filippozzi, em 1907, transferiu-se para a rua General Vitorino n.º 200, continuando, de maneira ainda mais próspera e eficiente, a sua atividade comercial. Naquele prédio viveu a "Casa Filippozzi" o mais longo tempo de sua existência, conseguindo captar a simpatia do público em geral e negociando com formidável freguesia.

Alí esteve o estabelecimento até fevereiro de 1921, quando sua sede foi transferida para a rua Vigário José Inácio n.º 67 (hoje 475), onde, definitivamente, se fixou no conceito público.

Trabalhando sempre com a mais acentuada honestidade, oferecendo, a preços baratíssimos, os mais variados e excelentes tipos de calçados, procurando servir com exatidão e presteza à sua enorme clientela, o sr. Sílvio Luiz Filippozzi esteve à frente de seu estabelecimento até o dia 13 de março de 1931, data de seu falecimento.

Com a morte do seu chefe e organizador incansável, a "Casa Filippozzi" passou a ser dirigida pela exma. viúva de seu proprietário, que continuou, no mesmo rumo certo e criterioso, a grande obra legada pelo seu espôso.

Assim, girando sob a firma Vva. Sílvio Luiz Filippozzi, viveu essa perfeita organização comercial, que é a "Casa Filippozzi" até o dia 1.º de fevereiro de 1933, data em que o sr. Domingos Santos Filippozzi, seu atual proprietário, assumiu a direção do estabelecimento, transferindo-o, então, para a avenida Otávio Rocha ns. 74 e 78, em luxuoso edifício próprio, com amplas salas, que preenchem os mais exigentes requisitos modernos.

A-pesar-de ser, no gênero, a primeira loja da cidade, a "Casa Filippozzi", em 1935, comemorando o seu 30º aniversário de fundação, introduziu em suas dependências várias e importantes reformas, tornando-se, destarte, uma das melhores lojas de calçados do País.

Além do que fica exposto, o suficiente para mostrar claramente o que é e o que tem sido a "Casa Filippozzi" âtravés dos seus 37 anos de existência, acresce que o estabelecimento, a que aquí, ràpidamente, nos referimos, é depositária das melhores marcas de calçados, nacionais e estrangeiros, o que já bastaria para justificar o elevado conceito de que goza por parte do nosso público.

A L F A I A T A R I A R O X Y

ORGANIZAÇÃO MODELAR QUE CONQUISTOU A FINA FLOR DA SOCIEDADE PÔRTO-ALEGRENSE



O comércio pôrto-alegrense, dia a dia, cresce a olhos nus, num desenvolvimento que muito condiz com o seu atual progresso em todos os setores de suas múltiplas atividades.

A grande metrópole gaúcha conta com os mais variados estabelecimentos comerciais e que, operando com avultados capitais, se dedicam, também, aos mais variados ramos de negócios.

Entre os seus inumeros estabelecimentos comerciais, destaca-se a grande Alfaiataria Roxy, organização que no genêro, inegàvelmente, marcha na vanguarda de suas congêneres.

Fundada em 1.936, pelo conceituado negociante sr. Antônio Stoduto, está a Alfaiataria Roxy magnìficamente instalada à rua José Montauri, 38, e possue uma clientela de primeira ordem, pois, dado o esmêro de seus trabalhos, conquistou, inegàvelmente, a fina flor da sociedade pôrto-alegrense.

Dirigida, técnica e comercialmente, pelo seu fundador e proprietário, homem de grande capacidade de trabalho e conhecedor profundo de seu "metier", tanto para homens como para senhoras, a Alfaiataria Roxy emprega em tôdas as suas confecções sòmente casimiras estrangeiras e nacionais de primeira ordem.

E, assim, por todos êsses motivos, conseguiu a Alfaiataria Roxy impor-se entre as demais congêneres, trabalhando, efetivamente, para a alta sociedade local, graças ao seu bom gôsto e ao fino acabamento de suas obras.

Pôrto Alegre, para seu abastecimento, possue numerosos estabelecimentos fornecedores de gêneros de primeira necessidade, todos montados com os requisitos da mais apurada higiene. Assim, a Capital Riograndense conta para mais de 250 açougues, 1.350 armazéns de secos e molhados e com um mercado público onde, nas suas 48 bancas, veem-se, sempre com abundância e fartura, as mais belas frutas não só originárias do Estado como do resto do país; também aí se destacam frutas provenientes da Argentina e que estão tendo muito boa aceitação, principalmente as sêcas, por parte da população pôrto-alegrense. Ainda temos o Mercado Livre, onde se encontram as mais belas hortaliças e legumes.

Para fornecimento de carne verde à população de Pôrto Alegre, foram abatidos, no ano de 1939, 67.239 bovinos com 15.274.700 quilos, 8.473 suínos com 186.400 quilos e 1.861 ovelhas com 33.500 quilos.

No mesmo ano o consumo de leite foi de 17.320.020 litros.

FRIGORÍFICOS NACIONAIS SUL BRASILEIROS LTDA.

UMA MODERNÍSSIMA ORGANIZAÇÃO NACIONAL, DESTINADA À INDUSTRIALIZAÇÃO DO GADO BOVINO E SUÍNO

Os Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros, Ltda., com sede em Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, constituem a mais bem aparelhada organização nacional para a industrialização moderna de gado bovino e suíno, assim como preparação de carnes enlatadas e conservas de legumes.

O seu grande estabelecimento frigorífico está situado nas marges do Rio Gravataí e dispõe de fábricas em Caí, Bom Retiro, Lajeado, Carasinho, Santo Ângelo, Cotiporã, Silva Pais, Viadutos e José Bonifácio no Estado do Rio Grande do Sul, e em Tubarão, no Estado de Santa Catarina.

O escritório central dos Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros, Ltda., está situado em Pôrto Alegre, à Rua Uruguai n.º 91, 2.º Andar. Mantem filial no Rio de Janeiro e representantes nas principais cidades de todos os Estados do Brasil. Exporta em larga escala para os mercados nacionais e estrangeiros, banha; Corned-beef; carne congelada, bovina e suína; presuntos cozidos enlatados; Corned-Pork e aproximadamente mais de 70 produtos e sub-produtos. As suas marcas registradas são "Aliança", "Oderich" e "Sol". Presuntos "Pan-Ham".

Pela excelência dos seus métodos de fabricação, pela sua constante ampliação, destaca-se nitidamente entre as grandes organizações nacionais, destinada a pôr em alto relêvo a Indústria Brasileira.

D A R C Í S I Q U E I R A D A S I L V A

FIRMA DE REAL DESTAQUE NO RAMO DE EXPORTAÇÃO DE CEREAIS

Várias são as organizações comerciais que se dedicam ao ramo de exportação de cereais em nossa capital. No entretanto, dentre essas, destaca-se pela sua magnífica diretriz, a da firma Darcí Siqueira da Silva, com sede à Avenida Mauá, 1793, no edifício Costi — sala 16.

Essa conceituada organização comercial obedece exclusivamente à orientação de seu chefe, o conhecido homem de negócios, dr. Darcí Siqueira da Silva, bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas desta capital.

Iniciou suas atividades comerciais no vizinho município de Guaíba, como gerente da firma Florêncio da Silva Pí & Cia., proprietária do engenho de arroz — Engenho Brasil, de 1926 e 1936. Desta época até fins de 1939, foi o arrendatário do referido engenho, onde se mostrou um grande conhecedor dêsse "metier", tornando-se, mesmo, um dos mais importantes arrozeiros daquela comuna — Barra do Ribeiro. Em fins de 1940, abandonando aquele setor de suas atividades, regressou o dr. Darcí Siqueira da Silva a sua terra natal, Pôrto Alegre, onde se estabeleceu com o ramo de exportação de cereais, principalmente de arroz, cereal do qual é um grande conhecedor, representações e consignações em geral.

Eis aí, em linhas gerais, o que é a organização comercial da conceituada firma Darcí Siqueira da Silva, cuja idoneidade moral, material e comercial goza da mais invejável reputação.

P A D A R I A " A U R O R A "

ESTABELECIMENTO PANIFICADOR MODELAR ENTRE OS CONGÊNERES, DOTADO DE MODERNÍSSIMO EQUIPAMENTO MECÂNICO

A indústria da panificação em Pôrto Alegre tomou grande impulso nas últimas décadas, acompanhando o desenvolvimento que se fazia sentir em todos os demais setores de atividades da metrópole gaúcha. Nesse desenvolvimento encontramos, de maneira destacada, a atuação da "Padaria Aurora", estabelecimento panificador largamente conhecido por tôda a população.

Fundada no ano de 1903, desde então firmou-se no conceito público, mercê da excelência dos produtos apresentados. Acompanhando com cuidado tôda a evolução da panificação, o estabelecimento da rua Voluntários da Pátria, n.º 841 pode orgulhar-se de constituir exemplo para as casas congêneres da capital.

Seu proprietário, o sr. Manoel Silva, com largo tirocínio comercial e conhecedor perfeito dos segredos da indústria da panificação, dotou o seu estabelecimento de todos os requisitos técnicos necessários, bem como observando sempre os mínimos detalhes da higiene. Assim, a "Padaria Aurora" dispõe de um equipamento modernissimo, como cilindros e amassadeiras mecânicas, fornos modernos e de grande capacidade. Além disso, todos os seus produtos são controlados por pessoas de grandes conhecimentos do ramo, de modo a apresentá-los sempre em condições de satisfazer o mais exigente e o mais variado paladar.

A "Padaria Aurora" oferece sòmente em biscoutos uma variedade de 50 qualidades, além de outras qualidades de bolachas, doces e demais produtos do ramo, especializando-se na fabricação do "Pão Suíço". O estabelecimento aceita e executa com presteza qualquer encomenda para festas, casamentos e outras comemorações.

PÔRTO ALEGRE — CIDADE TURÍSTICA

A grande Metrópole gaúcha, com sua vasta população, seu esplêndido desenvolvimento que a credenciam como centro moderno e civilizado, constitue um dos maiores atrativos que enriquecem o esplêndido patrimônio do turismo riograndense.

Pôrto Alegre — a Cidade Sorriso — é para o turista uma surpresa encantadora e agradabilíssima. Ornada de muitos atributos naturais e materiais, já se tornou, em hierarquia, a terceira cidade do Brasil. E aparece aos olhos dos viajantes felizes que a ela vêm ter, quer por terra, por mar ou ar, numa sucessão de aspectos os mais variados, de verdadeiro valor turístico, sempre magnífica.

Imponentes edifícios públicos, modernos arranha-céus pontilham as belas avenidas e ruas animadas por uma multidão cosmopolita e tumultuosa, e o tráfego intenso, o ruído e o movimento, lembram, em certas horas, o coração de uma verdadeira Metrópole.

Os turistas — essa família errante e ávida de cousas belas e raras — já encontram na maravilhosa capital gaúcha tudo o que lhes podem oferecer os maiores centros metropolitanos.

Possue a cidade número um dos pampas lindas praias que a marginam em tôda a sua área, entre as quais se destacam pela sua beleza natural e confôrto que oferecem aos seus visitantes, a Vila Assunção, a mais próxima do centro, a de Pedra Redonda, a de Ipanema, a do Espírito Santo, a do Guarajá, a de Belém Novo, nas quais se encontram belíssimas vivendas e excelentes hotéis, restaurantes, bares, etc.

Luxuosos e confortáveis teatros, cinemas e outros centros de diversões encontram-se em todos os recantos de Pôrto Alegre, destacando-se entre seus mais magníficos, o Teatro São Pedro, os cinemas Imperial, o Roxy, o Vera Cruz, o Guaraní, o Rex, o Carlos Gomes, o Central, o Apolo, o Castelo, o Avenida, o Coliseu, o Colombo, além de inúmeros outros, localizados nos bairros e subúrbios.

Oferece, ainda, a capital riograndense aos viajantes confortáveis e magníficos hotéis, restaurantes, cafés, bares, etc., entre os quais se destacam o Grande Hotel, o Novo Hotel Jung, Hotel Carraro, o Hotel do Comércio, o Magestic Hotel, e muitos outros, todos ôtimamente aparelhados para os misteres a que se destinam.

Os serviços de transportes de Pôrto Alegre acham-se à altura de suas necessidades e de seu grande desenvolvimento. Inúmeras emprêsas particulares exploram êsses serviços, empregando para isso seguros e confortáveis veículos terrestres e aéreos. Entre as principais organizações dêsse gênero, citamos a Companhia Carrís Pôrto Alegrense, que explora os serviços de bondes elétricos, a "Varig" — Emprêsa Viação Aérea Rio Grandense, que liga a capital a tôdas cidades principais e estações balneárias do Estado; a "Santa" — Sociedade Anônima de Transportes Aéreos, com matriz na Capital da República e filial em Pôrto Alegre; e inúmeras emprêsas particulares de ônibus, as quais, empregando confortáveis veículos, transportam a todos os recantos da cidade a população pôrto-algrense.

Enfim, Pôrto Alegre surpreende o turista com sua feição civilizada de grande cidade.

Suas perspectivas urbanas situam-na numa invejável posição de destaque entre as demais capitais brasileiras, e muito há que ver e admirar nesta linda cidade que caminha a passos largos de encontro à sua gloriosa predestinação turística.



PÔR DO SOL NO GUAÍBA

A singular beleza da paisagem pôrto-alegrense é a razão de ser do rápido desenvolvimento do turismo para a metrópole gaúcha.

SERVIÇOS DE TRANSPORTE MODERNO

VIAÇÃO AÉREA RIOGRANDENSE "VARIG"

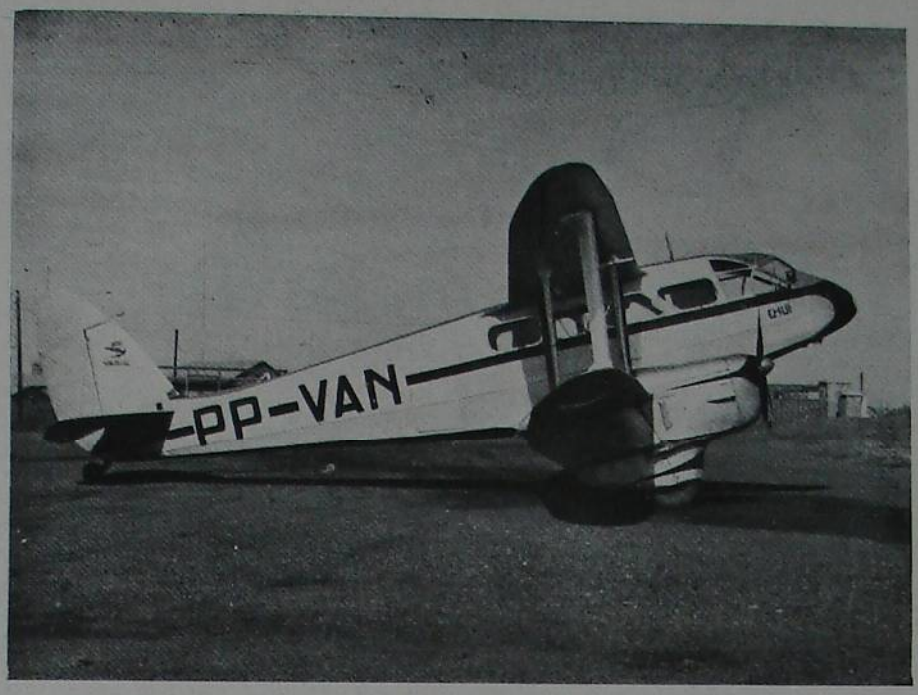
O CONCURSO DE INESTIMÁVEL VALOR DESSA VANGUARDEIRA NO MOVIMENTO DE CONSOLIDAÇÃO DO TRANSPORTE AÉREO

Os que, no futuro, recorrerem aos anais do transporte aéreo brasileiro, não poderão deixar de registrar, como título de benemerência para a cidade de Pôrto Alegre, a circunstância de ter sido em seu meio que se cristalizou a primeira tentativa para dotar o Brasil das asas do progresso, e proporcionar-lhe o instrumento de desenvolvimento com que sonhou Santos Dumont.

Houve, em verdade, projetos anteriores, mas, por uma razão ou outra, continuaram todos destituídos de significação, até que um grupo de cidadãos de Pôrto Alegre, sob as vistas benevolentes do Govêrno, e com o auxílio de outros 500 sul-riograndenses, abraçou a fundação da VARIG, dando corpo a uma idéia para a qual o Brasil era, forçosamente, um campo excepcional de experimentação.

Não cumpre aqui relatar, com minúcias, as dificuldades que no princípio se antepuseram à realização dêsses elevados objetivos, algumas provenientes da técnica incompleta do tempo, outras da falta de experiência num campo de ação indevassado no Brasil. O que nos incumbe pôr de manifesto neste livro, é que por todos êsses anos da luta jamais faltou, aos promotores da iniciativa, o apôio moral e material dos gaúchos, e principalmente dos pôrto-alegrenses na vanguarda dêsse movimento de consolidação do transporte aéreo: os sul-riograndenses foram, por muito tempo, os clientes mais infatigáveis também de tôdas as outras companhias que se fundaram no Brasil, e por mais de uma dezena de anos o movimento de Pôrto Alegre, com os seus 350.000 habitantes apenas, ficava no encalço ou até sobrepujava o da Capital Federal.

O concurso que a VARIG atualmente presta ao seu Estado e ao País, se concretiza nas seguintes cifras anuais de movimento: 600.000 quilômetros de vôo sôbre quatro linhas regulares exploradas durante todo ano, com um volume médio de serviços de 10.000 passageiros, 70 toneladas de pequenas encomendas e 12 toneladas de correio aéreo. A regularidade do tráfego foi gradativamente para quasi 99%. As linhas exploradas pela emprêsa no Rio Grande do Sul são, atualmente, as seguintes: Pôrto Alegre-Pelotas: em serviço diário, menos aos domingos; Pôrto Alegre-Pelotas-Bagé-Dom Pedrito-Livramento: em serviço tri-semanal, com prolongamento bi-semanal para Quaraí e Uruguaiana; Pôrto Alegre - Passo Fundo - Cruz Alta - Santa Cruz: em serviço bi-semanal. Pôrto Alegre a Montevidéu, com escalas em Pelotas e Jaguarão. Esta última linha direta liga Pôrto Alegre a Montevidéu em 3½ horas de vôo. Em Montevidéu, os aviões se articulam com os aparelhos da congênere uruguaia "CAUSA", que fazem o transporte aéreo de Montevidéu a Buenos Aires, ligando dessa forma Pôrto Alegre a Buenos Aires em 6 horas de viagem. O tráfego mútuo com os meios de transporte terrestres é mantido, também, em tôdas as demais linhas da emprêsa, de modo que os viajantes, do pôrto de destino do avião, podem em geral prosseguir viagem de trem ou ônibus, para as mais diversas localidades da respectiva região. A articulação dos transportes também se processa, no tocante ao correio aéreo ou à condução de encomendas, com as linhas mantidas por congêneres brasileiras e estrangeiras, para a Europa e a América Central e do Norte, ou para qualquer outra parte do mundo. Os serviços da emprêsa são atendidos por 7 filiais e 20 agências no Estado, 46 agências no Brasil, e 32 no estrangeiro. A frota se compõe de 6 aviões de passageiros, um avião postal e 6 aviões de escola, êstes utilizados pelo Departamento Aéreo Esportivo da Emprêsa, a VARIG - AÉREO - ESPORTE "VAE", que conta, atualmente, com a freqüência de mais de 100 alunos. A conservação do material e das instalações se encontram a cargo do estaleiro central, localizado no aereopôrto Federal de Pôrto Alegre, estaleiro em que trabalham 100 técnicos e operários. O corpo de tripulantes se compõe de 4 comandantes, 2 co-pilotos e 7 mecânicos. A proteção de vôo é provida de 9 estações de terra e 6 de bordo, para serviço rádio-telegráfico e telefônico.



Um dos aviões recentemente adquiridos pela Varig e utilizado na linha Pôrto Alegre-Montevidéu.



Vista interna da matriz em Pôrto Alegre, à avenida Borges de Medeiros, 445.

Não faltou à **VARIG**, por todo o período de seu trabalho, o auxílio de quantos patrícios que sucederam na governância estadual ou federal. Entre êles se destaca o Presidente Getúlio Vargas, que já em 1928 se interessava pelo desenvolvimento da aviação, dela tirando valioso proveito para a tarefa de prover os negócios do Estado. Entre outras viagens fez, em 1928, a bordo de aparêlho da VARIG um sobre-vôo dos 5 rios que desembocam na bacia do Guaíba, para apreciar, "de visu", os efeitos da enchente que então assolava Pôrto Alegre, e em 1929, ainda a bordo de um avião da Emprêsa, o **"Atlântico"** — primeiro aparêlho comercial brasileiro, se transportou à Capital Federal para ler, na Esplanada do Castelo, a sua famosa plataforma de candidato à Presidência da República.

SANTA — S. A. NACIONAL DE TRANSPORTES AÉREOS

O AMPLO INCREMENTO DOS NEGÓCIOS DESSA IMPORTANTE ORGANIZAÇÃO EM NOSSO ESTADO



Um dos problemas que tem merecido os mais desvelados cuidados não só dos nossos governantes mas, também, de organizações particulares, é, sem dúvida, o dos transportes em geral.

Assim é que entre as grandes iniciativas particulares, ressalta, desde logo, a atividade da Sociedade Anônima Nacional de Transportes Aéreos, organização genuìnamente brasileira, para brasileiros e amigos do Brasil, e que se destina a explorar os serviços de transportes em geral, de maneira a tornar menor as distâncias, em razão do tempo, e para maior facilidade da circulação das riquezas nacionais.

A "SANTA" que tem sua sede magnìficamente instalada na Capital da República, à avenida Rio Branco, n.° 10, no 12.° andar, possue, ainda, agências e sucursais em todos os Estados da União, estando a do Rio Grande do Sul instalada em Pôrto Alegre à rua Gal. Câmara, 233, 1.° andar, sob a direção do sr. Roberto Teixeira, jovem de larga visão e que vem dando largo incremento aos negócios dessa importante organização em nosso Estado.

Divide-se a "SANTA", para melhor desenvolvimento dos fins a que se destina, em três departamentos: Rodoviário, que se ocupa dos serviços de transportes imediatos entre cidades, com limusines de luxo, e serviço de carga entre os Estados. Para isso possue várias linhas de ônibus ultra-modernos, devendo a que ligará Pôrto Alegre à Capital Federal ser inaugurada em breve. Os seus veículos, além da máxima segurança, apresentam luxo, confôrto e distinção, a par de um esplêndido serviço de rádio-comunicação, com uma rigorosa observância nos horários. Enfim, todo o moderno aparelhamento capaz de oferecer o mais aprimorado serviço.

Por sua vez, o departamento Imobiliário se ocupa de negócios de imóveis em geral: compra, venda, hipoteca, incorporação, administração, etc. E, finalmente, o departamento aeroviário, a ser organizado, logo que esteja consolidada a situação do departamento rodoviário e amainado o panorama internacional.

Eis os motivos por que a "SANTA" está fadada a triunfar nessa patriótica iniciativa de procurar ligar, cada vez mais, entre si, os diversos Estados da União brasileira.

IMOBILIÁRIA VILA ASSUNÇÃO LTDA.

UM MODERNO BAIRRO RESIDENCIAL ATESTANDO O PROGRESSO URBANO DA METRÓPOLE

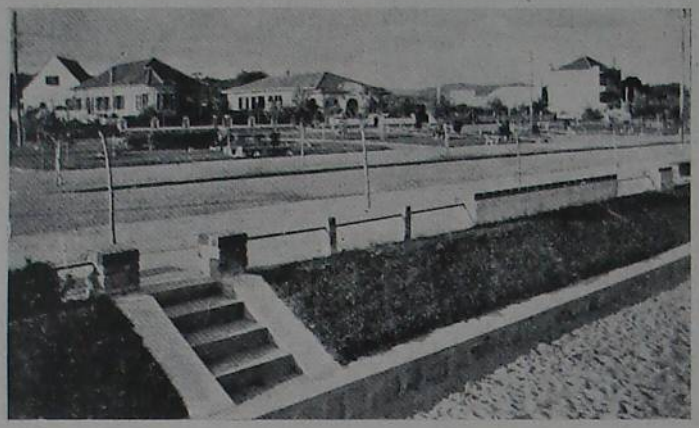
O progresso urbano não consiste em invadir cegamente os terrenos com edificações, mas construir concientemente e não permitir que as vivendas dos seres humanos se amontoem. Foi dessa necessidade que surgiu o urbanismo e dentro de seus preceitos foi criada e se desenvolve a Vila Assunção.

Êsse aristocrático balneário é o mais próximo da capital, pois dista apenas do centro cêrca de dez quilômetros; podendo um automóvel, a uma velocidade média de 60 quilômetros horários, cobrir essa distância em dez minutos. Por essa razão é considerada a Vila Assunção não como um simples balneário, cuja distância do centro de atividade quotidiana só permite moradia a privilegiados da fortuna, mas sim, um "bairro residencial moderno", parte integrante da Metrópole, com tôdas as vantagens e sem as desvantagens dos grandes centros populosos.

Queremos significar que as comodidades que a cidade oferece, tais como o serviço de água potável, transporte rápido, luz elétrica, telefone, calçamento, etc., já são conquistas efetivas da Vila Assunção.

Como se não fossem ainda suficientes essas comodidades atuais, um futuro não remoto faz-nos vislumbrar um maior número delas, decorrentes do Plano Diretor da cidade de Pôrto Alegre. Prevê o citado plano a construção de uma monumental avenida marginando o Guaíba, ligando o centro urbano com a Vila Assunção e, uma vez realizada tão imponente obra, ficará a Vila Assunção cêrca de 800 metros distante do local da sua instalação.

Vila Assunção — o balneário aristocrático — como muito bem foi cognominado, continua sendo o ponto de preferência da principal sociedade pôrto-alegrense. Surgida há bem pouco tempo, pois data de fins de 1.938, graças aos esforços dos conhecidos homens de negócios — drs. Anibal e Ernesto di Primio Beck — aliados à boa vontade da sucessão Assunção, antigos proprietários do local, a nossa capital pôde contar com tão agradável e confortável ponto de reunião.



Vista parcial do aristocrático bairro residencial "Vila Assunção".

Largas avenidas, ruas calçadas, ótima praia, bares e restaurantes, foram passos iniciais dos organizadores do balneário aristocrático.

A dez quilômetros do centro da capital, entre os bairros Cristal e Tristeza, a Vila Assunção, em futuro próximo, será um bairro residencial aristocrático.

Moldada nos lindos e modernos balneários uruguaios, a Vila Assunção obedece aos contornos do rio Guaíba, com uma vistosa amurada a servir de apôio entre os largos passeios e a praia pròpriamente dita.

GRANDE HOTEL

O MAIS BEM LOCALIZADO DA CAPITAL RIOGRANDENSE, FIGURANDO COMO MOVIMENTADO CENTRO SOCIAL

A iniciativa dos irmãos Cuervo tem sabido manter êsse conhecido estabelecimento num grande nivel de confôrto, que o torna merecedor da geral preferência do público. Alinha-se entre os maiores de Pôrto Alegre e é o que está mais bem localizado, em frente à principal praça. Seus apartamentos e quartos são arejados e espaçosos e dispõem todos de água corrente, telefone e calefação.

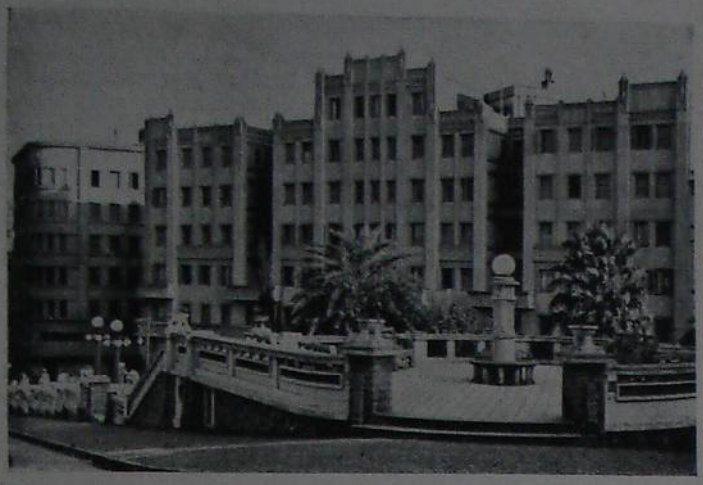
Graças à sua situação, o Grande Hotel constitue, também, um centro social movimentado. Não são raros os conhecedores que à hora do aperitivo afluem para o seu caraterístico bar americano, afim de saborear os requintados aperitivos que o experimentadíssimo "*barman*" manipula.



O imponente edifício do Grande Hotel, visto da Praça Senador Florêncio.

H O T E L C A R R A R O

UM ESTABELECIMENTO DE MAGNÍFICAS INSTALAÇÕES, À ALTURA DO BOM NOME DA METRÓPOLE RIOGRANDENSE



Vista do imponente edifício em que está instalado o Hotel Carraro.

Pôrto Alegre, a grande metrópole dos pampas, cujos progressos em todos os setores da atividade humana, nestes últimos anos, têm caminhado a passos gigantescos, não poderia deixar de oferecer a todos os que a visitam uma série de confortáveis estabelecimentos que acolhessem os seus distintos visitantes num ambiente de grande distinção.

E, para isso, conta a linda capital gaúcha com um número não pequeno de ótimos hotéis, entre os quais figura, em primeiro plano, o Hotel Carraro.

Êsse conhecidíssimo estabelecimento, fundado em 1.º de Junho de 1.924 pelos dinâmicos homens de negócios, srs. Amante, Alfredo e Ângelo Carraro, os quais constituíram a firma Amante Carraro & Irmãos, com um capital inicial de 150 contos de réis, iniciou suas atividades nesta capital, num prédio à rua Marechal Floriano, impondo-se, desde logo, à consideração pelo fino trato dispensado aos seus distintos hóspedes.

Mas, não se limitou sòmente a isso a atividade da firma Amante Carraro & Irmãos que, dada a preferência que lhe era dispensada pela maioria dos visitantes da capital, procurou, por sua vez, correspondendo à distinção de seus hóspedes, testemunhar-lhes o seu reconhecimento.

E, assim sendo, já em 1.º de Maio de 1.935, o Hotel Carraro era transferido para um majestoso e imponente edifício, um dos mais belos da capital, situado à Praça Otávio Rocha, onde foi magnìficamente instalado com todos os requisitos modernos próprios aos estabelecimentos dêsse gênero nas grandes metrópoles.

Dotado de todo o confôrto, possuindo uma cozinha internacional de primeira ordem, dirigida por competentes profissionais, sob a orientação direta de seus proprietários, o Hotel Carraro tornou-se, sem nenhum alarde, o ponto preferido da maioria dos visitantes e viajantes que aportam à nossa capital, os quais, por sua vez, não perdem a oportunidade de louvar a correção e distinção com que são atendidos pelos componentes da firma Amante Carraro & Irmãos que conseguiram, assim, reünir uma selecionada clientela e, ao mesmo tempo, dar a Pôrto Alegre um estabelecimento à altura de bom nome da Metrópole

N O V O H O T E L J U N G

O MODERNÍSSIMO ESTABELECIMENTO DE 120 QUARTOS DE QUE SE UFANA PÔRTO ALEGRE

Pôrto Alegre, como grande cidade que é, já se pode ufanar, também, dos grandes hotéis que possue. Alguns deles são estabelecimentos verdadeiramente modelares que não causariam nenhum desdouro se figurassem em quaisquer outros centros, já famosos por suas atrações turísticas.

No número dêsses importantes estabelecimentos, figura, com tôda a justiça, o Novo Hotel Jung. Fundado a 15 de Março de 1.932, acha-se magnìficamente instalado no majestoso edifício Frederico Mentz, de dez andares, exatamente num dos pontos mais centrais e mais movimentados da grande Metrópole gaúcha, no cruzamento da avenida São Rafael com a praça 15 de Novembro.

O modernissimo hotel dispõe de 120 quartos confortabilíssimos, possuindo todos êles instalações de água corrente, fria e quente, calefação central, telefone e quarto de banho próprio, assim como uma bem aparelhada câmara frigorífica.

Nesse moderno arranha-céu, onde se instalou o Novo Hotel Jung, revela-se tudo e por tudo, o bom gôsto e a experiência de seu proprietário, o que se pode, desde logo, observar em todos os aposentos, no que diz respeito às instalações elétricas e as magníficas pinturas das paredes dos referidos apartamentos.

O Novo Hotel Jung está instalado com todos os requisitos da higiêne moderna, possuindo duas esplêndidas salas de refeições, sendo que de uma delas desfruta-se um panorama magnífico sôbre o estuário do Guaíba e ilhas vizinhas. E, ainda mais, nota-se também, uma impressão de luxo do edifício e de todo o hotel que se sobressae muito com as majestosas escadarias, tôdas em mármore.

Atualmente, acha-se nas funções de diretor gerente, o sr. Carlos Albino Müller que, com sua grande experiência no ramo e sua finíssima educação e trato, muito concorre para o crédito dêsse grande estabelecimento metropolitano.

H O T E L D O C O M É R C I O

O ESTABELECIMENTO PREFERIDO PELOS PENSIONISTAS E VIAJANTES COMERCIAIS

O Hotel do Comércio, ex-Hotel Bergel, localizado à Rua Dr. Flores n.º 117, destaca-se por duas características essenciais que dificilmente estão reünidas numa casa dêsse ramo. A primeira é a sua situação no que pode ser chamado o centro de Pôrto Alegre e a segunda é o preço módico cobrado, não obstante a sua localização privilegiada e o tratamento impar, dispensado a todos os hóspedes.

A direção do Hotel do Comércio, confiada aos srs. Kadel & Cia., sempre soube atrair um distinto círculo de pensionistas e viajantes, aos quais dispensa uma acolhida atenciosa, proporcionando a todos um ambiente cômodo e agradável a par de um tratamento dedicado, de molde a que todos possam sentir-se como em suas próprias residências.

O Hotel do Comércio dispõe de grande número de quartos mobiliados com fino gôsto, dotados de perfeita comodidade; a sua sala de jantar é espaçosa e arejada; a sua cozinha, entregue a competentes profissionais, prima pelo asseio e pela variedade de bem apresentado cardápio e as instalações internas estão de acôrdo com os mais modernos preceitos de higiene.

Em todos os seus detalhes, o Hotel do Comércio está integrado no primeiro plano dos estabelecimentos congêneres, situados na capital do Rio Grande do Sul.

A sociedade pôrto-alegrense em geral prima pela sua elegância, bom gôsto e pelos seus sentimentos altamente altruísticos que se revelam em tôdas as suas camadas sociais.

Em geral, a maior parte da família metropolitana dedica-se à vida do lar. No entretanto, também, uma grande parte de seus membros faz a vida dos grandes centros citadinos.

Inúmeros são as agremiações sociais, recreativas, beneficentes, culturais, cívico-militares, desportivas que congregam milhares e milhares de associados, em sua maioria funcionando em sedes próprias, magnificamente instaladas em suntuosos edifícios, e que se dedicam exclusivamente às suas variadas finalidades.

Entre as sociedades de mais destaque, encontramos: o Clube do Comércio, com seu majestoso Palácio Rosado; o Country Clube, associação que honra sobremodo a capital riograndense; as sociedades Casimiro de Abreu, Filosofia, Centro Paulista, Leopoldina-Juvenil, Sociedade Ginástica Pôrto Alegre 1876, Ginástica Navegantes - São João, Dinamite, Libanesa, Grêmio Gaúcho. Pelo seu caráter de benemerência salientam-se: a SPAAN (Sociedade Pôrto Alegrense de Auxílio aos Necessitados) e as Conferências Vicentinas, que espalham seus benéficos auxílios aos desamparados e necessitados. Com finalidades especiais, distinguem-se ainda o Roupeiro dos Pequeninos e a instituïção do Natal da Criança Pobre, bem como o Rotary Clube, entidade assás conhecida, dedicada aos interêsses gerais da população pôrto-alegrense.

Como entidades de caráter extra-bélico salientam-se a Cruz Vermelha Brasileira, secção do Rio Grande do Sul, e a Legião Brasileira de Assistência, com a finalidade precípua de atender às famílias dos conscritos.

Para o registro de sua elegância e distinção conta a sociedade pôrto-alegrense com inúmeros estúdios fotográficos, dirigidos por profissionais competentes, verdadeiros artistas na arte fotográfica, que registram, dia a dia, a marcha ascensional da vida social da capital gaúcha. Inúmeros são os estabelecimentos que se dedicam a êsse mister, impondo-se entre os seus congêneres, o conhecido "Studio os 2", Casa Masson, Foto Sport, Casa do Amador, Azevedo Dutra, além de muitos outros de maior ou menor importância.

O esporte, em tôdas as suas modalidades, invadiu tôdas as classes sociais da capital riograndense.

O pôrto-alegrense, sem distinção, dedica-se a todos os ramos de esportes e os cultiva em geral.

Grande é o número das associações que com elevada matrícula de associados praticam os esportes tanto terrestres, como aquáticos e aéreos.

A educação física de nossa mocidade, representada pelos esportes, amparada franca e decisivamente pelos poderes governamentais e de iniciativa particular, atingiu em Pôrto Alegre ao mais alto grau de desenvolvimento.

No entretanto, o esporte mais praticado é o futebol, o "esporte das multidões", ao qual se dedica a grande maioria de nossa juventude. Seguem-se os esportes aquáticos, de atletismo, aéreos, etc.

Dentre as grandes organizações desportivas de maior destaque na capital riograndense, citamos: o Sport Clube Internacional, tri-campeão de Pôrto Alegre e do Estado; o Grêmio Pôrto Alegrense, o Sport C. Cruzeiro, vice-campeão da capital; o Sport Clube São José, o Grêmio Esportivo Fôrça e Luz, o Futebol Clube Pôrto Alegre, e muitos outros, todos filiados à Federação Rio Grandense de Futebol, entidade máxima no Rio Grande do Sul, e filiada à Confederação Brasileira de Desportos.

Nos esportes aquáticos, destacam-se, como agremiações principais, o Clube de Regatas Almirante Barroso, o Clube de Regatas Almirante Tamandaré, o Clube de Regatas Vasco da Gama, o Clube de Regatas União, o Clube de Regatas Duque de Caxias, o Clube de Regatas Guaíba-Pôrto Alegre, etc., filiados à Federação Aquática do Rio Grande do Sul, sob a presidência do Cap. Darcí Vignoli.

São inúmeras, ainda, as agremiações que se dedicam ao "esporte base" — o atletismo, bem como tenis, com vários clubes importantes, filiados à Federação Riograndense de Tenis, sob a presidência do dr. Carlos Bins, natação, basket-ball, volley-ball, hipismo, golf, polo, etc.

Enfim, o pôrto-alegrense prima em tôdas as modalidades que se apresenta nos esportes, praticando-as com grande entusiasmo e técnica.



A PRIMEIRA DAMA DO ESTADO.

A Exma. sra. d.ª Avany Cordeiro de Farias, espôsa do exmo. sr. Interventor Federal Gal. Cordeiro de Farias, é presidente da Liga Brasileira de Assistência, neste Estado.

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

E O SEU DESENVOLVIMENTO EM PÔRTO ALEGRE — A SUA BENÉFICA AÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL



Da esquerda para a direita: Dr. Miguel Barreto Viana, sra. dr. Miguel Tostes, sra. vva. Odila Gay da Fonseca, Cap. Rocha Almeida, sra. dr. Osvaldo Coufal, srta. Ligia Almeida, sra. Edmundo Ajaconis, sra. dr. Mansueto Bernardi, sra. dr. Darcy Azambuja, sra. dr. Cel. Aurelio Py, sra. dr. Elpidio Paes, sra. dr. Bruno Bercht, sra. Barnewitz Müller, sra. vva. dr. Oscar Crespo.

Sob a organização das exmas. sras. Laura Leitão de Carvalho, Odila Gay da Fonseca e Déa Cezar Coufal, foi fundada, em 16 de Maio de 1940, a Cruz Vermelha Brasileira, filial no Rio Grande do Sul. Instalada no Salão nobre da Biblioteca Pública, teve o ato inaugural a presença do exmo. interventor federal gal. Cordeiro de Farias, s. excia. o comandante da Região, gal. Leitão de Carvalho, e do exmo. sr. arcebispo metropolitano Dom João Becker e demais autoridades civis, militares e eclesiásticas.



Exma. sra. d.ª Odila Gay da Fonseca, presidente da Cruz Vermelha Brasileira (secção R. G. S.)

Embora inspirada na guerra, a Cruz Vermelha não é, no entretanto, uma instituïção funcionando em dependência de guerra. Seus serviços em tempo de paz são valiosíssimos e eficientes.

Na grande enchente que assolou Pôrto Alegre, em 1941, foi instalado um hospital de emergência com 120 leitos, no Instituto de Educação. Nessa iniciativa vários médicos, acadêmicos, senhoras e senhoritas foram inscritos no quadro de benemerência e patriotismo dessa Instituïção.

Uma das primeiras iniciativas da Cruz Vermelha Brasileira, filial do Rio Grande do Sul, foi a criação do curso de Samaritanas. O programa teórico dêste curso obedece ao critério de proporcionar às suas alunas conhecimentos indispensáveis de higiene, puericultura, dietética, etc., além dos socorros médicos de urgência. A êle se destinam as moças que, não desejando exercer a profissão de enfermeiras, querem ficar, entretanto, aptas a colaborar na secção de socorros da Cruz Vermelha, em tempos de paz e de guerra. A primeira turma (1941), compunha-se de 3 candidátas, das quais apenas 17 receberam diploma no fim do período letivo.

Em 9 de Março do corrente ano, com o afastamento da presidente da CVB, sra. Laura Leitão de Carvalho, que passou a residir na Capital da República, assumiu a presidência da Cruz Vermelha Brasileira, filial no Rio Grande do Sul, a exma. sra. Odila Gay da Fonseca, que à frente dessa instituïção vem se esforçando para o alastramento dessa entidade em todo o Estado.

Comprovando aquí com a fundação de várias filiais nas principais cidades do nosso Estado, como sejam:

Bagé, Cruz Alta, Caxias, Bento Gonçalves, Alegrete, Quaraí, São Gabriel, São Leopoldo, Montenegro, Pelotas, Rio Grande, Passo Fundo, Guaíba, Camaquã, Cachoeira, Novo Hamburgo, Rio Pardo, Santa Cruz e Encantado.

Foi criado ainda um departamento estudantil da C. V. B., tendo à frente, como presidente, o jovem Paulo de Tarso da Rocha. Esta secção conta atualmente mais de 1.200 membros, alunos dos diversos ginásios da Capital.

Com o avanço da guerra sôbre as Américas, intensificou-se a arregimentação de futuras samaritanas, emprestando-se aos cursos de enfermagem de guerra um cuidado cada vez maior. Assim, para o curso dêste ano, apresentaram-se 144 candidatas. Elas são, em sua quasi totalidade, moças da alta sociedade pôrto-alegrense. Sob a orientação de professores especializados, elas aprendem serviços de campanha, tais como o uso de máscara contra gases, medidas de defesa anti-aérea, ataduras, recolhimento de soldados feridos, etc. Mas isto não significa que os serviços de paz tenham ficado esquecidos.

A Cruz Vermelha Brasileira, filial no Rio Grande do Sul, que vem prestando saliente e indiscutível serviço de assistência social para a coletividade, conta com o apôio de tôda a administração do Estado e tem sua diretoria assim constituída:

Presidência de honra: dr. Getúlio Dorneles Vargas, d.ª Darcí Vargas, gal. Estêvão Leitão de Carvalho, gal. Osvaldo Cordeiro de Farias, d.ª Zilpa V. Benicio, d.ª Avaní Cordeiro de Farias, d.ª Laura Leitão de Carvalho, Dom João Becker, d.ª Carolina Annes Dias, gal. dr. Álvaro Carlos Tourinho e gal. Benício da Silva; vice-presidente de honra: dr. José Loureiro da Silva, cel. dr. Florêncio Carlos de Abreu Pereira, d.ª Luiza Aranha, d.ª Vidinha Aranha, major dr. Arthur Luiz Augusto de Alcantara. Diretoria — (Eleição em 20 de Junho de 1942): presidente, d.ª Odila Gay da Fonseca; vice-presidente, d.ª Yolanda Tostes; 2.ª vice-presidente, d.ª Maria Vianna Azambuja; secretário geral, capitão Antônio Rocha Almeida, (eleito em 26-8-1941); 1.ª secretária, d.ª Isolda Paes; 2.ª secretária, d.ª Idalina Costa Bernardi; 3.ª secretária, d.ª Wanda Alvares Crespo; 1.ª tesoureira, d.ª Ernestina A. Torelly; 2.ª tesoureira, d.ª Luiza B. Müller; 3.ª tesoureira, d.ª Esther Ubatuba Yaconis; 4.ª tesoureira, srta. Lygia Almeida; procuradores: d.ª Déa Cezar Coufal, d.ª Ilsa Chaves Barcelos, dr. José Loureiro da Silva e Antônio Jacob Renner.



Exmas. sras. Avany Cordeiro de Farias, Laura Leitão de Carvalho e Odila Gay da Fonseca.



Um grupo de Samaritanas em aulas práticas de socorro de emergência.

C L U B E D O C O M É R C I O

ALGUNS DADOS SÔBRE A PRESTIGIOSA ASSOCIAÇÃO, INSTALADA NO MAJESTOSO "PALÁCIO ROSADO" DA CAPITAL GAÚCHA



Grupo formado no salão de festas do Palácio do Comércio, por ocasião da última visita do sr. Presidente da República à capital do Estado. Na fotografia, veem-se ilustres damas do nosso escol social.



Sala de conferências.



O bar-dancing.



O restaurante do Clube.

Esta prestigiosa associação, fundada a 7 de julho de 1896, veio, nesse quasi meio século de fecunda existência congregando em seu seio o escol social pôrto-alegrense, tendo sido o seu primeiro presidente o sr. Vitor Barreto de Menezes.

Instalado em majestosa sede própria, o "Palácio Rosado", no gênero um dos mais modernos e luxuosos estabelecimentos da América do Sul, o Clube do Comércio conta com uma larga fôlha de notáveis préstimos, realizados nos emprendimentos sociais da metrópole gaúcha.

O Clube pròpriamente dito ocupa três andares do alteroso "Palácio Rosado". No primeiro, além das salas de diretoria e secretaria, estão instaladas as salas de bilhares e diversos outros jogos, além do bar inglês e barbearia.

No segundo, encontram-se a sala de refeições, sala de banquetes, jardim de inverno, sala de leitura, sala de estar, sala de senhoras e instituto de beleza.

No terceiro, finalmente, acham-se os salões de baile, o bar-dancing e sala de chá.

Tôdas essas dependências foram instaladas com o mais requintado luxo e confôrto, que tornam a sede do Clube do Comércio um motivo do mais justo orgulho dos nossos foros de cidade moderna.

A diretoria do Clube está, atualmente, assim constituída: Dr. Anibal di Primio Beck, presidente; Antonio Chaves Barcellos, vice-presidente; Alcides Flores Soares Júnior e Dr. José Carlos Fonseca Milano, respectivamente 1.º e 2.º secretário; Walter Borges da Silva e Carlos Fleck, respectivamente 1.º e 2.º tesoureiro; Dr. Antunes de Mattos e Plínio Assis Brasil, respectivamente 1.º e 2.º bibliotecário; H. S. Cezimbra, diretor social; José Carlos Berta, Manlio Prati Agrifoglio e Dr. Eduardo Secco Júnior, comissão fiscal; José Chaves Barcellos e Sylvio C. Torres, suplentes.



Grande baile de gala, na Semana da Pátria.

M A D A M E M A U R E R

O SEU GRANDE MAGAZINE DE MODAS PARA SENHORAS, ORGULHO DA NOSSA METRÓPOLE



A Pôrto Alegre nada falta para que, cada vez mais, mereça o título de grande metrópole. Todos os requisitos indispensáveis para um grande centro, Pôrto Alegre os possue.

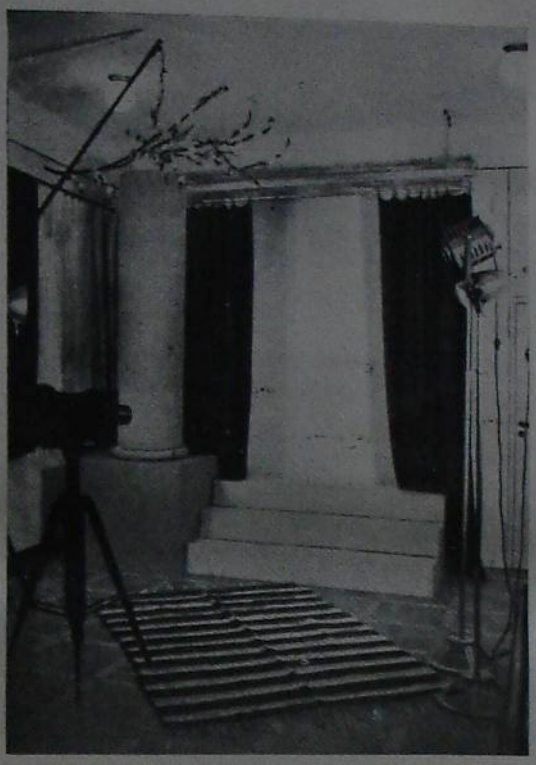
Assim sendo, Pôrto Alegre também possue o seu grande magazine de modas para senhoras. E êste é o já famoso atelier de Mme. Maurer, magnìficamente instalado no 7.° andar do Edifício do Clube do Comércio, apartamento 73, sendo o 7.° Céu para as senhoras de bom gôsto de que a Metrópole gaúcha muito se orgulha de ter como diletas filhas.



No recinto de seu atelier Mme. Maurer apresenta a uma cliente os seus últimos modelos procedentes do Rio, Buenos Aires e dos Estados Unidos. — Vê-se, aquí, um lindo modêlo em Mousseline com Pailletée.

S T U D I O "O S 2"

AS MAGNÍFICAS INSTALAÇÕES DA MELHOR CASA NO GÊNERO DA METRÓPOLE RIOGRANDENSE



Atelier fotográfico do Studio "Os 2".

A arte fotográfica em Pôrto Alegre encontra-se, inegàvelmente, bastante adiantada em tôdas as suas multiplas modalidades, quer seja no setor profissional pròpriamente dito, quer seja no amadorismo.

No entretanto, entre os profissionais é que a arte fotográfica atingiu a sua culminância, sendo grande o número de atelieres que prestam os mais relevantes serviços à população pôrto-alegrense.

E, formando na vanguarda deles, destaca-se, sem dúvida alguma, o artístico Atelier Vera Cruz do Studio "Os 2". Instalado em amplas salas, adrede projetadas e construídas por peritos, no edifício Vera Cruz, à avenida Borges de Medeiros, 53, e equipado com um parque de máquinas e holofotes, de fato importados do grande centro mundial da arte fotográfica, Hollywood, o Studio "Os 2" é, inegàvelmente, o mais moderno atelier do sul do Brasil no seu gênero.

Inclue, aí, a instalação técnica, cenários, móveis em diversas galerias, cabines com acomodações, e diversas câmaras escuras, equipadas com os mais modernos aparelhos do ramo. Ademais, grava-se com aparelhamento do último tipo, junto à imagem muda, a voz em discos para fins comerciais e particulares. A "Fotografia Sonora", jôgo de fotografia e disco com a voz da pessoa fotografada, é uma especialidade única do estúdio. São de renome já consagrado, também, as fotografias vivas de crianças que estão ocupando o primeiro lugar na produção artística do atelier. Além disso, os Studio "Os 2" é a única editora, no Brasil, de edições fotográficas em massa, publicando, outrossim, o já famoso calendário fotográfico "Estrêlas do Sul".

Mas a direção do Studio "Os 2" não se limitou, sòmente, ao que acabamos de descrever, pois os seus modelares departamentos que compõem o artístico Atelier Vera Cruz, além de fotografias de arte, fotografias em côres, trabalhos em crayon, pastel e óleo, gravações em discos para todos os fins particulares que é feito também, a domicílio, das fotografias técnicas e comerciais, das edições fotográficas em massa para artistas e para propaganda dedica-se, ainda, à filmagem industrial e técnica, em filmes normais e de 16 mm, destacando-se os trabalhos executados no período anual de 1941/1942, intitulados: "Cirurgia plástica", "Na oficina dos coelhinhos de Páscoa" e "Combate ao Câncer"; bem como é especialista na confecção de catálogos e em quadros de formatura.



Sala de gravação de discos do Studio "Os 2".

À mão dêstes breves dados a respeito do mais bem equipado atelier fotográfico do sul do país pode-se aquilatar o quanto o nosso Estado, nestes últimos anos, tem evoluído mecânica e tècnicamente. As instalações do Studio "Os 2", feitas com o mais requintado bom-gôsto e providas com o que de mais moderno e perfeito há no gênero, bem o atestam.

A GRAÇA DAS FILHAS RIOGRANDENSES

A infinita variedade da sociedade riograndense estaria sem dúvida incompleta, se neste capítulo da vida social gaúcha não dedicássemos algumas palavras ao menos à mulher do Rio Grande, rematando, assim, com chave de ouro, esta parte do livro.

As virtudes peculiares da mulher dêste torrão abençoado os nossos poetas já as cantaram de sobejo; os nossos literatos não se cansam de lhes tecer encomiásticas loas; e a sabedoria popular as enaltece a cada passo. Não cabe a nós, portanto, repetí-las aquí, notòriamente conhecidas e apreciadas que são.

À luta árdua e tenaz dos primeiros colonizadores para subsistir por entre as intérminas cochilhas e planuras da terra riograndense, luta de que compartilharam mulheres e filhas, numa distribuïção equitativa de trabalhos, fadigas, penas e privações de tôda ordem, seguiu-se a época do florescimento e progresso vertiginoso das nossas cidades, sucedeu-se o desenvolvimento do senso social e das virtudes domésticas.

A vida da mulher gaúcha está no lar pelo lar. E só mui paulatina e mesmo vagarosamente ela se familiariza com a idéia da mulher proletária, com a idéia da mulher galgando os degraus das profissões acadêmicas. E' que esta rica e bendita gleba dispensa a participação da mulher na luta ingente por um lugarzinho ao sol. O espôso e pai, conseqüentemente, toma aos ombros, como sua atribuïção precípua e evidente, o trabalhar e zelar pela espôsa e filhas, de sorte que estas, em geral, não precisam tomar parte nas ásperas lides pela existência, embate que em muitos países imprime na fisionomia da mulher aqueles traços duros de masculinização.

Deveres de espôsa e mãe — eis a âmbito de atribuïções em que se movimenta a mulher riograndense. E em ambos ela sabe ser o protótipo da mulher forte e virtuosa, a alegria dos seus e o orgulho da nação.

Nas páginas seguintes apresentamos uma singela seleção de fotografias que bem caraterizam o tipo da jovem riograndense — mocinhas da sociedade riograndense de todos os recantos desta terra.

Além de constituirem a mais justa homenagem à proverbial beleza da jovem gaúcha, querem estas páginas provar que às excelsas virtudes de alma e de caráter das filhas desta terra correspondem não menor encanto e graça exteriores.



Srta. Elen Nedel (Pôrto Alegre).



Srta. Sofia de F. Paz (Pôrto Alegre).



Srta. Lilia M. Vidal (Pôrto Alegre).



Srta. Leda M. B. Gago, Rainha do C. C. Saca-Rolhas, de Rio Grande.



Srta. Maria de L. R. Collares, gentil figura da alta sociedade de Bagé.



Srta. Lavinia P. Porto, fino ornamento da alta sociedade de Lavras.



Srta. Alba V. Soares, Rainha do Comercial, de Santa Maria.



Srta. Corina Mastrotti Filho, fino ornamento da alta sociedade caxiense.



Sra. Nilda B. Cauduro, figura de projeção da alta sociedade de Quaraí.



Srta. Ida Paoli Santos, figura da alta sociedade de Alegrete.



Srta. Maria Fanitz, Rainha da Primavera do Club Riograndense, Montenegro.



Srta. Maria C. Siedler-Costa, gentil figura do escol social de Arroio Grande.



Srta. Ligia N. T. Leite, fino ornato da alta sociedade de Jaguarão.



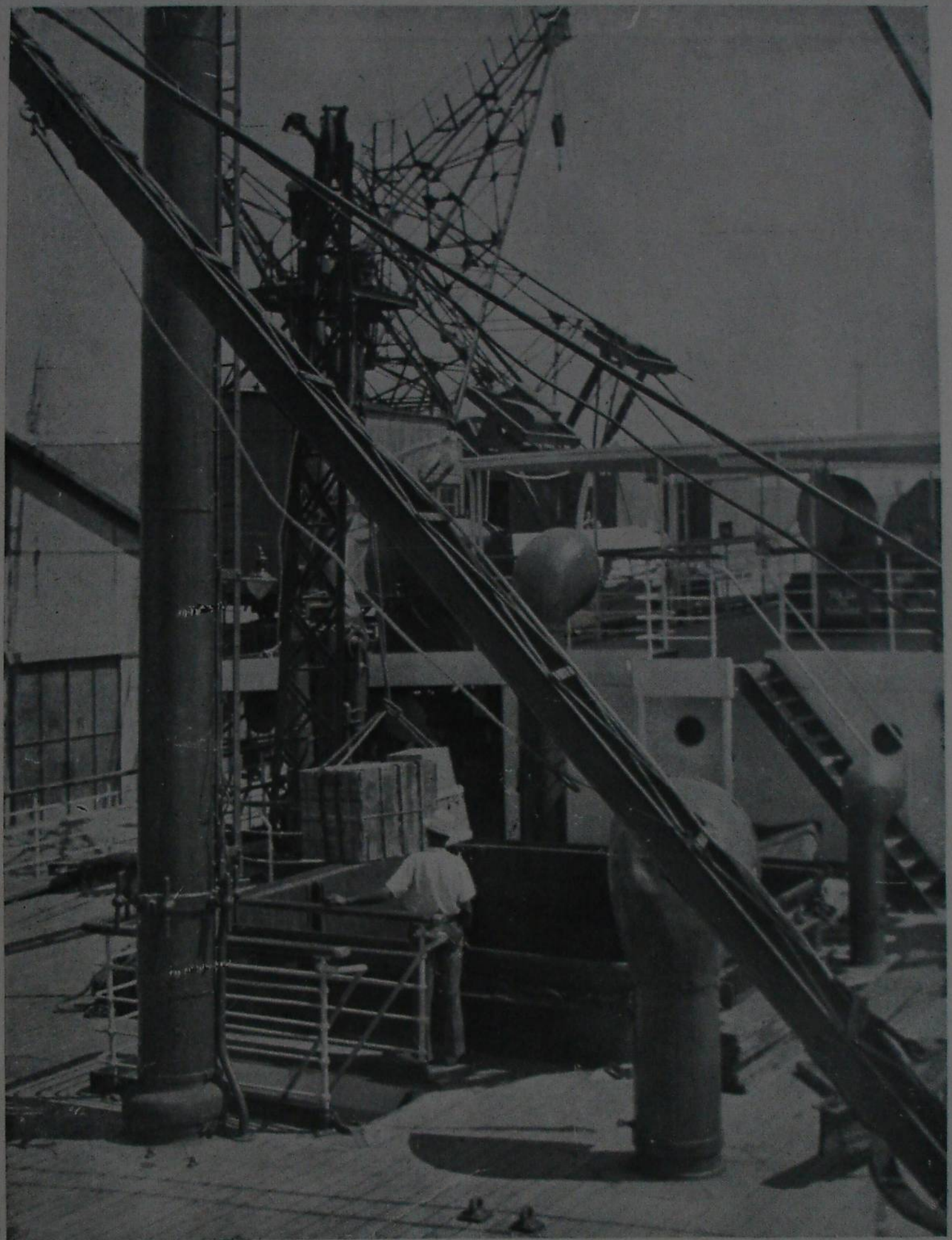
Srta. Beatriz S. Camargo, graciosa personalidade do escol social de Bagé.



A rainha do Clube Comercial de Rosário, gentil senhorinha da alta sociedade local.

O INTERCÂMBIO PLATINO-BRASILEIRO





O INTERCÂMBIO PLATINO-BRASILEIRO

Dia a dia se vêm ampliando as relações econômicas do Brasil e, em especial, do Rio Grande do Sul, com as repúblicas irmãs do Prata: intercâmbio que representa um dos fatores mais preponderantes da nossa balança comercial.

AS RELAÇÕES ECONÔMICAS DO RIO GRANDE DO SUL COM AS REPÚBLICAS PLATINAS

Os produtos nacionais nos mercados dos países vizinhos e a exportação dêstes para o Estado Gaúcho

O Rio Grande do Sul, em virtude de sua situação geográfica, possue fronteiras comuns com as nossas vizinhas repúblicas platinas — Argentina e o Uruguai.

E é em virtude disso, e graças ao seu grande e dinâmico desenvolvimento em todos os prismas de sua vida econômica e financeira, que o Rio Grande do Sul mantem, com aquelas repúblicas rioplatenses, um forte e intensíssimo intercâmbio comercial que representa na nossa balança econômica um dos grandes fatores de nossas finanças.

São os mais variados os produtos que exportamos tanto para a Argentina como para o Uruguai, assim como são os mais diversos os artigos que importamos daqueles dois grandes celeiros sul-americanos.

Os nossos produtos manufaturados, as nossas madeiras de lei, os nossos tecidos, gozam de plena aceitação naqueles mercados consumidores platinos, tendo mesmo os artigos brasileiros desbancado certos similares estrangeiros, não só pela excelência de sua qualidade como, também, pela sua apresentação e pela sua esmerada fabricação.

Eis porque resolvemos inserir, nessa monumental obra de difusão e intercâmbio americanos, algumas reportagens sôbre nossa exportação para aqueles grandes centros rioplatenses.

MADEIRAS

O PAPEL SALIENTE DAS MADEIRAS NACIONAIS NO MERCADO ARGENTINO

Firmas de destaque no comércio madeireiro argentino-brasileiro

WERNER A. KAECH — SOCIEDAD DE RESPONSABILIDAD LTDA.

Indiscutìvelmente, é a Argentina o mercado importador N° 1 de nossas madeiras, pois basta verificar as nossas estatísticas para comprovarmos essa assertiva.

Ocupa, mesmo, a grande república vizinha o lugar privilegiado nesse setor de nossas exportações, concorrendo com avultadas cifras para a nossa balança comercial.

Inúmeras são as firmas que se dedicam a êsse ramo de comércio na grande metrópole portenha, firmas essas que giram com avultados capitais, sendo conceituadíssimas nos mercados argentinos consumidores de madeiras.

E, entre essas, destaca-se a sólida firma Werner A. Kaech, constituída em Sociedade de Resp. Ltda. e estabelecida na Calle Corrientes, 424.

Como importadores de madeiras brasileiras, é a firma Werner A. Kaech o representante exclusivo da grande casa exportadora dos srs. Ramos Alvim & Cia., instalada em Joinville, no vizinho Estado de Santa Catarina.

Dado o vulto dos negócios realizados na República vizinha, tornou-se a Sociedade de Resp. Ltda., sob a direção do sr. Werner A. Kaech, uma das emprêsas que muito têm contribuído para o maior intercâmbio comercial de madeiras entre o Brasil e a Argentina.

E. SCHWEIZER, SOCIEDAD DE RESPONSABILIDAD LTDA.

A nova indústria brasileira de madeiras compensadas, em virtude da atual situação mundial, vem tomando um surpreendente e rápido desenvolvimento, principalmente nos mercados rioplatenses que são os seus principais consumidores.

Desde muito a firma E. Schweizer, Sociedade de Responsabilidade Ltda., vem contribuindo eficazmente para um maior alargamento da indústria de madeiras terciadas do Brasil, representando, na grande metrópole portenha, os principais fabricantes brasileiros, como sejam: Seleção Industrial de Artefactos de Madeiras S. A., de São Paulo; Indústria de Madeiras Scheeffer S. A., do Rio de Janeiro; Indústrias de Madeira Gropp S. A., de Rio do Sul; Sociedade Madeirense Ruthenberg Ltda., do Rio de Janeiro.

Cumpre, também, destacar que realmente é alentador o esfôrço manifestado pelos fabricantes brasileiros em melhorar, cada vez mais, a sua fabricação para aperfeiçoar sua qualidade, de vez que está o mercado argentino habituado a receber as mais perfeitas produções do mundo.

Indubitàvelmente, também, o pinho do Rio Grande do Sul que, por sua excelente qualidade pode chamar-se a flor da Araucaria Brasiliensis, merece um lugar privilegiado na indústria da madeira terciada, na qual, certamente, teria uma valorização de acôrdo com suas ótimas qualidades, mediante, no entanto, um maior fomento dessa indústria em nosso Estado.

Dada a compreensão de nossos industriais de madeiras, prevê-se que essa importante indústria brasileira de madeira terciada continue no ritmo atual até alcançar o nivel das mais perfeitas manufaturas mundiais dêsse produto, permitindo, mesmo, a sua competição com os produtos estrangeiros, mesmo em tempos de paz.

RAÚL JULIO MAY S. R. LTDA.

Entre o grande número de produtos que o Brasil exporta para as repúblicas platinas, cujo maior mercado consumidor é a Argentina, ocupam um dos lugares mais destacados as madeiras nacionais, sobressaindo, entre elas, o pinho.

Grandes organizações, girando com avultados capitais, dedicam-se na grande metrópole portenha a êsse ramo de comércio, em larga escala, importando e distribuindo em tôdas as praças argentinas, o pinho brasileiro.

E, entre essas, figuram, entre as primeiras, os srs. Raúl J. May S. R. Ltda., estabelecida em Buenos Aires, à rua Belgrano, 2.093.

Importadores, com longos anos de atividades comerciais, são os srs. Raúl J. May S. R. Ltda. representantes de grande número de firmas produtoras e exportadoras do Brasil.

Além de suas importações de pinho brasileiro, efetuadas no valor de vários milhões de pesos anualmente, dedica-se, ainda, à distribuïção dos produtos da fábrica Sam Rabinovitch & Cia. Ltda., de São Paulo.

A firma Raúl Julio May S. R. Ltda., genuïnamente argentina, não é sòmente partidária duma maior vinculação comercial entre os dois países irmãos, mas entusiástaca propagandista da maior aproximação política e espiritual das nações da América.

SCAVINO, DE MARZI & CIA.

Muito já se tem dito sôbre a importação das madeiras brasileiras pela Argentina e muito já nos referimos sôbre a sua aceitação naquele grande centro consumidor.

Várias são as firmas portenhas que se dedicam a êsse ramo de comércio que, girando com grandes capitais, vêm cooperando não só para a introdução de nossas madeiras nos mercados platinos, como, também, para o nosso maior intercâmbio com a grande República vizinha.

E, dentre as conceituadas organizações dêsse gênero, não poderíamos deixar de assinalar a que obedece à orientação dinâmica da firma Scavino, De Marzi & Cia., instalada à Calle Perú, 416, na grande metrópole rioplatense.

Êsse notável estabelecimento comercial, que há mais de 60 anos se dedica à importação de madeiras estrangeiras, principalmente da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte, vem, também, importando as madeiras brasileiras, desde a primeira guerra mundial, importação que, em virtude da atual situação internacional, foi aumentada grandemente, muito principalmente pela excelência da qualidade de nossas madeiras.

Por êsse motivo, é de se prever que, terminado o atual conflito mundial, continuem as madeiras brasileiras a gozar da mesma preferência por parte dos consumidores argentinos, pois, indiscutìvelmente, as madeiras nacionais primam pela superior qualidade, mesmo em confronto com as suas similares estrangeiras.

JAIME LIEBLING

Dentre as nossas exportações, a de madeiras atingiu um dos pontos altos na balança comercial. E, dentre os países compradores, destaca-se a Argentina, onde várias e importantes firmas se dedicam a êsse comércio, figurando, entre elas, a do sr. Jaime Liebling, fundada em 1.919 e instalada atualmente à rua Diaz Velez 3565-71, com vastos escritórios e depósitos.

Iniciando suas atividades com a importação de madeiras maciças de procedência norte-americana e brasileira, já no ano de 1.922 dedicava-se ao comércio de madeiras terciadas, ampliando, mesmo, suas atividades com o ramo de chapas de madeiras e, finalmente, em 1.935, ampliava ainda mais o volume de seus negócios. Foi o primeiro a introduzir na Argentina as madeiras terciadas, sendo ainda, o representante exclusivo das madeiras terciadas "Olza", do consórcio fabril mais importante da Europa.

Paralisada a exportação européia em conseqüência da guerra, o sr. Jaime Liebling dedicou-se, de imediato, a importar as madeiras terciadas do Brasil, contribuindo, com seus conhecimentos, para a melhoria da qualidade das mesmas. No ramo de chapas de madeira, a-pesar-de ser o representante das importantes fábricas Thompson Mahogany C.", dos Estados Unidos, tem, no entretanto, se esforçado para impor, cada vez mais, as chapas brasileiras nos mercados platinos. No que se refere às madeiras maciças é um grande importador, em escala crescente, do roble norte-americano, pinho da Califórnia, pinho Tea, das madeiras do Chile em geral e outras madeiras duras do Brasil.

Assim sendo, torna-se o sr. Jaime Liebling um dos mais entusiastas propugnadores do intercâmbio comercial de madeiras entre a Argentina e o Brasil.

GINSBURG & CIA.

Várias vezes temos nos referido à vitoriosa conquista feita nos mercados importadores platinos pelas madeiras brasileiras e, muito principalmente, pelo nosso pinho.

E de fato; verdadeiramente as nossas madeiras são profusamente distribuídas em todos os mercados dos países sul-americanos, primando, no entretanto, os argentinos onde aqueles produtos nacionais gozam da mais justa aceitação pela excelência de sua qualidade.

Assim é que são várias as emprêsas argentinas que se dedicam a êsse ramo de comércio, cada vez mais crescente e no maior desenvolvimento e que cooperam para a difusão das madeiras brasileiras por todos os recantos do território da grande República vizinha e amiga.

E, dentre as várias organizações que importam as madeiras nacionais, destaca-se a da firma Ginsburg & Cia., com sede em Buenos Aires, à avenida Presidente R. S. Peña, 501, fundada em 1.934.

Essa conceituada firma dedica-se ùnicamente à importação de madeiras brasileiras procedentes dos Estados de Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, destacando-se em primeiro lugar o nosso pinho que é largamente distribuído pelos conceituados importadores, srs. Ginsburg & Cia., que, já há vários anos, vêm, de uma maneira digna de menção, cooperando para o maior intercâmbio comercial entre o Brasil e a Argentina que, diga-se de passagem, aumenta, dia a dia, dadas as relações econômicas que mantêm essas duas grandes potências sul-americanas.

PIZZATTO & BELART

MADEIRAS DO BRASIL

CABOS PARA VASSOURAS
TERÇADO DE PINHO BRASILEIRO

REPRESENTANDO : PEDRO N. PIZZATTO & FILHOS – CURITIBA
CARLOS ITIBERE DA CUNHA & CIA. – "

BUENOS AIRES :
CORRIENTES 222
EDIF. "COMEGA"

U. T. 32, DARSENA 1151

A FLORA E SUA CONTRIBUÏÇÃO PARA O INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE AS DUAS REPÚBLICAS IRMÃS

Produtos de ambos os países concorrem, reciprocamente, para o fomento das relações comerciais argentino-brasileiras

CASA LUIS COSTANTINI

No setor do intercâmbio comercial, no que se refere às relações argentino-brasileiras, merece figurar em lugar de honra a Casa Luis Costantini, grande empreendimento horticola, fundado em 1.809, graças à tenacidade de seu saüdoso chefe, o sr. Luis Costantini, que, embora italiano de nascimento, tornou-se um verdadeiro cidadão argentino por tudo quanto fez em prol da grandeza de sua pátria adotiva.

Iniciando suas atividades, logo após a sua chegada em Buenos Aires, Dom Luis Costantini iniciou o intercâmbio de sementes com as casas do ramo da Europa que já o conheciam, enviando sementes de árvores indígenas da flora platina. Em seguida, dedicou-se à importação de plantas. Formou, também, inúmeros viveiros, e tal foi a sua atividade que sua casa inicial foi denominada "A Bolsa das Plantas".

Mas, não parou aí o trabalho de fundador, pois, em 1.900, concorria à exposição internacional de agricultura de Buenos Aires, onde levantou a mais alta classificação do certame. Em 1.915, a então conhecida Casa Luis Costantini, já sem a direta orientação de seu fundador que havia falecido, promoveu a campanha da oliveira, em 1.918 a do roble, em 1.920 a da acácia branca, e em seguida a do pinho marítimo. Em 1.922 fomenta o cultivo da amoreira, e realiza uma maior difusão de sementes. Em 1.924 estabelece um viveiro regional em Mendoza. Nesse mesmo ano criou um serviço técnico agronômico de consultas gratuitas e a oficina técnica de parques e jardins. Hoje, a Casa Luis Costantini conta com importantes viveiros e plantações frutíferas e de produção de sementes, 850 hectares em várias regiões da Argentina, exportando frutas, sementes, plantas frutíferas e florestais para todo o Brasil.

Integram, hoje, essa organização que leva o nome de seu fundador Luis Costantini, sua espôsa D. Ida Colombo de Costantini e seus oito filhos, os quais dirigem a Casa, contando com um amplo número de colaboradores, cuja capacidade e eficiência deve destacar-se nessa circunstância.

V I N H O

O RIO GRANDE DO SUL, EMBORA GRANDE PRODUTOR, É IMPORTANTE MERCADO DE CONSUMO DOS VINHOS ARGENTINOS

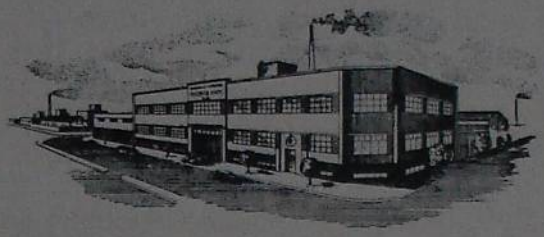
Destacados viti-vinicultores rioplatenses que exportam para os mercados brasileiros

PULENTA HERMANOS SOCIEDAD ANÓNIMA

Acompanhando "pari passu" o progressista desenvolvimento das indústrias, em todos os seus setores, a viti-vinicultura argentina encontra-se atualmente, também, num adiantadíssimo grau de flagrante prosperidade.

Por sua vez, também, grande é o número de estabelecimentos que se dedicam em larga escala a êsse ramo indústrial que constitue uma das grandes riquezas econômicas da vizinha República. Dentre êsses, figuram, em destaque, as cantinas e vinhedos de Pulenta Hermanos Sociedade Anônima, a grande organização agrícola, industrial e comercial, fundado em 1916, com sua casa de administração em Buenos Aires, à avenida Juan B. Justo, 415.

Possuindo na Província de San Juan vários estabelecimentos de produção, entre os quais o de Los Angagos, com uma produção de 30.000 hectolitros por ano; o de Puntilla Blanca, com uma produção de 16.000 hectolitros anuais; e o de Trinidad, produzindo 12.000 hectolitros por ano, indiscutìvelmente, as cantinas e vinhedos Pulenta Hermanos Sociedade Anônima formam na vanguarda da indústria viti-vinícola argentina.



A nova matriz da firma Pulenta Hermanos S. A., recentemente inaugurada na capital argentina.

Especialistas em vinhos doces naturais, tipos espanhóis e portugueses, os seus produtos têm larga aceitação nos mercados consumidores, sendo as marcas "Peñaflor", "Pitusa" e "Travesia" já consagradas pelos mais requintados paladares e muito apreciadas no Brasil, que é um dos maiores importadores dos produtos de Pulenta Hermanos.

OS VINHEDOS E AS CANTINAS "SAN CARLOS", DE FEDERICO DE ALVEAR LTDA.

Não só no Brasil, mas também na vizinha República Argentina, a indústria viti-vinícola encontra-se adiantadíssima, sendo mesmo um dos setores de maior pêso na balança econômica e financeira dêsses dois países.

Várias são as modelares organizações que se dedicam à viti-vinicultura, e, entre estas, destaca-se em primeiro plano a da firma Federico de Alvear Ltda., proprietária dos Vinhedos e Cantinas "San Carlos", Colonia Alvear, em Mendoza, com sede administrativa em Buenos Aires, à Calle Pueyrredon, 672, onde se encontra magnìficamente instalada.

Especialistas em vinhos finos de champanha, estão, agora, apresentando uma nova modalidade de sua indústria viti-vinícola — a champanha de fermentação natural na própria garrafa, segundo o verdadeiro estilo francês, nos tipos doce, *demi-sec*, sêco e *extra-brut* (*nature*).

Com êste esquisito tipo de champanha, a Casa Federico de Alvear Ltda. vem conquistando os mercados nacionais e mesmo estrangeiros, satisfazendo os paladares mais requintados, sendo, ainda, a fornecedora exlusiva do Jóquei Clube de Buenos Aires, do Plaza Hotel, do Alvear Palace Hotel e do Hotel Continental da grande metrópole portenha.



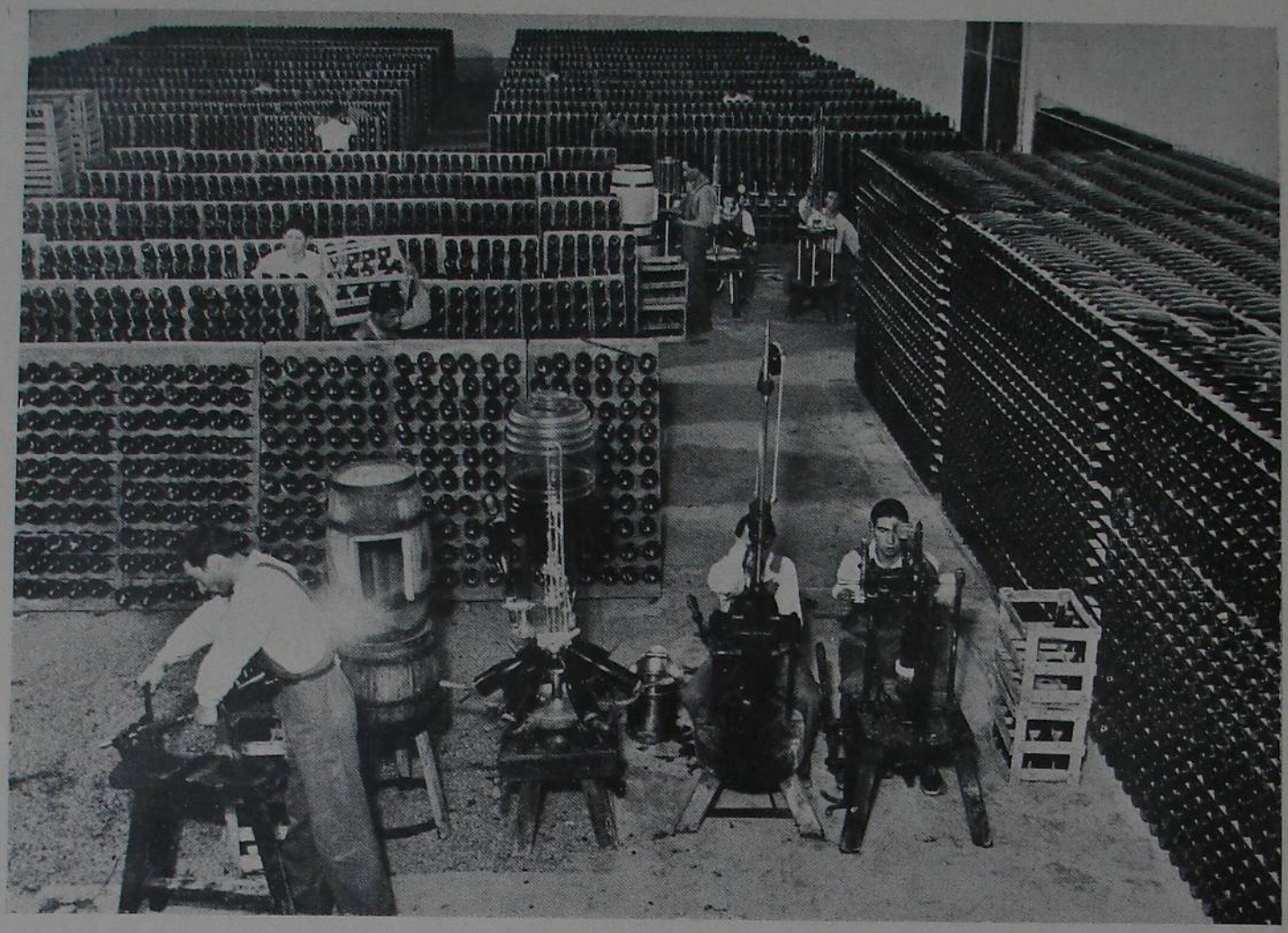
Os produtos de Federico de Alvear Ltda. passaram as fronteiras, pois sua preciosa champanha também é vendida no Brasil, por intermédio de seu representante em nosso país, a firma Sociedade de Expansão Comercial, no Rio de Janeiro, à rua da Quitanda, 185, que forneceu a afamada champanha para o Palácio do Itamarati e as Embaixadas da Argentina e do Uruguai, na Cidade Maravilhosa.

Não há dúvida de que a champanha marca Federico de Alvear Ltda. tem tôdas as qualidades para substituir de maneira absoluta as champanhas francesas.

E, para isso, basta-nos citar que a champanha Federico de Alvear Ltda. patrocinou os festejos da cidade de Salta, no Norte Argentino, com a assistênca do exm.º sr. presidente da República Argentina e ministros, por motivo das datas comemorativas de 12 de Agôsto de 1942.

Mantem, ainda, a firma Federico de Alvear Ltda. uma exposição permanente de seus produtos, em local próprio, à Calle Florida, 519.

ANGEL M. ESPIÑO E HIJOS



Sótão de fermentação na cantina de Angel M. Espiño e hijos

Já muito temos falado do progresso indiscutível e do grande adiantamento em que se encontra a indústria viti-vinícola argentina. E, também, muito se tem falado das modelares organizações vinícolas que se encontram em pleno funcionamento na grande república vizinha.

Mas, faltaríamos ao nosso dever profissional, se deixássemos de nos referir aos grandes estabelecimentos vinícolas da poderosa firma Angel M. Espiño & Filhos que, precisamente, há dois decênios vem se dedicando com grande zêlo à industrialização da uva.

Fundada em 1.922, com sede em Buenos Aires, Gaona 3153/7, e com duas cantinas em Mendoza, a firma Angel M. Espiño & Filhos vem conquistando, dia a dia, os mais destacados mercados consumidores do bom vinho, graças à excelência de seus produtos e à sua magnífica apresentação aos consumidores em geral.

São os estabelecimentos viti-vinícolas Angel M. Espiño & Filhos especialistas em vinhos finos e champanhas naturais, bem como os produtos da primeira marca de champanha argentina que foi exportada em larga escala para os mercados dos Estados Unidos da América do Norte.

Em várias exposições foram expostos os produtos de Angel M. Espiño & Filhos, que sempre se destacaram entre os seus similares, obtendo inúmeros prêmios nesses certames, sendo seus prêmios principais, os seguintes:

1.926 — Paris — Grande Prêmio e Medalho de Ouro; Milão — 1.924 — Grande Cruz e Medalha de Ouro; Barcelona — 1.924 — Grande Prêmio e Medalha de Ouro; Sociedade Rural de Rosário — 1.934 — Medalha de Ouro.

A produção total de champanha dos grandes estabelecimentos vinícolas de Angel M. Espiño & Filhos é, por ano, de 360.000 garrafas, índice êsse que basta para dizer do que é, em si, essa modelar e grandiosa organização viti-vinícola.

Suas principais marcas de champanha são: "Espiño", "Angel M. Espiño", "Clubman" — tôdas em tipo doce, meio-sêco, sêco, extra-sêco e natural, as quais são unânimente consagradas pelos seus numerosos consumidores.

Dada à sua alta qualidade, os vinhos espumantes de Angel M. Espiño & Filhos já ultrapassaram as fronteiras argentinas, encontrando-se, hoje, êsses produtos em as grandes capitais americanas, onde gozam de grande aceitação.

As champanhas "Espiño", "Angel M. Espiño" e "Clubman" são exportadas para tôdas as repúblicas sul-americanas, centro-americanas e para a América do Norte, sendo seu representante no Brasil a Casa Irmãos Carvalho, que vem introduzindo êsses preciosos vinhos espumantes em nosso país, onde estão merecendo a preferência de nossos mercados consumidores.

Poderíamos ainda nos estender sôbre as magníficas instalações dos estabelecimentos viti-vinícolas da firma Angel M. Espiño & Filhos, não só de sua casa administrativa na grande metrópole portenha como das cantinas situadas em Mendoza, mas achamos ser isso desnecessário para citarmos, apenas, o que representa essa grandiosa organização industrial no setor econômico e financeiro da grande nação amiga, não só exportando os seus produtos para os países do continente americano, como pela excelente propaganda que, através de seus magníficos produtos, vem fazendo da Argentina, tornando cada vez mais conhecida a grande indústria viti-vinícola da grande República Sul-Americana.

VINHEDOS E CANTINAS FRANCISCO PASSERA

Graças aos grandes empreendimentos particulares amparados eficazmente pelos poderes competentes, a viti-vinicultura na Argentina atingiu a um elevado grau de progresso e grande desenvolvimento.

Grandes organizações dedicam-se a êsse ramo industrial, concorrendo, assim, para a maior riqueza econômica do vizinho país amigo.

E, entre elas, citamos os vinhedos e cantinas Farncisco Passera, com sede administrativa em Buenos Aires, à rua Bolivar, 356, e com estabelecimentos vinícolas em Rodeio de la Cruz, em Mendoza.

Fundados em 1.888, os grandes vinhedos e cantinas Francisco Passera possuem, atualmente, uma produção anual de 18.000 pipas. Especialistas em vinhos finos, suas marcas principais "Chateau Labat" e "Passera", produtos engarrafados, são por demais conhecidos por todos os consumidores de paladar requintado.

Essas finíssimas qualidades de vinhos, em branco, tinto e rosado, são dos itpos de mesa, e são distribuídos aos consumidores, depois de uma permanência nos grandes depósitos dos estabelecimentos Francisco Passera, de 5 a 10 anos.

Dadas essas qualidades bem como pela sua magnífica apresentação, os produtos dos vinhedos e cantinas Francisco Passera estão, inegàvelmente, fadados a triunfarem nos mercados brasileiros, como já o fizeram nos mercados platinos, em conseqüência da excelência de seus produtos e de suas qualidades extraordinárias.

C A F É

A PRECIOSA RUBIÁCEA, O GRANDE PRODUTO DA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA, FIGURA, NATURALMENTE, EM GRANDE ESCALA, TAMBÉM NO CONSUMO ARGENTINO

Valiosa ação de propaganda de café puro do Brasil

"SOROCABANA", SOCIEDAD DE RESPONSABILIDAD LTDA.

O Café do Brasil, o produto número um de nossa exportação, vem de conquistar, de uma maneira absoluta, os mercados platinos, generalizando-se o seu consumo nas grandes repúblicas sul-americanas.

E essa nova conquista do nosso Café se deve incontestàvelmente, não só ao seu apurado tipo como à sua excelente propaganda naqueles mercados, graças às várias organizações que se constituíram para essa última finalidade.

E, entre essas, é notória a missão de aproximação inter-americana que cumpre a "Sorocabana", Sociedade de Responsabilidade Ltda., que estendeu seu raio de ação pelas Repúblicas Argentina, Uruguai e Paraguai, vinculando-os, por meio de suas casas de venda e propaganda, dedicadas exclusivamente ao Café Puro do Brasil.

A sociedade "Sorocabana" está integrada pelos srs. Pedro D. Cotella Filho, dr. Ulises de la Orden, dr. Jacinto Mazon Alcaraz e sr. Delfino Eiras, operando com um capital de 500.000 pesos, colaborando 472 pessoas em seus serviços.

A casa martiz, magnificamente instalada, funciona em Buenos Aires, à Avenida Callao, 325, onde se faz a centralização de todos os assuntos relativos às demais sucursais.

O último exercício anual, encerado recentemente, regista o alto número de 3.226.308 chícaras de café, servido nos balcões de distribuïção e o de 327.749 quilos vendidos ao público, que convertidos em chícaras, representam a elevada cifra de 29.479.455.

Assim sendo, a "Sorocabana" é, sem dúvida nenhuma, uma profícua entidade que, estendendo seus fortes braços sôbre a América, assume a grata tarefa de estreitar, mais ainda, os vínculos existentes entre a Argentina — Brasil — Paraguai e Uruguai.



Uma das diversas casas de venda e propaganda do café do Brasil, mantidas pela "Sorocabana".

P E C U Á R I A

ESTABELECIMENTOS PASTORÍS DE VULTO, QUE MANTÊM INTENSO CONTACTO COM OS CRIADORES RIOGRANDENSES

"LA MARTONA" S. A.



MARTONA'S POSCH QUEEN

(H. B. A. — 05712)

O grande desenvolvimento da indústria pecuária na Argentina está, inegàvelmente, ligado, diretamente, ao progresso sempre crescente de seus grandes estabelecimentos pastorís, notáveis organizações em seu gênero.

Atingem, mesmo, a um elevado número as grandes emprêsas que empregam tôdas as suas atividades, exclusivamente no melhoramento de seus rebanhos, na seleção de seus espécimens, no aprimiramento de seus gados, quer seja na raça quer seja nas possibilidades que possam oferecer de melhor para o maior progresso da indústria pecuária na Argentina.

Entre as grandes organizações pastoris, que marcham na vanguarda da indústria pecuária na vizinha República platina, "La Martona" Sociedade Anônima, com sede administrativa em Buenos Aires, Rondean 1757, sem dúvida alguma ocupa um lugar destacado nesse grandioso movimento que se vem observando entre os mais adiantados criadores argentinos, os pioneiros, por assim dizer, dessa rendosa indústria.

Os modelares estabelecimentos pastorís de "La Martona" S. A., que ficam situados na estância de sua propriedade, na aprazível localidade de Vicente Casares, na Província de Buenos Aires, encontram-se, apenas, a uma distância de 45 quilômetros da grande metrópole portenha, sendo mesmo um dos mais próximos, em seu gênero, da capital argentina.

Dedicando-se quasi que exclusivamente à criação de gados da raça Holando-Argentina, os estabelecimentos de "La Martona" vem, dia a dia, se impondo como uma das organizações pastoris que mais se batem pela formação dêsse tipo de gado que melhor se adapta às pastagens platinas.

Os seus exemplares, por várias vezes, já foram consagrados em diversas exposições pecuárias, conquistando inúmeros prêmios, que atestam, assim, a magnífica qualidade dos espécimens expostos.

Entre os seus inúmeros exemplares, possue "La Martona" a campeã mundial de produção leiteira, em sua categoria, a Martona's Posch Queen (H. B. A. — 05712) que, aos 13 mesesde idade, produziu, submetida a 3 ordenhas diárias, sem terneiro, 12.156 kg. de leite e 353.698 kg. de graxa, em 365 dias. Êsse magnífico exemplar da raça bovina é filha, neta, bisneta e tataraneta de vacas nascidas e criadas em "La Martona".

Eis aí, nessa rápida resenha, como é valiosa a cooperação dos estabelecimentos pastoris de "La Martona" em prol do progresso da pecuária argentina.

JULIO F. GENOUD Y HERMANOS



Talladora Sylvia Ormsby "(H.B.A. 05030). Grande campeã de Palermo, 1942. Recorde mundial de leite em sua categoria, no ano 1940/41, com uma produção de 12105 kg. de leite com 376 de graxa. Três últimas gerações criadas em "Santa Catalina".

A indústria da pecuária no Brasil como na Argentina é, sem favor nenhum, um dos fatores que mais coopera no alevantamento da balança comercial de ambos os países.

Inúmeros são os modelares estabelecimentos pastoris que operam nesses países, alguns com avultadíssimos capitais invertidos. E, dentre êsses, destaca-se, em primeiro plano, o estabelecimento "Santa Catalina", de propriedade dos srs. Julio F. Genoud & Irmãos, estabelecidos em Santa Coloma, República Argentina, na F. C. E., estabelecimento que honra, sobremaneira, a pecuária argentina.

Mais de 50 anos levam já os srs. Genoud dedicando-se à seleção intensiva da raça holandesa e à formação do Holando-Argentina, na F. C. E., estabelecimento que honra, sobremaneira, gues dos Estados Unidos, Holanda, Canadá e Nova Zelândia.

A êsses detalhes se acrescentam os da seleção natural, já que no referido estabelecimento se exige da raça uma adaptação rigorosa às condições naturais e econômicas de exploração, agregando, às suas excelentes qualidades de origem, extraordinárias capacidades de rusticidade; soma-se, a esta seleção por origem e adaptação, a de produção acrescentada por meio da prática permanente do contrôle oficial de produtividade por período completo de lactância, em condições ordinárias de trabalho, que se pratica sôbre a totalidade do gado em exploração e, desde há mais de 22 anos, isto é, desde a criação dêstes registros de contrôle no país.

Numerosos recordes nacionais, sul-americanos e mundiais foram obtidos por produtos originários ou descendentes de reprodutores criados em "Santa Catalina".

Assim, os produtos de "Santa Catalina" obtiveram em 10 anos consecutivos, os campeonatos de Palermo, como também nas exposições de Rosário, um das mais importantes que se realizam no país, tendo obtido, desde o ano de 1.933 a 1.942, inclusive: 26 campeonatos, 17 campeonatos reservados, 24 prêmios especiais, 7 prêmios de conjunto, 92 primeiros prêmios, 46 segundos, 30 terceiros, etc.

O ponto culminante destas performances de prêmios e tipo conseguidos por animais de "Santa Catalina" foi obtido recentemente em Agôsto de 1.942, na Exposição de Palermo, onde os produtos de "Santa Catalina" obtiveram Grande Campeão e Reservado de Grande Campeão Macho, Grande Campeão e Reservado de Grande Campeão Fêmea, Campeão Sênior Macho, Campeão Júnior Macho, Campeão Sênior Fêmea e Campeão Júnior Fêmea.

Estas perfomances não são pois, produto de uma improvização já que mais de 50 anos de seleção assentam os planteis de "Santa Catalina", e nos últimos 30 anos se imprimiu a esta uma sólida diretriz zootécnica que permite reünir nos produtos criados neste estabelecimento, os mais prestigiosos sangues do mundo, os mais elevados rendimentos de leite e graxa obtidos no país, o que revela uma sólida capacidade de adaptação às condições de exploração comuns e naturais a que se submete o gado para dar ao mesmo maior rusticidade e capacidade de produção econômica possível; ao que se acrescenta uma definida seleção por tipos, não inspirada em detalhes subalternos, sinão precisamente nas caraterísticas e capacidades essenciais da raça, para cumprir eficazmente suas funções de produtora econômica em seu ambiente.

DEFESA AGRÍCOLA

A contribuïção da flora amazônica para o progresso da agricultura sul-americana

VICTOR C. DEL MAZO SUAREZ

Uma das maiores riquezas que encerra o trópico amazônico, é, sem dúvida, a exploração de sua maravilhosa flora. E, entre as plantas cujo valor industrial é cada vez maior em sua importância, destaca-se, em primeiro plano, o Timbó, arbusto que abunda na sombra da selva e que já os indígenas aproveitavam na arte de pescar.

Além dos vários produtos e derivados que dessa planta se extraem, um, no entretanto, alcançou uma grande consumação em vários mercados não só nacionais como, e muito principalmente, nos sul-americanos. Êsse produto é o resultado da industrialização do pó conseguido das raízes do Timbó, que, moídas, dão um artigo de primeira ordem, isto é, um formicida, que é exportado em grande escala pelos centros de Belém e Manaus para todos os centros industriais de todo o mundo, ocupando, no entretanto, o primeiro lugar, os mercados consumidores sul-americanos.

Como uma das organizações mais importantes nesse gênero, destaca-se, em lugar evidente, a fábrica das Indústrias Químicas Tonkil, Ltda., sediada no Rio de Janeiro, cuja produção em sua quasi totalidade, neste momento, está sendo destinada aos mercados da Argentina, Uruguai e do Chile.

E, para maior facilidade dos consumidores do excelente formicida "Timbopó", a organização das Indústrias Químicas Tonkil, Ltda. nomearam seu representante geral o sr. Victor C. del Mazo Suarez, estabelecido em Buenos Aires, à rua Bolivar, 722, o qual atenderá a todos os agricultores interessados dos referidos países, naquele produto, cem por cento nacional, que constitue, como já dissemos, numa contribuïção da flora amazônica para o progresso da agricultura sul-americana.

T E C I D O S

O INTERCÂMBIO TÉXTIL ENTRE OS DOIS GRANDES PRODUTORES NESSE SETOR INDUSTRIAL

Exportadores, importadores e representações de evidente renome

SALEM & CIA. S. A. COMERCIAL E INDUSTRIAL

Com o propósito de estabelecer para esta prestigiosa obra de propaganda cultural brasileira, nosso ponto de vista, sôbre a importância do intercâmbio comercial brasileiro-argentino, mencionamos, como o passo mais importante e fundamental para estas relações, o tratado subscrito com a data de 21 de Novembro de 1.941.

Nossa firma, com sede principal em Manchester, Inglaterra, que tem mantido um grande prestígio na Argentina, na importação, em grande escala, de tecidos de algodão, viu-se privada de suas fontes de abastecimento, por circunstâncias do conflito que aflige o mundo. A-pesar-dessas circunstâncias e das dificuldades com que a Inglaterra se vê obrigada a diminuir seu intercâmbio com a Argentina, nossa casa segue mantendo um nivel de importação dêsse país quasi superior às mais importantes casas de tecidos estabelecidas na Argentina.

Não obstante as vantagens oferecidas, pelos esforços de nosso pessoal jovem na Inglaterra, temos aproveitado a oportunidade que nos brindou o Convênio Brasileiro-Argentino, para dedicar parte de nossa importação ao grande país amigo, o Brasil.

O pouco conhecimento de nosso mercado por parte do grande comércio e dos fabricantes brasileiros, trouxe, em princípio, grandes dificuldades, que pouco a pouco vão desaparecendo; não queremos expressar afirmativamente que essas dificuldades não subsistam. Nosso juízo nesse particular é categórico, e expressamos que existem dificuldades muito importantes de ordem moral. Dizemos de ordem moral, — tal como a sintetizou a prestigiosa revista da Câmara Comercial Argentino-Brasileira, numa oportunidade. — Muitos importadores e exportadores pouco escrupulosos de ambos os países, aproveitando as circunstâncias da guerra, levaram ao mercado produtos que não fazem honra à firma nem ao fiel cumprimento dos contratos firmados.

Confiamos nos homens de govêrno de ambos os Estados, na personalidade prestigiosa das Instituïções Comerciais Brasileiro - Argentinas, tôdas elas, animadas de um espírito de aproximação e de bom entendimento, façam com que, dia após dia, tôdas as dificuldades, vão desaparecendo. Não está longe o dia, em que tôdas as nações do mundo, analisando, sem paixões nem ódios, os grandes prejuízos que têm motivado o protecionismo e as barreiras aduaneiras, terminem por concertar tratados mais liberais para o comércio em geral.

É indispensável que estas duas nações, pilares da confraternização Sul-Americana, se dediquem num comum esfôrço, ao melhoramento de seus produtos, à compreensão de seus mercados, e, sôbretudo, a interpretar os desejos e as necessidades de ambos os países.

Ao grande país amigo e irmão neste conflito, Brasil; a todos os países americanos, a tôdas as nações democráticas que conosco se uniram para o triunfo final, a todos aqueles que como nós pensam, a todos êles enviamos uma palavra de ânimo, uma palavra fraternal, colocando-nos incondicionalmente às suas ordens.

BAKIRGIAN & CIA. LTDA.

A excelência da qualidade e a linda padronagem apresentada pelos tecidos brasileiros conquistaram, indiscutìvelmente, os mercados platinos, principalmente os argentinos.

Inúmeros são os estabelecimentos comerciais que distribuem, em larga escala, os nossos artigos de tecelagem e, entre êles, o da conceituada firma Bakirgian & Cia. Ltda., de Buenos Aires.

Importadores e distribuïdores de tecidos em tôda a grande República vizinha e amiga, os srs. Bakirgian & Cia. Ltda., com casa central em Alsina, 1.659, que há longos anos se dedicam a êsse ramo de comércio, possuem em seus estabelecimentos um dos maiores estoques de tecidos de excelente tecelagem e com os mais ricos padrões, afim de atenderem os seus numerosos clientes.

Além da casa central, mantem, ainda, em Buenos Aires, a referida firma outras sucursais, as quais ficam situadas em Avellaneda, Canning, Once, bem como no interior do país, destacando-se as de Baía Blanca, Córdoba, Corrientes, Mendoza, Rosário, Salta, Santa Fé e Tucuman.

Graças, pois, aos esforços dêsses dinâmicos comerciantes, homens de larga visão e de grandes possibilidades, são os tecidos brasileiros importados e distribuídos, nos quatro cantos da República Argentina, vindo, também, dessa maneira, cooperar eficazmente, para o maior intercâmbio comercial entre os dois grandes países sul-americanos — Brasil e Argentina.

ABADI, CASABE & CIA.

Inegàvelmente, a indústria brasileira de tecelagem atingiu a um elevado grau de adiantamento, sòmente igualado pelos similares estrangeiros, pois as fábricas nacionais de tecidos honram sobremaneira a nossa indústria têxtil.

E, a par de grandioso desenvolvimento da tecelagem em nosso país, o mercado consumidor argentino também incontestàvelmente, é o nosso principal importador, sendo inúmeras as casas importadoras dos tecidos brasileiros na grande metrópole portenha.

Entre estas, figura em primeiro plano a organização da firma Abadi, Casabe & Cia., estabelecida em Vitória, 1.172/1.174, com uma grande casa importadora de tecidos brasileiros, que vem introduzindo na grande República platina os nossos produtos têxtis, contribuindo, assim, para o maior intercâmbio entre os dois países.

ROBERTO HUBER & CIA. SOCIEDAD DE RESPONSABILIDAD LTDA.

Na Argentina, como no Brasil, também, o comércio de representações atingiu a um notável incremento.

E, cremos ser desnecessário dizermos, aquí, o que representa na balança econômica de qualquer país, o movimento que é feito pelo comércio de representações, bem como da sua valiosa cooperação no setor financeiro.

Mas, para corroborarmos a nossa afirmativa, basta citarmos o grande número de importantes organizações, algumas operando com avultadíssimos capitais, que se dedicam exclusivamente a essa modalidade de negócios.

E dentre essas grandes organizações comerciais, não poderíamos deixar de nos referir à firma Roberto Huber & Cia., Soc. de Resp. Ltda. estabelecida à Calle Alsina, 430, na grande Metrópole portenha.

Casa suíça, fundada em 1.913, desde a data em que iniciou suas transações comerciais, sempre se dedicou, exclusivamente, ao ramo de representações, onde prosperou de uma maneira surpreendente, em virtude da impecável direção imprimida em seus negócios pelos srs. Roberto Huber & Cia.

Representantes dos mais variados produtos, a Sociedade de Responsabilidade Ltda. Roberto Huber & Cia. dedicou-se, com mais proficiência, e de maneira especial ao ramo têxtil e ao de produtos naturais.

Assim é que, aproveitando esta oportunidade, coloca essa conceituada organização comercial seus serviços ao inteiro dispor da indústria têxtil nacional e à exportação de produtos naturais brasileiros.

GALLI & CIA.

"CASA GALLI"

FUNDADA EM 1866

VICTORIA 2051 — U. T. { 47, CUYO 7739 ESCRIT. / 47, CUYO 7223 VENDAS

BUENOS AIRES

IMPORTADORES

TECIDOS-MERCIARIA

COM SUCURSAIS

NO INTERIOR DA REPÚBLICA

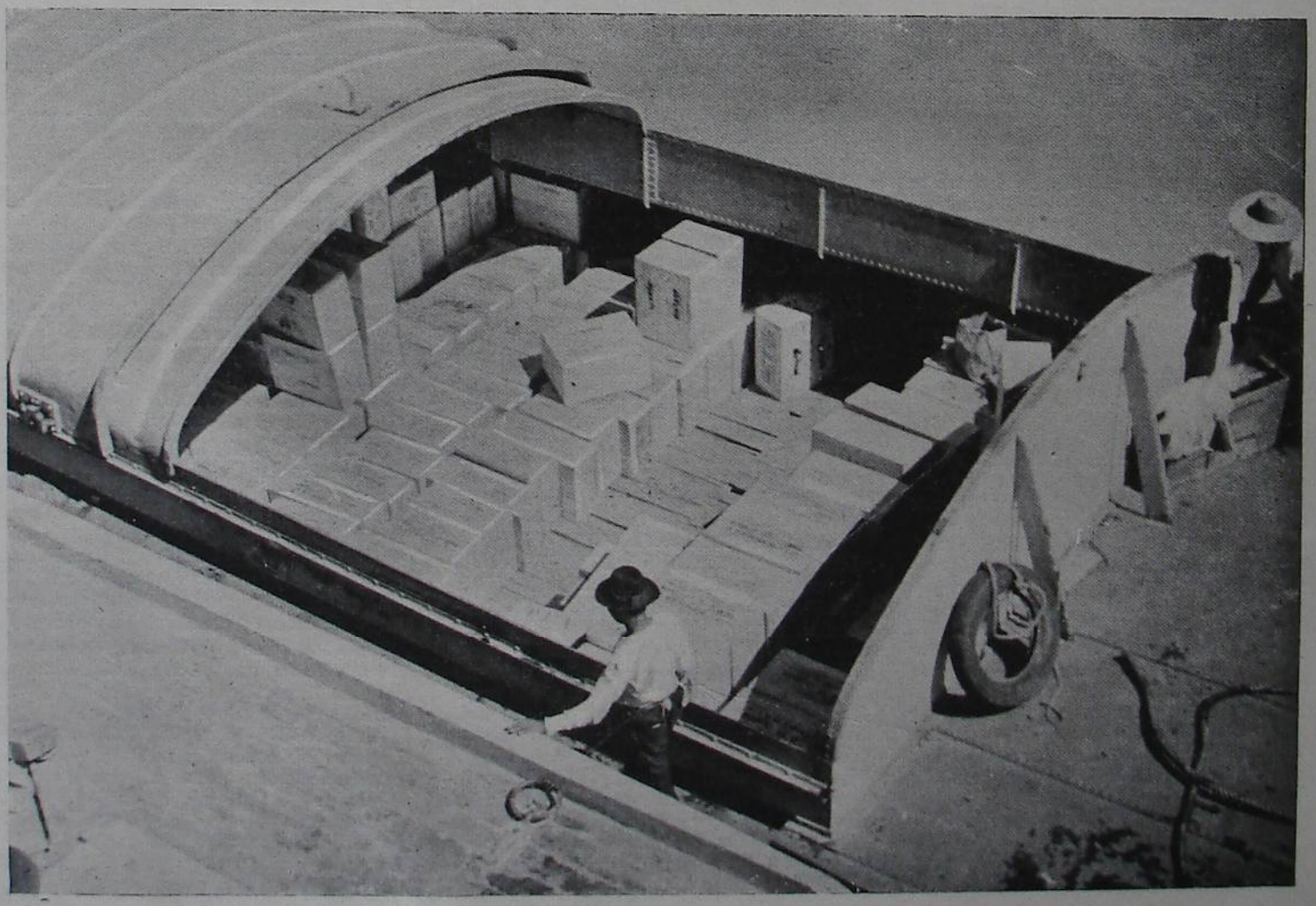
COLLAZO & CIA. SOCIEDAD DE RESPONSABILIDAD LTDA.

Associando-se à obra de intercâmbio cultural da mais completa publicação sôbre o Estado rio-grandense, o livro "Rio Grande do Sul — Imagem da Terra Gaúcha", uma das maiores organizações argentinas, a conceituada firma Collazo & Cia., Sociedade de Responsabilidade Ltda., grandes importadores de madeiras, ferros, etc., instalados em Buenos Aires, à Calle Perú, n.º 375, assim se expressou:

"Por estar estreitamente vinculado desde uma vintena de anos às atividades comerciais do Brasil, particularmente no que se refere ao ramo de seus produtos florestais, achamos de singular importância a obra que realizará o livro "Rio Grande do Sul — Imagem da Terra Gaúcha", como veículo oficial de informação perfeitamnete ampla e documentada acêrca dos produtos e seus derivados originários do imenso e rico Estado brasileiro.

É proverbial a importância que tem para a evolução de tôda a indústria ou ato de comércio o êxito que deriva de uma ilustração bem orientada.

Desejamos, pois, que a intenção que leva esta obra preencha plenamente sua finalidade para satisfação moral e benefício material de seu povo e para proveito das nações irmãs que, sem dúvida, se interessarão na aquisição de seus produtos".



ESBÔÇO BIBLIOGRÁFICO DE OBRAS PARA O ESTUDO DO RIO GRANDE DO SUL

Por WALTER SPALDING.

Nada existe, no Rio Grande do Sul, sôbre Bibliografia. Daí a dificuldade em organizá-la metòdicamente. Deveríamos dividí-la por matéria. Entretanto, tratando uma obra, não raro, de vários assuntos, seríamos obrigados a repetí-la em cada secção, alongando o trabalho. Resolvemos, porisso, dar ao presente esbôço a forma de Dicionário, por autor apenas, dada a angústia de espaço de que dispomos.

Embora incompleta, procuramos relacionar quanto de mais importante e de caráter geral sôbre o Rio Grande do Sul, ou com notas de interêsse, tivemos à mão ou encontramos em Bibliografias de obras de valor, antigas e modernas.

Figuram, assim, neste esbôço, indistintamente, obras sôbre paleontologia, arqueologia, etnologia e etnografia, geologia, botânica, zoologia, geografia, história, sociologia, medicina, direito, educação, meteorologia e climatologia, estatística — indústrias — comércio — economia — finanças, — religião, ciências físicas e naturais, artes, letras, nobiliarquia e genealogia. Em secções especiais, in fine, relacionamos algumas publicações que publicavam e publicam trabalhos de interêsse sôbre todos os assuntos, e alguns trabalhos de cartografia, — mapas, cartas e roteiros, — nos quais o Rio Grande do Sul figura. Para esta secção, afim de não alongar demasiado o trabalho pelas razões expostas, mencionamos, apenas, os autores e as datas, tanto quanto possível, dos mapas, plantas e roteiros que organizaram.

Sirva êste simples esbôço de incentivo a quem, com mais tempo e vagar, possa apresentar obra completa.

Omissões e lacunas deve haver, e muitas. Mas... não somos enciclopédico... e o tempo para o que fizemos, foi curtíssimo.

Queremos deixar aquí consignados os nossos agradecimentos às notas que nos foram fornecidas pelos srs. Carlos de Paula Couto e Dr. Leônidas Soares Machado, sôbre paleontologia e geologia e medicina, respectivamente.

A. A. F. DE SEWELOH, — Reminiscências da Campanha de 1827 (Traduzido do alemão pelo general Bertholdo Klinger. — Rio de Janeiro, 1936).

A. B. COLEMAN, — Permo-carboniferous glacial deposits of South America (In Journal of Geology, XXVI).

A. D. PINTO, — A hidrografia do Estado do Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II sem. 1932).

A. G. LIMA, — Noções de Geografia (I Parte: Estado do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre, 1931. As II e III partes são de caráter universal).

A. J. SAMPAIO, — Fitogeografia do Brasil (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana, vol. 35. S. Paulo, 1934).

A. DIODORO DE PASCUAL, — Apuntes para la História de la Republica Oriental del Uruguay desde el ano de 1810 hasta el de 1852 etc. (2 tomos; Paris, 1864).

A. LLAMBIAS DE OLIVAR, — Contribución al conocimiento de los minerales de manganeso en el Uruguay (In Bul. n.º 5, Inst. Geol. Perf. Uruguai; Montevidéu, 1921).

A. NEHRING, — Ueber Lutra Brasiliensis (Sitzungs - Ber. Ges. Naturfreunde; Berlin, 1886).

— Ueber eine Pelzrobbenart an der Küste Süd-Brasiliens (In Archiv für Naturgeschichte; Band I, 1887).

— Ueber eine Ctenomys - Art aus Rio Grande do Sul; Sitzungs Ber. Ges. Naturfreunde; Berlin, 1887).

A. SMITH WOODWARD, — Traces of Gondwanaland fauna from red heds of Rio Grande do Sul (Brit. Assoc. Adv. Sc.; London, 1903).

— On some reptilian bones from the State of Rio Grande do Sul, Brazil (In Geol. Mag., vol. V, n.º 528; London, 1908).

— Sôbre alguns ossos fósseis de répteis do Rio Grande do Sul (Tradução do anterior In Relatório final da Comissão de estudos das minas de carvão de pedra do Brasil (Rio de Janeiro, 1908) — O mesmo estudo, com o título Considerações sôbre alguns ossos fósseis de Réptis do Estado do Rio Grande do Sul (In Rev. Mus. Paulista, vol. VII; S. Paulo, 1907 e em Paleontologia do Rio Grande do Sul, de Carlos de Paula Couto; Pôrto Alegre, 1940).

ABEILLARD BARRETO, — As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul (In Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-rio-grandense; Pôrto Alegre, 1937; separata).

ACADEMIA REAL DE CIÊNCIAS DE LISBOA, — Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas que vivem nos domínios portugueses ou lhe são vizinhos (Lisboa, 1812 a 1856; 7 vols. No vol. VII, 1841, figura: Tratado sôbre a demarcação dos limites na América Meridional, entre os Ministros de suas Majestades fidelíssima e católica).

ADAM SCHIRMBECK, S. J., — Messis Paraquariensis a PP. S.J. per sexennium in Paraquaria collecta, annis uidelicet 1638, 39, 40, 41, 42, 43. (Monachii, 1649).

AIMÉ BONPLAND, (Aimé Jacques Alexandre Goujand) — A obra de Bonpland acha-se, ainda, esparsa e em grande parte perdida. Consta existirem originais em poder de particulares, na Argentina. Diz-se que a obra do Cônego Gay — República Jesuítica do Paraguai é obra de Bonpland que foi hóspede de Gay em São Borja e com quem deixara parte de seus originais, quando partiu em sua última viagem na qual pereceu afogado. Sôbre Bonpland e sua obra, veja-se: Ramão Trois, — Aimé Bonpland — Notas biográficas (In A Federação, Pôrto Alegre, 23-4-1920), e Alfred Demersay, — Histoire physique, économique et politique du Paraquay et des Etablissements des Jesuites, cit. 2º vol. — Notice sur la vie et les ouvrages de M. Bonpland.

ALBERTO BETIM PAES LEME, — Síntese geológica do Brasil (In Arquivo do Museu Nacional, XXII; Rio de Janeiro, 1919).

ALBERTO PALOMEQUE, — A convenção preliminar da Paz (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, 1930).

ALCIDES CRUZ, — I) A incursão de Fructuoso Rivera às Missões brasileiras ou a Campanha de 1828. — II) O antigo forte de Santa Tecla (Memórias apresentadas ao primeiro Congresso de História Nacional, 1914; Pôrto Alegre).

ALFRED HETTNER, — Das Südlichste Brasilien (Rio Grande do Sul) (In Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin, vol. XXVI; Berlim, 1891).

ALFRED MARC, — Le Brésil: Excursion a travers ses 20 provinces. Notes on geology and mineral ressources (Rio Grande do Sul, vol. II; 1889).

ALCIDE D'ORBIGNY, — Voyage dans l'Amerique Meridionale, executé pendant les années 1826/1833 (9 vols.; Paris).

ALFREDO DE CARVALHO, — Imprensa Periódica no Brasil — Parte I: Gênese e Progresso da Imprensa periódica no Brasil (Rio de Janeiro, 1908). A segunda parte, I vol. trata da imprensa em diversos Estados, por diversos autores. Não abrange o Rio Grande do Sul. A obra não foi continuada.

— Aventuras e aventureiros no Brasil (Rio de Janeiro, 1930).

ALFRED DEMERSAY, — Histoire physique, économique et politique du Paraguay et des Etablissements des Jesuites (Paris; 1860, 2 vols).

ALFREDO ELLIS JUNIOR, — O Bandeirismo paulista e o recuo do meridiano (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliana, Vol. 36, São Paulo, 1938, 3ª ed.).

— Resumo da história de São Paulo — quinhentismo e seiscentismo (São Paulo, 1942). Faz novos estudos sôbre o bandeirismo no Rio Grande do Sul.

ALFREDO FERREIRA RODRIGUES, — O nome da Lagoa dos Patos (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, para 1898).

ALFREDO VARELA, — Rio Grande do Sul — Descrição física, histórica e econômica. 1º volume (único publicado); Pelotas e Pôrto Alegre, 1897).

— História da Grande Revolução. O ciclo farroupilha no Brasil (6 vols.; Pôrto Alegre, 1933). Sôbre o mesmo assunto publicou ainda Varela: Revolução Cisplatina — A República Riograndense (Pôrto Alegre, 1915), que foi em parte incluída na História da Grande Revolução.

AMARO BATISTA, — O telégrafo nacional no Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; II sem., 1935).

AMBRÓSIO SCHUPP, S. J., — Os aborígenes do Brasil sob o ponto de vista etnológico (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, para os anos de 1903, 1904 e 1905). Êste trabalho foi traduzido por Franz Rath, de Natur und Offenbarung (Muenster, 1892).

— Os Muckers — Episódio histórico extraído da vida contemporânea nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul Traduzido do alemão por Alfredo Clemente Pinto, 2ª edição; Pôrto Alegre, s/d.).

ANDRÉ RIBEIRO COUTINHO, — Memória dirigida a Gomes Freire de Andrade (Sôbre a fronteira do Rio Pardo). (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, II sem. de 1936).

ANDRÉS DE OYARVIDE, — Memoria geografica de los viages desde Buenos Aires hasta el Salto Grande del Paraná, por las primera y segunda partidas de la demarcacion de limites en la America Meridional, en conformidad del Tratado Preliminar de 1777 entre las coronas de España y Portugal, con varias notas cronologicas de las poblaciones, circunstancias y estado actual de los paises que se anduvieron. y algunas otras sobre la division de terrenos de ambos dominios (In Carlos Calvo, Recueil complet des Traites. Paris, 1862-1866; 16 vols. A memória acima figura no tomo VII.

ÂNGELO GUIDO, — As artes plásticas no Rio Grande do Sul (In Anais do III Congresso Sul-riograndense de História e Geografia; Pôrto Alegre, 1940).

ANÔNIMO, — Descrição corográfica da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul. contendo em resumo a guerra do Uruguai terminada em 1756 e a de 1801 (Manuscrito existente, por cópia, no Instituto Histórico Brasileiro).

ANÔNIMO, — Minas de Ouro. Província de S. Pedro do Rio Grande. Pesquisas feitas em 1808 e 9. Não temos indicações. Cita-a, apenas, o sr. Abeillard Barreto, ob. cit.

ANÔNIMO, — Notícia dos Acontecimentos pela presente guerra nos Sete Povos das Missões e nesta Fronteira do Rio Grande de S. Pedro (Cópia de um manuscrito da Biblioteca do Palácio Episcopal Fluminense). (In Revista do Instituto Histórico Brasileiro. 3º trim. de 1853). É em forma de Diário.

ANTÔNIO ALVES DOS SANTOS, — Navegação na costa do Rio Grande do Sul (In Revista Marítima Brasileira, Fev. de 1911; e in Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, para 1913).

ANTÔNIO ÁLVARES PEREIRA CORUJA, — Algumas anotações às Memórias Históricas de Mons. Pizarro, na parte relativa ao Rio Grande do Sul. Esta correção à obra de Mons. José de Souza Azevedo Pizarro e Araújo, foi publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Tomo 21, II; 1859).

De Antônio Álvares Pereira Coruja, foram publicadas mais as seguintes obras, entre outras de menor vulto: Coleção dos vocábulos usados na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul (Rio de Janeiro, 1861). A 1.ª ed. foi a publicação na Revista do Inst. Hist. Brasileiro (Tomo 15, 1852); a 2.ª é de Londres (ao que consta), de 1856; a 4.ª é a que veio em apêndice na Folhinha Riograndense para o ano de 1862. Parte dessa Coleção de vocábulos são da língua tupí-guaraní. — Notas à memória do tenente-coronel José dos Santos Viegas (In Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo 23; Rio de Janeiro, 1860). — Antigualhas e reminiscências de Pôrto Alegre (Rio de Janeiro, 1881). Foram reeditadas no Anuário da Província do Rio Grande do Sul, do dr. Graciano Alves de Azambuja, anos de 1887 e seguintes. Uma parte foi publicada no Boletim Municipal nº 10, Pôrto Alegre, 1942. Escreveu, também, um Compêndio de gramática da língua nacional, dedicado à mocidade riograndense (Pôrto Alegre, 1835). Teve várias edições sendo a última do Rio, 1872.

ANTÔNIO BERMEJO DE LA RICA, — La Colonia del Sacramento. Su origen, desenvolvimiento y vicisitudes de su historia (Biblioteca de la Historia Hispano-Americana; Toledo, MCMXX).

ANTÔNIO JOSÉ GONÇALVES CHAVES, — Memórias Ecônomo-políticas sôbre administração pública do Brasil, compostas no Rio Grande de S. Pedro do Sul e oferecidas aos Deputados do mesmo Brasil, por HUM PORTUGUÊS residente no Brasil há 16 anos; que professa viver só do seu trabalho, e deseja o bem da Nação, ainda com preferência ao seu próprio (Rio de Janeiro, 1822). 2ª edição sob o título Memórias ecônomo-políticas de Antônio José Gonçalves Chaves, feita por J. B. Hafkemeyer, S. J. (Pôrto Alegre, 1922; in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II e III trim. de 1922; Pôrto Alegre). Com uma Introdução de J. B. Hafkemeyer, S. J.

ANTÔNIO RUIZ DE MONTOYA, — Arte de la lengua Guarani, ó mas bien Tupí, por el P. Antonio Ruiz de Montoya, natural de Lima, Missionario etc. Nueva Edicion: Mas correcta y esmerada que la primera, y con las voces indias en tipo diferente. Viena-Paris, 1876 (É esta a edição do Visconde de Pôrto Seguro. A 1.ª edição dessa obra é de Madrid, 1640, e outra edição traz a data de 1724, feita pelo padre Alonso Restivo).

— Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape (2.ª edição; Bilbao, 1892).

— Manuscrito guaraní da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sôbre a primitiva catequese dos índios das Missões composto em castelhano pelo P. ANTÔNIO RUIZ DE MONTOYA, vertido para o guaraní por outro padre jesuíta e agora publicado com a tradução portuguesa, notas e um esbôço gramatical do Abaneê pelo dr. Batista Caetano de Almeida Nogueira (In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VI; Rio de Janeiro, 1879).

ANTÔNIO SERRANO, — Los tributários del rio Uruguay (Buenos Aires, 1936; Separata do vol. I da História de la Nación Argentina, editada pela Junta de Historia y Numismatica Americana).

— Arqueologia de las grutas de San Francisco de Paula — Rio Grande do Sul (Brasil) (In Revista Chilena de Historia Natural; Ano XLI, 1937, Santiago do Chile). Há separata.

— Etnografia de la antigua provincia del Uruguay (Paraná, Rep. Argentina. 1936).

— Los sambaquis y otros ensaios de Arqueologia brasileña (In Anais do III Congresso Sul-riograndense de História e Geografia; Pôrto Alegre, 1940). Há separata.

Arqueologia Brasileira, Subsídios para a arqueologia do Brasil Meridional (São Paulo, 1937). Separata da Revista.

— Sambaquis o concheros brasileños. Apartado de la Revista del Instituto de Antropologia de la Universidad Nacional de Tucuman (Vol. I, nº 3; Tucuman, 1938).

ARSÈNE ISABELLE, — Voyage à Buenos Ayres et à Porto Alegre, par la bande Oriental, les Missions de l'Uruguay et la Province de Rio Grande do Sul (Havre, 1835). — Nos Nouvelles Annales de Voyage, de 1835, foi publicado parte da obra, sob o título — Excursions dans la province de Rio Grande do Sul au Brasil.

ÁTILA DO AMARAL, — Notas para a história das ferrovias sul-riograndenses (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; nº 85, I trim. de 1942). Há separata. No Boletim Municipal, nº 11, Govêrno do Município, também foram publicadas algumas notas sôbre o tema.

FELIX DE AZARA, — Geografia Fisica y Esferica de las Provincias del Paraguay y Missiones Guaranis composta por D. Felix de Azara, Capitan de Navio de la Real Armada en la Asumpcion del Paraguay, Año de MD CCXV. O manuscrito existe na Biblioteca Nacional de Montevidéu. Em 1904, Montevidéu, foi publicado com Bibliografia, prólogo e anotações de Rodolfo R. Schüler, nos Anales del Museu Nacional de Montevideu.

— Apuntamientos para la historia natural de los quadrupedos del Paraguay y Rio de la Plata (Madrid, 1802; 2 vols.).

— Apuntamientos para la historia natural de los páxaros del Paraguay y Rio de la Plata (Madrid, 1802).

AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE, — Voyage à Rio Grande do Sul (Brésil). Orléans, 1887. — Edições portuguesas: Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821. Tradução de Leonam de Azevedo Pena (Rio de Janeiro, 1935). A tradução é incompleta, pois faltam diversos capítulos, mais de cem páginas, sôbre a entrada e estadia no Uruguai e regresso ao Rio. 2.ª ed. portuguesa: Idem. Reprodução fiel da 1.ª (Biblioteca Pedagógica Brasileira; série V, Brasiliana; S. Paulo, 1939).

— Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil, la Province Cisplatine et les Missions dites du Paraguay (Paris, 1823).

— Flora Brasiliae Meridionalis (Paris, 1825-32; 3 vols.).

— Plantes usuelles des Brésiliens (Paris, 1824).

AUGUSTO PÔRTO ALEGRE, — A fundação de Pôrto Alegre (Pôrto Alegre, 1906).

AURÉLIO DA SILVA PY, — A 5.ª Coluna no Brasil. — A conspiração nazi no Rio Grande do Sul (2.ª edição; Pôrto Alegre, 1942). (A 1.ª edição, em 2 vols., era o Relatório secreto das atividades nazis, apresentado pelo chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, tenente coronel Aurélio da Silva Py.

AURÉLIO PORTO, — Influência do caudilhismo uruguaio no Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, 1929).

— Um capítulo da História territorial do Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; 1929).

— Prehistória do Rio Grande do Sul. — Primitivos habitantes do Rio Grande do Sul (Ambos in Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-riograndense; Pôrto Alegre, 1936). Êstes trabalhos foram, também, publicados in Terra Farroupilha, I vol. (Pôrto Alegre, 1937). O trabalho Prehistória do Rio Grande do Sul foi divulgado em 1934 no n° 2 (agôsto) da Revista Brasileira, direção de Batista Pereira, Rio de Janeiro.

— O colono alemão — Notas para a história da Imprensa riograndense — 1827-1837 (Rio de Janeiro, 1934; Separata das Publicações do Arquivo Nacional, vol. 30).

— Bandeiras Paulistas no Rio Grande do Sul (In Terra Farroupilha, 1.° vol.; Pôrto Alegre, 1937).

— Trabalho alemão no Rio Grande do Sul, Pôrto Alegre, 1934. No mesmo ano foi feita, da obra, uma edição em alemão.

AXEL LOFGREN, — Notas sôbre despojos de répteis fósseis (In Notas Preliminares e Estudos, do Serv. Geol. Min. do Brasil.; Rio de Janeiro, 1938).

B. VON FREYBERG, — Die Steinkohlenlagerstätten des Staates Rio Grande do Sul (In Internat. Bergwirtsch.; II, 1925. Bol. de la Acad. Nac. de Ciências de Cordoba, XXX).

BALBINO MASCARENHAS, — Luta contra a tuberculose no Rio Grande do Sul (In 9° Congresso Brasileiro de Medicina; Pôrto Alegre, 1926).

BALDUINO RAMBO, S. J., — A fisionomia do Rio Grande; Viagens de Estudos (Pôrto Alegre, s/d., 1938).

— A estrutura da Serra nas bacias do Caí e do Rio dos Sinos (Pôrto Alegre, 1937). Separata dos Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-riograndense (Pôrto Alegre, 1937).

BARREDA, padre, — Representación del Padre Barreda sobre la transmigracion de los Indios de los siete Pueblos de las Misiones (In Revista Histórica. Arquivo Histórico Nacional. Tomo VII, n° 19; Montevidéu, 1914).

BASÍLIO DE MAGALHÃES, — Folclore no Brasil (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; vol. 172, 1937; Rio de Janeiro, 1939). Há separata.

BENEDITO JOSÉ DOS SANTOS, — Pesquisas de carvão no sul do Brasil (In Anais da Escola de Minas de Ouro Preto; n° 9, 1907).

BUENAVENTURA CAVIGLIA (h), — Algunas noticias sôbre el Marechal Diogo Funck (In Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-riograndense; Pôrto Alegre, 1937). Há separata.

— La difusión del bovino en nuestro Uruguai (Montevidéu, 1937).

C. A. M. LINDMAN, — A vegetação no Rio Grande do Sul (Traduzida para o português por Alberto Löfgren; Pôrto Alegre, 1906).

C. DE MELO LEITÃO, — Zoogeografia do Brasil (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, vol. 77; São Paulo, 1937).

— A Biologia no Brasil (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, Vol. 99; S. Paulo, 1937).

— História das Expedições Científicas no Brasil (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, vol. 209; S. Paulo, 1941).

C. DORVILLE, — Geschichte der verschiedenen Völker des Erdbodens (Leipzig, 1773-1778; 6 vols.).

C. GUILLEMAIN, — Zur Geologie Uruguays (Deutsch. Geol. Ges.; Band 63, 1911; Monatsbericht n° 4).

CARLOS CORRÊA LIMA, — Campaña del Brasil — Antecedentes coloniales (Tomo I, 1535-1749; Buenos Aires, 1931. Tomo II, sob a direção de Ismael Bucich Escobar, 1750-1762; Buenos Aires, 1939).

CARLOS DE PAULA COUTO, — Paleontologia do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1940). Foi publicado por partes, antes, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1939 e 1940).

— A Paleontologia do Brasil (In Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, II trim.; 1938).

— Paleontologia do Rio Grande do Sul (Idem, III e IV trim., 1939; I trim. 1940).

— Restos de grandes mamíferos extintos, descobertos em São Gabriel (In Jornal do Estado, 15-3-1939; Pôrto Alegre).

— Um Milodontido no Pampeano do Rio Grande do Sul (In Movimento; Janeiro de 1941, Pôrto Alegre).

— Répteis da Gondwana no Rio Grande do Sul (Anuário Brasileiro de Literatura; Rio de Janeiro, 1940).

— Répteis fósseis do Brasil (In Anais do III Congresso Sul-riograndense de História e Geografia; 3° vol., Pôrto Alegre, 1940).

— Carnívoros e desdentados fósseis do Brasil (In idem, idem).

— Dois importantes jazigos paleontológicos descobertos no Rio Grande do Sul (In A Noite Ilustrada; Rio de Janeiro, 10-2-1942).

CARLOS E. GREZ PEREZ, — El Rio Grande en la Mapoteca de Chile (1500-1809). (Pôrto Alegre, 1937; Separata dos Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-riograndense; P. Alegre, 1937).

CARLOS LEONHARDT, S. J., — Cartas ânuas de la provincia del Paraguay, Chile y Tucuman, de la Compañia de Jesus (1609 a 1637) (2 tomos; Buenos Aires, 1927 e 1929).

CARLOS MARIA RAMIREZ, — Artigas (Montevidéu, 1884).

CARLOS PENAFIEL, — A higiene industrial e a defesa sanitária dos trabalhadores em geral, no Rio Grande do Sul (In 9° Congresso Brasileiro de Medicina; Pôrto Alegre, 1926).

CARLOS RUBENS, — Pequena História das Artes Plásticas no Brasil (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, vol. 198; S. Paulo, 1941).

CARLOS SEIDLER, — História das guerras e revoluções do Brasil de 1825 a 1835. — Tradução e introdução de Alfredo de Carvalho. — Prefácio de Sílvio Cravo (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana; vol. 159, S. Paulo, 1939). — Original alemão: Brasiliens Kriegs- und Revolutions-Geschichte, publicado em Leipzig, 1837.

— Dez anos no Brasil. — Tradução e notas do general Bertoldo Klinger e do coronel Francisco de Paula Cidade (S. Paulo, 1941). Há outras traduções anteriores.

CARLOS TESCHAUER, S. J. — História do Rio Grande do Sul nos dois primeiros Séculos (3 vols.; Pôrto Alegre, 1921-1922).

— Poranduba Riograndense (Pôrto Alegre, 1929). Encerra estudos sôbre as origens, línguas, missões, habitantes, erva-mate e lendas do Rio Grande do Sul.

— Vida e obra do venerável Roque González de Santa Cruz, primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul. Contribuição para a História da Civilização no Brasil (2ª ed. aumentada; s/d., 1913). — A 1ª edição é de 1908. Foi feita uma 3ª edição com o título Vida e obras do padre Roque González de Santa Cruz, S. J., etc., pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1928, na Revista, e em separata).

CARLOS VON KOSERITZ, — Bosquejos etnológicos (Pôrto Alegre, 1884).

— Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul (Rudolfstadt, 1863).

— Bilder aus Brasilien (Leipzig, 1885). Dessa obra, com o título Imagens do Brasil, a Livraria Martins, de S. Paulo, anuncia a tradução por Afonso Arinos de Melo Franco, com prefácio e notas do tradutor.

— Subsídios etnográficos (In Revista do Museu e do Arquivo Público, n° 20; Pôrto Alegre, 1928).

CASTILHOS GOYCOCHEA, — O Gaúcho na vida política brasileira (Golpe de vista) (Pôrto Alegre, 1935).

CÉSAR PINTO, — Pesquisas sôbre Parasitologia humana e animal no Rio Grande do Sul (In Arquivos do Departamento Estadual de Saúde. Vol. I, 1940, e vol. II, 1941; Pôrto Alegre).

CÉSAR PINTO, SILVEIRA NETO e HALLEY MARQUES, — Mosquitos do Rio Grande do Sul (In Arquivos do Departamento Estadual de Saúde. Vol. I, 1940; Pôrto Alegre).

CH. A. FISCHER, — Neueste Gemälde von Brasilien (Leipzig, 1819). Existe, dessa obra, tradução holandesa.

CHARLES FREDERIK HARTT, — Geology and Physical Geography of Brazil. — Boston, 1870. — Tradução portuguesa pela Biblioteca Pedagógica Brasileira. — Brasiliana, vol. 200; São Paulo, 1941.

D. FENNING UND I. COLLYER, Neue Erdbeschreibung von ganz Amerika, traduzido do original inglês por A. L. Schlösser (Göttingen, 1777). Esta obra foi publicada sob anonimato.

DANTE DE LAYTANO, — O negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, I Sem. de 1937).

DAVID WHITE, — Flora of the brazilian coal measures (In Science, XXI, 1905).

— Permo-carboniferous changes in Brazilian South America, indicated by fossil plants (In Science, XXV, May 17-1907).

— Report on the fossil flora of the coal measures, anexo ao Relatório da Comissão de Estudos das Minas de carvão de pedra do Brasil, de I. C. White (Rio, 1908).

DÉCIO COIMBRA. — A instrução primária no Rio Grande do Sul: Resenha histórica (In A Federação de Pôrto Alegre, de 7-9-1922). Figura, também, na separata Comemorações em honra do

Centenário da Independência do Brasil, 1922 (Pôrto Alegre, 1923).

DEVASSA sôbre a entrega da Vila do Rio Grande às tropas castelhanas — 1764 (Biblioteca Riograndense, Cidade do Rio Grande, Brasil, 1937). Contém a documentação da devassa (inquérito) feita pelo desembargador Agostinho Felix dos Santos Capello, por ordem do Vice-Rei.

DJALMA GUIMARÃES, — As piritas do carvão do sul (In Boletim nº 7, do Serv. Geol. Min. do Brasil; Rio de Janeiro, 1924).

— Província magmática do Brasil meridional (In Boletim nº 64, do Serv. Geol. Min. do Brasil; Rio de Janeiro, 1933).

— Ensaio sôbre a origem, composição e classificação do carvão nacional; em colaboração com Luiz Flores Morais Rego (In Boletim nº 7, do Serv. Geol. Min. do Brasil; Rio de Janeiro, 1924).

— Wolframita e cassiterita no Estado do Rio Grande do Sul (In Boletim nº 21, do Serv. Geol. Min. do Brasil; Rio de Janeiro, 1926).

DOCUMENTOS para servir al estudio de la Independencia Nacional (Publicação do Instituto Historico y Geografico del Uruguay. Tomo I, 1937; Tomo II, 1938; Montevideu. Advertência, I tomo; Previdência, II tomo; de Felipe Ferreiro).

DOMENICO BARTOLOTTI, — Il Brasile Meridionale — La capitale Federale Rio de Janeiro — San Paolo — Minas Gerais — Espirito Santo — Paraná — Santa Catarina — Rio Grande do Sud (Roma, s/d., 1930).

DOMINGOS ALVES BRANCO MUNIZ BARRETO, — Observações relativas à agricultura, comércio e navegação do Continente do Rio Grande do Sul no Brasil, escrita em 1778 (Cópia manuscrita existe no Instituto Histórico Brasileiro).

E. A. MANNHEIM, — Relatório sôbre algumas condições mineralógicas no Estado do Rio Grande do Sul, pelo engenheiro de minas E. A. Mannheim, atualmente em Lavras (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, para 1909.) Foi, anteriormente, publicado no Jornal Correio do Povo (Pôrto Alegre, 1907).

E. A. NEWEL ARBER, — On the distribution of the Glossopteris flora (In Geological Magazine, IX; London, 1902).

— Catalogue of the fossil plants of the Glossopteris flora (In the departement de Geologie. British Museum; London, 1905).

E. D. COPE, — On the Mamalia obtained by the Naturalist exploring Expedition to Southern Brazil (In American Naturalist; Febr. 1889).

E. F. DE SOUZA DOCCA, — Vocábulos tupís na geografia riograndense (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; 1921 e 1922) e — Vocábulos indígenas na Geografia Riograndense (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (I sem. 1924 e I sem. 1925). Há separatas; 2 vols.

— O Brasil no Prata (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; I trim. 1931). Há separatas.

— Limites entre o Brasil e o Uruguai (Rio de Janeiro, 1939). — Dessa obra foi feita uma tradução anotada e comentada pelo contra-almirante (R.) José Aguiar, do Uruguai, na Revista Militar y Naval, em todos os números de 1940 e 1041.

E. VON BASSEWITZ, — A questão da lepra no Rio Grande do Sul (In Arquivos Riograndenses de Medicina, outubro-dezembro de 1927; Pôrto Alegre).

EDUARDO DE CASTRO E ALMEIDA, — Inventário dos documentos relativos ao Brasil e existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa (In Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro; diversos volumes).

EDUARDO DUARTE, — A navegação a vapor no Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; P. Alegre, II sem. de 1932).

EDUARDO GUIMARÃES, — Belas artes (In A Federação, de Pôrto Alegre, de 7-9-1922). Figura, também, na Separata Comemorações em honra do Centenário da Independência do Brasil, 1922 (Pôrto Alegre, 1923).

EDUARDO TEODORO BÖSCHE, — Quadros alternados. Impressões do Brasil de Dom Pedro I. Tradução de Vicente de Souza Queiroz. Prefácio de Afonso de E. Taunay (S. Paulo, 1929).

EDWARD HULL, — The Braazilian coal fields (In Quart. Journ. of. Sc.; Nº II, April, 1864).

ELPÍDIO FERREIRA PAES, — Alguns aspectos da fonética sul-riograndense (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; II trim. 1937). Há separata.

EMÍLIO A. CONI, — História de las Vaquerias de Rio de la Plata (1555-1750; Madrid, 1930).

— Contribución a la Historia del Gaucho. Separata do Boletin del Instituto de investigaciones historicas. Facultad de Filosofia y Letras, Tomo XVIII, Buenos Aires (Buenos Aires, 1935). Conferência.

— Contribución a la Historia del Gaucho. Los Gauchos del Uruguay antes y despues de la fundación de Montevideo. 1724 (Buenos Aires, 1937).

— Los Gauchos del Uruguay antes y despues de la fundación de Montevideo (Montevidéu, 1038. Instituto Historico y Geografico del Uruguay. Conferencias del Curso de 1937).

— La introdución del ganado vacuns en el Uruguay por San Gabriel, Santo Domingo Soriano y las Misiones del Alto Uruguay. 1611/26 (In Boletin de la Junta de Historia y Numismatica Americana; Vol. VI, 1929).

EMÍLIO ALVES TEIXEIRA, — Cobre no Rio Grande do Sul (Avulso nº 22, do Serv. Fom. Prod. Mineral; Rio de Janeiro, 1937).

— Estanho do Rio Grande do Sul (In Min. e Metalurgia, II, nº 9; Rio de Janeiro, 1937).

— Tungstênio no Rio Grande do Sul (In idem, nº 10; 1937).

— Folhelhos pirobetuminosos de São Gabriel, Rio Grande do Sul (In Min. e Met., III, nº 3; 1938).

EMÍLIO WILLEMS, — Assimilação e Populações Marginais do Brasil. — Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, Vol. 186; São Paulo, 1940).

EMMANUEL LIAIS. — Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil (Paris, 1872).

ENRIQUE ARANA, — La Espedición de don Pedro de Cevallos al Rio Grande y Rio de la Plata (Pôrto Alegre, 1937). Separata dos Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-riograndense (Pôrto Alegre, 1937).

ENRIQUE M. BARBA, — D. Pedro de Cevallos gobernador de Buenos Aires y Virrey del Rio de la Plata (Biblioteca Humanidades. Universitad de La Plata; La Plata, Rep. Argentina. 1937).

ESTANISLAU S. ZEBALIOS, — Alegato de la Republica Argentina sobre la cuestion de limites con el Brasil en el Territorio de Misiones, sometido al Presidente de los Estados Unidos de acuerdo con el Tratado de Arbitraje de 7 de setiembro de 1889 (Washington, D.C., 1894).

ESTATÍSTICA, — Veja-se a respeito: Repartição de Estatística do Rio Grande do Sul: Anuário Estatístico do Estado do Rio Grande do Sul. Ano de 1921, I ano: Pôrto Alegre, 1922; Idem, ano de 1922, II ano (3 vols.). — Departamento Estadual de Estatística: Publicações, especialmente: Anuário Estatístico, Anuário Demográfico e Tábuas itinerárias do Rio Grande do Sul. — Estatística Educacional, secretaria da Educação do Estado: publicações várias.

EUDORO BRASILEIRO BERLINK, — Compêndio de Geografia da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul. — Mandado adotar para uso das aulas públicas, etc. (Pôrto Alegre, 1863).

EUCLIDES DE CASTRO ARAÚJO, — O Estado sanitário do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1928).

EUCLIDES CASTRO CARVALHO — O Estado sanitário da região colonial italiana, no Rio Grande do Sul (In 9º Congresso Brasileiro de Medicina; Pôrto Alegre, 1926).

EUGÊNIO DE CASTRO, — A Expedição de Martim Afonso de Souza — 4º centenário da fundação de S. Vicente (Rio de Janeiro, 1932).

— Ensaios da Geografia lingüística — 2ª edição (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, vol. 201; São Paulo, 1941).

EUNÁPIO DEIRÓ, — História da campanha do Sul em 1827. Batalha de Ituzaingó. Por ***... (In Revista do Instituto Histório e Geográfico Brasileiro; Rio de Janeiro, 2º trim. de 1886).

EUZÉBIO PAULO DE OLIVEIRA, — Regiões carboníferas dos Estados Sul (In Anais da Escola de Minas de Ouro Preto, 1917).

— Idade do carvão do sul do Brasil (In Bol. nº 7 do Serv. Geol. Min. do Brasil; Rio de Janeiro, 1924).

— Origem do carvão no sul do Brasil e sua formação (In idem, idem, idem).

— Sphenopterideos do Brasil (In Anais Acad. Ci., nº 4, tomo VII; Rio de Janeiro, 1935).

— Estado atual da paleobotânica brasileira (In Notas prel. e est., do Serv. Geol. Min. do Brasil, ns. 10 e 11; Rio de Janeiro, 1937/38).

— Série Itararé no Rio Grande do Sul (In Anais Acad. Ci., nº 4, tomo X; Rio de Janeiro, 1938).

EVERARDO BACKHEUSER, — A faixa litorânea do Brasil Meridional. Hoje e ontem (Rio de Janeiro, 1918).

F. J. OLIVEIRA VIANA, — Populações Meridionais do Brasil. História, Organização, Psicologia; Primeiro volume, Populações rurais do centro-sul. Paulistas. Fluminenses. Mineiros. 3ª edição (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, vol. 8; S. Paulo, 1933). Êste volume é o único publicado. Especialmente o cap. XVIII.

— Evolução do Povo Brasileiro, 3ª edição (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, vol. 10; S. Paulo, 1938).

— Raça e assimilação (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, vol. 4; São Paulo, 1932).

F. FREITAS DE CASTRO, — Considerações em tôrno do problema da reorganização sanitária do Estado do Rio

Grande do Sul (In Arquivos Riograndenses de Medicina; Maio de 1930, P. Alegre).

— O problema da raiva no Rio Grande do Sul (In 9º Congresso Brasileiro de Medicina, 1926).

FELIX CONTREIRAS RODRIGUES, — Formação social e psicológica do gaúcho brasileiro (In Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-riograndense; Pôrto Alegre, 1936).

— Amores do capitão Paulo Centeno (Pôrto Alegre, 1937). Trata-se de uma novela que insere, in fine, músicas populares do Rio Grande do Sul.

FELIX F. OUTES, — El Puerto de los Patos y la region adjacente en la época de la conquista (In História; Tomo I; Buenos Aires, 1903).

FERDINAND DÉNIS, — Brasil. Trad. portuguesa. H. Garnier, editor (Rio de Janeiro, s/d.; I tomo).

FERNANDO CALLAGE, — Através do Rio Grande do Sul (S. Paulo, s/d.; 1928).

FLORÊNCIO (C.) DE ABREU (E SILVA), — Retrospecto Econômico e Financeiro do Rio Grande do Sul, 1822-1922 (In Revista do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, nº 8; Pôrto Alegre, 1922).

— A Constituinte e o projeto de constituição da República Riograndense. Ensaio histórico (Pôrto Alegre, 1930; Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul).

— O gado bovino e sua influência sôbre a antropogeografia do Rio Grande do Sul (In Anais do III Congresso Sul-riograndense de História e Geografia; Pôrto Alegre, 1940).

— Comentários ao Código do Processo Penal do Rio Grande do Sul (P. Alegre, 1911).

— Novos comentários ao Código do Processo Penal do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1912).

FRANCISCO BAUZÁ, — História de la dominación española em el Uruguay (Montevideo, 1880-1882; 2ª edición, 1895-1897; 3ª edición, 1929).

FRANCISCO DE PAULA OLIVEIRA, — Bacias carboníferas do Brasil (In Jornal do Comércio; Rio de Janeiro, 15-12-1901).

— As jazidas carboníferas de Candiota (In A Indústria, nº 10; agôsto de 1913).

FRANCISCO JAVIER BRABO, — Inventario de los bienes ballados en los pueblos de Misiones (Madrid, 1892).

FRANCISCO RODOLFO SIMCH, — Minerais do Rio Grande do Sul (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para 1911. Reproduzido no nº 21 da Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, 1928).

— Fisiografia do Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; II sem., 1924).

— Os Campos do Estado (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, II sem. de 1925).

— Artefactos indígenas (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Grande do Sul; 3º e 4º tr., 1923).

— Tembetás (In idem, 3º e 4º tr., 1924).

FRANCISCO SILVA DE SOUZA, Mons. — Concurso das Congregações Religiosas para a formação cultural do povo sul-riograndense (In Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-riograndense; Pôrto Alegre, 1937). Há separata.

FRANCISCO SIMÕES, — Liberdade Profissional no Rio Grande do Sul (In 9º Congresso Brasileiro de Medicina; Pôrto Alegre, 1926).

FREDERICO A. DE VASCONCELOS A. PEREIRA CABRAL, — Memória geológica sôbre os terrenos de Curral-Alto e Cêrro de Roque, na Província de São Pedro do Sul (Pôrto Alegre, 1851).

FRIEDRICH FREIHERR VON HUENE, — Contribution a la paleogeographie da Sud Amerique (In Bol. Acad. C. de Cordoba; vol. XXX, 1924).

— Gondwana Reptilien in Südamerika. In Paleontologia Hungarica, II fasc. I, 3-10; Schädelkonstruktion falsch; Budapest, 1927).

— Die fossilen Reptilien des südamerikanischen Gondwanalandes. Ergebnisse der Saurier (München, 1928-1929). Publicados apenas os dois primeiros volumes, estando os outros dois ainda em manuscrito, segundo comunicação do autor.

— Ein Cynodontier aus der Trias Brasiliens (Sept., Centralblatt für Min., etc., Band nº 4, 1928).

— Über Rhynchosaurier und andere Reptilien aus den Gondwana-Ablagerungen Südamerikas (Jena, 1929).

— Nota preliminar sôbre os fósseis vertebrados do Brasil (In Anais da Academia de Ciências, nº 4, tomo 2; Rio de Janeiro, 1930).

— Zur Stratigraphie Brasiliens (In Ctb. Min. Ab. B., 1923).

— Ein Stahleckeria-Schädel (In Sonderabdruck aus dem Zentralblatt für Min., etc.; Jahrg. 1936).

— Die Verwandtschaftsgeschichte der Rhynchosauriden des Südamerikanischen Gondwanalandes (In Physis, Rev. Soc. Argentina Ci. Nat., T. XIV; Buenos Aires, 1939).

FRIEDRICH SELLOW, — Nada deixou escrito. Entretanto, sua obra foi grande. Abeillard Barreto, ob. cit., transcreve o seguinte trecho de ofício, datado de 14-1-1825: "Achando-se casualmente nesta cidade (Pôrto Alegre) Frederico Sellow, lhe fiz constar o gracioso acolhimento que mereceram de S. M. Imperial os nove caixões, com produtos de história natural recolhidos por êle numa viagem a diversos distritos desta província", etc. Mas, infelizmente, em 1831 morria afogado no rio Mucurú, perdendo-se, ao que parece, tôdas as suas notas. Entretanto, com o que enviou à Alemanha, o geólogo Herrmann Weiss pronunciou na Academia de Ciências de Berlim, nas sessões de 9-8-1827 e 5-6-1828, excelente conferência, intitulada: "Über das südliche Ende des Gebirgszuges von Brasilien in der Provinz S. Pedro do Sul und der Banda Oriental oder dem Staate von Monte Video; nach der Sammlung des Herrn Fr. Sellow (In Abhandlungen der physikalischen Klasse der Königlichen Akademie der Wissenschaften zu Berlin. 1827; Berlin, 1930). Traduzidos para o português pelo General Bertoldo Klinger e publicadas com introdução do sr. Abeillard Barreto no Boletim do Centro Riograndense de Estudos Históricos (Vol. II, 1940; Cidade do Rio Grande) com o título Sôbre a extremidade meridional da Cordilheira do Brasil, na Província de S. Pedro do Sul e na Banda Oriental ou Estado de Monte Video; conforme as coleções do sr. Fr. Sellow.

FRIEDRICH SOMMER, — Beiträge zur Siedlungs- Sippen- und Familiengeschichte der Deutschen in Brasilien (In Volk und Heimat, 1937).

G. LUNDQUIST, — Fossile Pflanzen der Glossopteros aus Brasilien (In Kingl. Sveniska Vetens. Akad. Handl.; Bd. 60, nº 3, 1919).

G. MINSSEN, — Botânica. Índice alfabético de nomes vulgares de plantas usadas no Estado do Rio Grande do Sul, com a sua determinação botânica, segundo os trabalhos de Hermann von Ihering, João Dutra, Francisco José Rodrigues de Araújo, e C. A. M. Lindman (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, para 1913).

GABRIEL MENA BARRETO, — Aspectos econômicos do Rio Grande do Sul (In Anais do I Congresso de História e Geografia Sul-riograndense; P. Alegre, 1936).

GEORGE ANSON, — Voyage autour du Monde (Lyon, 1756). Traz em apêndice o relato anônimo: Voyage à la mer du Sud, fait par quelques officiers commandants la vaisseau le Wager.

GERALDO JOSÉ, PAUWELS, padre, — Descrição geográfica e histórica da divisa litigiosa entre os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Pôrto Alegre, 1926). Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1926.

GERSON DE FARIA ALVIM, — Reinhard Maak e a geologia do Brasil (In Notas preliminares e estudos do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, nº 13; Rio de Janeiro, 1937).

GIUSEPPE GARIBALDI, — Memorie autobiografiche. — Edizione stereotipa Quindicesima tiratura. Firenze, 1929. Existe uma edição francesa feita por Alexandre Dumas "sôbre os originais", cheia de erros e exageros. Dessa edição foi feita uma tradução portuguesa pela Biblioteca Riograndense, Cidade do Rio Grande. — Memórias de José Garibaldi por Alexandre Dumas, com erros incríveis do tradutor anônimo.

GLICON DE PAIVA, — O inlandsis permo-carbonífero do sul do Brasil (In Mineração e Metalurgia, vol. 3, nº 16; Rio de Janeiro, 1938).

GRACIANO ALVES DE AZAMBUJA, — Notas, estatísticas sôbre a Província do Rio Grande do Sul (In Anuário da Província do Rio Grande do Sul, para os anos de 1885 a 1912).

— Elementos para o Estudo e determinação do clima do Rio Grande do Sul (In Anuário da Província (e Estado) do Rio Grande do Sul para os anos de 1885, 1888, 1890, 1891, 1892).

GUSTAVO HENRIQUE BROWN, — Defesa e Relatório do marechal... (Pôrto Alegre, II sem. de 1925).

GUST. O. AN. MALME, — Foi o continuador da obra de C. A. M. Lindman. Viajou, entre 1903 e 1905, pelo Rio Grande do Sul e publicou uma série de trabalhos botânicos sôbre o Estado, em Estocolmo, onde era funcionário da "Naturhistoriska Riksmuseet". O dr. João Dutra foi seu grande colaborador e informador depois que voltou a Estocolmo. Possuímos de Malme uma carta autógrafa e relação de plantas do Rio Grande do Sul, também, autógrafa. Dêsse autor, que faleceu em 1936, conhecemos apenas: Hierarcia Brasiliensia-Herbarii Regnelliani (In Arkiv för Botanik; Band 23 A, nº 15; 1931. Stockholm). Foi feita uma separata (Upsala, 1931).

H. M. BRACKENRIDGE, — Voyage to South-America, performed by order of the American Governement in the years 1817 and 1818, in the frigate Congress (Baltimore, 1819, 2 vols.; 2ª ed., Londres, 1820). Há tradução incompleta para o espanhol.

HA. BURMEISTER, — Systematische Uebersicht der Tiere Brasiliens (Berlim, 1854).

— Erläuterungen zur Fauna Brasiliens (Berlim, 1856).

HEMETÉRIO JOSÉ VELOSO DA SILVEIRA, — As missões orientais e seus antigos domínios (Pôrto Alegre, 1900).

HENRIQUE MARTINS, — Geografia do Estado do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1898).

HERBERT H. SMITH, — Do Rio de Janeiro a Cuiabá, Notas de um naturalista (S. Paulo, 1922).

HERMANN VON IHERING, — Zur Kenntniss der brasilianischen Mäuse und Mäuseplagen (In Kosmos, II vol.; 1885).

— Ueber die Fortpflanzung der Gürteltiere (In Archiv f. Anatom. u. Physiol., Abt. Phys.; 1886).

— Os índios do Rio Grande do Sul (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1895). Publicado primeiramente no Kosmos, de Brunswick, em alemão, e, em 1891, no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, em português.

— Os índios Patos e o nome da Lagoa dos Patos (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, para 1910).

— As árvores do Rio Grande do Sul (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1912. Prometia continuar, mas não continuou a publicação. Veja-se: João Dutra).

— Civilização prehistórica do Brasil meridional (In Revista do Museu Paulista., vol. I; São Paulo, 1895).

— Os mamíferos do Rio Grande do Sul (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1893. Reproduzido no nº 19 da Revista do Museu e Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, 1927).

— Resíduos da idade de pedra, na cultura atual do Brasil (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, 1905).

— Die Lagoa dos Patos (In Deutsche Geographische Blätter, Band VIII; Bremen, 1885).

— Die Vögel der Lagoa dos Patos (In Zeitschrift für gesamte Ornithologie; Budapest, 1887).

— Ueber Binner-Conchylien der Küstenzone von Rio Grande do Sul (In Archiv für Naturgeschichte, Band 60; Berlim, 1894).

— El hombre prehistórico del Brasil (In Historia, tomo I; Buenos Aires, 1903).

— As aves do Estado do Rio Grande do Sul (In Revista do Museu e do Arquivo Público, nº 21; Pôrto Alegre, 1929).

HISTÓRIAS DO BRASIL, — Mencionaremos, como mais completas e importantes, a de:

— G. H. Handelman, (1 vol.).

— Heitor Lira, (História de D. Pedro II, 3 vols.).

— Rafael Galanti, S. J., (5 vols.).

— Robert Southey, (6 vols.).

— Rocha Pombo, (Há duas edições: em 10 vols., com documentos, e em 4 vols.).

— Visconde de Pôrto Seguro, Francisco Adolfo de Varnhagen, (5 vols.).

HORACIO ARREDONDO (hijo), — Maldonado y sus fortificaciones; Apartado de la Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueologia, Tomo III, 1929 (Montevidéu, 1929).

HORACIO HARRINGTON. — Sôla presencia de restos de la flora de Glossopteros (In Revista del Museu de La Plata, XXXIV; La Plata, 1934).

I. C. WHITE, — The coal measures of Brazil (In Cience, XXIV; 21-9-1906).

— Geology of South Brazil (idem, XXV; 17-5-1907).

— Coal measures and higher beds of South Brazil (In idem).

— The coals of Brazil (In Proc. Soc. Pan. Amer. Sc. Congr., vol. 8; 1917).

I. P. PALDAOF, — Arqueologia riograndense (In Revista do Museu Paulista, vol. IV; São Paulo, 1900).

I. FRIEDRICH VON WEECH, — Reise über England und Portugal nach Brasilien und den Vereinigten Staaten des La-Plata-Stromes, während den Jahren 1823 bis 1827 (Munique, 1831; 3 vols.).

INOCÊNCIO BORGES DA ROSA, — Teoria e Prática do Processo Civil e Comercial do Estado (Pôrto Alegre, 1912).

INSTITUTO GEOGRÁFICO MILITAR (do Uruguay), — Documentos relativos a la Ejecución del Tratado de Limites de 1750 (Montevideo, 1938). Êstes documentos foram reproduzidos dos códices de Pedro de Angelis: Misiones del Paraguay, — Egecución del Tratado de Limites de 1750 y Entrega de los pueblos de las Misiones Orientales del Uruguay.

IRMÃO AUGUSTO, — Plantas carnívoras do Rio Grande do Sul (In Rev. do Museu e Arquivo, nº 206; Pôrto Alegre, 1928).

— Anêmona Decapétala (In idem, nº 21; Pôrto Alegre, 1928).

— Botânica sistemática do Rio Grande do Sul (In idem, nº 22; Pôrto Alegre, 1930).

IRMÃO TEODORO, das Escolas Cristãs, — Esbôço geobotânico do Estado do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1936). Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, I trim. 1936).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, — Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, — Vocabulário do Estado do Rio Grande do Sul — Contribuição para o Dicionário Geográfico Brasileiro (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, nº 82, II trim. de 1941). Há separata.

J. B. HAFKEMEYER, S. J., — Vítimas da Calúnia. O tratado de 1750 e os jesuítas (Petrópolis, 1912).

— Histórico da Constituição Geográfica do Rio Grande do Sul (In Federação de Pôrto Alegre, de 7-9-1912. Figura, também, na separata Comemorações em honra do Centenário da Independência do Brasil, 1922; Pôrto Alegre, 1923).

— A primitiva Igreja do Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1929).

— A Conquista Portuguesa do Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1928).

— A costa do Brasil Austral na Cartografia dos séculos 16-18 (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1921).

J. C. R. MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, — Dicionário Geográfico-histórico e descritivo do Império do Brasil (Trasladado para o português segundo o manuscrito inédito pelo dr. Caetano Lopes de Moura; 2 vols., Paris, 1845).

J. D. FALCONNER, — The Gondwana system of North-eastern Uruguay, with special reference to the Eogondwana beds (Inst. Geol. y Perf.; Bul. nº 23).

— La Formación Gondwana en el Nordeste del Uruguay, con referencia especial a los terrenos eogondwanicos (Tradução do anterior; idem, idem, nº 23 b, 1937).

J. G. SEMPLE LISLE, — The life of Major J. G. Semple Lisle (Londres, 1799. Autobiografia. In Alfredo de Carvalho, Aventuras e aventureiros no Brasil, figura, traduzido para o português, boa parte da obra sob o título — Proezas de um degredado inglês. — In Afonso de E. Taunay, Visitantes do Brasil colonial, há ótimo resumo da vida de Semple Lisle.

J. J. MACHADO D'OLIVEIRA, — Recordações históricas que se prendem especialmente à campanha de 1827, na guerra travada entre o Brasil e a República Argentina sôbre a questão da Província Cisplatina e durante o comando do tenente-general Marquês de Barbacena, etc. (In Revista do Instituto Histórico Brasileiro; Rio de Janeiro, 4º trim. de 1860).

J. M. PEREIRA DA SILVA, — História da fundação do Império Brasileiro (7 tomos; Rio de Janeiro, 1865 e 1868).

J. M. PIO DE ALMEIDA, — Gênese da imprensa no Rio Grande do Sul (In A Federação, de Pôrto Alegre, de 7-9-1922. Figura, também, na separata Comemorações em honra do Centenário da Independência do Brasil, 1922; Pôrto Alegre, 1923).

J. S. DA FONSECA HERMES e MURILO DE MIRANDO BASTO, — Limites do Brasil. Descrição geográfica da linha divisória (Rio de Janeiro, 1940. Tese apresentada ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em Florianópolos em setembro de 1940).

J. S. SARMENTO BARATA, — Diagnóstico Laboratorial da lepra e sua distribuição no Rio Grande do Sul. Tese inaugural (Pôrto Alegre, 1923).

J. AMADEO BALDRICH, — História de la guerra del Brasil. Contribución al estudio razonado de la História Militar Argentina (Buenos Aires, 1905).

J. COELHO DE SOUZA, — Denúncia. O nazismo nas Escolas do Rio Grande (Pôrto Alegre, s/d.; 1942). Conferência feita no Rio e publicada, em resumo, em diversos jornais e revistas.

J. KEIDEL, — Sobre la distribucion de los depositos glaciares del Permico conocido en la Argentina y su significación para la estratigrafia de la serie de Gondwana y la paleogeografia del hemisferio austral. Bol. Acad. Nac. C. Cordoba (Argentina, 1922).

J. PANDIÁ CALOGERAS, — As minas do Brasil e sua legislação (Rio de Janeiro, 1927. Há nova edição na Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série Brasiliana; S. Paulo).

J. SIMÕES LOPES NETO, — Lendas do Sul. Populário (1913, Pelotas; 2ª edição, Pôrto Alegre, 1928, com o livro Contos Gaúchescos).

J. TUPÍ CALDAS, — Aspecto geomorfológico do Estado do Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; I trim. 1938). Há separata.

— Paleontologia do Rio Grande do Sul. O Fossil de São Pedro (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; II tr., Pôrto Alegre, 1936). Há separata.

— Nota paleontológica. Fóssil de Iraí (In idem; 4º trim., 1938). Há separata.

— Nota paleontológica. Fóssil de Farroupilha (In idem; Iº trim., 1939). Há separata.

— Estado do Rio Grande do Sul (In idem; 2º tr., 1939). Há separata.

— Geografia histórica (In idem; 1º, 2º e 3º trim., 1940). Há separata.

— Geologia e Mineralogia (Pôrto Alegre, 1933).

JACINTO RODRIGUES DA CUNHA, — Diário da Expedição de Gomes Freire de Andrade às Missões do Uruguai (In Revista do Instituto Histórico Brasileiro; 2º trim., 1853). Atribuída a Jacinto Rodrigues da Cunha, essa obra, entretanto, é de autoria de Manuel da Silva Neves, secretário da expedição.

JAMES E. MILLS, — Notas sôbre a superfície geológica do Rio Grande do Sul (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para 1910).

JOÃO BORGES FORTES, — O tupi na geografia do Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1930). Há separata.

— Cristóvão Pereira. A família Fortes (Pôrto Alegre, 1931). A primeira parte foi publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (II trim., 1931).

— Troncos seculares. O povoamento do Rio Grande do Sul (Rio de Janeiro, 1931).

— Casais. (s/l., Rio de Janeiro; 1932. Sôbre a colonização açoriana no Rio Grande do Sul. É separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; I sem. de 1932).

— De Sertão a Estado (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; I sem., 1936). Há separata.

— Rio Grande de São Pedro. Povoamento e conquista (Biblioteca Militar. Vol. 37; Rio de Janeiro, 1940).

JOÃO CEZIMBRA JAQUES. — Assuntos do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1912).

JOÃO DUTRA, — O primeiro trabalho dêsse sábio riograndense foi a tese de doutoramento, apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1887, sôbre os Antelmínticos Brasileiros. Além de diversos trabalhos publicados no estrangeiro, conhecemos: — As árvores do Rio Grande do Sul (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para os anos de 1900 a 1910. Dêsse trabalho possuímos uma página original ms.). — Uma Pteridophyta nova do Rio Grande do Sul (In Ostenia; Montevidéu, fev. de 1933). — Uma orquidácea nova do Rio Grande do Sul (In Ostenia, idem). — Orquidáceas do Município de S. Leopoldo (Ms. inédito em nosso arquivo particular, no qual figuram, entre as 123 espécies relacionadas, seis completamente novas).

— As Árvores do Rio Grande do Sul (In Revista do Museu e do Arquivo Público, nº 21; Pôrto Alegre, 1920).

JOÃO MARIA BALEM, Mons., — Jurisdição Eclesiástica sôbre o Rio Gr. do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; II sem. de 1932).

JOÃO MIRANDA. — Notas geológicas sôbre o município de Taquara, Rio Grande do Sul (Bol. n: 83, do Serv. Geol. Min. do Brasil; Rio de Janeiro, 1936).

JOÃO PEDRO GAY, cônego, — História da República Jesuítica do Paraguai desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, ano de 1861 (Publicada por deliberação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Rio de Janeiro, 1863). — Foi, também, publicada no Tomo XXVI da Revista do Instituto Histórico Brasileiro. Consta ter sido, pelo autor, traduzida para o francês.

— A invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai. Notas de E. F. de Souza Docca (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, 1921, 1922 e 1923).

JOÃO PINTO DA SILVA, — História Literária do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1924).

— A Província de São Pedro (Pôrto Alegre, 1930).

JOAQUIM LUIZ OSÓRIO, — Partidos Políticos no Rio Grande do Sul Período Republicano. (s/l (Pelotas); 1930).

JOHN BLACK, — An authentic narrative of the mutiny on board the ship Lady Shore (Ipswich, 1798).

JOHN BULKELEY AND HOHN CUMMINS, — A voyage to the South seas in the years 1740-1741 (Londres, 1743; 2ª ed. Londres 1927. Trad. portuguesa, péssima, da C.ª Editora Brasileira; Rio de Janeiro, s/d.).

JOHN CASPER BRANNER, — Geologia Elementar (Rio, 1915).

— Geologic map of Brazil (In Bull. Ceol. Soc. Amer.; vol. 29, 1918).

— Outlines of the geology of Brazil (In Bull Geol. Soc. Amer.; vol. 30, 1919).

JOHN I. B. McCULLOCH, — Influences form overseas. An appraisal of political, cultural, ethnic, economic and strategic moves (In Survey Graphic; March, 1914, New York).

JOHN LUCCOCK, — Notes on Rio de Janeiro, and the southern parts of years in that country, from 1808 to 1818 Brazil; taken during a residence of ten (London, 1820). Há uma tradução alemã Weimar, 1821). Em português foi editado, em 1936, em volume com o título "Aspectos sul-riograndenses" uma parte (capts. VI e VII), traduzidos por Nelson C. de Melo e Souza; editora Record, Rio de Janeiro. Outra edição brasileira, integral, tradução de Milton da Silva Rodrigues, anuncia a Livraria Martins, editora, São Paulo, na sua Biblioteca Histórica Brasileira.

— A grammar and vocabulary of the tupi language, Parthy collected and parthy missionarys 1818 (In Revista do Instituto Histórico Brasileiro; tomos, 43, I e 44, I).

JOHN MAWE, — Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold and diamond districts of that country, including a voyage to the Rio de La Plata, and an historical Sketch of the revolution of Buenos Ayres (London, 1812). Saint-Hilaire critica-o severamente e chama-o de "Méchant et menteur..." A-pesar-disso, essa obra de Mawe foi traduzida para o francês, alemão, holandês, sueco, russo e teve edições norteamericanas e outra reedição inglesa (1820), além de uma tradução incompleta, para o português, em 1820, por Frei Polidoro de M. S. da Lapa.

JOHN PLANT, — On the discovery of coal in Brazil (Trans. of. the Manchester Geolg. Soc.; IV, nº 12, 1864).

JÔNATAS DA COSTA REGO MONTEIRO, — Dominação espanhola no Rio Grande do Sul. 1763-1777 (Rio de Janeiro, 1935). É separata da Revista Militar Brasileira. Foi publicado em 3 partes, como Anexos de 1935 a 1937.

— A Colônia do Sacramento. 1680-1777 (2 vols.; Pôrto Alegre, 1937).

JOSÉ AGUIAR, — Nuestra frontera con el Brasil. Su evolución historico-geografica (Montevidéu, 1936). Foi publicado, antes, na Revista Militar y Naval, de Montevidéu.

JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS, Minas de carvão de pedra do Arroio dos Ratos (In Revista de Engenharia; V, 28-8-1883).

— Minas de carvão do Arroio dos Ratos do Rio Grande do Sul (Idem, idem; 28-10-1883).

JOSÉ BRITO DEL PINO, — Diario de la Guerra del Brasil (In Revista Histórica. Arquivo Histórico Nacional; tomo VI, Montevidéu.

— Copiador de Notas y Oficios, (3 tomos; Archivo Central de la Nacion; Montevidéu).

JOSÉ CARLOS DE CARVALHO, — A abertura da Barra do Rio Grande do Sul (Rio de Janeiro, 1927).

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, — Fronteiras do Brasil no Regime colonial (Rio de Janeiro, 1930).

JOSÉ DE SALDANHA, — Diário resumido do reconhecimento dos Campos Novos descoberto sôbre a Serra Geral, nas cabeceiras do Rio Pardo (In Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo III).

— Diário geral das operações topográficas e observações astronômicas da 1ª divisão da demarcação da América Meridional (Complemento ao trabalho escrito em colaboração com Alexandre Eloy Portelli).

— Memória sôbre o sal de Glauber na capitania do Rio Grande do Sul, datada de 1798 (In Revista do Instituto Histórico Brasileiro; vol. 67, I).

JOSÉ DE SALDANHA E ALEXANDRE ELOY PORTELLI, — Continuação do diário geral geográfico e topográfico da primeira subdivisão da demarcação de limites da América Meridional de cujo trabalho foram encarregados o dr. José de Saldanha, astrônomo de Sua Majestade, e o capitão-engenheiro Alexandre Eloy Portelli (Datado de 10 de novembro de 1787. Inédito da Biblioteca Nacional; cod. CDX III, 19-15).

JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO DE ARAÚJO, — Memórias Históricas do Rio de Janeiro e das Províncias anexas a jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil, dedicadas a El-Rei Nosso Senhor D. João VI (Rio de Janeiro, 1820-1832. 9 tomos em 10 vols.) Veja-se: Antônio Álvares Pereira.

JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO, — Anais da Capitania de S. Pedro (Lisboa, 1822; 2 tomos. Vejase: Visconde de S. Leopoldo).

JOSÉ FIUZA DA ROCHA, — Iniciação ao estudo das formações carboníferas do sul do Brasil (In Mineração e Metalurgia; vol. 2, nº 10; Rio de Janeiro, 1937).

JOSÉ GUEVARA, S. J., — História de la Conquista del Paraguay, Rio de La Plata y Tucuman (Buenos Aires, 1882).

— Historia del Paraguay (In Anales de la Biblioteca de Buenos Aires, tomos V e VI; Buenos Aires, 1910).

JOSÉ JUAN BIEDMA, — Sôbre la fundación de Montevideo (In Revista Historica; Montevidéu, 1921 e 1922, vols. X e XI).

JOSÉ MARIA MURGA Y ARANA, — El Teniente General don Joseph de Andonaegui, natural de Marquina (Bilbao, 1908).

JOSÉ SATURNINO DA COSTA PEREIRA, — Apontamentos para a formação de um Roteiro nas costas do Brasil, com algumas reflexões sôbre o interior das províncias do litoral e suas produções (Rio de Janeiro, 1848. Parte desta obra, a que se refere aos minérios do Rio Grande do Sul, foi reproduzida no Histórico das obras do Pôrto e Barra do Rio Grande do Sul; vol. III, P. Alegre, 1924).

JOSÉ TORRE REVELLO, — Juan José de Vertiz y Salcedo, Gobernador y Virrey de Buenos Aires. Ensayo basado

en documentos inéditos del Archivo General de Indias (In Publicaciones del Instituto de Investigaciones Historicas; Facultad de Filosofia y Letras, nº LX; Buenos Aires, 1932).

JOSEPH JOAQUIM DE VIANA, — Diário de la Segunda Expedición de Misiones, su marcha acahecimientos y rendición de los pueblos. Hecho por el coronel Dn. Joseph Joaquim Viana, Gobernador de la Plaza de Montevideo. Diario de la Segunda Expedición y Derrota, con distinción de los dias de marcha, campamentos y leguas, de la tropa Española del cargo del Teniente General Dn. Joseph de Andonaegui, Gobernador y Capitan General de las Provincias del Rio de la Plata, destinada para la entrega a los portugueses de los 7 Pueblos de las Misiones de los R. R. P. P. de la Campañia de Jesus, desde el Quartel General de Asamblea en Montevideo dia 5 de Diciembre de 1755 (In Revista Historica. — Archivo Historico Nacional; Tomo VII, ns. 19 y 20; Montevideo, 1914 y 1915).

JOSEPH VON SIEMIRADZKI, — Geologische Reisebeobachtungen in Süd-Brasilien (In Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften; Viena, 1898).

JUAN A. LAVALLEJA, — Archivo del General... (1827-1828). Publica por el Archivo General de la Nacion de la Republica Oriental del Uruguay (Montevidéu, 1938).

JUAN BEVERINA, — La Guerra contra el Imperio del Brasil (4 vols.; Buenos Aires, 1927).

JUAN ENRIQUE KENNY, — La escuadrilla Republicana en la Laguna Merin. 1826-1828 (Montevideo, 1932. Apartado de la Revista del Instituto Historico y Geografico del Uruguay; tomo VII y VIII).

K. WALTHER, — Ueber Transgression der oberen Gondwana-Formation in Südbrasilien und Uruguay (Zentralblatt für Miner., etc.; Budapest, 1912).

— Ueber das Fehlen des Rhat im brasilisch-uruguayischen Gondwanagebiet (Zentralbl. f. Miner.; Jahrg. 1920).

— La edad geologica de las areniscas brasileñas-uruguayas llamadas de S. Bento (In Rev. Minist. de Industrias; ano I, nº 6, 1913).

LADISLAU COUSSIRAT DE ARAUJO, — Memória sôbre o clima do Rio Grande do Sul (Rio de Janeiro, 1930).

LADISLAU DOS SANTOS TITARA, — Memórias do grande Exército aliado Libertador do Sul da América na Guerra de 1851 a 1852 contra os tiranos do Prata, etc. (Rio Grande do Sul (P. Alegre, 1852).

LEONARDO MACEDONIA, — A justiça de segunda entrância no Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, I sem. de 1931).

LEÔNIDAS SOARES MACHADO, — Óbitos por tuberculose tôdas as formas na cidade de Pôrto Alegre de 1908 a 1940 (In Anais do 2º Congresso Nacional de Tuberculose; Pôrto Alegre, 1941).

— Óbitos por tuberculose pulmonar distribuídos por municípios e regiões do Rio Grande do Sul (In Idem, Idem).

— Causas da mortalidade infantil na cidade de Pôrto Alegre (In III Congresso Sul-riograndense de História e Geografia; Pôrto Alegre, 1940).

— Distribuição geográfica da lepra no Rio Grande do Sul (In Arquivos Rio Grandenses de Medicina; Abril de 1941).

— Dados demógrafo-sanitários de Cruz Alta e demais municípios da zona do planalto médio (Trabalho apresentado às Primeiras Jornadas Médicas regionais em Cruz Alta 1940, e publicado no Vol. 2, de 1941, dos Arquivos do Departamento Estadual de Saúde).

— A epidemia de Espiroquetose na cidade de Pôrto Alegre, em 1941 (In Boletim Municipal nº 8; Pôrto Alegre, 1941). Há separata.

LEMOS BRITO, — Pontos de partida para a história econômica do Brasil (2ª edição revista e acrescida; Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, Vol. 155; S. Paulo, 1939).

LEOPOLDINO JOAQUIM DE FREITAS, — Correção e aditamentos ao dicionário geogrático brasileiro de Milliet de Saint-Adolphe, na parte que se refere à então provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. 1849 (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1899. No Instituto Histórico Brasileiro, Rio, existe, dêsse autor, um manuscrito sôbre geografia sul-riograndense, com notas do dr. Alcides Cruz).

LLEWELLYN IVOR PRICE, — Stahleckeria lenzii, um novo réptil triássico do Rio Grande do Sul (In Mineração e Metalurgia, vol. V, nº 25; Rio de Janeiro, 1940).

LUIZ AMARAL, — História Geral da Agricultura Brasileira. No tríplice aspecto: Político-social-econômico (3 vols., Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana; Vol. 160, A e B; São Paulo, 1939-1940).

LUIZ DE VASCONCELOS, — Relatório apresentado ao Govêrno de Lisboa pelo Vice-Rei Dom Luiz de Vasconcelos (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, 1929).

LUIZ ENRIQUE AZAROLA GIL, — La epopeya de Manuel Lobo — seguida de una crónica de los sucesos desde 1680 hasta 1828 y de una recopilación de documentos (Madrid, Barcelona, Buenos Aires, 1931).

LUIZ GONZAGA JAEGER, S. J., — A família guaraní cristianizada (In Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-riograndense; Pôrto Alegre, 1937). Há separata.

— Os heróis de Caaró e Pirapó (P. Alegre, 1940). História das Missões Jesuíticas.

— As invasões Bandeirantes no Rio Grande do Sul. 1635-1641 (2ª ed., s/l., s/d.; Pôrto Alegre, 1940).

LUIZ MANUEL DE AZEVEDO DA CUNHA, — A Expedição de Gomes Freire. Memória e resumo do sucedido desde o primeiro de março de 1752... etc. (Cópia do ms. existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por J. C. Rego Monteiro. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, I sem. de 1937).

M. DOBRITZHOFFER, — História de Abiponibus (3 vols.; Viennae, 1784).

MALTE-BRUN, — Neueste Gemälde von Amerika und seinen Bewohnern. Traduzido do original francês por E. W. von Greipel (Leipzig, 1819).

MANUEL ANTÔNIO DE MAGALHÃES, — Almanaque da Vila de Pôrto Alegre, com reflexões sôbre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul, escrita em 20 de julho de 1808 (In Revista do Instituto Histórico Brasileiro; Tomo XXX, I parte. 2ª ed.: com notas de Augusto Pôrto Alegre, feita por êste em volume, em Pôrto Alegre, 1908. 3ª ed.: in Boletim Municipal nº 5, Pôrto Alegre, 1940, com notas de Walter Spalding. 4ª ed.: (idêntica à primeira) in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ano XX; II trim. de 1940, nº 79).

MANUEL JOSÉ MARIA DA COSTA E SÁ, — Breves anotações do Visconde de São Leopoldo, pelo Conselheiro... (Rio de Janeiro, 1839).

MARIANO SENA SOBRINHO, — Estudos Preliminares nas bacias carboníferas de Rio Negro e Seival, município de Bagé, Rio Grande do Sul (Diretoria da Produção Mineral, do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, 1941).

MÁRIO BERND, — Química geológica do cálcio sul-riograndense (In Anais do III Congresso Sul-riograndense de História e Geografia. Pôrto Alegre, 1940).

MÁRIO MENEGHETI, GUILHERME SOIBELMANN, ÁLVARO OSÓRIO E HUGO BRUSQUE, — Epidemiologia e profilaxia da tuberculose em Pelotas (In Anais do 2º Congresso Nacional de Tuberculose; Pôrto Alegre, 1941).

MÁRIO TEIXEIRA DE CARVALHO, — Memória relativa à criação dos correios na provincia do Rio Grande do Sul (In Anais do I Congresso de História e Geografia Sul-riograndense; Pôrto Alegre, 1936).

— Nobiliário Sul-riograndense (Pôrto Alegre, 1937).

MARQUÉS DE GRIMALDI, — Respuesta del... Ministro de España a la memoria que en Enero de 1776 le presento el de Portugal don Francisco Ignacio de Souza Coutinho sobre limites en la Banda Oriental del Rio de la Plata. O sea la Historia de las continuadas usurpaciones cometidas en ella por el Gobierno Portugues desde su descubrimiento hasta aquella fecha, con un apendice de documentos (Buenos Aires, 1826).

— Respuesta del... sobre la cuestion de limites en la Banda Oriental del Rio de la Plata y noticias sobre los dos sitios de la Colonia del Sacramento en 1762 y 1777, escritas por testigos oculares y publicadas por primera vez (Montevideo, 1849).

MARY ROBINSON WRIGHT, — The New Brazil. Its resources and attractions Historical, Descriptive and Industrial (Philadelphia, s/d.; 2nd Edition, revised and enlarged. A la edição é de 1907). O capítulo é consagrado ao Rio Grande do Sul.

MATIAS G. DE OLIVEIRA ROXO, — Introdução ao Estudo dos Répteis fósseis do Brasil (Bol. n.º 89, do Serv. Geol. Min. do Brasil; Rio de Janeiro, 1937).

MAXIMILIANO BESCHOREN, — Viagens e estudos (ou Impressões de viagem na Província do Rio Grande do Sul) (In Deutsche Zeitung, de Pôrto Alegre). A respeito dessa obra de Beschoren e da Contribuïção para o conhecimento da parte noroeste do Rio Grande do Sul, só sabemos o que Graciano Azambuja diz em apêndice à biografia do autor traçada por Carlos von Koseritz (Anuário da Província do Rio Grande do Sul para o ano de 1889): Ao nosso amigo C. V. Koseritz pedimos para intervir junto às suas numerosas relações na Alemanha afim de que façam editar e publicar os citados livros que muito contribuïrão para aumentar o conhecimento das condições agrícolas e sociais da província do Rio Grande do Sul. Nas cartas dizia: "Fico-lhe obrigado pelo juizo favorável que V. emitiu a respeito do meu livro, no qual ainda estou trabalhando. O seu título será sòmente Contribuïção para o conhecimento da parte noroeste do Rio Grande do Sul — para que não prometa mais do que pode dar (Berlim, 8-7-1886). — "Animado por dois geógrafos que são

capacidades, o dr. H. Lange (de Berlim) e o dr. Ratels (de Munique) estou tratando de publicar em um volume as Impressões de viagem que durante anos escrevi para a Deutsche Zeitung..." etc. (10-10-1886). Na Revista da Sociedade de Geografia de Berlim publicou Beschoren: — A Colônia de Santa Cruz na Província Brasileira do Rio Grande do Sul (com mapas) e A região florestal do curso superior do Uruguai na Província brasileira do Rio Grande do Sul (com mapas), dois trabalhos de grande fôlego, diz Koseritz, e importância científica."

MAYA FAILLACE, — Do conceito atual da profilaxia da lepra. Contribuïção à campanha contra a lepra no Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1933).

MAYA FAILLACE, JOÃO FISCHER, EDMUNDO NASCIMENTO, POLÍ ESPÍRITO e HEITOR SILVEIRA, — Epidemiologia e profilaxia da tuberculose em Pôrto Alegre (In Anais do 2.º Congresso Nacional de Tuberculose; Pôrto Alegre, 1941).

MIGUEL VASCO ALVES DE BITTENCOURT, — Memorial de un viaje involuntario (Barcelona, 1820). O autor é espanhol e foi vítima de um naufrágio na costa do Albardão, em 1781.

N. KVACNINE — SAMARINE, — Brazilijos ir Uruguajo agrogeologinisi bruozai; Estudos agrogeológicos do Brasil e do Uruguai (In Kosmos; Kowno, 1930).

NATHANIEL PLANT — Coal fields of the river Jaguarão and its tributaries, the rivers Candiota and Jaguarão chico in the province of Rio Grande do Sul, Brazil (1865).

— Geology and physical geography of Brazil (Brazil and Brazilieus, apend. H. 1865).

— Relatório sôbre as minas de carvão do rio Jaguarão (apêndice ao relatório de Pakenham; Rio de Janeiro, 1866).

— The Brazilian Coal Fields (In Geological Magazine, vol. VI; London, 1869).

— Coal in Brazil (1871).

NESTOR ERICKSEN — O negro no Rio Grande do Sul. Subsídios para a História da Escravidão no Brasil (Pôrto Alegre, 1941). Separata de Discurso, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IV trim. de 1941).

NICOLAI DEL TECHO, — Historia Provinciae Paraguariae Societatis Jesu (Leodi, 1673; In fol.).

NICOLAU DREYS, — Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul (Rio de Janeiro, 1839; 2.ª ed.). Com um esbôço crítico por Alfredo Ferreira Rodrigues, feita pela Biblioteca Riograndense (Cidade do Rio Grande, 1927).

O. THOMAS, — Diagnoses of four new Species of Didelphys (In Ann. and Magazine of Nat. Hist.; 1888).

— Catalogue of the marsupialia and monotremata in the British Museum (London, 1888).

OLINTO SANMARTIN, — Bento Manuel Ribeiro. Ensaio histórico (Pôrto Alegre, 1935).

— A bandeira de Aracambí (Pôrto Alegre, 1937). Separata dos Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-riograndense (Pôrto Alegre, 1937).

— O Teatro em Pôrto Alegre no século XIX. No mesmo volume: O Visconde do Rio Grande. Separata dos Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia (Pôrto Alegre, 1940).

ORESTES ARAÚJO, — História de los Charrúas y demás tribus indígenas del Uruguay. Ethnologia salvaje. Primera parte (unica publicada). (Montevideo, 1911).

ORVILLE A. DERBY, — Plantas fósseis do Brasil (In Revista de Engenharia; Rio, 28-12-1883).

OSVALDO VERGARA, — Código do Processo Civil e Comercial do Rio Grande do Sul (2.ª edição; Pôrto Alegre, 1925).

OTACÍLIO AS. BARBEDO, — Os nossos selvagens. Contribuïção para a Arqueologia Riograndense. (In Gazeta do Comércio, de Pôrto Alegre; coleção do ano de 1903).

OTÁVIO AUGUSTO DE FARIA, — Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul (2.ª ed.; Pôrto Alegre, 1914).

OTHON HENRY LEONARDOS, — Concheiros naturais e sambaquís (Avulso n.º 31, do Serv. de Fomento da Prod. Min.; Rio de Janeiro, 1938).

— Geologia do Brasil, em colaboração com Avelino Inácio de Oliveira. (Publicação da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal; Rio de Janeiro, 1940).

P. F. AFONSO MABILDE, — Apontamentos sôbre os indígenas selvagens da nação Coroados que habitavam os sertões do Rio Grande do Sul. 1866. (In Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para os anos de 1897 e 1899). Sabemos que, sôbre o assunto, existe, em poder dos descendentes do Tenente Coronel P. F. Afonso Mabilde, grande número de notas e apontamentos inéditos. Deles se serviu, por nosso intermédio, o prof. Antônio Serrano que os traduziu, em resumo, e publicou na Argentina. (Veja-se Antônio Serrano).

PABLO HERNANDEZ, S. J., — Misiones del Paraguay. — Organizacion Social de las doctrinas guaranies de la Compañia de Jesus. (Barcelona, 1913).

PABLO PASTELLS, S. J., — História de la Compañia de Jesús en la Provincia del Paraguay, segun los Documentos Originales del Archivo General de Indias, extratados y anotados por el R. P. Pablo Pastells, S. J. (2 tomos; Madrid, 1912 e 1915).

PAULINO FRANCO DE CARVALHO, — Reconhecimento geológico no Estado do Rio Grande do Sul (Bol. n.º 66, do Serviço Geol. e Min. do Brasil; Rio de Janeiro, 1932).

— Recursos minerais do Rio Grande do Sul (In Bol. n.º 2, do Serv. Geol. e Min. do Brasil; Rio de Janeiro, 1937).

PEDRO DE ANGELIS, — Apuntes históricos sobre la demarcación de límites de la Banda Oriental y el Brasil (Buenos Aires, 1836).

PEDRO LOZANO, S. J., — Descripcion Chorográfica... del Gran Chaco, Gualanba ... etc. (Córdoba, 1733).

— História de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman (Buenos Aires, 1875).

PEDRO LUIZ OSÓRIO, — A Higiene e a instrução nos Municípios (In Anais do 9.º Congresso Brasileiro de Medicina. Pôrto Alegre, 1926).

PEDRO LOPES DE SOUZA, — Diário da navegação da Armada que foi à terra do Brasil em 1530 (Lisboa, 1839). E' a primeira edição do famoso Diário da Navegação de Pero Lopes de Souza, feita por Francisco Adolfo de Varnhagen, que o copiou de um manuscrito da Biblioteca da Ajuda (Portugal). 2.ª ed.; idem (Rio de Janeiro, 1847); 3.ª ed.; Revista por Varnhagen, in Revista do Instituto Histórico Brasileiro (1.º trim. 1861); 4.ª ed., também de Varnhagen (Rio de Janeiro, 1867), 5.ª ed.; Cópia da 3.ª de Varnhagen, com prefácio de Capistrano de Abreu e notas de Eugênio de Castro (Rio de Janeiro, 1927), 2 vols., 6.ª edição (Id.); — Estudo Crítico pelo Comandante Eugênio de Castro, (Rio de Janeiro, 1940. Ed. de 600 exemplares em 2 vls).

PESSOA MENDES E D. T. CLAUSSEL, — Notas em tôrno dum novo caso de cromosicose no Rio Grande do Sul (In Arquivos do Departamento Estadual de Saúde; Vol. 1, 1940, Pôrto Alegre).

PIERRE FR. XAV. DE CHARLEVOIX, S. J., — Histoire du Paraguay (Paris, 1757; 6 tomos).

POLÍ MARCELINO ESPÍRITO, — Contribuïção para a higiene escolar no Estado do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1934).

PRIMITIVO MOACYR, — A Instrução e as Províncias; Subsídios para a história da Educação no Brasil (1834/89. 3 vols. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliana; Vol. 147, A e B. São Paulo, 1939/1940; — N.º 3.º, vol. Rio Grande do Sul).

R. HENSEL, — Beiträge zur Kentniss der Säugetiere Süd-Brasiliens (Berlim, 1872; Abhandlungen der K. Akademie der Wissenschaften, Phys. Kl. 1872).

— Beiträge zur Kentniss der Tierwelt Brasiliens (In Der Zoologische Garten, Franckfurt a. M., 1867/1869/1872/1876 e 1879).

R. JANNASCH, — Spezialkarte von Sta. Catharina, Rio Grande und Uruguay (Leipzig, 2e. edition, 1912).

R. SCHLECHTER, — Die Orchideenflora von Rio Grande do Sul; Repertorium specierum novarum regni vegetabilis; Beihefte/Band XXXV (Dahlem bei Berlin, 1925). Faz referências especiais aos trabalhos e notas do dr. João Dutra.

R. ZEILLER, — Note sur la flore fossile des gissements houillers de Rio Grande do Sul (Paris, 1895; Bul. Soc. Geol. de France, 3 d., Ser. vol. XXIII).

— Sur quelques empreintes vegetales des gissements houillers du Brèsil meridional (Comptes rendus de l'Acad. Sc. XXXI; París, 1895).

— Sur un Lepidodendron silicifié du Brèsil (Idem, CXXVII; París, 1898).

RANGEL MOREIRA, — Esboços históricos das nossas questões de fronteiras (São Paulo, 1913).

RAUL DI PRIMIO, — O Impaludismo autóctone no R. Grande do Sul (In Anais da Sociedade de Medicina de Pôrto Alegre; Ano I, 1931).

— Sôbre a presença do Thlebotomus fischeri Pinto 1926, no Rio Grande do Sul (In Arquivos Riograndenses de Medicina; 1932, Pôrto Alegre).

— A espécie dominante do plasmódio, na zona endemo-epidêmica de malária no Rio Grande do Sul (In Arquivos Riograndenses de Medicina; Junho, 1933, Pôrto Alegre).

RAUL PANATIÈRI, — Contribuïção aos estudos dos problemas de alimentação no Rio Grande do Sul (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; N.º 85, I Trim. de 1942).

REGINALD LLOYD — Arnold Wright — Impressões do Brasil no século Vinte, sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos (Londres, 1913). Da mesma obra existe edição inglesa:

— Twentieth Century Impressions of Brazil; Its History, People, Commerce, Industries, and Resources (London, 1913).

REINALDO HENSEL, — Os Coroados da Província brasileira do Rio Grande do Sul (In Rev. do Mus. e Arq. Público; N.º 20, Pôrto Alegre, 1928).

REINHARD MAAK, — Die Gondwanaschichten in Südbrasilien und ihre Berichtung zur Kaokoformation Südwestafrika (1936).

RENATO ALMEIDA, — História da Música Brasileira (2.ª ed.; Rio de Janeiro, 1942). A 1.ª edição é a 4.ª parte da 2.ª e foi editada no Rio de Janeiro (1926).

RENATO COSTA, — Subsídios para a história da colonizacão no Rio Grande do Sul (In A Federacão de Pôrto Alegre, de 7-9-1922). Figura, também, na

Separata Comemorações em honra do Centenário da Independência do Brasil, 1922; Pôrto Alegre, 1923.

RICARDO LEVENE, — Investigaciones acerca de la história económica del Virreinato del Plata (Biblioteca Humanidades; La Plata, 1928).

RIO BRANCO (BARÃO), — Exposição que os Estados Unidos do Brasil apresentam ao Presidente dos Estados Unidos da América, como árbitro (2 vols. com muitos mapas; Rio de Janeiro?).

— Efemérides Brasileiras (In Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo 82; 1917; Rio de Janeiro, 1918; 2.ª edição de 1939).

ROBERTO C. SIMONSEN, — História Econômica do Brasil, 1500-1820 (2 tomos; Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliana; Vol. 100, São Paulo, 1937).

RODOLFO VON IHERING, — Da vida dos nossos animais (São Leopoldo, 1934).

ROMEU BELTRÃO, — Segundo caso agudo de moléstia de Chagas no Rio Grande do Sul (In Arquivos Riograndenses de Medicina; abril, 1941; Pôrto Alegre).

ROQUE CALLAGE, — No fogão do Gaúcho. Estudos de Sociologia (Pôrto Alegre, 1929).

ROY NASH, — A conquista do Brasil. Tradução de Moacyr N. Vasconcelos (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliana; Vol. 150, São Paulo, 1939).

RUBENS DE BARCELOS, — Esbôço da Formação Social do Rio Grande (In A Federação de Pôrto Alegre, de 7-9-1922). Figura, também, na Separata Comemorações em honra do Centenário da Independência do Brasil, 1922 (Pôrto Alegre, 1923).

S. FRÓES ABREU, — Riqueza mineneral do Brasil (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliana, vol. 102; São Paulo, 1937).

SEBASTIÃO FRANCISCO BETTAMIO, — Notícia particular do Continente do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1780 (In Revista do Instituto Histórico Brasileiro; Tomo XXI, Rio, 1858).

SETEMBRINO E. PEREDA, — El General Rivera; Su primera presidencia, 1830-1834 (Montevideo, 1925).

SEVERINO DE SÁ BRITO, — Trabalhos e costumes dos Gaúchos (Pôrto Alegre, 1928).

SILVESTRE FERREIRA DA SILVA, — Relação do sítio que o governador de Buenos Aires D. Miguel de Salcedo pôs à Praça da Nova Colônia do Sacramento (Lisboa, MDCXL).

SÍLVIO ROMERO, — Cantos populares do Brasil, Segunda edição melhorada (Rio de Janeiro-São Paulo, 1897).

SIMÃO PEREIRA DE SÁ, — História topográfica e bélica da nova Colônia do Sacramento de J. Capistrano, etc. (Rio de Janeiro, 1900. Introdução de J. Capistrano de Abreu, com título Sôbre a Colônia do Sacramento).

SOUZA BRANDÃO, — Rio Grande do Sul — a terra, o homem e o trabalho (Rio de Janeiro, 1930).

TASSO FRAGOSO, — A Revolução Farroupilha (1835-1845). Narrativa Sintética das operações militares (Rio de Janeiro, 1939).

THEOD. BISCHOFF, — Sôbre os sambaquís do Estado do Rio Grande do Sul (In Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, 198).

VERBAND DEUTSCHER VEREINE, — Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul, 1824-1924 (Pôrto Alegre, 1924).

VESPASIANO CORREIA, LUIZ FERRAZ, NAUMI KEISERMAN, COLOMBO COSENZA e MÁRIO NICOLA, — A epidemiologia e a profilaxia da tuberculose na cidade de Rio Grande (In Anais do Congresso Nacional de Tuberculose; Pôrto Alegre, 1941).

VIEIRA DA ROSA, — As três províncias irmãs do Sul (In Anais do 3.º Cong. Sulriog. de Hist. Geog.; 2.º vol.; Pôrto Alegre, 1940).

VIKTOR LEINZ, — Estudos sôbre a glaciação permo-carbonífera do sul do Brasil (In Bol. n.º 21, do Serv. Geol. Min. do Brasil; Rio de Janeiro, 1937).

— Gênese da jazida de cobre "Camaquã"; em colaboração com Sandoval Carneiro de Almeida (In Bol. N.º 88, da Dir. Fro. Mineral do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, 1941).

— Caolin varvítico, postglacial, do Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul (Bol. n.º 84, idem; Pôrto Alegre, 1941).

— Problema geológico do post-arqueano no Rio Grande do Sul (In Mineração e Metalurgia, IV, n.º 22; Rio de Janeiro, 1939).

VINCENTE GAMBON, S. J., — Através de las Misiones Guaraníticas (Buenos Aires, 1904).

VISCONDE DE S. LEOPOLDO (JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO, Veja êste nome) — Anais da Província de São Pedro (2.ª ed.; París 1839). Atualizada e com um mapa do Rio Grande do Sul, em alguns exemplares.

VITOR RUSSOMANO, — História Constitucional do Rio Grande do Sul; Esbôço (Pelotas 1932).

— Adagiário Gaúcho; Introdução de Walter Spalding (Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Pôrto Alegre, 1938).

VITORIO BUCCELLI, — Um viaggio a Rio Grande del Sud (Milano 1906).

W. G. GINTY, — Report on the Candiota coal (Apêndice do relatório de Pakenham; Rio de Janeiro, 1865).

W. CARRUTHERS, — On the plants remains from the Brazilian Coal beds with remarks on the genus Flemingites (In Geological Magazine, vol. VI; London, 1869).

W. LECHE, — Ueber einige Südbrasilianische Hesperomys-Arten (In Zoologische Jahrbücher; Band I, Jena, 1887).

W. RAU, — Cedroxylon canoasense. una madera fossil nueva del Rio Grande do Sul (In Rev. Sudamericana de Botanica; vol. I, n.º 3; Montevideo, 1933).

— Dadoxylon (Araucariolixon butiense, n. sp.); Ein Beitrag zur Entwicklung der Holzstruktur der Palaeozoischen Koniferen Rio Grande do Suls (In Rev. de Bot.; vol. I, n.º 6; Montevidéu, 1933).

WALTER SPALDING, — El sistema lacustre sud-riograndense oriental. — La Barra del Rio Grande y la Laguna de los Patos. Acotaciones y traduccion del prof. José Aguiar, Contra Almirante (R); (Montevideo, 1939). Foi publicado primeiramente em português na Revista Marítima Brasiliera, n.º 11/12, de Maio-Junho de 1938. No mesmo ano foi publicado no 2.º vol. da Terra Farroupilha (Pôrto Alegre). Em 1939 foi traduzido para o espanhol pelo contra-almirante José Aguiar, com notas e comentários e publicado na Revista Militar e Naval (N.º 223 a 228, Março a Agôsto de 1939). Em 1942, um resumo do trabalho primitivo, algo melhorado, publicou, em espanhol, a Revista Geográfica Americana, de Buenos Aires (Vol. XVIII).

— A Revolução Farroupilha. História popular seguida das efemérides documentados do decênio (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliana; Vol. 158, São Paulo, 1939).

— Pecuária, charque e charqueadores no Rio Grande do Sol (In Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; N.º 66, Fev. de 1940 e N.º 67, março de 1940; Rio de Janeiro).

— À luz da História (Pôrto Alegre, 1933). Em especial: A estância na formação do Rio Grande do Sul.

— Poesia do Povo Folclore (In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; II sem. 1933). Há Separata.

— Comércio, indústria e agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (In Anais do I Congresso de História e Geografia Sul-riograndense; Pôrto Alegre, 1936).

— A invasão paraguaia no Brasil. Com muita documentação inédita (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana; Vol. 185, São Paulo, 1940).

— Esbôço histórico do Município de Pôrto Alegre (Pôrto Alegre, 1940).

WILHELM CHRIST. GOTTHELF VON FELDNER, — Reisen durch mehrere Provinzen Brasiliens. Aus seinen nachgelassenen Papieren (Leipzig, 1828; 2 vols.). Do 2.º vol. dessa obra traduziu Alfredo de Carvalho, historiador erudito pernambucano já falecido, mas, ao que parece, ainda continua inédito, o trabalho Uma excursão Mineralógica ao Rio Grande do Sul.

WILHELM SCHMIDT, — Etnologia sul Americana; Círculos Culturais e estratos culturais na América do Sul; Tradução de Sérgio Buarque de Holanda (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliana, Vol. 218; São Paulo, 1942). Esta obra é muito pobre com relação à etnografia do Rio Grande do Sul.

WOLFGANG HOFFMANN HARNISCH, — O Rio Grande do Sul, A terra e o homem. Traduzido do manuscrito alemão por A. Reymundo Schneider e Archibaldo Severo (Pôrto Alegre, 1941).

ANAIS, REVISTAS, BOLETINS E OUTRAS PUBLICAÇÕES COLETIVAS

Dentre as muitas publicações periódicas ou coletivas, isto é, colaborações por vários especialistas, apontamos as seguintes, salvo omissões involuntárias, que julgamos de maior valor:

"ANAIS DO ITAMARATÍ" — Ministério das Relações Exteriores. Publicados apenas 4 volumes (1936 a 1938, Rio de Janeiro).

"ANAIS DA FACULDADE DE MEDICINA DE PÔRTO ALEGRE" — Publicação Trimestral. (Fasc. I, Julho a Setembro de 1938; Ano I) Único publicado.

"ANAIS DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PÔRTO ALEGRE" — (Pôrto Alegre, 1931). Só foi publicado um volume.

"ANAIS DO 9.º CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA" — (Pôrto Alegre, 1926).

"ANAIS DO I CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA SULRIOGRANDENSE" — (3 vols.; Pôrto Alegre, 1936). Publicação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

"ANAIS DO II CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA SULRIOGRANDENSE" — (3 vols.; Pôrto Alegre, 1937). Publicação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

"ANAIS DO III CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA SULRIOGRANDENSE" — (4 vols.; Pôrto Alegre, 1904). Publicação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

"ANAIS DO 2.º CONGRESSO NACIONAL DE TUBERCULOSE" — (Pôrto Alegre, 1941).

"ANUÁRIO DA PROVÍNCIA (E ESTADO) DO RIO GRANDE DO SUL" — Direção do Dr. Graciano A. de Azambuja (Pôrto Alegre, 1884 a 1914; 31 vols). Nesse valioso "ANUÁRIO" publicou o dr. Graciano Alves de Azambuja muitos trabalhos de colaboração de interêsse científico e histórico, além dos referidos na presente bibliografia.

"ARQUIVO GENERAL DE LA NACION": ACUERDOS DEL EXTINGUIDO CABILDO DE BUENOS AIRES — (Buenos Aires).

"ARQUIVOS DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE SAÚDE" — (Pôrto Alegre, 1940 e 1941). Dois volumes publicados.

"ARQUIVOS RIOGRANDENSES DE MEDICINA" — (Pôrto Alegre, 1922 a 1942).

"BOLETIM DO CENTRO RIOGRANDENSE DE ESTUDOS HISTÓRICOS — (Cidade do Rio Grande; 2 vols., 1939-1940).

"BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO" — (Rio de Janeiro, N.º 1 a 90; 1934 a 1942).

"BOLETIM MUNICIPAL" — (Pôrto Alegre, 1939 a 1941). 4 volumes publicados.

"HANDBOOK OF LATIN AMERICAN STUDIES" — Harvard University (1935 a 1940; 6 vols.). By A Number Of Scholars. Cambridge-Massachusetts, 1936 a 1941. Interessante Guia de publicações latino-americanas.

"HIGYA" (Revista médica) — (Pôrto Alegre, 1927).

"JUSTIÇA" — Doutrina, Jurisprudência, Legislação. Direção de Potí Medeiros (Pôrto Alegre, 1931 a 1942).

"MEDICINA E CIRURGIA" — Publicados 4 tomos (1939-1942). Revista da Assistência Pública de Pôrto Alegre, atualmente Diretoria de Saúde Pública de Pôrto Alegre. Contém interessantes estudos médicos de casos gerais e particulares, observados nos hospitais de Pôrto Alegre.

"ORIENTAÇÃO ECONÔMICA E FINANCEIRA" — Direção de Limeira Tejo. Publicados três números (Abril e Junho de 1942, Pôrto Alegre).

"PÔRTO ALEGRE — BIOGRAFIA DE UMA CIDADE — MONUMENTO DO PASSADO — DOCUMENTO DO PRESENTE — GUIA DO FUTURO" — Organizada e publicada pelo Capitão Álvaro Franco, Major prof. Morency de Couto e Silva e Leo Jerônimo Schidrowitz (Pôrto Alegre, s/d.; 1940). Colaborada por mais de 30 especialistas.

"PUBLICAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL" — Rio de Janeiro. Publicados 40 volumes.

"REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA" — Publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Rio de Janeiro, 1939 a 1942). Publicação trimestral.

"REVISTA DEL INSTITUTO HISTÓRICO Y GEOGRÁFICO DEL URUGUAY" — Montevideo. Publicados 16 tomos.

"REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO" — (Pôrto Alegre, 18 números, 1921 a 1925). E' continuada pela — Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, n.º 19 a 24; 1927 a 1930.

"REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO" — (Rio de Janeiro; 1839 a 1942). Há muito trabalho interessante, sobretudo documental, com referência ao Rio Grande do Sul, nessa Revista.

"REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL" — (Pôrto Alegre, 1921 a 1942). Publicados 86 números.

"REVISTA DOS CURSOS" (FACULDADE DE MEDICINA) — (Pôrto Alegre, 1915 a 1938). 24 vols.

"REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO E ARTÍSTICO NACIONAL" — Publicada pelo Ministério da Educação e Saúde (Rio de Janeiro, 1934 a 1941). 5 vols.

"REVISTA HISTÓRICA. — ARCHIVO HISTÓRICO NACIONAL" — (Montevideo, 1909 a 1915).

"REVISTA MILITAR Y NAVAL" — (Montevidéo, 1936 a 1942).

"REVISTA GEOGRÁFICA-AMERICANA" (MENSAL ILUSTRADA) — Diretor José Aurélio Pôrto. II vol., Pôrto Alegre, 1940; direção de De Paranhos Antunes.

CARTOGRAFIA

Seria trabalho especial a simples enumeração detalhada do quanto, em cartografia, divulgado ou inédito, foi feito em todos os países sôbre o Rio Grande do Sul, ou onde figura, mais ou menos detalhadamente.

Porisso, embora prejudicando um pouco esta parte, mencionaremos, apenas, o nome do autor ou pelo qual é conhecido o mapa, a carta geográfica ou roteiro, e a data em que foi elaborado, ou divulgado o trabalho, salvo casos especiais, como se verificará. Claro está que não será completa a lista. Urge, porém, notar mais uma vez: o presente trabalho não vai além de modesto ensaio.

Que outros, com mais tempo e mais vagar, o completem e ampliem, é o que desejamos.

SÉCULO XVI: — Reinel (1516?); — Schöner (1520); Turim (1523); — Maggiolo (1527); — Diogo Ribeiro (1527 e 1529); — Desceliens (1544); — Gastaldi (1554); — Diogo Homem (1558); — Lazaro Luiz (1563); — Vaz Dourado (1568); — Ortelino (1570 e 1594); — Sgróthenus (1588); — Cornelius de Judoeis (1593); — Arnaldus Florentins (1596); — Van Langeren (1596); — Hondius (1597); — Matias Quaden (1598); — Peruvia (1598).

SÉCULO XVII: — Hondius (1602 e 1641); — Wytfliet (1603); — Matias Quaden (1608); — Araldus Florentius (1630 e 1645); — Ernot (1631; Divulgado por Luiz G. Jaeger, S. J. Dêsse mapa são cópias quasi todos os chamados "Mapas Jesuíticos); — Laet (1633 e 1640); — Janson (Carta Geral, 1638); — Clemente Jorge (1640); — Henard (1640, copiado de Ernot); — Vicente Carrafa ou Carafa (Mapa anônimo, conhecido por êste nome por lhe ter sido oferecido e dedicado. Carrafa foi superior das Missões de 1646 a 1649, quando faleceu); — Sanson (1650, 1657, 1669 e 1679); — Rosacio (1657); — Visscher (Totius Americae — 1658?); — Barlaeus (1659); — João Teixeira (1666); — Du Val (1679); — Carta Portuguesa, Terras sôbre que se fez o tratado provisional de 1681; — Manesson (1683); — Pio Giuseppe di Santa Teresa (1698).

SÉCULO XVIII: — L'Isle (1700, 1703 e 1708); — D'Anville (1733, 1748 e 1768); — José da Silva Paes, carta de ... (1737); — Mapa das Côrtes; — Mapa dos confins do Brasil com as terras da Coroa de Espanha na América Meridional: feito no ano de 1749 (Existem dois: o português e o espanhol, que são idênticos); — Robert van Gondy (1750); — Carta jesuítica de 1752 que assinala a linha divisória do tratado de 1750 (In "Campañas del Brasil", 2 vols.); — José Custódio de Sá e Faria (1756; é o mapa da marcha de Gomes Freire de Andrade, divulgada por Alberto Lamego, in "Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 4, 1940. Há outro do mesmo, de 1758 (?), desenhada por Manuel Vieira Leão); — Carta espanhola (?) de 1758, demonstrando o modo más fácil y exacto para poder averiguar el origem principal del Ibicuy y poder concluir la Demarcacion"; — Alonso Pacheco; Carta sôbre a demarcação, de 1758, com observações de Inácio Mendizabal; — Mapa português (1758), que compreende o terreno que toca à demarcação da primeira partida conforme o plano das Côrtes; — P. Cardiel (Jesuíta; Carta de 1760, atribuída ao p. Cardiel pelo padre Furloy Cardiff, S. J.; In "Campañas del Brasil; 2 vols.); — Bonne (1771 e 1780); — Olmedilla (1775); — Diogo Funk (1775); divulgado por Buenaventura Caviglia (h), em 1937; — Rodrigues Cordova (1780); — Veiga Cabral (1780).

SÉCULO XIX: — José de Saldanha (1801); — Arrowsmith (1817); — Buchon (1825); — Darnet (1825); — Vivien (1826); — Firmino Guedes Monteiro, Novo Mapa Geográfico que contém as Províncias de S. Pedro, Cisplatino, Entre Rios, Paraguay, e países adjacentes (1827); — Lapie (1829); — Visconde de S. Leopoldo, mapa feito por José Pedro César, por ordem de S. Leopoldo que o mandou gravar em París e divulgou na 2.ª edição de seus "Anais" (París, 1839); a chapa, em cobre, acha-se em poder dos herdeiros; — A. R. Araújo (1843); — Kiepert (1850); — Araújo e Silva (1860); — José Inácio Coimbra, Conrado Jacó Niemeyer e Galdino Alves Monteiro, mapa Geográfico da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul (1876); é notável pelas minúcias da fronteira com a Rep. O. do Uruguai; — G. Howyan (Pelotas, 1891; 2.ª ed.); — Carta Estratéjica; — João Coelho, Mapa Geral dos Estados Unidos do Brasil (com parte especial sobre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina); editado pela Livraria Alemã, de Ernst Nolte (Buenos Aires, 1891); — José Scútari, mapa marcando o itinerário da invasão de Gomercindo Saraiva "nos 3 Estados do Sul do Brasil", (Pôrto Alegre, 1894); — Francisco Rath e Bento Pôrto, mapa da "Guerra no Rio Grande do Sul e suas principais operações" (Pôrto Alegre, 1896 ?).

SÉCULO XX: — Francisco Brasiliense da Cunha Lopes e João Luiz Nunes de Azevedo, Carta Geográfica do Estado do Rio Grande do Sul (1902; gravada em París); — Nicola Pujol, Carta das Lagoas dos Patos e Mirim, etc. (Berna, Suíça, 1911); — Clube de Engenharia do Rio de Janeiro; Carta Geral do Brasil (em fôlhas), organizada em comemoração do 1.º Centenário da Independência do Brasil em 7 de Setembro de 1922, Rio de Janeiro, Edição provisória; — Afonso de E. Taunay, Ensaio de Carta Geral das Bandeiras paulistas (S. Paulo, 1926); — João A. Edler, Mapa do Estado do Rio Grande do Sul, iniciado em 1915 e terminado em 1929, s/l. e s/d.; — Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado do Rio Grande do Sul, Mapa Geográfico do Rio Grande do Sul (Feito entre 1932 e 1935); é quasi que uma reprodução do de J. A. Edler; — Euzébio Paulo de Oliveira, Atlas Geológico do Brasil (1936); — Avelino Inácio de Oliveira, Mapa Geológico do Brasil e de parte dos países vizinhos (Rio de Janeiro, 1938); Secretaria de Comércio do Estado do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, 1941); com a configuração hipsométrica em curvas de 50 metros.

ÍNDICE GERAL

I PARTE

A FISIONOMIA DA TERRA

O Panorama

O Rio Grande através da Fotografia — pag. 12

Nossa Terra

Esbôço Geográfico do Rio Grande do Sul — Prof. Jací Antonio L. Tupy Caldas — pag. 59
Formações Paleontológicas no Rio Grande do Sul — Carlos de Paula Couto — pag. 89
Geografia Econômica — Major Morency do Couto e Silva e Luiz Palhares de Mello — pag. 101
Turismo para o Rio Grande — Dr. Nilo Ruschel — pag. 109

Formas da Vida

Raízes da População Sul-Riograndense — Cel. Luiz Carlos de Morais — pag. 118

As Artes Plásticas

As Atividades Artísticas no Rio Grande do Sul — Prof. Ângelo Guido — pag. 144

A Arquitetura

A Gênese da Casa Residencial no Rio Grande do Sul — Cel. F. da Paula Cidade — pag. 163
O Sobrado no Rio Grande do Sul — Dr. Gilberto Freyre — pag. 168
Formas Arquitetônicas no Rio Grande do Sul — Prof. Fernando Corona — pag. 174

II PARTE

O CORAÇÃO

O Povo

Gente Sul-Riograndense — Gen. Souza Docca — pag. 184
Esbôço da Formação Social do Rio Grande — Dr. Rubens de Barcellos — pag. 217

História

Os Dois Rios Grandes — Cel. F. de Paula Cidade — pag. 232
As Antigas Missões Jesuíticas — Padre Luiz Gonzaga Jaeger, S. J. — pag. 244
Alguns Aspectos da História do Negro no Rio Grande do Sul — Dr. Dante de Laytano — pag. 253
O Rio Grande do Sul da Independência a nossos dias — Prof. Walter Spalding — pag. 265

III PARTE

O CÉREBRO

Ensino

Palavras às novas gerações	J. P. Coelho de Souza	pag. 284
Um dos aspectos caraterísticos do atual plano educacional do Rio Grande do Sul	Prof. Olga Acauan Gayer	pag. 286
O ensino secundário no Rio Grande do Sul	Dr. Oscar Machado	pag. 290
O ensino superior e universitário	Perí Diniz	pag. 291

Literatura e Ciências

Alguns traços sôbre a evolução literária do Rio Grande do Sul	Moisés Velhinho	pag. 294
Os marcos iniciais da literatura riograndense	Dr. Olinto Sanmartin	pag. 296
A evolução da imprensa no Rio Grande do Sul	Scylla Soares da S. e Souza	pag. 299
Algumas instituïções de caráter cultural do Rio Grande do Sul		pag. 303

Ordem e Progresso

O Interventor e a Interventoria	pag. 313
Secretaria do Interior	pag. 314
Secretaria da Educação e Cultura	pag. 316
Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio	pag. 321
Secretaria de Obras Públicas	pag. 324
Secretaria da Fazenda	pag. 325
Departamento Estadual de Saúde	pag. 326
Departamento Estadual de Estatística	pag. 331
A Terceira Região Militar	pag. 335
A Brigada Militar do Estado	pag. 337

IV PARTE

A ALMA

O Patriotismo

Brasilidade — Eterno Ideal do Gaúcho	Dr. Osvaldo Aranha	pag. 350

A Fé

As Dioceses Riograndenses	Mons. Dr. João Maria Balem	pag. 356
As Outras Confissões		pag. 366

Manifestações do Espírito do Povo

Tradições Folclóricas Riograndenses — Luis da Câmara Cascudo — pag. 370
Música Popular do Rio Grande do Sul — Prof. Ennio de Freitas e Castro — pag. 386
Linguajar Sul-Riograndense — Dr. Elpidio Ferreira Paes — pag. 392

A Família

Dados genealógicos de uma grande figura riograndense — Prof. Jorge Godofredo Felizardo — pag. 395

V PARTE

AS MÃOS CRIADORAS

As Artérias

O desenvolvimento rodoviário no Rio Grande do Sul — Dr. José Baptista Pereira — pag. 402
O sistema de comunicações do Rio Grande do Sul — pag. 405

A Produção

O Rio Grande do Sul, um dos fatores preponderantes da vida econômica nacional — Dr. Afonso Sanmartin — pag. 410
Fixando aspectos da economia riograndense — pag. 413

Os 88 Municípios — pag. 439

A Capital — pag. 551

A Metrópole Gaúcha — pag. 555
O Govêrno da Metrópole — pag. 559
Repartições Autárquicas — pag. 559
Os Serviços Públicos — pag. 562
Saúde Pública e Assistência Social e Hospitalar — pag. 565
Ensino Público e Particular — pag. 569
Edificação e construção — pag. 573
Organizações bancárias, securitárias, beneficentes e capitalizadoras — pag. 580
O Parque industrial — pag. 595
Comércio — pag. 607
Abastecimentos Públicos — pag. 613
Pôrto Alegre — Cidade turística — pag. 614
A vida social — pag. 619

O Intercâmbio Platino-Brasileiro

As relações econômicas do Rio Grande do Sul com as Repúblicas platinas — pag. 629

BIBLIOGRAFIA — Prof. Walter Spalding — pag. 640

REGISTRO DOS AUTORES

Dr. Afonso Sanmartin
Presidente do Instituto de Previdência do Estado
pag. 410

Prof. Ângelo Guido
Catedrático do Instituto de Belas Artes
pag. 144

Carlos de Paula Couto
Funcionário Federal
pag. 89

Dr. Dante de Laytano
Sub-Diretor do Museu Júlio de Castilhos
pag. 253

Dr. Elpidio Ferreira Paes
Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Pôrto Alegre
pag. 392

Prof. Ennio Freitas de Castro
Lente do Instituto de Belas Artes
pag. 386

Cel. F. de Paula Cidade
Do Estado Maior do Exército — Divisão de História Militar
pag. 163
pag. 232

Prof. Fernando Corona
Catedrático do Instituto de Belas Artes
pag. 174

Dr. Gilberto Freyre
Ensaísta e sociólogo
pag. 168

Prof. Jací Antonio L. Tupy Caldas
Catedrático da Escola Preparatória de Cadetes de Pôrto Alegre
pag. 59

Mons. Dr. João Maria Balem
Cura da Catedral de Pôrto Alegre
pag. 356

Dr. Jorge Godofredo Felizardo
Prof. da Escola de Agronomia e Veterinária da Universidade de Pôrto Algere
pag. 395

Dr. José Baptista Pereira
Diretor Geral do D. A. E. R.
pag. 402

Dr. J. P. Coelho de Souza
Secretário da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul
pag. 284

Cel. Luiz Carlos de Morais
Ex-Diretor do Colégio Militar
pag. 118

Dr. Luis da Câmara Cascudo
Advogado e jornalista
pag. 379

Padre Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.
Professor do Ginásio Anchieta de Pôrto Alegre
pag. 244

Luiz Palhares de Mello
Jornalista
pag. 101

Dr. Moisés Velhinho
Vice-Presidente do Departamento Administrativo do Estado do Rio Grande do Sul
pag. 294

Major Morency do Couto e Silva
Professor da Escola Preparatória de Cadetes de Pôrto Alegre
pag. 101

Dr. Nilo Ruschel
Chefe de Gabinete do Prefeito de Pôrto Alegre
pag. 109

Prof. Olga Acauan Gayer
Diretora Geral da Instrução Pública do Rio Grande do Sul
pag. 286

Dr. Olinto Sanmartin
Escritor
pag. 296

Dr. Oscar Machado
Reitor do Instituto Pôrto Alegre
pag. 290

Dr. Osvaldo Aranha
Ministro do Exterior do Brasil
pag. 350

Dr. Perí Diniz
Secretário da Universidade de Pôrto Alegre
pag. 291

Dr. Rubens de Barcellos
Advogado
pag. 217

Scylla Soares da S. e Souza
Funcionária da Prefeitura Municipal de Pôrto Alegre
pag. 299

Gal. Souza Docca
Diretor do Serviço de Fundos do Exército
pag. 184

Prof. Walter Spalding
Diretor do Arquivo e Biblioteca Municipal de Pôrto Alegre
pag. 265
pag. 640

FONTE DE ORIGEM DAS ILUSTRAÇÕES

As ilustrações desta obra provèem das seguintes fontes:

Arquivo e Biblioteca Pública da Prefeitura
Fotos pags. 182, 233, 296.

Becker, Edmundo
Fotos pags. 26, 35, 39, 57, 61, 93, 95, 165, 167.

Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul
Fotos pags. 185, 282, 305.

Bohlemann, Luiz
Foto pag. 28.

Brito, Eugênio
Fotos pags. 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 50, 63, 91, 473.

Calegari
Fotos pags. 123, 127, 129, 131, 133, 137, 191.

Caringi, Antônio
Alto-Relêvo pag. 231.

Casa do Amador
Foto pag. 116.

Cel. Morais, Luiz Carlos de
Foto pag. 119.

Coleção Deusino Varela
Foto pag. 173.

Departamento Estadual de Estatística
Mapas pags. 405, 406, 407, 408.

Eifler, Edgar
Fotos pags. 36, 113.

Farias, Ubatuba de
Fotos pags. 65, 179.

Galeria Ernesto Bülau
Quadros pags. 40, 141.

Geremia — Caxias
Foto pag. 77.

Herrmann, Jacó
Fotos pags. 33, 49, 69, 73, 83, 85, 139, 401.

Höchner, Frederico
Fotos pags. 426, 429, 434, 541.

Hoffmann-Harnisch Jr., Wolfgang
Fotos pags. 24/25, 38, 44, 47, 51, 55, 65, 97, 99, 103, 105, 111, 117, 135, 137, 175, 177, 183, 193, 195, 199, 209, 211, 213, 215, 219, 221, 223, 229, 245, 251, 261, 263, 273, 323, 357, 359, 363, 393, 400, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 437, 462, 465, 470, 490, 491, 510, 511, 515, 543.

Instituto Histórico e Geográfico
Fotos pags. 235, 239, 241.

Kuhlmann, Margarida
Fotos pags. 22, 34, 42, 43, 205, 403.

Museu Júlio de Castilhos
Fotos pags. 121, 125, 187, 189, 267, 271, 306, 307, 309.

Observatório Coussirat Araújo
Mapa pag. 60.

Particular
Fotos pags. 225, 227, 463.

Schidrowitz, Martha de Wagner
Desenhos pags. 197, 293, 371, 373, 375, 377, 379, 381.

Schidrowitz, Ursula
Foto pag. 17.

Secretaria de Agricultura
Fotos pags. 41, 45, 46, 107, 115, 201, 203, 413, 424, 425, 427, 428, 430, 431, 432, 433, 435, 436, 438, 539, 627, 628, 639.

Secretaria da Educação
Fotos pags. 143, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 159, 161.

Serviço Regional de Geografia
Fotos pags. 10, 58, 457.

Sioma, Foto
Foto pag. 312.

Stranz, Guilherme
Fotos pags. 11, 27, 30, 32, 37, 171, 348.

Studio "Os 2"
Fotos pags. 21, 23, 29, 31, 54, 65, 67, 71, 75, 81, 87, 139, 169, 207, 259, 349, 355, 369, 387, 403, 409, 557, 558, 595.

Terceiro Regimento Aviação
Fotos pags. 48, 52, 53, 450.

ÈSTE LIVRO, IDEALIZADO, DIRIGIDO E REALIZADO
POR LÉO JERÔNIMO SCHIDROWITZ,
FOI EXECUTADO INTEIRAMENTE COM
PRODUTOS DA INDÚSTRIA GRÁFICA
BRASILEIRA

PAPEL:
FÁBRICA DE PAPEL: "KLABIN IRMÃOS & CIA."
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO

CLICHÉS:
FOTOGRAVURA DO SUL E LIVRARIA DO GLOBO
PÔRTO ALEGRE

IMPRESSÃO ATÉ PAG. 273:
TIPOGRAFIA DO CENTRO S. A. — PÔRTO ALEGRE

IMPRESSÃO DA PAG. 274 ATÉ O FIM:
LIVRARIA DO GLOBO/BARCELLOS, BERTASO & CIA.
PÔRTO ALEGRE

IMPRESSÃO DA GUARDA E SOBRECAPA:
LIVRARIA DO GLOBO/BARCELLOS, BERTASO & CIA.
PÔRTO ALEGRE

CAPAS DE MADEIRA:
FÁBRICA GEORG ENKE, RIO GRANDE

ENCADERNAÇÃO:
LIVRARIA DO GLOBO/BARCELLOS, BERTASO & CIA.
PÔRTO ALEGRE

26774

DESENHO DA GUARDA E SOBRECAPA: MARTHA DE WAGNER-SCHIDROWITZ